CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA

DECADAS
DA ASIA,

QUE TRATAM DOS MARES, QUE DESCOBRIRAM, Armadas, que desbarataraõ, Exercitos, que venceraõ, e das acçoens heroicas, e façanhas bellicas, que obraraõ os Portuguezes nas Conquiſtas do Oriente,

ESCRITAS POR

DIOGO DO COUTO,

Croniſta, e Guarda Mòr da Torre do Tombo do Eſtado da India,

TOMO III.

QUE CONTEM AS DECADAS VII. VIII. e IX.

OFFERECIDAS

AO SENHOR

MANOEL NUNES VIANNA

CAVALLEIRO PROFESSO DA ORDEM DE CHRISTO, Meſtre de Campo Commandante no Rio de Saõ Franciſco, e Alcayde mòr da Villa de Maragogipe.

POR DOMINGOS GONSALVES.

CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA

LISBOA OCCIDENTAL:
NA OFFICINA DE DOMINGOS GONSALVES,
Impreſſor dos Monges Deſcalços deſta Corte.

M.DCC.XXXVI.

Com todas as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.





AO SENHOR

MANOEL NUNES VIANNA

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, MESTRE DE Campo Commandante no Rio de Saõ Franciſco, e Alcayde môr da Villa de Maragogipe.

TODOS os que ſabem com obras a luz deſejaõ acertar na eleiçaõ do objecto a quem as dediquem, e Mecenas, que as defendaõ, porque aſſim como aos filhos orfaõs ſe devem dar tutores, que os amparem, aſſim aos Livros ſe devem dar protectores, que os protejam. Obra he eſta filha legitima do mais noticioſo entendimento, que ſe admirou no noſſo Imperio Luſitano, mas como ſahe à luz orfaõ de pay, pois o ſeu Author depois de ter merecido gloria immortal pela ſciencia, acabou a vida tranſitoria como humano, naõ ſe podia eſcolher melhor tutor dativo para patrocinar as ſuas obras, que a ſempre veneranda, ſempre benevola, e affavel peſſoa de V. Senhoria.

E na verdade, que amim meſmo me poſſo dar os parabens deſta eleiçaõ: ninguem, como V. Senhoria, deve ſer o protector deſte terceiro Tomo das Decadas de Diogo do Couto; porque como tudo, o que contèm, ſaõ facçoens generoſas, que conſeguio o valor do braço Portuguez nas remotas, e dilatadas regioens da India, naõ duvidará patrocinallas, para que ſayaõ à luz quem, como V. Senhoria, ſoube tanto à força de armas conquiſtar terras, domar animos, e ſugeitar rebeldes à Coroa de Portugal, acçoens todas, que por taõ generoſas naõ neceſſitaõ de hiperboles para mais encarecidas. Baſte ſó o dizer, que eſtando as Minas deſſe Eſtado já levantadas contra o ſeu Monarca, foy tal o zello, amor, e fidelidade de V. Senhoria, que como bom Vaſſallo impunhou a eſpada, arriſcou a vida, e naõ deſcançou, ſem que ſugeitaſſe a rebeldia, e

dor[illegible]de

domaſſe aſoberba daquelles ferozes animos, que ainda hoje reconhecem em V. Senhoria hum Alexandre nas armas, e hum Hercules nas façanhas, como verdadeiramente o venerámos todos, reconhecendo tem alcançado por eſtas muitas glorias, e por aquellas multiplicadas honras nos empregos militares.

Aſſim ſoube V. Senhoria conciliar os animos, e adquirir aplauſos, que nunca podem ſer eſquecidos, uſando igualmente do valor na guerra, e da benevolencia na paz, como ſaõ pregoeiros daquelle os vencidos, e ſaõ ſonoros clarins deſte, os que, como experimentados, publicaõ por todo o mundo a ſingular protecçaõ, que em Voſſa Senhoria achaõ, que ſaõ muitos certamente, porque todos os que procurao o ſeu patrocinio encontrão eſta affabilidade.

Confeſſo ingenuamente, que o limitado da offerta me impedia o intento; porém lembrado do que diz S. Gregorio, que mais aceita he a vontade, do que o ſacrificio, chego animoſo a offerecella; porque o que nella falta para grande, ſuperabunda no exceſſivo affecto, com que a V. Senhoria venero, além de que o limitado da offerta he a melhor carta de recomendação para conſeguir o patrocinio, porque os humildes, e pequenos parece que tem mayor jus para os amparos.

Todas as couſas aſpirão naturalmente aos ſeus augmentos, e tanto ſaõ mais ſeguros eſtes, quanto aquellas de mais pequenas os ſolicitão: Os meſmos vapores, que naſcem da terra naõ deſcanção, até que neſſa região aerea ſe vejaõ luzidos rayos; e ſe inveſtigarmos em tanta pequenhez as luzes, acharemos, que ſaõ effeitos do Sol, que, ou por ſua influencia lhes dâ azas, para que ſubaõ, ou por ſua benignidade lhes communica alentos, para que ſe engrandeçaõ: não de outra maneira anhella eſta obra ſua grandeza, quando por ſer couſa, que eu dou a luz, he taõ limitada: e ſe o que ſaõ vapores terrenos, participando das influencias de hum Planeta, que lhes fica taõ remoto, ficão ſendo conſtellaçoens luzidas, não he muito, que và tambem eſta obra buſcar ſeu luzimento ao dilatado clima da America. Sirva-ſe pois V. Senhoria de darlhe o titulo de ſua, pois ſó aſſim teraõ fortuna as valentias, e façanhas Portuguezas de ſer por todo o mundo applaudidas, quando por meyo da protecçaõ de V. Senhoria forem manifeſtas. A peſſoa de V. Senhoria guarde Deos muitos annos para gloria de ſeus validos, e ſingular remedio de ſeus afilhados.

Beija as mãos de V. Senhoria

O ſeu mais affectuoſo criado

Domingos Conſalves.

INDEX

DOS CAPITULOS, QUE CONTEM AS DECADAS Setima, Outava, e Nona.

CAP. I. *De como ElRey D. Joaõ supplicou ao Papa proveſſe o Imperio da Abaſſia de Patriarca. E de huma breve relaçaõ do Patriarca D. Joaõ Bermudes, que láfoy em tempo do Governador D. Eſtevaõ da Gama. E de outras muitas couſas.* p. 1.

CAP. II. *De huma breve relaçaõ da Chriſtandade das terras do Malavar, e de ſeus Biſpos. E de como o Arcebiſpo de Goa, e Primaz da India, Dom Frey Aleixo de Menezes, Religioſo da Ordem de Santo Agoſtinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou ſuffraganea ao Arcebiſpado de Goa por morte do Arcebiſpo Mar Abrahaõ: e depois os foy viſitar em peſſoa. E dos grandes trabalhos que paſſou atè a reduzir ao gremio da Igreja Catholica. E do Synodo Dioceſano, que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abuſos. E de outras couſas.* p. 5.

CAP. III. *De como ElRey D. Joaõ eſte anno de cincoenta e quatro elegeo para ViſoRey da India a D. Pedro Maſcarenhas: e da Armada, com que partio: e do que ſoccedeo na viagem atè chegar à Cidade de Goa. Anno* 1554. p. 11.

CAP. IV. *De como os Capitaens de Baçaim, e Chaul ajuntàraõ navios, e ſe foraõ lançar ſobre a barra de Surrate, ſabendo eſtarem dentro as galez. E de como o ViſoRey D. Pedro Maſcarenhas mandou ſeu ſobrinho Fernaõ Martins Freire com huma Armada àquelle negocio, e dos tratos, que teve com Caracem; Capitaõ de Surrate. E de como ſe aſſentou cerrarem-ſe as galès. E da chegada de Dom Fernando de Menezes a Goa.* p. 13.

CAP. V. *De como o Turco mandou outro Capitaõ, chamado Cafár, a buſcar as galés, que eſtavaõ em Baçorà. E de como tomou algumas nàos de Ormuz. E de outras couſas, que paſſáraõ.* p. 16.

CAP. VI. *De como o ViſoRey deſpachou as nàos para hirem a Còchim tomar a carga. E do que aconteceo a D. Affonſo de Noronha com ElRey do Chembe: e ſe embarcou para o Reyno, onde chegou: e como a nàõ Santa Cruz deſappareceo.* p. 17.

CAP. VII. *Do que aconteceo a Fernaõ Martins Freire em Surráte. E da Armada, que o ViſoRey ordenou para o Eſtreito de Meça. E do recado, que mandou ao Emperador da Abaſſia, e do que aconteceo a Vaſco da Cunha com ElRey de Chembe ſobre as pazes.* p. 19.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos no Eſtreito. E de como Fernaõ Farto lançou os Padres em Arquicó. E do que aconteceo ao Padre Meſtre Gonçalo atè à Corte daquelle*

Emperador. E de todos os Reys, que houve desde a Rainha Sabà atè este Claudio. E do que o mesmo Padre passou com o Emperador. p. 22.

CAP. IX. *De como D. Diogo de Noronha Capitaõ de Dio persuadio a Tartacan, que lançasse a Biscan fóra das terras de Dio, como fez. E de como D. Diogo de Noronha lançou maõ de todo o rendimento daquella Alfandega. E de outras cousas, que passáraõ.* p. 28.

CAP. X. *De como se levantáraõ contra o Idalcan alguns Capitaens seus, e dos tratos que houve entre Anel Maluco, e o VisoRey D. Pedro Mascarenhas.* p. 30.

CAP. XI. *De como o VisoRey D. Pedro Mascarenhas alevantou Mealecan por Rey de Visapòr: e dos contratos, que com elle fez: e de como passou a Ponda, e o entregou a Calabatecan.* p. 31.

CAP. XII. *De como faleceo o VisoRey D. Pedro Mascarenhas: e das partes, e qualidade de sua pessoa.* p. 35.

LIVRO SEGUNDO.

CAP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas succedeo na governança da India Francisco Barreto. E da Armada, que se queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.* p. 38.

CAP. II. *De como o Governador Francisco Barreto passou a Ponda a se ver com o Mealecan. E de como proveo as Tanadarias daquellas partes: e mandou D. Antaõ de Noronha a tomar posse de todo o Concan.* p. 40.

CAP. III. *Dos recados, que passáraõ entre D. Diogo de Noronha, Capitaõ de Dio, e Melique Xeque sobre a Alfandega: e de outras muitas cousas, que succedèraõ.* p. 42.

CAP. IV. *Das cousas, que succedèraõ èm Ceilaõ: e dos ardiz de que o Madune usou para inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois se concertou com elles para o destruirem, como fizeraõ.* p. 45.

CAP. V. *De como hum Capitaõ Pegù, chamado Ximidosataõ, matou ElRey Brama, e se apoderou do Reyno, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas cousas, que succedèraõ.* p. 46.

CAP. VI. *De como Mandaragri, cunhado de ElRey Brama veyo com grandes exercitos sobre Pegù, e tornou a conquistar aquelle Reyno. E das façanhas que os Portuguezes fizeraõ na defensaõ da Fortaleza, onde a Rainha estava. E do que fez o Mandaragi, Rey de Pegù, quando os veyo soccorrer.* p. 50.

CAP. VII. *Da Armada, que este anno de cincoenta e cinco partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Leonardo de Sousa. E da perdiçaõ da nào Algaravia nova. E de como o Governador Francisco Barreto mandou Dom Alvaro da Silveyra por Capitaõ mòr ao Malavar. E do que aconteceo a Mealecan atè Bilgaõ. E dos tratos, que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar.* p. 53.

CAP. VIII. *De como Rama Rayo, Rey de Bisnagà mandou seu irmaõ Vingata Rayo em favor do Idalcan. E de como os Capitaens da conjuraçaõ foraõ desbaratados: e o Mealecan com Anel Maluco fogiraõ para o Izamaluco; e do que là lhes soccedeo.* p. 55.

CAP. IX. *Do que aconteceo a D. Antaõ de Noronha no Concan. E dos recontros, que teve com alguns Capitaens do Idalcan. E da grande vitoria, que alcançou do Xacoli.* p. 56.

CAP. X. *De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan. E da vinda de alguns Capitaens do Idalcan. E de como mandou recolher Dom Fernando de Monroy, e Dom Antaõ de Noronha.* p. 59.

CAP. XI. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as nàos do Reyno. E do que aconteceo a D. Alvaro da Silveyra no Malavar. E das pazes, que o Camorim pedio, e se lhe concedèraõ.* p. 61.

LIVRO TERCEIRO.

CAP. I. *Da embaxada, que o Governador Francisco Barreto mandou a Cambaya por Thristaõ de Payva, e sobre que. E dos navios, que mandou a recolher o Padre Mestre Gonçalo, que estava na Abassia. E da Armada, que despedio para o Estreito, de que foy por Capitaõ mòr D. Alvaro da Silveyra. E das cousas, q̃ Miguel Rodrigues fios seccos fez pela casta do Idalcan. Anno 1556. p. 63.*

CAP. II. *Do que aconteceo a Tristaõ de Payva em Cambaya. E de como, os que ficàraõ nos baixos de Pero dos Banhos acabàraõ a naveta, e nella vieraõ a Cochim.* p. 65.

CAP. III. *Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan. E do que aconteceo a Joaõ Peyxoto na jornada do Estreito: e de como deu em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.* p. 67.

CAP. IV. *Do que soccedeo a D. Alvaro da Silveyra na viagem. E das desavenças, que teve com Bernaldim de Sousa, Capitaõ da fortaleza de Ormuz. E do que lhe aconteceo no Estreito de Baçorà.* p. 69.

CAP. V. *Das cousas, que este anno acontecèraõ em Ceilaõ. E da guerra, que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio para Jafanapataõ, onde foy morto. E da guerra, que o Madune tornou a fazer a ElRey de Cota.* p. 70.

CAP. VI. *Da Armada, que este anno de cincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Joaõ de Menezes de Siqueira, e do que lhe soccedeo na viagem. E do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca, e da viagem, que fizeraõ as naos atè o Reyno.* p. 72.

CAP. VII. *De como o Patriarca, e o Embaixador do Preste tratàraõ com o Governador Francisco Barreto sobre sua hida, e dos entretimentos, e escusas de que uzou, e do conselho, que sobre isso tomou, em que se assentou, que fosse o Bispo D. Andrè de Oviedo. E de como mandou à Ilha de S. Lourenço Balthasar Lobo de Sousa.* p. 74.

CAP. VIII. *Da Armada, que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio para o Norte, e D. Diogo de Noronha se foy ver com elle a Baçaim.* p. 76.

CAP. IX. *De hum Embaxador de ElRey de Cinde, que veyo ao Governador Francisco Barreto. E do tempo, em q̃ os Magores conquistàraõ aquelle Reyno da maõ dos antigos Gentios.* p. 78.

CAP. X. *Da famosa Ilha de Salsete de Baçaim: e do seu espantoso Pagode chamado do Canari. E do grande labyrintho, que a Ilha tem* p. 80.

CAP. XI. *Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.* p. 84.

CAP. XII. *De como o Governador Francisco Barreto houve às maõs as fortalezas de Assari, e Monarà. E de como Antonio Moniz Barreto foy tomar posse dellas por mandado do Governador. E de outras cousas, em que proveo atè se partir para Goa.* p. 88.

CAP. XIII. *Do que aconteceo na jornada a Pero Barreto. E do engano, que com elle usou o Principe de Cinde. E de huma façanhosa serpente, que hum Soldado chamado Gaspar de Montarroyo matou.* p. 91.

CAP. XIV. *De como Pero Barreto Rolim destruhio a Cidade de Tarà, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio. E donde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem à Provincia de Cinde Dulcinda.* p. 93.

LIVRO QUARTO.

CAP. I. *Do que aconteceo à nào S. Paulo atè Cochim. E de como Pero Barreto Rolim destruhio a Cidade de Dabul.* p. 96.

CAP. II. De como o Governador Francisco Barreto passou à terra firme em busca dos Capitaens do Idalxà. E da batalha, que lhes deu, em que os desbaratou. E de outras cousas. p. 98.

CAP. III. *De algumas cousas, em que o Governador Francisco Barreto proveo. E de alguns Capitaens, que despachou para fóra. E de huma grande victoria, que Joaõ Peixoto houve em Bardes de hũ Portuguez arrenegado.* p. 100.

CAP. IV, *Do que aconteceo na viagem a Manoel Travassos, atè lançar o Bispo no Porto de Arquicò. E do que soccedeo ao Bispo atè Barod.* p. 102.

CAP. V. *Do que soccedeo a Balthazar Lobo de Sousa na viagem atè a Ilha de Saõ Lourenço. E da descripçaõ desta Ilha, e das de Comorò. E qual seja a Minuthias de Ptholomeu.* p. 104.

CAP. VI. *Do que aconteceo ao Bispo D. Andé de Oviedo atè chegar a ser ver com o Emperador da Ethiopia, e do que com elle passou.* p. 107.

CAP. VII. *De como D. Duarte Deça, Capitaõ de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma asperissima prizaõ. E das grandes guerras, que por isso se levantàraõ em todas aquellas Ilhas contra os nossos Portuguezes.* p. 109.

CAP. VIII. *Da differença, que ha entre Persas, e Arabes sobre a opimaõ de suas seitas. E de como o Rey da Persia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condiçaõ, que seguissem sua seita* p. 112.

CAP. IX. *De huma relaçaõ de Nizamoxà, e de sua morte. E de como o que lhe sucedeo no Reyno se ajuntou com o Cutubixà contra o Idalcan, e largou o Inizamoxà ao Mealecan, que tinha prezo.* p. 114.

LIVRO QUINTO.

CAP. I. *Das cousas, que acontecèraõ na guerra de Goa. E de hum assalto, que os nossos deraõ na outra banda, em que houve algum desarranjo. E de como os imigos entràraõ a Ilha de Joaõ Lopes.* p. 117.

CAP. II. *Da Armada, que este anno de cincoenta, e sete partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Luiz Fernandes de Vasconcellos. E de huma breve relaçaõ da devoçaõ, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Frey Pero Gonçalves, a que elles chamaõ o corpo Santo.* p. 119.

CAP. III. *Das cousas, que soccederaõ em todo este anno em Maluco. E de como os moradores prenderaõ D. Duarte Deça, e soltàraõ aquelle Rey.* p. 121.

CAP. IV. *Da embaixada, que o Governador Francisco Barreto mandou a ElRey de Chàul, e sobre que, e de como os Mouros entràraõ na Ilha de Choraõ, donde foraõ lançados com grande dano seu. E de como o Governador mandou meter nella D. Francisco Mascarenhas.* p. 124.

CAP. V. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as nàos para o Reyno, e os Mouros começàraõ a fallar em pazes, que se lhes concedèraõ E de como o Inizamoxà prendeo o Embaixador, que o Governador lhe mandou. E do exercito, que logo despedio para lhe fazer huma fortaleza no Morro. E de como Alvaro Paes de Sotomayor partio para o Estreito, e ficou em Chàul por causa da guerra.* p. 126.

CAP. VI. *Da Armada, com que o Governador Francisco Barreto partio para o Norte, e chegou a Chaul, e das pazes, que lhe os imigos mandàraõ cometer, e do que nisso passou.* p. 129.

CAP. VII. *De como o Governador Francisco Barreto mandou desapossar D Joaõ de Ataide da Capitania de Ormuz, para onde foy D. Antaõ de Noronha, e do que mais fez atè se partir para Goa.* p. 132.

CAP. VIII. *De como o Governador Francisco Barreto se partio para Goa. E da grande Armada, e apercebimentos, que fez para hir ao Achem.* p. 133.

LIVRO SEXTO.

CAP. I. *De como foy eleito para VisoRey da India D. Constantino, filho do Duque de Bargança, e da*

Arma-

Armada, com que partio no anno de cincoenta e oito. p. 135.

CAP. II. *De como o VisoRey Dom Conſtantino tomou poſſe do Eſtado da India, e das couſas, em que logo proveo. E da cauſa porque ſe alevantou a guerra em Cananòr.* p. 137.

CAP. III. *Das intelligencias, que o VisoRey D. Conſtantino teve com Ithimitican ſobre lhe dar a Cidade de Damaõ, e lha concedeo. E do conſelho, que tomou ſobre mandar, ou hir ſobre ella. E de como deſpedio as nãos para hirem a Cóchim tomar a carga para oReyno. E Francisco Barreto partio de Goa. Anno 1559.* p. 138.

CAP. IV. *De como os Mouros de Cananòr ſe alevantaràõ de todo, e do que fez Luiz de Mello da Sylva. E dos navios, que mais lhe mandou o VisoRey D. Conſtantino, e da grande Armada, com que partio para Damaõ.* p. 141.

CAP. V. *Da ordem, que o VisoRey teve na deſembarcaçaõ da Cidade de Damaõ. E de como Cide Bofatá a deſpejou; e ella foy entrada.* p. 143.

CAP. VI. *Das couſas, em que o VisoRey D. Conſtantino proveo. E das inquietaçoens, que os Abexins deraõ aos noſſos. E de como o VisoRey mandou Antonio Moniz Barreto a dar nelles, e da grande vitoria, que alcançou. E quem he o Rey do Sarzeta, e que couſa ſaõ Choutos.* p. 146.

CAP. VII. *De como o VisoRey D. Conſtantino mandou D. Pedro de Almeida a Balſar, e elle foy a poz elle, e do que lhe ſe aconteceo. E da Armada, que mandou ao Eſtreito, de que foy por Capitaõ mòr D. Alvaro da Silveyra. E das couſas, em que mais proveo em Damaõ, atè ſe partir para Goa.* p. 150.

LIVRO SETIMO.

CAP. I. *De como Rama Rayo, Rey de Biſnagà foy contra os moradores da povoaçaõ de S. Thomè, e cativou a todos, e depois os reſgatou.* p. 153.

CAP. II. *Do que aconteceo a Luiz de Mello da Sylva no Malavar, e de como deſtruhio a Cidade de Mangalòr. E da grande vitoria, que alcançou de huma Armada de Malavares, de que era Capitaõ hum Rume, que ſe chamava Odo Raho.* p. 155.

CAP. III. *De como Luiz de Mello da Silva chegou a Goa, e o VisoRey o prendeo, e depois o mandou invernar a Cananòr. E da Armada, que deſpedio para Maluco. E da conjuraçaõ, que todos os Mouros do Malavar fizeraõ contra a noſſa fortaleza de Cananòr. E do grande aſſalto, que lhe deraõ. E dos caſos, que nelle aconteceraõ.* p. 159.

CAP. IV. *Do que mais aconteceo por todo eſte veraõ na Ethiopia, nas guerras, que aquelle Emperador tinha com os Mouros, e com huns Cafres chamhados Gallas. E de algumas pratícas, que o Emperador teve com o Biſpo ſobre as couſas da noſſa Religiaõ Chriſtãa.* p. 164.

CAP. V. *De como deu huma graviſſima enfermidade nos Turcos, de que morrèraõ todos. E de como o Biſpo tratou de ſe partir para a India pelas poucas eſperanças, que tinha da converſaõ daquelle Emperador. E de como ſe deixou ficar a rogo dos Portuguezes.* p. 166.

CAP. VI. *Do que aconteceo a D. Alvaro da Silveyra no Eſtreito. E das couſas, que mais ſoccederaõ na Ethiopia: e das guerras, que ſe levantàraõ, em que o Emperador foy morto; e do que mais ſoccedeo no Imperio.* p. 168.

CAP. VII. *De como os Turcos foraõ ſobre a fortaleza de Baharem, e lhe puzeraõ cerco. E da Armada, que D. Antaõ de Noronha lhe mandou de ſoccorro. E de como aviſou D. Alvaro da Silveyra, para que a ſoccorreſſe.* p. 171.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a D. Joaõ de Noronha atè Baharem. E de como as galès lhe correraõ. E do riſco, em que os noſſos navios ſe viraõ de ſêr tomados. E de como D. Alvaro da Sil-*

veyra chêgou a Baharêm, e tomou as galès, e cercou os Turcos na Ilha. p. 173.

CAP. IX. De como o Guazil de Baharem se vio com D. Alvaro da Silveyra: e do que assentàraõ sobre o negocio dos Turcos. E do alvoroço, e motim que houve antre os nossos, por naõ querer D. Alvaro da Silveyra dar batalha. E de como de desconfiado sahio aos Turcos, e da muito grande, e cruel batalha que tiveraõ, em que D. Alvaro da Silveyra foy morto, e desbaratado. p. 176.

CAP. X. De como com as novas que chegàraõ a Ormuz, se fez prestes D. Antaõ de Noronha, e despedio diante Aleixo Carvalho com recado a Baharem. E elle se partio apoz elle. E do que aconteceo a Aleixo Carvalho, e como se vio com o Baxà, e do que ambos tratàraõ. p. 180.

CAP. XI. De como por ordêm de Coge Ocem Camal, Parseo, mandàraõ os Turcos os Portuguezes cativos a Dom Antaõ de Noronha; e dos recados que passáraõ antre Mir Soltaõ Ali, e elle. E de como D. Antaõ de Noronha por ordem sua mandou matar Mamede Bec, Capitaõ da Catifa, que foy a Baharem sobre concertos de pazes. E dos partidos, que os nossos fizeraõ com os Turcos. E da descripçaõ da Ilha Baharem. p. 183.

CAP. XII. Das cousas que mais acontecèraõ na Abassia. E das disputas, que o Bispo teve com o Emperador sobre pontos da Fé por escrito, que os interpretes lhe falsificàraõ. E das paixoens que tiveraõ por lhe o Bispo naõ querer entregar dous Frades Abexins, que fogiraõ para elle. p. 186.

LIVRO OUTAVO.

CAP. I. Da viagem que fizeraõ as naos, que partiraõ para o Reyno no anno de mil quinhentos cincoenta e nove. E de como naõ passáraõ mais que a Rainha, o Tigre, e o Castello, e Francisco Barreto, e Joaõ Rodrigues de Carvalho arribàraõ a Moçambique. E da perdiçaõ da nào Nossa Senhora da Barca, de que era Capitaõ mòr D. Luiz Fernandes de Vasconcellos: e de como se salvou no seu batel com sessenta pessoas. E do que mais lhe succedeo atè tornar à India. p. 190.

CAP. II. De como ElRey D. Sebastiaõ supplicou ao Summo Pontifice Paulo IV. fizesse à Sè de Santa Catharina de Goa Arcebispado: e as Igrejas Santa Cruz de Cochim, e Nossa Senhora da Assumpçaõ de Malaca, Bispados. E da Armada que este anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr Pero Vaz de Siqueira. p. 196.

CAP. III. Da Armada, que o Visorey D. Constantino mandou ao Malavar. E dos navios, que foraõ de soccorro a Baharem, e do que lhes soccedeo na viagem. E da guerra, que Luiz de Mello da Silva fez por toda a costa de Malavar. p. 198.

CAP. IV. De como os Capitaens Abexins corrèraõ atè Balsar, e lhes sahio Alvaro Gonçalves Pinto, e lhes deu batalha, em que foy morto com a mòr parte dos seus. E de como o Capitaõ de Damaõ, D. Diogo de Noronha mandou soccorrer os nossos, que ficàraõ de cerco na fortaleza. p. 201.

CAP. V. De como os Abexins tornàraõ sobre Balsar, onde já estava por Capitaõ Affonso Dias Pereira. E de como elle lhe sahio, e foy morto por desastre. E D. Diogo de Noronha soccorreo aquella fortaleza; e a largou, por lho mandar assim o VisoRey D. Constantino. p. 203.

CAP. VI. De como os Abexins corrèraõ as Tanadarias de Damaõ, S. Gens, e Terapor, e do que lhes nellas soccedeo. p. 205.

CAP. VII. De como D. Diogo de Noronha foy buscar os Abexins, e lhes deu batalha, em que os desbaratou. p. 206.

CAP. VIII. De como o VisoRey D. Constantino mandou Christovaõ Pereira Homem a lançar em Maçuà o irmaõ Fub-

Fulgencio Freire da Companhia de JESU, com recado ao Bispo. E de como encontrou quatro galès de Turcos, e o tomàraõ. p. 210.

CAP. IX. *Do que soccedeo em todo este veraõ na Ethiopia, depois da morte do Emperador Claudio, ou Athena Sagad, e de como os Grandes alevantàraõ por Emperador seu irmaõ Adamas Sagad, que perseguio o Bispo atè o prender.* p. 213.

CAP. X. *Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva na costa de Malavar todo o mais resto do veraõ. E de como morreo o Veador da fazenda, Aleixo de Sousa Chichorro.* p. 216.

CAP. XI. *De como o Bisminaique, Senhor de toda a costa da Pescaria, veyo com grande poder sobre a fortaleza de Punicalle, de que era Capitaõ Manoel Rodrigues Coutinho. E de como o desbaratou, e tomou aquella fortaleza.* p. 218.

CAP. XII. *De como Francisco Barreto, e Joaõ Rodrigues de Carvalho invernàraõ em Moçambique: e do que Francisco Barreto fez todo o tempo da invernada. E de como mandou concertar a sua nào, e a de Joaõ Rodrigues de Carvalho, e dahi se partio para o Reyno. E da perdiçaõ da nào Garça, de que era Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho. E de como Francisco Barreto salvou toda a gente della: e tornou arribar a Moçambique.* p. 221.

CAP. XIII. *Que trata de como Francisco Barreto, depois de chegar a Moçambique da segunda arribada, partio para Goa pela costa de Melinde; e do que lhe aconteceo por ella: e de quando chegou a Goa, e de là partio para o Reyno na nào S. Giaõ. E de como a nào Patifa se perdeo em Mombaça, hindo nella Bastiaõ de Sà, que acabàra de ser Capitaõ de Cofala. E de como D. Luiz Fernandes de Vasconcellos chegou a Goa, depois de se perder na nào Gallega: e de como se foy para o Reyno na nào de Francisco Barreto.* p. 226.

CAP. XIV. *Das grandes guerras, que se alevantàraõ antre ElRey de Cranganor, e o de Còchim; e da causa porque. E do grande temor, e respeito, que todos os Malavares tem ao Bemaventurado Apostolo S. Thomè, e das soberbas, e custosas festas, que lhe fazem.* p. 230.

CAP. XV. *De como Bajazeto, filho de Solimaõ Emperador dos Turcos fogio para a Persia: e dos tratos, que teve para matar aquelle Rey. E de como elle o entregou a seu irmaõ Cilim.* p. 233.

LIVRO NONO.

CAP. I. *Da grande Armada, com que o VisoRey D. Constantino partio para Jafanapataõ. E do que lhe soccedeo atè chegar là.* p. 236.

CAP. II. *Do conselho, que o VisoRey D. Constantino teve sobre o modo do da desembarcaçaõ: e de como sahio em terra, e ganhou a Cidade. E das cousas, que na entrada della passàraõ.* p. 238.

CAP. III. *De como o VisoRey D. Constantino foy contra a fortaleza, aonde ElRey estava, e a achou despejada: e mandou alguns Capitaens em seguimento de ElRey: e do extremo, em que o puzeraõ, atè chegar a cometer partidos.* p. 242.

CAP. IV. *Do alevantamento, que houve contra os nossos em Jafanapataõ, e do cerco, que puzeraõ à fortaleza. E de como o VisoRey escapou da conjuraçaõ, e se recolheo por mar à Armada. E do soccorro, que mandou à fortaleza, de que foy por Capitaõ mòr D. Antonio de Noronha, e do que lhe aconteceo na jornada.* p. 244.

CAP. V. *Da Armada, que este anno de sessenta partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Jorge de Sousa. E do primeiro Arcebispo, e Inquisidores, que passàraõ à India. E do que aconteceo às nàos desta Armada na viagem. E de como o VisoRey D. Constantino fez huma fortaleza na Ilha de Manar, e se foy para Còchim.* p. 247.

CAP. VI. *Das cousas que neste tem-*

po ſoccedèraõ em Ceilaõ, e da guerra, que D. Jorge Baroche fez ao Madune. E dos recontros, que tiveraõ, e caſos que ſoccedèraõ. E de alguns feitos honroſos, que nelles acontecèraõ a alguns dos noſſos. p. 249.

CAP. VII. *De outro aſſalto, que Dom Jorge deu aos imigos, em que eſteve de todo desbaratado: e de alguns feitos honroſos, que nelle ſoccedèraõ a alguns dos noſſos.* p. 251.

CAP. VIII. *De como o Madre Maluco tentou de hir ſobre a fortaleza de Damaõ. E do eſtratagema, de que D. Diogo de Noronha uſou para homiziar o Cedemecan com o Madre Maluco, por onde o fez matar. E de outras couſas.* p. 253.

CAP. IX. *De como Chinguiſcan, filho de Madre Maluco, foy contra o Cedemecan, e o cercou. E da Armada que D. Diogo de Noronha mandou de ſoccorro a Surráte, e do que lhe là ſoccedeo. E de como faleceo D. Diogo de Noronha, e de ſuas partes, e qualidades.* p. 256.

CAP. X. *Do que aconteceo ao ViſoRey D. Conſtantino em Cóchim. E de como ſe vio com o Rey do Chembè, e fez com elle pazes. E do ſoccorro, que mandou a Cranganor. E de como Luiz de Mello da Silva entrou a Ilha do Primbalaõ, onde eſtava todo o poder do Camorim, e o desbaratou, e entregou aquella Ilha a ElRey de Còchim. E da ſua chegada a Goa.* p. 259.

CAP. XI. *De alguns Capitaens, que o ViſoRey D. Conſtantino deſpachou para fóra. E da grande Armada, que mandou a Ormuz, de que foy por Capitaõ mòr Baſtiaõ de Sà. E de outra, que foy de ſoccorro a Surráte em favor de Cedemecan, de que foy por Capitaõ mòr D. Antonio de Noronha Catarraz. E do que ſoccedeo a eſtas Armadas.* p. 262.

CAP. XII. *Do que aconteceo a D. Antonio de Noronha em Surráte, e dos recados, que paſſáraõ entre elle, e o Cedemecan. E de como ganhou huma eſtancia ao Chinguiſcan, e lhe tomou a artelharia; e da batalha que lhe deu em campo, em que o desbaratou, e lhe fez alevantar o cerco, que tinha poſto àquella fortaleza.* p. 266.

CAP. XIII. *Dos recados, que ſe paſſaraõ entre D. Antonio de Noronha, e o Cedemecan. E de como o Capitaõ mòr à ſua petiçaõ cometeo a Cidade, para lançar della o Chinguiſcan. E de como D. Antonio de Noronha ſe vio com o Cedemecan ſobre a entrega da fortaleza, e as cauſas, que houve para a naõ entregar. E de como a Armada ſahio do rio, e D. Antonio de Noronha ſe foy para Goa, e o ViſoRey D. Conſtantino o mandou prender.* p. 270.

CAP. XIV. *De como os Mouros, que eſtavaõ na fortaleza de Surráte, quizeraõ matar Cedemecan pelos tratos, que teve com D. Antonio de Noronha, e elle lhes fogio: e de como foy morto por ordem de Chinguiſcan.* p. 273.

CAP. XV. *Do que neſte tempo aconteceo em Maluco. E de como aquelle Rey deſiſtio do Reyno nas mãos do Capitaõ daquella fortaleza. E de outras couſas, que mais ſoccedèraõ.* p. 274.

CAP. XVI. *Do que aconteceo à nào S. Paulo: e de como ſe foy perder na Ilha Camatra: e do que paſſou a gente della.* p. 276.

CAP. XVII. *De como ElRey de Pegù mandou prometter huma ſomma de ouro ao ViſoRey D. Conſtantino pelo dente do Bugio, que trouxe de Jafanapataõ, E do que os Theologos ſobre iſſo aſſentàraõ: e de como ſe queimou. E das partes, e qualidades deſte ViſoRey.* p. 278.

LIVRO DECIMO.

CAP. I. *De como foy eleito para ViſoRey da India D. Franciſco Coutinho Conde do Redondo. E da Armada, com que partio no anno de 1561. E do que lhe aconteceo atè chegar a Goa. E de como o ViſoRey D. Conſtantino lhe entregou a governança da India, e ſe embarcou na ſua nào para o Reyno, onde*

chegou

chegou com muito prospera viagem. p. 282.

CAP. II. *De como vierão novas que o Coffario Cafar era fahido com tres galez a esperar as nãos de Ormuz. E de como o Conde de Redondo Visorey mandou a Dom Francisco Mascarenhas com huma grossa Armada buscallo: e do que lhe succedeo.* p. 284.

CAP. III. *Do que aconteceo a Jorge de Moura no Estreito do mar Roxo. E de como Pero Lopes Rabello pelejou com huma poderosa nao de Rumes: e de como ambos se abrazárão. E de outras cousas.* p. 286.

CAP. IV. *Do que mais succedeo nas guerras dantre Abexins, e Mouros. E do grande soccorro dos Turcos que entrou em Barua. E do que o Emperador passou com os Portuguezes.* p. 189.

CAP. V. *De huma breve relaçaõ das cousas do Bemaventurado Apostolo Saõ Thomè, de sua morte, e milagres. E das grandes maravilhas de huma pedra que se achou no lugar em que o matàraõ. E de huns padroens, que os Reys daquelle tempo passárão de rendas para a Igreja que alli fez.* p. 291.

CAP. VI. *Das mais cousas que acontecèraõ na Ethiopia: e de como o Capitaõ Ijac se ajuntou com o Baxà dos Turcos, e alevantàraõ outro Rey: e do que aquelle Emperador fez sobre isso.* p. 298.

CAP. VII. *Da Armada que este anno de sessenta e dous partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Jorge Manoel. E das cousas em que o Conde Visorey proveo. E de como D. Pedro de Sousa foy entrar na Capitanìa de Ormuz, e levou comsigo Babuxa, que foy succeder naquelle Reyno. E das pazes que concedeo ao Camorim.* p. 300.

CAP. VIII. *Que dá conta dos Capitaens, que entràraõ pelas terras de Damaõ. E de como Garcia Rodrigues de Tavora Capitaõ daquella fortaleza os foy buscar, e os desbaratou.* p. 303.

CAP. IX. *Da grande Armada, com que o Conde de Redondo Visorey partio para Cochim: e da fermosa vista que deu ao Camorim. E de como juràraõ as pazes. E do que lhe succedeo ate se hir para Goa. E da viagem que as nàos fizeraõ ate o Reyno: e se perdeo a nao S. Martinho, em que hia o Capitaõ mòr.* p. 306.

CAP. X. *Da origem dos antigos Emperadores do Malavar, chamados Perimais: e do titulo de Camorim: e de todos os Reynos que ha no Malavar: e do principio, e origem delles.* p. 309.

CAP. XI. *Do modo que se tem nas successoens de todos estes Reynos do Malavar: e dos que saõ seus verdadeiros herdeiros. E do abuso que ha nas Nairas serem commuas a todos. E de outras cousas muito novas, e curiosas.* p. 312.

CAP. XII. *De algumas cousas destes Reys de Cochim, de que nossas historias naõ tratão, que saõ muy importantes saberem-se.* p. 313.

CAP. XIII. *De huma breve relaçaõ das Ilhas de Amboino. E do alevantamento que houve os annos passados contra os Christãos: e do perigo em que se viraõ atè chegar Henrique de Sá, que castigou os rebeldes, e livrou os Christãos.* p. 316.

CAP. XIV. *Da guerra que o Madune mandou proseguir contra a nossa fortaleza de Columbo, e de Cota, em que estava ElRey Peria Pandar. E dos casos que acontecèraõ.* p. 318.

CAP. XV. *Do grande aperto em que o Rajù poz os nossos. E de como Diogo de Mello Capitaõ de Manar foy de soccorro: e de outros soccorros que se lhe ajuntàraõ.* p. 320.

CAP. XVI. *Da Armada que este anno de 63. partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Jorge de Sousa. E de como foy ao Malavar D. Francisco Mascarenhas. E da grande batalha que Jeronymo Dias de Menezes teve com tres Parós, de que todos sahiraõ destroçados. E de outras cousas.* p. 322.

CAP. XVII. *Das cousas em que o Conde proveo: e de como mandou Domingos de Mesquita esperar os pagueis do Malavar, que vinhaõ de Cambaya, com cor de alevantado. E da grande des-*

truiçaõ que nelles fez. E de como faleceo o Conde Viſo Rey. E das partes, e qualidades de ſua peſſoa. p. 324.

CAP. XVIII. De como por morte do Conde de Redondo ſuccedeo na governança da India Joaõ de Mendonça: e das couſas em que logo proveo. p. 326.

CAP. XIX. De alguns Capitaens que o Governador Joaõ de Mendoça deſpachou para fóra. E de algumas couſas em que mais proveo até chegar ao Viſo Rey D. Antaõ de Noronha, que entra com a oitava Decada. E das partes, e qualidades deſte Governador. p. 329.

DECADA OYTAVA.

CAP. I. Dom Antaõ de Noronha eleito Viſo Rey da India. p. 331.

CAP. II. Da grande batalha q̃ D. Paulo de Lima teve com o Canatale. p. 334.

CAP. III. Torna a continuar o grande cerco da Cota. p. 336.

CAP. IV. Mogores entrados nas terras de Damaõ. p. 343.

CAP. V. Antonio Teixeira com recado ao graõ Turco, e vay com a reposta ao Reyno. p. 345.

CAP. VI. Em q̃ ſe continua o cerco de Cananor, e ſucceſſos q̃ nelle houve. p. 346.

CAP. VII. Do deſpejo da Cidade da Cota para Columbo. p. 349.

CAP. VIII. Da hida de D. Fernando de Monroy ao Eſtreito de Meca, e do que lá lhe ſuccedeo. p. 350.

CAP. IX. Proſegue a guerra de Cananor. p. 351.

CAP. X. Dos provimentos que eſte anno ſe fizeraõ para a fortaleza de Ceilaõ. p. 352.

CAP. XI. De como D. Diogo Pereira foy com huma Armada groſſa ao Eſtreito de Meca, e o q̃ lhe ſuccedeo na viagẽ; e como ſe perdeo com a mayor parte della. p. 532

CAP. XII. De como mandou o Rey de Pegù pedir huma filha ao Rey de Ceilaõ para caſar com ella. p. 354.

CAP. XIII. Da grãdeza, e riqueza com q̃ eſte dente foy recebido em Pegù. p. 357.

CAP. XIV. De como ſe conjuràraõ os Reys do Decaõ, contra o Rey de Biſnagà, em que lhe deraõ batalha, na qual o desbaratàraõ, e matàraõ, e tomàraõ o Reyno. p. 359.

CAP. XV. Do encontro deſtes Reys, rompimento, e batalha, em q̃ o Rey de Biſnagà ficou morto, e desbaratado. p. 359.

CAP. XVI. De como Gonçalo Pereira Marramaque foy a Amboino, e a cauſa de ſua hida. p. 361.

CAP. XVII. Da hida de D. Jorge de Menezes Baroche ao Eſtreito de Meca, e do que lhe ſuccedeo. p. 363.

CAP. XVIII. Da hida de D. Franciſco Palha ao Malavar. p. 364.

CAP. XIX. De como o Viſo Rey D. Antaõ parte para Mangalòr em oito de Dezembro de 1567. e levou eſta Armada. p. 365.

CAP. XX. Da chegada do Viſo Rey a Mangalòr, e comete a terra, e o aſſalto que os Mouros deraõ nos noſſos, em que houve mortos, e feridos, em que houve grande confuzaõ. p. 366.

CAP. XXI. Das novas que chegaraõ ao Viſo Rey dos apercebimentos que o Achèm fazia contra Malaca, e dos ſoccoros que deſpedio. p. 382.

CAP. XXII. De como ſe apercebeo El Rey de Viantana para hir contra o Achem que já acha recolhido, e viſita o Capitaõ D. Leoniz. p. 383.

CAP. XXIII. Do que aconteceo a Gonçalo Pereira Marramaque, depois que partio de Malaca. p. 385.

CAP. XXIV. Da morte que Diogo de Meſquita fez a El Rey de Maluco, e a cauſa de ſua morte. p. 395.

CAP. XXV. Do que ſuccedeo a D. Luiz de Almeida no rio de Surrate com duas naos de Meca. p. 398.

CAP. XXVI. Entra o tempo do Viſo Rey D. Luiz de Ataide; que he da minha oitava Decada. p. 399.

CAP. XXVII. Das duvidas que ſe moveraõ em Goa ſobre ſe venderem cavallos a Mouros. p. 405.

CAP.

CAP. XXVIII. *Da grande, e famosa vitoria que Mem Lopes Carrasco alcançou de huma poderosa Armada do Achèm.* p. 408.

CAP. XXIX. *Das cousas que succedèraõ este anno em Maluco a Gonçalo Pereira Marramaque.* p. 414.

CAP. XXX. *Da hida do VisoRey D. Luiz de Ataide a Barcellor.* p. 417.

CAP. XXXI. *Da conjuraçaõ dos Reys todos da India contra o Estado.* p. 420.

CAP. XXXII. *Do modo q̃ se fortificou o VisoRey em Goa, e de como proveo os passos cõtra o poder do Idalxà, e do poder, e modo com q̃ elle desceo a Gatte.* p. 428.

CAP. XXXIII. *Da resoluçaõ que o Idalxà tomou sobre o acometimento da Cidade de Goa, e da pratica q̃ Norichaõ fez a ElRey sobre a guerra de Goa.* p. 434

CAP. XXXIV. *Do successo que houve neste tempo em Chaul, e de alguns grandes feitos q̃ os nossos fizeraõ.* p. 439.

CAP. XXXV. *Em que se torna a continuar com a guerra de Goa, e o que os nossos nella fizeraõ.* p. 449.

CAP. XXXVI. *Do que succedeo no cerco de Chaul no tempo de D. Jorge de Menezes.* p. 461.

CAP. XXXVII. *Do que succedeo na guerra de Goa, e do levantamento da Rainha de Onòr contra a nossa fortaleza, e do soccorro que o VisoRey lhe mandou.* p. 475.

CAP. XXXVIII. *Do soccorro que o Camori poz à nossa fortaleza de Chalè, e do que nelle succedeo.* p. 476.

DECADA NONA.

CAP. I. *Da separaçaõ que ElRey fez de todo o Estado da India, dividindo o em tres governos; D. Antonio de Noronha foy eleito VisoRey da India desde o Cabo de Guardafù do Estreito de Meca atè Ceilaõ: Francisco Barreto por Governador do Cabo das Correntes atè o de Guardafù; e Antonio Moniz Barreto por Governador desde Pegù, atè a China; e de como chegou D. Antonio de Noronha a Goa, e estado em que achou a guerra.* p. 487.

CAP. II. *Do que succedeo em Chalè depois de D. Diogo a soccorrer, e de como se entregou a fortaleza a partido.* p. 489.

CAP. III. *Da Armada com que Dom Diogo de Menezes partio de Goa, e do que fez depois de achar novas que a fortaleza estava entregue.* p. 490.

CAP. IV. *Do que prometteraõ os Procuradores do Idalxà.* p. 492.

CAP. V. *Do que o VisoRey prometteo.* p. 493.

CAP. VI. *Do q̃ este veraõ aconteceo a D. Diogo de Menezes em Malaca.* p. 494.

CAP. VII. *Do presente que o VisoRey D. Antonio de Noronha mandou ao Idalxà.* p. 495.

CAP. VIII. *Da grande vitoria, que Gonçalo Pereira alcançou de ElRey de Maluco.* p. 499.

CAP. IX. *Do soccorro que D. Leoniz Pereyra Capitaõ de Malaca mandou a Maluco.* p. 500.

CAP. X. *Da mudança da fortaleza de Amboino para o lugar da Cova.* p. 501.

CAP. XI. *Das cousas que passáraõ entre o VisoRey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto Governador de Malaca.* p. 502.

CAP. XII. *Das cousas que succedèraõ em Maluco.* 505.

CAP. XIII. *Torna a continuar as cousas da India, e as Armadas que o VisoRey lançou fóra, e de como o Mogor se senhoreou do rio de Cambaya.* p. 507.

CAP. XIV. *Vay D. Henrique de Noronha ao Norte, toma duas nãos de Meca, e perdem-se com tormenta.* p. 517.

CAP. XV. *Manda ElRey desapossar do governo a D. Antonio de Noronha.* p. 521

CAP. XVI. *De como succedeo na governança de Malaca D. Leoniz Pereira.* p. 522.

CAP. XVII. *Das cousas que succederaõ em Malaca neste tempo, e do cerco que os visinhos puzeraõ àquella fortaleza.* p. 526.

CAP.

CAP. XVIII. *Entra o tempo do governo de Antonio Moniz Barreto que he o da minha nova Decada.* p. 529.

CAP. XIX. *Da carta do Secretario do Estado a Christovão do Couto, q̃ estava reteudo na Corte do Idalxá.* p. 530.

CAP. XX. *Francisco Barreto eleito Governador para a Conquista das Minas do Reyno de Manomotapa.* p. 535.

CAP. XXI. *Parte Francisco Barreto para a Conquista das Minas, e da descripçaõ de toda a Costa do Cabo Delgado atè o Cabo das Correntes, e do Reyno de Manomotapa, e das Minas de Butuà, e Manicà.* p. 539.

CAP. XXII. *Das terras que possue o Manomotapa, e dos lugares a que os Portuguezes vaõ fazer suas feiras, e resgatar o ouro.* p. 540.

CAP. XXIII. *Do que succedeo a Francisco Barreto nesta Conquista, e a ordem que teve em caminhar pela terra dentro.* p. 542.

CAP. XXIV. *Do que succedeo ao Governador Vasco Fernandes Homem depois que tomou posse, e como se partio para as Minas de Manicabà.* p. 552.

CAP. XXV. *Da grandeza do Reyno do Manomotapa, e de como se dividio.* p. 555.

CAP. XXVI. *Das couzas que neste tempo succederaõ sobre o cativeiro de D. Henrique de Menezes.* p. 556.

CAP. XXVII. *Dos Embaixadores que foraõ a Goa do Idalxá, e da Armada que a Rainha de Japarà mandou sobre Malaca.* p. 559.

CAP. XXVIII. *Das cousas que succedèraõ neste tempo na India.* p. 566.

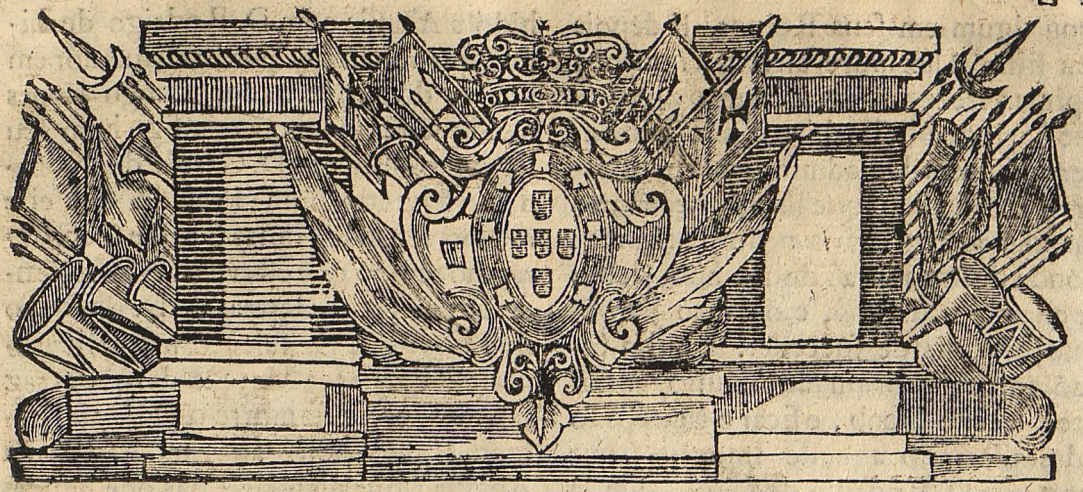
CAP. XXIX. *Chegaõ novas ao Governador dos trabalhos em que ficava Malaca, das prevençoens que fez, e soccorro que lhe mandou.* p. 567.

CAP. XXX. *Vay Sancho de Vasconcellos cercar o lugar de Hiamaõ, e o que lhe succedeo.* p. 572.

CAP. XXXI. *De como se perdeo o galeaõ de Belchior Botelho que hia para Maluco, e onde.* p. 576.

CAP. XXXII. *Do que neste tempo succedeo na India.* 580.

FIM.



DECADA SETIMA DA ASIA

POR

DIOGO DO COUTO

GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO DO ESTADO DA INDIA.

LIVRO I.

CAPITULO I.

De como ElRey D. Joaõ ſupplicou ao Papa proveſſe o Imperio da Abaſſia de Patriarca. E de huma breve relaçaõ do Patriarca D. Joaõ Bermudes, q̃ là foy em tempo do Governador D. Eſtevaõ da Gama. E de outras muitas couſas.

DEPOIS que ElRey Dom Joaõ deſpedio a Armada pera a India eſte anno de cincoenta e tres, de q̃ foy por Capitaõ mòr Fernaõ de Alvares Cabral, logo determinou de prover em duas couſas. Huma mandar ſucceſſor ao Viſorey D. Affonſo de Noronha, e a outra ſupplicar ao Papa lhe concedeſſe Patriarca, e Biſpos pera o Imperio da Abaſſia, pela muita inſtancia com q̃ aquelles Emperadores lho tinhaõ mandado pedir: porque deſejavaõ de dar obediencia à ſanta Sè Apoſtolica, e renunciar os Patriarcas hereges, que de Alexandria lhes mandavaõ, por quem havia tantas centenas de annos ſe governavaõ. E era eſte deſejo taõ antigo, que jà o Emperador Zeriaco treſavo de Claudio, que ao preſente reinava, por morte do Patriarca que os regia, naõ quiz aceitar mais outro de Alexandria, e dizia „ que antes perderia todos os „ ſeus Reinos que conſentir mais lhe „ vieſſem Patriarcas hereges. E aſſim dez annos que depois viveo lhe naõ entrou

trou algum em seus Reinos. E depois seu filho Alexandre esteve na mesma opiniaõ treze annos, atè que o povo se lhe queixou por lhe hirem faltando Sacerdotes pera lhe administrarem os Sacramentos. Pelo que lhe foy necessario mandar a Alexandria pedir Patriarca: donde lhe mandàraõ dous, hum delles se chamava Marcos, e o outro Jacob, que lhe havia de succeder. E assim foraõ ambos continuando muitos annos atè falecer o Jacob, e ficar o Marcos só administrando aquelle Imperio (que he o que D. Rodrigo de Lima, que là foy por Embaixador no anno de vinte e seis, ainda achou vivo, e confessou ao Padre Francisco Alvares, que foy nesta jornada, segundo elle o refere no livro que della compoz, que era de cento e vinte annos, porque quando fora àquelle Imperio fizera setenta, e que havia cincoenta que o administrava, a fóra alguns que depois viveo) Este quando là vio D. Rodrigo, e hum Religioso q̃ seguia a Igreja Latina Romana (segundo conta o mesmo Padre Francisco Alvares) dava graças a Deos, e dizia, que se chegava o tempo de se comprir huma profecia que havia nos livros Abexins que dizia „ que aquelle Imperio não „ teria mais de cem Patriarcas providos „ por Alexandria, e que apoz elles vi„ riaõ outros providos pelo Sũmo Pon„ tifice de Roma, e que elle era o derra„ deiro dos cento. No que se enganou porque atè hoje perseveraõ Patriarcas hereges posto que alguns annos depois lhe foy hum Catholico, provido pelo Papa Paulo Terceiro, que foy o Dom Joaõ Bermudes, que D. Christovaõ da Gama levou, como fica dito no Capitulo quinto do setimo livro da quinta Decada. E porque deste Patriarca não falàmos mais depois que D. Christovaõ da Gama foy là morto, nem tivemos taõ inteira informação de suas cousas como agora, que no la mandàraõ da Ethiopia, o faremos aqui brevemente, e o daremos melhor a conhecer.

Este homem era Portuguez, e tinha hido a Abassia com D. Rodrigo de Lima, quando là foy por Embaixador em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira, e levou comsigo hum seu sobrinho chamado D. Garcia de Noronha, segundo hum Tratado que elle mesmo fez das cousas que lhe succedèraõ no tempo que esteve na Abassia sendo Patriarca. E depois de D. Rodrigo de Lima de là vir faleceo naquelle Imperio o Patriarca Marcos de que atraz falàmos, por cuja morte o D. Joaõ Bermudes persuadio ao Emperador da Abassia, que mandasse dar obediencia à Igreja Romana, e pedir ao Sũmo Pontifice Patriarca Catholico, e como elle lhe estava affeiçoado, despedio-o pera Roma com cartas ao Papa em que lhe pedio lho mandasse a elle por Patriarca. E hindo nesta jornada, que foy o anno de 35. ou 36. foy cativo de Turcos, e levado ao Cairo, donde por sua industria sahio, e foy ter a Roma, e o santo Padre o ouvio muito bem, e leu as cartas do Emperador Claudio. E sabendo o risco em que aquella Christandade ficava, logo sagrou-o D. Joaõ Bermudes em Patriarca, e o enviou com cartas a Portugal pera ElRey D. Joaõ o Terceiro, em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia „ quizesse „ soccorrer aquelle Emperador, pois „ nenhum dos Principes Christãos ti„ nha melhor aparelho pera isso. E esta foy a causa porq̃ ElRey o despedio em companhia do Visorey Dom Garcia de Noronha, a quem deu por regimento „ mandasse huma boa Armada de soc„ corro àquelle Emperador, e nella lhe „ enviasse o Patiarca. E como o Visorey D. Garcia de Noronha achou a fortaleza de Dio de cerco, em cujo soccorro se occupou todo aquelle veraõ, e no seguinte faleceo, não teve tempo pera o mandar. E o Governador D. Estevaõ da Gama, que lhe succedeo, achando estas instrucções nos papeis de D. Garcia de Noronha, quiz fazer aquella jornada que na quinta Decada contàmos, assim pera este effeito de que entaõ não tinhmos

nhamos taõ perfeita informaçaõ, como pera o das galez. Em fim morto Dom Chriſtovaõ da Gama, ficou o Patriarca naquelle Reino atè que o Emperador teve aquella batalha cõ o Grada Amet, que cortou a cabeça a D. Chriſtovaõ da Gama, em que o desbaratou, e matou com a ajuda dos Portuguezes, como na meſma quinta Decada ſe verà no quarto Capitulo do nono livro, e o Emperador tornou a cobrar ſeu Reino de que andava quaſi esbulhado.

E como todas aquellas couſas, Embaixadas, e petiçoens que fez ao Papa, foraõ feitas por neceſſidade, vendo-ſe agora poderoſo, e eſtava entregue de todo as malditas, e excomungadas ſeitas dos hereſiarcas Eutichiano, e Dioſcoro Alexandrino, e tinha mandado trazer de Alexandria Patriarca herege, ſendo ainda vivo D. Chriſtovaõ da Gama. E porque o elle não ſoubeſſe tinha-o poſto no Reino de Ambea, metido em hum Moſteiro que eſtava n'um grande lago de trinta leguas, onde o mandou levar aſſim depois que ſe vio deſaſſombrado dos Mouros. E como aquelle Patriarca era màо, e herege, vendo-ſe favorecido do Emperador, logo começou a tratar maldades contra o D. Joaõ Bermudes, pera o deſacreditar, e fazer aborrecido a todos. E pera iſto falou ſecretamente com huns Frades hereges, e os induzio a q̃ lançaſſem de noite em certa parte da caſa de Dom Joaõ Bermudes hum vaſo de ouro da Igreja, e achando-o ao outro dia menos começàraõ a fazer grandes eſtrondos publicamente, dizendo que D. Joaõ Bermudes o tomàra, e fizeraõ ainda mais, q̃ lhe foraõ dar de ſupito em caſa, achàraõ o vaſo na parte onde o elles tinhão poſto, do que ſe elle reſentio, e enfadou muito por entender a preverſidade de tão màgente, que foy a cauſa de não querer eſtar alli mais, nem ficar naquella terra. E hindo-ſe pera Tigare foy por todo aquelle caminho maldiçoando os lugares, e povoaçoens por onde paſſava, e dizia algumas vezes aos que o acompanhavaõ „ que via humas formigas negras deſ„ truir toda aquella terra, como defeito „ aconteceo. Porque dahi a muito pouco tempo entràraõ por ella huns Cafres muito barbaros chamados os Galas, e a deſtruiraõ de todo, como adiante ſe verà neſta Decada. Chegado o D. Joaõ Bermudes a Baroà, deixouſe alli ficar alguns annos eſperando embarcaçoens em que ſe pudeſſe paſſar à India: atè que ao porto de Daleca foraõ ter huns navios noſſos, de cujos Capitaens, ou em que tempo nos não ſouberaõ dar certa informaçaõ, e nelles ſe embarcou pera a India, e depois pera o Reino. E em Lisboa ſe apoſentou em S. Sebaſtiaõ da Pedreira, fóra da Cidade onde o nòs vimos. E alli viveo alguns annos, e ainda em tempo de ElRey Dom Sebaſtiaõ era vivo, e depois morreo com moſtras de muito grande Catholico, e ainda de ſantidade.

E toda via deſejando agora ElRey D. Joaõ o Terceiro de tornar a acender aquella Chriſtandade pera que de todo ſe não apagaſſe, ſupplicou ao Papa Julio III. que ao preſente governava a Igreja de Deos „ mandaſſe hum Patri„ arca, e dous Biſpos àquelle Imperio „ por cartas que tinha de novo daquelle „ Emperador, em que lhe ſignificava a „ grande vontade, e deſejo com que „ queria dar obediencia à Santa Igreja „ Romana: porque tornavaõ a apertar com elle os trabalhos, e guerras, que o faziaõ buſcar eſte ſoccorro, e remedio. Daqui tomou ElRey D. Joaõ motivo pera eſcrever ao ſeu Embaixador que tinha em Roma, que inſtaſſe muito ſobre aquelle negocio, e pediſſe ao Padre Ignacio de Loyola, viſta a importancia delle „ lhe dèſſe alguns Religioſos dou„ tos, e virtuoſos pera mandar àquelle „ Imperio.

Vendo o Summo Pontifice aquelle taõ ſanto zelo de ElRey D. Joaõ, quillo ſatisfazer, e tratàdo com o Padre Ignacio de Loyola, Fundador da Companhia de Jeſu ſobre aquella materia, elle lhe offereceo alguns Varoens eſcolhi-

dos pera as dignidades que pedia. E neſte Março de cincoenta e cinco andãdo o Papa Julio III. occupado neſta obra, veyo a falecer, e ſuccedeolhe na Cadeira de S. Pedro Marcello II. q̃ tambem faleceo no primeiro dia de Mayo ſeguinte. E por ſeu falecimento foy eleito Paulo IV. que aprovando por boa a tençaõ de ElRey Dom Joaõ, pedio ao Padre Ignacio lhe dèſſe os Religioſos ſobre que jà ſe falava, e elle lhe apreſentou pera Patriarca o Padre Joaõ Nunes Barreto Portuguez, que ja tinha andado em Africa, exercitando as obras de miſericordia no reſgate dos cativos, que era irmaõ do Padre Ignacio Nunes que eſtava por Reitor da Companhia da India, ambos Varoens de vida exemplar, e de muitas letras, e virtude. E pera Biſpos os Padres Belchior Carneiro Portuguez, e Andrè de Oviedo que entaõ eſtava por Reitor da Companhia em Napoles. E eſte ſagrou logo com titulo de Biſpo Hierapolitano, e ao Belchior Carneiro paſſou letras pera o ſagrarem na India, e lhe deu titulo de Biſpo Niceno, e a ambos paſſou letras em que os fazia Coadjutores, e futuros ſucceſſores do Patriarca. Eſtes Varões chegàraõ ao Reino acompanhados de outros Padres doutos, e virtuoſos, que o Padre Ignacio elegeo pera eſta Miſſaõ, e foy jà a tempo que eſtavaõ as nàos de verga dalto pera partirem pera a India. E porque não era poſſivel embarcarſe o Patriarca taõ depreſſa, ordenàraõ os Prelados da Companhia „ que foſſem „ alguns Religioſos naquella Armada „ pera paſſarem diante a Abaſſia a faze- „ rem a ſaber àquelle Emperador da „ eleição do Patriarca, e Biſpos, e de „ como ficavaõ no Reino pera ſe parti- „ rem nas nàos ſeguintes, e pera ſaberem „ o animo com que aquelle Emperador „ eſtava: porque quando o Patriarca „ chegaſſe ſoubeſſe o que havia de fa- „ zer.

E parece certo que tinha Deos noſſo Senhor poſtos os olhos nas couſas do Oriente, porque no meſmo tempo em que o Summo Pontifice eſtava occupado neſta obra do Patriarca da Abaſſia, chegàraõ àquella Cidade Simaõ Sulaca Biſpo de Caeremi Cidade cabeça da graõ Meſopotamia, e Mar Elias Biſpo de Ninive, e ſe lançàraõ aos pès do Vigario de Chriſto, e lhe deraõ a obediencia de Catholicos, por ſi, e por todos os ſeus ſubditos: porque atè entaõ ſeguiraõ os erros do falſo Neſtor, cuja cabeça era o Patriarca de Antioquia, que o Summo Pontifice recebeo com muita alegria, e contentamento, e ſagrou ao Simaõ Sulaca em Patriarca de Muſal, e ao Mar Elias em Biſpo de outro lugar ſeu ſuffraganeo. E elles deraõ a obediencia de Catholicos por ſi, e pelos mais Biſpos de ſuas jurdiçoens, e os deſpedio com grandes Breves Apoſtolicos. E no meſmo tempo ſagrou tambem a Mar Joſeph em Arcebiſpo de Ninive pera hir às terras do Malavar inſtruir aquelles Chriſtãos do Apoſtolo S. Thomè por ſerem governados por Mar Abrahaõ Arcebiſpo Neſtoriano, como todos os atraz foraõ, q̃ eraõ providos pelos Patriarcas de Babilonia, a quem tambem paſſou Breves Apoſtolicos, e com elle mandou o Biſpo D. Ambroſio Monte Celi ſeu Penitenciario, de caſta Italiano, Frade Dominico pera hir em companhia do Patriarca de Muſal, e dahi paſſar aos Georgianos a ver ſe os podia reduzir à obediencia da Igreja Romana.

Chegados eſtes Patriarcas, e Biſpos a Muſal, tomou o Patriarca poſſe, e ajuntou os Biſpos ſuffraganeos, e deraõ obediencia ao Papa. O que ſabido pelo Patriarca de Antioquia ſe paſſou a Babylonia, e alli ſe fez cabeça dos hereges Neſtorianos, ficando aquelle Patriarcado dividido em dous: mas o Catholico durou pouco, porque o matàraõ os Turcos, e preſumio-ſe que por ordem do Patriarca de Babylonia. E o Arcebiſpo de Ninive com o Biſpo D. Ambroſio, que ainda eſtavão com elle, tiveraõ tempo pera fogir aos hereges, e foraõ ter a Ormuz, e dalli à India eſte

veraõ

verão em que andamos, e por ordem do Governador Francisco Barreto passárão à Serra elle, e o Mar Joseph, e tomou posse daquelle Arcebispado, e depoz o Mar Abrahão com consentimento dos Christãos que o aceitàrão. E o D. Ambrosio depois de o deixar de posse daquella Christandade, se tornou pera Goa, e em S. Domingos leu a sagrada Theologia aos Religiosos daquella Ordem. E depois hindo-se embarcar a Còchim pera o Reino faleceo naquella Cidade, e jaz enterrado na casa de S. Domingos. Foy este homem douto nas Letras Divinas, e humanas, grande Mathematico, e Geografo: muito visto nas letras Gregas, e Caldeas. E antre os papeis que lhe ficàrão se achàrão algumas lembranças destas cousas que nos hum Religioso da Ordem de S. Domingos deu, de que nos aproveitamos pera estas informaçoens.

E jà que estamos com esta Christandade, e seus Bispos nas mãos, parece q̃ não será desproposito fazermos hum breve discurso de todas suas cousas atè darem obediẽcia à santa Sè Apostolica, posto que o mais proprio lugar dellas he a onzena Decada, pera onde guardamos a relaçaõ de tudo. E por isso não faremos aqui mais que tocar de passagem o substancial: porque se não chegarmos àquelle tempo, ou pela muita idade, ou pelo pouco gosto, da parte dos homens, e seus esquecimentos, com que procedemos neste negocio, ao menos ficarà jà aqui esta lembrança.

CAPITULO II.

De huma breve relaçaõ da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos. E de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India Dom Frey Aleixo de Menezes Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahão: e depois os foy visitar em pessoa. E dos grandes trabalhos que passou atè a reduzir ao gremio da Igreja Catholica. E do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusoens. E de outras cousas.

NO primeiro Capitulo do decimo livro da nossa quarta Decada, q̃ jà anda impressa, damos larga conta, e relação das partes por onde o Bemaventurado Apostolo S. Thomè andou prègando a nova Ley de seu Mestre Christo Jesu nosso Redemptor: e no fim desta setima se verà sua morte, e milagres. E neste Capitulo diremos brevemente de como se governou atègora aquella Igreja fundada por elle nos Reinos do Malavar, assim no espiritual, como no temporal. Passado o santo Apostolo da Ilha Sacotorà (como se verà em sua lenda) a estas partes da India, milagrosamente veyo aportar à costa do Malavar, e não se sabe em que porto: mas devia de ser em hum dos Reinos de Còchim, porque logo por elle começou a semear a semẽte da Ley Evangelica, ou fosse no Reino de Cranganor, ou no de Coulaõ, em que tinha ainda hoje Igrejas suas, vay pouco nisso: mas por ambos estes Reinos andou cõvertendo muitas almas à Ley de Christo, e nelles lhe acodiraõ, e o seguiraõ homens virtuosos, que elle aceitou por discipulos, e instruhio muy bem na Ley do santo Evangelho. E depois de ver o muito fruyto q̃ tinha feito por aquellas partes, tratando de passar a outros Reynos, sagrou os discipulos que lhe melhor parecèraõ em Bispos, e os deixou governando aquella Christandade, e elle se passou pera as partes de Tartaria, China, e outras, como temos dito no Capitulo primeiro do livro decimo da nossa quarta Decada, e por ellas andou convertendo grande numero de infieis, e idolatras atè se passar a Meliapor, onde foy morto, e onde cada dia resplandece com muitos milagres.

Os Bispos que deixou naquellas

partes do Malavar governando aquella Chriſtandade, fundàraõ Igrejas na Cidade de Cranganòr, e na de Coulaõ, que ainda hoje ſe vem nos meſmos lugares, e conſervaõ em muitas couſas ſua memoria, e antiguidade, e antre ellas em huns padroens, e em laminas de metal de terras, e rendas, que aquelles Reys concedèraõ pera a fabrica daquelles Templos, que nòs ainda achàmos na feitoria de Còchim, que andàraõ des do principio daquella fortaleza, por entrega da caſa, de feitor a feitor ha bem poucos annos. E querendo eu ſaber dellas, pera por obrigação do officio as recolhermos na torre do Tombo, como couſa taõ antiga, e tanto pera ſe guardar, e honrar, jà nos não ſouberaõ dar razaõ dellas, nem os Feitores que de là vem a ſabem dar. Em fim paſſados muitos tempos depois da morte do Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè, ſuſtentando-ſe aquella Chriſtandade na fé, e doutrina que lhe elle enſinou, fazendo o tempo mudança naquelles Reinos, como o tem feito em todas as Monarquias do mundo, atè a ellas hirem os mouros Arabios, ſeguidores da falſa doutrina, e ley de Mafamede, que ſe apoſentàraõ pelos portos maritimos de todo aquelle Malavar, como ainda hoje eſtaõ: parece que avexados delles os Chriſtãos, ſe recolhèraõ às ſerras, e matos daquelles Reinos, onde fundàraõ ſuas povoaçoens, e viveraõ naquella primeira doutrina atè lhe faltarem os Biſpos, e Sacerdotes della, que ſe mandàraõ ſoccorrer ao Patriarca de Babylonia, que era cabeça dos hereges Neſtorianos, que os proveraõ de hum Arcebiſpo Metropolitano, com titulo de Arcebiſpo do Indo, e de dous Biſpos ſuffraganeos, hũ com titulo de Biſpo de Sacappa, e o outro de Macina, que não ſabemos hoje onde ſejaõ, mais q̃ acharmo-los aſſim nomeados em ſuas eſcrituras: mas por conjecturas ſe preſume q̃ ſejaõ pera a parte do Cathayo, e China, por onde o glorioſo Santo andou fazendo grande converſaõ. E eſte nome de Arcebiſpo do Indo reteve atè a morte de Mar Abrahaõ, que (como no primeiro Capitulo diſſemos) foy ſagrado em Roma, e viveo atè os annos de 1597. ſeguindo ſempre os erros Neſtorianos, de que toda aquella Chriſtandade eſtava inſada: porque depois que foy governada por Arcebiſpos Armenios, que erão ſeguidores daquella falſa ſeyta, perdèraõ o lume da fé em que eſtavaõ doutrinados pelo Santo Apoſtolo, e miſturàraõ nella aquelles falſos, e diabolicos erros Neſtorianos, em q̃ aquelles Prelados os foraõ criando.

Em fim morto o Arcebiſpo Mar Abrabaõ, tendo-ſe jà havia muitos annos extinguidos os Biſpos ſuffraganeos de Sacappa, e de Macina, ſendo Summo Pontifice em Roma Clemente Oitavo, aviſado diſſo, paſſou dous Breves Apoſtolicos, hum feito a vinte e hum de Janeiro de noventa e ſete, e outro a vinte e ſete do meſmo mez de noventa e oito, em que mandava ao Arcebiſpo de Goa D. Frey Aleixo de Menezes „ que como Primaz da India Oriental manda„ſſe tomar poſſe daquella Igreja, e „ Arcebiſpado, e de toda aquella Chriſ„ tandade do glorioſo Apoſtolo S. Tho„ mè, e não conſentiſſe mais entrar nella „ Biſpo, nem Prelado Armenio, por „ ſerem todos hereges, e que criaſſe no „ dito Arcebiſpado Governador, e Vi„ gario Apoſtolico, pera o governar „ aſſim no eſpiritual, como no tempo„ ral, em quanto a Igreja Romana a não „ provia de Biſpos.

E porque falamos no temporal, he de ſaber, que os Prelados deſta Chriſtandade ſaõ Juizes no temporal dos Chriſtãos ſeus ſubditos: o que parece foy tambem dado em privilegio ao Bemaventurado S. Thomè Apoſtolo por aquelles antigos Reys Gentios, o que atè hoje ſe guarda infalivelmente, ſem nunca ſe quebrar.

Por virtude deſtes Breves, tratou logo o Arcebiſpo D. Frey Aleixo de Menezes com muita caridade do proveito eſpiritual daquelles proximos, e zelo

do

do ſerviço de Deos noſſo Senhor. E porque tambem lhe ficava em obrigaçaõ como Primaz da India, por aquella Igreja não ter Cabido a quem pertenceſſe o governo della, no tempo da Sè vagante, e elle ſer Metropolitano de todas as Igrejas da India, determinou mãdar prover niſſo, como fez, pera tornar a ſometer, e ſogeitar aquella Igreja à obediencia da Romana: o que tratàraõ as peſſoas que a iſſo enviou, por todos os modos que lhe parecèraõ neceſſarios. Mas como todos aquelles Sacerdotes Chriſtãos eſtavaõ entregues àquellas diabolicas, e abominaveis hereſias do Hereſiarca Neſtor, não quizeraõ obedecer aos rogos, e perſuaçoens que ſobre iſſo lhe fizeraõ: do que o Arcebiſpo D. Frey Aleixo de Menezes ſentio graviſſima dor, e grande deſconſolaçaõ, e todavia não deſiſtio de obra taõ ſanta, e de taõ grande obrigaçaõ ſua: antes por eſpaço de dous annos foy continuando por ſeus Miniſtros naquelle negocio, em que todos faziaõ pouco, ou nenhum fruyto, antes achavaõ a todos cada vez mais endurecidos.

Pelo que commovido o Arcebiſpo de piedade de ver tantas mil almas, que do tempo do Apoſtolo S. Thomè ſe conſervavaõ na Fè de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, no meyo de tanta gentilidade, e eſpalhadas por taõ diverſas partes: rodeadas de tantos idolos, e pagodes, em que o demonio era cada hora tantas vezes venerado, e ſogeitas ſuas Igrejas, e Templos a tantos, e taõ diverſos Reys todos idolatras: ſem poderem ter communicaçaõ com outros Chriſtãos atè os Portuguezes entrarem com ſuas Armadas neſte Oriente, onde começàraõ a povoar Cidades, e fundar fortalezas. E vendo quanto eſte negocio era de ſerviço de Deos, depois de lho mandar encomendar por todas as Religioens, determinou de elle em peſſoa viſitar aquella Chriſtandade, pera ver ſe com ſua preſença os podia obrigar, moderar, e trazer à obediencia da Santa Igreja Romana, com taõ grande zelo deſta obra, que lhe não deixava tempo, nem lugar pera ver os grandes trabalhos, riſcos, e perigos a que com ella ſe offerecia, e aſſim poz logo em effeito ſua ſanta determinaçaõ, provendo ſua Igreja de Governador, pera em ſua auſencia a ficar governando. E no principio do anno de noventa e nove ſe embarcou pera Còchim, acompanhado de muitos Clerigos, Conegos, e outros Sacerdotes, e de criados, e doutra mais gente neceſſaria ao ſerviço de ſua peſſoa, e dignidade. Chegando àquella Cidade foy muy bem recebido, e depois q̃ tomou ſuas informaçõeſ ſe partio pera as ſerras onde os Chriſtãos viviaõ, acompanhado de muitos moradores daquella Cidade.

Entrando o Arcebiſpo D. Frey Aleixo de Menezes naquella Chriſtandade, começou logo a viſitar as Igrejas, e Prelados dellas, em quem achou muito grandes difficuldades, pelas larguezas, e ſimonias com que viviaõ, offerecendoſe-lhe tantos trabalhos, e riſcos de ſua peſſoa, que por muitas vezes eſteve perdido: mas como a obra, a que hia era taõ ſanta, favoreceo-o noſſo Senhor nella de maneira, que ſe livrou de todos com muita prudencia, e ſofrimento, e de muitas conjuraçoens que contra elle fizeraõ, levando àvante ſeu intento cõ as eſperanças em Deos noſſo Senhor, por cujo reſpeito eſtava offerecido a tudo que lhe aconteceſſe, que houve por bem, e foy ſervido, pelos merecimentos do ſeu Santo Apoſtolo Thomè, de ſahir, e levar ao cabo o que tanto deſejava. E aſſim com muita clemencia, e bondade quietou todos os tumultos que contra elle ſe levantàraõ, e por fim de muitas admoeſtaçoens, oraçoens, e prègaçoens, q̃ fez por todas ſuas Igrejas, os trouxe à luz da verdade, e à confiſſaõ da ſanta Fè Catholica, dando todos os Sacerdotes, como cabeças, e todos os mais ſubditos, obediencia à Santa Igreja Romana: o que o Arcebiſpo feſtejou muito no intimo de ſeu coraçaõ com grandes alegrias, e louvores a

Deos

Deos noſſo Senhor, cuja a obra era.

Finalmente vendo o Arcebiſpo que tinha alcançado o fim taõ deſejado de ſeus trabalhos, tratou de ajuntar Synodo Dieceſano em alguma parte mais accommodada daquella Chriſtandade: aſſim pera mais a confirmar na Fè Catholica, como pera nella plantar de novo os ſantos, e bons coſtumes da Igreja Romana, e extirpar tantas abominaçoens, vicios, e hereſias como antre elles havia, e pera reformação de ſua vida, e bons coſtumes. E aſſentou que ſe fizeſſe eſte ajuntamento na Igreja de Diamper, o que fez logo a ſaber à Cidade de Còchim, e ao Capitaõ della D. Antonio de Noronha, que aſſentou cõ os Vereadores, e muitos moradores, de ſe acharem preſentes a taõ boa, e ſanta obra pera onde logo partiraõ com grande alvoroço, por verem recolher na manada de Chriſto ovelhas taõ bravias, e monteſinhas.

Tanto que o Arcebiſpo Dom Frey Aleixo de Menezes ſe diſpoz pera iſto, fez logo chamamento de todos os Sacerdotes, e peſſoas principaes que havia naquelle Arcebiſpado, fazendolhes a ſaber por ſuas cartas, que havia de começar o Synodo a vinte dias de Junho, em que cahia a terceira Dominga depois da feſta do Pentecoſte: aõ que todos logo acodiraõ com grande alvoroço. E no tempo determinado ſe ajuntàraõ naquelle lugar de Diamper as peſſoas ſeguintes.

Prelados, e Sacerdotes, cento cincoenta e tres, a fóra Diàconos, e Subdiàconos, e outros Procuradores dos povos, com outras peſſoas principaes, ſeiſcentos e ſeſſenta, a fóra todo o povo do lugar de Diamper, e doutros vizinhos, e cinco Religioſos da Companhia Theologos, e doutos na lingua Malavar, e dous delles na Caldea, e Aſſiria, Frey Braz de Santa Maria da Ordem de Santo Agoſtinho, Theologo, e Confeſſor do meſmo Arcebiſpo, com outros Conegos da Sè de Goa, Clerigos ſeus criados, e outros Religioſos que foraõ em companhia do meſmo Arcebiſpo, e o Capitaõ de Còchim, Cidade, e alguns moradores. O Synodo ſe havia de celebrar na Igreja da Vocaçaõ de todos os Santos. Depois do Arcebiſpo fazer ſuas preparações, e admoeſtações, e tomar ſuas informaçoens, entrou na materia do Synodo, na primeira acçaõ, que continha cinco Decretos, todos de preparaçoens, e admoeſtaçoens pera atalhar alguns incovenientes, e aſſim foy proſeguindo nas acçoens, de que daremos breve relaçaõ.

A ſegunda foy de dous Decretos, em que todos os preſentes fizeraõ profiſſaõ, e Proteſtaçaõ da Santa Fè Catholica, tomandolhes o Arcebiſpo a todos juramento da Fè, dando a obediencia ao Papa em ſuas mãos.

A terceira de vinte e dous Decretos. O primeiro continha quatorze Capitulos de couſas pertencentes à doutrina da Fè Catholica, e todos os mais pera deſterrar as abuſoens, ritos Neſtorianos, e màos coſtumes daquella Chriſtandade, e pera emendar, e alimpar as Eſcrituras, Miſſaes, e Breviarios, que andavaõ falſificados com muitos erros, e hereſias miſturadas, e as principaes verdades Catholicas tiradas, e ſe deu ordem pera ſe rezar o Officio Divino a ſeu modo, conformando-ſe com o Breviario Romano, e pera ſe deſterrarem dos ſeus livros, e Catalogos muitos hereges de quem elles rezavaõ por Santos, com outras couſas em grande bem daquella Chriſtandade.

A quarta acçaõ continha vinte e tres Decretos ſobre os Sacramentos do Bautiſmo, e Confirmação, de que atè então não havia uſo, e no Bautiſmo andavaõ muito deſviados da Sãta Igreja Catholica, e miſturados infinitos erros, hereſias, e deſordens intoleraveis, e abominaçoens muy prejudiciaes, que tudo ſe emendou, reformou, e alimpou de infinitas hereſias Neſtorianas.

A quinta acção continha nove Decretos de doutrina do ſanto Sacramento da Eucariſtia, e do modo que ſe havia

de

de dar aos Christãos: porque tudo andava corrupto, e inficionado de muitas heresias: com mais quinze Decretos sobre o santo Sacrificio da Missa, em que catholicamente se tiràraõ mil abusões, e erros, que naquella Igreja se usavaõ.

A sexta acção era de quinze Decretos, que continhaõ a doutrina do Sacramento da Penitencia que tiràraõ, e degradàraõ infinitos erros que nelle havia, e se declarou, e ensinou o modo q̃ se havia de ter conforme à Igreja Catholica: porque se não usava deste Sacramento em quasi todo este Arcebispado, antes era aborrecido nelle. Com mais tres Decretos da doutrina do Sacramento da Extrema-Uncção, de que antre aquelles Christãos atè entaõ não havia conhecimento, nem se sabia o effeito, e efficacia, e instituição delle, pela falta de Ministros Catholicos; em que se dava ordem de como se haviaõ de usar, e se dava a conhecer sua virtude, e effeitos.

A setima acçaõ era de vinte e tres Decretos que continhaõ o Sacramento da Ordem Sacerdotal, em que muy doutamente se tiràraõ as abusoens, que naquelle Arcebispado se usavaõ, torpezas, e ritos dos seus Sacerdotes, e desterràraõ as manifestas simonias que antre todos corriaõ. E se mandou trasladar os Breviarios, e livros de rezar ao modo da Igreja Catholica em lingua Surana, e acrescentarlhe o Symbolo de Santo Athanasio, e tirar delles infinitas heresias que andavaõ em uso. E ordenou o Arcebispo Fregueſias com seus Parocos. E porque lhe tirou as simonias de que aquelles Sacerdotes se sustentavaõ, pedio o Synodo a ElRey nosso Senhor, que mandasse prover aquelles Vigarios, como faz a todos os da India, e lhes ordenasse mil e quinhentos cruzados cada anno, pera se repartirem por todos. E o Arcebispo D. Frey Aleixo de Menezes se offereceo, e se obrigou por sua vontade aos prover de suas rendas em quanto ElRey o não fazia, como fez em quanto foy o recado ao Reino: com que ElRey D. Filippe nosso Senhor, como muito Catholico, e Christianissimo Principe, logo como o soube lhes ordenou dous mil cruzados, cobrados na Alfandega de Dio, que lhes saõ muy bem pagos. Assim mais pedio o Synodo a ElRey, que mandasse prover aquellas Igrejas de vinho pera se dizerem as Missas, o q̃ elle com o mesmo zelo mandou que lhes dèssem duas pipas delle cada anno, e em quanto este recado tardou os proveo o Arcebispo cada anno de sua casa com pipa, e mea. Continha mais esta setima acçaõ dezaseis Decretos de doutrina sobre o Sacramento do Matrimonio, de que atè entaõ usavaõ muy desviados da Igreja Catholica, destruindo mil abominaçoens, de que por todo aquelle Arcebispado se usava, e reformou, e emendou outros infinitos erros, que atè entaõ estavaõ introduzidos.

A oitava acçaõ continha quarenta e hum Decretos de reformaçaõ das cousas daquella Igreja, e do uso dos santos Oleos, pedras de Ara, Calices, e outras cousas do que atè entaõ não usavaõ, e hum Catalogo de todos os dias de festa, que a Igreja celebra, e outras muitas cousas necessarias, e importantes.

A nona, e derradeira acçaõ continha vinte e cinco Decretos, todos de reformaçaõ daquella Christandade, em que lhes dava muito bom modo de viver, e lhes tirou infinitos erros, e abusoens: ensinandolhes muito santos, e bons costumes pera se poderem governar. Este Synodo se celebrou, e acabou com muita quietaçaõ, e aplauso de toda aquella Christandade, e o Arcebispo deu ordem pera se trasladar em lingua Assyria, e Caldea, e se repartir pelos Prelados de todo aquelle Arcebispado. E ordenou o Padre Francisco Roz da Companhia, por saber bem estas linguas, pera ficar administrando todo aquelle Arcebispado, e mandou depois ao Summo Pontifice o Synodo, pera que visse o modo que se tivera na reformaçaõ daquella Christandade, que com entra-

entranhas de pay, e bom, e verdadeiro Paſtor o feſtejou com muitas graças, e louvores que deu ao Altiſſimõ Deos, e proveo ao Padre Franciſco Roz em Biſpo daquella Chriſtandade, fazendo-o ſuffraganeo ao Arcebiſpado Metropoli de Goa, q̃ hoje eſtà de poſſe, fazendo muitos ſerviços a noſſo Senhor, e grande fruyto por toda aquella Chriſtandade.

E porque ſe veja quanto aprouve a Divina Mageſtade eſte Synodo, ſerà bem que não paſſemos por hum caſo que nelle aconteceo muito milagroſo, e foy eſte. O dia que ſe acabou o Synodo ordenou o Arcebiſpo D. Frey Aleixo de Menezes huma Prociſſaõ, em que dèſſem todos graças a Deos noſſo Senhor pela mercè que lhes fizera em deixar acabar aquella obra tanto em ſeu ſerviço, como foy trazer aquelles povos à luz da verdade. E eſtando a Prociſſaõ ordenada dentro na Igreja, eſperando que dèſſe o tempo algum jazigo pera poder ſahir pera fóra, porq̃ havia tres dias que chovia ſem ceſſar, por ſer na força do inverno, e neſte dia mais que nos outros, parecia que ſe tinhaõ abertas as cataratas do Ceo, com o que todos eſtavaõ parados, e ſe recolhèraõ por onde pudèraõ, por não caberem na Igreja. O Arcebiſpo veſtido em Pontifical eſteve nos degraos do Altar muito eſpaço eſperando que ceſſaſſe alguma couſa aquelle diluvio de agua, e vẽdo que todavia hia por diante com tanta braveza, que começàraõ aquelles tenros Chriſtãos (que ſaõ muy dados a agouros, e prognoſticos) a resfriar daquelle alvoroço. E o que era ainda peyor, que alguns que ainda não eſtavaõ bem nas couſas da fé, diſſeraõ a outros, que ſeriaõ taõ fracos como elles, q̃ aquella obra não era de Deos, pois elle naõ dava tempo pera ſe poder fazer a Prociſſaõ. E ou o Arcebiſpo foſſe aviſado diſſo, ou o ſoſpeitaſſe quaſi agaſtado contra todos, mandou que ſahiſſe a Cruz fóra da Igreja, e que ſe proſeguiſſe a Prociſſaõ, havendo que era menos inconveniente molharem-ſe todos, que ficar aquelle agouro nos coraçoens de alguns fracos. E dando o receado ao que levava a Cruz, foy pera ſahir, e não ſe atreveo com a grande força da agua que chovia. O que viſto pelo Arcebiſpo, do lugar donde eſtava brãdou que ſahiſſe, que ſahiſſe a Cruz, como logo fez. Em ſahindo fóra da porta da Igreja, e em ſe levantando em alto, couſa maravilhoſa, ſupitamente ceſſou a chuva, e ficou o ar taõ claro, ſereno, e bem aſſombrado, que não ſe vio no meyo do veraõ outro mais alegre dia, com que a Prociſſaõ ſe proſeguio, e acabou com grandes louvores de Deos noſſo Senhor. Os que dantes eſtavaõ com aquellas duvidas, vendo tão claro milagre, lançàraõ de ſi todas fóra, e levàraõ eſtas novas a ſeus povos, ficando toda aquella Chriſtandade cõfirmada na verdade do que o Arcebiſpo lhe tinha enſinado no Synodo, e na obediencia que todos tinhaõ dado à Santa Igreja Romana.

Outro caſo aconteceo tambem de não menos admiração. Eſte foy que em quanto durou o Synodo, como o Arcebiſpo no principio delle tinha mandado, q̃ todos os que quizeſſem diſputar das couſas da fé, pôr duvida, ou falar nas que ſe decretavaõ, o pudeſſem fazer livremente, e vir com ſuas duvidas publicamente à congregação de todos, onde lhes elle ſatisfaria: induzidos alguns pelo demonio, e afferrados ainda a ſeus erros, e com o odio que tinhaõ à Sãta Igreja Romana, ſe ajuntàraõ fóra, e dadas as mãos pera ſe unirem neſte mal que queriaõ fazer, em virem encontrar o que ſe decretava, e baralharem a congregaçaõ, e entrando com eſtes intentos na Igreja, tanto que chegavaõ ao Arcebiſpo, que eſtava veſtido em Pontifical, ficavaõ como mudos, e tolhiaõ-ſelhes os pès, e as mãos, ſem poderem bullir comſigo, nem ainda falar, e aſſim ſe tornavaõ pera fóra, e là pelejavaõ huns com os outros, e ſe reprendiaõ de cobardes, acanhados, e pera pouco: pois

ſe

ſe ſahiaõ fóra ſem porem por obra a determinaçaõ que levavaõ. E tornandoſe a ratificar em ſeus danados intentos, entravaõ outra vez de novo na Igreja onde lhes acontecia o meſmo q̃ da primeira: andando neſtes propoſitos tres dias continuos, que gaſtàraõ em entrar, e ſahir, ſem fazerem couſa alguma do a que hiaõ: atè q̃ convencidos interiormente de ſeus proprios males, confeſſáraõ ſua culpa, e pedindo perdaõ della ſe reduziraõ, e deraõ obediencia à Santa Igreja Romana, e ao Arcebiſpo em ſeu nome. Acabado o Synodo, foy o Arcebiſpo Dom Frey Aleixo de Menezes viſitar todas as Igrejas daquella Chriſtandade, fazendo dar à execuçaõ todas as couſas que no Synodo ſe determinàraõ, e deixando tudo poſto em ordem, ſe tornou pera Còchim, e dahi pera Goa.

CAPITULO III.

De como ElRey D. Joaõ eſte anno de cincoenta e quatro elegeo pera Viſorey da India a D. Pedro Maſcarenhas: e da Armada com que partio: e do que ſuccedeo na viagem atè chegar à Cidade de Goa. Anno 1554.

HAvendo quatro annos que D. Affonſo de Noronha eſtava na India, deſejou ElRey de o mandar vir, e prover naquelle lugar de hum Fidalgo a que todos tiveſſem muito grande reſpeito, e que foſſe muito rico: porque trataſſe mais do que compria ao bem daquelle Eſtado, que ao ſeu particular, e que tambem não tiveſſe filhos, porque a governança da India não andaſſe de pormeyo. Eſta era a razaõ, porque o Senado de Roma não conſentia elegerem-ſe legados pera andarem nos exercitos com os Conſules que foſſem ſeus parentes, porque o haviaõ por grande prejuizo. E huma das couſas que ſe deve louvar mais naquelle grande governo do Imperio da China: he que nas eleiçoens que fazem dos Officiaes da juſtiça, e fazenda pera todas as Provincias, nunca elegem ſe não peſſoas de huma pera outra muy diſtantes, e onde não tenhão parentes, nem amigos: porque aſſim poſſaõ governar mais livremente ſem haver quem lhes faça fazer deſordens. Aſſim querendo ElRey eleger pera eſte Imperio Oriental, taõ apartado delle, huma peſſoa livre, e deſintereſſada: não achou por entaõ outra que o foſſe mais que Dom Pedro Maſcarenhas, que elle tinha dado por Mordomo mòr do Principe D. Joaõ ſeu filho (que era falecido no principio deſte anno de cincoenta e quatro em que andamos, em idade de dezaſeis annos) e cometendo-o pera iſſo ſe lhe eſcuſou com dizer „ que era de mais de „ ſetenta annos, e que não tinha jà forças, nem diſpoſição pera os trabalhos „ de taõ comprida viagem, como era a „ da India, e que tambem não ſe atrevia a mandar, e governar gente taõ „ livre, e voluntaria como nella havia. E por muitas vezes q̃ lhe ElRey niſſo falou, ſempre lhe pedio de mercè que o eſcuſaſſe. Mas ElRey pelo que lhe relevava (que era ſervirſe delle eſſes poucos annos que viveſſe, por ſua muita prudencia, authoridade, e mais partes neceſſarias pera quem ha de governar a India, ou pelo que outros diziaõ, que deſejavaõ de o lançar fóra do Reino alguns privados pela ſombra que lhe elle fazia, e pelo muito reſpeito que lhe ElRey tinha) não deſiſtio do negocio, antes lhe lançou o Infante D. Luiz, que era muito grande ſeu amigo, e a quem o D. Pedro tinha muito grande reſpeito, que pelo goſto que ſentio a ElRey, apertou com D. Pedro muitas vezes, ſem o poder render àquelle negocio, atè que o Infante concluhio com lhe dizer „ que hum delles havia de hir à „ India, que ſe elle ſe não quizeſſe embarcar, que elle o faria, porque aſſim „ o tinha prometido a ElRey ſeu Senhor, e irmaõ. Vendo D. Pedro Maſcarenhas a grande obrigaçaõ em que o Infante

Infante o punha, lhe diſſe „ que antes „ elle queria tomar ſobre ſi aquelles tra- „ balhos, e hir acabar por eſſe mar, que „ não inquietarſe S. A.

Dada eſta palavra, mandou ElRey a D. Pedro Maſcarenhas que fizeſſe ſeus apontamentos, como fez, e lhe concedeo tudo, porque o menos que pedio foy pera ſi, que foy „ que os oito mil „ cruzados de ordenado, que os Viſo- „ reys tinhaõ na pimenta da caſa da In- „ dia, ſe pagaſſe delles em Goa: porque „ elle não havia miſter couſa alguma no „ Reino, que tinha muita renda, e não „ queria poupar nada na India, ſe naõ „ gaſtar tudo em ſerviço de S. A. E aſ- ſim lhe concedeo proviſaõ „ pera que „ todos os Fidalgos, e moradores da „ caſa de ElRey que ſe embarcaſſem na „ ſua Armada, venceſſem ſoldo, e mora- „ dia em quanto andaſſem na India. E affirma-ſe que algumas vezes pedira de mercè a ElRey „ que lhe diſſeſſe a peſ- „ ſoa q̃ lhe havia de ſucceder na gover- „ nança, ſe Deos fizeſſe delle algũa cou- „ ſa na India, e que atè niſſo o quizera „ ſatisfazer, e lho diſſera: mas o mais certo he q̃ ſempre ſe eſcuſou diſſo: to- davia ao tempo que o deſpedio lhe diſſe „ que tiveſſe muita conta com Franciſ- „ co Barreto, porq̃ tinha grande ſatis- „ façaõ de ſeus ſerviços: no que clara- mente lhe deu a entender que lhe ſuc- cedia. Só o cargo de Capitaõ mòr do mar da India, que lhe pedio pera Fernaõ Martins Freire ſeu ſobrinho, filho de ſua irmãa (ſobre quem elle queria deſ- carregar a mòr parte dos trabalhos do governo) ſe lhe não concedeo, porque houve no conſelho ſobre aquelle nego- cio differentes pareceres: mas deulhe por regimento „ que puzeſſe na India „ em conſelho de Capitaens velhos, ſe „ era neceſſario aquelle cargo, e que aſ- „ ſentãdo-ſe que ſi, o proveſſe em quem „ lhe pareceſſe.

Deſpachadas as couſas da India, e as nàos, foy ElRey em peſſoa fazellas à vela, e o Infante D. Luiz levou o Viſo- rey D. Pedro Maſcarenhas atè o meter dentro na nào, e fez-ſe à vela por fim de Março deſte anno de cincoenta e qua- tro. A Armada era de ſeis nàos muito fermoſas: ſaõ Boaventura em que o Vi- ſorey hia. A Conceiçaõ de que era Ca- pitaõ Manoel de Caſtanhoſo. De San- ta Cruz, Belchior de Souſa, da compa- nhia de Fernaõ de Alvares Cabral, do anno paſſado, que tinha arribado ao Reino. A nào Eſpadarte, de que era Capitaõ Fernaõ Gomes de Souſa, que hia deſpachado com a Capitanìa de Còchim. Da nào Framenga era D. Ma- noel Tello, que levava a Capitanìa de Dio. E da outra nào era Capitaõ Fran- ciſco de Gouvea. Èmbarcàraõ-ſe neſta Armada dous mil homens de armas, em que entravaõ mais de quatrocentos mo- radores da caſa de ElRey, antre Fidal- gos, e de todos os outros foros.

Os Fidalgos conhecidos ſaõ os ſe- guintes: Fernaõ Martins Freire, Dom Franciſco Maſcarenhas, filho do Ca- pitaõ dos Ginetes, ſobrinho do meſmo Viſorey, o que depois foy Conde de Santa Cruz, e Viſorey da India. Dom Pedro Maſcarenhas irmaõ de D. Joaõ Maſcarenhas, que ſuſtentou o ſegundo cerco de Dio. Ruy Barreto Maſcare- nhas de Ludo, D. Rodrigo Coutinho de Montemor o Novo, filho de D. Gon- çalo Coutinho, o que os Mouros matà- raõ no Bori, como no fim da quarta Decada livro decimo Capitulo tercei- ro fica dito. Joaõ Lopes Leitaõ, Lou- renço de Souſa, filho de Alvaro de Sou- ſa de Aveiro, Chriſtovaõ Pereira Ho- mem, D. Joaõ Bèllez, primo de ElRey de Bèllez, que ſe fez Chriſtaõ, e ficou em Lisboa, quando aquelle Rey veyo pedir ſoccorro pera cobrar ſeu Reino. Eſte D. Joaõ caſou depois na India cõ huma parenta dos Reys, ou dos Guaziz de Ormuz. D. Antonio de Noronha, de alcunha o Catarraz, que depois foy Viſorey da India, que trouxe mil cru- zados de ordenado cada anno pera ſeu entretimento.

Partidas as nàos, foraõ ſeguindo ſua derrota, em que todas tiveraõ muitos con-

contraſtes, e por fim tomàraõ differentes portos. A nào Framenga, de que era Capitaõ D. Manoel Tello, arribou ao Reino deſtroçada. A Eſpadarte foy muito tarde tomar Mombaça, e dahi paſſou a invernar a Ormuz. As nàos Santa Cruz, e Conceiçaõ tomàraõ por fóra da Ilha de S. Lourenço, e foraõ tomar Còchim entrada de Novembro. A nào S. Franciſco chegou tarde a Moçambique, e ficou alli invernando: ſó o Viſorey, q̃ levava melhores Officiaes, paſſou o Cabo de boa Eſperança cedo, e chegou a Moçambique entrada de Agoſto, e fazendo ſua aguada, e tomando provimentos, ſe partio pera Goa, e ſurgio na barra a vinte e tres de Setembro, onde foy viſitado da Cidade, e Fidalgos, e logo deſembarcou, e ſe foy pera Goa, ſem querer aguardar que lhe fizeſſem recebimentos, por vir anojado pelo falecimento do Principe D. Joaõ, e o Viſorey D. Affonſo de Noronha lhe entregou a India, e ſe foy logo pera Pangim negociar ſua embarcaçaõ. Simaõ Botelho Veador da fazenda acodio logo a deſcarregar a nào do Viſorey, e a recolher o cofre do cabedal, e mandou que ſe tiraſſe logo o cofre que vinha no poraõ, tendo a nào ainda toda a carga dentro em ſi, e deſcuidandoſe os Officiaes de lhe meterem outro laſtro, deulhe hum dia hum tempo rijo, e achando-a deſalaſtrada, e com o pezo todo em cima a virou logo, e a aſſoçobrou, e acodindolhe o Veador da fazenda com todos os Officiaes, jà lhe não pudèraõ valer, o que ſentio tanto, que ſe foy meter Frade em S. Domingos, onde viveo alguns annos Sacerdote, e morreo religioſamente. O Viſorey D. Pedro Maſcarenhas apoſentouſe nas caſas do Sabayo, o antigo apoſento dos Governadores, e porque eraõ de dous ſobrados, e de muy compridas eſcadas, e elle era velho, e muito magro, davaõlhe muito trabalho: pelo que mandou negociar as caſas da fortaleza, em que os Capitaens ſe coſtumavaõ agaſalhar, e paſſouſe pera ellas, e foy o primeiro Viſorey que alli ſe apoſentou, e depois o fizeraõ todos: porque na verdade he apoſento mais proprio pera os que governarem, por eſtar ſobre o caes, e nada pòde entrar pelo rio acima que elles naõ vejaõ. Eſte anno caſou o noſſo Catholico Rey D. Filippe com a Rainha Maria de Inglaterra: com cujo caſamento ſe eſperava a total reparação das couſas da Fé naquelle Reino.

CAPITULO IV.

De como os Capitaens de Baçaim, e Chàul ajuntàraõ navios, e ſe foraõ lançar ſobre a barra de Surrate, ſabendo eſtarem dentro as galez. E de como o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas mandou ſeu ſobrinho Fernaõ Martins Freire com huma Armada àquelle negocio, e dos tratos que teve com Caracem Capitaõ de Surrate. E de como ſe aſſentou cerrarem ſe as galez. E da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.

REcolhidas as galez a Surrate, e tomada a barra pelas caravelas, como no fim da Sexta Decada no Capitulo ultimo do decimo livro fica dito: logo corrèraõ as novas a Baçaim, e Chàul, onde eſtavaõ por Capitaens Franciſco de Sà dos Oculos, e Joaõ de Mendoça Cação, que com muita preſſa armàraõ dez navios de remo cada hum, embarcando-ſe nelles com muita gente, e muniçoens deraõ à vela pera Surrate, em cuja barra achàraõ as caravelas, e ſurgiraõ todos nos poços, onde ſe deixàraõ eſtar atè lhes vir recado do Viſorey, a quem eſcrevèraõ de ſua jornada. O navio que D. Fernando de Menezes deſpedio a Maſcate com as novas da vitoria chegou a Goa huma noite, juntamente com as das galez ſerem recolhidas a Surrate, e dando-ſe as novas a D. Affonſo de Noronha, que eſtava na cama, ſaltou fóra della em camiſa com tamanho alvoroço, que como doudo aſſim mal compoſto ſahio fóra à ſala,

onde jà havia muitos Fidalgos, parentes, e amigos que com elle eſtavaõ em Pangim, e vendo-o os criados daquella maneira, chegàraõ a elle, e lhe pediraõ que ſe recolheſſe, e ainda apegàraõ delle pera o levarem: mas o bom velho que eſtava como dezaſſiſado com as novas do filho, por ſerem taõ boas, reſiſtio a todos dizendo „ que o deixaſſem, ainda „ que eſtiveſſe pouco honeſto, e todavia tomou hum roupaõ que lhe trouxèraõ, e aſſim em pè eſteve perguntando ao Capitaõ do navio muito particularmente pela batalha, porque o filho nas cartas ſe reportava a elle. E depois que ſoube tudo o mandou ao Viſorey, que jà eſtava recolhido, e dandolhe a nova a recebeo com muito alvoroço, e fez mercè ao Capitaõ do navio, mandando logo que ſe repicaſſem todos os ſinos da Cidade, por onde ſe eſpalhàraõ taõ boas novas. Ao outro dia pela manhãa foy o Viſorey a Pangim a viſitar D. Affonſo de Noronha, e darlhe os parabens da vitoria do filho.

Paſſado eſte alvoroço, aſſentou o Viſorey de mandar logo huma Armada a Surrate, pera o que fez preparar trinta navios de remo, e dous galeoens. E porque deſejava de fazer ſeu ſobrinho Fernaõ Martins Freire Capitaõ mòr do mar da India, ajuntou todos os Capitaens do conſelho, e ſem lhes declarar eſta ſua tenção, lhes moſtrou o Capitulo do regimento de ElRey ſobre aquelle negocio, como no primeiro Capitulo diſſemos, e como os mais dos que alli eſtavaõ eraõ de tanta authoridade, que qualquer delles lhes parecia lhe cabia aquelle lugar, votàraõ ſobre o caſo, e concordàraõ „ ſer muito neceſſario ha- „ ver aquelle cargo, apontando pera iſſo muitas razoens. E ſendo todos cõformes, mandou o Viſorey fazer hum auto pelo Secretario em que todos ſe aſſinàraõ.

Feito iſto, logo alli nomeou pera aquelle cargo ſeu ſobrinho Fernaõ Martins Freire, o que tomàraõ todos muito mal: porque aquelle Fidalgo era Reinol, criado ſempre em Corte, e nunca curſára a milicia: mas calàraõ-ſe, porque não podiaõ fazer outra couſa. Nomeado o Capitaõ mòr do mar, começou logo a correr com a Armada, a que deu tanta preſſa, que quando foraõ dez de Outubro, ſahio pela barra fóra com todos os navios, de que eraõ Capitaens D. Franciſco Maſcarenhas, D. Diogo Lobo, Gaſpar de Mello, Ruy de Mello da Camara, Pero Barreto, e Jeronymo Barreto Rolim, ambos irmãos, e primos de Franciſco Barreto que foy Governador da India, Fernaõ Peres de Andrade, Baſtiaõ Machado, Andrè Pereira, Manoel Travaços, Jeronymo de Meſquita, Joaõ de Souſa, Ruy de Mello Pereira, Vicente Bello, Heytor Nunes de Goes, Antonio Ribeiro, Antonio de Siqueira, Barnabè de Sà, Affõſo Pereira de Lacerda, Heytor de Mello Perreira, Franciſco de Mello Pereira, Chriſtovaõ de Mendoça, Diogo de Mendoça, Franciſco Sodrè, Gemez Barreto em hum galeaõ, Pero Rodrigues Barriga Feitor da Armada em outro, carregados ambos de provimentos, e muniçoens pera a Armada. Deu o Viſorey por regimento ao Capitaõ mòr „ que ſe não ſahiſſe de „ ſobre a barra de Surrate, atè lhe en- „ tregarem todas as galez, e que tanto „ que là chegaſſe deſpediſſe os Capitães „ de Baçaim, e Chàul pera ſuas fortale- „ zas, e que ficaſſem com elle todos os „ navios que là tinhaõ, e lhes eſcreveo „ cartas de agradecimentos pela preſ- „ teza com que acodiraõ ao ſerviço de „ ElRey. O Capitaõ mòr foy em breves dias ſurgir ſobre a barra de Surrate, onde achou aquellas Armadas, e os Capitaens de Baçaim, e Chàul o viſitàraõ: vendo as cartas do Viſorey q̃ lhes elle deu, lhe entregàraõ logo todos os navios que tinhaõ, e cada hum em ſeu navio ſe foraõ pera ſuas fortalezas.

Caracem Capitaõ de Surrate (que era genro de Coge Çofar) tanto que ſoube ſer o Capitaõ mòr do mar da India naquella barra, logo o mandou viſitar, e

fazer

fazer muitos comprimentos, que elle agradeceo, e em companhia do que lhe levou o recado, enviou hum homem que elle pera isso elegeo, por quem lhe mandou pedir da parte do Visorey da India „ lhe mandasse entregar as galez, e os „ Turcos que dentro estavaõ, por se„ rem imigos dos Portuguezes: por„ que pelos contratos das pazes os não „ podia recolher em nenhum dos seus „ portos, e que não quizesse que che„ gassem as cousas a rompimento, por„ que o Visorey vinha muito apostado „ a correr com elle em muita amisade, „ por saber quaõ affeiçoado fora sempre „ às cousas dos Portuguezes. Caracem recebeo bem este recado, e ao Enviado fez muitas honras, e respondeo „ que „ quanto aos Turcos que lhe mandava „ pedir, eraõ hidos pera Cambayete, e „ que ainda que alli estiveraõ, não era „ licito entregar homens, que com tra„ balho se recolhèraõ a seu porto, e que „ quanto às galez não lhe convinha en„ tregallas, porque tinha suas nàos em „ Meca, e que chegando là as novas se „ lhas entregasse, lhe lançariaõ os Tur„ cos maõ dellas. Com esta reposta, e desengano, tornou o Capitaõ mòr a fazer grandes requerimentos a Caracem, sobre o que foraõ, e vieraõ muitos recados, e por fim do negocio se resumio Caracem nisto „ que elle desejava de „ sustentar a amisade dos Portuguezes, „ e resalvar as nàos que tinha em Meca, „ e sobre tudo sustentar seu credito, e „ que o melhor meyo que pera isso ha„ via era que se cerrassem as galez em „ tres, ou quatro partes de feiçaõ, que „ mais não pudessem servir, e que assim „ ficaria elle comprindo com sua obri„ gaçaõ, e o Visorey satisfeito, pois „ elle deixava as galez em estado, que „ tanto montava como queimadas. A esta resoluçaõ lhe mandou dizer o Capitaõ mòr „ q̃ não podia aceitar aquel„ les partidos sem dar conta disso ao „ Visorey: que elle despedia logo hum „ navio ligeiro, e com o que elle lhe „ mandasse se resumiria. E com isto despedio o navio com cartas pera o Visorey, em que lhe relatava tudo o que era passado, deixando-se ficar no porto em que estava atè lhe tornar reposta.

Chegado o Catur a Goa, poz o Visorey aquelle negocio em conselho, e assentou-se „ que se aceitasse o que Ca„ racem prometia, porque era o mais „ que elle podia fazer, pelas razoens „ que dava, e com isto despedio o mesmo navio, por quem mandou o assento que se tomou, e escreveo a Caracem hũa carta de muitos comprimentos. Chegada a reposta, e dada a carta do Visorey a Caracem, assentou com o Capitaõ mòr „ que se cerrassem as galez em seis „ partes cada huma, e que fossem a isso „ pessoas que o vissem, ao que mandou o Capitaõ mòr Ruy Freire, hum Fidalgo seu parente, e com elle o Patraõ mòr da India. Chegados estes homens a Surrate, Caracem os recebeo bem, e aposentou na Cidade, e logo mandou vir muitos officiaes q̃ começàraõ aquella obra: o que fizeraõ à vontade dos nossos, em que se detiveraõ sete dias, e aqui os deixaremos, porque he necessario continuar com D. Fernando de Menezes, que deixàmos em Mascate.

Este Fidalgo depois de se prover do necessario deu à vela pera Goa com toda a Armada que lhe ficou, levando as galez que tomou repartidas pelos Capitaens, que no fim da sexta Decada no Capitulo vinte do livro decimo dissemos. E como traziaõ vento em popa, chegàraõ alguns dias de Novembro a Goa. E logo na barra achou Dom Fernando de Menezes recado de seu pay, como seu tio D. Nuno Alvares era falecido, e lhe mandou dò feito pera desembarcar. D. Fernando o sentio tanto, que desembarcou em Pangim só, onde seu pay o recebeo com muito amor, e alvoroço, os outros Capitaens foraõ entrando pelo rio dentro com as galez dos Turcos diante, e assim ellas, como a mais Armada, fermosamente embandeiradas salvàraõ a Cidade com toda a artelharia atè surgir no caes. Os Capi-

CAMARA DOS DEPUTADOS

taens todos juntos foraõ ao Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, que os recebeo cõ muita honra, e palavras, e ſobre tudo com obras, porque a todos fez mercès, e depois diſto foraõ todos a viſitar D. Affonſo de Noronha que os recebeo muy honradamente, e com palavras de muitos louvores. Ao outro dia foy D. Fernando de Menezes em huma manchua com poucos parentes, que pera iſſo eſcolheo, a viſitar o Viſorey, que o eſperou à porta da ſala, onde o abraçou, e lhe diſſe muitas, e muy aviſadas palavras de honra, e louvor ſeu, e de todos os que o acompanhàraõ. Paſſada eſta viſita, que foy breve, recolheo-ſe D. Fernando pera ſeu pay, e tratàraõ logo de ſua embarcação.

CAPITULO V.

De como o Turco mandou outro Capitaõ, chamado Cafár, a buſcar as galez que eſtavaõ em Baçorà. E de como tomou algumas nàos de Ormuz. E de outras couſas que paſſáraõ.

DEpois do Turco ter deſpachado Ale Chelobi pera tomar as galez a Moradobec (como no fim da ſexta Decada no Capitulo vinte do decimo livro fica dito) havendo que era homem arriſcado, e de não muito negocio: deſpedio nas ſuas coſtas hum Janiſſaro chamado Cafár, grande coſſairo, eſforçado, e de bom conſelho (que foy o que tomou Luiz Figueira, como na outra Decada atraz no Capitulo terceiro do nono livro ſe diſſe) e lhe deu por regimento „ que onde quer que achaſſe „ Ale Chelobi, lhe tomaſſe as galez, „ e as levaſſe ao porto de Meca. O Cafár ſe foy a Suez, e negociou duas galez, e dous Bargantins, hum delles a galeota que foy de Luiz Figueira. E ſahindo-ſe do Eſtreito o Agoſto paſſado foy correndo a coſta da Arabia, e chegando à enceada da Macieira, achou as novas da perdição das galez, e lançando eſpias em terra pera ſaber da noſſa Armada, deixouſe alli ficar atè lhe tornar recado de como jà era partida pera a India. E como era coſſairo, e muito pratico nas couſas daquelle mar, determinou de ſe hir na eſteira da Armada, porque ſempre lhe ficaria por ella couſa que preaſſe. E ſeguindo ſua derrota, antes que chegaſſe à ponta de Dio, deſemmaſteou, e deixouſe ficar ao mar pera eſperar pelas nàos que haviaõ de vir de Ormuz, que forçado haviaõ de hir demandar àquella paragem. E andando aqui lhe foraõ cahir nas mãos por vezes quatro nàos: huma de hum foaõ Salgado, outra de hum Cirieiro de Dio, e as outras duas de Tanà, ou Chàul, em que tomou ſó em dinheiro, cento e cincoenta mil cruzados. E porque as nàos lhe faziaõ eſtorvo, meteolhes alguns Turcos, e as deſpedio pera Meca, e em ſua companhia hũ dos Bargantins, e os Portuguezes que achou nas nàos, deixou hir nellas prezos a ferro. Hindo aſſim eſtes navios, vieraõ apparecer huma galeota de hum Balthazar Lobato, que tambem vinha de Ormuz, que vendo as nàos, e reconhecendo-as, as foy demandar, ſem ſaber o que era paſſado. Os Portuguezes que hiaõ nellas, em vendo a galeota, e conhecendo-a, parece que inſpirou Deos em todos hum meſmo conſelho: porq̃ a hum meſmo tempo ſe ſoltàraõ, e tomàraõ as armas, e remetendo com os Turcos os metèraõ todos à eſpada. O Bargantim ouvindo a revolta, e vendo a galeota, acolheo-ſe o mais que pode. Balthazar Lobato chegou a huma das nàos, e entrou dentro, e dos Portuguezes ſoube tudo o que era paſſado, e a paragem em que as galez ficavaõ, e achàraõ antre eſtes cativos Joaõ de Quadros, e tomando parecer ſobre o q̃ fariaõ, aſſentàraõ „ que ſe foſſem por dezaſete gràos de „ mar em fóra, demandar Chàul, ou Da„ bul, porq̃ aſſim ſe deſviariaõ da para„ gem em que os Turcos ficavaõ, e mudando o rumo foraõ ſeu caminho. O Cafár ficou naquella parte algũs dous,

ou

ou tres dias mais eſperando por hum galeaõ de hum Gomes Farinha, que lhe diſſeraõ ficava atraz, e vendo que tardava emmaſteou, e deu à vela pera o Eſtreito de Meca, e foy governando pelos meſmos dezaſete gràos, pera hir demandar os Ilheos de Curia Muria. E quiz a deſaventura que aos dous dias dèſſe m com as meſmas nàos, que hiaõ em companhia de Balthazar Lobato, e demandando-as as alcãçou, e as tornou a tomar. Balthazar Lobato vendo as galez deu à vela toda, e foylhe fogindo tudo o que pode, e o Cafár apoz elle com o baſtardo dado, e como o vento era freſco foy o entrando, e a tiro de camelo lhe atirou huma bombardada a amainar. Os que hiaõ na galeota que ſeriaõ perto de trinta peſſoas, tomàraõ antre ſi conſelho ſobre o que fariaõ, e foraõ todos de parecer „ que pois a ga„ lè os entrava, e lhe não podião fogir, „ que amainaſſem, já que naõ podiaõ „ pelejar com a galè, que menos mal era „ ſerem cativos, que meterem-nos no „ fundo, porque logo ſe reſgatariaõ. Sò hum Franciſco Anes da obrigação de Fernaõ de Souſa de Tavora requereo, e bràdou „ que tal não fizeſſem, e que „ ſe deixaſſem hir ſeu caminho, q̃ Deos „ os ajudaria, e que quando lhe não „ pudeſſem fogir, que não ſabia couſa „ mais honrada, que morrerem todos „ com as armas nas mãos: mas como elle era ſó, amainàraõ a vela, e entregàraõ-ſe. O que viſto pelo Franciſco Anes, deſpio huma coura de laminas q̃ tinha armada, e tirou hum morriaõ que levava na cabeça, e a eſpingarda, e a eſpada, e deu com tudo ao mar, dizendo „ que já que ſuas armas lhe não ha„ viaõ de valer, que não queria que „ foſſem a poder dos imigos. O Cafár meteo todos a banco, e ao Franciſco Anes pelas armas que lançou ao mar (que não faltou quem lho diſſeſſe) tratou mal. E tomando as nàos comſigo, ſe foy na volta da coſta da Arabia, e entrou em Meca proſpero. Depois ſe reſgatàraõ todos eſtes homens. O graõ Turco logo ſoube da deſtruição de ſua Armada, o que ſentio muito, por lhe ficar aquelle Eſtreito ſem guarda, alèm da grande perda que recebeo em quinze galez que daquella pancada perdeo, com tanta artelharia, e a melhor chuſma que tinha no Eſtreito, o que tudo lhe cuſtou hum poço de ouro, e com aquella màgoa mandou cõ muita preſſa reformar as mais galez que havia ainda em Suez, das da companhia do Baxà Eunuco, que foy cercar a fortaleza de Dio ſendo Capitaõ Antonio da Silveyra.

Anno 1554.

CAPITULO VI.

De como o Viſorey deſpachou as nàos pera hirem a Còchim tomar a carga. E do que aconteceo a D. Affonſo de Noronha com ElRey do Chembe: e ſe embarcou pera o Reino onde chegou: e como a nao Santa Cruz deſappareceo.

VEndo o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, que de ſeis nàos com que partira do Reino, não havia mais novas, que da Conceiçaõ, e Santa Cruz que eſtavaõ em Còchim, e que a ſua ſe perdèra na barra: determinou negociar alguma nào mais pera mandar pimẽta ao Reino, pelas neceſſidades em que ficava. Pelo que ſe contratou com hum Antaõ Martins caſado em Goa, que tinha naquelle porto huma muy fermoſa nào chamada S. Paulo, que fez no rio de Ancola, que por ſer grande, nova, e eſtar muito bem negociada, a eſcolheo D. Affonſo de Noronha pera hir nella: o Viſorey lhe deu todas as couſas que lhe foraõ neceſſarias, e o Antaõ Martins ſenhorio da nào mandou por Capitaõ della hum genro ſeu, chamado Antonio Fernandes, e como foy tempo ſe embarcou pera Còchim, deſpedindo-ſe Dom Affonſo de Noronha do Viſorey, que correo muito pontual com ſuas couſas, e levou licença ſua pera em Còchim acabar de concluir as pazes, que tinhaõ

começadas com ElRey do Chembe.

Chegado àquella Cidade tratou ſobre eſte negocio que deſejavã de acabar, pera levar as novas diſſo a ElRey, e corrèrão antre elle, e o Rey da pimenta recados, e vieraõ aſſentar que ſe viſſem pera concluirem as pazes: o que Dom Affonſo de Noronha logo poz por obra, e negociando todos os navios que pode ſe partio pera o Chembe, acompanhado do Capitaõ, Alcaide mòr, e dos caſados principaes, e foy ſurgir defronte do Pagode, donde lhe mandou recado, e a pedirlhe „ abreviaſſe aquelle ne„ gocio, porque eſtava pera ſe embarcar „ pera o Reino, e não ſe podia deter. Mas como eſtes gentios tem grandes ſuperſtiçoens, e nada fazem ſem eleiçaõ de horas, e ſem conſultarem com ſeus Pagodes tudo, foraõlhe ſeus Bramenes achando tantos inconvenientes, que de dia em dia gaſtàraõ ſeis, ou ſete, ſem acharem hum bom. Vendo Dom Affonſo de Noronha tamanha dilaçaõ: mandoulhe dizer „ que ſe hia embarcar „ pera o Reino, e que ſe não podia de„ ter mais que aquelle dia, e que viſſe o „ que determinava. ElRey lhe mandou „ pedir que ſe detiveſſe atè o outro dia, „ que ſem duvida lhe veria falar, e que „ lhe mandaſſe Chriſtovaõ de Azeve„ do Alcaide mòr com o lingua, e algũs „ piaens pera o acompanharem, o que logo lhe mandou. E ao tempo que eſperava por ElRey, ouviraõ em terra grandes gritas, e apoz ellas viraõ vir fogindo Chriſtovaõ de Azevedo, e recolherſe ao ſeu Balaõ que eſtava com a proa em terra, e chegando a D. Affonſo de Noronha muito affrõtado lhe diſſe: „ Ah Senhor, que nunca vi taõ mà gen„ te como eſta, chegando às caſas de „ ElRey deraõ em mim, e feriraõ o lin„ gua, e matàraõ-me alguns moços, e „ eu milagroſamente eſcapei: hide-vos „ que aqui não tendes que fazer. Vendo D. Affonſo de Noronha tamanha maldade, poz os olhos nos Ceos, e levou as mãos às barbas, dizendo: „ Ah „ Senhor, não ſe pudèra agora fazer „ troca, de quatro annos que governei „ a India por hum ſó, pera me vingar „ deſte negocio? e aſſim fervendo em ira, e furor mandou levar ancora, e foyſe com aquella màgoa pera Còchim. E porque ſe fazia tempo de ſe embarcar, mandou dar preſſa ao aviamento das nãos, e a carga principalmente da não Santa Cruz, que eſtava aberta, q̃ foy viſta pelos Officiaes que juràraõ que eſtava pera fazer viagem: porque a cobiça dos homens he tamanha, que faz ter em pouco todos os perigos da vida, pondo os Officiaes os olhos, naõ no riſco que corria huma não aberta pelo meyo, ſe não no proveito que eſperavaõ daquella viagem, por não haver aquelle anno mais que tres nãos. Dom Affonſo de Noronha foy correndo com a carga, e deſpachando muitas couſas de juſtiça, porque os Viſoreys, e Governadores que acabavaõ ſeu tempo, por eſpecial proviſaõ tinhaõ os meſmos poderes, em quãto eſtavaõ em Còchim, na juſtiça, e carga da nãos.

Anno 1555.

Recolhida a carga deraõ à vela atè quinze de Janeiro deſte anno de cincoenta e cinco, em que com o favor Divino entramos: embarcando-ſe neſta Armada muitos Fidalgos, pera hirem requerer ſeus ſerviços, e dos que podemos ſaber os nomes ſaõ os ſeguintes. D. Fernando de Menezes, filho do Viſorey D. Affonſo de Noronha, D. Manoel Maſcarenhas, irmaõ do Conde de Santa Cruz, q̃ faleceo pouco depois de chegar ao Reino, Gil Fernãdes de Carvalho, e D. Jeronymo de Caſtello-branco, q̃ ſe embarcàraõ na não Santa Cruz com Belchior de Souſa, porq̃ a não de D. Affonſo de Noronha hia muito pejada, e deſapareceo no caminho, ſem nunca ſe ſaber como, nem onde: mas preſumioſe que ſe abrio pela proa, por onde jà abrira vindo do Reino, e acabàraõ alli aquelles dous Fidalgos, e eſforçados cavalleiros, que todos géralmente ſentiraõ, ſem chegarem a lograr o galardaõ de ſeus feitos, nem pendurarem nos

Tem-

Templos da Europa os pendoens de seus troféos: porque a morte invejosa delles os atalhou em flor: mas por muito que ella faça, não o poderá fazer à memoria que nesta nossa escritura lhe temos dado, porque sobre isso não tem ella poder algum. A não Conceiçaõ, e S. Paulo em que D. Affonso de Noronha hia chegàraõ ao Reino. Foy este D. Affonso de Noronha filho de Dom Fernando de Menezes segundo Marquez de Villa-Real, e de Dona Guiomar Freire, Senhora da Villa de Alcoutim, por cujo casamẽto se ajuntou aquelle Condado à casa de Villa-Real, e ElRey D. Joaõ lhe fez mercè, que os primeiros filhos dos Marquezes se intitulassem Condes de Alcoutim. Foy este Dom Affonso de Noronha casado com Dona Maria Deça, irmãa de D. Pedro Deça, o de Santos o novo, teve della D. Fernando de Menezes o Gago, que he este que com elle veyo à India, e que tomou as galez. D. Miguel de Noronha, Dom Jorge de Noronha, e outro. Teve mais Dona Catharina Deça, que sendo Dama da Rainha Dona Catharina, casou com Dom Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal: seu filho D. Fernando com tomar as galez na India o não vimos despachado, nem luzirem nelle muitas mercès, ainda que se dizia, que lhe sahiraõ com as fortalezas de Çofala, e Moçambique. Viveo D. Affonso de Noronha pobre, e tanto, que depois de ser de setenta annos, servio a Infante Dona Maria de seu Mordomo mòr, e Governador de sua casa. Foy de mea estatura, bem assombrado, homem de verdade, continente, de pouco artificio, pelo que foy havido por de não muito negocio: morreo de mais de setenta e cinco annos, com muitos filhos, e netos honrados. E a elle tambem Deos nosso Senhor o honraria na gloria, porque era muito bom Christaõ. Algumas cousas fez na India muito boas, bateo patacoens de prata, que foy a melhor moeda que na India houve, porque por sua pureza corria em todos os Reinos estrangeiros. Começou a fortaleza que está no monte dos Reys Magos sobre o banco da barra pera defensaõ daquelle canal, se viessem galez contra Goa, do que se temia; a que poz nome Castello-Real: mas ficou imperfeita, e assim esteve muitos annos, porque não costumavaõ os Visoreys acabar o que os outros começàraõ, por lhes não aprovarem suas cousas. E sendo Governador da India Manoel de Sousa Coutinho, se reformou, e ao sopè mandou fabricar huma forte couraça, que corre atè a borda da agua pera ficar mais senhora da barra, que continuou Mathias de Albuquerque, e o Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama a acabou, e mandou alimpar, e perfeiçoar a fortaleza que D. Affonso de Noronha fez, que estava hum mato bravo, e fazer nella casas pera aposento dos Capitaẽs, e em seu tempo se começou da outra banda da praya defronte hum forte que se chama S. Francisco, sobre o banco grande que responde a estoutro, com o que ambas aquellas barras ficaõ seguras, e se pòdem cerrar com huma cadea de mastos, que não deixem passar embarcação alguma por pequena que seja, e com estas obras corre a Cidade de Goa, e faz as despezas do dinheiro de hum por cento, que os moradores concedèraõ pera a fortificação da Cidade.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo a Fernaõ Martins Freire em Surrate. E da Armada que o Visorey ordenou pera o Estreito de Meca. E do recado que mandou ao Emperador da Abassia, e do que aconteceo a Vasco da Cunha com ElRey de Chembe sobre as pazes.

DEpois da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa, a poucos dias chegàraõ ao Visorey Dom Pedro Mascarenhas as novas das nãos que tomou o Cafár, o que elle sentio muito, e deter-

e determinou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca, pera ver se se podia encontrar com aquelle cõssairo, pera o que mandou preparar alguns navios de alto bordo, e outros de remo, e ajuntar marinheiros pera esta jornada. Dom Pedro Mascarenhas filho de D. Nuno Mascarenhas, que tinha vindo com o Visorey (e era hum Fidalgo de grande opiniaõ, e desejoso de servir a ElRey em lugares honrosos) tanto que teve esta nova se foy ao Visorey, e lhe pedio de mercè aquella Armada, pera começar a servir a ElRey por aquelle lugar, pera delle subir a outros, que elle trabalharia por merecer. O Visorey lhe respondeo por termos, que nem lho concedeo, nem lho negou de todo, e todavia sempre elle esperou que lha dèsse. O Visorey corria com ella em segredo, sem se declarar com alguem, e porque a costa do Malavar estava só, despedio pera ella a Gomez da Silva (hum Fidalgo Gallego grande cavalleiro, em quem muitas vezes temos falado em nossas Decadas) e lhe deu huma galè, e cinco navios, que por então lhe pareceo bastavaõ. Andando occupado nisto lhe chegàraõ cartas do Rey da Pimenta, com outras do Capitaõ de Còchim, em que lhe pedia aquelle Rey „ lhe man„ dasse hum Capitaõ velho, com seus „ poderes, pera assentar com elle os con„ tratos das pazes: porque D. Affonso „ de Noronha, pela grande pressa que „ tivera de se embarcar pera o Reino, „ naõ quizera acabar aquelle negocio, pondolhe a culpa que elle tinha: porq como se sentio culpado, quiz dar esta desculpa (cousa muito ordinaria nestes Gentios de todo o Oriente, e ainda de muitos Christãos da nossa Europa, o que se sente mais culpado, acodir primeiro a fazer o queixume, por saberem quaõ ordinario he no mundo a primeira informação fazer mais impressaõ nos animos dos homens) O Visorey, posto que não faltou quem lhe dissesse a verdade do caso, quiz dissimular, e ensacar aquelle Rey: porque como era chegado de taõ pouco à India, não quiz logo entrar com terror, nem mostrarse pouco sofrido: porque quando tambem fosse necessario, haviaõ de achar nelle rigor, e castigo. E dando conta daquelle negocio aos Capitães do conselho, pareceo a todos bem sua determinação, e logo alli elegeo a Vasco da Cunha, que acabàra de ser Capitaõ de Chàul, pera se hir ver com aquelle Rey, por ser hum Fidalgo muito prudente, de grande conselho, e muito resoluto nos negocios da India, e lhe deu todos seus poderes pera assentar as pazes com aquelle Rey, e se fez à vela com cinco, ou seis navios, quasi no mesmo tempo que Gomez da Silva partio pera o Malavar, e em quanto faz seu caminho, continuaremos com Fernaõ Martins Freire, que deixàmos em Surrate no negocio das galez.

Alli esteve no poço, em quanto Ruy Freire, e o Patraõ mòr se detiveraõ em cerrar as galez, que foraõ sete dias, e em todos elles corrèraõ antre o Capitaõ mòr, e o Caracem muitos recados, com presentes, e brincos curiosos de hum pera outro. Concluido o negocio, e desfeitas as galez em seis partes cada huma, ordenou o Capitaõ mòr ficar naquella enceada Pero Barreto Rolim com dez navios pera esperar as nàos, que haviaõ de vir do Achèm sem Cartazes, e elle se fez à vela pera Baçaim. E porque nesta jornada de Pero Barreto não succedeo cousa notavel o deixaremos aqui.

Fernaõ Martins Freire achou em Baçaim muito dinheiro, que o Visorey lhe tinha mandado, com que fez huma paga aos soldados, e depois de fazer alguns negocios deu à vela pera Goa, onde chegou em poucos dias, e o Visorey pelo honrar o esperou no rio na sua mãchua, e o recolheo nella com muitas honras, e depois lhe fez mercès a elle, e a todos. E porque não esperava mais que por elle pera se declarar na Armada que fazia pera o Estreito, o cometeo com ella: mas sobre mais navios, e cou-

sas

ſas que lhe pedio, deſarmàraõ: o que viſto pelo Viſorey, mandou chamar D. Pedro Maſcarenhas, que lha tinha pedido, e o cometeo com ella, e como elle tinha jà ſabido, que Fernaõ Martins Freire lha engeitàra, tomou-ſe tanto diſſo pelas couſas que ambos tinhaõ paſſado, que em ſe ſahindo do Viſorey, fretou hum navio em que logo ſe embarcou pera Dio: onde invernou com D. Diogo de Noronha, Capitaõ daquella fortaleza, e o anno ſeguinte ſe embarcou pera o Reino ſem querer ver o tio. Vendo-ſe o Viſorey deſarmado de Fernaõ Martins, e de D. Pedro, deu a Armada a Manoel de Vaſconcellos, que foy correndo cõ ella com muita preſſa.

E porque trazia muito encomendado de ElRey mandar viſitar o Emperador da Abaſſia, e mandarlhe as cartas que lhe eſcrevia ſobre o Patriarca, e Biſpos, que o Papa lhe tinha concedido: ajuntou a conſelho o Biſpo Dom Joaõ de Albuquerque, e os Prelados das Religioens, e lhes deu conta daquelle negocio, e a todos pareceo bem „ que ſe mandaſſe hum Religioſo da „ Companhia, e com elle Diogo Dias „ do Preſtes, que ſe achou preſente na„ quelle conſelho, por ſer hum dos que „ là andàraõ em tempo de D. Chriſto„ vaõ da Gama, e que a voltas da viſita„ çaõ apalpaſſe o animo com que aquel„ le Emperador eſtava na mudança dos „ coſtumes, e recebimento do Patriarca „ Catholico, e que achando-o facil, co„ mo ElRey deſejava, ficaſſe o Religio„ ſo com elle inſtruindo-o nos coſtumes „ Romanos, e preparando-o pera quan„ do chegaſſe o Patriarca: porq ſe naõ „ havia de abalar de Goa ſe naõ depois „ que ſoubeſſe ſe eſtava capaz do que ſe „ pretendia.

Concluidos niſto, nomeou o Provincial da Companhia, o Padre Meſtre Gonçalo, por ſer hum Varaõ douto, e de vida exemplar, e por companheiro ao irmaõ Fulgencio Freire, que fora Feitor de Baçaim, e pera o levar mandou o Viſorey negociar huma galeota, de que fez Capitaõ Fernaõ Farto (por ſer o mais antigo homem daquelle Eſtreito, e ter entrado nelle ſete, ou oito vezes) que partio de Goa em Fevereiro, em que tambem Manoel de Vaſconcellos ſe fez à vela com a ſua Armada, que era de tres navios dalto bordo, e cinco fuſtas, de cujos Capitaens naõ achàmos os nomes, que foraõ ſeguindo ſua viagem, em que os deixaremos, porque he neceſſario continuarmos com Vaſco da Cunha, que deixàmos partido pera Còchim.

Chegando eſte Fidalgo àquella Cidade, deſpedio Chriſtovaõ de Azevedo Alcaide mòr com recado ao Rey da Pimenta „ de como era chegado com „ poderes do Viſorey, pera acabar de „ concluir as pazes com elle, por lhas „ elle mandar pedir por ſuas cartas, que „ elle eſtava preſtes pera tudo, que viſſe „ o modo que niſſo queria ter, e por lhe „ elle mandar dizer, que eſtava muy al„ voroçado pera comprir tudo o que „ eſcrevèra ao Viſorey, que ſe foſſe ver „ com elle, o fez: e foy ſurgir com hũa ſoma de embarcaçoens, que em Còchim ſe ajuntàraõ defronte do Pagode de Vaigeta, onde logo teve recado de ElRey de viſitação, e lhe pedio „ que „ aquelle dia deſcançaſſe, que ao outro „ pela manhãa ſe viriaõ, no que o enganou: porque gaſtou quatro em recados, e entretimentos, e ao quinto lhe mandou dizer „ que ſe queria que ſe viſſem „ havia de ſer à borda da agua, com ſó „ cinco Portuguezes de eſpadas, e ro„ delas, e que elle havia de ter dez dos „ ſeus Naires. Niſto naõ reparou Vaſco da Cunha, e lhe mandou dizer „ que „ era diſſo muito contente, e aſſim ſe ficou preparando pera as viſtas do dia ſeguinte. Eſtando jà preſtes, eſperando que ElRey chegaſſe, havendo que naõ haveria duvida nas viſtas: chegou hum Naire que ſervia de lingua de ElRey, e diſſe a Vaſco da Cunha „ que ElRey „ lhe mandava pedir que ſe naõ enfa„ daſſe, que lhe ſuccedèra hum negocio „ de muita importancia, porque o naõ

„ podia

„ podia ver, que lhe rogava muito que „ ficaſſe pera o outro dia, que ſem du- „ vida ſe viria ver com elle. Vaſco da Cunha muito enfadado daquelles enganos, levou o Naire pelos cabellos, e apunhando da eſpada diſſe ao lingua: „ Dizey a eſte Naire que lhe não corto „ a cabeça, porque leve a ElRey eſte „ recado, que lhe và dizer, que a mim „ me chamaõ Vaſco da Cunha, que ſou „ muito conhecido por toda a India, e „ que melhores eſcravos tenho na mi- „ nha eſtrebaria pera ſervirem os meus „ cavallos, do que elle he. O lingua diſſe „ que naõ ſe coſtumava a falar aſ- „ ſim aos Reys: do que Vaſco da Cunha ſe irou tanto, que arrancou da eſpada, e diſſe ao lingua „ que ſe lhe não „ dava aquelle recado, lhe havia de cor- „ tar a cabeça. O lingua muito medroſo lho deu: mas como era em lingua Malavar, que Vaſco da Cunha não entendia, ſeria qual elle quizeſſe. Vaſco da Cunha ſoltou o Naire, que ſe tornou muito aſſombrado pera a terra, e là contou a ElRey o que lhe ſuccedèra. Tanto que ſe elle deſembarcou, mandou Vaſco da Cunha levar ancora, e tomar o remo pera ſe hir pera Còchim, e ſendo hum tiro de eſpingarda afaſtado da terra lhe capeàraõ da praya: o que viſto por Chriſtovaõ de Azevedo, chegouſe ao navio de Vaſco da Cunha, e lhe diſſe „ que o bom ſeria tornar a voltar, a ver „ o que aquelle Rey queria; ao que elle muito apaixonado lhe reſpondeo „ que „ ſe tiraſſe de diante delle, porque mais „ merecia elle que lhe cortaſſem a ca- „ beça, que ao Rey da Pimenta, e paſſando por diante ſe foy pera Còchim, ficando aſſim eſtas couſas, ſem ſe tomar nellas concluſaõ. Era iſto na ſemana Santa, e logo dia de Paſcoa pela manhãa, entrou Gomez da Silva Capitaõ mòr do Malavar pela barra dentro com quatro, ou cinco paròs de Malavares, que tomou com todo ſeu recheyo. E recolhendo allias nàos de Malaca, China, Bengala, e mais partes, ſe partio pera Goa, onde chegou com huma fermoſa frota de navios, carregados de muitas fazendas. Quaſi no meſmo tempo ſurgio tambem na barra de Goa a não Eſpadarte da companhia do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, que foy invernar a Ormuz, como diſſemos. E porque Fernaõ Gomez de Souſa que nella vinha por Capitaõ, trazia a Capitanìa de Còchim, o deſpachou logo o Viſorey pera hir entrar nella, e o meſmo fez a Affonſo Pereira de Lacerda, Capitaõ que là eſtava, pera de là hir ſervir a Capitanìa de Columbo em Ceilaõ, e deſpachou tambem Dom Duarte Deça pera hir entrar na Capitanìa de Maluco, que foy embarcado na não Conceição, de que era Capitaõ D. Jorge Deça, que eſtava deſpachado com aquellas viagens. Deſpedidos eſtes Capitaens, e recolhidas as Armadas ſe cerrou o inverno.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos no Eſtreito. E de como Fernaõ Farto lançou os Padres em Arquico. E do que aconteceo ao Padre Meſtre Gonçalo atè a Corte daquelle Emperador. E de todos os Reys que houve deſde a Rainha Sabà atè eſte Claudio. E do que o meſmo Padre paſſou com o Emperador.

PArtido Manoel de Vaſconcellos de Goa como diſſemos atraz no Capitulo ſetimo, e em ſua companhia Fernaõ Farto, que levava os Padres pera hirem a Abaſſia: foraõ ſeguindo ſua derrota atè haverem viſta da coſta da Arabia, e Manoel de Vaſconcellos ſe foy lançar com toda a ſua Armada a monte de Felix, como levava por regimento pera alli eſperar as nàos que haviaõ de vir do Achèm. E alli eſteve atè ſe lhe gaſtar a monçaõ ſem lhe vir cahir alguma nas mãos. E ſendo tempo de ſe recolher a invernar em Maſcate, pera recolher as nàos de Ormuz, e lhe hir dando guarda até Goa, por ſe receà-

rem

rem do coſſairo Cafár, ſe fez à vela, e foy ſurgir naquelle porto onde deſaparelhou, e eſteve atè Setembro, e entrada de Outubro, em q̃ recolheo a ſi todos os navios. E porque eſta jornada não foy de mais effeito, concluimos aqui com ella.

Tanto que Fernaõ Farto houve viſta da coſta de Arabia, foy demandar a boca do Eſtreito da banda do Achèm, por onde entrou, e foy dalli tomar Maçuà. E no porto de Arquico lançou os Padres, e Diogo Dias do Preſte, e elle ſe foy pelo Eſtreito pera tomar fala das galez, e achando certeza que não ſe bulia com ellas, e que ſó as de Cafár eſtavaõ varadas, voltou pera Goa, e deu relaçaõ ao Viſorey do que paſſava. Os Padres depois que deſembarcàraõ em Arquico com algum aparelho que alli achàraõ foraõ ter às terras do Barnagais, que os recebeo bem, e lhes deu todo o neceſſario pera paſſarem à Corte do Emperador Claudio, a que os ajudàraõ alguns Portuguezes que alli eſtavaõ, que os recebèraõ, e agaſalhàraõ muito bem, e ſe negociàraõ pera os acompanhar, como fizeraõ, e partiraõ de Baroà muito bem providos de tudo, e foraõ na derrota da Provincia de Gorajè, onde o Emperador eſtava, que he toda de Gentios, e jactaõ-ſe de procederem dos Romanos que alli ficàraõ, de quando aquellas Provincias foraõ ſuas, e em poucos dias chegàraõ à Corte, onde foraõ muito bem recebidos de noventa e tres Portuguezes, homens muito limpos, e honrados, que ficàraõ da companhia de D. Chriſtovaõ da Gama. Eſtava neſte tempo aquelle Imperio muito atribulado, e quaſi perdido com guerras que lhe faziaõ dous crueis imigos: huns eraõ os Mouros de Adel favorecidos dos Turcos de Zebit, que jà des do tempo de D. Chriſtovaõ da Gama continuavaõ, como no Capitulo treze do oitavo livro da noſſa quinta Decada demos larga conta. E os outros huns Cafres crueis, e barbaros chamados os Gallas, que confinaõ pelo ſertaõ com as terras daquelle Imperio, que faziaõ muitas, e muy continuas entradas por ellas com grandes danos, e cruezas, com o que aquelle Emperador andava inquieto, e atribulado. Os Portuguezes, que diſſemos, cujo Capitaõ era Gaſpar de Souſa, agaſalhàraõ na Corte os Padres muito honradamente, e fizeraõ ſaber ao Emperador de ſua chegada, que os mandou viſitar, e prover.

E primeiro que paſſemos daqui, ſerà bem q̃ demos relaçaõ de todos os Reys q̃ reinàraõ neſta parte da Ethiopia, des da Rainha Sabà atè hoje: porque no Capitulo decimo do ſetimo livro da noſſa quinta Decada a não dèmos de mais que daquelles Emperadores, que ſuccedèraõ depois que deſcobrimos a India, pela naõ termos taõ perfeitamẽte como hoje, que no la mandou de là o Padre Belchior da Silva, Sacerdote Theologo Prègador, Canarim de naçaõ, naſcido em Goa, que no anno de noventa e oito, ſendo Viſorey da India o Conde da Vidigueira, o mandou por adminiſtrador da Chriſtandade daquelle Imperio atè prover de Religioſos em quantidade, havendo comodidade pera ſe embarcarem. E como eſte homem era curioſo, tirou de huns livros antigos, que achou em huma daquellas Igrejas o Catalogo de todos os Reys q̃ reinàraõ na Ethiopia ſobre o Egypto, depois da Rainha Sabà, a quem ſe deve dar mais credito, que a outros eſcritores: porque ſempre os Chroniſtas proprios tem mais authoridade no fundamento de ſeus Reinos, e origem de ſeus Reys, que os alheyos.

E porque entre alguns eſcritores ha grande controverſia ſobre eſta Rainha Sabà, que alguns cuidàraõ mal, que he a meſma que Candaſſes, diremos agora o que ſobre iſto eſcrevem, e ſe he eſta a que chamaõ Nitochris, Nicaula, ou Candaſſes, e a differença que ha de hũa a outra. Joſefo, e Herodoto conformaõ ambos no tempo do reinado deſta Sabà, ou Nitochris (como lhe elles chamaõ) Dizem eſtes, que depois que em Egypto

reinou

reinou Mene q̃ fundou Memfis (posto que Apolodoro diz q̃ a fundou Ephapho) reinàraõ trezentos e trinta Reys, de q̃ os dezoito foraõ Ethiopes. E depois destes reinou Nitochris, que Josefo diz que foy Rainha do Egypto sobre a Ethiopia, e que fora visitar a El-Rey Salamaõ.

As historias Abexins dizem que a Rainha Candasses, por outro nome Guindich, era da Cidade de Acuxuma, e que em seu tempo entràra a Christandade naquella terra, pelo modo que se conta nos Actos dos Apostolos: onde diz que aparecèra hum Anjo a S. Filippe, e lhe dissera que se alevantasse, e se fosse pera o meyo dia, e seguisse aquella estrada deserta que vay de Jerusalem a Gaza: o que S. Filippe fizera, e naquelle caminho encontràra hum Eunuco da Rainha Candasses, que vinha de visitar o Templo de Jerusalem, e hia sobre huma carreta lendo huma profecia de Isaias, e que S. Filippe lhe perguntàra se a entendia, e respondendolhe que não, lha declaràra, e por ella se converteo logo alli, e S. Filippe o bautizàra. E que chegando este Eunuco à Rainha lhe contàra tudo o que passára com o Santo, e ella se converteo logo, e o seu Reino com ella. Pelo que se verà a grande differença que ha da Rainha Candasses à Rainha Sabà: porque esta concorreo em tempo de ElRey Salamaõ, que foy antes da vinda de Christo, e a outra no de S. Filippe, que ha muitos annos de differença. E segundo parece a alguns doutos, não era muito que nesta Rainha Sabà se acabasse a Dinastia 21. e ElRey Sesac. Dizem mais Josefo, Nauclero, e Cedreno, que antre as cousas que a Rainha Nicaula levou, e offereceo a Salamaõ, foy a arvore, ou parra de Balsamo, e que dalli por diante ficou plantada em Judea. Posto que Solmo diz, que esta preciosa parra depois que os Romanos se senhoreàraõ do Egypto, a plantàraõ em muitas partes. Era esta Rainha tamanha Senhora que se estendia seu Imperio des do mar do Egypto atè o de Çofala.

Jà que estamos com estas cousas entre mãos, serà bom que mostremos que Provincias saõ as de Ophir, e Tharsis, onde Salamaõ Rey de Jerusalem mandava buscar as cousas preciosas pera o Templo, pelas varias opinioens que ha sobre isso antre os escritores. E trataremos primeiro da de Ophir, que todos tem por Çofala: porque parece que assim chamavaõ entaõ a toda aquella Cafraria, donde hia o ouro pera o Templo de Salamaõ, e que o Rey de Çofala, que todos tem por Ophir, devia de ser naquelle tempo Senhor de tudo o que hoje possue o Manamotapa, e como se nomeava por Rey de Çofala, comprendia debaixo deste titulo todas as terras que possuhia. Mas a verdade he que Ophir he huma Provincia de Manamotapa, que se chama Mascapa, onde està huma grande, e fermosissima serra, que se chama Afura, ou Aufur, que tem muita semelhança no nome com Ophir. Esta serra se vè de muito longe por ser muito alta, e não deixaõ subir a ella nenhum Portuguez, porque he muy rica de ouro, e alguns que là foraõ às escondidas, achàraõ ruinas de grandes edificios que jà alli estiveraõ, que os Mouros muito antigos affirmàraõ, pelo ouvirem assim a seus antepassados, que jà alli estivera a Rainha Sabà. Mas o mais certo he q̃ teve alli fortaleza, e feitoria, como tambem o foy aquelle grande edificio chamado Zimbaoe, que està no Reino de Butua. E estas fortalezas, ou feitorias, mandou aquella Rainha fazer pera senhorear aquellas minas de ouro, por serem as mais prosperas de toda aquella Cafraria, de que ella (conforme as escrituras Abexins) foy senhora, e depois della seu filho Salamaõ, e daqui se tirou o ouro, que ella levou a offerecer ao Templo de Jerusalem.

Pelo que se enganaõ os que dizem que Ophir era huma Ilha posta no mar do Sul, q̃ foy descuberta por Christovaõ Colon, que devem de dizer pola Espanhola.

nhola. E algũs fazem Çamatra a Ophir, e outros a poem por outras partes, não sey com que fundamento. E prova mais esta minha opiniaõ a tradiçaõ dos livros Caldeos dos Christãos das serras de S. Thomè, que dizem Ophir, e Aufur, e que esta he Çofala conforme ao que me escreveo o Bispo da mesma serra D. Francisco Roz.

A Provincia Tarsis, onde Salamaõ tambem mandava suas Armadas a buscar cousas pera o Templo, por sem duvida tenho ser todo aquelle seyo de Pegù, e Tanaçarim, que em alguma cousa parece este nome. E em Onesecrito autor Grego achàmos, que falando na Tapobrana diz, que era de cinco mil estadios, e que estava apartada dos povos Prasis sobre o Gange espaço de vinte jornadas. E deixando se fala aqui de Çamatra, se de Ceilaõ, porque isso tenho averiguado no Capitulo quinto do primeiro livro da minha quinta Decada, onde se isto verà muito bem, vamos à Provincia Tarsis, que tenho pola de Pegù, e Tanaçarim, que Onesecrito chama Parsijs, que diz estar sobre o Gange, em que differe tão pouco, que não he mais que na primeira letra ser T, ou P. Esta Provincia he riquissima de ouro, e pedraria, e infinidade de marfim, pela grande copia, e numero de Elefantes que nella ha. E as Armadas de que a Divina Escritura fala que Salamaõ mandava a Ophir, e Tarsis, sendo taõ distante como he o de Çofala a Pegù, não ha pera que pôr duvida a isso: porque as cousas hiaõ-se buscar onde as havia. E ainda não duvido que as nàos que hiaõ a Pegù buscar as cousas que disse, que passassem diante a Malaca, e a Çamatra, e a Manancabo, e ainda a Timor a buscar o ouro, e a rica, e fermosa madeira de Aguila, e de Sandalo branco, e vermelho, e todas as mais cousas precioſas que ha por aquellas partes. E como faziaõ taõ differentes viagens donde se haviaõ de esperar monçoens, de força, e necessidade se haviaõ de deter o tempo de tres annos que a Escritura Divina diz.

E quanto ao que diz Rabano, autor que se tem por grave, que Ophir era huma Ilha deserta no mar da India, onde havia muitas feras, e muito ouro, não lhe acho fundamento: porque se era deserta, e chea de bichos peçonhentos, quem a penetrou, e vio o seu ouro pera dar razaõ delle? E hoje temos descuberto tudo o que ha neste mar do Oriẽte, a que chamamos India, assim intra, como extra Ganges, e não sabemos Ilha alguma que tenha ouro, nem ainda terra firme se não os Reinos de Pegù, e Siaõ, e Manancabo, e Çamatra. Se não se estas Armadas passaraõ adiante às Ilhas de Salamaõ, que estão junto à terra firme da nova Guinea, onde diz haver muito ouro, que ha poucos annos que saõ sabidas de nòs. E pela ventura que destas Armadas se ficassem chamando as Ilhas de Salamaõ: porque não acho donde pudessem ter este nome. Tornemos agora à Rainha Sabà.

Alguns escritores duvidaõ que ella fosse Rainha herdeira direitamente daquelle Reino, e alegaõ pera isso ley feita por Salamaõ, em que defende que na herança daquelle Reino nunca succeda femea, como o affirma o Bispo Zagazabo, de que dèmos relaçaõ no Capitulo quinto do primeiro livro da nossa quarta Decada, de quando foy por Embaixador a Portugal em companhia de D. Rodrigo de Lima, que era douto assim nas letras Divinas, como humanas, e trata isto muito bem em hum livro que compoz das cousas da Ethiopia muito diligentemente. Ao que alguns escritores daõ suas razoens, e vem as mais a concordar que se chamaria Rainha por ser mulher de Rey, como he costume antre os Reys Christãos, principalmente no nosso Reino de Portugal, onde as mulheres dos Reys depois de viuvas, em quanto vivem não perdem o tal nome, nem a veneraçaõ que se lhes deve. Mas a mim me parece que foy verdadeira herdeira daquelle Reino, e que succedeo nelle a seu pay por não ter filho,

aſſim como ſuccedeo no de Caſtella a Catholica Rainha Dona Iſabel.

E poſto que o Biſpo Zagâzabo alegue aquella ley, pòde ſer não ſeja feita por Salamaõ Rey de Jeruſalem, ſe não por ſeu filho Salamaõ, que houve neſta Rainha Sabà, como logo diremos: porque o Rey de Jeruſalem não era Senhor dos Reinos da Ethiopia pera lhes dar leys. E que ſeja verdade que eſta Rainha Sabà viera prenhe de ElRey Salamaõ quando o foy viſitar a Jeruſalem, ſe verà muito claro no Tratado do Padre Franciſco Alvares, que quando foy àquelle Imperio com D. Rodrigo de Lima, diz que achàra huma Chronica em lingua Abexim, em cujo principio dizia que fora feita em Ebraico, e depois em Caldeu que começava deſta maneira.

Sabendo a Rainha Maqueda os grãdes, e admiraveis edificios que ElRey Salamaõ fazia em Jeruſalem, determinou de os hir ver, e carregou alguns camelos de ouro pera as deſpezas daquella obra. E hindo ſeu caminho, ſendo perto da Cidade de Jeruſalem, eſtando pera paſſar hum ribeiro, que ſe ſervia com huma ponte de pào, ou por dous fermoſos madeiros, arrebatada de hum eſpirito profetico, deſcavalgou, e poſta de giolhos adorou aquelles madeiros dizendo: „ Que nunca Deos permitiſ- „ ſe que ſeus pès tocaſſem aquellas tra- „ ves ſobre que havia de padecer ainda „ o Salvador do Mundo: e foy rodeando o rio, e buſcando vào. E chegando a Jeruſalem ſe apreſentou a Salamaõ, e lhe offereceo os doens que levava, e lhe pedio „ que mandaſſe tirar dalli aquel- „ les madeiros, dizendo a razaõ por- „ que. E vendo os edificios diſſe: Que „ não lhe ſouberaõ dizer da grandeza „ daquella obra, e que verdadeiramen- „ te era muito mayor do que lhe diſſe- „ raõ, e que ſe ſoubera a magnificencia „ della, não trouxera tão pequenos „ doens: mas que tornaria a ſeus Rei- „ nos, e que de là lhe offereceria outros „ mayores: e nos dias que eſteve em Jeruſalem houve Salamaõ nella hum filho que ſe ficou criando na Corte atè idade de dezaſeis annos, que era taõ feroz, e ſoberbo, que por ſe queixarem os povos delle ao pay, o mandou pera Ethiopia, onde a mày reinava, e lhe nomeou o Reino de Gazè, e que viera a ſer tamanho Senhor que ſenhoreàra de mar a mar, e que no da India trazia de continо ſetenta nàos groſſas, pera defenſaõ de ſeu Eſtado. Tudo atèqui he da Chronica Abexim, que o Padre Franciſco Alvares refere no livro que compoz daquella viagem. Donde inferimos o que diſſemos, que não ficou ao marido deſta Rainha Sabà herdeiro algum por ſua morte, e que o filho que houve de Salamaõ veyo a herdar tudo, e que antes de vir a ſer Rey ſe chamava Mihilecha, e a mày mandou que ſe chamaſſe Salamaõ como o pay, e nelle ſe começa o Catalogo dos Reys que depois della houve, como o nòs aqui fazemos.

Salamaõ, Amna Sahacam, Baren Gabo, Sabacio, Thoaſca, Adona, Auſayo, Omacio, Choâ, Luvo, Autata, Bahaca, Savada, Adina, Gotolea, Safalea, Elgabul, Bautaul, Bavares I. Bavares II. Mahaſe, Nalque, Balzol.

No oitavo anno deſte Balzol, dizem ſuas eſcrituras que naſceo Chriſto, e depois de ſeu nacimento reinàraõ os Reys ſeguintes.

Chempas Gad, ou Bhur Sagad, Grima Cafár, Sarado, Cucu Bacheon, Sargay, Zeray, Sana Aſgad, Cheona Gaya, Macugna, Safarada, Agdar.

Abraha, e Cabaha, ambos irmãos, que reinàraõ juntos, e conformes, em cujo tempo foy à Ethiopia hum Patriarca chamado Minatos, e por outro nome Pantaleaõ, que prègou a Ley de Chriſto, e poſto que no principio fogiraõ delle, depois que entenderaõ ſua doutrina, a tornàraõ a ouvir, e muitos ſe convertèraõ à Fè de Chriſto, e lhe puzeraõ nome Abaſalaõ, que quer dizer, pay da paz. A elles ſuccedèraõ os ſeguintes.

Haſpha, Arfid, Anci, todos tres irmãos, que governàraõ ſucceſſivamente

te Arada, Aſa dadova, Amamid.

No reinado deſte Amamid foraõ ter a Abaſſia muitos Frades ſantos a prègar a Ley de Chriſto, e dous Reys Chriſtãos com grandes exercitos por via do mar Roxo, e os naturaes ſe recolhèraõ pera os matos, e os Reys ficàraõ ſenhoreando a terra: mas ſuas eſcrituras os não nomeaõ, nem dizem ſe reinàraõ juntos, mas dizem que depois delles houve os Reys ſeguintes.

Thazena, Caleb, Gabra Maſeal, Conſtantinus, Baſgar, Zanſagad, Frey Senay, Adoraza, Aidar, Madai, Calaudamo, Grima Asfar, Zergaza, Digna Michael, Bud Gaza, Arma, Asbanani, Digna Zana, Ambaſa o dem o Delnaad.

Todos eſtes Reys, dizem q̃ vem por linha direita da Rainha Sabà, ou de Salamaõ ſeu filho, e que eſtoutros que ſe ſeguem ſaõ de outro Tribu: por onde parece que aquelles dous Reys que entràraõ a conquiſtar aquelle Reino, ſe acabàraõ nelle.

Hicu Namale, Agba Acheon, Bhar Sagad, Hesba Sarad, Cama Aſgad, Udamo Arad, Anda Cheõ, Ccifa Arad, Ud Doma, David, Theadros, Iſac, Andreas, Asbi navi, Anda Jeſus, Bad Linavi, Jarai acob, Beda Mariad, por outro nome Zeriaco.

Heſcander, por outro nome Alexandre, que faleceo no tempo que Vaſco da Gama deſcubrio a India, que foy o com que falou Pero de Covilhãa, que foy por terra.

Anda Cheon, por outro nome Naut, que reinou doze annos.

David ſeu filho, que ficou menino debaixo da tutoria de ſua mãy Helena, que he o que mandou o Emperador Mattheus ao Reino, e a quem ElRey D. Manoel mandou Dom Rodrigo de Lima.

Oena Saged, filho de David, em cujo tempo foy Dom Chriſtovaõ da Gama àquelle Imperio.

Claudio, ou Athana Saged, filho de Bena Saged, que he eſte que reina neſte tempo, e eſte foy morto pelos Mouros, e ſuccedeolhe elle.

E tornando a continuar com o Padre Meſtre Gonçalo: depois de deſcançar alguns dias, muito bem ſervido, e agaſalhado de todos os Portuguezes, foy levado ao Emperador Claudio, que o recebeo muito bem, e elle lhe deu as cartas de ElRey, e do Viſorey, eſcritas em lingua Portuguez, e Abexim, que elle recebeo com muito alvoroço, e por ellas entendeo a tenção de ElRey, e deſpedindo o Padre, mandou que o proveſſem de todo o neceſſario, e dahi a alguns dias o ouvio, preſentes os ſeus Grandes, e elle lhe deu a embaixada que levava, que continha o ſeguinte.

„ Que ElRey de Portugal ſeu irmaõ „ lhe mandava pedir, que a exemplo de „ ſeu pay, e avò, ſeguiſſe o verdadeiro „ caminho de ſua ſalvação, e communi„caſſe com os Catholicos, dando a obe„diencia à ſanta Sè Apoſtolica, e Igre„ja Romana, como cabeça de toda a „ Chriſtandade, que elle tinha ſignifi„cado ao Summo Pontifice ſeu deſejo, „ conforme às cartas q̃ elle ſobre aquel„le negocio lhe eſcrevera. Que movi„do de ſeu ſanto zelo lhe tinha conce„dido hum Patriarca, e dous Biſpos, „ que ficavaõ em Lisboa, pera virem „ na primeira Armada, que havia elle „ de eſtimar muito o amor com que o „ Vigario de Chriſto ſe movia a acodir „ a ſeus rogos, e a lhe mandar os mais „ eſcolhidos Varoens que pode, pera o „ inſtruirem a elle, e aos ſeus nos coſtu„mes Romanos, pera poderem digna„mente ſer chamados irmãos dos fieis, „ e filhos da Igreja. ElRey ouvio muy bem tudo o que lhe o Padre diſſe: mas como eſtava traſtornado de ſeus primeiros intentos, e tinha determinado de não mudar os coſtumes antigos de ſeus antepaſſados, ficou turbado, e confuſamente reſpondeo com palavras duvidoſas, ou por ſer inconſtante de natureza, ou por eſtar perſuadido, e aconſelhado dos ſeus, moſtrando-ſe logo muito arrependido do que ſobre iſſo tinha eſcrito a ElRey, e reſpondeo ao

Padre „ que elle não ſabia de carta al-
„ guma que eſcreveſſe a ElRey de Por-
„ tugal ſeu irmaõ ſobre aquella materia:
„ porque nunca tivera tenção de mudar
„ as ceremonias que havia tantas cente-
„ nas de annos ſe uſavaõ naquelles Rei-
„ nos, que ſe alguma couſa falava a car-
„ ta, o ſeu Secretario a eſcreveria, ſem
„ lho elle mandar. Mas que por cima
„ de tudo elle era grande ſervidor de
„ ElRey de Portugal, e não deixava de
„ lhe agradecer a boa vontade, zelo, e
„ trabalho que naquellas couſas tinha
„ moſtrado. O Padre Meſtre Gonçalo vendo a tençaõ de ElRey, não tratou de apertar logo com elle, mas deixouſe ficar alli, adminiſtrando os Sacramentos aos Catholicos, e viſitando o Emperador algumas vezes, tornando-o a palpar pera ver ſe achava nelle alguma mudança, declarando-ſe com elle, e moſtrandolhe pela eſcritura quaõ neceſſario era pera ſe ſalvarem deixarem o Bautiſmo da Circunciſaõ, e tomarem o da agua, e darem com iſſo a obediencia à Igreja Romana: mas como elle eſtava obſtinado, e reſoluto com os ſeus Grandes de não conſentir mudança na ley, deſenganou o Padre de todo. E por fim de razoens diſſe „ que bem podia
„ hir o Patriarca, porque folgaria de o
„ ver, e que em Maçuà acharia todo o
„ aparelho neceſſario pera ſeu caminho,
„ e que depois de ſer là, Deos noſſo Se-
„ nhor tinha poder pera o encaminhar
„ a ſeguir o que foſſe melhor pera ſua
„ ſalvação. Com eſte deſengano ſe deixou o Padre ficar atè a monção, em que o haviaõ de hir buſcar, exercitando com os Catholicos o officio da caridade, e aſſim o deixaremos atè ſeu tempo.

CAPITULO IX.

De como D. Diogo de Noronha Capitaõ de Dio perſuadio a Tartacan, que lançaſſe a Biſcan fóra das terras de Dio, como fez. E de como D. Diogo de Noronha lançou maõ de todo o rendimento daquella Alfandega. E de outras couſas que paſſáraõ.

NO fim da ſexta Decada no Capitulo dezanove do decimo livro dèmos conta, de como Dom Diogo de Noronha Capitaõ de Dio tomou a fortaleza que os Mouros tinhaõ na Cidade, e de como deitou fóra da Ilha os Abexins, e com tudo iſto nunca quiz bullir na Alfandega que ſe arrecadava a metade pera o Abiſcan (por huma proviſaõ de ElRey de Cambaya, por não romper com elle) Mas como o Abiſcan era homem inquieto, e muito ſoberbo, não deixou de buſcar todos os modos pera tornar a meter pè na Ilha de Dio, atè determinar de o fazer por força, e cometeo a entrada por alguns paſſos, que lhe D. Diogo de Noronha mandou defender com as manchuas pelo rio, e com ſoldados: com o que teve eſte veraõ grandes trabalhos, e inquietaçoens. E vendo Dom Diogo de Noronha que nunca teria bom viſinho no Abexim, tratou de o lançar fóra de todo daquellas terras, porque antes queria viſinhar com qualquer outro Mouro, que com elle, e pera iſto teve eſte modo.

Na ſexta Decada no Capitulo decimoſexto do decimo livro dèmos conta, como os Senhores da Provincia de Cãbaya ſe alevantàraõ cada hum com o que governava, quando viraõ ElRey morto. Deſtes foy hum delles Tartacan, Turco de naçaõ (que governava aquella parte de Junager atè o Pagode de Jaquete) e era valeroſo, de boa natureza, e muito bem inclinado. A eſte deſpedio D. Diogo de Noronha hum homem ſeu em hum navio ligeiro, por quẽ o mandou viſitar, e a pedirlhe „ man-
„ daſſe

„ daſſe hum homem de confiança, por-
„ que tinha que tratar com elle couſas
„ que importavaõ muito a elles ambos.
Eſte homem recebeo elle muito bem, e eſtimou a viſitação, e logo mandou embarcar no meſmo navio hum Mouro chamado Melique Xeque, Guzarate de nação, homem de que elle fiava muito, a quem D. Diogo de Noronha recebeo honradamente, e recolhendo-ſe com elle a huma camera lhe diſſe eſtas palavras.

„ Mandei pedir a Tartacan hum ho-
„ mem de confiança pera ſaber delle,
„ qual era a razaõ, que pois o tempo lhe
„ offerecia tamanhas occaſioens pera ſe
„ fazer grande Senhor, e ainda Rey de
„ todo Cambaya, porque ſe deſcuidava
„ naquelle negocio, ſendo elle hum Ca-
„ pitaõ dos mayores, e mais benemeri-
„ tos que havia em todo aquelle Reino,
„ e em quem melhor eſtava tudo, que
„ pois iſto aſſim era, porque conſentia
„ alli taõ ſeu viſinho Abiſcan, que era
„ hum Abexim fraco, falſo, e ſem mere-
„ cimento algum, e de quatro dias na-
„ quelle Reino, e vir elle a ter tanto
„ bico, pelo deſcuido delle Tartacan,
„ que lançàra maõ de hum Eſtado tama-
„ nho como aquelle que poſſuhia? Que
„ convinha a ſeu credito, e authoridade
„ lançallo fóra daquellas terras, e apoſ-
„ ſarſe dellas com o que ficaria o mòr
„ Senhor de todos os de Cambaya, e
„ que elle o ajudaria por mar, e por
„ terra, pelo grande goſto, e proveito
„ que tinha de o ter a elle por viſinho.
Com iſſo lhe diſſe outras muitas couſas, e o meteo em tantas vaidades, que o fez cuidar poder ſer ainda Rey de Cambaya. O Melique Xeque lhe agradeceo aquellas lembranças, e lhe diſſe
„ que elle as faria a Tartacan, a quem
„ ſignificaria as obrigações em que lhe
„ ficava por aquella vontade. E deſpe-
dindo-o D. Diogo de Noronha o tornou a enviar no meſmo navio. Chegado elle a Junager deu conta a Tartacan de tudo o que tratàra com elle D. Diogo de Noronha, e lhe fez tambem ſobre aquellas couſas muitas admoeſtaçoens; com o que levado Tartacan de vaidade, e de ambição, quiz logo pôr mãos àquella obra, e começou a ajuntar ſuas gentes, e poz em campo paſſante de vinte mil homens, e deſpedio recado a D. Diogo de Noronha de ſua determinação, e pedirlhe „ que o favoreceſſe
„ com huma Armada pela coſta de Ma-
„ dre Faval, porque elle começava a
„ marchar. E aſſim neſte mez de Abril em que andamos partio de Junager, e entrando pelas terras do Abiſcan, tomou logo as Cidades de Por, Mangalor, Pate, e outras. E D. Diogo de Noronha, tanto que teve ſeu recado, deſpedio alguns navios pela coſta atè Gogà, que não fizeraõ mais que andarem à viſta da terra por comprimento. Abiſcan tanto que ſoube que o outro lhe entrava por ſuas terras, e os danos que por ellas hia fazendo, ajuntando ſuas gentes o foy buſcar, e encontrando-ſe vieraõ a batalha, em que o Abexim foy desbaratado de todo, e o Tartacan o foy ſeguindo atè o lançar fóra das terras, e o meter pelas de Cambaya, aondè ſe acolheo, e deſta vez ficou o Tartacan Senhor de todo aquelle Eſtado, deixando-ſe ficar na Villa de Nova Nager alguns dias, atè concertar, e aſſegurar as couſas da terra. Alli o mandou D. Diogo de Noronha viſitar, e antre ambos corrèraõ todo aquelle tempo grandes comprimentos, e ficàraõ correndo em tanta amiſade todo o tempo que andou por aquellas terras, que vinhaõ os do ſeu exercito à Ilha, e a ver a fortaleza com licença de D. Diogo, que foy niſto tão liberal, que entràraõ de huma vez perto de quinhentos Mouros na fortaleza, e quando lhe deraõ rebate, jà as ſuas caſas eſtavão cheas delles, e acodindo Dom Diogo de Noronha com a gente que havia os lançou fóra ſem eſcandalo. Eſte deſcuido, ou confiança deſte Capitaõ lhe eſtranhou ElRey tãto, que dizem que por elle (e por aquella palavra que diſſe, quando tomou a fortaleza da Cidade aos Abexins, como

na ſexta Decada no Capitulo dezanove do decimo livro diſſemos) o não poz nas ſucceſſoens da governança da India. Apoſſado o Tartacan do Eſtado do Abiſcan ſe recolheo pera Junager, e deixou por Governador naquellas partes a Melique Xeque, que veyo a Dio a falar com D. Diogo de Noronha, e ficou fazendo ſeu aſſento na Villa de Nova Nager. Tanto que D. Diogo vio recolhido o Tartacan, logo deitou maõ de toda a Alfandega, que era o que elle pretendia, e lançou fóra os officiaes Mouros que alli eſtavaõ da mão do Abiſcan, e começou a arrecadar os rendimentos pera ElRey, e daqui lhe ficou a poſſe que atè hoje dura.

CAPITULO X.

De como ſe levantàraõ contra ò Idalcan alguns Capitaens ſeus, e dos tratos que houve antre Anel Maluco, e o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas.

NO Capitulo oitavo do nono livro da quinta Decada dèmos larga conta de como por morte de Malucan Rey de Viſapòr, e do Decan, ſuccedeo Abrahemo ſeu irmaõ, que foy o que ſe concertou com o Governador Martim Affonſo de Souſa, pera que lhe entregaſſe Mealecan ſeu tio, que o Acedecan Senhor de Bilgaõ, e de todo o Concan tratava de meter de poſſe do Reino, concertando-ſe o Idalcan com o Governador, que mandaſſe a Mealecan pera o Reino, ou pera Maluco, e por iſſo lhe largou as terras firmes de Salſete, e Bardes, o que o Governador não fez. Succedeo eſte veraõ em que andamos alevantarſe contra ElRey Abrahemo hum grande Capitaõ ſeu, chamado Anel Maluco, Governador de todo o Concan, e em authoridade, e poder outro Acedecan. Eſte ſentindoſe offendido, e agravado de ElRey, como tinha muita gente, poſſe, e poder, e ſobre tudo a maldade, e tyrannia que em todos eſtes Mouros de contino reina, ſolicitou outros Capitaens principaes do Reino, que tambem ſentio deſgoſtoſos, e fizeraõ todos antre ſi huma conjuração contra ElRey, e tratàraõ de o deſapoſſar do Reino. E pera eſta maldade ter alguma cor de deſculpa affirmàraõ pertencer o Reino mais a Mealecan, que eſtava em Goa, que ao ſobrinho Abrahemo.

Aſſentados niſto quizeraõ-ſe valer de Rama Rajo Rey do Canarà, e do Viſorey da India, pera quem logo deſpediraõ ſeus Embaixadores em muito ſegredo. O que enviàraõ ao Viſorey, entrou na Ilha de Goa muito encubertamente, e vio-ſe com elle em ſegredo, e da parte de Anel Maluco lhe deu conta de tudo o que eſtava antre elles ordenado, pedindolhe „ que lhe quizeſſe dar „ Mealecan pera o fazerem Rey, e favo„ recellos pera iſſo, e que pera o fazer „ com mòr goſto, e vontade, elles offe„ reciaõ pera ElRey de Portugal todas „ as terras do Concan com ſuas Alfan„ degas, e Tanadarias, que montavaõ „ todos os annos de ventagem de hum „ milhaõ de ouro. O Viſorey deu orelhas àquelle negocio, e informouſe bem da poſſe daquelles Capitaens, e achou que eraõ os principaes do Reino, e que ſem duvida levariaõ àvante o que pretendiaõ, e certificado bem deſte negocio, o poz em conſelho dos Fidalgos velhos, e de alguns moradores, e Cidadãos principaes, e debatida a materia, aſſètàraõ todos „ que ſe deviaõ de acei„ tar os partidos que cometiaõ, porque „ ſe ſe ajuntaſſem ao Eſtado as terras do „ Concan, ficaria proſperiſſimo, e que „ ſegundo as couſas eſtavaõ diſpoſtas, „ ſe arriſcava pouco entrar na liga: quã„ to mais que elles não queriaõ mais que „ entregaremlhe o Mealecan: porque „ pera o meterem là de poſſe do Reino, „ elles baſtavaõ, e o Rey de Biſnagà, „ que era o mais poderoſo de todos os „ viſinhos, a quem ſempre ſe havia de „ favorecer pera tornar a cobrar aquel„ le Reino que fora ſeu, pelo grande

„ pro-

„ proveito, e ſegurança que diſſo reſul-
„ tava ao Eſtado da India: porque nun-
„ ca elle fora proſpero, ſe naõ no tempo
„ em que o Reino de Biſnagà eſtava in-
„ teiro, o que naõ teve depois que o
„ Idalcan lhe tomou algumas Cidades
„ que vizinhavaõ com Goa: porque o
„ comercio dos Canaràs fora ſempre
„ mais proveitoſo em commum, que
„ todos. Depois de todos votarem niſto
largamente, o fez o Viſorey por derra-
deiro, e diſſe „ que lhe parecia bem dar-
„ ſelhe o Mealecan, e todo o favor que
„ foſſe neceſſario pera ſua paſſagem:
„ mas naõ que ſe meteſſe na liga o Rey
„ de Biſnagà: porque como era muito
„ poderoſo, logo havia de querer lan-
„ çar maõ dos Reinos do Decan, e que
„ pela ventura lhe creceria a cobiça de
„ ſe tornar a fazer Senhor da Ilha de
„ Goa (que era a mais eſtimada, e re-
„ ligioſa couſa, que os Canaràs ſempre
„ tiveraõ). Que o poder dos conjurados
„ era tamanho, que baſtava pera tudo
„ ſem mais ajuda. E que ſe ſe achaſſe na-
„ quelle jogo o Rey de Biſnagà, toda a
„ honra havia de ficar ſua, pelo poder
„ que trazia, e que não vinha bem aos
„ Portuguezes, pelo credito em que eſ-
„ tavaõ, que lhes era neceſſario ſuſten-
„ tar. Tantas couſas diſſe ſobre iſto,
q̃ convenceo a todos, e aſſentàraõ „ que
„ ſe dèſſem alguns Portuguezes aos Ca-
„ pitaens da liga pera os ajudarem. Eſta
reſoluçaõ foy a total perdiçaõ daquel-
la jornada: porque tanto que o Idalcan
foy aviſado de todo aquelle negocio, e
que ElRey de Biſnagà ficava fóra da
liga, logo lhe mandou Embaixadores a
lhe pedir ſoccorro contra os alevanta-
dos, cometendolhe grandes partidos,
que elle aceitou quando ſe vio engeita-
do da outra parte. Aſſentado aquelle
negocio, deſpedio o Viſorey o Embai-
xador com os apontamentos, do que ſe
lhe havia de conceder, que eraõ os ſe-
guintes.

„ Que tanto que os Capitaens tomaſ-
„ ſem em Pondà poſſe de Mealecan,
„ logo lhe entregariaõ as Tanadarias
„ do Concan pera as prover de Capi-
„ taens, e que começariaõ logo as terras
„ a render pera ElRey de Portugal.

„ Que todas as couſas que eſtavaõ aſ-
„ ſentadas nas pazes paſſadas ficaſſem
„ no eſtado em que eſtavaõ, ſem ſe in-
„ novar couſa alguma nellas.

Chegado eſte Enviado a Bilgaõ, onde eſtava Anel Maluco com os conjura-dos, aſſinàraõ os contratos, e os tornà-raõ a mandar ao Viſorey, com outros que continhaõ o ſeguinte.

„ Que o Viſorey alevantaria na Ci-
„ dade de Goa a Mealecan por Rey de
„ Viſapòr, e que em peſſoa o hiria en-
„ tregar a Calabatecan dentro em Pon-
„ dà, porque alli o havia de eſperar com
„ dez mil homens, e que dalli o havia de
„ levar a Anel Maluco, e aos conjurados
„ onde eſtiveſſem.

Deſpedido eſte Embaixador, ficàraõ elles ajuntando ſuas gentes, e o Viſorey tambem como teve eſte recado, fez ſeus preparamentos pera aquella jornada.

CAPITULO XI.

De como o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas alevantou Mealecan por Rey de Viſapòr: e dos contratos que com elle fez: e de como paſſou a Pondà, e o entregou à Calabatecan.

TEndo o Viſorey preſtes, e negociadas as couſas que pretendia pera aquella jornada, que determinava fazer com grande mageſtade, porque era muito vaõ, e grandioſo, ordenou hum dia pera o auto do alevantamento do Mealecan em Rey, e deu recado aos Vereadores „ pera que com todos os morado-
„ res ſe achaſſem preſentes, o mais cuſto-
„ ſamente que pudeſſem, e que ordenaſ-
„ ſem todas as feſtas poſſiveis pera obri-
„ garem muito àquelle Rey, com que
„ haviaõ de ficar tendo tanta viſinhan-
„ ça, e amiſade. E o meſmo pedio a to-
„ dos os Capitaens, e Fidalgos. Tinha o Viſorey mandado ordenar no terrei-

ro

ro do Paço hum fermoſo cadafalſo toldado todo por cima, e elle todo alcatifado, e guarnecido de panos de ouro, e ſedas, e o terreiro todo enramado, e embandeirado, e pelas janellas muitos inſtrumentos alegres, e guerreiros, e elle pera ſua peſſoa tinha mandado fazer grandes opas de borcados ricos, e todos os ſeus criados, e guarda, veſtidos muito cuſtoſamente. E pera ElRey Mealecan tinha mandado fazer muitas Cabayas de borcado a ſeu modo, e de veludos de cores, de eſcarlatas finas, e quatro cavallos fermoſiſſimos guarnecidos á gineta de jaezes de prata dourados, com caparazoens riquiſſimamente broſlados. Ao dia aprazado aballou o Viſorey de ſua caſa acompanhado de todos os Fidalgos, e Cidadãos a cavallo, todos taõ ricamente trajados, que foy couſa muito pera ver. E em ſua companhia muita ſoma de trombetas, charamellas, e ataballes, e com eſta pompa chegou às caſas do Mealecan, que jà eſtava eſperando por elle a cavallo com dous filhos ſeus, e muitos criados, e tomando-o o Viſorey à ſua maõ direita o levou cõſigo atè o cadafalſo, onde ſe ſobiraõ, e aſſentàraõ cada hum em ſua cadeira debaixo de hum muito rico, e fermoſo docel de borcado, e alli o alevantou por Rey de Viſapòr, e de todo o Decan, conforme a ſeu coſtume, o que ſe fez com muitos inſtrumentos, e ſalvas de artelharia, e muitas feſtas, momos, e invençoens, que a Cidade lhe tinha ordenado. Foy eſte auto feito com a mòr mageſtade, e ſolennidade que podia ſer, e com taõ grande concurſo de gente, Mouros, e Gentios, que não cabiaõ pela Cidade. Acabado eſte auto, fez o Viſorey com aquelle Rey novos contratos, que o Secretario do Eſtado apreſentou, que ElRey com ſeus filhos aſſinou, cuja ſubſtancia era o ſeguinte.

„ Que elle dava, e doava a ElRey de „ Portugal, e a todos ſeus ſucceſſores „ daquelle dia pera todo ſempre as ter„ ras firmes de Salſete, e Bardes, e todo „ o Concan com ſuas Alfandegas, Ta„ nadarias, e jurdiçoens.

„ Que as fortalezas de Pondà, Ban„ da, e Curale ſe entregariaõ logo a „ Capitaens Portuguezes, tanto que „ elle foſſe entrègue a Calabatecan.

„ Que ficariaõ em Goa ſua mulher, e „ filhos em refens, atè ſe ſegurarem as „ couſas do Balagate.

„ Que todos os mais concertos que „ eſtavaõ feitos com Anel Maluco, ſe „ guardariaõ muito inteiramente.

„ E que elle Mealecan depois de eſ„ tar no Reino, poderia mandar levar „ de Goa vinte cavallos forros dos di„ reitos, e dous mil pardaos de fazen„ das, e brincos, ſem pagarem direitos, „ nem lagimas.

Aſſinados eſtes contratos, tornou o Viſorey a levar ElRey pera ſua caſa, e começou a preparar as couſas pera a paſſagem, mandando ajuntar toda a gente de armas que havia na Ilha de Goa, e nas mais circunvizinhas, e deu recado aos Capitaens „ pera ajuntarem „ a ſoldadeſca toda de Goa, e ao Capi„ taõ da Cidade pera que eſtiveſſe preſ„ tes, e aparelhado com todos os mora„ dores de cavallo. Ordenado iſto tudo mandou o Viſorey ao Tanadar mòr Antonio Ferraõ „ que com todos os „ piaens Gentios, e Chriſtãos ſe paſſaſ„ ſe da outra banda do paſſo de Santia„ go, porque ao outro dia ſe havia de „ abalar, como fez, e partio de Goa neſta ordem.

Os Capitaens das bandeiras da ſoldadeſca, que erão cinco (Martim Affonſo de Miranda, Dom Fernando de Monroy, D. Antaõ de Noronha, Baſtiaõ de Sà, e Fernaõ Martins Freire) foraõ diante com ſua ſoldadeſca, que ſeriaõ perto de tres mil homens, e logo apoz elles abalou o Viſorey de Goa, e tomou Mealecan novo Rey à ſua maõ direita. Hia o Viſorey veſtido de hũa opa roſſagante de borcado alto com muitas pontas de pedraria, e ſobre os hombros hum muito rico, e fermoſo colar de pedraria, huma eſpada, e adaga de ouro eſmaltada. Levava diante de ſi

a ſua

à ſua guarda com ſua librè de cores, e no meyo o ſeu Capitaõ da guarda, e mais atraz doze fermoſos ginetes ajaezados de ouro, e prata com telizes de damaſco de cores, franjados de ouro, e detraz delles o ſeu Eſtribeiro ricamente veſtido: mais atraz ſeis Porteiros de maſſas de prata, e quatro de canas, e detraz de todos o ſeu Veador, e detraz delle hum Rey de Armas de Portugal, com huma opa rica, e no peito as armas Reaes em huma lamina de ouro grande, e diante de tudo iſto hiaõ atabales, trõbetas, e charamelas, e outros inſtrumentos. Detraz do Viſorey hia Gaſpar de Mello Capitaõ da Cidade com duzentos moradores de fermoſos ginetes, e armados de fortes, e galantes armas.

Com eſta mageſtade chegou ao Paſſo de Santiago, aonde ſe apoſentou aquella noite, e ao outro dia deſpedio os Capitaens das bandeiras, e Gaſpar de Mello Capitaõ da Cidade com todos os moradores, por Capitaõ gêral de todo aquelle exercito, e com elles hum Capitaõ do Rey novo, pera hirem tomar poſſe da fortaleza de Pondà, e eſperarem alli atè elle chegar. Eſtes Capitães paſſáraõ à outra banda, e foraõ marchando pera Pondà, e antes de chegarem à fortaleza, lhes ſahio hum Capitaõ chamado Meale, que eſtava nella da maõ do Idalcan, que não quiz entrar na liga, e com duzentos de cavallo eſcolhidos veyo cometer a noſſa dianteira, e travàraõ huma arrezoada eſcaramuça, em que os noſſos lhes derribàraõ dezaſete, e feriraõ muitos, e com eſte toque ſe foraõ recolhendo, e não ſe fiando da fortaleza, deſviando-ſe della, ſe foraõ pera o ſertaõ: os noſſos chegàraõ à fortaleza, que achàraõ deſpejada, e fóra della aſſentàraõ ſuas tendas, e ſe valàraõ à roda, e o Capitaõ Gaſpar de Mello partio a gente toda em quatro quartos pera vigiarem de noite.

Aqui aconteceo hum caſo de muito enfadamento, e q̃ houvera de dar grande trabalho ao Eſtado, e foy eſte. Hia na companhia Franciſco Barreto, que não quiz levar bandeira, porque eſperou que Gaſpar de Mello (que era ſeu tio) lhe largaſſe o governo de toda a gente de pè, e que ficaſſe elle com a de cavallo, e elle aſſim lho pedio, mas não lho quiz conceder, porque entendeo que os Capitaens das companhias o não haviaõ de conſentir. E como eſte Fidalgo era homem naturalmente arrogante, amigo de honra, e de mandar, aquella noite ſahio a roldar os quartos, e acabava-ſe o primeiro que vigiava D. Fernando de Monroy (que me contou iſto) e perguntou aos ſoldados „ quem „ lhe ſuccedia, que lhe diſſeraõ, que „ Martim Affonſo de Miranda, e deſ„ pedindo hum pagem lhe mandou por „ elle dizer que vieſſe vigiar. Martim Affonſo eſtava-ſe jà armando pera ſe hir vigiar, quando eſte pagem chegou, e em lhe dando o recado de Franciſco Barreto, tomou-ſe tanto diſſo que ſe tornou a deſarmar, e lançar na cama, e deu recado aos ſeus „ que ſe outra vez tornaſſe „ alguem com outro recado, o não acor„ daſſem: e aſſim o fizeraõ, porq̃ Franciſco Barreto tornou a ſegundar, e foy a couſa de feiçaõ, que ficou D. Fernando de Monroy vigiando ambos os quartos.

Ao outro dia pela manhãa, eſtando os Capitaens aſſentados ao ſoalheiro em converſaçaõ, chegou o Martim Affonſo de Miranda armado em huma coura de laminas, huma gineta na maõ, e falou a todos. Franciſco Barreto q̃ eſtava alli, quiz galantear ſobre elle fazer vigiar dous quartos a D. Fernando de Monroy: mas como Martim Affonſo hia enfadado, e tomado, ſofreolhe mal as galantarias, e aſſim de palavra em palavra chegàraõ a ſe deſcompor, e a levar mãos às armas, ao que acodio todo o exercito, e ſe repartio em dous bandos. Gaſpar de Mello Capitaõ géral acodio àquelle negocio, e metendo-ſe no meyo dambos, liouſe com elles, e como era à porta da fortaleza, e elle homem muito grande, e forçoſo, aos impuxoens os foy metendo dentro, e fechou ſobre ſi

as portas, e deſpedio hum correyo com huma carta ao Viſorey em que lhe dava conta do negocio. Eſta carta lhe deraõ jà de noite, e vendo a importancia do caſo ſe paſſou logo a Gaçaim, onde eſtava por Tanadar Andrè Gorjaõ, e com elle, e com poucos de ſua guarda, e criados ſe foy pelo rio acima a Derubate; e dahi em huma faca andadeira partio pera Pondà, onde chegou à mea noite, e entrando na fortaleza mandou vir perante ſi aquelles Fidalgos, e os reprendeo. E falando primeiro com Franciſco Barreto, lhe diſſe „ ſe quer vòs Se- „ nhor, que ſois hum Fidalgo de quem „ ElRey confia a India, em tal tempo, e „ em terra de infieis fazerdes eſta uniaõ? „ Que conta haveis de dar a ElRey de „ couſa taõ mal feita, como foy pordes „ hoje a India em balanço? E falando „ com Martim Affonſo de Miranda, o „ reprendeo tambem aſperamente, mas „ com palavras graves, e muito honra- „ das (porque de todas aquellas tres partes que o graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova punha ao que havia de governar, que ſaõ ſer clemente, ter maõ larga, e boca prudente, eſta he a mais neceſſaria que todas: porque com taes palavras me póde hum Viſorey reprender, ou negar huma couſa, que lho agradeça tanto como ſe ma dera) O Viſorey Dom Pedro Maſcarenhas os fez logo amigos, ficando o reſto da noite na fortaleza, e pela manhãa ſe partio pera o Paço de Santiago, onde ficava o Rey novo.

Alli ſe deteve tres dias atè lhe vir recado que era chegado Calabatecan, a quem havia de entregar ElRey: pelo que logo paſſou da outra banda, onde os noſſos Capitaens o eſperavaõ com tendas armadas. Alli ſe aſſentou o Viſorey debaixo de humas arvores, e com elle ElRey, cada hum em ſua cadeira rica, em cima de fermoſas alcatifas, e aſſim da Cidade, como dos paſſos todos da Ilha, houve todo aquelle dia grandes ſalvas de artelharia, e o meſmo ſe fez no exercito. Eſtando aſſim, chegou hum Capitaõ de dous mil cavallos, que o Calabatecan mãdava pera acompanhar ElRey atè Pondà. E decendo-ſe chegou ao Viſorey com as mãos cruzadas, e lhe fez ſeu acatamento, e depois ſe poz de joelhos diante de ElRey, e com as mãos no chaõ lhe meteo a cabeça antre as pernas, em ſinal de ſua ſogeição como antre elles ſe coſtuma. Levava eſte Capitaõ as mangas da Cabaya, que eraõ largas, com huma ſoma de pagodes de ouro, moeda do Balagate, que cada huma valerà quinhentos reis, e ao abaixar que fez ſe lhe eſpalhàraõ todos pelas alcatifas, e depois de alevantado, foraõ recolhidos pelos pagens do Viſorey, ſobre o que houve algumas rebatinhas, que tambem deraõ goſto. Coſtumaõ os Mouros neſtes Reinos iſto, deixarem aquelle dinheiro aos pès de ſeu Rey em ſinal de vaſſallagem.

Feito iſto abalou o Viſorey com toda aquella mageſtade Real pera Pondà, e fóra da fortaleza achàraõ Calabatecan, que aſſim a cavallo fez ſua corteſia a ElRey, e o Viſorey ſe agaſalhou com ElRey, e Calabatecan, ficando fóra o mais exercito: o noſſo com as coſtas na porta da fortaleza, e o dos Mouros hũ pouco deſviado, tendo aquella noite muito grande vigia. Ao outro dia fez o Viſorey entrega do Mealecan a Calabatecan, do que mandou fazer hum auto pelo Secretario, em que elles, e os Capitães Mouros ſe aſſinàraõ, e depois deraõ todos a menagem nas mãos de ElRey conforme a ſeu coſtume, e fizeraõ ſeus juramentos, e ſolennidades. Ao outro dia ſe deſpedio ElRey do Viſorey, e elle lhe deu hum Capitaõ com cem ſoldados pera o hirem ſervindo, e acompanhando atè Viſapòr. O Calabatecan levou ElRey a huma aldea que eſtava adiante pera alli eſperar recado do Anel Maluco, a quem deſpedio logo correyo com cartas de tudo o que era paſſado. O Viſorey deixou na fortaleza de Pondà a D. Antaõ de Noronha com ſeiſcentos ſoldados com ſeus Capitaens, pera lhes darem meſas, e Coge

Cemaça-

Cemaçadim, com gente de cavallo pera andar quietando as aldeas, e povoaçoens. E por ſe achar abalado do trabalho daquelle caminho ſe recolheo pera Goa, ſem acabar de concluir nas couſas do Concan.

CAPITULO XII.

De como faleceo o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.

CHegado o Viſorey a Goa, ſe deitou logo em cama, por vir muito mal diſpoſto, e como era de ſetenta annos, idade mais pera o repouſo, que pera o trabalho, foy ſe logo achando mal, e a declarar-ſelhe huma febrezinha lenta, e affirmava-ſe que lhe naſcera do trabalho daquella noite, que acodio a Pondà às differenças daquelles dous Fidalgos. Em fim a febre apertou com elle de feição, que começàraõ os Medicos a deſconfiar, e diſſeraõ ao ſeu Confeſſor „ que fizeſſe com elle, que trataſſe das „ couſas de ſua alma: o que lhe elle diſſe com palavras muito prudentes, e de muita conſolaçaõ, que lhe elle agradeceo, dando logo de maõ a todas as couſas, e ſe recolheo com elle fazendo ſeu teſtamento muito de vagar, ordenando todas ſuas couſas muito bem: depois tomou os Divinos Sacramentos da Eucariſtia, e Extrema-Unçaõ, e fez todos os mais autos de Catholico Chriſtaõ, e bom penitente.

Depois de tudo iſto feito, e elle muito conſolado, e conforme com a vontade de Deos, ſentindo-ſe no cabo, mandou chamar Franciſco Barreto, e chegado elle lhe diſſe „ que ſe aſſentaſſe em „ huma cadeira de eſtado, que tinha ao „ longo da cama: o que elle não quiz fazer, e depois de porfiar hum pouco, lhe diſſe „ aſſentaivos Senhor neſſa cadeira que o quer aſſim S. A. e vòs lho „ mereceis, e então ſe aſſentou; e o Viſorey praticou com elle ſó algũas couſas, e lhe pedio „ que tanto que noſſo „ Senhor o levaſſe pera ſi, recolheſſe „ ſeus criadòs que ficavaõ deſagaſalhados, porque não tivera tempo de lhes „ fazer bem. Franciſco Barreto lhe reſpondeo „ que Deos noſſo Senhor lhe „ daria ſaude pera os governar a todos, „ o que elle eſtimaria mais que todas as „ governanças, e que quando elle diſſo „ foſſe ſervido, elle faria o que lhe devia: e com iſto lhe diſſe outras palavras muito graves, moſtrando muito grande ſentimento de o ver naquelle eſtado. Era iſto aos quinze dias do mez de Junho de quinhentos e cincoenta e cinco annos, e aos dezaſeis faleceo cõ muitas moſtras de verdadeiro Chriſtaõ, e de arrependido peccador, e com grande màgoa, e dor de todos, tendo governado nove mezes. Abrio-ſe ſeu teſtamento, e achouſe mandar „ que o enterraſſem na Sè de Goa, e que ſeus „ oſſos foſſem depois levados pera o „ Reino: e aſſim o levàraõ a ſepultar com a mòr pompa funeral que podia ſer, e ſe lhe fizeraõ ſeus Officios, e ſahimentos com grande ſolennidade, e triſteza de todos. Neſte auto aſſiſtiraõ todos os Fidalgos, e Vereadores veſtidos de dò.

Era D. Pedro Maſcarenhas filho do Capitaõ dos ginetes Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas. Foy Eſtribeiro mòr de ElRey Dom Joaõ, e depois vendeo eſte cargo ao ſegundo Conde da Vidigueira, e conta-ſe delle huma couſa que lhe diſſe, que ſe lhe notou a grande vaidade, e foy que perguntandolhe o Conde, quando lhe comprou o cargo, pelas obrigaçoens delle: lhe reſpondèra, que pelas não querer ſaber lho vendia. Foi depois General das galez do Reino: neſte cargo cobrou nome de muito bom Capitaõ. Depois o mandou ElRey por Embaixador a Alemanha a couſas muito importantes, onde eſteve alguns annos com a mòr caſa, e apparato que todos os Embaixadores que atè ent. õ houve, e ficou por ſua prudencia, authoridade, liberalidade, e todas as mais partes,

partes, muito querido do Emperador Carlos Quinto, e muito acreditado cõ todos os Potentados de Alemanha.

Depois foy por Embaixador a Roma, e de là trouxe os Padres da Companhia ao Reino (como na quinta Decada no Capitulo primeiro do oitavo livro temos dito) e cobrou em todas eſtas couſas tanto credito com ElRey, que quando ordenou caſa ao Principe Dom Joaõ ſeu filho, lho deu por Mordomo mòr, e lhe entregou todo o governo de ſua caſa: porque quiz ElRey que tiveſſe ſeu filho muito grande reſpeito à ſua idade, e muita authoridade. Foy caſado duas vezes, e de nenhuma teve filhos. A primeira com D. Filippa Henriques, filha de Simaõ de Miranda, Camereiro mòr do Cardeal D. Henrique. E a ſegunda com Dona Helena filha de Pero Maſcarenhas o das differenças com Lopo Vaz de Sampayo, que era ſeu ſobrinho, filho de ſeu primo com irmaõ Joaõ Maſcarenhas, e neto de Dom Nuno Maſcarenhas, irmaõ do Capitaõ dos ginetes D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, pay deſte D. Pedro, e por naõ haver filhos de nenhuma deſtas mulheres, perfilhàraõ elle, e ſua mulher Dona Helena Maſcarenhas a D. Joaõ Maſcarenhas (o que foy Capitaõ de Dio, quando foy o ſegundo cerco) e a Dona Helena ſua mulher, filha de Dom Joaõ de Caſtello-branco, que era ſobrinha dambos: porque D. Joaõ Maſcarenhas era filho de ſeu irmaõ D. Nuno Maſcarenhas, e D. Helena filha de D. Catharina, filha de Pero Maſcarenhas, que foy caſada com eſte D. Joaõ de Caſtello-branco, filho de D. Martinho de Caſtello-branco, Conde de Villa-Nova.

Foy eſte Viſorey homem muy inteiro na juſtiça, e tanto que chegou à India, mandou fazer hum rol de todos os cargos que eſtavaõ vagos, e que hiaõ vagando, e mandou lançar pregoens, que todos os criados de ElRey, que na India andavaõ ſervindo, acodiſſem cõ ſeus papeis pera os deſpacharem, o que todos fizeraõ, e elle os foy deſpachando conforme a ſeus ſerviços, ſem dar cargo algum a criado ſeu: porque dizia que os cargos que eraõ de ElRey, não ſe haviaõ de dar ſe não a ſeus criados que o ſervião, e não aos dos Viſoreys, a quem não tinha obrigação alguma.

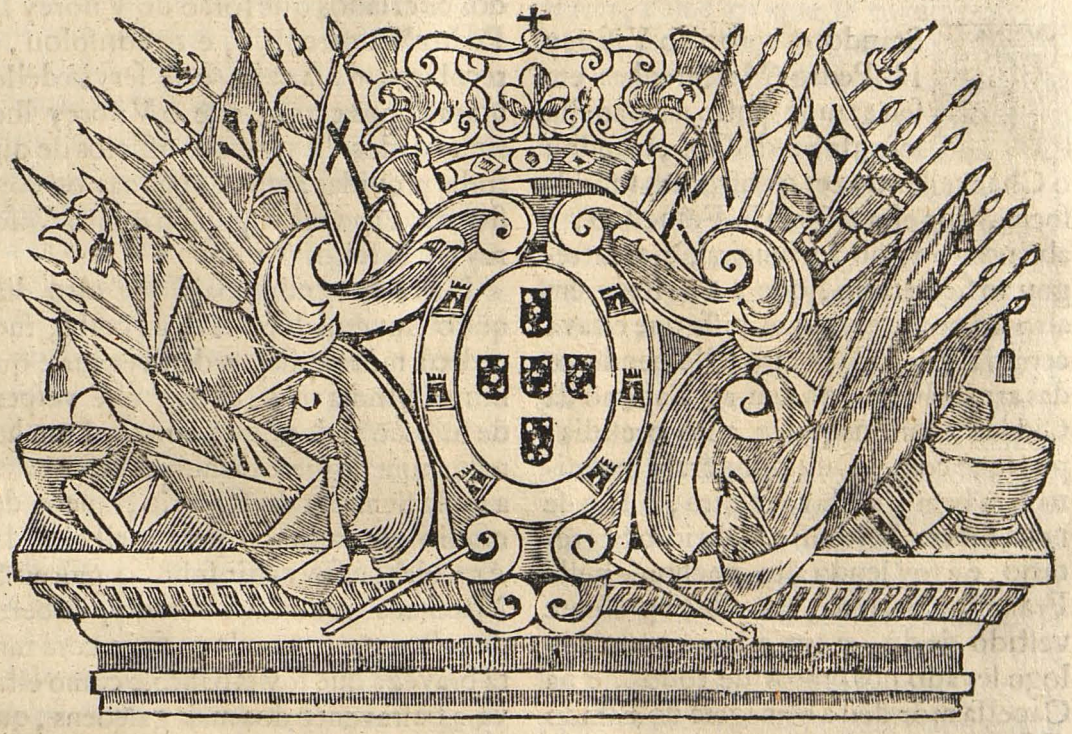
Aqui ſe conta delle huma couſa igual a todas as ſuas, e foy, que andando elle deſpachando eſtes homens, lhe apreſentou ſeus papeis hum criado de hum valido do Reino, que havia tres annos que andava na India: eſte tardandolhe o deſpacho, appareceo muitas vezes diante do Viſorey (por lhe vir muito encomendado do amo) e lhe fez ſuas lembranças, e de huma lhe diſſe „ V. S. naõ „ me deſpacha ſendo eu hum homem „ que ha tres annos que ando neſtas „ partes ſervindo, e que mereço me fa„ çaõ mercè? O Viſorey muy ſevero lhe reſpondeo „ ando agora deſpachan„ do os de vinte, e quinze annos, como „ chegar aos de tres entaõ terey lem„ brança de vòs.

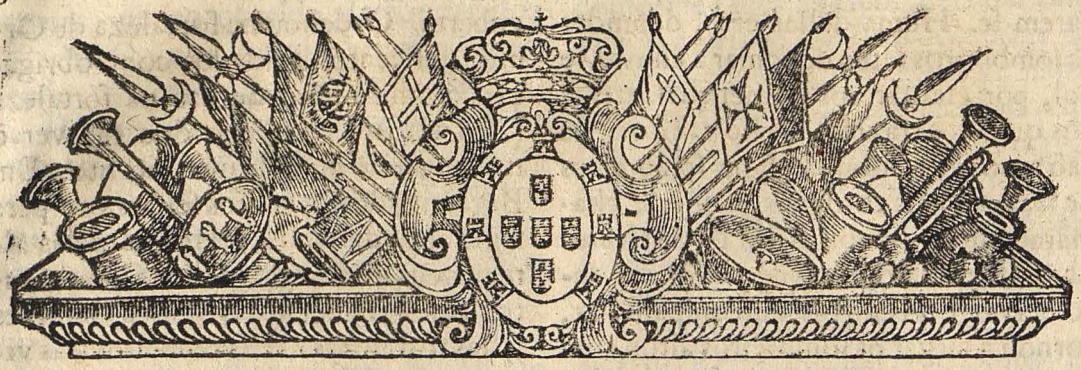
Eſtando hum dia no tronco fazendo audiencia aos prezos, e vindo diante delle hum que trazia hum grilhaõ nos pés por dividas de ElRey, lhe diſſe „ que havia muito que alli eſtava prezo „ daquella maneira, porque devia a El„ Rey huma quantia de dinheiro, e que „ ElRey lhe devia muito mais, mas q̃ „ lho não queriaõ deſcontar, e levar „ em conta. Perguntando o Viſorey pelo caſo, e ſabendo ſer verdade, mandou chamar logo o Veador da fazenda, e lhe diſſe „ aquelle grilhaõ que aquelle „ homem tem, tirailho, e lancem-no a „ mim, e a vòs, jà que ſomos Officiaes „ de ElRey, e não queremos pagar ſuas „ dividas: e logo mandou ſoltar o homem, e que ſe lhe abateſſe a divida da que ſe lhe devia. Folgou muito de ouvir os homens, e de lhes fazer juſtiça. Todos os dias tinha certas horas limitadas pera ouvir partes, o que fazia deitado em huma camilha.

Tanto que entrou na India quiz tirar alguns coſtumes, ſobre o que fez algumas leys, que naõ foy poſſivel guardarem-ſe.

darem-ſe. Huma dellas era, defender os ſombreiros altos de tomar a chuva, e Sol, por eſcuſar aos homens os gaſtos dos que lhos traziaõ, e elle tambem os naõ trouxe, e uſou de huns ſombreiros de lãa com ſeus cordoens, a que ſe chamàraõ muito tempo delle os Maſcarenhas. Depois vendo que o Sol era intoleravel, e as chuvas deſcompaſſadas, tornou a largar os ſombreiros altos, com condiçaõ q̃ os trouxeſſem eſcravos proprios, cativos, por forrarem as deſpezas dos que os trazem, que ſaõ Gentios, a que cõmummente chamaõ bois de ſombreiro. Quiz defender os cavallos aos Fidalgos, pelas deſpezas que lhes faziaõ: o que lhe mandava ElRey tambem em ſeu regimento, e que ſó os caſados os tiveſſem, mas atalhou-o a morte.

Defendeo que nenhuma mulher publica andaſſe em Palanquim, ſe não deſcuberta. Ordenou na fortaleza de Ormuz ſeiſçentos ſoldados com obrigação de dormirem dentro na fortaleza (iſto no inverno) mas que no veraõ naõ pagariaõ mais de quatrocentos. Em Baçaim ordenou outros ſeiſcentos pera ſegurança daquella fortaleza pelas alteraçoens de Cambaya. Em Chàul cento. E fez regimento „ que os Capitães „ das fortalezas não tiveſſem outras vi- „ gias, ſe não os ſoldados da obrigaçaõ „ dellas, porque coſtumavaõ a pagar muitas vigias fantaſticas „ e que no nu- „ mero dos da obrigaçaõ das fortalezas „ entraſſem os homens que lhe davaõ a „ elles, a fóra outras couſas muito bem ordenadas. E em tudo viveo taõ puro, e morreo com tantas moſtras de contrição, que ſe pòde crer q̃ eſtarà no Ceo gozando do galardaõ de ſuas obras.





DECADA SETIMA

DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO II.

CAPITULO I.

De como por morte do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas ſuccedeo na governança da India Franciſco Barreto. E da Armada que ſe queimou na ribeira de El-Rey com hum foguete.

ESTando o corpo do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas em ſeu ataude poſto na Capella mòr da Sè de Goa, mandou o Chanceller trazer o cofre das ſucceſſoens, que eſtavaõ em S. Franciſco, e abrindo-o tirou a primeira, e a entregou ao Secretario, que a amoſtrou em alto ao povo pera que viſſe que eſtava cerrada, e ſellada com o ſello pendente das armas Reaes, e a deu ao Capitaõ da Cidade, que naquelle auto preſidia, pera que com o Ouvidor géral a examinaſſem bem, ſe eſtava inteira, e ſem ſe nella tocar. Feito iſto a abrio o Secretario, e a foy lendo alto, e achouſe nella Franciſco Barreto, que eſtava preſente veſtido de dò, e em o nomeando foy logo levado nos braços de todos, e na Capella mòr deu a menagem do Eſtado da India nas mãos do Capitaõ da Cidade Gaſpar de Mello, na fórma coſtumada naquelles Eſtados.

Feito eſte auto, que foy aos dezaſeis de Junho deſte anno de cincoenta e cinco, enterràraõ o corpo de Dom Pedro Maſcarenhas, e o Governador Franciſco Barreto ſe recolheo a S. Franciſco atè lhe deſpejarem os Paços, e a primeira couſa que fez foy mandar chamar todos os criados que foraõ do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, e os conſolou, e recolheo em ſua caſa, e ſe ſervio delles nos meſmos cargos que o Viſorey lhes tinha dados. E todos os officios de que tinha providas algumas peſſoas os confirmou, e nada revogou do que o Viſorey tinha feito.

E não havendo mais que oito dias que o Governador eſtava de poſſe, ſuccedeo a mòr perda, e deſaventura, que nunca a India teve, e foy, que veſpera de S. Joaõ jà de noite, lançou hum homem hum foguete de humas caſas junto a noſſa Senhora do Roſario, que o demonio encaminhou pera a ribeira das Armadas, e foy cahir ſobre o galeaõ S. Mattheus que eſtava varado, cuberto de palha, que tomou logo fogo com tanta braveza que foy eſpanto, e como eſtava a balravento dos mais galeoens, que eſtavaõ varados tambem junto delle, e o vento era rijo, foyſe pegando o fogo de galeaõ em galeaõ com tamanho eſtrondo,

trondo, e terremoto, que parecia que ſe aſſolava toda a Cidade. O Governador vendo aquelle incendio, acodio à ribeira com todos os Fidalgos, moradores, e ſoldadeſca que havia, e arremetèraõ a deſcobrir todos os galeoens que eſtavaõ varados, e aos mais que eſtavaõ no mar, que dos que o fogo tinha tomado poſſe, não houve remedio algum. O Governador andava como doudo, metido pela agua, e pela lama, e ainda antre os galeoens que ardiaõ, arriſcado às labaredas, e traves que cahiaõ, por remediar que a mais Armada ſe não perdeſſe. E neſte trabalho o ſeguiraõ todos, e houve ſoldados que cometèraõ neſte negocio grandes temeridades, metendo-ſe nos galeoens que ardiaõ, por verem ſe lhe podiaõ valer, mas nada aproveitou, e muitos ſe recolhèraõ muito queimados, e abrazados, a quem o Governador abraçou, e a hum lançou a cadea que trazia ao peſcoço, e a outro deu o ſeu anel de ſinete, e a outros outras peças, que depois mandou reſgatar, e aſſim andava animando a todos por acodirem ao trabalho, prometendo mercès que depois fez, e foy eſta diligencia, que poz, tal, que foy parte pera ſe ſalvar toda a mais Armada. Durou eſte incendio toda aquella noite, e o dia ſeguinte, em que ſe queimàraõ, e conſumiraõ ſeis galeoens reaes, quatro caravelas, e duas fermoſas galez, couſa que todos ſentiraõ muito, porque era a mòr força que o Eſtado tinha. O Governador o ſentio em eſtremo, e houve aquella deſaventura em principio de ſeu governo por grande moſina ſua, e mándou tirar grandes devaſſas, e inquiriçoens ſobre aquelle negocio, e deitar grandes pregoens, em que perdoava graviſſimos caſos a quem lhe deſcobriſſe quem queimàra a Armada, ſem nunca ſe poder ſaber couſa alguma: pelo que houve muitas ſoſpeitas, e juizos temerarios: mas a verdade foy, que hũ Joaõ Rodrigues, de alcunha o Calandar (que he o meſmo que peregrino) foy o que lançou o foguete que diſſemos ſem ter tal tenção, e depois que vio o incendio ſe paſſou pera o Balagate, e dahi pera Cambaya, onde andou muitos annos como peregrino, e dalli cobrou a alcunha Calandar. Foy eſte homem depois caſado em Ormuz, onde viveo muitos annos. O Governador ſempre ſoſpeitou que aquelle dano fora mandado fazer por ordem do Idalcan pelo favor que ſe deu a Mealecan, e receando-ſe da mais Armada armou muitas manchuas pera andarem de longo da Armada, e da ribeira vigiando, e ordenou „ que os Capitaens da ſoldadeſca „ vigiaſſem de noite aos quartos na ri„ beira, pera acodirem aonde foſſe ne„ ceſſario: eſtes Capitaens vigiavaõ huns na varanda da Igreja das Chagas, e outros nas terecenas dos maſtos. Em todo eſte inverno houve muitos banquetes, jogos, e paſſatempos, e aos ſoldados ſe deraõ meſas muito abaſtadas.

Como o Governador Franciſco Barreto era homem de grande animo, determinou de em ſeu tempo tornar a renovar aquella perda, e fazer outros tantos navios, como os que ſe queimàraõ, e logo mandou armar algumas quilhas, e trazer dos rios viſinhos muita madeira pera começar a pôr as mãos à obra, como fez: pedindo à Cidade ajuda pera iſſo, que lhe ella deu, e acodio com o que pode, e os Bramanes de Goa tomàraõ à ſua conta fazerem huma galè, que foy huma das mais fermoſas peças que vi, e delles tomou o nome, e ſe chamou a galè Bramana, e os mais Gentios ourives, e mercadores deraõ de ſerviço pera ajuda de outra galè dous mil e quinhentos pardaos. O Governador por naõ perder tempo, deſpedio correyos pera as fortalezas do Norte, Chàul, e Baçaim, e eſcreveo àquelles Vereadores, e povo „ que „ o quizeſſem ajudar com alguma couſa „ pera a reformaçaõ da Armada, o que lhe elles concedèraõ com muito goſto, e paſſou proviſoens pera os Capitaens, e Feitores daquellas fortalezas, pera que „ dos rendimentos dellas armaſſem lo„ go em cada huma dellas dous galeões,

„ e duas caravelas: e eſcreveo aos Officiaes de Dio „ que mandaſſem pera iſſo „ àquelles Feitores todo o dinheiro que „ as nàos de Meca rendeſſem em Agoſ„ to, e tal preſſa deu em ſeu tempo, que quando chegou D. Conſtantino (que lhe ſuccedeo) lhe tornou a entregar outras tantas vaſilhas novas, como adiante melhor diremos. E de ſe querer poupar a fazenda de ElRey, ſuccede muitas vezes mòr perda della: porque de ſe naõ determinarem os Viſoreys, e Governadores a fazerem humas terecenas ao menos pera galez, e navios de remo, ficaõ todos os invernos arriſcados a outra ſemelhante deſaventura: gaſtando-ſe pelo miudo muito mais do que eſta obra poderia cuſtar: porque todos os annos ſe deſpendem ſó em cobrir toda a Armada de palha dous mil pardaos, e em tantos annos com eſtas deſpezas ſe poderiaõ ter feitas dez terecenas. E poſto q̃ os galeoens naõ caybaõ nellas, por taõ barato havemos cobrirem-ſe de telha, como de palha: porque ainda que ſe quebrem muitas, naõ deve de montar a metade do que cada anno ſe gaſta na palha, a fóra o riſco que correm, que val tanto, quanto o ſeguro de toda a Armada: mas eſtes deſcuidos, e deſordens (que aſſim lhe podemos chamar) naſcem de alguns Viſoreys, e Governadores eſtarem com olho em ſeus reſpeitos particulares, e tambem de outros quando ſuccedem, naõ quererem acabar as obras que os que acabàraõ tinhaõ começadas: porque a poucos vimos parecer bem as couſas daquelles, e muitas em que tinhaõ feito grandes deſpezas, ſe perdèraõ por eſſe reſpeito, que não apontamos por não infamarmos a alguem.

CAPITULO II.

De como o Governador Franciſco Barreto paſſou a Pondà a ſe ver com o Mealecan. E de como proveo as Tanadarias daquellas partes: e mãdou D. Antaõ de Noronha a tomar poſſe de todo Concan.

DEpois de Mealecan ficar entregue a Calabatecan (como atraz temos dito no Capitulo decimo do primeiro livro) ſe recolheo pera aquella aldea a eſperar o recado de Anel Maluco, e em quanto alli eſteve lhe acodiraõ todos os moradores das povoaçoens ao redor ao verem, e darem ſua obediencia como a ſeu Rey. O Governador Franciſco Barreto tendo por novas eſtar ainda alli, deſpedio hum correyo com huma carta, em que lhe pedia „ ſe „ não abalaſſe, porque lhe importava „ muito verem-ſe, a que elle reſpondeo „ que o faria, e que viſſe onde queria „ que o eſperaſſe: com o que ſe começou a preparar, e ordenar ſua paſſagem, que quiz foſſe com tamanha mageſtade, como a do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, por não diminuir na authoridade do Eſtado. E mandou logo ajuntar toda a ſoldadeſca em ſeis bandeiras, cujos Capitães eraõ, Martim Affonſo de Miranda (de quem o Governador depois de ſucceder na governança ſe moſtrou mais amigo, que de todos os Fidalgos: porque não cuidaſſe que pelos deſgoſtos paſſados lhe ficàra tendo mà vontade) Alvaro Paes de Soto-Mayor, Dom Fernando de Monroy, Jeronymo Barreto Rolim, Pantaleaõ de Sà, e D. Alvaro da Silveira. E deu recado ao Capitaõ da Cidade, que jà era Jorge de Mendoça (porque Gaſpar de Mello eſtava prezo, por huma affronta que dentro na camera fez a hum Vereador „ pera que ajuntaſſe toda a gente de ca„ vallo que na terra havia. E ao Tana„ dar mòr pera que tambem o fizeſſe à „ gente das Ilhas, e aldeas de ſua obri„ gação.

Preſtes

Prestes tudo passou o Governador a Gaçaim, e dalli mandou recado a Mealecan, e ao Accedecan „ que o esperas- „ sem no campo de Pondà, porque ahi o „ hiria ver, e visitar, e mandou logo pas- sar toda a gente a Salsete, e elle se passou por derradeiro, e de là passou à terra firme pelo lugar de Durubate (por onde D. Pedro Mascarenhas passou aquella noite) e foy marchando pera Pondà com o mesmo apparato, poder, e na mesma ordem que o Visorey tinha passado. Nesta ordem chegàraõ a Pondà onde estava D. Antaõ de Noronha, que o sahio a receber com toda a gente que tinha, posta em armas, e lhe deu grandes salvas de arcabuzaria, e fez outras muitas festas, e aquelle dia se aposentou o Governador na fortaleza. Ao outro dia chegou Mealecan com o Calabatecan, e mais Capitaens que com elle estavaõ. O Governador o sahio a receber fóra, e depois de passadas as cortesias ordinarias se recolhèraõ em tendas que pera isso estavaõ armadas, e tornàraõ de novo a confirmar os contratos que estavaõ assentados com o Visorey Dom Pedro Mascarenhas, e lhe passou ElRey provisoens „ pera logo lhe entregarem as „ fortalezas de Bandà, Curale, e outras „ daquellas partes: porque das sogeitas à jurdiçaõ de Pondà logo mandou tomar posse, e as proveo de Tanadares, e recebedores, Mouros, e Gentios.

Passadas estas cousas se despedio Mealecan do Governador, e se tornou pera a mesma aldea a esperar o recado de Anel Maluco pera começar a sobir o Gate. O Governador ficou dando ordem ao recebimento das Tanadarias da jurdiçaõ de Pondà, que eraõ doze. Autrùos, Pernàs, Batigacaõ, Ajurè, Soppà, Orubà, Daùr, Atigarà, Chandovari, Sanguisser, Armarbarca, e Dobati. Todas estas arrendou a Gentios naturaes, assim, e da mesma maneira que corriaõ em tempo dos Mouros, sem innovar cousa alguma nos foraes, antes lhes fez muitos favores, e deu muitas liberdades, e deixou hum Jorge Manhãs de sua obrigaçaõ, por recebedor de todas com poderes de Veador da fazenda, e lhe ordenou mil piaens da terra com seus Naiques, repartidos por todas as Tanadarias pera sua segurança, e pera o favor da arrecadaçaõ de suas rendas.

Feito isto, em que gastou alguns dias, deixou na fortaleza Dom Fernando de Monroy com quinhentos homens, e recolheo D. Antaõ de Noronha pera o mandar tomar posse das Tanadarias de Bandà, Curale, e das mais daquellas partes, e de todo o mais Concan, que era o mais importàte, e partio-se pera Goa.

Chegado àquella Cidade, despedio logo Dom Antaõ de Noronha pera o Concan com quinhentos soldados Portuguezes, debaixo de tres bandeiras, cujos Capitaens eraõ Jorge de Moura, Joaõ Lopes Leitaõ, e hum foaõ Pereira, que segundo nos parece era Christovaõ Pereira Homem, e lhe deu mais oitenta moradores de cavallo, muito bem concertados, e por Capitaõ do campo hum D. Joaõ que foy Mouro, e em Goa se fez Christaõ (hum dos principaes Capitaens do Reino do Idalcan, bom cavalleiro, e muito fiel) e lhe deu mil e quinhentos piaens com seus Naiques. Nesta jornada passáraõ com D. Antaõ de Noronha por aventureiros muitos Fidalgos, e cavalleiros, e dos que pude saber os nomes saõ os seguintes.

D. Luiz de Almeida, filho de Dom Lopo de Almeida. Alexandre de Sousa, que foy Capitaõ de Chàul, Alvaro Pereira, Ruy Barreto, Joaõ de Mello da Cunha, Jeronymo de Sousa, Diogo de Vasconcellos, Luiz Pinto Pimentel, Garcia Queimado, Vasco Correa, e outros. E pera Tanadar da fortaleza de Bandà hia Antonio Ferraõ Tanadar mòr de Goa, e pera Juiz da Alfandega Antonio do Valle. Prestes D. Antaõ de Noronha passou se a Bardès, e dalli tomou o caminho de Bandà: onde o deixaremos, porque he necessario continuarmos com outras cousas que neste tempo succedèraõ.

CAPITULO III.

Dos recados que paſſárão antre D. Diogo de Noronha Capitão de Dio, e Melique Xeque ſobre a Alfandega: e de outras muitas couſas que ſuccedèrão.

ATraz no Capitulo nono do primeiro livro dèmos conta, de como Tartacan deitou fóra das terras de Dio ao Abiſcan, e de como deixàra por Governador naquellas partes que elle poſſuhia a Melique Xeque Guzarate. Eſte como ſe vio alli com o poder, e mãdo, começou logo a querer puxar por ametade do rendimento da Alfandega de Dio, aſſim como a arrecadava o Abiſcan, e aſſim o mandou tratar com Dom Diogo de Noronha, de quem ſe tinha moſtrado grande ſervidor, e amigo, apreſentandolhe o direito que niſſo tinha. D. Diogo de Noronha vendo ſua tençaõ, e requerimento, o mandou deſenganar, affirmandolhe „ que na Ilha de „ Dio ninguem havia de ter quinhaõ, „ porque toda era de ElRey de Portu„ gal: que ſe contentaſſe Tartacan de „ poſſuhir as terras que foraõ do Abiſ„ can. Sobre iſto corrèraõ muitos recados ſem D. Diogo de Noronha deferir a elles: antes mandou fortificar os paſſos da Ilha, e proveo os rios de manchuas, porque lhe naõ pudeſſe entrar na Ilha. Vendo o Melique Xeque quaõ duro o achava naquelle negocio, o mandou cometer em ſegredo com cem mil Madrafaris, que cada hum tem dous larins de prata que vinhaõ a montar cincoenta mil patacoens „ pera que lhe lar„ gaſſe ametade da Alfandega; e que „ quando naõ quizeſſe, que lhe fazia a „ ſaber, que havia de mandar carregar „ as nãos de Cambaya na Cidade de „ Gogà, e que lhe havia de impedir to„ das as fazendas que por terra coſtu„ mavaõ hir a Dio, com o que aquella „ Alfandega ſentiſſe mayor perda que „ ſe lhe largàra ametade do ſeu rendi„ mento.

Eſte ponto poz D. Diogo de Noronha em conſelho das peſſoas principaes que alli eſtavaõ, e quaſi todos foraõ de parecer „ que ſe havia de largar a ame„ tade da Alfandega, antes que perdella „ toda: porque ſe Melique Xeque fa„ zia o que dizia, ficaria aquella Alfan„ dega deſerta, e que o tempo podia „ depois offerecer outra occaſiaõ, em „ que ſe lançaſſe maõ da Alfandega. Depois de votarem todos ſobre iſto largo, o fez D. Diogo de Noronha, e diſſe: „ Que elle era de contrario parecer de „ todos: porque quanto aos inconve„ nientes que apontavaõ, eraõ de feição „ que ſe podiaõ atalhar. E que hirem „ as nãos de Cambaya carregar a Gogà, „ iſſo ſe lhe poderia defender com a Ar„ mada que elle logo lançaria ao mar. „ E que quanto ás fazendas que vinhaõ „ por terra, era o que importava menos, „ que ſó as nãos de Meca era o ſubſtan„ cial, e que eſſas forçado haviaõ de vir „ a Dio, ſem lho ninguem poder defen„ der. E que quando iſſo naõ tivera re„ medio, ainda era de parecer que antes „ ElRey de Portugal perdeſſe tres, ou „ quatro annos todo o rendimento da„ quella Alfandega, que dar nella qui„ nhaõ a ElRey de Cambaya, porque „ tendo-ſe eſte negocio aſſim em tezo, „ ſe enfadariaõ os Mouros da guerra, e „ os mercadores chamariaõ pelos pro„ veitos, que todos os de Cambaya ti„ nhaõ de trazerem ſuas fazẽdas àquel„ la Ilha, e que forçado ſe haviaõ de „ tornar alargar, e que aſſim ficaria to„ da aquella Alfandega livre pera o Eſ„ tado. Iſto pareceo tambem a todos, que ſe tornàraõ a retratar, e ſeguiraõ o parecer do Capitaõ Dom Diogo de Noronha.

Com eſta reſoluçaõ, mandou Dom Diogo de Noronha dizer ao Melique Xeque „ que quanto ao dinheiro com „ que o cometia, naõ era elle homem que „ por nenhum theſouro da vida foſſe „ contra o ſerviço de ſeu Rey: que dos „ ameaços que lhe fazia lhe dava pouco, „ porque elle hiria em peſſoa a Gogà, e „ traria

„ traria as nàos que là carregaſſem, e as „ tomaria por perdidas. E que a lhe de- „ fender a paſſagem por terra às fazen- „ das, folgaria muito, porque entaõ o „ obrigaria ao hir buſcar a Nova Nager „ onde eſtava, e lançallo fóra daquellas „ terras que elle tinha tyrannizadas a „ ElRey de Cambaya, e tornarlhas a „ entregar. Com eſta repoſta começou Melique Xeque a lançar gente de guer- ra da outra banda, e a defender a paſſa- gem aos mercadores: o que ſabido por D. Diogo de Noronha, deſpedio hum Lourenço Pereira por Embaixador a ElRey de Cambaya, a pedirlhe „ que „ houveſſe por bem ficar aquella Al- „ fandega toda a ElRey de Portugal, „ porque aſſim lhe vinha melhor que „ comer ametade della aquelle alevan- „ tado, porque era bem enfraquecello „ no cabedal pera ſe não poder ſuſten- „ tar em ſua tyrannia: porque quando „ ElRey ſe quizeſſe reſtituir em ſeu „ Eſtado, o pudeſſe fazer com mais fa- „ cilidade. Eſte homem chegou à Cam- bayete, e achou o Rey moço em poder do Ithimitican, porque havia pouco tinha fugido de Madre Maluco pera elle, por arrufos que teve: mas com- prio-ſe niſto aquelle adajo Italiano, que diz, fugio da ſertãa, e foy dar nas bra- zas: aſſim eſte fugio do que o fez Rey, e o trazia na liberdade que queria pera outro tyranno que logo o fechou, e en- cerrou de feição que ninguem o via, e elle ficou governando tudo, ficando o moço como huma eſtatua ſem eleição de querer em nada: porque como o ti- nha debaixo de ſua chave, fazia tudo o que queria, e mandava ſoberanamen- te, com capa de dizer que ElRey o mã- dava aſſim, e por derradeiro lhe veyo a tirar o Reino, e entregallo aos Mago- res, como adiante na nona Decada ſe verà.

Chegado Lourenço Pereira ao Ithi- mitican, deulhe o recado de D. Diogo de Noronha, que elle logo ouvio bem, e mandou que ſe detiveſſe atè ſaber a vontade de ElRey, e aſſim ficou muitos dias ſem lhe darem repoſta, porque era homem de pouco negocio, e tacanho, e os homens que haõ de negociar com Mouros, o haõ de fazer com a maõ aber- ta. E não ſó o não ouviraõ ſem iſſo, mas ainda o tratàraõ mal, como fizeraõ a eſte. Do que D. Diogo de Noronha foy logo informado, e deſpedio Diogo Pereira (hum cavalleiro honrado de ſua obrigação, homem prudente, liberal, e grandioſo no trato de ſua peſſoa, e caſa) que chegando à Corte, achou o Lou- renço Pereira muito mal tratado do Ithimitican, porque lhe fez muitas, e publicas deſcorteſias, e eſtava como reteudo, e encurralado. Diogo Perei- ra ſe vio com o Ithimitican, e tratou com elle o negocio que levava a cargo, ſobre o que levou differente modo, e com tudo iſſo não lhe reſpondeo a pro- poſito, de que aviſou a Dom Diogo de Noronha pelo meſmo Lourenço Pe- reira que ſe foy pera Dio, e ſabendo das avexaçoens que lhe là fizeraõ, to- mouſe diſſo tanto que logo determi- nou de ſe vingar do Ithimitican. E ten- do noticia certa, que tinha huma nào ſua em Meca com cartaz que lhe paſſou o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, pera hir deſcarregar em Gogá, e que ſe eſpe- rava por ella na entrada de Agoſto, de- terminou de ſe ſatisfazer nella, pera o que armou quatro navios, de que deu à Capitania a Duarte Paim de Mello, e lhe deu por regimento „ que ſe foſſe „ pôr na enceada dos Rabãos, e que „ como aquella não appareceſſe a fizeſ- „ ſe arribar a Dio, ſem tocar nella, nem „ fazer força alguma, nem affronta aos „ mercadores. Duarte Paim de Mello ſe foy pera aquella enceada, onde eſte- ve poucos dias, porque logo houve viſ- ta da nào, que era muito fermoſa, e vi- nha a mais rica que nunca partio do porto de Judà: porque como era forra, embarcàraõ-ſe nella todos os mercado- res groſſos com todo o ouro, prata, co- ral, e outras fazendas ricas, da mòr par- te das outras nàos que eraõ obrigadas a hir a Dio a pagar os direitos. O Duarte

Paim

Paim vendo a nào, a foy demandar, e a fez amainar, e recolheo dentro o Capitaõ, e Officiaes, ſem haver alteraçaõ alguma da ſua parte: porque como vinhaõ com ſeguro, naõ houve refuſar. E como os teve no ſeu navio os quietou, e ſegurou, affirmandolhes „ que o Capitaõ „ de Dio naõ queria mais que fazer com „ elles certa diligencia: e hindo ſeu caminho foraõ ſurgir na bahia de Dio, e todos os navios à roda della. D. Diogo de Noronha mandou recado a Duarte Paim de Mello „ que naõ deixaſſe en„ trar, nem ſahir della peſſoa alguma „ atè ſeu recado, porq̃ naõ foſſe a Cam„ baya algum primeiro que o ſeu. E no meſmo dia deſpedio hum correyo muito apreſſado com huma carta pera Diogo Pereira, em que mandava „ que tan„ to que aquella viſſe, logo de noite ſe „ partiſſe deſconhecido pera Cambaye„ te, onde acharia hum navio, e que ſe „ embarcaſſe logo nelle, e ſe vieſſe pera „ Dio. Eſte correyo chegou à Cidade de Amadabà em poucos dias, e deu a carta a Diogo Pereira, que tanto que a vio, diſſimulou com o negocio, e em anoitecẽdo ſe veſtio em trajos de Mouro, e poſto em hum fermoſo cavallo ſe partio pera Cambayete, onde chegou ao outro dia, e achando o navio que lhe D. Diogo de Noronha tinha mandado, ſe embarcou nelle, e ſe veyo pera Dio. Dom Diogo de Noronha, tanto que o teve là mandou deſcarregar a nào em muitas embarcaçoens, ſem dar pelos requerimentos que os mercadores lhe fizeraõ, e que ſe meteſſem todas as fazendas na Alfandega pera pagarem os direitos, o que lhe mandou fazer com favor, dizendo aos mercadores „ que aſſaz „ de amiſade lhes fazia em lhes naõ to„ mar a nào com todo o recheyo. Vendo os mercadores que naõ tinhaõ remedio, antes de ſe lhes bullir nas fazendas, mandàraõ cometer a D. Diogo de Noronha „ com dez mil Venezeanos de „ ſerviço, e que os deixaſſe hir pera Go„ gà: mas como D. Diogo de Noronha „ o naõ vencia intereſſe algum, pelejou „ com quem lhe levou o recado. Pagos os direitos, lhes tornàraõ ſuas fazendas, e lhes deu licença pera ſe hirem pera Gogà: dizendo aos mercadores „ que „ diſſeſſem ao Ithimitican, que ſoubeſſe „ tratar bem os homens que lhe là man„ davaõ os Capitaens de Dio. Iſto ſentio elle muito, mas ſofreo; porque como tinha tyrannizado o Reino, naõ quiz bullir em couſa alguma por naõ perder tudo. Eſte anno rendeo a Alfandega de Dio com eſta grande pancada cento e vinte mil pardaos, de que ſe fizeraõ as deſpezas da fortaleza; e mandou depois ao Governador Franciſco Barreto ſeſſenta mil pardaos.

Pouco depois diſto na entrada de Setembro entrou pela barra de Dio dentro huma fuſta muito embandeirada atirando muitas bombardadas. A eſte tempo andava D. Diogo de Noronha paſſeando em huma varanda ſobre o mar; e vendo entrar o navio com tanto alvoroço (como tinha por cartas do inverno, que o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas ficava mal) houve que era morto, e que elle ſuccedia na governança, porque a merecia a ElRey. O Capitaõ do navio entrou na fortaleza, e lhe pedio alviçaras, que Franciſco Barreto era Governador da India por morte do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, e lhe deu cartas do meſmo Governador. D. Diogo de Noronha ouvindo aquillo que naõ eſperava, ficou ſobreſaltado, e chamando pelos criados mandou „ que lhe levaſ„ ſem o Capitaõ do navio ao tronco, „ porq̃ fora com tamanho alvoroço dar„ lhe novas da morte de hum taõ honra„ do Fidalgo, como o Viſorey D. Pedro „ Maſcarenhas: e aſſim foy levado o pobre homem nos ares, e metido no tronco. D. Diogo de Noronha deitou as cartas do Governador por eſſe chaõ, e começou a paſſear, e a dizer „ D. Dio„ go na India, e Franciſco Barreto Go„ vernador della? ora iſto he acabado, „ faze-te D. Diogo Clerigo, jà que naõ „ preſtas pera nada. Depois que ſe andou deſaffogando hum eſpaço, chamou o Alcaide

o Alcaide mòr, e lhe mandou „ que ſol-
„ taſſe o Capitaõ do navio, e que em-
„ bandeiraſſe a fortaleza, e deſparaſſe a
„ artelharia, e que feſtejaſſe aquelle
„ doudo de Franciſco Barreto, porque
„ não queria que diſſeſſem, que de en-
„ veja o deixàra de fazer, e que ElRey
„ podia dar a ſua governança a quem
„ quizeſſe. E tomando o dinheiro que
tinha junto (que era os ſeſſenta mil par-
daos que diſſemos) o mandou embarcar
no meſmo navio em companhia de ou-
tros, e reſpondeo ao Governador às ſuas
cartas. Eſte dinheiro chegou à Goa de-
pois das nàos do Reino, que o Gover-
nador feſtejou muito, porque lhe foy
a muito bom tempo, e eſcreveo a Dom
Diogo de Noronha cartas cheas de
obrigaçoens, e agradecimentos dos mui-
tos ſerviços que tinha feitos à ElRey
naquella fortaleza. Agora deixaremos
hum pouco eſtas couſas, porque he ne-
ceſſario continuemos com as que ſucce-
dèraõ neſte tempo em Ceilaõ, primeiro
que entremos nas do veraõ.

CAPITULO IV.

Das couſas que ſuccedèraõ em Ceilaõ: e dos ardiz de que o Madune uſou pera inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois ſe concertou com elles pera o deſtruirẽ como fizeraõ.

FOgido Tribuli Pandar da priſaõ em que D. Duarte o tinha (como já na ſexta Decada no Capitulo duodecimo do livro decimo fica dito) foy ſe elle pôr no lugar de Balande (depois que fez os danos que diſſemos) O Madune como era manhoſo, e aquellas deſavenças todas lhe ficavaõ cortadas à medida do que deſejava: deſpedio logo peſſoas de recado a Tribuli Pandar, por quem o mandou perſuadir „ a ſe vingar
„ das affrontas que os Portuguezes lhe
„ tinhaõ feito, offerecendolhe pera iſſo
„ toda ajuda que quizeſſe, de gente, e
„ dinheiro: o que lhe o Tribuli Pandar aceitou, e elle lhe mandou ſeiſcentos Chingalàs com ſeus Modeliares, e com a gente que mais ajuntou começou a fazer muito grande guerra aos noſſos, e deſtruhio os lugares de Paneturè, Caleturè, Macù, Berberi, Galè, e Beligaõ, e derribou por elles todos os noſſos Templos, que os Frades de S. Franciſco em todos eſtes lugares tinhão, e nelles feitos muitos Chriſtãos com grande edificação, e exemplo de vida, recebendo alguns delles deſta vez glorioſo martyrio por mãos deſte Barbaro, que a nenhuma couſa perdoava, e a muitos dos Chriſtãos cativou, tratou mal, e ainda meteo a tormentos. Neſta conjunção chegou Affonſo Pereira de Lacerda (que atraz deixàmos partido de Còchim) pera hir ſucceder naquella Capitanía, e depois de tomar poſſe della, ſabendo os grandes danos que o Tribuli Pandar tinha feitos, tratou de lhe fazer toda a guerra que pudeſſe, pera o que fez ſuas preparaçoens. O Madune que não perdia occaſiaõ, tanto que vio o Tribuli Pandar bem homiziado com os Portuguezes, deſpedio embaixadores a Affonſo Pereira de Lacerda, por quem o mandou viſitar „ e offere-
„ cerlhe contra o Tribuli Pandar tudo
„ o que lhe foſſe neceſſario, o q̃ Affonſo Pereira de Lacerda lhe aceitou, e agradeceo, fazendo antre ambos concertos
„ que cada hum por ſua parte fizeſſe
„ guerra ao Tribuli Pandar, e não le-
„ vaſſem maõ della, atè de todo o não
„ deſtruirem: porque em quanto foſſe
„ vivo, havia de dar trabalhos àquella
„ Ilha. Eſtes concertos ſe fizeraõ com condição „ que ſe arrecadariaõ pera
„ ElRey de Portugal os direitos da ter-
„ ra, e portos, que antigamente lhe pa-
„ gavaõ, que o Madune lhe trazia uſur-
„ pados, e eraõ os ſeguintes.

„ Dos portos de Licaõ mil fanoens,
„ de Belicote trezentos; as terras da
„ Rainha tres mil e trezentos, as de
„ Mapano ſetecentos, as de Muliara
„ dous mil, o Regir dous mil e quinhen-
„ tos, o porto do Matual tres mil e tre-
„ zentos

„ zentos e vinte, o de Columbo dous „ mil, Paneturè quinhentos e seſſenta, „ o porto de Macù, Beligaõ, e Galè, e „ Chucari nove mil e setecentos. E aſ- „ ſentàraõ mais que o Capitaõ pren- „ deſſe o Camereiro mòr do Rey da „ Cota, e ſeu cunhado Alaca, Mode- „ liar, e hum filho do Capitaõ preto „ (que eraõ as tres peſſoas de que mais „ o Madune ſe temia, fazendo os Em- „ baixadores crer ao Capitaõ que eſtes „ eraõ os induzidores das couſas do „ Tribuli Pandar, que o favorecèraõ „ nos danos que tinha feito: porque ha- „ via o Madune, que como não tiveſſe „ eſtes contra ſi, logo lhe ſeria muito „ facil fazerſe Senhor de toda a Ilha.

Feitos todos eſtes contratos à vonta- de do Madune, ſem Affonſo Pereira de Lacerda entender ſuas invençoens, logo ſe preparàraõ pera proſeguirem a guer- ra, e o Capitaõ prendeo as peſſoas que o Madune pretendia, e o Camereiro mòr mandou no começo do veraõ pera Goa, a quem o Governador Franciſco Barreto recebeo bem, e o mandou en- tregar aos Frades de S. Franciſco, onde eſteve, e lhe mandou dar todo o neceſ- ſario, e o tratàraõ com tantos mimos, que o vieraõ a fazer Chriſtaõ, e o bau- tizàraõ com grandes feſtas, ſendo o Governador Franciſco Barreto ſeu Pa- drinho, e lhe poz o ſeu nome, e depois o tornou a mandar pera Ceilaõ com mi- mos, e honras.

Aſſentados os contratos antre o Ma- dune, e Affonſo Pereira de Lacerda, deſpedio o Madune hum filho ſeu baſ- tardo chamado Rajù (que foy o mòr imigo, e que mòr trabalho deu àquella fortaleza que todos, e que lhe poz dous muito apertados cercos, hum ſendo Ca- pitaõ Manoel de Souſa Coutinho, e outro Joaõ Correa de Brito, como na nona, e decima Decada ſe dirà) Eſte Rajù com grande exercito foy contra o Tribuli Pandar pela parte de Caletu- rè. Affonſo Pereira de Lacerda man- dou Ruy Dias Pereira com duzentos homens, e Antonio de Eſpindola com cento, pera hirem cada hum por ſua parte acometer a Cidade de Palanda, onde o Tribuli Pandar eſtava, porque o Rajù havia de hir por outra parte, porque aſſim lhe não pudeſſe eſcapar. Chegados todos a ella, aſſentados ſeus exercitos cometèraõ os noſſos a Cida- de com muita determinação, e poſto que o Tribuli Pandar ſe defendeo mui- to valeroſamente, todavia ella foy en- trada com morte de muitos de dentro, e o Tribuli Pandar vendo-ſe perdido, teve modo com que eſcapou, e fugio pera Tanavarè, e os noſſos lhe entràraõ as caſas, e cativàraõ ſua mulher, que era filha do Madune, e havia pouco tinha recebido, e lhe tomàraõ todo o ſerviço de ſua caſa, e peſſoa, e com iſſo ſe reco- lhèraõ pera Columbo, e o Rajù pera Ceitavaca. O Tribuli Pandar não ſe havendo por ſeguro em Tanavarè ſe paſſou às ſete Corlas, atè onde o Rajù depois o ſeguio, e lhe ficou pondo cerco muito devagar, como adiante ſe verà.

CAPITULO V.

De como hum Capitaõ Pegù, chamado Ximidoſataõ, matou ElRey Brama, e ſe apoderou do Reino, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas couſas que ſuccedèraõ.

DEixàmos as couſas de Pegù no Capitulo nono do ſetimo livro da ſexta Decada, em ſe recolher o Bra- mà de ſobre a Cidade de Camambè ſem a poder tomar. E porque em todos eſtes annos, que ſe metèraõ em meyo atègo- ra, ſuccedèraõ muitas couſas notaveis, que deixamos de contar, porque foraõ eſpalhadas, nos pareceo bem recopilar- mos todas neſte Capitulo, e neſte lu- gar, porque entraõ nellas alguns feitos famoſos de Portuguezes, que não he bem ſe percaõ, nem nòs o façamos à or- dem que levamos neſta hiſtoria, que he contar as couſas alheas no tempo do in- verno em que ſomos entrados.

Pelo

Pelo que se ha de saber, que em quanto o Bramà andou conquistando a Cidade de Siaõ, e de Camambè, se alevantou cà em Pegù hum grande Capitaõ chamado Ximindo, e começou em segredo a convocar gente, e a se cartear com algumas Cidades principaes pera em quanto o Bramà andasse ausente (cuidando que fosse devagar) se alevantar com o Reino. Antre estas Cidades entrava tambem a de Pegù, que era a cabeça do Reino, cujos moradores folgàraõ de elle tomar aquella empreza, por ser Pegù, e se livrarem da sogeição dos Bramàs, e vindo ElRey daquella jornada, em que o deixàmos, chegou a Pegù, sem saber ainda cousa alguma da conjuração, e se foy meter na Cidade, e despedio Diogo Soares de Mello pera se hir a Cosmim, que era o Bandel, onde o navio do trato jà era chegado pera lhe fazer os direitos, e com isso tambem despedio seus Capitaens pera que fossem descançar. E ficando só, e bem descuidado, lhe deraõ novas que o Ximindo ficava na Cidade de Cevadi (que era poucas leguas) e que na de Pegù havia alguma alteração, porque ElRey estava na fortaleza a huma parte da Cidade, onde se proveo, e fortificou muito bem, e despedio recado a Diogo Soares de Mello, pera que se tornasse logo pera elle, e fez chamamento de alguns Capitaens de mais perto.

Este recado tomou a Diogo Soares de Mello no Bandel, e logo com muita pressa ajuntou todos os Portuguezes que alli havia, e por todas as povoações daquelles rios, que seriaõ perto de duzentos, e se foy pelo rio acima pera Pegù, achando jà os caminhos quasi impedidos por ordem do alevantado, de que escapou por sua industria, e esforço, e chegado à Cidade, se foy pela banda de fóra demandar os Paços de ElRey, e entrou pelos pateos a tempo que elle estava em huma varanda, e em o vendo entrar que o conheceo, se alevantou cõ grande alvoroço, e lhe disse de cima: „ Ah irmaõ (porque assim lhe chamava „ elle sempre) eu no meu Elefante, e tu „ no teu cavallo, venha todo o mundo: e sahindo pera fóra o recebeo com muitas honras, e o mandou agasalhar com todos os Portuguezes dentro na fortaleza por sua guarda. E assim todas as noites vigiavaõ cada quarto vinte e cinco Portuguezes na sua antecamera, onde ElRey todos os quartos os hia visitar, e lhes dava grandes banquetes, e dinheiro pera jugarem, e elle estava muitas vezes vendo o jogo, e aos que perdiaõ mandava dar mais dinheiro.

E chegandolhe os Capitaens que tinha mandado chamar, foy buscar o alevantado, dando a dianteira a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes todos. O Ximindo que estava na Cidade de Cevadi, em lhe dando recado que o Bramà o hia buscar, se sahio com todo o poder, e furtandolhe a volta deu sobre a Cidade de Pegù taõ de supito, que a entrou logo, porque os conjurados lhe deraõ lugar pera isso, e a Rainha se fechou no castello com os seus ordinarios, e com alguns vinte Portuguezes que alli ficàraõ, e se defendèraõ muito valerosamente do Ximindo, que bateo o castello muy furiosamente, e affirmavaõ que hum Fidalgo Capitaõ do navio da viagem provera o alevantado de polvora, e muniçoens pera isso. O Bramà teve recado disto pela posta, e voltando a grande pressa chegou à Cidade de Pegù, e sabendo-o o Ximindo se acolheo logo della, e foy fogindo pera os matos jà sem poder, porque todo se lhe foy. ElRey se deixou ficar fóra sem querer entrar na Cidade, e mandou alguns Capitaens „ que „ fossem dentro, e matassem à espada „ todos os moradores della, mulheres, „ meninos, e ainda todos brutos ani- „ maes: porque na Cidade traidora nem „ a elles se havia de perdoar, e que só os „ que se acolhessem às casas de Diogo „ Soares de Mello (porque tinha alli „ seu fato, e criados) se lhes perdoasse: o que os Capitaens fizeraõ com tamanha crueza,

crueza, e carniçaria, que foy eſpanto. O Capitaõ Portuguez, que alli eſtava com todos os que tinha em ſua companhia, parece que tiveraõ aviſo de Diogo Soares de Mello, e naquella revolta tiveraõ tempo de ſe acolherem as ſuas caſas (que ſe entulhàraõ de gente, caſas, pateos, e atè por cima dos telhados, e ainda por derredor das paredes da banda de fóra) aonde os Bramàs naõ chegàraõ, porque lhe tinhaõ tanto reſpeito, que chegando à viſta das caſas de longe, todos os que hiaõ a cavallo, ou em Palanquim, logo ſe apeavaõ por obediencia, eſcapando mais de doze mil almas, que àquelle circuito ſe acolhèraõ, e tudo o mais atè os caens, e gatos foraõ metidos à eſpada.

Acabado eſte cruel ſaco, chamou o Bramà Diogo Soares de Mello, e lhe diſſe „ que foſſe com todos os Portu„ guezes, e que tomaſſem na Cidade „ tudo o que quizeſſem, porque a fa„ zenda dos traidores razaõ era que ſe „ dèſſe aos leaes: e mandou a hũ Capitaõ Bramà „ que lhe prendeſſe aquel„ le Capitaõ Portuguez que alli eſtava „ fazendo as viagens, pelo favor que „ dera a ſeus imigos, cujo nome calamos por razoens que a iſſo nos moveraõ, por não affrontarmos filhos, e netos, que tem no Reino bem honrados. Diogo Soares de Mello com os companheiros entràraõ pelas caſas, e tomàraõ o que pudèraõ, e elle foy levado por peſſoas, que ſabiaõ as caſas dos ricos, e affirma-ſe que ſó em pedraria tomàra pera ſi perto de tres milhões de ouro, e que os ſeus tambem houveraõ bom quinhaõ. Abaſtados elles, e ſatisfeitos mandou o Bramà a todo ſeu exercito q̃ foſſe ſaquear a Cidade, o que os Bramàs fizeraõ, ſem nella deixarem couſa alguma. Paſſado iſto, mandou ElRey queimar todos aquelles corpos mortos no campo em fogueiras muy grandes, que pera iſſo ſe fizeraõ; e depois da Cidade limpa, e deſpejada, entrou ElRey nella, e foy ver a Rainha ao Caſtello, e fez muitas mercès, e honras aos Portuguezes que a defendèraõ. Diogo Soares de Mello naquelle alvoroço pedio de mercè a ElRey „ que mandaſſe ſoltar o Ca„ pitaõ Portuguez que tinha prezo, o „ que lhe elle concedeo, ainda que con„ tra ſua vontade. Todas eſtas couſas ſuccedèraõ deſde a era de quarenta e oito, atè a de cincoenta, em que ElRey ficou pacifico, e quieto.

E na entrada da primavera ſe foy recrear, e deſcançar dos trabalhos paſſados a huma Cidade muito freſca, chamada Sataõ, que eſtà ſobre aquelle fermoſo rio, de que era Senhor hum Pegù que ſe chamava Ximi de Sataõ, que he tanto como dizer Duque de Sataõ, que por agravos que tinha de ElRey, e com a ambiçaõ que lhe entrou de ſe fazer Rey, determinou de o matar. E eſtando ElRey muy deſcançado no campo onde andava à caça, entrou de noite por huma janella (com conſentimento de ſua guarda que pera iſſo tinha peitado) e às adagadas o matou, tendo reinado dezaſete annos. E como elle tinha negociado aquillo de boa feição, com alguns Capitaens da ſua banda, logo ſe apoderou das caſas de ElRey, e de tal manha uſou, que lhe acodiraõ os Pegùs todos, por ſuas liberdades, e o appellidàraõ por Rey, e ſahio dos Paços a dar nos Bramàs que eſtavaõ no exercito pera os matar a todos. Neſte tempo eſtava tambem no arrayal Diogo Soares de Mello com alguns Portuguezes, que ElRey nunca largava de ſi, e ouvindo nas ſuas tendas a revolta, acodio com os companheiros às caſas de ElRey. Os da conjuração que andavaõ já ſoltos deraõ nelle, e lhe matàraõ tres companheiros, e a elle feriraõ muito mal em hum braço, e vendo a couſa taõ mal parada puzeraõ-ſe em cavallos, e ſe foraõ pera a Cidade de Ovà, onde eſtava hum cunhado de ElRey chamado Mandaragri.

Era eſte Mandaragri filho de huma Ama de ElRey Bramà, que lhe criàra hum filho que jà era morto, e como andava das portas adentro, ſem ſe lhe fe-

char

char couſa alguma, e elle era mancebo muito nobre, e gentil-homem, tratou amores com huma irmãa de ElRey, tambem moça, e muito fermoſa, e concertando-ſe ambos vieraõ a effectuar ſeus deſejos. Mas receando o mancebo que o vieſſe ElRey a ſaber, deſappareceo hum dia, e foyſe pera outros Reinos apartados, e como neſtas couſas o ſegredo dellas nunca dura muito, chegando aos ouvidos de ElRey o màu recado da irmãa „ mandou-a prender, e „ que ſe buſcaſſe o Mandaragri pelo „ mundo todo, prometendo muito a „ quem lhe deſcobriſſe aonde eſtava: e aſſim mandou muitos Capitaens que ſe eſpalhaſſem por todos aquelles Reinos apoz elle. E como a paixaõ ſempre tem termo, alguns grandes privados de ElRey, em o ſentindo hum pouco brando, lhe pediraõ, e aconſelhàraõ „ que „ jà que o màu recado era feito, devia „ de perdoar a ſua irmãa, e remediar „ aquillo com a caſar com o Mandara- „ gri, e fazello grande Senhor em ſeus „ Reinos. Tantas couſas lhe diſſeraõ neſte caſo, que o abrandàraõ de todo, e mandou vir o Mandaragri (que logo ſe deſcobrio) e os caſou, e lhe deu titulo de Xemim, que he de Duque, e o trazia comſigo no exercito, muito mimoſo, e em lugar de filho, porque os não tinha.

O Xemim de Sataõ, que matou ElRey, depois que ſe apoderou do exercito, abalou contra a Cidade de Pegù, e Diogo Soares de Mello com os Portuguezes o ſahiraõ a receber, e a reconhecer por Rey, e elle lhe fez honras, e gaſalhados, e o deſpedio que ſe foſſe pera Pegù, onde elle todos os dias que alli eſteve, depois que fogio do exercito, ſempre governou abſolutamente tudo como Rey, e os Pegùs lhe obedecèraõ como eſſe. O tyranno do Xemim de Sataõ naõ quiz entrar na Cidade, porque lhe deraõ novas, que o outro Xemindo (de que atraz fallàmos) depois de ſaber da morte de ElRey, ajuntàra grandes exercitos, e que vinha muito poderoſo em buſca delle, apellidando-

ſe Rey de Pegù: pelo que com muita preſſa ajuntou eſtoutro Xemim de Sataõ todo o poder que tinha, e o foy eſperar, e antes que ſe partiſſe mandou chamar Diogo Soares de Mello „ que „ com todos os Portuguezes o foſſe „ acompanhar, o que elle logo fez. E antes de chegar aonde eſtava o Xemim de Sataõ, o levàraõ alguns Capitaens no meyo, e entràraõ com elle em huma varella, e alli o retiveraõ, dizendolhe „ que mandaſſe buſcar ſeu filho que fi- „ càra em Pegù, pera tambem hir na- „ quella jornada. Diogo Soares de Mello, como era prudente, logo ſe receou, e houve aquillo por ruim negocio, e deſpedio hum Fernaõ Rodrigues, que hoje vive na Cidade de Goa, e ſerve o officio de Modacadaõ dos Farazes, „ pera que foſſe chamar o filho, e diſſeſ- „ ſe aos Portuguezes que eſtavaõ em „ Pegù, que ſe puzeſſem em cobro, por- „ que havia ruins ſinaes, e àquelle Fi- „ dalgo Capitaõ da viagem lhe diſſeſſe „ que jà vira o que tanto deſejava: porque imaginou Diogo Soares de Mello que elle o mexericàra com o Xemim de Sataõ. Fernaõ Rodrigues trouxe o filho de Diogo Soares de Mello, e chegando com elle à eſcada da varella onde o pay eſtava, lhe tomàraõ os Pegùs o cavallo, e o prendèraõ, e deſpiraõ: o pay tanto que vio fazer aquella offenſa ao filho, dandolhe a paixaõ, lançou maõ de huma cana mociſſa (a que na India chamaõ bambuz) que alli eſtava chea de boninas que offerecèraõ ao Pagode, e arremetendo com os Pegùs os levou às pancadas diante de ſi, e lançando a todos fóra da varella arremeteo pera ſe ſahir por outra porta, e ſendo embaixo foy cercado, e atado com as mãos detraz, e hum daquelles algozes levantou hum luzente traçado pera lhe cortar a cabeça, e vendo-o elle, diſſe a hum Capitaõ chamado Xemim da guedelha, grande ſeu amigo „ que pois o queriaõ „ matar, que fizeſſe eſperar hum pou- „ co, e lhe ſoltaſſe a maõ direita, porque „ queria pedir a Deos perdaõ de ſeus

„ peccados; e Xemim da guedelha o fez aſſim, mandandolhe deſatar a maõ direita, e abaixando-ſe elle em giolhos, tomou hum tijolo (que havia alli muitos) e com os olhos no Ceo deu com elle muitas pancadas nos peitos com tanta força, que logo lhe arrebentou o ſangue, dizendo: *Senhor tibi ſoli peccavi*, e alli naquelle breve tempo fez muito alto huma confiſſaõ de ſeus peccados em particular dizendo: *Offendi vos Senhor em tal, e em tal*, e aſſim foy diſcorrendo por todos aquelles que lhe lembràraõ, com tantas lagrimas, e pancandas nos peitos, que moveo a todos a compaixaõ, e naquelle acto lhe deu hum verdugo por detraz hum tamanho golpe, que lhe deitou a cabeça fóra dos hombros. E ſegundo aquelles exteriores podemos crer da miſericordia de Deos noſſo Senhor que a haveria com elle.

O filho que atraz diſſemos, foy taõ ditoſo, que naquella revolta (quando o pay lançou às pancadas a todos da varella) tornou a cavalgar no cavallo, e ſem terem tento nelle deu comſigo em Pegù, onde ſe ſoube logo a morte de Diogo Soares de Mello. Paſſados poucos dias depois diſto, foy o Xemim de Sataõ buſcar o Xemindo, e chegando à viſta hum do outro, vieraõ a batalha, onde o Xemim de Sataõ foy desbaratado, e prezo, e o Xemindo paſſou adiante, e entrou pela Cidade de Pegù triunfando, e mandou levar por toda ella o Xemim de Sataõ, aſſim atado, com pregoens que diziaõ „ que aquelle era o „ traidor que matàra ElRey Bramà. E hindo elle naquelle trance, paſſando pelas caſas que foraõ de Diogo Soares de Mello, pondo os olhos nellas diſſe alto: „ Eu mereço eſta morte, e deshon„ra, porque mandei matar Diogo Soa„res de Mello ſem razaõ, e por màs in„formaçoens. E depois de todas eſtas affrontas lhe cortàraõ tambem a cabeça.

CAPITULO VI.

De como Mandaragri cunhado de ElRey Bramà veyo com grandes exercitos ſobre Pegù, e tornou a conquiſtar aquelle Reino. E das façanhas que os Portuguezes fizeraõ em defenſaõ da fortaleza, onde a Rainha eſtava. E do que fez o Mandaragri Rey de Pegù quando os veyo ſoccorrer.

DEſta vez ficou Xemindo Rey de Pegù atè eſte anno de cincoenta e cinco em que andamos, que o Mandaragri cunhado de ElRey Bramà (que como diſſemos foy fogindo pera a Cidade de Ovà) tornou ſobre elle, porque os Regedores daquelle Reino o alevantàraõ por Rey, por ſer caſado com a irmãa de ElRey Bramà, a quem de direito pertencia o Reino. E vendo-ſe elle potente, e ſabendo das revoltas que em Pegù havia, e como o Xemindo matàra a Xemim de Sataõ, e ſe intitulàra Rey, ajuntàdo grandes exercitos entrou pelo Reino de Pegù, e depois de ter muitos recontros com a gente do tyranno, vieraõ ambos a batalha, que foy muito cruel, e por fim della ficou o Xemindo desbaratado de todo, e foy fogindo em trajos disfarçados pera os mais apartados matos dos fins do Reino. O Mandaragri vencida a batalha ſe apoderou de todo o Reino, e como ſe vio quieto mandou lançar grandes pregoens „ que toda a peſſoa que „ lhe diſſeſſe onde eſtava o Xemindo, e „ lhe dèſſe ordem pera o haver às mãos, „ o faria grande Senhor em ſeus Rei„nos, e Eſtados. E tanta diligencia poz niſto, que o houve às mãos por eſta maneira.

Fogindo o Xemindo (como acima diſſemos) ſe foy pôr nos matos mais eſcondidos que havia nos fins do Reino, e alli em trajos de lavrador ſe caſou com huma filha de hum que neſtes matos vivia pobremente, onde começou a grangear a vida roçando, e ſemeando a terra, vivendo

vivendo neſte eſtado mais de dous annos. E parece que devia de ſer muy afeiçoado a ſua mulher, porque ſe lhe deſcobrio de todo. E uſando ella da natureza das mulheres (que he naõ poderem acabar comſigo guardar ſegredo em couſa alguma) deu conta a ſeu pay de quem elle era, que vencido logo do intereſſe que ElRey prometia a quem o deſcobriſſe, diſſimulando ſe foy a Pegù, e deu conta daquelle negocio a ElRey, e ſe lhe offereceo ao entregar, como fez. ElRey o mandou trazer diante de ſi pera o conhecer, e vendo ſer o proprio o mandou alli logo matar, e ſobre ſua vida, e morte fizeraõ os Pegùs muitos Romances, que hoje em dia cantaõ em ſuas feſtas.

E tornando a continuar cõ a ordem de noſſa hiſtoria: tanto que o Mandaragri ſe vio Senhor do Reino de Pegù, quiz obrigar aos naturaes ao amarem, com beneficios, amor, e mercès, e logo repartio os titulos todos, e eſtados com os filhos dos que os poſſuiraõ ſe eraõ jà mortos, e ſe vivos confirmava-os nelles, e deu outros muitos de novo, e proveo nelles todos os officios, ſem dar hũ ſó, nem terras, rendas, nem outra couſa alguma a nenhum dos Bramàs, que comſigo trouxe. Mas como a malicia dos Pegùs he muy grande, e ſua natureza alterada, naõ ſe quietàraõ com tudo iſto: antes começou logo a haver antre elles muitos tumultos, a que o Bramà acodio com o caſtigo, abrazando Cidades, deſtruindo povos, e mandando matar infinitos Pegùs, e a todos os mais fez tirar as armas, e os inhabilitou de todo, e pera mais os domar, ordenou de fazer huma fermoſa Cidade pera ſua Corte, pegada à velha, a que poz logo as mãos, e começou a levantar os muros de adobes em fórma quadrada, e taõ grande, que he eſta Cidade huma das notaveis couſas do mundo; de quina a quina tinha cinco portas, e ſobre cada huma hum fermoſo baluarte, e de hum a outro cinco guaritas, e a mandou cercar de huma muy fermoſa cava de largura de hum bom tiro de pedra, e de cinco braças de fundo, e no meyo da Cidade fez apoſentos pera ſi de tanta mageſtade, de caſas, ſalas, varandas, guaritas, pateos, e jardins, que era couſa eſpantoſa, e todos cercados à roda de hum groſſo muro, e de outra funda, e fermoſa cava, cheas ambas da agua dos rios, que fez entrar, e ſahir por ellas, tudo iſto por ordem de Arquitectos Chins, que lhe fizeraõ os Paços pela fórma dos do Rey da China, que elle mandou trazer daquelle Reino cõ grandes dadivas. Neſta obra trabalhàraõ os Pegùs, e em outra de muita mageſtade, que mandou logo fazer pera os ter ſopeados, como Faraò ao povo de Iſrael: mas nem iſto baſtava pera os quietar, porque cada dia havia antre elles muitas alteraçoens, a que elle acodia com rigor.

Em fim depois de ter quieto tudo, o melhor que pode, ajuntou grandes exercitos de hum milhaõ, e ſeiſcentos mil homens de armas pera hir conquiſtar alguns Reinos comarcãos, e deixou a mulher, e filhos na Cidade, e fortaleza velha, porque a nova ainda eſtava imperfeita, e ſe hia fazendo. Metendo-ſe por eſſe ſertaõ, foy conquiſtando, e ſenhoreando todos os Reinos, que havia atè chegar aos eſtremos do de Cauchi China, em que não quiz bullir, nem tocar, e o Aitaõ da Cidade que era o Governador, o mandou viſitar, e prover de mantimentos, e refreſco muy abundantemente. Dalli voltou levando cõſigo muitos Chins, que ſe quizeraõ vir com elle, e deſta vez ficou aquelle caminho aberto atè hoje. E aſſim daquellas Provincias todas vem todos os annos à Cidade de Pegù muitos mercadores groſſos com fazendas, almiſcar, peças de ſedas de differentes cores, e lavores, louça, e outras muitas couſas. E aſſim ſe lhe affeiçoou o Bramà, que tomou os Chins, que com elle quizeraõ ficar por ſeus criados, e os fez muito honrados nos ſeus Reinos, que deixou naquelles que conquiſtou os meſmos

Reys, ſem querer delles mais que o reconhecimẽto de vaſſallagem: ſó o Reino de Camboja, que fica antre Siaõ, e Cauchi China, não póde ſenhorear por ſer couſa grande, e o Rey muito poderoſo.

Em quanto elle andou neſtas conquiſtas, ſe alevantou outro tyranno, e foy com hum poderoſo exercito ſobre a Cidade de Pegû, e a Rainha com os Regedores ſe recolhèraõ à fortaleza, e metèraõ dentro os Portuguezes que alli havia, e alguns Mouros das nàos de Meca pera ſua defenſaõ, e aos Portuguezes que ſeriaõ trinta, de que era Capitaõ hum Franciſco Trigo, que elles antre ſi elegèraõ, entregàraõ as portas por homens de mais confiança, aſſim na lealdade, como no esforço.

O tyranno tanto que chegou a Pegù, logo ſe ſenhoreou da Cidade, e começou á bater a fortaleza em que a Rainha eſtava, que ſempre fora entrada ſe naõ houvera antre elles huma muito antiga abuſaõ, que nunca ſe poderia entrar aquella fortaleza, ſe naõ foſſe por huma certa porta daquellas em que a Rainha tinha poſtos os Portuguezes, e lhes tinha entregue as chaves de todas as mais, pera que elles as vigiaſſem, e roldaſſem, como faziaõ todas as noites. O imigo foy combatendo a fortaleza, e poz todo ſeu poder ſobre aquella porta das abuſoens, e a combateo, e cometeo por muitas vezes com grande determinaçaõ; mas os valeroſos Portuguezes lha defendèraõ com muito grande eſtrago ſeu, e aſſim a Rainha os favorecia, e provia de tudo, como quem tinha nelles ſó todo ſeu remedio.

Diſto foy ElRey là por onde andava aviſado por correyos apreſſados: pelo que logo com muita preſſa deſpedio alguns Capitaens diante, e elle ſe deſembaraçou de tudo, e partio apoz elles. E pera o fazer mais deſembaraçadamente, mandou pôr o fogo a toda a fazenda, e fato, que havia no exercito, pera os ſeus naõ terem que levar, que os impediſſe, e foy caminhando taõ apreſſado, que andando mais de dous mezes de caminho afaſtado de Pegù, em menos de hum chegou àquella Cidade que jà achou deſcercada: porque os Capitaens que chegàraõ diante, deraõ nos imigos, e os desbaratàraõ, e houveraõ o tyranno às mãos, que logo foy eſpedaçado.

Chegado o Bramà a Pegù aſſentou fóra o ſeu exercito, e como jà tinha novas de tudo o que era paſſado, mandou Adechanchas, que era hum capado, Veador da fazenda, que foſſe à Cidade, e lhe trouxeſſe os homens, e o capado lhe levou os Mouros, que tambem eſtiveraõ na fortaleza, e vendo-os ElRey ſe agaſtou muito, e diſſe ao capado „ eu mando-te chamar homens, e tu tra„ zeſ-me gallinhas? Ora vay, e traze„ me ſó os que tem nome de homens. Tornou o capado à Cidade, e levou todos os Portuguezes, que ſe veſtiraõ muito galantes: ElRey lhes fez muitas honras, e lhes diſſe „ vòſoutros me fi„ zeſtes a vontade, agora vos quero eu „ fazer a voſſa: pedi o que quizerdes. Elles ficàraõ embaraçados, olhando huns pera os outros ſem ſe ſaberem determinar, no que pediſſem, e aſſim ficàraõ ſem lhe reſponder. Vendo ElRey que lhe não reſpondiaõ, lhes mandou dar muitas peças de ouro, e lhes diſſe palavras muito honradas, e de muito louvor da nação Portugueza. Feito iſto entrou na Cidade, e foy ver a Rainha, que lhe diſſe „ que ſó os Portugue„ zes a livràraõ de a achar cativa, contandolhe muitas façanhas que lhes vira fazer, e ella fez tambem mercès a todos.

Reinou eſte Rey cincoenta annos com tanta juſtiça, e inteireza, que ſe póde meter no conto dos famoſos do mundo. Por ſua morte lhe ſuccedeo naquella Monarquia ſeu filho Para Mandarà, que taõ bem foy muito valeroſo, e governou ſeus Reinos em muita paz, e juſtiça, como em ſeu lugar diremos.

CA-

CAPITULO VII.

Da Armada que eſte anno de cincoenta e cinco partio do Reino, de que era Capitaõ mór D. Leonardo de Souſa. E da perdição da nào Algaravia nova. E de como o Governador Franciſco Barreto mandou Dom Alvaro da Silveyra por Capitaõ mòr ao Malavar. E do que aconteceo a Mealecan atè Bilgaõ. E dos tratos que o Idalcan teve com Anel Maluco ſobre lho entregar.

PReſtes a Armada, que ElRey determinava de mandar eſte anno à India, que era de cinco nàos muito fermoſas, deraõ todas à vela atè vinte de Março. Era o Capitaõ mòr dellas Dom Leonardo de Souſa, que vinha na nào noſſa Senhora da Barca. E os mais Capitaens eraõ, Franciſco Figueira de Azevedo em S. Filippe, Vaſco Lourenço de Barbuda Carracaõ em S. Pedro, Jacome de Mello na Algaravia velha, e Franciſco Nobre na Algaravia nova. Neſta Armada hia embarcado o Biſpo Carneiro, e o Padre Antonio de Quadros (que havia de ſer Reitor do Collegio de Goa) muito bom Theologo, e o Padre Frãciſco Rodrigues o Manquinho, muy douto em Canones, e muito aceito Prègador, de quem em Lisboa ouvimos a Rhetorica, e a Eſfera no Collegio de Santo Antaõ, e outros Padres que haviaõ de paſſar a Abaſſia, e por Provincial da India (que entaõ ſe fez Provincia) hia o Padre D. Gonçalo da Silveira irmaõ do Conde da Sortelha, Varaõ douto, de vida approvada, e que depois morreo martyr na Cafraria, como em ſeu lugar diremos. Levavaõ eſtes Padres muitos, e muy ricos ornamentos pera a Abaſſia, porq̃ viſſe aquella Chriſtandade a grande riqueza, e apparato com que a Igreja Romana celebrava o culto Divino, e folgaſſem de ſeguir ſeus coſtumes, e ceremonias.

Deſtas nàos, as quatro chegàraõ a ſalvamento à India: ſó a nào Algaravia nova, de que era Capitaõ Franciſco Nobre, tomou a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e hindo demandar Còchim, foy varar nos baixos de Pero dos Banhos, que eſtaõ em altura de ſete gràos do Sul. Vendo-ſe Franciſco Nobre varado em terra, ſe meteo no batel com alguns Officiaes, e recolhendo algum mantimento, e agua, com grande deshumanidade ſe foy pera Còchim, deixando toda a gente na Ilha (que eraõ perto de quatrocentos homens) e elle no batel foy ter a Còchim, e dahi ſe paſſou a Goa. Os da perdiçaõ que eſtavaõ na Ilha, vendo que o Capitaõ os deſemparàra, e deixàra ſem remedio, e que lhes convinha tratarem delle, e de ſua ſalvaçaõ, puzeraõ em conſelho ordenarem algumas jangadas da madeira da nào, a que começàraõ pôr as mãos.

Mas D. Alvaro de Taide, filho legitimo de D. Alvaro de Taide, irmaõ baſtardo do Conde da Caſtanheira, vendo q̃ aquella determinaçaõ ſeria total perdiçaõ de todos, ajuntando-ſe com tres Padres da Companhia que alli hiaõ, começàraõ a perſuadir aos Officiaes, e a todos os mais „ que da madeira da nào „ fizeſſem huma naveta, em que todos „ ſe ſalvaſſem: porque a nào ficou de „ feiçaõ que ſe podia desfazer, e aſſim a „ mòr parte da fazenda, e mantimentos „ que levava, tinhaõ poſto em terra, e „ a bom recado pera ſeu provimento: „ poſto que na Ilha havia muita agua, „ cocos, e muito peixe, e mariſco, de „ que ſe podiaõ ſuſtentar muito tempo. Tanto trabalhàraõ niſto, e tantas couſas diſſeraõ, que fizeraõ deſiſtir das jangadas, e começàraõ a pôr em terra toda a cordoalha, maçame, poleame, entenas, vergas, leme, e toda a mais madeira, e pregadura, e aſſim foraõ desfazendo a nào com muita facilidade, e recolhèraõ tudo em tereccnas, e ordenàraõ almazens, em que recolhèraõ as fazendas, e mantimentos da nào pera a viagem, e aſſim armàraõ logo a quilha, e começàraõ a lavrar a madeira, e a forjar a pregadura, fazendo-ſe todos carpinteiros.

CARMELITAS DESCALÇOS BIBLIOTHECA

ros, ferreiros, ſerradores, cordoeiros, calafates, e todos os mais officiaes que lhe foraõ neceſſarios. E porque faltavaõ ſerras grandes as fizeraõ de montantes, e aſſim com muito grande confiança em noſſa Senhora, a quem offerecèraõ a nào, foraõ continuando na obra com tanta alegria, e confiança, que jà não ſentiaõ a perdição, nem os trabalhos, andando os Padres de contino conſolando, confortando, e animando a todos, e a obra foy creſcendo a olho, e taõ bem feita, e prima, como ſe fora feita na ribeira de Lisboa, onde tudo eſtà à maõ, e aſſim os deixaremos atè ſeu tempo.

Chegado Franciſco Nobre a Goa, e dando conta de ſua perdição ao Governador, e de como aquella gente ficava nos baixos, fez logo negociar dous fuſtarroens grandes, e mandou Franciſco Nobre em hum, e o Patraõ mòr em outro „ pera que foſſem aos baixos, e re„ colheſſem a gente que là ficou: o que elles não fizeraõ, nem achàraõ os baixos, e ſe tornàraõ. O Governador tanto que as nàos chegàraõ, logo tratou da Armada que havia de mandar ao Malavar, de que nomeou por Capitaõ mòr D. Alvaro da Silveira, com huma galè pera ſua peſſoa, e vinte navios de remo, cujos Capitaens eraõ, Diogo Lopes de Lima Pereira, Gomes da Silva, Lopo de Brito, Chriſtovaõ de Mello, Vicente Carneiro, Luiz Mendes de Vaſconcellos, Joaõ Rodrigues de Souſa, Joaõ Ferreira, Jorge Gomes, Pedralvares de Cananòr, Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Pero de Figueiredo, Balthazar Pimentel, Baſtiaõ Figueira, Luiz Caſtanho, Frãciſco Sanches, Ruy Fernandes, e outros, e fizeraõ-ſe à vela por fim de Setembro, e do que lhe ſuccedeo eſte veraõ daremos razaõ adiante, porque agora he neceſſario continuarmos com Mealecan Rey novo do Balagate que deixàmos eſperando por recado de Anel Maluco.

Eſte como teve todos os Capitaens do ſeu bando juntos, o mandou buſcar, e o Accedecan o levou atè Bilgaõ, e dalli paſſou atè a Cidade de Cheri tres leguas adiante jà em cima do Gate, onde Anel Maluco o eſtava eſperando com todos os conjurados, e tendo recado de ſua chegada o ſahiraõ a receber, e lhe fizeraõ ſua veneração como a Rey, e o tornàraõ a levantar por tal, conforme a ſeus coſtumes com grandes feſtas, e publicos alvoroços. Alli ſe deixàraõ ficar ordenando as couſas neceſſarias pera hirem pôr cerco a ElRey Abrahemo, que eſtava na Cidade de Viſapòr, que jà tinha aviſo da chegada do Mealecan a Cheri, e tinha recolhido comſigo ſeus Capitaens, muitos mantimentos, e muniçoens, e eſtava muito bem fortificado, e com tudo iſto ſe quiz valer de dous ardiz. O primeiro deſpedir correyos a Rama Rayo Rey do Canarà, por quem lhe mandou pedir „ o foſſe „ ſoccorrer, e que lhe faria todas as deſ„ pezas do exercito, e outros partidos „ favoraveis. O outro ardil foy, deſpedir peſſoas de muita confiança, e ſegredo a Anel Maluco, por quem o mandou perſuadir „ a que deſiſtiſſe da empreza, „ e lhe entregaſſe Mealecan, e que lhe „ daria logo na maõ ſetecentos mil pa„ godes de ouro, e o titulo de Accede„ can com muitas rendas, e que a todos „ os Capitaens da conjuração perdoava „ livremente, e logo lhe paſſou hum ſe„ guro Real pera elle, e todos os mais. Eſtas peſſoas tratàraõ eſte negocio com Anel Maluco por modos que o rendèraõ, e quiz aceitar os partidos, e entregar Mealecan, depois de lhe ter feito as ceremonias de Rey.

Eſtando jà de todo pera ſe concluir eſta entrega em muito ſegredo, chegou o caſo à noticia de Calabatecan, que o levou, que como Mouro de mòr fé, e verdade que todos, ſe foy logo a Anel Maluco, e lhe fez huma fala muito grave ſobre aquelle negocio, em que lhe dizia.

„ Que ſe tal fizeſſe, ficava o mais in„ famado homem de todos os da vida, „ porque acabava de confirmar que era „ o traidor,

„ o traidor, e que ordira aquellas cou-
„ ſas todas contra juſtiça, alèm da deſ-
„ humanidade que tratava em entregar
„ à morte hum homem que debaixo de
„ ſua palavra ſe fora meter em ſeu po-
„ der, e mais tendo-o alevantado por
„ Rey, e dada menagem de vaſſallo, e
„ que ainda aquelle ajuntamento que
„ fizera contra ElRey Abrahemo, po-
„ deria ter alguma pequena de cor pera
„ ſe poder livrar da infamia de traidor:
„ mas que aquella, ſe entregaſſe Meale-
„ can, nenhuma podia ter com Mafa-
„ mede, nem com os homens. Que elle
„ recebèra Mealecan das mãos do Vi-
„ ſorey da India, e que aſſinàra hum
„ aſſento que diſſo ſe fizera, e que em
„ nenhuma maneira havia de quebrar
„ ſua palavra, nem conſentir que ſe en-
„ tregaſſe ao ſacrificio hum homem in-
„ nocente, que eſtava na Cidade de
„ Goa muito ſeguro, e quieto com ſua
„ mulher, e filhos, e que ſoubeſſe de
„ certo que ſobre iſſo havia elle Calaba-
„ tecan de perder a vida, e a alma. E
„ que ſe eſtava arrependido do que ti-
„ nha feito, que lhe tornaſſe a entregar
„ Mealecan pera o pôr em Goa donde
„ o trouxera, e que depois delle poſto
„ em ſalvo, fizeſſe todos os partidos
„ que quizeſſe cõ o Idalcan. Que pon-
„ deraſſe muito devagar aquellas cou-
„ ſas, e que ſe não deixaſſe vencer de
„ peitas, porque por derradeiro ſempre
„ haviaõ todos de ficar odiados com o
„ Idalcan, que nunca jà mais ſe havia
„ de fiar delles, antes eſtava muito certo
„ ſolicitarlhes a morte, por não virem
„ atentar outra maldade ſemelhante.

Tantas couſas lhe diſſe ſobre eſte caſo que o envergonhou, e tornou a deſiſtir dos partidos, e de novo fez juramento de ſeguir Mealecan atè o meter de poſſe do Reino. Com eſta reſolução ſe preparàraõ pera iſſo.

CAPITULO VIII.

De como Rama Rayo, Rey de Biſnagà mandou ſeu irmaõ Vingata Rayo em favor do Idalcan. E de como os Capitaens da conjuraçaõ foraõ desbaratados: e o Mealecan com Anel Maluco fogiraõ pera o Izamaluco, e do que là lhes ſuccedeo.

CHegados os Embayxadores do Idalcan a Biſnagà, dando ſua Embaixada àquelle Rey, e repreſentandolhe a neceſſidade em que o Idalcan eſtava, moveo-ſe a lhe acodir, e ſoccorrer, mandando com muita preſſa fazer preſtes ſeu irmaõ Vingata Rayo pera aquella jornada, que em breves dias poz em campo cento e cincoenta mil homens, e começou a marchar pera Viſapòr. O Idalcan teve logo aviſo do ſoccorro que ſe ordenava, pelo que foy detendo o Anel Maluco com huns partidos, e outros, e cada vez mais favoraveis, não ſe moſtrando avaro, no que depois (ſe lhos aceitaſſe) não havia de comprir. E aſſim foy dilatando o tempo atè chegar Vingata Rayo, a quem logo o Idalcan aviſou do eſtado em que os conjurados eſtavaõ, e onde ficàraõ, pedin lolhe q logo os foſſe buſcar. Com eſte recado ſe apreſſou o Canarà quanto pode, atè chegar perto donde os imigos eſtavaõ. Mealecan, e Anel Maluco, que jà eſtavaõ aviſados do poder do Vingata Rayo, e que eſtava duas jornadas delles tomando antre ſi conſelho, aſſentàraõ de o não eſperar, porque não tinhaõ mais de trinta mil homens, e alevantando o campo ſe foraõ recolhendo, derramando-ſe todos por onde melhor pudèraõ. Mealecan, Anel Maluco, Calabatecan, Camalcan, e outros Capitaens com a gente de ſuas cevadeiras, com mulheres, e filhos, ſe foraõ recolhendo pera o Zamaluco, e da arraya delle mandàraõ pedir ſeguro àquelle Rey pera ſe recolherem nelle, que logo lhe mandou, e elles foraõ entrando pelo Reino atè

chegarem

chegarem a hum lugar afaſtado da Cidade de Amadanager onde ElRey eſtava, e alli ſe detiveraõ aquelle dia. Ao outro ſeguinte mandou ElRey que lhe levaſſem Anel Maluco, e Calabatecan, e que Mealecan ficaſſe alli atè ſeu recado.

Iſto fez ElRey aconſelhado de hum Capitaõ ſeu chamado Cacem Beque, que o perſuadio mandaſſe matar Anel Maluco, fazendolhe crer, que por ſua ordem, e conſelho lhe fizera o Idalcan muitas vezes guerra. Anel Maluco tanto que vio, que o mandava ElRey levar, logo ſe temeo, e diſſe a Camalcan „ que hia muito pejado naquelle nego- „ cio: que lhe pedia, recolheſſe ſua mu- „ lher, e filhos, e ſe puzeſſe em cima de „ hum outeiro, e que ſe elle fizeſſe hum „ final com a touca fogiſſe com elles, e „ ſe foſſe pera o Reino de Madre Ma- „ luco que era ſeu amigo. Os que vieraõ chamar Anel Maluco, e Calabatecan, puzeraõ-nos em cima de hum Elefante; e o que o governava de cima, levou de hum terçado, e foy pera matar Anel Maluco; mas elle ſe deſviou, e lançou do Elefante abaixo, e o meſmo fez Calabatecan, e tirando a touca da cabeça a lançou pera o ar, e em ſendo no chaõ foraõ ambos logo deſpedaçados. O Camalcan que teve tento no Anel Maluco, em lhe vendo lançar a touca pera o ar, tomando a mulher, e filhos em camelos muy andadores, e elle com ſua gente em cavallos ligeiros foy fogindo; e deſviando ſe do Reino do Idalcan, e por cima delle, foy na derrota do Reino de Madre Maluco, onde chegou, e aquelle Rey o agaſalhou; e honrou a mulher, e filhos de Anel Maluco, moſtrando grande màgoa, e ſentimento de ſeus trabalhos. Mortos Anel Maluco, e Calabatecan, mandou Cacem Beque levar o Mealecan pera outra aldea mais deſviada, e deu recado aos Capitaens que a iſto mandou „ que o mataſſem a „ elle, e a hum filho baſtardo que com- „ ſigo levava: o que naõ pode ſer em tanto ſegredo, que o naõ vieſſe a ſaber Bibiamanà mãy do Zamaluco, que era huma Senhora muito bem inclinada, e hindo-ſe ao filho lhe deu conta daquillo, e lhe pedio „ naõ conſentiſſe tal: „ porque Mealecan era filho de Cufo- „ can, com quem elles tinhaõ muito pa- „ renteſco. ElRey que naõ ſabia couſa alguma diſto (porque o Cacem Beque mandava fazer aquella execuçaõ ſem lhe dar conta diſſo) mandou com muita preſſa hum Capitaõ capado, pera que tomaſſe o Mealecan, e o levaſſe à ſerra de Baulà, que era muito forte, e que alli ficaſſe em ſua guarda, e ſe lhe dèſſe todo o neceſſario. O capado fez tudo aſſim como lhe ElRey mandou, e ſe foy meter com elle naquella ſerra, onde o deixaremos atè tornar a elle.

O Vingata Rayo vendo os imigos desbaratados, mandou aviſar ao Idalcan, e a ſaber delle o que mais queria que fizeſſe: elle lhe mandou as graças, e hum milhaõ de ouro pera as deſpezas daquelle exercito, e alguns cavallos fermoſiſſimos, ricamente guarnecidos, e naõ ſe quiz ver com elle, porque eſtes Reys nunca ſe fiaõ huns dos outros. Recebida a moeda, e o preſente ſe foy recolhendo o Vingata Rayo pera Biſnagà, e o Idalcan ficou deſalivado, e ſahio da Cidade a ver as couſas do Reino, e pera que ſeus vaſſallos o viſſem; e deſpedio alguns Capitaens em buſca dos que eſcapàraõ, e outros pera hirem tomar poſſe da Cidade de Bilgaõ, e das mais terras que foraõ de Anel Maluco.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a D. Antaõ de Noronha no Concan. E dos recontros que teve com alguns Capitaens do Idalcan. E da grande vitoria que alcançou do Xacoli.

PArtido D. Antaõ de Noronha de Goa, como atraz temos dito no ſegundo Capitulo do livro ſegundo, logo o Governador deſpedio hum foaõ de Lima, Fidalgo Galego, por Capitaõ mòr

mòr de oito navios, com regimẽto „ que „ ſe foſſe de longo da coſta, favorecendo „ D. Antaõ de Noronha, e pera o prover „ de muniçoens, de que mandou meter „ nos navios hũa boa quantidade. Partida eſta Armada chegou ao rio de Banda, onde ſoube eſtar Dom Antaõ de Noronha, e foy por elle acima até à Cidade onde o achou, provendo nas couſas daquella Tanadaria, e na arrecadaçaõ de ſuas terras. E depois que fez tudo o que era neceſſario, ſe partio pera Curale, que era dalli a tres leguas, onde tambem a Armada entrou, e cometendo a fortaleza a achàraõ deſpejada, porque o Capitaõ que alli eſtava pelo Idalcan (que naõ quiz obedecer a Mealecan) fogio, e naõ quiz eſperar os noſſos. D. Antaõ de Noronha ſe meteo nella, e a proveo de Tanadar; e mandou apregoar ſeguros Reaes „ pera que todos os morado- „ res, e lavradores a foſſem povoar, e „ lavrar ſuas terras, e que lhes fariaõ to- „ dos os favores poſſiveis, e que correſ- „ ſem pelos foraes antigos, aſſim nos fó- „ ros, como nas liberdades. Com iſto começàraõ acodir todos, e Dom Antaõ de Noronha os animava, honrava, e favorecia em tudo.

E havendo quatro dias que aqui eſtava, teve aviſo, que hum Capitaõ do Idalcan chamado Xacoli Agà andava recebendo as terras do Idalcan da banda do Concan, que pertenciaõ a ElRey de Portugal, pela doação que dellas lhe tinha feito Mealecan, e que determinava de o vir buſcar, e darlhe batalha, e que trazia ſete mil homens. Informado D. Antaõ de Noronha do ſeu poder, e de tudo o mais que lhe foy neceſſario, determinou de o eſperar em campo, como fez, ordenando ſua gente muito bem pera iſſo, lançando eſpias pera o aviſarem do caminho, e ordem que o imigo trazia, e ſoube que ficava em huma aldea chamada Anuà, pelo rio de Carlim dentro, que he junto dos Ilheos queimados doze leguas de Goa. E tomando parecer com ſeus Capitaens ſobre o que faria, aſſentàraõ „ que foſſem „ buſcar os imigos, e lhes dèſſem bata- „ lha, pelo que logo começáraõ a marchar em muito boa ordem, e com muitas eſpias diante, que a cada hora os aviſavaõ de tudo, e a Armada ſe foy atê o rio de Acharà legua, e mea de Curale, donde tinhaõ partido, onde eſtava aſſentado de hirem dormir aquella noite. E antes da Armada chegar àquelle rio, deu com duas Cotias que tinhão ſahido de dentro, que foraõ logo tomadas, e nellas achàraõ a mulher, e filhos, e recamera do Xacoli, que elle mandava pera Cambaya; porque ſe receava, que o Anel Maluco meteſſe o Mealecan no Reino, por não ter ainda novas do que là paſſava, e queria ſegurar aquellas couſas, e ficar eſperando recado pera ver em que o negocio parava: porque ſua peſſoa a todo tempo ſe podia recolher pera onde quizeſſe.

O Capitaõ mòr da Armada, vendo a boa preza que tinha feita, meteo em huma fuſta a mulher, e filhos do Xacoli, e os mandou ao Governador que a eſtimou muito. D. Antaõ de Noronha chegou a Acharà, e fóra da povoação aſſentou ſeu arrayal, e o fortificou muy bem porque haviaõ alli de paſſar aquella noite. Diſto foy logo o Xacoli aviſado, e entendendo que haviaõ os noſſos de chegar cançados, deſpedio hum Capitaõ com mil homens, perà que de noite lhe foſſe dar hum aſſalto, que eſperava ſer de muito effeito, e aſſim o fez, porque eſtando os noſſos na mòr quietação da noite, deraõ os imigos de ſobreſalto nelles, e os cometèraõ por onde eſtava D. Joaõ o Mouriſco Capitaõ do campo, que ficava a huma parte do exercito, hum pouco afaſtado, e como era muito vigilante, e tinha lançadas ſuas eſpias, por quem teve recado de ſua vinda, quando jà deraõ ſobre elle o achàraõ com as armas nas mãos. Os imigos cuidando que os tomaſſem deſcuidados, arremetèraõ com aquelle impeto, dandolhes huma ſurriada de bombas de fogo, e de arcabuzaria, com que fizeraõ algum dano: mas o D. Joaõ

como eſtava ſobre aviſo, ſahio a elles, e da primeira pancada que lhes deu, derribou ſetenta, e ferio muitos, e metendo-ſe no meyo delles, fez taes couſas, que os poz em desbarato, e mandando recado a D. Antaõ de Noronha, os foy ſeguindo atè quaſi pela manhãa. E como os levava em desbarato, e derramados, foy fazendo nelles grandes crueldades, tomandolhes muitos cavallos, e armas, que elles hiaõ largando pera ſe ſalvarem, cativando muitos, que de cançados cahiaõ.

D. Antaõ de Noronha em lhe dando recado, ſe poz logo a cavallo, e foy ſeguindo a D. Joaõ, deſpedindo a gente de cavallo toda pera que o foſſe favorecendo, e elle ſe foy apreſſando com todo o mais poder atè chegar a elle, que jà ſe vinha recolhendo carregado de deſpojos, e de cativos. D. Antaõ de Noronha abraçou a D. Joaõ, e lhe diſſe palavras muito honradas, e a todo o piaõ de ſua companhia, que lhe apreſentou cabeça de Mouro, lhe deu dous pagodes. E tanto que amanheceo, que buſcàraõ o campo, achàraõ antre os ſeus mortos hum jà ſem cabeça, cujo tronco tinha oito palmos, e os braços, e pernas taõ façanhoſas, que parecia Gigante. Era homem alvo, e nos trajos parecia eſtrangeiro, e nobre. D. Antaõ de Noronha vendo a vitoria, que lhe Deos tinha dado, porque o imigo ſe não reformaſſe, o foy ſeguindo, e às oito horas do dia chegou ao rio de Carlin, e vio da outra banda o Xacoli com todo o ſeu exercito poſto em armas em hum campo muito grande, e largo, e tinha todos os paſſos, e vàos do rio tomados com eſpingardeiros, e bombeiros pera defenderem a paſſagem.

D. Antaõ de Noronha parou de eſtoutra banda, e eſteve notando a ordem em que os imigos eſtavaõ, e os paſſos q̃ lhe tinhaõ tomado, e depois de tudo bem notado, mandou a Jorge de Moura que com a gente de ſua bandeira ſe paſſaſſe a hum Ilheo que ficava no meyo do rio, e que dalli varejaſſe com a eſpingardaria à outra banda, porq̃ elle queria cometer a paſſagem. E mandou eſtender os mais Capitaens das bandeiras de pè ao longo do rio, metidos na agua pera tambem o favorecerem na paſſagem, porque determinava de com a gente de cavallo, ſer o primeiro que paſſaſſe: e aſſim cometeo o rio mandando diante D. Diogo Pereira o moço ſeu tio, que com a agua pelas ſilhas foy paſſando à outra banda, favorecido da noſſa arcabuzaria.

O Xacoli vendo paſſar os noſſos acodio com a gente de cavallo àquella parte pera lhes defender a paſſagem, e a ſua arcabuzaria, e bombaria começou a deſcarregar ſobre os noſſos de feição, que primeiro que chegaſſem à outra banda derribàraõ oito em que entrou D. Diogo Pereira, mas de todos eſtes hum ſó perigou, e os mais paſſando por aquellas nuvens de pelouros, e frechas, e pelas chamas das bombas (que eraõ tantas, q̃ parecia que todo o Ceo relampadejava) chegàraõ à outra banda, e dos primeiros foy D. Antaõ de Noronha que (ou foſſe acaſo, ou que o Xacoli o conheceſſe por alguns ſinaes que nelle viſſe) em pondo os pès em terra, arremeteo a elle com a lança no reſte, e rompeo nelle hum façanhoſo encontro, e D. Antaõ de Noronha, que era muito esforçado, e muy bom cavalleiro, tambem lhe poz a lança, mas nenhum delles recebeo dano, e os noſſos de cavallo ficàraõ logo baralhados com os Mouros em huma muito aſpera batalha.

D. Antaõ de Noronha ſe meteo no meyo pelejando muy valeroſamente, e esforçando os ſeus a fazerem o meſmo; trabalhando muito por ſe tornar a encontrar com o Xacoli, que andava capitaneando os ſeus. Os Capitaens das bandeiras tanto que viraõ os de cavallo da outra banda, cometèraõ a paſſagem, e ſe puzeraõ da outra parte ainda que com trabalho, e começàraõ outra muito aſpera batalha com a gente de pè dos imigos, andando D. Joaõ o Mouriſco ſempre diante com a ſua gente pelejando

do com muito esforço. A batalha andava toda muito arriscada, porque todos andavaõ muy baralhados, trabalhando huns por vencer os outros, fazendo os nossos tantas cousas, que naõ se pòdem particularizar. Muitos dos moradores de cavallo fizeraõ grandes sortes, e antre todos se assinalou Andrè de Villalobos, tio de D. Antaõ de Noronha, irmaõ de sua mãy, que era hum cavalleiro muito determinado, robusto, e barbaçudo, que tinha jà derribado quatro de cavallo, e remetendo a outro, que era hum Mouro, que elle via assinalarse antre os outros, o encontrou de meyo a meyo, e o Mouro o fez a elle tambem: mas o seu encontro foy hum pouco a huma ilharga, e passou a lança por debaixo do braço esquerdo a Andrè de Villalobos, q̃ como era muito acordado, e homem de grandes forças, apertou a lança do Mouro comsigo de feiçaõ, que a naõ pode o Mouro arrancar; e remetendo com Andrè de Villalobos, liouse com elle, e lançandolhe huma maõ às barbas (que eraõ muito compridas) lhe deu huma volta, com que o teve sopeado. Andrè de Villalobos vendo-se assim, liouse com o Mouro, e aos tombos foraõ ambos ao chaõ, mas levantãdo-se logo com muita pressa levou do terçado, e matou o Mouro. E ao mesmo tempo lançou maõ das redeas do cavallo do Mouro, e fez sobir nelle hum criado seu que alli entaõ chegou, e sobindo-se elle no seu tornou à batalha q̃ andava muito aspera, e cruel, e como a nossa arcabuzaria era muita, fez nos imigos tal estrago, que começàraõ a perder o campo, e a se desbaratarem.

Vendo isto D. Antaõ de Noronha deu Santiago bràdando vitoria, vitoria, e de tal maneira apertou com os imigos, que os arrancou do campo, ficandolhes nelle estirados perto de quinhentos Mouros. D. Joaõ o Mouriſco, Capitaõ do campo (que este dia fez cousas notaveis) vendo os imigos desbaratados, foylhes seguindo o alcance duas leguas, favorecido das bandeiras de pè, e foraõ todos matando nelles à sua vontade, derribandolhes ainda neste alcance mais de seiscentos Mouros, tomandolhes muitos cavallos, armas, e outras cousas. D. Antaõ de Noronha ficou senhor do campo, e do exercito do imigo, em que achou muitos despojos, e cavallos fermosos, que repartio por alguns moradores a que tinhaõ mortos os seus, e com esta vitoria se recolheo a Curale, onde se curàraõ os feridos. Dos mortos nossos naõ achàmos o numero certo, mas sabemos que naõ chegàraõ a trinta.

CAPITULO X.

De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan. E da vinda de alguns Capitaens do Idalcan. E de como mandou recolher D. Fernando de Monroy, e Dom Antaõ de Noronha.

O Governador Francisco Barreto teve logo aviso do desbarato de Mealecan, e de sua fogida, e de como o Idalcan despedira algũs Capitaens com muita gente pera tornarem a tomar as fortalezas de Bandà, Curale, Pondà, e outras que estavaõ jà por de ElRey de Portugal, e receando-se de algum desastre, praticou em conselho dos Capitaens velhos aquelle negocio, e foraõ de parecer „ que se largassem aquellas „ Tanadarias, e se recolhessem os Capi- „ taens que nellas estavaõ, primeiro que „ fossem cercados dos imigos, porque „ depois dariaõ muito trabalho, e arris- „ carsehia todo o Estado pera os des- „ cercar, e recolher.

Com esta resoluçaõ se foy o Governador logo pôr no Paço de Benastarim com toda a gente que em Goa havia. E mandou passar à outra banda o Capitaõ da Cidade com algumas companhias de soldados, e moradores de cavallo, pera hirem recolher D. Fernando de Monroy, e esperallo ao caminho; porque havia

via já recado que os imigos eraõ entrados nas terras, porque lhe tinha eſcrito „ que tanto que viſſe aquella carta, lo„ go largaſſe a fortaleza, e ſe recolheſſe „ com muito tento, porque os imigos „ eſtavaõ jà perto delle, e o meſmo eſ„ creveo a D. Antaõ de Noronha.

Dada eſta carta a Dom Fernando de Monroy, eſteve duvidoſo ſe a compriria, e foy-ſe detendo atè o ſegundo recado, que lhe chegou logo, e apreſſado. Com elle começàraõ a deſpejar a fortaleza muito devagar, e mandou diante toda a bagagem, ſem lhe ficar couſa alguma; e apoz iſſo ſe ſahio com toda a gente poſta em armas, por lhe vir recado que jà os imigos chegavaõ à viſta da fortaleza, e repartindo a gente em duas partes, tomou elle pera ſi a retaguarda com os Fidalgos, e cavalleiros principais que havia, que ſe foraõ pera elle, e aſſim foy marchando muito devagar, porque viſſem os imigos que lhes naõ fogia, o que foy quaſi à ſua viſta ſem elles ouſarem de o cometer, e aſſim chegou onde Jorge de Mendoça Capitaõ de Goa o eſperava, e juntos ſe recolhèraõ a Goa.

O Governador apreſſou os correyos a D. Antaõ de Noronha que eſtava em Curale, que jà tinha aviſo dos imigos que eraõ decidos abaixo pera o buſcarem; pelo que ſe tinha fortificado em Curale, e provido de tudo abaſtadamente, porque determinava de os eſperar alli, e ſe defender delles, tendo a Armada no rio pera tudo o que lhe foſſe neceſſario. E neſta determinação eſtava, quando lhe deraõ a primeira carta do Governador, em que lhe mandava „ largaſſe tudo, e ſe recolheſſe, porque „ eſtava aſſim aſſentado em conſelho, „ por não ſer poſſivel defenderſe a tanta „ gente, quanta tinha por novas que vi„ nha decendo o Gate.

E vendo elle a preſſa que o Governador lhe dava, reſpondeolhe „ que eſtava „ Curale muito ſeguro, e que eſperava „ em Deos de não perder couſa alguma „ do ganhado. O Governador tomou iſto mal, e deſpedio logo outra carta por duas vias, em que lhe mãdava „ que „ ſobpena do caſo mayor, tanto q̃ viſſe „ aquella, largaſſe logo tudo, e ſe reco„ lheſſe, porque os imigos eraõ muitos, „ e que não queria lhe aconteceſſe hum „ deſaſtre, e que ſe recolheſſe à viſta do „ mar pera ter favor na Armada. E ſen„ do caſo que os imigos lhe tiveſſem „ atalhados os caminhos, e foſſe o poder „ tanto, que viſſe o perigo certo, em tal „ caſo cortaſſe as pernas aos cavallos, e „ ſe recolheſſe aos navios, porque pera „ iſſo lhe mandava mais outros, porque „ do mal ſempre ſe havia de eſcolher o „ menor.

Dadas eſtas cartas a D. Antaõ de Noronha, chamou os Capitaens a conſelho, e lhas leu, e pedio ſeus pareceres, e todos votàraõ „ que pois o Governador „ o mandava recolher, o devia fazer, „ porque aquelle negocio carregava ſo„ bre elle, e com iſto ſe determinou D. Antaõ de Noronha a partir, e lhes diſſe: „ Affirmo-vos, Senhores, que mais hon„ ra fora do Eſtado morrermos aqui to„ dos, que recolhermo-nos deſta ma„ neira, e largarmos a fortaleza de El„ Rey, mas jà que não poſſo mais, reco„ lhermehey. E ſahindo-ſe da fortaleza poz-ſe no campo taõ triſte, e melancolizado, que lho enxergàraõ todos.

E concertando ſua gente, deu a dianteira a D. Joaõ o Mouriſco, e as bandeiras de pè com toda a bagagem no meyo, e elle com toda a gente de cavallo ficou na retaguarda, e mandou ao Capitaõ mòr da Armada que o foſſe eſperar em Bardes, e elle foy marchando com muitas eſpias ſobre os imigos, e chegando a Bandà recolheo Antonio Ferraõ, e mais Officiaes, e aquella noite dormio no campo muito bem fortificado, ao outro dia chegou a Bardes onde o Governador o eſperava com toda a gente que havia em Goa, pera o hir ſoccorrer ſe foſſe neceſſario. E chegando D. Antaõ de Noronha ao Governador, muito triſte lhe diſſe: „ Muito me„ lhor fora Senhor não me mandardes

„ ao

„ao Concan, que fazerdeſ-me vir fo-
„gindo ſem ver de que. O Governa-
dor teve com elle palavras muito hon-
radas dizendolhe „ que elle tinha com-
„prido de ſua parte com a obrigação de
„muito grande Capitaõ, que aquellas
„affrontas elle as tomava ſobre ſi, por-
„que elle não era mais obrigado, que
„a comprir os mandados de ſeu Gover-
„nador: e com iſto ſe recolhèraõ pera
Goa. Em ſe D. Antaõ de Noronha ſa-
hindo de Curale chegàraõ os imigos,
que pela ventura eſperàraõ q̃ ſe ſahiſſe
elle, porque o não ouſáraõ a cometer.

CAPITULO XI.

*De como o Governador Franciſco Barre-
to deſpachou as nàos do Reino. E do
que aconteceo a D. Alvaro da Silveyra
no Malavar. E das pazes que o Camo-
rim pedio, e ſe lhe concederaõ.*

NO meſmo tempo que o Governa-
dor Franciſco Barreto tratou de
mandar recolher os Capitaens que an-
davaõ no Concan, deu tambem deſpa-
cho às nàos do Reino pera hirem tomar
a carga a Còchim, e eſcreveo a ElRey
o eſtado em que a India ficava, e da mor-
te do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas,
e de ſua ſucceſſaõ. Neſta Armada foy
tambem a nào Eſpadarte, de que veyo
por Capitaõ Fernaõ Gomes de Souſa,
da companhia do Viſorey Dom Pedro
Maſcarenhas, que tinha invernado em
Ormuz (como atraz diſſemos no Ca-
pitulo terceiro do primeiro livro) Eſtas
náos tiveraõ boa viagem atè o Reino, e
ElRey ſentio muito a morte de D. Pe-
dro Maſcarenhas.

Agora continuaremos com D. Alvaro
da Silveyra, Capitaõ mòr do Malavar,
que chegando àquella coſta, começou a
fazer grande guerra ao Camorim, e a
mòr que ſe lhe podia fazer foy tomarlhe
todos os portos porque lhe naõ entraſſe
arroz, nem anfiaõ (porque todos os
Reinos do Malavar ſe provèm deſtas
couſas dos rios do Canarà, e do Rei-
no de Cambaya, porque elles em ſi naõ
tem mais que palmares) e elle ficou com
a Armada ſolta, correndo toda a coſta,
e dando nos lugares della, que queimou,
abrazou, e deſtruhio, e lhe cortou mui-
tos palmares; e deſfez, e tomou muitas
embarcaçoens, e os palmares ſentiraõ
elles mais que tudo, porque elles lhe
daõ todos os mantimentos de que tem
neceſſidade, e de que ſe ſuſtentaõ a mòr
parte do anno que ſaõ cocos, açucar,
azeite, vinho, vinagre, e todas as cou-
ſas pera os aparelhos de ſeus navios, e
fabrica de ſuas caſas. E aſſim coſtuma va
a dizer o Viſorey D. Joaõ de Caſtro,
quando via algum ſoldado cortar algu-
ma palmeira „ Ah ſoldado, agora mataſ-
„tes hum Mouro.

E porque dos rios da pedra, e Ca-
nharoto ſahiraõ alguns Paròs a roubar,
determinou de os caſtigar, e hum dia no
quarto dalva deſembarcou nelles, e os
deſtruhio, e aſſolou de todo, ſendo elle
ſempre dos dianteiros que ſahiaõ em
terra, com calçoens de cotonia a mea
perna, ſaya de malha, e montante nas
mãos, e pelejava como qualquer ſolda-
do. Em ambos eſtes rios achou grande
reſiſtencia, e ſe vio em affronta ao re-
còlher; porque carregàraõ os Mouros
ſobre elle pera o embaraçarem, e ſe ſa-
tisfazerem, o que naõ puderaõ fazer
pela boa ordem que tinha ao recolher;
porque coſtumava naquelles aſſaltos ao
embarcar, deixar duas companhias de
arcabuzeiros, de cento cada huma, que
ficavaõ franqueando a embarcaçaõ de
huma, e outra parte, e deſta maneira lhe
naõ aconteceo deſaſtre algum nunca:
porque os deſarranjos que ſaõ aconte-
cidos antre nòs, naõ ſuccedèraõ ſe naõ
pela pouca ordem que alguns Capi-
taens tiveraõ no recolher; porque mòr
governo, e prudencia ha de moſtrar o
Capitaõ neſte negocio, que no cometer,
pelas deſordens, e pouca diſciplina dos
ſoldados da India, que aſſim como no
cometer precedem a outras muitas na-
çoens, aſſim no deſarranjo do recolher
ſaõ inferiores a todas. Em fim foraõ
tantos os danos, que D. Alvaro da Sil-
veyra fez por toda aquella coſta, e poz

a todos em tanto aperto de fome, que chegou a valer o fardo de arroz a tres pagodes, de que os meſquinhos, que ſaõ os que mais ſentem a guerra, foraõ chorar ao Camorim, e os Naires, que ſempre ſaõ contrarios dos Mouros, os favorecèraõ niſſo, e fizeraõ aos Regedores muitos requerimentos.

O Camorim vendo o pranto dos ſeus, enfadado da guerra, que ſempre ſe alevanta contra ſua vontade (porque os Mouros a poder de peitas fazem tudo o que querem) mandou Embaixadores a D. Alvaro da Silveyra a pedirlhe pazes; dando por ſatisfação „ que nunca ſoubera da guerra, nem por ſua or„ dem ſe quebràraõ os contratos que „ eſtavaõ feitos. D. Alvaro da Silveyra ouvio eſtes Embaixadores na ſua galè, e lhes reſpondeo „ que não tinha licença „ do Governador ſe não pera fazer „ guerra, que mandaſſe elle a Goa, e que „ o Governador lhe reſponderia como „ lhe pareceſſe. Com eſta repoſta mandou o Camorim negociar dous Naires de ſua caſa pera hirem a Goa, e D. Alvaro da Silveyra lhes deu alguns navios pera os acompanharem, concedendo ao Camorim tregoas atè vir recado do Governador.

E vendo D. Alvaro da Silveyra que ficava de vago, determinou de hir caſtigar a Rainha de Olala, Senhora da Cidade de Mangalòr na coſta Canarà, que eſtava rebelde, e havia annos que não pagava pareas, e voltando pera là, chegou àquelle porto huma madrugada; e deſembarcando em terra cometeo a Cidade com grande determinaçaõ, e poſto que achou grande reſiſtencia, a entrou com morte de muitos Mouros, e ſendo dentro lhe mandou pôr o fogo por algumas partes, porque os ſoldados ſe naõ deſmandaſſem nas prezas della, e ateando ſe ardeo a mòr parte della, e hum fermoſo pagode de muita devoçaõ ſua.

Feito iſto, recolheo-ſe aos navios pelejando com os imigos, de q̃ ſe ajuntou hum grande eſquadraõ pera à embarcaçaõ darem ſobre os noſſos. Mas Dom Alvaro da Silveyra com as duas mangas de arcabuzeiros os deteve, e ſe embarcou muito a ſeu ſalvo, deixando no campo muitos dos imigos eſtirados. E depois de embarcado ſe paſſou da outra banda onde hoje temos a noſſa fortaleza; e mandou queimar outro pagode muito fermoſo, e algumas povoaçoens pelo rio acima, em que lhe fez muitos danos, e deu muitas perdas, e com iſto ſe recolheo pera o Malavar a eſperar o recado do Governador.

Os Embaixadores do Camorim chegàraõ a Goa, e foraõ ouvidos, e pondoſe aquelle negocio em conſelho, ſe aſſentou „ que ainda que ſe entendia „ que o Camorim nunca guardava fé, „ nem palavra, e que cada vez que os „ Mouros o peitavaõ quebrava as pa„ zes, que toda via ſe lhe concedeſſem, „ porque ſempre neſta parte era bem „ fazer do ladraõ fiel, por eſcuſar os „ gaſtos das Armadas grandes daquella „ coſta. E que o Veador da fazenda „ Antonio Peſſoa (que eſtava pera hir „ a Còchim fazer a carga das nàos) le„ vaſſe comſigo os Embaixadores, e là „ com o Capitaõ mòr Dom Alvaro da „ Silveyra aſſentaſſe as pazes com as „ meſmas condiçoens, com que jà o Vi„ ſorey D. Affonſo de Noronha lhas fi„ zera. E aſſim ſe embarcou o Veador da fazenda, e levou comſigo os Embaixadores. E chegando ao Malavar, ſe vio com o Capitaõ mòr, e lhe deu conta daquelle negocio, e lançando os Embaixadores em terra logo ſe tratàraõ as pazes, que ſe concluiraõ, e juràraõ na praya de Calecùt, eſtando o Camorim preſente, o Capitaõ mòr, e o Veador da fazenda, o que ſe fez com grande ſolennidade, e logo ſe apregoàraõ pela Cidade, e pela Armada. Concluido iſto (que era na entrada de Janeiro deſte anno de cincoenta e ſeis, em que com o favor Divino entramos) ſe foy o Veador da fazenda pera Còchim, e deſpachou as nàos do Reino, e a Armada ſe foy pera Goa, por não haver mais que fazer; deixando alguns navios naquella coſta pera acompanharem as nàos da China, e Malaca.

DE-

DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO III.

CAPITULO I.

Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a Cambaya por Tristaõ de Payva, e sobre que. E dos navios que mandou a recolher o Padre Mestre Gonçalo, que estava na Abassia. E da Armada que despedio pera o Estreito, de que foy por Capitaõ mòr Dom Alvaro da Silveyra. E das cousas que Miguel Rodrigues fios secos fez pela costa do Idalcan. Anno 1556.

HUma das cousas que o Governador Francisco Barreto desejava muito, era haver às mãos a Cidade de Damaõ, por entender que convinha ao Estado da India, assim pera segurança das terras de Baçaim, como pera apoſentar naquella Cidade, e suas terras muitos cavalleiros honrados, e casados pobres porque se esperava que suas aldeas fossem de mais importancia. Sobre este negocio teve alguns tratos secretos cõ certos Capitaens de Cambaya seus amigos, pera que o avisassem do modo que teria naquelle negocio, e do estado em que as cousas daquelle Reino estavaõ, e todos se resumiraõ „ em que havia de „ mandar tratar aquillo com o Ithimiti- „ can, que governava tudo: porque o „ Rey era menino, e não fazia por si „ cousa alguma, e que peitasse ao tutor, „ e Governador, porque bem podia ser „ que lhe concedesse o que tanto dese- „ java. Sobre isto tornou a mandar algumas pessoas, que foraõ, e vieraõ, por quem mãdou saber o estado de Damaõ, e o poder que dentro estava, e foy certificado „ que Cide Botatà, e Cide Ra- „ nà Capitaens Abexins, que comiaõ „ aquellas terras, tinhaõ sete, ou oito „ mil homens de cavallo, em que entra- „ vaõ muitos Magores, e que tinhaõ „ aquella Cidade muito bem provida „ de mantimentos, artelharia, e muni- „ çoens, e que custaria muito se a qui- „ zessem tomar por armas.

Informado o Governador de tudo muy bem, assentou de mandar hum Embaixador com hum arrezoado presente, pera ver se o podia render ao que pretẽdia, e pera este negocio elegeo a Tristaõ de Payva, homem de muito bom entendimento, e que se lhe podiaõ encarregar todas as cousas de muita importancia, e lhe mandou armar alguns navios pera o porem em Cambayete, e lhe deu largo regimento sobre as cousas que havia de tratar cõ o Ithimitican „ e que „ quando pelas cousas que lhe levava, e „ por outras muitas promessas o naõ pu- „ desse levar a lhe entregar a Cidade de „ Damaõ, com suas terras, e Tanada- „ rias, que entaõ lhe offerecesse ameta- „ de

„de do rendimento da Alfandega de „Dio pera ElRey de Cambaya, aſſim „como dantes os Reys ſeus anteceſſo„res a poſſuiraõ.

Preſtes, e negociado Triſtaõ de Payva ſe embarcou em os navios que eſtavaõ jà providos de tudo com grandes apparatos de ſua peſſoa, e ſeis homens de cavallo, e outros muitos ſervidores, e o preſente que levava era de dez fermoſos ginetes Arabios, com ſeus telizes de damaſcos de cores, e duas duzias de coelhos machos, e femeas pera ElRey lançar em ſuas tapadas, pelos naõ haver em Cambaya. Embarcado Triſtaõ de Payva foy ſeguindo ſua jornada a que logo tornaremos.

Os Padres da Companhia, vendo que era neceſſario mandarſe ſaber do que o Padre Meſtre Gonçalo paſſára com o Emperador da Ethiopia, porque pelo regimento que levàra do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, havia de eſtar eſperando, ou elle, ou ſeu recado por navios, fizeraõ diſſo lembrança ao Governador Franciſco Barreto, que vendo que tinha obrigaçaõ de acodir àquelle negocio, mandou negociar dous navios de remo, e elegeo pera eſta jornada a Joaõ Peyxoto, hum cavalleiro muito honrado, e bem entendido nas couſas da guerra, e daquelle Eſtreito, e lhe deu por regimento „que entraſſe as portas „do Eſtreito de Meca, e ſoubeſſe no„vas de galez (porque corria huma fa„ma, que ſe armavaõ em Meca quin„ze) e que ſe paſſaſſe a Maçuà a reco„lher o Padre Meſtre Gonçalo, ou car„tas ſuas, que forçado havia de achar. Eſtes navios partiraõ de Goa entrada de Fevereiro deſte anno de cincoenta e ſeis, e de ſua jornada adiante daremos razaõ.

Neſte meſmo tempo chegàraõ novas de Ormuz ao Governador „que as ga„lez que eſtavaõ em Baçorà (que eraõ „ſete) ſe negociavaõ pera ſe tornarem „pera o Eſtreito de Meca, e juntamen„te com iſſo lhe deraõ cartas do Rey „que fora de Baçorà, e dos Senhores „das Ilhas Gizares, em que lhe pediaõ „os ſoccorreſſe com huma Armada, „porque tinhaõ os Turcos de cerco em „Baçorà, e poſtos em eſtrema neceſſi„dade, e lhes tinhaõ queimado duas ga„lez, e que eſtava a couſa em eſtado, „que com qualquer Armada que pelo „mar os favoreceſſe, os acabariaõ de „deſtruir. E q tornando a tomar aquel„la Cidade offereciaõ pera ElRey de „Portugal a fortaleza ſobre o mar, e „ametade do rendimento da Alfande„ga, como jà offerecèraõ quando Dom „Antaõ de Noronha là fora, como na ſexta Decada no Capitulo quarto do nono livro fica dito.

Eſte negocio poz o Governador Frãciſco Barreto em conſelho, e aſſentouſe „que ſe lhe mandaſſe huma boa Ar„mada porque convinha ao Eſtado lan„çar dalli os Turcos, que eraõ muito „ruins viſinhos pera a fortaleza de Or„muz. Com eſte acordo mandou o Governador negociar hum galeaõ, quatro caravelas, e dez fuſtas, e elegeo pera eſta jornada a Dom Alvaro da Silveyra, que começou a correr com a Armada, e o Governador lhe paſſou todas as proviſoens que lhe pedio, com poderes ſoberanos na juſtiça, e fazenda.

Dom Alvaro da Silveyra deu tanta preſſa à ſua Armada que em Março ſe fez à vela, elle no galeaõ, e nas caravelas D. Pedro de Menezes, Triſtaõ Vaz da Veiga, Ayres Gomes da Silva, filho de Braz Telles, e irmaõ de Fernaõ Telles, que foy Governador da India, e Jeronymo de Meſquita. Os Capitaens das fuſtas eraõ Antonio de Sampayo, Pero da Cruz, Vaſco Correa Joaõ Galego, Cifal Pinheiro, Gaſpar Vaz de Meſquita, Manoel de Magalhães, Joaõ Falcaõ, Jorge Barreto, e Franciſco Gonçalves que hia por Feitor da Armada.

Deſpedida eſta frota, com que depois continuaremos, ficou o Governador deſpachando as couſas de Malaca, pera onde deſpedio Dom Joaõ Pereira, filho de Dom Manoel Pereira ſegundo

Conde

Conde da Feira, pera hir entrar na Capitanìa de Malaca, por ſer falecido D. Antonio de Noronha, filho do Viſorey D. Garcia de Noronha que là eſtava. E porque os Capitaens do Idalcan, depois de ſe recolherem D. Antaõ de Noronha, e D. Fernando de Monroy, andàraõ fazendo alguns danos nas terras de Salſete, e Bardes, quiz o Governador ſatisfazerſe, e mandou Miguel Rodrigues Coutinho, fios ſecos, por Capitaõ mòr de dez navios pera andar de Goa atè Dabùl fazendo por aquella coſta do Idalcan toda a guerra que pudeſſe.

CAPITULO II.

Do que aconteceo a Triſtaõ de Payva em Cambaya. E de como os que ficàraõ nos bayxos de Pero dos Banhos acabàraõ a naveta, e nella vieraõ a Còchim.

DEixàmos no Capitulo atraz partido Triſtaõ de Payva pera Cambaya, q̃ chegou em poucos dias a Cambayete, e dalli foy por terra à Corte de Amadabà, onde chegou com grande appàrato, e muito ſerviço de cavallos, carretas, camelos, e outras couſas de ſerviço. E antes de entrar na Cidade o ſahiraõ a receber muitos Capitaens, e o levàraõ aquelle dia a huma quinta onde ficou, e ao outro dia fez ſua entrada acompanhado de todos os Capitaens que eſtavaõ na Corte, e foy levado a ElRey, que o eſtava eſperando com grande mageſtade, acompanhado de Madre Maluco (em cujo poder eſtava outra vez o Rey) e outros Regedores. Triſtaõ de Payva lhe deu a carta do Governador, e offereceo o preſente, que ElRey eſtimou muito, e ſobre tudo os coelhos, que logo mandou lançar em ſuas defezas, onde fizeraõ grande criaçaõ, e o mandou agaſalhar bem, e dar todo o neceſſario. Paſſados alguns dias entrou em negocios com os Regedores a quem eſtava remetido, em q̃ gaſtou mais de hum mez, e por fim lhe reſpondèraõ „ que ElRey era muito contente de dar „ a ElRey de Portugal a Cidade de „ Damaõ com a ſua fortaleza ſómente, „ com tanto que elle lhe largaſſe ameta- „ de do rendimento da Alfandega de „ Dio, aſſim como jà o tiveraõ os Reys „ ſeus antepaſſados; e que as terras, e „ Tanadarias da jurdiçaõ de Damaõ „ naõ era licito largarlhas, por ſerem da „ coroa de Cambaya. Triſtaõ de Payva reſpondeo aos Regedores „ que elle „ naõ levava comiſſaõ do Governador „ pera aceitar Damaõ ſómente, que man- „ daſſe ElRey em ſua companhia hum „ Embaixador ao Governador Frãciſco „ Barreto, pera tratar aquelle negocio „ com elle, e que ſendo contente fariaõ „ là ſeus papeis. Iſto pareceo bem aos Regedores, e mandàraõ logo negociar hum Turco chamado Xeque Eſtabolim, da obrigaçaõ de Madre Maluco (que era o que governava tudo) por quem ElRey, e elle eſcrevèraõ ao Governador, e lhe mandàraõ tambem ſeus preſentes de peças, e brincos curioſos.

Eſte Turco ſe embarcou em companhia de Triſtaõ de Payva em outro navio, com grande caſa, e acompanhamento, e chegàraõ em breves dias a Goa, onde foy muito bem recebido, e agaſalhado. E entrando em negocios com o Governador, declarando a tenção de ElRey, que era largarlhe ſó a Cidade de Damaõ, lha não quiz aceitar, porque não ſervia de mais que de fazer deſpezas ao Eſtado, ſem proveito algum, e que ficava ſendo de mais importancia a ElRey a metade do rendimento da Alfandega de Dio, e mais eſcuſava pendenças, e enfadamentos dos Officiaes della com outros Mouros que ElRey de Cambaya logo havia de meter nella, e que tambem não convinha ao Eſtado ter naquella Ilha nunca jà mais o Rey de Cambaya couſa alguma, por acabar de lhe perder as ſaudades.

Conſideradas eſtas couſas deſpedio o Governador o Xeque Eſtabolim, e em ſua companhia mandou Chriſtovaõ

de Couto lingua do Eſtado, pera tornar a tratar de novo aquelle negocio com o Madre Maluco, e eſcreveolhe por elle „ que muito melhor vinha a El„ Rey de Cambaya ter ſeguro ametade do rendimento da Alfandega de „ Dio, que a Cidade, e terras da jurdi„ çaõ de Damaõ, porque ſempre lhas „ haviaõ de comer Capitaens alevantados. Eſtes homens chegàraõ a Cambayete por fim de Março, e achàraõ alli por novas, que ElRey tornàra a fogir de Madre Maluco pera Ithimitican, e que o Madre Maluco era recolhido pera a Cidade de Baroche que era ſua (porque andavaõ eſtes tyrannos com o pobre Rey moço, dandolhe xaque de hum pera outro, porque o que tinha em ſeu poder, eſſe governava tudo) pelo que o Xeque Eſtabolim ſe foy logo pera elle, deixando alli Chriſtovaõ do Couto, que ſabendo do negocio ſe foy à Cidade de Amadabà, e deu as cartas do Governador a Ithimitican, que lhe reſpondeo „ que ElRey era menino, q̃ „ como tiveſſe idade pera governar, lhe „ mandaſſe o Governador ſeus Embai„ xadores ſobre aquelle negocio, que „ elle lhe reſponderia. Com iſto ſe tornou Chriſtovaõ do Couto pera Goa, e deu relação ao Governador Franciſco Barreto de tudo o que paſſára.

Deſtas couſas foy logo D. Diogo de Noronha Capitaõ de Dio aviſado, e tomouſe muito de o Governador mandar tratar huma couſa de tanta importancia ſem lho fazer a ſaber, eſtando elle taõ perto de Cambaya: pelo que deſpedio hum catur com cartas pera o Governador, em que lhe dizia „ que ſe eſ„ pantava muito delle, e dos Fidalgos „ do conſelho cometer huma troca taõ „ deſigual, e offerecer ametade do ren„ dimento daquella Alfandega, que elle „ cavàra pera ElRey de Portugal, à „ cuſta de tanto ſangue, e trabalho ſeu, „ q̃ lhe não quizeſſem roubar ſua honra, „ e fazer pouco caſo de couſa que lhe „ cuſtàra tanto, e que elle tinha pela de „ mayor ſerviço de ElRey, que todos „ os da India. Que ſe deſejava a Cida„ de de Damaõ, pouco havia que fazer „ em a tomar; porque ſegundo o Reino „ de Cambaya eſtava diviſo, elle ſe offe„ recia a lha entregar: porque com dous „ mil homens que lhe dèſſe hiria atè a „ Corte de Amadabà ſem reſiſtencia. E com iſto eſcreveo a todos os Fidalgos do conſelho, pedindolhes „ naõ cõ„ ſentiſſem ao Governador huma tama„ nha ſemrazaõ, e tanto contra o ſervi„ ço de ElRey, dandolhes pera iſſo „ muitas razoens.

Eſtas cartas foraõ dadas ao Governador, e a elles, e como os mais eraõ parentes de D. Diogo de Noronha, e lhe tinhaõ muito grande reſpeito, parecerãolhes bem ſuas razoens, e fizeraõ lembranças ao Governador, que deſiſtio do negocio, e reſpondeo a Dom Diogo de Noronha „ que eſtimava muito aquel„ le zelo do ſerviço de ElRey, e os offe„ recimentos que lhe fazia, e que no ve„ raõ ſeguinte ſe veria com elle em Ba„ çaim. Com eſtas cartas ſe quietou D. Diogo de Noronha, e as couſas paràraõ. E nòs o faremos tambem neſtas, por contarmos o que aconteceo aos que ficàraõ nos baixos de Pero dos Banhos.

Deixàmos toda aquella gente trabalhando na naveta com tanta diligencia, vontade, e goſto, que no fim de Março a puzeraõ no mar muito bem aparelhada, e embarcàraõ nella os mantimentos que tinhaõ guardados, e fizeraõ aguada da muita que na Ilha havia, e ultimamente ſe embarcàraõ com grandes promeſſas, e romarias a noſſa Senhora de Guadalupe de Còchim, a quem offerecèraõ a nào, e foraõ fazendo ſua viagem muito bem, e com tempo proſpero, e a Virgem Senhora noſſa, que he a verdadeira guia, os encaminhou de feiçaõ, que os poz em Còchim no fim de Abril, ſem paſſarem trabalhos, nem tormentas. Chegados ao porto, acodiraõ embarcaçoens em que todos ſe deſembarcàraõ, e poſtos na praya ſe ordenàraõ em prociſſaõ, hindo os Padres da Companhia diante cantando as Ladainhas, e por

eſta

eſta ordem foraõ atè a caſa de noſſa Senhora com grande devoção, e muitas lagrimas, levando apoz ſi toda a Cidade, que ſahio a ver aquelle devoto eſpectaculo, e a naveta foy metida dentro no rio, e deſcarregada do cabedal de ElRey, e de muita fazenda que nella metèraõ, e a nào foy offerecida a noſſa Senhora. E ſegundo nos parece ella ſe vendeo, e o dinheiro ſe deu à Confraria; baſta que ella foy feita em ſeu nome, e acabou bem.

CAPITULO III.

Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela coſta do Idalcan. E do que aconteceo a Joaõ Peyxoto na jornada do Eſtreito: e de como deu em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.

PArtido Miguel Rodrigues Coutinho de Goa, como atraz diſſemos no Capitulo primeiro deſte terceiro livro, foy correndo toda a coſta do Idalcan atè a Cidade de Dabul; e deſembarcou em todos os lugares maritimos delles, e os meteo a ferro, e a fogo, cativando, e matando muita gente, cortando os palmares, e aſſolando as fazendas, queimando navios grandes, e pequenos, e fazendo outros muitos danos, com que a terra ficou deſtruida, e deſpovoada. E deixando tudo feito pò, e cinza ſe paſſou a Dabul pera eſperar as nàos que haviaõ de vir de Meca. E eſtando ſurto no mar, lhe foy cahir nas mãos huma do Idalcan, que vinha de Meca carregada de muitas fazendas, e dinheiro, e pondo-ſe os navios em armas a foraõ cometer com muita determinaçaõ, e a rodeàraõ, e batèraõ por todas as partes muitas horas, defendendo-ſe ella muito valeroſamente, ſem querer amainar, hindo ſempre com todas as velas demandar a terra, onde ſe ouviaõ as bombardadas muito claramente. E como o vento era freſco, e os mares pequenos, determinouſe Miguel Rodrigues Coutinho a inveſtilla, como fez, com todos os navios repartidos em duas partes. E poſto q̃ achàraõ em os Mouros (que eraõ mais de duzentos) muy grande reſiſtencia, todavia a poder de golpes ſe puzeraõ em cima, e dentro nella tiveraõ huma muito aſpera, e arriſcada batalha, e de muito ſangue de ambas as partes, em que os noſſos moſtràraõ tanto ſeu eſforço, que com morte da mòr parte dos Mouros rendèraõ a nào, cuſtando tambem aos noſſos à vida de oito, ou dez homens, afóra muitos feridos; e voltando com ella pera Goa, ſurgiraõ na ſua barra, onde as fazendas foraõ deſembarcadas, e a nào metida dentro, e repartidas as prezas pelos Capitaens, e ſoldados. Coubèraõ ſó à parte de ElRey mais de trinta mil cruzados.

O Idalcan com os danos que lhe fizeraõ por ſua coſta, e com a perda deſta nào, ficou taõ quebrantado, e affrontado, que determinou de proſeguir na guerra de Goa, e mandou deſcer abaixo mais alguns Capitaens, do que o Governador Franciſco Barreto foy logo aviſado, e mandou prover os rios todos de guarda, de navios, e manchuas, e os paſſos de Capitaens, e ſoldados, e deſpachou os provimentos pera todas as fortalezas, e pera a de Maluco foy hum fermoſo galeaõ carregado de fazendas, muniçoens, e outras couſas pera aquella fortaleza, de quem foy por Capitaõ Franciſco de Barros, que era provido daquellas viagens.

Agora he neceſſario que continuemos com Joaõ Peyxoto, que deixàmos no primeiro Capitulo deſte terceiro livro, partido pera o Eſtreito de Meca: que ſeguindo ſua derrota com os levantes que curſavaõ foy haver viſta da coſta da Arabia, e de longo della foy embocar as portas do Eſtreito, que entrou de dia, por ſoſpeitar que nellas eſtavaõ as galez do Cafár, o que naõ era, e entrando dentro tomàraõ algumas gelvas, em que cativàraõ alguns Mouros, de

quem

quẽ ſouberaõ naõ haver em Meca mais que as galez do Cafár, que eſtavaõ varadas. Com eſtas novas atraveſſáraõ a cõſta da Abaſſia, e foraõ haver viſta da Ilha Çuaquem já de noite. E entendendo Joaõ Peyxoto que haviaõ de eſtar deſcuidados de poder haver embarcaçoens de Portuguezes, determinou de ver ſe podia fazer huma boa preza, e parecendo bem aos companheiros, foraõ no quarto dante alva demandar a Ilha, onde deſembarcàraõ ſem ſerem ſentidos. E como os Paços de ElRey ficavaõ ſobre o mar, os demandàraõ em muito ſilencio, e ſentindo tudo quieto, os entràraõ, e foraõ metendo à eſpada alguns que achàraõ dormindo nas primeiras caſas. E chegando à porta da camera, em que ElRey dormia, a abalroàraõ com grande determinaçaõ, e preſteza, e tomando o Rey de ſobreſalto, ſem cuidar que lhe eſtava aquelle dano aparelhado, o matàraõ, e com elle algumas peſſoas que acodiraõ aos gritos, e algumas mulheres, e outras peſſoas foraõ cativas, e ſaqueàraõ o que na camera havia, e com eſte proſpero feito ſe recolhèraõ aos navios, ſem lhes acontecer deſaſtre algum, e afaſtando-ſe da Ilha foraõ ſurgir de longo da coſta, onde deſcançàraõ a mòr parte da noite; e tanto que entrou o dia foraõ correndo de longo della abrazando, queimando, e deſtruindo alguns lugares, ſaqueando, e roubando muitas couſas, com que os ſoldados houveraõ o trabalho por bem empregado, e aſſim foraõ ter ao porto de Arquicò pera recolherem o Padre Meſtre Gonçalo, onde ficàraõ eſperando por elle: que como foy tempo em que lhe pareceo que era bem que foſſe pera o mar (porque conforme ao regimento que levava, bem ſabia que haviaõ de hir navios da India em buſca delle, ou de ſeu recado) ſe foy deſpedir do Emperador, e lhe pedio licença pera ſe vir, e elle lha deu, e mandou eſcrever a ElRey, e ao Governador cartas de grandes agradecimentos „ do amor, e „ vontade que moſtravaõ pera ſuas couſas, e do trabalho que tinhaõ levado „ em haver do Summo Pontifice Patriarca, e Biſpos pera aquelle Imperio, „ que elle lhe ficava por iſſo em grande „ obrigação de o ſervir, e de o ter a elle „ Rey de Portugal em conta de pay, e „ que elle ficava preſtes pera receber o „ Patriarca como elle merecia: mas não ſe penhorou em palavras na mudança dos coſtumes.

Recebidas as cartas ſe deſpedio o Padre do Emperador, q̃ o mandou acompanhar, e prover de todo o neceſſario em abaſtança, e no fim de Março chegou ao porto de Arquicò, onde Joaõ Peixoto o eſtava eſperando, e recolhidos nas galeotas deraõ à vela, e chegàraõ a Goa na entrada de Mayo. E o Padre Meſtre Gonçalo deu ao Governador relaçaõ de tudo o que paſſou com aquelle Emperador, e lhe affirmou „ que „ ſe naõ mudaria de ſua tençaõ, o que „ elle, e os Padres ſentiraõ muito, pelo „ pouco fruyto que ſe eſperava tirar do „ grande trabalho, e deſpezas que El„ Rey tinha feito naquelle negocio: e do que niſſo mais paſſou, adiante em ſeu lugar daremos larga conta. Com a chegada deſtes navios ſe cerrou o inverno, e o Governador ordenou cinco Capitaens pera darem meſas a todos os ſoldados, e eſtes foraõ Pero Barreto Rolim, Martim Affonſo de Miranda, Jorge da Silva, Pantaleaõ de Sà, e Ruy Barreto Maſcarenhas. E todo o inverno gaſtou o Governador na reformação da Armada que de novo fazia, cujo trabalho, e meneyo repartio pelos Fidalgos, e todos os dias viſitava a ribeira, e là jantava, e aſſim ſe corria com a obra com muita preſteza, e alegria, porque todos andavaõ ſatisfeitos, e contentes.

CA-

CAPITULO IV.

Do que succedeo a D. Alvaro da Silveyra na viagem. E das desavenças que teve com Bernaldim de Sousa, Capitaõ da fortaleza de Ormuz. E do que lhe acõteceo no Estreito de Baçorà.

DE todas as cousas deste veraõ nos fica só por continuarmos com D. Alvaro da Silveyra, q̃ deixàmos partido pera Ormuz no Capitulo primeiro deste terceiro livro, e agora o faremos, porque cabe aqui melhor. Este Capitaõ foy seguindo sua derrota atè haver vista da costa de Arabia, e dobrando o cabo Rosalgate, tomou aguada em Teive, onde se apercebeo de agua, e dalli se passou a Ormuz, e surgio defronte daquella fortaleza, onde foy logo visitado da parte de Bernaldim de Sousa, Capitaõ della, que era muy grande seu amigo, e lhe mandou pedir que quizesse ser seu hospede. Dom Alvaro que jà vinha em outro bordo, por mexericos q̃ tocavaõ em ciumes de huns amores (com ser hum dos mòres amigos que Bernaldim de Sousa tinha, e que jà em Goa tomàra bandos por elle, atè contra o Governador com quem teve payxões sobre cousas suas) em lhe dando o recado de Bernaldim de Sousa, respondeo „ que naõ „ vinha pera desembarcar aquelle dia, e „ que ao outro o faria, e assim o fez: porque tanto que amanheceo se meteo no batel do seu galeaõ, acompanhado de alguns Fidalgos que com elle hiaõ embarcados, e foy demandar a terra. Bernaldim de Sousa sendo avisado que desembarcava o foy esperar à praya muito alvoroçado pera o ver: mas Dom Alvaro que levava differente pensamento, sendo jà perto da terra, que vio Bernaldim de Sousa, voltou com o batel, e foy correndo a ribeira pera a banda da Alfandega, e foy desembarcar à porta do Mosteiro de S. Domingos, que estava huma casinha pobre (que hoje he Hospital pelos Padres jà naõ estarem nesta terra) deixando Bernaldim de Sousa na praya, porque de proposito lhe quiz fazer este tiro, pera que entendesse que naõ vinha seu servidor. Bernaldim de Sousa tanto que o vio voltar de taõ perto, logo o entendeo, e dissimulou com o negocio, e abalou com toda a gente pera S. Domingos onde achou Dom Alvaro da Silveyra à Missa, e foy-se pera elle, e falàraõ-se, achando a D. Alvaro seco, e differente do que dantes mostrava.

Acabada a Missa se sahiraõ pera fóra, e Bernaldim de Sousa o convidou pera o jantar, que lhe elle aceitou; e hindo pera a fortaleza, chegando à feitoria de ElRey lhe disse D. Alvaro da Silveyra que tinha hum negocio com o Feitor que lhe dèsse licença pera se deter, que logo seria com elle. Bernaldim de Sousa se foy, e disse pera os q̃ hiaõ com elle „ naõ ha de vir; porque se nòs tiveramos „ a vacca preza, o novilhinho entràra no „ curral. D. Alvaro ficou negociando cõ o Feitor algumas cousas pera o provimento de sua Armada, e deu ordem pera se armarem mais alguns navios, por provisoens que pera isso levava, porque determinava de passar logo a Baçorà, e acabando de fazer aquelle negocio se foy embarcar, mandando da praya dizer a Bernaldim de Sousa que naõ esperasse por elle, porque se lhe offerecèra hum negocio, que lhe era forçado hirse pera o galeaõ. Bernaldim de Sousa nem entaõ lhe quiz dar a entender que o entendia (porque na verdade estava sem culpa na materia porque elle vinha escandalizado) e lhe mandou de jantar ao galeaõ muito bem. D. Alvaro da Silveyra foy dando pressa ao aviamento de sua Armada, desembarcando todos os dias em terra, e sempre Bernaldim de Sousa o esperou: mas nunca quiz entrar na fortaleza, e armou mais seis navios de remo, e os proveo de Capitaens que foraõ, Henrique Soares, Francisco Jorge, Gaspar do Amaral, Antonio Nunes, e Antonio Gonçalves. E outro a que naõ achàmos o nome.

Prestes

Prestes tudo, se partio D. Alvaro da Silveyra pera Baçorà em Junho; e antes de chegar à fortaleza de Reixel do Estado da Persia, que fica sobre a boca do rio Eufrates, encontràraõ huma terrada que levàva cartaz de Bernaldim de Sousa, e sendo levada ao Capitaõ mòr, mandou recolher no seu galeaõ todos os mercadores, e fazendas com huma boa copia de dinheiro, sem lhe querer guardar o cartaz, com os mercadores lhe fazerem sobre isso muitos protestos, e requerimentos. E estando surto hum pouco fóra do rio Eufrates, esperando por recado dos Gizares, e do Rey que foy de Baçorà, lhe deu huma tormenta tamanha, que a naõ puderaõ aguardar sobre a amarra, e foylhes forçado darem à vela, e correrem com os traquetes à vontade dos ventos pera Ormuz; e de feiçaõ que se dividiraõ todos os navios, e os mais delles chegàraõ destroçados, e alagados a Ormuz, como tambem fez D. Alvaro da Silveyra no seu galeaõ, que surgio no porto sem querer desembarçar, porque logo foy avisado que Bernaldim de Sousa estava muito tomado de lhe naõ guardar o seu seguro à terrada que tomàra, do que se havia por taõ affrontado, e offendido, que esbravejava de ira de feiçaõ, que a paixaõ lhe naõ dava lugar algum ao sofrimento. E affirmàraõ algumas pessoas, que desejàra de se encontrar com Dom Alvaro da Silveyra, e que o fora esperar de noite, cuidando que desembarcasse, e fosse a parte donde o encontrasse: mas D. Alvaro da Silveyra naõ desembarcou. E depois de tomar alguns provimentos, e reformar a Armada se partio pera Mascate, onde esteve atè ser tempo de se partir pera Goa, e recolher as nàos de Ormuz pera lhe hir dando guarda. Bernaldim de Sousa ficou taõ apaixonado, e desgostoso, que cahio em cama, e de feiçaõ, que desta feita veyo a falecer, como adiante diremos.

CAPITULO V.

Das cousas que este anno acontecèraõ em Ceilaõ. E da guerra que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapataõ, onde foy morto. E da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota.

DEixàmos o inverno passado recolhido o Tribuli Pandar nas sete Corlas, depois de desbaratado, e vendo-se alli taõ perseguido, se foy meter com o Principe de Urungurè, que he huma das Corlas, por ser muito seu parente, e elle o agasalhou bem, e o favoreceo contra o Madune, e lhe deu todas as cousas necessarias pera a guerra. Mas como o Tribuli Pandar era màõ, e perverso, em pago deste grande beneficio, matou hũa noite o Principe, apoderando-se da Cidade, em que se fortificou com os seus, fazendo-se Senhor dos Paços, casa, e thesouro do Principe. Vendo-se este tyranno com posse, e Senhor de Urungurè, determinou senhorear todas as sete Corlas, que era hum Estado grande, e em que os Portuguezes, nem o Madune lhe podiaõ fazer dano, por ser todo de serras altas, e de passos estreitos, e difficultosos. Determinado nisto, ajuntou gente, e começou a entrar pelas outras Corlas com maõ armada, a tomarlhes, e destruirlhes seus lugares.

Vendo os naturaes tamanha maldade em hum homem, como foy matar hum Principe que o agasalhou em seus trabalhos, e perseguiçoens, e tanto seu parente, se carteàraõ todos, e fizeraõ huma liga géral contra elle, jurando com suas ceremonias de morrerem todos assim na defensaõ de suas Cidades, como na vingança da morte daquelle Principe, e ajuntando todo o poder, occupàraõ, e fortificàraõ os passos por onde este tyranno os podia entrar, e pera mòr segurança mandaraõ Embaixadores a Affonso Pereira de Lacerda

Capitaõ

Capitaõ de Ceilaõ „ a pedirlhe ſoccor-
„ ro de ſoldados, prometendo que a to-
„ dos os que là foſſem pagariaõ a quin-
„ ze pardaos de ouro por mez a cada
„ hum.

Vendo Affonſo Pereira de Lacerda ſeu requerimento, e razaõ, havendo que era ſerviço de ElRey favorecerẽ aquelles povos; porque ſe naõ vieſſe aquelle tyranno a fazer Senhor daquellas Cidades (porque daria muito grande opreſſaõ, e trabalho a toda aquella Ilha) deſpedio logo hum Joaõ Fernandes Columbrina, ſoldado velho, e bom cavalleiro com ſeſſenta Portuguezes, que folgàraõ de hir àquelle negocio, pelas groſſas pagas que lhe prometèraõ, e foraõ-ſe ajuntar com os naturaes daquellas Corlas, e começàraõ a fazer guerra ao Tribuli Pandar pela parte de cima, e o Rajù filho do Madune (de quem ſe tambem valèraõ) pela parte debaixo, e aſſim perſeguiraõ aquelle tyranno, que de ſe ver perdido, tratou de ſalvar ſua peſſoa, como fez huma noite, levando ſua ſogra, e a mulher filha do Madune, com os theſouros que pode; e por caminhos eſcuſos ſe foy pera Jafanapataõ a pedir ſoccorro àquelle Rey, pera tornar a voltar com mòr poder, e elle o recebeo humanamente. E praticando depois em ſeu negocio, e dandolhe conta de ſuas couſas, a voltas dellas lhe diſſe „ a obrigaçaõ que tinhaõ todos os Reys „ daquella Ilha de lançarem fóra della „ os Portuguezes, fazendolho taõ facil, „ que o moveo a lhe dar ſoccorro con- „ tra elles, e a ſolicitar todos os Reys „ amigos, e parentes. E pera mòr ſegurança diſto, ajuntàraõ-ſe em hum Pagode pera nelle jurarem aquella liga com as ceremonias antre elles coſtumadas. Mas como a couſa que mais aborrece a Deos, ſaõ homens falſos, e tyrannos, quiz logo caſtigar eſte Tribuli Pandar, quando elle eſtava mais embebido na vingança do ſeu odio, e foy deſta maneira.

Eſtando eſtes Principes diante de ſeus Idolos pera fazerem ſeus juramentos com grandes feſtas, e regozijos, acertou de cahir a hum ſoldado huma pouca de polvora do fraſco da eſpingarda, e outro traveſſo que eſtava junto delle a lhe pôr o fogo, o que ſuccedeo pegado com ambos aquelles Principes. E como o Tribuli Pandar andava receoſo, e de todas as couſas ſe temia (que he o pezo que os màos trazem ſempre ſobre o coraçaõ, em pena de ſua maldade) tanto que vio a labareda da polvora, cuidando que era traiçaõ, arrancou da eſpada contra ElRey, e antre todos ſe ateou huma grande briga, em que o Tribuli Pandar foy morto: ficando deſta feita a Rainha velha, o neto, ſua nora, e theſouros em poder daquelle Rey, e por aqui ſe acabàraõ todas ſuas guerras, e trabalhos (que os Capitaens de Columbo perſeguiraõ, tendo pela ventura no principio pequenas culpas: porque ſe chegou a morder, foy porque o acoſſáraõ) E depois que elle acabou começáraõ os grandes trabalhos daquella Ilha, e ſe perdeo o Reino da Cota, e houve tantos cercos ſobre aquella fortaleza, e ſobre a de Columbo, como pelo diſcurſo das Decadas Oytava, Nona, e Decima ſe veraõ: porque nunca o Madune ſe deſavergonhàra tanto, ſe o Tribuli Pandar vivera, por ſer o que lhe quebrava, e abatia ſua ſoberba, e tyrannia.

Vendo o Madune morto o Tribuli Pandar, e o Camereiro mòr de ElRey da Cota, e ſeu cunhado Alança Modeliar, e o filho do Capitaõ preto prezos, e homiziados cõ os Portuguezes (tudo ordenado por ſua induſtria a eſte fim) ordenou logo de proſeguir na guerra da Cota, e não levar maõ della, atè ſe fazer Senhor daquelle Reino, pera ſe coroar por Emperador livremente. E ajuntando ſeus exercitos, mandou ſeu filho o Rajù que elle foy criando, e dando azas, e brio pera depois o matar a elle, e a ſeus irmãos legitimos, e a ſe fazer Rey, como na undecima Decada diremos; pagando o Madune ſua tyrannia por mãos de ſeu proprio filho) que

foſſe

foſſe proſeguir na guerra, e puzeſſe cerco a Cota, o que elle fez, ſahindo de Cenvaca com hum groſſo exercito, e entrando pelas terras daquelle Rey foy fazendo grandes danos, e eſtragos.

Eſtava neſte tempo na Cidade da Cota com aquelle Rey Affonſo Pereira de Lacerda com pouca gente, e com eſſa que tinha proveo os paſſos da Cidade, e os fortificou o melhor que pode, e pelos rios eſpalhou dez, ou doze navios, de que eraõ Capitaens Fernaõ de Caſtro, Domingos Rapoſo, Joaõ Rodrigues Correa, Antonio de Eſpindola, Diogo Juzarte, Chriſtovaõ das Neves, Gaſpar Lopes, Vicente Bello, Antonio Fernandes, Gonçalo de Chaves, Antonio de Araujo, Antonio Jorge, Domingos Dias. E por Capitaõ mòr de todos Fernaõ Peres de Andrade. Eſtes navios andàraõ defendendo a paſſagem às gentes do Rajù, dandolhe tambem em alguns lugares do pay, que deſtruiraõ, e abrazàraõ. ElRey da Cota poſto que eſtava desbaratado, ajuntou tambem ſuas gentes, e lançou no campo alguns Modeliares, que tiveraõ muitos recontros com os imigos, em que houve dano de parte a parte. E porque eſtes aſſaltos foraõ muitos, e miudos, e não achàmos lembrança de couſa notavel, paſſaremos por elles: baſta que ficàraõ parte do veraõ, e todo eſte inverno fazendo ſe toda a guerra que puderaõ, e aſſim os deixaremos atè tornar a elles.

CAPITULO VI.

Da Armada que eſte anno de cincoenta e ſeis partio do Reino, de que era Capitaõ mòr D. Joaõ de Menezes de Siqueyra, e do que lhe ſuccedeo na viagem. E do em que o Governador Franciſco Barreto proveo ſobre as couſas do Patriarca, e da viagem que fizeraõ as nàos atè o Reino.

PElа Armada do anno de cincoenta e quatro, que chegou em Agoſto de cincoenta e cinco, ſoube ElRey ficar na India o Viſorey D. Pedro Maſcarenhas, que nella foy, o que eſtimou muito, e na entrada de Janeiro de cincoenta e ſeis mandou dar preſſa à Armada que havia de hir pera a India, de que era Capitaõ mòr D. Joaõ de Menezes de Siqueira. E porque deſejava de deſpedir eſtas nàos cedo (porque as da Armada do Viſorey D. Pedro Maſcarenhas por partirem tarde arribàraõ humas, e outras tiveraõ muito ruim viagem) entrou logo no deſpacho das couſas da India, e na embarcação do Patriarca da Abaſſia, e Biſpos, que haviaõ de hir aquelle anno. E pera mais authoridade, e obrigar com iſſo muito àquelle Emperador, ordenou de lhe mandar hum Embaixador, e dizem que cometera pera iſſo D. Antonio de Noronha o Catarraz, que havia de hir pera a India neſta Armada; e que por pedir muitas couſas ſe deſaviera, e elegeo ElRey pera iſſo a Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, e o deſpachou com a Capitanìa de Chàul, e com mil pardaos de tença, em quanto não entraſſe nella, e mandou eſcrever àquelle Emperador cartas de muita obrigação, em que lhe pedia „ quizeſſe dar a obediencia à ſanta Sè „ Apoſtolica, e receber o Patriarca, „ como huma tamanha dignidade me„ recia. E paſſou proviſoens ao Governador pera dar a Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco quinhentos homens, e Armada baſtante pera elles, pera pôr o Patriarca, e Biſpos na Abaſſia.

Eſtas nàos deraõ à vela a quinze de Março, o Capitaõ mòr D. Joaõ de Menezes de Siqueira na Garça, Jorge de Brito em Flor de la mar, Pero de Goes no galeaõ S. Vicente, Martim Affonſo de Souſa filho do Veador do Cardeal D. Henrique, e que depois foy Governador de Angola, em S. Giaõ, e Antonio Fernandes em S. Paulo, cujo ſenhorio elle era. Neſta nào ſe embarcou D. Antonio de Noronha o Catarraz, que tinha arribado na nào Flamenga, de que era Capitaõ D. Manoel Tello, como atraz diſſemos.

Tanto

Tanto que Dom Antonio de Noronha chegou ao Reino, ſe foy recolher em S. Franciſco, e ſendo ElRey diſſo aviſado, mandou ſaber delle „ ſe aquillo era fazer mudança na vida, ou ſe „ por outro algum reſpeito, ao que „ lhe reſpondeo que ſe recolhera com „ os Frades por pobre; porque antes „ queria aceitar delles huma raçaõ que „ pejar, nem enfadar parente algum „ ſeu. Vendo ElRey aquillo o mandou chamar, e lhe fez mercè da Capitanìa de Dio, por lhe caber logo apoz D. Diogo de Noronha, que nella eſtava, e lhe mandou dar dinheiro pera ſuas deſpezas em quanto ſe naõ embarcava, e a gora pera ſua embarcaçaõ lhe mandou empreſtar dous mil cruzados do cofre do cabedal que hia pera a pimenta pera na India os tornar: porque os Reys de Portugal ſempre andàraõ eſpreitando as neceſſidades de ſeus vaſſallos, pera as remediarem como pays; porque ſabiaõ muito bem que elles como filhos no amor, e como vaſſallos leaes na obrigaçaõ, arriſcavaõ as vidas todas as vezes que era neceſſario por ſeu ſerviço, a todos os perigos que ſe offereciaõ.

Neſtas nàos proveo ElRey em muitas couſas que lhe parecèraõ neceſſarias ao bom governo do Eſtado da India, e encomendou muito ao Viſorey „ que „ mandaſſe huma peſſoa de confiança a „ correr os portos da Ilha de S. Lou„ renço pera ver ſe achavaõ por elles „ algum raſto da gente das nàos Burga„ leza, e Santa Cruz, q̃ deſapparecèraõ „ vindo pera o Reino, o anno de cinco„ enta e tres, porque ſe preſumia que „ deraõ por aquella coſta, e que no„ taſſem em todos aquelles portos o „ que foſſe mais accõmodado pera nelle „ ſe fazer huma fortaleza, e que aſſen„ taſſem pazes, e comercio com os Se„ nhores dos portos de mar, e viſſem ſe „ aquella gente era capaz de receber a „ Ley de Chriſto.

Eſtas nàos foraõ ſeguindo ſua derrota hora com bonanças, hora com contraſtes, atè paſſarem o Cabo de Santo Agoſtinho, que foraõ em demanda do de boa Eſperança: ſómente a nào S. Paulo depois de paſſar o Cabo de Santo Agoſtinho (que foy jà muito tarde) começou a haver antre os homens do mar alteraçoens, e requerimentos ao Capitaõ que arribaſſem, porque a nào naõ levava agua, e chegou a couſa a eſtado, que naõ quizeraõ acodir, nem obedecer ao Meſtre. A iſto acodio D. Antonio de Noronha, e ajuntando-ſe com o Capitaõ, elegèraõ alguns homens honrados, e de verdade pera darem buſca à nào, e ſaberem a agua que havia, e deſcendo ao poraõ, e às cubertas em que ſe meteo a agua de ElRey, achàraõ taõ pouca, que nos affirmàraõ não chegar a vinte pipas: pelo que lhes foy neceſſario arribarem ao Brazil, e foraõ tomar a Bahia de todos os Santos, onde eſtava por Governador D. Duarte da Coſta, que mandou recolher os doentes no Hoſpital, e aos ſãos ordenou daremlhes meſas, e D. Antonio de Noronha recolheo comſigo perto de trinta ſoldados, criados de ElRey, e lhes deu de comer à ſua cuſta todo o tempo que alli eſteve, e depois atè os pôr na India. As mais nàos paſſáraõ à India, e tomàraõ Goa, e nellas vieraõ as novas da morte do Infante D. Luiz, que todos geralmente ſentiraõ, porque perdèraõ nelle os Fidalgos tamanho terceiro pera ſeus deſpachos, que depois de declarados lhe hiaõ beyjar a maõ por elles, porque ſempre foy requerente de todos. E as couſas da India, por ella ſer deſcuberta por ElRey D. Manoel ſeu pay, favoreceo ſempre, e amou ſobre todas, e aſſim dizem que deſejou ſummamente hir a ella, mas que tivera a iſſo grandes inconvenientes.

Foy eſte Principe por ſua boa, e real natureza muito amado de todos, naõ ſó dos naturaes que o tinhão em conta de pay, mas ainda dos eſtrangeiros, e aſſim todos o ſentiraõ, e choràraõ. E eu tambem o fiz ao eſcrever diſto, porque toda a honra, ſer, e criação q̃ tenho,

me veyo delle: porque de idade de dez annos o comecei a ſervir, e me achey na caſa em que faleceo com huma tocha nas mãos, e por ficar deſemparado por ſua morte me paſſey à India, onde atègora ſempre ſervi, e militey. Tambem vieraõ neſtas nàos novas de como o Emperador Carlos V. de glorioſa memoria ſe recolhèra à Religiaõ no Convento de S. Jeronymo de Juſte, por ſer lugar ſadio, e accõmodado a quem larga governo, e inquietaçoens do mundo, e deixàra o governo de ſeus Reinos ao muito Catholico Principe D. Filippe ſeu filho.

Chegadas as nàos a Goa, logo o Governador ſe começou a fazer preſtes pera hir ao Norte; pera o que eſcreveo a ElRey de Còchim, e àquella Cidade „ que lhe mandaſſe alguns Naires, na„vios, e gente pera o acompanharem, „ e o meſmo eſcreveo a Cananòr, e que „ eſperava de partir na entrada de No„vembro; e começou logo a entender no deſpacho das nàos que haviaõ de hir pera o Reino. E porque faltava a nào S. Paulo, que ficou invernando no Brazil, não querendo que foſſem menos nàos, e carga, o ſeu primeiro anno em que pretendia ficar acreditado com ElRey, comprou huma muito fermoſa, e nova do eſtaleiro, que eſtava no porto de Goa a Eſtevaõ Pereſtrello Capitaõ de Carania, e deu a Capitanìa della a Franciſco Nobre, que ficou em Goa por ſe perder nos baixos de Pero dos Banhos (como atraz diſſemos no Capitulo ſetimo do ſegundo livro) por ſer da obrigação do Conde da Caſtanheira, e deſpedio com muita preſſa as nàos pera hirem tomar a carga a Còchim, pera ficar deſembaraçado, e entender ſó na ſua Armada, em que pretendia hir ao Norte. Eſtas nàos tiveraõ muito ruim viagem, e ſó a Capitania chegou ao Reino, Flor de la mar, S. Giaõ, e o galeaõ S. Vicente invernàraõ em Moçambique, e depois em Novembro partiraõ pera o Reino onde chegàraõ, e a nào S. Giaõ em que hia por Capitaõ Martim Affonſo de Souſa, pelejou na coſta do Algarve com quatro galez de Turcos muitas horas, e ſe apartàraõ quaſi desbaratados, ficando tambem a nào bem deſtroçada, e aſſim entrou pela barra de Lisboa dentro.

CAPITULO VII.

De como o Patriarca, e o Embaixador do Preſte tratàraõ com o Governador Franciſco Barreto ſobre ſua hida, e dos entretimentos, e eſcuſas de que uſou, e do conſelho que ſobre iſſo tomou, em que ſe aſſentou, que foſſe o Biſpo D. Andrè de Oviedo. E de como mandou à Ilha de S. Lourẽço Balthazar Lobo de Souſa.

VEndo o Patriarca, e Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco Embaixador da Ethiopia, que o Governador Franciſco Barreto ſe fazía preſtes pera hir ao Norte, ſem tratar das couſas da Ethiopia, que ElRey tanto lhe encomendava, foraõ-ſe a elle, e lhe apreſentàraõ as inſtruçoens, e proviſoens de ElRey, e lhe requerèraõ „ que as compriſ„ſe, e lhe dèſſe a Armada, gente, e todas „ as mais couſas que ElRey mandava, „ pera paſſarem à Ethiopia, couſa em „ que elle levava tamanho goſto, e tinha „ metido taõ grande cabedal. O Governador vendo-ſe apertado delles reſpondeo „ que aquelle negocio era de muito „ grande conſideraçaõ, e que o Eſtado „ naõ eſtava pera poder tirar de ſi ſeiſ„centos homens, e Armada baſtante „ pera elles, tantos marinheiros, arte„lharia, muniçoens, e outros petrechos „ de que os Almazens eſtavaõ faltos, „ que primeiro havia de dar relação a „ ElRey do que o Padre Meſtre Gon„çalo paſſára com aquelle Emperador, „ e de como o achàra duro na mudança „ de ſeus coſtumes, e que não era licito, „ nem honra da Sè Apoſtolica, que hu„ma tamanha dignidade, como era a „ do Patriarca, ſe abalaſſe a couſas duvi„doſas, e ſe arriſcaſſe a ſer deſprezado, e „ mal-

„ maltratado de homens que profeſſa-
„ vaõ ſerem Chriſtãos, e que eſcrever
„ elle que lhe mandaſſem o Patriarca, e
„ Biſpos fora mais por comprimento
„ que por vontade, e com iſto ſe con-
cluhio.

Os Prelados, e Padres da Compa-
nhia que ſe achàraõ preſentes, ficàraõ
muito deſcontentes da pouca vontade
que viraõ no Governador, e fizeraõ
queixas aos principaes Fidalgos da In-
dia, como D. Alvaro da Silveyra, Dom
Antaõ de Noronha, Fernaõ Martins
Freire, Martim Affonſo de Miranda, e
outros que fizeraõ ſuas lembranças ao
Governador ſobre aquellas couſas, que
ſempre inſiſtio em não ſer bem hir o Pa-
triarca, nem o Eſtado lhe poder dar a
gente, e Armada que ElRey mandava,
reſumindo-ſe que todavia „ ſe o Patri-
„ arca quizeſſe paſſar à Ethiopia, que
„ faria huma Armada conforme ao tem-
„ po: mas que havia de hir nella Fer-
„ naõ Martins Freire por Capitaõ mòr
„ (não tratando couſa alguma de Fer-
„ naõ de Souſa) que o poria em Arqui-
„ cò, e lhe daria ſeſſenta ſoldados pera
„ o acompanharem atè a Corte do Em-
„ perador, que iſſo lhe baſtava. Diſto
ficàraõ o Patriarca, e Fernão de Souſa
agravados do Governador, e reſpon-
deo o Patriarca „ que ſe não havia de
„ abalar de Goa, ſe não na fórma que
„ ElRey mandava, e em companhia do
„ Embaixador que com elle viera; e o
Padre D. Gonçalo da Silveyra Provin-
cial da Companhia deſgoſtoſo diſto ſe
embarcou logo pera Còchim, ſem que-
rer mais ver o Governador, que cuidan-
do devagar naquellas couſas, e vendo
as inſtruçoens, e Alvaràs de ElRey, e
o muito que lhe encomendava aquelle
negocio, e as diligencias que o Embai-
xador, e Patriarca ſobre iſſo tinhaõ fei-
to, não quiz que eſcreveſſem a ElRey,
o pouco que naquelle caſo fizera.

Pelo que mandou chamar a conſelho
géral todos os Prelados Theologos, e
Fidalgos velhos, e lhes diſſe „ que elle
„ eſtava preſtes pera fazer nas couſas do
„ Patriarca, o que lhe ElRey mandava:
„ mas que bem viaõ que o Eſtado não
„ eſtava pera tirar de ſi tanta gente, e
„ Armada, porque nem ſoldados, nem
„ dinheiro havia, que ſe tornaſſe a ouvir
„ alli o Padre Meſtre Gonçalo, e que
„ com a informação que tornaſſe a dar
„ das couſas do Preſte aſſim votaſſem:
„ porque elle eſtava preſtes pera pôr em
„ ordem tudo o que ſe aſſentaſſe. Sobre
iſto tornou o Padre Meſtre Gonçalo a
dar relação das couſas daquelle Empe-
rador „ e de como o achàra frio nas
„ couſas da fé, e das inquietaçoens que
„ aquelle Imperio padecia com os imi-
„ gos; mas que tambem era là muito ne-
„ ceſſaria a preſença do Patriarca, por-
„ que podia ſer, q̃ com aquelle Empera-
„ dor o ver, ſe moveſſe ao que ElRey
„ pretendia. Sobre iſto tornàraõ a votar
todos, e os mais foraõ de parecer „ que
„ ſe naõ arriſcaſſe a peſſoa do Patriarca
„ por entaõ, porque o Eſtado naõ eſta va
„ pera o mandar com o cabedal que El-
„ Rey mandava. E q̃ ſe fizeſſe primei-
„ ro a ſaber: mas que tambem ſe naõ de-
„ ſemparaſſe aquella Chriſtandade, por-
„ que de huma hora pera a outra podia
„ Deos mover o coraçaõ daquelle Em-
„ perador, e que pera iſſo ſe mandaſſe o
„ Biſpo D. Andrè de Oviedo, com al-
„ guns companheiros, e Padres da Cõ-
„ panhia, pera verem, e conſolarem
„ aquella Chriſtandade, porque de to-
„ do ſe naõ apagaſſe. E que achando ſi-
„ tio, e diſpoſiçaõ pera ſe fazer algum
„ fruyto no Emperador, e nos naturaes,
„ entaõ poderia hir o Patriarca, como
„ ElRey mandava.

Com eſta reſoluçaõ mandou o Go-
vernador Franciſco Barreto negociar
quatro navios, de que deu a Capitania
a Manoel Travaſſos, e deu ao Biſpo
todas as couſas neceſſarias pera a jorna-
da, e ordenou que foſſe em ſua compa-
nhia a modo de Embaixador Gaſpar
Nunes que de là tinha vindo com o Pa-
dre Meſtre Gonçalo, que foy dos que
ficàraõ da companhia de D. Chriſtovaõ
da Gama. E como o Governador eſta-

va apreſſado pera hir ao Norte, deixou ordem pera partirem em Janeiro.

E porque ElRey lhe encomendava muito que mandaſſe à Ilha de S. Lourenço a ſaber ſe havia por ſeus portos novas algumas da gente daquellas nàos perdidas, de que atraz fizemos mençaõ no Capitulo ſexto deſte terceiro livro, e pera outras couſas que mandava por ſuas inſtruçoens, elegeo pera eſta jornada Balthazar Lobo de Souſa com huma caravela, e duas fuſtas de remo, de que eraõ Capitaens Joaõ Galego, e Pero Rodrigues Barriga, e lhes deu o treſlado do regimento de ElRey, e outro ſeu ſobre as meſmas couſas, e com ordem que partiſſe no meſmo tempo que Manoel Travaſſos.

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Governador Franciſco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio pera o Norte, e D. Diogo de Noronha ſe foy ver cõ elle a Baçaim.

DEſpedidas as nàos pera Còchim, proveo o Governador Franciſco Barreto a coſta do Malavar com ſó ſete navios, por não haver por entaõ neceſſidade de mais Armada, de que fez Capitaõ mòr Miguel Carneiro, irmaõ de Pero de Alcaçova Carneiro, Secretario de ElRey, e os mais Capitaens eraõ Belchior Carvalho, Joaõ Rodrigues de Souſa, Antonio Pimenta, Luiz Mendes de Vaſconcellos, Jorge Gonçalves, e Pero de Figueiredo. E porque a Armada não fez couſa notavel, mais que enxotar alguns ladroens formigueiros, acabaremos aqui com ella, por não tomarmos o tempo a outras couſas. E logo apoz eſta Armada deſpedio Pero de Ataide Inferno com huma galeota Latina, e cinco navios pera hir às Ilhas de Maldiva eſperar as nàos de Meca, onde lhe não aconteceo couſa notavel.

Partidas eſtas Armadas, ſe embarcou o Governador em Novembro, e deu à vela com huma frota de cento e cincoenta navios, em que entravaõ treze galez, e oito galeoens, e tudo o mais galeotas, fuſtas, e catures. Os Capitaens das galez eraõ. Fernaõ Martins Freire, D. Fernando de Monroy, Martim Affonſo de Miranda, Pero Barreto Rolim, Baſtiaõ de Sà, Pantaleaõ de Sà ſeu irmaõ, D. Pedro de Souſa, Ruy Barreto Maſcarenhas, e o Governador na galè Reliquias, que era a mais fermoſa peça que havia, D. Franciſco Maſcarenhas, Alvaro Paes de Soto-mayor, e D. Filippe de Caſtro. Em galeotas Latinas D. Martinho da Cunha, D. Alvaro da Silveyra, q̃ tinha chegado de Ormuz, D. Pedro de Menezes, Ayres Gomes da Silva, e Triſtaõ Vaz da Veiga em galeoens. Os Capitaens das fuſtas eraõ D. Joaõ de Ataide, que eſte anno veyo deſpachado com a Capitanìa de Ormuz pera logo, D. Joaõ Coutinho, D. Pedro de Noronha, D. Joaõ Tello, D. Pedro Deça, Ayres Telles de Menezes, D. Diniz, Gonçalo Falcaõ, Garcia de Sà, Antonio de Souſa Coutinho, D. Franciſco de Moura, Andrè Pereira, Alvaro Pires de Tavora, Jorge Pereira Coutinho, Chriſtovaõ de Souſa, Manoel de Mello, Martim Affonſo de Mello Hombrinhos, Alvaro de Caſtro, Jeronymo de Souſa, Luiz Cabral, Andrè de Souſa, Joaõ de Mello de Brito, Antonio de Noronha, D. Luiz de Almeida, Antonio Ferraõ, Fernaõ Peres de Andrade, que tinha vindo de Ceilaõ, Pero Maſcarenhas, Luiz Freire de Andrade, Lopo de Brito, Alvaro Reinel, Triſtaõ de Paiva, Antonio de Sampayo, Cifal Pinheiro, Nuno Vaz de Villalobos, Ruy de Mello da Camera, Pero Fernandes de Carvalho, Ayres Falcaõ, Coſmo de Caſtro, Antonio Gomes da Silva, Jorge Toſcano, Fernaõ de Sà, Jeronymo de Meſquita, Ruy Dias Pereyra, Joaõ Alvares Pereira, Vaſco da Silva, Gonçalo Guedes de Souſa, Diogo de Miranda de Azevedo, Martim Lopes da Fonſeca, Belchior Correa, o Ouvidor géral, o Secretario Antonio Coelho,

lho, Antonio Martins, Joaõ Rodrigues, Antonio Borges, Joaõ Peixoto, Joaõ Freire, Manoel Boto, Fernaõ Paes, Aleixos Malho, Simaõ da Cunha, Andrè Coelho, Anadel mòr dos espingardeiros, Antonio de Siqueira, Capitaõ da guarda do Governador, Balthazar Monteiro, Manoel Mouro, Antonio de Arzila, Manoel Pinto, Andrè de Villalobos, Manoel Affonso, Francisco Dias, Belchior Godinho, Miguel Rodrigues Coutinho, fios secos, Pedro Alvares de Cananor, Antonio de Almeida, Gonçalo Sanches, Jorge Gomes, Ruy Godinho de Cananor, Vasco Martins, Capitaõ de tres navios, que ElRey de Còchim mandou com Nayres, Braz Fragoso de Coulaõ, Joaõ Freire, Francisco Rodrigues em huma galeota sua, Francisco de Albuquerque Estribeiro do Governador com os seus cavallos, Diogo Banha, Christovaõ Fernandes Capitaõ de duas fustas, que a Cidade de Còchim mandou. E outros muitos Capitaens a que não achàmos os nomes. O Governador foy tomar Chàul com toda esta Armada, e de passagem deu ordem a algumas cousas. E despachou Bastiaõ de Sà pera hir entrar na Capitanìa de Çofala, e Moçambique que lhe cabia entrar naquelle Fevereiro, por acabar seu tempo D. Diogo de Sousa, neto do Conde do Prado, que depois foy General da Armada de ElRey D. Sebastiaõ na desastrada passada de Africa.

Despachadas estas cousas passou o Governador a Baçaim, onde desembarcou, e se lhe fez o mòr recebimento que podia ser, porque fora alli Capitaõ, e estava muito bem quisto nella. Poucos dias depois chegou àquella Cidade D. Diogo de Noronha Capitaõ de Dio em quatro, ou cinco navios (porque do caminho lhe mandou o Governador recado pera que se fosse ver com elle a Baçaim) que foy bem recebido delle; e depois pedio ao Governador que o ouvisse presentes os Fidalgos do conselho. E sendo todos juntos, falou muito largamente sobre a troca que o Governador queria fazer da ametade do rendimento da Alfandega de Dio com a Cidade de Damaõ „ apontando gran-
„ des incovenientes, e desserviços que
„ nisso se faziaõ a ElRey, porque na-
„ quella Ilha naõ era razaõ tornasse El-
„ Rey de Cambaya a ter quinhaõ, por-
„ que perdesse de todo as saudades del-
„ la. E que se parecesse que compria ao
„ Estado acrescentarse a elle a Cidade
„ de Damaõ com toda sua jurdiçaõ, e
„ terras, que alli a tinha à maõ: porque
„ pelas differenças que havia antre os
„ Governadores de Cambaya, serlhehia
„ muito facil tomalla, porque a possuhia
„ hum alevantado que tinha muito
„ pouca posse, e que ainda dizia mais.
„ Que pelo estado em que as cousas de
„ Cambaya estavaõ, elle se obrigava
„ chegar atè a Corte de Amadabà com
„ só dous mil homens de pè, e trezentos
„ de cavallo, e sobre isso disse muitas
cousas com que convenceo a todos, e
votàraõ „ que se desistisse daquelle ne-
„ gocio; e que pois as cousas estavaõ
„ taõ dispostas, que pera o anno tor-
„ nasse o Governador sobre Damaõ, e
„ que entretanto trabalhasse por haver
„ as fortalezas de Assari, e Manorà, que
„ eraõ da jurdição de Damaõ, pera se-
„ gurarem as terras de Baçaim: porque
„ os alevantados que as possuhiaõ, fa-
„ ziaõ dellas muitas entradas nas terras,
„ e aldeas de Baçaim. E que alèm disso
„ lançariaõ maõ de muitas aldeas da jur-
„ dição daquellas fortalezas, que eraõ
„ muito grossas, e muito importantes a
„ ElRey, e dariaõ de comer a muitos
„ homens. Assentado isto, despedio o
Governador a Dom Diogo de Noronha pera Dio, e elle ficou entendendo em outras muitas cousas.

CAPITULO IX.

De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veyo ao Governador Francisco Barreto. E do tempo em que os Magores conquistàraõ aquelle Reino da maõ dos antigos Gentios.

PArtido o Governador Francisco Barreto de Goa, ficouse negociando Manoel Travassos pera levar o Bispo à Abassia, que se embarcou com elle no seu navio, e levou comsigo seis Padres da Companhia de Jesu, e todas as cousas necessarias pera naquelle Reino celebrar o culto Divino com a magestade necessaria à sua dignidade pera q̃ vissem aquelles Christãos a differença que havia dos costumes, e ceremonias Romanas das suas. Estes navios se fizeraõ à vela em Dezembro, e de sua jornada adiante daremos razaõ.

No mesmo tempo chegou a Baçaim hum navio, em que vinha hum Embaixador do Rey do Cinde a tratar certas cousas com o Governador, que elle mandou deter na aguada, em quanto se lhe negociava seu recebimento, que foy com grande magestade: porque o Governador era hum Fidalgo muito aparatoso. Depois o ouvio, e elle lhe deu huma carta de ElRey do Cinde „em que lhe mandava pedir soccorro „de huma Armada pera contra hum „tyranno alevantado, e que pagaria to„das as despezas de gente, e navios que „là fossem, e que sempre em seu porto „achariaõ os Portuguezes favor, e re„colhimento, e ficaria antre elles co„mercio, e amizade perpetua. O Governador Francisco Barreto poz aquelle negocio em conselho, e assentouse „que pois os gastos da Armada estavaõ „feitos, e elle se havia de deter alli to„do o veraõ, que devia satisfazer àquel„le Rey, porque era amigo do Estado, „e de seu comercio resultavaõ a todos „grandes proveitos alèm dos que se es„peravaõ da jornada, que seriaõ bons, „pera forrar parte das despezas que na„quella jornada estavaõ feitas.

Assentado isto, começou o Governador a dar ordem à Armada que havia de mandar, e elegeo pera Capitaõ mòr della a Pero Barreto Rolim, e lhe nomeou vinte e oito navios, e setecentos homens, pera o que naõ foy necessario rogar algum, porque os soldados se offerecèraõ pelos proveitos que esperavaõ, e antes do Natal se fez Pero Barreto Rolim à vela, levando comsigo o Embaixador.

Os Capitaens que nesta jornada o acompanhàraõ saõ os seguintes. Dom Francisco de Noronha, Diogo de Miranda de Azevedo, Jorge Pereira Coutinho, Ayres Telles de Menezes, Jeronymo de Sousa, Manoel de Mello, Andrè de Sousa, Diogo Juzarte Tiçaõ, Christovaõ de Sousa, D. Joaõ Tello, Joaõ de Mello de Brito, D. Luiz de Almeida, Antonio de Noronha, Dom Pedro de Noronha, Gil de Goes de Lacerda, Martim Lopes de Faria, Pero Mascarenhas, Luiz Freire de Andrade, Gonçalo Sanches, Alvaro Affonso, Sebastiaõ da Costa, Joaõ Rodrigues de Sousa, Christovaõ Cordeiro, Jorge Gomes, Belchior Godinho, Cifal Pinheiro, Antonio Godinho, Antonio de Sampayo, Gaspar Luiz, Pero Fernandes de Carvalho, e o Feitor da Armada.

Partidos estes navios foraõ seguindo sua viagem, a que logo tornaremos, porque he necessario dar razaõ desta embaixada, e pera que mandava aquelle Rey pedir este soccorro. Pelo que se ha de saber que estando por Governador da Cidade Cahandar, e suas terras que partem com o Reino Coraçone, hum Magor chamado Xabec, filho de Janùbec, muito parente dos Reys Magores, que ElRey Babur Paxà, pay de Hamaù Paxà, e avò de Hecbar, que hoje reina antre os Magores, tinha posto naquelle Estado q̃ era seu. Este Xabec era homem prudente, grande Capitaõ, e desejoso de sobir a mais, e de se fazer Rey

de

de algum grande Reino. E querendo-o a fortuna favorecer niſto, offereceolhe huma occaſiaõ, de q̃ logo lançou maõ, que foy ſaber que havia diviſoens no Reino do Cinde antre ElRey, e os Capitaens. E ajuntando hum grande exercito, foy deſcendo de longo do rio hindo abaixo, quaſi nos annos de mil e quinhentos e vinte e cinco, ſendo Governador da India D. Duarte de Menezes Senhor da caſa de Tarouca, e foy ter ao Reino do Cinde, que entaõ era couſa muito grande, e o começou a cõquiſtar. Reinava entaõ nelle Jaraparos Caſta Camal, dos antigos Reys Gentios, em cujo poder havia muitas centenas de annos aquelle Reino andava, e tinha ſeu aſſento, e Corte na Cidade Tantà principal do Reino, e das mayores, e mais ricas do Oriente, aſſim pela groſſidaõ de ſeus mercadores, como pelas louçainhas, e ſutileza de ſuas mecanicas, em que precediaõ, e faziaõ ventagem a todos, tirando os Chins.

E ſabendo elle que Xabec lhe entrava por ſeus Reinos, ajuntando ſuas gentes o foy buſcar, e depois deter muitos recontros, e batalhas em que os Magores recebèraõ bem de dano, ficou elle roto, e desbaratado de todo, e com alguns poucos ſe recolheo pera o ſertaõ do Reino de Cambaya, onde foy recolhido de alguns Reys Resbutos ſeus parentes, que reinavaõ em ſerras ásperas, e fragoſas. O Xabec vendo-ſe vitorioſo foy entrando pelo Reino, e ſogeitou tudo atè a Cidade de Tantà, onde ſe fez alevantar por Rey, e como era prudente, ſoſſegou, e quietou os naturaes de feiçaõ, que jà o amavaõ naõ como eſtrangeiro, ſe naõ como natural. Viveo eſte Rey dous annos, e deixou o Reino pacifico, e quieto a ſeu filho Mirzachan o Hocen, em cujo tempo morreo Babur Paxà Rey dos Magores, e lhe ſuccedeo Hamaù Paxà ſeu filho, de quem na quarta, e quinta Decada dèmos larga relaçaõ, quando conquiſtou os Reinos de Cambaya.

Eſte Hamaù Paxà como era cubiçoſo de grande Monarquia, deſejava de ſer outro Tamorlaõ (cujo quarto neto era) determinou conquiſtar os Reinos viſinhos todos, e depois os do Decan. E ſabendo no principio de ſeu reinado como o Xabec ſendo vaſſallo de ſeu pay, e Governador do Cahandar, conquiſtàra o Reino do Cinde, e que pelas obrigaçoens ditas ficava ſeu vaſſallo, envioulhe a dizer por ſeus Embaixadores „ que aquelle Reino fora conquiſta„ do por ſeu pay Xabec, que era vaſſal„ lo de Babur Paxà ſeu pay, com gente, „ e cabedal ſeu, que ficava tambem „ obrigado a ſer ſeu vaſſallo, e a lhe re„ conhecer ſuperioridade, e que ſó com „ iſſo o deixaria ficar no Reino. O Mirzachan ouvindo a embaixada lhe reſpondeo com eſcuſas, e entretimentos, que entendidos pelo Hamaù Paxà, ajuntou groſſos exercitos, e entrou pelas comarcas do Cinde (no principio das differenças de Pero Maſcarenhas com Lopo Vaz de Sampayo) nos annos do Senhor de mil quinhentos e vinte e ſete. O Rey do Cinde ſabendo como lhe entrava por ſuas terras, como eſtava muito proſpero, e bem quiſto de todos, o foy eſperar, e lhe deu batalha, onde o deſbaratou, e o fez fogir a unha de cavallo, ficando com iſto pacifico, e temido atè a entrada deſte anno de cincoenta e ſeis, em que andamos, que faleceo, depois de reinar trinta e tres annos, e dizem alguns que de peçonha.

Morto eſte Mirzachan Hocen, por lhe naõ ficarem filhos, alevantàraõ os naturaes por Rey hum parente ſeu chamado Mirzamhiſá Magor, Argù de naçaõ, que era Capitaõ géral de todo o Reino, a quem obedecèraõ todos os Governadores das Provincias, ſómente Soltaõ Mahamude, que eſtava por Governador na Provincia Bachar, que tanto que teve novas da morte do Rey, e da ſucceſſaõ de Mirzamhiſá, grangeou os grandes, e alevantouſe por Rey daquella parte. O Mirzamhiſá tanto que teve aviſo diſto, mandoulhe Embaixadores „ que deſiſtiſſe do titulo de

„ Rey,

„ Rey, e ficaſſe naquella parte por Go-
„ vernador como eſtava, reconhecen-
„ dolhe obediencia. Ao q̃ Soltaõ Maha-
„ mede reſpondeo que aſſim como elle
„ ſe alevantára com Eſtado do Cinde,
„ que governava, aſſim elle o fizera com
„ aquelle do Bachar por vontade de to-
„ dos, e que o meſmo direito que elle
„ tinha no Cinde, o tinha elle tambem
„ naquelle em que era Rey. Vendo Mir-
zamhiſá aquella repoſta, tratou de hir ſobre elle, e de o deſtruir de todo, e pera iſſo ſe quiz valer do braço Portuguez, e mandou ao Governador aquelle Embaixador que atraz temos dito.

CAPITULO X.

Da famoſa Ilha de Salſete de Baçaim: e do ſeu eſpantoſo Pagode chamado do Canari. E do grande labyrintho que a Ilha tem.

ESta Cidade de Baçaim tem o mòr termo, e jurdiçaõ de todas as da India: porque pera o Levante ſe eſtende atè as fortalezas de Aſſarim, e Manora, que ſeraõ oito leguas, em que ha fertiliſſimas aldeas, e de grandes rendimentos. Pera o Norte ſe eſtende atè o rio de Agaçaim, e pera o Sul atè o rio Bombaim, ou ainda mais abaixo atè outro braço ſeu, que ſe chama de Caranià por ſe fazer antre hum, e outro huma Ilheta, em que temos hum caſtello deſte nome. O rio que faz eſta Ilha de Salſete, faz duas bocas: a do Norte he o rio que entra ao longo da Cidade de Baçaim, e vay correndo ao Sul em muitas voltas, e a meyo caminho, que ſerà perto de tres leguas, ſe faz huma colonia que os Portuguezes alli fundàraõ, que ſe chama Tanà, em que haverà quaſi ſeſſenta Portuguezes, que naquella Ilha tem ſuas aldeas que ſaõ muito rendoſas. Aqui faz o rio dous paſſos muito eſtreitos, e que ſe pòdem paſſar a vào à outra banda de marè vazia da terra dos Mouros atè eſta Ilha de Salſete. Neſtes paſſos ha dous caſtellos roqueiros fundados ſobre a agua pera defenderem aquella paſſagem. Continuando o rio ao Ponente outras tres leguas, vay fazer a fermoſa barra de Bombaim, que ſahe ao mar mais de mea legua de largura, onde ſe recolhem nàos do Reino, e de outras partes, por ſer de bom fundo, ſem banco, e impedimento algum. E antes de chegar ao mar, lança hum braço ao Sul que faz a Ilha de Caranjà, e outro ao Norte que ſe chama Bandorà. Deſta boca de Bombaim vay correndo a coſta pera o Norte perto de quatro leguas atè tornar a entrar pela barra de Baçaim, ficandolhe eſta Ilha de Salſete pela banda de fóra, que ſerà de quinze leguas em roda, e duas de largura.

No meyo deſta Ilha eſtà aquelle admiravel Pagode do Canari, que ſe preſume ſer obra dos Canaràs, e por iſſo ſe chama aſſim, q̃ eſtà feito ao pè de hum arrezoado monte todo de pedra de cor pardo claro, e à entrada delle ſe faz huma fermoſa ſala, e no pateo de fóra da porta de huma, e da outra banda della eſtaõ duas figuras de vulto entalhadas na meſma pedra, tamanhas como duas vezes os gigantes que vaõ nas prociſſoens da feſta do Corpo de Deos de Liſboa, taõ fermoſas, taõ primas, e taõ bem lavradas, que nem em prata ſe podiaõ entalhar melhor, nem mais perfeitas. A porta da banda de fóra tem algumas ciſternas feitas na meſma rocha, que recebem a agua do inverno, que no veraõ eſtà taõ fria, que naõ ha maõ que a ſofra. Pela ſerra acima atè o cume della a modo de caracol ſe fazem mais de tres mil camarinhas pequenas a modo de cubiculos, cortadas na meſma rocha, e cada huma dellas tem à porta huma ciſterna da meſma agua. E o que he mais pera admirar, he que ha hum cano feito por tal artificio, que corre por todas eſtas tres mil camarinhas; eſte cano recolhe todas as aguas vertentes daquella ſerra, e a reparte por todas as ciſternas, que eſtaõ às portas das camarinhas.

Aqui neſte Pagode habitavaõ mui-

tos

tos Jogues que ſe ſuſtentavaõ de muitas eſmolas que lhe davaõ em todas aquellas aldeas, cuja cabeça era hum de cento e cincoenta annos de idade, que os Padres de S. Franciſco, que primeiro foraõ habitar na Cidade de Baçaim, fizeraõ Chriſtaõ, e ſe chamou Paulo Rapoſo, e aſſim bautizàraõ outro chamado Calete, de mais fama que o Paulo Rapoſo, a quem puzeraõ por nome Franciſco de Santa Maria, e viveo depois muito Chriſtãamente, e com muita ſatisfaçaõ dos Padres, e ainda ficou ſendo Prègador Evangelico, e converteo muitos daquelles Jogues, e outros Gentios. Viveo eſte homem depois de bautizado cinco annos, ou pòde dizer como Similo, que naõ viveo mais que aquelles cinco. O Padre que andou por eſta Ilha naquelle principio convertendo aquelles Jogues, chamava-ſe Frey Antonio do Porto da Ordem dos Menores, Varaõ Apoſtolico, e de vida exemplar, que penetrou todos os ſegredos daquella Ilha, que eraõ muitos. E neſte Pagode que digo chamado do Canari ſe aſſentou, e o conſagrou em Templo da invocaçaõ do Anjo S. Miguel, e no tempo que alli eſteve foy informado do mais novo, admiravel, e intricado labyrintho de todo o mundo, que por eſpanto ſe pòde relatar, como o farey aqui brevemente.

Eſtando o Padre Frey Antonio do Porto neſta Igreja de S. Miguel foy informado dos Chriſtãos que alli converteo, que naquella ſerra havia hum labyrintho a que nunca puderaõ achar fim, e que ſe affirmava que hia correndo atè o Reino de Cambaya. E deſejoſo o Padre de o enſacar, e penetrar por ver as maravilhas, e grandezas que delle ſe diziaõ, tomou comſigo hum companheiro, e negociou vinte homens com armas, e eſpingardas pera defenſaõ das beſtas feras, e outros ſervidores que levavaõ as couſas neceſſarias pera a jornada, como agua, arroz, biſcouto, legumes, manteiga, e outros mantimentos, e alguns almudes de azeite pera tochas que levavaõ pera ſe alumiar, e verem por onde hiaõ, e tres peſſoas carregadas de novelos de cordeis groſſos que pera iſſo ſe fizeraõ pera hirem largando pelo caminho, como fizeraõ os que entràraõ no labyrintho de Creta.

Preſtes tudo, foraõ entrando por aquellas grutas, cuja boca ſeria de quatro braças de largura, onde deixàraõ a ponta do fio atado a huma grande pedra, e por aquelle labyrintho caminhàraõ ſete dias continos por caminhos huns largos, e outros mais eſtreitos, tudo cortado em viva rocha, hiaõ vendo de huma, e de outra parte camarinhas pequenas, como as do Pagode que jà diſſe, e à porta ſuas ciſternas ſem me ſaberem dizer ſe tinhaõ agua, e como a podiaõ recolher pois por todo aquelle caminho naõ havia buraco, agulheiro, nem outra alguma couſa que pudeſſe dar alguma claridade. Tudo por cima era hũa abobada de pedra viva da meſma rocha, e as paredes de huma, e da outra parte de todo eſte caminho era da meſma ſorte. Vendo o Padre que tinhaõ gaſtados ſete dias ſem acharem ſahida alguma, e os mantimentos, e agua que levavaõ quaſi acabados, foylhe neceſſario tornarem a voltar pera fóra guiando-ſe pelo fio, ſem ſaberem por todo eſte caminho ſe ſobiaõ, ou deſciaõ, ou a que rumos navegàraõ por naõ levarem agulha por onde ſe governaſſem.

E praticando eu com Gentios muito antigos ſobre iſto me affirmàraõ que por aquelle caminho podiaõ hir atè Cambaya, e ainda atè as terras do Magor, e Cidade de Agarà, e que fora eſte caminho antigamente muito uſado, e continuado, e que aſſim o affirmavaõ as eſcrituras dos antigos Gentios, e que outros muitos caminhos como eſtes por baixo da terra havia em muitas partes de Cambaya, e no Decan, e que ſem duvida fora iſto mandado fazer por hum potentiſſimo Rey Gentio chamado Bimelamenta, que havia mais de mil e trezentos annos reinàra em todos os Reinos deſte Oriente, deſde Biſnaga, ou

Bengala

Bengala atè o Magor, e ainda atè Ormuz, e este tem suas escrituras que viveo trezentos annos, e que destes reinou cento e tantos.

E como em todas suas cousas metem muitas fabulas, e patranhas pera darem principios honrosos a seus Reys, como muitas vezes temos dito, affirmaõ que este Bimelamenta era hum Gentio, homem prudente, e de muito boa razaõ, natural das terras do Magor, Cidepur, e Patan, por onde andava fazendo vida religiosa: a quem aparecèra hũ idolo da antiga Gentilidade chamado Ambani, e lhe revelàra muitos thesouros, e lhe dera muitas leys pera fazer guardar àquelles Gentios que viviaõ sem ellas, e pera que os governasse em policia, e trouxesse, e ajuntasse em lugares communicaveis. Porque andavaõ espalhados pelos matos, vivendo como brutos: o que elle fizera, e os ordenàra, e metera em razaõ, fundando Cidades, Villas, e povoaçoens, e que fora por todos alevãtado por seu Rey. Deste homem contaõ suas historias tantas grandezas que causaõ espanto. Affirmaõ que fez estes labyrinthos, e que mandàra fabricar infinitos Pagodes de admiravel artificio, e que este do Canari, e do Elefante era obra sua.

E estando eu escrevendo actualmente isto vieraõ ter comigo huns Baneanes de Cambaya mercadores ricos que continuaõ esta Cidade de Goa, e praticando com elles sobre isto me affirmàraõ ser tudo verdade, e que elles viraõ as escrituras que disso trataõ, e que com seus olhos viraõ tambem alguns Pagodes famossimos por esses Reinos do Decan, Cambaya, e Magor feitos por este Rey, e que sobre suas portas tinhaõ hum letreiro que dizia assim: „ Este Pagode „ mandou fazer ElRey Bimelamenta, e que elles o leraõ muitas vezes. E se assim he, a pedra que estava sobre a porta do Pagode do Elefante que tinha aquellas letras, que se mandou a ElRey Dom Joaõ o Terceiro, que nunca se achou quem as pudesse ler, devia de ter este mesmo letreiro de Bimelamenta. Escreve-se tambem delle que mandàra fazer muitos, e fermosos tanques, e alguns tamanhos, q̃ mais se podiaõ chamar grandes alagoas, de que todos estes Reinos estaõ cheyos. E em alguns poem algumas virtudes, como em hum que està a meyo caminho de Baçaim pera Agaçaim, onde hoje està a casa de nossa Senhora dos Remedios em que residem Padres Dominicos, huma Senhora que tem obrado tantas maravilhas, e milagres, que estaõ todas as paredes do Templo cubertas de payneis delles. Defronte fica este tanque em que elles poem tanta virtude, que affirmaõ que toda a pessoa que se meteo nelle sararà de toda a infirmidade que tiver, sobre quem tem os Padres tanta vigia, que naõ deixaõ chegar a elle nenhum Gentio por naõ fazerem suas superstiçoens.

Hora deixando isto, e tornando ao labyrintho, vendo que andàraõ estes Padres por elle dentro sete dias continos sem repousarem mais que a hora de comer, e dormir, e quero que naõ andassem mais cada dia que seis leguas, que vem a ser nos sete dias quarenta e duas leguas, me faz parecer que pudera ser verdade o que os Gentios dizem delle que vay atè Cambaya. Porque a Ilha de Salsete quando muito tem quatro leguas de comprido, e o labyrintho està no meyo della. E pera dizermos que poderiaõ aquelles caminhos hir em tantas voltas, e ser taõ intricados, que lhes fizesse gastar aquelles dias: nem isso pòde ser, por (como disse) a Ilha ser muito pequena, e estreita. Em fim como quer que seja, a culpa de se isto naõ ensacar, he da muita miseria, e pouca curiosidade desta nossa naçaõ Portugueza, que atè hoje naõ houve Visorey, nem Capitaõ de Baçaim, nem outra alguma pessoa que mandasse saber, e ensacar estes segredos que saõ muito pera se saberem. O que naõ houvera de acontecer aos estrangeiros q́ saõ tanto mais politicos, e curiosos que nòs, que naõ digo eu cousas desta qualidade, mas

ainda

ainda outras muito mais pequenas naõ deixaõ de ver, e levallas ao cabo atè as enſacar, e ſaber. Certo que eſta obra ſe pòde ter por huma das maravilhas do mundo, e ainda pela mayor delle.

Havia tambem neſta Ilha de Salſete outro Pagode chamado Manapazer, que tambem era talhado na rocha viva, em que vivia hum Jogue muito affamado antre elles chamado Ratemnat, que tinha comſigo outros cincoenta Jogues, que os moradores daquellas aldeas os ſuſtentavaõ. E ſabendo o Padre Frey Antonio do Porto deſte Pagode foy-ſe a elle, e como era muito temido de todos os Jogues daquella Ilha, tanto que aquelles o viraõ, largàraõ o Pagode, e foraõ-ſe pera a terra firme: o que devia de ſer pela força Divina que viraõ que Deos tinha poſto em ſeu ſervo, que outra humana naõ a havia pera a poderem temer cincoenta homens, vendo ſós dous Frades veſtidos nuns ſacos ſem arma alguma com que os pudeſſem offender. O Padre ſe meteo no Pagode, e logo o conſagrou em Templo da invocaçaõ de noſſa Senhora da Piedade. E depois ſe fez nelle o Collegio Real de toda a Ilha de Salſete, onde ſe recolhem, e enſinaõ os filhos de todos os Chriſtãos convertidos à Fé, a quem ElRey D. Joaõ concedeo as rendas, e couſas que o Pagode dantes tinha, de que os Jogues ſe ſuſtentavaõ, que he hoje adminiſtrado pelos Religioſos do glorioſo, e Serafico Padre S. Franciſco.

Tendo eu algumas praticas com algũs Chriſtãos muito velhos, e daquelles primeiros que alli converteo o Padre Frey Antonio do Porto, hindo ver eſta caſa de Manapazer, hum delles que affirmava ſer de mais de cento e vinte annos, que falava muito bem Portuguez, e o lia, e eſcrevia, e continuava a liçaõ do Flos Sanctorum, e as Vidas dos Santos me affirmou que ſem duvida a obra do Pagode Canari fora mandado fazer pelo pay do Principe, e Santo Joſafat que Barlaõ converteo à Fé de Chriſto pera nelle o recolher, e encerrar, por lhe dizerem ſeus Aſtrologos que aquelle Principe havia de receber a [illegible] dos Chriſtãos. E aſſim ſua nacença, e vida ſegundo ſuas eſcrituras, e ainda hoje cantaõ em ſuas cantigas eſtes Gentios, he taõ ſemelhante à do Santo Joſafat, ſegundo temos em ſua lenda, que fiquey admirado quando ma contàraõ. E porque naõ ſerà deſaprazivel, a trarey aqui o mais brevemente que puder.

Dizem ſuas eſcrituras que hum Rey que reinava ſobre todo eſte Oriente (que cuido deve de ſer o Bimelamenta de que atraz faley, que affirmaõ mandar fazer o Pagode do Canari) naſcendolhe hum filho muito fermoſo lhe tiràraõ ſeus Aſtrologos ſeu nacimento, e achàraõ q̃ aquelle menino ſeria ſanto, e deſprezaria os Reinos do pay, e que ſe faria Jogue, de que o pay poſto em cuidados querendo atalhar aquillo, tanto q̃ ſahio do leite das amas, o mandou recolher em huns Paços que mandou fazer pera iſſo de obra maravilhoſa, muy fechados, e guardados pera que não falaſſe ſe não com as peſſoas que lhe ordenaſſe, nem viſſe couſa que lhe dèſſe pena, e lhe cauſaſſe triſteza, e paixaõ. Alli eſteve atè idade de dezoito annos em que mãdou pedir ao pay o deixaſſe hir ver as Cidades, e povoaçoens q̃ lhe elle concedeo. E hindo cercado dos que o criàraõ, vio hum homem manco ſobre huma muleta, e perguntando o que aquillo era? lhe diſſeraõ que eraõ couſas muy ordinarias no mundo haver mancos, coxos, e cegos, e outros defeitos deſta qualidade. Outra vez que ſahio fóra encontrou hum homem muito velho decrepito encoſtado a hum bordaõ todo tremendo, e eſpantado o Principe daquella viſaõ perguntando o que era? lhe diſſeraõ que aquillo procedia dos muitos annos que aquelle homem tinha vivido. Outro dia encontrou com hum morto que levavaõ a enterrar cõ grandes prantos dos filhos, e dizendolhe os ſeus o que aquillo era, lhe perguntou elle, como? eu, e todos havemos de morrer

rer assim? e dizendolhe que aquillo era muy ordinario nos homens, porque todos nascèraõ pera morrer, ficou muito melancolizado. E andando com esta imaginação, dizem que lhe appareceo hum Jogue, e tendo praticas com elle o persuadio ao desprezo do mundo, e à vida solitaria. E como elle andava abalado, e tinha jà mais largueza na vida, teve modo com que desappareceo, e se fora pelo mundo. Sobre este desapparecimento contaõ muitas cousas no modo delle, e metem muitas fabulas, como fazem em todas suas escrituras.

Este Principe dizem elles que fora ter à Ilha de Ceilaõ, levando jà comsigo grande numero, e concurso de Jogues seus discipulos, e que se aposeentàra naquella serra onde està o pico de Adaõ, onde vivera muitos annos fazendo vida santa. E querendo-se partir dalli, pediraõlhe os discipulos que alli ficàraõ que lhe deixasse alguma memoria sua, ao que fixando o pè em huma lagea imprimio nella aquella pègada, como se a fizera em huma pouca de cera molle, que veneraõ, e reverenceaõ por de nosso pay Adaõ, e he tida de todos em tanta veneração, como tenho dito no Capitulo vinte do sexto livro da minha quinta Decada, onde conto este negocio desta pègada muito particularmente, e mostro como esta Ilha de Ceilaõ he a Tapobrana de Ptholomeu, em que trato muitas curiosidades, que nenhum escritor escreveo. A este Principe nomeaõ suas escrituras por muitos nomes: mas o principal he Drama Rayo, e depois que o tiveraõ por Santo, lhe chamavaõ Budon, que quer dizer Sabio, a quem toda esta gentilidade tem alevantado por toda a India muitos, e muy custosos, e sumptuosos Pagodes, e contaõ em sua lenda grandes maravilhas, que por não enfastiar, e cançar aos leitores deixo de trazer.

CAPITULO XI.

Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.

Este notavel, e sobre todos espantoso Pagode do Elefante està em huma Ilheta pequena que terà menos de mea legua em roda, que faz o rio de Bombaim jà quando quer sahir ao mar da parte do Sul. Chama-se assim, por hum Elefante de pedra grande que se vè entrando pelo rio dentro. Dizem que foy mandado fazer por hum Rey Gentio chamado Banasur que senhoreava tùdo o q̃ havia do Gange pera dentro. Neste Pagode se affirma (e assim o mostra) que se despendèraõ muy grãdes thesouros, e que andàraõ na fabrica delle muitos milhares de obreiros, e que gastàraõ muitos annos. O sitio deste Pagode se estende de Norte a Sul, he quasi aberto por todas as partes, principalmente da parte do Norte, Nacente, e Ponente, porque as costas deste grande Templo ficaõ pera o Sul. Serà o corpo delle de oytenta passos de comprido, e de sessenta de largura. He todo talhado em viva rocha, e todo o tecto de cima, que he o cume da rocha, se sustenta sobre cincoenta colunas lavradas do mesmo monte, que estaõ por tal ordem, e compasso, que fazem o corpo deste Templo de sete naves. E cada huma destas colunas atè o meyo he quadrada de vinte e dous palmos de quadro, e do meyo pera cima saõ rolliças, e de dezoito palmos em roda. A pedra deste monte em que se entalhou este Pagode tem a cor parda: mas todo o corpo de dentro, colunas, vultos de Pagodes, e tudo o mais era antigamente cuberto de hũa fina tea de cal com certo betume, e confeiçoens, que fazia o Pagode de todo taõ claro, que era cousa fermosa, e muito pera ver. E não só fazia as figuras muito fermosas, mas fazia divisar muy distintamente as perfeições dos vultos, e subtileza da obra. De maneira

neira que nem em prata, nem em cera se podia fazer, nem esculpir com mais primor, nem com mais lindeza, e perfeiçaõ.

Entrando por este Pagode à maõ direita delle está huma Capella, cuja porta he de dezasseis palmos e meyo de largura, e quinze e meyo de alto: dentro no corpo della estaõ muitos idolos, e no meyo da Capella se vè hum de altura de dezassete palmos, com huma grande, e fermosa tiara na cabeça, lavrada de tantas laçarias, lavores, e sutilezas, que mais parecem debuxadas, que entalhadas em pedra com escopro. Tem esta figura oito braços, e só duas pernas. Em huma das mãos direitas tem hum sceptro alevantado, e nelle enroscada huma cobra de capelo, assim como pintaõ o de Mercurio; sobre a ponta do sceptro estaõ tres idolos pequenos de covado cada hum, e em huma das mãos esquerdas, que tem alevantadas, sustenta com os dedos tres idolos do tamanho dos outros. Ao lado esquerdo deste idolo grande está outro com hum cutelo na maõ, e acima deste outro muito grãde com o corpo de homem, e a cabeça de Elefante, de quem eu cuido que a Ilha tomou o nome. Neste veneraõ a memoria de hum Elefante, a que os Gentios chamaõ Gaves, de quem contaõ muitas fabulas. Apar deste idolo sahe da rocha hum assento de pedra, em que está assentado hum idolo de hum só corpo com tres cabeças, e em cada huma dellas tem hũ só braço, salvo a do meyo que tem dous, e na esquerda tem hum livro. E ao lado esquerdo deste idolo está huma figura de mulher de tres palmos arrimada com o braço esquerdo sobre o hombro de outro idolo mais pequeno tambem de figura de mulher, e cõ a maõ direita travado de outro mais pequeno. Logo acima deste idolo está outro cavalgado sobre a cabeça de hum Elefante, e apar deste outro cavalgado sobre o pescoço de outro idolo.

Desta Capella a cinco passos pera a parte do meyo dia vay este Pagode alargando pera o Ponente onze passos, e no fim delles torna a proseguir pera o Sul outros onze passos, e daqui voltando outra vez pera o Ponente onze passos à maõ direita está huma Capella aberta na rocha, cuja porta tem vinte e seis palmos de alto, e de vaõ ao comprido sete pès e meyo, e de largura dezasseis: no meyo desta Capella está assentado hum idolo, que da cinta pera cima tem doze palmos, e sobre a cabeça tem outra tiara lavrada com muitas perfeiçoens, e lindezas. Tem oito braços, e duas pernas, com huma das maõs direitas, e com outra das esquerdas estende por cima da cabeça hum manto, ou sobreceo da mesma pedra muito sutil, e fica estendido por cima delle no ar hum esparavel, e sobre este esparavel estaõ muitos idolos de covado machos, e femeas. Na segunda maõ direita tem hũa grande espada de dous gumes, e na terceira hum idolo pequeno pendurado pelos pès. A quarta maõ direita com parte do braço está quebrada pela traveſsura dos soldados que alli vaõ das Armadas, como o está quasi tudo. Na segunda maõ esquerda tem hum chocalho, e atiracolo hum colar muito grande de muitas cabecinhas humanas enfiadas humas com outras, e todas cortadas na mesma pedra, e lavradas ao buril no mesmo pescoço. E na terceira maõ tem huma caldeira, e sobre ella hũ idolosinho. A quarta maõ esquerda com o braço está toda quebrada. Dum lado, e do outro deste idolo, e por toda a Capella em roda estaõ trinta idolos pequenos em pè. Desta Capella a nove passos à maõ esquerda, que he pera a parte do Sul, está huma casa quadrada de dez passos em comprido, e outros tantos de largo toda aberta na rocha, e de tal feição, que toda se anda à roda, e tem quatro portas huma em cada lanço do quadro, e entra-se nesta casa por cada huma destas portas, sobindo por cinco degraos, e no meyo da Capella está hum poyal quadrado de vinte e quatro palmos de quadro: sobre elle está alevantada

cada huma figura de hum idolo que por deshoneſta ſe deixa de nomear, a que os Gentios chamaõ Linga, e adoraõ aquillo com grandes ſuperſtiçoens. E aſſim a eſtimaõ tanto, que os Gentios Canarins as trazem bem afiguradas ao peſcoço. Eſte torpe coſtume tirou hum Rey Canarà homem de razaõ, e juſtiça.

E tornando às quatro portas deſta caſa, cujas couceiras ainda hoje aparecem, naõ ſe abriaõ pera mòr veneraçaõ, ſe naõ huma vez no anno no dia da ſua mòr feſta. A' entrada de cada huma dellas eſtaõ dous grandes Gigantes de vinte e quatro palmos de altos, feitos com muito primor, e perfeiçaõ. Deſta caſa a dez paſſos proſeguindo pera o meyo dia, eſtà outra Capella com hum fermoſo portal de obra Moſaica de vinte e quatro pès de largo, e vinte e ſeis de alto, no meyo della eſtà hum idolo de dezaſeis palmos de alto, com quatro braços, e duas pernas, travado pela maõ com outro idolo de figura de mulher. A' maõ eſquerda deſte idolo eſtà aſſentado outro de igual grandeza, e feitio, e abaixo outro pequeno com tres cabeças, quatro braços, e duas pernas. E por toda eſta Capella em roda outros muitos idolos. Deſta Capella ao Ponente eſtà huma ciſterna de agua excellentiſſima a que nunca ſe acha fundo, de que vulgarmente corre eſta fama, e aſſim fica ſendo ſemelhante ao que ſe conta das fontes de Alfeo, e Aretuſa.

Aqui acabou o lanço Occidental, q̃ he o da maõ direita do corpo deſte Pagode: voltando daqui pera o Ponente vaõ dar em huma Capella muito curioſamente lavrada de quatorze pès de largo, e dezoito de comprido, no meyo della eſtà hum idolo agigantado com pernas cruſadas com huma tiara na cabeça lavrada ſutiliſſimamente, e de ambas as partes tem muitos Pagodes de homens, e mulheres, e alguns a cavallo. Daqui vay o Pagode alargando pera o Naſcente, aonde eſtà outra Capella como as mais, e debaixo della ſahe hum idolo da cinta pera cima agigantado com cinco roſtos proporcionados ao corpo, com ſuas tiaras nas cabeças, e com doze braços, e com as mãos ſuſtenta hum aſſento de pedra ſobre quem eſtà outro idolo Gigante de hum ſó roſto cõ ſeis braços, e duas pernas, e huma das mãos direitas tem ſobre o peſcoço de huma mulher tambem agigantada, que eſtà aſſentada junto a elle. E a cada lado deſte idolo, tem outros quaſi do ſeu tamanho aſſentados no meſmo aſſento. E pelo mais corpo deſta Capella ha outros cem idolos de homens, e mulheres. Caminhando daqui ao meyo dia daõ em outra Capella em cujo meyo eſtà aſſentado outro Gigante com ſua tiara na cabeça com quatro braços, e duas pernas, e a cada ilharga tem hum idolo tambem agigantado: hum de figura de mulher, e outro de homem, e ao lado da mulher eſtà outro idolo Gigante, afóra outros muitos idolos que ha por toda a Capella.

Aqui ſe acaba o lanço Oriental da maõ eſquerda deſte Pagode. No fim deſtes dous lanços Oriental, e Occidental eſtaõ tres grandes Capellas, e a do meyo que he mais interior tem trinta pès de largo, e dezaſeis de comprido. Do pavimento deſta Capella ſe alevanta hum corpo da cinta pera cima de taõ diſforme grandeza, que ſó elle enche o vaõ, e largura da Capella: tem tres muito grandes roſtos, o do meyo olha pera o Norte, o ſegundo pera o Ponente, e outro pera o Naſcente: cada hum deſtes roſtos tem dous braços, e ao peſcoço dous grandes collares lavrados cõ admiravel ſubtileza. Sobre eſtas tres cabeças tem tres fermoſiſſimas tiaras, e eſte roſto do meyo, que he o mayor, tem na maõ hum grande Globo, e o q̃ quer que tinha na direita não ſe enxerga por eſtar desfeito. O roſto da parte direita, tem na maõ direita huma grande cobra de capello, e na eſquerda huma roſa, a que chamaõ Golfo q̃ naſce nas alagoas grandes. A' entrada da porta deſta Capella eſtaõ dous Gigantes a pè de cada lado, e encoſtados cada hum em ſeu

idolo

idolo de dez palmos de alto. A ſegunda Capella, que eſtà ao lado direito, tem dezanove pès de largo, e onze de comprido, e trinta de alto, no meyo della eſtà hum idolo agigantado de quatro braços, e duas pernas, como todas as mais com huma fermoſa tiara na cabeça, e ſobre ella eſtà outro idolo mulher de vinte palmos de altura, e por toda a Capella de huma, e de outra parte eſtaõ outros muitos Pagodes pequenos. Ao lado direito deſta Capella eſtà hũa porta de ſete palmos de alto, e cinco e meyo de largo por onde ſe entra em hũa camera quadrada eſcura de dez palmos de largo, e outros tantos de comprido em que não ha couſa alguma. Voltando ao lado deſta Capella do meyo, eſtà a terceira que tem vinte e tres pès de cõprido, e trinta de largo, e no meyo della eſtà outro idolo de vinte e dous palmos de alto de quatro braços, e eſtà ſobre hum ſó pè, e a cabeça com huma fermoſa tiara, reclinado ſobre a de hum touro. Eſte idolo tinhaõ os antigos por meyo homem, e mea mulher, porque tem huma ſó teta à maneira das antigas Amazonas, e tem em huma das mãos huma cobra de capello, e na outra hum eſpelho, e ao redor mais de cincoenta idolos. Ao lado eſquerdo deſta Capella eſtà huma porta de ſeis palmos de alto, e cinco de largo por onde ſe entra em huma camera quaſi quadrada, e muito eſcura onde não ha que ver: com eſta ſe acaba a fabrica deſte grande Pagode, que eſtà desfeita em muitas partes, e iſſo que deixàraõ os ſoldados, taõ mal tratado, que he màgoa ver aſſim deſtruida huma das couſas admiraveis do mundo. Agora faz cincoenta annos que fuy ver eſte eſtranho Pagode, e como não entrey nelle com a curioſidade com que hoje o podia fazer, não notey muitas couſas que ſe acabàraõ jà: mas lembrame todavia que achey huma Capella, que hoje ſe não vè, aberta pela frontaria toda que teria mais de quarenta pès de comprido, e ao longo da rocha ſe fazia hum taboleiro do comprimento da caſa à maneira dos noſſos Altares aſſim de largura, como de altura, e neſte taboleiro havia muitas couſas notaveis pera ver. E antre ellas me lembra que notey a hiſtoria da Rainha Pacifae com o touro, e o Anjo com huma eſpada nua lançar fóra de debaixo de hũa arvore duas figuras muy fermoſas de homem, e de mulher que eſtavaõ nuas, como no lo pinta a ſagrada Eſcritura em noſſos primeiros pays Adaõ, e Heva.

Quando logo os Portuguezes tomàraõ eſtas terras de Baçaim, e de ſua jurdição que foraõ ver eſte Pagode lhe tiràraõ huma fermoſa pedra, que eſtava ſobre a porta, que tinha hum letreiro de letras muy bem abertas, e talhadas, e foy mandada a ElRey, depois do Governador da India que entaõ era a mandar ver por todos os Gentios, e Mouros deſte Oriente, que jà não conhecèraõ aquelles caractères, e ElRey Dom Joaõ o Terceiro trabalhou muito por ſaber o que eſtas letras diziaõ, mas naõ ſe achou quem as leſſe, e aſſim ficou a pedra por ahi, e hoje naõ ha jà memoria della.

Na lombada da ſerra em que eſtà eſte Pagode do Elefante pera o Naſcente a dous tiros de pedra eſtà outro Pagode aberto por diante, e o tecto de cima ſe ſuſtenta ſobre muitas colunas fermoſiſſimamente lavradas, de que jà naõ ha mais de duas, que ſaõ de dezanove palmos de alto, e doze de groſſura. Tem o Templo quarenta e tres paſſos de comprido, e treze de largo, e a huma parte tem huma camarinha muito bem lavrada. Nella adoraõ a ſua Deoſa Paramiſori. Foy eſte Pagode, que eſtà hoje todo desfeito, de obra eſpantoſa naquelle ſeu tamanho.

Noutro monte deſta Ilheta pera o Naſcente a reſpeito do Pagode grande na lombada delle quaſi no meyo, eſtà outro Pagode em que antigamente ſe entrava por huma fermoſa porta, que tinha hum portal de marmore curioſiſſimamente lavrado. Tem eſte Pagode huma caſa grande, e tres cameras: na

primeira da maõ direita naõ ha jà couſa algũa: na ſegunda havia dous idolos ſobre hum grande poyal quadrado. Hum deſtes idolos ſe chamava Vithalà Chendai: tem ſeis braços, e huma ſó cabeça, e eſtà arrimado a dous idolos pequenos que tem a cada parte.

Eſte Pagode grande, e os outros pequenos ſe ſabe por ſuas eſcrituras dos Gentios, que os mandou fazer hum Rey Canarà chamado Banaſur, e que os mandàra fabricar, e junto a elle huns fermoſos Paços em que ſe apoſentava quando alli hia: de que ainda em meu tempo ſe achavaõ alguns veſtigios, e muitas ruinas de pedra de cantaria, e adobes muy grandes. Chamavaõ-ſe eſtes Paços, ou Cidade, que dizem q̃ foy muy fermoſa, Sirbali, e a ſerra em q̃ eſtà o Pagode do Elefante ſe chamou Simpdeu. Aqui viveo alguns annos huma filha deſte Rey, que ſe dedicou a eſte Pagode a perpetua virgindade, que ſe chamava Uquà. Dizem os antigos que neſta Ilha do Elefante em tempo de El-Rey Banaſur choveo ouro por eſpaço de tres horas, e por iſſo lhe puzeraõ nome Santupori, que na ſua lingua quer dizer, Ilha do ouro. Naõ relato todas as couſas deſte grande Pagode particularmente, porque ſaõ tantas, que ſe naõ pòdem particularizar, e porque naõ enfaſtiem aos que as lerem.

CAPITULO XII.

De como o Governador Franciſco Barreto houve às mãos as fortalezas de Aſſari, e Manorà. E de como Antonio Moniz Barreto foy tomar poſſe dellas por mandado do Governador. E de outras couſas em que proveo atè ſe partir pera Goa.

ASſentado em conſelho que ſe tomaſſe a fortaleza de Aſſari, que era taõ inexpugnavel por natureza, que ſe havia por couſa impoſſivel tomarſe por força, quiz o Governador Franciſco Barreto ver ſe por dadivas, e peitas a podia haver. Communicou eſte negocio com hum Coge Mahamede, Mouro antigo do tempo de Soltaõ Badur, q̃ jà no do Governador Nuno da Cunha andàra na entrega da Cidade de Baçaim, e ficou nella vivendo rico, e honrado. Eſte Mouro, que era prudente, aſtuto, e muito conhecido do Capitaõ que eſtava em Aſſari, foy-ſe ter com elle. E primeiro que tratemos do em que iſto parou, nos pareceo bem darmos razaõ do ſitio deſta ſerra, e de quem eſtava nella por Capitaõ.

Eſtà eſta ſerra de Aſſari quaſi tanta diſtancia de Baçaim, como de Damaõ, e eſtarà do mar pera o Sertaõ perto de quatro leguas: tem a meſma fórma, e feiçaõ da ſerra de Damà na Abaſſia, de quem no Capitulo decimo do ſetimo livro da quinta Decada dèmos razaõ na jornada de D. Chriſtovaõ da Gama, que he a em que aquelles Emperadores enſerraõ todos os filhos, tirando o herdeiro, por naõ haver antre elles alguma alteraçaõ, e aſſim os tem alli taõ fechados, que em ſua vida naõ pòdem ſahir fóra. Da meſma maneira eſtà a ſerra de Aſſari.

Sóbe ingrime pera cima quaſi huma legua, e taõ direita de todas as partes, que parece que a foraõ talhando ao picaõ atè hum pouco antes do cume, onde faz hum releixo à roda, e delle pera ſubir ao plano naõ tem mais que dous paſſos: hum taõ ingreme, que não pòde ſobir por elle mais que huma peſſoa cõ tanto trabalho, e riſco, que parece deſatino querer hum homem trepar por alli, ao menos por curioſidade, porque de ambas as partes fica taõ ingreme, que ſe vay o lume dos olhos a huma peſſoa ſe olha pera baixo. O outro paſſo ſe chama das vacas, porque por elle as levaõ acima, pera mantimento da gente que alli reſide. Eſte paſſo, tanto que chegaõ àquelle releixo, ficaõ como debaixo da aba de hum ſombreiro, com huma abertura em cima por onde lançaõ cordas pera levarem acima o que querem,

como

como fazem de huma escotilha de hũa nào às pipas que estaõ em baixo das cubertas. Neste releixo debaixo que corre à roda, e que fica como huma lapa, tem os soldados das vigias suas estancias, que saõ doze: porque em tantas partes tem as aguas do inverno feito algumas quebradas porque se pòde sobir, ainda que com muito risco: porque em todas estas estancias tem os soldados grandes galgas de pedras, com huns espeques amarrados por humas cordas, e prezas, nas suas camas: e se de noite sentem rumor, assim deitados, não fazem mais que soltar as cordas com os pès, e dando nas galgas, vaõ pelo caminho abaixo com tamanho estrondo, e terremoto, que metem medo, e tudo o que achaõ diante de si levaõ, e não tem necessidade de outras armas pera sua defensaõ.

Em cima no cume faz esta serra hum plano redondo, onde estaõ os gasalhados, e aposento do Capitaõ, almazens, cisterna de agua, e a Igreja, e no tempo da guerra se recolhem aqui mantimentos pera hum anno, e na paz se provèm das aldeas à roda, que saõ fertilissimas, e de contino residem em cima sessenta soldados, a que pagaõ seus quarteis, e mantimentos que lhe o Feitor de Baçaim leva, como se lhe acaba o tempo.

Vigia-se esta serra de noite com grande cuidado, e os dos quartos saõ obrigados corrella por cima toda em roda, com tochas acezas de hum pào, como preto, que se dà naquelles matos, que arde como tochas de cera, e naõ se apagaõ nem com vento, nem com agua. Ao pè da serra tem huma tranqueira de madeira em fórma quadrada com seus cubellos, onde reside hum Naique com cem piaens, e hum Capitaõ do campo Portuguez com alguns soldados.

Estava neste tempo por Capitaõ da serra hum Gentio chamado Condixà, e em Manorà hum Turco por nome Agader, e por Veador da fazenda de todas aquellas terras hum Gentio chamado Calegi, e todos postos da maõ de Cide Bofatà, que se tinha alevantado com a Cidade, e terras de Damaõ no alevantamento géral (como na sexta Decada no Capitulo dezaseis do decimo livro fica dito) O Coge Mahamede, de quem hiamos tratando, chegou à serra de Assari como que hia visitar o Condixà de quem era grande amigo, e detendo-se com elle alguns dias o veyo a apalpar com dissimulação, e achando-o disposto lhe cometeo „ que entre- „ gasse a serra ao Governador que lhe „ daria o que fosse razaõ logo em di- „ nheiro, e que lhe faria outras honras, „ e mercès. O Gentio vencido das muitas razoens do Coge Mahamede, e mais do interesse (que he o que faz render tudo) abriolselhe todo, affirmando „ que „ o faria; mas que naõ poderia ser sem „ o Calegi Veador da fazenda, que se „ visse com elle, e tratassem sobre aquel- „ le negocio, e que querendo, elle esta- „ va prestes pera servir o Governador, e com isto se viraõ ambos com elle, e praticàraõ aquelle negocio, sobre que o Coge Mahamede não foy avaro nas promessas, e por tal modo os levou, que os rendeo, e assentàraõ „ que dando- „ lhes o Governador seis mil e quinhen- „ tos pardaos logo em dinheiro, lhe en- „ tregariaõ aquella fortaleza, e se passa „ riaõ a viver a Baçaim. E como tiveraõ rendido o Calegi, lhe pedio o Coge Mahamede „ que tratasse com Agader „ Capitaõ de Manorà, se queria entrar „ naquella liga, e que lhe dariaõ o que „ elle pedisse, porque pera segurança „ das terras de Baçaim era necessario „ ficarem aquellas forças ambas pera o „ Estado da India.

Sobre isto se foy o Calegi ver com Agader, e apalpando-o sem se lhe declarar o achou duro, e de taõ ruim digestaõ, que não apertou com elle, e o deixou, e deu conta de tudo aos outros, que differaõ ao Coge Mahamede „ que „ depois de elles entregarem a serra, „ poderia o Governador mandar tomar „ por força Manorà; porque Agader „ tinha pouca posse pera se defender.

Com eſta reſoluçaõ voltou o Coge Mahamede pera Baçaim, e deu conta ao Governador de tudo o que tinha paſſado com o Condixà, e Calegi, dizendolhe quaõ facil elles lhe fizeraõ a tomada de Manorà „ porque tanto que Aſ„ ſari eſtiveſſe em ſeu poder (que era o „ mais duvidoſo, e importante) logo „ Manorà ficava ſendo mais fraco, e o „ Agader naõ teria remedio pera ſe de„ fender.

Vendo o Governador quaõ barato lhe offereciaõ o que elle tanto deſejava, poz logo em obra aquelle negocio. E porq̃ ElRey naõ tinha dinheiro, mandou vender a ſua prata, e ajũtou a quantia dos ſeis mil e quinhentos pardaos, que ſe carregàraõ por empreſtimo ſobre o Feitor de Baçaim Duarte do Soveral, em cuja arrecadaçaõ achàmos eſta receita com eſta declaraçaõ do pera q̃ aquelle dinheiro foy empreſtado. E deſpedio o Coge Mahamede com recado a Calegi, e Condixà, pera ſaber o modo que queriaõ ter na entrega da ſerra, e no recebimento do dinheiro. O Coge Mahamede negociou iſto de feiçaõ, que veyo o Calegi tomar o dinheiro a Baçaim, e ficou em refens atè Condixà entregar a fortaleza de Aſſari.

Como o Governador teve comſigo o Calegi, e lhe deu o dinheiro, deſpedio logo Antonio Moniz Barreto pera hir tomar entrega da ſerra, levando cartas do Calegi de como jà tinha o dinheiro em ſi. E chegando ao pè da ſerra ſe foy o Condixà ver com elle, e lhe fez entrega della, mandando tirar de dentro todas as couſas que nella tinha. Entregue Antonio Moniz Barreto da ſerra, deixou nella hum Capitaõ com ſeſſenta ſoldados, e a proveo de mantimentos, lenha, e vaccas em abaſtança, e ordenou guarda pera as terras, que foy hum Naique com duzentos piaens; e mandou lançar pregoens pelas aldeas „ que to„ dos os lavradores cultivaſſem, e la„ vraſſem ſuas aldeas, e que reſpondeſ„ ſem com os foros a ElRey de Portu„ gal, como faziaõ ao de Cambaya, „ pelos meſmos foraes, e coſtumes, ſem „ lhes innovar couſa alguma, ſe naõ em „ ſeu favor: com o q̃ começàraõ à codir as aldeas, e lhes ordenàraõ recebedores, pera correrem cõ a arrecadaçaõ de ſeus foros.

Negociadas eſtas couſas muito bem, voltou pera Baçaim, e o Governador o tornou a deſpedir com ſeiſcentos homens pera hir tomar a fortaleza de Manorà, e mandou D. Antaõ de Noronha com dez navios pera hir pelo rio acima favorecendo-o, e Antonio Moniz Barreto foy entrando pelas terras de Manorà ſem achar reſiſtencia, e hindo demandar a fortaleza a achou deſpejada, porque o Agader o naõ ouſou a eſperar. Mas naõ foy iſto taõ ſeco, que os noſſos da dianteira naõ tiveſſem algumas eſcaramuças com os imigos, em que lhes derribàraõ alguns. Deſpejado o forte, tomou Antonio Moniz Barreto poſſe delle, e poz nelle por Capitaõ hum Jorge Manhãas cavalleiro honrado da obrigaçaõ do Governador, com cento e vinte ſoldados, e alguns Naiques, e piaens da terra, e deu ordem à arrecadaçaõ das terras, como fez a Aſſari.

Acabado eſte negocio, ſe tornàraõ pera Baçaim onde o Governador jà eſtava preſtes pera ſe partir pera Goa, por lhe terem chegado cartas, em que o chamavaõ com muita preſſa, por ſerem entrados nas terras viſinhas a Goa alguns Capitaens do Idalcan com muita gente, e que eſtavaõ arriſcados Salſete, e Bardes a ſe perderem. E dando deſpacho a algumas couſas (principalmente às de Ormuz, por lhe terem vindo novas ſer falecido Bernaldim de Souſa que là eſtava por Capitaõ, pera onde deſpachou D. Joaõ de Ataide) ſe embarcou, deixando ſetecentos homens em Baçaim com ordem pera lhes darem meſas de que deixou Capitaens nomeados pera iſſo. Antonio Moniz Barreto Capitaõ da fortaleza a trezentos e cincoenta. D. Martinho da Cunha, irmaõ de Dom Pedro da Cunha, Capitaõ géral das galez do Reino, a duzentos. E

Duarte

Duarte do Soveral Feitor, e Alcaide mòr de Baçaim a cento e cincoenta, e em breves dias chegou o Governador a Goa, e paſſando pelo rio acima com todos os navios de remo, ſem querer deſembarcar na Cidade, foy viſitar os paſſos da Ilha, que proveo de Capitaens, e ſoldados pera ſua guarda, e de navios ligeiros pera correrem os rios, e nas Ilhas de Joaõ Choraõ, Divar, e nas mais meteo gente de guarniçaõ, e na fortaleza de Rachol poz D. Jorge de Menezes Baroche, e D. Pedro de Menezes o ruivo, com quatrocentos homens pera guarda daquellas terras, e depois de prover tudo iſto muy bem, ſe foy pera Goa, e deſpedio Antonio Pereira Brandaõ com ſeis navios ligeiros pera andar por aquella coſta atè Dabul, fazendo toda a guerra que pudeſſe ao Idalcan; e elle ſe foy apoſentar em humas caſas que eſtaõ adiante de Santa Luzia pera dalli correr os paſſos, e entender nas couſas da guerra, que de propoſito determinava fazer ao Idalcan.

CAPITULO XIII.

Do que aconteceo na jornada a Pero Barreto. E do engano que com elle uſou o Principe do Cinde. E de huma façanhoſa ſerpente, que hum ſoldado chamado Gaſpar de Montarroyo matou.

PArtido Pero Barreto Rolim de Baçaim (como atraz diſſemos no capitulo nono deſte terceiro livro) foy atraveſſando a enceada de Cambaya atè Dio, onde chegou veſpera de Natal. E depois de paſſada a feſta tornou à ſua viagem, e foy de longo da coſta atè a ponta de Jaquete, onde ſe acabaõ os limites do antigo Reino Guzarate, e dalli foy atraveſſando aquella enceada, e foy tomar a barra do Cinde, que commũmente ſe chama a de Cambaya, por entrarem por ella todos os navios que vaõ àquellas partes: porque a outra boca que tem mais ao Norte ſe chama de Ormuz, por ſahirem por ella todos os navios q̃ navegaõ por aquelle Eſtreito. E chegada a Armada foy entrando pelo rio às toas, pelas grandes correntes de ſuas aguas, e puſeraõ oito dias atè a Cidade de Tatà, naõ ſendo mais de trinta leguas. Eſtava na Cidade o Principe Mirahan Baba, moço de doze annos, que o pay alli tinha deixado com alguns tutores pera governar o Reino, porque havia pouco tinha partido com ſeus exercitos em buſca do imigo. E ſabendo o Principe ſer aquella Armada que ſeu pay mandàra pedir, mandou viſitar o Capitaõ mòr, e a fazerlhe a ſaber, como ſeu pay lhe deixàra ordem, pera que como chegaſſe aquella Armada a fizeſſe eſperar atè ſeu recado. Pero Barreto recebeo eſte Enviado, e mandou a terra o Embaixador que o fora buſcar, e com elle hum homem honrado, por quem mandou dizer ao Principe que elle vinha com aquella Armada em ſerviço de ElRey ſeu pay, e q̃ eſtava preſtes pera tudo o q̃ lhe mandaſſe, e que dèſſe ordem pera hir hum homem a ElRey, que elle queria mandar, o que o Principe fez, e lhe mandou dar aviamento de tudo pera o caminho. Eſte homem que Pero Barreto mandou, tomou a ElRey ſobre a Cidade de Tiguir, que he no eſtremo daquelles Reinos, e ficava da parte do Soltaõ Mahamede Bachari, que a tinha muito fortificada, e alli o ouvio, e o tornou a deſpedir logo com recado a Pero Barreto, „ em que lhe pe- „ dia que ſe entretiveſſe alguns dias, e „ que nelles lhe mandaria reſoluçaõ do „ que havia de fazer, com o que ſe dei- „ xou Pero Barreto ficar no rio da outra „ banda defronte da Cidade.

ElRey Mirzanhiſà foy continuando o cerco de Tiguir em q̃ teve muitos recontros com os imigos, de que ouve dano em ambas as partes, e Bachari, que era valente cavalleiro ſempre lhe teve o encontro, e proveo os de dentro da Cidade, ſem o imigo lho poder defender. Vendo o Rey do Cinde que por força naõ podia tomar aquella Cidade, e que o imigo

o imigo eſtava poderoſo, veyo a entrar com elle em partidos, por meyo de Capitães que ſe metèraõ antre elles, e por fim ſe vieraõ a concertar, que o Bachari lhe largaſſe a fortaleza de Tiguir, por ficar, como diſſemos, nos eſtremos de ambos os ſenhorios, e que ficaſſe com o que mais poſſuhia, e com iſto ſe lhe entregou a fortaleza, que elle proveo de Capitaõ, e ſoldados, e voltou pera o Cinde.

Todo eſte tempo eſteve Pero Barreto no rio eſperando o recado de ElRey. E porque naõ he razaõ que paſſemos por hum caſo eſpantoſo que aqui aconteceo, daremos conta delle. Coſtumavaõ os noſſos ſoldados hir a terra à caça, e deſviando ſe hũ delles chamado Gaſpar de Montarroyo natural da Cidade de Faraõ com ſò ſua eſpada, e rodella, foy-ſe afaſtando por hũ mato, e encontrando com huns Gentios, lhe diſſeraõ que naõ paſſaſſe àvante, porque eſtava alli huma ſerpente que acabàra de comer hum bezerro. O Gaſpar de Montarroyo deſejoſo de a ver lhes pedio, lhe foſſem moſtrar o lugar aonde eſtava, o q̃ elles fizeraõ, e chegando perto a vio eſtar deitada no mato cõ a cabeça ſobre o caminho, e eſtava farta, e pejada, e pella cabeça entendeo que devia ſer couſa façanhoſa, porq̃ o corpo ficava eſcondido no mato. E deſejoſo de a ver bem ſe foy chegando tanto a ella, q̃ lhe pode chegar com a eſpada com ſer curta: ella em o ſentindo alevantou a cabeça, a tempo que elle hia com hum golpe, e quiz ſua boa ventura que a tomaſſe pelo degolladouro, onde naõ tinha fortaleza, e como a eſpada era larga, e cortadora, a degollou toda, e ella com a dor da morte deu com o corpo tamanhas pancadas, que punha eſpanto, e medo atè que acabou de morrer. Os Gentios que eſtavaõ de longe vendo aquillo ficàraõ paſmados, e foraõ fogindo, e o Gaſpar de Montarroyo voltou pera a praya, e tomando alguns marinheiros da fuſta em que hia embarcado com remos, e cordas, ſe foy com elles aonde eſtava a ſerpente, e a fez amarrar, e às coſtas de todos a levou à praya, onde Pero Barreto ſahio pela ver, que foy couſa q̃ admirou a todos, por ſua groſſura, e grandeza, porque era taõ groſſa como hum homem ordinario, e de comprido teria trinta pès, e diziaõ os naturaes que era ainda criança. Pero Barreto mandou fazer huma forca na praya, e a mandou dependurar por eſpanto. E por eſte feito ficou o Gaſpar de Montarroyo taõ nomeado dos Gentios do Reyno do Cinde, e Cambaya, que o buſcavaõ, e lhe levavaõ preſentes, e peças. Viveo eſte homem atè os annos de noventa e quatro, que ſe foy pera o Reino, e no caminho nos parece que deſapareceo a nào em que hia.

Vendo Pero Barreto Rolim que o recado de ElRey tardava muito, e que todo o mez de Fevereiro era paſſado, mãdou requerer ao Principe, que pois ElRey ſeu pay naõ lhe mandava o que havia de fazer, e que ſe hia o tempo gaſtando, que lhe mandaſſe comprir os cõtratos ſobre que viera aquella Armada: pois debaixo da fé, e palavra de ElRey ſeu pay fizera o Governador com ella tamanhas deſpezas. O Principe depois de alguns recados, e requerimentos deſtes, a que ſempre reſpondeo com eſcuſas, lhe mandou dizer „ que ſe ſe quizeſſe hir o podia fazer, porq̃ elle naõ „ tinha ordem de ElRey ſeu pay pera „ mais, q̃ pera prover a Armada de mantimentos, q̃ ſe os quizeſſe, lhos mandaria dar. Deſte deſengano ficou Pero Barreto enfadado, e começou logo a haver uniaõ por toda a Armada, porq̃ quizeraõ os ſoldados que logo ſe lhe dera o caſtigo. Mas Pero Barreto diſſimulou cõ aquillo, porque deſejava de naõ chegar a rotura, atè ver o que ElRey mandava. E como os ſoldados da India ſaõ muito ſoltos, e livres davaõ de noite grandes matraças ao Capitaõ mór; e a voltas de muitas palavras deſordenadas lhe chamavaõ fraco, puſillanime, e que de medo naõ vingava tamanha offenſa, e tantas vezes lhe diſſeraõ eſtas couſas,

e outras

e outras, que lhe déu a desconfiança de maneira, que sem tomar conselho com alguem, mandou dizer pelas fustas que fizessem pelouros. Com este recado se alvoraçàraõ os soldados, e começàraõ a guarnecer seus arcabuzes, e alimpar suas armas. E entretanto mandou o Capitaõ mòr cõ muita dissimulaçaõ comprar mantimẽtos à cidade, de que proveo a Armada bastantemente.

CAPITULO XIIII.

De como Pero Barreto Rolim destruhio à cidade de Tàtà, e todas as villas, e lugares de huma, e outra banda do Rio. E dõde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem à Provincia do Cinde Dulcinda.

EM quanto se os nossos preparavaõ com dissimulaçaõ, succedeo daquella banda donde estava a Armada, este caso. Costumavaõ os da Cidade hir à outra banda a vender suas mecanicas aos soldados, e como elles jà sabiaõ que se havia de dar na Cidade, hum delles mal sofrido tomou hũs couros do Cinde a hum mercador sem lhos querer pagar, e ainda sobre isso o esbofeteou. E a noite seguinte estando os nossos navios surtos, bem cozidos com a terra, ajuntàraõ-se huns poucos de Diulis (que saõ huns Gentios que vivem daquella banda) e de cima das barranceiras, que ficavaõ altas, descarregàraõ sobre os nossos navios grande soma de arcabuzadas, e frèchadas, com que encravàraõ muitos soldados, e foy a cousa tal, que se levantàraõ os navios, e foraõ surgir no meyo do rio, e dalli esbombardeàraõ bem os que lhes fizeraõ aquelle dano. Ao outro dia pela manhãa mandou Pero Barreto chamar os Capitaens a conselho, e lhes disse „ que era necessario castigarem aquel„ la affronta, e destruirem por ella a Ci„ dade, e que pera isso se fossem logo a „ tomar as armas, o que todos fizeraõ „ com grande alvoroço.

Tomando o remo em punho foraõ desembarcar na face da Cidade, e puzeraõ suas bandeiras em terra, onde se ordenàraõ; e com grande determinaçaõ cometèraõ a Cidade, por onde foraõ entrando, e metendo à espada a toda a pessoa viva que achavaõ, levando diante de si alguns magotes de imigos, que acodiraõ a lhe defender a entrada, com quem apertàraõ tanto, que de todo os puzeraõ em desbarato. E hum esquadraõ de cavallo de mais de duzentos se foraõ com a pressa recolher a huma fermosa Mesquita, que hum soldado nosso vio, e vendo que o Capitaõ mòr hia passando àvante, lhe disse „ que vol„ tasse, porque lhe ficava aquella gente „ nas costas, e que o seguisse, porq̃ elle o „ levaria aonde se recolhèraõ. Pero Barreto voltou logo, e disse ao soldado que o guiasse. E chegando à Mesquita a cometèraõ com grande furia, sendo Pero Barreto o primeiro que quiz entrar; mas atravessouselhe diante Cifal Pinheiro, dizendolhe „ que se detivesse, que aquelle naõ era o seu lugar, „ nem officio: que soldados levava que „ fariaõ aquillo muito bem feito. E assim o deteve, e foy cometendo a entrada com alguns companheiros. A Mesquita era muito grande, e da feiçaõ de nossos Templos, e tinha tres portas, huma principal, e duas travessa, e na frontaria havia tres Capellas grandes todas de abobada, como tambem o era o corpo da Mesquita, que se sustentava sobre mais de trinta fermosas colunas de pedra. Os nossos trabalhàraõ tanto, que entràraõ da porta pera dentro, e começàraõ a laborar com a arcabuzaria, que fez nos Mouros grande estrago, e se foraõ recolhendo pera as Capellas. E como o corpo daquelle Templo era todo de abobada, e a arcabuzaria fazia hum estrondo espantoso, andavaõ os cavallos de huma pera outra parte, sem darem pelos freyos, e como desatinados faziaõ tamanho estrepito, e terremoto, que parecia huma confusaõ, e assim a nossa arcabu-

cabuzaria naõ fazia ſe naõ derribar nelles à vontade, e o que foy mais cruel que tudo, foy chegarem alguns ſoldados cõ panellas de polvora, lançando antre os Mouros huma ſoma dellas, e desfazendo-ſe em labaredas foraõ dar em huns calloens de polvora (que ſaõ tamanhos como grandes cantaros) que elles tinhaõ dentro, e tomando fogo rebentàraõ com tanta braveza, que parecia arder algum grande forno de cal. Os cavallos com aquelle eſtrondo, e eſpanto, davaõ com os donos pelos eſteyos, e pelas paredes: outros ſe impinavaõ, e cahiaõ ſobre elles, e alguns que quizeraõ cometer as portas, ſe foraõ eſpetar nas agudas alabardas, e lanças, de que os noſſos tinhaõ feito grandes baſtidas. De maneira que todos os que dentro eſtavaõ acabàraõ no mais cruel, e miſeravel genero de morte que ſe podia imaginar.

Concluido eſte negocio, foraõ os noſſos entrando a Cidade, e metendo à eſpada toda a couſa viva que achavaõ, atè os brutos animaes, e como naõ tiveraõ em que executar ſua furia, mandou o Capitaõ mòr que ſaqueaſſem a Cidade, como logo fizeraõ, tomando todos tantas fazendas, que ſe carregàraõ os navios, naõ roubado nem a quarta parte do que havia nella, e a tudo o mais ſe deu fogo, que ſe apoſſou de toda a Cidade em tanta maneira, e com taõ grande braveza, que parecia abrazarſe o mundo; porque àlem de ella ſer das mayores da India, eſtava recheada de fazendas groſſas, e ricas, de drogas, manteigas, azeite, cifas, e outros materiaes, que faziaõ ſobir as chamas aos Ceos, taõ eſcuras, negras, eſpeſſas, e fedorentas, que ſe na terra havia couſa que repreſentaſſe a ſemelhança do inferno, era eſta montaria. O que ſe roubou, e queimou em fazẽdas, era paſſante de dous milhoens de ouro, e morrèraõ perto de oito mil peſſoas, a mòr parte della gente inutil, ſem cuſtar da noſſa parte mais que alguns feridos.

Feito eſte negocio, ſe tornàraõ a embarcar, e foraõ pelo rio abaixo queimando, e deſtruindo todos os lugares que havia de huma, e outra parte daquelle famoſo rio Indo: achando em alguns paſſos eſtreitos muita gente, que ao paſſar lhes deraõ grande trabalho com a multidaõ de tiros, que deſcarregavaõ ſobre elles, e em hum mais eſtreito de todos os metèraõ em grande confuſaõ, por lhes ficarem os navios debaixo das barranceiras, donde elles de cima empregavaõ ſeus tiros bem à ſua vontade, com que derribàraõ alguns dos noſſos, largando os marinheiros os remos, e eſcondendo-ſe debaixo, porque as frechas cahiaõ ſobre elles taõ eſpeſſas, que parecia que choviaõ, ficando os navios todos anhotos, e embaraçados huns com os outros. Vendo Pero Barreto que ficava deſta maneira arriſcado a lhe matarem muita gente, brádou aos Capitaens que puzeſſem as proas em terra, e que com a artelharia frãqueaſſem a deſembarcaçaõ, e caminhaſſem de longo da ribeira, porq̃ ainda que foſſem ſempre pelejando com os imigos, naõ poderiaõ receber tanto dano como por mar, e virando todos as proas à terra, fizeraõ afaſtar os imigos com os falcoens. E ſaltando todos fóra, puſeraõ ſuas bandeiras em cima das barranceiras à viſta dos imigos; e alli ordenou Pero Barreto dous eſquadrões, hũ de trezentos homens, de que fez Capitaõ hum daquelles Fidalgos, a que naõ pudèmos ſaber o nome, e lhe mandou ſe paſſaſſe da outra banda, e foſſe caminhando por terra, e de longo della a metade dos navios pera os favorecerem, e elle com o outro eſquadraõ de quatrocentos homens, foy marchando de longo da agua muito à ſua vontade, tendo ſempre muitas eſcaramuças com os imigos, que os hiaõ ſeguindo de longe, por ſe ſatiſfazerem em parte de tantos danos como eraõ os que ſe lhes tinhaõ feito. E os noſſos a todas as povoaçoens a que chegavaõ lhe punhaõ logo o fogo, e as abrazavaõ, e tanto que a noitecia aſſentavaõ ſeus exercitos nos lugares mais accomodados, e com as coſtas no mar, e os navios com as proas na terra, e com

as

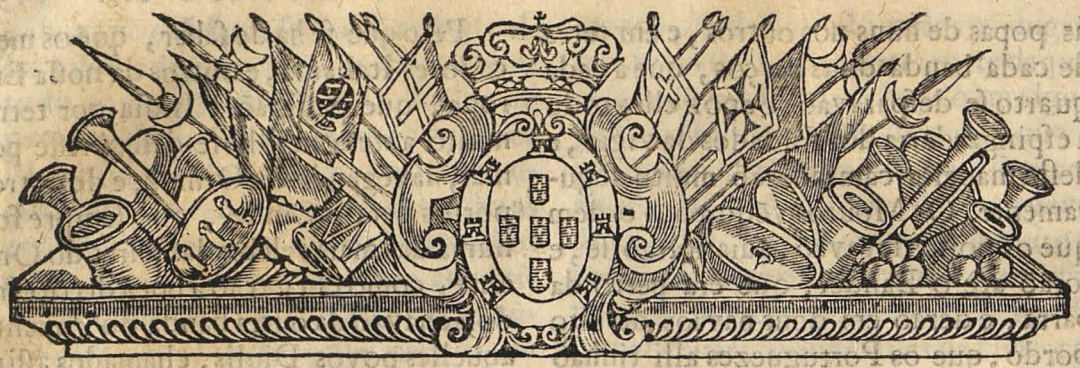
as popas de huns nos outros, e em terra de cada banda dous berços, que a cada quarto se desparavaõ, e apoz elles toda a espingardaria dos soldados da vigia, e desta maneira caminhàraõ muito seguramente. Os Mouros vẽdo a boa ordem que os nossos levavaõ, adiantàraõ-se, e foraõ atè o Bandel, que era perto da barra, e deraõ em dous navios de alto bordo, que os Portuguezes alli tinhaõ abicados, matando alguns, e cativando todos os mais, e aos navios tiràraõ as escoras, e deraõ com elles embaixo onde se quebràraõ, roubando toda a fazenda que nelles achàraõ. Os nossos foraõ caminhando por terra na ordem que dissemos, cinco dias, atè chegarem ao Bandel, onde os Mouros tinhaõ huma arrezoada fortaleza. Pero Barreto se ajuntou com a outra companhia, e acometeo à escala vista, arrombando-lhe as portas com vayvens, por onde entràraõ os nossos com grande determinaçaõ, fazendo recolher pera dentro os Mouros que nella estavaõ, e entrãdo todo o poder, metèraõ à espada toda a cousa viva que se achou, sem escapar hum só.

Rendida, e despejada a fortaleza, foy escalada, e saqueada dos soldados, em que achàraõ muitas fazendas, e alguns dos Portuguezes das nàos presos, que logo foraõ soltos: e naõ tendo mais que fazer deraõ fogo à fortaleza em que toda se consumio, e se embarcàraõ. Neste caminho gastàraõ os nossos oito dias, em que fizeraõ pelo rio abaixo os mòres danos, e perdas, que nunca aquelle Reyno recebeo, porque lhe naõ ficou Villa nem lugar em pè. Pero Barreto vendo que jà naõ havia que fazer, sahio-se do rio, mandando primeiro pôr fogo aos navios dos Portuguezes que estavaõ quebrados, porque senaõ servissem os da terra da sua madeira, e pregadura, e deu à vela pera Goa. E assim o deixaremos nesta viagem, atè tornarmos a elles, pera darmos razaõ donde nasceo a confusaõ dos Geografos modernos chamarem a esta Provincia Dulcinda, como nos penhoramos no principio do Capitulo.

Pelo que se ha de saber, que os mercadores Italianos, e outros da nossa Europa, que passàraõ à India por terra, muito antes que ella se descobrisse por mar, navegando de Ormuz, e de outros portos pera o Cinde, que sempre foy huma das mais celebradas feiras do Oriente; como chegavaõ a boca do rio Indo, achavaõ da outra banda do Ponente aquelles povos Diulis, chamados assim da sua principal Cidade chamada Diul, onde elles faziaõ sua habitaçaõ, e dalli passavaõ ao Cinde, e hiaõ fazer suas mercadorias à Cidade de Tatà, e como eraõ homens idiotas naquellas partes, e naõ sabiaõ fazer differença dos nomes daquella Provincia, dando là na Europa razaõ das terras por onde andaraõ, diziaõ que foraõ ter a Dulcinda, confundindo huma cousa com a outra: sendo Diul nome da Cidade, e Cinde de todo o Reyno, e daqui ficàraõ os Geografos modernos chamando a todo este Reyno Dulcinda. Desta mesma maneira confundio Marco Polo Veneto, ou seus tresladadores o nome da Provincia da China, fazendo de huma só duas por esta maneira.

Aquelle Imperio da China se chama antre os naturaes, Cin, Macin, e dividindo elle este nome (que he todo hum) em dous, chamou a huma parte China, e à outra Mangi. E ainda Abrahaõ Ortelio passou adiante, que deu limites a estas duas Provincias, lançando no seu Theatrum Orbis a Provincia Mangi mais ao Norte da da China. E tornando aos povos Diulis, nelles se começa a Provincia Gedrosa que Aiton Armenio, e Sabellico chamaõ Tarse. E Josefo Moletio, e Cadamosto Guzarate (cujo erro na quinta Decada fica declarado) e Jeronymo Rusceli, falando nesta Provincia, diz que todos os della saõ Christãos, e naõ sabemos com q̃ fundamento, nem porque informaçoens: porque hoje na India naõ temos noticia alguma disso, nem por escrituras, nem por memoria de avòs, e netos, em que nestas partes se conservaõ por muitas centenas de annos suas antiguidades.

DE-



DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO IV.

CAPITULO I.

Do que aconteceo à nào S. Paulo atè Còchim. E de como Pero Barreto Rolim deſtruhio a Cidade de Dabul.

ANào S. Paulo, que tinha partido do Reino na companhia de Dom Leonardo de Souſa (de que era Capitaõ, e ſenhorio Antonio Fernandes) que deixàmos invernando no Brazil, onde eſteve cinco mezes, e tomando-ſe parecer com os Officiaes della, e com os que havia na terra, aſſentàraõ todos „ que ſe „ partiſſem dalli em Outubro, poderia „ muito largamente paſſar à India, e to„ mar ainda as nàos primeiro que partiſ„ ſem pera o Reino. Concluidos niſto, deulhe D. Duarte da Coſta todo o aviamento poſſivel, e ſe fez à vela na entrada de Outubro paſſado de cincoenta e cinco. E ſeguindo ſua derrota, depois de paſſarem o cabo de Santo Agoſtinho, aſſentado de hir por fóra da Ilha de S. Lourenço, foraõ-ſe pondo em quarenta, quarenta, e hum gràos do Sul, paragem, que por andar o Sol afaſtado pera a parte do Norte, ficava o dia taõ pequeno, q̃ naõ havia tempo pera mais que pera fazerem de comer huma vez ao dia, o que deu grande trabalho a todos. E depois de yingarem a altura do cabo de boa Eſperança, tomàraõ a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e ainda de todos os baixos, pera hirem demandar a ponta de Camatra, e dalli voltarem com as nàos de Malaca, o que fizeraõ ſem trabalho, porque os tempos os favorecèraõ bem. E como eſtiveraõ na altura de Camatra ſem quererem ver a terra, voltàraõ com os levantes em outro bordo, e foraõ na derrota de Ceilaõ, e houveraõ viſta da ponta de Gale, ſem poderem ferrar terra, e atraveſſando a outra coſta, foraõ tomar as areas gordas junto ao cabo Camorim. E de longo daquella coſta com os ventos que eraõ bonançoſos, chegáraõ a Còchim aos trinta do mez de Janeiro de mil quinhentos cincoenta e ſete, onde ainda achàraõ a nào Capitania, de que era Capitaõ D. Joaõ de Menezes, q̃ deu à vela ao dia ſeguinte, muito contente por levar novas daquella nào, porque ſe tinha della muito ruins ſoſpeitas. A nào S. Paulo tanto que ſurgio, deſembarcou D. Antonio de Noronha, e tomou logo alguns navios de remo, em que ſe embarcou com ſeſſenta ſoldados, e ſe foy pera Goa onde foy bem recebido do Governador Franciſco Barreto, e lhe fez mercè de dous

dous mil cruzados, que ElRey lhe tinha mandado empreſtar do cofre do cabedal, pelas muitas deſpezas que naquella jornada tinha feito, e a nào S. Paulo ſe partio logo pera Goa, onde invernou, e ſe concertou pera eſtar preſtes pera o anno ſeguinte.

Agora deixaremos eſtas couſas, e tornaremos a continuar com Pero Barreto Rolim, que ficou partido do Cinde, por levar aſſim a hiſtoria infiada. Eſta Armada depois que deu à vela foy ſeguindo ſua derrota, e antes de chegar a Dio, lhes deu hum tempo taõ groſſo, que lhes foy neceſſario alijar ao mar tudo o que traziaõ do Cinde, porque os comiaõ os mares, e aſſim tornàraõ a perder com muito riſco da vida o que com tantas mortes dos imigos tinhaõ ganhado naquella Cidade, vendo-ſe muitas vezes alagados, e perdidos. Mas quiz Deos que ceſſaſſe o tempo, com que deſtroçados, e alagados foraõ tomar Chàul, onde ſe ajuntou toda a Armada, que tomou differentes portos. Alli achou Pero Barreto Rolim cartas do Governador, em que lhe mandava „ que de paſſagem „ deſembarcaſſe em Dabul, onde acha„ ria Antonio Pereira Brandaõ, e que „ deſtruiſſe aquella Cidade de todo, „ porque era do Idalxà, com quem fi„ cava de guerra.

Com eſtas cartas ſe refez, e ajuntou mais alguns navios, e gente, que eſtava pera hir pera Goa, e deu à vela com vento proſpero, e chegando àquella barra de Dabul, achou Antonio Pereira Brandaõ com os ſeus navios, que lhe deu hum regimento do Governador ſobre o meſmo negocio. Com iſto ſe negociou, e deu recado a todos os navios, pera que eſtiveſſem preſtes pera o outro dia de madrugada. E tanto que foy meyo quarto de alva rendido, foy entrando pela barra dentro; e pondo as proas na praya da face da Cidade, ſaltàraõ em terra com ſuas bandeiras, e guioens, e Pero Barreto por derradeiro com a de Chriſto, e em muito boa ordem foraõ cometer a Cidade com grãde eſtrondo de artelharia dos navios, e dos inſtrumentos militares. E Antonio Pereira Brandaõ que levava a dianteira, achando hum grande eſquadraõ de Mouros que ſahiraõ a lhes defender a deſembarcaçaõ, taõ determinadamente os cometeo, e eſcandalizou, q̃ os foy levando de arrancada, e metendo pela Cidade, entrando todos elles de volta. Pero Barrero chegou à entrada, e ſabendo que Antonio Pereira Brandaõ hia vitorioſo, receando algum deſarranjo, mandou pôr fogo à Cidade por algumas partes, pera que os ſoldados ſe naõ embaraçaſſem com o roubo, de que hiaõ jà taõ cobiçoſos. Os moradores tãto que ſentiraõ o fogo, e viraõ o eſtrago que os noſſos hiaõ fazendo, tomando as mulheres os filhos às coſtas, foraõ fogindo pera fóra da Cidade, deixando os noſſos ſenhores della. E como jà hia amanhecendo, e elles viaõ tudo, metendo à eſpada toda a couſa viva que achàraõ, e os que mais paſſàraõ eſte trance, foraõ mulheres, meninos, e gente meſquinha, porque a da guerra ſoube ſe pòr em ſalvo, e neſta foy tamanha a crueza, que corriaõ pelas ruas arroyos de ſangue.

Tanto ſe metèraõ os noſſos pela Cidade, apoz os que hiaõ fogindo que foraõ ſobindo atè o monte, onde eſtava huma fermoſa Meſquita de abobada q̃ derribàraõ, e puzeraõ por terra, ſem deixarem couſa em pè. Pero Barreto Rolim mandou pòr alguns Capitaens que dèſſem fogo a toda a Cidade, como ſe fez: porque os ſoldados ſenaõ meteſſem pelas caſas a roubar, o que lho naõ eſtorvou, porque a mòr parte delles ſe recolhèraõ carregados de fazendas, por eſtar eſta Cidade muito rica, como aquella que era a principal eſcala de toda a coſta do Idalxà. Feito eſte negocio, ſe embarcou Pero Barreto Rolim, e mandou Antonio Pereira Brandaõ com os ſeus navios, pera que foſſe pelos rios acima queimar, e deſtruir todas as povoaçoens que por elles houveſſe: o que elle fez muito bem, deixando

tudo taõ assolado, e destruido, que naõ havia em que pòr olhos. Acabado isto se recolheo Pero Barreto Rolim pera Goa, onde o Governador o recebeo com honras, e assim o merecia, porque deixava assoladas, e destruidas as mòres, e mais ricas duas Cidades da India.

CAPITULO II.

De como o Governador Francisco Barreto passou à terra firme em busca dos Capitaens do Idalxà. E da batalha que lhes deu, em que os desbaratou. E de outras cousas.

VEndo o Idalxà o dano que os nossos lhe fizeraõ por toda sua costa, e que lhe destruiraõ, e abrazàraõ a Cidade de Dabul, em q̃ seus vassallos recebèraõ tamanhas perdas, e elle tanta affronta, determinou de se vingar, e de fazer guerra ao Estado por ver se podia lançar maõ das terras firmes de Salsete, e Bardes. Pera isto fez chamamento de seus Capitaens, e lhes fez sobre isto huma grande sala, em que lhes representou „ a obrigaçaõ em q̃ elles como vassallos „ taõ leaes estavaõ de satisfazerem as „ affrontas q̃ tinhaõ recebido dos Portuguezes, e como havia tantos annos „ que lhe comiaõ as suas terras firmes de „ Salsete, e Bardes, que lhes dèraõ por „ mandar Mealecan pera Portugal, o „ que nunca os Governadores da India „ lhe quizeraõ comprir. E q̃ elle agora, „ pois lhe tinhaõ dado tamanha occa„ siaõ, queria lançar maõ do q̃ era seu, e „ q̃ determinava de mandar descer seus „ exercitos abaixo, e cometeo logo alli aquella empreza a Nacer Maluco, seu Capitaõ gèral, e com elle outros quatro Capitaens: Calabatecan o segundo, e hum filho seu esquerdo chamado Cahircan, Miaberu, e outro; e deu por regimento a Nacer Maluco „ q̃ se fos„ se ajuntar com Moratecan Governa„ dor do Concan, que tinha descido o „ Gate contra D. Antaõ de Noronha, „ como jà atraz contàmos no Capitulo „ decimo do segundo livro, pera que „ ambos com igual mãdo fizessem guer„ ra a Goa, e às terras, e Ilhas de sua jur„ diçaõ.

Estes Capitaens chegàraõ a Pondà na entrada de Abril, e alli fez Nacer Maluco alardo de sua gente, e achou vinte mil homens, em que entravaõ dous mil de cavallo, e escreveo a Moratecan que estava em Carule „ que fi„ zesse elle por aquella banda guerra „ cõtra as terras de Bardes, e suas Tana„ darias, e que elle ficaria destoutra ban„ da de Salsete, pera assim darem mais „ que fazer aos Portuguezes. O Governador foy logo avisado da Cidade destes Capitaens, e acodio logo a prover todos os passos da Ilha de Goa, e pelos rios espalhou muitos navios, e manchuas pera defenderem a passagem aos imigos, e o mesmo fez pelos passos das mais Ilhas, e lançou espias sobre aquelles Capitaens, pera que o avizassem de como estavaõ, e do poder que tinhaõ. A primeira cousa que fez o Nacer Maluco, foy despedir Calabatecan, e seu filho com cinco mil homens, pera hirem tomar posse das terras de Salsete, e arrecadarem o rendimento daquellas aldeas; o que elles fizeraõ mandando diante grandes seguros „ pera os lavradores, e „ naturaes se naõ alterarem, nem afugen„ tarem, mas que grangeassem suas ter„ ras pacificamente, e pagassem seus fo„ ros ao Idalxà, cujas eraõ, porque elles „ vinhaõ pera os favorecer, e defender „ de quem lhes quizesse fazer injuria, „ dano, ou affronta.

Feito isto, e quietos os moradores, foraõ aquelles Capitães dar vista à fortaleza de Rachol, onde estava D. Pedro de Menezes, o Ruivo, por Capitaõ, que lhes sahio com duzentos soldados, e quinhentos piaens da terra, e travou com os da dianteira algumas escaramuças, em que lhe matou alguns Mouros, deixando-se ficar no campo com as costas na fortaleza, e dalli lhes sahio muitas vezes a dar toques em que sempre os es-

calavrou,

calavrou, e todavia de algumas o fizeraõ recolher à fortaleza com trabalho, por carregar ſobre elle todo o poder, ficando os Mouros comendo as aldeas, que ſe lhes naõ pudèraõ defender por ſer o poder groſſo. O Governador teve logo recado de ſua entrada nas terras de Salſete, e que as gentes de Moratecan apareciaõ jà pelas de Bardes, pelo q̃ determinou de paſſar a Salſete em peſſoa, e darlhes batalha, porque o cançariaõ muito, ſe lhe ficaſſem invernando nas terras, e aſſim fez logo alardo de toda a gente que havia em Goa, e achou tres mil ſoldados muito luſtroſos, e duzentos de cavallo ginetes, que eraõ os moradores, debaixo da bandeira de Jorge de Mendoça, Capitaõ de Goa, e o Tanadar mòr fez pelas Ilhas mil piaens, que o haviaõ de acompanhar naquella jornada.

Preſtes tudo, paſſou-ſe o Governador a Gaçaim, porque eſtava aſſentado que paſſaſſem por Dorubate, por chegarem as eſpias, e affirmarem que o Nacer Maluco eſtava em Pondà, e que tinha tomado todos os caminhos que vaõ de Benaſtarim pera là, e impedidos com muitas tranqueiras, por ſe recear que o foſſem là buſcar. Alli em Gaçaim repartio o Governador toda a ſoldadeſca por ſeis bandeiras, cujos Capitaens eraõ D. Antaõ de Noronha, Jeronymo Barreto Rolim, Martim Affonſo de Miranda, Pantaleaõ de Sà, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveyra, e Alvaro Paes de Sotomayor. Com o Governador hiaõ mais de cincoenta aventureiros de cavallo, afóra a gente de ſua obrigaçaõ, em que entrava D. Antonio de Noronha o Catarraz, q̃ levava ſeis homens de cavallo. Toda eſta gente paſſou a Salſete em muitas barcas, e jangadas que pera iſſo eſtavaõ feitas, e derradeiro de todos paſſou o Governador, e foy marchando atè o paſſo de Dorubate, por onde paſſáraõ à outra banda da terra firme.

Poſto là o Governador, começou a marchar neſta ordem. D. Joaõ Bellez que foy Mouro, que era Capitaõ do campo diante de todos, com mil e quinhentos laſcarins, pera hir deſcobrindo tudo, e logo os Capitaens da Infantaria, e pelas pontas do eſquadraõ a gente de cavallo, cento de cada banda: no meyo toda a bagagem com algumas peças de campo, e na retaguarda o Governador com todos os aventureiros; e a ſua guarda que era de cem eſpingardas. E porque os noſſos piaens Gentios coſtumavaõ meter nas toucas ramos verdes no tempo da batalha pera ſerem conhecidos dos Portuguezes, e ſe deſemferençarem dos imigos (que coſtumavaõ quando ſe viaõ perdidos, porem nas toucas os meſmos ramos, pera paſſarem por noſſos) mandou o Governador fazer a todos carapuçoens de bertangil vermelho, pera ſerem differentes dos outros.

Partidos de Dorubate, chegàraõ antes do meyo dia à fortaleza de Pondà, e achàraõ em campo a Nacer Maluco cõ quatorze mil homẽs, q̃ jà o eſtava eſperando pera lhe dar batalha, e eſtava poſto a huma ilharga da fortaleza, com as coſtas em huma ſerra, e tinha feito huma cava de cinco paſſos de largo, que tomava huma paſſagem por onde os noſſos haviaõ de paſſar, pera onde elle eſtava. O Capitaõ da Infantaria da terra, que era D. Joaõ o Mouriſco, tanto que deu na cava, foy-ſe deſviando, e tomando o caminho pela banda de cima, pera travar com os imigos, e o meſmo fizeraõ os Capitaens das bandeiras, que ſempre o foraõ ſeguindo. Os imigos que ficavaõ daquella parte, tanto que viraõ que os noſſos os hiaõ demandar, lançàraõ ſobre elles muitas bombas de fogo, que fizeraõ algum dano, e paſſando por tudo, começàraõ a travar huns com os outros, diſparando a noſſa Infantaria aquella primeira carga, com que lhe derribàraõ muitos. O Governador que hia detraz com toda a gente de cavallo, foy-ſe apreſſando pera hir pegar pela parte em que via a bandeira de Nacer Maluco, levando hum galope apreſſado,

do, e como a cava era rasteira, e naõ se enxergava de fóra, achouse sobre ella, e naõ vio outro remedio melhor, que apertar as pernas a hum fermoso cavallo mellado em que hia, e achou-o taõ prestes, que saltouda outra banda, e o mesmo fizeraõ alguns que hiaõ junto delle, como foraõ D. Antonio de Noronha o Catarraz, e ao salto alcançou o cavallo com os pès na borda da cava, e esbarrou de feiçaõ que cahio: mas quiz Deos que fosse pera huma ilharga jà da outra banda, e que naõ perigasse o D. Antonio de Noronha, antes levando as redeas na maõ, e levantando-se o cavallo, tornou a saltar nelle. Antonio Soares, irmaõ de Andrè Soares, que era Procurador de ElRey, ao saltar naõ vingou o cavallo à outra banda, e cahio dentro na cava debaixo do cavallo, onde logo morreo; e o mesmo aconteceo a outros dous, a que naõ soubemos os nomes. Todavia muita parte delles vingàraõ a outra banda, e os outros foraõ rodeando a cava. O Governador tanto que se vio da outra banda com os que o seguiraõ enrestando a lança, e apellidando Santiago, foy romper aquelle encontro em os Mouros com tanta força, que cada hum a certou o seu, e derribou aquelle com que pegou, ficando jà todos baralhados por todas as partes, fazendo a nossa arcabuzaria nelles arrezoado dano. Vendo o Nacer Maluco a determinaçaõ do Governador, e sentindo medo em os seus, tocou a recolher, e foy-se retirando pera huma ilharga da fortaleza, sem se querer meter nella, por se não haver por seguro, deixando-a ao Governador, que alli logo a mandou derribar por todas as partes por muitos roçadores que levava, o que se fez com muita presteza. O Governador lançou espias aos imigos, e soube que hiaõ em desbarato, recolhendo-se por esse Concan dentro; pelo que se deixou alli ficar descançando, e tomando refeiçaõ, e das tres horas por diante se foy recolhendo pelo caminho de Benastarim, e de passagem foy desmanchando todas as tranqueiras que achou, e aquella noite foy dormir da outra banda da Ilha, e ao dia seguinte entrou em Goa com grandes festas, e regozijos.

CAPITULO III.

De algumas cousas em que o Governador Francisco Barreto proveo. E de alguns Capitaens que despachou pera fóra. E de huma grande vitoria que Joaõ Peixoto houve em Bardes de hum Portuguez arrenegado.

REcolhido o Governador a Goa, porque era jà tarde, entrou no despacho dos provimentos das fortalezas, e de alguns Capitaens que haviaõ de hir entrar nellas, que foraõ, D. Antonio de Noronha o Catarraz pera a de Dio, por acabar seu tempo D. Diogo de Noronha, que là estava; e mandou com elle seis Capitaens pera darem mesas a mil e duzentos homens, que là haviaõ de invernar, e estes foraõ Ayres Telles de Menezes, que hia nomeado por Capitaõ mòr da Armada da enceada de Cambaya, Alvaro Pires de Tavora, Ayres de Miranda, Joaõ Lopes Leitaõ, Jeronymo de Sousa, D. Diogo Rolim, Ayres da Silva, e Diogo Pereira. E assim despachou Antonio Pereira Brandaõ pera Maluco, por ser provido daquellas viagens, que levou muitos provimentos, e foy na nào Santa Maria dos Anjos, e da mesma maneira proveo Malaca, e as fortalezas das costas do Malavar, e Norte, e com isto se cerrou o inverno, em que o Governador ordenou cinco Capitaens pera darem mesas aos soldados, e estes foraõ Dom Alvaro da Silveyra, Pantaleaõ de Sà, Pero Barreto Rolim, Martim Affonso de Miranda, e Alvaro Paes de Sotomayor, e nas Ilhas poz gente de guarniçaõ, pera os imigos lhe naõ entrarem nellas. Na de Joaõ Lopes, que he defronte do passo seco, poz Ayres Gomes da Silva, filho de Braz Telles, com huma companhia

de

de ſoldados. Na de Choraõ, Gaſpar Pacheco, cavalleiro honrado, dos primeiros filhos de Portuguezes q̃ houve na India, com ſeſſenta homens, e em ſua companhia hum Gentio valente homem chamado Humbranà Decais, das aldeas de Pondà, vaſſallo do Idalxà, que ſe veyo pera o Governador. Saõ eſtes Decais, como Juizes, e cabeças das aldeas, e como Almotacès na repartiçaõ dellas, e eſte tinha cento e vinte piaens. E pera ficar mais à maõ pera tudo, apoſentouſe o Governador em humas caſas a Santa Luzia, e dalli viſitava todos os dias a ribeira das Armadas, onde ſe faziaõ os galeoens novos, a que dava muito grande preſſa, e expediente, e cada ſemana corria duas, e tres vezes os paſſos, e via as guardas delles, e das manchuas que andavaõ pelos rios, e iſto fazia muitas vezes de noite, pera os tomar deſcuidados, e ver a vigia q̃ tinhaõ. O Nacer Maluco tanto que teve rebate que o Governador era recolhido, tornouſe pera Pondà, e mandou reformar a fortaleza, e porque com as aguas do inverno os naõ podiaõ os noſſos hir buſcar (por eſtarem as terras alagadas) repartio os ſeus pelos paſſos fronteiros aos noſſos, donde começàraõ a fazer toda a guerra que pudèraõ, defendendo as couſas q̃ coſtumavaõ a paſſar da outra banda pera a Cidade, com o que começou de haver cariſtia de algũas. Mas onde elles metèraõ mòr cabedal foy nas terras de Salſete, que o Governador Franciſco Barreto proveo muy bem, mandando D. Jorge de Menezes Baroche com duzentos homens, pera ſe hir ajuntar com D. Pedro de Menezes ſeu primo, e ambos juntos tiveraõ alguns recontros com os imigos, que por ſerem miudos deixamos, e poſto que os imigos nelles levàraõ o peyor, todavia elles andavaõ como ſenhores da terra, e as arrecadavaõ ſem lho poderem defender, por ſerem tamanhas que chegavaõ a viſinhar com as terras do Idalxà. Aſſim que todo eſte inverno foy aos noſſos muito trabalhoſo, porque nunca deſpiraõ as armas, paſſando muitas ribeiras de noite, e terras alagadas, pera hirem dar nos imigos, que naõ dormiaõ em parte alguma ſeguros. E porque eſta guerra foy mais de trabalhos, que de proveitos naõ trataremos della mais neſta parte.

O Moratecan, que fazia guerra às terras de Bardes, tambem as inquietou muito com outros aſſaltos, a que ſempre reſiſtio Joaõ Peixoto, que là eſtava por Capitaõ com cincoenta ſoldados, e muitos piaens da terra, com que andou ſempre nos paſſos defendendo as entradas. E o que mais o inquietou, e mais danos fez por todas aquellas aldeas, foy hum Portuguez arrenegado, que andava com os Mouros, que por cobrar credito com elles ſe moſtrava muito atrevido. Eſte fez huma tranqueira fórte nos eſtremos das terras, em que ſe apoſentou com quinhentos piaens, e dalli ſahia a ſaltear os lavradores, e a roubar os naturaes, que jà com o medo delle naõ lavravaõ as terras, e a mòr parte delles eſtavaõ recolhidos nas Ilhas vizinhas a Goa, com o melhor da ſubſtancia que tinhaõ. Joaõ Peixoto, que era muito bom cavalleiro, armoulhe muitas vezes algumas cilladas, pera o haver às mãos, mas nunca pode: porque o arrenegado era muy precatado, e todos os ſeus ſaltos fazia de noite, ſem dar conta nem aos ſeus, da parte por onde havia de entrar, nem o que determinava fazer, com o que trazia ao Joaõ Peixoto muito cançado, e quebrantado. E informando-ſe do modo da ſua tranqueira, determinou de o hir cometer nella, e lançallo dalli: pera o que mandou pedir ao Governador alguma gente, q̃ lhe mandou cem Portuguezes de eſpingardas. Com eſtes, e com os que mais tinha, e duzentos piaens da terra, partio huma madrugada pera a tranqueira, que cometeò com grande determinaçaõ. E poſto que achou no arrenegado grande reſiſtencia, todavia elle a entrou com grande dano dos imigos, porque a arcabuzaria fez lugar a tudo, e o arrenegado ſe foy

recolhendo pera os matos, deixando a tranqueira que foy posta toda a fogo, sem lhe ficar nada em pè. Com este feito se recolhèraõ os nossos com alguns cativos, e fato, que na tranqueira se achou. O arrenegado, tanto que sahio da tranqueira, foy-se pelos passos das terras onde os Mouros tinhaõ gente de guarniçaõ, e ajuntou dous mil piaens, e duzentos de cavallo, e foy a talhar o caminho a Joaõ Peixoto, que ao recolher em hum passo bem perigoso deu com elle: mas como era cavalleiro, e determinado, naõ se embaraçou com cousa alguma; antes com muito acordo, e animo repartio os seus em dous esquadroens, e cometeo a passagem onde teve huma muito aspera batalha com os imigos, em que se vio perdido, mas a espingardaria fez caminho de feiçaõ, que foraõ os nossos passando ainda que com muito risco, perdendo alguns companheiros, porque chegou a cousa a se baralharem hũs com os outros, e chegarem às mãos, e aos cabellos: mas como os nossos viraõ que o remedio de todos estava em seus braços, fizeraõ muito por se ajudarem delles; e assim quasi todos misturados, foraõ caminhando grande espaço, atè que quiz Deos nosso Senhor, dèssem huma espingardada no Capitaõ da gente de cavallo, que logo o derribou morto, e hum soldado lhe cortou a cabeça, com o que os seus afracàraõ, e os nossos cobràraõ tanto animo, que voltàraõ sobre os imigos, e os fizeraõ fugir, com morte de mais de cento e cincoenta, e muitos cavallos. Joaõ Peixoto vendo desbaratados os imigos, se foy recolhendo atè Bardès, e mandou a cabeça do Capitaõ de presente ao Governador, q̃ a estimou muito, e lhe mandou os parabens do honrado succesſo que teve. O arrenegado se recolheo ferido, e naõ fez por entaõ mais assaltos, nem houve mais inquietaçoens naquellas aldeas. Neste estado deixaremos estas cousas, porque nos cabe aqui cõtinuarmos com Manoel Travassos, e Balthazar Lobo de Sousa, que deixàmos fazẽdo-se prestes, hum pera levar o Bispo à Ethiopia, e o outro pera a Ilha de S. Lourenço.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo na viagem a Manoel Travassos, atè lançar o Bispo no Porto de Arquicò. E do que succedeo ao Bispo atè Barocà.

POr muita pressa que em Goa ficàraõ dando aos navios que haviaõ de levar o Bispo, e os que haviaõ de hir á Ilha de S. Lourenço, naõ puderaõ dar à vela, se naõ Balthazar Lobo em Janeiro, e Manoel Travassos em Fevereiro. Este levava quatro navios de que atóra elle eraõ Capitaens, Pero de Siqueyra, Vasco Correa, natural de Alcacer do Sal, e Antonio Vaz, com quem hia embarcado o Bispo D. Andrè de Ouviedo, e hiaõ com elle dous Padres da Companhia: o Padre Manoel Fernandes pera Reitor, e o Padre Gonçalo Galtamas Cordovez, com alguns irmãos. Dadas estas duas Armadas à vela, foy-se Balthazar Lobo seu caminho, a que depois em seu lugar tornaremos; e Manoel Travassos por outra derrota demãdar a costa de Arabia; e aos vinte e seis de Fevereiro (que foy Quarta feira de Cinza) chegàraõ à Ilha de Sacotorà, onde o Bispo desembarcou com os companheiros, e em huma Ermida que alli estava deu Cinza, e se fez o Officio conforme ao tempo, e depois foy visitar a Igreja, que fez o Bemaventurado Apostolo S. Thomè, que estava dentro na povoaçaõ onde o Bispo disse Missa. E achàraõ alli hum Ermitaõ dos da terra com hum companheiro, que tinha hum capello de S. Francisco, que parece lhe deu algum Frade, que por alli passou. Alli se detiveraõ atè o Domingo seguinte, em que depois de ouvirem Missa se embarcàraõ, e ao Sabbado dahi a seis dias foraõ haver vista da Cidade de Adèm, do que ficàraõ enfadados, e aquella noite embocàraõ as portas do

Estreito

Eſtreito pela banda do Abexim, e ſendo jà dentro lhes deu hum temporal taõ rijo, que apartou os navios, e dalli de Ilha em Ilha foraõ tomar a de Maçuà, onde Manoel Travaſſos levava por regimento „ que naõ bulliſſe, nem alvoro„ çaſſe a terra, por ſer do Turco, e que „ pacificamẽte deitaſſe o Biſpo em Ar„ quicò, ſobre o que houve antre os ſoldados grandes motins, porque deſejavaõ de dar naquella Ilha, em que eſperavaõ tomar boas prezas, e o Biſpo com muito trabalho os apaſigou. Manoel Travaſſos por naõ ſahir do regimento que levava, ſurgio hum pouco afaſtado da Ilha porque quiz primeiro tomar fala do que là hia, e logo foraõ viſtos da terra firme, q̃ era muito perto: onde acertou de eſtar hum moço de hum Gonçalo Ferreira, que era Capitaõ, e Senhor do Porto de Arquicò, por outro nome Decano, que lhe deu o Emperador. E vendo os navios mandou logo a elles hum moço Abexim de hum Franciſco Jacome Monteiro, por quem mandou huma carta de ſeu amo ao Capitaõ mòr, em q̃ lhe dizia „ que eſtivera alli muitos „ dias eſperando por navios da India, „ por lhe parecer que viria o Patriarca; „ e que por ter novas de Turcos ſe reco„ lhera. O Biſpo a eſtimou muito, por ſaber que a terra eſtava quieta, porque do moço ſoube, que em Maçuà eſtava Soltaõ Iſmael, que era Senhor daquella Ilha, e da de Dalaca, q̃ eſtava oito leguas ao mar, e naõ tinha comſigo mais que vinte e cinco Turcos. Eſtando neſtas perguntas appareceo huma gelva, que dous dos noſſos navios foraõ demandar, e a fizeraõ varar na Ilha de Maçuà; e logo acodiraõ os Turcos com eſpingardas a defendella: o que viſto pelos noſſos ſe recolhèraõ por naõ amotinar a terra. O Soltaõ Iſmael, que tambem deſejava de naõ romper com os noſſos, ou pera melhor dizer eſtava medroſo, porque tinha pouca gente (porque eſtes nada fazem por virtude, ſe naõ por neceſſidade) arvorou logo ſobre huma guarita duas bandeiras, huma branca em ſinal de paz, e outra vermelha em ſinal de guerra: como que convidava aos noſſos qual daquellas queriaõ aceitar. O Capitaõ mòr com o parecer do Biſpo, e dos mais reſpondeo-lhe com outra bandeira branca. Neſta meſma conjunçaõ, foy o moço de Gonçalo Ferreira, que eſtava em Arquicò por Feitor, e foy recebido dos Portuguezes com cavalgaduras, que viviaõ perto, porque logo tiveraõ as novas dos navios, e com ſua vinda deſembarcou o Biſpo no porto de Arquicò, e foy recebido dos Portuguezes com grande alvoroço. Iſto foy aos dezoito dias de Março. Manoel Travaſſos tanto que deitou o Biſpo em terra, e a todos os mais que com elle haviaõ de ficar, arrecadando ſuas cartas pera o Governador, tornou a fazer vela pera a India, e no caminho lhe deſappareceo a fuſta de Vaſco Correa que foy dar à coſta por Xael, aonde os mais dos Portuguezes foraõ mortos, e elle com os mais navios chegou a Goa, e deu as cartas ao Governador Franciſco Barreto, que eſtimou muito ficar o Biſpo poſto em terra tanto a ſeu ſalvo.

E tornando a continuar com elle aquelle dia, que foraõ aos dezoito de Março, em que deſembarcou jà Sol poſto, começou a caminhar com muito regozijo, e alvoroço, levando-o os Portuguezes em meyo, e por todo o caminho o foraõ ſervindo de tudo em muita abaſtança. E porque naõ fique em eſquecimento, diremos os nomes de todos. Antonio Goes de Santarem, Franciſco Dias Machado, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Jorge Vaz, Franciſco Moreira, Diogo Moniz, Joaõ Fernandes, que foy de D. Franciſco da Gama ſegundo Conde da Vidigueira. Gaſpar Nunes, Gonçalo Soares Cardim, natural de Cintra, que foy em companhia do Biſpo, que ainda ao preſente vive, e que de là nos mandou a relaçaõ deſta jornada, e de tudo o que ſuccedeo ao Biſpo, do dia que entrou na Ethiopia atè que morreo. Ao outro dia que foy ſeſta feira chegàraõ a huma aguada

onde

onde dormiraõ; e ao Sabbado vinte do mez encontràraõ mais alguns Portuguezes, que vinhaõ em buſca do Biſpo, que eraõ Franciſco Jacome Capitaõ da guarda de ElRey, Luiz Cuſtodio, Antio Lopes de Oliveira, e Antonio de Sampayo, que traziaõ fermoſas cavalgaduras, capas de grãa, chapeos de veludo preto, muitos lacayos, e alguns criados do Barnagais com cavallos, e mulas pera o Biſpo, e ſeus companheiros, que recebeo a todos muito humanamente, e foraõ caminhando muito bem providos de tudo. Ao outro dia, que foy Domingo, houve Miſſa, e prègaçaõ com muita devoçaõ, e alegria de todos. Daqui foraõ ſempre caminhando por aldeas, e povoaçoens proſperas, e abaſtadas de mantimentos de todas as ſortes, e aos vinte e ſeis dias do mez de Março encontràraõ o Barnagais q̃ jà vinha buſcar o Biſpo, e ſe lhe lançou aos pès com muita humildade, e elle o recebeo muy honradamente, e lhe deitou ſua bençaõ, e voltou com elle, dandolhe pelo caminho todo o neceſſario a todos atè chegarem a Baroà, e o Biſpo foy levado a huma Igreja dos Abexins da invocaçaõ do Anjo S. Miguel, onde fez oraçaõ, e deitou a bençaõ a todos, e depois foy apoſentado em humas caſas muy boas, e os Portuguezes todos ao redor. Aqui ſe deteveraõ atè a Paſcoa, que cahio a onze de Abril, com muito goſto, e alvoroço, que lhes naõ durou muito; porque logo a primeira Oytava, chegàraõ novas apreſſadas, que tinha deſembarcado em Arquicò hum Baxà do Turco com muita gente, que vinha em ſoccorro do Rey de Adel, que trazia guerra com o Emperador, o que o Biſpo ſentio muito, e logo ſe poz a caminho com todos os Portuguezes pera a Corte, caminhando com muita preſſa, e tento. Aſſim o deixaremos por hum pouco, porque he neceſſario continuar com Balthazar Lobo de Souſa, que deixàmos partido pera a Ilha de S. Lourenço.

CAPITULO V.

Do que ſuccedeo a Balthazar Lobo de Souſa na viagem atè a Ilha de S. Lourenço. E da deſcripçaõ deſta Ilha, e das de Comorò. E qual ſeja a Minuthias de Ptholomeu.

PArtido Balthazar Lobo de Souſa de Goa, como atraz diſſemos no Capitulo quarto deſte quarto livro, foy ſeguindo ſua derrota atè haver viſta da Ilha de S. Lourenço, que foy coſteando pela banda de dentro; e mandou pelos navios de remo correr todos aquelles portos, pera os notarem, e ſondarem, e verem ſe havia raſto algum da gente Portugueza, que ſe por alli perdeſſe, ficando Balthazar Lobo de Souſa no rio de Manzalage commutando algumas couſas com os da terra atè ſer tempo de ſe recolher. Alguns dizem que fizera alli hum Rey Chriſtaõ cõ alguma gente ſua, de que naõ temos mais certeza, que ouvillo a ſeu filho Diogo de Souſa que lho contàra ſeu pay. E pois deſta jornada naõ temos mais que dizer, concluiremos eſte Capitulo com a deſcripçaõ deſta Ilha, e das do Comorò, que eſtaõ pegadas a ella.

Eſta Ilha de S. Lourenço, a que os eſcritores, chamaõ Madagaſcar, ſerà de duzentas e noventa leguas de comprido, e cento de largo, no mais eſtreito de cincoenta: começa em onze gràos e meyo da banda do Sul, e fenece em vinte cinco e meyo. He toda eſta Ilha povoada de humas gentes, nem taõ pretos como Cafres, nem taõ alvos como os Mouros de toda aquella coſta. Trazem os homens cabellos compridos, ſaõ muy bem proporcionados, e aſſim meſmo as mulheres. Preſume-ſe que foy jà eſta Ilha conquiſtada dos Jàos, e que ſaõ eſtas gentes meſtiços dantre elles, e os antigos naturaes, que deviaõ de ſer Cafres da outra banda da terra firme. He toda eſta Ilha ſenhoreada de muitos Reys que de contino tem guerra antre

ſi,

ſi, de que naõ temos conhecimento, porque o Sertaõ nunca foy tratado, nem viſto dos noſſos, por ſerem os naturaes todos grandes noſſos imigos, e o meſmo dos Mouros e daqui vem que por nenhum caſo os que alli vaõ ter, deſembarcaõ em terra, porque ſe os achaõ logo ſaõ mortos. Os Mouros da coſta de Melinde, que antigamente alli foraõ ter, fundàraõ duas povoaçoens, em que ainda hoje vivem ſeus deſcendentes, governados por Xeques: huma em huma Ilha que eſtà no meyo de hum rio chamado Manzalage de que logo trataremos; e a outra da outra banda de fóra em outro rio chamado Bimaro. O nome proprio deſta Ilha, porque os naturaes a nomeaõ, he Ubuque, e por eſſa a conhecem os Mouros que pera ella navegaõ, Ptholomeu lhe chama Minuthias, ou preſumem os Geografos, que he eſta a que temos as duvidas que logo diremos. Os modernos lhe chamaõ Madagaſcar, e os Portuguezes a Ilha de S. Lourenço, porque em tal dia foy deſcuberta por elles.

O rio de Manzalage que acima diſſemos eſtà em altura de dezaſeis gràos, e meyo, he grande, e fermoſo, e tem no meyo huma Ilha tamanha como a de Moçambique chamada Sada, onde os Mouros habitaõ, porq̃ em toda aquella coſta, deſde Melinde atè Çofala, e Saõ Lourenço, naõ ſe apoſentàraõ ſenaõ em Ilhas, por ſe recearem dos Cafres. He eſta parte de redor do rio Manzalage ſenhoreada de hum Rey a que chamaõ Lingi, e eſtende-ſe ſeu Reyno atè outro rio que começa da banda do Levante, a que chamaõ Duria, que eſtà em quinze gràos, e atraveſſa pelas terras do outro Rey chamado Tumgumaro, que he o mais poderoſo de todos os daquella Ilha, e faz continuamente guerra aos Reys comarcãos, e a gente que lhe cativa a manda vẽder aos Mouros que vivem na Ilha Sada, e todos vem às mãos de Portuguezes por reſgate. Deſte rio Duria pera o Norte eſtà huma enceada, a que chamaõ Sinamario, ao redor della vive outro Senhor que ſe eſtende pera o Sertaõ; e adiante pera a cabeça da Ilha da bãda do Levante corre outra enceada chamada Tarango que eſtà em treze gràos, e meyo, ſobre quem ſenhorea outro Rey. E daqui atè a ponta da Ilha, onde ella começa da banda do Levante, hà outros dous Reys, e outras enceadas, e rios. Veſtem-ſe os naturaes de huns panos feytos de palha muito fina; ſuas armas ſaõ rodellas, azagayas, e arcos: tem muitas mulheres, e ſaõ os mòres ladroens, e mais crueis que ha por toda a Cafraria. Trazem alguns daquelles rios grãdes Crocodilos, e pela coſta ha fermoſas Tartarugas, de que os Mouros fazem grande copia de ſuas caſcas, que mandaõ vender aos Portuguezes; e achaõ-ſe tambem grandes pedaços de ambar. Dà a terra muito gengivre, infinitas canas de açucar, muito mel, muito gado vacum, e o mais fermoſo que no mundo ſe ſabe: porque ha boy tamanho como dous do Alentejo, e com hum mamilho ſobre a canga que he couſa façanhoſa. Dá em ſeus campos muito arroz, milho, mungo, que he hum legume que naõ ha no noſſo Portugal, e cria muitas minas de ferro, e os matos daõ muito Sandalo branco, mas bravo, e algum vermelho, a que os Mouros chamaõ Mitiſaque, e levaõ a vender hum, e outro a Cambaya pera os Gentios ſe queimarem quando morrem. Prezaõ muito o eſtanho, ou Calaim, e val antre elles tanto como prata, pera joyas das mulheres. Fazem hum vinho de mel, e agua curado ao Sol tres ou quatro dias, com o que fica taõ forte, que logo embebeda; e chama-ſe na ſua lingua Mopata. Naõ ſe criaõ nella feras, nem bichos peçonhentos, he toda muito viçoſa, e bem aſſombrada, de bons ares, e aguas excellentes aſſim de fontes, como de rios. Tem alguns (como jà diſſemos) que eſta Ilha ſeja a Minuthias de Ptolomeu, ao que ſe nos offerecèraõ duvidas: porq̃ ſe elle tivera conhecimento deſta Ilha, tambem naõ deixàra de o dar das Ilhas

do

do Comorò taõ nomeadas : porque ſe os mercadores daquelle tempo, q̃ lhes podiaõ dar informaçoens por navegarem por toda aquella coſta de Melinde ſe viraõ humas, e outras, forçado lhe houveraõ de dar relaçaõ dellas, e naõ da de S. Lourenço ló.

E lançando ſobre iſſo noſſo juizo, nos parece q̃ a Ilha Angazijà, que he a mòr das do Comorò (de que logo trataremos) he a Minuthias: porque parece que algum navio dos da coſta de Melinde, que hia pera Moçambique, foy com algum deſgarraõ haver viſta deſta Ilha, e vendo-a de fóra grande, e fermoſa, daria della relaçaõ, e hiria de boca em boca a ter a Ptolomeu com aquella fama de ſer taõ afaſtada ao mar, e taõ grande. E que metendo-a elle em ſuas tavoas por aquella informaçaõ lhe chamaria Minuthias, por Ilha famoſa, e novamente deſcuberta. E quẽ quizer ver iſto mais claro, o farà na noſſa nova Ethiopia, onde tratamos de todas eſtas Ilhas, e quem bem conſiderar aquella Ilha que Poſſidonio eſcreve, que Eudoxo de Sirico, em tempo da Rainha Cleopatra de Egypto, diz que achou deſpovoada neſta coſta da Ethiopia, verà que naõ pòde ſer outra ſe naõ eſta de S. Lourenço. E pera melhor declaraçaõ faremos hum breve diſcurſo ſobre eſta viagem.

Eſcreve Poſſidonio, que em tempo de ElRey Evergente do Egypto, partira Eudoxo a deſcobrir a India por mar, e que voltando de là carregado de fazendas ricas, fora deſgarrado tomar a coſta da Ethiopia, que havia de ſer a de Melinde: porque iſſo acontece muitas vezes a quem parte de Calecút pera o Eſtreito do mar Roxo, como eſte partio, e que o tempo que alli eſtivera, tomàra conhecimento com os naturaes, e ainda aprendera parte da ſua linguagem. E depois hindo ter ao Egypto ſobre contas com aquella Rainha, em que ella o alcançára, lhe fora fogindo pera Africa, e de là ſe paſſára a Cales onde armàra duas embarcaçoens pera hir rodeando a coſta de Africa a buſcar aquellas gentes da coſta da Ethiopia, a quem ficàra affeiçoado, e cõ o olho nos grandes proveitos que de ſeu comercio eſperava, a que chegàra, e paſſára o Cabo de boa Eſperança. E que tornando de là achàra huma fermoſa Ilha naquelle caminho deſpovoada, que lhe parecera muito fertil, e abaſtada de aguas, e fruytas. E que por lhe parecer muito freſca, depois de chegar a Heſpanha, partira em huma nào carregada de arados, e ſementes, com alguns companheiros pera a povoarem, e cultivarem; e que ſe fora perder na coſta da Ethiopia junto do Cabo de boa Eſperança, onde dos pedaços da nào ordenàra huma embarcaçaõ em que ſe ſalvàraõ. E conſiderando nòs toda eſta viagem, por ſem duvida temos ſer aquella Ilha que achàraõ tamanha, e taõ fertil eſta de S. Lourenco, porque deſda coſta de Melinde atè o Cabo de boa Eſperança naõ ha outra tamanha, nem taõ fertil.

E jà que falàmos nas Ilhas do Comorò, daremos dellas huma breve relaçaõ. Saõ eſtas Ilhas quatro, e eſtaõ em altura de treze atè quinze gràos, e meyo. A mayor de todas he a Angarica, que ſerà de quarenta leguas de comprido, dez de largo; he taõ alta quaſi como a Ilha do Pico, faz por cima hum comoro grande, e vay deſcendo com huma ponta a tè o mar. He toda em roda muito limpa de baixos, e reſtingas, e he ſenhoreada pela fralda de Mouros Arabios daquelles que primeiro vieraõ ter à coſta de Melinde, e eſtà toda repartida em vinte ſenhorios, que continuamente tem antre ſi guerras: aqui he o principal comercio dos Mouros de Meca, porque vem todos os annos a ella muitas nàos a carregar de gengivre, e de outras mercadorias, e os Cafres naturaes daqui ſaõ muito pretos, e as mulheres bem aſſombradas, e tem nas fontes fogos como Abexins, e ſaõ eſcravos muito eſtimados de todos. As outras tres Ilhas ſe chamaõ Anjoane, e tem hum ſó Senhor, Molalle outro, e Maoto que

he

he a mayor, he tambem ſenhoreada de hum Rey, e ha nella trinta Cidades a ſeu modo, de trezentos atè quatrocentos vizinhos: he de grandes ſerras, tem muitas ribeiras de aguas excellentiſſimas, ſaõ todas de ares muy ſádios. Naõ ha nellas bicho algum peçonhento, ſaõ muy fertiles de arroz, milho, vacas, cabras, gallinhas, e de tantas canas de açucar, que ſaõ como matos bravos, muito groſſas, e fermoſas, e ſe ſe ordenarem nellas engenhos, ſeraõ taõ proſperas como a Ilha da Madeira. Ha nellas infinito gengivre, e tem diſpoſiçaõ pera tudo o que nellas ſe quizer ſemear. Hum Fidalgo honrado andou alguns annos em requerimento com ElRey D. Sebaſtiaõ, que lhe dèſſe licença pera os conquiſtar, dando-lhe navios, e artelharia, que elle buſcaria gente, e que daria a ElRey huma copia de eſcravos todos os annos pera as galez, e naõ ſoubemos os incõvenientes que ſe niſſo achàraõ: porque ainda que naõ fora mais que pera arrancar dellas os Mouros, e deſterrar o comercio de Meca, fora couſa de muita importancia; quanto mais tantos proveitos como ſe dellas podiaõ eſperar, como era o de ſe povoarem aquellas Ilhas de Portuguezes, que alli ficariaõ vivendo ricos, e da grande Chriſtandade que ſe poderia fazer, e vir por tempo a ſometer as Ilhas todas debaixo do jugo de Chriſto. Havia antigamente outras cinco ou ſeis Ilhas junto da de Maoto, que por ſerem baixas as alagou o mar, e ficaõ como baixos onde o mar quebra: tem todas fermoſiſſimos, e ſeguriſſimos portos pera todos os ventos, e capazes de nàos grandes.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo ao Biſpo D. Andrè de Oviedo atè chegar a ſe ver com o Emperador da Ethiopia, e do que com elle paſſou.

DEixàmos o Biſpo partido de Baroà com as novas q̃ lhe chegàraõ do Turco, e antes de chegarem à Corte, ſe adiantou Luiz Cuſtodio, pera hir negociar ſeus recebimentos, e por todo aquelle caminho foraõ comendo muitas gallinhas do Perù, perdizes, vacas bravas, merus, pombas, rolas, e outras aves de que por aquella terra ha infinidade, e o vinho que bebiaõ era ſerveja, e todos os dias atè o Eſpirito Santo comèraõ carne, feſtas, e Sabbados, por ſer aſſim coſtume dos Abexins, e paſſada a feſta, jejuaõ todo o mais do tempo tres dias na ſemana. Ao cabo de dez dias chegàraõ a huma Igreja do Orago de noſſa Senhora de Nazareth, onde reſidia o Patriarca que lhe mandou o de Alexandria, que era Neſtoriano, com quem ſe naõ quiz ver o Biſpo, e paſſou logo adiante atè huma feira real, que ſe chama Mantadelle, aonde achàraõ hum criado de hum Chriſtovaõ Nunes de Serpa, natural de Arouca, que agaſalhou a todos eſplendidamente.

He eſta feira de hum Mouro grande peſſoa, e muito rico que lhe rende muito, e della vay o ſal pera todo o Reino. Daqui ſe partiraõ huma quinta feira, e atraveſſáraõ huns campos muito fermoſos, em que achàraõ muitas vacas, porcos, elefantes, renocerotes, e ao Sabbado chegàraõ a huma terra, onde eſtava o Luiz Cuſtodio, que era ſua, e eſperava pelo Biſpo com tres tendas armadas, e com infinitos refreſcos de todas as ſortes de fruytas, e carnes que na terra havia, com que hoſpedou a elle, e a todos os mais muy honradamente. Era eſte homem caſado, e tinha alli ſua mulher, que naõ quiz aparecer ao Biſpo, porque era Neſtoriana, e nunca quiz ſer Catholica; mas logo houve o caſtigo diſſo, porque paſſáraõ poucos tempos que naõ morreſſe de peſte, e foy lançada no campo, onde a comèraõ os lobos. Daqui ſe partio o Biſpo à ſegunda feira, e foraõ todos caminhando por huma fermoſa eſtrada, atè chegarem a huma aldea de hum primo com irmaõ do Emperador, que ſe chamava Abitichon Acabo; e eſtava alli com outro

ſeu

ſeu irmaõ chamado Abitichon Anes (Abitichon he titulo antre elles, como antre nòs o Dom) Eſtes Senhores agaſalhàraõ o Biſpo, e todos os mais muy honradamente. Daqui foraõ caminhando por campos fertiliſſimos, e povoaçoens muy grandes, e abaſtadas de tudo. A' ſeſta feira chegou ao Biſpo o Feitor de Gonçalo Ferreyra que tinhaõ achado em Arquicò, e lhe apreſentou da parte de ſeu amo huma fermoſa tenda com ſua cerca à roda, e huma rica alcatifa, e hum eſcravo, e tres mulas: o que elle eſtimou muito. A' ſegunda feira ſeguinte chegou o meſmo Gonçalo Ferreira (que vinha pera acompanhar o Biſpo atè a Corte) e trazia huma copia de criados, e offereceo ao Biſpo, e a todos os que com elle vieraõ da India, ouro, e tudo o mais que houveſſem miſter.

Logo adiante achàraõ outro Portuguez chamado Jorge de Barros, que vinha da Corte, e trazia ſua mulher em huma fermoſa mula veſtida ao modo da terra, e por cima dos trajos hum rico bedem, e rebuçada com huma fina beatilha, que naõ appareciaõ mais que os olhos, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e o Biſpo lhes fez honras, e gaſalhados; e tornàraõ a voltar com o Biſpo atè huma aldea de Gonçalo Ferreira, que hia com elles, onde foraõ agaſalhados, e banqueteados eſplendidamente. Aqui veyo ter com o Biſpo hum Portuguez, chamado Joaõ Gonçalves que tambem trazia ſua mulher, que era Abexim, de caſta principal, e rica, e vinha em huma fermoſa mula, cuberta com hum pano de borcado, que lhe ficava como gualdrapa, e ella com huma roupa larga de veludo negro, e por cima hum fermoſo bedem, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e calçoens até os pès, mouriſcos de ſeda com muitos botoens de ouro, trajo que as ſenhoras Abexins uſaõ, e nos braços muitas manilhas de ouro maciſſas; e o marido vinha em huma boa mula, e trazia hum fermoſo ginete à deſtra, e elle veſtido cuſtoſamente, e na cabeça barrete preto com golpes, e pontas de ouro à Portugueza antiga. Com elle vinha outro Portuguez chamado Manoel Gonçalvez em hum cavallo, com huma bèſta no arçaõ, e trinta lacayos de eſpadas, rodellas, lanças, e eſpingardas. Eſta gente recebeo o Biſpo honradamente, e à mulher de Joaõ Gonçalvez fez particulares gaſalhados, e todos voltàraõ com elle, que hia louvando a Deos por ver naquella terra taõ diſtante, e apartada Portuguezes caſados, taõ ricos, contentes, e taõ zeloſos de agaſalharem, e ſervirem ſeu Prelado.

Hindo aſſim, chegàraõ a huma Igreja da invocaçaõ da Santiſſima Trindade, rica, e em bom ſitio, rodeada toda de fermoſos acipreſtes com muitos Conegos que tem arrezoada renda. E antes della hum eſpaço ſahiraõ hum golpe de Portuguezes viſinhos, e moradores daquellas aldeas, e povoaçoens, e foraõ beyjar a maõ ao Biſpo, e ſe lhe offerecèraõ pera o acompanhar. E dia da Aſcenſaõ pela manhãa chegàraõ a huma Provincia muito freſca chamada Guimite Jorge, onde fizeraõ a feſta, e todos aquelles Portuguezes ſe confeſſáraõ, e cõmungàraõ. Aqui paſſáraõ aquelle dia, e outro, e tornàraõ a caminhar, e ao Sabbado ſeguinte encontràraõ Gaſpar de Souſa de Lima, Capitaõ de todos os Portuguezes, e com elle hum Azaguereito do conſelho do Emperador, que da ſua parte hia viſitar o Biſpo, que eſtavaõ em hum fermoſo campo em tendas armadas paſſando a ſéſta. O Biſpo que jà ſabia delles, mandou tambem armar ſuas tendas hum pouco afaſtado, onde Gaſpar de Souſa de Lima com o Abexim logo o foraõ viſitar da parte do Emperador, e lhe apreſentàraõ vinte mulas, que elle mandou repartir pelos que vieraõ com elle da India, e fez muitas honras ao Abexim, e o aſſentou apar de ſi, e eſteve ſabendo da ſaude do Emperador, do lugar em que eſtava.

Eſtando aqui, ao outro dia foraõ ter com

com o Biſpo, Affonſo de França Moniz, Diogo de Alvelos da Azinhaga, Simaõ do Soveral, Alvaro da Coſta da Covilhãa, Portuguezes da companhia de Dom Chriſtovaõ da Gama, e eraõ grandes privados do Emperador, e todos beyjàraõ a maõ ao Biſpo, e elle os recebeo com muito amor, e caricias, e todos lhe deraõ a obediencia como a ſeu Prelado. Daqui ſe abalou o Biſpo acompanhado de todos aquelles Portuguezes, que era couſa fermoſa de ver, porque antre os Abexins luſtravaõ tanto (pela diverſidade, e riqueza dos trajos, mulas, cavallos, criados, tendas, ſerviço, e tudo o mais) que pareciaõ elles os ſenhores da terra. E hindo aſſim caminhando, foraõ dar em huma fermoſa ribeira, e de longo della tinhaõ os mais daquelles Portuguezes quintas, e caſas de prazer muito freſcas; principalmente Gonçalo Ferreira, que o mais do tempo reſidia alli, e elle levou o Biſpo, e todos os que o acompanhavaõ, pera ſua caſa, e os banqueteou eſplendidamente.

O Emperador, que tinha correyos poſtos por paragens, foy logo aviſado, que o Biſpo era chegado à ribeira, e mandou por hum correyo chamar Franciſco Jacome pera ſe informar do caminho do Biſpo, e de ſuas couſas, e o tornou logo a deſpedir com recado de como jà eſperava por elle muito alvoroçado, com o que elle ſe apreſſou mais, atè chegar a hum fermoſo rio chamado Axè, que traz infinito peixe de differentes ſortes, aonde armàraõ tendas, e deſcançàraõ. Alli chegàraõ todos os mais Portuguezes, que andavaõ com o Emperador, que eraõ da ſua guarda, e eſtavaõ de contino à porta da ſua tenda, e beyjàraõ a maõ ao Biſpo, que folgou de os ver. Naquelle rio eſtiveraõ atè o Domingo do Eſpirito Santo, em que chegàraõ todos os Senhores, e Grandes da Corte, pera acompanharem o Biſpo, por mandado do Emperador, que eſtava da outra banda do rio, a quem elle fez muitos gaſalhados, e todos lhe beyjàraõ a maõ com grande humildade, e no meyo dos mais honrados foy levado ao Emperador, que eſtava em huma tenda branca redonda, toda alcatifada de alcatifas grandes, e fermoſas, e elle deitado em huma camilha, veſtido em hum bedem em cima de huma camiſa mouriſca, e na cabeça hum chapeo de veludo preto, e huns calçoens de tafiçira da Perſia calçados. Era homem largo, preto, de olhos grandes, e de preſença veneranda. O Biſpo entrou com os Padres junto comſigo, e ſe apreſentou ao Emperador, e lhe beyjàraõ a mão, e elle os recebeo com gaſalhado, mandando aſſentar o Biſpo junto à camilha em hum coxim de cordovaõ, que eſtava ſobre huma muito rica alcatifa de ſeda, e logo abaixo os Padres, e Gaſpar Nunes que hia por Embaixador, q̃ ao beyjar da maõ ao Emperador lhe apreſentou as cartas de ElRey, e do Governador da India Frãciſco Barreto, e hum rico roupaõ de eſcarlata com muitos botoens de pedraria, e algumas couſas outras curioſas q̃ elle naõ feſtejou muito. O Emperador depois de ſaber do Biſpo da ſaude de ElRey, do Governador, e da ſua viagem, o deſpedio, e elle ſe foy a ſuas tendas, que eſtavaõ a huma parte do campo, e os ſoldados, que da India tinhaõ vindo com o Biſpo, os levàraõ os da terra por hoſpedes, mandando o Emperador prover a todos de tudo em muita abundancia.

CAPITULO VII.

De como D. Duarte Deça Capitaõ de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma aſperiſſima prizaõ. E das grandes guerras que por iſſo ſe levantáraõ em todas aquellas Ilhas contra os noſſos Portuguezes.

NAõ pareça que nos temos deſcuidado nas couſas de Maluco, com que himos cõtinuando todos invernos: porque naõ foy ſenaõ por eſtes dous annos

nos atraz naõ ſuccederem couſas dignas de lembrar, e de ſe pejar o tempo com ellas. E porque houve muitas outras em differentes partes em q̃ o houvemos miſter, o deſpendemos, e gaſtamos nellas. Mas agora que ſuccedèraõ muitas, e q̃ foraõ cauſa de ſe vir a perder aquella fortaleza, continuaremos com ellas por ſua ordem.

Deixàmos D. Duarte Deça o Abril paſſado de cincoenta e cinco partido pera Maluco, onde chegou o Novembro ſeguinte, e tomou poſſe da fortaleza, começando logo a correr com ſua obrigaçaõ, e a tratar de ſua fazenda, como os mais dos Capitaens hoje fazem, pera o que jà partem de Goa com regimentos, e ordens pera iſſo, que naõ faltaõ curioſos que lhas daõ, porque tambem niſſo tratàõ de ſeus proveitos, ainda que ſeja à cuſta das almas dos meſmos Capitaens, de que lhe a elles dá bem pouco. Aſſim eſte Capitaõ começou a querer tomar todo o cravo da Ilha Maquiem, que aquelle Rey tinha ſeparado pera as deſpezas de ſua caſa, como jà diſſemos na quinta Decada. E como elle vio que lhe queria D. Duarte Deça tomar o ſeu, foylhe à maõ, ſobre o que ſe começàraõ os deſgoſtos, que foraõ o principio da perdiçaõ daquella fortaleza, como na undecima Decada ſe verà. D. Duarte que era teimoſo, forte, e trabalhoſo de condiçaõ, e eſtava cego com ſua cobiça (e com iſſo naõ faltàraõ màos homens, que acendèraõ mais eſte fogo) tratou logo de ſe vingar de ElRey, e de o prender. E naõ dando conta do que determinava a peſſoa alguma, mandou hum dia chamar ElRey, e Cachil Guzarate ſeu irmaõ, e como os teve na fortaleza os prendeo, e mandou meter em huma logea da torre, que ſervia de celleiro do cravo, que eſtava fedorentiſſima, e chea de baratas, e lagartixas, e outros bichos peçonhentos, e ainda aqui lhes mandou lançar groſſiſſimos adobes, e fechados em correntes pelas azas de cameras de falcoens, com o que ficàraõ taõ inhabilitados, que ſe naõ podiaõ mover de huma pera outra parte, clamando, e gritando, e dizendo laſtimas, que pudèraõ fazer compadecer peitos de feras. E naõ contente ainda D. Duarte Deça com iſto, mandou tambem trazer a velha mãy, que era huma Senhora muito honrada, e a meteo com elles, lançando fama, que ſe carteavaõ com a Rainha de Japorà, na coſta da Jaoà, pera lhe entregarem aquella fortaleza (eſtando todos bem innocentes daquelle crime, de que os accuſava) E como ſua tençaõ era matallos alli à fome, defendeo que ninguem lhes dèſſe de comer, nem de beber; o que elles ſentiraõ ſobre tudo: porqne eſtavaõ na caſa do cravo, de que comiaõ por neceſſidade, que lhes aſſava os bofes, ſem lhes quererem dar huma pouca de agua pera lhes matar aquelle fogo, nem ſe apiadarem dos gritos, e laſtimas que de dentro diziaõ. E alèm deſtas deshumanidades, os eſcravos todas as manhãas hiaõ purgar os ventres à porta da banda de fóra; o que faziaõ com ſujidades, e palavras indignas de ſe nomearem.

Vendo os Padres, e o Provedor com a Irmandade da Miſericordia tão aborrecidas cruezas, ajuntàraõ o povo, e foraõ fazer proteſtos, e requerimentos ao Capitaõ, pera que ſoltaſſe ElRey, affirmandolhe „ que eſtava ElRey inno- „ cente do que lhe alevantavaõ, e que „ naõ dèſſe com iſſo occaſiaõ a huma „ grande deſaventura, porque jà havia „ atoardas que o Rey de Tidore fazia „ preſtes ſuas Armadas pera ſe ajuntar „ com os Ternates em favor de ſeu Rey: „ e pera porem cerco àquella fortaleza, a que D. Duarte Deça naõ deferio couſa algũa, dizendo „ que os naõ podia ſol- „ tar, porque tinha delles culpas gra- „ ves. Vendo elles aquella teima, e injuſtiça lhe pediraõ „ que ao menos lhes „ dèſſe licença pera os ſuſtentarem na „ priſaõ, porque naõ era juſto que os „ mataſſe à fome, e à ſede, que era hum „ genero de morte, que nem barbaros „ a davaõ a ſeus imigos. O que elle lhes concedeo, e dalli por diante ordenàraõ

antre

antre si „ que a Misericordia dèsse huma „ semana de comer aos prezos, e outra os „ moradores. E assim foraõ continuando, com o que os pacientes se consolavaõ jà alguma cousa. Mas como D. Duarte Deça estava encarniçado no odio, naõ quietava, nem repousava em buscar modos pera matar os pobres prezos, atè ordenar „ que se lhes lançasse peço- „ nha na agua que lhes mandavaõ, co- „ mo lhes fizeraõ duas vezes, que El-Rey logo conheceo por virtude de hum anel que comsigo trazia, que era de tal confeiçaõ, que se na casa em que estivesse, entrasse alguma peçonha, logo mudava a cor, como lhe fez de ambas as vezes. Os Governadores do Reino, tanto que viraõ o seu Rey prezo, mandàraõ requerer por muitas vezes ao Capitaõ „ que lho soltasse, e que naõ o querendo „ fazer, elles protestavaõ de lhe naõ „ prejudicar em todos os modos que „ pera isso buscassem, e que dos danos „ que disto resultassem, elle daria conta „ ao Rey de Portugal, a que elle nada deferio. Vendo elles aquillo, concertàraõ se com o Rey de Tidore seu genro, pera os ajudar na guerra que ordenàraõ de fazer à fortaleza, pera que começàraõ a fazer seus preparatorios, e lançàraõ suas corocoras ao mar, e ElRey de Tidore fez o mesmo, e em pessoa se embarcou pera começar à proseguir na guerra.

E como era mão, e manhoso, jugou lanços de ladraõ, que foraõ apoderarse de muitos lugares de ElRey de Ternate, com tençaõ de se fazer senhor de todo aquelle Reino; o que lhe fora muito facil, se tomàra a fortaleza, como pretendia: porque entaõ ficava-lhe ElRey nas mãos, e elle senhor de tudo. Os Ternates ajuntàraõ seu poder, e foraõ pòr cerco à fortaleza, dando-lhe tantos, e taõ continos assaltos, que se vio D. Duarte Deça muy apressado, e arriscado, e o em que mais cuidado puseraõ, foy na prohibiçaõ dos mantimentos, pera que nem por mar, nem por terra pudessem passar à fortaleza; com o que começàraõ a faltar, e os nossos a passar necessidades. Vendo se D. Duarte Deça taõ apressado, foy lhe necessario valerse do mòr imigo que aquella fortaleza tinha, que era Cachil Guzarate Sangage de Geilolo, a quem Bernaldim de Sousa destruhio de todo tirandolhe o nome de Rey, como na sexta Decada no Capitulo decimotercio do nono livro fica dito. E pera mais o obrigar lhe mandou huma provisaõ em nome de ElRey de Portugal „ em que lhe tornava o titulo „ de Rey, e o libertava das pareas que „ era obrigado a pagar.

Isto moveo tanto aquelle Sangage, que lançou logo suas corocoras ao mar, pera hir soccorrer D. Duarte Deça, e se começou outra vez apellidar Rey de Geilolo. No mesmo tempo despedio D. Duarte Deça hum Padre da Companhia, chamado Antonto Vaz, homem letrado, e virtuoso, que ainda *hoje* vive na casa dos professos de Goa „ pera que „ fosse à Ilha de Bachaõ a pedir ajuda „ àquelle Rey assim de gente, como de „ mantimentos, porque era amigo dos „ Portuguezes. Esta jornada foy de tanto proveito, que não só fez o Padre com ElRey que provesse a D. Duarte Deça de mantimentos honestamente, mas ainda o convidou pera as Bodas do Senhor, porque achando-o domestico, e capaz, o rendeo, e catequizou, e depois o fez Christaõ com muita solennidade, e a outros muitos do seu Reino. E por estas santas obras, e por outras, que estes Religiosos, e os de todas as mais Religioens andaõ obrando por todo este Oriente, permite Deos, que as fortalezas da India estejaõ em pè, e que se sustentem, deixando o castigo das tyrannias de alguns Capitaens só pera elle; porque huns não acabaõ de lograr o que dellas injustamente tiraõ, e outros não lhes chegàraõ a luzir nem em filhos, nem em netos.

E tornando a nosso fio. A guerra se foy continuando por terra, e por mar, por onde o Rey de Tidore andava com sua Armada, fazendo todos os danos

que podia. Nas corocoras de Ternate andava por Capitaõ mòr Cachil Labuzaza, primo de ElRey, muito grande cavalleiro, que depois ſe fez Chriſtaõ, e ſe chamou D. Henrique, e por ſeus muitos ſerviços lhe mandou ElRey D. Joaõ o habito da Cavallaria de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e o cargo de Pandarà de Malaca, onde viveo caſado, e com filhos, e fez tantos ſerviços, quantos pelo diſcurſo de noſſas Decadas ſe veraõ. Eſte homem fez muita guerra entaõ àquella fortaleza, e pelejou com algumas fuſtas que D. Duarte Deça armou, e com ellas, e com os ſoccorros que lhe vieraõ de Geilolo, de Bachaõ, e de outras partes, a que tambem acodio Gonçalo Pereira Governador de Momohia com algumas corocoras, e mantimentos, ſe foy ſuſtentando. E como foy tempo deſpedio a nào S. Joaõ, de que era Capitaõ Franciſco de Barros com a carga do cravo pera a India, por quem eſcreveo ao Capitaõ de Malaca „ que o mandaſſe ſoccorrer com „ muita preſteza: e o meſmo fez ao Governador, dando-lhe conta de tudo o paſſado, pondo àquelle Rey crimes que elle nunca cometeo: mas naõ faltou tambem quem lhe eſcreveſſe a verdade deſte caſo. Neſte eſtado deixaremos a guerra, que deu bem de trabalho aos noſſos.

CAPITULO VIII.

Da differença q̃ ha antre Perſas, e Arabes ſoore a opiniaõ de ſuas ſeitas. E de como o Rey da Perſia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condiçaõ que ſeguiſſem ſua ſeita.

NA noſſa quarta Decada no Capitulo primeiro do livro decimo, onde falamos na ſeita que ſeguem os Magores, dèmos brevemente conta de ſua ley: agora ſerà neceſſario declararmos iſto melhor, pera a materia que havemos de tratar. Pelo que ſe ha de ſaber que por morte de Mafamede (em que os mais dos eſcritores variaõ na conta do anno em que foy) deixou nomeado em ſeu teſtamento por ſeu ſucceſſor, e cabeça da ſua doutrina, Alè filho de Sabutabel, irmaõ de ſeu pay: aſſim por ſer ſeu primo com irmão, como por ſer ſeu genro, caſado com Fatima filha de ſua primeira mulher, de que tinha dous filhos naſcidos de hum ventre chamados Hacem, e Hocem, e lhe deixou encomendado que tomaſſe a dignidade de Califa, que he como a do Summo Pontifice antre nòs. Iſto tomou mal Abubar ſogro de Mafamede, em cuja caſa elle morreo, porq̃ houve que lhe pertencia a elle melhor aquella dignidade, aſſim por ſogro delle Mafamede, como por ſua idade, authoridade, e poſſe, porque era muito poderoſo. E ajuntando ſe com dous parentes ſeus de muita poſſe chamados Homar, e Othomaõ, perſeguiraõ o Alè de feiçaõ, que o deſterràraõ, e por conſentimento de todos foy logo levantado o Abubar por Califa. Neſta dignidade viveo pouco, e ſua morte naõ careceo de ſoſpeitas de peçonha, que diziaõ mandarlha dar Homar; porque tanto que elle faleceo ſe alevantou com o Califado quaſi por força. Eſte viveo com aquelle titulo dez annos e meyo, e foy morto eſtando na Meſquita por hum eſcravo ſeu, e affirmouſe que por ordem do Alè, que eſtava recolhido na Cidade de Cufa, e por ſua morte ſe alevantou Othomaõ, allegando pera iſſo que fora duas vezes genro de Mafamede, como defeito foy caſado com duas filhas chamadas Coſulma, e Roqueya, que morrèraõ em vida do pay. Eſte tambem viveo pouco, porque foy morto em humas alteraçoens que houve no Cairo, e por ſeu falecimento ſe ajuntàraõ os Grandes a conſelho, e por parecer de todos (tirando o de Mauhia Capitaõ de Othomaõ) foy chamado Alè, cujo era de direito o Califado, e o aſſentàraõ na cadeira daquella dignidade, e o Mauhia, que ficou de fóra, e era poderoſo, o perſeguio com guerras gran-

grandemente, e por fim o mandou matar aos ſeis mezes de ſeu governo, e là teve induſtria com que ſubio à dignidade do Califado, em que viveo doze annos, e tres mezes; em ſua vida renunciou a dignidade em ſeu filho Lazit, q̃ governou, temendo-ſe de Hocem, que era outro filho de Alè, e teve induſtria cõ que o mandou matar. Eſte Lazit foy muito mào homem, perverſo, e havido por herege, porque vivia como Gentio.

Ora vamos a Hocem que elle fez matar, a quem ficàraõ doze filhos chamados, Zeinal, Mahamed, Bager Mahamed, Jafart, Muſa Caſim, Muſi Ali, Muſera Ali, Mahamed Tangui, Mahamed Alivaugi, Ali Hocem, Aſqueri Hacem, e Mahamed Mahedi mais moço, affirmaõ os Perſas que naõ morreo; e q̃ eſte ainda ha de vir declarar a verdade de todas as opinioens que antre elles, e os Arabios ha, e que ha de converter o mundo todo à ſua doutrina, e que eſta converſaõ ha de começar em Maxadali, onde Alè ſeu avò eſtà enterrado. E eſta he a razaõ, porque naquella Meſquita tem continuamente hum cavallo ſellado eſperando por elle, pera como alli chegar, cavalgar logo. Eſte cavallo tanto que ſe eſconde o Sol, logo o levaõ à Meſquita com muitas luminarias, e em huma feſta feira do anno o fazem com grandes ceremonias, e oraçoens a Mafamede, pedindo-lhe „ que acabe jà de „ mandar ſeu neto a declarar as duvidas „ que antre elles, e os Perſas havia, ſo„ bre quem fora o verdadeiro Califa: ſobre o que havia de contino antre elles guerras, porque os Perſas ſuſtentavaõ, e ainda hoje o fazem, que ſó o Alè o foy legitimamente, e que os mais foraõ ciſmaticos, tyrannos, e alevantados, e por iſſo tomàraõ aquelle appellido de Xiay, q̃ quer dizer uniaõ de hum corpo, porque eſtavaõ ſempre com as armas nas mãos pera ſuſtentarem ſua opiniaõ.

Os Arabios pelo contrario affirmaõ, que elle naõ fora Califa, e que os outros o foraõ legitimamente eleitos, e que os Perſas ſaõ os que vivem errados em ſua opiniaõ, e contra elles tomàraõ aquelle appellido de Sonijs, de q̃ ſe tanto prezaõ, que quer dizer ſeguidores, ou ſuſtentadores da verdade. E quando nomeaõ os Perſas, lhes chamão Rafaſis, que he o meſmo que chamarlhes homens errados, e deſencaminhados. Eſtas duas opinioens ſeguem todos os Mouros aos Arabios daquella parte de Africa, Mauritania, Berberia, e todos os que ſe eſpalhàraõ por Heſpanha, e os que vivem por toda a Provincia do Egypto, Abaſſia, Coſta de Melinde, Moçambique, Çofala, e em todas aquellas Ilhas, e todos os Turcos, Rumes, e todos os deſtas partes da India atè Maluco: porque como os Arabios foraõ homens que ſe deitàraõ à navegaçaõ, e paſſàraõ atè o Oriente, e por todos os Reynos delle, aſſim nas tertas firmes, como nas Ilhas todas, achando os Gentios faciles, e domeſticos, lhes prègaraõ a largueza de ſua ſeita, a que logo todos ſe convertèraõ, eaſſim os ſeguem todos eſtes Reys do Decan, de que jà dèmos razaõ quando tratàmos do tempo em que os Mouros conquiſtàraõ aquelles Reynos.

Neſta ley vivèraõ atè eſte inverno de cincoenta e ſete, em que andamos, atè que o Xathamàs Rey da Perſia, filho de Xaiſmael, zeloſo da obſervaçaõ de ſua ſeita, mandou no principio deſte anno alguns Perſas muito doutos em companhia de Embaixadores muito graves, e com grande apparato a todos os Reys do Decan pera os perſuadirem a receber ſua ſeita, e a ſeguirem Alè ſeu Califa, e pera mais os obrigar, lhes mandou a todos o titulo de Xàs, de que lhes paſſou ſuas patentes, e formoens. Eſtes Embaixadores foraõ nas nàos de Ormuz ter a Dabul, e dalli correràraõ às Cortes do Miraõ, Verido, Zamaluco, Idalcan, e Cota Maluco, e deraõ aquelles Reys ſuas Embaixadas, e prègaraõ ſua opiniaõ, a que foy muy facil de os render, e começàraõ logo em ſuas Meſquitas a rezar de Alè, e a clamarem por elle em ſeus Alcoroens, appellidando-ſe dalli em diante Sonijs, e com iſſo ſe intitulà-

raõ Xàs, que elles houveraõ por muito grande honra, e nòs aſſim lhe chamaremos na noſſas Decadas daqui em diante, deixando o titulo de Cais, de que atègora uſáraõ, e que com mais razaõ ſempre lhes cabe deſtes do Zamaluco Rey de Chàul (que ſerá de agora por diante Nizamoxà) Faremos aqui huma breve relaçaõ, jà que a temos feito de todos os Reys de Viſapòr, que ſaõ eſtes que viſinhaõ com noſco neſta parte de Goa, o que faremos neſtoutro Capitulo por ſer mais folgado aos leitores.

CAPITULO IX.

De huma relaçaõ de Nizamoxà, e de ſua morte. E de como o que lhe ſuccedeo no Reyno ſe ajuntou com o Cutubixà contra o Idalcan, e largou o Inizamoxà ao Mealecan que tinha prezo.

NO Capitulo quarto do decimo livro da quarta Decada dèmos larga conta daquelles cinco Capitaens que ſe alevantàraõ com todo o Decan, que antre ſi repartiraõ em Reinos, e deſtes coube aquella parte que jaz de Cifardaõ atè o rio Nagotana, que he pelo rio de Carania dentro, a Nizaman Maluco, a quem erradamente chamamos Zamaluco, cujo proprio nome era Boran. Eſte diziaõ que era filho de Daudar Soltaõ, legitimo, e verdadeiro Rey de todos eſtes Reinos: porque affirmaõ que huma mulher que elle deu ao pay deſte Boran, que era ſeu Capitaõ, jà hia prenhe delle. E aſſim depois que eſte herdou o Reino, tomou por apellido, e por armas hum falcaõ, dizendo que aſſim como eſta ave era mais real que todas, aſſim elle o era antre os Reys do Decan, que foraõ eſcravos de ſeu pay. Eſte Boran Soltaõ foy o mais valeroſo, franco, liberal, e mais juſtiçoſo Rey de todos os de ſeu tempo, e dos viſinhos. E em principio do governo de Affonſo de Albuquerque foraõ ter ao porto de Chàul (que era ſeu, e onde elle acertou de ſe achar) doze Portuguezes, que vinhaõ de Cambaya em hum navio ſeu; e vendo-ſe com ElRey, elle os agaſalhou bem, folgando tanto de os ver, que lhes quitou os direitos de ſuas fazendas, e lhes rogou „ que ſe apoſentaſſem na„ quella parte, em que hoje eſtà a noſſa „ Cidade de Chàul, e que elle os liber„ taria dos direitos, e naõ ſó a elles, mas „ ainda a todos os mais que alli foſſem „ viver, e que lhes faria outras honras, „ e favores, de que lhes mandou paſſar hum largo formaõ.

Por eſtas liberdades ſe deixàraõ alli ficar aquelles homens, e ſe apoſentàraõ naquella parte em que hoje eſtà a Cidade, e depois poucos, e poucos ſe lhes foraõ ajuntando outros, e fizeraõ alli huma colonia de Portuguezes, e daqui teve principio eſta povoaçaõ de Chàul, e as liberdades que ſeus moradores, e todos os mais tem em os direitos de ſuas fazendas, ſegundo huma lembrança que nos mandou, tirada dos tombos da Corte daquelle Rey, hum Antonio de Aguiar, que ha muito vive nella Mouro, chamado Islancan, homem eſperto, e pratico em muitas linguas, com quem cõmunico por cartas, e delle me informo das couſas daquella Corte de que ſempre deu muito boa razaõ.

Eſte Rey Boran Soltaõ ficou ſempre taõ affeiçoado aos Portuguezes, que paſſãdo por Chàul o Governador Diogo Lopes de Siqueira, lhe concedeo lugar pera fazer fortaleza, onde ainda hoje eſtà, porque folgou de ter os Portuguezes em ſeu Reino pela fama que corria de ſeu valor, e eſforço, porque era taõ affeiçoado aos bons cavalleiros, e aos homens doutos, que em lhe vindo fama de algum nos Reinos viſinhos, logo o mandava buſcar, e lhe fazia muitas honras, e mercès; com o que concorrèraõ em ſeu tempo todos os bons Capitaens, e doutos em ſuas ſciencias, que paſſáraõ de todos os Reinos eſtranhos a eſte. E de dentro de Conſtantinopla mandou trazer hum afamado fundidor, que lhe fez duas mil bombardas

das de bronzo, e ferro, com que se fez temido a todos os visinhos. Foy muito doente do mal de S. Lazaro, pera o que buscou todos os remedios possiveis, atè se banhar em sangue de meninos, mandando matar muitos pera este effeito, e encher grandes banhos delle (por lhe fazer crer hum feiticeiro que com isso sararia) mas naõ lhe valeo, porque veyo a morrer aborrecido do mesmo mal taõ nogento os annos passados de mil quinhentos cincoenta e cinco, tendo reinado cincoenta e oito.

Tinha este Rey muitos filhos, e jà em sua vida sentia alteraçaõ nos Capitaens, e andarem bandeados huns a huns, e outros a outros, e receando-se que por sua morte houvesse muy grandes divisoens, mandou chamar hũ Portuguez, q̃ desde tempo de Nuno da Cunha andava em seu Reyno, que dizem alguns que fora bombardeiro, e se chamava Sancho Pires, e là se fez Mouro, e lhe puseraõ nome Tringuican, e lhe pedio que tanto que elle morresse, fizesse alevantar por Rey a seu filho mais velho chamado Uzen, e alli lho entregou logo, porque só delle fiava aquelle negocio, e o Sancho Pires lhe disse que assim o faria, e que nisso lhe havia de pagar as honras, e mercès que delle tinha recebido. Era este homem taõ valeroso por seu braço, q̃ se pòde meter no conto dos famosos que houve no mundo, porque chegando só, e homisiado àquelle Reyno, assim deu logo tamanhas mostras de seu valor, que lançou ElRey maõ delle, e o fez Capitaõ da gente de cavallo, em que tambem deu tal conta de si, e deu taõ verdadeiras mostras de seu esforço, que veyo a ser General de todo o Reyno, e o principal dos do conselho de ElRey, que lhe deu tantas terras, e rendas, que sustentava dez, e doze mil homens de cavallo, e assim era taõ temido de todos os Capitaens, e Mouros, que naõ havia quem lhe naõ fizesse veneraçaõ, e se lhe naõ baqueasse.

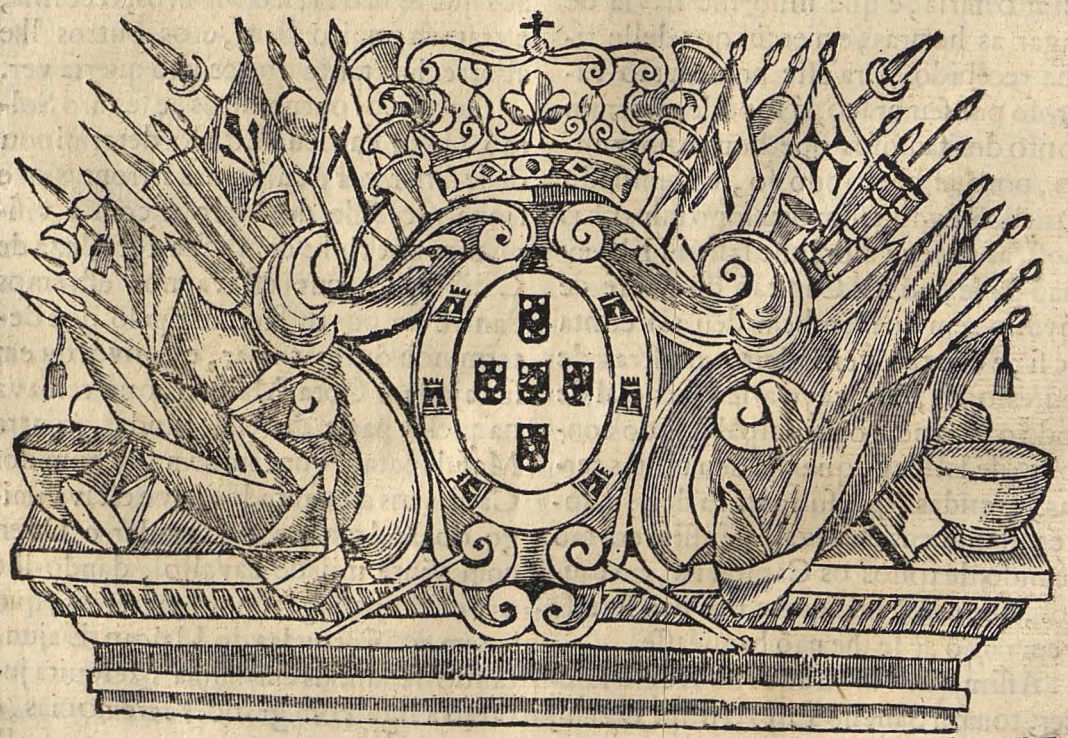
Assim que vindo aquelle Rey a falecer, tomou Sancho Pires o filho Uzem, e o poz na cadeira do pay, e o fez levantar por Rey a pezar de todos os outros Capitaens, que estavaõ divididos em bandos pelos outros filhos: mas elle teve tal maneira, que por força fez vir todos a darlhe obediencia, e quietou os tumultos, ficando em companhia do Rey, governando o Reino com tanta prudencia, e valor, que naõ houve visinho que ousasse a bullir com elle, e assim se fez poderoso, e temido, e taõ respeitado, que se se quizera fazer Rey, sem duvida o fora. E se este homem naõ escurecèra seus feitos com a negaçaõ que fez da fé morrendo Franguican, puderaõ elles ser havidos no mundo por espantosos, e nòs deixàramos delle hũa memoria, que nunca se acabàra, porque foraõ seus feitos tantos, e taes, que bem puderaõ occupar a mòr parte desta nossa setima Decada, mas fique assim com isto, pois naõ foy merecedor de mais. Huma cousa naõ he bem que se lhe negue, e foy que todos os Portuguezes, que em seu tempo foraõ fogidos pera Visapòr, e se queriaõ fazer Mouros, elle lho estorvava, pondolhes diante as obrigações que tinhaõ à Ley de Christo, persuadindo-os a viverem nella, e aos que se naõ faziaõ Mouros, recolhia, e tratava muito bem, e os outros lhe aborreciaõ tanto que os naõ queria ver.

Quietados os tumultos, e seguro Soltaõ Uzen em seu Èstado determinou de se satisfazer de algumas affrontas, que tinha recebido do Idalcan com a visinhança que tinha com a sua fortaleza de Calibraga, que estava nos estremos dantre ambos os Reinos: pelo que determinou de lha tomar, e convocou em sua ajuda o Cota Maluco, que reinava naquella parte de Galecunda, contra Masulepataõ, que tambem foy hum dos Capitaens alevantados, que estava imigo do Idalcan, e foy ajudar o Uzen com vinte mil de cavallo, dando-lhe o Veridò passagem por suas terras, que jazem ao Norte das do Idalcan. E ajuntando-se ambos em huma Mesquita juràraõ a liga com grandes ceremonias, e

alli

alli naquelle auto pedio o Cota Maluco a Uzen „ que lhe fizeſſe mercè de „ mandar ſoltar o Mealecan, que eſtava „ prezo na ſerra de Baula, e o deixar hir „ pera ſua mulher, e filhos, porque bem „ lhe baſtavaõ ſuas deſaventuras. Vendo Uzen, que aquelle Rey lhe pedia aquillo naquelle tempo, em que naõ era licito negarlho, lhe diſſe „ que pelo ſer- „ vir o faria. E naõ querendo o Cota Maluco, que aquelle negocio ficaſſe pera depois, lhe diſſe „ que logo lhe mã- „ daſſe paſſar hum formaõ pera o entre- „ gar a hum Capitaõ, que a iſſo manda- „ ria, porque as mercès que ſe logo fa- „ ziaõ, eraõ de mór preço, e goſto, aſ- „ ſim pera quem as fazia, como pera „ quem as recebia, o que lhe ElRey Uzen naõ negou, e logo lhe paſſou o formaõ que pedia, em que „ o mandava „ ſoltar, e que lhe dèſſem dinheiro pera „ as deſpezas, e alguns cavallos pera ſua „ peſſoa; com o que Cota Maluco deſpedio hum Capitaõ ſeu, a quem o Amircan (que o tinha em poder) o entregou com tudo o que lhe mandavaõ dar, e com elle ſe partio logo pera Chàul, e là o entregou a Garcia Rodrigues de Tavora, que era Capitaõ, que como veyo o veraõ, o mandou pera Goa ao Governador.

Feitas, e juradas as conjuraçoens, abalàraõ aquelles Reys contra a fortaleza de Calibraga, e aſſentàraõ de redor della ſeus exercitos, e a começàraõ a bater, tudo por ordem de Sancho Pires, que era General. O Idalcan ſendo aviſado da cõjuraçaõ deſpedio muitos Capitaens dos que tinha pera mandar ſobre Goa, e os mãdou ſoccorrer aquella fortaleza, e elle ſe poz em campo pera o fazer em peſſoa ſe foſſe neceſſario. O Sancho Pires na bataria que deu à fortaleza, lhe derribou hum lanço de muro, por onde cometeo a entrada, ſendo elle o primeiro: mas os de dentro a defenderaõ taõ bem, que os lançàraõ fóra, ficando alli o Sancho Pires morto de huma eſpingardada. Vendo os Reys aquelle eſtrago, alevantàraõ o cerco, em que perdèraõ quatro mil homens, e alguns Capitaens, em que entravaõ Jamaldican, e Rumecan, com o que o Idalcan ficou deſalivado pera mandar proſeguir na guerra de Goa, pera onde deſpedio mais alguns Capitaens.



DE-

DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO V.

CAPITULO I.

Das couſas que acontecèraõ na guerra de Goa. E de hum aſſalto que os noſſos deraõ na outra banda, em que houve algum deſarranjo. E de como os imigos entràraõ a Ilha de Joaõ Lopes.

A Guerra de Goa ſe hia continuando, ainda que com pouco perigo, e dano, todavia com trabalho, porque começàraõ a faltar na Cidade muitas couſas, de que ella ſe provè das aldeas da outra banda, e miſeravelmente ſe achavaõ frangãos, e gallinhas pera os doentes, porque chegou a valer hum duas tangas, e hũa gallinha hum cruzado, de que ſe havia miſter grande quantidade pera enfermos, e Hoſpitaes. Sò com a lenha ſe remediavaõ melhor, porque ſe cortava dos matos da Ilha que pera eſtas neceſſidades ſe guarda, e poupa com grandes penas, que no tempo da paz naõ poſſa peſſoa alguma cortar lenha nelles, e nem ainda dos quintaes particulares ſe póde derribar huma arvore, ſob pena de dez pardaos pera o rendeiro do verde. Aſſim que com eſtes trabalhos ſe foraõ remediando o melhor que puderaõ das Ilhas circunviſinhas, e das aldeas da de Goa: porque os imigos ſó na defenſaõ dos mantimentos puſeraõ toda ſua diligencia: poſto que tambem naõ deixàraõ de inquietar os noſſos com alguns aſſaltos miudos, e de pouca importancia, dando rebates nos paſſos ſó a fim de divertir os noſſos, e os quebrantar. Mas a iſſo tinha o Governador dado ordem, e provido muy bem, com mandar pór fachos nas Ilhas de Juan, e Choraõ, e em cima do outeiro de noſſa Senhora do Monte, donde ſe deſcobre tudo, onde eſtava hum Baſiliſco pera fazer ſinal. E tanto que em qualquer parte daquellas ſentiaõ Mouros, derrubavaõ os fachos, e os que vigiavaõ o Baſiliſco, vendo o ſinal, deſparavaõ huma bombardada, a que acodiaõ logo aonde lhe davaõ o ſinal. Mas onde os imigos deraõ mòr trabalho, foy nas terras de Salſete, onde eſtavaõ D. Jorge, e D. Pedro de Menezes, que todo eſte inverno andàraõ com as armas às coſtas, guardando, e defendendo as terras, tendo alguns recontros com os imigos muito arriſcados, em que houve dano de ambas as partes, ainda que todavia muitas das aldeas ſe deixàraõ de lavrar, e ſemear, e os lavradores dellas ſe recolhèraõ às partes ſeguras; e algumas comeraõ os imigos, que foraõ as de Cocoli, e Aſolona, e outras que eſtaõ pegadas às ſuas terras, e algumas vezes foraõ dar viſta à fortaleza de Rachol, mas recolhèraõ-ſe eſcalavrados das mãos dos noſſos.

Nos

Nos paſſos da Ilha de Goa, continuàraõ elles com mais rebates, a fim de cançarem os que os guardavaõ, e naõ ſe contentando com iſſo, determinàraõ de entrar na Ilha de Joaõ por ordem do Calabatecan, que tinha ſuas eſtancias defronte, do que logo o Governador foy aviſado; pelo que determinou de lhe mandar dar hum aſſalto; porque naõ ſó deſconfiaſſem de entrar nas terras do Eſtado, mas pera que ſe receaſſem de lhes hirem là quebrar as cabeças, porque naõ viveſſem com tanta ſegurança; e pera iſſo elegeo alguns Capitaens, de que naõ achàmos o nome, a mais que a Pantaleaõ de Sà, e lhe deu quinhentos homens pera hirem dar no Calabatecan, que paſſáraõ pela Ilha de Joaõ Lopes defronte do paſſo ſeco, e no quarto da Lua foraõ demandar as eſtancias dos Mouros, levando diante os eſpingardeiros. O Calabatecan eſtava já aviſado, porque dantre os noſſos havia quem lhe mandava cada dia aviſo do que ſe paſſava, e eſtava eſperando com as armas nas mãos, e tinhaõ lançados em cillada ſeiſcentos homens, em parte que ficavaõ nas coſtas aos noſſos: que tanto que os viraõ paſſar adiante, lhes arrebentáraõ por huma ilharga, e deraõ na retaguarda que era Pantaleaõ de Sà, e da primeira carga derribáraõ, e feriraõ alguns, e depois travàraõ com elles, e poſto q̃ os achou, e tomou deſcuidados, voltando com grande animo, começàraõ huma muito aſpera, e perigoſa batalha à eſpada, porque lhes faltou a arcabuzaria que hia diante. Pantaleaõ de Sà ſe vio de todo perdido, mas nem por iſſo ſe deſcuidou de ſua obrigaçaõ: antes com muito valor, e eſforço ſuſtentou o pezo da batalha, poſto diante dos ſeus, animando-os a cada paſſo, e trazendo o olho nelles, porque ſe naõ deſmandaſſem. Neſte tranze acodiraõ os que hiaõ na dianteira com a arcabuzaria (porque tiveraõ rebate do aperto em que eſtavaõ) e dando em os imigos os puſeraõ em desbarato com morte de alguns. E porque o poder todo vinha já contra elles, ſe foraõ recolhendo o melhor que pudèraõ, ficando no campo perto de vinte dos noſſos mortos, afóra muitos feridos que naõ perigàraõ.

Paſſado eſte ſucceſſo, de que os imigos ficàraõ muy ufanos, determinàraõ de fazer huma entrada pela Ilha de Joaõ Lopes. E huma noite muito eſcura a cometeraõ, e paſſáraõ a ella mais de quatrocentos, de marè vazia, com a agua pelos peitos, e huns poucos delles foraõ de longo da praya, onde Ayres Gomes da Sylva tinha a ſua eſtancia, porque eſtava alli com ſeſſenta homens. E como o eſcuro era grande, e elles hiaõ em muito ſilencio, entràraõ alguns na cozinha de Ayres Gomes da Sylva, que eſtava apartada, em que naõ havia mais que hum eſcravo cozinheiro, que eſtava dormindo, em quem deraõ algumas cutilladas, e ſahindo della foraõ dar com dous ſoldados que vinhaõ de fóra, que ſentindo ſerem imigos, voltàraõ com muita preſſa, e ſe foraõ pera hum tezo, que eſtava a cima das eſtancias, em que havia duas peças de artelharia, com que varejavaõ as dos imigos que eſtavaõ da outra banda, e de cima começàraõ agritar, que acodiſſem à artelharia. Ayres Gomes da Sylva ouvindo a revolta, acodio com os ſeus ſoldados àquella parte, e fez final com huma peça, pera que ſoubeſſem nos paſſos que havia Mouros na Ilha. E tanto que ſe ouvio, ſe lançàraõ logo muitos à agua, pera paſſarem a ella: mas os imigos ſentindo já os noſſos ſe foraõ recolhendo. E Ayres Gomes da Sylva que teve rebate ſe foy apoz elles, e lhes deu tanta preſſa que os fez lançar ao rio, onde ſe affogàraõ alguns, ficando a Ilha deſpejada, a que eraõ paſſados já mais de ſeiſcentos dos que eſtavaõ em os paſſos, mas naõ tiveraõ que fazer. E acodindo o Governador mandou logo paſſar Jorge de Mendoça Capitaõ da Cidade pera a Ilha de Joaõ (que fica antre a de Joaõ Lopes, e a terra firme) com ſeiſcentos homens, e alguns moradores de Goa, porque ſe receou que os imigos entraſſem nella.

CA-

CAPITULO II.

Da Armada que eſte anno de cincoenta e ſete partio do Reyno, de que era Capitaõ mòr D. Luis Fernandes de Vaſconcellos. E de hũa breve relaçaõ da devoçaõ, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Frey Pero Gonçalves, a que elles chamaõ o corpo Santo.

POucos dias depois do aſſalto paſſado, ſurgiraõ na barra de Goa tres nàos de cinco que tinhaõ partido do Reino. E porque deſta viagem he neceſſario darmos muito particular razaõ, o faremos aqui. No principio deſte anno de cincoenta e ſete em que andamos, mandou ElRey D. Joaõ negociar cinco nàos pera mandar à India, de que deu a Capitanía mòr a D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, filho do Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando de Menezes, que eſcolheo a nàoSanta Maria da Barca, em que D. Leonardo de Souſa tinha chegado da India pera hir nella. As outras quatro nàos eraõ, Santo Antonio, cujo Capitaõ era Cide de Souſa, a Aſſumpçaõ, que levava por Capitaõ Braz da Sylva. Da Framenga era Antonio Mendes de Caſtro, e da Aguia Joaõ Rodrigues Çalema de Carvalho. Eſtando eſtas nàos preſtes, e carregadas pera darem à vela, abrio a nàoCapitania hũa agua taõ groſſa, que ſe hia ao fundo; e chegou a ter em ſi quatorze palmos della. E acodindo os officiaes pera a remediarem, naõ ſómente lhe naõ puderaõ tomar a agua, mas nem ſaberem por onde a fazia: antes viaõ que cada vez lhe creſcia mais, porq̃ nem bombas, nem barriz, nem outras vaſilhas que corriaõ por andaimes, lha puderaõ eſgotar em muitos dias, trabalhando de dia, e de noite. Vendo ElRey que ſe hia gaſtando o tempo, mandou fazer as outras nàos à vela, e que aquella ſe deſcarregaſſe, o que elles fizeraõ já em Abril. A Capitania ſe deſpejou toda com muita preſſa, pera verem ſe lhe achavaõ por onde fazia eſta agua. Vendo D. Luis Fernandes que já naquelle anno naõ podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, porque era hum Fidalgo pobre, e tinha gaſtado muito em ſe aviar, andava muy triſte, e deſcontente. A nàoJoy revolvida, e buſcada de poupa a proa, ſem lhe poderem dar com a agua, e andava huma grande borborinha antre os peſcadores de Alfama ſobre aquelle negocio, que affirmavaõ publicamente que Deos noſſo Senhor permittira aquillo, porque aquelle anno lhe tiràra o Arcebiſpo aquellas ſuas taõ antigas ceremonias, com que veneravaõ, e feſtejavaõ o dia do Bemaventurado S. Frey Pero Gonçalves, levando-o às hortas de Enxubregas com muitas folias, cargos de fogaças, e outras interiores de alegria, e de là o traziaõ enramado de coentros freſcos, e elles todos com cappelas ao redor delle dançando, e baylando.

E porque nos naõ lembra vermos eſcritas eſtas ceremonias em alguma parte, o faremos àqui brevemente. Tem todos os homens do mar tamanha devoçaõ, e veneraçaõ ao Bemaventurado S. Frey Pero Gonçalves, e o tem por taõ ſeu advogado nas tormentas do mar, que crem de todo ſeu coraçaõ, que aquellas exhalaçoens, que nos tempos fortuitos, e tormentoſos apparecem ſobre os maſtos, ou em outras partes das nàos, que he o Santo que os vem viſitar, e conſolar. E tanto que acertaõ de ver aquella exhalaçaõ, acodem todos ao cõvez ao ſalvar com grandes gritas, e alaridos, dizendo ſalva, ſalva o corpo Santo. E affirmaõ que quando apparece nas partes altas, e duas e tres, ou mais daquellas exhalaçoens, que he ſinal que lhes dà de bonança: mas ſe apparece hũa ſò, e pelas partes baixas, que denuncia naufragio. E taõ crentes, e firmes eſtaõ niſto, que quando aquellas exhalaçoens apparecem ſobre os maſtareos, ſóbem os marinheiros acima, e affirmaõ q̃ achaõ pingos de cera verde, mas elles nem os trazem, nem os moſtraõ. Ao menos nòs

os naõ vimos alguma hora, paſſando por muitas vezes eſta carreira. E ſe os Religioſos que vem nas meſmas náos, lhes querem hir à maõ, dandolhes razoens pera lhes moſtrar que aquillo ſaõ exhalaçoens, e dando as cauſas naturaes, porque ſe gèraõ, e porque apparecem, naõ falta mais que tomarem as armas, e alevantarem-ſe contra quem lhes contradiz aquella ſua fé que por tal o tem.

A feſta deſte Santo ſe faz, e celebra nas Oitavas da Paſcoa, e aquelle dia he o de mayor triunfo de todos os peſcadores, que todos os outros, e em que elles fazem mòres gaſtos, e deſpezas, que em todos os mais. Eſta pequena luz, que eſtes mareantes Portuguezes veneraõ, em nome de S. Frey Pero Gonçalves; e os eſtrangeiros no de Santo Anſelmo, he taõ antiga ſua veneraçaõ, que jà em tempo dos Gregos ſe celebrava: porque ſegundo muitos Authores ſeus contaõ, quando aquelles famoſos Argonautas hiaõ na demanda do Velloſino de ouro, em huma grande tormenta que tiveraõ no mar, appareceo aquella luz ſobre a cabeça do Caſtor, e Pollux, e que logo lhes ceſſára a tormenta: o que moveo aos homens a terem eſtes dous irmãos em tanta veneraçaõ, que os contàraõ no numero dos Deoſes. E aſſim Plinio no ſegundo livro da natural hiſtoria, falando neſta luz, affirma que ſe vira muitas vezes nas pontas das lanças dos ſoldados em os exercitos, e que o meſmo apparecia em as nàos, e lhe chamàraõ, Stella Caſtoris: porq̃ appareceo ſobre a cabeça de Caſtor, como acima diſſemos.

E tornando aos noſſos mareantes. Quando viraõ que ſó a nào do filho do Arcebiſpo deixàra de fazer viagem, creraõ que o Santo ſe quizera ſatisfazer niſſo da offenſa que o Arcebiſpo lhe fizera em lhe defender ſuas taõ antigas feſtas; e aſſim o affirmàraõ ao meſmo Arcebiſpo, que vendo tamanha fé, e devoçaõ, movido daquelle zelo lha tornou a conceder, depois que ſe achou a agua, porque nas voltas que lhe deraõ foy hum marinheiro dar com hum furo de hum prego na quilha, que eſtava deſtapado, que por deſcuido deixàraõ os Calafates de lhe pôr prego, e quando a brearaõ ſe tapou o buraco, e por alli fazia aquella agua. E permittio Deos noſſo Senhor que aconteceſſe iſto a eſta nào, eſtando no porto, porque ſenaõ perdeſſe à hida, que ſe fora no mar, nenhum remedio tinha. Aſſim que a agua foy tomada com grande alvoroço, e tornou a carregar; porque diſſeraõ os officiaes que ainda tinha tempo. E que quando naõ pudeſſe paſſar à India, ficaria invernando em Moçambique, e aſſim deu à vela a dous dias de Mayo, e foraõ ſeguindo ſua derrota, e na coſta de Guinè achàraõ tantas calmarias, que os deteve ſetenta dias, e tomando parecer ſobre o que fariaõ, aſſentàraõ „ que foſſem invernar ao Brazil, porque era „ muito tarde, e logo ſe fizeraõ na volta da Bahia de todos os Santos, onde chegàraõ a quatorze de Agoſto veſpera de noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. D. Duarte da Coſta, que alli eſtava por Governador, foy logo deſembarcar o Capitaõ mòr, e os Fidalgos que hiaõ na nào que eraõ Luiz de Mello da Sylva, Dom Pedro de Almeida, deſpachado com a Capitanìa de Baçaim, D. Filippe de Menezes, irmão de D. Joaõ Tello, hum dos Governadores do Reino, filhos de D. Henrique de Menezes, que eſtivera por Embaixador em Roma, e trouxe a Santa Inquiſiçaõ a Portugal, e de Dona Brites de Vilhena, filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mòr do Algarve, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendoça, e Henrique de Mendoça ſeu irmaõ, Jeronymo Correa Barreto, Henrique Moniz Barreto, e outros Fidalgos, que agaſalhou, banqueteou, e deu pouſadas á ſua vontade, e o meſmo fez a toda a mais gente da nào, a quem deu mantimentos em quanto alli eſteve. As mais nàos que tinhaõ partido diante, a Framenga de q̃ era Capitaõ Antonio Mendes de Caſtro, foy tomar Melinde, onde invernou. A Aguia, em q̃ hia Joaõ Rodrigues

drigues de Carvalho, invernou em Moçambique, por chegar tarde. As duas Assumpçaõ, e Santo Antonio chegàraõ a Goa. Foy este anno assinalado, assim pela morte de ElRey D. Joaõ, que faleceo depois das nàos partidas, em onze de Junho dia de S. Barnabè Apostolo, em idade de cincoenta e cinco annos, tendo reinado trinta e cinco: como pela morte do Emperador Carlos Quinto, de gloriosa memoria, que faleceo o Outubro seguinte, em idade de cincoenta e oito annos, e sete mezes, deixando por herdeiro de seus Estados o muito Catholico, e poderoso Principe D. Filippe seu filho, que foy o segundo deste nome em Castella, e o primeiro depois nos Reinos de Portugal.

CAPITULO III.

Das cousas que succedèraõ em todo este anno em Maluco. E de como os moradores prendèraõ D. Duarte Deça, e soltàraõ aquelle Rey.

DEixàmos as cousas de Maluco o anno passado na guerra, que os Ternates faziaõ à nossa fortaleza, pela prisaõ de ElRey, e de como despedira Dom Duarte Deça o galeaõ, de que era Capitaõ Francisco de Barros a pedir soccorro a Malaca. Agora continuaremos com as cousas que succedèraõ todo este anno, pelas naõ contarmos por pedaços. Partido o galeaõ da carreira, ficou correndo a guerra com muito grande aperto, porque se meteo nella o Rey de Tidore, que era genro do de Ternate; e deitou suas corocoras ao mar, e mandou seus Capitaens humas vezes, e elle em pessoa se embarcou outras, e foraõ pela costa da Ilha de Ternate, e à conta de dizer que favorecia o sogro lhe tomou alguns lugares em que deixou seus presidios: porq̃ como os Mouros naõ guardaõ fé em materia de reinar, todas as vezes que o filho, o irmaõ, e o parente pòde tomar o Reino ao outro, naõ perde occasiaõ, como este fez; que vendo o sogro prezo, e o Reino revolto, porque desejou de se fazer Senhor delle, intentou o que fez, pera ficar só com o Imperio de todas aquellas Ilhas. Os nossos padecèraõ com esta guerra trabalhos excessivos de fomes, e perseguiçoens, sem D. Duarte Deça se mover a compaixaõ, nem querer soltar o pobre Rey, antes lhe estreitava mais a prizaõ, e lhe mandava fazer avexaçoens, e affrontas, indignas de animo Christaõ, e todavia trazia suas embarcaçoens no mar, com o que sustentava a guerra, e outras mandava a Geilolo a buscar mantimentos, e o mesmo a Bachaõ, donde sempre lhe acodiaõ, e soccorriaõ com elles; porq̃ aquelles Reys, por verem acabado o de Ternate, naõ só o proveraõ com elles, mas aïnda lhe mandàraõ navios, e gente em favor de D. Duarte Deça.

Estando assim as cousas no peyor estado que se podia imaginar, chegàraõ àquelle porto D. Jorge Daça, e D. Diniz de Menezes, que hiaõ de soccorro: porque tanto que o galeaõ de Francisco de Barros chegou a Malaca, e que D. Joaõ Pereira Capitaõ daquella fortaleza vio pelas cartas de Dom Duarte Deça o trabalhoso estado, em que aquella fortaleza estava, logo negociou estes dous Capitaens pera lhe hirem de soccorro, D. Jorge Deça na nào Conceiçaõ, com cincoenta soldados, e muitos mantimentos, muniçoens, e roupas, e D. Diniz em hũa galeota com trinta homens. Porq̃ os Capitaens das fortalezas naquelle tempo não tinhão as mãos tão atadas, como neste, em que isto escrevemos, nem havia tantos regimentos, e defesas, sobre naõ tocarem na fazenda de ElRey: porque hoje pode-se perder huma fortaleza à mingua, sem os Capitaens das outras lhe poderem valer, por estarem atados a tantos regimentos, que se não pódem menear. Em tanto que aconteceo perder-se hum galeaõ de ElRey na barra de huma Cidade por falta de hũa amarra por o Capitaõ delle,

nem os Officiaes da fazenda poderem fazer deſpezas, nem comprarlha, porque lha fariaõ pagar. E a couſa que neſta materia mais eſcandaliza he, que ouvimos dizer a alguns Officiaes da fazenda, e juſtiça com quem praticàmos ſobre eſta materia, que deixaſſem perder as fortalezas, e as nàos, e que não tocaſſem na fazenda de ElRey, em que não vimos atè hoje luzir eſtes acreſcentamentos, mas ſi cada hora as perdas, e riſcos, que pela pouparem acontecem por toda a India. E poſto que eſtranhamos iſto com muita razaõ, tambem o naõ deixaremos de fazer as grandes deſordens, e deſpezas exceſſivas, que os Capitaens, e os Officiaes faziaõ à conta de mandarem ſoccorros, que foraõ tantas, que quiz ElRey antes pôr ſuas fortalezas a riſcos, que diſſimulallas. E porque os exemplos diſto ſaõ muitos, e nòs em algumas partes os apontaremos, os deixamos agora. Com a chegada deſte ſoccorro começàraõ os noſſos a reſfolegar, e D. Duarte Deça fez a D. Jorge Deça Capitaõ mòr daquelle mar, e lhe deu huma fuſta pera andar nelle, e com elle D. Diniz de Menezes na ſua galeota, e Chriſtovaõ de Sà em outra fuſta, e Henrique de Lima, e Franciſco de Araujo, e Gonçalo Fernandes em outras embarcaçoens, e as corocoras de ElRey de Bachaõ, e Gonçalo Pereira Regedor de Momoya com tres corocoras ſuas, com que havia pouco tinha vindo de ſoccorro.

Depois que eſta Armada ſe ordenou, e andou no mar ficou a fortaleza alguma couſa mais deſaſſombrada dos imigos que cada dia lhe faziaõ ſobrançarias, porque logo elles ſe retiràraõ, e reforçàraõ ſuas Armadas, ordenando os Regedores de Ternate por Capitaõ mòr de todas as ſuas corocoras a Cachil Labuſafá, que ſe foy logo ver com o Rey de Tidore, pera com elle aſſentar o modo de como ſe procederia na guerra contra os noſſos: que aſſentou que pelejaſſem com a noſſa Armada, pera o que mandou negociar de novo toda a ſua, e aproveo de muita, e luſtroſa gente, e fez della Capitaõ hum Regedor ſeu, e lhe mandou que foſſe com Cachil Labuſafá buſcar à noſſa Armada, e que pelejaſſe com ella, pera o que tambem lhes deu as ſuas corocoras muy bem negociadas. Eſtando as couſas neſte eſtado, chegou àquella fortaleza o galeaõ da carreira, que tinha partido de Goa, de que era Capitaõ Antonio Pereira Brandaõ, que trazia muitas roupas, provimentos, e muniçoens, que chegàraõ a muito bom tempo. E depois de eſtar na terra, e ſoube as couſas da guerra, e de como ſe eſperava pela Armada dos imigos, pera pelejar com D. Jorge Deça, fez preſtes o batel do ſeu galeaõ, com os ſoldados que comſigo trazia, e ſe foy meter na Armada. O Cachil Labuſafá, depois que ajuntou a ſua Armada à de Tidore, foy buſcar a noſſa, que eſtava à viſta da fortaleza jà preſtes pera o eſperar. E chegados huns aos outros, deſcarregàraõ aquella primeira ſalva de artelharia, que fez em huns, e outros bem de dano. E logo ainda no meyo daquellas nuvens de fumo enveſtio o Labuſafá o navio de D. Jorge Deça, a que ſe lançou logo dentro com mais de cem homens eſcolhidos, e antre elles ſe ateou huma muito arriſcada batalha, e o meſmo ſe fez por toda a mais Armada, e a Capitania de Tidore enveſtio D. Diniz de Menezes, e todas as mais corocoras as noſſas embarcaçoens, em que ſe começáraõ alevantar muy eſpeſſas labaredas de fogo, e fumo das muitas panelas de polvora que de huma, e outra parte ſe lançavaõ, e atroar o ar com os eſtouros da arcabuzaria que naõ deſcançava, cauſava hum grande eſtrondo, que ajuntado a iſto o retinir das armas, e os gritos de todos, parecia que ſe acabava o mundo, e que fervia o mar. D. Jorge Deça, q̃ era muito bom cavalleiro, vendo-ſe entrado do Labuſafá, que era muito determinado, arremeteu a elle com grande valor pera o lançar fóra, o que naõ pode fazer por ſer ajudado dos mais eſcolhidos Mouros de Ternate, e Tidore.

dore. Todavia apreſentandoſe-lhe diante com alguns que tambem eſcolheo, começou com elle huma muito perigoſa, e arriſcada batalha, onde ſe pelejou com muito valor, e esforço. D. Diniz de Menezes, e Antonio Pereira Brandaõ tambem foraõ inveſtidos de muitas corocoras: mas elles como esforçados cavalleiros que eraõ, fizeraõ tantos eſtragos nos imigos, que lhes cauſou grande eſpanto, axorando algumas das corocoras. Todas as mais embarcaçoens da noſſa Armada eſtavaõ travadas com outras dos imigos, pelejando com grande furia, e eſpanto. Mas onde a batalha eſtava mais arriſcada, era no navio de Dom Jorge Deça, onde era tamanho o numero dos mortos, e feridos, que quaſi faziaõ eſtorvo aos vivos.

Eſtando aſſim a couſa taõ duvidoſa, ſem ſe ſaber declarar a vitoria por nenhuma das partes, quiz a deſaventura que tomaſſe fogo huma pouca de polvora na fuſta de D. Jorge Deça, cuja força lançou ao mar todos os que nella pelejavaõ, tirando D. Jorge Deça, e hum Belchior Lopes que ficàraõ ambos ſós nella, defendendo-a de algumas corocoras que acodiraõ pera a levarem à toa, ſobre que ambos pelejàraõ muy valeroſamente com muito dano dos imigos. ElRey de Bachaõ, que eſtava da parte dos noſſos, e Gonçalo Pereira Regedor de Momoya axoràraõ muitas corocoras. D. Diniz de Menezes, Antonio Pereira, Henrique de Lima, e todos os mais Capitaens Portuguezes neſte dia fizeraõ couſas dignas de ſe engrandecerem com mais eloquencia da que em nòs ha. D. Jorge Deça, ſobre quem carregava todo o pezo deſta batalha, foy o q̃ mais fez, e o que mòres trabalhos paſſou que todos; porque elle ſó com Belchior Lopes defendèraõ o ſeu navio de feiçaõ, que de medo delles naõ ouſavaõ os imigos ao entrar, e ſempre ſe perdera, ſe Deos naõ encaminhàra hum pelouro de hum berço de huma das noſſas embarcaçoens, que deu no Labuſaſâ Capitaõ mòr dos imigos, e oderribou como morto. O que viſto pelos ſeus, cuidando que o eſtava, ſe afaſtàraõ, e fazendo final à mais Armada ſe foy toda recolhendo com grande dano, deixando porèm os noſſos taõ deſtroçados, que lhes foy neceſſario recolherem-ſe pera à fortaleza, pera ſe curarem os feridos que eraõ muitos, ficando aſſim a guerra ainda viva, e os noſſos em muito grande aperto, porque os imigos tornàraõ a reformar ſuas Armadas, e a continuar em ſeus aſſaltos.

Vendo os moradores que D. Duarte Deça por teima naõ queria ſoltar ElRey, e que eſtavaõ arriſcados a grandes deſaventuras, ajuntàraõ-ſe todos, e aſſentàraõ „ de o prender, e ſoltar a El„ Rey, pera ſe acabarem todos aquelles „ trabalhos, e fizeraõ pera iſto cabeça „ a Henrique de Lima. E conſultando em ſegredo o negocio; eſtando o Capitaõ hum Domingo à Miſſa, entràraõ os da conjuraçaõ na Igreja, e remetendo a elle o liàraõ, e aſſim nos ares foy levado à torre da menagem, onde foy fechado, e as chaves entregues a Henrique de Lima. Dalli ſe foraõ logo à prizaõ aonde ElRey eſtava, e o ſoltàraõ com lhe pedirem grandes perdoens, e darem muitas deſculpas, e o acompanhàraõ atè ſua caſa, o que lhes elle agradeceo, affirmando a todos „ que naõ ſeriaõ parte os „ agravos, e avexaçoens que D. Duarte „ Deça lhe tinha feito, pera deixar de „ ſer muito grande ſervidor de ElRey „ de Portugal, que nas deſordens de „ ſeus Capitaens naõ tinha culpa, e „ muito particular amigo de todos os „ moradores daquella Ilha, e fortaleza, e aſſim o moſtrou em todo tempo que viveo.

Feito iſto, quizerão os da conjuração eleger por Capitaõ a Dom Jorge Deça; o que elle não quiz aceitar, ainda que todos lho pedirão com muita inſtancia. Nem o meſmo quiz Antonio Pereira Brandão por muito que ſobre iſſo trabalhàraõ. E tanto que eſtando hum dia à porta da Igreja, vieraõ todos os moradores com os Padres, e hum

Crucifixo alevantado, e lhe pediraõ „ da parte daquelle Senhor, quizeſſe „ aceirar o cargo daquella fortaleza atè „ o Governador prover, fazendolhe ſo„ bre iſſo proteſtos, e requerimentos. O que viſto por elle, diſſe „ que acei„ tava ſer olheiro da fortaleza, e da ar„ telharia de ElRey, jà que aſſim era „ neceſſario, e naõ Capitaõ; e aſſim dizem que mandou fazer logo ſeus papeis, e tirou ſeus inſtrumentos. Entregue elle da fortaleza, e o Dom Duarte Deça na meſma prizaõ, tanto que chegou a monçaõ pera a India, o embarcàraõ no galeaõ da carreira prezo em ferros, com os autos de ſuas culpas, e na India foy ſentenciado que ſe foſſe apreſentar a ElRey (ſegundo ouvimos a algumas peſſoas) como fez, e là no Reino ſe livrou, e deu taes querelas contra Antonio Pereira Brandaõ, que o mandou ElRey hir prezo, e q̃ lhe confiſcaſſem a fazenda, e aſſim foy entregue a peſſoas de confiança, e elle metido no caſtello, onde D. Duarte Deça o accuſou de alevantado, e lhe poz outros crimes, porque diziaõ tivera votos que morreſſe; em que ſenaõ fez execuçaõ, porque veyo com embargos, em que provou que nunca ſe nomeàra por Capitaõ, ſe naõ por olheiro da fortaleza, do que apreſentàra certidoens de todos os Officiaes. Com tudo foy ſentenciado em alguns annos de degredo pera Africa, e que pagaſſe os ordenados a D. Duarte Deça. O degredo lhe perdoàraõ depois, por hir com Franciſco Barreto à conquiſta de Manamotapa, onde morreo. E contava Antonio Pereira Brandaõ que o meſmo D. Duarte Deça lhe mandàra rogar que aceitaſſe a Capitanìa, do que depois de magoado lhe contrafez aquelle Romance velho de Durandarte em D. Duarte, mal cavalhero provado. E tornando às couſas de Maluco. Com a ſoltura de ElRey ceſſou a guerra, e tornàraõ as couſas a ſeu lugar, correndo ElRey em tudo muito pontual com o ſerviço do de Portugal, tendo ſó trabalho em tornar a tomar alguns lugares que lhe o Rey de Tidore tinha tomado com cor de o favorecer, e ajudar, como jà diſſemos. Neſte eſtado deixaremos as couſas de Maluco atè tornar a ellas.

CAPITULO IV.

Da embaixada q̃ o Governador Franciſco Barreto mandou a ElRey de Chàul, e ſobre que, e de como os Mouros entràraõ na Ilha de Choraõ donde foraõ lançados com grande dano ſeu. E de como o Governador mandou meter nella Dom Franciſco Maſcarenhas.

POr hum navio ligeiro que veyo de Ormuz, teve o Governador Franciſco Barreto recado, que em Suez ſe faziaõ preſtes galez pera paſſarem à India, o que o poz em grande cuidado, pelo que logo deſpedio recado às fortalezas do Norte, e a Dio, pera que eſtiveſſem ſobre aviſo. Com iſto mandou dar muita preſſa à Armada, e lançar ao mar os galeoens novos, que tinha feitos em o lugar em que ſe os outros queimàraõ, porque determinava de hir buſcar os Turcos, onde quer que eſtiveſſem, e foſſem ter. E pondo eſtas couſas em conſelho aſſentou-ſe „ que mandaſſem „ hum Embaixador ao Inizamoxà Rey „ de Chàul, ſobre algumas couſas ne„ ceſſarias, em que entravaõ duas prin„ cipaes. Hũa perſuadillo a fazer guer„ ra ao Idalcan, e que tornaſſe ſobre a „ fortaleza de Calabraga, que lhe ſeria „ facil de tomar, pela gente que tinha „ embaixo ſobre a Ilha de Goa, e iſto a „ fim, que como o elle ſoubeſſe, devia „ mandar recolher ſeus Capitaens, pera „ mandar acodir àquella fortaleza, e q̃ „ aſſim ficaria Goa deſapreſſada. A ou„ tra era, pedirlhe licença pera fazer hũ „ caſtello roqueiro no Morro de Chàul, „ que fica ſobre aquella barra, pelas no„ vas que havia de Galez pera dalli lhe „ defender a entrada, ſe quizeſſe tentar „ cometer aquella Cidade: o que a elle meſmo

„ meſmo Izanamoxà vinha bem, por-
„ que ſe os Turcos meteſſem pè naquel-
„ le porto, nunca mais havia de ter del-
„ le, nem dos mais de ſua coſta provei-
„ to algum.

Concluido o conſelho, levantouſe em pè D. Digo de Souſa (que tinha aquelle veraõ vindo de ſervir a Capitanìa de Çofala, e eſtava pera ſe embarcar naquellas nàos pera o Reino) e diſſe ao Governador Franciſco Barreto „ que ſe tinha às novas das galez por „ certas, lho diſſeſſe; porque naõ era elle „ homem que ſe havia de hir do Eſtado „ da India deixando-a em trabalhos, „ que elle eſtava muito rico de mercès „ que lhe ElRey fizera, e que em tempo „ de neceſſidades queria elle moſtrar „ agradecimento dellas, e tornar a gaſ- „ tar tudo em ſeu ſerviço, porque elle „ que lhe deu o que tinha, lhe faria ou- „ tras mercès, e que as deſpezas que ti- „ nha feito pera ſua embarcaçaõ, impor- „ tavaõ pouco, porque a matalotagem „ alli eſtava o Hoſpital de ElRey, onde „ ſe deſpenderia. O Governador lhe agradeceo de parte de ElRey aquelle offerecimento, certificando-lhe „ que „ elle o ſaberia por ſuas cartas, pera que „ elle lhe fizeſſe a mercè que merecia, „ que eſperava pelo ſegundo recado, e „ que naõ ſe deſfizeſſe de couſa alguma „ atè elle o aviſar.

Paſſado iſto ordenou o Embaixador que havia de mandar, e elegeo pera iſſo Jorge Correa de Antas, hum cavalleiro nobre, e rico, de grande peſſoa, e aviſo, e lhe deu as couſas neceſſarias pera aquella jornada, que elle fez com grande apparato, e companhia; e mandou por elle de preſente àquelle Rey ſeis fermoſos ginetes com ſeus tellizes ricos. Eſte Embaixador partio em navios ligeiros, e de ſua jornada adiante daremos razaõ. A guerra de Goa hia por diante, ainda que não havia nella mais trabalho, que o da falta das couſas, e as inquietaçoens dos rebates, que os imigos davaõ em todas as partes. Succedeo quaſi no fim de Outubro querer hum dos Capitaens chamado Miaberù dar hum aſſalto na Ilha de Choraõ, por ſer aviſado que eſtava nella recolhida muita fazenda dos naturaes das Ilhas do derredor, e aſſim cometeo a entrada hum dia no quarto da alva por hum paſſo que ſe chama Sacorla, que eſtà da outra banda da terra firme, que chamão Vangani, que he a parte mais eſtreita do rio, que terà perto de vinte braças de largura, e de marè vazia de aguas vivas ſe paſſa com agua pela cinta. Por aqui foraõ paſſando perto de quinhentos Mouros, huns a nado, e outros em cabaças, e foraõ tomar o vallado da Varzea de Choraõ (que he na ponta que fica pera a banda da Ilha Divar, que ſe divide da outra por hum pequeno eſteiro) e ao paſſar viraõ alguns eſtar hũa fuſta ſurta no rio (de que era Capitaõ hum Portuguez chamado Joaõ Marraõ, que eſtava quaſi ſó, porque aſſim o Capitaõ, como os ſoldados eraõ hidos a Goa) e ſentindo-a os Mouros ſem gente a foraõ demandar, e entràraõ nella, e os que dentro eſtavaõ (que eraõ tres, ou quatro ſoldados) acordàraõ à grita dos marinheiros; e com aquelle ſobreſalto ſe lançàraõ ao mar, e ſe foraõ pera a Ilha Divar, ficando os Mouros ſenhores do navio. Os que paſſáraõ à Ilha, ſeriaõ perto de quinhentos, e foraõ demandar a povoaçaõ onde reſidia hum Gonçalo Pacheco, e com elle dous Gentios chamados, Zeitarane, e o outro Humbranà, tio, e ſobrinho, que eſtavaõ alli de vigia com muitos piaens, e em ſentindo os imigos tomàraõ as armas, e foraõ-ſe ſahindo, e pelejando com elles, e ao eſtrondo acodio Domingos Rodrigues, que eſtava na meſma Ilha por Anadel dos eſpingardeiros da terra, e ajuntando-ſe todos foraõ pelejando cõ os Mouros valeroſamente, e recolhendo ſe pera o alto da Ilha. Os que tinhaõ cuidado do facho que nelle eſtava, em ſentindo Mouros fizeraõ final, e atiràraõ huma bombardada, a q̃ logo acodio o Governador ao caes, e mandou embarcar alguns Fidalgos com ſoldados,

pera ſoccorrerem os da Ilha. O Capitaõ de Naroà Ruy Dias da Silveyra tambem deſpedio ao final algumas embarcaçoens que alli andavaõ em guarda daquelles rios, e a primeira foy huma almadia em que hiaõ dous companheiros filhos da India chamados Simaõ Rodrigues, e Gonçalo Vaz, e prepaſſando pela fuſta de Joaõ Marraõ, logo que os Mouros a entràraõ, e ſentindo-os falar, conhecendo pela lingua que eraõ imigos puſeraõ-ſe de fóra às eſpingardadas com q derribàraõ alguns. Os Mouros em os ſentindo, cuidando q era o ſoccorro mayor, ſaltàraõ no mar, e a nado ſe foraõ pera a terra firme. Ao meſmo tempo chegou Lançarote Picardo, Capitaõ de hum Catur, e ſentindo pera a ponta do eſteiro, que vay antre a Ilha de Divar, e Choraõ, rebolliço, foy pera aquella parte, e chegou a tempo que os Mouros apertados dos noſſos, que pelejavaõ com elles, e por ſentirem grande rebolliço da outra banda da Cidade do ſoccorro que vinha, ſe hiaõ recolhendo, e lançando ao mar pera ſe paſſarem à outra banda, e dando Lançarote Picardo, e os companheiros da almadia nelles, foraõ matando muitos que jà achàraõ a nado. Ao meſmo tempo chegou Henrique Jaques Ouvidor gèral da India, que andava em huma galeota, e vinha de rodear os rios de noite, ſentindo pera aquella parte o rebolliço, acodio depreſſa là, e chegou a tempo que jà os outros andavaõ à peſcaria do mar, como acima diſſemos, e ajudou por ſua parte a fazer nelles huma muy grande deſtruiçaõ.

O Governador Franciſco Barreto que eſtava no caes, deſpedio Jorge de Mendoça Capitaõ da Cidade, e outros Fidalgos, e cavalleiros, que ſe embarcàraõ em muitas embarcaçoens, que o Governador mandou pôr no caes pera aquelle effeito, e chegando à Ilha jà de dia, deſembarcàraõ nella, e acabàraõ de arrematar a vitoria; porque os Mouros vendo o poder ſe lançàraõ ao mar por onde puderaõ, onde muitos acabàraõ às mãos dos noſſos, e outros chegàraõ à outra banda bem eſcaldados, e eſcalavrados, e muito mais arrependidos do feito. Lançarote Picardo, e o Ouvidor géral, e os dous companheiros da almadia ſe enchèraõ de cabeças de Mouros, e ſe foraõ logo ao Governador, que eſtava no caes, e os ſoldados que as levavaõ lhas puzeraõ aos pès, e elle os abraçou a todos, e metendo a maõ na bolça, a cada hum que lhe apreſentou cabeça, deu a cinco, e a ſeis pagodes, tirando a hum homem ſoldado, que ſe chamava Belchior Callaça, que foy dos primeiros, e lhe apreſentou duas ou tres, deu o Habito de Chriſto, que tirou do ſeu peſcoço, botandolho no do ſoldado, a quem depois mandou quarenta pardaos. Paſſado iſto mandou o Governador Franciſco Barreto a D. Franciſco Maſcarenhas (que depois foy Conde de Santa Cruz, e Viſorey da India) que ſe foſſe meter naquella Ilha com trezentos ſoldados, e nella eſteve em quanto foy neceſſario, ſem os Mouros quererem outra vez provar ſua ventura nella. Com eſte ſucceſſo ſe começàraõ os Capitaens do Idalcan a afaſtar pera dentro com tençaõ de naõ provarem outra vez a maõ, nem fazerem mais que defenderem os mantimentos, que naõ paſſaſſem a Goa.

CAPITULO V.

De como o Governador Franciſco Barreto deſpachou as nàos pera o Reino, e os Mouros começàraõ a falar em pazes, que ſe lhes concedèraõ. E de como o Inizamoxà prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou. E do exercito que logo deſpedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro. E de como Alvaro Paes de Sotomayor partio pera o Eſtreito, e ficou em Chàul por cauſa da guerra.

NA entrada de Novembro depois do ſucceſſo paſſado chegàraõ as nàos de Ormuz, por quem o Governador

dor teve novas certas das galez, que naõ sahiraõ, pelo que logo deu despacho às nàos do Reino, pera hirem tomar a carga a Còchim, que partiraõ atè quinze de Janeiro deste anno de cincoenta e oito, em que com o favor Divino entramos, e todas chegàraõ a salvamento, sómente a nào Patifa, por outro nome a Aguia, de que era Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho, arribou a Moçambique onde invernou. O Governador ficou proseguindo na guerra de Goa. Mas vendo os Capitaens do Idalcan quaõ mal lhes succedia nella, e que naõ faziaõ mais que despezas, começàraõ a falar em pazes, porque puxàraõ, com ordem de ElRey, e de feiçaõ que os ouvio o Governador, e lhas concedeo com as condiçoens com que antes estavaõ feitas, com que se alevantàraõ, e começàraõ a correr os mantimentos, e tornàraõ as cousas ao que dantes eraõ, e o Governador teve tempo pera entender em outras, e dar pressa à Armada toda, porque determinava de partir na entrada de Setembro pera o Achèm, por achar huma instruçaõ de ElRey, em que lhe encomendava fizesse aquella jornada, pera tirar aquelle imigo de taõ perto de Malaca, e pela fama da riqueza daquella Ilha, e thesouros daquelle Rey, pera o que se hia apercebendo de todas as cousas que lhe eraõ necessarias pera a jornada. Deixando agora isto por hum pouco, porque he razaõ continuemos com o Embaixador, que no Capitulo passado deste quinto livro deixàmos despedido pera o Inizamoxà.

Partido elle de Goa chegou a Chàul em breves dias, e dalli passou logo pera a Corte de Amadanager, onde foy muito bem recebido daquelle Rey, que o ouvio presentes todos os de seu cõselho. E quando chegou a lhe falar na fortaleza de Morro (de que elle estava taõ cioso, parecendo-lhe que com o achaque dos Turcos se queria fortificar nelle, pera depois pôr Alfandega naquelle porto, do que elle receberia muito notavel perda) despedio o Embaixador pera sua casa, sem o acabar de ouvir, e depois por conselho dos seus o mandou prender, e a todos os que com elle foraõ. E despedio com muita pressa a Faratecan com vinte mil homens, em que entravaõ cinco mil de cavallo, dandolhe por regimento „ que se fosse meter no „ Morro, e fizesse nelle hum forte pera „ desimaginar o Governador. Esta gente chegou a Chàul de quinze de Março por diante, e o Faratecan se foy logo meter no Morro, e o começou a fortificar com muita pressa, sem bollir com cousa alguma da nossa fortaleza. Aquelle dia que chegou, apparecèraõ os montes da outra banda cheyos de tendas, e gente, o que poz naquelles moradores tamanho espanto, que começou a haver antre elles grandes desconfianças, a que acodio Garcia Rodrigues de Tavora, Capitaõ da fortaleza, aos animar, e esforçar; mandando logo fazer tranqueiras muito fortes nas bocas das ruas pera se defender do imigo, se o quizesse cometer, e os moradores todos mandàraõ logo suas mulheres, e filhos pera Baçaim, e Goa, pera ficarem mais desembaraçados, e dessombrados. Mas como o Faratecan naõ trazia mais regimento que pera se fortificar no Morro, naõ bollio com outra cousa alguma.

Aqui aconteceo huma cousa maravilhosa, e digna de se saber, pera edificaçaõ nossa, e pera darmos a Deos nosso Senhor muitas graças, e louvores pelas grandes maravilhas que cada dia obra nas partes do Oriente, pera gloria sua, e confusaõ dos infieis que o naõ adoraõ, nem conhecem, e foy, que em os Mouros entrando o Morro, vendo estar huma Cruz na ponta delle, que fica sobre o mar, foraõ pera a cortar, e nenhum machado de muitos que lhe puzeraõ ao pè, quiz cortar por ella, e todos a achàraõ taõ dura, como se fora de hum muito forte diamante. O que visto pelos mesmos Mouros, chegàraõ hum Elefante a ella pera a arrancar, que poz nisso toda sua força, mas naõ a pode mover, com

com ſer taõ pequena, de pão, e eſtar mal encaixada em huma pedra grande, com o que a deixàraõ ficar, e alli eſteve muito tempo. O Capitaõ de Chàul deſpedio recado ao Governador, e foy-ſe fortificando o melhor que pode, ajudando-o os moradores com muito cuidado, e deſpezas; dando alguns delles meſas, e provendo os ſoldados que acodiraõ de fóra com todo o neceſſario. E hum delles chamado Mem Lopes Carraſco, homem rico, e abaſtado, armou meſas publicas pera todos os que a ellas quizeſſem hir a todo tempo, em quanto eſta neceſſidade durou; que deu de comer a mais de cem homens muito abaſtadamente, ſervindo-os a elles em peſſoa com ſeus criados, e eſcravos, e eſcravas.

O recado que o Capitaõ tinha deſpedido, chegou a Goa em menos de tres dias, e foy a tempo que o Governador eſtava pera fazer à vela huma Armada de galeoens, e fuſtas, pera a mandar ao Eſtreito de Ormuz (e pera invernar naquella fortaleza por haver novas de galez) de que era Capitaõ mòr Alvaro Paes de Sotomayor. E ſabendo aquella neceſſidade o deſpedio logo „ pera que „ ſe foſſe pôr ſobre aquella barra, e que „ ficaſſe alli favorecendo aquella Cida- „ de atè elle chegar, porque logo deter- „ minou de a ſoccorrer em peſſoa. Alvaro Paes de Sotomayor deu logo à vela com toda ſua Armada, que era de tres galeoens, de que afóra elle erão Capitaens Joaõ de Mello de Brito, e Henrique de Vaſconcellos, e ſeis fuſtas mais, em que hiaõ Diogo Ferreira, Duarte Pereira, Diogo de Sà, Coſmo Faya, Affonſo Coelho, e Gonçalo Garcia.

Partida eſta Armada, foy-ſe o Governador pôr na ribeira, e mandou lançar ao mar todos os navios que havia, e tomar os que alli eſtavaõ de fóra pera ſe embarcar, e mandou dar muito grande preſſa a tudo, a que acodiraõ os Fidalgos, e Capitaens, cavalleiros, e Cidadãos principaes; e tomando quaeſquer que logo achavaõ negociados ſe embarcàraõ com muita preſſa, com muitos ſoldados que pera iſſo lhes acodiraõ, que naquelle tempo ſe offereciaõ pera o ſerviço de ElRey; e andavaõ grangeando os Capitaens pera os levarem comſigo, ſem paga, e ſem mais intereſſe que aquella inclinaçaõ, que entaõ tinhaõ todos àquellas couſas. O que ſe veyo depois a trocar de feiçaõ, que jà hoje naõ ha hum, ou muy poucos, que ſe queiraõ embarcar ſe naõ muy bem comprados, e alugados dos Capitaens; porque alèm do ſoldo que lhes ElRey paga, naõ querem jà menos de dous, ou tres quarteis mais dos Capitaens, que ſe empenhaõ pera iſſo, e eſta he a razaõ, porque o ſerviço de ElRey cuſta jà hoje cinco e ſeis vezes dobrado, do que naquelle tempo, em que tambem pela barateza das couſas a ordinaria que ElRey dava, baſtava pera as deſpezas da jornada, e das meſas que nos invernos davaõ pelas fortalezas, e ainda muitas vezes poupavaõ hum pedaço pera ſe proverem de outras couſas. Mas tambem naquelle tempo pagavaõ aos ſoldados ſeus quarteis ordinarios de veraõ, e inverno, e lhes davaõ meſas muy abaſtadas, e os Fidalgos tinhaõ ſuas caſas taõ cheas de ſoldados, que quando ſe embarcavaõ, naõ buſcavaõ outros, porque jà os tinhaõ em caſa, e ſempre pelas deſtes Fidalgos haviaõ neſta Cidade de Goa nos invernos mais de quinhentos delles agaſalhados, porque ellas eraõ ſeus Hoſpitaes. O que tambem anda mudado, porque jà ha muito poucos que recolhaõ mais que ſeus criados, por forrarem gaſtos, e deſpezas, atè os que ſahem ricos de ſuas fortalezas, que antigamente deſpendiaõ a mòr parte do que dellas tiravaõ no ſerviço de ElRey. E por ElRey D. Joaõ entender que era aſſim neceſſario, tinha feito regimento, que nenhum Capitaõ que ſahiſſe da ſua fortaleza, ſe foſſe pera o Reino dentro em tres annos, porque os queria ter na India, aſſim pera Hoſpitaes de ſoldados, como pera a authoridade do conſelho do Eſtado. Mas tudo o bom he taõ acabado, que hoje ſe nota por erro todo o paſſado nas

couſas

couſas do governo, e corre antre elles pratica gèral, que o antigo jà naõ he licito, e que ſe os Governadores andavaõ todos os veroens embarcados, que hoje jà naõ era credito do Eſtado fazeremno, no que vaõ contra a opiniaõ de todos os doutos antigos, que affirmaõ que os Eſtados pera ſe naõ deſfalecerem, ſe haõde conſervar com aquellas artes com que ſe ganhàraõ. Mas deſtes males, e deſtas miſerias tem culpa a cobiça, que tem tomado poſſe na India de todo o eſtado de peſſoas, acreditando-ſe com a couſa, que mais vituperada foy dos antigos Capitaens que todas; que he eſte adquirir, e guardar, autorizando aquelle antigo adajo feito pelo demonio de quanto tens, tanto vales.

E tornando à noſſa ordem. O Governador foy dando muita preſſa à ſua embarcação, aſſiſtindo de contino no caes, e na ribeira, pera dar deſpacho às partes. E pera mayor aviamento paſſou mandados aos Officiaes, e Almoxarifes pera darem aos Capitaens dos navios, tudo o que lhes foſſe neceſſario, de mantimentos, muniçoens, cotonias, e todos os aparelhos de navios, de que tinhão junto huma grande ſoma.

Em quanto ſe faz preſtes eſta Armada, continuemos com a de Alvaro Paes de Sotomayor, que hia ſeguindo ſeu caminho pera Chàul devagar por cauſa dos Noroeſtes que curſavão, que lhe erão contrarios. E chegando àquella barra, entrou por ella com toda ſua Armada fermoſamente embandeirada, ſalvando a Cidade com muitos tiros, e inſtrumentos guerreiros, e alegres. E vendo o grande exercito poſto da outra banda, e a preſſa que os Mouros davão na fortificação do Morro, ſurgio em parte donde o pudeſſe bater, o que fez com tanto eſtrondo, e terremoto, que os que andavaõ na obra da fortificaçaõ, a forão fazendo muito devagar, porque a noſſa artelharia lha impedia. Poucos dias depois diſto chegàrão àquella barra duas galez daquellas grandes, e antigas, que vinhão de Baçaim, carregadas de madeira, e achando a couſa naquelle eſtado, ſurgirão mais perto do Morro que os galeoens, e ſe puzeraõ à bataria com elle: o que acabou de inquietar os Mouros, porque totalmente lhe impedirão o ſerviço, e ſe alguma couſa fazião era de noite, cuſtando ainda deſta maneira as vidas a muitos, mas todavia não deſiſtirão do negocio, e ſe forão fortificando o melhor que puderão com muito trabalho, e perigo.

CAPITULO VI.

Da Armada com que o Governador Franciſco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chàul, e das pazes que lhe os imigos mandàraõ cometer, e do que niſſo paſſou.

DEſpedido Alvaro Paes de Sotomayor ficou o Governador dando preſſa à Armada com que havia de partir; e os Fidalgos, e Capitaens que mais depreſſa ſe puderão negociar, não quizerão eſperar por elle, e fizerão vela pera Chàul, onde entravaõ todos os dias, de cinco em cinco, e de oito em oito navios, carregados de muita, e luſtroſa ſoldadeſca, com o que jà lhes dava a todos pouco do poder dos imigos. O Governador de tal maneira ſe apreſſou, que em menos de quinze dias ſe embarcou, e deu à vela com toda a Armada que havia. E porque naõ he razaõ que fiquem em eſquecimento os Capitaens que neſta jornada ſe achàraõ, daremos os nomes de todos, aſſim dos que foraõ diante, como dos que ficàraõ pera acompanharem o Governador, nem faremos diſtinçaõ de peſſoas, nem de navios, porque tudo foraõ fuſtas de remo. D. Diogo de Noronha o Corcòs, D. Antonio de Noronha o Catarraz, D. Antaõ de Noronha, D. Alvaro da Silveyra, D. Pedro de Menezes o ruivo, Gonçalo Falcaõ, D. Affonſo Henriques, D. Jorge de Menezes Baroche, Pantaleaõ de Sà, D. Filippe de Caſtro,

Ayres

Ayres Gomes da Sylva, D. Vaſco Fernandes de Ataide, Martim Affonſo de Miranda, D. Alvaro de Ataide, Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, D. Martinho da Cunha, D. Joaõ Coutinho, D. Lourenço de Souſa, Pero de Ataide Inferno, D. Luiz de Almeida, Ayres Telles de Menezes, D. Jorge Pereira, D. Diogo de Ataide, Antonio de Souſa Coutinho o Langarà, Manoel de Mello, Lourenço de Souſa, Jeronymo Barreto, Triſtaõ Vaz da Veiga, Gil de Goes, Alvaro Pires de Tavora, Joaõ Lopes Leitaõ, Diogo de Miranda de Azevedo, Henrique de Macedo, Manoel Travaſſos, Jorge Barreto, Manoel de Vaſconcellos, Antonio Rabello, Jorge da Sylva Correa, Manoel de Mendanha, Henrique Jaques Ouvidor gèral, Coſmo Faya, Jorge de Mello, Alvaro Gonçalves Pinto, Eſtevaõ Pereſtrello, Barnabè Maſcarenhas, Chriſtovaõ Pereira Homem, Duarte Paim de Mello, Luiz Cabral, Agoſtinho Nunes, Jorge de Moura, Gaſpar de Sà Pinheiro, Franciſco de Figueiredo, Diogo Pereira, Manoel Fernandes de Manar, Ruy Fernandes, Antonio de Eſpindola, Manoel Mouro, Antonio Martins, Balthaſar da Coſta, Diogo Banha, Balthaſar Fernandes, Meſtre Pedro, O Secretario, o Capitaõ da Guarda do Governador, o Feitor da Armada, Joaõ Peixoto, Belchior Correa, Domingos Borges, Manoel da Coſta, Belchior Godinho, Martim Rodrigues, Andrè Gonçalves de Dio, Braz Fragoſo de Coulaõ, Franciſco Correa, Pedralvarez, Gonçalo Sanches, Ruy Godinho, Chriſtovaõ Cordeiro, e outros muitos a que naõ ſabemos os nomes. E primeiro que o Governador partiſſe de Goa, entregou o governo ao Biſpo, e Capitaõ da Cidade, e deixou pelos rios de Goa, e ſuas Ilhas muitas manchuas, e Catures pera ſua guarda, de que ficàraõ Capitaens Roque Fernandes, Antonio Carrilho, Diogo Gonçalves, Lançarote Picardo, Diogo Madeira, Luiz Caſtanho, Eytor Soares, Gonçalo Correa, Balthaſar Soeiro, Antonio Ferreira, Andrè Gorjaõ, Antonio de Arzila, e outros.

Partido o Governador, foy ſeguindo ſua jornada atè chegar a Chàul, e entrou por ſua barra com toda a Armada fermoſamente embandeirada, e foy ſalvando a Cidade ſem fazer caſo do Morro, e ſe foy ao caes onde deſembarcou, ſendo muito bem recebido da Cidade, e apoſentado em caſas que pera elle eſtavaõ preſtes; e logo começou a ter conſelhos ſobre dar nos imigos, e os deitar fóra do Morro, no que os mais dos Capitaens concordàraõ: porque naõ ſabemos que eſpirito dava Deos aos homens daquelle tempo, que todas as couſas lhes pareciaõ faciles, ſem nunca jà mais refuzarem batalha que ſe lhes offereceſſe.

Concluido em darem nos imigos logo em freſco, começàraõ a fazer ſeus petrechos, e apercebimentos pera iſſo, e o Governador fez alardo da gente que havia, e achou quatro mil Portuguezes, afóra muitos Chriſtãos, e eſcravos, que podiaõ muito bem pelejar, e aſſim eſtavaõ todos taõ alvoroçados, que deſejavaõ de ſe lançar a nado às eſtancias dos imigos. Os Capitaens do Inizamoxà, vendo aquella potencia da Armada, e o rio, e o mar todo cheyo de navios embandeirados, e cheyos de muita, e muy luſtroſa gente, e de muitos inſtrumentos alegres, e guerreiros, que de contino atroavaõ eſſes ares, com que lhes davaõ os noſſos a entender o alvoroço com que eſtavaõ, por ſe verem jà às mãos com elles; receando aquelle poder, e ſendo aviſados por eſpias, como o Governador ſe fazia preſtes pera lhes dar batalha, havendo ſeu conſelho aſſentàraõ „ que feria melhor pedirlhe „ pazes, e ſahirem-ſe dalli com ſua hon„ra. Pelo que deſpediraõ logo hum Mouro em huma almadia com huma bandeira de paz, que foy levado ao Governador, e lhe diſſe „ que os Capi„taens de ElRey lhe mandavaõ pedir „ licença pera lhe mandarem hum Em„baixador, pera com elle tratar couſas

„ que

„que lhe convinhão. O Governador o deteve, e ajuntando os Capitaens do conſelho „ aſſentouſe que ſe ouviſſe, „e que ſoubeſſe o que queria, com o que o deſpediraõ. E logo ſobre a tarde tornou o Embaixador, que era hum Mouro criado do Faratecan, e vinha bem acompanhado, que logo foy levado ao Governador, que jà eſtava aviſado da qualidade de ſua peſſoa, e em chegando lhe poz aos pès hum fardete de beatilhas finas, que lhe mandavaõ de preſente (porque antre elles não ſe coſtuma falar em negocio algum ſem aquillo, que he final de amor, e amiſade) O Governador mandou tomar o fardete, e deitarlho por huma janella fóra; e muito menencorio lhe mandou dizer pelo lingua „que o não lançava tambem a elle, por„que não tinha culpa: mas que diſſeſſe „a ſeu amo que a elle o havia de fazer. O Mouro paſmado da payxaõ do Governador, ſem reſponder couſa alguma ſe foy ſahindo, e recolhendo a ſuas embarcaçoens, e paſſouſe logo da outra banda taõ amedrontado, que ainda depois de eſtar com os Capitaens no exercito, não podia cobrar folego pera falar.

Sabendo o Faratecan o que paſſava, deſpedio logo com muita preſſa hum daquelles Capitaens chamado Rafarecan, muito bem acompanhado, e com hum preſente muito differente do outro. O Governador recebeo eſte homem bem, porque era grave, e honrado, e o ouvio, e elle lhe diſſe da parte de ſeu Rey „que ſua tençaõ nunca fora „romper guerra com os Portuguezes, „de quem era amigo havia tantos annos, „e a quem elle dera aquelle ſeu porto „graciolamente, por eſtimar muito tel„los por viſinhos. Mas que acodira a „ſe naõ mandar elle Governador forti„ficar nàquelle Morro, como lhe diſſe„raõ que pretendia: porque iſſo ſeria „lançarlhe hum cadeado naquelle ſeu „porto, que era o principal que tinha „em ſeu Reino, pera naõ poderem mais „entrar, e ſahir ſuas nàos, que eraõ li„vres. Que elle eſtava preſtes pera guar„dar, e comprir os contratos das pazes „feitas pelos Governadores paſſados, „como ſempre fizera, porque era ſervi„dor de ElRey de Portugal, e muito „amigo delle Governador.

Franciſco Barreto o ouvio bem, e lhe reſpondeo „que ſe detiveſſe atè o „outro dia, em que com o Veador da fa„zenda, Secretario, e mais Officiaes de „ElRey trataſſe daquelle negocio, que „elles o deſpachariaõ. E o entregou ao lingua do Eſtado, pera que o apoſentaſſe muy bem, e lhe deſſem todo o neceſſario, como ſe fez.

E entrando em negocio, vieraõ-ſe a confirmar as pazes que eſtavaõ feitas.

„E que quanto ao Morro, que logo „ſe mandaſſe desfazer o forte, em que „nem elle, nem os Governadores da „India poderiaõ nunca jà mais mandar „fazer nelle fortaleza alguma, e que o „primeiro que tentaſſe fazella, ficaſſe „ſendo o quebrantador das pazes, e „perdeſſe o direito que tinha nelle, e „que o outro ſe pudeſſe fortificar nelle „ſem lho impedirem.

„E que ſoltaria logo o Embaixador „com todos os Portuguezes, que El„Rey mandou prender.

„E que diante do meſmo Embaixa„dor juraria ElRey as pazes. Aſſentados eſtes contratos, e jurados pelo Governador, e pelos Capitaens Mouros, que pera iſſo moſtràraõ poderes baſtantes, mandou logo o Governador apregoallas; o que ſe fez aſſim na Cidade, e fortaleza, como na de Chàul de cima, e exercito. Com iſto alevantàraõ os imigos o campo, e desfizeraõ as tranqueiras, que eſtavaõ no Morro, e ſe foraõ pera o Balagate.

CAPITULO VII.

De como o Governador Franciſco Barreto mandou deſapoſſar Dom Joaõ de Ataide da Capitanìa de Ormuz, pera onde foy D. Antaõ de Noronha, e do que mais fez atè ſe partir pera Goa.

DEclaradas as pazes pela Cidade, tomàraõ-ſe tanto a mal dos ſoldados, que eſtavaõ alvoroçados pera ſe verem às mãos com os imigos, que ſe começàraõ a ſoltar em palavras contra o Governador, e a cantaremlhe de noite cantigas çujas, e deshoneſtas. E porque ſe hia gaſtando o veraõ, e era tempo de prover nas couſas de Ormuz, mandou ver pelos Deſembargadores, que levou, as culpas que de là vieraõ contra Dom Joaõ de Taide, que là eſtava por Capitaõ; e foy ſentenciado que ſe foſſe livrar à India; com o que o Governador deſpachou logo a D. Antaõ de Noronha, que eſtava provido daquella Capitanìa, de que jà tinha ſervido hum anno, mas tinhalhe aquelle vindo do Reino huma proviſaõ de ElRey, em que lhe fazia mercè „ que lhe não correſſe „ aquelle tempo, mas que acabaſſe os „ tres annos por encheyo.

E porque das culpas de D. Joaõ de Taide não temos tratado atraz, o faremos agora, porque ſerviraõ de aviſo, aſſim pera os Capitaens das fortalezas fazerem nellas o que devem, como pera os Governadores ſe não deixarem levar da paixaõ, e odio, couſa que tanto desfea hum Varaõ, por muito famoſo que ſeja. E aſſim o que mais engrandece, e ſublima hum Capitaõ, e o que mayor màgoa, e caſtigo he pera ſeus imigos, he fazer couſas, e obrar feitos, de que lhes elles tenhão inveja. Iſto he o que aconſelhava aquelle grande Diogenes a hum ſeu amigo, que lhe perguntou o que faria pera ſe vingar de hum imigo? A que reſpondeo. Que trabalhaſſe por ſer bom, e que lhe tiveſſe elle inveja.

E tornando a noſſo fio. O caſo de D. Joaõ de Taide, ſegundo o que conſtava dos autos, foy eſte. Era eſte Fidalgo hum pouco livre, e apaixonado; e na ſua Capitanìa fazia algumas couſas, que eſcandalizavaõ, principalmente na materia dos empreſtimos, que todos os Capitaens pedem em ſuas Capitanìas aos moradores, a que mais lhe podemos chamar forças, que empreſtimos: no que elle parece que excedia o modo, do que ſe mandàraõ queixar ao Governador, e lhe mandàraõ hum ſumario de culpas que lhe là tiràraõ em ſegredo. E como elle ou não eſtava muito ſeu amigo, ou levado do eſcrupulo da conſciencia mandou em principio deſte veraõ tirar delle devaças, que lhe chegàraõ eſtando em Chàul, e por ellas foy ſentenciado que ſe foſſe livrar a Goa. Mas ſegundo alguns homens velhos, e honrados daquelle tempo nos diſſeraõ; o negocio naſceo diſto. Quando Pero Barreto Rolim foy ao Cinde, que fez aquella deſtruição (como atraz diſſemos no Capitulo duodecimo do terceiro livro) eſtava D. Joaõ de Taide por Capitaõ em Ormuz, que recebeo grande perda naquelle alevantamento: porque os Capitaens de Ormuz, o mòr comercio, trato, e proveito que tem he o do Cinde, e chegandolhe novas do que Pero Barreto Rolim fizera, dizem q̃ diſſera muito apaixonado. „ Tal bal„ carriada foy eſta, q̃ Franciſco Barre„ to mandou fazer, como a que elle fez „ em gaſtar duzẽtos mil pardaos em hũa „ groſſa Armada, pera elle hir a Baçaim „ a couſas de ſeu goſto. E como na India nunca faltaõ mexedores, e correto-res de novas aos Viſoreys, e Governadores (couſa que elles muito haviaõ de eſtranhar por ſua authoridade, porque parece que em certo modo o deſacata quem lhe vay com mexericos: porque aſſim como o officio da juſtiça he naõ enganar, aſſim o da prudencia he procurar naõ ſer enganado) foy algum curioſo contarlhe o que diſſera D. Joaõ de Taide; do que dizem ficàra taõ tomado, que lhe naõ pezou com as culpas, que

lhe

lhe delle mandàraõ pera o diſpor, pelo menos naõ lhas quiz diſſimular, couſa tanto contra a obrigaçaõ do que governa, conforme àquella ſentença de Domicio Aphro: que o Principe que quer ſaber, e ouvir tudo, he neceſſario que diſſimule, e perdoe tudo.

Deſpachado D. Antaõ de Noronha pera Ormuz, fez vela na entrada de Abril, e chegando àquella fortaleza lha entregou D. Joaõ de Taide, tendo ſervido pouco mais de anno e meyo, e logo ſe embarcou pera Maſcate, e depois em Setembro pera Goa. Deſpachadas eſtas couſas foy o Governador a Baçaim, o que lhes todos eſtranhàraõ muito, e murmuràraõ diſſo publicamente, porque alguns dos Fidalgos não eraõ ſeus amigos, e pejavaõ ſe com elle naquelle lugar; que a inveja faz cuidar a quem a tem, que merecem as couſas melhor, que quem as poſſue, que he o de que o mundo eſtà cheyo.

CAPITULO VIII.

De como o Governador Franciſco Barreto ſe partio pera Goa. E da grande Armada, e apercebimentos que fez pera hir ao Achèm

DEpois que o Governador Franciſco Barreto deſpachou D. Antaõ de Noronha pera Ormuz, paſſou a Baçaim, e deu deſpacho a algũas couſas muito depreſſa, porque ſe fazia tempo de ſe hir pera Goa como fez, pera prover as fortalezas de Malaca, e Maluco, e Ceilaõ. Chegado a Goa em breves dias, deſpachou os provimentos pera Ceilaõ, Malaca, e Maluco, e com iſto ſe cerrou o inverno, em que o Governador tratou de fazer huma Armada muito groſſa pera hir ao Achèm, ſe lhe não vieſſe ſucceſſor. E porque as caſas do Sabayo, pera onde elle ſe mudou por falecimento do Viſorey Dom Pedro Maſcarenhas, lhe diſſeraõ que eſtavaõ pera cahir, ſe mudou pera a fortaleza, que mandou concertar; e ſempre ficou, ſendo dahi por diante o apoſento dos Viſoreys, e Governadores.

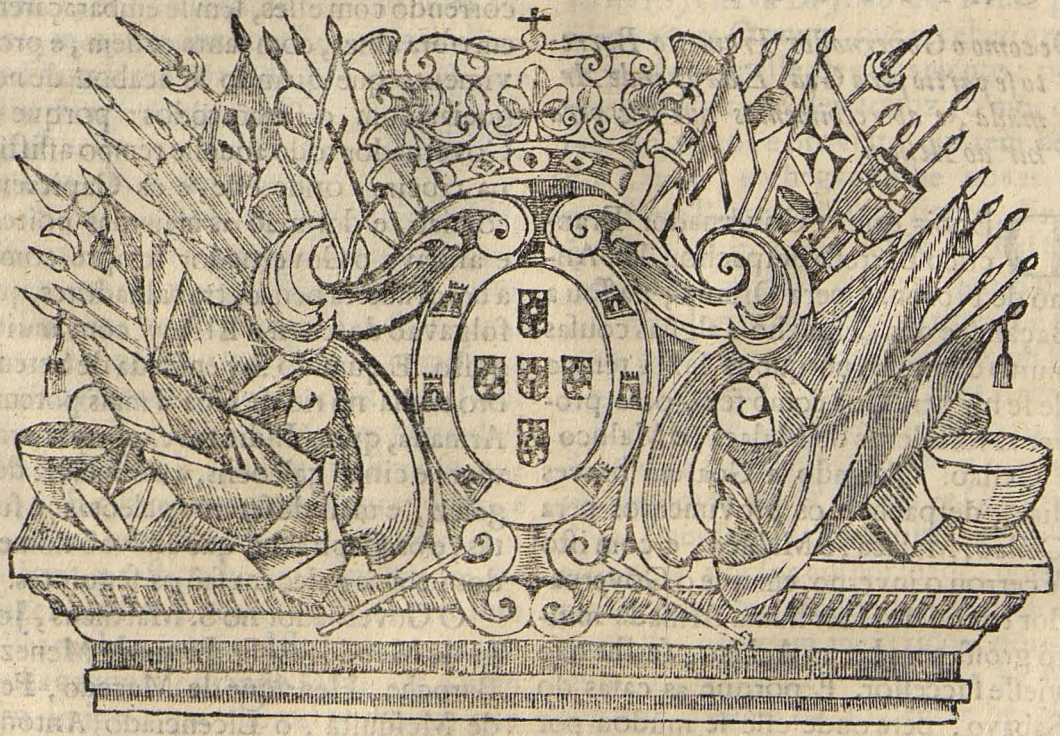
E porque as pazes, que eſtavaõ feitas com os Capitaens do Idalxà, ficàraõ imperfeitas, por ſe não jurarem: deſpachou o Governador hum Embaixador pera mandar ao Idalcan, que foy là muito bem recebido de ElRey, e diante delle as jurou, e logo o Governador entrou nos negocios da Armada, que determinava fazer pera hir ao Achèm a fazer huma fortaleza como ElRey mandava, pera deſaſſombrar a de Malaca daquelle imigo. E pera mòr aviamento repartio os galeoens, e mais vaſilhas pelos Capitaens que havia de levar, pera correrem com ſeu aviamento, e paſſou proviſoens pera os Almoxarifes darem por eſcritos deſtes Capitaens todas as couſas neceſſarias pera os navios, porque de tudo tinha os almazens muito bem providos. E como a ribeira das Armadas tinha ainda neſte tempo perto de quatrocentos homens do mar Portuguezes, foraõ os officiaes dos galeoens correndo com elles, ſem ſe embaraçarem em obra alhea, com tanta ordem, e provimento, que quando ſe acabou de negociar hum, o foraõ todos: porque o Governador todo aquelle tempo aſſiſtio na ribeira, onde elle, e os Capitaens comiaõ, e dormiaõ as mais das noites, e andava o Governador ſempre com a a bolça aberta pera os trabalhadores, que folgavaõ de ſervir a ElRey com muito goſto. E quando foy entrada de Setembro tinha no rio de Goa a mais potente Armada, que a India teve, porque eraõ vinte e cinco galeoens, e caravelas: dez galez, e mais de ſetenta galeotas, e fuſtas, e os Capitaens que eſtavaõ nomeados pera os galeoens ſaõ os ſeguintes.

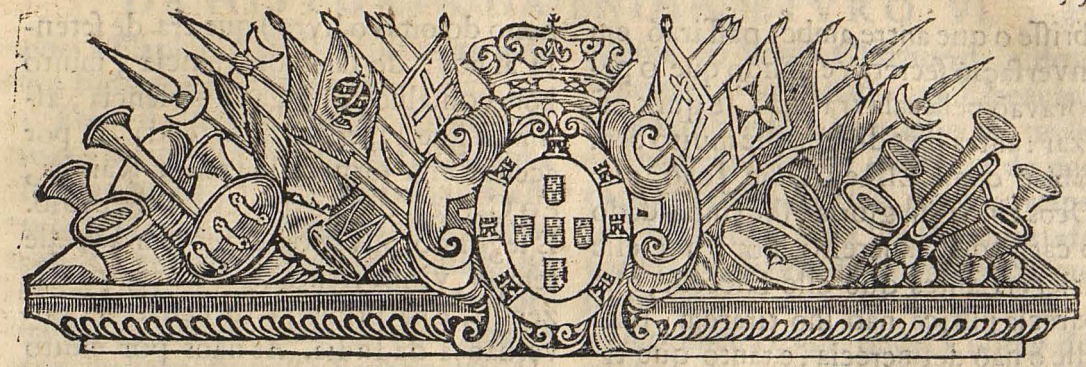
O Governador no S. Mattheus, Jorge de Mendoça, D. Jorge de Menezes Baroche, Henrique de Macedo, Pero de Meſquita, o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, Manoel Travaſſos, Manoel de Vaſconcellos, D. Martinho da Cunha, Henrique Jaques,

Anno 1558.

Ouvidor géral, Jorge de Moura, Diogo Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernaõ de Noronha, e Andrè de Souſa. Os das galez, Martim Affonſo de Miranda, Ayres Telles, Triſtaõ Vaz da Veiga, Diogo Juſarte Tiçaõ, D. Diogo de Taide, D. Vaſco de Taide, D. Leoniz Pereira, Joaõ Lopes Leitaõ, Antonio de Abreu, e Fernaõ de Souſa de Caſtello branco. Os das fuſtas, e galeotas naõ nomeamos, por ſer infinitos. Todas eſtas vaſilhas eſtavaõ providas de officiaes, artelharia, muniçoens, e mantimentos, e taõ aponto, que a cada hora podiaõ fazer viagem.

E quando foraõ vinte de Agoſto chegou à barra de Goa D. Joaõ de Taide, que vinha de Ormuz, e logo a tres de Setembro quatro nàos do Reino, em que vinha por Viſorey da India Dom Conſtantino de Bargança. E por iſſo concluiremos aqui com eſte Governador. Foy Franciſco Barreto filho ſegundo do grande Ruy Barreto, Fronteiro mòr do Algarve, e de Dona Branca de Vilhena. Foy caſado com Dona Franciſca de Caſtro, filha de D. Luiz de Menezes, Alferes mòr que foy de Portugal, irmaõ de D. Duarte de Menezes Senhor da caſa de Tarouca, de quem houve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, e Luiz da Sylva, que ambos morrèraõ na India. E por ſua morte della, depois que acabou de ſer Governador, caſou com Dona Brites de Taide, irmaõ do Conde de Atouguia D. Luiz de Taide, mulher que fora de Chriſtovaõ de Brito. Depois o encarregou ElRey de Capitaõ mòr das galez, com que ſe achou em favor de ElRey de Caſtella na tomada do Pinhaõ de Bellez. Depois o mandou por Governador, e conquiſtador do Imperio de Monamotapa, onde faleceo, como na nona Decada ſe verà.





DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO VI.

CAPITULO I.

De como foy eleito pera Viſorey da India D. Conſtantino filho do Duque de Bargança, e da Armada com que partio no anno de cincoenta e oito.

FAlecido ElRey Dom Joaõ o Terceiro, e entregues do governo do Reino, e tutoria do menino Sebaſtiaõ, que ficava de peito, a Rainha Dona Catharina ſua avò, e o Cardeal D. Henrique ſeu tio, tratàraõ, como foy tempo, de proverem nas couſas da India, por haver mais de tres annos que a governava Franciſco Barreto. E lançando os olhos por toda a Corte (porque deſejavaõ de fazer eleição de huma peſſoa, a que todos tiveſſem reſpeito, e que trataſſe mais do q̃ compria ao ſerviço de Deos, e de ElRey, que do ſeu particular) os puzeraõ em dous homens, que ſe eſcuzàraõ, do que a Rainha, e Cardeal ficàraõ tão enfadados, que publicamente ſe lhes conheceo. Succedeo neſte tempo eſtar hum dia o Duque de Bargança D. Theodoſio praticando com ſeu irmão D. Conſtantino ſobre eſte negocio, eſtranhando ambos muito engeitarem aquelles homens tamanha couſa; diſſe D. Conſtantino: „ Agora q̃ eſtes „ homẽs engeitàraõ iſto fora eu de mui„ to boa vontade à India ſó por ſerviço „ de Deos, e de ElRey. A iſto naõ reſpondeo o Duque couſa alguma, nem D. Conſtantino fez caſo diſſo, porque naõ diſſe aquillo ſe naõ em pratica, por eſtranhar aos que engeitàraõ tamanho negocio. Mas o Duque, que era muito zeloſo do ſerviço de ElRey, ſem dar conta ao irmaõ do que hia fazer, ſe foy à Rainha, e ao Cardeal, e lhes diſſe „ que lhes levava hum alvitre de muito „ ſerviço de ElRey, e com que eſpera„ va de temperar o deſgoſto, e deſcon„ tentamento com que andavaõ: e entaõ lhes contou o que paſſára com ſeu irmaõ D. Conſtantino: affirmandolhes „ que ſe o cometeſſem pera a jornada „ da India, que aceitaria, pelo zelo que „ tinha do ſerviço de ElRey, o que lhe elles agradecèraõ muito. E hindo-ſe dalli, foy D. Conſtantino logo chamado, e com palavras de muita obrigaçaõ o cometèraõ pera hir à India, agradecendolhe muito o zelo que moſtràra ao ſerviço de ElRey naquellas palavras, que paſſára com ſeu irmaõ o Duque. D. Conſtantino ficou ſobreſalteado, porque nunca cuidou que o Duque ſeu irmaõ lançaſſe maõ do que diſſe, nem deſ-

cobrisse o que antre ambos passáraõ em conversaçaõ secreta, e vendo que o penhoravaõ pela palavra, naõ se quiz escuzar: antes lhes disse „ que muito bem „ sabiaõ como ElRey Dom Joaõ, que „ Deos tinha em gloria, lhe tinha dado „ o cargo de Camereiro mór, que elle „ já servia antes que elle falecesse, que „ parecia justiça naõ lho tirarem, pois „ elle o naõ desmerecia; e tanto que tiveste o Principe idade, forçado havia „ de ter quem o servisse naquelle cargo. A Rainha lhe respondeo que seu „ neto era ainda menino de peito, e que „ ainda se criava no collo das amas, e „ que haviaõ de passar alguns annos „ primeiro que houvesse mister Camereiro: que o fosse elle servir à India, „ e quando de là tornasse, o ouviriaõ „ em seus requerimentos, e lhe fariaõ „ justiça.

Com estas esperanças começou logo a correr em seus negocios, naõ tendo nelles o despacho muito liberal, nem as ventagens, e mercès, que depois fizeraõ a muitos, porque o Principe era menino, e os tutores, e Governadores naõ quizeraõ logo entrar em governo com cousas extraordinarias; nem D. Constantino as requereo, pera lhe ficar melhor auçaõ pera quando tornasse requerer o cargo de Camereiro mòr. As nàos que havia de levar, eraõ quatro, com dous mil homens de armas, a que se foy dando a mòr pressa que puderaõ. E porque D. Constantino era de pouco mais de trinta annos, sem experiencia dos negocios da fazenda, por ser sempre criado em Corte, ordenàraõ a Rainha, e o Cardeal, de mandarem com elle hum homem o mais grave que se achasse, pera correr com o cargo de Veador da fazenda; e de idade, e partes a quem D. Constantino tivesse muito respeito, e pera isto elegeraõ Aleixo de Sousa Chichorro, de que muitas vezes falamos pelo discurso de nossas Decadas, que jà tinha servido aquelle cargo, depois de ter sido Capitaõ de Çofala (como na quinta Decada fica dito no Capitulo nono do oitavo livro) que era de setenta annos, de sãa consciencia, muito bom conselho, e longa experiencia, assim da guerra, como da fazenda. E por aceitar esta jornada lhe fez a Rainha, e o Cardeal tudo o que elle lhes pedio. E segundo ouvimos dizer em aquelle tempo, vinha isento do Visorey na fazenda, e na primeira successaõ da governança da India. As nàos por muito mais pressa que se lhes deu, naõ se puderaõ fazer à vela senaõ a sete de Abril do anno de cincoenta e oito quinta feira da Paixaõ.

Os Capitaens dellas eraõ. Da Garça, em que hia o Visorey, fez elle D. Payo de Noronha, que levava sua mulher Dona Joanna Fajarda, e sua filha Dona Guiomar de Noronha menina, que depois casou na India duas vezes, a primeira com Alvaro Paes de Sotomayor, que foy Capitaõ de Chàul, de quem teve filhos, e filhas, e a segunda com D. Joaõ da Costa, que foy Capitaõ de Dio. Levava D. Payo de Noronha a Capitanìa de Cananòr em vida. Da nào Rainha era Capitaõ Aleixo de Sousa Chichorro, Veador da fazenda. Da nào Tigre era Capitaõ Pero Peixoto da Sylva. Da nào Castello era Jacome de Mello; hiaõ embarcados com o Visorey muitos Fidalgos, e dos que pudemos saber os nomes saõ os seguintes. D. Diniz filho do Marichal, Francisco de Mello filho do Monteiro mòr, Ayres de Saldanha filho de Antonio de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Francisco Lobo, D. Luiz de Almeida, D. Francisco de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, que depois foy Capitaõ de Tangere, Fernaõ de Castro, filho do Veador do Duque de Bargança, Pero de Mendoça, que se chamava o Larim por ser magro, filho de Tristaõ de Mendoça, Joaõ Gomes de Castro, moço Fidalgo que foy do Infante D. Luiz, Pero da Sylva de Menezes, irmão de Frey Thomaz de Sousa, Frade da Ordem de S. Domingos, Jeronymo Dias de Menezes, Joaõ Lopes Leitaõ, Gil de Goes despachado com

com a Capitanìa de Goa, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros.

Foy eſta Armada ſeguindo ſua derrota, e ſem achar contraſtes chegou a Moçambique entrada de Julho, e alli achou D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, que deixàmos invernando no Brazil, donde tinha partido a quatorze de Agoſto do anno de cincoenta e ſete, veſpera de noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. E chegando a Moçambique a dous de Mayo de cincoenta e oito, D. Conſtantino lhe fez muitos gaſalhados, por ſerem muito amigos. Achou tambem alli a nào Patifa, de que era Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho, que por chegar tarde não pode paſſar à India. E tomando provimentos, e agua, partiraõ todos juntos a cinco de Agoſto, e aſſim juntos chegàraõ à barra de Goa a tres de Setembro.

CAPITULO II.

De como o Viſorey D. Conſtantino tomou poſſe do Eſtado da India, e das couſas em que logo proveo. E da cauſa porque ſe alevantou a guerra em Cananor.

SUrto o Viſorey D. Conſtantino na barra de Goa, foy logo viſitado da Cidade, e Fidalgos, a cujo rogo eſperou cinco, ou ſeis dias, em quanto lhe preparàraõ ſeu recebimento, e paſſados elles entrou na Cidade, onde foy recebido com muitas feſtas, e grande alvoroço de todos, como homem que era taõ conjunto no ſangue com os Reys de Portugal. Franciſco Barreto lhe entregou a governança, e tirou ſeus papeis, e inſtrumentos, e ſe foy pera as caſas de Antonio Peſſoa, onde eſteve atè ſe partir pera o Reino, que foy a vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos cincoenta e nove, e o Viſorey ſe apoſentou na fortaleza, que jà eſtava deſpejada, e armada, e começou a correr com as couſas de ſua obrigaçaõ, metendo de poſſe do cargo de Veador da fazenda a Aleixo de Souſa Chichorro, e do dê Secretario do Eſtado ao Licenciado Belchior Serraõ, que delle hia provido, homem Fidalgo, velho, e de muito boas letras, e partes, por cujo reſpeito o Infante D. Luiz lhe foy muito afeiçoado, e ſe ſervio delle em couſas muy honroſas.

A primeira couſa, que o Viſorey deſpachou pera fóra, foy D. Payo de Noronha, pera hir entrar na Capitanìa de Cananòr, que foy embarcado com toda ſua caſa em alguns navios ligeiros, e chegando àquella fortaleza tomou poſſe della, e logo ElRey de Cananòr o mandou viſitar, como he coſtume, e o meſmo fez o Guazil, e a voltas diſſo lhe mandàraõ alguns preſentes das couſas da terra, que D. Payo lhes naõ quiz aceitar, nem reſpondeo bem aos recados, a cauſa diſto naõ a ſoubemos: mas elles ficàraõ affrontados daquillo, e o houveraõ por taõ grande deſcortezia, que claramente o moſtràraõ. E como os Mouros, que vivem por aquelles Reinos, ſaõ imigos do nome Chriſtaõ por natureza, e dos Portuguezes, pelo muito antigo odio que lhes cobràraõ depois que deſcobriraõ a India, e nunca ſe lhes offereceo occaſiaõ de ó moſtrarem, q̃ o diſſimulaſſem: vendo agora ElRey queixoſo, tiveraõ mais ouſadia pera ſe alterarem, e haver antre elles movimentos. Succedeo juntamente com iſto hum Mouro por nome Paliata, que vivia no rio do Sal, alli perto, armar hum paro pera ſahir a roubar: o que ſabido por ElRey, como naõ queria romper de todo com os Portuguezes, mandou aviſar a D. Payo, e dizerlhe „ que „ mandaſſe tomar a boca daquelle rio „ por alguma fuſta, ou navio, pera que „ naõ ſahiſſe aquelle ladraõ a roubar, ou „ que lhe mandaſſe empreſtar hum par „ de berços, e alguma polvora, que elle „ armaria hum navio ſeu, e o mandaria „ a iſſo, porque queria atalhar deſgoſ„ tos; do que D. Payo naõ fez caſo: antes em vez de agradecer a ElRey aquelle aviſo, lhe reſpondeo mal, com

o que ElRey se acabou de escandalizar. O Mouro Paliata, tanto que teve prestes o seu navio, sahio nelle pelo mar a roubar livremente; e logo quiz a desaventura que achasse huma fusta que hia pera Còchim, com dez, ou doze Portuguezes, e abordando-a (posto que os nossos pelejàraõ valerosamente em sua defensaõ) foraõ a mòr parte delles mortos, e a fusta levada chea de fazendas. Isto se soube logo em Cananòr, e o Alcaide mór avisou com muita pressa o Visorey D. Constantino, porque tambem a terra se começava jà a alterar, pera que mandasse acodir àquelle negocio. Com este recado despedio o Visorey com muita diligencia cinco navios, que nos primeiros dias de Setembro tinhaõ chegado do mesmo Cananòr, de que foy por Capitaõ mòr Ruy de Mello, homem Fidalgo, e casado naquella fortaleza com huma filha de Duarte Barbosa, e os mais Capitaens eraõ Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Diogo Barbacho, Pedralvares, e hum foaõ Pimentel.

Chegados estes navios a Cananòr, achàraõ a terra taõ alterada, e os Mouros taõ soberbos, que jà não havia communicaçaõ antre os nossos, e os Mouros, nem ousava Portuguez algum hir à Cidade: antes estava a fortaleza com grandes vigias, e pelos rios se começavaõ a armar navios de Cossairos, pera sahirem a roubar. De todas estas cousas tornàraõ logo a avisar o Visorey, que com muita pressa despedio Luiz de Mello da Silva com mais nove navios de remo, de que eraõ Capitaens Cosmo Faya, Bastiaõ Gonçalves, Alvaro Dias, Domingos de Coimbra, Antonio Mouro, Joaõ Luiz, Diogo Lourenço, e o Capitaõ mòr que hia em huma galeota de appellaçaõ de dous baileos, e levava por regimento „ que ajuntasse „ a si os navios que foraõ com Ruy de „ Mello (que se tornou pera Goa) e fi„ casse Luiz de Mello correndo a costa „ com muitas intelligencias nos rios em „ que se armavaõ os Cossairos, pera „ lhes atalharem sua sahida, e darem nel„ les primeiro que fizessem algum dano. A guerra jà se hia declarando de todo da parte dos Mouros, ainda que da de ElRey estava a cousa parada; porque acodiraõ a isso Coge Cemaçadim, e Nicore Garipo, hum Nayre principal do Reino de Cananòr, e Jangada da fortaleza, muito amigos dos Portuguezes, e grande servidor de ElRey de Portugal, e assim sempre mostrou isto por obra nos cercos de que adiante daremos razaõ, causados todos da sequidaõ de D. Payo de Noronha. Estes ambos acodiraõ a temperar o Aderajao, que era cabeça de todos os Mouros, e Regedor mòr de todo o Reino, que tinha em seu peito guardado aquelle grãde odio, que cobràra aos Portuguezes pela morte de seu tio Pocaralle, que Henrique de Sousa Chichorro, em tempo do Governador Martim Affonso de Sousa, matou na praya de Cananòr, sobre Coge Cemaçadim, como no Capitulo oitavo do decimo livro da quinta Decada fica dito. E por esta razaõ tomou aquella occasiaõ pera a guerra que desejava fazer àquella fortaleza. E nunca em quanto viveo deixou de mostrar este odio em todas as cousas que pode.

CAPITULO III.

Das intelligencias que o Visorey D. Constantino teve com Ithimitican sobre lhe dar a Cidade de Damaõ, e lha concedeo. E do conselho que tomou sobre mandar, ou hir sobre ella. E de como despedio as nàos pera hirem a Còchim tomar a carga pera o Reino. E Francisco Barreto partio de Goa. Anno 1559.

JA dèmos atraz conta de como Dom Diogo de Noronha, estando por Capitaõ de Dio, sendo Visorey D. Pedro Mascarenhas, desejàra de haver às mãos a Cidade de Damaõ, sobre o que mandou Diogo Pereira por Embaixador a tratar aquelle negocio com Madre Maluco,

luco, que naõ houve effeito. Depois ſuccedendolhe o Governador Franciſco Barreto, vendo quanto importava pera ſegurança das terras de Baçaim haver a Cidade de Damaõ, aſſim pela meſma razaõ acima, como pela groſſidaõ, e proſperidade de ſuas terras, e aldeas, em que ſe podiaõ apoſentar muitos cavalleiros, e caſados pobres que tinhaõ ſervido ElRey, o Governador mandou (como diſſemos) Chriſtovaõ do Couto, lingua do Eſtado, por Embaixador ao meſmo Madre Maluco, tutor de ElRey de Cambaya, e o requerimento que levava, era pedirlhe „ que „ lhe entregaſſe a Cidade de Damaõ „ com todas ſuas Tanadarias, e jurdi„ çaõ, e que lhe largaria ametade do „ rendimento da Alfandega de Dio „ aſſim, e da maneira que Soltaõ Ma„ hamude a poſſuhio, quando fez novos „ contratos de pazes com o Governa„ dor D. Eſtevaõ da Gama, como na quinta Decada no Capitulo quarto do ſetimo livro fica dito: o que tambem ſe naõ effeituou pelas deſavenças que havia antre os Governadores do Reino, e tutores do Rey; do que D. Diogo de Noronha ſe tomou tanto, como atraz fica dito no Capitulo oitavo do terceiro livro. E como elle deſejava muito de accreſcentar aquellas terras ao Eſtado da India, porque todos os ſeus fardos, empregos, e mercadorias foraõ ſolicitar ſempre, e ſonhar com o ſerviço de ElRey, e augmentação de ſeu Eſtado, como quaſi todos os Fidalgos daquella ſorte entaõ faziaõ. Pelo que nunca deixou de trazer intelligencias com o Ithimitican, em cujo poder entaõ eſtava aquelle Rey, e com os Capitaens do ſeu conſelho, perſuadindolhe „ que me„ lhor lhe vinha poſſuir ElRey de Por„ tugal aquella Cidade, que não o Abe„ xim, que com ella eſtava alevantado, „ e ſe hia fazendo mais poderoſo, e que „ por ventura por tempos naõ deixaria „ de aſpirar a ſe fazer Rey. E como D. Diogo de Noronha trazia iſto na imaginação, tanto que Dom Conſtantino chegou a Goa, logo lhe deu conta do eſtado em que aquellas couſas eſtavaõ, e do que ſobre ellas tinha paſſado com o Ithimitican, perſuadindo-o a hir ſobre aquella Cidade, dandolhe pera iſſo muitas razoens, muy vivas, e urgentes. D. Conſtantino como tinha jà noticia do zelo de D. Diogo de Noronha, e de ſua prudencia, e conſelho, tomou aquelle de D. Diogo, e deſpedio recado ao Ithimitican, e aos mais do conſelho de ElRey ſobre aquelle caſo, a que tambem eſcreveo D. Diogo de Noronha, a quem todos elles tinhaõ grande reſpeito. Quem foy a iſto, e como correo, não achàmos informação certa: mas quem quer que foſſe, elle tratou aquelle negocio por taes termos, que concedèraõ pera o Eſtado a Cidade de Damaõ com todos ſeus termos, e Tanadarias, de que lhe paſſáraõ logo hum formaõ em nome de ElRey de Cambaya, cõ que ſe mandou tomar poſſe della. Algumas peſſoas dizem que jà o Ithimitican tinha concedido eſte formaõ ao Governador Frâciſco Barreto, a quem (ſe aſſim foy) naõ queremos roubar o ſeu. E eſta confuſaõ fez naõ ſe achar eſte formaõ, e ſer na India tudo o deſta ſorte perdido pelos deſcuidos que muitas vezes apontàmos. E aſſim nas couſas deſta qualidade não tem o Eſtado mayor direito, que na poſſe em que eſtà. Em fim como quer que foſſe, depois do Viſorey D. Conſtantino ter recado dos Regedores de Cambaya, poz em conſelho dos Fidalgos, e Capitaens velhos aquelle negocio, e os mais delles foraõ de parecer, que pois ElRey livremente concedia a Cidade de Damaõ, que baſtava pera hir tomar poſſe della Antonio Moniz Barreto, q eſtava por Capitaõ de Baçaim, e que ſe eſcuzariaõ muitas deſpezas, que forçado ſe haviaõ de fazer, ſe quizeſſe hir em peſſoa.

Aſſentado iſto, eſcreveo o Viſorey a Antonio Moniz Barreto „ que ajuntaſ„ ſe a gente que havia naquella Cidade, „ e armaſſe os navios que lhe pareceſſe, „ e que foſſe tomar poſſe de Damaõ, „ man-

„ mandandolhe o traslado do formaõ „ juſtificado. Dado eſte recado a Antonio Moniz Barreto, ſe começou a fazer preſtes, e lançou eſpias em Damaõ, pera ſaber o modo de como aquella Cidade eſtava, de quem foy aviſado „ que Cide „ Bofatà Abexim que nella eſtava, ti- „ nha mais de tres mil homens Abexins, „ e Turcos, e outros homens brancos; „ e que eſtava muito fortificado na Ci- „ dade, do que aviſou logo ao Viſorey, e lhe certificou „ que pera lançar dalli „ o Cide Bofatà era neceſſario todo o „ poder da India. Com eſte deſengano tornou o Viſorey ajuntar conſelho, e nelle moſtrou as cartas de Antonio Moniz Barreto, e mandou que ſobre ellas votaſſem. D. Diogo de Noronha tomou a maõ a falar primeiro que todos, e diſſe „ que lhe parecia muito bem que „ foſſe em peſſoa àquelle negocio, pois „ achàra taõ potente Armada no mar, „ como era a que o Governador Fran- „ ciſco Barreto tinha feita preſtes, e „ negociada, e os almazens providos „ de muitos mantimentos, e muniçoens, „ e q já agora a Cidade de Damaõ era de „ ElRey de Portugal pela conceſſaõ „ que della lhe fizera o de Cambaya, e „ que forçado ſe havia de hir tomar poſ- „ ſe della como de couſa propria da Co- „ roa, e que eſtava certo o Cide Bofatà „ como o viſſe ſobre aquella barra lar- „ gar tudo, e deſpejarlhe a Cidade; e dizendolhe ſobre iſto tantas outras couſas, que naõ taõ ſómente todos os do conſelho lhas provàraõ, mas ſe foraõ com elle. O Viſorey mandou logo fazer paga géral a todos, e prover a Armada de mantimentos, e deſpachou as nàos pera hirem tomar carga a Còchim, pera onde ſe foy tambem embarcar D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos na ſua nào Santa Maria da Barca.

O Governador Franciſco Barreto ficou em Goa, pera dalli ſe partir pera o Reino. E porque a nào Garça, em que viera o Viſorey D. Conſtantino, era de mil toneladas, a mayor que atè entaõ ſe vira na carreira da India, e naõ havia em Goà carga baſtante pera ella; pedio Franciſco Barreto ao Viſorey que dèſſe aquella a Joaõ Rodrigues de Carvalho, pera hir tomar a carga a Còchim, e lhe dèſſe a elle a de Joaõ Rodrigues, que era mais pequena, e já velha, por cauſa das muitas vezes que invernàra naquella viagem, antes de chegar à India. O que o Viſorey fez com facilidade, por ſer aſſim mais proveito da nào, e dar goſto a Franciſco Barreto, que o tinha de partir de Goa. Concertada a nào Aguia (que tambem ſe chamava a Patifa) começàraõ de a carregar, e meter nella os mantimentos neceſſarios pera a viagem; ſendo vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos cincoenta e nove, ſe fez Franciſco Barreto à vela da barra de Goa, com quem foraõ embarcados muitos Fidalgos, e cavalleiros, a requerer ſatisfaçaõ dos ſerviços que tinhaõ feito a ElRey, a quem foy ſempre dando meſa, e aos que pudemos ſaber os nomes ſaõ eſtes.

Jeronymo Barreto Rolim, irmaõ de Ruy Barreto Rolim da Pampulha, primo com irmaõ do Governador Franciſco Barreto, D. Diogo Lobo, ſobrinho de D. Joaõ Lobo, Baraõ de Alvito, D. Affonſo Henriques caſado em Baçaim, parente de D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas, D. Franciſco de Moura, irmaõ de D. Rolim de Santarem, D. Filippe de Caſtro, filho de D. Rodrigo Hombrinhos, deſtes do Torraõ, Manoel de Brito o Langarà, Pedralvares de Mancellos, filho de Antonio de Mancellos, que morreo no ſegundo cerco de Dio no anno de mil quinhentos quarenta e ſeis, Manoel da Nhaya Coutinho, irmaõ de Diogo da Nhaya Coutinho, naturaes de Santarem, e muito parentes de Franciſco Barreto, Baſtiaõ de Reſende, filho natural de Garcia de Reſende, Diogo de Vaſconcellos, collaço do Principe, Fraciſco de Gouvea, e outros criados de ElRey, a que naõ ſoubemos os nomes. Eſta nào foy fazendo ſua viagem com ventos proſperos, e bonançoſos. E as

outras

outras partiraõ de Còchim no meſmo tempo, de cuja jornada adiante daremos razaõ, por tirarem agora por nós as couſas de Cananòr.

CAPITULO IV.

De como os Mouros de Cananòr ſe alevantàraõ de todo, e do que fez Luiz de Mello da Silva. E dos navios que mais lhe mandou o Viſorey D. Conſtantino, e da grande Armada com que partio pera Damaõ.

DEixàmos as couſas de Cananòr em começo de rotura com a noſſa fortaleza, e deſejoſos os Mouros de ſe declararem de todo, e de lhe fazerem guerra, por ſatisfazerem a ſeus odios. E como a couſa era entendida dos noſſos, não deixava Luiz de Mello hir ſoldado algum da ſua Armada à Cidade dos Mouros, nem ainda ſahirem das tranqueiras pera fóra, e por eſta cauſa naõ ſe queria apartar de Cananòr, porque já com os Mouros o verem alli, naõ ſe deſavergonhariaõ tanto: mas tinha mandado tomar as bocas de alguns rios, onde ſe armavaõ navios de ladroens, com os navios da ſua Armada, pera naõ poderem ſahir a roubar. Eſtando as couſas neſte eſtado, quiz a fortuna que ſuccedeſſe chegar a Cananòr huma fuſta, que levava fato, e matalotagem de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, que hia pera Còchim, e ſurgio fóra, e hum homem que nella hia, meteo-ſe em hũa almadia, e foy-ſe à povoaçaõ dos Mouros, parecendolhe que a terra eſtava de paz, a hir comprar couſas pera a matalotagem. Os Mouros tanto que o viraõ là, lançàraõ maõ delle, e o prendèraõ, do que logo foy aviſado Luiz de Mello, que eſtava na fortaleza, e embarcando-ſe nos navios que alli tinha ſe foy pôr defrõte das caſas do Aderajao (que eſtavaõ àviſta do mar) e as esbombardeou à ſua vontade, fazendolhe muito dano, e matandolhe no bazar muita gente. Os Mouros tanto que viraõ aquillo, ajuntando-ſe perto de tres mil delles, ſahiraõ da Cidade, e foraõ com grandes gritas cometer as tranqueiras de fóra da fortaleza, que cercaõ o arrabalde, e com grande determinaçaõ tratàraõ de as cavalgar; ao que acodio D. Payo de Noronha com a gente que havia, e ſe poz em ſua defenſaõ. Luiz de Mello là aonde eſtava esbombardeando a Cidade, ouvio a grita, e matinada, e a artelharia da fortaleza, que começava a esbombardear o campo, e voltando pera a fortaleza deſembarcou na praya com duzentos homens, e remetendo com os Mouros, travou com elles huma muito aſpera batalha, em que houve alguns mortos, e feridos, e por fim de razoens os noſſos apertàraõ com elles tanto, que os levàraõ de vencida, e os foraõ ſeguindo até a ſua Cidade, fazendo nelles grande eſtrago. E contentando-ſe Luiz de Mello com a vitoria, que lhe Deos tinha dado, ſe foy recolhendo a ſeu ſalvo pera a fortaleza. E logo deſpedio hum navio ligeiro com cartas pera o Viſorey, dandolhe conta de tudo o que era paſſado „ e de como a guerra ficava „ aberta, e declarada, pedindolhe mais „ navios, e gente pera lha poder fazer „ com mór cabedal.

Partido eſte recado, logo ſobre a tarde (porque foy iſto huma manhãa cedo) chegou à fortaleza Coge Cemaçadim, e trouxè comſigo o homem de D. Luiz Fernandes, que os Mouros prendèraõ, que o Aderajao lhe mandou dar, e o entregou ao Capitaõ: mas naõ pode temperar os Mouros, nem apaziguallos, ſobre o que trabalhou bem. Chegado o recado a Goa, eſtando o Viſorey jà preſtes pera ſe embarcar, e vendo as cartas, e o eſtado em que aquellas couſas eſtavaõ, ajuntou conſelho, e praticou ſobre o modo que ſe teria naquelle negocio, e naõ deixou de parecer a alguns „ que ſeria neceſſario acodir elle com „ todo aquelle poder a Cananòr, e ordenar aquellas couſas, e deixar a jornada de Damaõ pera outro tempo;

„ porque

„ porque ſe logo em principio naõ ata-
„ lhaſſe aquella guerra, poderia vir de-
„ pois dar grande trabalho ao Eſtado.
„ Mas outros foraõ de parecer que naõ
„ deixaſſe a jornada de Damaõ, que era
„ de muita importancia, porque pera
„ as couſas de Cananòr baſtava Luiz de
„ Mello com qualquer Armada, e mais
„ gente que lhe mandaſſe.

Com eſta reſoluçaõ, deſpedio ſeis, ou ſete navios pera ſe hirem ajuntar com Luiz de Mello, de que eraõ Capitaens Manoel da Silveyra em huma galeota Latina, Gomes Eannes de Freitas, hum Fidalgo das Ilhas Terceiras, Ruy Godinho de Cananòr, Pero Godinho, e outros. E deſte negocio fizeraõ culpa ao Viſorey Dom Conſtantino dous homens, que naõ eraõ ſeus amigos, e lha deraõ em ſua reſidencia, de naõ deixar a jornada de Damaõ, ficando Cananòr de guerra: que foy o mòr crime que ſe lhes poz, e em que elle teve menos culpa, porque tudo fez por conſelho de Capitaens velhos, e experimentados. E ſegundo depois o tempo moſtrou, mais merecia pela jornada de Damaõ fazerſe-lhe mercè, q̃ daremlha por culpa. E deixando eſta materia, tornemos aos navios que hiaõ de ſoccorro, que em breves dias chegàraõ a Cananòr: e Luiz de Mello, que andava jà no mar fazendo guerra aos Mouros, os eſpalhou pelas bocas dos rios principaes: aſſim pera defenderem que naõ ſahiſſem Coſſairos a roubar, como pera lhes tolherem os mantimentos, que era a mòr guerra que ſe lhes podia fazer.

Partidos eſtes navios de ſoccorro de Goa, deſpachou o Viſorey D. Conſtantino a D. Pedro de Almeida pera hir entrar na Capitanìa de Baçaim, por ter jà acabado ſeu tempo Antonio Moniz Barreto. E eſcreveo àquella Cidade, e à de Chàul a jornada pera que ſe ficava fazendo preſtes; pedindo aos moradores principaes „ o quizeſſem acompa-
„ nhar com alguns navios, e mandou
„ aos Officiaes que là lhe tiveſſem ne-
„ gociados muitos mantimentos, e ou-
„ tras couſas neceſſarias pera a ſua Ar-
„ mada. E juntamente mandou alguns mercadores Gentios, homens de confiança „ pera que foſſem eſpiar a Cidade „ de Damaõ, e o eſperaſſem em Baçaim, „ com o aviſo da gente que os Abexins „ tinhaõ, e do modo de como eſtavaõ „ fortificados. Dom Pedro chegou em poucos dias a Baçaim, e tomou poſſe daquella fortaleza, e Antonio Moniz Barreto ſe foy pera Goa, onde foy muy bem recebido do Viſorey por ſuas partes, e qualidades, e cõ ſua chegada começou o Viſorey a embarcarſe, e entregou o governo ao Capitaõ da Cidade, que era D. Pedro de Menezes o Ruivo, de Cantanhede, porque Aleixo de Souſa Veador da fazẽda era hido a Còchim a deſpachar as nàos pera o Reino. E pelas Oitavas do Natal ſe fez o Viſorey à vela com huma Armada de mais de cem navios, em que levava perto de tres mil homens, gente muito limpa, e luſtroſa, e os Capitaens delles ſaõ os ſeguintes.

O Viſorey no galeaõ S. Mattheus, de que era Capitaõ Pero Fernandes, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Meſtre das Ferrarias de Goa, grande Engenheiro, D. Diogo de Noronha o Corcòs no galeaõ Santiago, Dom Joaõ de Taide no galeaõ S. Thomè, Gonçalo Falcaõ no galeaõ S. Sebaſtiaõ, Pantaleaõ de Sà no galeaõ S. Franciſco, Dom Alvaro da Silveyra no outro galeaõ Santiago Mayor, Pero Barreto Rolim no galeaõ Santa Cruz, Jorge da Silva Correa, a que chamaõ o Choraõ, no galeaõ S. Boaventura, Martim Affonſo de Miranda no galeaõ Roſario, Alvaro Paes de Sotomayor em outro galeaõ S. Thomè, Dom Martinho da Cunha, Manoel de Vaſconcellos o velho, Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, Filippe Carneiro de Alcaçova, Henrique de Vaſconcellos, Joaõ de Mello, Joaõ Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernaõ de Noronha, Diogo Pereira, e Andrè de Souſa em caravellas redondas, e Latinas, Antonio Moniz

Barreto

Barreto em huma galè, que naõ quiz o Viſorey levar mais por cauſa da chuſma. E naõ quiz tomar os eſcravos dos moradores, como alguns Viſoreys fizeraõ. Tudo o mais foraõ galeotas, e fuſtas, de que naõ fazemos diſtinçaõ, por eſcuſarmos prolixidade: cujos Capitaens eraõ. Inofre do Soveral de huma galeota Latina grande de dous baileos, que o Viſorey levava pera ſe paſſar a ella, Ayres Telles de Menezes, Dom Vaſco de Taide, D. Leoniz Pereira, D. Diogo de Taide, D. Lourenço de Souſa, D. Franciſco Henriques, D. Joaõ Coutinho, Alvaro Pires de Tavora, Andrè de Souſa, Joaõ Lopes Leitaõ, Chriſtovaõ Pereira Homem, Triſtaõ de Souſa de Guſmaõ, Triſtaõ Vaz da Veiga, Jorge de Mello de Sampayo, o Pantuſo, Triſtaõ de Souſa, filho de Martim Affonſo de Souſa, Diogo de Miranda de Azevedo, Ruy de Mello Pereira, Jorge de Mello de Caſtro, Diogo Juzarte Tiçaõ, Antonio de Abreu, Joaõ de Mello, Jorge de Moura, Pero de Meſquita, Henrique Jaques Ouvidor géral, Balthazar da Coſta, Luiz de Aguiar, Coſmo Faya, Joaõ Marraõ Feitor da Armada, Gonçalo Guedes de Reboredo, Manoel Travaſſos, Antonio de Sà, Manoel Pinto, Andrè Coelho, Fernaõ de Carvalho, Damiaõ Furtado, Gaſpar Pacheco, e outros muitos a que naõ achàmos os nomes.

Com toda eſta Armada foy o Viſorey tomar Chàul em poucos dias, e foy muy bem recebido da Cidade, e de Garcia Rodrigues de Tavora, que eſtava alli por Capitaõ, e achou jà alguns navios preſtes pera o acompanharem. E depois que alli deu ordem a algumas couſas paſſou a Baçaim, onde proveo em outras, e tomando alli mantimentos, e outras couſas neceſſarias, foy ſurgir ſobre a Cidade de Damaõ, da banda de fóra com toda a Armada, que encheo aquelle mar, e aſſombrou a Cidade, e a todos os que a viraõ.

CAPITULO V.

Da ordem que o Viſorey teve na deſembarcaçaõ da Cidade de Damaõ. E de como Cide Bofatà a deſpejou; e ella foy entrada.

JA o Viſorey levava aviſo do ſitio, e fortificaçaõ da Cidade, e poder dos Abexins, pelas eſpias que adiante tinha mandado, que achou em Baçaim, pelo que vinha determinado a logo deſembarcar, e pera iſſo mandou a D. Diogo de Noronha, que foſſe em alguns Catures ligeiros a ſondar a entrada da barra: o que elle fez levando comſigo o Patraõ mòr da ribeira, e o Piloto mòr da Armada, e entrando o rio eſteve muito devagar notando o modo da fortificaçaõ, e dos fortes que os Abexins tinhaõ feito pera defenſaõ da barra, q̃ eſtavaõ de feiçaõ, que a Armada naõ poderia entrar ſem grande riſco, poſto que o rio era capaz de vaſilhas de trezentas atè quatrocentas toneladas, mas muito eſtreito, e que forçados os navios haviaõ de ſurgir debaixo dos fortes, e da ſua artelharia.

E primeiro que paſſemos daqui, daremos razaõ do que hia na Cidade, e da ſua fortificaçaõ. Eſtavaõ dentro nella Cide Bofatà, Cide Rana, e Carnabec, tres Abexins principaes, e cabeças de todos os q̃ andavaõ no Reino de Cambaya, que eraõ mais de quatro mil, que tanto que o Viſorey ſe fez preſtes em Goa pera aquella jornada, logo foraõ aviſados diſſo. Pelo que com muita preſſa mandàraõ fazer alguns fortes na ponta da barra ſobre o Canal, e os guarnecèraõ de muita artelharia, e muniçoens, e a fortaleza que era de adobes quadrada, renovàraõ, repairàraõ, e provèraõ de muitos mantimentos, e muniçoens, e recolhèraõ dentro tres mil Abexins, homens muito determinados, porque determinavaõ de ſe defender do Viſorey, porque entendiaõ que ainda que lhes puzeſſe cerco, naõ poderia du-

rar

rar mais que tres mezes, e que em Abril forçadamente se havia de recolher, e pera todo este tempo estavaõ bastantemente providos do necessario. Mas agora vendo a potencia daquella Armada, a grandeza daquelles galeoens, que pareciaõ montanhas sobre o mar, perderaõ o animo de todo, e tratàraõ de naõ esperar aquelle poder, começando a despejar a Cidade, e passar suas mulheres, e joyas à outra banda. E os moradores della de fóra que eraõ muitos, e prosperos, e de muitos officiaes de toda a mecanica, tambem se puzeraõ em salvo, por naõ esperarem aquella furia. D. Diogo de Noronha, tanto que vio, e notou tudo muito bem, e à sua vontade, tornou-se ao Visorey, e presentes os Fidalgos, e Capitaens velhos, e do conselho, lhes deu relaçaõ do que vira, e notàra, sobre o que lhe mandou o Visorey que votasse sobre o modo que se teria na desembarcaçaõ da Cidade; o que elle fez largamente com muitas razoens, concluindo „ que lhe pare„ cia melhor desembarcar na Costa bra„ va, porque em tempo de terrenhos „ estava quieta, e mansa, e se cometes„ sem a entrada da barra, arriscava-se a „ lhe meterem alguns galeões no fundo, „ e a lhe matarem muita gente: o que se„ ria causa, posto que se tomasse a Cida„ de, de lhes ficar a vitoria menos ser„ mosa. Sobre isto votàraõ todos, e os mais concordàraõ com elle, assentando todos „ que o Visorey ficasse no mar „ com toda a Armada, e que tanto que „ visse sobre a fortaleza alevantada hu„ ma bandeira das nossas, entrasse pelo „ rio dentro.

Concluido isto: ordenou o Visorey que desembarcassem cinco Capitaens com dous mil homens, e que estes fossem D. Diogo de Noronha que havia de levar adianteira, pera quem se passáraõ a mòr parte dos Fidalgos, e Aventureiros, Antonio Moniz Barreto, Martim Affonso de Miranda, Pantaleaõ de Sà, e Pero Barreto Rolim.

Negociadas as cousas necessarias pera a desembarcaçaõ, que havia de ser a dous de Fevereiro dia da Purificaçaõ de nossa Senhora, por ser taõ assinalado, passáraõ-se os Capitaens que haviaõ de desembarcar, a navios pequenos, e aos bateis dos seus galeoens, e cometèraõ a terra antre a Cidade, e o rio de Calaim pera Damaõ, hum tiro de camelo da fortaleza, e na parte que cada hum pode tomar, desembarcou, levando Dom Diogo ordem pera tomar primeiro a Cidade de fóra, por lhe naõ ficar nas costas, e que depois „ fosse de„ mandar a porta da fortaleza, que hia „ pera a banda do Sertaõ, porque se lhe „ havia de abrir, por ter o Visorey pera „ isso intelligencias com certas pessoas „ de dentro, que estavaõ muy bem pei„ tadas. O primeiro que poz os pès em terra foy Pero Barreto Rolim, e poz logo sua gente em ordem cõ sua bandeira desenrolada, e ao som de tambores, e pifaros começou a marchar pera a Cidade. D. Diogo de Noronha desembarcou hum pouco abaixo, e como via que Pero Barreto Rolim hia jà marchando sem esperar por elle, ficou hum pouco pejado, e depois de pôr a sua gente em ordem, foy atravessando humas hortas que alli estavaõ, o que tambem fizeraõ os mais Capitaens. Pero Barreto Rolim posto que se adiantou, tanto que passou o areal, e deu no caminho corrente, que hia pera a Cidade, se foy detendo, e esperando por D. Diogo de Noronha, que jà vinha perto delle, e antes de chegarem à Cidade se ajuntàraõ todos, e a entràraõ sem acharem pessoa viva, e atravessando por ella, naõ deixando os soldados de levar algumas cousas nas mãos, do que pelas casas achàraõ (porque com a pressa deixàraõ seus moradores alguma roupa) Pero Barreto foy passando atè descobrir a fortaleza, donde lhe atiràraõ algumas bombardadas, que deraõ antre os nossos, sem lhes fazer dano algum. O Cide Bofatà, e os Abexins que com elle estavaõ, sempre estiveraõ com tençaõ de se defenderem em quanto pudes-

sem,

sem, e quando viſſem o feito mal parado, recolherem ſe de noite. Mas quando vio o poder do Viſorey ſobre ſi, e a determinaçaõ dos noſſos, logo deſconfiou, e ainda ſe acabou de haver por perdido, quando lhe diſſeraõ que o Viſorey tinha intelligencias com certas peſſoas dentro na fortaleza, e fazendo brevemente peſquiza, ſoube ſerem huns cinco, ou ſeis companheiros, Purcias de naçaõ, homens de cavallo muito nobres, e havendo-os às mãos lhes mandou cortar as cabeças, e logo deſpejou a fortaleza, e ſe paſſou à outra banda, hindo já as noſſas bandeiras perto da fortaleza. D. Diogo de Noronha foy aſſim concertado a demandar a porta, que o Viſorey lhe tinha dito, e onde as eſpias o hiaõ encaminhando, e pouco antes de chegar a ella, ſe adiantou Dom Manoel Rolim, que hia na companhia de Pero Barreto Rolim cõ alguns companheiros, e chegando à porta a achou aberta, e entendendo que eſtava deſpejada entrou dentro, e ſe ſobio a hum cubello, e arvorou ſobre elle hum guiaõ que levava. D. Diogo de Noronha chegou à porta da fortaleza, e vendo-a aberta, e ſabendo eſtar já Dom Manoel Rolim dentro, encoſtou a ſua bandeira à porta da banda de fóra, ſem querer entrar dentro por corteſia do Viſorey, que já vinha entrando pela barra, por ver ſobre o cubello o guiaõ arvorado, e que lhe capeavaõ com elle, e ſurgindo defronte da fortaleza, a ſalvou com toda a artelharia, e o meſmo fizeraõ os galeoens que ficàraõ fóra. D. Diogo de Noronha foy demandar a praya por derredor da fortaleza, por naõ entrar nella primeiro que o Viſorey, e chegou a tempo, que já vinha deſembarcando em collos de homens: vinha armado em humas ricas armas brancas, e com huma gorra na cabeça com muitas plumas, e como era homem groſſo, vinha affrontado, e pejado. D. Diogo de Noronha chegou a elle, e levando-o nos braços com grande corteſia o gabou de gentilhomem, dizendolhe „ que eſtava deſ-

„ contente, porque aquella Cidade cuſ-
„ tàra taõ pouco pelo alvoroço que to-
„ dos levavaõ de provar a maõ nos imi-
„ gos, e à ſua ſombra moſtrarem o va-
„ lor coſtumado de ſuas forças, e peſ-
„ ſoas, mas que tudo aquillo naſcia da
„ ſua grande ventura; porque ſe podia
„ dizer que ſó com ſua ſombra vencèra,
„ e desbaratàra aquelles Capitaens. E
„ que pois aſſim era ſe deſarmaſſe, e deſ-
„ affrontaſſe pera hir tomar poſſe da-
„ quella fortaleza. D. Conſtantino com o roſto muito alegre, e rizonho lhe reſpondeo com palavras muito corteſans, e honradas: naõ lhe faltando tambem pera todos os outros Capitaens, e lhe pedio „ que o deixaſſe hir aſſim arma-
„ do, porque levava diſſo goſto. E aſſim rodeado de todos entrou na fortaleza ao ſom de grandes ſalvas de artelharia, e arcabuzaria, que eſpantou os imigos, q̃ eſtavaõ da outra banda vendo aquelle terror. Levava o Viſorey diante de ſi a bandeira de Chriſto, e hum devoto, e fermoſo Crucifixo arvorado em huma haſtea, que levava nas mãos o Padre Frey Belchior de Lisboa, Cuſtodio dos Frades Menores. O Viſorey tanto que ſe vio dentro na fortaleza poz ambos os giolhos em terra, e deu muitas graças, e louvores a Deos noſſo Senhor por aquella mercè, imitando naquillo ao Duque de Bargança Dom James ſeu pay, quando tomou a famoſa Cidade de Azamor aos Mouros. Feito iſto mandou logo benzer a fortaleza, e lhe poz nome noſſa Senhora da Purificaçaõ em louvor daquelle taõ celebrado dia, em que a tomou, e logo mandou recolher a artelharia, que os imigos tinhaõ nas tranqueiras de ſobre a barra, que era muito fermoſa, e deitou eſpias pera ſaber dos imigos. Eſta noite dormio o Viſorey na fortaleza com grandes vigias, e os Capitaens das bandeiras fóra no campo em lugares ſeparados com tanta ordem, que ainda que os imigos os quizeſſem cometer, lhes naõ pudeſſem fazer dano.

CAPITULO VI.

Das couſas em que o Viſorey D. Conſtantino proveo. E das inquietaçoens que os Abexins deraõ aos noſſos. E de como o Viſorey mandou Antonio Moniz Barreto a dar nelles, e da grande vitoria que alcançou. E quem he o Rey do Sarzeta, e que couſa ſaõ Choutos.

TAnto que Cide Bofatà ſe ſahio da fortaleza, ſe paſſou à outra banda de Couleca, e em Parnel, duas leguas de Damaõ aſſentou ſeus arrayaes. Dalli com dous mil de cavallo ſahiaõ todas as noites a inquietar os noſſos, e metellos em revoltas, travando-ſe algumas eſcaramuças, em que houve algum dano. Tantas vezes continuàraõ iſto, e aſſim atormentàraõ os noſſos, que tratou o Viſorey de os mandar lançar fóra das terras: porque alèm das inquietaçoens que lhes davaõ, deixavaõ de acodir os naturaes a povoar a ſua Cidade, porque logo o Viſorey mandou pelas aldeas lançar pregoens, e publicar grandes ſeguros, e liberdades a todos os que ſe tornaſſem pera ſuas caſas, e jà começavaõ a acodir muitos, que logo eraõ roubados, e mal tratados dos Abexins. E pondo o Viſorey eſtas couſas em conſelho, ſe aſſentou „ que pera lançarem os „ imigos fóra das terras, era neceſſario „ gente de cavallo: que ſeria bom man„ dar chamar D. Pedro de Almeida Ca„ pitaõ de Baçaim com toda a gente „ que houveſſe naquella Cidade, e ſuas „ Tanadarias pera aquelle effeito. Sobre o que logo o Viſorey lhe eſcreveo, mandandolhe „ que com muita preſſa „ ſe vieſſe pera elle por via de Manorà, „ porque todos os dias acharia pelo ca„ minho aviſo do que havia de fazer, e „ da paragem em que os imigos eſta„ vaõ.

Partido eſte recado, porque os Abexins andavaõ muito affoutos, e naõ deſiſtiaõ dos aſſaltos, determinou o Viſorey de mandar dar nelles, ſem eſperar por D. Pedro de Almeida; porque deixavà de prover em muitas couſas por cauſa daquellas inquietaçoens, e quaſi todos os do conſelho affirmavaõ que ſem dous mil homens ſe naõ poderiaõ cometer aquelles Capitaens. Vendo Antonio Moniz Barreto a determinaçaõ do conſelho, levantou-ſe em pè, e diſſe ao Viſorey „ que ihe dèſſe quinhentos ho„ mens, que elle hiria buſcar os Abe„ xins, e que com o favor Divino ſe „ atrevia aos lançar fóra das terras ſem „ riſco, nem perigo algum. Vendo o Viſorey aquella confiança (como tinha delle grande opiniaõ pela experiencia que de ſi tinha dado em muitas couſas) lhe concedeo a jornada com palavras de muita honra, e logo lhe nomeou os Capitaens que o haviaõ de acompanhar, que eraõ os ſeguintes. D. Lourenço de Souſa, Dom Diogo de Souſa ſeu irmaõ, que he Comendador da Ordem de S. Joaõ, e Balio de Acre, D. Diogo Pereira, filho do Conde da Feira, Joaõ Lopes Leitaõ, Jorge de Moura, collaço do Principe D. Joaõ, Triſtaõ Vaz da Veiga, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros, que pera iſſo ſe offerecèraõ.

Preſtes Antonio Moniz Barreto, e aviadas todas as couſas neceſſarias pera a jornada, ſe deſpedio do Viſorey, que lhe deitou muitas bençoens, e diſſe muitas palavras de louvores, e paſſou-ſe da outra banda ſobre a tarde, e ſe apoſentou antes de Couleca, onde paſſou a mòr parte da noite, e no quarto dalva começou a marchar em muito boa ordem pera Parnel, onde as eſpias deixàraõ os imigos. E como a noite era muito eſcura, e elles caminhavaõ às ſurdas, por naõ ſerem ſentidos, quando foy ao romper da alva chegou Antonio Moniz Barreto à viſta dos imigos com perto de cento e vinte homens, porque os mais ſe perderaõ pelos caminhos. E vendo que ſe os imigos o viſſem com taõ pouca gente, e o cometeſſem, forçado ſe havia de perder, diſſe a todos os companheiros „ Senhores, ſeguime, porque „ na preſſa com que dermos neſta gente,

„ eſtà

,,està noſſa ſalvaçaõ, e arrancando com grandes gritas, appellidando Santiago, tocando-ſe trombetas, e tambores (que faziaõ hum grande eſtrondo) deu em os imigos taõ de ſobreſalto, que primeiro que ſe ſoubeſſem determinar, perderaõ muitos as vidas. Cide Bofatà, e os mais Capitaens, ouvindo o eſtrondo, e a grita, parecendolhes que era todo o poder do Viſorey (porque ainda era o ar pardo, e naõ terem eſpias ſobre os noſſos) ſem tomarem determinaçaõ alguma, cavalgàraõ à mòr preſſa, e ſe foraõ ſahindo do exercito, ficando Antonio Moniz Barreto ſenhor delle. E logo em amanhecendo chegàraõ todos os mais da ſua companhia, que todo aquelle quarto caminhàraõ apreſſados, e com grande trabalho pela eſcuridaõ da noite, que ao ſom das trombetas, e da arcabuzaria, parecendolhe o que era, foraõ atinando, e com ſua chegada ficàraõ todos deſalivados, e Antonio Moniz Barreto mandou ſaquear o exercito em que ficou toda a bagagem, e ordenou a artelharia, e a fez leſtes, pera ſe os imigos o tornaſſem acometer, o achaſſem fortificado. Os Abexins foraõ-ſe recolhendo ſem verem de que, e puzeraõ-ſe ſobre hum tezo atè amanhecer. E tanto que os rayos do Sol deſcobriraõ todo o campo, que elles viraõ os noſſos ſenhores do ſeu exercito, e o pouco poder que tinhaõ, arrebentàraõ pela ſerra abaixo com grandes alaridos, e foraõ cometer os noſſos, que jà eſtavaõ preſtes, e fortificados debaixo de hum Mangueiral, onde o ſeu exercito eſtava, e deſparando nelles aquella carga de artelharia, como os tomàraõ apinhoados, fizeraõ nelles hum grande eſtrago. E todavia paſſando com aquella furia adiante, chegáraõ a travar com os noſſos huma muito aſpera batalha, em que a noſſa eſpingardaria fez grande lavor. Antonio Moniz Barreto, e os mais Capitaens, apreſentados diante de todos, fizeraõ-ſe bem conhecer dos imigos, e tanto apertàraõ com elles, que os arrancàraõ do campo desbaratados de todo, moſtrando bem o goſto com que pelejavaõ. Vendo Antonio Moniz Barreto a mercè, que lhe Deos fizera, quiz ſeguir a vitoria, pera os acabar de todo, e aſſim arrebentando apoz elles, lhes foy ſeguindo o alcanço, em que ſe affirma perderem-ſe mais de quinhentos dos imigos.

Satisfeito Antonio Moniz Barreto da vitoria, por naõ canſar os ſeus, ſe tornou ao exercito, que eſtava com todo o ſeu recheyo, e nelle achou trinta e ſeis peças de artelharia de campo, e muitos carros carregados de moedas de cobre, que chamaõ Jelallas, que o Cide Bofatà tinha arrecadado dos rendimentos das aldeas, e alguns cavallos prezos, que ſeus donos deixàraõ com a preſſa, e toda a mais bagagem, que era huma ſoma grande de couſas, em que os noſſos ſoldados ſe cevàraõ bem. Vendo Antonio Moniz Barreto que naõ tinha jà alli mais que fazer (por lhe terem as eſpias dito que os Abexins eraõ eſpalhados, e recolhidos pela terra dentro) formou hum fermoſo eſquadraõ, e recolhendo no meyo delle toda a artelharia, e toda a mais bagagem do exercito, foy marchando em muito boa ordem pera Damaõ com alguns feridos, em que entrava D. Pedro de Souſa, que depois foy Capitaõ de Goa, e Çofala. E paſſando o rio à outra banda da fortaleza, o eſperou o Viſorey na praya, onde o recebeo com muitas honras, e palavras de muitos louvores de todos. E mandou curar os feridos com muito reſguardo, e elle em peſſoa foy viſitar D. Pedro de Souſa a ſua caſa, porque os Viſoreys, e Governadores naõ eraõ naquelles tempos taõ ſobre ſi, e taõ fechados como depois foraõ, porque ſe prezavaõ muito de Capitaens, e ſoldados.

Sabendo o Viſorey que os Abexins eraõ ſahidos das terras, começou a tratar das couſas, que compriaõ à povoaçaõ, e fortificaçaõ daquella Cidade, e a começou a cercar de vallos muito groſſos, e altos com tranqueiras de madeira, e hervas leiteras, ao que ſe deu

muita preſſa: porque acodiraõ das aldeas viſinhas muitos trabalhadores pera iſſo, e o em que ſe mais occupou, foy em trabalhar com os naturaes que ſe tornaſſem pera ſuas caſas, concedendolhes pera iſſo largos favores, e privilegios, e acodiraõ os de Caes das Parganas, que ſaõ cabeças das Comarcas (que iſſo quer dizer Pargana) e lhe trouxeraõ os foraes antigos das terras, e aldeas, pera por elles ſaber o que ellas rendiaõ, pera ſe arrecadarem ſeus rendimentos.

E ſabendo o Viſorey Dom Conſtantino que o Rey do Sarzeta vivia no Sertaõ daquellas terras, e que ellas lhe pagavaõ hum certo foro, mandoulhe ſeguros, e privilegios pera os poder arrecadar aſſim como o fazia no tempo dos Gentios, e Mouros, por huma doaçaõ muito antiga, que os Reys de Cambaya diſſo lhe tinhaõ feito.

E porque ſerà bom darmos a conhecer eſte Rey Gentio, e declararmos que foros eraõ eſtes, a que elles chamavaõ Choutos, porque nem todos o ſabem, o faremos aqui, porque nos cabe muito bem. Pelo que ſe ha de ſaber que ha mais de quatrocentos annos que deſcèraõ deſſe Sertaõ debaixo do Norte grãdes exercitos de Gentios, chamados Resbutos, homens que profeſſavaõ as armas, e por ellas ſe fizeraõ muitos tempos ſenhores de todo o Turqueſtaõ, e da mòr parte do Induſtaõ. Eſtes parece que vindo fogindo dos Tartaros, e Magores, quando deſcèraõ a conquiſtar aquellas Provincias, como no fim da quarta Decada diſſemos no terceiro Capitulo do decimo livro, e parando naquella parte do Guzarate, que achàraõ povoada de Gentios Guzarates, que ſaõ os mais fracos, e affeminados de todos os do Oriente, houve pouco que fazer em os conquiſtar, e ſenhorear, e os lavradores de toda aquella Provincia ſe concertàraõ com elles, que os deixaſſem lavrar, e grangear ſuas terras pacificamente, que lhe pagariaõ de cada quarto hum: eſte foro em ſua lingua ſe chama Choutà, e nòs corruptamente lhe chamamos Choutos. E vindo depois os Mouros a conquiſtar o Reino de Cambaya (como nas noſſas Decadas fica dito) repartiraõ por tempos ſuas terras aquelles Reys com alguns parentes ſeus, que lhe ficàraõ vaſſallos, e hum delles foy eſte Rey do Sarzeta, a cujos avòs o pay de Soltaõ Bahdur deu aquellas terras do Sertaõ de Damaõ, que ſaõ montuoſas, ſecas, e eſcaldadas, de muitos matos de bambuaes aſperiſſimos, e da mais, e melhor madeira que no mundo ha, que he a teca, a fóra outras muitas ſortes della, que tem ſuſtentado a India atè hoje, e ſuſtentarà ſempre, porque todas as vaſilhas de nàos galeoens, caravellas, galez, fuſtas, e todas as mais aſſim de Mouros, como de Gentios depois que entràmos na India atè agora, tem ſahido deſtes matos que ſaõ inſacaveis. E o que he ainda mais pera eſpantar, que parte em que cortaõ huma arvore de teca nunca jà mais naſce outra, porque logo ſe ſeca a raiz, mas arrebentaõ outros filhos perto por outras partes; donde ſe pòde inferir a grandeza de ſeus matos. E tornando a eſtes Reys do Sarzeta, que ſempre foraõ Gentios: da poſſe deſtas terras, e deſtes foros, atè Soltaõ Bahdur dar as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha, com condiçaõ que ficaria o Rey do Sarzeta comendo as terras que lhe eſtavaõ dadas, com ſeus foros. E naõ querendo o Viſorey innovar couſa alguma neſte negocio, concertou-ſe com eſte Rey „ que ficaſſe na poſſe em „ que eſtava, mas que ſe obrigaria a de„ fender as terras da jurdiçaõ de Da„ maõ dos ladroens que as vinhaõ a rou„ bar.

Feito eſte concerto, começou o Viſorey a querer aforar as aldeas aos Portuguezes pera ficarem povoando aquella Cidade, entrando niſto com grandes liberdades: mas como todos haviaõ, que ſe naõ poderiaõ aquellas terras ſuſtentar ſem grande riſco, e trabalho, pela viſinhança que tinhaõ com Surrate, donde lhe poderia cada dia correr gente,

te, houveraõ o negocio por duvidoſo, e poucos houve que quizeſſem aforar as aldeas, e os que as aceitàraõ, foy com neceſſidade por ſerem caſados pobres; a quem o Viſorey favoreceo nos foros. E todavia pozlhe obrigaçaõ de terem cavallos. E por ſerem poucos os Portuguezes que aqui quizeraõ aceitar aldeas, as aforou o Viſorey a Abexins Chriſtãos, por ficarem alli pondolhe obrigaçaõ de terem eſpingardas. E porque duas Parganas, ou Comarcas de Damaõ chamadas Poari, e Bauticer, que eſtavaõ mais chegadas a Baçaim, que era das mayores, e melhores de todas, naõ era poſſivel arrendarem ſe pera ElRey, naõ ſendo a Villa de Balſa ſua: determinou por conſelho de alguns de a hir tomar, e fazer nella huma fortaleza pera ſegurança de todas aquellas terras de Damaõ; e porque tambem por tempos ſe poderia dalli paſſar adiante, e lançar maõ da fortaleza de Surrate, com que ficaſſem todas aquellas Comarcas debaixo de noſſa chave. Com eſta imaginaçaõ andava o Viſorey D. Conſtantino, quando chegou D. Pedro de Almeida com cento e cincoenta de cavallo; que com o recado que lhe deraõ do Viſorey, começou a negociar ſua partida, e logo ſe poz em campo com toda eſta gente, e em ſua companhia huns Gentios chamados os Poſagis, que viviaõ em humas aldeas pegadas a Baçaim, que quando ElRey de Cambaya deu aquellas terras ao Governador Nuno da Cunha, ſe offerecèraõ a elle por vaſſallos, e elle lhes paſſou diſſo carta „ cõ „ obrigaçaõ que acodiriaõ com gente „ de cavallo todas as vezes que foſſem „ neceſſarios, pera defenſaõ das terras „ de ElRey de Portugal, o que elles ſempre compriraõ muito bem. Eſtes acodiraõ com doze, ou quinze de cavallo, e muitos ſervidores de pè com ſuas tendas de campo, achando ſe ſempre nelles muito amor, e lealdade.

Partido Dom Pedro de Almeida de Baçaim por via de Manorà, foy recolhendo alguma gente da terra da que podia pelejar, e aſſim levou todos os Portuguezes que havia de pè, de que fez Capitaõ D. Luiz de Almeida ſeu irmaõ. Ao paſſar do rio que divide as terras de Baçaim das de Damaõ, que hiaõ vadeando com a agua pelo giolho, hindo diante hum Padre de S. Franciſco, com hum Crucifixo alevantado em huma haſtea, ſem ſe bullir, nem haver occaſiaõ alguma, cahio o Crucifixo de cima no meyo do rio: ao que acodio o Capitaõ D. Pedro de Almeida, e o Padre muito alegre lhe diſſe: „ Alegria „ Senhor que jà eſtas aguas ficaõ ſanti- „ ficadas pera nellas ſe poder bautizar „ toda eſta gentilidade. E aſſim foy, porque atè entaõ daquelle rio por diante naõ havia Chriſtandade alguma, nem naquellas terras bravias tinha ainda chegado o arado de Chriſto; mas de antaõ pera cà creſceo pela bondade de Deos tanto eſta ſementeira do graõ do Santo Evangelho, que ha hoje por todas aquellas terras mais de trinta mil Chriſtãos. Aqui em Manorà ſe foy offerecer a D. Pedro de Almeida hum irmaõ do Rey dos Colles, que vivia naquelle Sertaõ de Baçaim em matos muy fechados, e ſerras, e paſſos muito eſtreitos, e difficultoſos (de quem em outra parte daremos mais particular razaõ) Eſte homem trazia dez, ou doze de cavallo, e perto de cem piaens, com que ſe vinha offerecer pera aquella jornada, ou foſſe por temor, ou por intereſſe: porque por amor, e bondade nada diſto ha nelles. Dom Pedro de Almeida o agaſalhou muito bem, e o levou comſigo atè Damaõ, e o Viſorey recebeo bem a todos, fazendolhes muitas honras, e os mandou agaſalhar fóra no campo: o que elles fizeraõ ao longo de hum fermoſo tanque, onde eſtiveraõ muito bem por cauſa dos cavallos, que tinhaõ alli aguas, e paſtos em abaſtança.

CAPITULO VII.

De como o Viſorey Dom Conſtantino mandou D. Pedro de Almeida a Balſar, e elle foy apoz elle, e do que lhe là aconteceo. E da Armada que mandou ao Eſtreito, de que foy por Capitaõ mòr Dom Alvaro da Silveyra. E das couſas em que mais proveo em Damaõ, atè ſe partir pera Goa.

COmo o Viſorey D. Conſtantino deſejava de engrandecer a Cidade de Damaõ, e ſegurar todas ſuas aldeas, pera que ſe pudeſſem arrecadar ſeus foros pera a fazenda de ElRey, havendo (como atraz diſſemos) que era pera iſſo neceſſario poſſuir Balſar, que era ſeis leguas de Damaõ, e haver alli hum forte com guarniçaõ, pera que os imigos ſe naõ meteſſem no meyo: tratou com os Capitaens do conſelho ſua determinaçaõ, e de alguns foy contrariada, principalmente de D. Diogo de Noronha, que affirmou „ naõ ſe poder ſuſten„tar: porque a parte em que os Mou„ros tinhaõ a ſua fortaleza, era mais de „ huma legua do mar pelo Sertaõ den„tro, e que a gente que nella ficaſſe „ ſempre eſtaria arriſcada, por naõ ſer „ poſſivel ſoccorrerſe por mar, nem por „ terra, e que naõ ſerviria de mais, que „ de inquietaçaõ, riſco, e deſpezas. Que „ nem todas as couſas ſe faziaõ logo „ juntas; que o tempo as hiria diſpon„do, pera que depois ſe lançaſſe maõ, „ naõ ſó de Balſar, mas ainda de Surrate, „ e que por entretanto ſe trataſſe de ſuſ„tentar Damaõ, e as Tanadarias de ſua „ jurdiçaõ, que era couſa grande. Mas por cima diſto, e de outros inconvenientes que ſe apontàraõ, naõ deſiſtio o Viſorey de ſua opiniaõ. E lançando eſpias ſobre os Abexins, foy aviſado „ que „ eraõ eſpalhados pelo Reino de Cam„baya; e q̃ Balſar eſtava cõ muito pou„ca gente. Cõ eſte recado deſpedio D. Pedro de Almeida com regimẽto „ que „ partiſſe com ſua gente pera Balſar, e „ ſe meteſſe naquella fortaleza, e que „ como là eſtiveſſe o aviſaſſe pera logo „ ſer com elle. D. Pedro de Almeida ſe paſſou à outra banda com ſó a gente que trouxe de Baçaim, e eſpalhada a nova daquella jornada pelos ſoldados, achando que ſeria de proveito, e honra, pelas prezas que houveraõ os que foraõ com Antonio Moniz Barreto, começàraõ-ſe a paſſar poucos, e poucos, e foraõ-ſe pera D. Pedro de Almeida mais de quinhentos delles. Como Dom Pedro de Almeida naõ levava provimentos pera tanta gente, mandou recado ao Viſorey que logo ſe paſſou da outra banda, e ſe foy ver com elle, e aſſentou que foſſem todos, e fez ſeu Capitaõ mòr D. Luiz de Almeida, irmaõ do meſmo D. Pedro de Almeida, mandandolhes trazer alguns provimentos, e deſpedindo o logo, foy elle caminhando com muita regra na boca, atè chegarem a Balſar, ſem acharem reſiſtencia alguma: porque os da Villa, e fortaleza, tanto que tiveraõ as novas dos noſſos, logo largàraõ tudo, e D. Pedro ſe meteo na fortaleza ſem contradiçaõ alguma, e deſpedio logo recado ao Viſorey do que era paſſado. E aquella meſma noite chegou huma fuſta, que o Viſorey deſpedio carregada de mantimentos que ſe repartiraõ por todos. Tanto que deraõ ao Viſorey recado de D. Pedro de Almeida, logo ſe poz ao caminho com os Capitaens, e gente que lhe pareceo baſtavaõ, e no meſmo dia chegou à fortaleza, e nomeou por Capitaõ della Alvaro Gonçalves Pinto, irmaõ do Corregedor Manoel de Almeida, muito bom cavalleiro, e que tinha dado de ſi muitas moſtras de ſer eſte. E lhe deu cento e vinte ſoldados, e alguns piaens da terra, e perto de vinte de cavallo, e deixoulhe todas as muniçoens, provimentos, e dinheiro neceſſario pera a paga dos ſoldados. E mandou renovar a fortaleza, que era de adobes, e guarneceo de algumas peças de artelharia das que Antonio Moniz Barreto tomou aos Abexins.

Feito iſto partio-ſe o Viſorey pera Damaõ,

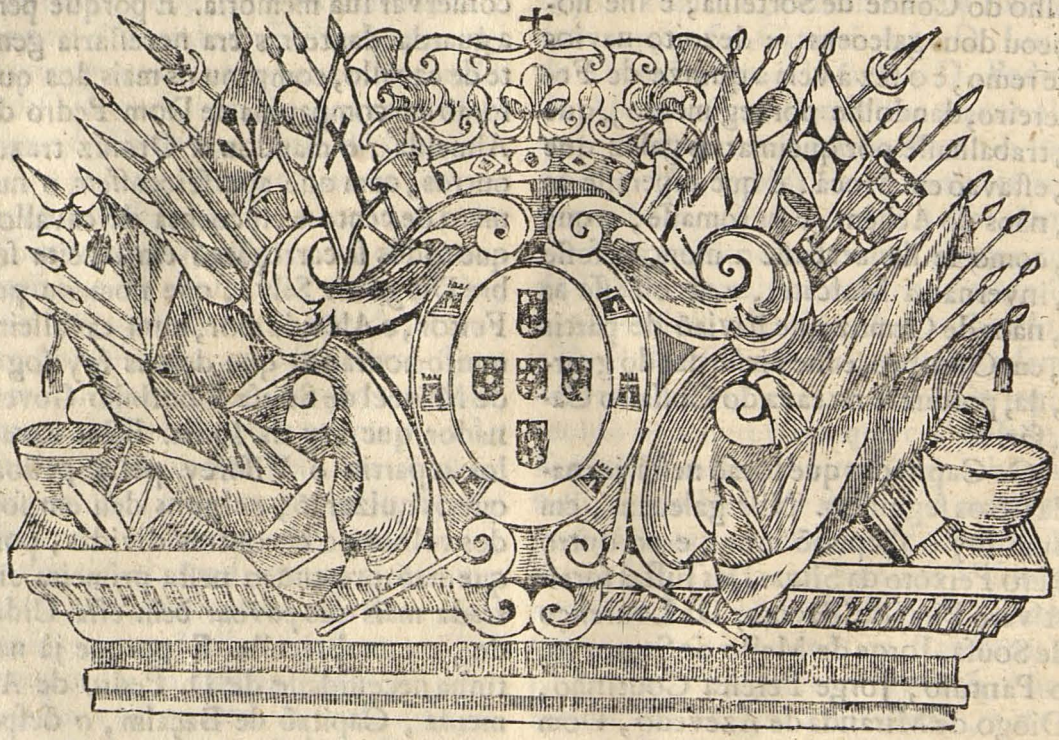
Damaõ, e foy pelas Parganas, Bouticer, e Poari, onde mandou apregoar seguros Reaes, pera que seus naturaes as tornassem a povoar, e grangear, sem se lhes innovar cousa alguma em seus foraes. Chegado o Visorey a Damaõ, e ordenadas as cousas daquella fortaleza, como lhe pareceo pera sua segurança, e quietar as terras, e seus moradores (que começàraõ acodir à suas grangearias) ordenou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca; porque lhe vieraõ novas que em Mocà se faziaõ prestes as galez do Cafár pera sahirem fóra. E elegeo pera esta jornada D. Alvaro da Silveyra filho do Conde de Sortelha, e lhe nomeou dous galeoens, e dezoito navios de remo, e o fez à vela a quinze de Fevereiro, dandolhe por regimento „ que „ trabalhasse por queimar as galez que „ estavaõ em Mocà, e que esperasse as „ nàos do Achèm, e as tomasse, e que „ como se lhe acabasse a monçaõ fosse „ invernar a Mascate, e recolhesse as „ nàos de Ormuz que haviaõ de partir „ em Outubro, e lhe viesse dando guarda, porque se receava do Cossairo Cafár.

Os Capitaens que foraõ nesta jornada saõ os seguintes. Nos galeoens, em hum foy o Capitaõ mòr, e no outro Pero Peixoto da Silva. Das fustas foraõ Alvaro Pires de Tavora, D. Lourenço de Sousa, Jorge de Mello de Sampayo, o Pantufo, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda de Azevedo, Dom Vasco de Taide, irmaõ de D. Luiz de Taide, que depois foy Conde de Atouguia, e Visorey da India, Dom Joaõ Gonçalves, hum Joaõ de Mendoça da Ilha da Madeira, Ayres Gomes da Silva, irmaõ de Fernaõ Telles de Menezes, que foy Governador da India por morte de Dom Luiz de Taide, Bastiaõ de Sousa de Abreu, Gil de Goes de Lacerda, Fernaõ Farto, Inofre do Soveral, e outros a que naõ achàmos os nomes. E dada à vela foraõ seguindo sua jornada, de que adiante daremos razaõ. O Visorey ficou dando ordem às cousas da fortaleza de Damaõ, e nomeou por Capitaõ della a D. Diogo de Noronha, e lhe assinou mil e duzentos homens com cinco Capitaens pera lhes darem mesas. Estes foraõ Ruy Gonçalves da Camera, irmaõ do Capitaõ da Ilha da Madeira, Tristaõ Vaz da Veiga, Andrè de Sousa de Arronches, Joaõ Lopes Leitaõ, e Dom Diogo de Taide.

E por ser a terra fronteira, e ganhada de novo, se offerecèraõ muitos Fidalgos a ficarem nella, o que elle estimou muito, porque desejava de engrandecer aquella Cidade, pera nella conservar sua memoria. E porque pera a guarda das terras era necessaria gente de cavallo, comprou os mais dos que foraõ em companhia de Dom Pedro de Almeida, e mandou a Ormuz trazer outros, com que aperfeiçoassem o numero de cento e cincoenta de cavallo; que todos se carregàraõ em receita sobre Diogo da Silva, que nomeou por Feitor, e Alcaide mòr, hum cavalleiro muito honrado, que depois foy sogro de Manoel de Sousa Coutinho Governador que foy da India. Estes cavallos repartio o Visorey pelas pessoas que os quizeraõ, e alguns deu em soldos velhos, e em outras dividas; porque naõ pretendeo nesta primeira entrada mais que povoar bem esta Cidade, e ennobrecella. E porque jà naõ tinha necessidade de D. Pedro de Almeida, Capitaõ de Baçaim, o despedio pera a sua fortaleza, e se foy por mar em navios que lhe deu pera isso. E porque se fazia tempo de se hir pera Goa a prover nas cousas do Sul, deu pressa à fortificaçaõ, e cousas pera a povoaçaõ da mesma Cidade de Damaõ. E traçou lugares pera os Mosteiros, e Igrejas, e assinou aos Religiosos que alli ficàraõ suas ordinarias.

Feito isto tudo com muita ordem, se embarcou jà em fim de Março, e em poucos dias chegou a Goa, onde foy muy bem recebido, e logo tratou dos provimentos das fortalezas de Ceilaõ, Malaca,

Malaca, e Maluco. E porque achou Pero de Taide Inferno, que tinha alli vindo do negocio da povoaçaõ de S. Thomè (de que em principio deſte ſetimo livro que vem daremos relaçaõ) ſabendo delle o que era ſuccedido, ſentio em extremo, e logo o tornou a deſpedir por Capitaõ daquella povoaçaõ. E eſcreveo aos moradores della huma carta chea de grandes reprehenſoens „ pelo modo com que ſe houveraõ com „ o Rama Rayo encomendandolhes „ muito a Pero de Taide Inferno, e „ que trabalhaſſem todo o poſſivel por „ ſe cercarem, e ſegurarem. E juntamente deſpedio D. Jorge de Menezes Baroche pera Capitaõ de Ceilaõ: e mandou vir Affonſo Pereira de Lacerda, e com iſto ſe cerrou o inverno.



DE-

DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO VII.

CAPITULO I.

De como Rama Rayo Rey de Biſnagà foy contra os moradores da povoaçaõ de S. Thomè, e cativou a todos, e depois os reſgatou.

Oraõ as couſas deſte veraõ tantas, que naõ foy poſſivel continuarmos com ellas por ordem, e por iſſo deixàmos ellas, que acontecèraõ em Outubro paſſado pera eſte lugar, pelas naõ miſturarmos. E aſſim daremos conta das razoens, porque Rama Rayo, Rey de Biſnagà, ſe moveo a vir em peſſoa contra os moradores da povoaçaõ de S. Thomè, que foraõ eſtas.

Como as couſas da noſſa Religiaõ Chriſtãa hiaõ cada vez em màr creſcimento pelo grande cuidado, e diligencia, que os Reys de Portugal tinhaõ de ſua dilataçaõ, e os homens que iſto mais ſentiaõ eraõ os Bramenes, porque viaõ abatidos, e vituperados os ſeus falſos idolos: porque a qualquer parte que os noſſos Religioſos chegavaõ pera prègar o Santo Evangelho, primeiro que levantaſſem Altar pera offerecerem ao altiſſimo Deos ſeus ſacrificios, derribavaõ, e punhaõ por terra os Templos que a cega, e bruta gentilidade tinha dedicados ao demonio: quebrando, e fazendo em pedaços as nojentas, abominaveis, e torpes figuras dos idolos de Baal. Iſto tomàraõ todos ellas taõ mal, que ſempre lhes ordenàraõ trabalhos, prizoens, mortes, e grandiſſimos vituperios, ſendo o que levou diante a bandeira da Cruz de Chriſto, o glorioſo, e Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè, neſtas partes, onde começou com ſeu ſangue regar eſta vinha do Senhor, que por ſua bondade vay creſcendo tanto, que muy cedo recolherà debaixo de ſua ſombra toda eſta gentilidade. E como os Padres pobres da Ordem do glorioſo Padre S. Franciſco tinhaõ tomado à ſua conta toda aquella coſta deſde Negapataõ atè S. Thomè (por ſerem os primeiros que por ella começàraõ a ſemear a Ley do Sagrado Evangelho) e por toda ella tinhaõ levantado muitos Templos, e derribado muitos Pagodes (o que os Bramenes ſentiaõ em extremo) todos os annos ſe queixavaõ diſto a Rama Rayo Rey de Biſnagà, cujos vaſſallos eraõ, pedindolhe que acodiſſe por honra de ſeus idolos; o que elle diſſimulava, aſſim pelo permittir Deos noſſo Senhor, como pelo proveito que tinha do noſſo trato, e commercio, principalmente dos cavallos da Perſia, e da Arabia, que naõ podia haver ſe naõ por mãos, e trato dos Portuguezes. E como neſte tempo em

que

que andamos hia eſte zelo da honra de Deos em mayor creſcimento, por terem entrado naquella terra os Padres da Companhia de Jeſu, como outros ſoldados de Gedeon com tochas em huma mão, e trombetas na outra, a cujo ſom começàraõ a cahir os muros de Jericò, naõ conſentindo Pagode algum em pè, alumiando com a vida, e eſpertando com ſua prègaçaõ, e doutrina. O que foy cauſa dos Bramenes ſe acenderem em mayor ira, e furor: porque de novo fizeraõ queixas a Rama Rayo, que por derradeiro era Gentio, e zeloſo da honra de ſeus idolos. E juntamente com iſto ſuccedeo na meſma conjunçaõ hum certo homem caſado na propria terra, Fidalgo no ſangue, mas peſſimo, vil, e mão nas couſas da alma, e conſciencia, e indigno de ſe nomear em hiſtoria alguma, ſe naõ como outro Heroſtrato, que derribou o Templo de Diana, ſegundo as fabulas contaõ: eſte, ou por ſua maldade, ou por vingança, ou por eſperar algum galardaõ do Rama Rayo (mas o mais certo he, porque entrou o diabo nelle) lhe eſcreveo huma carta „em que o perſuadia a vir contra „a povoaçaõ de S. Thomè, que elle lhe „aſſegurava mais de dous milhoens de „ouro, encarecendolhe muito a rique„za dos moradores daquella povoa„çaõ.

Com eſta carta ſe moveo aquelle barbaro, e ſe deixou entrar da cobiça, e os Barmenes que lha entendèraõ, aſſopràraõ de feiçaõ eſta faiſca, que lhe acendèraõ no coraçaõ hũa grande labareda de odio, miſturado com o intereſſe, com o que logo determinou de ſe abalar em peſſoa. E mãdou com muita preſſa ajuntar ſeus exercitos, e com mais de quinhentos mil homens de armas, e huma muito grande recovagem, começou a marchar contra aquella povoaçaõ. Diſto tiveraõ logo aviſo os ſeus moradores, e naquelle tempo ſe achou antre elles Pero de Taide Inferno (de quem no Capitulo atraz falàmos) que tinha mandado fazer huma viagem de S. Thomè pera Malaca, e ficàra alli pera ſe partir pera Goa. E como eſte Fidalgo era muito cavalleiro, e tinha muita peſſoa, e grande conſelho, tanto que ſoube nova certa, e que o Rama Rayo eſtava duas jornadas daquella povoaçaõ, ajuntou-ſe em caſa do Capitaõ, que era hũ foaõ de Goes, e fez chamamento das peſſoas principaes do povo, e os perſuadio com huma fala muito grave „a ſe „fortificarem, e defenderem, offere„cendoſe-lhe elle pera os ajudar a iſſo, „dandolhes muitas razoens pera o po„derem fazer: affirmandolhes que por „muito grande poder que trouxeſſe o „imigo, naõ lhe poderia fazer dano; „porque quaeſquer trincheiras baſta„vaõ pera ſe defenderem delle, por naõ „trazer artelharia, e mais tendo elles o „mar por ſeu, por onde podiaõ ſer ſoc„corridos, e providos do neceſſario.

Os moradores todos lhe agradecèraõ aquelles offerecimentos, mas reſumiraõ-ſe em ſe naõ defenderem „antes ſa„hirem ao caminho a receber o Rama „Rayo, e levarem-no à povoaçaõ por „ruas juncadas, e janellas alcatifadas, „e com outros ſerviços. E davaõ por „razaõ que a terra era ſua; e que naõ „parecia razaõ deixarem de o receber „no que era ſeu: porque nem elles ti„nhaõ poſſe pera ſe defenderem, ainda „que o quizeſſem fazer, nem lhe era li„cito fazello. E que bem entendiaõ „todos, e eſtavaõ muy confiados, que „tanto que o ſahiſſem a receber, logo „ſe havia de abrandar, ſe vinha com „alguma mà tençaõ. Vendo Pero de Taide Inferno o propoſito em que todos eſtavaõ, diſſelhes „que pois naõ „queriaõ tomar ſeu conſelho, ſe ficaſſem embora; porque elle ſe embar„cava logo, por lhe naõ ſer licito eſpe„rar que o Rama Rayo o vieſſe levar „amarrado, como entendia que havia „de fazer a todos. E ſahindo-ſe dalli ſe foy embarcar em huma naveta de hum Gaſpar Pereira que tinha vindo de Bengala, e nella ſe foy pera Goa, onde jà achou o Viſorey D. Conſtantino, que

tinha

tinha vindo de Damaõ, como atraz diſſemos no fim do ſexto livro.

Os moradores da povoaçaõ, tanto que ſe determinàraõ no que tinhaõ dito a Pero de Taide Inferno: „ aſſentàraõ „ de mandar receber ao caminho o Ra- „ ma Rayo com hum preſente que tirà- „ raõ por todos, que valeria quatro mil „ cruzados, pouco mais, ou menos, e „ elegèraõ-ſe de antre todos quatro „ peſſoas das principaes, que foraõ di- „ ante ao viſitar, e darlhe os parabens „ de ſua vinda, que lho levàraõ. Eſtes homens chegàraõ ao ſeu exercito, e lhe deraõ da parte de todos os moradores os parabens de ſua vinda: certificandolhe o alvoroço com que o eſperavaõ pera o ſervirem. O Rama Rayo os recebeo bem, e os levou comſigo atè chegar à povoaçaõ de S. Thomè, e fóra della em huns campos muito largos aſſentou ſeu exercito, e deſpedio alguns Capitaens de confiança, pera que lhe trouxeſſem diante de ſi todos os moradores, mulheres, meninos, e eſcravos, ſem lhes ficar na povoaçaõ couſa viva: o que logo ſe fez, e elle os mandou agaſalhar em huma parte ſeparada com guardas, e vigias, e mandou trazer diante de ſi toda a fazenda, que ſe lhes achou pelas caſas atè os pobres mòveis: o que tudo ſe lhe apoſentou diante, que naõ montaria cem mil pardaos. Vendo elle quaõ enganado fora naquelle negocio pela opiniaõ que trazia das riquezas, que aquelle homem lhe eſcrevèra com mentira: movido por Deos que naõ deixa couſa alguma ſem caſtigo, determinou de o caſtigar, pelo fazer abalar com falſidades: o que o outro ſentindo, ou arreceando deſappareceo logo do exercito, e ſe foy pera Caleturè, ſeis, ou ſete leguas daquella povoaçaõ, donde o Rama Rayo o mandou trazer por alguns Capitaens, e diante de ſi, e de todos o mandou lançar aos Elefantes, que o eſpedaçàraõ à viſta de todos: o que foy permiſſaõ Divina vir acabar daquella maneira por mandado do imigo que elle convocou contra ſeus proprios naturaes, e em cujo poder queria entregar os divinos Templos, em que Deos noſſo Senhor era cada dia tantas vezes venerado, pera nelles tornarem alevantar ſeus falſos idolos. Vendo Rama Rayo a humildade dos moradores, e o pouco que tinhaõ, concertou-ſe com elles que lhe dèſſem cem mil pagodes, a metade logo, e a outra dahi a hum anno, e por elles lhe ficariaõ em refens cinco, ou ſeis dos principaes daquella povoaçaõ.

Feitos os concertos, e pagos os cincoenta mil pagodes, ſoltou a todos, deixando cinco dos que elle eſcolheo pera hirem com elle, e lhes mandou tornar toda ſua fazenda, o que ſe fez com tanta juſtiça, e pureza, que antre mais de duzentos moradores naõ faltou mais que huma colhèr de prata, ſobre que ElRey mandou fazer taes diligencias, que appareceo logo pelo chaõ, ſem ſe ſaber quem a tinha: porque ſe o ſoubera, fora logo eſpedaçado. O Rama Rayo alevantou ſeu campo, e tornou a voltar pera ſeu Reino. E neſte caminho o ſerviraõ aquelles cinco moradores com tanta prudencia, e amor, que os largou, recebendo ſó delles ſeus conhecimentos, porque ſe obrigavaõ a pagar a quantia dos cincoenta mil pagodes, como depois lhe pagàraõ: e ainda deſſa lhes fez huma grande quita. E certo que duvidamos acharſe eſta humanidade, e juſtiça antre Chriſtãos, que tem mais obrigaçaõ pera iſſo.

CAMARA DOS DEPUTADOS BIBLIOTHECA

CAPITULO II.

Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva no Malavar, e de como deſtruhio a Cidade de Mangalòr. E da grande victoria que alcançou de huma Armada de Malavares, de que era Capitaõ hum Rume, que ſe chamava Odo Rabo.

DEixàmos as couſas de Cananòr em guerra declarada, e Luiz de Mello da Silva Capitaõ mòr daquella coſta fazendo por ella todo o dano que podia;

podia, impedindo a navegaçaõ, e cõmercio aos Mouros, que era a mòr guerra que se lhe podia fazer. E depois que lhe succedèraõ as cousas em Cananòr, como atraz contàmos, voltou pera o Norte. E chegando a Mangalòr, soube que estava dentro naquelle rio hum Paguel de Mouros de Cananòr varado na praya, e pondo-se na barra mandou a Antonio Tavares, e a Gonçalo Sanches, Capitaẽs de dous navios „ que lhe „ fossem lançar o Paguel ao mar, e q̃ lho „ trouxessem. E andando estes Capitaẽs nesta obra, ajuntàraõ-se os Mouros do Paguel com outros da terra que appellidàraõ, e dando nelles os fizeraõ embarcar com alguns escalavrados. Sabendo Luiz de Mello da Silva o caso, e que os da Cidade com estarem de paz favorecèraõ os Mouros de Cananòr, entrou pelo rio dentro, e desembarcando em terra, com muito boa ordem, pera satisfazer, e castigar aquella desobediencia, foy cometer a Cidade, e a entrou com grande valor, e esforço, matando, e destruindo, e pondo à espada toda a cousa viva que achavaõ, de qualquer sexto, e idade que fosse, sem perdoarem a cousa alguma. E andando os soldados muito encarniçados nesta obra (que foy assim necessario pera terror dos imigos) ficou o Capitaõ mòr na entrada de huma rua com poucos dos seus mandando pôr fogo à Cidade, porque os nossos se naõ desmandassem com as prezas. Quando viraõ arrebentar por aquella parte hum tropel de Mouros, que vinhaõ fogindo do estrago, e destruiçaõ que os nossos faziaõ, e diante de todos vinha hum velho desgrenhado, com o cabello solto lançado sobre as costas, com huma adaga de dous palmos, e huma manopla de ferro, que lhe cobria atè meyo braço (arma de que elles muito usaõ) e dando de rosto com o Capitaõ mòr, endireitou com elle, e lhe deu huma adagada por hum braço, e juntamente se liou com elle. Luiz de Mello da Silva lançoulhe huma maõ aos cabellos, e por elles o afastou de si, e o arremessou pera os soldados, dizendolhes „ tomai là esse diabo, que logo foy feito em pedaços, e o mesmo se fez a todos os mais que alli foraõ ter com elle. O fogo que o Capitaõ mòr mandou pôr, foy-se a poderando da Cidade, que estava recheada de fazendas de todas as sortes, que ardèraõ bravissimamente com muy grande estrondo, e terremoto. Abrazou-se tambem hum muito grande, e fermoso Pagode, cujo tecto, e corucheo era de lataõ, e cobre, fermosissimamente lavrados, e dourados, de que os soldados houveraõ huma boa quantidade, que embarcàraõ nos navios. Tanto que o Capitaõ mòr vio a Cidade toda entregue ao fogo, tocou a recolher, o que se fez com muito boa ordem, mas naõ tem alguma perda, porque no meyo della lhe ficou morto Gonçalo Sanches, hum dos seus Capitaens, com algũs poucos companheiros, que primeiro que perdessem as vidas, as tiràraõ a muitos, e ao embarcar queimàraõ o Paguel da contenda, e alguns outros navios, e com aquella vitoria se sahio a nossa Armada do rio, e se deixou andar por alli esperando os Pagueis que haviaõ de vir de Cambaya.

Estava neste tempo em Calecut hum Rume, a que chamavaõ Odo Rabo, que se tinha vendido ao Camorim por muito grande cavalleiro, e como os Mouros viraõ o que Luiz de Mello da Silva andava fazendo por aquella costa, chegàraõ as novas do successo de Mangalor, que sentiraõ em estremo. E querendo o Rume ganhar terra com o Camorim, se lhe foy offerecer pera hir pelejar com Luiz de Mello, dandolhe doze, ou treze navios, promettendolhe de lho levar atado, e de lhe meter na sua bahia todos os seus navios. O Camorim lhe aceitou o offerecimento, e mandou negociar sete navios: porq̃ o Ade Rayo de Cananòr tinha outros seis prestes, de que tinha feito Capitaõ mòr hum Mouro chamado Cutimuçà, seu parente, pera se achar no feito, solicitado pelo mesmo Rume Odo Rabo. E ajuntando-se

do-se ambos com os treze navios muito poſſantes, e cheyos de muita gente, que ſe affirma paſſarem de dous mil homens. E ſabendo eſtar a noſſa Armada em Mangalòr, a foraõ buſcar com determinaçaõ de pelejarem com ella. E chegando quaſi huma legua donde os noſſos eſtavaõ, no lugar onde chamaõ a Palmerinha, houveraõ os noſſos viſta daquella Armada, de que jà o Capitaõ mòr tinha aviſo por cartas de Cananòr. Era iſto hum dia pela manhãa, eſtando a noſſa Armada ſurta a terra, e os imigos vinhaõ de mar em fóra demandar aquella paragem. O Capitaõ mòr ſe preparou pera pelejar com os imigos, deſpedindo Però Godinho, por ſer o ſeu navio muito ligeiro „ pera que os foſſe „ reconhecer; e que ſendo aquelles os „ navios de que tinha aviſo, lhe fizeſſe „ ſinal com huma bombardada. O Rume que vinha de frecha demandar a terra, tanto que vio hir aquelle navio, tomou o remo, e foy-ſe a elle, e Pero Godinho foy ſempre adiante atè que o reconheceo muito bem, e quaſi abarbado com elles voltou, e tirou huma bombardada, que era o ſinal que havia de fazer. Tanto que os imigos o viraõ virar, arrancàraõ apoz elle, e o foraõ ſeguindo tres, ou quatro navios de Malavares muito ligeiros. Mas o Pero Godinho, que era confiado no remo, ſe lhe foy ſahindo muito à ſua vontade.

Em Luiz de Mello da Silva ouvindo a bombardada tirou as velas aos navios, e mandou que as eſtendeſſem por cima dos bancos de popa a proa, e que as baldeaſſem, e molhaſſem muito bem com a agua do mar, porque as panelas de polvora, de que os Malavares uſavaõ muito, lhes naõ cahiſſem dentro nos navios, e ſe affogaſſem logo nas velas. E encadeando todos os ſeus navios huns nos outros, foy buſcar os imigos ao mar com grande determinaçaõ: porque naõ quiz que cuidaſſem, eſperando-os à terra onde eſtavaõ, que os temia, e naõ tinha àquelle tempo comſigo mais que ſete navios; porque os mais da ſua Armada os tinha deſpedidos por certas paragens. Hia Luiz de Mello na coxia da ſua galeota, armado em huma cota de armas, com hum montante nas mãos, e a barba, que era muito comprida, feita em huma trança, e na ponta hum nò. O Rume com os ſeus navios vinha na meſma ordem, e chegando a tiro de camelete, deixou-ſe ficar hum pouco atraz o Cutimuçà, Capitaõ dos ſeis navios de Cananòr, porque vio hir os noſſos muito determinados. E vẽdo Luiz de Mello os navios do Rume jà perto, bràdou ao Condeſtabre (que era Framengo, e grande official) „ que deſparaſſe o ca- „ melete; ao que lhe elle reſpondeo, „ que o deixaſſe fazer ſeu officio: que „ como viſſe tempo, elle teria cuidado. O Rume vinha demandando a galeota do Capitaõ mòr em cima do ſeu baileo, veſtido em huma Cabaya de eſcarlata, e huma touca na cabeça de muitas voltas, e aos pès hum caſco, e hum fermoſo treçado, e na maõ hũa cana de bengala com que hia ameaçando os marinheiros, e fazendo-os remar. E vindo aſſim com tençaõ de inveſtir a galeota do Capitaõ mòr pela proa, ſendo jà pouco mais de tiro de pedra, poz o Condeſtabre de Luiz de Mello fogo a hum camelete, que levava com hum cartuxo de ſeixos na boca, e tomando a galeota do Rume de proa a popa, a foy axorando toda, e a virou logo com a quilha pera cima, naõ eſcapando della ſe naõ muito poucos, que os noſſos paſſada a fumaça viraõ vivos apegados à quilha da galeota dos Mouros, cujo Capitaõ devia de acabar de miſtura com os outros. Os mais Parós paſſáraõ àvante, e tres delles enveſtiraõ o Capitaõ mòr, dous pela proa, e hum por huma das ilhargas, e logo lhe lançàraõ gente dentro com tamanho impeto, que fizeraõ retrahir os noſſos, que eſtavaõ na proa, com morte de alguns, em que entràraõ D. Joaõ de Lima, e hum irmaõ de D. Braz de Almeida, a que deraõ huma frèchada pela teſta, que lhe paſſou os miolos.

Vendo Luiz de Mello da Silva os

O imigos

imigos dentro na ſua galeota, e a poderados jà da proa, acodio a ella com alguns Fidalgos, e cavalleiros, e deu nos Mouros com tamanho impeto, que os lançou fóra, recebendo elle em ſi algumas feridas, que pela fortaleza das armas o naõ matàraõ, e todavia ficou ferido em hum pè, que o tratou mal. Aſſim ficàraõ os noſſos taõ animoſos daquelle ſucceſſo, que ſem recearem a multidaõ dos Mouros, ſe lançàraõ com elles nos ſeus navios, onde à eſpada, e rodella fizeraõ nelles tal eſtrago, que lhes naõ eſcapàraõ ſe naõ os que ſe lançàraõ ao mar, ficando aquelles tres navios, que abordàraõ o Capitaõ mòr, deſpejados de todo. Os mais Paròs abalroàraõ os outros navios, e o que ferrou de Manoel da Silva (que trazia huma galeota Latina) logo foy axorado, e rendido. E pondo a proa em outro depois de grande referta, e muitos feridos, o deſbaratou de todo. Gomes Eanes de Freitas, abalroou outro Parò, e com grande valor o entrou, e meteo todos os Mouros à eſpada, e foy ſoccorrer o navio do Pimentel, que hum dos Paròs o tinha axorado, e morto o ſeu Capitaõ com a mòr parte dos ſoldados. E vendo aquelle eſtrago, poz-lhe a proa, e entrando naquelle navio, em q̃ os Mouros andavaõ vitorioſos, fazendo grande carniçaria em os noſſos, teve com elles huma muito aſpera, e perigoſa batalha. O Parò dos Mouros, que eſtava abordado ao navio do Pimentel, que naõ tinha em ſi mais que os marinheiros, vendo aquelle ſoccorro, e o eſtrago que os noſſos começàraõ a fazer nos ſeus, alçando a vela foraõ-ſe, deixando todos os Mouros as lans com os noſſos, que logo foraõ metidos à eſpada ſem eſcapar hum ſó, ficando Gomes Eanes de Freitas com a mòr parte dos ſeus ſoldados feridos, e queimados.

O Cutimuçà Capitaõ mòr dos ſeis navios do Ade Rayo de Cananòr, vendo tamanha deſtruiçaõ, deu à vela com todos os ſeus navios, e ſe foy acolhendo com tamanho medo do que vira, que aſſim à vela foy varar na praya do Bazar de Cananòr, como ſe os noſſos lhe foſſem dando nas coſtas. Luiz de Mello da Silva recolheo os ſeis navios, que tomou aos Mouros, e por ter muitos feridos na Armada ſe foy recolhendo pera Goa, deitando os mortos ao mar, que paſſáraõ de trinta.

Aqui aconteceo hum caſo memoravel, e que ſe notou por maravilhoſo, e foy eſte. Entre os mortos, que ſe lançàraõ ao mar da galeota de Luiz de Mello da Silva, foy o irmaõ de D. Braz de Almeida, que matàraõ da fréchada pela teſta, que foy amortalhado em huma colcha. Andou eſte corpo no mar cinco, ou ſeis dias, e no cabo delles o encaminhàraõ as aguas pelo rio de Chale dentro trinta e quatro leguas de Mangalòr, onde foy lançado ao mar, e com a marè foy parar à porta do Moſteiro dos Frades de S. Domingos, taõ inteiro, e ſem corrupçaõ, que parecia morto daquella hora, e tal que foy conhecido de todos. E D. Jorge de Caſtro, que era Capitaõ daquella fortaleza, acodio à praya, e o mandou enterrar muito honradamente, ſem ſe ſaber couſa alguma do que era paſſado: porque ainda a nova daquella batalha naõ corria, que veyo apoz elle, e começou a haver com ellas em todo o Malavar grandes prantos, e deſconſolaçoens; porque ſe perdèraõ naquelle ſucceſſo perto de quatrocentos Mouros dos principaes, e ficou tal o mar daquelle eſtrago, que muito tempo naõ comèraõ os noſſos por toda aquella coſta peixe, nem ainda os Mouros, porque em Cananòr achàraõ no bucho de hum caſſaõ os dedos de hum homem, que cauſou grande nojo.

CA-

CAPITULO III.

De como Luiz de Mello da Silva chegou a Goa, e o Viſorey o prendeo, e depois o mandou invernar a Cananòr. E da Armada que deſpedio pera Maluco. E da conjuraçaõ que todos os Mouros do Malavar fizeraõ contra a noſſa fortaleza de Cananòr. E do grande aſſalto que lhe deraõ. E dos caſos que nelle acontecèraõ.

CHegado Luiz de Mello da Silva à barra de Goa, com eſta vitoria, alguns dias andados de Abril, logo o Viſorey teve aviſo diſſo. E como tinha cartas freſcas de D. Payo de Noronha Capitaõ de Cananòr em que „ lhe pedia ſoccorro, porque todos os Mouros do Malavar eſtavaõ conjurados contra aquella fortaleza, e que faziaõ grandes preparaçoens pera a cometerem, tomou muito mal virſe Luiz de Mello da Silva ſem ſua licença naquelle tempo em que havia tamanha neceſſidade delle. Pelo que mandou logo ao Ouvidor géral „ que o foſſe prender no „ Caſtello de Pangim, e que detiveſſe „ a Armada fóra, porque queria logo „ eleger outro Capitaõ, pera a tornar a „ mandar. E como o negocio importava tanto, como era ſoccorrer logo aquella fortaleza, tratou da eleiçaõ do Capitaõ que havia de mandar, e cometeo alguns Fidalgos pera iſſo, que ſe eſcuzàraõ por cauſa de Luiz de Mello da Silva, cuja a jornada era, e aſſim o diſſeraõ todos ao Viſorey, e lhe pediraõ „ que „ ceſſaſſem as paixoens, e que ſe reconciliaſſe com elle, e o tornaſſe a mandar: porque era hum Fidalgo muito „ honrado, e muito neceſſario ao ſerviço de ElRey, que eſte era entaõ o primor, e verdade dos Fidalgos daquelle tempo; que antes perderiaõ a vida, que hum pequeno ponto de ſua opiniaõ. E tanto guardavaõ iſto huns com os outros, que couſa que foſſe em dano, ou prejuizo de hum, a naõ aceitava outro, ainda que niſſo eſtiveſſe todo o ſeu remedio, e taõ aprimorada corria entaõ eſſa praça, que nas entradas das fortalezas, jà mais aconteceo, ou muito poucas vezes chegarem a juizo: porque baſtava antre elles ſaberſe que hum era primeiro provido pera lhe naõ arguirem defeitos, e deſcobrirem infamias, que depois vieraõ allegar huns contra outros. E era taõ puro eſte negocio, que o Fidalgo que levava a ſua patente ao Viſorey, pera lhe pôr o cumpra-ſe, e tomarlhe a menagem, e darlhe a poſſe da fortaleza em que pretendia entrar, logo era deſpachado ſem cartas de Editos, ſem citaçoens, e ſem apregoarem como em almoeda, ſe havia algum que delle quizeſſe alguma couſa. Nem haver miſter aderencias pera lhe porem o cumpra-ſe.

E tornando à noſſa hiſtoria. Vendo o Viſorey que todos os Fidalgos, e Capitaens velhos lhe engeitavaõ a jornada, e que lhe eſtranhavaõ a prizaõ de Luiz de Mello da Silva, meteo-ſe em huma manchua, e foy-ſe a Pangim ver com elle, e alli ſe reconciliàraõ, e lhe pedio „ que tornaſſe pera Cananòr, por„ que compria aſſim ao ſerviço de El„ Rey. Luiz de Mello da Silva, deixando aggravos aceitou a jornada, e o Viſorey mandou logo pagar quinhẽtos homens, e nomeou ſeus Capitaens pera lhes darem meſas todo o inverno, e na meſma Armada em q̃ Luiz de Mello da Silva veyo, o deſpedio, e lhe deu muitos provimentos, e munições, e dinheiro pera as meſas, e pagas dos ſoldados, e fez mercès aos Capitaens que aquelle veraõ andàraõ com elle darmada. Eſta era a razaõ, porque o ſerviço de ElRey entaõ luzia tanto, liberalidade da parte dos Viſoreys, e da dos ſoldados zelo do ſeu ſerviço, e nenhuma cobiça nelle: porq̃ eſtes ſaõ os dous eyxos, ſobre que os Imperios do mundo ſe ſuſtentaõ, e faltando elles, deraõ com tudo atravez.

Partido Luiz de Mello da Silva pera Cananòr, deſpachou o Viſorey os pro-

vimentos pera Maluco, e foy por Capitaõ daquella fortaleza Manoel de Vasconcellos, filho de Diogo de Vasconcellos, e de Dona Tareja da Gama, irmãa do Conde da Vidigueira, que descobrio a India, e levou hum galeaõ em que foy, e mais duas caravelas de que eraõ Capitaens, Henrique de Vasconcellos, e Diogo da Silveyra, e alguns navios de remo, a cujos Capitaens naõ achàmos os nomes, porque quiz o Visorey prover as necessidades de Maluco bastantemente. E escreveo àquelle Rey cartas muito honradas, e cheas de muitos mimos, affirmandolhe „ que D. Du„ arte Deça seria muito bem castigado, „ pelos desserviços que lhe fizera. E na mesma companhia mandou muitos provimentos pera Malaca, e Ceilaõ.

Partida esta Armada, despachou o Visorey alguns navios pera Damaõ, e Dio, com Capitaens, e soldados que foraõ invernar àquellas fortalezas, pera darem mesas aos soldados. Porque naquelle tempo, e muitos annos depois se davaõ mesas a mil e duzentos soldados, em cada fortaleza fronteira, e afóra isso lhe pagavaõ seus quarteis geraes, dous a cada soldado, sem se lhe ficar devendo cousa alguma, e o mesmo se fazia na Cidade de Goa, e naõ rendia a India entaõ mais que setecentos mil pardaos. E depois disto veyo tudo tanto a menos, que com crescer o rendimento tanto em dobro cortàraõ aos pobres dos soldados tanto a raçaõ que lhes tiràraõ as mesas, e lhes naõ pagàraõ mais que hum quartel em todo o veraõ, e no inverno; aos que estavaõ assentados no rol dos ordenados, e limitados às fortalezas. Sendo dantes tudo taõ liberal, que todos os que invernavaõ, tinhaõ certos seus dous quarteis, sem apresentarem certidoens de titulos correntes, como hoje fazem: sem haver mesas, nem outras liberalidades, com que se os soldados sustentem. E esta he a razaõ, porque ha jà taõ poucos, que queiraõ hir a invernar às fortalezas de ElRey, e tantos que se fazem chatins, e se vaõ quasi a morar aos Reinos de Pegù, e Bengala, pera ajudarem aquelles Reys, que tem guerra huns contra outros. E deixando isto tornemos a Luiz de Mello da Silva, que deixàmos partido de Goa, porque com estas Armadas cerràmos o veraõ.

Chegado este Capitaõ a Cananòr, achou D. Payo de Noronha muito enfadado por ter novas certas, que o Ade Rajao tinha convocados todos os Mouros daquella costa, pera lhe pôr hum muito rijo, e apertado cerco: porque de tudo o avisava hum Naire dos principaes da casa de ElRey chamado Nicore Guaripo, Jangada da fortaleza; que era taõ bom homem de sua natureza, e taõ grande amigo dos Portuguezes, que com ElRey (que entrava nesta conjuraçaõ, e o Ade Rajao) trazerem o olho nelle, naõ deixava de avisar o Capitaõ, e de prover a fortaleza de noite de tudo o que tinha necessidade, com grande risco seu: no que o favorecia, e ajudava o Coge Cemaçadim, de quem muitas vezes temos falado nas outras Decadas, que neste tempo estava muito enfermo, e veyo a morrer, e o seu thesouro se lhe sumio: porque ElRey, e os Naires lho foraõ consumindo pouco a pouco. E isso que entaõ poderia ter lhe tomou a mulher que estava amancebada com hum genro seu, casado com huma filha da outra mulher; que estando elle doente fogiraõ com tudo o que puderaõ haver às mãos, que ainda foy huma boa quantidade de ouro, e pedraria.

Tanto que Luiz de Mello da Silva chegou à fortaleza, como diziamos, foy recebido com grande alvoroço, porque estavaõ todos muito atribulados com a nova da liga, e mandou varar a Armada à porta da fortaleza, e cobrilla por causa da invernada, e tomou posse das tranqueiras que cercavaõ a povoaçaõ de fóra, que eraõ de taipas muito fracas, com alguns andaimos, e guaritas, e repartio por ellas todas os Capitaens de sua companhia, e que haviaõ de dar mesas aos soldados, que eraõ quatro. D.

Antonio

Antonio de Vilhena Manoel, Jeronymo de Sà, filho de Gaſpar Gonçalves de Riba fria, Porteiro da Camera de ElRey, Manoel Travaſſos, e outro a que naõ achàmos o nome. Eſtes ſe agaſalhàraõ em caſas pegadas às ſuas eſtancias, e guaritas, pera nellas darem meſas a ſeus ſoldados, e Luiz de Mello da Silva ficou de fóra com ſeſſenta ſoldados pera acodir aonde foſſe neceſſario. E mandou logo reformar, e repairar as tranqueiras o melhor que pode ſer: ficando Dom Payo de Noronha na fortaleza com alguns criados, e caſados velhos. Nicore Guaripo, tanto que ſoube da chegada de Luiz de Mello da Silva, logo o mandou aviſar „ que eſti- „ veſſe preparado, porque muito cedo „ o haviaõ de cometer de noite, man- „ dandolhe offerecer tudo o de que ti- „ veſſe neceſſidade. E aſſim de noite à formiga, metiaõ nas tranqueiras tudo o que lhe pediaõ, o que lhe Luiz de Mello da Silva ſoube muy bem agradecer, e pagar. O Ade Rajaõ cabeça deſta liga, depois que ſentio ElRey deſgoſtoſo, e quaſi affrontado do ruim modo que D. Payo de Noronha teve ſempre com elle, naõ perdendo a occaſiaõ, o foy acender mais em ira contra os noſſos, prometendolhe „ de lhe entregar nas „ mãos aquella fortaleza com toda a „ artelharia, homens, mulheres, e meni- „ nos, ornamentos, e prata dos Tem- „ plos; e com a cobiça deſtas couſas ſe offereceo a entrar na liga, jà que o Ade Rajao tinha metido nella o Camorim, e quaſi todos os Reys do Malavar a quem peitou pera iſſo groſſamente, porque eſtava muito rico, e aſſim lhe mandàraõ todos muita gente, e o ajudàraõ com petrechos, muniçoens, e tudo o mais que lhe foy neceſſario pera a eſcala daquella fortaleza: porque determinava elle de levar por aſſalto as tranqueiras, pera depois baterem a fortaleza à ſua vontade.

Eſtando jà preſtes de tudo, ſendo quinze dias do mez de Mayo, no quarto dalva ſahio da ſua Cidade o Ade Rajao com toda a potencia dos Mouros, e Malavares (que ſe affirma ſerem mais de cem mil Mouros, e Nayres, em que entravaõ dez mil eſpingardas) e com todo aquelle poder rodeàraõ as tranqueiras deſdo mar atè o Moſteiro de S. Franciſco, e arremetèraõ todos de tropel a ellas com taõ eſpantoſos gritos, huivos, e alaridos, que parecia a terra ſe fundia, arvorando por toda ella muitas eſcadas, por onde os mais atrevidos ſobiraõ, e ſe puzeraõ em cima, e as entravaõ pela parte em que pouſava Dom Antonio de Vilhena Manoel, e deraõ logo comſigo no quintal das ſuas caſas pera ſua deſtruiçaõ. Os noſſos que jà eſtavaõ ſobre aviſo em ſilencio, ao terror daquellas vozes levàraõ as mãos às armas, e acodiraõ a ſuas eſtancias, onde achàraõ jà os imigos apoſſados dellas: o que tiveraõ por tamanha affronta, que ſem recearem o poder, nem lhes cauſar eſpanto os grandes terremotos que ouviaõ, remetèraõ a elles, e travàraõ huma aſpera batalha em cima das tranqueiras. Luiz de Mello da Silva acodio logo com a bandeira de Chriſto, e com a do Rume, que havia pouco tinha tomado, e desbaratado (que era de tafetà verde muito grande) e as mandou pôr ambas em hum cubello, a de Chriſto arvorada, e a outra abatida, e lançada pera fóra, pera quebrantar com ella os animos dos imigos. E deixando aquelle cubello ſeguro, foy correr todas as tranqueiras, chamando, e nomeando os Capitaens, e animando os ſoldados, que achou todos com tamanho furor, que muitos delles eſtavaõ detraz dos que pelejavaõ pelas ſeteiras, por naõ caberem. E como aquelles deſparavaõ ſuas eſpingardas no cardume dos Mouros, os outros lhes pediaõ por amor de Deos „ que em quanto elles torna- „ vaõ a carregar lhes deixaſſem matar „ alguns daquelles imigos. Mas eſtavaõ os outros taõ ſofregos, que nem eſſe pequeno tempo lhes queriaõ dar, porque naõ faziaõ mais que carregar, e deſcarregar pelas ſeteiras. E como davaõ na

Anno 1559.

multidaõ dos Mouros, naõ havia pera que apontar; porq̃ pera onde quer que foſſe o pelouro, dava nos Mouros, e os hia derribando, e fazendo nelles grande eſtrago. Dom Antonio de Vilhena Manoel, que ao primeiro rebate acodio à ſua eſtancia, e deu com os ſeus quintaes cheyos de Mouros, remetendo a elles com cincoenta ſoldados que tinha, travou hũa muito cruel, e arriſcada batalha, em que elle, e todos os ſeus ſoldados pelejàraõ com tanto valor, e esforço, que paſſâraõ pelas eſpadas os mais dos imigos, e naõ lhes eſcapàraõ ſe naõ poucos, que ſe lançàraõ das tranqueiras abaixo. Os Mouros que eſtavaõ derredor das taipas, eraõ tantos, e ellas taes, que em partes lhes puzeraõ os hombros, e deraõ com ellas dentro, como fizeraõ na eſtancia de Manoel Travaſſos, onde ficàraõ pelejando de barba a barba huns com os outros, fazendo os noſſos façanhas muito pera notar, e invejar, e que nos naõ atrevemos a contar, nem engrandecer como merecem. E outras partes houve em que os Mouros varàraõ as tranqueiras com as ſuas lanças, que eraõ compridas, e tezas. De maneira que ſe pòde dizer, que antre os noſſos quinhentos ſoldados, e cem mil dos Mouros, naõ havia couſa alguma; porque todos pelejavaõ à eſpada, e muitas vezes vinhaõ a braços huns com os outros. A grita era tamanha, os alaridos taes, o terremoto das armas taõ temeroſo, o eſtrondo da eſpingardaria taõ eſpantoſo, que parecia que ſe acabava o mundo. E juntamente com iſto as chãmas, e labaredas das panelas de polvora de huma, e da outra parte taõ grandes, e taõ medonhas que ſobiaõ ao Ceo, e aſſim alumiavaõ as tranqueiras, e dentro na fortaleza, como ſe fora claro dia. O que tudo cauſava tamanho medo, e eſpanto, que andavaõ as mulheres pelas ruas deſcabelladas, e deſcalças, de Igreja em Igreja pedindo a Deos miſericordia com os olhos feitos hũas fontes de lagrimas. E os Religioſos de S. Franciſco poſtos em oraçaõ diante do Santiſſimo, e Divino Sacramento com muitas lagrimas encomendavaõ a Deos aquelle negocio, e affirma-ſe que hum delles vira em o tirante da Igreja o Eſpirito Santo em figura de Pomba, muy luzente, e reſplandecente, e que àquella viſaõ alevantàra a voz, e chamàra pelos Religioſos que a viſſem. E dando com iſto hum novo fervor a todos, movidos do Divino Eſpirito alevantàraõ hũ Crucifixo em hũa haſtea alta, e ſahindo da fortaleza, ſe foraõ meter no meyo da batalha, começãdo a esforçar, e animar os noſſos, affirmandolhes que o Eſpirito Santo andava antre elles em ſeu favor, e ajuda.

Vendo os ſoldados a figura de Chriſto crucificado alevantada no ar, e ouvindo todos o que os Religioſos diziaõ, dandolhes huma nova furia, foraõ-ſe alguns ao Capitaõ mòr, e pediraõlhe „ que lhes dèſſe licença pera ſa- „ hirem das tranqueiras, e hirem pele- „ jar com os imigos ao campo largo, „ pera mais à ſua vontade, e ſem impe- „ dimento ſe ſatisfazerem delles, pois „ tinhaõ a Deos por ſi. Luiz de Mello da Silva lhes louvou muito aquelle animo com muy honradas palavras; mas pediolhes „ que ſe quietaſſem com as „ mercès de Deos, e com o grande eſ- „ trago que tinhaõ feito nos Mouros. E tornando-ſe todos às tranqueiras, puzeraõ-ſe ao encontro dos imigos, em quem fizeraõ tantas crueldades, que quaſi elles meſmos ſe compadeciaõ delles: porque ſobidos muitos em cima das taipas, deſcubertos às nuvens de frechas, ſettas, e pelouros, lançavaõ ſobre aquella multidaõ de Mouros tanto fogo, tantas pedras, e tantos outros inſtrumentos de morte que era eſpanto, abrazando, derribando, e eſpedaçando tantos, que tinhaõ feito hum entulho de corpos mortos, quaſi taõ alto como as taipas. Antre todos eſtes ſe aſſinalou mais hum Franciſco Riſcado, que ſem temor de quantos tiros cahiaõ ſobre os noſſos, andou ſempre correndo por cima da taipa appellidando o Apoſtolo Santiago, e abrazando os Mouros com

fogo

fogo de muitas panelas de polvora, que ſobre elles lançou, cujas labaredas fizeraõ nelles muito grandes eſtragos, e incendios.

Luiz de Mello da Silva moſtrou bem neſte dia os quilates de ſeu esforço, e o toque de ſua grande prudencia: porque quando lhe era neceſſario pelejar, o fez como hum Ceſar, e quando lhe convinha mandar, e governar, o fazia com tanta ordem, e quietaçaõ, que nada o perturbava, e nada faltava. Em fim por naõ contarmos tantos golpes, e tantas particularidades, e caſos pera notar, que nòs naõ ſabemos engrandecer como merecem: paſſemos por todos, dizendo ſómente que a briga durou deſde as Matinas, que era às quatro horas de pela manhãa, atè as quatro da tarde, em que os Mouros ſe recolheraõ por jà naõ poderem com tamanho eſtrago, e deſtruiçaõ, deixando o campo todo alaſtrado, ſemeado, e cheyo de corpos eſpedaçados, e abrazados, afóra muitos que levàraõ, e tinhaõ recolhidos. Affirma-ſe perderem-ſe neſta batalha quinze mil Mouros, e naõ podiaõ ſer menos, pelo eſtrago que ſeiſcentas eſpingardas podiaõ fazer em doze horas, que ſempre tiràraõ em roda viva, ſem nunca perderem tiro, e muitos houve, em que ſe derribàraõ dous, e tres de hum ſó: afóra mais de quinhentas panelas de polvora, e outros muitos generos de mortes, que todos ſe empregàraõ muito bem.

Recolhidos os Mouros, e deſaſſombrados os noſſos (que ficàraõ todos banhados em ſangue, e ſuor, e abrazados de mãos, pès, e roſtos, de maneira, que pareciaõ alarves) ordenou o Capitaõ mór com os Padres de S. Franciſco, que alli eſtavaõ com o Crucifixo arvorado, huma Prociſſaõ, em que ſe achàraõ todos, aſſim como ſahiraõ da batalha, ſem ſe quererem hir curar os feridos, e foraõ a noſſa Senhora da Vitoria a darlhe graças por aquella tamanha, e taõ admiravel, que lhes ſeu precioſo Filho deu. E entrando pela fortaleza, acodiraõ as mulheres aſſim deſcalças, e deſcabelladas como andavaõ, e os velhos, e meninos, e os prantos que faziaõ, e as lagrimas que atè entaõ derramàraõ, com que pediaõ miſericordia ao Senhor, as convertèraõ em Ladainhas, e em louvores de tamanha mercè, com tantas mais lagrimas, e ſoluços por ſe verem livres, que quaſi interrompiaõ, e pervertiaõ a ordem das Ladainhas.

Paſſado iſto, ſe tornou o Capitaõ mòr às tranqueiras, e mandou enterrar alguns mortos dos noſſos, que naõ paſſáraõ de vinte e cinco, e fez logo renovar, e repairar as taipas, e guaritas o mais depreſſa que pode ſer, ſem deſpirem as armas: porque ſe os imigos os tornaſſem acometer, os naõ achaſſem taõ deſbaratados como ficàraõ, porque quaſi tudo eſtava razo. Mas elles pelo grande eſtrago que viraõ em os ſeus, ficàraõ taõ cortados de medo do noſſo ferro, que desfizeraõ logo a liga, e os hoſpedes ſe foraõ pera ſuas terras, chorando ſua triſte ſorte, e deſaventura. Porque naõ houve aldea em todo o Malavar, em que naõ houveſſe prantos, e lagrimas, do ſentimento daquella perda. E tanto que hum Mouro da povoaçaõ de Chomomba, que tinha vindo àquella guerra com quatro filhos, todos perdeo naquelle combate: e primeiro que ſe embarcaſſe foy ter com Ade Rajao, e lhe fez huma breve fala „ em que o perſuadio a ter ſempre paz cõ os Portugue„ zes, apontandolhe muitos bens q̃ del„ la reſultavaõ, e os grandes danos que „ da guerra com elles ſuccediaõ; de que „ lhe naõ dava mais exemplo, que em ſi „ proprio, porque chegàra alli de ſua „ terra com quatro filhos, e ſe recolhia „ ſem nenhum delles; porque todos lhe „ matàraõ os Portuguezes, e que viſſe „ bem o que ſeria nos mais. Todavia a terra ficou aſſim de guerra, que o Ade Rajao foy ſuſtentando todo o inverno: mas naõ houve em todo elle couſa notavel de que poſſamos fazer memoria, paſſando todo em aſſaltos de pouco momento.

CA-

CAPITULO IV.

Do que mais aconteceo por todo eſte veraõ na Ethiopia, nas guerras que aquelle Emperador tinha com os Mouros, e com huns Cafres chamados Gallas. E de algumas praticas que o Emperador teve com o Biſpo ſobre as couſas da noſſa Religiaõ Chriſtãa.

POucos dias depois dos noſſos chegados à Corte, ſem o Biſpo ter entrado em negocio algum, chegàraõ novas, que o Baxà do Turco com cento de cavallo, e quatrocentos de pè, que deixàmos em Maçuà, fora caminhando pera Baroà; e que em hum paſſo tivera huma batalha com o Barnagais, em que o Turco lhe matàra muita gente, e hum irmaõ do Capitaõ Iſaac chamado Agaba (que fora muitos annos Barnagais) e que com eſta vitoria chegàra o Turco a Baroà, e ſe lhe deſpejàra a terra. Juntamente com eſtas novas chegàraõ outras, que os Cafres Gallas eraõ entrados pelas Provincias do Emperador, principalmente pela de Balè, e q̃ andavaõ fazendo grãdes danos, e deſtruições. (Neſta Provincia Balè tem os Abexins por ſuas eſcrituras, que o Apoſtolo, e Evangeliſta S. Mattheus andàra prègando o Evangelho) Todas eſtas novas entriſtecèraõ muito a todos, e logo tratou o Emperador de acodir em peſſoa aos Gallas, deſpedindo com muita preſſa o Capitaõ Iſaac, dãdolhe bandeira de General da empreza cõtra os Turcos, e lhe mandou q̃ foſſe fazendo toda a gente que pudeſſe pelas terras por onde paſſaſſe, afóra a que lhe elle deu.

E porque o Emperador tratava de ſe partir logo pera a Provincia de Balè, e era entrada de Junho, em que o inverno começa naquellas partes, aſſentou „que foſſe a Rainha ſua mulher, e o „Biſpo com os Portuguezes, invernar „na Provincia chamada Hojè, por „ſer fertiliſſima, e onde o Biſpo tinha „bons Paços, e jardins freſquiſſimos: „mandando a hum dos ſeus principaes, „que ſe chamava Adiaes (que andàra „com a Rainha velha no campo de D. „Chriſtovaõ da Gama) pera que cor„reſſe com o Biſpo, e mais Portugue„zes em ſuas deſpezas, e ordinarias, e „pera lhes fazerem apoſentos, como fi„zeraõ, e ficàraõ alli grande parte do „inverno, muy quietos, e bem provi„dos de todas as couſas.

Partida a Rainha, e o Biſpo, logo o Emperador ſe poz a caminho com todo ſeu campo, levando em ſua companhia ſós eſtes Portuguezes: Gaſpar de Souſa de Lima, Gonçalo Soares Cardim, Antonio de Sampayo, Joaõ Gonçalves, Diogo da Fonſeca Leite do Porto, Franciſco Nogueira, Joaõ Alonſo, natural de Toledo, e Lopo de Almança Gallego. E aſſim foy caminhando por humas campinas larguiſſimas, e chegâraõ a hum lago de agua ſolobra de ſeis leguas em circuito, que tem em ſi huma Ilha, em que eſtà hum Moſteiro de Frades, onde eſtaõ enterrados muitos dos Emperadores paſſados. Dalli foy o Emperador caminhando pera à Provincia Hadiau, que era de Mouros, que eſtavaõ rebelados. Saõ eſtas gentes barbariſſimas, e cavalgaõ em cavallos como Gallegos em oſſo, e traz cada hum cinco, ſeis jarguchos, ou azagayas, com que tiraõ de arremeſſo, e fazem tamanhos tiros que eſpantàraõ os noſſos.

O Emperador entrou por eſta Provincia, e fez nos Mouros grandes cruezas, e deſtruiçoens, e dalli ſe paſſou a huma terra que ſe chama Gazè, mais pera o Sertaõ: onde affirmaõ os que là foraõ, que havia huma eſtrada muito corrente pera Melinde. Aqui paſſou o Emperador tres meſes do inverno, muito temperado, e em Agoſto ſe levantou, e tornou a voltar pera ſua caſa, por ſerem jà os Cafres Gallas recolhidos, e algũs que achou foraõ eſpeçados, e mortos, e de paſſagem foraõ dar em outro lago, que ſerà de tres leguas, que traz grande quantidade de peixes, e dia da Degollaçaõ de S. Joaõ Bautiſta chegà-

raõ

raõ à Provincia de Hojè, onde eſtavaõ a Rainha, e o Biſpo, que com todos os Portuguezes os ſahio a receber com grandes feſtas, e elle ſe recolheo em ſeus Paços, onde eſteve alguns dias encerrado, deſcançando do trabalho da jornada. E poſto que o Biſpo fora ſempre bem provido, mandou ElRey depois que veyo, que lhe dèſſem hum marco de ouro cada mez pera ſua peſſoa, e pera cada ſoldado, e criado ſeu huma onça, porçaõ muito baſtante pera a barateza da terra, em que correm por moeda humas barras de ferro de hum palmo e meyo de comprido, e dous dedos e meyo de largo, e furadas por huma cabeça, por onde ſe penduraõ, e ſete deſtas valem hum pardao de ouro, e ſó neſta Provincia correm. Mas a moeda mais corrente, com que ſe compra tudo nas mais das Provincias do Sertaõ, he o ſal, que todo he em pedra, e huma de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo, val hum Drimi, e por duas deſtas compra hum ſoldado trigo que lhe baſta pera hum mez, e por huma cevada pera a mula, e por outra carne, que o ſuſtenta huma ſemana, e quatro, cinco, ſeis gallinhas por outras, e os ovos oitenta, noventa, e huma grande quantidade de manteiga, e muitos limoens, peixe, choupas, e vinho o mais caro, oito canadas a pedra, e aſſim todas as mais couſas deſta ſorte.

E tornando ao Emperador. Depois de deſcançar alguns dias, mandou chamar o Biſpo que foy acompanhado dos Padres, e dos Portuguezes, e depois de alguma pequena converſaçaõ, mandou o Emperador deſpejar todos, atè os Padres, e ficando ſó com o Biſpo tratàraõ ſobre couſas da Eſcritura, em que o Emperador era muito lido, e o que paſſáraõ naõ ſe ſoube, mais que ſahirſe o Biſpo muy apaixonado, e dizer contra os Padres „ grande herege he eſte homem, e aſſim ſe recolhèraõ, e em caſa daria o Biſpo relaçaõ de tudo o que paſſáraõ. Depois diſto mandou o Emperador convidar o Biſpo pera ver a ſua Miſſa, e eſtar a ſuas ceremonias; o que elle fez, levando todos os Portuguezes comſigo, e foy à Igreja (que era do Orago de S. Jorge) aonde eſtiveraõ ao Officio, o Biſpo ſempre de giolhos, e os Portuguezes ſempre em pè, por lho elle mandar aſſim, e defender que naõ fizeſſem adoraçaõ alguma, nem moſtras de devoçaõ. O Emperador diſſe a Epiſtola, tendo ſempre huma cortina diante porque o naõ viſſem; do que o Biſpo ficou triſte, e deſcontente, por entender que teria trabalho em o trazer aos coſtumes da Igreja Romana: nem o Emperador eſtava ſatisfeito do Biſpo por ſua liberdade, e aſſim pouco, e pouco veyo a tomar algum aborrecimento aos Portuguezes, ſem quem naõ podia dar hum paſſo.

Aqui eſtiveraõ atè a entrada de Outubro, fazendo o Biſpo muito bem ſeu officio, e apertando com o Emperador ſobre as couſas da Religiaõ Chriſtãa, deſenganando-o que vivia errado, e herege.

Vendo todavia o Biſpo a contumacia do Emperador, mandou publicar huma carta de excõmunhaõ contra todos os Portuguezes que o ſerviſſem, pelo haver por ſciſmatico, e maldito: do que ſe elle indignou tanto, que logo alevantou o campo, dizendo „ que hia buſcar „ os Turcos: ficando alli o Biſpo com os que vieraõ com elle da India. O Emperador ſe paſſou ao lugar de Como, onde a Rainha ſua mãy ſe foy ver com elle, que havia muitos tempos que andava arrufada do filho por humas terras que elle tinha tomado a hum Senhor chamado Xumo Cafalou, caſado com huma irmãa da Rainha chamada Ithiezama, Senhora muito fermoſa, e que ſe preſava de falar bem Portuguez, que andou ſempre na companhia da irmãa, no exercito de D. Chriſtovaõ da Gama. Trazia a Rainha comſigo outro filho mais moço que o Emperador, chamado Minas, que havia de ſucceder no Reino, por ſeu irmaõ naõ ter filhos. E todavia poſto que o Emperador fez grande

de

de recebimento à mãy, ella ſe naõ quiz reconciliar com elle.

Aqui chegàraõ novas, que o Iſaac, que o Emperador tinha deſpedido contra os Turcos, que eſtava em Baroà, alcançàra huma grande vitoria de huma Senhora Moura chamada Gahoa. Eſte Iſaac, depois que o Emperador o deſpedio contra os Turcos, foy ajuntando a gente que lhe pareceo neceſſaria, e antes de chegar a Baroà, teve por novas, que hum ſobrinho deſta Senhora chamado Habem Dilabo lhe entràra por ſuas terras com duzentos cavallos em companhia de alguns Turcos que lhe o Baxà mandou, pelo q̃ lhe foy neceſſario acodir là, e encontrando-ſe com os imigos, que traziaõ grande preza junto de hum fermoſo rio chamado Tagazè, e ſentindo turvaçaõ em os ſeus, e que moſtravaõ medo, deceo-ſe do cavallo, e tomando huma adarga, e dous dardos, diſſe aos ſeus „ que quem o quizeſſe ſeguir o po„ dia fazer, porque elle ſe hia meter an„ tre os imigos. E aſſim endireitou pera elles, e alguns Portuguezes que foraõ em ſua companhia o foraõ ſeguindo, e o meſmo fizeraõ todos os Abexins. E chegando o Iſaac aos imigos, diſſe aos Turcos que hiaõ diante: „ Ah perros „ hoje he dia, em que heide tomar ſatiſ„ façaõ da morte de meu irmaõ que ma„ taſtes, ou tambem o haveis de fazer „ a mim; mas ſabey que vos heide cuſ„ tar caro: e deſpedindo os dardos atraveſſou alguns, e os noſſos que hiaõ a cavallo rompèraõ em os Turcos, acompanhados de alguns Abexins, e daquelle primeiro encontro derribàraõ dezoito de cavallo, em que entrou Habem Dilabo, Capitaõ da gente da Moura, de que atraz falàmos, e os mais ſe puzeraõ em desbarato, deixando a preza nas mãos do Iſaac, que logo virou as bandeiras contra as terras da Moura, que o eſperou com muita gente. Mas como os Abexins hiaõ jà com o medo perdido, logo a desbaratàraõ com morte da mòr parte dos ſeus, e ella ſe foy fogindo pera Baroà, onde o Baxà a recebeo bem, e lhe prometteo ajuda, e vingança. O Iſaac ficou ſenhoreando as terras, em que o deixaremos por tornarmos ao Biſpo.

Vendo elle o modo daquelle Emperador, determinou de mandar recado à India, pera o que ſe lhe offereceo hum Micer Bartholomeo Neapolitano, grande Medico, pera fazer aquella jornada por Zeilà, e levou por guia hum Mouro, que tinha alli ſua mulher, e filhos, e por elle eſcreveo o Biſpo ao Governador, e Patriarca tudo o q̃ lhe tinha ſuccedido. Chegado eſte homem a Zeilà o deſcobrio o meſmo Mouro àquelle Rey, q̃ o mandou levar diante de ſi, e o perſuadio q̃ ſe fizeſſe Mouro, offerecendolhe grandes partidos de terras, e honras, que elle engeitou como Catholico Chriſtaõ que era: pelo que lhe mandou ElRey cortar a cabeça, fazendo ſua ditoſa alma outra muy differente viagem, da que elle cometia: que foy hirſe apreſentar diante de Deos, banhada no freſco ſangue, final, e prenda de ſeu glorioſo martyrio. O Mouro depois que cometeo eſta maldade, tornou-ſe pera onde o Biſpo eſtava, e tomando a mulher, e filhos em muito ſegredo, os levou pera Zeilà.

CAPITULO V.

De como deu hũa graviſſima enfermidade nos Turcos de que morrèraõ todos. E de como o Biſpo tratou de ſe partir pera a India pelas poucas eſperanças que tinha da converſaõ daquelle Emperador. E de como ſe deixou ficar a rogo dos Portuguezes.

DEixàmos atraz no ultimo Capitulo do quinto livro as couſas da Ethiopia no cunhado do Baxà do Turco, deſembarcado em Maçuà, cõ aquelle foccorro, com que ſe foy logo ajuntar ao cunhado, que deixàmos em Baroà, com aquella vitoria que alcançou do Barnagais, com que ficou taõ ſoberbo,

bo, que determinou de paſſar adiante a buſcar o Emperador, e ſe o fizera, ſem duvida ſe ſenhoreàra de todo aquelle Imperio, e que ſe acabàraõ os noſſos que là andavaõ, e as eſperanças daquella Chriſtandade. Mas como Deos noſſo Senhor parece que a tem guardada pera ainda a meter debaixo do gremio de ſua Igreja Catholica, e que o tenros filhos dos Portuguezes (que paſſavaõ de mil e duzentos) naõ vieſſem a ſer Janiſſaros do Turco, antes ſe foſſem ſuſtentando com o leite da Fé, permittio q̃ a ſoberba, e intentos do Baxà ſe acabaſſem de todo, e foy deſta maneira.

Atraz dèmos conta no Capitulo ſetimo do quarto livro, como aquella Senhora Moura chamada Gahoa, que o Barnagais desbaratou, ficou de todo quebrada, e ſem remedio, pelo que houve ſeu conſelho a ſe valer do Baxà do Turco, e pedirlhe favor, e ajuda como fez; promettendolhe ella grandes theſouros, affirmandolhe „ que em hu„ ma Villa ſua tinha enterrado huma „ grande ſoma de ouro, com que ſe po„ dia fazer a deſpeza da conquiſta da„ quelle Imperio. O Baxà movido, e levado da cobiça de tanto ouro, ſe lhe offereceo a metella de poſſe das ſuas terras, pera onde logo ſe fez preſtes, e lhe pedio peſſoas q̃ ſabiaõ do theſouro pera o encaminharem: porque por ſe naõ fiar della a deixou na fortaleza em guarda de quinhentos Turcos, e elle com toda a mais gente ſe poz a caminho. E porque havia de paſſar pelas terras de huns Cafres muito bellicoſos, lhes mandou diante recado, que lhe naõ impediſſem a paſſagem, porque naõ queria com elles ſe naõ paz, e amiſade, o que lhes elles aceitàraõ. E chegando às terras da Moura, achou o Baxà o theſouro que hia buſcar. E como iſto era em Abril, que o Sol hia pera o Tropico de Cancro, e os rayos começàraõ a eſcaldar a terra, e com iſſo os Turcos por natureza comiloens, e deſarranjados em tudo, meteraõ-ſe naquellas carnes, e leites, de que a terra era muito abaſtada, e abundante, de ſorte que deraõ nelles as febres taõ rijas, que em tres dias os matava, e em poucos morrèraõ mais de quinhentos delles, com o que o Baxà ſe vio taõ aſſombrado, que ſe poz em fogida, hindo jà tocado de mal contagioſo, e todos os ſeus, que pelos caminhos lhe foraõ ficando poucos, e poucos ás ſombras das arvores onde ſe deſciaõ, e eſpiravaõ, e os cavallos hiaõ fogindo por eſſes deſertos, como deſatinados. E chegou o mal a tanto, que de todos naõ ficáraõ com o Baxá mais de cem Turcos, e eſſes taes que pareciaõ mortos. Pelo que receando-ſe que ſe tornaſſe pela terra dos Cafres, o mataſſem pelo roubar, deu volta pera o caminho de Suaquem, onde chegou mal, e com muito poucos. Eſtas novas chegáraõ a Baroá ao cunhado do Baxá, que lhas deu hum piaõ que pera lá foy fogindo, e poz-lhe iſto taõ grande medo, que largando tudo ſe acolhèraõ todos com o que puderaõ levar de maõ: deixando toda a artelharia, muniçoens, e theſouros que tinhaõ, que eraõ muitos, e como hiaõ ſem ordem, deraõ nelles os da terra, e metèraõ todos á eſpada ſem eſcapar mais que o Capitaõ em hum cavallo ruço muito fermoſo, e foy o deſpojo, e riqueza tanta, que ſe affirma paſſar de tres milhoens de ouro, e dizem que huma mulher Abexim hindo por hum caminho, achàra huma azemala ſolta, que ficou da companhia dos Turcos, e tinha dous alforges grandes, hum cheyo de ouro, e outro de prata, e huma Cabaya carmeſim forrada de martas, e huma eſpada com toda ſua guarniçaõ de prata, e que aſſim como eſtava a dera a hum peregrino, que a levou ao Barnagais, e que tomàra ella o ouro, e as peças, e a prata toda dera ao peregrino. Os da terra achàraõ muito ouro pelas cintas dos mortos que havia pelos campos, e hum Frade Abexim paſſando hum rio pequeno a váo, deu com os pès em hum caldeiraõ, que eſtava cheyo de ouro, quanto elle podia alevantar.

Com eſta mercè de Deos taõ grande tor-

tornàraõ as couſas daquelle Reino a melhor eſtado. E eſta era a gente ſem nome, que os Auriſpices diſſeraõ ao Emperador que havia de desbaratar os Turcos. Mas na verdade naõ foy ſe naõ a poderoſa maõ de Deos, que pelas oraçoens do Biſpo, e mais Religioſos quiz elle atalhar a tantos danos, quantos ſe eſperavaõ.

Eſtas novas chegàraõ à Corte, com o que houve grandes feſtas, e o Biſpo, e Padres offerecèraõ ao altiſſimo Deos ſolennes Sacrificios, e Oraçoens por taõ grande mercè. E como o Biſpo andava muito deſcontente do Emperador, vendo agora os caminhos deſimpedidos, e o pouco fruyto que fazia naquella terra, tratou de ſe partir pera a India, porque havia que ſem duvida lhe mandaria o Governador navios, como lhe tinha promettido: queixando-ſe publimente de Gaſpar de Souſa Capitaõ dos Portuguezes, entendendo que por ſua culpa deixava o Emperador de ſe fazer Catholico, ou ao menos ſe lho naõ eſtorvava, naõ achava o Biſpo nelle a ajuda que queria. E querendo pôr em effeito eſta ſua hida, acodiraõ os principaes Portuguezes de todos, e eſtes foraõ Gonçalo Ferreira, Simaõ do Soveral, Chriſtovaõ Nunes, Antonio Vaz, Juſarte Madeira, Joaõ Gonçalves, Jorge Nogueira, Pero Leaõ, e todos ſe lhe lançàraõ aos pès, e lhe pediraõ com muitas lagrimas „ que os naõ deſempa- „ raſſe, porque eſtavaõ com ſuas mulhe- „ res, e filhos, e ſuas familias, e ficariaõ „ todos (ſe ſe elle foſſe) arriſcados a „ perderem as almas, e apoſtatarem, e „ que ainda que naõ fizera naquella ter- „ ra mais, que ſuſtentar aquella pequena „ Chriſtandade, havia de haver por bem „ empregado ſeu trabalho. Tantas couſas lhe diſſeraõ ſobre iſto, e tantos proteſtos lhe fizeraõ, que o movèraõ a compaixaõ, e deſiſtio da jornada. Ainda que todavia de enfadado do Emperador determinou de ſe apartar delle, e ſe foy pera o lugar do Decomo, onde Pero Leaõ o levou, e fez à ſua cuſta huma devota Igreja em huma rocha viva, que o Biſpo benzeo, e dedicou ao Apoſtolo S. Pedro, onde concorriaõ todos os Catholicos aos Domingos, e Santos a ouvir Miſſa, e à doutrina, e de muito longe vinhaõ alguns naturaes Catholicos com ſeus preſentes ao Biſpo; que pela devoçaõ, que via nelles, havia por bem empregada ſua eſtada, e andava com iſto taõ conſolado, que eſtava determinado de ſe deixar alli ficar toda ſua vida. Pelo que começou a ordenar caſas pera ſeu recolhimento, e naõ andar mais inquieto. Aqui o deixaremos por hum pouco.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo a D. Alvaro da Silveyra no Eſtreito. E das couſas que mais ſuccedèraõ na Ethiopia: e das guerras q̃ ſe levantàraõ em que o Emperador foy morto; e do q̃ mais ſuccedeo no Imperio.

HE neceſſario continuarmos com D. Alvaro da Silveyra, que deixàmos partido de Damaõ, no Capitulo ſetimo do ſexto livro: porque parece que nos hiamos jà deſcuidando delle: mas naõ pode ſer menos pelas muitas couſas que ſuccedèraõ. Partido eſte Capitaõ de Damaõ (como atraz temos dito) foy atraveſſando o golfo com tempo taõ rijo, que ſe abrio a fuſta de Sebaſtiaõ de Souſa de Abreu, a quem D. Alvaro acodio, e lhe tomou a gente, e a fuſta com os marinheiros tornou a voltar pera Goa. A mais Armada foy ſeguindo ſeu caminho até haver viſta da coſta de Arabia, e de longo della foy demandar a boca do Eſtreito, por onde entrou, e de algumas gelvas que os navios de remo tomàraõ, ſoube o Capitaõ mòr que no porto de Mocà ficavaõ quatro galez, que eraõ as que o Cafár tinha pera ſahir fóra do Eſtreito às prezas, e que eſtavaõ jà em o Canal preſtes, e negociadas pera fazer viagem.

Sabidas eſtas novas, mandou D. Alvaro

varo da Silveyra chamar os Capitaens a conſelho, e lhes moſtrou o regimento do Viſorey, em que lhe mandava „ que „ trabalhaſſe por queimar aquellas ga„ lez, ainda q̃ eſtiveſſem varadas, e que „ foſſe neceſſario entrar naquelle porto. E depois de ſe praticar ſobre iſſo, e ſe apontarem os incõvenientes que havia, ſe aſſentou „ que ſe compriſſe o regi„ mento, e que entraſſem a pelejar com „ as galez; porque ſegundo a informa„ çaõ dos das gelvas, o poderiaõ fazer „ muito facilmente, porque traziaõ Pi„ lotos daquelles Canaes. E ainda foraõ alguns de parecer „ que tomando as ga„ lez, foſſem deſembarcar naquella Ci„ dade, e lhe puzeſſem fogo, porque „ pela informaçaõ que della tinhaõ, „ naõ havia nella poder pera lho defen„ derem.

Aſſentado iſto fizeraõ-ſe todos preſtes, e foraõ demandar o porto de Mocà, onde chegàraõ com alguns navios menos, por ſe apartarem com temporaes, que ordinariamente ſe achaõ dentro naquelle Eſtreito, e ſem embargo diſſo determinou D. Alvaro da Silveyra de entrar logo os Canaes, e pera iſſo ſe mudou com toda a gente dos galeoens aos navios de remo, e bateis, e foy paſſando por todas aquellas voltas, baixos, e reſtingas. E hindo jà no meyo à viſta das galez, que eſtavaõ bem dentro, lhe atiràraõ ellas algumas bombardadas, cõ que lhes deſaparelhàraõ alguns navios, e no ſeu lhe feriraõ alguns homens, e matâraõ cinco, ou ſeis marinheiros. E vendo D. Alvaro da Silveyra o modo em que as galez eſtavaõ, e que naõ podiaõ ſer cometidas ſe naõ pela proa, e com os navios a fio pela eſtreiteza dos Canaes, receando-ſe que o desbarataſſem de todo primeiro que chegaſſe a ellas, tornou a voltar pera fóra, e foy ſurgir junto dos galeoens. E vendo que alli naõ tinha que fazer determinou de hir eſperar as nàos de Meca, fóra das portas do Eſtreito: porque andar por dentro delle era perigoſo, e levou logo ancora, e foy-ſe ſahindo pera a boca do Eſtreito, e deſpedio os navios de Alvaro Pires de Tavora, Fernaõ Farto, e Gil de Goes, e lhes deu a cada hum ſeu Abexim, que lhe o Viſorey Dom Conſtantino entregou em Damaõ, pera que os deitaſſem em Maçuà com cartas pera o Biſpo, e pera o Emperador do Preſte, e lhes deu por regimẽto „ que ſe tornaſſem a ajun„ tar com elle fóra das portas do Eſtrei„ to, onde havia de eſtar atè todo o mez „ de Março.

Partidos eſtes navios, ſahio-ſe a Armada pera fóra do Eſtreito, e elles foraõ atraveſſando atè a coſta do Abexim, e chegàraõ a Maçuà, onde ſem impedimento deitàraõ os Abexins, e tornàraõ a voltar pera Dom Alvaro da Silveyra, que eſteve naquella paragem atè quinze de Abril, ſem lhe hir nào alguma cahir nas mãos. E ſendo o tempo gaſtado deraõ à vela pera Maſcate. E antes de chegarem ao Cabo de Roſalgate lhes deu hum tempo taõ rijo, que lhes foy forçado correrem em popa com muito riſco, e perigo. E o navio de Alvaro Pires de Tavora, ou foſſe por culpa do ſeu Piloto, ou por mais naõ poder, foy correndo taõ largo com o vento (que era Ponente) que em poucos dias foy haver viſta da coſta da India antre Chàul, e Dabul, jà meado Mayo, e dalli foy tomar Goa. Os mais navios foraõ ſofrendo mais os mares, e correndo com menos vela, e depois que a tormenta ceſſou, achàraõ-ſe do Cabo de Roſalgate pera dentro, e foraõ tomar Maſcate, onde a Armada ſe deſaparelhou, e o Capitaõ mòr ſe apoſentou em terra, e ordenou meſas aos ſoldados, e lhes fez pagas; porque pera tudo lhe mandou D. Antaõ de Noronha, que eſtava por Capitaõ em Ormuz, muito dinheiro.

Agora daremos razaõ das couſas ſuccedidas na Abaſſia, por nos naõ ſahirmos dellas, jà que as temos antre mãos. Neſte Capitulo atraz deixàmos o Biſpo na terra do Decomo, na ſua quietaçaõ, que lhe naõ durou muito tempo: porque logo chegàraõ novas muy apreſſadas, que o Rey dos Malaſaes (Mouro que

visinhava com as terras do Emperador) tinha mandado hum bom exercito com hum Capitaõ seu a lhe conquistar as terras de suas fronteiras, e que vinha com tençaõ de vir buscar o Emperador, que estava na Provincia de Hojè, e darlhe batalha; o que meteo os nossos em tamanha revolta, que acodiraõ ao Bispo, e o levàraõ pera lugares seguros, e depois foraõ buscar o Emperador, que estava na Provincia de Hojè, pera o acompaharem: porque souberaõ que se fazia prestes pera hir buscar os Mouros. E vendo os nossos o pouco poder que tinha, pelo ter espalhado pelas Provincias, lhe aconselhàraõ „ que se recolhes„ se a algumas serras fortes, atè lhe aco„ direm seus vassallos, o que elle naõ quiz fazer, antes com o poder que se lhe ajuntou, foy buscar os imigos, de quem daremos agora relaçaõ.

Este Rey de Malasaes, que era Mouro, sempre foy imigo dos Abexins, e seus antepassados tiveraõ com aquelles Emperadores continua guerra, e vendo agora este, aquelle Imperio taõ perdido, e fraco por causa das guerras taõ continuas, que havia tantos annos tinha, determinou de o mandar conquistar. E pera isto despedio os exercitos, que atraz dissemos, que entràraõ pelas fronteiras daquelle Imperio, aonde o Emperador tinha Abiticon Malahamal com muita gente de cavallo, que vendo o grosso poder do imigo, se lhe desviou, por se naõ atrever a pegar com elle, e os imigos foraõ entrando pelas terras, e senhoreando tudo sem contradiçaõ alguma.

O Abiticon como era sagaz, e grande cavalleiro, tanto que vio os Capitaens dos Malasaes entrados pelas Provincias com tamanho poder, entendendo que aquelle Rey ficava no Reino com pouco poder, e descuidado de lhe poder succeder desgraça alguma, ajuntando a mais gente que pode, entrou como hum rayo pelo Reino do imigo, e o foy buscar à sua Cidade, e tomando-o de sobresalto, o houve às mãos, e o matou, e fez nos seus grandes crueзas, metendo a terra a ferro, e a fogo, e assim se recolheo carregado de despojos. E como isto era muito distante, naõ puderaõ chegar estas novas ao Emperador, antes de se ver com os imigos: porque como hia com aquelle impeto, chegou à vista delles, e assentou seu campo no melhor sitio que achou, e começou a haver antre elles escaramuças em que se assinalàraõ os nossos Portuguezes de cavallo, que eraõ Gonçalo Ferreira, Simaõ do Soveral, Affonso de França Moniz, Luiz Pardo, Diogo Pimenta, Antonio Vaz, Alvaro Fernandes, Christovaõ Nunes, Juzarte Madeira, Alvaro da Costa de Covilhãa, Pero Leaõ, Gaspar de Sousa. E os de pè foraõ Luiz Custodio, Cosmo Correa, Fernaõ Sangane, Fidalgo Gallego, Jorge Nogueira, Diogo Rodrigues, Gaspar Fernandes, Antonio Pires, Manoel Pereira, Antonio de Sampayo, Gonçalo de Moraes, Antonio Martins, Alvaro Dias, Jorge Capado, Mathias de Salamanca, e Gaspar Bautista.

Os Capitaens principaes que estavaõ com o Emperador, eraõ Xumo Cafalou, Gradeho Cafo, Honaõ, Hobidilisai, Mochael Ase, Jorges Ase, Ahaique Colo, e Choge Cata cunhado do Emperador; que como estava determinado de dar batalha aos imigos, e naõ gastar o tempo em escaramuças, mandou fazer todos prestes, e tomou os Portuguezes apar de si. E Quinta feira de Endoenças pela manhãa, que foy aos vinte e tres de Março da era de mil quinhentos cincoenta e nove, sahio de seus exercitos com suas bandeiras desenroladas, e foy demandar os imigos, que tambem já estavaõ em campo, e o primeiro que rompeo nelles foy Gonçalo de Moraes, que se adiantou com huma lança de fogo, com que se meteo antre os imigos, onde se desfez, e abrazou a muitos, mas elle foy derribado com hum tiro de arremesso. O Emperador tambem rompeo em os Mouros, nos dianteiros, cercado dos nossos.

Mas

Mas quiz a desaventura que com os estouros das espingardas se espantasse o seu cavallo de feiçaõ, que sem dar pelo freyo se foy meter no meyo dos Mouros, onde o Emperador foy alanceado, e morto. Os nossos o foraõ seguindo atè se misturarem com os Mouros, onde fizeraõ maravilhas nas armas, matando, e espedaçando a quantos achâraõ diante como se foraõ leoens ferozes: mas como as novas da morte do Emperador se espalhàraõ pelo exercito, descoroçoando os Abexins, se puzeraõ logo em desbarato, ficando só os Portuguezes baralhados com os imigos em huma batalha muito cruel, acompanhados tambem de alguns dos Capitaens Abexins, que como viraõ o seu Emperador morto, naõ se quizeraõ salvar. Mas como os nossos eraõ taõ poucos, e os imigos andavaõ jà senhores do campo, e com a maõ folgada com a morte do Emperador, carregàraõ sobre elles, e com perda da mòr parte ficàraõ senhores do campo, e alguns dos nossos que puderaõ escapar se acolhèraõ pera onde estava o Bispo, e com elle se foraõ a partes seguras. Alcançada a vitoria, pera mais se gloriarem os Mouros della, cortàraõ a cabeça ao Emperador, e aos nossos, e as mandàraõ ao seu Rey, naõ sabendo que tambem estava jà sem ella. E sem fazerem detença alguma, foraõ passando pera a Provincia de Hojè, onde a Rainha estava com seu filho Minas, pera os haverem às mãos; mas ella tendo primeiro a triste nova, se recolheo a huma serra forte, e os imigos chegàraõ aos seus Paços, os derribàraõ, abrazàraõ, e destruiraõ a terra, deixando-se ficar nella devagar, como senhores de tudo. Os Abexins, que escapàraõ da batalha, sabendo logo como os imigos eraõ passados pera Hojè, ajuntando-se hum corpo delles acodiraõ ao campo, e levàraõ o corpo do Emperador, e lhe foraõ dar sepultura. Os corpos dos nossos ficàraõ no campo, e dalli a tres mezes os achàraõ hum Alvaro Fernandes, e Antonio de Goes, inteiros, e sem corrupçaõ alguma, sómente lhes faltava o membro genital, que lhes cortàraõ os Mouros, ou Cafres.

Neste tempo estava o Padre Reitor da Companhia quatro jornadas de Baroà, e o Padre Gualtamas, e com elles Francisco Dias Machado, Antonio Lopes da Silveyra, e Pero Dorta de Oliveira, que foraõ esperar o Patriarca, cuidando que viesse pera o receberem, e acompanharem, e alli foraõ ter com elles os tres Abexins, q atraz dissemos, que os navios deitàraõ em Maçuà, e lhes deraõ as cartas do Visorey D. Constantino pera o Bispo, e souberaõ todas as novas da India, e de como o Patriarca ficava em Goa. Com estas novas voltàraõ pera o Bispo, que achàraõ em casa de hum Portuguez natural do Crato, que se chamava Vasco Pires do Crato (que foy da Condessa velha, mulher do Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama, que o recolheo, hindo elle fogindo do desbarato do Emperador) que os agasalhou. E sabendo o Bispo naõ vir o Patriarca, ficou muito desconsolado, e deixou-se ficar naquella parte atè ver em que paravaõ as cousas daquelle Imperio.

CAPITULO VII.

De como os Turcos foraõ sobre a fortaleza de Baharem, e lhe puzeraõ cerco. E da Armada que D. Antaõ de Noronha lhe mandou de soccorro. E de como avisou D. Alvaro da Silveyra pera que a soccorresse.

MUitas vezes temos dito pelo discurso de nossas Decadas, do muito que o Turco desejava de se fazer Senhor de todos os portos da Arabia da banda do Estreito Persico. E como os seus lhe entendiaõ este desejo, huns se lhe offereciaõ pera huma cousa, e outros pera outra; mas tudo se lhe desarmava em vaõ: porque das emprezas que cometèraõ sempre sahiraõ escalavrados

vrados das noſſas mãos. Agora eſte verão em que andamos ſe lhe foy offerecer hum Capitaõ que foy de Lacà, Turco de naçaõ, pera lhe tomar a fortaleza de Baharem que era a principal da coſta da Arabia, tirando Baçorà, e a quem elles deſejavaõ mais que todas, por ficar mais viſinha à Ilha de Ormuz, em que elle tinha os olhos. E fezlhe eſte Turco a couſa taõ facil, que lhe aceitou o Turco os offerecimentos, e mandou ao Baxà de Baçorà que lhe negociaſſe as couſas neceſſarias pera aquella jornada: o que elle fez muito bem, e lhe deu duas galez, e ſetenta terradas, e terranquins, e hum bargantim de dez bancos, em cujas vaſilhas embarcou mil e duzentos Turcos, e Janiſſaros, e muitos mantimentos, e muniçoens, e petrechos de guerra, e ſe lhe ajuntou mais pera o acompanhar neſta jornada Mir Soltaõ Ali, Parſeo de naçaõ, Capitaõ que foy de Catifa, que eſcandalizado de alguns aggravos que teve do Xà, cujo vaſſallo era, ſe paſſou pera o Turco, e pelo deſſervir ſe quiz achar neſte feito, porque tambem era em dano do Eſtado da Perſia, tudo o que por aquelle Reino ſe conquiſtaſſe.

Chegada eſta Armada a Baharem, lançáraõ os Turcos toda a gente em terra, e plantáraõ ſuas eſtancias ao redor da fortaleza, e as guarnecèraõ de artelharia muito groſſa pera a bateria que determinavaõ dar. Era Guazil de Baharem Rax Morado (caſado com huma filha de Rax Nordin Guazil de Ormuz) homem Parſeo muito prudente, grande Capitaõ, e o melhor homem de cavallo que havia em toda Perſia, que tanto q̃ teve viſta da Armada, recolheo dentro na fortaleza todos os mantimentos que na terra havia, e quatrocentos homens eſcolhidos, com quatro, ou cinco Portuguezes criados de Dom Antaõ de Noronha Capitaõ de Ormuz, que alli eſtavaõ fazendo ſeus negocios: antre eſtes entrava Henrique de Mello que hoje vive, e he Capitaõ do Caſtello de Pangim, e Antonio de Campos, neto da boa velha de Dio, Iſabel Fernandes, e aſſim deſpedio logo o Guazil huma terrada muito ligeira com cartas pera ElRey de Ormuz, e pera o Capitaõ, em que lhes dava conta do negocio, e lhes pedia „ o ſoccorreſſem ficando-ſe fortificando o melhor que pode: pera o que teve pouco tempo porque os Turcos logo começàraõ a dar grandes baterias com que fizeraõ algumas ruinas pelos altos dos muros, que logo foraõ repairados dos de dentro, que tambem lhes reſpondèraõ com ſuas ſalvas, de que elles recebèraõ bem de dano.

Vendo os Turcos que os muros eraõ fortes, e que os de dentro ſe defendiaõ tambem, e os tratavaõ mal, tratàraõ de entulhar a cava que cercava a fortaleza, pera acometerem por aſſalto, pera o que começàraõ a fazer ruas por baixo do chaõ, pera os officiaes poderem trabalhar, o que lhes cuſtou muito caro, e muito trabalho: porque era toda aquella parte de area, q̃ lhe fogia, e acodiaõlhe com grandes repairos, pera ſuſtentar as paredes da rua, porque naõ arrunhaſſem. E em quanto eſtaõ occupados neſta obra daremos razaõ do recado que chegou a Ormuz, e do que fez o Capitaõ.

Dadas as cartas a ElRey, e ao Capitaõ D. Antaõ de Noronha, logo começàraõ a preparar gente, e a armar navios, que logo ſe puzeraõ dez no mar, alguns dos da companhia de D. Alvaro da Silveyra que alli foraõ invernar, de que eraõ Capitaens Gil de Goes, Diogo Ferreira, Collaço do Principe Dom Joaõ, e hum foaõ de Mello, e os mais que alli havia da obrigaçaõ da fortaleza, e de todos fez Capitaõ mòr Dom Joaõ de Noronha ſeu ſobrinho, irmaõ de D. Antonio de Noronha Capitaõ de Còchim. Os mais eraõ Joaõ de Quadros, e hum mancebo Fidalgo do appellido dos Mellos, irmaõ do outro acima, e Jeronymo de Souſa, com quem ſe embarcàraõ por parentes. Alexandre de Souſa, que foy Capitaõ de Chàul, e

Fran-

Francisco de Souſa Tavares o manco, que hoje vive em Aveiro, e outros, que D. Antaõ de Noronha deſpedio muito apreſſadamente, muy bem apercebidos de gente, muniçoens, e mantimentos. E ao deſpedir o D. Joaõ ſeu ſobrinho, que hia por Capitaõ mór o apartou, e lhe diſſe „ que ſe lembraſſe que era filho „ de hum Clerigo, e que naõ tinha mais „ honra que aquella que por ſeu braço „ ganhaſſe; que elle lhe dava pera iſſo „ aquella empreza, que era das honradas „ da India; que foſſe, e lhe tomaſſe, ou „ queimaſſe aquellas galez, ou morreſ- „ ſe, e perdeſſe ſobre iſſo todos aquelles „ navios, porque naquillo eſtava ſer „ muito honrado, ou muito abatido. E „ que queimando as galez ſe deixaſſe fi- „ car com os navios guardando a Ilha, „ porque os Turcos ſe naõ ſahiſſem del- „ la, porque logo apoz elle ſeria là D. „ Alvaro da Silveyra com toda ſua Ar- „ mada.

Embarcado D. Joaõ de Noronha, deſpedio D. Antaõ de Noronha huma embarcaçaõ ligeira, com huma carta pera D. Alvaro da Silveyra, em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia „ ſe apreſſaſſe, e acodiſſe àquelle „ feito; porque ſeria grande perda, e „ quebra do Eſtado ganharem os Tur- „ cos aquella fortaleza. E que ſe viera „ a buſcar galez, alli as tinha, em parte „ que lhe naõ podiaõ eſcapar. E que ſe „ ſe pejaſſe de vir a Ormuz (porque eſ- „ tavaõ quebrados) ou naõ tiveſſe goſ- „ to diſſo, que foſſe à Ilha de Angaõ, e „ que là lhe mandaria todos os provi- „ mentos, e dinheiro, que lhe foſſe ne- „ ceſſario pera a Armada. D. Alvaro da Silveyra entendendo a importancia do negocio, lhe reſpondeo „ que logo ſe „ partia pera Angaõ, por lhe parecer „ aſſim melhor, porque ſe tomaſſe Or- „ muz, ſeria muito grande trabalho tor- „ nar a recolher os ſoldados, e que man- „ daſſe os provimentos pera a Armada, „ porque ſe naõ detiveſſe em eſperar „ por elles. Com eſte recado deſpedio logo Dom Antaõ de Noronha a Fran- ciſco Jacome, Eſcrivaõ da fazenda, com dinheiro, arroz, manteigas, biſcouto, peixe, muniçoens, pelouros, e todas as mais couſas em abaſtança. E naõ tardou muito, que naõ chegaſſe D. Alvaro da Silveyra com os mais navios de remo, e a caravela de Pero Peixoto da Silva, e tomando os provimentos deu à vela pera Baharem, e em quanto là naõ chega, tornemos a Dom Joaõ de Noronha que deixàmos partido de Ormuz pera darmos conta do que lhe aconteceo neſta jornada.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a D. Joaõ de Noronha atè Baharem. E de como as galez lhe corrèraõ. E do riſco em que os noſſos navios ſe viraõ de ſer tomados. E de como D. Alvaro da Silveyra chegou a Baharem, e tomou as galez, e cercou os Turcos na Ilha.

PArtido Dom Joaõ de Noronha de Ormuz, foy ſeguindo ſua jornada atè a Ilha Samaim duas leguas de Baharem, onde ſe deixou ficar eſperando por hum navio que lhe ficava atraz, que era de hum daquelles dous irmãos, os Mellos, que partio depois delle, e ao outro dia foy demandar Baharem, cuidando que a noſſa Armada eſtava jà là (porque quiz a pouca dita de D. Joaõ, que aſſim ſuccedeſſe pera perder huma tamanha honra) e chegando à viſta da Ilha, vendo os que eſtavaõ nas galez aquelle navio ſó, ſahiraõ apoz elle como hum trovaõ, e elle lhes foy fogindo pera a banda da Ilha Samaim, onde os noſſos eſtavaõ como em emboſcada. D. Joaõ de Noronha que eſtava com os mais navios ſurto da outra banda da Ilha vendo por cima da Ilha os pennoens das duas galez, com grande alvoroço de todos tomàraõ as armas, e lhes ſahiraõ ao encontro com o remo em punho, muy furioſa, e determinadamente. Os Turcos dando de roſto com os navios, e como

vinhaõ determinados com aquella preſſa, e de parte de que ſe elles naõ temiaõ, viràraõ, e foraõ-ſe recolhendo pera Baharem, e os noſſos apoz elles atropelando-os bem. Mas como ellas levavaõ aventagem de quem foge, e eraõ muito ligeiras ſahiraõ-ſe delles, e chegando a Baharem, ſurgiraõ no ſeu porto. O que viſto por D. Joaõ de Noronha, ſurgio hum pouco afaſtado, e alli tomou conſelho com os Capitaens ſobre o que faria, e foraõ a mòr parte delles de parecer „ que eſperaſſem pela manhãa (por- „ que hia jà anoitecendo) e que as foſ- „ ſem cometer; o que elle fez, deixando-ſe ficar alli toda a noite: no que ſe perdeo como mancebo ſem experiencia: porque, ſe quando foy ſeguindo as galez as abalroàra logo em ellas ſurgindo, ſem duvida as tomàra; porque levavaõ os Turcos tamanho medo, que em ſurgindo ſe baldeàraõ em terra deixando as galez como perdidas. E a perda de huma taõ honrada occaſiaõ, naõ ſe pode lançar à conta da fortuna, ſe naõ ao que ella diſſe naquella fabula que ſe della conta, quando acordou hum menino que dormia ſobre a borda de hum poço, que naõ queria que cahiſſe embaixo, porque lhe naõ puzeſſem a ella a culpa, ſendo toda da ignorancia do menino. Em fim, tornando aos noſſos, que deixàmos ſurtos eſperando pela manhãa; que tanto q̃ veyo moſtrando ſeus douraдos rayos, viraõ vir as galez a elles: porque o Baxà vendo o termo que os noſſos fizeraõ em ſe deixarem ficar, entendendo ſer receyo, mandou meter em cada galè cento e cincoenta Turcos, e lhes mandou que foſſem pelejar com os noſſos navios. Dom Joaõ de Noronha em vendo as galez eſtando jà em armas „ perguntou aos Capitaens o que faria? „ Alguns lhe differaõ que o bom ſeria „ hirem ſe retraindo, porque as galez „ na preſſa que traziaõ, moſtravaõ vir „ muy guarnecidas. E outros foraõ de „ parecer, que ſe lhes foſſem ſahindo, „ como que fogiaõ dellas, e que como „ as tiveſſem alongadas de Baharem, pe- „ lejaſſem com ellas, onde naõ foſſem „ viſtas da terra, por naõ ſerem ſoccor- „ ridas pelas terradas. Eſte parecer aceitou mais D. Joaõ de Noronha, e aſſim ſe foy recolhendo com todos os ſeus navios juntos, e elles muy preſtes pera pelejarem quando foſſe tempo.

As galez vendo hir os navios daquella maneira apertàraõ mais o remo, e os foraõ ſeguindo, e esbombardeando pera embaraçar os marinheiros, e naõ lhes ſahio em vaõ eſte deſenho: porque como as peças de proa eraõ Eſperas, e Salvagens, hiaõ os pelouros dar antre os noſſos navios; o que foy em alguns cauſa de tamanho medo, que começàraõ a dar à vela, e a deſmandarſe. O que viſto pelos mais, que hiaõ alli muitos amigos de ganhar honra, vendo-ſe ſós tambem ſe foraõ recolhendo por onde cada hum mais pode. E ſó Joaõ de Quadros, como homem pratico naquelle Eſtreito, ſe foy deſviando dos mais navios, e tomando outro rumo ſe lançou pera a banda de Catifa As galez foraõ ſeguindo as mais fuſtas taõ rijamente, que foy forçado aos noſſos alijarem ao mar tudo o q̃ puderaõ, pera ficarem mais leves, e ligeiros. E todavia a galè Capitania, que era muito ligeira, foy alcançando a fuſta de Diogo Ferreira Vellez, que era mais pezada que as outras, com quem hia embarcado por ſoldado D. Joaõ de Caſtello-branco, e tanto a entrou, que lhe ficou debaixo da appellaçaõ. Os Turcos com o deſejo de os tomarem vivos a todos, naõ os quizeraõ meter no fundo, e lhes diſſeraõ em Italiano „ que naõ houveſſem „ medo, e que ſe entregaſſem, que os „ trataria õ muito bem. E dizendolhe elles que ſi, ſe foy à galè deſviando pela naõ meter no fundo. Diogo Ferreira, e D. Joaõ de Caſtello-branco, que eraõ homens de mais animo, e eſtavaõ com as armas nas mãos pera pelejar, vendo deſviar a galè foraõ metendo de lò por ella lhes ficar a gilavento, e como levavaõ poſta huma varredeira por baixo da vela, pera andarem mais, a fizeraõ molhar,

lhar, prometendo aos marinheiros muito dinheiro, que trabalhàraõ muito bem, e hindo-se jà sahindo da galè, e tornando ella a preparar apoz elles, que hiaõ muy negociados, vendo pela proa hum baixo, por se desviarem da galè, endireitàraõ com elle, e foraõ assim à vela varando por cima. E quiz Deos nosso Senhor que aquella parte por onde tomàraõ fosse o mais alto delle, e de area, e roçando ainda a quilha por elle, foy passando à outra parte atè darem em fundo, ficando muito alongados da galè, que como hia com aquella furia, foy tambem roçando pelo baixo apoz a fusta, e esteve de todo perdida nelle, e tornou a virar com muito trabalho, ficandolhe a fusta da outra parte taõ longe, que pera a hir buscar lhe era necessario rodear todo o baixo, que era muy grande, pelo que foy voltando pera a costa de Catifa, onde encontrou com a fusta de Joaõ de Quadros, que cuidava estar jà livre das galez, e em a vendo deu à vela, e lhe foy fogindo tudo o que pode: mas como a galè (que era a Capitaina) era muito ligeira, a foy entrando, e calcanhando tanto, que lhe foy forçado alijar ao mar tudo o que levava, atè os berços, e falcaõ, e ainda assim naõ pudera escapar, se se naõ recolhèra a outra restinga, como fez Diogo Ferreira Vellez: porque aquelle Estreito he todo cheyo dellas, e de baixos, e assim escapou à galè, que com medo de dar em seco se foy desviando. Durou esta pressa atè a noite em que as galez se recolhèraõ pera Baharem, e os nossos foraõ atè a Ilha de Caes, onde se ajuntàraõ, e deixàraõ ficar atè vir recado de Ormuz, que como là chegou deste successo, ficou D. Antaõ de Noronha em extremo apaixonado contra D. Joaõ de Noronha seu sobrinho por perder as galez por seu descuido. E estando elles aqui em Caes foy ter com elles D. Alvaro da Silveyra, e sabendo o successo das galez, o sentio muito pelo credito do Estado, mas por outra parte naõ lhe pezou, porque havia que aquella boa ventura se guardava pera elle.

E tomando todos os navios comsigo foy surgir na Ilha das Romãas, que està defronte de Catifa hum tiro de espingarda. Isto foy ardil seu, porque em Angaõ foy avisado, que os Turcos esperavaõ por mais terradas, e gente de Baçorà. Pelo que lhe pareceo melhor tomar tanto dentro, que vendo-o os Turcos vir da banda de Baçorà, cuidassem que eraõ as embarcaçoens que esperavaõ, e os tomaria assim descuidados. Daqui da Ilha das Romãas se fez Dom Alvaro da Silveyra à vela, hum dia de grande cerraçaõ, e foy demandar Baharem, sem serem vistos, por razaõ do nevoeiro, e chegando às galez, que estavaõ bem descuidadas, logo lhe poz as proas com todos os navios, e o primeiro que se lançou em huma das galez, foy Rafael Gomes Viegas, filho de Galvaõ Viegas, Alcaide mòr da Cidade de Goa. Entrados os nossos achàraõ poucos nas galez, que foraõ logo mortos, e ellas tomadas, e D. Alvaro da Silveyra as mandou logo tirar pera fóra, e com ellas foy surgir defronte da fortaleza, que salvou com toda a artelharia, e depois o fez ao arrayal dos Turcos, onde lançàraõ muitos pelouros, que lhes fizeraõ muito dano. O Baxà conhecendo as galez, e vendo-as perdidas esbravejava de pezar de seu descuido, e logo se houve por perdido: porque bem entendia que aquella Armada lhes havia de impedir, e tomar todos os soccorros que lhe viessem, e os havia de pôr em grande aperto, e necessidade, porque na Ilha naõ tinhaõ mantimentos, e por lhe naõ ficar jà outro remedio, se naõ a fortaleza em que se poderiaõ salvar, determinou de amiudar a bateria, e ver se a podia tomar por hum assalto, pera o que se começou logo a preparar.

CA-

CAPITULO IX.

De como o Guazil de Baharem se vio com D. Alvaro da Silveyra: e do que assentàraõ sobre o negocio dos Turcos. E do alvoroço, e motim que houve antre os nossos, por naõ querer D. Alvaro da Silveyra dar batalha. E de como de desconfiado sahio aos Turcos, e da muito grande, e cruel batalha que tiveraõ, em que D. Alvaro da Silveyra foy morto, e desbaratado.

SUrta a Armada defronte da fortaleza, logo se embarcou o Guazil de Baharem em hum terranquim, e se foy ver com o Capitaõ mòr, que o recebeo com muitas honras, e agasalhados. Logo alli foraõ chamados os Capitaens a conselho sobre a guerra que se havia de fazer aos Turcos, e sendo o Guazil o primeiro que fallou, disse „ que a mayor „ que se lhe podia fazer, era cercar a „ Ilha toda com todos os navios, e se „ lhe defendesse a entrada, e sahida, por„ que se naõ pudessem prover de man„ timentos, nem mandarem pedir soc„ corro a Baçorà, e que assim os poriaõ „ em tanto aperto, e necessidade, que, „ ou se entregariaõ, ou morreriaõ à fo„ me, e que se lhe naõ dèsse batalha, „ porque nenhuma outra cousa elles „ mais desejavaõ. Deste parecer foy Joaõ de Quadros, como homem que entendia bem a terra; affirmando „ que „ os Turcos se desbaratariaõ por si, sem „ risco algum nosso, e assim o tiveraõ „ outros Capitaens pera si; ainda que alguns foraõ doutro parecer.

A D. Alvaro da Silveyra, parecendolhe melhor o primeiro, repartio logo os navios ao derredor da Ilha, que traziaõ tamanha vigia, que nem huma pequena almadia puderaõ os Turcos lançar de nenhuma parte pera lhes levar novas a Baçorà, o que os Turcos sentiraõ muito, e o Baxà acabou com isto de ver sua perdiçaõ. E por naõ mostrarem covardia tornàraõ a bater a fortaleza com grande importunaçaõ, e de dentro tambem lhe respondiaõ ao mesmo som, fazendolhes mais dano do que recebiaõ: porque a bateria naõ fazia mais que derribarlhes alguns altos do muro, que logo eraõ repairados, ainda que com trabalho, e cançasso dos corpos, porque toda a noite gastavaõ nisso. Era jà isto no mez de Setembro, e os nossos se enfadavaõ de esperar tanto, porque receavaõ, que os tomassem alli aquellas febres malignas, que sempre entraõ com os Levantes, que ordinariamente começaõ a cursar na entrada de Outubro (que como jà algumas vezes dissemos) saõ hum terror, e espanto a todos, pela grande destruiçaõ que tem feito em nossas Armadas, com o que se começàraõ a motinar, e a requerer a D. Alvaro da Silveyra „ que dèsse batalha aos „ Turcos, porque antes queriaõ morrer „ pelejando com as espadas nas mãos, „ que das febres que se esperavaõ, de „ que poucos haviaõ de escapar, se lhes „ dèssem. E como quasi todos os da Armada entravaõ neste alvoroço, e gritavaõ por batalha dando a D. Alvaro da Silveyra a desconfiança, lhes disse „ que „ se quietassem, que elle os satisfaria, „ ainda que contra seu parecer, e obri„ gaçaõ, e que se fizessem prestes pera „ o outro dia seguinte, e que permittisse „ Deos se naõ arrependessem. Dando tambem recado ao Guazil „ que orde„ nasse sua gente, e que em pessoa se „ achasse com elle na batalha. Tudo o que restou do dia, e a mòr parte da noite gastàraõ em se preparar, e alimpar suas armas, e fazer pelouros, e a voltas disso deraõ grandes matracas a Joaõ de Quadros „ chamandolhe fraco, e co„ varde, porque fora de parecer que se „ naõ dèsse a batalha, e ao Guazil, que „ era hum Mouro falso, e traidor; e „ que queria tirar aquella honra das „ mãos dos Portuguezes, e dalla aos „ Mouros como elle, e outros desatinos „ como estes.

Ao outro dia pela manhãa se ajuntàraõ todos postos em armas, e começàraõ

raõ a gritar por batalha; o que D. Alvaro da Silveyra naõ pode remediar, e contra ſeu parecer, e muito pejadamente ſe poz no campo junto da fortaleza, e eſperou pelo Guazil que ſahiſſe de dentro, que logo veyo com trezentos Perſas muy bem armados, em que entravaõ muitos de cavallo, e mandou dar alguns muito fermoſos a D. Alvaro da Silveyra, de que tomou dous pera ſua peſſoa, e os mais repartio por Fidalgos, que lhe parecèraõ mais pera iſſo, e poſto em hum fermoſo eſquadraõ, e o Guazil com toda a ſua gente a huma parte delle, foy abalando em buſca dos Turcos, que ſe tinhaõ recolhido pera hum palmar perto da fortaleza, onde o Baxá eſperou os noſſos, e toda a ſua gente de cavallo tinha lançada em ſillada no cabo do campo detraz de huns cardaes, pera tomarem os noſſos no meyo. Chegando a dianteira dos noſſos aos imigos, deſcarregou nelles aquella primeira ſalva de arcabuzaria, com que derribàraõ alguns Turcos, e depois deu Santiago. E como os noſſos hiaõ com aquelle furor, e deſejo, de tal maneira apertàraõ com elles, que os lançàraõ fóra do palmar, que de induſtria ſe deixàraõ levar por todo aquelle campo, atè meterem os noſſos na ſillada, e todavia matando nelles à ſua vontade. Os de cavallo, q̃ eſtavaõ detraz do cardal, tanto que os viraõ eſtendidos pelo campo, arrebentàraõ com grande furia, e deraõ nelles com taõ grande impeto, que logo os deſordenàraõ, e os foraõ levando atè os tornar a meter pelo palmar, ficando no campo jà alguns atropelados.

D. Alvaro da Silveyra, vendo tamanho deſarranjo, ajuntou os de cavallo, que ſempre o acompanhàraõ, e o Guazil com os ſeus, que nunca o deixou, foy ſuſtentando o pezo da batalha, e tendo o encontro aos imigos, porque o naõ acabaſſem de desbaratar de todo, e neſtas voltas teve com elles huma muito arriſcada batalha, em que os que o ſeguiaõ moſtràraõ bem ſeu esforço, e o meſmo fez o Guazil, que ſe moſtrou mais leal, do que os ſoldados lhe chamàraõ na matraca. Aqui ficou a batalha ſuſpenſa, porque os noſſos tornàraõ a voltar pera onde viraõ Dom Alvaro da Silveyra, e os Mouros ſe tornàraõ a refrear daquelle impeto com que vinhaõ, cuidando que levavaõ jà a vitoria nas mãos. E ſegundo D. Alvaro da Silveyra aqui ſe moſtrou Capitaõ, e cavalleiro, e todos os mais que lhe acodiraõ eſforçados, ſem duvida que os Turcos ſe perdèraõ. Mas quiz a deſaventura que dèſſem a D. Alvaro da Silveyra huma eſpingardada por huma virilha, de que ſe ſentio muito, mas nem por iſſo deixou o furor com que pelejava, nem quiz que os ſeus ſoldados entendeſſem q̃ eſtava ferido, por naõ acontecer algũ deſaſtre. Mas como elle tinha alli ſeu termo acabado, andando no mòr conflicto da batalha, lhe deraõ outra eſpingardada pelo peſcoço de que logo cahio mortal, e os que andavaõ junto delle pelejando com muito valor, que eraõ Ruy Barreto, filho mais velho de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide mòr de Faraõ, e de Dona Leonor de Milaõ, Ayres Gomes da Silva, D. Joaõ Gonçalves de Taide, Franciſco de Toar, Franciſco de Souſa Tavares, Alexandre de Souſa, D. Vaſco de Taide, Baſtiaõ de Souſa de Abreu, Franciſco de Faria, hum homem Fidalgo muito conhecido em Portugal, Antonio Luiz o Mulato da Rainha, Ayres de Miranda, Franciſco de Mello irmaõ do Monteiro mòr, Dom Joaõ de Caſtello-branco, Diogo de Miranda, Jorge Pereira Coutinho, Joaõ de Quadros, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros, vendo cahido o ſeu Capitaõ, trabalhàraõ pelo ſalvar, ſobre quem carregàraõ todos os Turcos, e antre todos ſe renovou outra batalha muito cruel, em que houve muitas mortes, e danos de ambas as partes, e os noſſos como touros cioſos defenderaõ Dom Alvaro da Silveyra daquella multidaõ de Turcos muito eſpaço, que Ruy Barreto, Dom Joaõ Gonçalves de Taide, e Baſtiaõ de Souſa de Abreu,

que

que eſtavaõ mais chegados a D. Alvaro da Silveyra, pegàraõ delle pera o levarem, e ſalvarem; e aſſim ſobraçado o foraõ levando hum pouco eſpaço jà mortal: mas como era homem muito grande, e pezado, e os Mouros vinhaõ já de tropel carregando ſobre elle, cahio D. Alvaro, e os Turcos que traziaõ o olho nelle, o rodeàraõ logo, e alanceàraõ a mòr parte dos que o defendiaõ, fazendo elles tambem muito bem ſeu officio, e ſatisfazendo-ſe das feridas que traziaõ muito honradamente. Mas como a mais gente era poſta em desbarato, e os Mouros andavaõ ſenhores do campo, foraõ-ſe recolhendo o melhor que puderaõ, porque ſe naõ acabaſſem de perder todos. Aqui cahio D. Vaſco de Taide, atraveſſado de huma lançada, e hum ſoldado filho da India, por nome Jorge Dias o Pedinte, lhe acodio, e o ſalvou com muito trabalho. Franciſco de Faria, e o Mulato da Rainha foraõ aqui cercados dos Turcos, e como dous leoens bravos famintos fizeraõ nelles tal eſtrago, que naõ ouſavaõ a lhe chegar, tendo a eſte tempo já o Mulato huma perna cortada, e por ſe naõ poder ter nella ſe poz de giolhos, e aſſim ſe fez temer de feiçaõ, que com tiros de arremeço o acabàraõ de matar, e o meſmo fizeraõ a Franciſco de Faria, deixando elle primeiro ſua morte bem vingada.

Ruy Barreto, e D. Joaõ Gonçalves de Taide, e Baſtiaõ de Souſa, que eſtavaõ pelejando ſobre D. Alvaro da Silveyra depois de lhe cahir, vendo tudo perdido, e elles ſós, e feridos, e que os Turcos recreſciaõ, foraõ-ſe recolhendo, depois de terem feito couſas muito pera ſerem invejadas de todos. E porque os ſeguiaõ alguns Turcos, nunca lhes viràraõ as coſtas, e ſempre foraõ pelejando valeroſamente. E hindo neſte trance, em que hum muito bom cavalleiro naõ podia ter mais tento que em ſi, vio Dom Joaõ Gonçalves de Taide que os Turcos cortavaõ a cabeça a Dom Alvaro da Silveyra, e lhe tiravaõ huma cadea do peſcoço, e dandolhe os eſtimulos da honra, olhãdo pera Baſtiaõ de Souſa, e Ruy Barreto, lhes diſſe: „ Ah „ ſenhores, pera que he viver vida taõ „ deshonrada, como he ver matar diante de nós, e cortar a cabeça ao noſſo „ Capitaõ, e naõ lhe valermos? Vamos „ a morrer com elle, porque o morrer „ deſta ſorte faz toda a vida glorioſa. Ruy Barreto, e Baſtiaõ de Souſa, que eraõ Fidalgos valeroſos, e mancebos, deſejoſos de honra, voltàraõ pera onde eſtava D. Alvaro da Silveyra, dizendo „ vamos, e acabemos em noſſo officio. E com eſte animo, e furor arremetèraõ todos tres pera aquella parte, e antes de chegarem ao corpo do ſeu Capitaõ mòr deraõ a Baſtiaõ de Souſa huma eſpingardada por huma perna, de que ſe ſentio tal, que naõ pode paſſar àvante, e tornou-ſe a recolher o melhor que pode. E ſentindo enfraquecer-ſe-lhe a perna de maneira, que não podia dar paſſo, recolheo-ſe a huma caſa de palha, onde vio entrar alguns dos noſſos, que hião já em desbarato. Dom João Gonçalves de Taide, e Ruy Barreto paſſárão adiante por meyo dos Turcos atè chegarem a D. Alvaro da Silveyra, em quem os Mouros eſtavão fazendo aquella notomia, e dando nelles matàraõ alguns, e fizeraõ terreiro atè ſe porem em cima daquelle corpo já ſem cabeça, e alli pelejàraõ como huns leoens bravos, atè que matàraõ Dom Joaõ Gonçalves de Taide, depois de ter feito por ſeu braço muito grande eſtrago nos Turcos; acreſcentãdo ao ſeu illuſtriſſimo appellido huma fama que ſempre durarà antre elles (Foy eſte Fidalgo filho natural de Dom Martim Gonçalves de Taide, Senhor da Caſa de Atouguia, que o houve em huma mulher nobre) E deraõ a Ruy Barreto quatorze feridas, de que tres foraõ muy perigoſas, e mortaes: porque lhe deraõ em hum hombro com huma maſſa de ferro, com que lhe impediraõ poder uſar daquelle braço, e o feriraõ na maõ direita, de que andou muitos tempos aleijado della, ſem poder

der endireitar os dedos, nem ainda com trazer pera isso hum pezo de chumbo, e a outra que o tratou peyor que todas foy, tiraremlhe com hum zarguncho de arremesso, que lhe atravessou huma perna donde nunca o pode tirar por ser de farpaõ, e com os movimentos que fez na peleja, se lhe sahio por si rasgandolhe, e esfarrapandolhe a perna. E todas as mais lhe deraõ em seu corpo, tendo bem mostrado o valor, e esforço do sangue donde procedia.

O Guazil de Baharem, que este dia mostrou bem os quilates de sua pessoa, e esforço, e fidelidade, vendo jà tudo perdido, e desbaratado, foy recolhendo os nossos, que andavaõ pelo palmar desarranjados, e os foy emparando, e guardando, e defendendo dos Turcos, atè os meter na fortaleza. Os Turcos que os seguiaõ, alguns delles que viraõ recolherse Bastiaõ de Sousa naquella casa, onde tambem o fizeraõ outros, chegàraõ a ella pera a entrarem, e sentindo dentro muitos dos nossos, naõ a ousando acometer, bràdaraõ por fogo. E receando-se os nossos que os abrazassem, se entregàraõ aos Turcos.

Morrèraõ dos nossos setenta, em que entràraõ aquelles dous valerosos mancebos, D. Joaõ Gonçalves de Taide, e Bastiaõ de Sousa, Antonio Luiz o Mulato da Rainha, Francisco de Faria, e o Capitaõ mòr D. Alvaro da Silveyra, que era hum Fidalgo muito valeroso, e tinha jà acabado seus serviços, pelo que estava despachado com a Capitanía de Ormuz. Forão cativos perto de trinta, e aos que pudemos saber os nomes saõ os seguintes. Ayres Gomes da Silva, q̃ logo morreo das feridas que lhe derão na batalha, Jeronymo de Sousa, que tambem morreo no cativeiro, Gil de Goes de Lacerda, D. João de Castello-branco, e outros que nos não lembrão.

Desbaratada a batalha, abrio Pero Peixoto hum regimento do Visorey, em que vinha elle nomeado por Capitão mòr daquella Armada, em defeito de D. Alvaro da Silveyra, de que tomou logo posse por conselho dos Capitaens, e Guazil, e assentou „que D. João de „ Noronha com a gente de Ormuz se „ metesse na fortaleza, e que os navios „ da Armada de D. Alvaro da Silveyra „ continuassem na guarda da Ilha, como „ dantes, pera que não pudessem entrar „ provimentos, nem soccorro aos Tur„ cos. E que os navios da obrigação de „ Ormuz com as galez se fossem pera „ D. Antão de Noronha, pera se elle „ quizesse vir em pessoa, ou mandar „ mais soccorro, tivesse pera isso embar„ caçoens; e nestes navios se foy Dom Vasco de Taide, e alguns feridos pera se curarem em Ormuz.

Feito isto, foy Pero Peixoto continuando na guarda da Ilha, e de tal maneira lhes defendeo as entradas, e sahidas, que poz os Turcos em grande desesperação pela falta dos mantimentos, e chegárão a tanto extremo, que jà antre elles valia huma mão de arroz (que saõ quatro arrates) quarenta Xaes, que saõ oito cruzados, e a falta delles deixàrão de bater a fortaleza, e andavão todos espalhados pela Ilha, buscando hervas, e raizes pera comerem, que os começàrão a corromper, e matar. Mir Soltão Ali, Capitão que foy de Catifa, que os alli trouxe, vendo o miseravel estado em que aquelle negocio estava: entendendo que o Capitão de Ormuz havia de acodir, e que os Turcos se perderião; là teve modo com que houve huma muy pequena embarcação, em que se passou á terra firme, com muito trabalho, e risco de sua pessoa, e se foy pera Catifa a esperar o fim daquelle negocio.

Vendo-se os Turcos em tão grande aperto, começàrão a correr com recados a Pero Peixoto sobre pazes, a que lhes elle deu orelhas, e lhes mandou dizer „que lhe enviassem hum dos cati„ vos pera assentarem antre elles os par„ tidos. O Turco lhe mandou Gil de Goes de Lacerda, por quem todos os mais cativos ficàraõ: que veyo a Pero Peixoto

Peixoto, e tornou ao Baxà muitas vezes, até antre elles ſe concluir „ que „ lhes dèſſe embarcaçoens pera ſe paſſa„ rem a Catifa, e que deixariaõ a Ilha, „ e entregariaõ todos os cativos. Aſſentado iſto, como Pero Peixoto era Gallego, e eſtava magoado dos Turcos, e ſabia ſua pouca fé; determinou de tanto que ſe embarcaſſem, mandar dar nelles là junto de Catifa, e meter todos à eſpada, ainda que niſſo arriſcaſſe a fé Portugueza. Eſtando aſſim eſperando embarcaçoens pera os paſſar, chegou àquella Ilha hum navio de Ormuz com recado de Dom Antaõ, como adiante ſe verà.

CAPITULO X.

De como com as novas que chegàraõ a Ormuz, ſe fez preſtes D. Antaõ de Noronha, e deſpedio diante Aleixo Carvalho com recado a Baharem. E elle ſe partio apoz elle. E do que aconteceo a Aleixo Carvalho, e como ſe vio com o Baxà, e do que ambos tratàraõ.

Em poucos dias chegàraõ as novas da deſaventura de Baharem a Ormuz, que fizeraõ em todos muy grande abalo, e D. Antaõ de Noronha o ſentio em extremo, e foy deſembarcar D. Vaſco de Taide, e os mais Fidalgos que hiaõ feridos, e os levou comſigo: mandando os mais repartir por caſas, e curar com muito reſguardo. E vendo que o remedio de Baharem naõ eſtava em ſentimento, ſe naõ na preſſa, nem em lagrimas, ſe naõ no ſoccorro, deſpedio logo com muita preſſa Aleixo Carvalho em hum Catur ligeiro cheyo de muniçoens, e lhe deu cartas pera Pero Peixoto, em que lhe affirmava „ que „ apoz elle chegaria, e lhe encomenda„ va muito lhe tornaſſe a inviar logo „ Aleixo Carvalho, com recado do mo„ do em que as couſas eſtavaõ, pera hir „ advertido de algumas quando là che„ gaſſe. Deſpedido eſte homem, mandou D. Antaõ de Noronha com muita preſſa concertar huma das galez dos Turcos pera ſua peſſoa, e preparar os navios de remo, que lhe foraõ, e embarcar muitos mantimentos, e muniçoens, porque determinava de naõ tornar ſem tomar vingança da morte de tantos Fidalgos.

E porque aquelle negocio tocava tanto a ElRey de Ormuz, aſſentou cõ elle „ que foſſe em ſua companhia Rax „ Nordin Guazil, e q̃ de caminho fizeſſe „ gente Parſea pela coſta do Verdeſtan, „ e Vidican: e mandou pera iſſo negociar muitos terranquins, e mantimentos em abundancia, pera toda a jornada. E ſendo tudo preſtes ſe embarcou Dom Antaõ de Noronha, em alguns dias de Setembro jà andados, e com elle Dom Vaſco de Taide ainda ferido, porque não quiz ficar em Ormuz, por ſe achar na vingança que ſe eſperava tomar de tantos Fidalgos mortos, parentes, e amigos. E deixou entregue aquella fortaleza ao Alcaide mòr, com alguns caſados, porque toda a mais gente ſe embarcou àquelle ſoccorro. E chegando à coſta do Verdeſtan, ſe deteve nella alguns dias, em quanto o Guazil fazia a gente. E aqui o deixaremos por continuarmos com Aleixo Carvalho que deixámos partido pera Baharem.

Chegado eſte homem àquella Ilha em poucos dias, deu as cartas que levava de ElRey, e Capitaõ pera o Guazil, e pera Pero Peixoto, em que lhe pedia D. Antaõ de Noronha „ que ſe deixaſſe ſe eſtar aſſim na guarda da Ilha atè „ elle chegar, e que lhe tornaſſe a man„ dar Aleixo Carvalho com a informa„ çaõ do que lhe pedia, e em quanto o „ não deſpachàraõ pera ſe tornar, deſe„ jou de hir ao arrayal dos Turcos, e „ pedio ao Guazil que lhe houveſſe li„ cença pera iſſo: porque como era muito pratico em todas as couſas, e falava melhor a lingua Perſa, poderia muito bem notar o eſtado em que os Turcos eſtavaõ, e ſaber dos cativos, e dos que eraõ vivos ſua determinaçaõ. O Guazil

zil por parecer aſſim bem a todos, mandou pedir licença, e ſeguro ao Baxà „ pera poder hir hum Portuguez a viſi„ tar os cativos que là eſtavaõ, e pera „ lhes levar algumas couſas de que eſta„ riaõ faltos, o que o Baxà lhe concedeo; e Aleixo Carvalho foy logo ao exercito com muitas couſas que antre todos ſe ajuntàraõ pera os cativos, aſſim pera veſtirem, como pera comerem, pela neceſſidade em q̃ haviaõ de eſtar. O Baxà recebeo bem eſte homem, e o deixou falar com os cativos, com quem eſteve muito devagar, e em algumas praticas q̃ teve com o Baxà lhe fez grandes promeſſas, e offerecimentos, pera em Ormuz meter a maõ antre elle, e o Capitaõ ſobre concerto de pazes, e que determinava de ſe partir logo, e fazer com o Capitaõ, que ſe naõ abalaſſe de Ormuz, pois elle eſtava já ſobre concertos com Pero Peixoto. O Baxà lhe deu huma fermoſa cabaya, e dizem que lhe promettera huma pancada de dinheiro ſe lhe trouxeſſe recado do concerto que tinha feito com Pero Peixoto, e ſe eſtorvaſſe ao Capitaõ a jornada. E deſpedindo-ſe do Baxà ſe tornou pera a fortaleza, e tomando cartas do Guazil, e Pero Peixoto ſe embarcou pera Ormuz, e naquella preſſa deu muito que ſoſpeitar a todos, porque lhes pareceo, que fora pera tomar ainda o Capitaõ primeiro que partiſſe, pera o embaraçar. E ſendo tanto àvante como a Ilha de Angaõ, encontrou toda a Armada, que já vinha ſua derrota, porque com os terranquins do Guazil (em que trazia quatrocentos Parſeos, que fez por aquella coſta) fazia huma arrezoada frota. E hindo demandar a galè do Capitaõ lhe deu conta de tudo o que tinha paſſado com o Guazil, e do eſtado em que as couſas eſtavaõ, e do aperto, e deſeſperaçaõ que havia antre os Turcos por falta de mantimentos. Dom Antaõ de Noronha eſtimou muito as novas, e muito mais eſtarem os cativos ſãos, e bem diſpoſtos; e que com o pouco que Aleixo Carvalho lhes tinha levado ſe poderiaõ remediar alguns dias, e apreſſando-ſe o mais que pode, foy ſurgir defronte daquella fortaleza, com huma frota que eſpantou os Turcos. E logo chegàraõ à galè do Capitaõ o Guazil, e D. Joaõ de Noronha, de quem ſoube muito devagar o eſtado das couſas, e mandou recado a Pero Peixoto „ que ſe „ naõ bulliſſe donde eſtava, e proſe„ guiſſe na guarda da Ilha com grande „ cuidado, e vigilancia.

Ao outro dia chamou os Guazis ambos, e as peſſoas principaes da Armada, e tratou „ ſobre o modo que ſe teria na„ quella guerra, e o que ſeria bom fa„ zerſe: porque elle naõ vinha alli ſe „ naõ pera tomar ſatisfaçaõ de tanta „ morte, e affronta. E debatida a cauſa antre todos, aſſentàraõ „ que ſe con„ tinuaſſe na guarda da Ilha, pera que „ naõ ſahiſſe, nem lhe entraſſe couſa al„ guma, e que deſta maneira ſe mataſ„ ſem os Turcos a pura fóme, ſem ſe „ arriſcar huma ſó peſſoa, porque total„ mente lhes hia faltando tudo, e que „ naõ trataſſem de lhes dar batalha, por„ que iſſo era o que elles deſejavaõ, pela „ deſeſperaçaõ em que eſtavaõ de ſoc„ corro; e que chegando a cometerem „ partidos ſe lhes fizeſſem de maneira, „ que lhes pareceſſe, e que foſſe mais „ credito, e honra do Eſtado. Aſſentado iſto tornou D. Antaõ de Noronha a encomendar a guarda da Ilha ao Capitaõ mòr Pero Peixoto, e lhe deu todas as embarcaçoens ligeiras, atè os terranquins, porque de todo lhes impediſſem a ſervintia, como ſe fez.

Vendo os Turcos o Capitaõ de Ormuz com tanto poder, e que naõ tratava de os cometer por batalha, ſe naõ fazerlhes guerra com fóme defendendolhes tudo, e que eſtavaõ em eſtado que comiaõ hervas peçonhentas, de que morriaõ muitos, ſem ſe ſaberem dar a conſelho, e andavaõ em magotes, dizendo „ que aquillo era deſeſperaçaõ; „ ver que morriaõ todos ſem os matar „ alguem. Culpavaõ o Baxà de já naõ mandar cometer todos os partidos, que

os Portuguezes quizeſſem, pera ſalvarem as vidas; nem o Baxà eſtava longe diſſo, mas naõ ouſava a ſer o primeiro que falaſſe niſſo, com medo dos Janiſſaros. Mir Soltaõ Ali Capitaõ de Catifa, que foy deſejando de ſe ſanear com ElRey de Ormuz, e com os Portuguezes, pela culpa em que tinha cahido, mandou viſitar D. Antaõ de Noronha, e fazerlhe grandes offerecimentos. Era a eſte tempo Capitaõ em Catifa Mamede Bec, Turco de naçaõ, e grande imigo dos Portuguezes, que ſabendo das peſſoas que Mir Soltaõ Ali, mandava a D. Antaõ de Noronha, eſcreveo por huma dellas em muito ſegredo huma carta ao Baxá dos Turcos, em que lhe lembrava „ que eraõ vaſſallos do graõ „ Senhor; e que eſtiveſſe forte, e con„ fiado, porque o ſoccorro de Baçorà „ não podia tardar. Eſtes Inviados de Mir Soltaõ, recebeo D. Antaõ bem, e os deſpedio com repoſta de grandes agradecimentos, e antes que ſe partiſſem, teve o que levava a carta de Mamede Bec, modo, pera ſe dar ao Baxà, e foy por via dos Parſeos meſmos, por alguma couſa, que lhes deu. Com eſta carta, que o Baxà moſtrou aos Turcos, ſe animàraõ todos, e ceſſáraõ alguns recados, que jà andavaõ em ſegredo antre elles, e os noſſos, do que D. Antaõ de Noronha ſe começou a enfadar, porque era jà entrada de Outubro, em que os Levantes começavaõ naquelle Eſtreito, e com elles entravaõ de contino aquellas febres malignas, de que ninguem eſcapa. E vendo que os Turcos, ſem lhes entrar couſa alguma defóra, ſe ſuſtentavaõ tanto, e que naõ falavaõ em partidos, quaſi que lhe entravaõ deſconfianças daquelle negocio: que entendidas pelos Guazis de Ormuz, e Baharem, aconſelhàraõ a Dom Antaõ de Noronha que deſembarcaſſe em terra, porque os Turcos, ſegundo eſtavaõ deſeſperados pela falta, que tinhaõ de tudo, deixavaõ de ſe lhe entregar por elle eſtar no mar, e cuidarem que ſe poderia enfadar, e tornar. Com iſto deſembarcou elle, e poz ſuas eſtancias ao redor da fortaleza, e os Guazis com os Parſeos a huma parte ſeparada.

E como eſtes eraõ Mouros, como os outros, e vencidos tambem do grande intereſſe, là tinhaõ maneira com que de noite lhes vendiaõ alguns mantimentos, que elles compravaõ muy bem, com o qué começàraõ a cobrar mais algum alento. Dom Antaõ de Noronha, como era ſagaz, e prudente, naõ deixou de ſe recear daquelle negocio, e deitando muitas guardas, e vigias, houveraõ às mãos alguns deſtes, que logo mandou enforcar à viſta do exercito. E todavia vendo D. Antaõ de Noronha, que ſe hia gaſtando o tempo, e que os Turcos naõ davaõ couſa alguma de ſi, nem cometiaõ partidos, determinou de lhes dar batalha, pera o que mandou fazer preparaçoens, e hum Inofre de Carvalho Portuguez grande Arquitecto (que ElRey D. Sebaſtiaõ tinha mandado a reformar a fortaleza de Ormuz) ordenou huma maquina de madeira ſobre rodas altas, pera de cima pelejarem alguns homens, e lhe poz algumas peças de artelharia, porque determinava D. Antaõ de Noronha de levar diante eſta maquina, pera nella quebrarem os Turcos a primeira furia de ſua arcabuzaria. E andando occupado neſta obra morreo o Baxà dos Turcos das feridas que lhe deraõ na batalha de D. Alvaro da Silveyra, e os Turcos elegeraõ outro mais eſforçado, e de melhor entendimento, que o morto, que era hum Sangiaco que ſe chamava Mahamede. Com eſta mudança, a começou tambem de haver nos Turcos, e alguns ſe carteàraõ com os Parſeos da noſſa parte que parece que de medo dos que viraõ enforcar, foraõ logo dar conta a D. Antaõ de Noronha, que lhes diſſe: „ Que „ lhes reſpondeſſem, que entendiaõ „ delle, que ſe lhe pediſſem miſericor„ dia a uſaria com elles. E tornando os Turcos a ſegundar (o que havia de ſer por ordem do ſeu Baxà) tornàraõ lhe os Parſeos a reſponder como jà tinhaõ feito;

feito ; e declarandolhes mais : „ Que „ lhes parecia que lhes naõ concederia „ o Capitaõ partidos, ſem primeiro lhe „ ſerem entregues os cativos, e as ar- „ mas. Do que ſe alteràraõ muito os que niſto andavaõ, dizendo „ que nas armas „ naõ haviaõ de falar aos Janiſſaros, que „ lhas foſſem os noſſos là pedir, porque „ elles lhas dariaõ pelo preço com que o „ coſtumavaõ a fazer : e com iſto parà- raõ alguns dias os recados.

Succedeo neſta conjunçaõ atraveſ- ſarſe Mir Soltaõ Ali a meter maõ neſ- te negocio, e eſcreveo eſta ſua tençaõ a D. Antaõ de Noronha, e pelas peſſoas que a iſto mandou, eſcreveo huma carta ao Baxá do Turco „ em que lhe dava o „ pezame de ſeus trabalhos, e à volta „ de outras couſas lhe aconſelhava que „ entraſſe em algum partido honeſto „ com os Portuguezes ; porque eraõ „ homens que naõ deſiſtiaõ do que co- „ meçavaõ, e que vingavaõ bem ſuas „ affrontas, e que ainda que todo o Eſta- „ do da India ſe arriſcaſſe naquelle ne- „ gocio, o haviaõ de levar àvante, e q̃ ſe „ naõ haviaõ de apartar de ſobre aquel- „ la Ilha ſem os matarem a todos. Eſta carta abalou muito o Baxá, e por con- ſelho de poucos, de quem ſe fiou, man- dou viſitar D. Antaõ de Noronha com hum fermoſo Ginete de preſente, mas naõ lhe mandou tocar em outra couſa alguma. D. Antaõ de Noronha lhe reſ- pondeo à viſita muito bem ; mas naõ lhe aceitou o cavallo, porque na guerra naõ era licito aceitar preſentes dos imigos. Eſtando as couſas neſte eſtado, offere- ceo-ſe Aleixo Carvalho pera ſe hir ver com o Baxá, de quem ficàra grande ami- go daquella hida que là fez, pera a vol- tas de o viſitar, ver, e notar o que ſe pra- ticava antre os Turcos, e D. Antaõ de Noronha lhe deu huma inſtrucçaõ das couſas que havia de tratar com o Baxá. Foy eſte homem là muito bem recebi- do, e ficou no exercito dous dias em que falou algumas vezes em ſegredo com o Baxá ſobre partidos, ſem con- cluirem couſa alguma, porque parece que lhe naõ chegava às condiçoens, que levava por apontamento, com o que ſe tornou. E como os Janiſſaros andavaõ cioſos do Baxá, e ſouberaõ que falàra em ſegredo com Aleixo Carvalho, ima- ginando que os queria trahir, a troco de ſe elle ſalvar, deraõ todos na ſua tenda, e o prenderaõ, e lhe puzeraõ grandes guardas, mas naõ o deſapoſſáraõ, antes lhe differaõ „ que correſſe com ſeu car- „ go, porque todos lhe obedeceriaõ nas „ couſas juſtas ; pois naõ queriaõ mais „ que ſegurallo : e aſſim ficou o Baxà reteudo, ſem os Janiſſaros deixarem en- trar com elle peſſoa alguma de ſoſpeita. E por eſta razaõ ceſſáraõ os recados, e naõ houve mais falarſe em couſa algũa.

CAPITULO XI.

De como por ordem de Coge Ocem Camal, Parſeo, mandâraõ os Turcos os Portu- guezes cativos a Dom Antaõ de Noro- nha ; e dos recados que paſſáraõ antre Mir Soltaõ Ali, e elle. E de como D. Antaõ de Noronha por ordem ſua man- dou matar Mamede Bec, Capitaõ de Catifa, que foy a Baharem ſobre con- certos de pazes. E dos partidos que os noſſos fizeraõ com os Turcos. E da deſ- cripçaõ da Ilha Baharem.

FIcando as couſas aſſim paradas al- guns dias ; como todos eſtavaõ com o receyo das febres, e deſejavaõ de concluir aquelle negocio depreſſa, quiz meter maõ nelle hum Parſeo, que tinhà vindo em companhia do Guazil de Or- muz, chamado Coge Ocem Camal, ho- mem muy prudente, e de grande conſe- lho, e muito conhecido dos Janiſſaros. Eſte pedio licença a D. Antaõ de No- ronha „ pera ſe hir ver com o Baxà, por- „ que elle eſperava em Deos ſer eſta ſua „ hida là de muito effeito : e dandolha, ſe foy ao exercito dos Turcos, que o recebèraõ bem, e ficou todo aquelle dia com o Baxà praticando ſempre diante dos que o guardavaõ, com muitas hon-

ras. E neſta converſaçaõ naõ praticàraõ em couſa alguma, ſe naõ diante dos Janiſſaros. E eſtando todos aſſim em converſaçaõ falando daquella guerra, lhes eſtranhou muito Coge Ocem o màõ modo que tinha levado em ſuas couſas, e no remedio de ſua ſalvaçaõ: no que bem parecia que naõ tinha conhecimento da condiçaõ, e natureza dos Portuguezes, nem do modo de negociar com elles „ que lhe affirmava que todos eraõ „ taõ robuſtos por natureza, e de ani„ mos taõ determinados, e taõ deſejo„ ſos, e ſolicitos de vingar ſuas affron„ tas, que imaginava que ſe naõ haviaõ „ de apartar daquella Ilha, ainda que „ todos morreſſem, ſem concluir aquel„ le negocio: que naõ eſperaſſem remi„ rem-ſe por armas, porque o que os „ Portuguezes podiaõ fazer a ſeu ſalvo, „ o naõ haviaõ de cometer com perigo, „ ſe naõ quando jà naõ tiveſſem outro „ remedio: porque tambem ſe ſabia del„ les q̃ nunca engeitàraõ batalha quan„ do lhes foy neceſſario: mas que elles „ haviaõ por hora de eſcuſar de a dar, „ porque ſabiaõ muito bem o eſtado em „ que elles eſtavaõ, e que naõ tratavaõ „ de mais, que de os conſumir á fóme. „ Que ſe eſpantava muito delle, e dos „ Janiſſaros, ſendo vaſſallos do graõ Se„ nhor, mandar viſitar o Capitaõ de „ Ormuz com hum cavallo de preſen„ te, que era couſa, que ſe dava aos ſol„ dados; que houvera de ter naquillo „ outro modo. E perguntandolhe o Baxà, qual? lhe diſſe „ que lhe houvera de „ mandar de preſente todos os Portu„ guezes cativos, e duas, ou tres peças „ de artelharia, que na batalha tomàra, „ porque iſſo naõ lhe montava couſa al„ guma, e o Capitaõ o eſtimàra muito, „ e fizera muito ao caſo pera ſuas cou„ ſas pararem em bem. Ouvindo o Baxà, e os Janiſſaros aquellas palavras, e levados da razaõ dellas, houveraõ que era conſelho de amigo, e que falava como homem prudente, e logo lhe pediraõ „ que quizeſſe elle ſer o que levaſſe „ a viſitaçaõ, entregandolhe logo to„ dos os Portuguezes cativos, e a arte„ lharia com muitos ſervidores pera a „ levarem. Com tudo iſto chegou Coge Ocem Camal a D. Antaõ de Noronha, e lho apreſentou da parte do Baxà, contandolhe o modo que tivera naquelle negocio. D. Antaõ de Noronha eſtimou muito os cativos, porque entravaõ nelles Fidalgos muito honrados, e delles tomou alguns por hoſpedes; os outros levàraõ comſigo outros parentes, e amigos, e aos ſervidores que vieraõ ſalhando a artelharia, fez muitas mercès, e mandou ao Baxà os agradecimentos daquelle preſente, miſturados com muitas peças, e brincos ricos, e curioſos, e o Coge Ocem Camal naõ ficou deſcontente de fazer aquelle ſerviço a D. Antaõ de Noronha, e a todos os mais. Daqui ficou o caminho aberto pera tratarem de concertos, e começou de haver praticas ſobre iſſo de parte a parte, e ſempre ſe concluiraõ, ſe não fóra Mamede Bec, Capitaõ de Catifa, que ſe carteava a miudo com o Baxà, „ requerendolhe naõ fizeſſe couſa algu„ ma de ſi, atè lhe naõ vir ſoccorro de „ Baçorà; que naõ tardaria muito. O Mir Soltaõ Ali, que era ſagaz, e prudente, e entendia o odio que o Mamede Bec tinha aos Portuguezes, deſejando de ficar deſta jornada acreditado com elles, tendo algumas praticas com o Mamede Bec ſobre os Turcos, lhe aconſelhou „ que foſſe a Baharem a tra„ tar com o Capitaõ de Ormuz con„ certo com os Turcos, por eſtarem ſem „ remedio, e que elle eſcreveria ao Ca„ pitaõ, e ao Baxá por elle, e que con„ fiava com iſto acabarem as couſas em „ bem. O Mamede Bec parecendolhe aquillo bem, embarcou-ſe logo em terranquins, levando cartas de Mir Soltaõ Ali, em q̃ perſuadia ao Baxâ „ a fa„ zer todos os concertos, de maneira „ que poupaſſem todos as vidas, por„ que tudo o mais ſe remediaria com „ ellas. E em ſua companhia mandou hum criado ſeu, homem de grande confiança, por quem eſcreveo em muito ſe-

gredo

gredo a D. Antaõ de Noronha a maldade, e malicia do Mamede Bec, affirmandolhe „ que elle era occaſiaõ de os „ Turcos ſe naõ terem jà entregues, e „ que o mòr imigo que os Portuguezes „ tinhaõ era elle: que ahi lhe ficava tem„ po pera lho pagar. D. Antaõ de Noronha fez muitas honras a Mamede Bec, e lhe deu licença pera hir ao exercito dos Turcos a falar com o Baxà, porque elle meſmo ſe offereceo acabar aquellas couſas muito a ſeu goſto.

Aquelle dia eſteve aquelle Mouro com o Baxà, e o que ambos praticàraõ naõ ſe ſabe, ſómente tornar ao outro dia, e tratar com Dom Antaõ de Noronha ſobre concertos de pazes, e cometerlhe muitos partidos da parte do Baxà, no em que ſe lhe elle moſtrou facil: mas diſſelhe „ que era neceſſario tornarſe a „ Catifa com humas cartas pera Mir „ Soltaõ Ali, e que com a repoſta del„ las ſe reſumiria: mandando o logo embarcar em hum terranquim ligeiro, e com elle Aleixo Carvalho, e dous ſoldados valentes homens chamados Manoel Coelho (que depois foy muitos annos Alcaide em Goa) e Sagramor Gonçalves natural do Algarve, que hiaõ jà enſayados do que haviaõ de fazer.

Partidos eſtes homens, e afaſtados de Baharem mea legua, deu Aleixo Carvalho de olho aos outros, com o que ambos a hum meſmo tempo arremetèraõ ao Mamede Bec, cada hum delles com ſeu golpe, pera o matarem: mas não pode ſer iſto taõ depreſſa, que elle o naõ ſentiſſe, e tiveſſe tempo pera ſe deſviar. E abalando-ſe a huma banda (como era homem muito groſſo, e o terranquim pequeno) tanto que aquelle pezo ficou todo ſobre ella, logo ſe virou, e ficàraõ todos no mar, e acertou de ſer ſobre hum baixo que dava pelos peitos. Manoel Coelho, que teve tento no Mouro, arremeteo a elle aſſim dentro na agua, e deulhe huma eſtocada, que o varou logo de parte a parte; e o meſmo fizeraõ a dous, ou tres criados q̃ levava, porque ſe naõ deſcobriſſe o caſo.

Feito iſto endireitàraõ o terranquim, e ſe tornàraõ pera Baharem. Eſte negocio não pode ſer feito cõ tanto ſegredo, que os Turcos o naõ vieſſem logo a ſaber (que devia de ſer por algum marinheiro do terranquim) do que elles ficàraõ taõ eſcandalizados, que tornàraõ a ceſſar os recados. E como os Levantes jà eraõ entrados, deu o mal em os noſſos taõ fortemente, que de huma terça feira atè a feſta ſeguinte cahiraõ duzentos homens daquellas febres, que ficàraõ como mortaes, e eſtirados pela area ſem ſe poderem mover. E como o mal era géral, não ficàraõ os Turcos fóra delle, que tambem cahiraõ a mòr parte delles; e como lhes faltavaõ todos os remedios, e regimento que nelles naõ ha, começàraõ a morrer muitos, e dos noſſos boa parte, e foy iſto em tanto creſcimento, que em todo o noſſo exercito não ficàraõ mais de quarenta ſãos, e ainda eſtes com tamanho medo de lhes dar o mal, que andavaõ como paſmados. D. Antaõ de Noronha ſentio muito aquella deſaventura, e receou que lhe morreſſem todos, e que ainda elle não eſcapaſſe, porque andava jà muito achacoſo, e quaſi com ameaços do mal. Os Turcos vendo-ſe tambem naquelle eſtado, e faltos de tudo, tornàraõ a puxar por concertos rijamente. E como da noſſa parte não era menor a neceſſidade, vieraõ-ſe a concluir aquellas couſas com eſtas condiçoens.

„ Que elles entregaſſem as armas, e „ cavallos, e doze mil cruzados pera as „ deſpezas daquella Armada, e q̃ ſe ſoſ„ ſem pera Baçorà cõ ſuas peſſoas, pera „ o que lhe dariaõ embarcações baſtan„ tes pera os porem da outra banda: o que ſe logo fez, e D. Antaõ de Noronha ſe embarcou logo depois de tomar entrega de tudo, e deixou o Guazil, e Gil de Goes de Lacerda, e Inofre do Soveral com os ſeus navios pera darem ordem à paſſagem dos Turcos, que ſe fez nos terranquins do Guazil, em que os paſſáraõ à outra banda da terra firme, e por via de Catifa ſe foraõ pera Baço-

rà, taõ coitados, desbaratados, e enfermos, que naõ eſcapàraõ de todos mais de duzentos. E os noſſos ſe naõ foraõ louvando, porque os mais dos que adoecèraõ morreraõ, e os que em Baharem eſcapàraõ ás febres adoecèraõ em Ormuz, e ainda deſſes morrèraõ alguns.

Deſcripçaõ da Ilha de Baharem.

He eſta Ilha de Baharem de doze leguas, muito proſpera de palmares, e de criaçaõ de gados: tem no meyo huma ſerra com algumas fontes de agua muito boa, donde procedem algumas ribeiras que deſcem aos valles, e os retalhaõ todos, e eſta agua como deſce abaixo, vay correndo por hervas taõ ruins, que a fazem maliſſima, e peçonhenta. Cria eſta Ilha muito boa caſta de ginetes, e fermoſas eguas: ha por toda ella muitas romãas, e figos de Portugal. Peſcaõ-ſe ao redor della as mais fermoſas, e ricas perolas, que ha em todo o mundo, e a eſtas chamaõ as verdadeiras Orientaes: porque poſto que em muitas partes as ha, como no mar do Pègu, na Peſcaria, antre Manar, e a terra firme; na grande, e muito fermoſa Ilha de Ainaõ, na Ilha de Ceilaõ, e a terra firme, e em muitas partes da China, todavia naõ ſe pòdem comparar com aquellas. Ao derredor deſta Ilha, no mar ſalgado, dentro nelle arrebentaõ muitos olhos de agua excellentiſſima, que ſahem debaixo da meſma area, com tamanho impeto, que faz hum rugido taõ grande que ſe ouve fóra. Aqui neſtes olhos, e borbotoens de agua fazem os noſſos navios ſua aguada deſta maneira.

Vaõ dous mergulhadores, e hum delles leva hum grande odre, e hum cano de barro de groſſura que poſſa caber no pernil, e como chegaõ abaixo, metem eſte cano no olho de agua atè o enterrarem na area, e a boca de cima a encaixaõ no pernil do odre, e como eſta agua embaixo arrebenta com furia, vay pelo cano acima atè encher o odre em pouco eſpaço. E porque tanto q̃ o odre ſe começa a encher, começa a ſoſpender pera cima o que o tem, ſerve o companheiro q̃ com elle vay, de ſe lhe pôr nas coſtas por pezo, pera o odre o naõ alevantar, e como eſtà cheyo alarga, e o meſmo odre o traz acima. E ha mergulhadores deſtes taõ deſtros, e exercitados neſtas aguadas, que enchem muitos odres, ſem lhes entrar gotta de agua ſalgada. He eſta Ilha muito doentia, como diſſemos, por cauſa dos ruins vapores, de que ſempre eſtà cuberta. E o homem a que ſuas febres tocaõ, toda a vida lhe ficaõ os ſinaes dellas, ſe eſcapa.

CAPITULO XII

Das couſas que mais acontecèraõ na Abaſſia. E das diſputas que o Biſpo teve com o Emperador ſobre pontos da Fé por eſcrito, que os interpretes lhe falſificàraõ. E das paixoens que tiveraõ por lhe o Biſpo naõ querer entregar dous Frades Abexins, que fogiraõ pera elle.

DEixàmos atraz o Emperador apartado do Biſpo na terra do Decomo, com tençaõ de ſe deixar eſtar devagar: mas logo o inquietàraõ humas novas que lhe chegàraõ, que lhe tornàraõ os Cafres Gallas a entrar pelas terras, e que andavaõ fazendo outra mòr deſtruiçaõ. Pelo que mandou ao Belamal ſeu primo com irmaõ „ que acodiſſe àquelle negocio, e lhe deu muita „ gente da ſua ordinaria. E diſſe a Gaſpar de Souſa que o acompanhaſſe naquella jornada com todos os Portuguezes: do que ſe elle eſcuſou com „ lhe dizer, que elles naõ haviaõ de „ acompanhar ſe não ſua propria peſſoa, „ e que ſe elle queria que foſſem que „ não mandaſſe o Belamal: porque elle „ ſó com os Portuguezes lhe hiriaõ deitar os Cafres fóra das terras ſem outro algum cabedal, ao que ſe o Emperador calou, e deſpedio o Belamal. Alguns dos noſſos que foraõ com o Biſpo

po deſejando de ſe acharem em alguma couſa, de ſua propria vontade ſe foraõ com elle, e chegando às terras onde os Cafres andavaõ, ſouberaõ que depois de ſe ſenhorearem de tudo ſe dividiraõ em magotes, e que andavaõ levando boa vida. Pelo que entrando apreſſadamente pelas terras, primeiro que ſe tornaſſem a ajuntar foraõ dando em huns, e outros, e fizeraõ nelles grandes carniçarias; e os que eſcapàraõ ſe foraõ fóra das terras, deixando as prezas que tinhaõ feito.

Concluido iſto, tornou-ſe o Belamal a recolher, e em ſahindo das terras encontràraõ com o Emperador, que hia de ſoccorro, ſó por obrigar aos noſſos a ſe acharem naquella jornada, porque pela experiencia que delles tinha, havia que ſem elles nada ſe faria. E ſabendo elle a vitoria que tinhaõ alcançado, feſtejou muito ao Belamal, e fez muitas honras aos noſſos que ſe achàraõ com elle, que foraõ Franciſco Jacome, Diogo de Alvellos, Antonio de Sampayo, e Gonçalo Soares Cardim, que a cavallo fizeraõ couſas muito notaveis.

O Emperador com eſte alvoroço ſe tornou pera onde ficou a Rainha ſua mãy com o Biſpo, com quem ſe reconciliou, e tornàraõ à correr em amiſade, e o Biſpo com ſua obrigaçaõ, trabalhando tudo quanto podia pelo tirar das hereſias em que vivia: porque ſabia muy bem que como lhe dèſſe a elle a conhecer a verdade, nos ſeus havia pouco que fazer: porque nas praticas que teve com muitos, entendeo que de medo deixavaõ de confeſſar, e obedecer à Igreja Romana. E como o Emperador ſe prezava de Letrado, e de muito viſto na Eſcritura, queria ſuſtentar ſuas opinioens com authoridades ſem fundamento, ſobre o que teve com o Biſpo grandes diſputas por eſcrito, porque fogia de ſe ver com elle o mais que podia, o que elle entendia muy bem, mas diſſimulava. E porque hum dos ſeus principaes erros, e que elle trabalhava por ſuſtentar, era, que a humanidade de Chriſto era igual à ſua Divindade, ſobre o que mandou ao Biſpo hum grande arrezoado; e querendolhe o Biſpo reſponder tambem por eſcrito, nem elle, nem ſeus companheiros ſabiaõ a ſua lingua Latina, nem os Portuguezes que là andavaõ, tinhaõ della algum conhecimento, ſe naõ hum Affonſo de França, que por certos delictos foy poſto em huma Ilha, que eſtava no meyo de hum lago, que ſe chamava Ohay, que ſerà de huma legua em roda, onde eſtava hum muito freſco Moſteiro de Frades, com quem elle aprendèra as letras Abexins, e a eſcritura: porque coſtumaõ elles, tanto que paſſaõ o A, B, C, enſinaremlha logo à ler. Pelo que ſabendo o Biſpo q̃ eſte Affonſo de França tinha diſſo algum conhecimento, o chamou pera reſponder à queſtaõ do Emperador, e querendo fazer outro arrezoado no meſmo Latim dos Abexins, naõ o ſoube eſcrever o Affonſo de França, pelo que chamou pera iſſo hum Frade muito grande ſeu amigo pera eſcrever o arrezoado do Biſpo, q̃ lhe foy lendo, e o França declarando na lingua Abexim, e o Frade eſcrevendo. E como elle tambem era herege, foy falſificando a opiniaõ do Biſpo, e concedendo a igualdade de ambas as naturezas em Chriſto, aſſim como o Emperador a ſuſtentava. E levando os eſcritos ao Emperador, que vio o que o Biſpo lhe concedia, fez grandes feſtas, e muitas mercès ao Frade, e logo fez treſladar os eſcritos por muitas vias, e os mandou repartir por todos os Moſteiros de ſeus Eſtados, jactando-ſe, que vencèra o Biſpo dos Portuguezes: o que elle logo veyo a ſaber, e ficou muito apaixonado contra Affonſo de França, que naõ teve culpa na velhacaria do Frade, e logo lhe mandou que foſſe dizer ao Emperador que o Frade falſificàra o que lhe mandára eſcrever, e que negava a ſua propoſiçaõ. Mas como o Emperador era herege, e afferrado à ſua opiniaõ, reſpondeo que jà naquillo naõ havia que fazer, com entender muito bem

bem que a falſidade naſcèra do ſeu Frade, do que o Biſpo, e Padres ficàraõ muy deſconſolados, e trabalhàraõ logo dalli em diante por aprender a ler, e eſcrever a letra da terra, que o Padre Gonçalo Galtamas em breve tempo veyo a ſaber, o que baſtava pera ſe declarar.

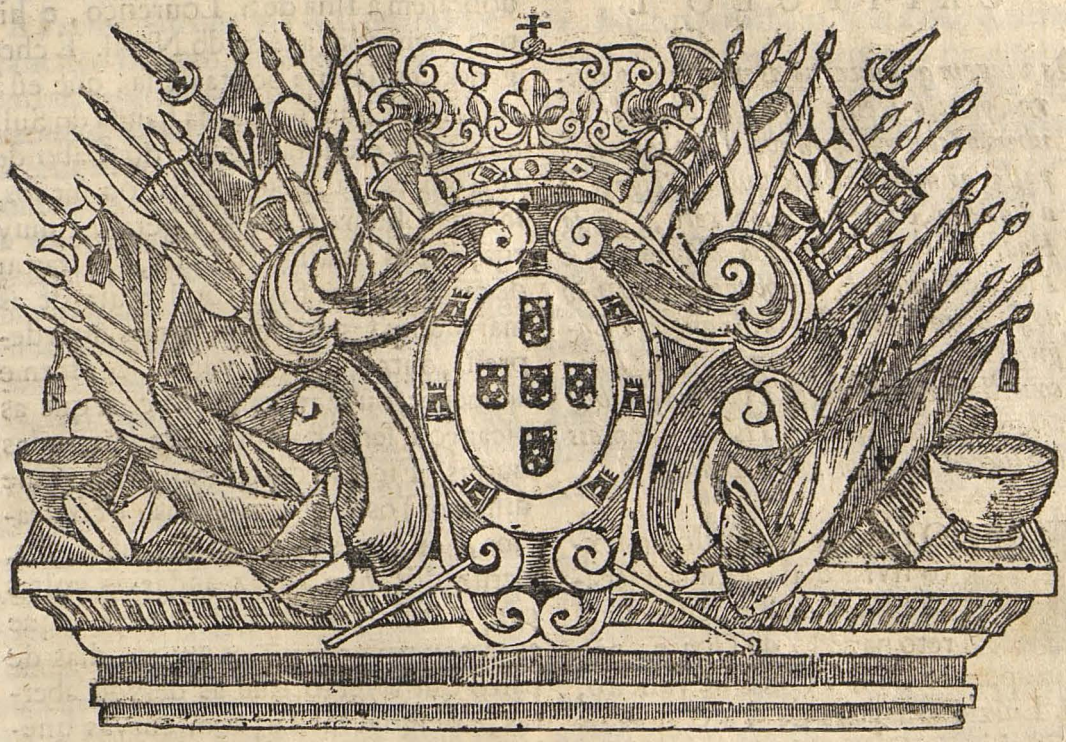
Pelo que com mais afoiteza eſcrevèraõ contra aquella opiniaõ muito doutamente, e eſpalhàraõ os eſcritos pelos Frades Letrados, e ainda fizeraõ livros contra todos os erros dos Abexins, que fundiraõ a muitos, que de medo naõ ouſáraõ de ſe retratar. E aſſim fizeraõ mais outros livrinhos devotos, huns dos ditos dos Padres antigos ſobre a Fé Catholica, e outros da vida, e milagres de noſſa Senhora, que os grandes trazem comſigo, e eſtimaõ muito, e lhe chamaõ Myſter Mariam, que he o meſmo que milagres, ou Myſterios de Maria. Com iſto tornou a falſidade do Frade a ficar clara, e vituperada, do que pezou muito ao Emperador, que andava aſſombrado com o Biſpo, e Padres. E como elle coſtumava a cavalgar às vezes, e as mais dellas mandar mulas ao Biſpo, e Padres pera o acompanharem: hum dia depois de terem argumentos ſobre a Circuncifaõ, a reprovou o Biſpo com muitas authoridades da Eſcritura, de que ſe o Emperador reſentio tanto, que hindo ao outro dia pera o campo, virou pera o Biſpo, que hia hum pouco atraz, e lhe diſſe: „Sabes Biſpo porque me circunci„ſo? por limpeza. Ao que o Biſpo reſ„pondeo. Pois com eſſa limpeza te has „de hir ao inferno.

Diſto ficou o Emperador tomado do Biſpo, e taõ aborrecido dalli em diante dos Portuguezes todos, que mandou prender huns leoens às portas dos ſeus pateos, pera que lhe naõ chegaſſem a elles, como coſtumavaõ. Mas com tudo o Biſpo naõ deixava de o reprender em publico, e em ſecreto, e nas prègaçoens „perſuadia aos Portuguezes, „a que naõ ſerviſſem aquelle Empera„dor, que era herege, e pertinaz (o que elle logo ſabia, porque alguns dos Portuguezes, que de quando em quando mandava chamar, lhe contavaõ tudo) o que o acabou de eſcandalizar, e indignar mais contra o Biſpo.

Succedeo neſte tempo fogirem dous Frades de hum Moſteiro, e ſe foraõ lançar aos pès do Biſpo dizendo „ que „queriaõ ſer Catholicos, e ſalvar ſuas „almas; e elle os recebeo, e agaſalhou com muita caridade. Mas em o ſabendo o ſeu Mayoral, lhos mandou pedir: o Biſpo lhe mandou dizer „ que „ſe todos quantos tinha no ſeu Moſ„teiro ſe vieſſem pera elle, todos re„ceberia de muy boa vontade, e com „muita alegria. Do que indignado o Mayoral, ſe foy queixar ao Emperador, que logo mandou chamar o Biſpo; que foy acompanhado de trinta Portuguezes. E em chegando lhe pedio os Frades ſecamente. O Biſpo lhe reſpondeo „que elle naõ viera a „ſeu Reino pera deſſervir a Deos, ſe „naõ pera lhe fazer muitos ſerviços: „que os Frades eſtavaõ Catholicos, „porque ſabiaõ que pera ſe ſalvarem „lhes era aſſim neceſſario, que ſe dei„xaſſe diſſo, porque lhos naõ havia „de dar. Vendo o Emperador aquella iſençaõ do Biſpo, começou a esbravejar, e paſſear pela caſa. E depois de dar algumas voltas tornou ſe a virar ao Biſpo, e lhe pedio os Frades: ao que o Biſpo reſpondeo „que lhos „naõ havia de dar. Naõ? diſſe o Emperador, e tornando a virar com paſſeyo muito inquieto, e indignado, fez querena de arremeter ao Biſpo. O que viſto por elle, entẽdendolhe o animo, deſpio a loba, e poz-ſe de giolhos com grande animo pera receber o martyrio, cuidando que o queria o Emperador matar. Os noſſos que viraõ aquillo, começàraõ-ſe a revolver, e a concertar as armas, com tençaõ de o defenderem. E vendo o Emperador o Biſpo daquella maneira, deu algumas palmadas com ira, e virando-ſe pera

elle

elle lhe diſſe: „ Cuidas que has de mor-
„ rer martyr às minhas mãos? hora naõ
„ te quero dar eſſa gloria. Vaite, e leva
„ os Frades, dalhe ovos à ſeſta feira, e
„ ſeràs Biſpo de dous Frades. E deſen-
„ gano-te, que naõ digo eu, mas todos
„ os que me ſuccederem, te naõ haõde
„ dar a obediencia, nem mudar ſeus coſ-
„ tumes. E virando-ſe pera os Portu-
„ guezes lhes diſſe. Idevos. Vòs vedes
„ o homem que me cà mandou ElRey
„ de Portugal meu irmão? faltavalhe
„ là hum Portuguez? O Biſpo com os
Portuguezes ſe foraõ ſahindo pera fóra,
e o levàraõ á ſua pouzada. E receando-
ſe que o Emperador lhe mandaſſe to-
mar os Frades, os mandou em ſegredo a
Gonçalo Ferreira (que era muito bom
homem, pera que lhos tiveſſe ſem o nin-
guem ſaber, como fez) Paſſado iſto,
dahi a pouco mais de hum mez foy o
Biſpo viſitar o Emperador, e depois de
algumas praticas „ lhe pedio licença,
„ pera mandar fazer huma Igreja na
„ Provincia Marà, o que elle facilmen-
te lhe concedeo, que o Biſpo logo de-
terminou de mandar levantar pera os
Chriſtãos Catholicos, que alli havia.



DE-



DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO VIII.

CAPITULO I.

Da viagem que fizeraõ as nàos que partiraõ pera o Reino no anno de mil quinhentos cincoenta e nove. E de como naõ paſſáraõ mais que a Rainha, o Tigre, e o Caſtello, e Franciſco Barreto, e Joaõ Rodrigues de Carvalho arribàraõ a Moçambique. E da perdiçaõ da nàõ noſſa Senhora da Barca, de que era Capitaõ mòr D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos: e de como ſe ſalvou no ſeu batel com ſeſſenta peſſoas. E do que mais lhe ſuccedeo atè tornar à India.

NO terceiro Capitulo do ſexto livro deſta ſetima Decada deixàmos Franciſco Barreto partido de Goa na nàõ Aguia pera o Reino a vinte de Janeiro, e D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos de Còchim na Gallega, cõ as mais nàos da meſma conſerva, q̃ partiraõ quaſi no fim de Janeiro. Agora he neceſſario continuarmos com ellas, e darmos conta do que lhes aconteceo na viagem. Todas eſtas nàos, aſſim a de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, como a em que hia Franciſco Barreto, e as mais que partiraõ de Còchim, foraõ ſeguindo ſua derrota com tempos Levantes atè dobrarem a Ilha de S. Lourenço, e hirem demandar a terra do Natal. E chegando à primeira ponta della, que eſtà em trinta e hum gràos, da banda do Sul, duzentas e trinta leguas do Cabo de Boa eſperança, pouco mais, ou menos, lhes deu huma tormenta géral, e muy rija, que as abrangeo a todas, e as tratou de maneira, que foy a total cauſa de as mais dellas ſe perderem, humas mais depreſſa, outras mais devagar, conforme ao menor, ou mayor impeto com que as alcançou, ſem eſtarem à viſta humas das outras. Ficàraõ deſta tempeſtade (que diſſemos) os ventos taõ rijos, e contrarios, e os mares taõ groſſos, empolados, e cruzados, que as fez andar às voltas com grande trabalhò, e perigo, e o que as tratou peyor foraõ os muitos dias de pairo que tiveraõ, que as deixou abertas, e deſgovernadas, com curvas quebradas, cavilhas torcidas, e entremichas arrebentadas; como aconteceo à nàõ de Franciſco Barreto, de quem logo trataremos. Gaſtàraõ eſtas nàos em demanda do Cabo de Boa eſperança todo o mez de Março.

As náos Tigre, Caſtello, e Rainha, que eraõ da conſerva de D. Conſtantino, parece que ſe ſouberaõ ſeus Pilotos melhor governar, ou foraõ taõ bem afortu-

afortunados, que lhes deu Deos tempo, com que dobràraõ o Cabo de Boa eſperança, e foraõ a Portugal. Mas as outras que eraõ do anno atraz da Armada de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, que todas invernàraõ, todas ſe vieraõ a perder em differentes paragens. A nào Framenga, de que era Capitaõ Antonio Mendes de Caſtro, ainda que paſſou o Cabo de Boa eſperança, ficou taõ deſtroçada que ſe foy perder em S. Thomè. A Graça, que era da Armada do Viſorey D. Conſtantino, de que era Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho, teve muitos contraſtes, e muitos dias de pairo, em que ſe lhe paſſou o tempo de dobrar o Cabo, e por fazer muita agua, e lhes faltar a que haviaõ de beber os que hiaõ nella, foy forçado arribar a Moçambique como fez.

A Patifa, em que hia o Governador Franciſco Barreto, teve muitos ventos contrarios, com que eſteve a arvore ſeca dezoito dias, antre humas ondas de mares cruzados, que pareciaõ altiſſimos montes, de cujos cumes a nào ſe via cahir muitas vezes em huns valles, que parecia naõ poder mais apparecer, e com os grandes balanços que dava de huma parte a outra, lhe arrebentàraõ trinta e ſeis curvas pelas gargantas, e trocèraõ mais de quarenta cavilhas taõ groſſas como o collo de hum braço, que prendia as curvas à nào, e quebràraõ dezoito entremichas, que cingiaõ as curvas, que junto tudo iſto à velhice, e podridaõ da nào, a fez abrir por tantas partes, que ſe fora muito facilmente ao fundo, ſe faltàra o valor, e diligencia com que Franciſco Barreto fazia acodir às bombas, e lançar fóra agua que entrava nella por muitas partes, que eſtavaõ abertas. A eſtes trabalhos acodiraõ com muita vigilancia, e diligencia, os Fidalgos que nella vinhaõ, ſendo Franciſco Barreto o primeiro, com cuja preſença, e exemplo andavaõ todos taõ animados, que parecia que naõ eſtimavaõ hum trabalho, que ſó Portuguezes puderaõ aturar, pera remedio do mal que ſofriaõ, ſem largarem os aldropes das bombas das mãos, de dia, nem de noite, e foy neceſſario accreſcentarſe outro, de baldearem a pimenta de huns payoes em outros, pera ſe tomar a agua que a nào fazia por elles, porque ſe receava outro, que fora a total perdiçaõ da nào, que era hir a pimenta às bombas, e ficarem com iſto intupidas de maneira, que naõ pudeſſem laborar nem tirar fruto deſte taõ exceſſivo trabalho, e tudo foſſe em vaõ, por ſe naõ poder lançar a agua fóra, que creſcia de maneira que com darem continuamente a ellas, a naõ podiaõ a cabar de vedar, e ſecar: antes era tanta a agua, que entrava pelas abertas da náo, que hum muito pequeno eſpaço, que deixavaõ de dar à bomba, achavaõ nella mais de tres e quatro palmos de agua de ventagem da coſtumada. Neſte trabalho paſſou a nào quatro dias continos ſem ſe largarem os aldropes das mãos de dia, nem de noite. E porq̃ lho ficava fazendo mayor o fumo do fogaõ que os cegava por ainda naquelle tempo vir debaixo do convès, houveraõ os Fidalgos, e criados de El-Rey, que davaõ à bomba, por menos mal naõ comerem couſa que houveſſe de ſer feita ao fogo, que fazerſe de comer com taõ grande contrapezo, como era o do fumo: pera o que pediraõ a Franciſco Barreto „ mãdaſſe prover naquillo dou- „ tro modo, porque ſe naõ atreviaõ a dar „ à bomba, com o fogaõ eſtar acezo. O que elle fez com mandar ferrar duas pipas pelo meyo; de que ſe fizeraõ quatro celhas, que ſe puzeraõ no convès da nào, cheas de vinho, agua, e biſcouto, e algumas conſervas de que ſe ſuſtentàraõ tres dias, em que ſe naõ comeo couſa, que ſe houveſſe de fazer com fogo. Achadas as aguas q̃ a nào fazia, que foraõ cincoenta e quatro, tratàraõ os officiaes della, calafates carpinteiros, de as tomarem por dentro da nào, que por fóra naõ era poſſivel, e aſſim as foraõ tomando com ſe cortarem algumas curvas, liames, e entremichas; que ainda que deſta maneira ficou a nào fazendo

do menos agua, ficava todavia mais fraca, por cauſa dos liames que lhe cortàraõ, e aſſim qualquer balanço que dava, a fazia jugar toda taõ deſengonçada, que cuidàraõ os que hiaõ nella, ſer cada hora a derradeira em que ſe havia de abrir, e elles acabarem todos miſeravelmente. Pelo que foy neceſſario daremlhe hum cabo de proa, e outro de popa, virados, e apertados com o cabreſtante, pera que naõ abriſſe de todo, e ſe dividiſſe em muitas partes. E como a nào com todas eſtas ajudas, e remedios, naõ deixava de fazer tanta agua, que naõ faziaõ outra couſa todos os Fidalgos, e cavalleiros, que hiaõ nella, ſe nao dar continuamente a ambas as bombas, ſem a puderem vencer, e eſgotar, mandou Franciſco Barreto por conſelho dos officiaes della juramentados, alijar ao mar muitas fazendas de mercadores, como eraõ bejuim, de que ſe lançàraõ ao mar muitos quintaes, e muitos fardos de anil, e algumas caixas de ſedas, e muitas couſas da China muito ricas, e curioſas.

Aconteceo neſte meſmo tempo, em que ſe lançàraõ ao mar eſtas fazendas, hirem dar os trabalhadores com huns fardos de anil de hum alvitre, de que ElRey D. Joaõ fazia cada anno eſmola, e mercè pera as obras da Igreja do Convento de noſſa Senhora da Graça de Lisboa, e perguntando a Franciſco Barreto „ ſe havia tambem aquelle anil „ de ſer lançado ao mar, como foraõ as „ mais fazendas a que o tinhaõ feito? reſpondeo „ que naõ: que quando naõ „ houveſſe outro remedio pera ſe ſalvar, „ ſe naõ lançarſe a ſua propria delle, que „ eſſa ſe lançaſſe, porque às coſtas havia „ de ſalvar a fazenda de noſſa Senhora, „ em cujo favor confiava eſtar o remedio, e ſalvaçaõ daquella nào.

Hindo o trabalho da agua, que a nào fazia, por diante, e naõ baſtando darſe continuamente a ambas as bombas, pera deixar de ſer mayor a quantidade da que entrava, que a da que deitavaõ fóra com as bombas, e arreceando-ſe o Piloto (que ſe chamava Andrè Lopes) que quando menos cuidaſſem, ſe lhe foſſe a nào ao fundo, por quaõ rota, e aberta hia; ordenou com conſentimento de Franciſco Barreto, encaminhar a nào a demandar a primeira terra que pudeſſem afferrar, que era pouco mais ou menos a do Natal (onde ſe perdèra Manoel de Souſa de Sepulveda, no galeaõ S. Joaõ, a vinte e quatro de Junho do anno de mil quinhentos cincoenta e dous, em trinta e hum gràos da banda do Sul) havendo por melhor ſorte acabarem em terras as vidas, que comeremnos os peixes no mar. E hindo aſſim com a proa em terra, de que eſtariaõ cincoenta leguas, pouco mais, ou menos; chamou Franciſco Barreto a conſelho o Piloto, Meſtre, Contrameſtre, Sotapiloto, e todos os mais Officiaes da nào, e dandolhes juramento ſobre hum Miſſal, e hum Curcifixo, em que todos puzeraõ a maõ, lhes mandou que cada hum delles „ diſſeſſe pelo juramento „ que tomàra, o que entendiaõ do eſtado em que a nào eſtava, e o que lhes „ parecia bem que ſe fizeſſe. Ao que o Piloto como peſſoa principal, reſpõdeo primeiro dizendo „ que elle havia „ cincoenta annos que andava no mar, „ e tinha paſſado aquella carreira muitas vezes, onde ſe vira em grandes perigos; mas que nunca ſe vira em algum tamanho como aquelle em que „ entaõ ſe via, pelo eſtado em que a nào „ eſtava de podre, e muita agua que por „ eſtar aberta fazia. E que ſe noſſo Senhor por ſua miſericordia os levaſſe „ a haver viſta de terra que hiaõ demandar, era a mór mercè que podiaõ „ deſejar homens, que andaſſem no mar, „ e ſe viſſem em tamanhos perigos, como eraõ os em que ſe elles viaõ. O meſmo voto foy o do Meſtre, e de todos os mais Officiaes, ſem diſcreparem huns dos outros.

Vendo Franciſco Barreto o eſtado em q̃ eſtavaõ fez a todos os da nào hũa breve fala, naſcida de hum animo, a quem nem trabalhos canſavaõ, nem perigos

rigos atemorizavaõ, pera perder hum muito pequeno ponto delle (como a outra que Eneas fez a seus companheiros, quando escapàraõ da destruiçaõ de Troya, andando pelo mar Mediterraneo, buscando alguma parte de Italia, onde fundasse povoaçaõ, pelos ver tristes, e descoraçoados, como Virgilio conta no seu primeiro livro das Eneidas) dizendo.

„ Senhores Fidalgos, e Cavalleiros; „ amigos, e companheiros, naõ deveis „ de vos entristecer, e melancolizar cõ „ hirmos demandar a terra, onde leva- „ mos posta a proa, porque pòde ser que „ nos leve Deos a terra, onde possamos „ conquistar outro novo mundo, e des- „ cobrir outra India mayor, que a que „ està descuberta: pois levo aqui Fidal- „ gos, e Cavalleiros por companheiros, „ com quem me atrevo a cometer to- „ das as conquistas, e emprezas do „ mundo, por arduas, e difficultosas „ que sejaõ. Porque o que a experiencia „ de muitos que aqui vaõ nesta compa- „ nhia me tem mostrado, me assegura, „ e dà confiança, pera naõ haver cousa „ no mundo, que possa temer, nem re- „ cear.

Estas palavras disse Francisco Barreto com o rosto taõ alegre, e desassombrado, como se se estivera recreando nas hortas do valle de Enxobregas, e naõ posto a varar na terra da mais bruta, e barbara gente, que o mundo tem. E todavia accrecentou com ellas a todos os daquella companhia novas forças, e deulhes novos espiritos pera poderem continuar, e levar àvante o pezo do trabalho, com que hiaõ, que era assaz grande.

Hindo assim determinados a varar na terra do Natal; como as mercès que Deos costuma fazer aos necessitados do remedio, saõ mostrarlhes que na mòr força da desesperaçaõ delle, ahi lho concede, assim o usou com estes trabalhados, e affligidos navegantes, fazendolhes mercè de lhes abrandar os ventos, e abonançar os mares (que atè entaõ eraõ muito grossos, e empolados) que foy causa de a nào ficar com menos trabalho, dando menos balanços, e de fazer menos agua. Vendo o Piloto, e mais Officiaes da nào ser menor o perigo, foraõ de parecer „ que mudassem o „ rumo, e fizessem seu caminho pera „ Moçambique, onde esperavaõ em „ Deos os havia de levar a salvamento. E assim foy, que com os tempos galernos, e brandos, que dalli por diante sempre tiveraõ, foy a nào fazendo sua viagem. Mas os Fidalgos, e passageiros foraõ sempre cõ os aldropes das bombas nas mãos, sem os tirarem dellas hum só momento: porque por breve que fosse o intervallo que houvesse de se deixar de dar a ambas as bombas, logo a agua crescia muitos palmos, e os vencia. E porque naõ fossem vencidos della, hiaõ dando a ambas as bombas continuamente.

E querendo Francisco Barreto aliviar este taõ grande, e continuo trabalho aos Fidalgos, chamou hum Capitaõ dos Cafres, que vinha na nào, que os fazia trabalhar, e era seu presidente, e lhe prometteo cem cruzados, se elle com seus companheiros esgotassem as bombas; o que elles aceitàraõ. E pondo os peitos ao trabalho, e o olho no que se lhe tinha promettido, em hum dia que trabalhàraõ esgotàraõ as bombas. Foy tamanho o contentamento de todos, que se deu boa viagem pela nào, como se passáraõ o Cabo de Boa esperança, ou entràraõ pela barra de Lisboa. E assim foraõ atè Moçambique, onde chegàraõ na entrada de Abril do anno de mil quinhentos cincoenta e nove. E achàraõ a nào Garça de Joaõ Rodrigues de Carvalho, que chegàra o dia dantes destroçada, pera invernar alli. E aqui o deixaremos, atè tornarmos a elles, por tratarmos do que aconteceo à nào de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que deixàmos partida de Còchim no fim de Janeiro do mesmo anno.

Esta nào, que (como jà dissemos) se chamava nossa Senhora da Barca, pas-

ſou muito mayor trabalho que todas: porque parece que a tomou a tormenta mais em deſcuberto, e mais perto, e a abrangeo com mòr furia: teve tantos contraſtes, os ventos taõ rijos, e os mares taõ groſſos, e cruzados, que com o pairar, e trapear, abrio por muitas partes, e começou a fazer grandes aguas, pelo que foraõ ſempre dando às bombas, ſem nunca as largarem das mãos de dia, nem de noite, nem ella ſe poder eſtancar, nem vencer com ellas; antes foy a agua creſcendo tanto, que lhe cobrio a primeira cuberta acima do poraõ, o que cauſou em todos os da nào grande temor, e deſconfiança. Os Officiaes acodiraõ todos a trabalhar pela lançar fóra com muitos barriz, que vazavaõ de dous em dous, por andaimes que fizeraõ nas eſcotilhas, a que todos os da nào ſe foraõ revezando, ſendo Dom Luiz o primeiro, que acodia a todo trabalho, ſem deſcançarem hum momento, nem comerem ſe naõ cõ os aldropes, e cordas nas mãos, mal, e pouco, e foy tamanho o trabalho, que vencia jà a todos de maneira, que quaſi naõ tinhaõ mãos, nem braços pera o aturarem. Vendo-ſe os Officiaes naquelle miſeravel eſtado, houveraõ por ſeu conſelho arribarem, e hirem varar onde melhor pudeſſem, e aſſim viràraõ a popa com aquelle trabalho, e deſconſolaçaõ, havendo-ſe todos por perdidos, fazendo conta com Deos, e com ſuas almas. Aqui ſupriraõ alguns Religioſos que alli hiaõ da Ordem do glorioſo Padre S Franciſco, que naquelle tranze confeſſáraõ, e conſolàraõ a todos com muita caridade, obrigando-os em conſciencia a trabalharem por ſe ſalvar, e a naõ ſe deixarem vencer do trabalho.

D. Luiz Fernandes moſtrou neſte perigo muito grande animo, e foy a principal occaſiaõ de todos ſe animarem; porque ao que canſava acodia logo com alguma refeiçaõ, e lhe tomava o aldrope, com que trabalhava, atè o outro tomar alento. E aſſim por eſte modo corria todos os andaimes, tendo elle ſó igual o trabalho com todos, e aſſim ſe moſtrou eſte Fidalgo alegre, e confiado, e aſſim alegrava, e fazia confiar a todos; que jà trabalhavaõ com mais alegria que triſteza, tendo elle ſempre provido o convès da nào de celhas de agua, vinho, de biſcouto, e doces pera refeiçaõ dos que trabalhavaõ, naõ dando algum hum ay, a que elle logo naõ acodiſſe, e conſolaſſe, ſem em todo eſte tempo entrar na camera, nem faltar antre todos elles hum pequeno momento.

O Piloto da nào foy demandar a Ilha de S. Lourenço por mais perto, hindo jà a náo quaſi adornada, com mais de vinte palmos de agua, e em tal eſtado, que nem governava, nem dava pelo leme couſa alguma, pelo pezo da agua que cada vez creſcia mais. Vendo-ſe os Officiaes perdidos, diſſeraõ em ſegredo a Dom Luiz Fernandes „ que jà „ naõ havia remedio: que elles ſe fa- „ ziaõ doze, ou quinze leguas da terra „ da primeira ponta da Ilha de S. Lou- „ renço da banda do Ponente, que o „ bom ſeria tratarem de ſe ſalvar no ba- „ tel os que pudeſſem, que a nào jà naõ „ podia comſigo.

Eſtas novas ouvio D. Luiz Fernandes com muito grande animo, e ſem moſtrar triſteza alguma, fez logo lançar o batel ao mar, e meterlhe maſto, verga, vela, e remos, e foy tanta a preſſa que a nào lhe deu (porque ſe lhe hia fogindo debaixo dos pès) que naõ tiveraõ mais tempo, que pera lançar dentro ſeis peſſoas com hum barril de agua, e hum ſaco de biſcouto, e duas, ou tres caixas de marmelada. D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos depois de ſer no batel, fez eleiçaõ das peſſoas que havia de recolher, eſtando afaſtado da nào, porque ſe lhe naõ lançaſſem todos dentro, porque ſeria cauſa de ſua perdiçaõ, e tendo jà ſeſſenta, lhe requerèraõ os Officiaes que naõ tomaſſe mais, porque o batel jà naõ podia comſigo; pelo que lhe foy forçado afaſtarſe. E vendo que lhe ficava o Padre Frey Fernando de

Caſtro,

Caſtro, de nobre geraçaõ, confeſſando a gente, ſe foy chegando a nào pera o recolher, mandandolhe dizer que ſe naõ havia de hir ſem elle.

Mas o Padre movido mais da caridade dos proximos, que do deſejo da vida, lhe reſpondeo „ que ſe foſſe à paz „ de Deos, que elle havia de ficar na„ quella nào confeſſando, e conſolan„ do todos aquelles irmãos, porque „ mais importava a ſalvaçaõ das almas „ de duzentas peſſoas, ou mais que na „ nào ficavaõ, que a da ſua vida delle. Vendo D. Luiz Fernandes aquella taõ grande caridade, e amor dos proximos, lhe pedio que os encomendaſſe a Deos; e afaſtando-ſe deu à vela, deixando a todos os da nào em prantos, lagrimas, e gritos, que feriaõ eſſes ares, pedindo miſericordia, de que entaõ ſó Deos podia uſar. E hindo ainda à viſta da nào, viraõ todos ſorvella o mar, e recolhella em ſuas entranhas, que foy hum eſpectaculo de graviſſima dor, e mágoa.

Encomendando-ſe a Deos foraõ ſeu caminho pera onde o Piloto melhor lhe pareceo, e ao outro dia houveraõ viſta de terra em vinte gràos e meyo eſcaſſos a diante da Bahia de Santiago, pera o Ponente, e de longo da coſta pela banda de fóra da Ilha a foraõ rodeando, ſuſtentando-ſe com o pouco que no batel ſe meteo, que ſe lhes dava por tanta regra, quanto baſtava muito piedoſamente pera ſe ſuſtentarem, ſem Dom Luiz Fernandes de Vaſconcellos tomar pera ſi mais couſa algũa, do q̃ ſe dava aos outros, moſtrando-ſe em toda eſta viagem taõ familiar, e humano a todos, que hiaõ cõſolados, e animados cõ o verem.

Por eſta coſta foraõ tomando alguns portos, e Bahias, a que acodiraõ alguns da terra, e ſem deſembarcarem reſgatavaõ algumas gallinhas, que D. Luiz Fernandes mandou guardar pera alguns enfermos, ſem elle querer comer huma ſó, rogandolho, e pedindolho todos. O principal de que ſe foraõ ſuſtentando foy de mariſco, e peixe, que hiaõ tomando pelas prayas q̃ chegavaõ: ainda que alguns comiaõ cobras de agua, e outras couſas nojentas. Por algumas Bahias deſtas achàraõ algumas peſſoas que pareciaõ Jàos: por onde vieraõ à cuidar que jà fora aquella coſta pela banda de fóra povoada de Jàos, porque falavaõ a ſua lingua: mas quanto a nòs neſte particular, por mais certo temos que ficàraõ eſtas peſſoas, que foraõ encontrando; de algumas nàos que ſe alli perdèraõ, ou que naſcèra deſtas; porque ſe fora do tempo dos Jàos, jà ſe lhe naõ houvera de entender a lingua, nem os que delles procedem taõ baſſos, porque tudo ſe havia de perder com a cõmunicaçaõ, e ajuntamento dos naturaes: naõ negando porèm, que eſta coſta deixaſſe de ſer conquiſtada, e povoada dos Jàos, ſegundo a opiniaõ de muitos.

Aſſim foraõ os do batel atè o Cabo da Ilha da banda do Levante, e em huma enſeada, que eſtà em altura de treze gràos, achàraõ hum galeoto que tinha partido da India pera Moçambique; que por ter os tempos contrarios foy tomar aquella Bahia, que he muito grande, e fermoſa. E ſendo elle viſto dos do batel, foy pera todos huma couſa de grande alegria, e alvoroço, e o foraõ demandar. O Capitaõ delle, que era hum homem Fidalgo (a quem naõ pudemos ſaber o nome) vendo os do batel, e conhecendo Dom Luiz Fernandes de Vaſconcellos, foy tambem ſeu alvoroço grande, e o recebeo a elle, e a todos muy bem, e delles ſoube ſua perdiçaõ, e trabalhos, que ſentio em extremo. Alli os recolheo a todos comſigo, e ficàraõ invernando naquella enſeada, eſperando pelos Ponentes com q̃ haviaõ de hir pera Moçambique: tomando D. Luiz Fernandes as fazendas, e roupas que lhe parecèraõ baſtantes pera veſtir, e ſuſtentar os da ſua companhia, o que fez todo aquelle tempo atè chegar a Goa, reſgatando com os da terra todos os mantimentos que lhes eraõ neceſſarios. E aqui os deixaremos atè tornarmos a elles, por continuarmos com outras couſas, que eſtaõ puxando por nòs.

CAPITULO II.

De como ElRey D. Sebaſtiaõ ſupplicou ao Summo Pontifice Paulo IV. fizeſſe à Sé de Santa Catharina de Goa Arcebiſpado: e as Igrejas Santa Cruz de Còchim, e noſſa Senhora da Aſſumpçaõ de Malaca, Biſpados. E da Armada que eſte anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove partio do Reino, de que era Capitaõ mòr Pero Vaz de Siqueira.

QUerendo a Rainha Dona Catharina de glorioſa memoria, e o Cardeal D. Henrique, tutores do Rey menino Sebaſtiaõ, que elle imitaſſe ao bom Rey D. Joaõ ſeu avò no zelo da honra, e gloria de Deos noſſo Senhor, e na dilataçaõ de ſua ſanta Fé: vendo que neſtas partes da India hia em tamanha multiplicaçaõ, pareceolhes bem ajudarem, e favorecerem iſto, com Prelados Evangelicos, ainda que foſſe à cuſta de grandes deſpezas de ſua fazenda: porque naõ faltaſſem miniſtros pera obra taõ ſanta. E conſiderando quaõ eſtendido era o Eſtado da India, e quaõ diſtantes muitas partes delle da Metropolitana de Goa, e que hum ſó Biſpo naõ podia viſitar, e conſolar todos os Chriſtãos; ſupplicàraõ ao Sũmo Pontifice, que entaõ preſidia na Igreja de Deos, que era Paulo IV. „ lhes quizeſſe „ conceder, fazer Santa Catharina de „ Goa Arcebiſpado (que atè entaõ era „ Biſpado annexo ao Arcebiſpado do „ Funchal) E ẽ as Igrejas, Santa Cruz „ de Còchim, e N. Senhora da Aſſump- „ çaõ da Cidade de Malaca foſſem feitas „ Biſpados, ſuffraganeos ao Arcebiſpa- „ do de Goa, applicandolhes logo de „ ſuas rendas ſeus dotes, e ordinarias „ pera todas as dignidades, Conegos, „ Beneficiados, Curas, Vigairos, e que „ eſtes Biſpados foſſem annexos ao di- „ reito da Metropolitana de Goa, conſ- „ tituindolhes termos, e limites, e os „ deſtritos delles. Cometeo o Papa ao Arcebiſpo de Lisboa, D. Fernando de Menezes de Vaſconcellos, que tomando niſſo reſoluçaõ, limitou ao Arcebiſpo de Goa, deſdo Cabo de Boa eſperança atè Ormuz, e dahi atè Cananòr, com todas as Ilhas adjacentes a ellas, em que houveſſe Chriſtãos. E ao Biſpado de Còchim aſſinou deſde Cananòr atè Bengala, e Pegù, com toda a coſta da Peſcaria, Negapataõ, e S. Thomè: com a grande, e fermoſa Ilha de Ceilaõ, com todas as mais circunvizinhas a ellas, e a toda a coſta, ſeparandolhe a grande, e eſtendida Chriſtandade que jaz no Sertaõ de Còchim, Cranganòr, e Coulaõ, e pelas ſerras do Malavar, que era regida, e governada por Arcebiſpos, e Biſpos Armenios, que ſeguiaõ a falſa ſeita do Hereſiarca Neſtor (como no principio deſta Decada fica dito) que a fazia ſeguir com todos aquelles ſubditos, debaixo de cuja jurdiçaõ andava toda aquella Chriſtandade. Eſtes Biſpos eraõ providos pelo Patriarca de Babilonia, cabeça dos Neſtorianos. E aſſim durou eſta ſeita naquella Chriſtandade atè o anno de mil e quinhentos e noventa e nove, em que D. Frey Aleixo de Menezes, Religioſo da Ordem de Santo Agoſtinho, Arcebiſpo de Goa, por ordem do Papa Clemente VIII. que pera iſſo lhe mandou grandes Breves, por morte do derradeiro Arcebiſpo Armenio, antes de vir outro de Babilonia, foy em peſſoa viſitar toda aquella Chriſtandade com grande zelo, e caridade, e depois de paſſar muitos, e muy varios perigos, e trabalhos, por elles no principio naõ quererem obedecer, com tudo prègandolhes por todas ſuas Igrejas os rendeo, e ajuntou Synodo Dieceſano com todos ſeus Sacerdotes (a que elles chamaõ Caſſanares) onde elles, e todos os povos deraõ a obediencia à Santa Igreja Romana, e abjuràraõ todas as hereſias de Neſtor: dando o Arcebiſpo ordem a todas as couſas daquella Igreja. De que temos dado de tudo iſto relaçaõ copioſa no principio deſta ſetima Decada no ſegundo Capitulo do primeiro livro (e a daremos muito

mais

mais particularmente, quando eſcrevermos o tempo do Conde da Vidigueira Almirante) por ſer huma das mais heroicas obras, que em materia de Chriſtandade ſe fizeraõ neſte Eſtado.

E tornando ao fio de noſſa hiſtoria. Ao de Malaca conſtituhio ſeus limites deſde Pegù atè a grande Regiaõ, China com todos aquelles Archipelagos de Solor, Timor, Amboino, Banda, Moro, e Maluco, em que incluem grande multidaõ de Ilhas, em que ha mais de trezentos mil Chriſtãos naturaes, e depois pelo tempo em diante ſe fizeraõ Biſpados diſtintos à China, e Japaõ, como em ſeus tempos ſe dirà. Iſto tudo concedeo o Summo Pontifice por ſuas Bullas Apoſtolicas, com privilegio pera os Reys de Portugal poderem appreſentar os Arcebiſpos, e Biſpos, e todas as mais dignidades, como Meſtres que eraõ da Ordem da Cavallaria de noſſo Senhor Jeſu Chriſto. Por virtude deſtas Bullas appreſentou ElRey pera Arcebiſpo de Goa ao Padre Meſtre Gaſpar (que foy Conego, e depois huma das principaes Dignidades da Sé de Evora) Varaõ douto em Theologia, e de vida muito approvada, e por tal taõ amado, e querido do Cardeal, e Rey D. Henrique. E pera Biſpos de Còchim, e Malaca appreſentou ElRey a D. Jorge de Santa Luzia, e a D. Jorge Themudo, da Ordem de S. Domingos, Varoens doutos, e de vida Apoſtolica, e que depois vieraõ a morrer com ſinaes de ſantidade.

Eſtas Dignidades foraõ ſagradas em Lisboa com grandes ceremonias, e ordenàraõ os tutores de ElRey que os Biſpos foſſem pera a India na Armada que ſe negociava eſte anno de cincoenta e nove, que era de ſeis nàos, cuja Capitanía mòr levava Pero Vaz de Siqueyra, hum Fidalgo velho, muito honrado; de que algumas vezes temos falado nas noſſas Decadas. E o Arcebiſpo quizeraõ que ficaſſe pera o anno ſeguinte de mil e quinhentos e ſeſſenta.

Preſtes eſta Armada deu toda junta à vela em Março deſte anno de cincoenta e nove em que andamos, onde foraõ embarcados perto de tres mil homens de armas, gente muy luſtroſa, e eſcolhida, em que entravaõ muitos, e muy honrados Fidalgos, e Cavalleiros. O Capitaõ mòr, Pero Vaz de Siqueyra eſcolheo pera ſi a nào Flor de la mar, em que ſe embarcou o Biſpo D. Frey Jorge Themudo, q̃ hia por Biſpo de Còchim: com quem eu paſſey tambem à India moço de quinze annos, tendo deſtes gaſtado dous em ſerviço de ElRey D. Joaõ o III. de ſeu moço da Camera, e todos os mais atè eſta era de ſeiſcentos e tres, em que eſcrevemos eſta Decada, em outros ſerviços de mais riſcos, e perigos, e neſte de tanto trabalho, e inquietaçaõ pera a velhice com taõ poucos favores neſte eſtado, que muitas vezes me cahia a penna da maõ com deſgoſto. E ſe a ergui foy por me fazerem força as muitas inſtancias, com que ElRey D. Filippe de glorioſa memoria, e depois ElRey noſſo Senhor ſeu filho, me mandavaõ todos os annos por ſuas cartas (como ſe veraõ impreſſas nos principios de noſſas Decadas) proſſeguiſſe, e continuaſſe eſta obra, com palavras de Principes muy Catholicos, e que deſejavaõ de naõ ficarem em eſquecimento os feitos dos Portuguezes noſſos naturaes; poſto que os deſte tempo tanto ſe eſqueceſſem diſſo em muitas couſas. Os Capitaens das mais nàos eraõ Franciſco de Souſa, da Algaravia aonde hia embarcado Dom Frey Jorge de Santa Luzia Biſpo de Malaca, Pero de Goes, em Santo Antonio, Luiz Alvares de Souſa, em S. Giaõ, Liſuarte Peres de Andrade, na Conceiçaõ, Ruy de Mello da Camera, em S. Paulo. Deſtas ſeis nàos a de S. Paulo por mà navegaçaõ foy haver viſta da terra do Brazil, e dahi tornou a arribar ao Reino. Todas as mais foraõ à India. Só a Conceiçaõ por chegar tarde a Moçambique, ſe deixou ahi ficar.

CAPITULO III.

Da Armada que o Viſorey D. Conſtantino mandou ao Malavar. E dos navios que forão de ſoccorro a Baharem, e do que lhes ſuccedeo na viagem. E da guerra que Luiz de Mello da Silva fez por toda a coſta do Malavar.

COm a vinda das nãos do Reino, ficou a India proſpera, e rica, pela muita gente, dinheiro, e fazendas que nellas vierão. E porque a ſoldadeſca era muita, e enchia a Cidade de Goa: ordenou o Viſorey D. Conſtantino huma boa Armada pera mandar ao Malavar, a Luiz de Mello da Silva, que jà tinha ſahido de Cananòr na entrada de Setembro com os navios que là invernàraõ, pera continuar na guerra dos Mouros, e mandou o Viſorey pagar ſeiſcentos homens, que mandou embarcar em tres caravelas, duas galez, e alguns navios de remo, pera là poder tomar as bocas dos rios: aſſim pera os imigos ſe naõ proverem de mantimentos, como pera os Coſſairos naõ ſahirem a roubar, por ter o Viſorey aviſo que no inverno ſe armàraõ muitos Parós em differentes partes. E eſtava aſſentado em conſelho por todos os Capitaens velhos, e de muita experiencia, „ que ſe „ naõ fizeſſe aos Mouros daquella coſ- „ ta outra guerra, mais que tomarlhes „ os portos. E que quando a houveſſe „ com os Mouros de Cananòr, a fizeſ- „ ſem tambem ao Camorim, pera aſſim „ ſe naõ poderem prover huns aos ou- „ tros por ſeus rios; o que coſtumavaõ a fazer, e por iſſo lhes dava pouco de quebrarem as pazes, por muito pequena occaſiaõ que ſe offereceſſe: porque naõ deixavaõ de mandar ſuas fazendas pera Meca, nem partirem ſuas nàos, porque as mandavaõ embarcar no Reino que eſtava de paz, e nelle ſe tornavaõ a recolher, e por ſeus rios ſe proviaõ de arroz, e anfiaõ, que he o ſeu principal mantimento, ſem quem naõ podiaõ viver. E aſſim engroſſavaõ no trato por rios alheyos, e pelos ſeus nas prezas que faziaõ com ſuas Armadas, que eraõ muito perjudiciaes, e faziaõ muitos danos.

Pelo que o Viſorey D. Conſtantino mandou por regimento a Luiz de Mello da Silva „ que naõ fizeſſe guerra de „ outra maneira a todos os Reys do „ Malavar: porque com lhes tomar as barras, e naõ lhes deixar ſahir ſuas nàos pera Meca, nem lhes entrarem mantimentos de fóra, os podiaõ pôr em tanto aperto em dous annos, que chegaſſem os Naires a tanta deſeſperaçaõ, por cauſa da fóme, que ſe levantaſſem contra os Mouros, e os meteſſem à eſpada, como jà algumas vezes eſtiveraõ pera o fazer, porque eſtes nem ſe embarcaõ, nem negoceaõ pelo mar, e ſó da ſubſtancia que na terra tem, ſe ſuſtentaõ pobremente, e a vendem aos mercadores que vaõ a ſeus rios, pera que lha commutem em arroz que naquelles Reinos naõ ha. E andando o Viſorey Dom Conſtantino deſpachando eſta Armada: chegàraõ de Ormuz as novas do desbarato de Dom Alvaro da Silveyra, e de como D. Antaõ de Noronha era partido àquelle negocio pera Baharem: o que o Viſorey ſentio muito; e logo ſe foy pôr na ribeira das Armadas, e mandou deitar ao mar treze, ou quatorze navios de remo, pera deſpedir de ſoccorro, em quanto ſe preparava outra mayor Armada, que ſe determinava mandar, com o primeiro recado, que lhe chegaſſe, de D. Antaõ de Noronha, ſe lhe foſſe neceſſario.

Eſtas novas ſe eſpalhàraõ logo pela Cidade, que toda ſe meteo em revolta, por ſerem os mais dos Fidalgos que nella eſtavaõ parentes de D. Alvaro da Silveyra, e de D. Antaõ de Noronha, e dos mortos, e cativos, e com muita preſſa acodiraõ a ſe offerecerem ao Viſorey, e tomàraõ navios pera ſe partirem. E foy tamanha a brevidade com que ſe negociàraõ; e taõ grande a vontade que tinhaõ de ſe acharem naquelle feito, que aſſim como hum ſe aviava dava à

vela,

vela, ſem eſperar por companhia, e o primeiro que ſe partio foy Vicente Dias de Villalobos, tio de D. Antaõ de Noronha, irmaõ de ſua mãy, que ao terceiro dia das novas ſahio pela barra fóra em hum fermoſo navio com trinta Fidalgos, e cavalleiros, e ſoldados principaes. E logo apoz elle poucos dias ſe fizeraõ à vela os mais navios cheyos da melhor ſoldadeſca que entaõ havia, que folgàraõ de acompanhar aquelles Capitaens naquella jornada. E dos que nos lembraõ os nomes ſaõ os ſeguintes. D. Pedro de Caſtro, filho de D. Diogo de Caſtro de Evora; Ruy Gonçalves da Camera, filho do Capitaõ da Ilha da Madeira, Triſtaõ de Souſa, filho natural de Martim Affonſo de Souſa, Balthazar da Coſta cavalleiro honrado, e o melhor Catureiro que na India havia; e outros muitos.

Deu Deos a eſtes todos taõ boa viagem que em breves dias chegàraõ a Ormuz, depois de D. Antaõ de Noronha ter jà chegado àquella fortaleza com a vitoria de Baharem. E o primeiro que chegou foy Vicente Dias de Villalobos, que ſe apreſſou tanto, que paſſou por Ormuz antes que D. Antaõ de Noronha vieſſe de Baharem, e ſem ſe deter o foy buſcar, e no caminho ſe deſencontràraõ, hum do outro; porque ao paſſar da Ilha de Lara, hum foy por dentro, e outro veyo por fóra. E chegando a Baharem, tanto que ſoube ſer partido, tornou a voltar, e foy ter a Ormuz, quaſi com os que partiraõ de Goa: D. Antaõ de Noronha recebeo a todos com muitas honras. E porque alli naõ tinhaõ jà que fazer, tomàraõ ſeus provimentos, e ſe tornàraõ pera Goa todos juntos, elegendo por Capitaõ de toda aquella Armada a Balthazar da Coſta, a que ſeguiraõ atè aquella Cidade, onde jà havia dias eraõ chegadas as novas da vitoria. O Viſorey recebeo aquelles Capitaens muito bem, e lhes fez mercès pelo zelo, e preſteza com que acodiraõ ao ſerviço de ElRey, e aos ſoldados mandou pagar ſeus quarteis. Dèmos aſſim brevemente relaçaõ deſta jornada, porque naõ houve nella que contar, mais que a preſteza com que eſtes navios partiraõ, chegàraõ, e tornàraõ: pera que ſe ſaiba o zelo, amor, e fidelidade, com que neſte tempo ſe acodia aos trabalhos do Eſtado. O que depois ſe veyo a perder tanto, que chegàraõ os peccados da India, a mandarem homens forçados aos ſoccorros das fortalezas, em alguns trabalhos em que tiveraõ neceſſidade delles.

Deſpedidos eſtes navios de Goa, deu o Viſorey D. Conſtantino preſſa a Armada do Malavar, e a deitou fóra por fim de Outubro, e chea de muita, e luſtroſa ſoldadeſca. E os Capitaens que foraõ neſta jornada ſaõ os ſeguintes. D. Filippe de Menezes, irmaõ de D. Joaõ Tello, em huma galè, D. Paulo de Lima, em outra, Gonçalo Pires de Alvellos, Alvaro Reynel, e Miguel Rodrigues Coutinho, fios ſecos. Tres Cidadoens principaes, e ricos nas tres caravellas. As fuſtas eraõ oito, ou dez, de cujos Capitaens nos naõ lembraõ os nomes.

Chegada eſta Armada ao Malavar, à repartio Luiz de Mello da Silva pelos rios, por eſta maneira. D. Filippe de Menezes com a ſua galè, e duas, ou tres fuſtas, no rio de Marabia, do Reino de Cananòr, onde ElRey reſidia; D. Paulo de Lima, com outras tantas em outro rio, Gonçalo Pires de Alvellos, com a ſua caravella, e duas fuſtas, no rio de Maim; Alvaro Reynel com outras duas pera o ſerviço de ſua caravella, no rio Canharoto, Miguel Rodrigues Coutinho fios ſecos, com o meſmo, no de Pudepataõ, Manoel da Silva em huma galeota Latina, e tres fuſtas, no Ilheo de Tremapataõ. E o Capitaõ mòr com os mais navios ligeiros, que ſeriaõ perto de vinte, ficou ſolto pera correr toda a coſta do Malavar, pera huma, e outra parte, pera ver, e prover no que lhe foſſe neceſſario.

Deſta maneira andou fazendo toda a guerra que pode, dando de ſupito nas po-

povoaçoens daquella coſta, queimando-as, abrazando-as, e deſtruindo-as de todo; cortandolhes muitos palmares, e matandolhes muitos dos ſeus moradores, tomandolhes todas as ſuas embarcaçoens, pondo toda aquella coſta, em temores, eſpantos prantos, e neceſſidades; por lhes terem todos os portos taõ fechados, que naõ podia ſahir nem entrar huma pequena almadia. E tal ordem tinha, que hoje amanhecia defronte de hum lugar, e ao outro dia delle a cinco ſeis leguas, e onde menos ſe temiaõ, alli dava de ſobreſalto, deſtruindo, e abrazando tudo, e à noite eſtava jà dalli a cinco leguas e a ſeis e ſete. E de tal maneira os trazia inquietos, ſem lhes valer a grande vigia que traziaõ ſobre a Armada, e os muitos fogos que toda a noite faziaõ por toda a coſta, pera por elles darem aviſo onde ella eſtava, e pera onde ſe fazia à vela mas nenhuma couſa deſtas lhes aproveitava.

Com eſta ordem curſou todo eſte veraõ, que foy o com que mais atormentou todo eſte Malavar, que todos os daquelles tempos: porque naõ houve povoaçaõ, que naõ ſentiſſe a ira, e o açoute Portuguez, e aſſim os neceſſitou de tudo, que ſe determinàraõ de arriſcar a morrer, e hir buſcar provimentos, antes que perecerem em terra à mingua: pera o que ſe carteàraõ todos os que havia pelos rios, pera em huma noite, e marè certa ſahirem pelos rios onde os noſſos navios eſtavaõ, ainda que foſſe a todo o riſco, e perigo, como fizeraõ. Mas como os noſſos, que eſtavaõ ſobre os rios, por onde elles haviaõ de ſahir, traziaõ muito grande vigia; naõ deixàraõ de ſer ſentidos ao ſahir, ao menos no rio de Maim, onde eſtava Gonçalo Pires de Alvellos com a ſua caravella ſurto perto da terra (com quem eu eſtava embarcado ſendo moço, que coſtumava mandar todas as noites os navios de remo a vigiar a boca do rio, pera naõ ſahirem os ladroens) e neſte com quem ſe tinhaõ carteado todos, eſtavaõ preſtes oito Paros, que deſemmaſteados com a vazante da marè a voga ſurda foraõ ſahindo de longo da area.

E pera fazerem afaſtar os noſſos navios, puzeraõ em terra algumas bombardas, com que começàraõ a esbombardear, o que os eſpertou mais: porque entendendo o que podia ſer, tomàraõ armas, e levàraõ ancora, e com o remo na maõ eſtiveraõ eſperando (que taõ animados, e contentes andavaõ entaõ os homens, que com dous navios naõ receavaõ de cometer ſeis e ſete Paraos taõ grandes, e poſſantes, como depois houve) Cuidando os Paraos que tinhaõ embaraçados os noſſos navios com as bombardadas, apontando na boca da barra apertàraõ o remo, e foraõ paſſando por antre os noſſos como hum trovaõ.

E todavia como os noſſos eſtavaõ eſpertos, ſentindo-os logo ao ſahir, deſparàraõ nelles os falcoens, e tomando hum de proa a popa o axoràraõ todo, e elle anhoto foy dar à coſta, e os mais prepaſſando por antre os noſſos navios lhes lançàraõ dentro huma ſoma de panelas de polvora, e os noſſos fizeraõ o meſmo, com que lhe abrazàraõ muitos Malavares. Mas quiz a deſaventura que na fuſta, de que era Capitaõ hum foaõ Leitaõ, cahio da maõ a hum ſoldado huma panela de polvora em cima de outras que quebràraõ logo, e tomando todas fogo, refinàraõ por eſſes ares a todos os que eſtavaõ na fuſta, e o baileo em claro com todas as armas que nelle eſtavaõ, e o navio ficou ardendo em chammas. O Capitaõ do outro, que ſe nos naõ lembra mal, era hum Antonio Tavares, vendo aſſim o navio, deulhe huma toa, e ſe foy recolhendo pera a caravella, que tinha jà levado a amarra, e dado o traquete pera lhe acodir, deſpedindo o batel com vinte ſoldados, que foraõ recolhendo pelo mar a mòr parte dos queimados.

Os Paraos naõ ſe quizeraõ embaraçar com couſa alguma, antes em ſe afaſtando arvoràraõ maſtos, e deraõ as velas à ſua vontade, ficando a noſſa caravella

reco-

recolhendo a fuſta, e os abrazados, de que morrèraõ muitos: que ella com todos os mais mandou pera Cananòr em companhia do outro navio. A caravella ſe fez à vela apoz os Paraos, e ao outro dia pela manhãa encontràmos a caravella de Alvaro Reynel, de quem ſe ſoube que tambem do ſeu rio ſahiraõ outros Paraos, apoz quem tambem dera à vela. E havendo ambos por tempo perdido andarem em ſua caça, ſe tornàraõ pera ſeus pouſos, e mandàraõ aviſar o Capitaõ mór do que paſſava. E aſſim os deixaremos hum pouco por continuarmos com as couſas de Damaõ.

CAPITULO IV.

De como os Capitaens Abexins corrèraõ atè Balſar, e lhes ſahio Alvaro Gonçalves Pinto, e lhes deu batalha, em que foy morto com a mòr parte dos ſeus. E de como o Capitaõ de Damaõ D. Diogo de Noronha mandou ſoccorrer os noſſos que ficàraõ de cerco na fortaleza.

DEpois que os Capitaens Abexins Cide Bofatà, e Cide Rana viraõ recolhido pera Goa o Viſorey Dom Conſtantino, tornàraõ a voltar ſobre as terras de Balſar com ſeiſcentos de cavallo, e muita peonagem, e andàraõ por ellas fazendo muito dano, e comendo aquellas aldeas. E tanto que o veraõ entrou, e que as aguas do inverno lhe deraõ lugar, determinàraõ de hir cometer a fortaleza de Balſar, e tomarem-na pera nella ſe fortificarem, e comerem todas aquellas Parganas. E aſſim ajuntando toda a gente que tinhaõ aſſim de pè, como de cavallo, a foraõ demandar, e Alvaro Gonçalves Pinto Capitaõ de Balſar foy logo aviſado de ſua vinda, e logo ſe fez preſtes pera os hir eſperar no campo, porque naõ quiz que o tomaſſem encurralado. E aſſim os eſperou fóra com cento e vinte Portuguezes, em que entravaõ quinze, ou vinte de cavallo, e quinhentos peoens da terra, deixando na fortaleza hum Capitaõ chamado Joaõ Gomes da Silva, homem de humilde geraçaõ, mas muito bom ſoldado, e com elle dez companheiros. E vindo-ſe os imigos chegando, os foy demandar pera lhe dar batalha, cuidando que eraõ menos, e chegou à viſta delles, que eſtavaõ em huma aldea chamada as Ferrarias, duas leguas da fortaleza, e os achou em campo, porque jà eſtavaõ aviſados da ſua hida. Alvaro Gonçalves Pinto vendo o grande poder que tinhaõ, poſto que era muito bom cavalleiro, duvidou cometellos, e quizera-ſe recolher, porque o pudera fazer ſem deſcredito de ſeu eſforço: mas os ſeus ſoldados começàraõ a alterarſe, e a ſe deſcompor, querendo arremeter, e dar batalha ſem ordem do ſeu Capitaõ, e ainda ſoltando-ſe em palavras. Vendo Alvaro Gonçalves Pinto aquelle quaſi motim, e deſattento, virando-ſe pera todos diſſelhes: ora jà que aſſim quereis, Santiago. E arremeçando o cavallo foy ferir em os imigos com tanta força, que daquelle encontro derribou o em que poz a lança, e logo outro. E os ſoldados daquella primeira carga da eſpingardaria lhe derribàraõ mais de cincoenta, ficando todos baralhados em batalha, que foy aſpera, e cruel, em que Alvaro Gonçalves Pinto, e todos os noſſos pelejàraõ muy valeroſamente. Mas como os imigos eraõ ſeiſcentos de cavallo, e o campo grande, rodeàraõ os noſſos por todas as partes, que logo ſe puzeraõ em desbarato, e às lançadas os foraõ matando, tendo o jà feito a Alvaro Gonçalves Pinto, que primeiro que o mataſſem vendeo a vida a troco de muitas, que tirou a muitos, pelejando em meyo de todos, como hum leaõ bravo ſem querer virar as coſtas. Dos noſſos que hiaõ em desbarato eſcapàraõ poucos, e ainda eſſes ſe eſpalhàraõ, e naõ foraõ demandar a fortaleza ſe naõ cinco, ou ſeis, ficando mortos ſetenta e dous, e cento e cincoenta peoens, e os mais como ſabiaõ à terra, eſcapàraõ pelas aldeas.

Vendo

Vendo os imigos a vitoria, que tinhaõ alcançado dos noſſos, foraõ com aquella furia cometer a fortaleza, cuidando que a levaſſem logo nas mãos; e cercàraõ-na à roda, cometendo-a por todas as partes com grande determinaçaõ. Mas Joaõ Gomes da Silva, que nella ficou com os companheiros que diſſemos, ſe poz à defenſaõ com ſuas eſpingardas, com que fizeraõ em os imigos muy grande deſtruiçaõ, porque como davaõ no cardume delles, que eſtavaõ ao redor dos muros, nenhum tiro ſe perdia, levando as eſpingardas de dous em dous pelouros, ceſſando nunca de tirar, nem o ſeu Capitaõ de os eſforçar, e animar, e por huma parte pelejar com a ſua eſpingarda, e por outra com muitas panelas de polvora, que ſe hiaõ desfazer ſobre os imigos, correndo elle o muro (que era pequeno) todo à roda pera ver os que pelejavaõ nas partes, que lhes tinha encomendadas, e em todas os imigos o viaõ de quando em quãdo bem em ſeu dano. Alguns peoens dos que eſcapàraõ da batalha, tomàraõ o caminho muy apreſſadamente pera Damaõ, aonde chegàraõ a horas de meyo dia, porque a batalha foy às oito de pela manhãa, e deraõ a D. Diogo de Noronha as novas do que paſſava, affirmandolhe „ que ſe a fortaleza naõ foſſe „ jà perdida, eſtaria em grande trabalho, „ e riſco. O Capitaõ D. Diogo de Noronha ſentio aquella perda em extremo, e logo ſe foy pôr na ribeira, e em eſpaço de huma hora negociou dez navios cheyos de muito luſtroſa ſoldadeſca, q̃ deſpedio em ſoccorro. E naõ achàmos a certeza de quem foy por Capitaõ mór. Sómente temos por informaçaõ q̃ hia naquella companhia Triſtaõ Vaz da Veiga pera ficar por Capitaõ naquella fortaleza atè elle a prover: ordenandolhe cem homens que havia de tomar da Armada.

Eſtes navios chegàraõ à boca da barra de Balſar ás quatro horas da tarde ſendo mea marè chea. E porque naõ ſabiaõ o que hia na fortaleza, deitou o Capitaõ mòr huma eſpia fóra, que logo tornou, e affirmou „ que a fortaleza eſ- „ tava por nòs: mas que os imigos eraõ „ muitos, e q̃ a tinhaõ de cerco. E logo apoz eſta eſpia chegou hum peaõ muito apreſſado com hum eſcrito de Joaõ Gomes da Silva, em que elle, e todos os companheiros vinhaõ aſſinados, em que lhe pedia „ os ſoccorreſſe logo, porque „ eſtavaõ em grande trabalho, e aperto: porque parece que tiveraõ aviſo da Armada. Com eſte eſcrito ajuntou o Capitaõ mòr os Capitaens dos navios a conſelho, e praticou com elles ſobre o modo que teriaõ em os ſoccorrer: ſobre o que houve differentes pareceres: porque huns differaõ „ que era neceſſa- „ rio ſoccorrellos logo: outros que pa- „ recia aquillo eſtratagema dos imigos, „ que teriaõ ganhada a fortaleza, e os „ Portuguezes em ſeu poder, e que lhe „ fariaõ eſcrever aquelle eſcrito pelos „ colher lá. Vendo elle que os mais dos Capitaens eraõ os que apontavaõ os incõvenientes, reſumio-ſe em ſoccorrer a fortaleza, e mandou-os pera os ſeus navios, e fez levar a amarra ao ſeu, e foy entrando o rio dizendo, que quem o quizeſſe ſeguir o fizeſſe, o que todos fizeraõ negociados, e poſtos em armas.

Sabendo os Abexins que a Armada hia entrando o rio, que era eſtreito, acodiraõ a lhe defender a paſſagem com algumas eſpingardas, e grandes nuvens de fréchas, de que lhe empenàraõ todos os navios, e alguns companheiros. Mas tambem elles foraõ muy bem hoſpedados com a artelharia dos navios, e com a arcabuzaria de feiçaõ, que depois de muito eſcalavrados ſe recolhèraõ, e ſe paſſáraõ da outra banda do rio. Os noſſos chegàraõ à fortaleza, e deſembarcàraõ nella poſtos em armas, e entrando dentro achàraõ aquelles poucos homens abrazados em fogo, tiſnados da polvora, e banhados em ſeu proprio ſangue, que todo aquelle dia naõ comera, õnem beberaõ, ſe naõ couſa muito pouca, e com as armas nas mãos, com que tinhaõ feito nos Mouros grande

eſtrago,

eſtrago. E com terem paſſado tanto, e taõ immenſo trabalho, e eſtarem todos empenados das ſettas dos imigos, os achàraõ os que hiaõ de ſoccorro taõ inteiros, taõ esforçados, e taõ animoſos, como ſe naõ tiveraõ feito nada.

O Capitaõ mòr levou nos braços a Joaõ Gomes da Silva, e lhe diſſe muitas palavras dignas de ſeu animo, e aſſim abraçou a todos os mais companheiros, e os ſoldados da Armada os levàraõ muitas vezes nos ares com o alvoroço de os verem daquella maneira. E nòs tambem o tiveramos bem grande de lhe ſaber os nomes, pera os feſtejarmos com os deixarmos nomeados neſta noſſa hiſtoria. Mas o tempo, e o deſcuido Portuguez os deixou em eſquecimento, tendo elles feito obras merecedoras de ſerem eternizadas. O Capitaõ mòr deteve-ſe na fortaleza dous, ou tres dias, mandando curar os feridos com grande reſguardo: e paſſados elles entregou a fortaleza a Triſtaõ Vaz da Veiga, e deulhe cem homens pera quem D. Diogo de Noronha mandou muitos provimentos: e naõ tendo alli que fazer voltou pera Damaõ. Os Abexins deixàraõ-ſe andar por aquellas terras, comendo ſuas aldeas, e inquietando os noſſos, que ſempre trouxeraõ ſobre elles grandes vigias.

CAPITULO V.

De como os Abexins tornàraõ ſobre Balſar, onde jà eſtava por Capitaõ Affonſo Dias Pereira. E de como elle lhe ſahio, e foy morto por deſaſtre. E D. Diogo de Noronha ſoccorreo aquella fortaleza: e a largou por lho mandar aſſim o Viſorey D. Conſtantino.

HAvendo perto de dous mezes que Triſtaõ Vaz da Veiga eſtava em Balſar, mandou pedir licença a D. Diogo de Noronha Capitaõ de Damaõ pera ſe hir, que lhe elle deu, e mandou em ſeu lugar Affonſo Dias Pereira hum cavalleiro honrado de ſua obrigaçaõ. Eſte havendo poucos dias que eſtava naquella fortaleza, tornàraõ os Capitaens Abexins a entrar por aquellas terras com tençaõ de acometerem outra vez a fortaleza, e naõ ſe alevantarem de ſobre ella ſem a tomarem. Affonſo Dias Pereira teve logo rebate de ſua entrada, e ſabendo que ſe vinhaõ chegando, mandou dous homens em cavallos ligeiros (e ſe fez preſtes pera os eſperar) pera deſcobrirem o campo, e notarem a gente que os imigos traziaõ: e hum deſtes ſe chamava Diogo Pereira (que depois cegou) e o outro era hum Africano a que naõ achàmos o nome. Eſtes homens ſe alongàraõ tanto da fortaleza, que chegàraõ os Abexins à viſta della, ſem elles os verem. Affonſo Dias Pereira tanto que vio os imigos, ſahio-ſe fóra da fortaleza, e os eſperou com trinta de cavallo, e ſeſſenta eſpingardas, deixando dentro nella Vicente Carvalho com alguns companheiros. E vendo os imigos taõ perto, como eſtava com as coſtas na fortaleza, com que lhe ficavaõ ſeguras, remeteo de tropel a elles appellidando Santiago, rompendo nos dianteiros com tanta furia, e força, que os fez virar, ficandolhes alguns no campo eſtirados. E como foraõ com aquelle impeto, ficàraõ os noſſos, e os Mouros todos baralhados em huma aſpera batalha. E poſto que da noſſa parte era o numero taõ inferior, todavia pelejàraõ com tanto valor, que fizeraõ muito os Abexins em ſe livrarem da ſuas mãos.

Andando aſſim todos miſturados neſta preſſa, chegàraõ os dous companheiros que foraõ eſpiar os imigos, e vendo a aſpereza da batalha, e a revolta de todos, como naõ podiaõ paſſar pera a fortaleza, ſe naõ por meyo dos imigos, determinàraõ-ſe ambos com as lanças nos riſtes, e puzeraõ as pernas aos cavallos com tamanha furia, que foraõ rompendo pelo meyo dos Mouros derribando alguns, e foy ſua ventura tal, que paſſàraõ por todos, atè chegarem onde os noſſos andavaõ aceſos em batalha,

lha, mas com seis, ou sete feridas muito grandes cada hum, de que naõ perigàraõ, e hum delles, sendo jà destoutra parte, perdeo o cavallo, porque por hum desastre cahio delle, mas salvou-se na fortaleza onde se recolheo pera o curarem.

Affonso Dias Pereira Capitaõ que andava na força da batalha pelejando como hum touro bravo, quiz a desaventura que se lhe empinasse o cavallo com o estrondo da arcabuzaria de feiçaõ, que deu com elle no chaõ. O que visto pelos Mouros carregàraõ sobre elle, e o lanceàraõ sem lhe poderem valer, e vendo-o morto foraõ-se recolhendo pera a fortaleza, e os Abexins apoz elles. E taõ perto, que ao entrar da porta foraõ todos misturados, e foy tanta a pressa, que alguns dos nossos naõ puderaõ tomar a fortaleza, e varàraõ adiante, e a espora fita foraõ caminhando pera Damaõ, onde chegàraõ em menos de tres horas, e deraõ rebate a D. Diogo de Noronha do que era acontecido, que com muita pressa mandou negociar dez navios, que logo despedio em seu soccorro com muita gente. Os nossos que se recolhèraõ à fortaleza foy com tanta pressa, que deixàraõ no pateo os cavallos, e sobiraõ acima deixando as portas abertas pelas naõ poderem fechar: porque os imigos (como hia-mos dizendo) entràraõ misturados com elles. Vicente Carvalho, que ficou na fortaleza, acodio com os companheiros às escadas, hũs, e outros à cerca pera defenderem a sobida aos muros, e a entrada da porta, o que jà naõ pode ser, porq̃ ficàraõ senhores dos baixos, e de todos os cavallos que logo foraõ tomados.

Os Abexins trabalhàraõ tudo que puderaõ por sobirem as escadas, que lhe foraõ defendidas dos nossos com muito valor, e esforço, e com grande perda, e dano dos imigos: que desenganados de entrarem à força de armas, ajuntàraõ muita palha, e lenha, e metèraõ tudo debaixo de huma guarita pera lhe darem fogo, e queimarem os nossos, que estavaõ em cima pelejando pera fóra com os imigos sem saberem o perigo que se lhe ordenava. Mas quiz Deos que lançasse hum soldado o corpo por huma janella que hia cahir sobre o pateo, e vio andarem os Mouros muy solicitos em ajuntar aquelles materiaes pera o fogo, e tomando huma panella de polvora a lançou antre elles, e quiz sua boa fortuna que se quebrasse em o meyo dos Mouros, e dandolhe as labaredas os abrazou defeiçaõ, que deixàraõ o que faziaõ, e foraõ fogindo pela porta fóra.

Os nossos que pelejavaõ de cima naquella revolta fizeraõ em os Mouros huma cruel carniçaria, assim com a artelharia, como com a arcabuzaria. Se naõ quanto se affirma que Calisto de Siqueira o Mulato, meyo irmaõ de Francisco de Siqueira, Escrivaõ da cosinha q̃ foy de ElRey D. Joaõ, derribàra à sua parte com sua espingarda mais de vinte: porq̃ era o mòr espingardeiro que havia na India. Os Mouros ficàraõ todo aquelle dia deredor da fortaleza por cansarem aos nossos, e assim os combatiaõ debaixo com taõ grande numero de frechas, que as portas, janellas, ameas, e ainda as paredes estava tudo empenado, apertando tanto com os nossos, que lhe naõ deraõ vagar pera tomarem mais refeiçaõ, que alguma agua pera matarem a secura do grande trabalho, que todo o dia passáraõ.

Estando jà sobre a tarde em hum grãde extremo, e muitas desconfianças, por jà naõ poderem comsigo, ouviraõ muitas bombardadas pelo rio acima, que era a Armada, que D. Diogo de Noronha tinha mandado, que tanto que foy sentida dos imigos, largàraõ tudo, e passáraõ-se da outra banda do rio. O Capitaõ mòr, que era Luiz Alvares de Tavora, filho de Bernaldim de Tavora, poz a proa junto da fortaleza, e desembarcou em terra com todos os seus postos em armas, e foy demandar a fortaleza: e vendo de fóra aquelle espectaculo da encravadura dos muros, e portas,

da

da multidaõ das frechas, e os noſſos das ameas appellidando vitoria, vitoria foy ſua alegria tamanha, ou (pera melhor dizer) ſua inveja tal, que qualquer delles trocàra por ſe acharem alli todos os theſouros do mundo, ſe os tivera em ſeu poder. E ſobindo acima achàraõ aquelles poucos homens taõ encarvoiçados da polvora, e taes do canſaço do dia, que pareciaõ alarves, e homens do mato. E levando os todos nos braços, roſſaraõ-ſe por elles, pera que ſe lhe pegaſſe alguma couſa das muitas q̃ nelles invejàraõ. O Capitaõ mór os fez deſarmar, e curar alguns feridos, e lhes mandou dar de comer do que levava. Alli ficàraõ eſtes navios aquella noite, lançando o Capitaõ mór eſpias ſobre os imigos, que jà eraõ recolhidos pera longe: e ao outro dia recolheo o Capitaõ mór toda a gente, artelharia, munições, e mais couſas da fortaleza, e deixando-a deſpejada de tudo pelo mandar aſſim o Viſorey a D. Diogo de Noronha, que pera iſſo deu regimento ao Capitaõ mòr. E aquelle meſmo dia chegàraõ a Damaõ, e levàraõ a cabeça de Affonſo Dias Pereira a quem deraõ muito honrada ſepultura. Os Abexins foraõ logo aviſados do deſpejo da fortaleza, e voltando a achàraõ ſó: e naõ ſe querendo pejar co ella, a derribàraõ por terra deixando-ſe andar no campo comendo as aldeas, e ſalteando as terras de Damaõ.

CAPITULO VI.

De como os Abexins corrèraõ as Tanadarias de Damaõ, S. Gens, e Tarapor, e do que lhe nellas ſuccedeo.

PAſſadas eſtas couſas entràraõ os Capitães Abexins pelas terras de Damaõ, e foraõ fazendo por ſuas aldeas todos os danos que puderaõ, e paſſáraõ até a fortaleza de S. Gens, e lhe deraõ huma fermoſa viſta, e aſſ lto, de que ſahiraõ tambem eſcalavrados: porque os de dentro os foſtigàraõ bem com ſua artelharia, com que os fizeraõ afaſtar. E foraõ de paſſagem deſtruindo ſuas aldeas, e roubando tudo o que achàraõ. Daqui ſe paſſáraõ às terras de Danù, em que tambem fizeraõ aſſaz de dano. Vadeando o rio a outra banda, dormiraõ aquella noite em algumas aldeas, e no quarto dalva ſe alevantàraõ com tençaõ de hirem dar de ſupito na tranqueira de Tarapor, e ver ſe a podiaõ levar nas mãos.

Eſtava eſta tranqueira ſobre hum rio, que de baxa mar ſe paſſa a partes a pè enxuto, e era feita de palmeiras bravas, metidas muito na terra, e muito juntas, forradas por dentro com ſeus eſteiroens de bambuz groſſos, com alguns andaimes, e guaritas; e tinha D. Diogo poſto nella por Capitaõ Martim Lopes de Faria, cavalleiro muy honrado, de ſua obrigaçaõ, com quarenta ſoldados pera guarda daquella Pargana, que he das melhores, e mais proſperas de todas as daquella jurdiçaõ. E eſtando os noſſos bem deſcuidados de tal ſobreſalto, dormindo bem deſcançadamente, ſem ſe temerem de couſa alguma, a meyo quarto dalva chegàraõ os Abexins à tranqueita, e logo arrimáraõ a ella algumas eſcadas, por onde começáraõ a ſubir. Mas quiz noſſo Senhor que ao meſmo tempo ſe alevantaſſe hum ſoldado a alguma neceſſidade, e ſentindo o rebolliço, brádou alto Mouros, Mouros. A eſta voz acodio o Capitaõ Martim Lopes de Faria, e brádando por armas, as tomáraõ logo todos os ſeus ſoldados, e acodiraõ às guaritas, e andaimes a tempo que jà os Abexins os hiaõ cavalgando; e dando nelles, lançàraõ abaixo alguns mortos, e outros mal tratados. E como os imigos eſtavaõ apinhoados ao pè da tranqueira, e pegados às palmeiras naõ faziaõ mais os noſſos ſoldados, que meter as lanças por antre os pàos, e enſopar nelles a ſua vontade, e outros que de cima naõ faziaõ mais que botarlhes muitas panellas de polvora, com que fizeraõ nelles tal lavor, que parecia que ardia em baixo algum forno de cal.

E conta-ſe de hum ſoldado Reinol daquelle anno, que metendo a ſua lança por antre os pàos pera tambem matar o ſeu, lhe pegàra della hum Abexim, e trabalhàra por lha arrancar da maõ, e o ſoldado ſem a ſoltar gritàra alto dizendo „ caõ perro largame a mi„ nha lança: em fim elle defendeo a ſua lança, e offendeo alguns, que matou com ella. A briga durou atè que amanheceo, em que os Abexins ſe afaſtàraõ taõ eſcalavrados, que naõ paràraõ dalli a duas leguas, o que naõ foy tanto a ſeu ſalvo, que lhe naõ mataſſem o ſeu Capitaõ Martim Lopes de Faria de huma eſpingardada, e que naõ ficaſſem muitos feridos. Os ſoldados das tranqueiras elegèraõ logo por ſeu Capitaõ a Antonio de Sampayo, homem muito honrado, e muito bom cavalleiro, que naquelle dia lançou ſuas eſpias ſobre os imigos, que ſe recolhèraõ pera hum tanque grãde onde enterràraõ muitos mortos, que levàraõ comſigo, e ſe curàraõ muitos, que hiaõ feridos.

E porque ſe receou que tornaſſem a cometer as tranqueiras, as guarneceo muy bem, e com muita preſſa, e toda a noite ſeguinte eſteve com grande vigia, e com as armas nas mãos. Ao outro dia na marè da tarde entrou por aquelle rio hum navio ligeiro, de que era Capitaõ Diogo Nunes Pedroſo, que trazia trinta bons ſoldados, e muitas muniçoens, que Dom Diogo de Noronha mandava de ſoccorro (porque logo teve aviſo do aſſalto que os Abexins deraõ naquella tranqueira) Com eſte ſocorro de que os imigos tiveraõ logo aviſo ſe alevantàraõ, e ſe metèraõ pela terra dentro a roubar, e deſtruir as aldeas por onde paſſavaõ; e o navio ſe tornou logo pera Damaõ, e levou comſigo Martim Lopes de Faria que ainda eſtava vivo, mas chegando a Damaõ logo morreo em caſa do Capitaõ, que o amava muito, e o ſentio em extremo.

CAPITULO VII.

De como D. Diogo de Noronha foy buſcar os Abexins, e lhes deu batalha em que os desbaratou.

DEpois que os Abexins andàraõ por aquellas terras deſtruindo, e roubando o que achàraõ, paſſaraõ-ſe às de Damaõ, onde ſe veyo ajuntar com elles Carnabec Turco, homem ſoberbo, e arrogante, de que jà outra vez falàmos, e todos aſſentàraõ de hir cercar a Cidade de Damaõ, pera onde logo partiraõ, fazendo ſuas preparaçoens; e ſe foraõ pôr da outra banda na aldea de Couleca, donde ajuntàraõ todas as mais gentes que puderaõ. D. Diogo de Noronha, que trazia antre elles ſuas vigias, foy logo aviſado de ſua determinaçaõ. E como era ſagaz, e prevenido, tratou de os embaraçar, porque lhe naõ chegaſſem a pôr cerco, porque eſtava a Cidade aberta, e lhe poderiaõ dar trabalho. E aſſim o dia que lhe deraõ recado que eraõ chegados a Couleca, ſe fez logo preſtes com toda a gente, aſſim de pè, como de cavallo, deitando fama que queria hir buſcar os imigos, ſem deſcubrir a peſſoa viva ſua determinaçaõ, porque ſabia que dentro na Cidade andavaõ eſpias ſuas, que logo os haviaõ de aviſar, e todo aquelle dia gaſtou em preparaçoens pera hir buſcar os Abexins, e em mandar ter preſtes embarcaçoens pera paſſar a gente à outra banda. E no quarto da prima rendido ſe partio da Cidade com ſuas bandeiras deſenroladas, com grandes eſtrondos, e carrancas, dando a entender que queria paſſar em buſca dos imigos, do que logo os Abexins foraõ aviſados pelas eſpias que traziaõ antre os noſſos, que lhes certificàraõ que o Capitaõ começava a paſſar em buſca delles, o que os meteo em grande revolta, e confuzaõ, pondo-ſe logo em armas, e fortificando-ſe o melhor q̃ puderaõ, ficando toda a noite deſvelados ſem dormirem, nem repouſarem.

D. Dio-

D. Diogo de Noronha eſteve em campo atè o quarto da modorra, e ſem dizer a alguem o que determinava, tornou a voltar pera à Cidade, e repouſou o que reſtava da noite atè pela manhãa. E ao outro dia à tarde, ſe tornou a pôr em campo da meſma maneira, pondo em parecer dos Capitaens „ſe ſeria melhor „paſſar o rio á outra parte em embarca„çoens, ou hirem buſcar a vào? E aſſentou-ſe „que melhor era paſſaſſem „todos juntos pelo vào por ſer menos „trabalho. E aſſim como foy noite começou a marchar pera onde haviaõ de paſſar, do que tambem os Mouros tiveraõ rebate, e ſe tornàraõ a meter em revolta, não deixando de haver antre os ſeus muito grandes receyos. Mas como D. Diogo de Noronha não tinha por então penſamento de paſſar, tanto que o quarto da modorra entrou, tornou a voltar pera a fortaleza, e o meſmo fez outras duas, ou tres noites, com o que os noſſos andavaõ tão embaraçados ſem entenderem aquellas arremetidas do Capitaõ, que não ſe ſabião determinar. E o meſmo fizeraõ os imigos, que andavão quebrantados de tantas noites não deſpirem as armas, e tambem não ſe ſabião dar a conſelho, porque bem entendião, que não deixava Dom Diogo de Noronha de paſſar por receyo que tiveſſe delles, mas não ſabião o fim pera que fizera aquellas ſahidas tantas vezes. E como Dom Diogo de Noronha não teve outro intento naquellas hidas, e vindas mais que não lhe dar bico pera elles o virem cercar, e com iſſo os quebrantar com aquelles rebates; como foy aviſado que jà o eſtavão de feição, que não podião comſigo, fez então a paſſagem de verdade, e ſe poz da outra banda ſobre a tarde: onde fez alardo da gente que levava, e achou trezentos e cincoenta ſoldados de pè, e delles a mòr parte de eſpingardas, e cento e cincoenta de cavallo bem armados, em que entravaõ muitos, e muy honrados Fidalgos, e cavalleiros; e dos que pudemos ſaber os nomes ſaõ os ſeguintes. Andrè de Souſa de Arronches, D. Franciſco Henriques, Jeronymo da Veiga, D. Triſtaõ de Menezes, Ayres de Saldanha, que levava dous cavallos, e eſte inverno deu meſas à ſua cuſta a ſeſſenta, ou ſetenta ſoldados. Luiz Alvares de Tavora, Joaõ Lopes Leitão, D. Alvaro de Taide, Jorge Pereira Coutinho, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros.

Feito alardo, fez D. Diogo de Noronha da gente de pé tres bandeiras de cento e dezaſete cada huma: de que deu as Capitanìas a Andrè de Souſa de Arronches, a D. Franciſco Henriques, e a Jeronymo da Veiga; ficando elle com toda a gente de cavallo. E tanto que anoiteceo ſe paſſou da outra banda pelo paſſo de cima, e em muito boa ordem começou a marchar pera a aldea Vaipim, onde tinha aviſo eſtarem os Abexins. E deſpedio diãte Coge Abrahaõ Judeu, e Manoel Dias Picoto em cavallos ligeiros pera hirem deſcobrir o campo, hindo D. Diogo de Noronha ſempre muito ordenado, porque eſperava de encontrar logo os imigos.

Chegando a Couleca, que he huma legua de Damaõ, lhe ſahio ao caminho hum Patel (que he como Juiz, e cabeça das aldeas) e deu a D. Diogo de Noronha huma carta em Parſeo, que os Abexins lhe deixàraõ pera elle: porque tanto que D. Diogo de Noronha ſe paſſou da outra banda, eſtavaõ todos naquella aldea, e tendo rebate que os hia buſcar, ſe ſahiraõ della, e ſe foraõ pera a de Vaipim, deixando aquella carta na maõ daquelle Patel, pera que lha dèſſe tanto que alli chegaſſe. D. Diogo de Noronha a abrio, e achou eſcrita em Parſeo, e a deu a Coge Abrahaõ pera que lha leſſe, e nella diziaõ os Capitaens Abexins „que bem ſabiaõ que os hia buſ„car, que o naõ eſperavaõ naquella al„dea, porque o campo della naõ era „bom pera batalha, que adiante em ou„tra os acharia. D. Diogo de Noronha bem entendeo que aquillo eraõ roncas do Carnabec, que era Turco, e ſoberbo, e diſſe pera os que hiaõ pegados com

elle „ vamos adiante, e enſaquemos eſta „ ſoberba, porque nem onde dizem os „ havemos de achar.

E paſſando na meſma ordem, em que hiaõ, chegàraõ á outra aldea chamada Piraõ, onde deraõ a D. Diogo de Noronha outra carta do meſmo theor; em que lhe affirmavaõ „ que adiante no „ campo da aldea Vaipim os acharia. Do que ſe D. Diogo de Noronha rio, e diſſe „ nem alli ſerà, por iſſo deſcancemos „ hum pouco; e aſſim o fizeraõ por hirem canſados. E no quarto dalva tornàraõ a marchar atè chegarem aos campos de Vaipim, e em rompendo a luz da manhãa, que os deſcobridores do campo, que hiaõ diante, voltàraõ á D. Diogo de Noronha, e lhe diſſeraõ que alli os tinhaõ. E virando-ſe D. Diogo pera os ſeus lhes diſſe: „ Ah Senhores, aqui „ os temos; por iſſo vinguemo-nos do „ trabalho que nos deraõ de os vir buſ„ car taõ longe. E pondo logo a ſua gente em ordem de batalha, deu a dianteira a Andrè de Souſa, e fez de toda a dè hum eſquadraõ muito fermoſo; e nas fileiras antre pique, e pique huma eſpingarda. E a gente de cavallo repartio em duas partes pelas ilhargas do eſquadraõ de pè. Huma dellas tomou pera ſi, e a outra deu a Duarte Paim de Mello, e a Manoel Dias Picoto. Neſta ordem chegou D. Diogo de Noronha ao campo, onde os imigos o eſtavaõ eſperando no cabo delle, e parou pera notar a ordem em que eſtavaõ, que o numero bem ſabia que eraõ ſeiſcentos de cavallo, e dous mil de pè. E vio que eſtavaõ com as coſtas em hum fermoſo tanque de agua, e por cima delle ſe alevantava o Sol taõ fermoſo, que alegrou a todos. D. Diogo de Noronha, depois que vio, e notou bem tudo, ajuntou os ſeus a ſi, e pondo ſe no meyo delles, lhes fez eſta breve fala.

„ A qui temos valeroſos companhei„ ros, Senhores, Fidalgos, Capitaens, „ e Cavalleiros, os imigos, que com tan„ to alvoroço buſcavamos, ponde os „ olhos nelles, e em voſſo valor, e eſ„ forço, e vereis quaõ poucos ſaõ pera „ o que o coraçaõ de cada hum deſeja„ va. Tudo hoje vos favorece, e pro„ mette huma grande vitoria. Ponde-os „ primeiro que tudo em Deos noſſo Se„ nhor, por cuja fé, e ley ſomos obriga„ dos á morrer: que parece que na ter„ moſura daquelle Sol, que là ſe vay ale„ vantando, nos dà hum ſeguro final de „ terdes certa a vitoria: porque parece „ que vejo naquella diverſidade de ra„ yos, que já vem ſentilando ſettas con„ tra voſſos imigos. Por iſſo, coraçaõ „ em Deos, confiança em voſſos vale„ roſos braços, olho nas obrigaçoens „ de Chriſtaõ, e amor no ſerviço de „ voſſo Rey, e demos nelles com o fa„ vor do Bemavẽturado Apoſtolo San„ tiago, que a vitoria eſtà certa.

Acabada a fala começou a marchar, levando diante hum Religioſo da Ordem de S. Domingos hum devoto Crucifixo arvorado no ar, e foraõ cingindo o campo com tençaõ de hir tomar o Sol aos imigos, ou ao menos à naõ lhes ficar tanto pelos olhos: mandando aos ſeus que ſe naõ deſordenaſſem, nem deſmandaſſem. Mas como o furor dos noſſos era grande, e já deſejavaõ de ſe ver às mãos com os imigos, adiantàraõ-ſe quatro, ou cinco Fidalgos, a que naõ ſoubemos os nomes, mais que Ayres de Saldanha, que ſendo viſtos por D. Diogo de Noronha, mandou dous criados ſeus de cavallo, que foſſem a elles, e como os vio juntos, remeteo a elles, com a lança ſobraçada pera lhes dar, dizendolhes palavras agaſtadas, com que os fez logo recolher, mas ſem os eſcandalizar.

Os Abexins vendo a determinaçaõ de D. Diogo de Noronha, arrenbentàraõ donde eſtavaõ, e com grandes gritos, e alaridos foraõ cometer os noſſos, deſparando primeiro nelles huma ſoma de bombas de fogo muy furioſas, que milagroſamente ſe foraõ desfazer no meyo dos noſſos ſem lhes fazer dano algum. E huma que tomou Joaõ Lopes Leitaõ pelo arçaõ dianteiro, dando nelle a pancada,

cada, reſvelou pera a outra parte ſem o offender. D. Diogo de Noronha que vio aquillo, cuidando que Joaõ Lopes Leitaõ ficava ferido, remeteo a elle, e lhe preguntou o que era, ao que elle muito riſonho reſpondeo, Senhor naõ he nada. Diſſe entaõ D. Diogo de Noronha, pois Santiago. E pondo as pernas ao cavallo remeteo aos imigos, e daquelle primeiro encontro, e carga derribàraõ os noſſos mais de ſeſſenta, ficando todos baralhados em huma aſpera batalha, em que D. Diogo de Noronha fez o officio de bom Capitaõ, rodeando os ſeus, e animando-os com palavras de muita honra; e quando lhe era neceſſario, fazia tambem o de bom cavalleiro, e onde punha a lança, levava tudo a terra: trabalhando muito por ſe encontrar com alguns dos Capitaens, do que ſe elles deſviavaõ, e tambem faziaõ ſeu dever muito arrezoadamente.

E andando a couſa aſſim baralhada, parece que hum Abexim conheceo o Capitaõ que andava com a lança toda enſanguentada, e o vio derribar alguns com ella: enriſtando a ſua rompeo nelle o encontro por detraz; mas como as armas eraõ fortes, reſvelou o encontro, e foy parar junto de hum Diogo Nunes Pedroſo, da obrigaçaõ do meſmo D. Diogo de Noronha, e taõ perto, que teve o Diogo Nunes tempo pera ferrar delle, e liando-ſe ambos cahiraõ dos cavallos no chaõ, onde ficàraõ perneando. D. Alvaro de Taide, e Dom Triſtaõ de Menezes, e outros que ſe achàraõ perto, acodiraõ a ſalvar o Diogo Nunes, porque chegavaõ jà outros Mouros a favorecer o com que elle andava a braços; e foy aqui tal a referta, que acodiraõ de parte a parte muitos: mas por fim Diogo Nunes foy ſalvo, e o Mouro morto com alguns companheiros, o que não foy tambem ſem cuſto de algumas feridas, que os noſſos receberaõ, principalmente D. Triſtão de Menezes, que levou huma cutilada por huma mão, de que ficou ſempre aleijado.

A noſſa eſpingardaria (que era muita) fez tal eſtrago nos imigos, que houverão por ſeu partido largarem o campo, e hirem-ſe recolhendo pera as aldeas, ao que lhe D. Diogo de Noronha não deu lugar: porque em os entendendo apertou com elles de feição, que os fez deſordenar, e pôr em fogida, deixando o arrayal com a mòr parte das mulheres, e todo o recheyo (que era huma couſa muito groſſa) porque lhe ficou toda a roupa, muitos cavallos, armas, provimentos, muniçoens, e mantimentos; muita moeda de cobre, e alguma de prata, de que os noſſos ſoldados de pè ſe apoderàràõ, e levàràõ á vontade: porq̃ os de cavallo forão ſeguindo o alcance aos Mouros, em quem fizerão grande eſtrago; atè chegarem a huma ribeira, que logo paſſárão, e ainda naquella preſſa ſe perdèraõ bem delles. E havendo-ſe D. Diogo de Noronha por contente da vitoria, ſe tornàraõ pera o tanque, onde os Abexins tinhão ſeu exercito, e nelle ſe apoſentàrão, e deſcançàraõ do trabalho paſſado. Não achàmos que da noſſa parte houveſſe mortos, mas ſe os houve forão tão poucos, q̃ nem lembràrão, por ſerem ſem nome (porque he tal noſſa miſeria, que eſtes por muitas façanhas, e cavallarias q̃ façaõ, com a morte ſe lhes acaba tudo; e aſſim ſe paſſa por ſuas couſas, como ſe o eſforço não tivera merecimento mais q̃ nos illuſtres)

Feridos houve antre os noſſos muitos, e alguns a que matàraõ os cavallos. A Dom Diogo de Noronha matárão dous, que lhes lanceàraõ debaixo das pernas: de que tambem elle pelas armas ſahio bem aſſinalado. A Jorge Pereira Coutinho, a Gonçalo Rodrigues de Araujo, a Adriaõ Fernandes, a Joaõ Ferraõ, a Diogo Pereira, a Duarte Pinto, a Chriſtovaõ da Coſta, a Diogo Maſaõ, e a Coge Abrahaõ Judeu matàraõ dous cavallos, que o Viſorey Dom Conſtantino depois lhe mandou pagar, ſegundo vimos pela conta de Simaõ Vaz Tello, que ſuccedeo na Feitoria de Damaõ a Diogo da Silva.

Aquelle dia, e o outro se deteve D. Diogo de Noronha naquelle lugar, em mandar recolher os despojos, e em se espiarem os imigos, que se deixàraõ ficar da outra parte do rio. E naõ havendo alli mais que fazer, alevantou o campo, e foy marchando pera Damaõ na mesma ordem que levàra: deixando Duarte Paim de Mello, e Manoel Dias Picoto, e com o seu esquadraõ de gente de cavallo na retaguarda. Os Abexins sendo avisados, que os nossos hiaõ jà caminhando tornàraõ a passar a ribeira, e vieraõ ladrando apoz elles, pera ver se lhes podiaõ tomar a bagagem em que as suas mulheres vinhaõ, que cativàraõ. D. Diogo de Noronha, receando-se de algum desarranjo, mandou dizer aos da retaguarda „ que naõ bullis- „ sem comsigo, nem se desordenassem, „ por muito que os imigos os perseguis- „ sem, porque quando fosse tempo elle „ voltaria a elles. O Carnabec que aqui governava este dia tudo, vendo o sofrimento, e confiança de Dom Diogo de Noronha, bem entendeo que hia esperando conjunçaõ pera pegar com elle; e naõ ousando ao esperar, desparou de longe algumas bombas de fógo, e se foy recolhendo pera os matos. D. Diogo de Noronha fazendo pouco caso disto se deixou hir, lançandolhes espias, e ao outro dia chegou a Damaõ, onde foy recebido com procissaõ, e muitas festas.

CAPITULO VIII.

De como o Visorey D. Constantino mandou Christovaõ Pereira Homem a lançar em Maçuà o irmaõ Fulgencio Freire da Companhia de Jesu, com recado ao Bispo. E de como encontrou quatro galez de Turcos, e o tomàraõ.

TEndo o Visorey D. Constantino pelas cartas do Bispo, que estava na Ethiopia, novas das poucas esperanças que havia daquelle Emperador dar a obediencia à Igreja Romana, assentou em conselho géral de todos „ que „ se naõ mandasse o Patriarca, pois se „ esperava taõ pouco fruto de sua hida; „ e das muitas despezas que nella se ha- „ viaõ de fazer. Mas que todavia se „ mandasse huma pessoa com certas cou- „ sas que o Bispo, e Padres mandavaõ „ pedir pera o culto Divino, como era „ vinho pera as Missas, pedras de Ara, „ Calices, Missaes, e outras muitas cou- „ sas semelhantes a estas. Pera isto elegeraõ os Padres da Companhia ao irmaõ Fulgencio Freire, que jà là tinha andado, por ser pessoa de muita virtude, e confiança, e o Visorey mandou armar tres navios pera esta jornada, de que deu a Capitanìa a Christovaõ Pereira Homem, Fidalgo honrado, e muy bom cavalleiro.

Em quanto estes navios se faziaõ prestes, despachou o Visorey as nàos do Reino pera hirem tomar a carga a Còchim, e todas chegàraõ a salvamento a Lisboa. No mesmo tempo despachou tambem a Pantaleaõ de Sà pera hir entrar nas Capitanìas de Çofala, e Moçambique, por acabar seu tempo Bastiaõ de Sà seu irmaõ que là estava; porque ambos foraõ despachados hum apoz o outro. Despachadas estas cousas, o fez o Visorey tambem a Christovaõ Pereira Homem jà na entrada de Fevereiro deste anno de sessenta, com os tres navios que dissemos, de que afóra elle eraõ Capitaens Roque Pinheiro, e Luiz Castanho, e com os Levantes foraõ sua derrota atè haverem vista da costa de Arabia, e della atravessáraõ à Sacotorà, onde se proveraõ de algumas cousas, e alimpàraõ os navios. Dalli foraõ demandar a boca do Estreito da banda do Abexim, por onde entràraõ, e chegàraõ à vista de Maçuá. E pera tomarem fala do que hia na terra, andàraõ bordeando, esperando por recado, porque se receavaõ que houvesse Turcos. O Baxá que estava em Maçuà, vendo os navios, despedio huma embarcaçaõ pequena com hum Mouro, por quem mandou dizer ao Capitaõ mòr „ que

„ que elle era amigo dos Portuguezes, „ que se queria agua, ou mantimentos, „ que tudo lhe mandaria dar, e de mui„ to boa vontade, e assim tudo o mais „ de que tivesse necessidade. Christovaõ Pereira lhe respondeo com outros offerecimentos naõ lhe aceitando os seus; e cometeo ao Mouro que lhe trouxe o recado, se lhe queria levar huma carta sua em segredo pera no porto de Arquicò a dar a algum Portuguez, ou Christaõ (que forçado havia de haver alli algum) e por isso lhe deu não sey quantos cruzados, e escrevèraõ ao Bispo, elle, e o irmaõ Fulgencio Freire, novas de tudo o que era passado, e ao que vinha com aquelles navios. Estas cartas levou o Mouro com muito segredo na touca, e depois de dar o recado ao Baxà, se passou a Arquicò, e deu a carta a alguns moços de Portuguezes que alli estavaõ esperando por novas da India.

Christovaõ Pereira Homem, vendo o porto occupado dos Turcos, determinou de se passar á Ilha de Camaraõ a fazer aguada, e tomar fala de galez, sem querer lançar em terra o irmaõ Fulgencio Freire (que lhe requereo dizendo „ que pela necessidade que havia na „ Ethiopia das cousas que levava, se „ queria arriscar a tudo) porque naõ le„ vava ordem do Visorey pera isso: an„ tes o seu regimento lhe dizia, que naõ „ entregasse o irmaõ, se não a gente do „ Barnagais. E apartando-se de terra pera atravessar o Camaraõ, deulhe hum tempo muito grosso, com que corrèraõ todo aquelle dia, e a noite seguinte. E ao outro se achàraõ antre humas Ilhas que chamaõ Malfadadas, onde surgiraõ jà com o tempo brando. Estando aqui, houveraõ vista de huma embarcaçaõ que lhe pareceo ter gavea, e assim o affirmàraõ os Gajeiros, com o que todos se alvoroçàraõ, cuidando seria alguma do Achèm, por haverem que tinhão nella as prezas certas; e tomando o remo a forão demandar postos em armas, e hindo-se chegando virão mais outros tres mastos muito longe, sem poderem fazer differença do que seria. Estas velas erão as quatro galez do Cafar, com que tinha sahido de Mocà, pera hir esperar as nàos de Ormuz, que por ter jà aviso daquelles navios, estava alli lançado em cilada: e por naõ ser conhecida a sua galè, lhe tinha alevantadas grandes arrombadas de esteiras, e sobre o masto feito huma gavea, pera parecer nào, e as outras tres galez tinha mandado afastar de si. E como andava em grande vigia, vio vir as fustas, e a tiro de camello deu com as arrombadas ao mar; e tomando o remo em punho arrancou como hum trovaõ a demandallas. Os nossos tanto que viraõ a galè, e conhecèraõ as outras tres, que tambem o eraõ, viràraõ em outro bordo, e largando as velas foraõ correndo pera a banda do Abexim, por lhe ser pera là o vento prospero. Cafar tambem meteo o bastardo, e o mesmo fizeraõ as mais galez, e os foraõ seguindo muito apertadamente, hindo a galè Capitaina atropellando a fusta do Pinheiro, que lhe ficou só a huma parte de feiçaõ, que a houveraõ os nossos por perdida, de que Christovaõ Pereira hia muito màgoado. Vicente Carvalho que era Capitaõ do seu navio, homem pratico, experto nas cousas do mar, lhe disse „ que era de parecer, que elle com „ outro navio fizessem volta àquella „ galè (porque as mais vinhaõ longe) „ e que a embaraçassem, porque sabiaõ „ a muita ventagem, que lhe tinhaõ na „ vela, e que com isso teria o Pinheiro „ tempo de se fazer em outra volta, e „ lhe poder escapar. Parecendo bem aquelle conselho a Christovaõ Pereira, o disse ao outro Capitaõ do navio, e tomando as armas viràraõ sobre a galè assim à vela, e o Vicente Carvalho por chegar a ella foy metendo tanto de ló que fez do penaõ goes: o que visto pelo Cafar deixou o navio que seguia, e voltou a elles, com o que o Pinheiro teve tempo de se fazer noutra volta, e de lhe escapar. Os outros dous navios chegàraõ à galè a tiro de falcaõ, e desparou nella

CAMARA DOS DEPUTADOS BIBLIOTHECA

nella algumas falcoadas, e tornàraõ a voltar como ginetes, e ſe foraõ affaſtando della à ſua vontade, e o Cafar os ſeguio atè anoitecer, que lhe furtàraõ o rumo, e foraõ ſeu caminho atè deſembocarem as portas do Eſtreito pela banda do Abexim, e como ſe viraõ fóra, havendo-ſe por ſeguros, deraõ folga aos marinheiros, e deixàraõ-ſe ficar deſcançando o que reſtava da noite. E em amanhecendo houveraõ viſta de hũa vela que logo conhecèraõ ſer a fuſta do Pinheiro, do que huns, e outros ſe alegràraõ muito, e aſſim muy contentes foraõ demandar a coſta de Arabia, cuidando que hiaõ muito ſeguros.

Mas como não ha fugir à maõ de Deos, quando cuidavaõ que hiaõ mais fóra do perigo, e cõtentes, entaõ ſe lhes mudou tudo em dobrada dor, e triſteza: porque viraõ a galè do Cafar apparecer-lhe por proa: porque como era Coſſairo, entendeo que os noſſos haviaõ de ſahir o Eſtreito fóra, e ſem tomar deſcanço de noite, o deſembocou tambem pela banda de Arabia, e fóra delle ſe deixou andar às voltas, e tanto que foy de dia, havendo viſta dos noſſos navios, logo os foy demandar. Chriſtovaõ Pereira falando com os outros Capitaens, aſſentàraõ „ que lhe fugiſſem à vela, „ porque jà ſabiaõ que nella lhe tinhaõ „ ventagem, e aſſim o fizeraõ: mas logo lhes acalmou o vento, pelo que lhes foy forçado tomar o remo, e com elle ſe lhes foraõ eſcoando muito bem. E certo que ſe ſe aquelle Capitaõ determinàra, e fiàra dos outros companheiros, que ſe entende que ſe todos voltàraõ ſobre a galè, que a rendèraõ, porque nos tres navios hiaõ perto de oitenta homens, em que entravaõ muitos Fidalgos, e Cavalleiros amigos de honra; porque a determinaçaõ he começo da vitoria. O Cafar vendo acalmar o vento, tomou tambem o remo, e foy ſeguindo os navios com toda a furia que pode, e elles alongandoſe-lhes, principalmente o do Caſtanho que hia mais leve, e levava menos gente, e o que hia mais pezado do remo era o do Capitaõ mòr que levava o navio muy carregado; pelo que vendo-ſe tão arriſcado, aſſentou com os ſeus „ que ſe mudaſſem „ alguns ao navio do Caſtanho que hia „ leve, e q̃ aſſim ficariaõ compaſſados, e capeandolhe eſperou, atè elles chegarem, e logo ſe baldeou nelle o Capitaõ mòr, porque eſtava aſſentado que elle com ſete, ou oito mais ſe paſſaſſem a elle. Mas os mais ſem terem reſpeito a couſa alguma, ſe arremeçáraõ tambem ao navio com tanta preſſa, e deſordem, que foy eſpanto, e alli onde cuidavaõ que hiaõ buſcar remedio, ſe lhes occaſionou ſua perdiçaõ; porque como o navio teve em ſi tanta gente, e o pezo lhe ficou por cima, foy-ſe baldeando a hum, e a outro bordo, e todavia como era ligeiro do remo ſe foy ſahindo. E vendo aquillo hum daquelles ſoldados (e naõ cuido que foy dos melhores, que ſempre ha alguns, que querem ganhar terra) vendo a preſſa com que o navio ſe hia ſahindo, diſſe alto como por galantaria, muito fugimos; o que ouvido por Chriſtovaõ Pereira Homem, dandolhe a deſconfiança, mandou ao do leme que voltaſſe à galè, e poz a elle hum homem de ſua obrigaçaõ „ e vòs Senhores deter-„ minaivos, que dentro naquella galè „ havemos de hir buſcar noſſa ſalvaçaõ, „ por iſſo cada hum ſe encomende a „ Deos, e a ſeu braço. E fazendo voltar o navio, como a galè hia pera elle com furia, na volta que fez ſe encontràraõ, e pondo a noſſa fuſta a proa na galè, pelo primeiro remo ſe lançou logo dentro Chriſtovaõ Pereira com quatorze, ou quinze homens mais, que o acompanhàraõ, e como leoens famintos remetèraõ com os Turcos, e tiveraõ na coxia huma muito aſpera batalha, em que o Chriſtovaõ Pereira Homem, e Thomaz Botelho, irmaõ de Diogo Botelho, e Henrique da Gama parente da caſa da Vidigueira, foraõ matando, e eſpedaçando muitos dos Turcos, e como homens determinados a morrer, ou ſe ſalvarem por ſeus braços, fizeraõ tal eſtra-

go

go nos imigos, que paſmou o Cafar, e deſejou de os cativar pera os levar de preſente ao Graõ Turco; o que elles não queriaõ ſe não morrer, e vingar primeiro ſua morte. E como os Turcos erão mais de cento e cincoenta, e os noſſos trinta, quaſi ataſſalhados cahiraõ os mais delles jà ſem vida ſem ſe quererem dar à prizaõ, deixando de ſi huma aſſinalada memoria antre os Turcos, e aſſim a devem de ter no Ceo, pois morrèrão por honra de ſeu Deos, e de ſeu Rey. O irmão Fulgencio Freire foy cativo com alguns que ficàrão na fuſta, e levados ao Cairo. Depois foy o irmaõ reſgatado por ordem dos Padres da Companhia por via de Italia. Os dous navios de Vicente Carvalho, e o de Roque Pinheiro virão tudo de fóra ſem ouſarem de os ſoccorrer, antes forão ſeguindo ſeu caminho, e chegàrão a Goa no fim de Abril. E ſabendo o Viſorey D. Conſtantino a deſaventura os mandou prender no tronco, e os caſtigou muy bem.

CAPITULO IX.

Do que ſuccedeo em todo eſte veraõ na Ethiopia depois da morte do Emperador Claudio, ou Athena Sagad, e de como os Grandes alevantàraõ por Emperador ſeu irmaõ Adamas Sagad, que perſeguio o Biſpo atè o prender.

DEixàmos o deſaventurado, e herege Emperador Claudio, e por outro nome Athena Sagad, morto naquella batalha, que teve com os Capitaens do Rey dos Malaſais, que foraõ logo à Provincia de Hojè pera tomarem a Rainha, e ſeu filho às mãos, mas naõ puderaõ. E andando com tençaõ de ſe apoderarem do Imperio, lhes chegàraõ novas de como o Abiticon Malahamal entràra por ſeu Reino, e matàra o ſeu Rey; e que depois de ſe elle recolher, entràraõ por aquellas terras os Cafres Gallas, e as andavaõ aſſolando, e deſtruindo, e largando tudo acodiraõ logo là, deixando as couſas da Ethiopia com algum folego, pera poderem tratar da eleiçaõ do Emperador. E pera iſſo ſe ajuntàraõ todos os Grandes, e foraõ buſcar a Rainha, que eſtava recolhida em huma ſerra forte com o filho na Provincia Gorame, e junto alli choràraõ a morte do Emperador, e lhe fizeraõ ſuas exequias, pera o que atè entaõ naõ tiveraõ lugar, rapando-ſe todos por dò, e com elles os Portuguezes por ſer aſſim o coſtume dos Abexins em ſeus nojos. Feito iſto alevantàraõ por Emperador o irmaõ do morto, Adamas Sagad, com ſuas pompas acoſtumadas. E a primeira couſa que fez foy fazer logo Capitaõ dos Portuguezes a Franciſco Jacome, contra vontade de todos, e deſpedio logo ſeu primo Abiticon Malahamal com hum arrezoado exercito pera hir tomar vingança da morte do Emperador ſeu irmaõ, e elle com outro exercito, e todos os Portuguezes foy contra à ſerra do Judeu, e por vezes acometeo entrar: mas como os Judeos eſtavaõ muito fortificados, de todas ellas ſahio ſempre desbaratado, e quebrado: pelo que houve por ſeu conſelho tornarſe pera a terra de Garagarà, onde começou a uſar de ſua mà natureza, e desfez a mòr parte dos Grandes do Reino, e fez outros de novo, com q̃ ſe fez odiado, e aborrecido de todos.

Dalli mandou hum dos Grandes que foſſe buſcar o Biſpo, que ſe foy com elle receoſo, porque jà ſabia ſua mà inclinaçaõ. E chegando a elle, a primeira couſa q̃ lhe diſſe em o vendo foy „ que „ naõ prègaſſe mais em ſeus Reinos, „ nem inquietaſſe os ſeus vaſſallos. Mas „ o Biſpo muito conſtante, e inteiro lhe „ reſpondeo, que iſſo naõ havia elle de „ deixar de fazer, porque ſeu officio era „ prègar a Ley de Chriſto antre os „ Mouros, e Judeus, atè morrer por „ ella, e que em quanto tiveſſe lingua „ o havia de fazer alli, ſem temor de „ couſa alguma, naquelle Reino em que „ havia tantos. O Emperador vendo „ aquella

„ aquella liberdade lhe diſſe, que lhe „ entregaſſe logo as mulheres Abexins, „ que tinha convertidas. Ao que lhe „ elle reſpondeo, que ellas eſtavaõ em „ poder de ſeus pays, e maridos, que „ com elles ſe avieſſe.

Vendo o Emperador aquella liberdade, mandou que lhas levaſſem logo todas, o que os ſeus fizeraõ, e apertou com ellas muito que ſe tornaſſem ao antigo coſtume dos Abexins, e que deixaſſem as ceremonias que o Biſpo lhes enſinava. Ao que huma (que era caſada com Alvaro da Coſta) reſpondeo „ que elle era Senhor do ſeu corpo, mas „ naõ de ſua alma, que ella, e todas „ aquellas ſuas companheiras eſtavaõ „ muito contentes de terem deixado os „ ruins coſtumes dos Abexins, e de vi„ verem conforme aos Santos, e bons „ da Igreja Catholica Romana. Ouvindo o Emperador aquella taõ ſanta, e Chriſtãa repoſta, lhe diſſe com muito grande ira „ que a mandaria lançar aos „ leoens: ao que ella muito ſegura lhe „ reſpondeo, que elle podia fazer o que „ quizeſſe, que ſeria pera todas a mór „ mercè do mundo; porque alcançariaõ „ aſſim a glorioſa coroa do martyrio, „ pera o que eſtavaõ muito preſtes, e al„ voroçadas. Vendo elle aquella conſtancia as mandou todas prezas pera caſa de hum ſeu criado, a quem encomendou as trataſſe mal, como elle fez. Mas ellas fofrèraõ tudo com grande animo, e coraçaõ, ſem nunca tornarem atraz do que tinhaõ dito.

Vendo a mãy do Emperador tamanha ſemrazaõ do filho, lhe foy à maõ àquellas couſas, lembrandolhe „ que os „ Portuguezes lhe deraõ, e defendè„ raõ aquelle Imperio aos Mouros por „ muitas vezes, e que em quanto os ti„ veſſe comſigo podia viver ſeguro: „ por iſſo que lhes fizeſſe mercès, e mi„ mos, e naõ affrontas, e eſcandalos. Com iſto deſiſtio elle de ſua furia, e mandou ſoltar aquellas boas mulheres, dignas de ſerem muito invejadas de todas as da Europa. Mas ao Biſpo mandou levar prezo com o Padre Franciſco Lopes pera huma terra que ſe chama o Agè, e o entregou a hum filho do Capitaõ Rabel, que ſe achou na companhia de D. Chriſtovaõ da Gama; que os teve ſem ferros, e os tratou muito bem, por ſer mais humano que o ſeu Rey. Dalli eſcreveo o Biſpo aos Padres Reitor, e outros, de ſuas couſas, e lhes pedio „ eſtiveſſem conſolados, „ e o encomendaſſem a Deos; porque „ poſto que eſtava reteudo, todavia mui„ to bem tratado, e conſolado com „ Deos.

Eſtando neſte eſtado lhe deraõ as cartas que Chriſtovaõ Pereira Homem, e o irmaõ Fulgencio Freire lhe eſcrevèraõ do mar por aquelle Mouro que lhe levou o recado do Baxà, como atraz diſſemos: por quem ſouberaõ os Padres como chegàraõ alli, e que naõ ouſáraõ a deſembarcar por cauſa dos Turcos, e que o Patriarca ficava em Goa, e naõ hia àquelle Imperio pelas poucas eſperanças que tinha daquelle Emperador ſe converter. O que elles ſentiraõ muito, e mandàraõ o treſlado das cartas ao Biſpo, que ficou deſconſolado do eſtorvo que o demonio punha pera a converſaõ daquelle Imperio. E ficou aſſim em ſua deſconſolaçaõ, atè ver em que as couſas paravaõ. Os Grandes que o Emperador tinha lançados fóra, ajuntandoſe antre ſi por algumas vezes tratàraõ de como ſe ſatisfariaõ do Emperador da affronta, e juſtiça que lhes fizera (que iſſo ganhaõ os tyrannos, e crueis, ſerem aborrecidos de todos, e tratarem contra elles traiçoens, como eſtes fizeraõ) que aſſentàraõ de o mandar matar, pera o que tiveraõ praticas com hum ſeu privado chamado Bellorada, e tantas promeſſas lhe fizeraõ, que ſe lhes offereceo ao matar de noite eſtando dormindo; o que cometeo temerariamente, e ſem conſideraçaõ: porque a noite que determinava de o fazer, entrou na camera, e hindo pera lhe dar, com o aſſodamento errou o golpe, e deu na cama; ao que acordando o Emperador bràdou alto

alto ſem ſaber o que era, e o Bellorada foy fogindo pera fóra.

O Emperador foy-ſe alevantando, e chamando por Bellorada ſem ſaber, nem poder cuidar que era elle o autor daquelle maleficio, e acodindolhe alguns criados mandoulhe tomar todas as portas, e que todo o que ſahiſſe pera fóra lho trouxeſſem, e que ſe fizeſſe com muito ſegredo, e quietaçaõ. E mandou eſpiar as portas dos Portuguezes pera ver ſe ouviaõ antre elles algum rebulliço; e achàraõ todos taõ quietos, como homens que ſe naõ temiaõ de couſa alguma. E dando buſca aos Paços achàraõ menos o Bellorada, que deu ruim ſoſpeita; pelo que mandou o Emperador que logo ſe buſcaſſe com muita diligencia, e lho levaſſem: e ao outro dia lhe foy trazido: e feitas perguntas do caſo, confeſſou que era verdade que hia pera o matar, mas naõ deſcobrio algum dos da conjuraçaõ, pelo que o Emperador o mandou matar. E por experimentar a lealdade dos Portuguezes, quando lhe trouxeraõ o Bellorada prezo, mandou dizer a todos „ que jà tinha ſeu imigo em ſeu „ poder: do que elles moſtràraõ tamanho alvoroço, que ajuntàraõ peças, que deraõ de alviçaras, a quem lhes levou o recado: o que o Emperador eſtimou muito, quando o ſoube.

Todavia os da conjuraçaõ, receando-ſe q em algum tempo pudeſſem vir a ſer deſcubertos apartàraõ-ſe da Corte, e fizeraõ cabeça daquelle bando ao Capitaõ Iſac. E vendo que o Emperador procedia em ſua mà natureza, conſultàraõ antre ſi de fazerem outro Rey: e aſſim alevantàraõ a Goya Menagais primo com irmaõ do Emperador, a quem acodio muita parte das gentes das Provincias. E o Iſac grangeou alguns Portugezes pera aquelle negocio, de que era cabeça Franciſco Jacome: e o Biſpo, e Padres favoreciaõ eſta parte tudo o que podiaõ, mas em muito ſegredo. O Emperador teve logo aviſo daquelle negocio; e vendo que lhe era neceſſario acodir a elle primeiro que os conjurados adquiriſſem mayor poder, ſe ſahio de ſua Corte com todas as gentes que pode ajuntar, e foy buſcar os imigos pera lhes dar batalha. E deixando caſos que ſuccedèraõ antes de chegarem a ella: depois dos exercitos eſtarem à viſta hum do outro, rompèraõ batalha, levando de huma, e outra parte os Portuguezes a dianteira (que naõ ſe quizeraõ encontrar huns com os outros) mas rompendo nos Abexins, fizeraõ todos nelles grandes eſtragos, e crueldades. E como o poder do Emperador era mayor, e a juſtiça ſua; os tyrannos foraõ desbaratados de todo, e o Iſac ſe foy acolhendo com alguns a unha de cavallo, ficando cativos o Goya Menagais, que ſe intitulava Rey, e o Infante D. Joaõ ſeu primo, e o Xumo Cafalou, a quem o Emperador mandou logo cortar a cabeça; e aos mais que foſſem metidos em ſerras muito aſperas, donde nunca ſahiſſem. Da parte dos conjurados foràõ ſete Portuguezes mortos, e dezanove cativos, que o Emperador dava a Affonſo de França, e elle os naõ quiz aceitar por lhe naõ ficar ſoſpeitoſo, e foràõ levados a outra ſerra, onde os tratàràõ mal: e naõ houve Portuguez algum daquelles que ſeguiràõ a parte do Emperador, que quizeſſe agaſalhar mulher, filhos, nem couſa outra alguma dos que ſeguiràõ a parte contraria, pelos haverem por traidores. Com eſta vitoria ficou o Emperador proſpero, e deſalivado; e mandou ſoltar o Biſpo, e o trouxe dalli por diante comſigo no exercito, muito bem tratado, porque por alli quiz ganhar a vontade aos Portuguezes, pelo muito que lhes vio fazer em ſua defenſaõ. E nòs deixaremos agora eſtas couſas no eſtado em que eſtàõ por hum pouco, porque nos chamaõ outras, com que he neceſſario continuar, atè ſer tempo de tornarmos a ellas.

CA-

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva na coſta do Malavar todo o mais reſto do veraõ. E de como morreo o Veador da fazenda Aleixo de Souſa Chichorro.

DEixàmos Luiz de Mello da Silva no Capitulo terceiro deſte oitavo livro na coſta do Malavar, ſem mais podermos tornar a elle, pelas muitas couſas q̃ neſte veraõ ſuccedèraõ: agora concluiremos neſte Capitulo com todas as mais que no reſto delle lhe acontecèraõ. Deixàmos atraz no meſmo Capitulo terceiro, ſahidos os Paròs dos rios, em que eſtavaõ as caravelas de Gonçalo Pires de Alvelos, e Alvaro Reynel, que ſe lançàraõ pera o cabo Comorim a buſcar prezas, porque atè entaõ ſe naõ apartàraõ da ſua coſta, nem ſe deſavergonhavaõ a paſſar á do Norte, como depois fizeraõ por noſſo deſcuido, onde tem feitos os mores danos, e roubos que ſe pòdem imaginar. Deſtes, andando cinco delles ao mar deſde Calecut atè Còchim, deraõ de noite com dous navios que hiaõ pera aquella Cidade, hum de que era Capitaõ hum foaõ Manhoz, ou Manhãs, que levava mais de vinte mil cruzados pera a carga da pimenta das nàos do Reino: e o outro era hum fuſtarraõ grande, cheyo de fazendas de partes pera as meſmas nàos, que eſtavaõ em Còchim; e ſendo viſtos por eſtes Paròs, os foraõ cometer com grande determinaçaõ. O Manhoz que era muito bom cavalleiro atracouſe ao fuſtarraõ; e como em ambos havia mais de cincoenta homens, defenderaõ-ſe dos Mouros com muito valor, e eſforço, deitandolhes em os navios muitas panellas de polvora, com que abrazàraõ muitos Mouros. A noite era eſcura, e as panellas ao quebrar alevantàraõ taõ grandes chammas, e labaredas, que foraõ viſtas de hum navio da Armada, de que era Capitaõ Antonio Tavares (em que nòs andavamos entaõ embarcados) e logo ſe entendeo que aquelle fogo era briga ao mar. E dando á vela, e tomando as armas foraõ demandar as chãmas, e chegando perto, com a claridade dellas vimos os cinco navios abordados aos dous, e os Malavares trabalharem pelos entrar, e os Portuguezes por lhes defender a entrada com grande animo, tendo ſobre iſſo mortos muitos Mouros; ainda que tambem elles tinhaõ perdidos alguns companheiros, e antre elles o Capitaõ no navio grande. Antonio Tavares vendo-ſe alli, diſſe aos companheiros „ que lhe parecia „ bem ſoccorrer aquelles navios, e che„ gar a elles com grande eſtrondo, por„ que como a noite era eſcura poderiaõ „ cuidar que o ſoccorro era de mais na„ vios, e que pela ventura os largarião: „ e quando o não fizeſſem, ajudarião aos „ defender. E parecendo bem a todos, tomou cada ſoldado huma panella de polvora, e chegando por huma quadra por onde eſtavão tres dos navios, ſem os elles verem pela eſcuridaõ, lançàraõlhe dentro a hum tempo as panellas de polvora com que abrazàraõ muitos, e depois com grandes gritas começàraõ a appellidar Santiago, pera que os dos outros navios os ouviſſem. Os Malavares que eſtavaõ embebidos na preza que cuidavaõ ter nas mãos, vendo-ſe abrazados, e por outra parte ouvindo a vozaria, cuidando que dava ſobre elles toda a Armada, afaſtaraõ-ſe pera fóra, e dando à vela ſe foraõ acolhendo pera o mar, quaſi deſtroçados, e com muita gente morta. Os noſſos vendo-ſe livres deraõ tambem à vela, e o noſſo navio os acompanhou toda a noite atè o outro dia que houveraõ viſta de Còchim, onde entràraõ, levando elle muitos feridos, e alguns mortos, em que entrava o Capitaõ do fuſtarraõ. E certo que naõ ſey que animo dava Deos entaõ aos ſoldados da India, que com ſó hirmos naquelle navio dezoito homens, taõ ſeguros, e affoutos cometemos cinco Paròs, como ſe nòs foramos outros tantos. Devia

via de ſer alguma couſa, de que Deos entaõ ſe ſatisfizeſſe dos Portuguezes, e eſta naõ podia ſer ſe naõ a verdade, e juſtiça que entaõ havia; que como ſe foy diminuindo neſte Eſtado, foy logo faltando tanto o animo aos homens, que muito duvidoſamente vieraõ a ſe cometer com igual partido. E he abuſaõ dizerſe que os imigos entaõ naõ eraõ taõ esforçados, nem andavaõ taõ adeſtrados, nem os navios eraõ taõ poſſantes: porque tudo tinhaõ tanto, e melhor que hoje; mas naõ temos nòs o que os homens daquelle tempo tinhaõ. E tornando a noſſo fio, deixados os navios em Còchim, tornàmonos pera a Armada, que achàmos a Monte Deli, por cauſa dos grandes Noroeſtes.

Pouco depois chegou alli o galeaõ em que Aleixo de Souſa Chichorro vinha de Còchim, de fazer a carga às nàos, e ſurgindo tirou algumas bombardadas, a que Luiz de Mello da Silva mandou acodir hum navio, pera ſaber o que queria, e achou que àquella hora acabàra de falecer Aleixo de Souſa Chichorro, que ſe embarcou doente, e os ſinos que ſe dobràraõ no ſeu falecimento, foraõ aquellas bombardadas. E Luiz de Mello acodio logo ao galeaõ, e mandou embarcar ſeu corpo em hum navio ligeiro pera o levarem a enterrar: naõ nos lembra ſe a Goa, ſe a Cananòr que era mais perto. Por ſua morte proveo o Viſorey D. Conſtantino do cargo de Veador da fazenda a Belchior Serraõ, que era Secretario, e o ſeu officio deu a Bartholomeu Chanoca, q̃ ſervia o cargo de Eſcrivaõ da matricula géral. Luiz de Mello da Silva ſe deixou alli ficar a Monte Deli, com dez, ou doze navios, onde foy aviſado por olas de hum Naire de hum daquelles rios, que o Camorim, e o Rey de Cananòr tinhaõ preſtes huma Armada de mais de ſeſſenta navios pera mandarem pelejar com elle, por ſerem aviſados que tinha ſua Armada eſpalhada; e que os navios ſe armavaõ em differentes rios, e que eſtavaõ eſperando por alguns que andavaõ por fóra às prezas, pera ſe lhe virem tambem ajuntar.

Com eſtas novas ſe alvoroçou Luiz de Mello da Silva, e mandou chamar alguns navios dos que tinha divididos, porque determinou de pelejar com elles. E eſtando aſſim eſperando pela mais Armada, viraõ hum dia em amanhecendo de cima do maſto da ſua galeota vir huma grande Armada de mar em fóra a demandar a terra naquella parte. E parecendolhe a Luiz de Mello da Silva que aquella era a Armada de que eſtava aviſado, chamou os Capitaens à ſua galeota, e lhes perguntou o que faria, e antre todos houve differentes pareceres: huns diziaõ que haviaõ de dar à vela pera Cananòr (por ventar Noroeſte) porque a Armada que apparecia era grande, e elles naõ eſtavaõ alli mais que doze navios, e que lhe attribuiriaõ a temeridade querer eſperallos. Outros, que ſe foſſem pera o rio de Marabia, onde eſtava a galè de D. Filippe de Menezes que era grande, e tinha muita gente, e que com ella ſe podia defender. Outros diziaõ outras couſas. Mas Luiz de Mello da Silva, porque via virſe jà chegando aquella Armada, e a toda a mudança que dalli ſe fizeſſe, lhe haviaõ de pôr nome de fogida, e mais tanto à viſta dos imigos, lhes diſſe „ que „ ſe negociaſſem, e fizeſſem preſtes, „ porque aquella bandeira da milicia „ de Chriſto, que tinha pela quadra, naõ „ havia de fogir a couſa alguma. E que „ naõ ſó lhes naõ havia de fogir; mas „ que ainda os havia de hir receber „ fóra, pera lhes moſtrar o pouco que os „ receava; e com iſto tomou as armas, e encadeou os navios a ſi, ficando elle em meyo de todos, e com a artelharia preſtes, e cevada, foy com o remo em punho ſahindo fóra da enſeada, porque os navios, que viaõ, traziaõ nella a proa. E hindo os noſſos com eſta determinaçaõ, chegàraõ-ſe huns navios aos outros, e conhecèraõ logo que eraõ pagueis do Reino de Tanor, que hiaõ carregados de copra, areca, cardamomo,

cocos, e outras fazendas pera Cambaya, e levavaõ cartazes do Capitaõ da fortaleza de Chale, e paſſando por elles Luiz de Mello da Silva, ſem fazerem caſo, foy correndo a coſta do Malavar, pera que os imigos viſſem que andava por ella, e que o achariaõ ſe o buſcaſſem. E aſſim foy ajuntando alguns navios mais, porque ſe os imigos delle quizeſſem alguma couſa, o naõ tomaſſem deſapercebido.

Os imigos houveraõ ſeu conſelho, e desfizeraõ a liga, porque receàraõ muito os noſſos; que neſte tempo traziaõ taõ perdido o medo aos Malavares, que qualquer navio da Armada naõ receava cometer dous, tres ſeus, que muito facilmente desbaratavaõ. E com tudo naõ negamos que andavaõ entaõ menos exercitados, que hoje: porque a continuaçaõ da guerra os tem feito muito deſtros, e affoutos. E por naõ particularizarmos as miudezas deſte veraõ, Luiz de Mello fez por toda aquella coſta a mòr guerra que podia ſer: porq alèm de lhe tolher a navegaçaõ, lhes queimou quaſi todas as povoaçoens de longo da agua, e lhes cortou ſeus palmares, e deſtruhio ſeus portos, e navios, com que os poz em extrema neceſſidade, e por fim de Março deſpedio as caravellas pera Goa, por ſer jà tarde, e elle com os navios de remo ficou guardando a coſta, atè recolher a ſi as nàos da China, Maluco, Malaca, Bengala, S. Thomè, Negapataõ, e de todas as mais partes, com o que ſe recolheo pera Goa no fim de Abril, deixando em Cananòr, e Chale navios, e Capitaens pera darem no inverno meſas aos ſoldados. E chegando a Goa deſpedio logo o Viſorey a D. Antonio de Vilhena, a Fernaõ de Caſtro, e a Manoel Travaſſos cõ trezentos homens pera invernarem em Cananór, por cauſa da guerra que ainda ficava em aberto, e proveo aquella fortaleza, e a de Chale de muitos mantimentos, muniçoens, e dinheiro pera as meſas, e pagas dos ſoldados.

E cerrando ſe o inverno, gaſtou-o em reformar a matricula géral, e fazer outra de novo, pera tirar della todos os officiaes mecanicos, que venciaõ ſoldo de ElRey; que era huma grande quantidade, no que aproveitou ao Eſtado huma boa ſoma de dinheiro, e atalhou huma exceſſiva quantidade de ſoldos velhos, que ſempre ſe pagavaõ, ou por adherencias, ou por peitas, e juntamente mandou concertar toda a Armada, e ajuntar muitos mantimentos, e muniçoens, porque determinava de paſſar a Ceilaõ contra o Rey de Jafanapataõ, que fica na ponta da Ilha da banda do Norte: porque lhe encomendava ElRey muito (em huma inſtrucçaõ) que trabalhaſſe pelo deſtruir, e tomar o Reino: porque eſtava alli feito hum Coſſairo, e mandava ſaltear as nàos, e embarcaçoens dos Portuguezes, que paſſavaõ por ſua coſta, e uſava de ardiz pera as fazer dar à coſta, e rouballas, mandandolhes de noite cortar as amarras; com o que tinha feito grandes roubos, e deſtruiçoens. E que trabalhaſſe todo o poſſivel por mudar pera aquella parte os moradores da povoaçaõ S. Thomè; por naõ eſtarem ſogeitos às injurias, e affrontas, que lhes quizeſſe fazer o Rey de Biſnagà: porque jà ElRey tinha novas das que lhes fez, quando cativou a todos. E eſtas inſtrucçoens naõ pudemos achar em todo eſte Eſtado, por ſer tudo perdido, de que muitas vezes nos temos queixado: mas achàmos eſtas informaçoens nos homens velhos, e antigos.

CAPITULO XI.

De como o Biſminaique, Senhor de toda a coſta da Peſcaria, veyo com grande poder ſobre a fortaleza de Punicalle, de que era Capitaõ Manoel Rodrigues Coutinho. E de como o desbaratou, e tomou aquella fortaleza.

JA no Capitulo nono do decimo livro da ſexta Decada dèmos conta de como

como o Biſminaique Senhor daquella coſta da Peſcaria cativou Manoel Rodrigues Coutinho, e depois o reſgatou por huma quantidade de dinheiro, de q̃ lhe ficou a dever huns tantos mil fanoens. E como eſte Gentio era muito cubiçoſo, e os Chriſtãos, e peſcadores daquella coſta lhe davaõ de pareas hum dia de Chipo, q̃ he hum dia de peſcaria do Aljofar, e tudo o q̃ ſe peſcaſſe aquelle dia foſſe pera elle, que ordinariamente montaria oito, dez mil pardaos, ſegundo ſua fortuna: e querendo alterar iſto mandou cometer os Chriſtãos, e peſcadores, que lhe dèſſem dous dias daquelles, do que ſe elles ſempre eſcuſáraõ. Vendo elle que lhe negavaõ aquillo, determinou de lho fazer dar por força, e vingarſe delles, pelo naõ terem ſervido como elle queria.

E tomando occaſiaõ do dinheiro que Manoel Rodrigues Coutinho lhe ficàra a dever do ſeu reſgate, lançando fama que o hia arrecadar, ſe partio com dez mil homens, com tençaõ de dar em Punicalle, e roubar todos aquelles moradores, e peſcadores do Aljofar, e porlhes os tributos que quizeſſe. E hum dia de madrugada deu na povoaçaõ muito de ſupito, mandando diante hum Capitaõ Decanij, chamado Melrao, que entrou queimando, e aſſolando tudo por onde paſſou. Succedeo eſtar neſte tempo hum Fidalgo chamado D. Duarte de Menezes, de alcunha o Narigaõ, da caſa de Penella, que tinha alli chegado com huma fuſta chea de muitos ſoldados, que vinha a favorecer a peſcaria, pelo mandar a iſſo o Viſorey D. Conſtantino; porque pagavaõ por iſſo a ElRey de Portugal huns tantos mil pardaos de pareas, de que adiante diremos mais em particular. E eſtando eſte Fidalgo na ſua fuſta com a proa em terra, ſentindo o rebolliço na povoaçaõ, ſaltou em terra com quarenta ſoldados que tinha, e quiz Deos que ſe encontraſſe logo com o Melrao, com quem travou huma muito aſpera batalha, e o deteve tanto, que tiveraõ os moradores tempo de ſe acolherem com ſuas mulheres, e filhos pera hum forte de terra, que eſtava ſobre o rio, ſó com ſuas peſſoas, e algumas joyas de maõ: o que naõ pudera ſer, ſe D. Duarte de Menezes ſe naõ encontràra aquella hora com o Melrao, antes todos ficàraõ cativos, e roubados. Manoel Rodrigues Coutinho, que era o Capitaõ, acodio fóra acompanhado de Antonio Pereira de Vaſconcellos, e Vaſco Rodrigues de Mogemes, e de outros cavalleiros muito honrados, e encontrando ſe com hum eſquadraõ dos imigos, pelejáraõ muito valeroſamente, atè que amanheceo. D. Duarte de Menezes na parte em que pelejava com o Melrao eſteve cercado, e arriſcado a ſe perder de todo; porque carregou alli a mòr força dos imigos; e ſempre ſe perderaõ; ſe Deos naõ ordenàra que dèſſem huma eſpingardada no Melrao de que cahio, e D. Duarte de Menezes que eſte dia pelejou muy bem o acabou de matar às lançadas. E porque ja vinha chegando o poder de Biſminaique, que tanto que amanheceo, entrou pela povoaçaõ, ſe foy D. Duarte recolhendo pera a ſua fuſta, muito perſeguido dos imigos, e com alguns companheiros já mortos, e os mais quaſi todos feridos. Manoel Rodrigues Coutinho, que pelejava fóra do forte, com muito valor, e eſforço, tendo aviſo que o Biſminaique era já entrado, ſe foy recolhendo com trabalho por carregarem os imigos ſobre elle, e nas voltas que fez pera os deter, lhe deraõ huma eſpingardada, que lhe atraveſſou as pernas; e ficàra alli ſe naõ fora levado pelos companheiros que ſe arriſcàraõ ao ſalvar; e o Biſminaique ficou Senhor da povoaçaõ, em que fez grandes roubos, e deſtruiçoens.

Vendo-ſe Manoel Rodrigues Coutinho na fortaleza, com tanta gente, mulheres, e meninos, ſem agua, ſem mantimentos; e o Biſminaique com todo o poder ſobre elle, fez embarcar todas as mulheres, meninos, e homens velhos em Champanas, e com ellas ſua mu-

lher, e filhos; o que pode fazer com a marè chea, por ficar o forte ſobre o rio, e depois de deſpejado diſto, tomou parecer ſobre o que fariaõ, e aſſentàraõ que largaſſe o forte, que era hum curral de taipas, porque naõ havia com que o defendeſſe. E eſtas caſas (ou naõ ſey como lhe chamemos, a que alguns poem nome de fortaleza) deshonraõ muitas vezes o Eſtado, e abatem muito na reputaçaõ delle: porque largando-ſe hum curral, como eſte, ſe diz logo por todo o Oriente antre os Reys Mouros, e Gentios, que tomàraõ huma fortaleza aos Portuguezes, com o que todos cobraõ bico, e alevantaõ cabeça. Por onde, quanto menos diſto houver, mais ſegura, e engrandecida eſtà noſſa reputaçaõ. E deixando eſta materia poſto que naõ he de pequena conſideraçaõ, tornemos a noſſo fio.

Aſſentado antre todos que ſe largaſſe aquelle forte, preparou-ſe o Capitaõ pera iſſo. E porque a gente que eſtava embarcada nas Champanas era muita, e naõ tinhaõ arroz, nem agua, e os gritos, e prantos das mulheres, e meninos chegavaõ ao Ceo; mandou Manoel Rodrigues Coutinho requerer a hum Pero Tavares, que alli era chegado de Còchim, e hia pera Bengala em huma naveta ſua „ que recolheſſe aquella gente „ toda, e a levaſſe pera Còchim, ſob pe„ na de perdimento da fazenda. O Pero Fernandes como era homem nobre, compadecido mais das miſerias que vio paſſar àquellas gentes (que eraõ pera commover, e enternecer as pedras) que do medo das penas com que o ameaçàraõ, recolheo todos, os que eſtavaõ nas Champanas, na ſua naveta; que antre homens, mulheres, e meninos, ſeriaõ perto de quinhentos, e ſe foy pera a das Ilha das Lebres, onde eſperou a monçaõ pera ſe hir pera Còchim, padecendo toda eſta gente neſta jornada infinitos trabalhos de fomes, ſedes, e outras muitas neceſſidades. E chegou a couſa a tanto, que houve darem a meninos de colo, à falta de agua, a beber ourina. E ainda hoje neſta Cidade de Goa eſtaõ duas irmãas mulheres bem honradas Portuguezas, e nobres de pay, e de mãy a quem a deraõ. Manoel Rodrigues Coutinho, depois que embarcou toda a gente, largou o forte, e ſe embarcou em huma fuſta, e houve niſto tal detença que vazou marè, e ficou o navio em ſeco. O Biſminaique, que eſtava jà ſobre o forte com todo o poder, acodio àquella parte, e vendo o navio encalhado, o rodeou, e poſto que os noſſos ſe defendèraõ muy bem, todavia foraõ todos tomados às mãos, e cativos, e o forte, e a povoaçaõ entrada, e roubada de tudo o que nella ficou; em que tomàraõ a mòr parte da ſubſtancia daquelles moradores.

Manoel Rodrigues Coutinho depois de eſtar prezo quinze dias tratou de ſeu reſgate, e de todos os que com elle eſtavaõ, e aſſentàraõ „ de lhe darem „ cem mil fanoens, que lhe mandariaõ „ de Tutucori, pera onde determinavaõ „ de ſe hir, e deixariaõ em refens hũ Pa„ dre da Companhia, chamado Joaõ de „ Meſquita, que ſe pera iſſo offereceo, e foy tambem alli cativo, homem virtuoſo, e de bom exemplo. Aſſentado iſto largàraõ a todos, e ſe foraõ pera Tutucori, onde Manoel Rodrigues Coutinho começou a ajuntar o reſgate, que quiz tirar pelos Chriſtaõs: ſobre o que os começou avexar, e tratar mal; e foy a couſa de feiçaõ, que ſabendo-o o Padre Joaõ de Meſquita (que eſtava em refens) lhe eſcreveo huma carta „ em „ que lhe pedia muito que naõ avexaſſe „ aquelles homens, e que ſe lembraſſe „ que eraõ Chriſtaõs, e pobres: e que „ lhe naõ dèſſe couſa alguma de ſeu ca„ tiveiro, porque elle eſtava nelle muy „ conſolado (onde deu muy grandes moſtras de ſua virtude, na paciencia, e ſofrimento delle) mas ficou com poucas eſperanças de ſahir taõ cedo do poder daquelles gentios. Mas como Deos noſſo Senhor naõ deſampara ſeus ſervos, ſe lhe offereceo ao Padre hum Chriſtaõ pera o tirar dalli, ſe lhe dèſſe qui-

quinhentos fanoens o que elle aceitou, e lhe deu logo alguns que tinha, e outros que negociou, e tomando-o huma noite com os trajos mudados (porque eſtava ſolto, e ſem ferros) o levou por caminhos eſcuſos, e com tanta preſſa, que ao outro dia chegàraõ a Conduturè, que eraõ doze leguas de Punicalle, e alli tomàraõ hum charatone em que ſe paſſáraõ a Tutucori, onde os noſſos eſtavaõ, que feſtejàraõ muito o Padre; e logo negociàraõ os fanoens que ficou devendo ao que o trouxe; de que logo foy pago.

CAPITULO XII.

De como Franciſco Barreto, e Joaõ Rodrigues de Carvalho inverniràraõ em Moçambique: e do que Franciſco Barreto fez todo o tempo da invernada. E de como mandou concertar a ſua nào, e a de Joaõ Rodrigues de Carvalho, e dahi ſe partio pera o Reino. E da perdiçaõ da nào Garça, de que era Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho. E de como Franciſco Barreto ſalvou toda a gente della: e tornou arribar a Moçambique.

Porque Capitulos muito grandes fazem faſtio a quem os lé, faremos dous, e neſte daremos conta do que ſuccedeo a Franciſco Barreto em todo o tempo que invernou em Moçambique, atè que tornou a elle da ſegunda arribada. No primeiro Capitulo deſte livro oitavo deixàmos Franciſco Barreto embarcado na nào Patifa, e Joaõ Rodrigues de Carvalho na Garça, e arribados a Moçambique, por acharem os tempos contrarios, e as nàos ſe hirem ao fundo com a agua, como fica dito no Capitulo terceiro do ſexto livro. Agora nos cabe darmos conta do que Franciſco Barreto fez o tempo que eſteve invernando em Moçambique: onde tanto que chegou tratou do concerto da ſua nào, e da de Joaõ Rodrigues de Carvalho; o que fez com muito cuidado, e diligencia, e com muito grande deſpeza de ſua fazenda (couſa que jà nem os Capitaens, nem os Governadores, e Viſoreys querem fazer nos tempos preſentes) O cuidado do concerto das nàos naõ foy cauſa de o deixar de ter muy particular dos Fidalgos, que hiaõ em ſua companhia, e dos mais paſſageiros, e gente do mar de ambas as nàos: porque todo o tempo que eſteve em Moçambique (que foraõ mais de ſete mezes e meyo) proveo, e acodio a todos muy liberalmente com o dinheiro neceſſario, conforme à qualidade, e gaſtos de cada hum, por lho pedir aſſim ſua condiçaõ, e ſer hum dos mais liberaes Fidalgos daquelle tempo. E por ver que ſe o naõ fizeſſe aſſim, haviaõ todos aquelles homens de paſſar muitos trabalhos, e neceſſidades, por eſtarem em parte que naõ tinhaõ quem lhas remediaſſe, nem de quem ſe pudeſſem valer, ſe naõ desbaratando a pobreza que traziaõ, que fora pera elles outro ſegũdo naufragio, por quem tantas vezes os navegantes arriſcaõ as vidas. E com eſta liberdade, e largueza, de que uſou com eſta gente, fez dous bens; remedialla a ella, e a ſi proprio: porque de tal maneira lhes grangeou as vontades com os remediar, que ſempre os achou comſigo nos màores trabalhos em que ſe vio, que foraõ muitos, e muy grandes, com cuja ajuda o livrou noſſo Senhor de todos os perigos que teve em toda eſta viagem. E aſſim gaſtou nella, no concerto das nàos, e nas invernadas mais de dezoito mil cruzados, como nos diſſeraõ peſſoas muito verdadeiras, e dignas de muita fé, que ſe achàraõ preſentes em todas eſtas couſas, e nos deraõ todas eſtas informaçoens. De maneira que querendo Franciſco Barreto concertar as nàos em que havia de vir pera o Reino, começou a dar ordem, e dinheiro pera iſſo, com ajuda de Baſtiaõ de Sà (que entaõ era Capitaõ de Çofala, e eſtava em Moçambique) que mandou logo muitos

officiaes, carpinteiros, e marinheiros a terra firme a cortar a madeira neceſſaria pera o concerto dellas: donde a trouxeraõ muito boa, e no rio lhes deraõ pendor muito grande, e foraõ muy bem concertadas, quanto humanamente podia ſer, ſem virem a monte; o que tambem ſe lhes fizera, ſe o lugar fora capaz diſſo.

Depois das nãos eſtarem muito bem concertadas, e aparelhadas, foraõ fazendo ſua aguada, e metendo os mantimentos neceſſarios, pera a jornada q̃ haviaõ de fazer. E chegando-ſe o tempo de partir ſe fizeraõ ambas à vela com a monçaõ dos Levantes huma ſegunda feira aos dezaſete de Novembro do anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove; ficando os Capitaens ambos concertados de hirem ſempre hum à viſta do outro, e nunca ſe apartarem pera ſe ajudarem em qualquer trabalho, e perigo, que lhes aconteceſſe. Ao terceiro dia depois de partidos da barra, donde poderiaõ eſtar obra de cincoenta leguas, pouco mais, ou menos, começou a não de Franciſco Barreto a fazer muita agua, e por cauſa della, deraõ aquelle dia cinco vezes a ambas as bombas, e de noite outras tantas, e ao outro dia fazia jà a não tanta que a naõ podiaõ eſgotar, com darem continuamente a ellas: pelo que mandou Franciſco Barreto pôr fogo a hum falcaõ, e fazer ſinal à outra não, pera que arribaſſe ſobre elle. E chegados à fala, mandou dizer por hum marinheiro ao Capitaõ da outra não „ que elle hia com muito traba„ lho, por razaõ da ſua não fazer mui„ ta agua que lhe pedia muito por mer„ cè o naõ deſemparaſſe, porque hia ar„ ribando na volta das Ilhas do Baza„ ruto, que eſtaõ junto à coſta de Çofa„ la, e com ventos eſcaſſos hiaõ forçan„ do a não, por naõ poder tornar a to„ mar Moçambique por ſer jà entrada „ a monçaõ dos Levantes com que de „ là partiraõ.

Hindo aſſim a não neſta volta, fez lhe Deos mercè de vencerem a agua da bomba, com o que pareceo bem a todos tornarem a voltar, e fazerem ſua viagem pera o Cabo de boa Eſperança. Continuàraõ com eſte trabalho dous, ou tres dias, em que chegàraõ tanto àvante, como o Cabo das correntes, defronte da derradeira ponta da Ilha de S. Lourenço, q̃ eſtà em vinte e cinco graos da banda do Sul, quaſi duzentas leguas de Moçambique: foy a não fazendo tanta agua, que havia jà nella tres, ou quatro palmos della, ſem ſe poder vencer. Pelo que forçado Franciſco Barreto da neceſſidade preſente, e receoſo do perigo futuro, mandou pôr fogo a hum falcaõ, e fazer ſinal à outra não de Joaõ Rodrigues de Carvalho, pera que arribaſſe ſobre elle que hia jà outra vez na volta das Ilhas do Bazaruto. O que ouvido pelo Capitaõ della, mandou ao Piloto, e Meſtre „ que ſeguiſ„ ſem aquella bandeira de ElRey noſſo „ Senhor, pois aquella não era ſua, e „ hia em taõ grande trabalho, e perigo „ taõ evidente: pois naõ havia mais que „ oito dias que eraõ partidos, e jà arri„ bàra duas vezes.

A eſte mandado do Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho naõ quizeraõ o Piloto, nem o Meſtre, e mais Officiaes obedecer: antes lhe fizeraõ grandes proteſtos, e requerimentos „ que „ fizeſſe ſua viagem pera Portugal; „ porque aquelloutra náo ſe hia a per„ der, e que jà naõ tinha remedio, e que „ naõ era razaõ, que tambem elles ſe per„ deſſem com ella: que menor mal era „ perderſe huma não, que ambas. E como o Capitaõ era ſó, e os outros muitos, venceo a força à razaõ. E ſeguindo elles a ſua ſem darem pelo que lhes o Capitaõ mandava, ſe foraõ caminho do Reino, deixando a outra não, em que hia Franciſco Barreto, com tençaõ de ſe naõ tornarem mais a ver.

Ao outro dia ſeguinte tornàraõ os da não de Franciſco Barreto a vencer a agua, e com eſta melhoria, que ſentiraõ na não fez volta, e tornàraõ acometer a jornada do Cabo de boa Eſperança; tendo-a

tendo-a posta só em Deos, com confiança que lhes faria mercè de continuar com aquella, que lhe começàra a fazer. E sabendo que naquella monçaõ saõ os ventos brandos no Cabo, e os tempos menos tempestuosos, hiriaõ (ainda que com trabalho) dando sempre à bomba atè os Deos levar à Ilha de Santa Helena, onde esperariaõ as nàos da viagem, e ahi tomariaõ huma, ou duas, em que se meteſſem com a fazenda que pudeſſem salvar nellas, e a artelharia da nàõ, e ella fazer alli a ossada. Hindo esta nàõ de Francisco Barreto com estes intentos, seguindo o rumo da Garça, que a tinha deixado com tanta deshumanidade sem culpa do Capitaõ: como a nàõ Patifa era muito veleira foy alcançando a outra; que com tambem o ser muito, ordenou Deos que a alcançaſſe a nàõ de Francisco Barteto, pois havia de ser o meyo, e o instrumento da salvaçaõ dos que hiaõ na Garça, que se havia de perder.

Tanto que a nàõ Garça teve vista da outra nàõ, amainou os traquetinhos, e foy esperando por ella atè chegarem à fala, que seria alli às tres horas depois do meyo dia. E chegando à nàõ, mandou Francisco Barreto fazer hum requerimento ao Capitaõ, e aos mais Officiaes „ em que lhes requeria da parte de El„ Rey noſſo Senhor, que seguiſſem „ aquella nàõ, e a naõ deſemparaſſem; „ sob pena de os haver por trèdos, e ale„ vantados contra ElRey, e lhes em„ campava toda a fazenda, que hia nella „ pera ElRey haver à sua pela delle „ Capitaõ, e de todos os mais Officiaes, „ de que logo mandou fazer hum auto. A isto respondèraõ os da nàõ Garça, que elles seguiriaõ a nàõ, e naõ fariaõ outra cousa.

Hindo assim as nàos ambas à vista huma da outra, logo ao outro dia depois de feito o protesto, quasi a horas de vespera, tirou a nàõ Garça hum tiro fazendo final que lhe acodiſſem, o que Francisco Barreto logo fez, mandando lançar huma manchua ao mar, e por elle naõ estar pera poder acodir em pessoa (por estar sangrado daquella manhãa) mandou Jeronymo Barreto Rolim em seu lugar, a quem deu poderes „ pera que se houveſſe algumas contro„ versias, ou diſſensoens antre o Pilo„ to, ou Meſtre co Capitaõ, elle com „ sua prudencia os compuzeſſe, e sen„ do outra cousa, a remediaſſe confor„ me o negocio o pediſſe, e requereſſe. Chegado Jeronymo Barreto Rolim à nàõ, vio a todos muito atribulados, e trabalhados, e assaz desgostosos revolvendo os payoes da pimenta em busca de huma agua, que a nàõ fazia de que estavaõ todos muy inquietos, por temerem que foſſe màa de tomar, e que lhes dèſſe ao diante muito trabalho, como deu: pois ella foy a causa total de se perder a nàõ. Com esta nova se tornou Jeronymo Barreto Rolim pera a nàõ de Francisco Barreto, a quem deu conta do que passava na Garça, que toda a noite passou com grande vigia, sem nunca deixarem de dar a ambas as bombas. Tanto que foy manhãa lançou a nàõ Garça huma manchua ao mar com quatro marinheiros, e o Escrivaõ da nàõ, que se chamava Joaõ Rodrigues Paes, e veyo à nàõ de Francisco Barreto com hum escrito do Capitaõ pera elle, que dizia assim.

„ Senhor, cumpre muito ao serviço „ de Deos, e de ElRey noſſo Senhor „ chegar V. S. cà; e pela brevidade des„ ta veja o que cà vay. Bejo as mãos a „ V. S.

Visto o escrito por Francisco Barreto, meteo-se logo na sua manchua com alguns Fidalgos da sua nàõ, e foy à outra que já estava muito trabalhada, por causa da muita agua que fazia; andando os Officiaes, e marinheiros baldeando a pimenta dos payoes de huma parte pera a outra em busca da agua, no que se gastou todo aquelle dia; e Francisco Barreto se tornou pera a sua nàõ com os Fidalgos que com elle foraõ, todos muito tristes por verem o miserável estado, em que a outra ficava. E em entrando

trando Francisco Barreto na sua, disse a todos os Fidalgos, e Cavalleiros que nella estavaõ: „ Senhores, aquella nào „ está em muito trabalho, e corre muito „ perigo de se perder, encomendemola „ a nosso Senhor, que por sua miseri- „ cordia a queira salvar. E assim passá- raõ todos aquella noite sem dormirem, pelo estado, e perigo em que ambas as nàos estavaõ: pela muita agua que tambem a de Francisco Barreto fazia, que naõ bastava pera lha diminuir, lançarem della ao mar muita fazenda de partes, pimenta de ElRey, e dous mil quintaes de pào preto, com que vinha assaz carregada de Moçambique (que he a total destruiçaõ das nàos, que alli invernaõ, o que se houvera de atalhar com grandes defezas) Ao outro dia pela manhãa fizeraõ final da Garça com hum tiro pera lhe acodirem, o que Francisco Barreto naõ esperou, porque quando atiràraõ, já elle hia bem afastado da sua nào acodir à outra com alguns Fidalgos, e soldados, que pudessem ajudar aos da nào, que já os de là estavaõ sem esperanças de salvaçaõ, por fazer muita agua por parte que se lhe naõ podia tomar, nem vedar; porque era pelo delgado de popa, a que chamaõ picas, lugar irremediavel.

Vendo Francisco Barreto com o Capitaõ da nào, e todos os mais Officiaes o estado em que ella estava, e que nenhum remedio tinha se naõ deixalla, assentàraõ „ que se recolhessem à outra, „ as mulheres, meninos, e toda a mais „ gente, que naõ fosse pera poder traba- „ lhar, primeiro que tudo, e a poz isso „ os mantimentos, que na nào havia „ pera remedio dos perdidos; porque „ os que vinhaõ na de Francisco Barre- „ to naõ podiaõ abastar pera tanta gen- „ te. Pera isso lançàraõ logo o batel grande fóra, pera que com as duas manchuas, que já andavaõ no mar, se despejasse a nào mais de pressa, assim da gente, como dos mantimentos, que logo começàraõ a levar, biscouto, arroz, carnes, e alguns barriz de vinho, o que se fez em tres dias que sempre Francisco Barreto esteve na nào Garça, por atalhar a confuzaõ que sempre ha em casos semelhantes, e dar ordem a se trabalhar nella, porque se naõ fosse ao fundo, atè que se tirasse della o que fosse necessario pera a viagem que haviaõ de fazer. E em quanto se despejava, esteve sempre Francisco Barreto no convez della com huma espada nua na maõ, sem consentir passageiro algum levar pera a outra mais, q̃ o que cada hum pudesse meter na manga, ou aljibeira, pela naõ carregar, que tambem se estava hindo ao fundo com a muita agua que fazia. E pera isto se poder fazer com a facilidade com que se fez, usou Deos com esta gente de huma grande misericordia; que foy em todo este tempo estar o mar taõ brando, como se fora hum rio de agua doce sem ondas: que a naõ ser assim, ou todos se perdèraõ, ou os que se salvàraõ, o fizeraõ com muita difficuldade.

Assim que despejada a nào dos mantimentos necessarios, mandou Francisco Barreto recolher toda a gente, ficando elle ainda na Garça pera se hir na derradeira batellada, em que foy a gente do mar que seriaõ oitenta homens, por estar quasi chea de agua atè a cuberta do cabrestante. E sendo já apartados della hum tiro de pedra, viraõ do batel vir hum bogio, que todo aquelle tempo em que se a nào despejou, esteve na gavea sem vir abaixo, se naõ quando se vio só, entaõ se desceo pela enxarcea, e se foy abordo, como que pedia aos que hiaõ no batel, que o tomassem. O que vendo Francisco Barreto, naõ pode acabar comsigo apartarse da nào sem salvar tudo o que tivesse vida, e logo disse aos que hiaõ remando o batel, duas vezes „ que tornassem à nào, e tomas- „ sem aquelle bogio, porque se diga em „ Portugal, e onde quer que se falar „ deste naufragio, que naõ ficou cousa „ viva nella, que naõ salvassemos. Ao que todos responderaõ „ que lhe reque- „ riaõ da parte de ElRey nosso Senhor, „ que

„ que naõ quizeſſe chegar à nào, por-
„ que eſtava jà quaſi metida no fundo,
„ e que quando ſe ſobmergiſſe, com o
„ redemuinho que fizeſſe levaria o batel
„ comſigo; o que pareceo bem a todos:
e aſſim ſe afaſtàraõ da nào ficando ſó o bogio nella. Quando ſe apartàraõ de todo della pera a deixarem, poderia ſer às tres horas depois de meyo dia, pouco mais, ou menos, e ainda à boca da noite ſe via, ſem ſe ter hido ao fundo. Recolhido Franciſco Barreto com eſtes homens do mar; e o Capitaõ da Garça Joaõ Rodrigues de Carvalho, com muita triſteza, e lagrimas, de verem perderſe aſſim huma nào ſem tormenta, ſendo a mayor, e mais rica que atè aquelle tempo houvera na carreira da India. E tanto foy o ſeu pezar, e triſteza pela perda da fazenda daquella gente, que foy neceſſario conſolarem-no, como ſe a perda toda fora ſó delle. Depois de recolhida a gente della, fez Franciſco Barreto hum eſcrito em que dizia eſtas palavras.

„ A nào Garça ſe perdeo tanto àvante
„ como o cabo das correntes, em altura
„ de vinte e cinco gràos da bãda do Sul,
„ e foy-ſe ao fũdo por fazer muita agua.
„ Eu com os Fidalgos, e mais gente que
„ levava na minha nào lhe ſalvei a ſua
„ toda: e himos fazendo noſſa viagem
„ pera Portugal com o meſmo trabalho.
„ Pedimos por amor de Deos a todos os
„ fieis Chriſtaõs que diſto tiverem noti-
„ cia hindo ter eſte batel aonde houver
„ Portuguezes, que nos encomendem
„ a noſſo Senhor em ſuas oraçoens, nos
„ dè boa viagem, e nos leve a ſalvamen-
„ to a Portugal.

Eſte eſcrito ſe meteo em hum canudo, e o tapàraõ, e breàraõ muito bem, e fizeraõ huma cruzeta alta no batel, aonde o atàraõ, porque lhe naõ chegaſſe à agua, e deixáraõ o batel, que o levaſſem as aguas aonde quizeſſem. Foy Deos ſervido, que foſſe ter dentro a Çofala, onde eſtava Baſtiaõ de Sà por Capitaõ, como depois ſe ſoube, quando Franciſco Barreto tornou a invernar a ſegunda vez a Moçambique.

Depois diſto feito, e recolhida a gente da nào Garça, quiz Franciſco Barreto fazer alardo da que tinha na ſua pera a acommodar, e lhes ordenar como foſſe melhor agazalhada: e achou antre Fidalgos, ſoldados, gente do mar, eſcravos, mulheres, e meninos, mil e cento e trinta e ſete almas: e com toda eſta gente cometeo o caminho do Cabo de boa Eſperança, por ventarem os Levantes, que ſó ſervem pera hir a Portugal. Hindo a nào fazendo muita agua, e navegando como digo pera o Cabo de boa Eſperança, com tempo brando, e ventos galernos, lhe deu ſupitamente pela proa hum Ponente taõ rijo, e furioſo, que lhe rompeo a vela grande por muitas partes: pelo que foy neceſſario dar com a verga em baixo, pera a cozerem, e remendarem, e ficar a nào arvore ſeca ao pairo, de que os Pilotos, e mais Officiaes dambas as nàos ſe eſpantàraõ muito, por verem que em monçaõ de Levantes ventàraõ Ponentes, o que lhes pareceo naõ duraria mais que aquelle ſò dia; mas enganaraõ-ſe porque ventáraõ outros dous mais. Viſto iſto pelos Pilotos, e mais Officiaes das duas náos, ſe foraõ a Fráciſco Barreto, e lhe fizeraõ huma fala, em que lhe diſſeraõ.

„ Que elles havia muitos annos que
„ curſavaõ aquella carreira (principal-
mente Ayres Fernandes que era o Piloto da nào Garça, que D. Conſtantino trouxe comſigo, com lhe fazerem muitas honras, e ventagens, por ſer jà muito velho, e eſtar apoſentado; e tinha paſſado o Cabo de boa Eſpe-
„ rança trinta e quatro vezes) e que ſe
„ naõ lembravaõ em tempo de Levan-
„ tes ventarem tres dias continuos Po-
„ nentes, que aquillo parecia mais per-
„ miſſaõ Divina, que curſo natural: que
„ parece que queria noſſo Senhor moſ-
„ tralhes que naõ era ſervido de ſe per-
„ der aquella nào, e tantas almas quan-
„ tas levava. E que cometerem aquella
„ viagem da maneira que a nào hia, era
„ temeri-

„ temeridade, e que parecia mais tentar „ a Deos, que eſperar nelle. Pelo que „ requeriaõ a ſua Senhoria da parte de „ noſſo Senhor, que quizeſſe arribar a „ Moçambique, e dahi lhe daria por „ ſua miſericordia remedio pera ſe ſal„ varem, ou faria o de que elle foſſe „ mais ſervido. O que viſto por Franciſco Barreto, e ouvidos os pareceres de todos, ſe foy com elles; e mandou fazer hum auto diſto que ſe aſſentou aſſinado por todos os Officiaes de ambas as nàos. E aſſim fez volta, e foy noſſo Senhor ſervido de os levar a Moçambique, mas ſempre com as mãos nas bombas, e com muito trabalho, que naõ fora poſſivel poderſe aturar, ſe naõ fora tanta a gente por quem ſe repartia.

Hindo a nào jà perto de Moçambique, lhe aconteceo outro deſaſtre, naõ menos perigoſo que o da agua, que fazia. E foy, que eſtando cincoenta leguas de Moçambique, pouco mais, ou menos, e dez, ou doze da terra, coſteando-a com vento de todas as velas hindo hum filho do Piloto peſcando do chapiteo de popa, deu hum grande grito, repetindo duas vezes „ pay braça e mea, bra„ ça e mea. A eſte tempo eſtava Franciſco Barreto na ſua varanda, donde ouvio o que diſſera o filho do Piloto, ſahio muito depreſſa pera à tolda, e achou huma revolta, e traquinada, que havia em toda a nào, ſem ninguem ſe ſaber dar a conſelho, nem ſabiaõ o que fizeſſem, por naõ ſaberem a cauſa de taõ grande confuzaõ, e borborinho como havia. Neſta conjunçaõ deu a nào huma pancada, com que tremeo toda, e com ella ficou a gente em taõ grande ſilencio como ſe naõ eſtivera nella peſſoa viva. Vendo o Piloto iſto ſubio muito depreſſa à gavea pera de là mandar a via, e por ver ſe via diante da nào algum baixo, de que ſe deſviaſſe (o que naõ podia fazer da cadeira por razaõ das velas, que todas hiaõ dadas) e aſſim mandou hir a nào à orça por ſe afaſtar da terra, que logo foy perdendo de viſta. A cauſa da pancada que a nào deu, he q̃ naquella coſta de Moçambique, dez, quinze, vinte leguas ao mar ha huns penedos que o mar cobre, com braça e meya, duas, e tres de agua, que ſe naõ vem, que ſe chamaõ Alfaques: parece que prepaſſando a nào por junto de algum deſtes, tocou com alguma das ilhargas, e foy cauſa daquelle abalo que fez, que ſe acertàra de dar com a proa, ou com a quilha, alli fizera a oſſada, e a gente toda ſe affogàra ſem remedio algum. Perdida a terra de viſta, foraõ demandar a de Moçambique, onde entràraõ a dezaſete de Dezembro de mil e quinhentos e cincoenta e nove, e aſſim puzeraõ neſta viagem hum mez deſdo dia que partiraõ daquelle porto, atè que tornàraõ a entrar nelle.

CAPITULO XIII.

Que trata de como Franciſco Barreto, depois de chegar a Moçambique da ſegunda arribada, partio pera Goa pela coſta de Melinde; e do que lhe aconteceo por ella: e de quando chegou a Goa, e de là partio pera o Reino na nào S. Giaõ. E de como a nào Patifa ſe perdeo em Mombaça, hindo nella Baſtiaõ de Sà, que acabàra de ſer Capitaõ de Çofala. E de como D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos chegou a Goa, depois de ſe perder na nào Gallega: e de como ſe foy pera o Reino na nào de Franciſco Barreto.

TAnto que Franciſco Barreto chegou a Moçambique da ſegunda arribada, determinou logo de ſe hir caminho da India a invernar em Goa, por naõ eſtar alli outros tantos mezes, como eſteve da primeira invernada. E por eſtar muito deſpezo, e ter gaſtado muito de ſua fazenda, e naõ ter dinheiro pera comprir com as obrigaçoens de quem era, e com o que lhe pedia a nobreza de ſua condiçaõ, que era muito largo, e liberal, o que em Goa poderia fazer com mais facilidade, e a menos cuſto de ſua fazenda. E como naõ havia naquella

fortaleza

fortaleza mais embarcaçoens, em que ſe pudeſſe hir, que huma fuſta velha de ElRey, e deſconcertada, foy aviſado que na coſta de Melinde tinha hum homem Chatim huma fuſta boa, a mandou logo com muita preſſa comprar a cuja era. Chegada a fuſta, a mandou logo varar, cifar, e concertar, mandando fazer o meſmo á velha, que alli eſtava de ElRey. Depois de eſtarem já as fuſtas concertadas, tomou huma pera ſi, e a outra deu a Jeronymo Barreto Rolim ſeu primo, pera hirem nellas pela coſta de Melinde, e atrayeſſarem a Goa da Ilha de Sacotorà, o que naõ teve effeito porque o fez de Pate.

Embarcados nas fuſtas os mantimentos, e andando-ſe fazendo aguada pera partirem, parece que deſejando Joaõ Rodrigues de Carvalho (Capitaõ que fora da nào Garça, q̃ ſe perdeo) de paſſar à India naquella companhia: pedio a Jeronymo Barreto Rolim, o quizeſſe levar na ſua fuſta. Imaginou-ſe o Jeronymo Barreto jà perdido, por ſe aſſombrar com Joaõ Rodrigues de Carvalho, por ſer muito mal eſcançado no mar, e taõ pouco ditoſo nelle, que naõ ſe ſabe embarcarſe vez alguma, que naõ ſe perdeſſe a embarcaçaõ, em que elle foſſe. Reſpondeolhe Jeronymo Barreto Rolim que o naõ podia levar. Parece que lhe diſſe algumas palavras, de que Joaõ Rodrigues de Carvalho inferio que o deixava de levar em ſua companhia por ſua mà fortuna, e pouca dita. Cuidando Joaõ Rodrigues de Carvalho niſto, fez nelle tanta impreſſaõ o naõ o quererem levar por aquelle reſpeito, que diſto ſe lhe gerou a morte: porque aquella noite ſeguinte eſtando elle na cama em caſa de Pero Mendes Moreira (que era Feitor, e Alcaide mòr de Moçambique, com quem pouſava) começou a gemer, e dar muitos ays. Diſſeraõlhe dous filhinhos de Pero Mendes Moreira, que tinha comſigo na cama meninos, hũ de tres, outro de quatro annos „ tio (porque aſſim lhe chamavaõ „ os meninos) vòs naõ dormis, e gemeis, „ porque perdeſtes a voſſa nào? De tal maneira ſentio, e o entráraõ as lembranças, que os innocentes lhe fizeraõ, que foy a cauſa de ſua morte: porque amanheceo morto na cama, ſem haver outra cauſa, a que a morte ſe lhe pudeſſe attribuir. Tanta força, e efficacia tem a paixaõ, e triſteza, que foy baſtante pera ſe lhe cerrarem os eſpiritos vitaes, e morrer.

Acabada de fazer a aguada das fuſtas, ſe embarcou Franciſco Barreto na ſua, e Jeronymo Barreto Rolim na outra, e na entrada de Março de mil e quinhentos e ſeſſenta ſe partiraõ de Moçambique caminho da coſta de Melinde na monçaõ pequena (chamaõlhe pequena, por razaõ das muitas calmarias que entaõ ha) Os Fidalgos, que Franciſco Barreto levava na ſua fuſta, eraõ Manoel de Anhaya Coutinho, Pedralvares de Mancellos, Franciſco Alvares Provedor mòr dos defuntos, Franciſco de Gouvea, e hum foaõ de Araujo: afóra outros muitos homens que eraõ da obrigaçaõ de Franciſco Barreto: porque os mais Fidalgos ficàraõ em Moçambique pera ſe virem na monçaõ grande que he em Agoſto na náo Patifa. Foy Franciſco Barrero tomando os portos que havia pela coſta de Melinde, onde ſe refazia de agua, e mantimentos. O primeiro que tomou foy Quiloa, que eſtá em ſeis gráos da banda do Sul, cento e cincoenta leguas de Moçambique. Neſta Cidade (que moſtrava nos edificios que tinha ſer mayor, e mais habitada do que entaõ era) eſteve quatro dias ſurto, com quem o Rey della nunca ſe quiz ver. Teve Franciſco Barreto noticia de huns dous monſtros que alli havia, filhos de hum bogio, e de huma negra, que ſe dizia ſer mulher de hum Xeque. Trabalhou Franciſco Barreto todo o poſſivel pelos haver, e levar a ElRey D. Sebaſtiaõ: mas como eraõ de ElRey de Quiloa, naõ os quiz reſgatar. Determinou entaõ Franciſco Barreto de os mandar furtar; mas como iſto naõ eſteve tanto em ſegredo, que ſe naõ aventaſſe,

aventaſſe, ſabendo-o o Rey mandou que os puzeſſem em cobro, atè que Franciſco Barreto ſe foſſe.

Partido daqui deſta Cidade, foy tomar a de Mombaça, onde eſteve oito dias eſpalmando, e concertando as fuſtas. Aqui foy (quando logo chegou) viſitado do Rey com hum grande preſente de refreſco de vacas, carneiros, gallinhas, mel, manteiga, tamaras, limoens, cidras, e laranjas, de que a Ilha (que ſerà de ſete leguas em roda) he muy abaſtada, e fertil. Reſpondeolhe Franciſco Barreto com outro de muitos brincos, e peças ricas, e curioſas, que jà levava pera iſſo, em que moſtrava quaõ liberal, e grandioſo era: porque como jà diſſemos, era o mais liberal Fidalgo que havia naquelle tempo. Tanto, que bem ſe verificava nelle aquelle dito de D. Antaõ de Noronha, que foy Viſorey da India, que dizia. „ Que naõ ſe podia ſuſtentar a India cõ „ proſperidade, ſe naõ havendo nella „ Capitaens doudos, q̃ ſahiſſem ricos de „ ſuas fortalezas, e tornaſſem a gaſtar cõ „ ſoldados tudo o que dellas tiraſſem. O que aconteceo a Franciſco Barreto, que tirando da fortaleza de Baçaim (de que foy Capitaõ) oitenta mil pardaos, aſſim os gaſtou em ſerviço de ElRey com ſoldados, que quando entrou na governança da India, jà devia vinte e oito mil pardaos. Daqui podemos muito bem inferir, e do eſtado em que a India agora eſtà, quantos ſeſudos tem.

E tornando a continuar com a viagem de Franciſco Barreto; depois que partio de Mombaça, foy tomando todos os mais portos, e Ilhas que havia pela coſta de Melinde, donde ſe vio com ElRey, que por ſer muito amigo do de Portugal, e dos Portuguezes o foy viſitar a terra, e lhe mandou hum muito rico preſente. Partido daqui foy ter à Ilha de Pate, onde achou hum navio de huma gavea, que era de hum Chatim, e eſtava carregado pera ſe partir pera Chàul. E como Franciſco Barreto hia na fuſta muito apertado por razaõ da muita gente que levava, fretou o navio a cujo era, e ſe paſſou a elle com a mòr parte da gente que levava na ſua fuſta, e dalli (que eſtà eſta Cidade em tres gràos da banda do Norte, e ſeiſcentas leguas da barra de Goa) ſe fez à vela, e poz na viagem quarenta dias: ſendo ella de vinte e cinco, donde paſſou muito trabalho neſte golfo, de ſedes por razaõ das muitas, e grandes calmarias que teve: que ſe tardàraõ dous dias mais, ſem tomarem a coſta da India, todos houveraõ de perecer à ſede, por naõ levarem jà hum almude de agua, e haver muitos dias que ſe naõ comia arroz, por naõ haver agua com que o cozer, nem biſcouto: ſó comiaõ tamaras, e cocos, e algumas poucas vezes carne aſſada de huns poucos de carneiros que vinhaõ no batel do navio.

Hindo aſſim neſte trabalho, houveraõ huma manhãa viſta de terra da coſta da India, e naquella tarde ſahio de hum rio daquella coſta o catur de Roque Pinheiro, que vinha do Eſtreito de Meca, onde o Viſorey D. Conſtantino o mandàra, em companhia de Chriſtovaõ Pereira Homem, a lançar em Maçuà o irmaõ Fulgencio Freire da Companhia de Jeſu, com recado ao Biſpo que eſtava na Abaſſia, como diſſemos no Capitulo oitavo deſte oitavo livro.

Vendo Roque Pinheiro aquelle navio, ſe foy a elle, e ſabendo que hia nelle Franciſco Barreto, entrou nelle, e lançando-ſe a ſeus pès com muitas lagrimas, pelo ver naquellas partes em outro eſtado havia pouco bem differente daquelle em que o entaõ vio. Depois de lhe dar conta de como o Coſſairo Cafar tomàra o navio de Chriſtovaõ Pereira Homem, proveo o navio de Franciſco Barreto de agua, dandolhe toda a que trazia, e tornou a terra com muita preſſa a buſcar mais, com que acabou de dar vida aos pobres, que jà a naõ traziaõ: que ſe acertàraõ de naõ topar aquelle navio entaõ, pòde muito bem ſer que aquelle fora o derradeiro dia de ſeus trabalhos. Ao outro pela manhãa, que

foy

foy huma ſeſta feira, dezaſete de Mayo, de quinhentos e ſeſſenta, chegou à barra de Goa jà com as mãos nos cabellos, bem temeroſo, e receoſo das primeiras ameaças do inverno, que entra muy furioſo naquella coſta, e com a eſpada na maõ, como logo aconteceo. Ao outro dia ſeguinte que foy Sabbado, depois de todos eſtarem jà deſembarcados, e Franciſco Barreto no Moſteiro dos Reys Magos da Ordem de S. Franciſco, que eſtà em Bardes na barra de Goa, fez huma taõ grande tempeſtade de chuva, e vento, que parecia acabarſe o mundo, e ſoverterſe a terra com outro ſegundo diluvio.

Tanto que ſe ſoube em Goa da chegada de Franciſco Barreto à barra, foy logo viſitado de todos os Fidalgos, e caſados de Goa, e elle ſe embarcou em hum catur ligeiro, e ſe foy caminho da Cidade viſitar o Viſorey D. Conſtantino, acompanhado de toda a fidalguia, e Cidadãos, e tanta mais gente, que enchia deſdo caes atè a fortaleza, e todo o ſeu terreiro. E rompendo por aquella multidaõ de gente, chegou a elle, que o eſtava jà eſperando, com muito grande alvoroço, e corteſias, e ſe foraõ pera dentro; onde depois de deſcançar, e dar conta do que lhe acontecèra na jornada, ſe foraõ ceár com algũs Fidalgos parentes de ambos, e alli dormio aquella noite. Ao outro dia pela manhãa ſe tornou Franciſco Barreto a embarcar pera hir aos Reys Magos a comprir huma Novena, que tinha promettido no ſeu naufragio, e foy acompanhado de tanta fidalguia, e nobreza, que parecia deſpejarſe a Cidade. Vendo o Viſorey Dom Conſtantino o grande concurſo dos Fidalgos, e caſados de Goa, que o acompanhavaõ, diſſe aos que eſtavaõ preſentes: „Quantas „graças deve dar Franciſco Barreto a „Deos pelo fazer taõ bem quiſto.

Depois de Franciſco Barreto eſtar no Moſteiro dos Reys Magos comprindo ſua Novena, o mandou viſitar o Viſorey, e lhe mandou quatro mil pardaos de que lhe fazía mercè em nome de ElRey pera ajuda das deſpezas do inverno. Acabada a Novena da romaria, ſe foy Franciſco Barreto apoſentar alèm de Santa Luzia nas caſas de hum caſado de Goa, que ſe chamava Fernaõ Nunes, onde eſteve atè meado Dezembro, correndo ſempre com o Viſorey muito bem; que o tornou a mandar viſitar, e lhe mandou dous muito fermoſos ginetes, que elle logo deu, hum a Luiz de Mello da Silva, ſeu parente, e outro a D. Filippe de Menezes ſeu ſobrinho, filho de ſua irmãa Dona Brites de Vilhena, por ſobrenome a Perigoſa, e de D. Henrique de Menezes. E como Franciſco Barreto naõ tinha nào, em que ſe vieſſe pera o Reino, lhe deu o Viſorey a nào S. Giaõ, que invernàra em Goa, e eſtava varada em Panelim, onde ſe concertou muito bem pera elle vir nella, ſatisfazendo a Antonio de Souſa de Lamego a Capitanìa da nào.

Em quanto elle inverna, e a nào em que ha de partir pera o Reino ſe concerta, daremos razaõ da Patifa que ficou em Moçambique, invernando da ſegunda arribada; que por vir muito deſtroçada, a mandou Baſtiaõ de Sà, Capitaõ que acabava de ſer de Çofala, concertar muito bem, pera ſe hir nella pera Goa na monçaõ grande, que he a de Agoſto, em companhiâ das que haviaõ de vir do Reino. E como eſteve concertada, mandou Baſtiaõ de Sà embarcar nella agua, e mantimentos, e toda ſua fazenda, e como foy tempo, embarcouſe nella com todos ſeus criados, e os Fidalgos que vieraõ nella em companhia de Franciſco Barreto, que ficàraõ invernando em Moçambique, donde ſe fez à vela a onze de Agoſto. Ao dia ſeguinte começou a fazer tãta agua, que ſe hia ao fundo, e como naõ podia tornar arribar a Moçambique, foy forçado hir demandar a barra de Mombaça, onde varou em terra, e ſe desfez, ſalvando-ſe tudo o que levava aſſim de ElRey, como de partes, e Baſtiaõ de Sà ſe embarcou em hum navio, em que

foy à India, e naõ me ſouberaõ dizer, ſe a invernar, ſe depois em Setembro.

Tornemos a Franciſco Barreto que eſtava invernando em Goa, e concertando a nào S. Giaõ, em que ſe havia de embarcar; que depois de a ter concertada, e começando de a carregar, chegàraõ à barra de Goa cinco nàos do Reino: em huma dellas vinha D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, que veyo ter a Moçambique depois de ſe perder o anno paſſado na nào Gallega, e ficar invernando na Ilha de S. Lourenço, onde foy ter no batel da nào, em que ſe tinha ſalvado com ſeſſenta peſſoas.

Tanto que o Viſorey ſoube de ſua chegada, logo o mandou viſitar com dous mil pardaos, e hum cavallo, e hum quartào, correndo muito bem alguns dias que eſteve em Goa com o Viſorey, atè ſe embarcar pera o Reino na nào de Franciſco Barreto, por ſer caſado com Dona Branca de Vilhena, ſua ſobrinha, filha de Diogo Lopes de Siqueyra, que foy Governador da India, e de Dona Maria de Vilhena ſua irmãa.

Eſtando jà a nào S. Giaõ preſtes, aparelhada, e carregada, e com os mantimentos, e agua embarcados, ſe fez Franciſco Barreto à vela a vinte de Dezembro, tendo muito proſpera viagem, e dando em toda ella meſa aos Fidalgos que foraõ em ſua companhia: que eraõ D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, D. Joaõ Pereira, irmaõ do Conde da Feira, D. Duarte de Menezes, o Narigaõ, que era dos da caſa de Penella, de quem jà falàmos no Capitulo undecimo deſte oitavo livro, que ſe achou em Punicale, quando o Biſminaique tomou a Manoel Rodrigues Coutinho a fortaleza da Peſcaria, e a deſtruhio, Garcia Moniz Barreto, natural da Ilha da Madeira, Manoel de Anhaya Coutinho, e outros a que naõ ſoubemos os nomes. Chegou a Lisboa hum Domingo a treze de Junho de mil e quinhentos e ſeſſenta e hum: onde foy recebido de toda a fidalguia com muito alvoroço, e contentamento, pelo terem por morto, por haver tres annos que partira da India a primeira vez, e acompanhado de toda ella o levàraõ a beyjar a maõ à Rainha Dona Catharina, que entaõ governava o Reino por ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto, que ſeria de ſete annos de idade. Foy recebido della com muitas honras, aſſim pela qualidade, e valor de ſua peſſoa, como pelos muitos ſerviços que tinha feito aos Reys de Portugal na India, e em Africa.

CAPITULO XIV.

Das grandes guerras que ſe alevantàraõ antre ElRey de Cranganor, e o de Còchim; e da cauſa porque. E do grande temor, e reſpeito, que todos os Malavares tem ao Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè, e das ſoberbas, e cuſtoſas feſtas que lhe fazem.

NO principio da quinta Decada no Capitulo primeiro temos dado larga relaçaõ dos grandes odios, e bandos que ſe ateàraõ antre todos os Reys Malavares, e dos appellidos que tomàraõ os Reys de Còchim, e Calecùt, que eraõ cabeças delles, chamando ſe os de huma parte Jogerecuros, e os da outra Paydericuros, pera por elles ſerem conhecidos. E deſtes o Rey de Cranganor foy lançado a parte do Camorim; porque por hum muito antigo coſtume, ou ley, eraõ obrigados os Camorins, e Emperadores do Malavar, a caſar com as Princezas de Cranganor, por cuja razaõ ficavaõ havidos por pays dos Reys de Calecùt, o que nunca ſe quebrou, e aſſim elles os favoreciaõ em tudo como eſſes. Ora aſſim por eſte antigo odio, como por outros biquinhos, o Rey de Cranganor que neſte tempo reinava, fez muito cruel guerra, em quanto viveo, ao de Còchim; que foy continuando muitos annos, com propoſito de o deſtruir de todo: porque era rico, e tinha muitas rendas por cauſa de hum Pagode chamado Parui, que eſtava

eſtava em ſuas terras, da mais antiga, e continuada romagem de todas as do Malavar, que lhe rendia cada anno huma muito grande ſoma de ouro, porque de todas as partes da India concorria toda a gentilidade della a ſe offerecer a eſte Pagode. E toda eſta renda gaſtava neſta guerra, e em ſolicitar, e peitar os Senhores do Malavar, e ainda os vaſſallos de ElRey de Còchim (por cuja cauſa ſe lhe rebellàraõ muitos, e ſe paſſáraõ à parte de Cranganor) naõ achando nunca aquelle Rey, ſe naõ os Portuguezes, e os Capitaens de Còchim, que ſempre o acompanhàraõ nas guerras; e com ſeu braço, e poder lhe entrou muitas vezes por ſuas terras, e lhas deſtruhio, e queimou, e a elle poz em tal eſtado, que lhe foy neceſſario mandar a Portugal offerecerſe por vaſſallo de ElRey D. Joaõ, a fim de os Portuguezes o naõ perſeguirem. ElRey lhe mandou paſſar huma larga carta de vaſſallagem, que alguns moradores antigos de Còchim nos diſſeraõ que viraõ, de que hoje nos parece que naõ ha jà memoria: porque nem na Secretaria, nem em alguma outra parte a pudemos achar pera lançar o treſlado della na torre do Tombo, de que temos cuidado, e ſomos Guarda mòr: porque eſtas couſas, e outras muitas deſta qualidade ſaõ perdidas, e acabadas, pela pouca conta que neſte Eſtado ſe faz de tudo o que naõ ſaõ drogas, e fazendas.

E proſeguindo eſte Rey nas guerras, e odios contra o de Còchim, e querendo o de Còchim por algumas vezes deſtruillo de todo, faltàraõlhe as ajudas que os Portuguezes lhe coſtumavaõ a dar, por ſer contra vaſſallo de ElRey de Portugal, e aſſim ficàraõ neutraes, ſem favorecerem a hum, nem a outro, fazendo-ſe elles todos os danos que podiaõ. Mas ſempre o Rey de Cranganor o recebia mayor, porque o de Còchim era o mais poderoſo. E como o odio era por natureza, e entranhavel, andou o Rey de Cranganor traçando, e fanteſiando todos os modos, e ardiz que pode pera deſtruir eſtoutro, atè dar em hum, que foy o mais prejudicial, aſſim àquelle Rey, como ao Eſtado da India, que todos os que o demonio lhe podia offerecer, e foy.

Tinha eſte Rey de Cranganor dous ſobrinhos filhos de ſua irmãa, que haviaõ de ſer herdeiros do Reino (porque coſtumavaõ eſtes Reys do Malavar criarem ſempre dous Principes pera eſta herença, e trazerem-nos em Corte, pera verem, e ſaberem o modo do governo: porque ſe morreſſe hum, puzeſſem logo o outro em ſeu lugar, e aſſiſtiaõ nos conſelhos pera ſe enſinarem) Deſtes dous, que eſte Rey de Cranganor tinha, o ſegundo ſe chamava o Principe Branco, que era muito affeiçoado aos Portuguezes, e grande amigo do Rey de Còchim, com quem ſe cõmunicava por recados. Succedeo agora neſte anno em que andamos, morrer o Principe mais velho, e ficar ſendo o Branco o principal, e verdadeiro herdeiro do Reino; o que aquelle Rey ſentio em extremo, pela grande amiſade que tinha com o de Còchim ſeu imigo. E andando fanteſiando, e traçando o que faria naquelle negocio, cahio em hum ardil do mayor prejuizo que podia ſer; que foy concertarſe com o Camorim, que mandaſſe criar em Cranganor os ſobrinhos, que lhe haviaõ de herdar o Reino, e que elle mandaria criar a Calecùt os ſeus herdeiros, e aſſim fizeraõ logo eſta troca, e o de Cranganor mandou pera Calecùt outros dous ſobrinhos filhos de outra irmãa, pera là ſe criarem cõ tençaõ de desherdar o Principe Branco, pelo ſentir affeiçoado aos Portuguezes. Eſta inclinaçaõ, e maldade foy entendida de todos, e Joaõ Pereira, que era Capitaõ de Cranganor, o ſentio muito, porque bem vio que lhe haviaõ aquellas couſas de dar muito trabalho, e que ſe lhe hia ordenando huma guerra, que poderia ſer em grande dano, e riſco daquella fortaleza. Pelo que logo mandou fazer ao redor della vallos, e tranqueiras muito fortes, e cortar os

matos que por alli havia ao derredor, o que encarregou a Joaõ Alvares Pereira ſeu genro, mandandolhe que naõ travaſſe guerra com a gente de Cranganor, ſem de là primeiro a naõ fazerem. E andando elle neſta obra acodio a gente daquelle Rey a lha defender, e o começou a eſpingardear, ſem o Joaõ Alvares Pereira bullir comſigo: antes lhes mandou requerer „ que ſe afaſtaſſem, por„ que naõ queriaõ romper com os vaſ„ ſallos de ElRey de Portugal, e que „ antes haviaõ de favorecer em tudo o „ Rey de Cranganor: porque o manda„ va aſſim o Viſorey da India. O que naõ baſtou pera elles deixarem de cõtinuar em ſeus intentos. Vendo iſto Joaõ Pereira, mandou pedir gente a Còchim, e com a que tinha, deu na de ElRey de Cranganor, que eſtava da outra banda do rio, e desbaratou, e lançou fóra dalli. Por aqui ficou a guerra declarada, e começou a haver entradas de parte a parte, e ajuntarem aquelles Reys ſeu poder, e o de Còchim acodio, e trabalhou muito por tomar o Pagode Parui aſſim por enfraquecer o imigo na renda; como pera elle ficar Senhor daquella romagem, que elle em extremo ſentia eſtar em poder daquelle Rey: que como ſe ciava delle, tinhaõ muy bem fortificado, e provido de guarda.

E porque na feſta deſte Pagode ſuccede tambem huma, que elles fazem ao Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè: nos pareceo bem darmos aqui relaçaõ della, por ſer em muito louvor, e gloria ſua, e que pela ventura antre Chriſtãos ſe lhe naõ faz outra taõ ſolenne; pelo que ſe ha de ſaber que eſte Pagode, que acima diſſemos, q̃ ſe chama Parui, he taõ antigo, que jà muito antes da vinda de Chriſto era hum dos de mayor romagem, e concurſo de gente, que todos os deſtas partes; a quem coſtumaõ fazer ſuas feſtas na lua de Março; a que acode a mòr parte dos Gentios dos Reinos viſinhos. E na marè da noite da conjunçaõ hiaõ por aquelle rio acima, tantas embarcações, que o entulhavaõ, carregadas de Romeiros. E chegando ao Pagode (que he pelo rio de Cranganor acima, perto de quatro leguas) fazem ſuas feſtas, e ceremonias, e offerecem ſuas offertas, que rendem tanto, que pelo que montavaõ àquelle Rey ſe teve ſempre pelo mais rico de todos os do Malavar. E depois que o Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè paſſou a eſtas partes da India, andando por ella prègando a Ley da Graça, a que converteo tanto numero de Gentios; chegou tambem a eſte Reino de Cranganor, onde fez muy grande fruto, e bautizou a mòr parte dos Gentios, de que ainda hoje ha huma boa quantidade, que procedèraõ delles, e fundou naquella ponta (onde depois a tantas centenas de annos ſe fez a noſſa fortaleza) hum Templo que hoje ſe vè dentro della: que tanto que alli foy alevantado, paſſando os Romeiros por alli o dia da ſua feſta, em emparelhando com a Igreja, levantava-ſe ſupitamente hum vento, e alagavalhes a mòr parte das embarcaçoens, e lhes affogava muita gente; porque parece que o permittia Deos aſſim, porque naõ paſſaſſem pela porta do ſeu Templo as offertas pera o demonio, e queria que ſe proſtraſſem diante da Arca do Teſtamento os idolos de Baal. O que ſuccedeo muitos annos arreyo, pera Deos moſtrar que a obra era mais ſua, que acontecida acaſo.

Vendo aquella bruta gentilidade aquelles naufragios taõ continuos daquelles annos pera cà, naõ lhes ſuccedendo tantas centenas de annos atraz algum, nem perigando naquella paſſagem embarcaçaõ alguma: houveraõ que era caſtigo do Santo Apoſtolo, que eſtava irado contra elles de paſſarem por defronte da ſua caſa, pera ſe hirem offerecer ao ſeu Pagode. E querendo o aplacar, ordenàraõ ſobre grandes torres fermoſos caſtellos de madeira muy bem lavrados, de dous, quatro, ſeis, oito, atè onze ſobrados, de que ſe jà viraõ alguns, ſegundo a poſſe dos que os fazem, e do primeiro ſobrado atè o derradeiro,

radeiro, cercados em roda, e cheyos de muitas luminarias, e os Romeiros, que vaõ dentro, veſtidos de roupas novas, e limpas, com muitos tangeres, e bailos. Aſſim deſta maneira vaõ pelo rio acima todos calados, e em emparelhando com a Igreja do Santo Apoſtolo, acendem as luminarias todas, e começaõ os tangeres, e bailos com tanto alvoroço, feſta, e eſtrondo, que parece que ſe desfaz o rio, e a terra em gritos, e tanto que dobraõ a ponta, em que dantes perigavaõ, ceſſaõ os tangeres, e bailos, e ſe apagaõ as luminarias, e naõ querem chegar com ellas aceſas ao Pagode por naõ offenderem o Santo Apoſtolo. E ſe acerta algum de naõ poder paſſar naquella marè da noite (como jà aconteceo) ao outro dia ao ſahir do Sol comete a paſſagem, e no cume do caſtello vay hum homem em pè com huma faca na maõ, e em emparelhando com a Igreja do Bemaventurado Apoſtolo faz huma ferida no dedo, e promette ao Santo de pera o anno lhe fazer outro caſtello de mais ventagem, ſe o deixar paſſar, e aſſim o fazem, e moſtraõ nelle mòr mageſtade, e grandeza; porque realmente crem que o Santo os naõ deixou paſſar com os outros por eſtar delles offendido.

E como os Reys de Còchim deſejàraõ ſempre de mudar eſta romagem pera ſuas terras, pelo proveito que diſſo eſperavaõ, trabalhàraõ todos muito niſſo, atè ſucceder ElRey Ramarà, que falando-ſe com os Bramanes em ſegredo, lhes fez crer que o idolo Parui lhe apparecèra, e lhe diſſera que elle eſtava muito enfadado das guerras de Cranganor, e que lhe mandava mudaſſe ſua romagem pera o lugar de Palurte (que era hum Pagode que eſtava adiante de Còchim de cima, junto dos fornos da cal) E logo mandou fazer ao derredor do Pagode hum fermoſo tanque, pera os Romeirós ſe lavarem, e começou no meſmo dia, que em Cranganor ſe faziaõ as feſtas, a celebrar outras muito ſolennes, em que mandou publicar pelos ſeus Bramanes o apparecimento do idolo Parui. E como aquelle Rey na Religiaõ he havido por cabeça de todo o Malavar, como Bramane mòr, todos lhe deraõ credito, e começou-ſe aquella romagem a ſe paſſar pouco, e pouco pera Còchim, e a creſcerem as rendas daquelle Rey, e hirem faltando muito ao de Cranganor, com o que veyo a cahir em pobreza.

CAPITULO XV.

De como Bajazeto filho de Solimaõ Emperador dos Turcos fogio pera a Perſia: e dos tratos que teve pera matar aquelle Rey. E de como elle o entregou a ſeu irmaõ Cilim.

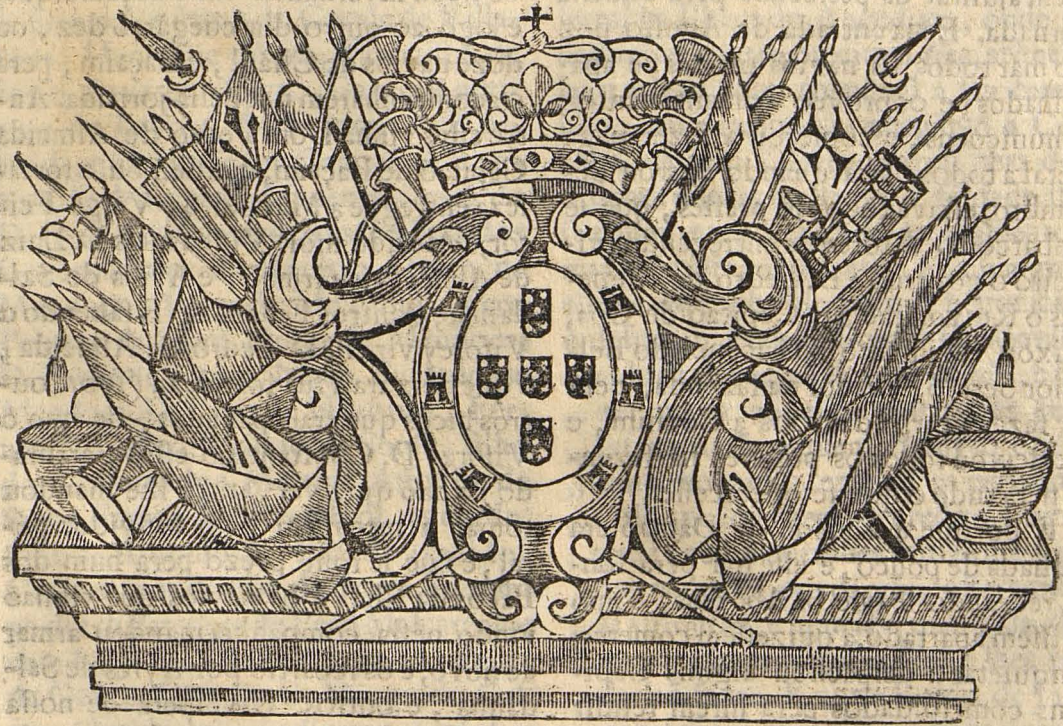
SEmpre ſeguirey eſta ordem de contar as couſas, que ſuccederem na Perſia, porque todas prejudicàraõ à noſſa fortaleza de Ormuz, e lhe dèraõ muito trabalho, como tambem o farey das que ſuccederem a todos os mais Reys viſinhos a todas as mais fortalezas. E agora eſtas tomarey a couſa de ſeu principio pera ſe entender melhor. Pelo que ſe ha de ſaber que Solimaõ filho de Cilim, eſtando jà em idade decrepita, tinha em ſeu animo de deixar nomeado em ſeus Imperios a Cilim ſeu filho ſegundo, tendo o mais velho chamado Bajazeto de mais partes, e mais pera governar tamanho Imperio, que o outro. E ſós eſtes dous lhe ficàraõ de muitos que teve. E como he coſtume da caſa Otomana, tinha Solimaõ eſtes dous filhos ſeparados, Cilim, a quem elle queria dar o Reino em Aſia menor na Cidade de Manencia, e ao Bajazeto em Cutea tambem em Aſia menor, mas apartado algumas jornadas donde o outro eſtava, e reſidia. E como o velho do pay o tinha cego a affeiçaõ, e amor do filho ſegundo, parece que diſſe algumas vezes que elle herdàra aquelle Imperio de Cilim, e que o havia de deixar a outro Cilim. Chegou iſto às orelhas

do Bajazeto, que por conſelho de Receſtan Baxà, que o favorecia, eſcreveo ao pay hũa carta com grande ſubmiſſaõ, em que lhe pedia „ que naõ quizeſſe ti„ rarlhe o ſeu direito, pois em idade, e „ partes precedia a ſeu irmaõ, e que naõ „ foſſe occaſiaõ de chegarem ambos os „ irmãos à eſtado de averiguar ſua juſti„ ça pelas armas. Porque ficaria no „ mundo com aquella infamia de injuſ„ to, e daria conta a Deos dos danos „ que diſſo reſultaſſem. Com eſta carta ficou o Turco muy apaixonado, e lhe reſpondeo mal: com o que determinou logo de pôr o direito nas armas, e ajuntou a mais gente que pode pera hir buſcar o irmaõ, de que o irmaõ foy logo aviſado, e fez ſeus ajuntamentos, e o pay o meſmo pera o ajudar. E entendendo o Bajazeto que na diligencia eſtava a vitoria, determinou de dar no Cilim primeiro que ajuntaſſe o poder, porque o ſeu havia de ſer mayor pelo favor que tinha no pay, e aſſim partio contra elle com dezoito mil cavallos, e huma tarde appareceo nos campos de Angona onde o Cilim eſtava. E alojou ſeu exercito em campo largo, e aberto, aonde lhe ſahiraõ alguns de cavallo, que o irmaõ mandou pera que o naõ deixaſſem alojar à ſua vontade. O Bajazeto deſpedio hum de cavallo com recado ao irmaõ, que tambem eſtava fóra em campo em que lhe dizia „ que pera que „ era deſaccommodallo, e tratar de eſca„ ramuças, que o deixaſſe alojar, e que „ ao outro dia entraſſem os exercitos „ ambos em batalha, e que dos danos „ q della reſultaſſem daria ſeu pay con„ ta, pois por ſua maldade chegou ſeus „ filhos àquelle eſtado, e lhe queria ti„ rar o Reino taõ injuſtamente contra „ todas as leys naturaes. Cilim lhe man„ dou dizer que era muito contente, „ e que ao outro dia ſe veriaõ, porque eſtava confiado no poder que tinha, por ter comſigo a mòr parte dos Janiçaros.

Ao outro dia em rompendo a manhãa ſe preparàraõ pera a batalha: ponſ do a de Cilim em ordem Muſtafa Baxâ, que o pay lhe deu por conſelheiro: e o de Bajazeto Muſtam Baxâ, e fizeraõ de ſua gente dous eſquadroens na melhor ordem que ſouberaõ, levando diante ſua artelharia, que ao tempo de romper fez ſeu officio com tanto eſtrondo, terremoto, e dano, que dambas as partes ficàraõ muitos eſpedaçados, e logo as batalhas ſe travàraõ, e Bajazeto ſabendo que no corno eſquerdo de Cilim hia toda a gente nova, que ſe ajuntou pelos povos de derredor, pouco exercitada, o foy inveſtir, e o desbaratou logo, e rompeo, e o poz em fugida: e hindo-o ſoccorrer o corno direito de Cilim onde elle naõ eſtava, foy cometido do eſquerdo do Bajazeto, e antre elles ſe travou huma aſpera batalha, em que o Bajazeto fez tambem tanta deſtruiçaõ, que o obrigou a ſe recolher atè onde Cilim eſtava com a mòr força do exercito ſem ſe bullir: o que viſto por Muſtafa Baxà, lhe requereo que entraſſe na batalha, ſe naõ que tudo ſe perderia. E poſto que outros lhe aconſelhàraõ que ſe recolheſſe, que tudo era perdido, todavia elle rompeo co a ſua batalha, e inveſtio os imigos com tanta força, que lhe fez perder terra, com o que foy neceſſario a Bajazeto acodir com ſua batalha, e aſſim ſe miſturàraõ todos com grande crueldade, durando o conflicto della quaſi nove horas. E quiz a pouca ventura de Bajazeto que lhe dèſſem neſte tempo (em que a couſa eſtava ſuſpenſa) huma eſpingardada por hum braço, que o obrigou a ſe ſahir da batalha, com o que o ſeu exercito ſe perdeo de todo, e dos ſeus ficàraõ mais de dez mil mortos, e da parte de Cilim mais de quinze mil. Bajazeto ſe recolheo a Licaonia, e alli recolheo as reliquias do exercito, e ſe lhe ajuntàraõ outros de novo, e todavia deſconfiado de ſua ventura ſe paſſou à Perſia com tres filhos: o mayor de dezoito annos deixando a mulher prenhe com algumas filhas, e naquelle Reino foy recebido naõ com boa graça. Porque ſe receou de ſe que-

brarem

brarem as pazes com o Turco por aquelle reſpeito. E todavia mandou o agaſalhar, e ao ſeu exercito, que era de mais de vinte mil homens. Dizem alguns que em ſatisfaçaõ deſta hoſpedaria o aconſelhàra hum Baxà dos ſeus, que naõ ſey ſe foy Raitan, que hum dia diſſimuladamente mataſſe aquelle Rey, e que pela ventura lhe abriria ſua fortuna caminho pera ſer Rey da Perſia: do que aquelle Rey fora aviſado. E dando conta diſſo a ſeus Soltoens, lhe aconſelhàraõ que o mataſſe elle primeiro: o que naõ quiz conſentir, dizendo q̃ iſſo naõ entrava nas leys da hoſpedagem. Mas por ſe naõ ficar temendo delle, o prendèra a elle, e aos filhos, e todos os Turcos que com elle foraõ, e poucos, e poucos os mandàra matar. Cilim o que ficava jà com direito do Reino adquirido aſſim por vontade do pay, como pelas armas, mandou Embaixadores ao Perſa, por quem lhe mandava pedir ſeu irmaõ, offerecendolhe por iſſo huma grande ſoma de ouro: ao que o Perſa naõ deu orelhas, porq̃ foy a embaixada da parte do pay Solimaõ. Tanto que o Solimaõ deſpedio Embaixadores, e por elles lhe mandou pedir ſeu filho, e q̃ ſe lho naõ dèſſe, proteſtava de lhe fazer crueliſſima guerra a fogo, e a ſangue. E apoz os Embaixadores deſpedio Portan Baxà com hum muito groſſo, e poderoſo exercito pera entrar pelos confins da Perſia. A eſtes Embaixadores reſpondeo logo o Perſa melhor, e lhe entregou o Principe Bajazeto, e ſeus filhos por huma grande ſoma de dinheiro com voz de pagar o Turco o que o Perſa gaſtàra com ſeu filho, e netos filhos do Bajazeto. Entregues os pobres Principes aos Embaixadores, os foraõ affogando, ou atoſſigando pelo caminho, e o meſmo mandou o Turco Solimaõ que ſe fizeſſe às filhas que lhe ficàraõ, e ainda à que pario a mulher. Pelo que com razaõ ſe póde dizer que he melhor ſer porco do Turco, que ſeu filho. Em quanto eſtas couſas duràraõ, a noſſa fortaleza de Ormuz o ſentio, porque lhe faltàraõ Cafilas, que he o remedio daquella fortaleza.



DE-

DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO IX.

CAPITULO I.

Da grande Armada com que o Viſorey D. Conſtantino partio pera Jafanapataõ. E do que lhe ſuccedeo atè chegar là.

TOdo o inverno gaſtou o Viſorey Dom Conſtantino em concertar a Armada, que havia de levar a Jafanapataõ, e em ajuntar os petrechos pera aquella jornada. E na entrada de Agoſto poz no mar todos os navios preſtes, e aparelhados, e os proveo de mantimentos, e muniçoens, e começou a fazer paga géral a todos. E jà quando entrou Setembro, eſtava tudo taõ preſtes, que ſe embarcou o Viſorey, e entregando primeiro o governo a D. Pedro de Menezes o Ruivo, que era Capitaõ de Goa, deixou regimento ao Licenciado Belchior Serraõ, Veador da fazenda, pera hir fazer a carga das nàos a Còchim, e lhe deixou todos os poderes na fazenda pera tudo o que ſe offereceſſe.

E porque a Cidade de Damaõ era ganhada de pouco, e elle hia pera longe, receando-ſe que os Abexins, como o viſſem apartado, a quizeſſem cometer, e inquietar: deſpachou alguns Capitaens com ſoldados pera hirem reſidir naquella fortaleza. E dos que pudemos ſaber os nomes foraõ, D. Joaõ da Coſta, Luiz Alvares de Tavora, Alvaro Dias de Souſa de Arronches, Joaõ Nunes, Eſtevaõ Fernandes, e outros que ficàraõ negociando pera com ſeus ſoldados ſe hirem meter naquella fortaleza.

Eſtando o Viſorey jà na barra deſpachando as derradeiras couſas pera dar à vela, ſendo quatro de Setembro chegou a nào Conceiçaõ, que o anno paſſado ficou invernando em Moçambique, e logo ao outro dia chegàraõ dez, ou doze navios de Chàul, e Baçaim, pera o acompanharem naquella jornada. Antre eſtes vinha Dom Pedro de Almeida Capitaõ de Baçaim, que deixou a fortaleza entregue a Manoel da Veiga Feitor, e Alcaide mòr. Vinha mais D. Luiz de Almeida ſeu irmaõ, e Ayres de Saldanha, e outros Fidalgos. E ſabendo o Viſorey vir alli D. Pedro de Almeida, e que deixàra a ſua fortaleza (ſobre outros bicos que eraõ paſſados, de que o Viſorey D. Conſtantino eſtava arrufado) o naõ quiz ver, antes lhe mandou tomar a menagem pelo Ouvidor géral, e que ſe foſſe prezo pera hum dos Paços da Ilha, e os navios que tinhaõ vindo neſta companhia mandou armar de novo, e os repartio por Ayres de Saldanha, e outros. E veſpera de noſſa Senhora a ſete de Setembro ſe fez à vela com huma fermoſa Armada de doze ga-

lez,

lez, e dez galeotas, e ſetenta navios de remo, antre fuſtas, e catures.

Os Capitaens das galez eraõ, o Viſorey da galè Real, D. Antonio de Noronha Catarraz, da galè Santiago, Baſtiaõ de Sà, da galè S. Luiz, Martim Affonſo de Miranda, da galè S. Miguel, Andrè de Souſa filho do Veador do Cardeal D. Henrique, da galè Vitoria, Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, da galè Conceiçaõ, Gonçalo Falcaõ, da galè Chagas, Leonel de Souſa, da galè Monſerrate, D. Leoniz Pereira, e Ayres Falcaõ, em outras duas.

Os das galeotas eraõ, Duarte do Soveral, que o Viſorey levava pera ſe paſſar a ella ſendo neceſſario, D. Antonio Manoel, Franciſco de Mello irmaõ do Monteiro mòr, D. Jorge de Menezes, que depois foy Alferes mòr do Reino, Ayres de Saldanha, Martim Affonſo de Mello, de alcunha Hombrinhos, Jorge de Moura, Fernaõ Gomes Cordovil, Lourenço Pimentel, em huma galeota, que foy de Rumes, e outros.

Das fuſtas eraõ Capitaens, D. Joaõ de Caſtello-branco, filho de D. Pedro de Caſtello-branco, que foy Capitaõ de Ormuz, e irmaõ do Conde de Villanova, Henrique de Sà, Franciſco de Souſa Tavares o Coxo, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Franciſco de Almeida, que depois foy Capitaõ de Tangere, D. Filippe de Menezes, irmaõ de D. Joaõ Tello, que depois foy hum dos Governadores do Reino, Alvaro de Mendoça, Pero de Meſquita, Pero Peixoto da Silva, Nuno de Mendoça, D. Paulo de Lima, Nuno Furtado de Mendoça, D. Payo de Noronha, Fernaõ de Caſtro, Triſtaõ de Souſa, filho do Governador Martim Affonſo de Souſa, Fernaõ de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda, que foy Capitaõ mòr do mar da India no tempo das differenças de Pero Maſcarenhas com Lopo Vaz de Sampayo, D. Pedro de Caſtro, filho de D. Diogo de Caſtro, Alcaide mòr de Evora, Joaõ Lopes Leitaõ, Manoel de Mendanha, Affonſo Pereira de Lacerda, Gil de Goes, Martim Affonſo de Souſa, Pero de Mendoça, a quem chamavaõ Larim, por ſer muito magro, filho de Triſtaõ de Mendoça, Baſtiaõ de Rezende, filho natural de Garcia de Rezende, o que fez a Chronica de ElRey D. Joaõ o II. Antonio Ferraõ caſado com huma filha baſtarda de Nuno da Cunha, Agoſtinho Nunes, filho de Leonardo Nunes, Fiſico mòr de ElRey D. Joaõ, Bartholomeu Chanoca, Secretario do Eſtado, Vicente Carvalho, Franciſco da Cunha, Luiz de Aguiar, Pollinario de Valdarrama, Eſtribeiro do Viſorey, que levava os ſeus cavallos, Manoel da Silveyra, Andrè de Villalobos, Antonio Nunes de Cananòr, Chriſtovaõ de Faria, Pero Semxemos, Duarte Ferreira, Diogo Madeira, Jeronymo de Magalhaens, e outros muitos a quem naõ achàmos os nomes.

E ſeguindo o Viſorey ſua viagem com toda eſta frota, ſendo tanto àvante como os Ilheos de Onor, lhe deu hum tempo da banda do Sudueſte taõ rijo, q̃ foy forçado a toda a Armada virarlhes as popas, e com muito trabalho foraõ ferrar os Ilheos de Angediva, onde ſe detiveraõ quatro, ou cinco dias, atè ceſſar o vento, que tornàraõ a ſeu caminho, e em poucos dias chegàraõ a Còchim: onde o Viſorey entrou pera dar ordem a muitas couſas, e a Cidade lhe fez hum muito grande recebimento, mas naõ quiz tomar caſas, e na ſua galè eſteve deſpachando muitos negocios, e deſpedio Fernaõ Gomes Cordovil, pera hir à povoaçaõ de S. Thomè „ e fa„ zer paſſar aquelles moradores pera „ Jafanapataõ, a quem eſcreveo cartas „ muito honradas, em que os perſuadia „ a iſſo, porque nem ao credito Portu„ guez, nem a elles lhes convinha fica„ rem naquella povoaçaõ, offerecidos „ às affrontas, e injurias, que cada vez „ que os Canaràs quizeſſem, lhes po„ deriaõ fazer. E que o Reino de Jafa„ napataõ era de muitos, e bons portos, „ onde poderiaõ ter por mar ſeus tratos, „ e merca-

„ e mercadorias, e que a terra era mui-
„ to fertil, e abaſtada de tudo, e que
„ elle partiria com todos de feiçaõ, q̃ fi-
„ caſſem vivendo nella mais abaſtados, e
„ com menos ſobreſaltos. E que eſtiveſ-
„ ſem preſtes pera quãdo lhes elle man-
„ daſſe embarcaçoens pera ſe paſſarem
„ nellas. E ordenou ficar Baſtiaõ de Sà
na coſta do Malavar com a ſua galè, e
ſeis navios mais, de q̃ eraõ Capitaens
Luiz Freire de Andrade, que foy Ca-
pitaõ de Chàul, naquelle memoravel,
e admiravel cerco, que lhe poz o Niza-
moxà, ſendo Viſorey da India D. Luiz
de Taide, Gomes Eannes de Freitas,
Gonçalo Lopes de Carvalho, Luiz Ta-
vares de Carvalho, Domingos de Co-
imbra, e Diogo Lourenço.

Dada ordem a todas as couſas ſe ſahio
o Viſorey pera fóra, e em ſua companhia
o Biſpo de Còchim D. Jorge Themudo
em huma galeota, que o quiz acompa-
nhar naquella jornada, por ſer da ſua
jurdiçaõ aquella Ilha, e cinco, ou ſeis
navios mais, que ſe armàraõ naquella
Cidade. Com toda eſta Armada paſſou
o Cabo Comorim, e foy atè os baixos
de Chilao, e pelos naõ poderem paſſar
as galez, as deſpedio pera Còchim,
entregues a Vicente Correa Patraõ
mòr da India, e o Viſorey ſe paſſou à
galeota de Inofre do Soveral, e os Ca-
pitaens das outras galez a outros navios
de remo, e ſó Ayres Falcaõ foy paſſan-
do na ſua galeota, e hindo todos no
meyo dos baixos, ſó elle encalhou nel-
les à vela; e dandolhe hum mar por po-
pa muy grande, que vinha encapellan-
do a tornou a alevantar, e com aquella
furia os paſſou da outra banda ſem pe-
rigar, e dalli foy com toda a Armada
ſurgir ſobre Jafanapataõ.

CAPITULO II.

*Do conſelho que o Viſorey D. Conſtanti-
no teve ſobre o modo da deſembarca-
çaõ: e de como ſahio em terra, e ga-
nhou a Cidade. E das couſas que na
entrada della paſſáraõ.*

SUrto o Viſorey ſobre a Cidade de
Jafanapataõ, ſe deteve dous dias em
tomar conſelho no modo que ſe teria
na deſembarcaçaõ, ſobre o q̃ houve an-
tre os Capitaens differentes pareceres,
e todos votàraõ conforme as informa-
çoens, que tinhaõ tomado de homens
que ſabiaõ a terra „ que affirmavaõ naõ
„ ter a Cidade mais que duas partes por
„ onde ſe podia deſembarcar. A pri-
„ meira, e mais commua, que ſe chama
„ o caes dos Elefantes, q̃ fica na entrada
„ da Cidade, aſſim como eſtà o caes da
„ pedra em Lisboa, ou o caes da Alfan-
„ dega em Goa, que aquelle Rey tinha
„ muy fortificada com tranqueiras, e
„ artelharia. A outra era dalli a meya le-
„ gua afaſtada da Cidade, que ainda
„ que foſſe de mòr trabalho, que ſeria
„ de menos riſco, porque naõ ſe recea-
„ va della aquelle Rey. Por eſta parte
votàraõ os mais do conſelho, que ſe ha-
via de deſembarcar.

Aſſentado em ſer por eſta parte, deu
o Viſorey ordem à deſembarcaçaõ, e
fez alardo de toda a gente, e naõ achou
mais que mil e duzentos homens, rece-
bendo ſoldo em Goa mais de quatro
mil (Por ſer coſtume quando os Viſo-
reys ſe embarcavaõ, pagarem géralmen-
te a todos atè os Officiaes Portuguezes,
e caſados, e embarcarem-ſe os que qui-
zeſſem: porque com eſta largueza, e li-
beralidade ſe engrandeceo, e ſuſtentou
ſempre eſte Eſtado) De toda eſta gente
fez o Viſorey D. Conſtantino cinco
bandeiras de duzentos homens cada hu-
ma, de que fez Capitaens Luiz de Mel-
lo da Silva, a que tinha dado a diantei-
ra daquella jornada, Dom Antonio de
Noronha o Catarraz, Martim Affonſo
de

de Miranda, Gonçalo Falcaõ, e Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, e o Viſorey ficou pera hir na retaguarda com a bandeira de Chriſto, com todos os Fidalgos aventureiros, e gente da ſua ordinaria, que fazia hum muito arrezoado corpo.

Poſto tudo em ordem, mandou o Viſorey armar hum Altar em huma Ilheta que alli eſtava, em que ſe diſſe huma muy devota Miſſa a noſſa Senhora, em que elle, e a mòr parte dos Fidalgos, e gente da Armada commungàraõ com muita devoçaõ, e o Biſpo de Còchim os abſolveo géralmente, e concedeo os grandes, e plenarios jubileos que os Summos Pontifices paſſáraõ à inſtancia de ElRey D. Manoel pera todos os que na India foſſem mortos na guerra pelejando pela Fé de Chriſto. Acabado eſte ſanto, e Divino acto jantàraõ, e das duas horas por diante cometèraõ a deſembarcaçaõ. E ao pôr dos pès em terra, lhe veyo o Principe herdeiro do Reino dar viſta com dous mil homens, e elle ſe conheceo diante com hum eſcudo todo branco, fazendo ſuas algazaras, e roncas; como homens que ſe punhaõ em ſom de defender a deſembarcaçaõ. Mas em os navios pondo as proas em terra, os varejàraõ com os falcoens de feiçaõ, que largàraõ o campo, e ſe foraõ recolhendo pera os matos, ſem apparecer mais hum ſó, e os noſſos tiveraõ tempo de ſe porem em terra muito à ſua vontade. E o primeiro Capitaõ, que ſaltou nella, foy Gonçalo Falcaõ, por huma deſconfiança com que ficou de certas palavras que no conſelho teve com o Viſorey ſobre a deſembarcaçaõ.

Poſtos todos os noſſos em terra, ordenàraõ ſuas bandeiras, e diante de todas ſe alevantou no ar a de Chriſto crucificado, que hum Padre de S. Domingos levava em huma comprida haſtea, pera que foſſe viſta de todos os que à ſombra della haviaõ de pelejar, e alli foy adorado de todos, e acclamado com geraes vozes. Logo começou Luiz de Mello da Silva, que tinha a dianteira, a marchar pera a Cidade, guiado da gente que ſabia o caminho, e logo apoz elle D. Antonio de Noronha o Catarraz; que ſe foy deſviando, e atraveſſando huns matos; de maneira que quando tornou a ſahir ao campo, ſe achou diante de Luiz de Mello da Silva, e parando lhe mandou dizer „ que paſſaſſe àvante; porque elle ſe hia detendo „ pera o acompanhar: e aſſim foraõ atè haver viſta da Cidade, que tinha pera aquella parte huma fermoſa rua, e no meyo della eſtavaõ duas peças de artelharia groſſas, cubertas com folhas de palmeira pera os noſſos as naõ verem.

E cometendo Luiz de Mello da Silva a rua lhe diſſe D. Fernando de Menezes o Narigaõ (que hia diante) „ que „ viſſe como hia, porque aquillo que „ apparecia era artelharia. E ainda naõ tinha acabado de o dizer, quando ſe deſparou huma das peças, e quiz noſſo Senhor que ſobrelevaſſe, porque lhe puzeraõ o ponto alto, e foy paſſando por cima ſem fazer dano. Vendo Luiz de Mello da Silva aquillo, mandou dizer a todos que ſe encoſtaſſem às caſas de huma, e outra banda; que todas tinhaõ grandes alpendres lançados pera fóra, e debaixo delles ſe foraõ acolhendo, o que naõ pode ſer taõ apreſſado, que naõ vieſſe pela rua abaixo o outro pelouro com grande eſtrondo, e terremoto, e como vinha mais raſteiro, tomou o Alferes da bandeira de Luiz de Mello da Silva (que era hum foaõ Sardinha) pelas pernas, e lhas quebrou, cahindo logo alli morto, e de paſſagem levou outras duas peſſoas, em que entrava hum Caſtelhano, e parece que alguma pequena de ferrugem alcançou a Luiz de Mello da Silva pela maçãa do roſto, que lhe fez huma pequena ferida, de que lhe corria muito ſangue, pelas fermoſas, e compridas barbas, que o fazia mais fermoſo, e gentilhomem. Ao meſmo tempo que o Alferes cahio com a bandeira, acodio Joaõ Peſſoa, filho de Antonio Peſſoa, que hia alli perto,

perto, e alevantou logo a bandeira no ar, e começou a marchar pela rua adiante, até a pôr ſobre as peças da artelharia, e todavia primeiro veyo outro pelouro, que levou quatro, ou cinco homens da companhia de Ayres de Saldanha, que hia neſta de Luiz de Mello da Silva.

Ganhada a artelharia, mandou Luiz de Mello da Silva recado ao Viſorey, e elle paſſou adiante, rompendo por nuvens de frechas, e pelouros, de que alguns ficàraõ eſcalavrados. A D. Filippe de Menezes deu hum pelouro no nò da garganta, e foy taõ venturoſo, que reſvelou, ſem lhe fazer mais dano, que deixarlhe na cabeça do nò huma nodoa muito vermelha, e fermoſa.

O Principe de Jafanapataõ acodio àquella rua por onde os noſſos hiaõ, e teve com elles huma briga, que durou pouco, porque às lançadas o foraõ levando atè o cabo da rua, e ſe meteo por outra que vinha ſahir àquella, por onde tomou Gonçalo Falcaõ com a ſua bandeira, e deu com a gente do Principe, com quem teve huma arrezoada batalha, e com muito riſco: porque de cima dos telhados, e dos quintaes das caſas fréchavaõ os noſſos à ſua vontade.

O Viſorey vinha jà entrando a rua grande em cima de hum fermoſo cavallo à eſtardiota, armado de boas armas, com o guiaõ de Chriſto diante, e cercado de muitos Fidalgos, e Cavalleiros, e chegandolhe novas, que Gonçalo Falcaõ eſtava em aperto, diſſe àquelles Fidalgos, e Capitaens que o ſoccorreſſem, e foy a tempo que chegava a elle D. Antonio de Noronha o Catarraz com ſua bandeira, e ouvindo lhe diſſe, eu Senhor baſto pera iſſo, e virando foy pela rua adiante, atè chegar à parte onde Gonçalo Falcaõ eſtava apertado, e com ſua chegada ſe largou logo a rua, onde eſtava huma peça de artelharia, que os noſſos viràraõ pela rua abaixo, que hia pera o caes dos Elefantes, onde eſtava ElRey com todo o poder, e dandolhe fogo, foy fazer antre elles grande deſtruiçaõ.

ElRey vendo as couſas taõ mal pàradas, e que a Cidade eſtava entrada dos noſſos, ſe foy recolhendo com todo o poder pera os ſeus Paços (que era huma fortaleza arrezoada) com tençaõ de ſe defender nella. Luiz de Mello da Silva foy entrando por huma rua muito larga, que hia ter ao terreiro dos Paços, e no cabo della ſe deteve, e mandou recado ao Viſorey, pera ſaber o que queria que fizeſſe, e elle ſe abalou aſſim a cavallo, atè chegar a Luiz de Mello da Silva, a quem diſſe palavras muito honradas. E por ſer jà iſto ſobre a tarde aſſentou com os Capitaens „ que paſſaſſem alli aquella noite, e que ao outro „ dia cometeriaõ as caſas de ElRey, on„ de jà ſabia que eſtava fortificado. E logo ordenou o modo que ſe teria na guarda da rua, e da noite, e repartio as ruas, que hiaõ ſahir ao terreiro, pelos Capitaens das bandeiras, pera nas bocas dellas ſe fortificarem, como começàraõ a fazer, derribando pera iſſo algumas caſas, e todas as mais que havia por aquellas ruas, que eraõ cubertas de palha, as mandàraõ deſcobrir, porque os imigos lhes naõ puzeſſem o fogo pelos naõ embaraçar. O Viſorey ficou na boca da rua grande ſobre hum baileo, onde lhe lançàraõ huma alcatifa com algumas almofadas em que paſſou toda a noite armado, e dalli deſpedio hum Capitaõ à Armada pera lhe trazerem mantimentos, e muniçoens; o que ſe fez com muita preſſa, ſem acharem quẽ lho eſtorvaſſe. Alli paſſáraõ os noſſos toda a noite com grande vigia, e com as armas ſempre nas mãos, e o Viſorey lançou algumas eſpias fóra pera ſaber o que ElRey fazia, e ſe bullia comſigo.

O Principe naõ ſe quiz recolher com o pay na fortaleza, antes ficou de fóra com toda ſua gente, e tanto que vio os noſſos fortificados nas bocas das ruas, determinou logo de lhes dar pelas coſtas no quarto dante alva, pera o que lançou tambem algumas eſpias, pera verem o modo de como os noſſos eſtavaõ. E deſtas, huma dellas foy pera huma rua

onde

onde D. Antonio de Noronha eſtava com ſua companhia, e de longo das paredes muito encubertamente ſe foy chegando pera as eſtancias, e quiz Deos que andaſſe vigiando na meſma rua, paſſeando afaſtado da gente, hum ſoldado que ſe chamava Franciſco da Coſta (que ainda hoje vive, caſado neſta Cidade de Goa, rico, e honrado) e acertou de enxergar huma peſſoa, e hindoſe chegando pera ella, a eſpia que o vio, pera mór diſſimulaçaõ ſe poz em cocaras, como que fazia ſuas neceſſidades, pera que cuidaſſe na ſegurança com que eſtava, que era moço da companhia. E chegando Franciſco da Coſta a elle, lhe perguntou quem era, e ainda lhe lançou a maõ a hum braço; ao que o negro quiz eſcapulir, mas naõ pode, porque o Franciſco da Coſta ſe liou logo com elle, e nos braços o levou a D. Antonio de Noronha, e lhe deu conta do eſtado em que o achàra, e elle lhe diſſe „ que o levaſſe ao Viſorey, pois o tomà„ra, pera que elle lho agradeceſſe, e „aſſim o fez. O Viſorey o mandou amarrar, e pôr a tratos, e no primeiro confeſſou „ que o Principe mandàra „ por elle eſpiar o modo de como eſta„va, porque determinava de dar nelle „ no quarto dante alva, que tinha lan„çadas outras oito, ou dez eſpias, e „ que ElRey eſtava forte nos ſeus Pa„ços, e que o Principe eſtava com dous „ ou tres mil homens eſperando recado „ das eſpias pera dar nos noſſos.

O Viſorey depois de ſer informado do que quiz, mandou aviſar todos os Capitaens, pera que eſtiveſſem preſtes, e naõ houveſſe deſcuido. Com o que todos ſe puzeraõ em pè, e com as armas nas mãos, aguardando a hora, e aſſim eſtiveraõ atè amanhecer ſem haver rebate algum: porque parece que ao recolher das eſpias, que o Principe tinha lançado fóra, faltou eſta, e imaginando que poderia ſer tomada, e que os noſſos eſtariaõ ſobre aviſo, deſiſtio da ſua determinaçaõ, e foy-ſe pera ElRey, que com as novas, que lhe elle deu, aſſentou de naõ eſperar alli o Viſorey. E, mandando tirar dalli com muita preſſa as couſas de mòr importancia; tanto que o quarto dalva entrou, deu fogo aos Paços, e ſe foy recolhendo pera huma fortaleza, que eſtava dalli legua e mea, toda de adobes, com ſeus baluartes, e cubellos, muy bem feita, e arrezoadamente forte.

O Viſorey vendo aquelle fogo, logo lhe pareceo o que podia ſer, e naõ quiz que ſe bulliſſe em couſa alguma atè amanhecer de todo, que vio o incendio dos Paços, e logo teve aviſo de tudo o que era paſſado, e ordenando ſuas bandeiras na fórma em que atèlli foraõ, foy entrando a Cidade, que era grande, e a achàraõ deſpejada, porque ſeus moradores ſe recolhèraõ às aldeas viſinhas, e aſſim ficàraõ os noſſos ſenhores della, e do caes dos Elefantes, onde eſtava a mòr parte da ſua artelharia, e de algumas couſas que os ſoldados ainda achàraõ. E de hum ſeu principal Pagode levàraõ ao Viſorey hum dente encaſtoado, a que commummente chamavaõ de bugio, que era havido antre aquelles Gentios todos pela mais religioſa couſa de todas as de ſua adoraçaõ, do que o Viſorey foy logo aviſado, e lhe affirmàraõ q̃ era o mòr theſouro que podia haver, porque lhe haviaõ de dar por elle grande ſoma de ouro.

Haviaõ aquelles Gentios que aquelle dente era do ſeu Budaõ (que he aquelle ſeu grande Santo, de que jà dèmos conta nas outras Decadas, quando falàmos na pègada do pico de Adaõ, e na povoaçaõ da Cidade de Pegù) Eſte Budaõ tem elles em ſua lenda, q̃ depois que ſe foy de Ceilaõ andou pelas partes de Pegù, e por todos aquelles Reinos convertendo Gentios, e fazendo milagres, e que quando quiz morrer arrancou da boca aquelle dente, e o mandou a Ceilaõ por muy grande reliquia ſua. E aſſim era havida por taõ grande antre elles, e antre toda a gentilidade dos Reinos de Pegù, que naõ havia couſa, que ſobre todas mais eſtimaſ-

ſem, e tanto, que achando-ſe ElRey D. Joaõ da Cota em neceſſidade, fingio hum dente falſo, e o engaſtou em ouro, e lhe mandou fazer huma charola muito cuſtoſa em que o meteo, e o mandou muito eſcondido dos Portuguezes a ElRey de Pegù, que o recebeo com as mòres feſtas, que ſe pòdem imaginar, de que adiante com o favor Divino na oitava Decada daremos mais larga relaçaõ, e aquelle Rey lhe mandou huma fermoſa nào carregada de mantimentos, e de outras couſas de preſente com a nào, e tudo o que nella vinha. E aſſim affirmàraõ ao Viſorey que aquelle Rey lhe daria por aquelle dente hum theſouro grande.

CAPITULO III.

De como o Viſorey D. Conſtantino foy contra a fortaleza aonde ElRey eſtava, e a achou deſpejada: e mandou alguns Capitaens em ſeguimento de ElRey: e do extremo em que o puzeraõ, atè chegar acometer partidos.

VEndo ſe o Viſorey D. Conſtantino Senhor da Cidade, e ſabendo por eſpias que ElRey ſe tinha acolhido a huma fortaleza dalli legua e mea, determinou de hir ſobre elle, e primeiro deu ordem a algumas couſas. E antre ellas foy „ mandar às aldeas viſi„ nhas ſeguros reaes, e lançar pregoens, „ pera que os naturaes lhe levaſſem os „ mantimentos que tiveſſem, que lhos „ pagaria muito bem, e que os mora„ dores da Cidade ſe vieſſem morar em „ ſuas caſas, e lhes fariaõ todos os fa„ vores, e dariaõ todas as liberdades „ que quizeſſem. Com o que começàraõ a vir, e os Aldeãos a trazer gallinhas, frangãos, manteiga, figos, e outras couſas muitas em grande abundancia. E porque faltava arroz, deſpedio logo huma embarcaçaõ com cartas pera Joaõ Fernandes Correa, Capitaõ de Negapataõ, em que lhe rogava que o ſoccorreſſe com todo o arroz que pudeſſe. E deu ordem pera ſe ajuntarem todas as embarcaçoens que havia na terra, e por aquella coſta, que foy huma muy grande ſoma, e as mandou a S. Thomè, pera ſe embarcarem nellas os moradores daquella povoaçaõ, a quem de novo eſcreveo cartas muito honradas, em q̃ lhes pedia, e rogava „ ſe paſ„ faſſem pera aquelle Reino, onde vive„ riaõ fartos, ricos, e ſem ſobreſaltos, „ como là tinhaõ cada dia; e que com „ todos partiria as terras, e aldeas; que „ eraõ muito proſperas, e abundantes as „ que lhes queria entregar.

Deſpachadas eſtas couſas, e outras; tratou o Viſorey de hir em peſſoa contra aquelle Rey, e de o acabar de deſtruir de todo pera mais ſegurança daquellas terras: porque era taõ mào, e cruel, q̃ à porta dos ſeus Paços achàraõ os noſſos hum cepo muy façanhoſo, em que mandava cada dia degollar muitos dos ſeus vaſſallos: e pera o fazer naõ eraõ neceſſarios muitos proceſſos, nẽ provas de crimes, porq̃ baſtava pera iſſo hum muito pequeno mexerico, e ainda huma ſoſpeita, imaginaçaõ, ou ſonho. Depois de ter preſtes todas as couſas, que lhe eraõ neceſſarias pera a jornada, deixou alguns Capitaens de navios em guarda da Cidade, e do Biſpo de Còchim, que alli ficou com o Cuſtodio de S. Franciſco, e alguns Religioſos de ſua Ordem, que com aquelle zelo, que ſempre tiveraõ pera as couſas de noſſa Religiaõ, e augmento de noſſa ſanta Fé Catholica, começàraõ a converter alguns naturaes, e bautizar com grande amor, e caridade. O Viſorey foy marchando pera a fortaleza na meſma ordem com que entrou na Cidade, levando Luiz de Mello da Silva adianteira, e no meyo toda a bagagem, e artelharia, com que ſe havia de bater a fortaleza. E chegando à viſta della lhe ſahiraõ as eſpias, que tinha lançado diante, que lhe diſſeraõ „ que àquella „ hora ſe partira ElRey dalli, porque „ naõ ouſava ao eſperar, e que a forta„ leza

„ leza estava despejada.

Com este alvoroço entrou o Visorey D. Constantino na fortaleza com grandes festas, e salvas de arcabuzaria, e mandou arvorar a bandeira das armas de Portugal sobre as ameyas, tomando pacificamẽte posse della, como jà o Duque D. Gemes seu pay fizera à famosa Cidade de Azamor em Africa. Aquelle dia se aposentou na fortaleza; e ao outro ordenou por conselho géral que „ se seguisse ElRey, pois hia desba- „ ratado, atè o haverem às mãos, e que „ fossem a isso quatro Capitaens, Luiz de Mello da Silva, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcaõ, e Fernaõ de Sousa de Castello-branco. E porque sobre o mando, e governo começou antre elles haver duvidas, e differenças, lhes entregou o Visorey tres dados, e lhes mandou „ que cada dia, lançassem „ sortes, e ao que lhe cahisse mayor, „ esse governasse esse dia, com o que se „ aquietàraõ; levando aquelle primeiro Luiz de Mello da Silva a dianteira, e o governo sem sorte, por assim o consentirem todos.

Assim foraõ caminhando, guiados de algumas espias, que os foraõ desviando do caminho, que ElRey levava, de pura malicia, e de volta em volta lhes fizeraõ gastar tres dias, atè chegarem a hum rio, q̃ divide as terras de Jafanapataõ das do Reino de Trinquinimalle, q̃ seria caminho de oito leguas da fortaleza. Alli achàraõ novas ser ElRey passado à outra banda, o que elles tambem fizeraõ logo, e da outra parte achàraõ perto de quarenta homens descabeçados, que pareciaõ Chingallàs mortos daquelle dia: porque parece que hia ElRey perto, e naõ se soube o que aquillo seria: mas como era cruel, e mào, presumio-se que tomaria delles alguma sospeita, e por isso mandaria fazer nelles aquella carniçaria. E da outra banda do rio deraõ em hum caminho largo; por onde marchàraõ até darem em outros estreitos q̃ achàraõ entupidos cõ grandes arvores, que os imigos foraõ cortando de huma, e outra parte, pera entreterem os nossos, e por elles passáraõ com grande trabalho. E tanto que anoitecia assentavaõ o seu arrayal na parte que lhes melhor parecia, onde passavaõ toda a noite com grandes vigias. Desta maneira caminhàraõ cinco dias, achando por todo aquelle caminho muitas aldeas, onde compravaõ vacas, leite, gallinhas, e outras cousas.

No cabo destes dias a horas de jantar houveraõ vista do arrayal de ElRey, que estava no cabo de humas varzeas com as costas em hum grande, e espesso mato, e taõ de supito o tomàraõ, que naõ teve mais tempo, que de se pôr em hum Elefante, e caminhar, e apoz elle todos os seus, deixando no lugar onde estavaõ as panellas com o comer ao fogo. Os nossos Capitaens que hiaõ com aquelle desejo de se encontrarem com elle, tanto que viraõ o arrayal, cuidando que ElRey os esperasse, o foraõ demandar postos em ordem de batalha, e chegando àquelle lugar achàraõ tudo o que elles tinhaõ pera jantar, e o arroz ainda quente, que os nossos estimàraõ muito.

E porque era o Sol grande repousàraõ alli, e descançáraõ do trabalho do caminho. E tomando conselho sobre o que fariaõ, assentàraõ „ que se fortifi- „ cassem muito bem alli, e se deixassem „ ficar, e mandassem recado ao Viso- „ rey de tudo o que passava, e que o „ que elle determinasse se faria: porque „ alli ficavaõ seguros, e pelas aldeas „ que estavaõ perto, havia vacas, e ou- „ tras cousas de que se poderiaõ sustentar, atè o Visorey os prover. E assim o fizeraõ, despedindo logo o recado apressado, que tanto que o Visorey o teve, logo mandou por todos os marinheiros da Armada muito arroz, munições, e outras cousas; e lhes escreveo que se deixassem alli estar atè seu recado, e elles assim o fizeraõ.

Vendo-se aquelle Rey com o Reino perdido, e elle perseguido dos nossos, atè o lançarem fóra das suas terras, hou-

ve por melhor conſelho mandar pedir pazes ao Viſorey, e concederlhe o que pediſſe, antes que perder tudo, e aſſim deſpedio ſeus Embaixadores logo, que o Viſorey ouvio; e vindos a concertos aſſentàraõ-ſe as pazes com as condiçoens, e apontamentos ſeguintes.

„ Que elle Rey ficaſſe no ſeu Reino „ como dantes, e juraſſe a ſeu modo vaſ- „ ſallagem a ElRey de Portugal, com „ certas pareas, de que naõ achàmos „ lembrança, e que lhe entregaria logo „ todo o theſouro que tomou a Tribulli „ Pandar, e ſua Nora mulher de ElRey „ da Cota. E que em refens de comprir „ iſto entregaria o Principe herdeiro. Aſſentados, e aſſinados os concertos, entregou logo o Principe, que o Viſorey mandou pera a Armada a bom recado. Em quanto iſto ſe tratou, que foraõ mais de quinze dias, paſſáraõ os noſſos Capitaens, que foraõ no alcance de ElRey, tamanhas fómes, e neceſſidades, por ſe lhe ter gaſtado o arroz que lhe mandàraõ, e deſpovoado as aldeas com medo, que foy neceſſario aos Capitaens eſpalharem os ſoldados em magotes, pera hirem pelas aldeas buſcar algumas couſas pera comerem, e aſſim da fóme, como do trabalho adoecèraõ a mòr parte delles, e naõ eſcapàraõ a eſtes trabalhos os que ficàraõ na Cidade, nem os da companhia do Viſorey, que niſſo proveo o melhor que pode, e mandou recolher todos os enfermos na fortaleza, onde morrèraõ muitos, e os mais convalecèraõ muito devagar, por lhes faltarem os remedios.

Entregue o Viſorey do Principe, ſe paſſou pera o rio no cabo das terras, e mandou recolher os Capitaens que eſtavaõ da outra parte, e elle ſe deteve alli mais de quinze dias, em que lhe foraõ fazendo a entrega das couſas, que por contrato de pazes promettèra aquelle Rey, que poderiaõ montar perto de oitenta mil cruzados, e aſſim entregou algumas olas, em que eſtavaõ poſtas lembranças das partes, em que na Cota tinha enterrados os theſouros de Tribulli Pandar. Neſte tempo foy ter com o Viſorey Joaõ Fernandes Correa, Capitaõ de Negapataõ, que depois que là teve as cartas do Viſorey, lhe mandou logo muitas embarcaçoens carregadas de arroz, de que a Armada ſe proveo, e apoz iſto partio elle em alguns navios pera ſe achar naquella jornada, que o Viſorey recebeo bem, e lhe fez honras, e mercès.

Quaſi no meſmo tempo, chegàraõ tres moradores da povoaçaõ de S. Thomè dos mais honrados, e antigos, com a repoſta das cartas que lhes o Viſorey eſcreveo ſobre a mudança pera o Reino de Jafanapataõ; por quem lhe mandavaõ todos grandes deſculpas de naõ fazerem o que lhes mandava pedir: porque quando tratàraõ ultimamente de ſe embarcarem, foy muito duro a todos de deixar ſuas caſas, hortas, chãos, e quintas que foraõ de ſeus antepaſſados, e que elles tinhaõ grangeado de tantos annos a eſta parte: „ E que tambem naõ „ era juſto ſe deſpovoaſſe aquella terra, „ onde eſtava o corpo do Bemaventu- „ rado Apoſtolo S. Thomè; q̃ cada dia „ reſplandecia com milagres novos, cõ „ o que elles viviaõ contentes, e con- „ ſolados, pedindolhe diſſo grandes „ perdoens. E como o Viſorey eſtava jà aviſado de tudo por cartas de Fernaõ Gomes Cordovil, naõ quiz ver, nem falar a eſtes homens, e no cabo de muitos dias os deſpachou mal.

CAPITULO IV.

Do alevantamento que houve contra os noſſos em Jafanapataõ, e do cerco que puzeraõ à fortaleza. E de como o Viſorey eſcapou da conjuraçaõ, e ſe recolheo por mar à Armada. E do ſoccorro que mandou à fortaleza, de que foy por Capitaõ mòr D. Antonio de Noronha, e do que lhe aconteceo na jornada.

EStando as couſas neſte eſtado, eſperando o Viſorey, que aquelle Rey

Rey lhe acabaſſe de fazer entrega dos theſouros do Tribulli Pandar (porque pela informaçaõ que tinha, eſperava de haver mais de trezentos mil cruzados) ordenàraõ os naturaes de todo o Reino huma conjuraçaõ géral contra os noſſos: e a cauſa, nem o autor della ſe ſoube nunca, mas foy deſta maneira. Eſtando todos bem deſcuidados deraõ de ſupito em hum meſmo dia, e tempo em todas as partes em que os noſſos eſtavaõ, e todos os que achàraõ foraõ metidos à eſpada, ſem perdoarem a algum. O Biſpo D. Jorge Themudo, que eſtava na Cidade, milagroſamente eſcapou de ſer tomado às mãos, e com grande trabalho, e riſco de ſua peſſoa ſe recolheo aos navios, ficando todavia alli alguns dos noſſos mortos, e nas aldeas viſinhas todos os que por là achàraõ (ſendo a mòr parte Chriſtãos da terra, moços de Portuguezes, e compradores) Os que foraõ dar na fortaleza, e nas aldeas que por alli havia, achàraõ o Cuſtodio de S. Franciſco com alguns Religioſos companheiros, que andavaõ fazendo Chriſtãos, e todos foraõ metidos à eſpada, padecendo glorioſo martyrio pela Fé de Chriſto noſſo Senhor: porque taõ ſofrego andava o Biſpo neſta converſaõ, que naõ conſentia tocaremlhe nos catecumenos, e ſe alguem lhes fazia algum nojo, ou aggravo, pelejava, e agaſtava-ſe muito, dizendo que lhe naõ tocaſſem em ſeus Anginhos, o que lhe elles pagàraõ taõ mal, que trabalhàraõ muito pelo haverem às mãos.

Depois que eſtes conjurados deraõ em todas as partes, e fizeraõ os danos que temos dito: ajuntàraõ-ſe todos, e foraõ pôr cerco à fortaleza, onde jà eſtava Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, que o Viſorey D. Conſtantino tinha mandado por Capitaõ della, que tambem foy doente; e lhe começàraõ a dar muitos aſſaltos. Os que ficàraõ pera dar no lugar onde eſtava o Viſorey D. Conſtantino tiveraõ tal ardil, que lhe lançàraõ alguns negros, poucos dias antes, que ſe tinhaõ feito domeſticos, no ſeu arrayal, e como ſabiaõ que era o Viſorey D. Conſtantino affeiçoado à caça, por ter alguns dias hido a ella ahi à roda, o dia da conjuraçaõ géral lhe fizeraõ crer que alli em hum mato perto eſtavaõ alguns veados, pelo levarem pera aquella parte, onde lhe havia de arrebentar a cillada, e como o Viſorey era muito curioſo diſto, foy-ſe com poucos a buſcar os veados, onde andou a mòr parte do dia, e ſe recolheo ſobre a tarde, ſem lhe acontecer deſaſtre algum: e depois que ſouberaõ da conjuraçaõ géral, ſe entendeo que eſcapàra o Viſorey naquella hida que fez fóra, ou por naõ o ouſarem acometer de medo, ou pelas eſpias errarem o dia. Mas o mais certo he, que Deos noſſo Senhor os cegou, e livrou o Viſorey, porq̃ ſe deraõ nelle tudo ſe perdera, e nenhum dos noſſos eſcapàra, de quantos eſtavaõ naquelle Reino, como tambem naõ eſcapàraõ os tres moradores de S. Thomè, que atraz diſſemos, que o Viſorey Dom Conſtantino deſpachou mal, e aquelle meſmo dia ſe apartàraõ delle, e no caminho foraõ mortos com toda ſua familia.

De tudo iſto eſtava o Viſorey bem deſcuidado, quando ao outro dia pela manhãa ſoube a verdade, e certeza da deſaventura ſuccedida, e receando-ſe de outras traiçoens, deſpedio os Capitaens das bandeiras, pera ſe hirem de longo do rio, caminho deſviado do ordinario, e elle ſe embarcou em algumas manchuas, que alli ſempre tinha pera o ſerviço, por lhe ficar dalli a ſervintia da Armada mais perto, porque naquella parte ſe hia encolhendo a terra pera dentro, e fazia huma enſeada, com o que lhe ficava o mar em menos diſtancia que por terra.

E depois de chegar à Cidade, que ſoube o que era paſſado, e como a fortaleza eſtava cercada, e em muito aperto, deſpedio logo D. Antonio de Noronha o Catarraz com quatrocentos homens repartidos em bandeiras, de que eraõ Capitaens Joaõ Fernandes

Correa, Capitaõ de Negapataõ, e Andrè de Villalobos pera hirem soccorrer a fortaleza: dandolhes por regimento „ que recolhessem tudo o que „ nella havia, e a despejassem, porque „ se assentou em conselho, que jà que „ os moradores de S. Thomè naõ que„ riaõ vir povoar aquella Cidade, que „ naõ havia pera que se penhorassem em „ cousa, que depois dèsse trabalho ao „ Estado.

E pera recolher tudo o que na fortaleza estava, levava D. Antonio de Noronha todos os marinheiros, servidores, e escravos da Armada (porque havia na fortaleza mais de duzentos doentes, que se naõ podiaõ recolher por seus pès) E em quanto D. Antonio de Noronha caminha, daremos conta das cousas que succedèraõ na fortaleza neste tempo.

Cercada ella por todos os alevantados, determinàraõ de a tomar à escala vista; porque bem entendèraõ que o Visorey a havia de mandar soccorrer, e primeiro que o fizesse, quizeraõ averiguar este negocio, pera o que ordenàraõ escadas muy compridas de arequeiras, e em quanto as faziaõ chegàraõ alguns de noite à fala com os nossos, e lhes disseraõ „ que o Visorey era morto „ com todos os que com elle estavaõ, „ que por isso naõ esperassem soccorro, „ e que se entregassem, que lhes dariaõ „ as vidas, se naõ que soubessem que a „ todos haviaõ de espedaçar. De cima „ lhes respòdèraõ que mentiaõ pera per„ ros, caens, que elles tinhaõ jà novas „ do Visorey (o que naõ era, nem sa„ biaõ o que là hia) e que elles eraõ os „ que haviaõ de pagar aquelle atrevi„ mento muito cedo. E porque estes que falàraõ com os nossos, eraõ os que estavaõ na obra das escadas, que se faziaõ hum pouco desviado donde o arrayal estava; ordenou Fernaõ de Sousa huma noite sessenta homens encamizados, pera se conhecerem huns aos outros, que no quarto dalva sahiraõ em muito silencio, e dando de supito nelles os cortàraõ à sua vontade, com tanta presteza, que primeiro elles sentiraõ a morte que os nossos, e lhes tomàraõ as escadas, com que se recolhèraõ a seu salvo.

D. Antonio de Noronha que os hia soccorrer, foy caminhando, levando adianteira Joaõ Fernandes Correa; e por todo o caminho foraõ pelejando com os imigos, que lhe sahiraõ de emboscadas. E levou tal ordem, que naõ deixou desviar soldado algum, atè haver vista da fortaleza (que foy ao outro dia que elles amanhecèraõ com a vitoria das escadas) Os imigos vendo o soccorro se afastàraõ. Aquelle dia, e noite passou D. Antonio de Noronha em dar ordem ao despejo da fortaleza, nas cousas que se haviaõ de levar, que eraõ muitas, pera conforme os servidores que havia, as haver de repartir.

Ao outro dia pela manhãa entregou os doentes aos marinheiros que pera isso escolheo, e tirou fóra toda a artelharia que havia, tirando sómente huma peça de ferro grande, que naõ foy possivel levarse, que mandou encher de polvora atè boca, a que se deu fogo, e porque naõ arrebentou a mandou lançar em hum poço fundo, por se naõ servirem della os imigos. E antre as cousas que D. Antonio de Noronha achou na fortaleza foy hum estrado imperial, que servia àquelles Reys nas suas mais solennes festas, que era de muitos degràos, e todos lavrados, e marchetados de marfim, e de taõ custosa, e curiosa obra, que o tinha o Visorey mandado guardar a muito bom recado pera o trazer a ElRey Dom Sebastiaõ, pera o dia que tomasse o sceptro, por ser assento imperial, e de muita magestade, e como tal o encomendou muito a Dom Antonio de Noronha, que trabalhou tudo o que pode pelo trazer inteiro, mas naõ foy possivel, por ser huma maquina muito grande. E por trazer alguma cousa della pera final de sua grandeza, mandou tirar o alto de cima (que era o mais custoso) e o entregou a pessoas

ſoas de confiança que o trouxeraõ.

Repartidas eſtas couſas pelos ſervidores, começou D. Antonio de Noronha a marchar neſta ordem. Fernaõ de Souſa de Caſtello branco na vanguarda com ſua bandeira, e D. Antonio de Noronha na retaguarda, e no meyo toda a bagagem, e doentes, e mais atraz Joaõ Fernandes Correa, Capitaõ de Negapataõ, que foy com elle Ayres Falcaõ, e de fóra o Ouvidor géral Henrique Jaques com huma copia de eſcravos, pera ajudarem aos que canſaſſem. Aſſim foraõ caminhando, e os imigos detraz ladrando, deſparando muitas bombas de fogo, e eſpingardadas, e grandes almazens de frechas, naõ deixando os noſſos o ſeu compaſſo, poſto que alguns ſoldados trabalhàraõ por pegar com elles.

E atraveſſando huma fermoſa varſea, por onde ſempre os imigos os foraõ perſeguindo, no cabo della, onde ſe faziaõ huns vallos ſe deixàraõ da outra banda ficar trinta, ou quarenta ſoldados emparados com elles; e como os imigos viraõ paſſar as bandeiras adiante na ordem que levavaõ, naõ ſe temendo dos vallos, foraõ apoz elles, e chegando aos vallos, começando-os a paſſar, deraõ os emboſcados nelles taõ de ſupito, que ſem ſe poderem revolver, matàraõ mais de cincoenta, e acodindo Ayres Falcaõ, que hia detraz como manquejando, por ver ficar os noſſos, deu nelles, e os acabou de pôr em desbarato, e dalli por diante naõ apparecèraõ mais. O Viſorey recebeo muito bem D. Antonio de Noronha, e a todos os mais, e logo tratou de ſe embarcar, mandando lançar ao Principe de Jafanapataõ, que eſtava em refens, huns fermoſos grilhoens forrados de veludo crameſim, pera o ter mais ſeguro, e o deu em cuſtodia a hum Capitaõ de hum navio.

CAPITULO V.

Da Armada que eſte anno de ſeſſenta partio do Reino, de que era Capitaõ mòr D. Jorge de Souſa. E do primeiro Arcebiſpo, e Inquiſidores que paſſáraõ à India. E do que aconteceo às nàos deſta Armada na viagem. E de como o Viſorey D. Conſtantino fez huma fortaleza na Ilha de Manar, e ſe foy perà Còchim.

ESTando o Viſorey ultimamente pera ſe embarcar, por naõ ter jà alli que fazer, por a terra eſtar alterada, viraõ da terra vir duas nàos muito fermoſas com todas as velas dadas, huma diante da outra, e logo as viraõ amainar de romania, e ſurgirem, ſem ſaberem que nàos eraõ. E primeiro que tratemos deſtas nàos (que eraõ do Reino) daremos cõta da Armada que eſte anno de ſeſſenta ElRey mandou à India, e das couſas em que mandou prover. Pelo que ſe ha de ſaber, que ſendo tempo de ElRey entrar em deſpacho das couſas da India, na entrada deſte anno de ſeſſenta em que andamos, deixou todas as mais por entender nellas, e mandou dar muita preſſa às nàos que havia demandar, que eraõ ſeis: de que deu a Capitanía mòr a D. Jorge de Souſa, e deſpachou o Arcebiſpo, o Meſtre D. Gaſpar pera hir nellas: porque jà o anno atraz paſſado deixàra de ſe embarcar por falta de tempo, e aſſim, a dous Inquiſidores Apoſtolicos, que tinha ordenado hirem à India (porque por cartas que tivera deſtas partes fora aviſado, que havia nellas muitos Chriſtãos novos, que judaizavaõ, e tinhaõ ſynagogas ſeparadas, de quem lhe mandàraõ o anno atraz paſſado alguns dos principaes, com os autos de ſuas culpas, por naõ haver quem nella os ſentenciaſſe; e com iſſo havia outras muitas couſas contra à honra de Deos, e bons coſtumes Chriſtãos a que era neceſſario acodirſe com diligencia, porque naõ foſſem por diante;

ante, pera o que houve logo reſcrito do Summo Pontifice, pera mandar a ſanta Inquiſiçaõ a eſtas partes, e elegeo pera primeiros Inquiſidores Apoſtolicos, dous Letrados leigos, Canoniſtas, chamados, hum Aleixo Dias Falcaõ, outro Franciſco Marques Botelho, e aſſim podemos contar eſte anno antre os notaveis, por nelle paſſarem a eſtas partes o primeiro Arcebiſpo, e Inquiſidores, mandados por hum Rey taõ Catholico, e taõ zeloſo da honra de Deos noſſo Senhor, e em tempo de hum Viſorey taõ bom Chriſtaõ, e taõ temente a Deos.

Deſpachadas eſtas couſas, e preſtes as nàos, por lhes faltar o tempo pera ſahirem pera fóra, o fizeraõ já em quinze de Abril, e as nàos eraõ eſtas. A nàõ Caſtello, em que hia embarcado Dom Jorge de Souſa Capitaõ mòr. A nàõ S. Vicente, de que era Capitaõ Vaſco Lourenço de Barbuda; onde ſe embarcàraõ o Arcebiſpo, e Inquiſidores, e alguns Fidalgos, em que entràraõ Dom Franciſco Deça, deſpachado com a Capitanìa de Malaca, e D. Pedro da Guerra ſeu irmaõ. A nàõ Rainha, de que era Capitaõ Jorge de Macedo. O galeaõ Drago, de que era Capitaõ Lourenço de Carvalho. A nàõ S. Paulo, que o anno paſſado tinha arribado ao Reino, de que era Capitaõ Ruy de Mello da Camera. E o galeaõ Cedro, de que era Capitaõ Franciſco Figueira de Azevedo. Dadas as velas, foraõ todos ſeguindo ſua viagem, e por acharem logo contraſtes arribou a nàõ Cedro ao Reino, e a nàõ S. Paulo foy invernar ao Brazil, onde já invernou outra vez, e as mais foraõ ſeguindo ſua viagem, atè paſſarem o Cabo de boa Eſperança já taõ tarde, que lhes foy forçado tomarem a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, por onde tiveraõ trabalho, e lhes morreo muita gente, e na entrada de Novembro foy a nàõ Rainha ferrar Còchim. E o galeaõ S. Vicente tambem paſſou muitos trabalhos, e em quinze do meſmo mez foy haver viſta da terra de Panane com muita gente morta, e muita falta de agua, e chegando-ſe à terra, ſurgiraõ, e negociando o batel, o mandàraõ a Còchim com recado, e cartas do Arcebiſpo pera o Capitaõ Henrique de Souſa Chichorro, e pera a Cidade, e por ſer perto chegou ao outro dia, e vendo as cartas, e ſabendo o trabalho em que eſtava, negociàraõ com muita preſſa ſeis navios de remo, muy bem petrechados, pera hirem buſcar o Arcebiſpo, e Inquiſidores, e a Cidade lhes mandou hum arrezoado preſente de refreſcos, que elles eſtimàraõ muito; e às toas levàraõ eſtes navios a nàõ a Còchim, onde o Arcebiſpo, e os mais foraõ muito bem recebidos daquella Cidade, e o Veador da fazenda Belchior Serraõ lhes negociou huma galè das da Armada do Viſorey pera o Arcebiſpo, e Inquiſidores ſe hirem pera Goa, onde aquella Cidade lhes fez hum muito ſolenne recebimento.

As duas nàos Caſtello, e Drago, tambem paſſáraõ muito trabalho, e já no fim de Novembro foraõ haver viſta da terra do Cabo Comorim pera dentro, e por parecer ao Piloto, q̃ eſtava de Panane pera Còchim, foy governando ao Sul à viſta da terra, hindo diante o galeaõ Drago ſondando o fundo, e como já hia quaſi ſobre os baixos de Manar, deu em cinco braças, pelo que logo deu com muita preſteza com as velas em baixo, e ſurgio quaſi na ponta do baixo, e a nàõ Caſtello que hia atraz, vendo que o Drago dava com as vergas em baixo, fez o meſmo com a meſma preſſa, e deu fundo, e milagroſamente eſcapàraõ de vararem ſobre os baixos. Eſtas eraõ as nàos que os noſſos viraõ de terra, e o Viſorey D. Conſtantino deſpedio com muita preſſa alguns navios ligeiros, que à toa as tiràraõ pera fóra, e dando à vela ſe foraõ pera Còchim já em Dezembro, e o Veador da fazenda Belchior Serraõ deu logo ordem ao concerto dellas, e à carga que haviaõ de trazer.

E porque o Capitaõ mór D. Jorge de Souſa trazia muita fazenda, e o tempo

po-

po era muito curto, assentou de ficar na India com a sua nào, e se foy nella pera Goa, depois do Visorey chegar à Cóchim; que depois que naõ teve que fazer em Jafanapataõ, se passou à Ilha de Manar, que era pegada áquella costa, onde desembarcou, e notou o sitio della, e assentou com os Fidalgos do conselho fazer nella huma fortaleza, e passar pera ella o Capitaõ da costa da Pescaria com todos os moradores de Punicale. E logo mandou pôr maõ à obra, e mandou recado a Manoel Rodrigues Coutinho Capitaõ da Pescaria, que se fosse com todos os moradores de Punicale, por aquelle Naique lhe naõ fazer outras affrontas, como as que ha pouco contàmos, e logo mandou correr com a obra. E recebendo Manoel Rodrigues Coutinho o recado do Visorey D. Constantino, se passou com todos os moradores de Punicale com muito gosto, e alegria pera aquelle lugar.

E depois que o Visorey deu alli regimento pera a nova fortaleza, em que ficàraõ os Religiosos de S. Francisco, e da Companhia de Jesu, que fundàraõ suas casas, e tem feito grande fruto na Christandade, deixando tudo muy bem negociado, se partio pera Cóchim a escrever pera o Reino. E despedio Balthazar Guedes de Sousa pera Capitaõ da fortaleza de Columbo, e Ceilaõ, onde estava D. Jorge de Menezes Baroche, que mandou vir, e por elle mandou ao Rey da Cota a avò, e parentas, que o Rey de Jafanapataõ lhe entregou, e o Principe mandou levar pera Goa, entregue a Pero Lopes Rebello. E depois de prover em tudo como era necessario, deu à vela pera Còchim, onde chegou em poucos dias: e nelle o deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuarmos com as cousas, que neste tempo succederaõ em Ceilaõ por seguirmos a ordem da historia.

CAPITULO VI.

Das cousas que neste tempo succedèraõ em Ceilaõ, e da guerra que D. Jorge Baroche fez ao Madune. E dos recontros que tiveraõ; e casos que succedèraõ. E de alguns feitos honrosos que nelles acontecèraõ a alguns dos nossos.

NAõ nos deixaõ as cousas deste anno, que saõ muitas, continuar por ordem com ellas; e estas que foraõ em principio deste veraõ as naõ podemos arrumar em outro lugar se naõ neste; porq̃ assim nos cahiraõ melhor. Naõ deixou o Madune de continuar na guerra contra o Rey da Cota seu irmaõ, à quem tinha odio entranhavel: e desejava de lhe tomar o Reino (como algumas vezes dissemos) em que os nossos favorecèraõ sempre o da Cota. E agora Affonso Pereira de Lacerda Capitaõ de Columbo andava de continuo em campo pera defender que o Madune lhe naõ entrasse em suas terras, tendo com os seus Capitaens muitos recontros, em que houve dano de ambas as partes (de que naõ fazemos mençaõ, porque foraõ taõ miudos, que serà cousa infinita dizerem se) Basta que teve sempre o encontro ao imigo, pera que naõ chegasse a pôr cerco àquella Cidade da Cota, em que ElRey estava com alguns Portuguezes, e tudo à força de assaltos de dia, e de noite, em que os nossos padecèraõ muitos trabalhos: porque como os imigos estavaõ em suas terras, e tinhaõ todos os provimentos de casa, reformavaõ-se cada vez que queriaõ, e se perdiaõ dez homens, tornavaõ a refazer em seu lugar cento, o que os nossos naõ tinhaõ: porque os provimentos lhes vinhaõ da India por monçoens, e com trabalho, e se matavaõ, ou feriaõ alguns, naõ havia outros pera se porem em seu lugar: antes os que ficavaõ supriaõ aquella falta de maneira, que passavaõ as mòres necessidades, e riscos, que se podiaõ imaginar, levando sempre

pre

pre adiante a guerra; porque se naõ perdesse tudo. E em hum encontro que Affonso Pereira de Lacerda teve antes de chegar D. Jorge Baroche, esteve de todo desbaratado, e perdeo alguns soldados, pelo que lhe foy necessario mandar pedir soccorro a Manar, donde lhe acodio Jorge de Mello o Punho, Capitaõ daquella fortaleza, com alguns soldados, em que entravaõ Joaõ de Abreu o Diabo, e tres irmãos Diogo, Andrè, e Christovaõ Juzarte, filhos de Joaõ Juzarte Tiçaõ, e D. Manoel de Castro, Gaspar Pereira o Comprido, que depois foy despachado com a Capitanìa de Chàul, que naõ quiz hir servir, Fernaõ Peres de Andrade, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que nesta guerra se assinalàraõ bem, e fizeraõ cousas dignas de eterna memoria.

Neste estado estavaõ aquellas cousas, quando em Outubro passado chegou àquella Ilha D. Jorge Baroche, que o Visorey D. Constantino tinha despachado com aquella Capitanía, como atraz fica dito, que levou muitos mantimentos, muniçoens, e provimentos, e perto de duzentos homens, em que tambem entravaõ muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a que naõ soubemos os nomes. E tomando posse da fortaleza de Columbo, passou-se logo com toda a gente que havia na Cota, onde estava ElRey, com quem cõmunicou as cousas da guerra. E sabendo que o Madune estava na tranqueira Mapitigaõ sobre o rio de Calane, foy-se com todo o poder que havia seu, e de ElRey, pôr da outra banda, e foy continuando a guerra, dando assaltos aos imigos, em que lhe fez muito dano, e naõ sem algum da nossa parte, porque sempre houve escalavrados.

Ficou assim sendo esta guerra taõ importuna, arriscada, e trabalhosa, e sobre tudo D. Jorge taõ incansavel, e mal sofrido com os soldados, que lhe começàraõ a fogir poucos, e poucos pera a Cota. Era este Fidalgo muito bom cavalleiro, como algumas vezes temos dito, mas taõ arrebatado, e colerico, que de todos era havido por muito mào de sofrer, e sobre isto era taõ vaõ, que a alguns soldados que lhe falavaõ por Senhoria, gabava muito, e dizia que muito bem parecia a cortesia. A cerca disto se conta huma galantaria de hum soldado, chamado Antonio Nicolaz, bom cavalleiro, que se achou em seu tempo nestas guerras de Ceilaõ, que estando o Visorey D. Constantino em Còchim este veraõ que embora vem da tornada de Jafanapataõ (de que logo adiante daremos razaõ) foy este Antonio Nicolaz à sua galè a pedirlhe alguma mercè, e acertou de ser em tempo que achou com elle D. Jorge Baroche, e falando o soldado com o Visorey em alguns negocios, lhe falou sempre por mercè, e dando a D. Jorge por testemunha de seus serviços, disse pera o Visorey: Aquì està sua Senhoria, apontando pera Dom Jorge, que sabe isto muito bem, e me vio pelejar; o que o Visorey festejou muito, porque jà sabia de suas vaidades, e natureza. Tinha na guerra muitas bizarrias muito galantes, de que na sexta Decada dissemos algumas, e agora naõ passaremos por huma, que he muito cortezãa, e foy. Que andando elle por Capitaõ de hũa galè, hindo apoz huns Paròs, sendo horas de almoço, pedio hum soldado ao despenseiro huma cebolla, e ouvindo-o D. Jorge, respondeo cõ muita colera: Que he isso soldado? Pedis mimos na minha galè? Nella naõ ha senaõ pelouros, e polvora. Mas com tudo isto foy este Fidalgo hum dos bons Capitaens, e cavalleiros, e servidor de ElRey, que à India passáraõ.

E tornando ao fio de nossa historia. Vendo D. Jorge Baroche que os soldados se lhe hiaõ poucos, e poucos, deixando Jorge de Mello o Punho em seu lugar, se foy à Cota pera fazer tornar a gente, e em quanto se là deteve quiz Jorge de Mello dar hum assalto em os imigos, e fazendo-se prestes, huma madrugada partio com muito silencio, e

deu

deu nas eſtancias do Rajù, filho baſtardo do Madune, e à força de braço as entrou, e fez em os imigos hum grande eſtrago, matandolhe os principaes Modiliares que alli tinha, e tomandolhes muitas armas, e outros deſpojos, com que ſe recolheo muito a ſeu ſalvo. Eſtas novas chegàraõ a D. Jorge Baroche, e dandolhe a inveja de tamanha vitoria, ajuntou os mais ſoldados que pode, e partio-ſe muito apreſſado pera o arrayal; e achando os ſoldados contentes, e com a maõ folgada do ſucceſſo, ſe paſſou logo à outra banda do rio em as fuſtas, e cometeo outra madrugada as tranqueiras, que o Rajù tinha jà muy bem reformadas, e com aquelle furor, e deſejo que levava de ganhar alguma honra, as entrou logo, e à eſpada fez tal deſtruiçaõ em os imigos, que em breve eſpaço lhe matou mais de duzentos, em que entravaõ os principaes Modiliares, e Araches, e a tranqueira poz toda por terra, e a aſſolou. E com eſte taõ bom ſucceſſo, que lhe naõ cuſtou mais de alguns poucos feridos, ſe recolheo Dom Jorge Baroche taõ contente, e ufano, q̃ logo tratou de cometer a tranqueira de Mapitigaõ, em que eſtava todo o poder do Madune, primeiro que ſe enxugaſſe o ſangue nas eſpadas dos ſeus ſoldados; porque foy aviſado que os imigos ficàraõ com aquelles dous toques muy quebrantados, e medroſos. Porque ſe entendia que ſe ganhaſſe aquella tranqueira, e ſe fortificaſſe nella, ficava ſendo Senhor dos caminhos de Ceitavaca em que o Madune reſidia, e que ſó com eſtar nella o teria de cerco, e lhe faria toda a guerra que quizeſſe. Pera iſto mandou fabricar dous Caſtellos de madeira em cima de algumas embarcaçoens que andaõ naquelles rios, que ſe chamaõ Padàs, e meteo nelles alguns ſoldados com muitas panellas de polvora, bombas de fogo, e outros artificios, e materiaes, pera hirem pelo rio inveſtir a tranqueira, e elle com todo o poder ſe paſſou da outra banda, deixando ordem pera as fuſtas darem toas aos Caſtellos, atè os abordarem à tranqueira. E fazendo o final à hora de cometer, começàraõ as fuſtas a remar pelo rio acima com os Caſtellos: e hindo jà perto da tranqueira, lhe atiràraõ com hum camelo, que tomou a fuſta que hia diante pela proa, e foy o pelouro varando pelo meyo della atè a popa, levando mais de vinte marinheiros que tomou enfiados, alando por humas roqueiras, e os fez todos em pedaços. Com iſto paràraõ os navios, e D. Jorge lhes mandou capear que ſe tornaſſem, o que elle tambem fez; porque entendeo que haviaõ de hir todos os dos Caſtellos medroſos daquelle ſucceſſo.

CAPITULO VII.

De outro aſſalto que Dom Jorge deu aos imigos, em que eſteve de todo desbaratado: e de alguns feitos honroſos que nelle ſuccedèraõ a alguns dos noſſos.

ALguns dias ſe deixou ficar Dom Jorge alli eſperando huma boa conjunçaõ, atè ſer avizado que o Rajù eſtava em hũa varzea junto da tranqueira com tres, ou quatro mil homens. E deſejando de ſe ver com elle em campo, mandou fazer preſtes a ſua gente hum dia no quarto dalva, e huma hora antes que amanheceſſe deu de ſupito nas ſuas eſtancias, e de tal maneira foraõ cometidas dos noſſos, que primeiro que os ſentiſſem, ſentiraõ o fio de ſeu ferro mais de cento, que alli ficàraõ eſtirados, e os mais com aquelle ſobreſalto deixàraõ as eſtancias, e o Rajù com os que pode ajuntar ſe foy recolhendo pela varzea, hindolhe D. Jorge Baroche ſeguindo o alcance, em que a noſſa arcabuzaria derribou outro golpe delles, atè os lançarem fora do campo, e os encurralarem em hum boqueiraõ onde ſe elles fizeraõ fortes. D. Jorge Baroche chegou alli, e vendo o lugar, em que o Rajù ſe quiz fortificar, determinou de o entrar, e acabar de arrematar a vitoria.

Mas

Mas chegou a elle hum ſoldado, chamado Pero Jorge, e lhe diſſe „ que ſe „ contentaſſe com a mercè que lhe Deos „ tinha feito, e ſe recolheſſe, porque jà „ faltavaõ muniçoens, e naõ havia com „ que carregar as eſpingardas, e que „ naõ quizeſſe que lhe aconteceſſe hum „ deſaſtre. Mas D. Jorge Baroche, como eſtava ſofrego daquella vitoria, lhe reſpondeo muito agaſtado „ que carre- „ gaſſem as eſpingardas com area, ou „ que acabaſſem de vencer à eſpada: e querendo cometer o paſſo, vio que os ſeus ſoldados ſe começavaõ a retirar (porque na verdade jà naõ tinhaõ polvora, nem pelouros) e naõ podendo elle fazer outra couſa, os foy ſeguindo, e ordenando, porque os via jà hir deſarranjados. O Rajù, que era Capitaõ ſagaz, e conhecedor dos caſos, entendendo o modo de que os noſſos hiaõ, arrebentou com os ſeus apoz elles, e com tanta força, e preſteza os cometeo, que os foy pondo em desbarato: pelo que foy forçado a D. Jorge Boroche, com os Fidalgos, e Cavalleiros que o ſeguiaõ, fazer muitas voltas aos imigos, pera que ſe naõ perdeſſe de todo. E neſte trabalho chegou a hum paſſo que ſe fazia no cabo da varzea, que achou impedido com grandes arvores, que os imigos alli cortàraõ, e atraveſſáraõ pera os embaraçar. Aqui ſe deteve D. Jorge em mandar abrir o caminho, o que naõ pode ſer taõ depreſſa, que naõ chegaſſem os Elefantes de peleja, que o Madune jà tinha mandado de ſoccorro ao filho, e hum delles chegou a Dom Jorge pera o levar na tromba, mas hum ſoldado chamado Pedralvares Freire, natural de Lamego, vendo o Elefante ſobre D. Jorge, remeteo a elle com alguns piaens que levava, dizendolhes, aqui filhos, e pondo o arcabuz no roſto, o deſparou ſobre o do Elefante, e o fez virar pera traz com a dor da ferida ſobre os ſeus, atropelando alguns delles, e Dom Jorge teve tempo de eſcapar. Aqui chegàraõ outros Elefantes (que elles foraõ os que desbaratàraõ os noſſos) E remetendo hum com o Alferes da bandeira de D. Jorge, virou elle o pique em que levava a bandeira, e lho poz nos teſtos, onde lho quebrou, mas nem por iſſo pode eſcapar; porque como elle hia com aquella furia, lançoulhe a tromba, e deu com elle por eſſes ares, e o fez em pedaços. Outro Elefante chegou a outro ſoldado, chamado Gregorio Botelho, ſoldado velho da India, e naſcido nella; que vendo-o ſobre ſi, virou a elle com grande animo, e lhe poz huma alabarda nos teſtos com tanta força, que com a dor da ferida o fez deter, com o que elle teve tempo de ſe pôr da outra banda do vallo.

Aqui neſta paſſagem ſe perdèraõ muitos dos noſſos, que pelejàraõ muito valeroſamente, tomando antes muito grande vingança da morte que lhe haviaõ de dar. E ainda eſte trabalho deſte paſſo fora mais ſofrivel, e de menos perigo: mas como os imigos eraõ tantos, deſviàraõ-ſe alguns Araches com ſuas companhias, e foraõ por outros paſſos a talhar o caminho aos noſſos, e aſſim ſe achàraõ cercados naquella paſſagem, com o que D. Jorge ſe deu de todo por perdido; mas quiz Deos que foſſe jà iſto no cabo da varzea, e que dèſſe elle animo, e acordo a hum ſoldado, a que naõ pudemos ſaber o nome, que vendo o perigo em que todos os noſſos eſtavaõ, arremeteo a hum berço, que alli tinhaõ os noſſos deixado, e lhe poz fogo, e foy o pelouro taõ bem encaminhado, que entrou pelo meyo dos imigos, e foy derribando huns poucos: o que viſto pelos mais, cuidando que aquillo era ſillada, que lhe alli tinhaõ armada, detiveraõ-ſe, com o que Dom Jorge (que naõ perdeo o animo) tornou a ajuntar os ſeus, e teve tempo de chegar aos navios, que eſtavaõ perto, em que ſe embarcou, e ſe paſſou da outra banda, ficandolhe por aquelle caminho da varzea mais de ſeſſenta mortos, em que entravaõ alguns Fidalgos, de que ſó de Joaõ de Mello, filho de Triſtaõ de Mello, nos lembra o nome. E D.

Jorge

Jorge ſe paſſou às ſuas tranqueiras, taõ màgoado daquella perda, e deſaſtre, que ſe lançou pelo chaõ, esbravejando, e dizendo mal à ſua ventura. Dalli por diante ſe deixou ficar naquelle lugar continuando na guerra, e defenſaõ dos paſſos, pera que o Rajù naõ pudeſſe entrar nos limites do Reino da Cota, ſobre o que teve alguns recontros com os imigos, em que ſempre houve eſcalavrados de ambas as partes.

CAPITULO VIII.

De como o Madre Maluco tentou de hir ſobre a fortaleza de Damaõ. E do eſtratagema, de que D. Diogo de Noronha uſou pera homiziar o Cedemecan com o Madre Maluco, por onde o fez matar. E de outras couſas.

ATraz no Capitulo ſegundo do livro terceiro temos dado conta, como o Rey moço de Cambaya fugira de Madre Maluco pera o Ithimitican, por invençoens que o outro teve; que vendo-ſe ſem ElRey ſe foy pera a ſua Cidade de Baroche, que com as Villas, e lugares, e mais terras que poſſuhia, era hum Eſtado, que pudera contentar qualquer peito, por muito cubiçoſo que fora (ſe pòde haver algum q̃ ſe ſatisfaça algũa hora) E como ſe reſentio da poſſe que o Ithimitican ficava tendo com o Rey, foylhe taõ máo de ſofrer, q̃ determinou de buſcar modos pera vir ainda a ſubir à Monarquia daquelle Reino (porquè naturalmẽte era de animo grandioſo, e cubiçoſo de muito) E como a fortuna anda ſempre cõ o olho ſobre eſtes grandes, e he muito natural ſeu de hum erro levallos a outro mayor, trouxe logo á imaginaçaõ deſte, q̃ pera ſubir ao q̃ queria lhe era neceſſario fazerſe Senhor do Eſtado de Surrate, que era de Cedemecan ſeu cunhado, filho de Coge Çofar; que com o que poſſuhia ficava com muito arrezoado Eſtado, e ainda Reino: e com iſſo ficaria com poſſe, e poder pera ſe fazer Senhor do Imperio Guzarate, que tantos annos floreceo neſte Oriente. E pera còrar a cubiça de fazer guerra ao cunhado, tomou occaſiaõ de pequenos achaques (que naõ faltaõ nũca a quem os buſca) e começou a ajuntar gente, e Capitaens pera eſta jornada. Eſtando já de todo preſtes, ſe meteo de permeyo ſua mulher, irmãa do Cedemecan, que o tirou deſte propoſito, e ainda fez com o marido, que cazaſſe huma filha, que tinha de outra mulher, com o irmaõ, e ſe concertou logo o caſamento, pera depois ſe celebrarem as bodas com muitas feſtas.

Vendo-ſe pois o Madre Maluco com o poder junto, e as deſpezas feitas, e que o Viſorey era partido pera Jafanapataõ, taõ longe, que naõ podia vir ſenaõ em Fevereiro, tratou com ſeus Capitaens de hir ſobre a Cidade de Damaõ, e tornalla a tomar, e fazerſe Senhor della, e de ſuas terras, que eraõ de muita importancia, e logo ajuntou as mais achegas, que pera iſſo lhe parecèraõ neceſſarias, e ordenou artelharia de bater. E porque Surrate ficava mais perto de Damaõ, aſſentou com ſeus Capitaens de pedir hum bazaliſco ao cunhado, pera com elle arrazar os entulhos de Damaõ.

De tudo iſto ſoy logo aviſado Dom Diogo de Noronha por peſſoas que trazia em caſa do Madre Muluco (como as tinha tambem na de ElRey, e do Cedemecan) que peitava groſſamente, pera que lhe dèſſem conta de tudo o que antre elles ſe paſſava (porque eſtas eraõ as mercadorias que eſte Capitaõ ſempre fez nas fortalezas em que eſteve) E vendo que o Viſorey era em Jafanapataõ, taõ longe, que o naõ podia ſoccorrer, receando que lhe dèſſe aquelle negocio muy grande trabalho, e o puzeſſe em deſeſperado aperto, porque naõ via donde pudeſſe ſer ſoccorrido; naõ perdendo com tudo o animo, deſpedio cartas apreſſadas a D. Pedro de Menezes Capitaõ de Goa, em que lhe dava conta daquellas couſas, affirman-

dolhe „ que ſe o naõ ſoccorreſſe com „ muita preſſa, gente, e muniçoens, ſe „ perderia aquella fortaleza; e com iſto ſe começou a fortificar o melhor que pode. E traçando no ſeu entendimento o que faria ſobre aquelle negocio, que era muito grande, offereceolhe Deos noſſo Senhor o mais certo, e apreſſado remedio que podia ſer: que foy uſar com aquelles Capitaens de hum eſtratagema, com que os homiziou, e fez matar a todos, e foy eſte.

Era elle muito grande amigo do Cedemecan, e mandava-o viſitar a miude com cartas, e brinces, que elle eſtimava muito. E depois que D. Diogo de Noronha foy aviſado, da expediencia, com que o Madre Maluco tratava, e ordenava eſte taõ grande mal contra elle; continuou mais vezes eſta viſitaçaõ, e tanto que ſoube de certo que o imigo eſtava em campo pera ſe abalar, deſpedio Diogo Pereira em hum navio com vinte e cinco homens a viſitar o Cedemecan; e por elle lhe eſcreveo huma carta em Parſeo, em que lhe dizia „ que ſe „ naõ fiaſſe de ſeu cunhado Madre Ma„ luco, porque ſabia de certo que vinha „ com aquelle poder pera lhe tomar a „ fortaleza de Surrate, e que pera o ſe„ gurar lançava fama que era contra Da„ maõ, e que pera final deſta verdade, „ tanto que elle chegaſſe com ſeu campo „ a Surrate, lhe havia de pedir hum ba„ zaliſco empreſtado pera bater os entu„ lhos de Damaõ, e que como o tiveſſe „ o havia de fazer à ſua fortaleza de „ Surrate, e que eſtiveſſe ſobre aviſo, e „ acautelado, porque o Madre Maluco „ era manhoſo, e de artificios, e atrei„ çoado, e que pela amiſade que ambos „ tinhaõ, ficava negociando alguns na„ vios pera lhe mandar pelo rio dentro „ de ſoccorro, porque ſabia que o Viſo„ rey diſſo havia de levar muito goſto. De tudo iſto deu D. Diogo de Noronha conta a Diogo Pereira ſó, por ſer homem de quem ſe elle fiava em tudo, por ſer prudente, e de bom conſelho. E lhe diſſe mais: „ Que ſe o Cedemecan „ lhe déſſe conta do que na carta lhe eſ„ crevia, ſe fizeſſe de novas, por fazer „ mais a ſeu caſo o ſegredo daquelle ne„ gocio.

Chegado Diogo Pereira a Surrate, foy muito bem recebido do Cedemecan (que tambem era ſeu amigo) e lhe deu a carta de D. Diogo de Noronha, que elle leu huma, e muitas vezes, e como pera todos os Mouros baſta qualquer pequena ſoſpeita, quanto mais hum aviſo, que lhe importava a vida, e o eſtado, dado por hum Capitaõ, de que elle tinha taõ grande opiniaõ, foylhe muito facil de crer tudo, e logo ſe começou a negociar, e preparar. Poucos dias depois de Diogo Pereira chegou o Madre Maluco (que foy no Outubro paſſado) e foy aſſentar ſeu campo ao longo do tanque de Surrate, e tanto que o Cedemecan teve recado certo de ſua vinda, mandou chamar Diogo Pereira, e lhe fez queixume de ſeu cunhado, affirmandolhe „ que vinha com tençaõ de lhe „ tomar ſeu Eſtado, que fora de ſeu pay; „ que lhe pedia o aconſelhaſſe no que „ faria ſobre aquelle negocio. E como o Diogo Pereira hia ſobre aviſo, fazendo-ſe de novas lhe reſpondeo que naõ podia ſer aquillo: ao que lhe atalhou o Cedemecan, dizendolhe: „ Que elle „ eſtava aviſado de boa parte, e lhe pe„ dio que da ſua foſſe viſitar o Madre „ Maluco, e lhe diſſeſſe que logo apoz „ elle o hiria fazer em peſſoa, e que viſſe „ nas praticas ſe podia alcançar alguma „ couſa dos penſamentos com que vi„ nha. Diogo Pereira chegou ao arrayal de Madre Maluco, acompanhado de trinta, ou quarenta Portuguezes muito bem trajados, e como elle era muito ſeu amigo, o recebeo com muitas honras, e caricias, e o aſſentou apar de ſi, onde eſteve hum bom eſpaço em converſaçaõ, perguntandolhe o Madre Maluco muitas couſas, a que lhe elle reſpondeo ſempre muito a propoſito, ſem nunca lhe dar a entender que ſabia a jornada, que fazia contra Damaõ (porque tinha elle lançado fama que hia contra Tafal-

caõ,

caõ, que ſe tinha alevantado com o Reino de Verara) E depois de muitas praticas lhe diſſe Diogo Pereira „ que ſeu „ cunhado eſtava timido delle, porque „ de Amadabà o aviſáraõ, que vinha „ com determinaçaõ de lhe tomar a fortaleza. A iſto ſe rio Madre Maluco, „ dizendo que ſe eſpantava muito de „ elle crer aquillo, que ſe elle tivera „ trinta fortalezas, tantas lhe dera, quã„ to mais tomarlhe aquella, que ſeu pay „ lhe deixàra. Que o foſſe ſegurar naquella materia, e lhe diſſeſſe q̃ o foſſe „ viſitar, affirmandolhe q̃ com nenhuma „ couſa mais folgaria que vello; e de final daquella vontade, lhe deu o ſeu anel, pera que lho levaſſe. Com iſto ſe deſpedio Diogo Pereira, e hindo pera a fortaleza, achou jà no caminho o Cedemecan com tres mil de cavallo, Turcos, Perſas, e Abexins, gente muito luſtroſa, e a melhor de Cambaya (que elle trazia a ſoldo) e cinco, ou ſeis mil de pè, e diante delle quinze Elefantes armados, e elle muito galante, e cuſtoſo: que depois que deſpedio Diogo Pereira com a viſita a Madre Maluco, aſſentou de hir viſitar o cunhado, primeiro que Diogo Pereira de lá partiſſe: porque como ambos eſtavaõ com ruins penſamentos, determinou de o ſegurar com o viſitar em peſſoa, pera o que determinava de fazer.

Diogo Pereira voltou com elle, e foraõ ambos juntos praticando, e dandolhe elle conta do que paſſára com o cunhado. E pera fazer mais ao caſo, nas ſoſpeitas de D. Diogo de Noronha, lhe affirmou que naõ vinha o cunhado com bom animo. Neſtas praticas chegàraõ ao arrayal, e o Madre Maluco o ſahio fóra delle a receber, e o levou pela maõ atè ſua tenda, onde ambos ſòs ſe aſſentàraõ hum bom eſpaço; e o Madre Maluco nas praticas lhe diſſe „ que ſe „ eſpãtava muito de elle crer o que del„ le lhe diziaõ, ſabendo elle muito bem „ que o amava como filho. E entaõ lhe deu conta da jornada, que hia fazer contra Damaõ: pera o que lhe pedio „ lhe „ empreſtaſſe hum bazaliſco pera desfa„ zer os entulhos, que eraõ grandes. Ao „ que o Cedemecan lhe diſſe que de „ boa vontade, e que ainda lhe daria tu„ do o mais que tiveſſe, moſtrando-ſe muito liberal naquelle negocio pera mayor diſſimulaçaõ do que logo concebeo no animo: porque como vio que o conſelho de D. Diogo de Noronha lhe ſahia verdadeiro, e que o final do bazaliſco fora certo, logo determinou de ſe vingar do cunhado, e ao deſpedir lhe pedio que quizeſſe hir cear com elle, porque todo o dia naõ tinhaõ comido ambos, por ſer a feſta do ſeu Ramedaõ (que era como a noſſa Quareſma, em que elles naõ comem mais que huma vez ao dia, e eſſa ainda de noite) O Madre Maluco como eſtava innocente dos tratos, lhe reſpondeo „ que de muito boa „ vontade hiria aceitar o ſeu banquete, „ e ainda levaria todos os ſeus Capi„ taens. E deſpedidos dalli, foy-ſe o Cedemecan fazer preſtes pera aquelle banquete, que havia de ſer o ultimo, que na vida havia de ter o Madre Maluco. Que tanto que foraõ horas ſe foy pera a fortaleza, levando comſigo Muſtafá Carman, e todos os Capitaens, e peſſoas principaes, que ſeriaõ perto de cento, que o Cedemecan veyo receber à porta da fortaleza, onde todos ſe apeàraõ, ficando os cavallos da banda de fóra, e elle os foy levando atè hum fermoſo pateo, que ſe fazia à entrada da primeira ſala: onde tinha muitas alcatifas, e almofadas em baileos que havia, e alli ſe aſſentàraõ em converſaçaõ hum bom eſpaço.

E parecendo jà horas de cea, ſe alevantou o Cedemecan, pedindo licença ao cunhado pera hir fazer preſtes, e foy entrando por huma porta, que ficava à maõ eſquerda no meſmo pateo, e ainda elle naõ era dentro, quando por outra da maõ direira ſahiraõ duzentos homens armados, e endireitando com os hoſpedes, os começàraõ a banquetear de feridas taes, e taõ mortaes, que em muy pouco eſpaço os mandàraõ pera o

inferno, onde tiveraõ bem differente banquete do que eſperavaõ: o que ſe fez taõ preſtes, e com taõ pouco eſtrondo, que naõ foy ouvido dos criados, que ficavaõ de fóra da fortaleza com os cavallos. E ſendo antre as onze horas, e á mea noite, bateo hum Baneane á porta de Diogo Pereira, que pouſava fóra da Cidade: e aſſomando elle a huma janella, lhe diſſe „ que viſſe como eſtava, „ porque Madre Maluco com todos os „ ſeus Capitaens eraõ mortos, do que elle ficou ſobreſaltado, e mandou bater logo com muita preſſa á porta do Camereiro do Madre Maluco, que pouſava defronte (que ſe foy pera alli, por ſerem muito amigos) E aſſomando á janella, lhe perguntou Diogo Pereira „ ſe tinha algumas novas do que hia na „ fortaleza? Ao que lhe reſpondeo que „ naõ: mas que lhe parecia que Madre „ Maluco ficava lá toda a noite; porque „ havia pouco mandára là, e q̃ acháraõ „ ainda os cavallos á porta. Entaõ lhe „ diſſe Diogo Pereira o que lhe diſſera o „ Baneane, advertindo-o que eſtiveſſe „ ſobre aviſo, porque naõ ſabia o que „ ſeria; do que o Mouro ficou taõ ſobreſaltado, que logo ſem aguardar mais ſe poz em hum cavallo, e ſe foy ao exercito, onde naõ havia novas de couſa alguma.

Diogo Pereira toda a noite eſteve com as armas nas mãos, e ſeus companheiros: e tanto que amanheceo ouvio diſparar toda a artelharia da fortaleza; e era que o Cedemecan mandava bater o exercito, e depois ſahio ao campo com toda ſua gente poſta em armas, e mandou chamar Diogo Pereira, que logo veyo, e o achou em hum fermoſo cavallo acubertado, e com hum final na cabeça de ſua mór alegria, que era huma touquinha de ſeda preta por cima de outra muito alva. E chamando Diogo Pereira jũto de ſi, lhe diſſe rindo „ Dio„ go Pereira: Quem vos quizer matar, „ que lhe fareis? Diogo Pereira lhe reſ„ pondeo; fallohia eu primeiro ſe pudeſ„ ſe. Pois, diſſe o Cedemecan, aſſim o „ fiz eu a meu cunhado, que tanto tra„ balhava por me matar, e tomar o meu „ Eſtado. E dalli ſe abalou contra o exercito (onde já havia novas de tudo) e os que nelle eſtavaõ, naõ ouſando ao eſperar, ſe foraõ acolhendo a unha de cavallo; e o Cedemecan ſe ſenhoreou delle, e de todo o ouro, e joyas, e riquezas do Madre Maluco, que eraõ muitas, e ſe recolheo com tudo pera a fortaleza.

CAPITULO IX.

De como Chinguiſcan, filho de Madre Maluco, foy contra o Cedemecan, e o cercou. E da Armada que D. Diogo de Noronha mandou de ſoccorro a Surrate, e do que lhe là ſuccedeo. E de como faleceo Dom Diogo de Noronha, e de ſuas partes, e qualidades.

FUgida a gente de Madre Maluco, foy-ſe pera Baroche, e deraõ a nova à Chinguiſcan ſeu filho, que era já homem muito valeroſo, grande Capitaõ, e de muita poſſe, porque lhe ficáraõ todos os Eſtados do pay, e os theſouros, de que logo lançou maõ, em lhe dando as novas de ſua morte. E vendo que tinha alli junta aquella gente, que eraõ cinco mil de cavallo, e dez mil de pè, e com toda a que mais pode ajuntar, partio logo pera tomar ſatisfaçaõ da morte do pay, e entrou pela Cidade de Surrate, que o Cedemecan lhe naõ pode defender, porque ſe recolheo à fortaleza com toda a gente de armas, e mantimentos, que lhe parecèraõ neceſſarios, deixando à Cidade com os Officiaes de mecanica, e os mercadores, com que o Chinguiſcan naõ bullio, porque parece que lhe deraõ alguma couſa. E paſſando adiante, aſſentou ſeu exercito ſobre a fortaleza naquelle baluarte que fica pera a parte da Alfandega; e logo ſe fortificou, e cercou de vallos, e foſſos; e prantou ſua artelharia, com que a começou a bater muy furioſamente.

O Ce-

O Cedemecan que eſtava muy bem apercebido de tudo, ſe defendeo com muito valor. E porque o poder do imigo era grande, receando-ſe de algũ trabalho, ſe quiz valer dos Portuguezes, deſpedindo recado a D. Diogo de Noronha, pedindolhe muito „ que o ſoccorreſſe com huma Armada: porq̃ ſe receava que o Chinguiſcan lhe mandaſſe tomar a barra do rio com alguns navios, que em Baroche tinha mandado armar com muita preſſa. D. Diogo de Noronha pera a ſua arte foy aquillo alvitre; porque havia que da deſavença daquelles dous imigos ſempre reſultaria ao Eſtado da India proveito, e quietaçaõ; como jà lhe tinha reſultado do ardil de que uſou pera homiziar os cunhados, de que procedeo aquella quebra. E logo com muita preſſa mandou negociar dez navios, e pagar ſoldados; elegendo pera eſta jornada Luiz Alvares de Tavora, dandolhe hum muito largo regimento do que havia de fazer; cuja ſubſtãcia era „ que ſe deixaſſe eſtar „ no rio á viſta dos imigos, e que tiveſſe „ com ambos intelligẽcias ſecretas, pera „ lhes fazer entender que vinha em favor de cada hum: e que por outra parte „ os induziſſe a odios, pera que os chegaſſe ao derradeiro eſtremo, e viſſe ſe „ lhe abria o tempo occaſiaõ pera lançar „ maõ de Surrate. E mandou com elle Coge Abraham, Judeu prudente, e aſtuto pera correr com eſtes negocios, por ſer antre todos muito conhecido. Luiz Alvares de Tavora foy ſurgir naquelle rio à viſta do exercito, e da fortaleza, e dalli deſpedio o Judeu de noite com recado ao Cedemecan, com as cartas de D. Diogo de Noronha, em q̃ lhe dizia „ que lá lhe mandava aquella „ Armada pera tudo o que lhe foſſe neceſſario, e q̃ ſe mais lhe compriſſe que „ tudo lhe mandaria: e o meſmo fez por outras cartas mandadas por peſſoas de confiança, e de muito ſegredo ao Chinguiſcan. De maneira que a ambos fez crer que era vinda em ſeu favor, e com ambos ſe tratou ſempre em ſegredo. O cerco foy por diante, e o Chinguiſcan hia apertando com a fortaleza, e com propoſito de ſe naõ levantar de ſobre ella atè a naõ tomar. Eſtando neſta obra lhe vieraõ novas muy apreſſadas, que Alucan, hum dos Regedores de Cambaya, lhe entràra pela Cidade de Veredora, que era ſua, e ſe apoderàra della, e que vinha com tençaõ de lhe tomar todo o Eſtado; porque como vio o Madre Maluco morto, houve que lhe ſeria muito facil. Eſtas novas ſentio Chinguiſcan muito, e determinou de acodir ao ſeu, porque muitas vezes o vinha hum homem a perder por pretender o alheyo. E por naõ ficar com aquellas deſpezas feitas veyo a concerto com o Cedemecan por meyo de Capitaens de ambas as partes, e elle lhe deu cem mil Mamudes de prata, cinco cavallos Arabios, e hum Elefante, e alevantado o campo ſe foy pera Baroche.

Luiz Alvares de Tavora, tanto que ſe elle foy, mandou pôr tendas em terra (por lho mandar aſſim pedir o Cedemecan, que ſe quiz hir ver com elle) E como Coge Abrahaõ hia todos os dias à fortaleza a negocios com o Cedemecan, e levava ſempre alguns ſoldados pera ſua companhia, foy hum dia antre eſtes Luiz Alvares de Tavora em trajos mudados, porque deſejou de ver a fortaleza, que notou muy bem, e vio que era de dous muros, e de cavas dobradas, e que tinha pelos baluartes, que eraõ muy fortes, muita, e groſſa artelharia. E o dia que tinhaõ aſſentado verem-ſe ambos, o Cedemecan o eſperou à porta da fortaleza da banda de fóra. E Luiz Alvares de Tavora foy por mar com todos os navios embandeirados, e deſembarcou no caes ao ſom de muitas bombardadas, e eſpingardadas, e alli ſe viraõ ambos, e praticàraõ em algumas couſas: no que elle achou o Cedemecan muy deſembaraçado, e bom cortezaõ. Era entaõ mancebo de vinte annos, taõ alvo, e louro, e gentil-homem, que parecia Alemaõ, e naõ era muito,

porque ſeu pay, e mãy eraõ naturaes de Otranto. Depois de gaſtarem algum eſpaço em comprimentos, ſe deſpedio Luiz Alvares de Tavora de todo pera ſe partir pera Damaõ: e ao outro dia lhe mandou o Cedemecan muitas peças ricas, e brincos curioſos pera o Viſorey, e pera D. Diogo de Noronha, a quem eſcreveo cartas de muitos comprimentos, e Luiz Alvares de Tavora naõ ficou com as mãos vazias.

Dada a vela, chegou a Damaõ, e achou D. Diogo de Noronha enfermo de humas febres, de que em poucos dias veyo a falecer com grande màgoa, e dor de todos pelas muitas, e boas partes, e qualidades de ſua peſſoa; e pela grande perda que o Eſtado da India toda recebeo. Faleceo em idade de quarenta e quatro annos. Foy filho legitimo de D. Alvaro de Noronha, filho de D. Fernando de Noronha, e neto de D. Pedro de Noronha Arcebiſpo que foy de Liſboa, filho do Conde Gijon. Sua mãy ſe chamou Dona Mecia da Silveyra, filha de Diogo da Silveyra, e de Dona Maria de Tavora, irmãa de Pero Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro. Em moço cahio huma queda, de que ficou quebrado pelas coſtas, pelo que foy ſempre anojado: por eſte defeito o mandou ſeu pay aprender letras, com propoſito de o fazer Clerigo: e ſendo já homem, ſuccedeo huma preſſa em hum dos lugares de Africa, a que acodiraõ muitos Fidalgos do Reino, e elle o fez tambem, porque deſejou de ſe começar a moſtrar no ſerviço de ElRey. Depois de eſtarem là, ceſſou a occaſiaõ, e ElRey eſcreveo ao Capitaõ „ que de ſua „ parte déſſe os agradecimentos aos Fi„ dalgos que là foraõ, e que lhes diſſeſ„ ſe que bem ſe podiaõ tornar pera o „ Reino, e que lhes naõ eſcrevia pela „ preſſa. O Capitaõ ſatisfez ao que lhe ElRey mandou, e o diſſe a todos, e ainda lhes moſtrou a carta de ElRey, com o que logo ſe embarcàraõ, excepto eſte D. Diogo de Noronha, que dizendolhe o Capitaõ que bem ſe podia hir pera o Reino, reſpondeo „ que bem ſabia El„ Rey que eſtava elle naquella forta„ leza, que quando elle foſſe ſervido de „ o mandar hir, elle lho eſcreveria. O Capitaõ aſſim o eſcreveo a ElRey, que vendo a conta que D. Diogo de Noronha tinha comſigo, e com ſeu ſerviço, o eſtimou muito, e logo lhe eſcreveo huma carta muito honrada, em que „ lhe mandava que foſſe pera Lisboa, „ porque tinha neceſſidade delle pera „ outras couſas. Daqui ficou havido por homem aviſado, e de muita opiniaõ, e ficou ſeguindo a Corte com determinaçaõ de mudar o propoſito na vida. Depois paſſou à India, como temos dito, onde ElRey teve ſempre tanta conta com elle, que neſtas nàos do anno de ſeſſenta lhe mandou a Capitanìa de Ormuz pera logo entrar. Nunca caſou. Teve na fortaleza de Dio (ſendo Capitaõ della) hum filho em huma mulher fermoſa, a que poz nome Dom Alvaro, como ſeu pay, que mandou em huma verba do ſeu teſtamento que lho levaſſem logo pera o Reino (como ſe fez) e là foy entregue a ſua mãy Dona Mecia da Silveyra, que o mandou criar muito honradamente no inſigne Moſteiro de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo, onde ſe fez Religioſo, e foy Letrado, e Prégador. Foy D. Diogo de Noronha homem virtuoſo, prudente, acautelado, muito verdadeiro, e hum dos mais esforçados Capitaens q̃ teve o Eſtado da India, e taõ pouco cubiçoſo, q̃ lhe achàraõ por ſua morte quinze mil pardaos, com haver ſido Capitaõ de Dio, e daquella fortaleza de Damaõ. Eſtes mandou deſpender em eſmolas, e em pagas dos ſerviços de ſeus criados. Mandou que ſeus oſſos foſſem levados a Goa, e que ſe depoſitaſſem na Igreja de noſſa Senhora da Serra, onde eſtavaõ os de ſeus tios Affonſo de Albuquerque, e D. Antonio de Noronha (que matàraõ na tomada de Goa) E ainda hoje eſtaõ eſtas tres ſepulturas, a de Affonſo de Albuquerque na Capella, e as outras duas nas paredes da banda de fóra, em ſepulturas

de

de pedra muito bem lavradas, e curiosas.

Por sua morte succedeo naquella Capitanìa Diogo da Silva, que era Feitor, e Alcaide mòr daquella fortaleza de Damaõ, Cavalleiro velho muito honrado (e que teve huma filha casada com Manoel de Sousa Coutinho, que depois foy Governador da India) que D. Diogo de Noronha nomeou no testamento, por ser conforme ao regimento de ElRey (em que manda que succedaõ os Alcaides mòres por morte dos Capitaens) O que se hoje guarda taõ mal, que a primeira cousa que os Capitaens pedem aos Viseroys, he provizaõ pera nomearem Capitaõ, falecendo. Disto teve tambem culpa a devassidaõ que depois houve nos despachos dos cargos da India: porque naquelle tempo davaõse a Cavalleiros muito honrados, e que muitos delles podiaõ ser Capitaens das mesmas fortalezas, e depois chegou isto a tanto menos (assim por se darem os cargos mais por aderencias, q̃ por merecimentos, como pelas trespassações que hoje correm) que nos naõ espantamos do pouco que hoje os homens se estimaõ em seus officios, porque estaõ alguns taõ mal aforados, que por huns se vem a estimar pouco os outros, que ainda os ha de merecimentos pera tudo.

CAPITULO X.

Do que aconteceo ao Viserey D. Constantino em Còchim. E de como se vio com o Rey do Chembè, e fez com elle pazes. E do soccorro que mandou a Cranganor. E de como Luiz de Mello da Silva entrou a Ilha do Primbalaõ, onde estava todo o poder do Camorim, e o desbaratou, e entregou aquella Ilha a ElRey de Còchim. E da sua chegada a Goa.

CHegado o Viserey D. Constantino a Còchim (como atraz dissemos no Capitulo quinto deste nono livro) deu logo pressa à carga das nàos, e à escritura do Reino, e de tal maneira abreviou tudo, que a quinze de Janeiro deraõ à vela tres nàos, a Rainha, S. Vicente, e Drago. Este galeaõ por achar ruins tempos arribou a Moçambique, onde invernou, e as duas nàos chegàraõ ao Reino a salvamento, e quizemos assim abreviar com ellas, porque temos muitas cousas pera que haver mister o tempo.

O Viserey, tanto que despedio estas nàos, tratou de se hir ver com o Rey da Pimenta, por lhe ter mandado pedir por seus Embaixadores „ que o fizesse, „ mandando-se desculpar por elles das „ cousas que tinha passado com D. Af„ fonso de Noronha, e Vasco da Cu„ nha (de que no fim da sexta Decada, „ e no principio desta setima dèmos lar„ ga relaçaõ) deitandolhe a elles a cul„ pa, que elle só tinha, porque se assen„ tou em conselho que se lhe dissimu„ lasse tudo, e lhe concedesse pazes pela „ necessidade que havia de sua amisade „ por causa da Pimenta que corria por „ seus rios, que elle impedia, sobre o „ que o Estado tinha despendido mui„ to em Armadas (como pelo discurso de nossas Decadas temos dito)

Assentado isto, partio-se logo o Viserey com toda a Armada assim de galez, como de fustas; e levou comsigo o Capitaõ da Cidade com a mòr parte dos moradores, que se embarcàraõ em manchuas, tones, e outras embarcaçoens, com que foy pelo rio acima surgir defronte do Pagode de Vaiqueta, e mandou logo a terra Christovaõ de Azevedo Alcaide mòr de Còchim a visitar ElRey, e a lhe pedir „ que abre„ viasse o mais depressa que pudesse „ aquellas vistas, porque era tarde, e lhe „ era necessario partirse pera Goa. ElRey recebeo bem a visitaçaõ, e mandou dizer ao Viserey „ que dahi a dous „ dias se veria com elle. Mas como estes Gentios por nenhuma cousa da vida trespassaõ seus ritos, e costumes, nem fazem cousa alguma sem eleiçaõ de dias,

e de

e de horas, e de notar os ſinaes màos, ou bons (como algumas vezes diſſemos) andou com dilaçoens, porque o dia que prometteo de vir, deixou de o fazer, porque lhe paſſou a gralha atraveſſada, e ao outro diſſe que lhe cantàra a oſga; e ao outro que lhe huivàra o caõ, e aſſim com outras ſemelhantes brutalidades, ſem nenhum fundamento, foy dilatando ſete, ou oito dias, de que o Viſorey ſe vio taõ enfadado, que eſteve pera ſe tornar, atè que o diabo deparou àquelle Rey hum dia de bom agouro, que ſe naõ ſou mal lembrado, porque me achey neſta jornada, foy quarta feira de Cinza, que he pera todos os Chriſtãos o de melhores, e mais neceſſarios ſinaes que pòde ſer, porque nelle nos deſengana a Santa Madre Igreja de noſſas vaidades, e nos moſtra que ſomos lodo, e terra. E neſte dia que elle achou bom, partio aquelle Rey de ſua caſa acompanhado de mais de quinze mil homens, e ſe foy pera o Pagode, que eſtava hum pouco afaſtado da agua, onde tinhaõ ordenado verem-ſe. O Viſorey tanto que teve recado preparou-ſe pera a deſembarcaçaõ (poſto que foy contra vontade, e parecer de muitos, pela muita gente que ElRey trazia) e mandou que ſe embandeiraſſe a Armada, e que as fuſtas eſtiveſſem com os eſporoens em terra, e toda a gente da Armada ſe eſtendeſſe em fileiras ao longo da praya com ſeus Capitaens de bandeiras. E eſtando tudo a ponto, partio o Viſorey da ſua galè em huma manchua toldada de borcado, e elle acompanhado do Capitaõ de Cochim, e de todos os Fidalgos da Armada, veſtido muito cuſtoſamente. E chegando a terra deſembarcou nella ao ſom de muitas bombardadas, e ſalvas de artelharia, e antes de chegar ao Pagode, o ſahio ElRey a receber, e depois de paſſadas as corteſias aſſim em pè aſſentàraõ brevemente as pazes, e as juràraõ a ſeu modo, de que ſe devia fazer aſſento em algum livro, que hoje naõ parece.

Acabadas as ceremonias, ſe deſpedio o Viſorey, e ſe foy pera a ſua galè, e ao outro dia mandou apregoar as pazes por toda a Armada, e ElRey fez o meſmo na ſua Cidade, e por todo o Reino. E porque jà era tarde pera os muitos negocios que tinha, ſe tornou pera Còchim; onde lhe deraõ cartas de Joaõ Pereira Capitaõ de Cranganor, em que lhe dizia „ que os Principes de Cale- „ cùt, que ſe haviaõ de vir criar em caſa „ de ElRey de Cranganor, eraõ chega- „ dos, e que elle lhes tinha tomados os „ paſſos por onde haviaõ de entrar, a „ que acodia muita gente do Camorim, „ que tinhaõ tomada a Ilha de Primba- „ laõ, que era de ElRey de Còchim, e „ ficava da outra banda, e que todos os „ dias pelejavaõ muito aſperamente: „ pelo que lhe era neceſſario acodir „ àquelle negocio: porque ficava por „ alli caminho aberto pera ſe poder per- „ der aquella fortaleza. O Viſorey vendo a importancia do caſo, deſpedio logo D. Franciſco de Almeida (que depois foy Capitaõ de Tangere) com dez ou doze navios, cheyos de muita, e muy luſtroſa ſoldadeſca, pera hirem ſoccorrer Joaõ Pereira, e tomar os paſſos aos Principes, e favorecer ElRey de Còchim.

Eſtes navios foraõ pelos rios de Cranganor acima com muito trabalho, e riſco, e perigo, porque a gente do Camorim ficava da outra banda que era eſtreito; e deſcarregàraõ ſobre elles nuvens de pelouros, e ſettas, com que encravàraõ muitos dos noſſos, e empenàraõ os navios, maſtos, e vergas, que era hũa couſa fermoſa de ver: mas por meyo de todos eſtes impedimentos paſſáraõ adiante atè onde Joaõ Pereira eſtava em defenſaõ dos paſſos, e alli os ficàraõ tomando, e pelejando com os imigos, q̃ eraõ tantos, que cubriaõ a terra. O Viſorey tinha aviſo todos os dias do que ſe là paſſava, e ſabendo o perigo, e trabalho em que os noſſos eſtavaõ, e que compria ao Eſtado deitar os imigos fóra da Ilha Primbalaõ, deſpedio Luiz de Mello da Silva com quinhentos homens mais pera com a gente que là eſta-

va,

và deſimpedir aquella Ilha, e pelos rios dentro foy com o meſmo perigo, e trabalho atè o paſſo em que os noſſos eſtavaõ, e vendo-ſe com ElRey de Còchim (que tambem eſtava em outros paſſos à bateria com os imigos) aſſentàraõ ambos de cometer a Ilha, e deitar della a gente do Camorim; pera o que mandou preparar os Capitaens. E hum dia de madrugada cometeraõ os noſſos a Ilha, onde deſembarcàraõ com muito grande reſiſtencia, acodindo alli todo o poder, que era de mais de doze mil homens, com quem os noſſos travàraõ hũa muito àſpera batalha, em que todos ſe aſſinalàraõ bem, e fizeraõ couſas muito notaveis, e aſſim apertàraõ com os imigos, que os foraõ arrancando do campo, e ganhando a terra, atè que de todo amanheceo, que ſe viraõ huns aos outros mais deſcubertamente, em que o perigo, e dano começou a ſer mayor, ficando todos baralhados, e a crueza creſcendo tanto, que paſſavaõ por cima de corpos mortos, que eraõ tantos, que quaſi impediaõ a paſſagem aos noſſos. Neſte conflicto deraõ huma eſpingardada a Luiz de Mello da Silva por hum braço em cima de hum encontro pegado ao hombro, que lhe quebrou os oſſos, e ſentio-ſe tanto della, que ſe deixou ficar, dizendo aos ſeus que paſſaſſem adiante; e aſſim o fizeraõ com tanto valor, e animo, que foraõ paſſando àvante, perdendo algumas vezes terra, mas logo a tornavaõ a ganhar. E tanto fizeraõ, que à poder de mortes, e eſtragos deitàraõ os imigos fóra da Ilha, e com tanta preſſa, que muitos ſe lançàraõ ao rio onde perecèraõ.

Deſpejada a Ilha, ſe deixàraõ os noſſos ficar nella atè vir recado do Viſorey, capitaneando D. Franciſco de Almeida em lugar de Luiz de Mello da Silva, que ſe foy pera Còchim a ſe curar; e o Viſorey o foy viſitar a ſua caſa, moſtrando grande ſentimento de o ver aſſim, porque receou que ſe eſcapaſſe, ficaria alejado. E ſabendo do modo em que as couſas ficavaõ, logo deſpedio Martim Affonſo de Miranda, pera hir acabar de concluir aquelle negocio, dandolhe por regimento „ que entre- „ gaſſe aquella Ilha pacifica a ElRey „ de Còchim, e que ſe tornaſſe pera elle. Chegado Martim Affonſo de Miranda à Ilha de Primbalaõ, mandou pelos navios, e manchuas dar tantos aſſaltos na gente do Camorim, que eſtava da outra parte do rio, que de todo os fez recolher, e deixar os paſſos, ficando tudo deſalivado, e ſem impedimento algum. E por naõ haver mais que fazer, entregou a Ilha a ElRey de Còchim (que ſempre eſteve à viſta dos noſſos em todos eſtes trances) e voltou pera o Viſorey, que vendo concluida aquella guerra tanto em bem, e credito do Eſtado, mandou pagar géralmente a todos os ſoldados, e deſpedio alguns Capitaens com gente pera Ceilaõ, por ſer jà chegado D. Jorge de Menezes Baroche, que deixava aquella Capitanìa entregue a Balthazar Guedes de Souſa, que foy continuando na guerra contra o Rajù, como adiante melhor diremos. E aſſim proveo o Viſorey a fortaleza de Cranganor de Capitaens, e gente pera ſua ſegurança, que foraõ, D. Franciſco de Moura, Nuno de Mendoça, Jeronymo Taveira, Jorge Homem, Manoel de Sà, Jeronymo Carvalho, Dom Martinho Rolim, Ruy de Sà, Franciſco de Meſquita, e outros. E deixou dinheiro pera a paga dos ſoldados, e provimentos pera as meſas, que lhes haviaõ de dar. Providas eſtas couſas, e outras, ſe embarcou o Viſorey pera Goa, onde chegou quaſi na entrada de Março, e a Cidade lhe fez muito grande recebimento.

CA-

CAPITULO XI.

De alguns Capitaens que o Viſorey Dom Conſtantino deſpachou pera fóra. E da grande Armada que mandou a Ormuz, de que foy por Capitaõ mòr Baſtiaõ de Sà. E de outra que foy de ſoccorro a Surrate em favor de Cedemecan, de que foy por Capitaõ mòr Dom Antonio de Noronha Catarraz. E do que ſuccedeo a eſtas Armadas.

CHegado o Viſorey D. Conſtantino a Goa, entendeo logo nos provimentos das fortalezas, e no deſpacho dos Capitaens, que haviaõ de hir pera fóra. E porq̃ achou Embaixadores do Rey, que foy de Baçorà, e dos Senhores das Ilhas Gizares (do que na ſexta Decada no Capitulo decimo quinto do nono livro temos dado larga conta) os ouvio, e elles lhe deraõ ſuas cartas, em que lhe pediaõ „ os quiſeſſe ſoccor„rer com huma Armada, porque tinhaõ „ os Turcos de cerco na fortaleza, e em „ tanto aperto, que lhes naõ faltava „ mais pera lha tomarem, que huma Ar„mada, que lhes defendeſſe por mar os „ provimentos; e que elles ſe obrigavaõ „ a dar pera ElRey de Portugal a forta„leza, que eſtava ſobre o mar, e ameta„de do rendimento daquella Alfande„ga (como jà outra vez prometteraõ, quando D. Antaõ de Noronha fora àquelle negocio, como na meſma Decada acima fica dito, Capitulo quin„to, e livro nono) E que pera ſegu„rança diſto elles entregariaõ logo, „ em o Capitaõ mòr chegando, refens „ baſtantes, e a ſeu contentamento.

Eſtas couſas poz logo o Viſorey em conſelho, e debatido o caſo ſe aſſentou „ que ſe lhes mandaſſe a Armada que pe„diaõ, porque aquelle era o mais im„portante negocio, que entaõ na India „ havia; aſſim pelo muito que impor„tava ao Eſtado da India tirar dalli „ taõ ruim viſinhança, como a fortaleza „ de Ormuz tinha, ſendo Baharem de „ Turcos; como pelo grande proveito „ que ſe eſperava daquella Alfandega, „ que por tempos podia vir toda ao Eſ„tado, como a de Dio, e que alèm diſ„ſo ſe ſegurava toda a India, com „ aquella fortaleza na garganta do Eu„frates, por onde naõ podia entrar, nem „ ſahir couſa alguma de Turcos, e que „ ficava o caminho aberto, pera por „ alli ſe paſſar adiante, quando Deos „ noſſo Senhor offereceſſe occaſiaõ pera „ iſſo.

Aſſentado iſto mandou o Viſorey ordenar huma Armada de nove velas groſſas antre galeoens, e caravellas, quatro galeotas Latinas, e ſete fuſtas, e elegeo pera eſta jornada Baſtiaõ de Sà, que começou a correr com os provimentos della, e paga dos ſoldados, que haviaõ de ſer mil e quatrocentos homens. Em quanto eſta Armada ſe fazia preſtes, deſpachou o Viſorey a D. Joaõ de Taide, pera hir acabar o tempo que lhe faltava da ſua Capitanìa de Ormuz, por eſtar jà livre das culpas, porque o tiràraõ della, e D. Antaõ de Noronha que là eſtava, acabava o ſeu tempo no Abril ſeguinte, e deu à vela por fim de Março. No meſmo tempo deſpachou tambem o Viſorey a D. Franciſco Deça, pera hir entrar na Capitanìa de Malaca, porque tambem acabava Joaõ de Mendoça que là eſtava, e em ſua companhia foy o galeaõ da carreira de Maluco com provimentos pera aquella fortaleza, e huma nào pera as Ilhas de Bandà por contrato, que de novo fez o Viſorey com o Capitaõ que era provido deſtas viagens. E porque he neceſſario declarar a cauſa, porque eſtas viagens ſe extinguiraõ, e o pouco proveito que ElRey dellas tinha, ſerà neceſſario determo-nos hum pouco em o dizermos, e paſſa deſta maneira.

Coſtumavaõ os Reys a prover eſtas viagens, como faziaõ às de Maluco, que andàraõ ſempre em Fidalgos muito hõrados (que naõ nomeamos por naõ fazermos comprida a hiſtoria) porq̃ importavaõ muito. E pera eſta viagem coſ-

tumavaõ

tumavaõ levar a mayor nào que ElRey tinha na ſua ribeira (por ſer a carga que de là trazia de mòr volume, que do cravo) De maneira que a nào pera eſta viagem, officiaes, artelharia, muniçoens, e cabedal, montava huma grande ſoma de dinheiro, de deſpezas â fazenda de ElRey, e recolhia taõ pouca couſa, que muitos annos ficava pondo (como là dizem) as linhas de ſua caſa: aſſim pelas deſordenadas mercès, que os Viſoreys, e Governadores faziaõ dos terços, e choques, que vinhaõ a ElRey, como pelos roubos que os Capitaens das viagens, e dos de Malaca, e mais officiaes faziaõ: no que ſe houvera juſtiça, e verdade, pudera montar pera ſua fazenda mais de ſetenta mil pardaos cada anno, ſem ElRey meter mais cabedal, que as deſpezas dos galeões: porque o ordinario que eſtas nàos carregavaõ em Bandà eraõ mil e duzentos bares de noz, e maſſa, de que cada bar tem cinco quintaes, huma arroba, e dez arrates do pezo da terra. E os Capitaens, e Officiaes q̃ o carregavaõ em ſuas liberdades, tiravaõ em Malaca tres quintaes, duas arrobas, dez arrates do pezo daquella Cidade; e ficavaõ a ElRey forras pera elle ſete arrobas, e quaſi era o terço, de que os Viſoreys faziaõ mercès a ſeus parentes, e criados. E ainda paſſava eſta deſordem mais adiante, que davaõ licenças a outras peſſoas pera mandarem a Bandà trazer tantos bares de noz, e maſſa no galeaõ de ElRey, e que naõ pagaſſem mais que a trinta por cento, como os Officiaes, e ainda depois lhes faziaõ baixa. E aos outros paſſavaõ proviſoens pera mandarem trazer certos bares comprados com a fazenda de ElRey: porque ſempre mandava cabedal, de que as peſſoas tomavaõ o riſco, e depois lhe paſſavaõ Alvarás de quita, e mercè, por onde ſempre ElRey ficava ſem couſa alguma. Do que informado o Viſorey Dom Conſtantino, vendo quanta mais obrigaçaõ tinha que muitos outros, de accreſcentar a fazenda de ElRey, e naõ diminuir nella, ordenou jà o anno paſſado de naõ mandar nào de ElRey, e de arrendar a viagem (como fez ao Capitaõ provido della) por trezentos bares de noz, e atè cincoenta de maſſa, forros pera ElRey, ſem lhe dar ordenado, nem mercè algũa, e nem iſto ſe pode colher. Pelo que eſte anno ſe concertou com o Capitaõ da viagem, e lhe deu dez mil pardaos ſecos pera elle, ſem outro algum intereſſe, concertando-ſe à meſma razaõ com os Officiaes, pera ver ſe podia colher algum fruto daquellas viagens, e mandou huma nào muito fermoſa com cabedal, pera vir toda a carga pera ElRey, que tornou de là, ſendo Viſorey D. Antaõ de Noronha, como na oitava Decada diremos ſe nos lembrar. E ſegundo as informaçoens que temos tambem naõ montou couſa alguma. E por iſto, e porque a terra eſtava alterada com as deſordens dos Capitaens, que a ellas hiaõ, ceſſáraõ eſtas viagens, e ficou aquelle commercio livre aos Jàos, q̃ todos os annos vaõ àquellas Ilhas, e carregaõ muitos junços ſeus, e os levaõ à Malaca, e ao Achèm. E porque no preço deſta droga falâmos jà no Capitulo do livro da noſſa ſexta Decada, pelo primeiro contrato que os noſſos fizeraõ naquellas Ilhas, o deixamos de pôr aqui agora. A todos eſtes provimentos, e deſpachos deu o Viſorey a mòr preſſa que pode.

E porque chegou tarde de Còchim, e as couſas que ſe lhe offerecèraõ foraõ muitas, naõ pode deſpachar a Armada de Ormuz, em que Baſtiaõ de Sà hia por Capitaõ mòr, ſe naõ a doze de Abril, em que deu à vela com os nove galeoens que diſſemos, de que eraõ Capitaens, afora o General, que hia no galeaõ S. Lourenço, Ayres de Souſa filho de Chriſtovaõ de Souſa de Santarem, que eſte anno tinha vindo do Reino na nào Caſtello, Franciſco de Mello irmaõ do Monteiro mòr, Dom Franciſco de Almeida, que depois foy Capitaõ de Tangere, D. Filippe de Menezes, D. Joaõ de Caſtello-branco, Joaõ Lopes Leitaõ,

taõ, Luiz Freire de Andrade, que foy Capitaõ de Chàul naquelle ſoberbo, e eſpantoſo cerco. E D. Diogo de Souſa, qne depois foy Comendador da Ordem de S. Joaõ, e Baylio de Acre. Das quatro galeotas Latinas eraõ Capitaens, D. Jorge de Menezes, que depois foy Alferes mòr do Reino, Ayres de Saldanha, que depois foy Viſorey da India, Jeronymo Correa, filho de Antonio Correa Barem, e Henrique Moniz Barreto, filho de Ayres Moniz, irmaõ mais velho de Antonio Moniz Barreto, que foy Governador da India. Os Capitães dos ſete navios de remo eraõ Antonio de Noronha, Alexandre de Souſa, Pero Homem da Coſta, Ruy Freire, Pero Lopes Rabello, Eſtevaõ Pires, e Coſmo Faya.

Dada eſta Armada à vela, ſendo mais de cento e cincoenta leguas afaſtada da coſta da India, na altura das Ilhas de Maldiva lhes deu hum tempo contrario taõ tormentoſo, que fez virar a todos em popa, e com muito riſco, e trabalho foraõ correndo á vontade dos ventos, e quaſi deſtroçados ferràraõ a coſta de Carapataõ atè Baçaim eſpalhados, e cada hum ſe recolheo no porto que pode alcançar; e o Capitaõ mòr com os mais dos navios de alto bordo foy tomar Chàul, aonde por ſer tarde, e naõ haver já monçaõ pera Ormuz, determinou de invernar alli, e mandou deſaparelhar os navios, e eſcreveo ao Viſorey o q̃ lhe ſuccedera; perdendo-ſe por partir tarde eſta Armada hũa occaſiaõ tamanha, e ficando com as deſpezas feitas, que foraõ muito grandes, o que acontece cada dia na India, por ſe naõ fazerem as deſpezas neceſſarias a tempo: e onde iſto faz mais nojo he no Reino, onde por naõ entrarem hum mez antes no deſpacho das nàos, e das couſas da India, ſe perdem tantas, tanta gente, e fazendas pela tardança de dez dias.

Pouco depois deſta Armada partida de Goa, chegàraõ cartas ao Viſorey de Cedemecan, Senhor de Surrate, em „ que lhe fazia a ſaber que ficava cer„ cado de ſeu ſobrinho Chinguiſcan, „ que o tinha em muito aperto; e que „ pois eſtava taõ arriſcado a perder „ aquella fortaleza, que antes a queria „ entregar a ElRey de Portugal, e aos „ Portuguezes, em quem ſempre achou „ amor, e amiſade, que lhe pedia mandaſ„ ſe hum Capitaõ a tomar poſſe della, „ porque logo lha entregaria, e que naõ „ queria mais que porem-no em ſalvo „ com ſua familia, e theſouros na parte „ que elle eſcolheſſe.

Vendo o Viſorey a importancia do negocio; e que Diogo da Silva Capitaõ de Damaõ lhe eſcrevia a certeza do caſo, affirmandolhe que ſe naõ acodiſſe, que ſe perderia aquella fortaleza, que era a mais importante couſa que ſe podia offerecer (Porque alèm de ſe eſperar muito grande rendimento de ſua Alfandega, pela commodidade do porto ſegurava as terras de Damaõ, e Baçaim, e acabava de deitar huma braga áquella enſeada, e a todo o Reino de Cambaya, com huma ponta em Dio, e outra naquella fortaleza) Pondo o Viſorey eſte negocio em conſelho, ſe aſſentou nelle „ que com muita brevidade acodiſſe „ a couſa taõ neceſſaria, e importante; o que elle logo fez, ſem embargo do Eſtado eſtar muito deſpezo pelos exceſſivos gaſtos que tinha feitos naquelle anno, aſſim na ſua hida a Jafanapataõ nas guerras de Ceilaõ, Cranganor, e provimentos das fortalezas, como na grande Armada de Baſtiaõ de Sá, de que ainda naõ tinha novas. E logo com muita brevidade mandou armar quatorze navios de remo, que em dous, ou tres dias poz no mar, com muitos provimentos, e ſoldados; e elegeo pera aquella jornada a D. Antonio de Noronha o Catarraz, que ſe fez á vela aos vinte dias do mez de Abril.

Os Capitaens que o acompanhàraõ em os navios, foraõ D. Lopo da Cunha, irmaõ de D. Pedro da Cunha, Capitaõ mòr das galez do Reino, D. Pedro de Caſtro, Alvaro Pires de Tavora,

Ruy

Ruy Pires de Tavora ſeu irmaõ, D. Miguel da Gama, filho do Conde da Vidigueira D. Franciſco da Gama, e neto do primeiro Conde Almirante, que deſcobrio a India, e aquelle anno tinha vindo do Reino, Fernaõ de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda de Azevedo, Capitaõ mòr que foy do mar da India nas differenças de Lopo Vaz de Sampayo, e Pero Maſcarenhas, Chriſtovaõ de Souſa, filho baſtardo de Antonio de Souſa, o Langarà de alcunha, porque era manco, Fernaõ de Caſtro, Joaõ Gomes da Silva, Diogo de Souſa, Andrè de Magalhaens, Andrè Taveira de alcunha o Cavalleiro triſte. E outros.

Neſta companhia deſpachou tambem o Viſorey a Luiz de Mello da Silva, pera hir entrar na Capitanìa de Damaõ, e a Simaõ Vaz Tello pera Feitor, e Alcaide mòr della. E ſoltou D. Pedro de Almeida, que atè entaõ eſteve preſo, e o deſpachou pera hir acabar a ſua Capitanìa de Baçaim. D. Antonio de Noronha ſe deu tanta preſſa, que em breves dias foy ſurgir ſobre Damaõ, onde eſtavaõ a mòr parte das galeotas da companhia de Baſtiaõ de Sá, que eraõ Ayres de Saldanha, D. Jorge de Menezes o Baroche (com quem eu fuy embarcado) Henrique Moniz, e Pero Lopes Rebello, que ſabendo da jornada, a que D. Antonio hia, determinàraõ de o acompanhar, e ſe fizeraõ preſtes pera iſſo. E aſſim meſmo outros Fidalgos, que eſtavaõ naquella fortaleza, que foraõ, Ruy Gonçalves da Camera, e Triſtaõ Vaz da Veiga, que todos foraõ tomar D. Antonio de Noronha na barra de Surrate, que elle recebeo bem, e eſtimou muito, porque lhe acabàraõ de fazer huma Armada de grande repreſentaçaõ, e de mais gente, porque de Goa naõ trazia mais que duzentos homens, por ſerem os ſoldados embarcados em outras Armadas.

E primeiro que entremos nas couſas que ſuccederaõ a D. Antonio de Noronha, nos pareceo bem dar conta das couſas do Cedemecan, e Chinguiſcan pera melhor entendimento da hiſtoria. Atraz no Capitulo ſetimo deſte nono livro temos dito, como eſtando o Chinguiſcan ſobre Surrate, por vingar a morte do pay, ſe alevantou de ſobre aquella fortaleza, por acodir a ſeu Eſtado, que lhe entrava por elle Alucan, e lhe tinha tomado a Cidade de Veredora: agora continuaremos com o que mais ſuccedeo.

Chegado o Chinguiſcan a Baroche, ajuntou toda a mais gente que pode, e foy buſcar o Alucan, que eſtava em Veredora com grande poder, e aſſentando ſeu exercito começàraõ ambos a ter eſcaramuças cuſtoſas, que duràraõ quaſi todo eſte veraõ, e por fim ficou o Chinguiſcan com a vitoria, e tornou a tomar a ſua Cidade. Agora vendo-ſe outra vez deſimpedido, com a maõ folgada, com a gente contente, e vitorioſa, determinou de tornar contra o tio, e naõ ſe alevantar de ſobre Surrate ſem ſe ſatisfazer da morte do pay; e poſto que tinha pera iſſo exercito baſtante, quiz hir com mais poſſe, e mandou a Cambayete convidar pera aquella jornada a Berancan, e o Cem Mirza, ambos irmãos, filhos de hum irmaõ mais moço do Hecbar Rey dos Magores, que andavaõ fogidos daquelle Rey, porque os pretendia matar, de quem jà nas outras Decadas dèmos mais larga relaçaõ, quando tratàmos do alevantamento de todos os Governadores das Provincias de Cambaya pela morte de ElRey Soltaõ Mahamude, que o Ithimitican dizem que matou, e ficàraõ eſtes dous irmãos com tres, ou quatro mil Magores que traziaõ, vencendo o ſoldo de ElRey de Cambaya. Eſtes mandou o Chinguiſcan (como hiamos dizendo) convidar pera ſe acharem com elle naquella empreza, e lhes offereceo muito liberaes pagas, que elles aceitàraõ, e ſe vieraõ pera elle com toda a gente de ſua companhia. E na entrada deſte mez de Abril do anno de ſeſſenta foraõ aſſentar ſeu campo ſobre a fortaleza de Surrate, e

plantàraõ muita, e fermoſa artelharia, que de novo trouxe, contra o baluarte que fica pera a parte da Alfandega; onde fizeraõ fortes baſtiaens, e armàraõ grandes ceſtoens de terra, e foraõ continuando a bataria com tanto terror, e eſpanto, que encheo de medo todos os de dentro, derribandolhe todos os altos do baluarte, atè o arrazarem por cima: e por outra parte foraõ fazendo huma fermoſa mina por ordem de alguns Turcos, grandes Officiaes, que pera iſto trouxe, que he taõ profunda, que paſſava por baixo da cava que era bem alta. O Cedemecan vendo-ſe taõ apertado com hum poder taõ groſſo ſobre aquella fortaleza, e que naõ tinha donde ſe valer, entendendo que naõ podia deixar de perder a fortaleza, e a vida com ella, a quiz antes entregar aos Portuguezes, que tomarlha o imigo, e a mandou offerecer (como temos dito) ao Viſorey D. Conſtantino em nome de ElRey, que deixou de vir a noſſo poder por naõ ſer vivo D. Diogo de Noronha que de ſua natureza, e zelo ſe entendia, que acodira áquelle negocio em peſſoa, e com tempo; porque a elle com mais goſto, que a nenhum outro Capitaõ, a entregàra o Cedemecan ſem os receyos com que andou.

CAPITULO XII.

Do que aconteceo a D. Antonio de Noronha em Surrate, e dos recados que paſſáraõ antre elle, e o Cedemecan. E de como ganhou huma eſtancia ao Chinguiſcan, e lhe tomou a artelharia; e da batalha que lhe deu em campo, em que o desbaratou, e lhe fez alevantar o cerco, que tinha poſto àquella fortaleza.

DEixàmos neſte Capitulo atraz D. Antonio de Noronha chegado ao rio de Surrate, que logo no primeiro poço ſurgio com toda a Armada, e mandou armar tendas em terra, atè o outro dia, que chegáraõ os navios de Damaõ, e alli fez alardo de toda a gente da Armada, e achou pouco mais de quatrocentos homens: e a primeira couſa que fez foy deſpedir logo Coge Abraham em hum catur ligeiro com recado ao Cedemecan, como era chegado, e a ſaber o modo, que queria ter naquelle negocio da entrega da fortaleza, e lhe mandou as cartas do Viſorey, em que lhe dizia „ como mandava D. Antonio de „ Noronha com aquella Armada pera o „ favorecer, e ajudar, e pera o pôr com „ toda ſua caſa, e familia na parte onde „ quizeſſe muito a ſeu ſalvo, e q̃ a elle „ podia entregar a fortaleza, como lhe „ tinha promettido, porque levava ſeus „ poderes: fazendolhe muitos offerecimentos, e promeſſas, comprindo o que lhe tinha mandado offerecer, e ao Judeu advertio „ que notaſſe muy bem tudo o „ que hia na fortaleza, e o que entendia „ do Cedemecan, pera que lhe ſoubeſſe „ dar razaõ de tudo o que viſſe. O Judeu foy a Surrate, e o Cedemecan o recebeo bem, e praticou com elle em ſegredo, e ſós ſobre a entrega da fortaleza: porque ſe naõ tinha fiado em aquelle negocio de peſſoa viva, por ſe naõ alterarem os ſeus, por recear que o prendeſſem, e o entregaſſem ao Chinguiſcan. E diſſe ao Coge Abraham „ que ſe foſſe o Capitaõ mòr com toda a Armada „ ſurgir defronte da fortaleza, como „ que hia em ſeu favor, pera o Chinguiſcan alevantar o cerco, e o deſapreſſar, e que fazendo-o, entaõ huma „ noite o mais ſecreto que pudeſſe lhe „ entregaria a fortaleza, e ſe embarcaria „ em alguns navios pera ſe paſſar a Jaquete.

Com eſte recado foy o Capitaõ mòr D. Antonio de Noronha pelo rio acima atè o poço do Pagodinho (que eſtà mais de huma legua da barra, da banda do Abexim) e alli ſurgio, por ſer aviſado que o Chinguiſcan era alli chegado do dia dantes; e que tinha ſobre o canal plantadas eſtancias antre humas hervas lei-

leiteiras, em que havia muita artelharia, com tençaõ de lhe defender a paſſagem, como defeito aſſim era: porque tanto que o Chinguiſcan vio a noſſa Armada no rio, receando-ſe que o Cedemecan quizeſſe entregar aquella fortaleza aos Portuguezes, deixou as eſtancias aſſim como eſtavaõ batendo a fortaleza, com quinze, ou dezaſeis mil homens de guarda, e elle com tres, ou quatro mil de cavallo, e os dous primos do Rey dos Magores ſe foy pòr na aldea dos Abexins, e mandou pòr nas hervas leiteiras junto ao Pagodinho nove peças de artelharia de metal, que eraõ caens, e camelos, pera com elles defender a paſſagem á noſſa Armada.

Tanto que o Capitaõ mòr ſurgio hum pouco antes da eſtancia, ſabendo da determinaçaõ do Chinguiſcan, ſe foy pera a galeota de Ayres de Saldanha (por ſer muito grande, e de dous baileos) e alli chamou a conſelho todos os Capitaens: e dandolhes conta do negocio, ſe aſſentou „ que ſe naõ bulliſ„ ſe com o Chinguiſcan (que era atè „ entaõ noſſo amigo, e que ainda ſe naõ „ tinha declarado, e que paſſaſſe toda „ Armada pera a fortaleza) E que ati„ randolhe das eſtancias, entaõ deſem„ barcaſſem, e as tomaſſem, mas que „ foſſe elle o primeiro que quebraſſe a „ paz.

Com eſta reſoluçaõ ſe meteo o Capitaõ mòr em huma galueta, e foy correndo a Armada a darlhe aviſo do que haviaõ de fazer. E prepaſſando pela galeota de D. Jorge de Menezes, chamando por elle, lhe diſſe aquellas palavras do Romance velho: *Vamonos dixo, mi tio, a Pariz eſſa Ciudad*: dandolhe a entender que eſtava aſſentado paſſar àvante pera a fortaleza. E D. Jorge de Menezes lhe reſpondeo muito apreſſado com o meſmo Romãce: *No en trajes de Romeros, porque no os conozca Galuan.* E metendo-ſe com elle na galueta o foy acõpanhando atè a ſua galeota: ficando aſſentado, que ao outro dia pela manhãa, no começo da enchente da marè, tanto que elle fizeſſe ſinal com huma bombardada, ſe levaſſem, e foſſem caminhando pelo rio acima com as armas nas mãos: e que ſe da tranqueira lhe atiraſſem bombardadas, puzeſſem as proas em terra, e lhes ganhaſſem aquella eſtancia: e aſſim toda aquella noite gaſtaraõ os noſſos em fazer muniçoens, e em alimpar as armas: e tanto que amanheceo, que a marè começou a ſubir, ouviraõ o ſinal do Capitaõ mòr, e ſe levàraõ todos os navios, tomando o remo em punho pera paſſarem pera a fortaleza.

Eſtavaõ ſurtos defronte da eſtancia da artelharia diante de toda a Armada os navios de D. Jorge de Menezes, Ayres de Saldanha, D. Miguel da Gama, Pero Lopes Rebello, e Henrique Moniz Barreto (que eraõ os melhores navios, e da melhor, e mais limpa ſoldadeſca de todos os da Armada) que levando a ancora ao ſinal; em começando a remar, deſparàraõ das eſtancias algumas bombardadas: e da primeira carga deraõ huma na galeota de D. Jorge de Menezes, aonde eu eſtava embarcado, que tomou o navio pela proa por baixo do jugo, e levou as pernas a cinco, ou ſeis marinheiros: e outra paſſou por alto, e tomou pelas tiſouras da galeota, e foy varando fora ſem fazer mais dano. E na galeota de Ayres de Saldanha deraõ outra que lhe matou dous, ou tres homens; e outros tantos no navio de D. Miguel da Gama, e os mais naõ ficàraõ ſem quinhaõ. Apoz eſta carga veyo outra que tambem fez aſſaz de dano; com o que embaraçou os marinheiros de feiçaõ, que alguns deixàraõ o remo, ficando os navios atraveſſados às bombardadas.

Vendo os Capitaens dos navios o dano q̃ tinhaõ recebido, mandàraõ aos Catureiros que puzeſſem as proas em terra; porque menor dano ſe eſperava, que eſtarem alli à barreira, e aſſim endireitàraõ pera ella. E pondo as proas abaixo das barranceiras, ſaltàraõ os ſoldados logo em terra, e com grande animo,

e valor cometeraõ as eſtancias, que às cutiladas ganhàraõ muito depreſſa. E logo ſobre a artelharia ſe arvoràraõ algumas bandeiras. E como os do navio de D. Jorge Baroche foraõ dos primeiros, que iſto fizeraõ (e eu hia com elles, que era entaõ de dezoito annos, e deſejoſo de ganhar honra) chegando á eſtancia dos Mouros, achey huma carreta de campo com huma fermoſiſſima peça de artelharia, e dous boys muito grandes que a tinhaõ: e lembrando-me de huma machadinha de Rumes que levava na cinta (que os ſoldados entaõ coſtumavaõ) e com ella jarretey os boys pelas pernas, e depois de cahirem, e com alguns companheiros dos que ſe alli achàraõ, viràmos a peça de artelharia pera o campo onde os Mouros eſtavaõ em hum muy fermoſo eſquadraõ, e varejàmolos com ella muy arrezoadamente, e os boys, que eraõ mayores que os de Alentejo, metemos na noſſa fuſta, que nos foy boa matalotagem.

O Capitaõ mòr que vinha a remo, ouvindo as bombardadas, e vendo os noſſos navios com as proas em terra; naõ quiz paſſar adiante, e deſembarcou na parte em que hia (que ficava a tiro de berço donde eſtavamos) e formando ſeu eſquadraõ muy bem ordenado, com a bandeira de Chriſto no meyo, foy marchando pela borda da barranceira por hum fermoſo, e eſpaçoſo campo, e os navios todos ao longo da praya por coſtas. O Chinguiſcan que hia jà acodindo às eſtancias (porque aquella briga que nella tivemos foy muy abreviada) e vendo o Capitaõ mòr em terra, foiſe eſtendendo em huma mea lua, cujas pontas hiaõ fechar nas barranceiras ſobre o rio de huma, e outra parte, ficando os noſſos no meyo. E os deſta ponta que ficava abaixo dos noſſos, ſe adiantàraõ alguns aventureiros dos imigos, e foraõ travar eſcaramuça com os noſſos, de que tambem ſe adiantàraõ alguns, e antre eſtes foy o primeiro Ruy Gonçalves da Camera, filho do Capitaõ da Ilha da Madeira: e foy taõ venturoſo, q vio hũ daquelles Magores romper nelle o encontro, que elle eſperou a pè quedo com huma alabarda nas mãos, e ao paſſar o Magor, o levou Ruy Gonçalves da Camera na ponta da alabarda, e deu logo com elle morto em terra: e depois ſe ſoube que era hum dos principaes Capitaens do exercito, chamado Ceifel Maluco: os companheiros tambem ſe acolheraõ eſcalavrados da noſſa arcabuzaria, de que alguns foraõ mortos em cima dos cavallos (porque coſtumaõ andar percintados nelles pera naõ ficarem antre os imigos) E aſſim dependurados dos cavallos os viamos hir pelo campo, deſenfreados, e deſatinados. Os noſſos navios que hiaõ de longo da praya com a marè (que aſſim como hia ſobindo, e creſcendo) hiaõ elles deſcobrindo mais o campo, de feiçaõ que tiveraõ tempo pera deſpararem os falcoens antre os imigos, onde com elles fizeraõ muito dano, e os noſſos foraõ caminhando mais deſalivados, atè chegarem à tranqueira onde nòs eſtavamos. E a primeira couſa que o Capitaõ mòr fez, foy mandar embarcar a artelharia pelos marinheiros dos navios, eſtando o noſſo exercito ſempre no campo fóra das leiteiras à viſta dos imigos, por lhes moſtrar quaõ pouca razaõ tinhaõ pera os recear.

O Chinguiſcan vendo aquella confiança dos noſſos, ficou algum tanto quebrado da ſua: e todavia deſpedio os dous irmãos Magores com mil e quinhentos cavallos da ſua cevadeira, por lho elles pedirem, porque deſejavaõ de provar a maõ com os Portuguezes, que com grande determinaçaõ cometèraõ. O Capitaõ mór os eſperou em hum eſquadraõ fechado, e bem ordenado, com os Capitaens poſtos à roda; ficando elle de fóra capitaneando. E como era homem muy grande, e membrudo, e andava veſtido em huma roupeta, e calçoens de cetim aleonado, tudo eſpeguilhado douro; e por cima trazia huma fermoſa ſaya de malha, e hum montante nas mãos, andava taõ fermoſo, que naõ

havia

havia mais que ver; e assim rodeando o seu esquadraõ, andou sempre defóra delle, porque os seus se naõ desmandassem. E chegando os Magores a tiro de arcabuz, desparàraõ os nossos nelles huma, e duas cargas taõ bem empregadas, que dellas ficàraõ mais de oitenta estirados no campo, afóra os que os cavallos levàraõ: e todàvia como vinhaõ com aquelle impeto na primeira cometida, ficáraõ baralhados com os nossos, e atropeláraõ alguns que se sahiraõ do esquadraõ, por muito que o Capitaõ mòr trabalhou pelos ter. E destes atropelados foy hum soldado chamado Antonio Nicolas, que esperou hum daquelles Magores com huma espada, e rodela; e cahindo no chaõ virou o Mouro sobre elle pera o matar: mas assim de costas, e quasi por debaixo do cavallo lhe deu tantos golpes, que lhe cortou huma perna, e deu com elle no chaõ; e levantando-se com muita pressa matou o Mouro, estàdo jà socorrido dos nossos; e logo lhe tirou hum terçado de prata com sua guarniçaõ de talabartes, que lançou ao pescoço, e assim andou pelejando com muito valor: porque andava já a cousa muito travada à espada, e os nossos muy aceSos na peleja, em que todos fizeraõ taes cousas, que os imigos de escandalizados se foraõ recolhendo pera onde estava o Chinguiscan, bem desconfiados aquelles dous Principes Magores, e enfadados daquelle mal esperado succesSo; porque elles foraõ occasiaõ do Chinguiscan quebrar as pazes que tinha com o Estado: por dizerem muitas vezes que desejavaõ de se ver em campo com os Portuguezes, pela fama que tinhaõ antre todas as naçoens da India: e assim viraõ logo experiencia em os seus: porque os mais dos que morreraõ foraõ Magores, que por mais soberbos, e atrevidos se adiantáraõ.

Recolhidos elles pera o Chinguiscan, se puzeraõ todos no campo em hum muito fermoso esquadraõ á vista dos nossos, onde parece estiveraõ tomando conselho sobre o que fariaõ; e entre tanto lhe mandáraõ lá os nossos alguns pelouros de duas peças, que ficáraõ carregadas, que foraõ as derradeiras que se embarcáraõ; cujos pelouros levantáraõ antre elles grandes nuvens de poeira, e de fizeraõ o conselho. Todavia parece que de affrontados, e magoados, assentáraõ de cometer os nossos, e tornáraõ a rebentar pelo campo com grande furia, lançando diante muitas bombas de fogo, que no meyo dos nossos se desfizeraõ, sem perigar mais que hum só. E como os nossos estavaõ com a maõ folgada do succesSo passado, deulhes pouco delles; e assim esperáraõ os imigos com grande determinaçaõ, e antre todos se travou huma aspera batalha, que durou pouco, porque a nossa artelharia pelas ilhargas, e a arcabuzaria por diante assim os escandalizou, q̃ se tornàraõ a recolher pera o cabo do campo, onde Chinguiscan ficou, q̃ desconfiado daquelles succesSos, determinou de hir pelejar com os nossos à pè quedo, pera o que se desceo, e fez pòr todos à pè, e formou outro esquadraõ com proposito de hir morrer antre os nossos, ou satisfazer aquella quebra. Estando com esta furia, se chegou a elle hum homem de sua obrigaçaõ, e lhe pedio „ que naõ „ quizesse arriscar sua pessoa com os „ Portuguezes, que pelejavaõ como des„ esperados; e que ninguem havia de le„ var delles a melhor; e ainda se liou „ com elle, pedindolhe que naõ passasse „ dalli. Estando nisto, lhe chegou hum recado de sua mãy (que ficava nas estancias) em que lhe mandava pedir „ pelo „ amor que lhe tinha, e pela ley do seu „ profeta Mafamede que se recolhesse, „ e naõ quizesse pelejar com aquelles „ Cafares (que assim nos chamaõ elles „ por desprezo, que tanto quer dizer „ como Cafres) porque lhe dizia o co„ raçaõ que às suas mãos havia de mor„ rer, como seu avò Coge Çofar. Com „ este recado da mãy tornou elle a cavalgar, e ajuntando os seus se foy recolhendo pera as estancias, e naõ se deteve nellas

nellas mais, que em quanto mandou recolher toda a artelharia, com que se foy pera fóra da Cidade: porque se receou que se ajuntassem os nossos com Cedemecan, e lha tomassem.

Os nossos se fizeraõ senhores do campo; e depois de se embarcar toda a artelharia, se recolheraõ aos navios: e todo aquelle dia, e noite passáraõ no mesmo pouso junto de huma fermosissima nào chamada a Rupaya, que quer dizer, nào de prata: porque cada anno vinha de Meca com huma grande somma della, e doutras riquezas, por ser embarcaçaõ em que se embarcavaõ os mais ricos mercadores de todo o Reino de Cambaya: e todos os da Armada a julgàmos por mayor que todas as que andavaõ na carreira da India: e nella entràmos quasi todos os soldados da Armada, e nos provemos de chumbo em duas ancoras de ferro que tinha, com huma guarniçaõ delle no remate das unhas, parece que pera pezo, e ainda todos o naõ pudemos esgotar.

CAPITULO XIII.

Dos recados que se passaraõ antre D. Antonio de Noronha, e o Cedemecan. E de como o Capitaõ mòr a sua petiçaõ cometeo a Cidade, pera lançar della o Chinguiscan. E de como D. Antonio de Noronha se vio com o Cedemecan sobre a entrega da fortaleza, e as causas que houve pera a naõ entregar. E de como a Armada sahio do rio, e D. Antonio de Noronha se foy pera Goa, e o Viserey D. Constantino o mandou prender.

AO outro dia pela manhãa se levou o Capitaõ mòr com toda a Armada embandeirada, e foy surgir defronte da fortaleza, e mandou saber do Cedemecan o que determinava, e o que queria que fizesse; e elle lhe mandou pedir „ que desembarcasse em terra, e „ mandasse desfazer as estàcias dos imi„ gos, pera se segurar mais, e que depois „ lhe entregaria a fortaleza. D. Antonio o fez assim, e se poz debaixo da fortaleza em terra com toda a gente em armas, e deredor dos muros fez hum muito bem ordenado esquadraõ, dando huma fermosa, e soberba salva de arcabuzaria, e a Armada de artelharia: o que fez representar a todos outro mayor, e mais poderoso exercito de gente, do que era, porque aquella pouca encheo os olhos de todos aquelles Mouros, que ainda que se mostrem amigos, sempre os poem nos Christãos cõ odio, e aborrecimento. Com esta ordem foy o Capitaõ mòr atè as estancias do Chinguiscan, e mandou pelos marinheiros da Armada desfazer os cestões, e derribar os vallos, e trincheiras, e arrombar, e entulhar as minas: e em quanto se isto fazia, andava o Cedemecan no baluarte da bateria com muitos Officiaes concertando, e repairando todas as ruinas de feiçaõ, que tornou naquelle dia, e no outro seguinte ao pòr no estado em que dantes estava. E tanto que as estancias foraõ derribadas, mandou o Cedemecan dizer ao Capitaõ mòr „ que o „ Chinguiscan estava ainda dentro na „ Cidade (que era hum tiro de bèsta „ afastado da fortaleza) que lhe pedia „ o fosse lançar della, pera elle mais li„ vremente se poder embarcar, e entre„ garlhe a fortaleza: e pera isso lhe mandou alguma gente de pé, que seriaõ atè quatrocentos, e algumas trombetas, e atabales em camelos, e muitos soldados dos seus armados de muy grossas malhas, forradas de fortes laminas daço pelos peitos, e os mais com armas do corpo.

Estas dilaçoens do Cedemecan (segundo alguns entendèraõ) foraõ pera gastar o tempo, que era em fim de Abril, em que se esperava pelo inverno, pera a nossa Armada se hir dalli, porque jà estava em estado defensavel: mas o que depois se teve por mais certo, foy que se naõ atreveo declarar aos seus a entrega que queria fazer da fortaleza aos Portuguezes, porque se receou que o mataſſem

mataſſem, e aſſim nunca tratou os recados ſe naõ ſó, e em ſegredo com Coge Abrahaõ, com tanto reſguardo, e cautelas, que nunca lho entenderaõ. D. Antonio de Noronha tambem cuidou que aquillo eraõ entretimentos, e que mandarlhe pedir que lançaſſe o Chinguiſcan fóra da Cidade, era invençaõ: mas porque naõ cuidaſſe o Cedemecan que por medo do Chinguiſcan deixava de fazer o que lhe pedia, quaſi deſconfiado lhe mandou dizer „ que logo faria o que lhe „ mandava, e que pera aquelle negocio „ naõ havia miſter gente ſua, e tornou-„ lha a mandar. E na meſma ordem em que eſtava foy marchando pera a Cidade, levando ſempre a Armada de longo da ribeira á ſua viſta, o que ſe lhe eſtranhou muito; porque ſe foy meter em huma Cidade muito grande, e de muitas ruas, e becos, onde lhe pudera acontecer hum grande deſaſtre, e deſaventura. E entrando por ella, foy pela rua grande que corre defronte da Alfandega, em que vinhaõ dar outras muitas ruas, por onde lhe deu moſtra huma copia de gente de cavallo, com que os noſſos travàraõ huma eſcaramuça de eſpingardaria. E andando aſſim travados deraõ rebate ao Capitaõ mòr D. Antonio de Noronha, que o Chinguiſcan vinha com todo o poder, por ſaber que andavaõ os noſſos dentro na Cidade. E receando-ſe D. Antonio de Noronha que lhe tomaſſem as ruas à volta, o que ſeria cauſa de ſua perdiçaõ, por naõ moſtrar que voltava com algum receyo, ou virava as coſtas com temor, naõ quiz voltar pela meſma rua, mas fello pela primeira que achou ſobre a maõ eſquerda pera a banda do mar. E na meſma ordem foy marchando devagar atè ſahir às coſtas da Alfandega, onde a Armada eſtava ſobre o remo, e foy voltando atè as eſtancias dos imigos, onde ſe embarcou muito a ſeu ſalvo, deixando a noſſa arcabuzaria alguns Mouros eſtirados por dentro das ruas, e foy ſurgir defronte da fortaleza, onde ſe deixou ficar aquelle dia, em que corrèraõ recados delle pera o Cedemecan ſobre a entrega della, e por fim vieraõ a concluir „ que „ foſſe o Capitaõ mòr Dom Antonio de „ Noronha ao outro dia verſe na ponte „ da fortaleza com o Cedemecan com „ ſós quatro, ou cinco homens, e que „ elle lhe viria alli falar, e concluiriaõ „ naquelle negocio.

Ao outro dia ſe embarcou o Capitaõ mòr em huma manchua, veſtido em huma roupa de cetim roxo, e calçoens do meſmo, todos guarnecidos de ouro, e por baixo huma muito fina ſaya de malha, levava na cabeça gorra com huma medalha, e plumas muito fermoſas, e tres pagens; hum com hum montante nù, outro com hum eſcudo daço, e o outro com hum murriaõ, e elle com hum baſtaõ na maõ. E das quatro, ou cinco peſſoas que comſigo levava naõ ſou lembrado. Chegado à ponta do caes, eſperou atè ſe abrir a porta da fortaleza, e ſahir por ella o Cedemecan, que vinha veſtido em huma cabaya de veludo carmeſim guarnecida de ouro, e trazia na cabeça huma muito fina, e fermoſa touca, e hum rico Camarabando cingido, e na cinta hum punhal de ouro, e diante alguns pagens, hum com o terçado, outro com hum cofo de aço, e outro com hum arco, e coldre com frèchas. Vinhaõ mais com elle cinco, ou ſeis Capitaens que o rodeavaõ (era entaõ mancebo de vinte e quatro, atè vinte e cinco annos, alvo, louro, e de muito boa diſpoſiçaõ), e foy caminhando pera o caes. O Capitaõ mòr logo deſembarcou, e no meyo da ponte ſe encontràraõ, e nas viſtas tiveraõ muitos comprimentos, e apartados ambos com Coge Abrahaõ falàraõ ſobre a entrega da fortaleza. O Cedemecan lhe diſſe „ que eſtava muito preſtes pera comprir „ o que tinha promettido ao Viſorey, e „ a elle: mas que o naõ podia fazer ſe „ naõ com muita ordem, e ſegredo; por-„ que atè entaõ o tinha encuberto aos „ ſeus, por recear haver antre elles algu-„ mas alteraçoens, ſe naõ levaſſe a couſa „ no meſmo ſegredo, em que eſtava atè a

„ hora

„ hora da entrega da fortaleza. Que lhe „ pedia ſe deixaſſe eſtar mais dous, ou „ tres dias com ſua Armada, em quan- „ to elle negociava ſua embarcaçaõ, e „ recolheſſe ſeùs theſouros, e que tanto „ que tiveſſe tudo preſtes, na meſma „ hora de ſua embarcaçaõ lhe entrega- „ ria a fortaleza. E depois de ſobre eſte negocio praticarem muito devagar, e D. Antonio de Noronha lhe dar alguns aviſos de como havia de proceder naquelle negocio, ſe deſpediraõ, e o Capitaõ mòr foy ſurgir no meyo do rio, onde ſe deixon eſtar, atè o Cedemecan lhe mandar recado pera hir tomar entrega da fortaleza. E quando eſperava por iſſo, foy aviſado que havia nella grandes alteraçoens antre os Capitaens reynoes, que eſtavaõ dentro; e tinhaõ tomadas as portas ao Cedemecan, porque ſe naõ concertaſſe com o Capitaõ mòr: porque depois daquellas viſtas ficàraõ com receyo, e ſoſpeitàraõ o negocio, e traziaõ grandes eſpias ſobre elle.

Vendo o Capitaõ mòr aquelle feito taõ mal parado, chamou todos os Capitaens a conſelho, e deulhes relaçaõ de tudo o que tinha paſſado com o Cedemecan, e do eſtado em que aquelle negocio eſtava; e como os da fortaleza andavaõ quaſi alevantados contra o Cedemecan, porque ſoſpeitavaõ, ou foraõ aviſados deſte negocio, e que já naõ eſperava bom fim àquellas couſas, que lhes pedia ſeus pareceres, conſtando a brevidade do tempo. E ſendo debatido o caſo conforme às informações de Coge Abrahaõ, votáraõ quaſi todos conformes, dizendo „ que eraõ quinze de „ Mayo, e que pela conta ordinaria naõ „ tardaria o inverno mais que atè algu- „ ma chea, em que cõmummente coſtu- „ mava a entrar naquella enſeada, e que „ ſendo caſo que os tomaſſe dentro na- „ quelle rio, ficavaõ arrifcados a ſe per- „ derem, e vir aquella Armada a poder „ de Chinguiſcan, com que poderia fa- „ cilmente tomar aquella fortaleza, e „ depois a Cidade de Damaõ: porque „ tomando-os alli a invernada, naõ ha- „ via donde ſe proveſſem, e que por „ força ſe haviaõ de entregar â fome: e „ que ainda a tudo iſto ſe poderiaõ ar- „ riſcar ſe houveſſe eſperanças de o Ce- „ demecan poder comprir ſua palavra: „ mas que tudo era trabalho perdido, „ porque ſe a ſua tençaõ fora entregar „ aquella fortaleza, jà o pudera ter feito „ livremente, e ſem riſco algum: e que „ bem ſe deixava entender que a neceſ- „ ſidade em que ſe vio, o fez taõ liberal „ nas promeſſas, pois que tanto que ſe „ vio deſapreſſado do imigo, tratou „ tantas dilaçoens. E que as alteraçoens „ que diziaõ, podiaõ ſer artificio pera „ ſua eſcuza. E que pedir aquella Arma- „ da bem claro eſtava que foy mais pera „ ſe valer della, que por vontade que „ tiveſſe de fazer aquella entrega. E que „ pois a couſa eſtava neſte eſtado, naõ „ havia que eſperar, ſe naõ deixar tudo, „ e naõ arriſcar huma Armada, chea de „ tantos, e taõ bons ſoldados, e de taõ „ nobres Fidalgos, a couſas taõ duvi- „ doſas.

Aſſentado iſto, levou-ſe logo o Capitaõ mòr, e foy ſurgir no poço da barra, e na maré da noite ſe ſahio pera fóra com tanto riſco, e perigo, que eſteve a mòr parte da Armada perdida nos canaes: e fahidos pera fóra deraõ á vela, e ao outro dia foraõ tomar Damaõ; onde quaſi todos aquelles Capitaens ſe recolheraõ a invernar: e aſſim eſte inverno foy o em que naquella fortaleza invernou a melhor foldadeſca, e mais fidalguia, e nobreza, que nunca ſe vio, em alguma outra fortaleza da India: porque foraõ mais de dous mil homens, pera quem ſe ordenàraõ cinco meſas, de que eraõ Capitaens D. Jorge de Menezes Baroche, Ruy Gonçalves da Camera, D. Franciſco Henriques, Fernaõ de Caſtro, e Triſtaõ Vaz da Veiga: a fóra outros que em ſuas caſas, e à ſua cuſta deraõ meſas a muitos ſoldados, como foraõ Ayres de Saldanha, D. Miguel da Gama, D. Joaõ da Coſta, Alvaro Dias de Souſa, e outros. E a toda

eſta

eſta gente pagàraõ eſte inverno geralmẽte dous quarteis, alèm de ſuas meſas.

Huma das couſas que me embaraça muito, he ver que no tempo, em que ſe eſtas couſas faziaõ, naõ rendia o Eſtado da India pera ElRey mais que ſetecentos mil pardaos, com que os Viſoreys (alèm dos gaſtos que tenho dito) faziaõ pagas geraes quando ſe embarcavaõ, e a fóra a Armada do Malavar, mandavaõ outra ao Eſtreito de galeoens, e galeotas, e ſoccorros de fortalezas: e hoje que a India rende em dobro, faltaõ as mais deſtas couſas. E deixando iſto, tornemos ao Capitaõ mòr D. Antonio de Noronha, que foy paſſando pera Goa, onde chegou em tres dias; e da barra mandou recado ao Viſorey Dom Conſtantino do ſucceſſo deſta jornada, que aſſim ſe enfadou por perder aquella empreza, que cuidava tinha nas mãos; que mandou dizer a D. Antonio de Noronha, que ſe foſſe prezo pera hum paſſo, dandolhe por culpa o virſe ſem ſua licença: mas depois de lhe paſſar a colera, e paixaõ o ſoltou, e teve com elle muitas ſatisfaçoens, porque ſoube a verdade do caſo.

CAPITULO XIV.

De como os Mouros que eſtavaõ na fortaleza de Surrate, quizeraõ matar Cedemecan pelos tratos que teve com Dom Antonio de Noronha, e elle lhes fogio: e de como foy morto por ordem de Chinguiſcan.

POr muito grande ſegredo que o Cedemecan teve naquelles tratos, em que andou com D. Antonio de Noronha ſobre a entrega da fortaleza, naõ deixou de vir à noticia dos ſeus, e ſempre ſe receàraõ depois que viraõ a noſſa Armada naquelle rio. E como jà traziaõ olho nelle, acabàraõ de ſe ſegurar em ſuas ſoſpeitas o dia que ſe vio com Dom Antonio de Noronha na ponte. E lançando ſuas eſpias, e intelligencias, ſouberaõ que ſe negociava com grande preſſa, e ajuntava ſuas joyas, e theſouros (como defeito aſſim era) porque ſempre ſua tençaõ foy entregar a fortaleza, e comprir ſua palavra, e todas aquellas dilaçoens com D. Antonio de Noronha foraõ por ſe naõ atrever a declarar, por ſe recear que como os ſeus o ſoubeſſem, ſem duvida o haviaõ de matar, ou entregar ao Chinguiſcan. E querendo elle ultimamente entregar a D. Antonio de Noronha a fortaleza, o meſmo dia que elle ſe afaſtou della, acodiraõ os Mouros Nacteas de Reinel, que eſtavaõ com elle na fortaleza, e quizeraõ lançar maõ delle, e prendello, porque os naõ entregaſſe aos Portuguezes com ſuas mulheres, e filhos, de quem eraõ taõ imigos, que antre todas as naçoens do mundo eſtes Nacteas, que ſeguem os Arabios em ſuas ſeitas ſaõ os que mòr mal lhes querem que todos, e aſſim elles ſaõ cauſa de o Camorim, e todos os Reys do Malavar quebrarem ſempre as pazes com o Eſtado: porque todos os que habitaõ naquella fralda toda, ſaõ deſta caſta. O Cedemecan ſentindo a alteraçaõ nelles, teve modo com que lhes eſcapou, e huma noite ſe ſahio da fortaleza com quinze de cavallo, e deſviando-ſe do exercito do Chinguiſcan, foy caminhando apreſſado pera as terras do Vergi (que ſaõ aquellas que jazem antre o Reino de Cambaya, e as do Decan, que he hum Reino muito aſpero, e de ſerras muito fortes, e intrataveis, por ſer aquelle Rey da caſta dos antigos Reys de Cambaya, com quem corria em muito grande amiſade) E aqui o deixaremos hum pouco, por darmos conta do que ſe paſſou na fortaleza depois que elle ſe ſahio della.

Ao outro dia tanto que amanheceo, achàraõ os de dentro o Cedemecan menos, e vendo que nos Paços lhe ficàraõ ſuas mulheres, e theſouros, naõ tocàraõ em couſa alguma, e tratàraõ de defenderem a fortaleza, ſe o Chinguiſcan tornaſſe ſobre ella: que logo foy aviſado da fogida do tio, e da hida da Armada;

da; com o que ſe tornou a abalar contra a fortaleza, e aſſentou ſuas eſtancias onde dantes as tinha. E querendo pôr em ordem a bataria, lhe chegàraõ novas, que o Alucan tornava outra vez ſobre a Cidade de Veredora com grande poder, e largando logo tudo acodio là, e defendeo muy bem ſua Cidade, durando antre aquelles dous Capitaens a guerra todo o inverno, em que houve muitos recontros, e aſſaltos, que deixamos porque nos naõ ſervem, e temos muito que tratar.

O Cedemecan, que deixàmos partido de Surrate, foy pela poſta ter à Corte do Vergi, e lhe deu conta de ſeus trabalhos, e lhe pedio ajuda pera ſe paſſar à Corte de Cambaya, a Cidade de Amadabà, a ſe ver com ElRey. E como o Vergi era grande ſeu amigo, o conſolou, e o teve comſigo alguns dias, e depois lhe deu duzentos homens de cavallo, e cem mil cruzados, e joyas de muito preço, com que ſe partio pera a Corte, e ſe vio com ElRey, e com o Ithimitican ſeu Regedor, e lhes deu conta de ſeus trabalhos, que elles ſentiraõ muito, e lhe promettèraõ de o favorecer, e ordenar todas ſuas couſas, pera que paraſſem em bem: pelo que ſe deixou ficar na Corte todo o inverno.

O Chinguiſcan teve logo rebate da chegada do Cedemecan à Corte, e deſejando de vingar a morte de ſeu pay, falou com dous Mouros de ſua caſa, que foraõ da criaçaõ de Coge Çofar, e ſe criàraõ com o meſmo Cedemecan, hum delles de naçaõ Cherques, chamado Roſtomocan, manco de huma perna, e o outro Abexim Eunuco por nome Biſiliſcan, ambos homens muito determinados, a quem o Chinguiſcan peitou groſſamente, pera que ſe foſſem meter com o Cedemecan, e trabalhaſſem pelo matar. Eſtes dous homens foraõ ter à Corte, como que hiaõ a negociar, e viſitàraõ o Cedemecan, como homens de ſua criaçaõ, e o ficàraõ acompanhando, ſem ſe elle temer delles pela criaçaõ que tiveraõ. E andando hum dia à caça com elles, hindo correndo a hum veado, meteo o ſeu cavallo huma maõ em huma abertura da terra, e ficou taõ embaraçado, que ſe naõ podia bullir. Vendo-o os dous traidores daquella maneira, e ſó, arremetèraõ a elle, e às cutiladas o matàraõ ſem ſe elle poder defender, e tomando a poſta ſe foraõ pera Baroche, onde achàraõ o Chinguiſcan vitorioſo do imigo, que os feſtejon muito. As novas da morte de Cedemecan chegàraõ a Surrate, e ſabendo-as os ſeus, mandàraõ chamar Linguircan, por outro nome Caracem, caſado com huma irmãa do Cedemecan, pera que foſſe tomar poſſe da fortaleza, que lhe pertencia, por naõ ficarem filhos ao Cedemecan, o que elle logo fez. E correndo o tempo ſe concertàraõ elle, e o Chinguiſcan que eraõ cunhados, e ficàraõ correndo em tanta amizade, que naſcendo hum filho ao Chinguiſcan, foy o Caracem feſtejallo a Baroche, onde o eu viſitey, por me achar entaõ naquella Cidade, e por ſer muito ſeu amigo, por lermos ambos o Italiano, e lhe eu moſtrar Dante, Petrarcha, Bembo, e outros Poetas que elle folgou de ver. Aſſim ficàraõ por entaõ as couſas, ſem nunca mais ſe offerecer outra occaſiaõ pera os Viſoreys lançarem maõ de Surrate, que tanto importava ao Eſtado.

CAPITULO XV.

Do que neſte tempo aconteceo em Maluco. E de como aquelle Rey deſiſtio do Reino nas mãos do Capitaõ daquella fortaleza. E de outras couſas que mais ſuccedèraõ.

DEixàmos o veraõ atraz paſſado de mil e quinhentos e ſeſſenta partido Manoel de Vaſconcellos pera Maluco, com quem naõ houve atègora tempo de continuar, e por iſſo o faremos agora brevemente. Eſte Capitaõ foy tomar Malaca, onde deixou os provimentos daquella fortaleza, e como foy tempo

tempo deu à vela pera Maluco, onde chegou com todos os navios juntos, e tomou poſſe daquella fortaleza, e logo prendeo Antonio Pereira Brandaõ, e lhe mandou eſcrever a fazenda por proviſoens que levava pera iſſo. ElRey o viſitou, e ſe lhe offereceo pera todas as couſas que foſſem neceſſarias do ſerviço de ElRey de Portugal ſeu Senhor. E paſſados os primeiros dias de viſitaçoens, tratou Manoel de Vaſconcellos de pôr por obra outra proviſaõ que levava. Eſta era: „ Que fizeſſe deſiſtir „ ElRey Aeiro do Reino de Maluco, „ pera tomar poſſe delle por ElRey de „ Portugal, como verdadeiro Senhor, „ e herdeiro delle, pela verba do teſta„ mento de ElRey D. Manoel que mor„ reo em Malaca (como fica dito no de„ cimo Capitulo do decimo livro da „ quinta Decada) onde deixava a El„ Rey de Portugal, e a todos ſeus deſ„ cendentes, por herdeiros daquelle „ Reino de Maluco. E poſto que jà Jor„ daõ de Freitas tinha tomado poſſe „ delle por virtude da dita verba: foy „ neceſſario fazerſe de novo eſta ſolen„ nidade pera ficar melhor direito na„ quella herança. Eſtas proviſoens, autos, e papeis que levou, porque fez eſta diligencia, nem os que de là mandou, naõ achàmos neſte Eſtado, nem homens daquelle tempo que ſoubeſſem dar diſto verdadeira informaçaõ, mais que humas lembranças que eſtaõ em noſſo poder, de Gabriel Rebello, que daquellas Ilhas eſcreveo algumas couſas curioſamente. E por iſſo eſcrevemos iſto aſſim confuſamente, ſendo ellas de tanta ſubſtancia, que houveraõ de eſtar em muito viva lembrança. Em fim aſſim em ſoma: o Capitaõ mandou hum dia chamar ElRey à fortaleza, eſtando com todos os Officiaes, e moradores preſentes, e entaõ lhe notificou a proviſaõ que levava, por cuja virtude ElRey logo ſem contradiçaõ alguma deſiſtio do Reino nas mãos do Capitaõ, dizendo „ que dalli „ por diante naõ conhecia outro Rey „ por Senhor daquelle Reino, ſe naõ „ ElRey de Portugal, como verdadeiro „ herdeiro delle por virtude da verba „ do teſtamento de ElRey D. Manoel „ ſeu irmaõ, em que o declarava por „ tal; do que hum Tabelliaõ publico foy fazendo ſeus termos, e aſſentos de tudo, em que todos ſe aſſinàraõ. E depois de tudo feito juràraõ a ElRey D. Sebaſtiaõ de Portugal por Rey de Maluco com as ſolennidades coſtumadas no Reino.

Acabados todos eſtes autos, tornou o Capitaõ a entregar o Reino ao meſmo Rey Aeiro, como Governador delle, com o meſmo nome, promettendo elle logo vaſſallagem pelo coſtume do Reino de Portugal; promettendo de o tornar a entregar a quem ElRey de Portugal ſeu Senhor mandaſſe todas as vezes que diſſo foſſe ſervido: do que tambem ſe fizeraõ outros aſſentos, ficando aquelle Rey governando como dantes, moſtrando-ſe muito bom, e leal ſervidor de ElRey de Portugal. E com o favor do Capitaõ foy proſeguindo na guerra contra o Rey de Tidore, pera tornar a cobrar os lugares que lhe tinha tomados com cor de o ajudar, como jà temos dito. Neſta guerra o ajudàraõ Diogo da Silveyra, e Henrique de Vaſconcellos, e tanto fizeraõ, e trabalhàraõ, que o tornàraõ a reſtituir a todo ſeu Eſtado: no que ſe paſſáraõ muitas miudezas, q̃ naõ ſervem de mais que de enfadar os que as lerem. E como houve monçaõ de ſe partirem pera a India, deſpachou o Capitaõ o galeaõ da carreira, de que era Capitaõ Dom Joaõ Coutinho, com a carga do cravo. E o meſmo fez às caravelas de Diogo da Silveyra, e Henrique de Vaſconcellos. E foy entregue no galeaõ Antonio Pereira Brandaõ, pera o entregarem na India prezo, ficando a terra de paz, e quieta, e todos muito ſatisfeitos de Manoel de Vaſconcellos.

Mas como elle era bom homem, e virtuoſo, naõ o pode ſofrer o màu clima da terra, veyo a adoecer, e faleceo em poucos dias, e por ſua morte ſuccedeo na Capitanìa Baſtiaõ Machado Feitor,

Feitor, e Alcaide mòr, que tambem eſtava bem quiſto na terra, por ſer bom homem, e bom cavalleiro. E aſſim tanto que tomou poſſe da fortaleza, começou a correr taõ direitamente com todas as couſas de ſua obrigaçaõ, que deu de ſi muito grande ſatisfaçaõ. E ſabendo elle que a fortaleza de Geilolo no Moro (que Bernaldim de Souſa derribou, como no Capitulo duodecimo do nono livro da ſexta Decada fica dito) a tornava aquelle Sangage (que já ſe tornava a intitular Rey) a alevantar; e que tinha tomado, e criado bico com o nome de Rey, receando que ſe tornaſſe a fazer tyranno, como dantes, quiz atalhar aquelle taõ grande mal, logo no principio, onde ſe cortaõ com menos difficuldade, porque menhuma couſa tem desbaratado o Eſtado da India, ſenaõ diſſimularſe com ellas, e acodirlhes a tempo que já naõ tem remedio; ou ſe o tem, he com muita difficuldade; de q̃ p uderamos trazer muitos exemplos.

Pelo que pedio aquelle Capitaõ a ElRey de Ternate as ſuas corocoras com gente, e muniçoens pera aquelle effeito, em que tambem lhe hia muito; e com alguns navios que mais armou, fez Capitaõ daquella jornada a Jorge Ferreira, que ſe houve taõ prudente, e cavalleirosamente, que tornou a lançar os imigos fòra della, e derribou a fortaleza de todo; e com iſto ficáraõ as couſas pacificas, e quietas.

E porque naõ paſſemos pelas de noſſa Religiaõ Chriſtãa, que naquellas Ilhas hiaõ em grande crecimento: he de ſaber, que cada dia ſe convertiaõ muitos à Fè de noſſo Senhor Jeſu Chriſto por meyo das prègaçoens dos Padres da Companhia de Jeſu. E neſte anno em que andamos vieraõ pedir o Sacramento do ſanto Bautiſmo dous Regedores principaes de Luzabatá, terra de Amboino, que o Padre Nicolao Nunes, Reitor daquelle Seminario, bautizou, a quem o Capitaõ fez muitas feſtas. E porque em todo eſte anno naõ houve mais, ficáraõ aſſim as couſas de Maluco atè ſeu tẽpo.

CAPITULO XVI.

Do que aconteceo à nào S. Paulo: e de como ſe foy perder na Ilha Camatra: e do que paſſou a gente della.

DEixàmos a nào S. Paulo, da Armada de D. Jorge de Souſa, arribada ao Braſil, aonde ſe proveo de agua, e mantimentos. Agora he neceſſario cõtinuarmos com ella. Vendo o Capitaõ, e Officiaes, que pera invernar alli, haviaõ de gaſtar ſete, ou oito mezes, e que a agua, e guſano corrompem brevemente a madeira das nàos: ajuntando-ſe com os Pilotos da terra diante do Governador, praticáraõ „ ſe haveria ain- „ da tempo pera ſeguirem ſua viagem, e „ hir invernar à India, no que fariaõ „ porveito à nào, e a ſuas fazendas: e de „ commum parecer aſſentáraõ que ſe „ partiſſem dalli em Setembro, e foſſem „ por muita altura buſcar a Ilha de Ca- „ matra, pera della em Fevereiro volta- „ rem com a monçaõ, com que vem as „ nàos de Malaca, e China. E tomando tudo o que lhes foy neceſſario, partiraõ em quinze de Setembro, e achando os tempos proſperos, foraõ á viſta do Cabo de boa Eſperança em fim de Novembro: e por acharem os tempos brandos ſe foraõ pondo em muita altura, porque là os haviaõ de achar mais eſpertos, e aſſim ſe foraõ pòr em quarenta e dous graos da banda do Sul, onde acháraõ os tẽpos mais freſcos; e por eſta altura foraõ correndo mais de hum mez, atè lhes parecer que ſeria bom diminuirem, e hirem buſcar a Ilha Camatra. E aſſim o foraõ fazendo com ventos brandos, atè ſe porem debaixo da Equinocial: e ſendo vinte de Janeiro, dia do Bemaventurado Martyr S. Sebaſtiaõ á boca da noite, ſe acháraõ taõ abarbados com a terra, por cauſa da grande corrente das aguas, que por muito que trabalháraõ por ſe fazer em outra volta, naõ puderaõ, antes lhes foy cerſcendo o vento traveſſaõ taõ rijo, que naõ teve a

nào

não por onde correr : e como estavaõ perto da terra, e as aguas tambem tiravaõ por ella, foraõ varar nella, sem lhe poderem valer ; e quiz Deos que foy em parte, onde ficou a nào encalhada, e todos nella atè pela manhãa, que lançáraõ o batel ao mar, e se passáraõ a terra, onde todos se puseraõ com suas armas, sem cousa alguma entender com elles, por ser a gente dalli mesquinha, e taõ domestica, que acodiraõ logo a lhes vender algumas cousas : e posto que assim naõ fora, os da nào eraõ setecentos homens, todos muito sãos, e bem dispostos, e armados, que puderaõ atravessar toda aquella Ilha, se antre elles houvera ordem, e governo. E vendo-se em terra, assentáraõ de fazer alguns bateloens, em que se pudessem hir pera Malaca, porque já que estavaõ em parte segura, naõ quizeraõ passar dalli, porque era melhor naõ se bullirem muito, e assim logo fizeraõ estancias, e cabanas pera se agasalharem : e desembarcáraõ da nào todas as fazendas, mantimentos, vinhos, azeites, e tudo o mais que puderaõ ; e desfizeraõ a nào, e tiráraõ della toda a pregadura, madeira, cordoalha ; e tudo o mais que lhe foy necessario, e armáraõ duas embarcaçoens ; e concertàraõ, e alevantáraõ o batel. Nesta obra trabalháraõ todos com muito gosto, e presteza ; servindo de ferreiros, serradores, carpinteiros, e de todos os mais officios, como se sempre o usáraõ : e assim em breve tempo as acabáraõ, e lançáraõ ao mar, q̃ seria em pouco mais de mez e meyo : e fizeraõ sua aguada em abastança, e recolheraõ nellas todas as armas, mantimentos, e alguns berços, e falcoens, por naõ serem as vasilhas capazes de mores peças, porque quasi eraõ a modo de barcaças : depois de tudo preparado se partiraõ as embarcaçoens por esta maneira.

Huma dellas se deu a Diogo Pereira de Vasconcellos, hum Fidalgo que alli trazia sua mulher, que se chamava D. Francisca Sardinha (que foy huma das fermosas mulheres de seu tempo) e huma filha que tinha doutra mulher, chamada D. Constança, que depois foy mulher de Thomè de Mello de Castro. Outra tomou Ruy de Mello Capitaõ da nào : e a terceira nos parece que deraõ a Antonio de Refoyos, hum cavalleiro muito honrado, que vinha despachado com a Capitanìa de Coulaõ. E repartindo se a gente por ellas, naõ coube em cada huma mais, que cento e setenta homens, ficando cento e setenta, que por menhum cazo se puderaõ agasalhar : pelo que assentáraõ „ que estes „ caminhassem por terra de longo da ri- „ beira á vista dos bateis, pera lhe soc- „ correrem em alguma necessidade. E elegeraõ antre elles hum Capitaõ, e repartiraõ por estes todas as espingardas que havia, porque os que hiaõ nas embarcaçoens naõ tinhaõ necessidade dellas. E assim começáraõ a caminhar de longo do mar, e os bateis sempre á sua vista : e tanto que era noite, escolhiaõ lugar pera descançarem, e dormirem, e surgiaõ os bateis com as proas em terra, e o mesmo faziaõ a horas de jantar, em que tomavaõ a refeiçaõ ordinaria, e assim foraõ caminhando nesta ordem, sem lhes acontecer desastre algum.

E havendo poucos dias que caminhavaõ, houveraõ vista de quatro embarcaçoens a modo de balios, a que foraõ correndo, e ellas trabalhando tudo o que podiaõ por lhes fugir, e atirandolhes de huma embarcaçaõ destas nossas com hum falcaõ, que lhes foy zonindo pelas orelhas, lhes poz taõ grande medo, e espanto, que logo se lançàraõ ao mar, e deixàraõ os navios, que os nossos achàraõ carregados de farinhas de saguum (que he o principal mantimento de todas aquellas Ilhas) de que se os nossos proveraõ em abastança, e recolhèraõ nestas embarcaçoens toda a gente que hia por terra : com o que ficàraõ mais descançados. E sendo jà em tres gràos da banda do Sul, hum dia antes de lua se recolhèraõ a hum fermoso rio que achàraõ, pera nelle a segurarem, e foy ella taõ ruim, que os deteve doze dias,

ſem lhes dar jazigo pera poderem navegar, deſembarcando todos elles em terra pera ſe recrearem, e dormindo tambem nella as mais das noites com tanto deſcuido, e ſegurança, como ſe a terra fora ſua. E atè Diogo Pereira de Vaſconcellos ſe agaſalhou com ſua mulher em hum baileo, parecendo ella à gente da terra, que a hia ver, muito fermoſa, e muito ricamente tratada, couſa que elles nunca viraõ, do que andavaõ como paſmados.

Era eſta terra do Rey de Manancabo, amigo do Eſtado, donde todos os annos hiaõ muitas embarcaçoens carregadas de ouro a Malaca a fazer reſgate de roupa, e de outras fazendas; por haver naquellas partes muito grandes minas delle, e foy iſto antigamente taõ proſpero, que ainda hoje ha peſſoas, que ſe lembraõ entrarem na Cidade de Malaca ſeis, ſete, e mais candiz de ouro, de que tres fazem hum moyo. E aſſim neſte tempo havia Chelis (que ſaõ mercadores Malayos) que tinhaõ doze, e quinze bares de ouro. E como os noſſos viviaõ em terra com tanto deſcuido, deraõ occaſiaõ aos Manancabos pera deſejarem de levar aquella mulher ao ſeu Rey, e aſſim deraõ huma noite nas ſuas eſtancias, e matàraõ perto de ſeſſenta peſſoas, e levàraõ Dona Franciſca Sardinha, em cuja defenſaõ fez o Meſtre da nào eſpantoſas couſas, atè que o matàraõ. O Diogo Pereira ſalvou a filha, e outras mulheres, com que ſe recolheo à ſua embarcaçaõ muito anojado deſta deſaventura, que lhe aconteceo por ſua ſobeja confiança.

Dalli ſe partiraõ os noſſos de longe da coſta, que era muy limpa, com muito mais tento, porque aquelle deſaſtre os eſpertou a naõ ſe fiarem mais da gente da terra, e aſſim embocàraõ o boqueiraõ da Sunda, e foraõ tomar a Cidade de Patà, aonde achàraõ quatro nàos Portuguezas, de que era Capitaõ mòr Pero Barreto Rolim, que alli eſtava carregando de pimenta pera a China, porque lhe tinha dado o Viſorey D. Conſtantino a viagem de Japaõ que hia fazer. E recebeo toda eſta gente muito bem, e a repartio pelas nàos, e proveo a todos baſtantemente. E parte delles ſe paſſáraõ à China, e parte pera Malaca, e dalli pera a India, onde ainda hoje vivem algumas peſſoas caſadas, como he Franciſco Paes Provedor mòr dos Contos, e o irmaõ Antonio de Afonſeca da Companhia de Jeſus.

CAPITULO XVII.

De como ElRey de Pegù mandou prometter huma ſomma de ouro ao Viſorey D. Conſtantino pelo dente do Bugio que trouxe de Jafanapataõ. E do que os Theologos ſobre iſſo aſſentàraõ: e de como ſe queimou. E das partes, e qualidades deſte Viſorey.

ESTava no Reino de Pegù Martim Affonſo de Mello com huma nào ſua fazendo ſeu negocio, quando o Viſorey D. Conſtantino veyo de Jafanapataõ, e ſabendo aquelle Rey como elle levava aquelle dente, que toda aquella gentilidade tinha em tamanha religiaõ, mandou chamar Martim Affonſo, e pediolhe „ que pois hia pera a India, fizeſſe com o Viſorey lhe dèſſe aquelle „ dente, e que lhe daria tudo o que por „ elle pediſſe. E affirmavaõ os homens q̃ ſabiaõ de Pegù, e da grande veneraçaõ em que elles là tinhaõ aquella reliquia do demonio, que daria por ella trezentos, ou quatrocentos mil cruzados. E por conſelho de Martim Affonſo ordenou huns Embaixadores pera hirem em ſua companhia ao Viſorey ſobre aquelle negocio, e lhes deu poderes pera aſſentarem com elle tudo o que lhe pareceſſe, e que elle compriria tudo o em que ficaſſem.

Chegado Martim Affonſo a Goa eſte Abril paſſado, mandou o Viſorey receber bem os Embaixadores, e agaſalhallos, e depois os ouvio ſobre aquelle negocio, a que hiaõ mandados do ſeu Rey, e elles

e elles lhe deraõ ſua embaixada „ pedin-
„ dolhe da parte de ElRey aquelle den-
„ te: e que àlèm de lhe darem por elle
„ tudo o que quizeſſe, ficaria em per-
„ petua amiſade com o Eſtado, e ſe
„ obrigaria a prover a fortaleza de Ma-
„ laca de mantimentos todas as vezes
„ que delles tiveſſe neceſſidade, com
„ outros muitos comprimentos, e pro-
„ meſſas. O Viſorey lhe diſſe que logo
„ lhe reſponderia. E communicando
aquellas couſas com alguns Capitaens
velhos, e Fidalgos, todos foraõ de pare-
cer „ que devia de aceitar tamanha cou-
„ ſa, como era a que lhe offereciaõ: por-
„ que com iſſo remediaria o Eſtado,
„ que eſtava empenhado, e em neceſſi-
„ dades, e tanto diſſeraõ ſobre iſſo, que
„ o tiveraõ quaſi rendido.

Tanto que eſtas couſas chegàraõ às orelhas do Arcebiſpo D. Gaſpar, logo acodio ao Viſorey, e lhe diſſe: „ Que
„ naõ podia reſgatar aquelle dente por
„ nenhum theſouro do mundo, porque
„ era contra a honra de Deos noſſo Se-
„ nhor, e dar occaſiaõ àquelles Gentios
„ a idolatrarem, e darem àquelle peque-
„ no oſſo o que ſó ſe devia a Deos. E
ſobre iſſo lhe fez muitas lembranças, e
ainda o prègou pelos pulpitos em pre-
ſença do Viſorey, e de toda a Corte. E
como D. Conſtantino era muito Catho-
lico, e temente a Deos noſſo Senhor, e
obediente aos Prelados, naõ quiz hir
por diante naquelle negocio, nem fazer
nada ſem conſelho de todos. Pera o que
ajuntou o Arcebiſpo, Prelados, e Theo-
logos das Religioens, Capitaens, e Fi-
dalgos velhos, e Officiaes da fazenda,
e perante todos propoz o caſo, e o mui-
to dinheiro que por aquelle dente lhe
promettiaõ, e apreſentou as grandes
neceſſidades, em que o Eſtado eſtava,
que todas ſe podiaõ remediar com aquel-
le reſgate. E debatida a materia entre
todos aquelles Theologos, que jà a le-
vavaõ bem eſtudada, aſſentàraõ „ que
„ ſe naõ podia entregar aquelle dente,
„ porque era dar occaſiaõ a grandes ido-
„ latrias, e offenſas de Deos noſſo Se-
„ nhor. E que era hum peccado aquelle,
„ que ſe naõ podia commetter, ainda q̃ ſe
„ arriſcaſſe o Eſtado, e o mundo todo.
Os principais Theologos, que niſto fo-
raõ, foy o Arcebiſpo, os Inquiſidores,
o Padre Frey Antonio Pegado Vigairo
géral de S. Domingos, Frey Manoel
da Serra da meſma Ordem Prior de
Goa, o Padre Cuſtodio de S. Franciſco,
e outro Theologo da meſma Cuſtodia,
o Padre Antonio de Quadros da Com-
panhia de Jeſus Provincial da India, o
Padre Franciſco Rodrigues o Manqui-
nho da meſma Companhia, e outros.

Aſſentado iſto, e feito hum Termo, em que todos ſe aſſinàraõ, cujo traſlado eſtà em noſſo poder na Torre do Tom-
bo, mandou o Viſorey ao theſoureiro q̃
trouxeſſe o dente, e o entregou ao Ar-
cebiſpo, q̃ alli preſentes todos o lançou
em hum almofariz, e cõ ſua propria maõ
o piſou, e desfez em pôs, e os deitou
em hum brazeiro, que pera iſſo mandou
trazer, e as cinzas, e carvoens mandou
lançar no meyo do rio à viſta de todos,
que ſe aſſomàraõ às varandas, e janellas,
que cahiaõ ſobre o mar. Diſto ſe mur-
murou muito do Viſorey, dizendo al-
guns „ que pera os Gentios idolatrarem
„ naõ lhes faltavaõ outros idolos, e que
„ de qualquer pedaço de oſſo podiaõ
„ fazer outro dente em memoria da-
„ quelle, a quem dèſſem a meſma venera-
„ çaõ, e que tanto ouro como lhe davaõ
„ era muito bom pera as deſpezas do Eſ-
„ tado, que eſtava muito neceſſitado.
E aſſim nos contàraõ que em Portugal
ſe eſtranhàra muito de algumas peſſoas
conſentir aquillo. Mas por hum emble-
ma, ou tençaõ, que aqui poremos, que
là lhe deitàraõ ſobre eſte caſo (ſegundo
me parece feito pelos Padres da Com-
panhia, approvàraõ o que fez, e lho no-
tàraõ a grande Chriſtandade, e zelo da
honra de Deos) e o emblema he o ſe-
guinte. Fizeraõ huma tarja, e dentro
nella pintàraõ o Viſorey, e o Arcebiſpo
em huma meſa, e ao redor todos os Pre-
lados das Religioens, e Theologos, que
ſe achàraõ alli preſentes, e no meyo de

todos hum grande brazeiro aceſo, e alguns Gentios com bolças nas mãos cheas de dinheiro, que as deitavaõ ſobre elle, e cinco letras como a primeira do nome de D. Conſtantino como eſtas, e logo debaixo dellas eſtas cinco palavras.

C C C C C

Conſtantinus, cæli, cupidine, crenavit, crumenas.

Cuja verdadeira ſignificaçaõ he deixando a conſtruiçaõ: „ Conſtantino com „ os intentos no Ceo, engeitou os the- „ ſouros da terra. E tornando a continuar com o Viſorey, todo eſte inverno gaſtou em acabar huma nào que fez defronte dos ſeus Paços, pera ſe hir nella pera o Reino por eſperar em Setembro por ſucceſſor, a q̃ poz nome a Chagas pela devoçaõ que tinha às de Chriſto, que foy a couſa que aſſim na India, como em Portugal lhe remordèraõ mais que todas. E tanto, que lhe contrafizeraõ aquelle Romance velho que diz: *Mira Nero de Tarpeya a Roma como ſe ardia, em Mira Nero da janella la nave como ſe hazia.* No que naõ tiveraõ nenhuma razaõ: porque nem a elle lhe cabia tal nome, por ſer muito alheyo, e differente de ſua natureza, nem a ſua nào foy feita com encargos com que outras depois ſe fizeraõ por alguns Capitaens, nem com os aparelhos, e madeiras das ribeiras de ElRey, como alguns falſamente diſſeraõ, nem os Officiaes ficàraõ clamando que lhe naõ pagàra ſeus jornaes. Mas foy feita com o que poupou de ſeus ordenados, e com empreſtimos de amigos que depois pagou muy bem: e com taõ poucos embaraços, e com tantas bençoens como ſe póde conjecturar do muito que durou, e das proſperas viagens que ſempre fez. Porque deſde eſte anno de ſeſſenta e hum atè o de oitenta e cinco, q̃ o Viſorey D. Duarte de Menezes ſenhor da caſa de Tarouca veyo nella, fez nove, ou dez viagens tambem eſcançadas, q̃ nunca lhe aconteceo deſaſtre: antes foy acabar no rio de Lisboa feita cabrea. E porque na entrada de Setembro chegou à barra de Goa o Conde do Redondo por Viſorey, com quem logo continuaremos, nos pareceo bem concluirmos neſte Capitulo com todas as couſas deſte Viſorey.

Foy D. Conſtantino quarto filho de D. James quarto Duque de Bargança, e de ſua ſegunda mulher Dona Joanna de Mendoça filha de Diogo de Mendoça Alcaide mòr de Mouraõ. Foy homem de mea eſtatura, groſſo, eſpadaudo, barbaſſudo, gentil-homem, brando, affabil, muito favorecedor das couſas da religiaõ, muito amigo da juſtiça, verdadeiro, caſto: ao menos foy ſempre taõ cauto, que nunca deu eſcandalo. Deixou ſervir ſeus cargos aos Officiaes que os tinhaõ com grandes liberdades, com ſer muito grande olhador, e poupador da fazenda de ElRey: tanto, que por ſaber que havia deſordens na Alfandega, a mandou paſſar pera onde hoje eſtà a ribeira das galez, pera das ſuas janellas vèr tudo: o que ſe lhe taxou tanto, que logo em chegando o Conde do Redondo a mandou tornar a ſeu lugar. Fez muitas, e groſſas Armadas pera o Malavar, e pera o Eſtreito em que entràraõ duas em que ſe embarcou em peſſoa, pera Damaõ, e Jafanapataõ: e neſtas vezes fez paga geral a todos os homens. E em todas as fortalezas mandou pagar a gente ordenada pera ellas principalmente Damaõ, e Dio, onde invernaraõ todo ſeu tempo mil e quinhentos homens em cada huma, e darlhe meſas: e o meſmo fez na Cidade de Goa, com naõ render o Eſtado entaõ mais de ſetecentos mil pardaos, em que nada diſto, ou muito pouco ſe deſpendeo.

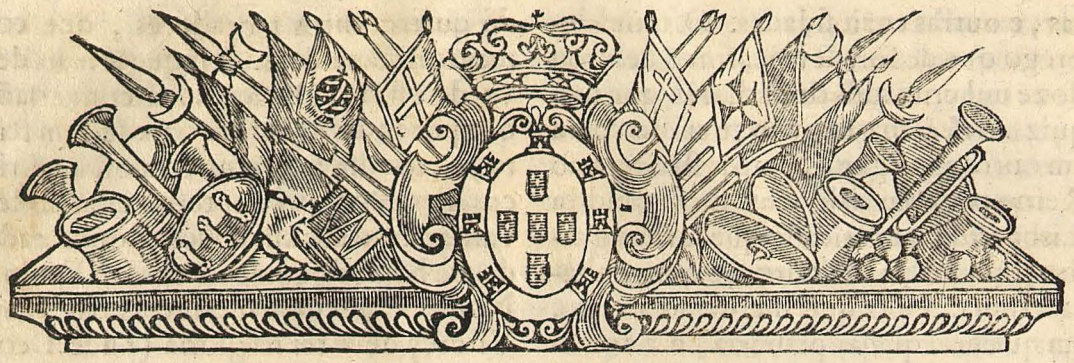
Foy D. Conſtantino pobre pera o Reino, porque naõ levou mais que a ſua nào ſobre quem ainda devia muito dinheiro: e naõ embarcou nella outras fazendas mais que eſcravos de todas as naçoens, e officiaes de todas as mecani-

cas,

cas, e outras curioſidades. O mòr emprego que de fóra levou, foraõ dez, ou doze mil cruzados de pedraria, que naõ quiz arriſcar na ſua nào, e embarcou a em outra entregue a hum Meſtre pera no Reino pagar ſuas dividas. E chegando a Lisboa, foy mexericado que levava grãdes riquezas, e theſouros, e que roubàra a India. Pelo que lhe deraõ na nào, em que hia aquella pedraria, e a tomàraõ, e levàraõ à caſa da India, onde vendo-ſe a pouquidade, e que em tudo fora o Rey enganado, mandàraõ que pagaſſe os direitos, e levaſſe ſua pedraria. Ao que D. Conſtantino mandou dizer aos Veadores da fazenda: „Que pois lhe „mandavaõ pagar direitos de couſa taõ „pouca, que devia ElRey ſeu Senhor „de eſtar em neceſſidade, e que ſe tal „era, que elle lhe fazia ſerviço de toda „a pedraria, com o que por vergonha lha tornàraõ.

Eſtava Portugal naquelle tempo taõ mimoſo, que foy o ſeu governo entaõ muito eſtranhado: mas depois ſe entendeo que fora dos melhores, que deſde entaõ atè hoje houve. E pelo que delle temos eſcrito, e adiante eſcrevermos ſe verà iſto muito bem. E na reſidencia, que lhe ElRey mandou tomar pelo Preſidente dà alçada, que mandou à India o anno de ſetenta e dous, cujo treſlado temos em noſſo poder, a mòr culpa que lhe puzeraõ dous homens, que naõ eraõ ſeus amigos, foy que deixàra Cananòr de guerra, e ſe fora a Damaõ, e que melhor era acodir à fortaleza cercada, que conquiſtar outra de novo. No que moſtràraõ paixaõ, e quaõ pouco goſtavaõ delle: porque na guerra de Cananòr tinha elle muy bem provido, como neſta Decada ſe pòde ver, e a tomada de Damaõ foy taõ importante, q̃ com aquella Cidade ſe ſegurou Baçaim, e ſe apoſentàraõ nella, e em ſuas Tanadarias perto de quatrocentos moradores, que comem groſſas aldeas. E o que ſe mais deve de eſtimar, he a grande converſaõ, que por todas aquellas terras ſe tem feito, e cada dia faz, e os fermoſos, e ricos Templos, que por todas ellas ſe levantàraõ ao altiſſimo Deos, onde cada dia he honrado, e venerado ſeu Divino Nome, e de cujos ſacrificios eſte bom Viſorey deve ter na gloria (onde Deos noſſo Senhor o levaria por ſeus merecimentos) muito bom quinhaõ. E tanto ſe teve o ſeu governo, como hia dizendo, por muito bom, que dizem que quando ElRey D. Sebaſtiaõ mandou por Viſorey da India a D. Luiz de Ataide a primeira vez, lhe encomendàra que governaſſe taõ bem como D. Conſtantino. E depois o anno de ſetenta e hum o mandou ElRey D. Sebaſtiaõ chamar a Almeirim, e o cometeo pera tornar a eſtas partes da India com ſua mulher pera nella reſidir em quanto viveſſe, e lhe dava hum Titulo muito honrado, que elle engeitou por ſe quietar, e eſtar jà muy peſado. Depois de chegar ao Reino requereo o cargo de Camereiro mòr, que ſe lhe naõ deu: porque por reſpeitos que pera iſſo houve ſe aſſentou ſe ſerviſſe ElRey de quatro Sumilheres. Deraõ-lhe a Capitanìa de Cabo Verde, que arrendou por ſeiſcentos mil reis cada anno. E porque iſto era trabalho, pedio a ElRey aquelles ſeiſcentos mil reis na Villa de Eſtremoz, que lhe elle deu, e nella ſe apoſentou com ſua mulher Dona Maria filha de D. Rodrigo de Mello Marques de Ferreira, e de ſua ſegunda mulher Dona Brites de Menezes. E porque naõ teve della filhos, fez herdeiro de tudo o que tinha D. Conſtantino filho do Marquez de Ferreira, por ter o meſmo nome, e ſer ſeu ſobrinho filho de ſua irmãa.

CAMARA DOS DEPUTADOS BIBLIOTHECA



DECADA SETIMA
DA HISTORIA DA INDIA.
LIVRO X.

CAPITULO I.

De como foy eleito pera Viſorey da India Dom Franciſco Coutinho Conde do Redondo. E da Armada, com que partio no anno de 1561. E do que lhe aconteceo atè chegar a Goa. E de como o Viſorey D. Conſtantino lhe entregou a governança da India, e ſe embarcou na ſua nao pera o Reino, onde chegou com muito proſpera viagem.

EM principio deſte anno de ſeſſenta e hum, em que entramos, a Rainha, e o Cardeal tutores do menino Sebaſtiaõ entràraõ em deſpacho das couſas da India, e vendo que havia tres annos que nella eſtava D. Conſtantino, determinàraõ de o mandar hir pera o Reino, e tratando da peſſoa que haviaõ de eleger pera ſucceder a D. Conſtantino, eſcolhèraõ D. Franciſco Coutinho Conde do Redondo que entaõ ſervia de Regedor da Caſa da Supplicaçaõ por falecimento do Regedor Joaõ da Silva, peſſoa em que eſtava bem o cargo de Viſorey da India pelas muitas partes que nelle havia de aviſo, prudencia, e eſforço, de que havia muita, e muy larga experiencia, q̃ de todas eſtas couſas tinha dado, aſſim na Corte, como em Arzila, onde foy Capitaõ. Eleito elle, negociàraõ-ſe cinco nàos pera hirem à India, e deſpachàraõ alguns Fidalgos, e Cavalleiros, e proveraõ em muitas couſas pera o bom governo daquelle Eſtado. E tanta preſſa ſe deu a eſta Armada, que a quinze de Março ſe fez toda à vela, hindo o Conde embarcado na nào Santiago, e das mais nàos eraõ Capitaens Gonçalo Correa, de Flor de la mar, Manoel Jaques, de Santo Antonio, Franciſco Figueira de Azevedo, da Garça. E Pedralvares Vogado, da Algaravia. Toda eſta Armada teve taõ bons tempos, que tomou Moçambique a quinze de Julho, e o Viſorey deſembarcou em terra, e ſe apoſentou na fortaleza, que pera iſſo lha tinha deſpejada Dona Luiza de Vaſconcellos mulher de Pantaleaõ de Sà, que era Capitaõ por elle ſer hido a Çofala. Alli eſteve o Conde provendo as nàos do neceſſario atè ſeis dias de Agoſto, em que ſe fez à vela pera à India com todas as nàos, e foraõ juntas ſurgir na barra de Goa a ſete de Setembro veſpera da Natividade de noſſa Senhora. Os Vereadores da Cidade o foraõ logo viſitar, e lhe pediraõ ſe detiveſſe em Pangim alguns dias, atè lhe prepararem ſeu recebimento,

bimento, que foy o melhor q̃ puderaõ, e o Viſorey D. Conſtantino lhe entregou logo o governo na fórma coſtumada, e tirou ſeus inſtrumentos do eſtado em que deixava a India, e ſe foy pera Panelim onde tinha a ſua nào, a que fez dar grande aviamento pera hir tomar a carga a Còchim. E em quanto ſe naõ foy, correo o Conde co elle muito pontualmente, fazendolhe no aviamento da nào muitos favores, e em fim de Outubro ſe fez à vela pera Còchim.

Entregue o Conde do governo, a primeira couſa em que entendeo, foy em deſpachar alguns Capitaẽs pera ſuas fortalezas. Eſtes foraõ Henrique de Sà pera a de Maluco, que deu á vela em quinze de Setembro: porque achou jà provido o galeaõ de tudo por D. Conſtantino, por lhe terem vindo novas em fim de Abril, que Manoel de Vaſconcellos Capitaõ daquella fortaleza era falecido. E logo aos vinte e tres do meſmo mez deſpachou o Conde a Martim Affonſo de Miranda com a Capitanìa de Dio por Filippe Carneiro, que là eſtava por Capitaõ, largar hum anno que ainda tinha por ſervir, porque determinava hirſe pera o Reino, onde eſperava fazeremſe-lhe outras mayores mercès, aſſim por ſeus ſerviços, e merecimentos, como por ſer ſobrinho de Pero de Alcaçova Carneiro, que era Secretario, e valia muito com ElRey. E no meſmo tempo deſpachou o Conde a Garcia Rodrigues de Tavora pera a Capitanìa de Damaõ, onde Luiz de Mello da Silva eſtava por Capitaõ: tendo o Garcia Rodrigues de Tavora havia pouco acabado de ſer Capitaõ de Chàul donde ſahira muito rico. E porque os homens viaõ ſerlhe o Viſorey muito affeiçoado, e darlhe a Capitanìa, em que Luiz de Mello da Silva eſtava havia pouco, ſoſpeitàraõ que o queria o Conde caſar com huma filha.

Deſpachadas eſtas couſas, tratou o Conde de fazer huma execuçaõ que lhe a Rainha mandou, e encomendou muito, que era mandarlhe prezo em ferros Gonçalo Falcaõ, porque deſafiàra Franciſco Barreto quando acabou de ſer Governador, e chegandolhe iſto à noticia, fez pronunciar contra elle ſentença: „ Que foſſe riſcado dos livros de El-„ Rey, e perdeſſe as mercès que tiveſſe, „ e que a meſma pena tiveſſe quem o fa-„ voreceſſe, ajudaſſe, e defendeſſe. Porque tem os Reys por couſa muy neceſſaria caſtigarem ſe cõ muito rigor atrevimentos, que alguns Fidalgos tomaõ pera deſafiarem os que acabaõ de governar os Eſtados, em que repreſentaõ a peſſoa do Rey, que os poz nelles. Deſta ſentença foy logo aviſado Gonçalo Falcaõ em chegando o Conde à India; pelo que ſe recolheo a caſa de Alvaro Paes de Setomayor, donde determinou embarcarſe pera o Reino. E tratando o Conde de o prender, vendo que o naõ achava, mandou publicar as proviſoens que trazia, que metèraõ tamanho medo, e terror em todos, que aquella noite o tomou Alvaro Paes em muito ſegredo, e o levou ao Collegio dos Reys Magos, que eſtà na barra de Goa, onde eſteve alguns dias ſem Fidalgo algum, parente, ou amigo lhe valer em couſa alguma: nem elle ter modo pera ſe embarcar pera Còchim. E quiz ſua boa ventura que chegaſſe à barra de Goa hum navio de remo, de que era Capitaõ, e ſenhorio hum Belchior Correa ſoldado velho, honrado, e grande ſeu amigo, que ſabendo o trabalho em que eſtava, chegou de noite aos Reys Magos, e o recolheo comſigo, e deu à vela pera Còchim, e chegando a Cananòr de noite o foy lançar na praya da Cidade dos Mouros, e ſe partio logo por naõ ſaberem delle. E o Gonçalo Falcaõ ſe foy meter em caſa do Ade Rajao, que era grande ſeu amigo: em quem cabendo a virtude que faltou em muitos amigos, e parentes de Gonçalo Falcaõ, o mandou levar a Còchim em hum navio ſeu, que o lançon no Achequeimal, que era couto donde ſe embarcou pera o Reino. E chegando a elle ſe recolheo em caſa de Diogo Lopes de Souſa o Diabo, que logo

go lhe houve ſeguro pera ſe livrar, e poz ſuas couſas na Meſa da Conſciẽcia, onde o houveraõ por livre por ſer muito antes de ſe publicar o ſagrado Concilio Tridentino ſobre eſte negocio dos deſafios. E depois dahi alguns annos lhe perdoou ElRey D. Sebaſtiaõ, e o deſpachou pera que foſſe entrar na ſua fortaleza de Çofala, que elle naõ logrou, porque morreo logo, naõ ficando deſta geraçaõ neſte Eſtado mais que Ayres Falcaõ filho de ſeu irmaõ Luiz Falcaõ, que ElRey D. Joaõ o III. favorecia tanto, que quando deſpachàraõ eſte Gonçalo Falcaõ co a fortaleza de Çofala, diſſe ElRey „ que lha dava, por„ que ſeus antepaſſados ajudàraõ a ga„ nhar aquella Cidade de Lisboa aos „ Mouros. E que pois que de todos os „ Falcões naõ havia já mais que aquelle, „ que era razaõ ſe ſuſtentaſſe, porque de „ todo ſe naõ perdeſſe aquella taõ boa, „ e antiga raça delles.

As nàos depois de tomarem a carga em Còchim deraõ à vela pera o Reino, e foraõ nellas os Fidalgos, e Capitaens ſeguintes. Baſtiaõ de Sà, que acabou de ſer Capitaõ de Çofala, na nào Santiago, e com elle D. Jorge de Menezes, que depois foy Alferes mòr, Ruy Gonçalves da Camera, Luiz Freire de Andrada, que depois foy Capitaõ de Chàul, D. Affonſo Henriques, e outros. Em outra nào foy D. Antonio de Noronha de alcunha o Catarraz, que fora Capitaõ de Dio: que com ſer pobre levou todos os que com elle quizeraõ hir. E em outra nào foy D. Antaõ de Noronha, que aquelle veraõ viera de ſervir a Capitanìa de Ormuz. E em outra nào foy Filippe Carneiro Capitaõ que foy de Dio. Eſtes Capitaens levavaõ muitos Fidalgos, e Cavalleiros à ſua conta: porque primeiro que partiſſem de Goa mandàraõ por eſcritos pelos lugares publicos „ pera que todo o que quizeſſe „ hir nas ſuas nàos, ſoubeſſe que lhe „ dariaõ de comer atè o Reino: porque aſſim o coſtumavaõ naquelle tempo os Capitaens que ſahiaõ de ſuas fortalezas, com ellas lhes darem entaõ ametade menos do que agora daõ aos deſte tempo, em que naõ ha nenhum, ou ſaõ muito poucos os que daõ de comer a hum ſoldado. E aſſim à falta diſſo deixaõ muitos muy honrados de hir ao Reino requerer ſeus ſerviços. Foy tambem neſta companhia D. Jorge de Souſa Capitaõ mòr da Armada do anno paſſado, que tinha ficado na India com a ſua nào Caſtello, que por naõ abater a ſua bandeira a D. Conſtantino ſe deſviou logo delle: mas encontrando-ſe ambos ſós em Santa Helena, naõ quiz D. Jorge enrolar a ſua bandeira, ſobre o que mandou D. Conſtantino pôr a ſua artelharia em cima, e por rageiras chegar huma nào à outra com tençaõ de meter a de D. Jorge no fundo, ou lhe entrar a nào, e o levar prezo na ſua atè o Reino E tendo tudo preſtes, mandou notificar a todos os Fidalgos, Cavalleiros, e Officiaes da ſua nào „ que „ ſe foſſem pera terra ſob pena do caſo „ mayor: o que todos fizeraõ logo. E D Jorge mudou o parecer, e tomando melhor conſelho, abateo a bandeira, e metendo-ſe no batel da ſua nào, ſe foy ver com D. Conſtantino, reconciliouſe com elle, e dalli atè o Reino o acompanhou ſempre, e ſalvou todos os dias. E chegado a Caſcaes, tendo já ElRey aviſo do caſo por outra nào que chegou primeiro, por ſe encontrarem todas nas Ilhas Terceiras, o mandou deſembarcar prezo pera o Caſtello, onde eſteve alguns tempos atè lhe perdoarem.

CAPITULO II.

De como vieraõ novas que o Coſſairo Caſar era ſahido com tres galez a eſperar as nàos de Ormuz. E de como o Conde do Redondo Viſorey mandou a Dom Franciſco Maſcarenhas com hũa groſſa Armada buſcallo: e do que lhe ſuccedeo.

POr navios, que chegàraõ de Ormuz em Outubro, teve o Conde Viſorey

Viſorey aviſo de como era ſahido do Eſtreito de Meça com tres galez o Coſſuiro Cafár (de quem algumas vezes dèmos conta) com tençaõ de hir eſperar as nàos que haviaõ de vir de Ormuz pera Goa, como jà fizera o veraõ que D. Fernando de Menezes filho do Viſorey D. Affonſo de Noronha tomou as galez em Maſcate, como no fim da ſexta Decada no Capitulo decimo do decimo livro, e em principio deſta ſe diſſe. E querendo o Conde prover, e acodir àquelle dano, e atalhar as prezas que aquelle Coſſairo pretendia fazer, mandou com muita brevidade negociar huma Armada de remo pera o mandar eſperar. E elegeo pera eſta jornada a D. Franciſco Maſcarenhas, que depois foy Capitaõ dos ginetes, e da guarda de ſua Mageſtade, e Conde de Santa Cruz, e Viſorey da India, que co elle tinha vindo do Reino deſpachado com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, e com titulo de Capitaõ mòr do mar da India, que ſe deu tanta preſſa, que aos quinze de Novembro ſe fez à vela com vinte e tres galeotas, e fuſtas, e dous galeoens mais, em que levava ſeiſcentos e cincoenta ſoldados dos melhores da India, em que entravaõ muitos Fidalgos, e Cavalleiros muy honrados.

Os Capitaens deſtes navios que o acompanhàraõ foraõ Eytor da Silveyra o Drago, filho do Goudel mòr: Dom Lourenço de Souſa, D. Diogo de Souſa ſeu irmaõ, que agora he Comendador de S. Joaõ, e Bailio de Acre, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos ſobrinho do Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando de Menezes, Pero da Silva de Menezes, Pero de Mendoça, de alcunha o Larim, Joaõ de Mendoça ſeu irmaõ, Joaõ Lopes Leitaõ, Fernaõ de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda de Azevedo, que fora Capitaõ mòr do mar da India em tempo das deſavenças de Lopo Vaz de Sampayo com Pero Maſcarenhas, D. Franciſco Lobo, Joaõ Gomes de Caſtro hum Fidalgo Gallego, que foy do Infante D. Luiz, Franciſco Vaz de Siqueira, Rodrigo da Silva, Gaſpar Velho, Joaõ Correa de Brito, Gonçalo Teixeira, Manoel Rodrigues, Pedralvares de Cananòr, Antonio Fernandes, e Luiz Ribeiro. E dos navios groſſos eraõ Capitaens Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios ſecos, e Jeronymo Teixeira de Macedo.

Dada eſta Armada à vela, deſpedio o Conde Viſorey a Manoel Travaſſos por Capitaõ mòr de ſete, ou oito navios pera andarem co a Cafila da coſta do Canarà pera trazer mantimentos a Goa: e em quanto carregava delles naquelles portos, mandou dar huma viſta ao Malavar, por haver novas de alguns Coſſairos. E porque lhe naõ ſuccedeo todo eſte veraõ couſa notavel, acabaremos aqui com elle, porque he neceſſario continuar co a Armada de D. Franciſco Maſcarenhas. Que partido de Goa foy com toda a Armada em breves dias tomar Baçaim, onde mudou alguns navios, e tomou outros melhores, e dalli atraveſſou a Dio, e de longo da coſta de Pòr, e Mangalòr, foy ter à enſeada de Jaquete. E por hir falto de agua, a foy tomar na Ilha das Vacas, o que foy cauſa de perder as galez; porque em quanto ſe alli deteve em a fazer, foraõ paſſando adiante algumas cotias, que hiaõ em ſua companhia pera o Cinde, que deraõ co as tres galez do Cafàr, que tambem hiaõ com tençaõ de fazerem aguada na meſma Ilha das Vacas. E chegando o Cafàr a ellas ſoube da noſſa Armada; pelo que tomandolhe alguma pouca da agua que lhe achou, tornou a voltar com tanta preſſa, e deſatento, que huma das galez foy dar à coſta, e o Cafàr com as duas, que lhe ficàraõ, ſe afaſtou della; e correo taõ largo, que ſe engolfou, e houve por ſeu conſelho tornarſe pera Mocá como fez. Depois de D. Franciſco Maſcarenhas fazer aguada, foy ſeguindo ſua derrota, e como levava o tempo proſpero, em poucos dias tomou Ormuz, onde eſpalmàraõ os navios, e os alimpàraõ: e recolhendo com-

com ſigo todas as nàos, que haviaõ de hir pera Goa, voltou com ellas, hindolhe dando guarda. E tanto ſe apreſſou, que na entrada de Janeiro deſte anno de 1562. em que com o favor Divino entràmos, chegou a Goa: e porque o Malavar eſtava ſem Armada, o deſpedio logo o Conde Viſorey pera aquella coſta com quaſi todos os navios q̃ levou, e outros alguns mais, que ſe armàraõ de novo.

Deſpedida eſta Armada, receando-ſe o Conde que na monçaõ de Março tornaſſe o Coſſairo Cafàr a ſahir fóra eſperar as náos de Ormuz, mandou armar tres galeoens, e alguns navios de remo, aſſim pera lhe hirem impedir a ſahida, como pera tomarem as náos, que haviaõ de hir do Achèm, Tanaçarim, Cambaya, e de outros portos pera aquelle Eſtreito com pimemta, drogas, e outras fazendas, ſem levarem ſalvoscondutos. E elegeo pera eſta jornada a Jorge de Moura, Collaço do Principe D. Joaõ, pay de ElRey Dom Sebaſtiaõ: que alguns dias andados de Fevereiro ſe fez à vela com os tres galeoens, de que a fóra elle eraõ Capitaens, Pero Lopes Rabello, e Antonio Cabral. E os das fuſtas naõ ſe achaõ os nomes a mais que a Diogo Ferreira do Principe, e a Baſtiaõ Criado de Abreu.

Partida eſta Armada, entrou o Conde Viſorey no negocio dos provimentos das fortalezas, e deſpachou Dom Diogo Pereira filho baſtardo do Conde da Feira pera Maluco, por ſer providos daquellas viagens, e lhe deu hum galeaõ carregado de roupas, muniçoens, e mantimentos. E juntamente deſpachou D. Fernando de Lima em outro galeaõ pera Bandà, e naõ ſabemos com que partidos, e ambos deraõ à vela de quinze de Abril por diante. E proveo as mais fortalezas todas de gente, dinheiro, e muniçoens. Deſpachadas eſtas couſas, recolheo-ſe D. Franciſco Maſcarenhas do Malavar, onde andou aquelles tres mezes guardando a coſta, e defendendo que naõ ſahiſſem nàos pera Meca, nem Paràos a roubar, e recolheo comſigo huma grande Caſila de navios, e nàos de Bengala, da China, Malaca, Maluco, Coſta de Choromandel, e de outras partes, e depois de tudo recolhido ſe cerrou o inverno.

CAPITULO III.

Do que aconteceo a Jorge de Moura no Eſtreito do mar Roxo. E de como Pero Lopes Rabello pelejou com huma poderoſa nàо de Rumes: e de como ambos ſe abrazáraõ. E de outras couſas.

PArtido Jorge de Moura de Goa (como no Capitulo atraz acabàmos de dizer) foy atraveſſando aquelle grande golfo, que vay da Coſta da India atè a da Arabia, e em vinte dias foy haver viſta da Cidade Caxèm hum dia pela manhãa, e em ſe alevantando o Sol deſcobriraõ da gavea do galeaõ de Pero Lopes Rabello, que ficava muito atraz huma muito fermoſa nàо com todas as velas enfunadas, que levava a derrota do Eſtreito de Meca, que na grandeza, e apparato que fazia lhe pareceo do Reino. Pero Lopes virou logo a ella, e a foy ſeguindo, e fazendo final a Armada, que quaſi ſe naõ enxergava, e todavia ouviraõ a bombardada, e da gavea do galeaõ de Antonio Cabral o viraõ hir naquelle bordo, e logo lhe pareceo que vira alguma couſa. E voltando no meſmo bordo fez final ao Capitaõ mòr, e meteo todas as velas, e varredeiras, e o Capitaõ mòr fez o meſmo, e o foy ſeguindo.

Eſta nàо, de que os noſſos houveraõ viſta, era do Achèm, e tamanha, que levava gavea, e ſobregavea, que jà partira o anno paſſado pera Meca: e por achar tempos contrarios, arribou a Tanaçarim, donde tinha partido em Janeiro, e vinha taõ rica, e proſpera, que affirmavaõ depois trazer mais em ſi de hum milhaõ de ouro, a fòra hum palanquim, que o Achèm mandava pera a peſſoa do Turco, com tanto ouro, e pedraria,

ria, que diziaõ valer duzentos mil cruzados. Trazia a nào em ſi cincoenta peças de artelharia de bronze, e quinhentos homens de armas, Turcos, Abexins, Fartaquins, e de outras naçoens bellicoſas. Pero Lopes Rabello, que a hia ſeguindo, foy todo aquelle dia ſempre à viſta quaſi no meſmo compaſſo, e tanto que anoiteceo fez farol pera que os outros galeoens o viſſem: o que viſto pelos da nào, tambem lhe fizeraõ outro pera ſe lhe a moſtrar, porque hiaõ taõ confiados em ſua potencia, que lhes naõ dava couſa algũa da Armada, nem a eſtimavaõ, e aſſim ſe deixava hir ſeu caminho muito ſegura. Pero Lopes Rabello foy-ſe ſempre compaſſando com ella, e tanto ſe apreſſou, q̃ quando foy o quarto da modorra rendido a alcançou. E ella em o vendo taõ perto virou a elle com todas as velas enfunadas com tenção de paſſar pelo galeaõ, e de pancada deſaparelhallo, e voltar ſeu caminho. E aſſim com toda aquella furia lhe poz a proa por gilavento, e lhe lançou dentro muito fogo. Pero Lopes Rabello como hia jà leſtes, e preparado pera aquelle negocio, em ella dando a pancada, lhe lançou dentro alguns arpeos, com q̃ ambas as nàos ficàraõ atracadas. E como os noſſos hiaõ co as armas nas mãos, cometèraõ logo a entrada, lançandolhe dẽtro muitas panellas de polvora: porque eſtavaõ taõ ſofregos, e animoſos com a cubiça das prezas, que imaginavaõ jà ter nas mãos, que deſeſtimàraõ a potencia da nào, e aſſim tratàraõ de a render à eſpada, pera lhe ficar a vitoria mais fermoſa, e o ſaco mais ſeguro. Os Mouros, que eraõ muitos, e eſcolhidos, vendo a determinaçaõ dos noſſos, defenderaõ-lhes a entrada com tanto eſforço, e valor, que os fizeraõ deter, travando-ſe de bordo a bordo huma aſperiſſima batalha com grande dano de ambas as partes.

E eſtando neſte conflicto, chegou o galeaõ de Antonio Cabral, que ſempre ſeguio os faroes, e como a eſcuridaõ da noite era grande, e naõ pode differençar as nàos, com aquella furia com que hia, poz a proa no galeaõ de Pero Lopes Rabello, cuidando que a punha na nào dos Mouros, e com a pancada foy virando, e ficou atraveſſado por popa de ambas as nàos, em que havia tamanho rumor, e rugido das armas, que parecia huma batalha de grandes exercitos. O galeaõ de Antonio Cabral ao traveſſar que fez por popa dos outros, teve tal acordo hum ſoldado por nome Manoel da Coſta, que eſtava ſobre o bordo do galeaõ, que co a eſpada cortou as cordas do leme da nào dos Mouros (porque ſe governaõ todas com huns aldropes pelas ilhargas pela banda de fóra) com o que o leme ficou deſgovernado, a que os Mouros acodiraõ pela tornar a preparar, e entre tanto trabalhàraõ pera verem ſe ſe podiaõ deſaferrar, e ſahirem-ſe pera fóra, pera o que andavaõ co as eſcotas do traquete, mas ficoulhes tudo em vaõ. Porque como eſtavaõ atracados, naõ ſe podiaõ deſviar pera nenhuma parte. Jà neſte tempo era o fogo tanto no galeaõ de Pero Lopes Rabello, que foy neceſſario a Antonio Cabral lançarſe nelle com alguns companheiros, pera que o ajudaſſem a apagar; porque chegou a couſa a eſtado, que largàraõ os noſſos as armas pera acodirem ao fogo. Com iſto tiveraõ os Mouros lugar de ſe deſafferrarem, deixando os noſſos galeoens ambos abordados, dando tamanhas pancadas, que ſe desfaziaõ, e a revolta era tamanha nelles, que ſe naõ entendiaõ. Porque huns acodiaõ ao fogo, porque os naõ abrazaſſe, outros a ſe deſafferrarem por ſe naõ fazerem em pedaços, de ſorte que tudo era huma confuſaõ. A nào dos Mouros como hia jà afaſtada, tomoulhe o traquete vento, mas faltandolhe o leme, deu huma volta em roda, e tornou a cahir ſobre os galeoens com a proa onde dantes tinha a popa. E poſto que os noſſos eſtavaõ naquelle grande conflicto, e trabalho, em que tratavaõ de apagar o fogo, em que o galeaõ eſtava ateado, vendo outra vez a nào dos Mouros ſobre elles, lançà-

lançàraõlhe tanto fogo dentro, que a abrazàraõ em chammas, ateando-ſelhe pelas velas, e enxarceas com tanta braveza, q̃ era eſpanto. E foy o fogo creſcendo de feiçaõ, que ſe ateou no galeaõ de Pero Lopes ſem os noſſos o poderem apagar, onde ſe foy acendendo com tanta furia, que ſem lhe poderem valer, começou a arder juntamente com a nào. Pelo que foy forçado a Antonio Cabral mandar cortar as rajeiras ao ſeu galeaõ, porque naõ ardeſſem todos, e pereceſſem.

Vendo-ſe Pero Lopes Rabello perdido, e o ſeu galeaõ ſem remedio, paſſou-ſe ao de Antonio Cabral com os que puderaõ, por ſer a preſſa tamanha, que muitos ſe lançàraõ ao mar, porque ſe naõ queimaſſem, ficando o galeaõ de Pero Lopes, e a nào dos Mouros ardendo jà em labaredas. Os Mouros vendo-ſe tambem perdidos, lançàraõ-ſe ao batel, e os que nelle couberaõ foraõ-ſe acolhendo, e todos os mais ficàraõ pelo mar, a que ſe lançàraõ, porque a nào era jà toda fogo. Tanto que Pero Lopes Rabello ſe vio afaſtado, meteo-ſe no batel de Antonio Cabral, e foy recolher os ſeus ſoldados, que andavaõ pelo mar, a que ſe tinhaõ lançado, e de paſſagem foraõ matando, e cativando todos os Turcos, que achou a nado, e antre eſtes que recolheo, foy hum com ſete eſpingardadas, que logo morreo.

Feito iſto recolheo Antonio Cabral a Pero Lopes Rabello na ſua camera, e lhe deu ametade de toda a ſua roupa, e o meſmo fizeraõ os ſeus ſoldados aos outros de Pero Lopes: porque naõ ſalvàraõ mais que o que tinhaõ nos corpos. A eſte tempo chegou o Capitaõ mòr, que vio arder aquellas duas nàos com tamanho terremoto, e eſtrondo, que parecia queimarſe huma grande Cidade: porque co a eſcuridaõ da noite cauſava aquelle fogo muito grande eſpanto, e temor. E vendo hum ſó galeaõ afaſtado chegou à fala, e ſoube ſer Antonio Cabral, e do deſaſtre de Pero Lopes Rabello, que ſentio em extremo, e deixou-ſe ficar bordejando atè amanhecer, que ſe deſcobriraõ a náo, e o galeaõ conſumidos atè o lume da agua.

Eſtando aſſim vendo aquelle miſeravel eſpectaculo, appareceo outra náo, e dando às velas a foraõ ſeguindo, deixando as outras entregues ao fogo de tudo conſumidor. E ſe ſe deixàraõ ficar atè ſe elle acabar, por ſem duvid aſe tem que do poraõ da dos Mouros ſe pudera tirar muito ouro, prata, e outras fazendas, que lá embaixo trazia, a que o fogo não podia chegar: mas a golodice, e cubiça da outra náo que viraõ, cuidando tella nas mãos, lhes fez deixar tudo, e hir forçando as velas, tanto que a alcançáraõ ſobre a tarde, e ſendo a tiro de bombarda, lhe atirou o Capitaõ mòr a amainar, o que ella fez, e foraõ os noſſos galeoens preparando hum cabo pera lhe lançarem, e por cuidar o Capitaõ mòr que a tinha ſegura, mandou amainar as velas do ſeu galeaõ. E foraõ os ſeus Officiaes taõ deſcuidados, que ao deitar do cabo ficáraõ por gilavento da náo ſem o cabo a prender. Vendo os Mouros os noſſos no tomar das velas taõ embaraçados, e que o galeaõ lhe hia ficando por popa, naõ perdendo o acordo alçáraõ depreſſa as velas, e foraõ preparando a nào, e metendo de lò tudo o que puderaõ por tomarem o balravento aos noſſos navios, que deixáraõ amainados; e quando acodiraõ a dar á vela pera ſeguirem a náo, hia ella já taõ alongada, e deſviada delles, que houveraõ por eſcuzado ſeguilla, o que todavia fizeraõ atè anoitecer, que ella mudou o rumo, e ſe foy ſeu caminho. Os noſſos ao outro dia pela manhãa ao ſahir do Sol mandáraõ deſcobrir o mar, e já o não viraõ: pelo que ſe fizeraõ na volta da boca do Eſtreito, e a monte de Felix andáraõ eſperando as náos que haviaõ de vir demandar aquella paragem, aonde os navios de remo foraõ ter com elles: porque naõ puderaõ aturar as náos. E em quanto alli eſtiveraõ (que foy mais de hũ mez) houveraõ viſta de mais de cincoenta náos por vezes ſem lhe

lhe poderem chegar. Porque como elles eſtavaõ á terra, e ellas vinhaõ de mar em fóra enfunadas, naõ foy poſſivel chegaremlhe, nem ſeguirem-nas pera dentro, por ſe naõ meterem com ellas no Eſtreito a riſco de ſe perderem. E ſendo o tempo já gaſtado, ſe recolhèraõ pera Ormuz, onde levavaõ por regimẽto foſſem invernar, pera virem dando guarda ás náos, q̃ haviaõ de hir a Goa.

CAPITULO IV.

Do que mais ſuccedeo nas guerras dantre Abexins, e Mouros. E do grande ſoccorro dos Turcos que entrou em Baroá. E do que o Emperador paſſou com os Portuguezes.

ATraz temos deixado o Barnagais proſeguindo na guerra contra os Mouros, de quem tinha havido algumas vitorias; o que lhe deu ouſadia pera hir acometer o Baxà, que eſtava em Baroà, em hum forte de pedra, e barro, com as coſtas em huma ſerra muy ingreme, e por diante como cava huma fermoſa ribeira, que trazia tanto peſcado, que podia ſuſtentar muita gente em hum prolongado cerco. E pera iſto mandou chamar ſeu pay Radiaſgana, homem velho, grande cavalleiro, e de muito bom conſelho, que trouxe comſigo hum eſquadraõ de humas gentes, que ſe chamaõ Tigares, grandes ladroens, e juntos ambos foraõ cercar o Baxá no forte: e em ſua companhia foy Diogo de Alvellos com alguns Portuguezes; com cujo conſelho o Barnagais fazia todas as couſas. E como naõ tinhaõ artelharia, naõ puderaõ fazer mais que defenderlhes os mantimentos, no que puſeraõ toda a diligencia. E eſtando aſſim as couſas, entráraõ pela tenda do Barnagais tres arrenegados, que vinhaõ fogindo da fortaleza, hum chamado Alexandre, Calabrez de naçaõ, outro Joaõ Maria, Genovez; e o terceiro Ungaro de naçaõ; e ſe offerecèraõ ao Barnagais, a lhe darem ordem pera tomar a fortaleza, fazendolhe o negocio facil, e dandolhe relaçaõ de tudo o que antre os Turcos paſſava, que o Barnagais eſtimou muito, e os agaſalhou, e todavia com os olhos nelles: e logo ſe poz em feiçaõ de acometer a fortaleza, pela ordem que os fogidos lhe deraõ: pera o que mandou fazer muitas haſteas groſſas, como de chuças, com ferros de arados, e outros petrechos que lhes mais parecèraõ; e o dia do aſſalto repartio toda ſua gente em duas partes, elle com a ſua, e ſeu pay cõ os Tigares: e no quarto dalva cometeraõ a fortaleza por duas partes com aquellas chuças de ferros de arados, e começáraõ a desfazer as paredes muito facilmente, porque eraõ de pedra, e barro; e por alguns portilhoens q̃ fizeraõ entràraõ dentro, e matáraõ muitos dos Turcos, que ſe lhes puzeraõ em defenſaõ, e o Baxâ com os mais ſe recolheraõ a hum caſtello, que tinhaõ ſobre a Rocha. Os Tigares da companhia do pay do Barnagais, como eraõ ladroens, logo ſe meteraõ pelas caſas a roubar, e a carregar de fato, e ainda ſobre elle vieraõ a pelejar huns com os outros. O Turco que eſtava no caſtello, vendo aquella occaſiaõ, ſahio com quinhentos Turcos, e deu nelles com tanta preſſa, que primeiro que acodiſſem âs armas matou muitos, e o pay do Barnagais eſcapou de ſuas mãos bem mal tratado, e com eſta vitoria foy demandar o Barnagais, que cõmo era cavalleiro, mandou pôr o fogo a todo o fato, e às caſas, e ajuntando a gente que pode em hum batalhaõ, ſe foy ſahindo da fortaleza, pelejando muito valeroſamente, e muito a ſeu ſalvo ſe foy recolhendo a ſeu arrayal, e o levantou logo muito apaixonado contra o pay por naõ prover na deſordem dos ſeus.

Neſte meſmo tempo chegou a Maçuà hum genro do Baxà que lhe vinha de ſoccorro, com oitocentos de cavallo e mil de pè, e meyo conto de ouro em moeda com muitas muniçoens, e petre-

chos que o Turco mandava, pera lhe correrem com a conquiſta daquelle Imperio, porque o pretendia ſenhorear todo, e logo ſe foy ajuntar com o ſogro, que eſtava em Baroà, com aquella vitoria havida dos Tigares. Eſtas novas chegàraõ à Corte do Emperador, que metèraõ em todos grande temor, e eſpanto, e o Emperador ſe preparou pera acodir àquelle negocio em peſſoa, e começou a ajuntar gente, e petrechos. E como era muito dado a ſuperſtiçoens de feitiços, e agouros, parece que mandou por alguns Aruſpices, e feiticeiros conſultar o demonio ſobre o que lhe ſuccederia naquella jornada, do que lhe elles naõ deraõ boas eſperanças, affirmandolhe „ que lhe naõ convinha co- „ meter aquelle negocio, e que deixaſ- „ ſe os Turcos, porque humas gentes „ ſem nome os haviaõ de desbaratar de „ todo. Com iſto ſe deixou o Emperador ficar, ſem dizer a ninguem a cauſa, o que os noſſos Portuguezes ſentiraõ muito, porque viaõ eſtar aquelle Eſtado em grande riſco, e elles de ſerem todos cativos com ſuas mulheres, e filhos.

E ajuntando-ſe aquelles que foraõ em companhia do Biſpo, que eraõ Antonio de Goes, Jorge Vaz, Jorge Carneiro, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Franciſco Dias Machado, e Gonçalo Soares Cardim, hum dia depois de cea tomàraõ hum tambor, ceſtros, e pandeiros, com ſuas eſpadas nas cintas, e rodelas lançadas ſobre as coſtas, e as eſpingardas cevadas, e aſſim chegàraõ acerca das tendas do Emperador, e começàraõ a foliar, e a cantar muito alto, e aſſim foliando com grande eſtrondo foraõ entrando pelas portas, que os porteiros lhes largàraõ. O Emperador ouvindo a matinada ſahio fóra com a Rainha, e ſuas Damas, e mais de trinta tochas aceſas, e paràraõ a ouvir a folia, que os noſſos hiaõ continuando, e o que cantavaõ era iſto.

Viva o Rey de Preſte Joaõ,
Que pera os Turcos he hum leaõ.

E acabando a folia, deſparàraõ as eſpingardas. E chegando ao Emperador lhe diſſeraõ que mandaſſe abater as tendas, e foſſe contra os Turcos, porque elles ſós baſtavaõ pera os deſtruirem diante delle, e levando das eſpadas com aquelle fervor começàraõ a eſgrimir com muita ligeireza. A Rainha, e as Damas eſtavaõ como paſmadas de ver aquillo, que foy couſa que muito eſtimàraõ, e diſſeraõ humas pera as outras, iſto ſaõ Anjos, e naõ homens. A eſta matinada ſe alvoroçou todo o arrayal, e acodindo às tendas do Emperador entràraõ todos os Portuguezes dentro, e vendo andar os outros naquella batalha, deulhes o furor, e levando das eſpadas fizeraõ o meſmo. E depois ſe foraõ ao Emperador, e ſe lhes offerecèraõ pera morrerem diante delle em defenſaõ de ſeu Reino. O Emperador que eſtava muito contente de ver aquillo, diſſe contra os Portuguezes antigos: „ Eſte dia naõ era voſ- „ ſo, ſe naõ deſtes noveis (pelos que „ vieraõ com o Biſpo) e por certo tenho, „ que todos ſois meus amigos. E logo mandou trazer quatro garrafas criſtallinas de collos altos cheas de vinho, e algumas conſervas, com que os convidou, e os mandou repouzar.

Mas como o Emperador eſtava medroſo do que lhe os feiticeiros tinhaõ dito, naõ ouſava a ſe abalar: antes hum dia depois diſto entrou na tenda do Biſpo Xumo Cafalou, caſado com huma irmãa da Rainha, e lhe pedio deſpejaſſe todos, e ficando ſós lhe diſſe „ co- „ mo os Turcos vinhaõ muito podero- „ ſos, que pedia lhe diſſeſſe o que ſeria „ do Emperador ſe foſſe áquella jornada (Porque tem os Abexins por coſtume perguntarem a ſeus Prelados pelos ſucceſſos das couſas) O Biſpo vendo aquelle deſpropoſito, tomou huma vara que tinha na mão, e a poz com a ponta no chaõ direita, e diſſe contra o Cafalou: „ Vès eſta vara aſſim direita, eu a „ largo, ſe cahir, morrerà o Emperador „ na guerra; e ſe ficar em pè, vencerà: e largando-a o Biſpo cahio no chaõ, de

que

que Xumo Cafalou ficou triſte, e o Biſpo muito rozado. Poucos dias depois diſto mandou o Emperador chamar todos os Portuguezes, e eſtando elles defóra das tendas, abaixou hum pano da cerca, e ficou deſcuberto atè os peitos, e falando com os noſſos, com os olhos cheyos de lagrimas lhes diſſe eſtas palavras.

„ Coitados de vòs depois que eu „ morrer. Os noſſos ouvindo iſto levà„ raõ das eſpadas, e diſſeraõ; primeiro „ todos morreremos diante de V. Majeſ„ tade, e deſtruiremos os Turcos noſ„ ſos imigos. E proſeguindo o Empera„ dor a pratica, diſſe. Sabey que ſou „ com voſoutros como gallinha com os „ filhos, que quando vem o milhano, „ os recolhe debaixo de ſuas azas. Em „ Ethiopia naõ tendes ſe naõ a mim por „ amigo, todos vos querem mal, acon„ ſelho-vos que ſejais como linhas jun„ tas, que quando eſtaõ unidas fazem „ hum cordaõ com que prendem hum „ leaõ, e apartadas qualquer couſa as „ desfaz; digo-vos iſto, porque tenho „ pouca vida. Iſto diſſe eſte Emperador, porque depois que ſeu pay faleceo, e que elle ſuccedeo no Reino, os mòres deſgoſtos que teve com ſua mãy, e com os Grandes foy, por naõ querer degradar os Portuguezes pera eſſes ſertoens da Ethiopia, donde naõ pudeſſem ter cõmunicaçaõ com o mar, nem recado da India: porque eſtando o pay pera morrer lhos encomendou muito, e lhe poz pena de ſua maldiçaõ, ſe os naõ amaſſe como irmãos, e ſe naõ gratificaſſe a El-Rey de Portugal ſeu pay (com lhe dar ametade do ſeu Reino, ſe o quizeſſe) os grandes beneficios que delle recebera: porque ſe lhe naõ mandàra o ſoccorro por D. Chriſtovaõ da Gama (como fica dito no Capitulo undecimo, do ſetimo livro da quinta Decada) ſem duvida ſe perdera aquelle Imperio. Os noſſos que viraõ o Emperador taõ triſte, e melancolizado, lhe diſſeraõ muitas couſas ſobre aquillo, e ſe recolheraõ. E nòs o faremos por hum pouco, porque temos muitas couſas com q̃ continuar, e depois a ſeu tempo tornaremos a eſtas.

CAPITULO V.

De huma breve relaçaõ das couſas do Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè, de ſua morte, e milagres. E das grandes maravilhas de huma pedra que ſe achou no lugar em que o matàraõ. E de huns padroens, que os Reys daquelle tempo paſſáraõ de rendas pera a Igreja que alli fez.

POrque naõ he bem que paſſemos pelas couſas que neſte tempo acontecèraõ na Caſa do glorioſo Apoſtolo S. Thomè, Padroeiro da India, faremos dellas huma breve relaçaõ pera gloria de Deos noſſo Senhor, louvor do ſeu ſervo, e edificaçaõ noſſa. Florecendo, e hindo cada dia em grande creſcimento os milagres deſte Santo Apoſtolo na Cidade Meliapor, que agora ſe chama S. Thomè, onde os Portuguezes tem huma muito fermoſa, e proſpera Colonia, de que jà algumas vezes falàmos. Succedeo o anno de 47. quererem os moradores com o Vigario da Caſa do Santo Apoſtolo alevantar a Ermida do monte grande, que tinha cahido ſeis, ou ſete vezes, e havia muitos annos eſtava no chaõ, por ſer o principal lugar, e Oratorio onde o Santo coſtumava hir orar, e onde foy acabar ſua vida glorioſa. E porque o lugar, e modo de ſua morte andaõ eſcritos confuſamente, diremos aqui a verdade diſto, conforme as muitas diligencias que ſobre iſſo fazemos, e a opiniaõ géral que corre entre os Gentios antigos daquella Cidade, em cuja memoria lhe ficou quaſi como tradiçaõ antiga pelo que ouviraõ a ſeus pays, e avòs.

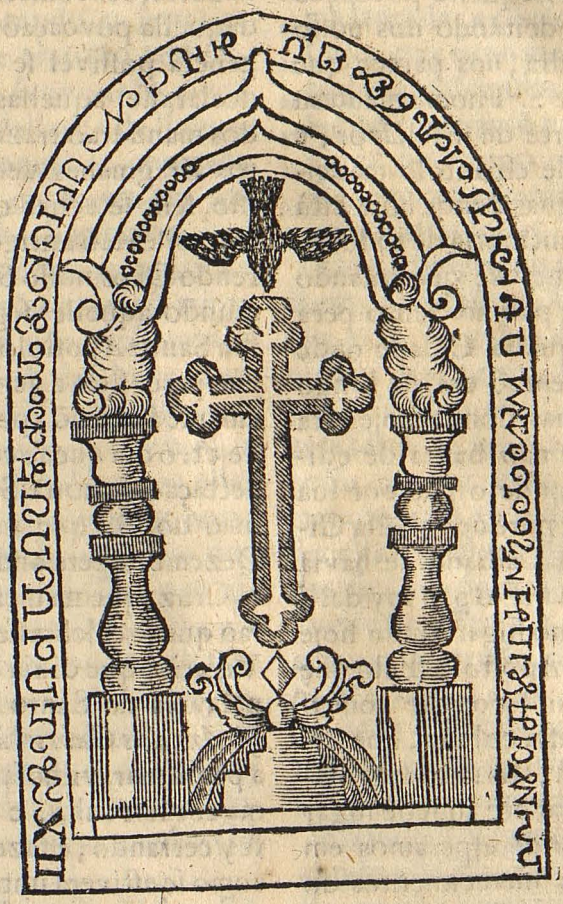
Coſtumava o Santo Apoſtolo ſahirſe da povoaçaõ, onde ordinariamente gaſtava a mòr parte do tempo na converſaõ das gentes, e hirſe a orar a hum monte afaſtado quaſi huma legua da Cidade,

que naquelle tempo ſe chamava Antenodur, onde tinha dous Oratorios: hum logo na entrada do monte onde agora eſtaõ os Padres da Companhia, que ſe agora chama o Monte pequeno, que era huma pequena furna cavada em huma rocha viva, em que tinha feito na meſma pedra hum pequeno Altar, onde devia de ter algũa Cruz, ou Retabolo. E o outro Oratorio era mais acima onde agora chamaõ o Monte grande, e onde eſtà a Caſa de noſſa Senhora, de que logo falaremos, que ſerà de hum ao outro diſtancia de pouco mais de hum tiro de berço. E eſtando hum dia o Santo Apoſtolo em o Oratorio debaixo afervorado em Oraçaõ, vieraõ os Bragmanes, que andavaõ jà conjurados contra elle, por naõ poderem ſofrer ſua rara virtude, e exemplo de vida, com que todos andavaõ deſacreditados diante do Rey, e ſentindo-o dentro na lapa, foraõ ſe por huma ilharga onde tinha huma pequena freſta, que fizera pera claridade, e eſpreitando-o por ella o viraõ eſtar de joelhos, com os olhos fechados em hum rapto taõ profundo, que parecia morto, e metendo a lança pela freſta, lhe deraõ huma lançada. O lugar certo por onde foy, ſe naõ tem averiguado, ainda que todos concordaõ que foy por huma ilharga. E foy ella com tanta força, que parece que ao acordar do Santo, e ao bullir do corpo, quebrou o ferro acima do alvado quaſi meyo palmo, e ao gemido que o Santo deu com a dor, foraõ todos fogindo, e elle com aquellas anſias da morte ſe ſahio pela porta fóra, e tomou o caminho do Monte grande, aonde tinha o principal Oratorio, e onde eu preſumo que eſtariaõ ſeus diſcipulos, e que os hiria o Santo buſcar pera o remediarem. Mas como hia mortalmente ferido, chegando à Ermida ſe abraçou com hum Retabolo de pedra em que tinha hũa Cruz, e alli encomendando ſua alma a ſeu Meſtre, ſahiria daquelle ſantiſſimo corpo a gozar daquellas bemaventuranças eternas, e daquellas cadeiras de gloria, que Deos tinha aparelhadas pera ſeus Santos Apoſtolos, em que appareceraõ no ultimo juizo pera juizes das gentes. Os diſcipulos do Santo depois de chorarem ſua morte, e apartameto, levàraõ-no a enterrar na Capella que na povoaçaõ tinha feita daquelle monſtruoſo madeiro, que ainda hoje eſtà em pè na meſma fórma. E co elle enterràraõ huma grande panella de barro, em que recolheraõ todo aquelle ſacratiſſimo ſangue, e ferro da lança, que ſe achou aſſim quando no anno de 23. deſcobriraõ a ſepultura, e corpo do Santo Apoſtolo o Capitaõ Manoel de Faria, e o Padre Penteado, que ElRey D. Manoel de glorioſa memoria mandou a eſte negocio, pera ſaber a verdade do corpo do Santo Apoſtolo, como ſe verà melhor na terceira Decada de Joaõ de Barros, e em outras partes das minhas.

Em fim tornando a noſſo propoſito, a Ermida em que o Santo foy morrer no Monte acima, foy ſempre renovada por ſeus diſcipulos em quanto viveraõ, e depois pelos Chriſtãos, que ſempre alli ficàraõ atè que o tempo veyo a apagar tudo. E todavia depois que entràmos na India ſempre os Reys Catholicos de Portugal mandàraõ ter muita conta com eſta Caſa, que foy muitas vezes renovada, mas de feiçaõ, que por tempos tornou a cahir, como eſteve atè o anno de 47. em que os moradores com o Vigario da Caſa tratàraõ de a alevantar de feiçaõ, que naõ cahiſſe por muitos tempos. E pondo as mãos na obra, abrindo os antigos aliceſſes, a huma terça feira, achàraõ nelles huma pedra de maravilhoſa feiçaõ de cor parda clara, de quatro palmos de alto, e tres de largo, e nella feito de meyo relevo hum portal ao modo Gotico, e no meyo huma Cruz da feiçaõ das de Aviz, e em cima na cabeça huma Pomba, aſſim como ſe pinta quando o Eſpirito Santo appareceo à Senhora, e aos Apoſtolos. E no circuito do portal tinha humas letras

de

de taõ antigos caractères, q̃ naõ houve em toda aquella Cidade quem as conheceſſe, e a pedra por dentro, e meyo della tinha hũas manchas como de ſangue. E parecendo a todos que aquella pedra era milagroſa, a levàraõ com grande veneraçaõ pera a Igreja da Cidade em quanto hiaõ com a obra por diante, com determinaçaõ de a mudar pera aquella caſa. E a feiçaõ da pedra he a ſeguinte.



E deſta feiçaõ ſaõ todas as Cruzes, que o Santo Apoſtolo mandou fazer em todas as partes. E ainda hoje ſe vem na ſua Igreja, e Capella, e no Oratorio do Mõte pequeno, e em algumas colunas donde ha pouco tempo trouxeraõ huma pera o Convento de S. Franciſco de Goa, que os Padres tem em huma Capellinha na craſta, que abriraõ pela cabeça, e lhe fizeraõ hum vaõ com hum eſpelho, onde tem metido hum pedaço do ferro da lança, com que matáraõ o Santo Apoſtolo. E eſta coluna he ao modo oitavado da cor da meſma pedra do milagre; ſe naõ quanto he no tacto mais aſpera, e no meyo della tem hum pequeno portal entalhado na meſma pedra, e no meyo hũa Cruz como eſta. Outra coluna eſtà na povoaçaõ de Negapataõ metida no chaõ com varoens de ferro por ſe receārem os Gentios que os Portuguezes lha tomem: e pera ſe mais ſegurarem a recolheraõ pera junto de hum ſeu pagode de muita veneraçaõ, e a cercáraõ à roda de parede, ficando alli em hum pateo. Tem eſta coluna hum gallo talhado na pedra de huma parte, e da outra huma corda, e huma vela: e anda de boca em boca das gentes de muitas centenas de annos a eſta parte, que eſta coluna viera pelo mar huma noite, e que aquella vela vinha aceſa, e viſta por huns peſcadores aquella claridade, foraõ ver o que era, e acháraõ aquella pedra milagroſa, que

por cima da agua hia pera a terra atè encalhar nella. E dando rebate ao Gentio acodio todo à praya, e achando aquella maravilhoſa coluna, levaraõ-na com muita veneraçaõ pera junto daquelle pagode, temendo-ſe ſempre depois que os noſſos entráraõ naquella povoaçaõ de lha tomarem. E deitando nòs noſſo juizo ſobre eſta pedra, nos parece que foy das colunas, que S. Thomè mandou pòr em alguma parte de Meliapòr, e aonde achou aquelle eſpantoſo madeiro, que era doze leguas donde hoje eſtà ſua caſa: e anda em memoria de todos os Gentios de avòs a netos, que quando ElRey dera aquelle pào ao Santo pera fazer huma caſa naquella Cidade onde o pàc ſe achou, que entaõ era ao longo do mar, e doze leguas donde hoje eſtà ſua caſa, diſſera que naõ havia de edificar templo ſe naõ onde o pào por ſua vontade foſſe parar, porque aquella Cidade, e muitas leguas adiante ſe havia ainda de cubrir de mar. E o pào foy dalli a doze leguas parar no lugar onde hoje eſtà a caſa do Santo Apoſtolo. Pelo que nos parece que quando o mar comeo toda aquella terra, eſta coluna, que eſtaria naquella parte, ſeria milagroſamente levada pelo mar atè aquelle lugar onde hoje eſtà. E onde eſperamos em noſſo Senhor pelos merecimentos do ſeu Santo Apoſtolo, que havemos ainda de ver huma muito proſpera Cidade, chea, e povoada toda de Chriſtãos, e que aquelle pagode, onde aquella coluna eſtà, ha de ſer ainda convertido em hum muito fermoſo Templo, em que Deos noſſo Senhor ſeja honrado, e venerado.

E tornando a noſſo fio da pedra do milagre, acabada a Ermida, que dedicáraõ a noſſa Senhora do Monte, paſſáraõ pera ellà a pedra com grandes feſtas, e regozijos, e a puzeraõ ſobre o Altar, e mandàraõ fazer hum auto do modo de como ſe achou, e mandàraõ tirar a fórma, e debuxo della, que ſe levou a ElRey D. Joaõ, que a eſtimou muito, e encomendou por ſuas cartas ao Governador D. Duarte de Menezes, q̃ trabalhaſſe muito por ſe buſcar quem declaraſſe as letras pera por ellas ſaberem a certeza daquella pedra. E pela inſtancia, com que ElRey encomendou eſte negocio, trabalhàraõ todos os Governadores, e encomendàraõ aos Capitaens daquella povoaçaõ que com toda a diligencia poſſivel ſe buſcaſſe peſſoa que declaraſſe aquellas letras. E aſſim todos mandàraõ trazer deſſe ſertaõ a muitos Bragmanes velhos, e doutos pera iſſo, ſem ſe achar quem tiveſſe noticia daquelles taõ antigos caractères. E querendo Deos noſſo Senhor moſtrar jà ao mundo aquelle ſegredo por honra do ſeu Santo Apoſtolo, pera que os homens naõ perdeſſem a veneraçaõ, e acatamẽto em que a tinhaõ, permittio que o anno de 51. o dia que ſe celebra a feſta da Expectaçaõ de noſſa Senhora, a que chamaõ do O, que cahe ſempre a 18. de Dezembro, pera onde mudàraõ a da Santa Cruz, que na meſma Ermida ordenàraõ que ſe celebraſſe, em começando o Vigario, que dizia a Miſſa, as primeiras palavras do Santo Evangelho, *Miſſus eſt Angelus Gabriel à Deo, &c.* começou a pedra maravilhoſa a ſe mudar de huma cor ferrenha, e pouco, e pouco ſe foy cerrando, e fazendo preta, e luſidia como ſe eſtivera untada de oleo, e logo tornou outra vez à ſua cor natural, e começou a ſuar gottas de agua. E a huma parte, onde eſtavaõ mais claras as manchas de ſangue, ſe moſtrou muito fermoſa, e roſada.

Eſtes effeitos foraõ viſtos de todo aquelle povo, que começou a engrandecer, e louvar em altas vozes ao altiſſimo Deos, e a ſeu Santo Apoſtolo, porque lhe quizera moſtrar a virtude daquella pedra. E eſtas meſmas maravilhas, e milagroſos ſinaes ſe viraõ depois no meſmo dia certos annos, ainda que interpolados atè o paſſado de 61. em que ſendo Capitaõ daquella povoaçaõ Pero de Taide Inferno, e Vigario daquella caſa o Padre Gaſpar Coelho, que trabalhàraõ todo o poſſivel por deſcobrir

cobrir quem declaraſſe as letras daquella pedra: atè que lhe trouxeraõ do Reino Canará hum Bragmane muito antigo, e muito douto na ſeita dos Bragmanes, e nas letras antigas de ſuas eſcrituras, que pela fama que delle tiveraõ, o mandàraõ buſcar. E moſtrandolhe a pedra, vendo-a, e notando as letras as conheceo, e diſſe que eraõ tão antigas, que jà ſe naõ uſavão. E que erão cinco ſortes, e differenças dellas, e de lingua. E que cada letra daquellas continha vinte, ou mais letras, conforme aos antigos Geroglificos dos Egypcios, que punha huma letra por huma parte, e eſta por muitas. E que as letras eraõ trinta e ſeis com tres pontos, que tambem ſignificavaõ ſuas partes. E dandolhe juramento conforme à ſua ley, com ſuas ceremonias acoſtumadas, pera que bem, e verdadeiramente declaraſſe o que ellas diziaõ, ſe ſubio em alto pera as notar bem, e as foy eſcrevendo nas letras que entaõ ſe coſtumavaõ antre elles, que affirmava ſerem mais de ſetecentas, e pondo-as em ſua ordem com muito tento, e vagar, e depois as foy interpretando por hum experto lingua, e hum Tabelliaõ do publico Judicial as foy tomando em ſua lembrança pera as lançar em ſuas notas, e o que continhão he o ſeguinte.

„ Em tempo do filho de ElRey Sa-
„ gad Gentio, que reinou trinta annos,
„ hum ſó, e verdadeiro Deos veyo à
„ terra, e tomou carne no ventre de hu-
„ ma Virgem, e tirou a ley dos Judeus,
„ de cujas mãos por ſua vontade tomou
„ caſtigo pelos peccados dos homens,
„ depois de andar no mundo trinta e
„ tres annos, e enſinar a doze criados a
„ verdade, que andou prègando. E
„ hum deſtes veyo a hum lugar chama-
„ do Majalle com hum pào na maõ, e
„ trouxe hum grande madeiro chamado
„ Bagad, que veyo pelo mar, de que fez
„ huma Igreja, com que toda a gente fol-
„ gava. Hum Rey de tres Coroas Che-
„ ralacone, Indalacone, Cuſpandiad, e
„ ElRey Alexandre do Reino Ertina-
„ barad com Catharina ſua filha, e mui-
„ tas Virgens, e ſeis generos de caſtas
„ por ſuas vontades tomàraõ a Ley de
„ Thomè, por ſer a da verdade, e elle
„ lhes deu o ſinal da Cruz pera adora-
„ rem. E elle ſubia ao lugar de Anteno-
„ dur, onde hum Bragmane lhe deu hu-
„ ma lançada, e elle ſe abraçou com eſta
„ Cruz, que ficou manchada de ſeu ſan-
„ gue, e os diſcipulos o levàraõ a Majal-
„ le, e o enterràraõ na ſua Igreja com a
„ lança no corpo. E porque nòs os
„ Reys acima nomeados vimos iſto, fi-
„ zemos eſtas letras.

Donde inferimos que todos aquelles Reys foraõ feitos Chriſtãos por elle, e que eraõ Regulos de differentes Provincias dalli perto, que ſe ajuntáraõ a ouvir ſua doutrina, e a ſe bautizarem pela fama de ſua vida. Eſte anno que noſſo Senhor quiz certificar áquelles moradores a virtude deſta pedra, naõ fez ella o ſinal acoſtumado, do que todos ficáraõ deſconſolados. Mas o ſeguinte de ſeſſenta e dous, em que andamos, querendo elle acabar de certificar a todos com mayores ſinaes da verdade daquella pedra, lhos manifeſtou o meſmo dia de noſſa Senhora do O, por eſta maneira.

Eſtando o Vigario Gaſpar Coelho dizendo a Miſſa, em começando o ſanto Evangelho, começou-ſe a cubrir a pedra de huma nuvem ſubtil, q̃ logo ſe desfez, e a viraõ hir mudando a cor, e mancharſe de preto, e cardeno, atè ficar aſſim toda de huma cor deſacoſtumada, e taõ luzidia como ſe eſtivera untada de oleo. E acabado o Evangelho ſe cubrio toda de hum ſuor, que parecia que orvalhava ſobre ella, o que durou toda a Miſſa. E acabando o Vigario de conſumir, ſubio-ſe em joelhos ſobre o Altar perante todo o povo, e com o ſanguinho, que tinha as cinco chagas lavradas de ſeda vermelha, alimpou aquelle humor de pedra, ficando o ſanguinho todo molhado, e com humas nodoas de huma agua vermelhaça como de lavaduras de carne freſca. E depois diſto antre as onze, e as doze

doze horas tornou a pedra a ſuar de feiçaõ, q̃ pela ponta de hum braço da Cruz eſtillava gotta, e gotta de agua, q̃ o Padre Vigario hia recolhendo no ſanguinho: o que durou por eſpaço de mea hora, que ſe tornou aquelle humor a reſolver, e a pedra ficou parda, clara, e gracioſa, e onde tinha as manchas de ſangue, ſe enxergou muito claro.

De tudo iſto ſe fez logo alli hum auto, em que ſe aſſinàraõ o Capitaõ, Vigario, e peſſoas principaes do povo, que ſe mandou ao Biſpo de Còchim D. Jorge Themudo, que de novo mandou tirar hum ſummario de teſtemunhas, de que foy Enqueredor o Vigario, e Eſcrivaõ Diogo Pereira, preſente o Capitaõ: de que o Padre Frey Duarte Chanoca, que foy Guardiaõ de S. Franciſco de Goa, e muito antes tinha ſido Guardiaõ da meſma Caſa de S. Thomè, nos deu o treslado.

E poſto que na interpretaçaõ das letras da pedra và alguma couſa deſviado de alguns que eſcreveraõ, conforme as informaçoens que tiveraõ, muito depois de mim, quero hir atado às que tivemos, e ás diligencias que fizemos como de preſente, e aos autos, e treſlados, que de S. Thomè nos mandàraõ. Porque quem os informou taõ mal, como foy em dizerem que no anno de 1552. entregáraõ o Padre Penteado, e o Padre Alonſo Cypriano ao Vigario, e Viſitador do Biſpo de Còchim o treſlado de humas doaçoens, que os antigos Reys concederaõ pera a Caſa do Santo Apoſtolo, que elle tambem recita muito deſviado dos meſmos treſlados que em noſſo poder eſtaõ, que logo abaixo poremos: ſendo certo que em Còchim nunca houve Biſpo ſe naõ o anno de 1559. em que veyo D. Jorge Themudo, que foy o primeiro que aquella Cidade teve, tambem o podia informar aſſim nas outras couſas.

E pois falamos neſta materia, naõ podemos deixar de nos queixar de alguns delles, por tomar da noſſa quinta Decada, que ha ſete, ou oito annos temos no Reino, o onzeno, e dozeno Capitulo, que toca na Religiaõ do Gentio da India enganos, e ſuperſtiçoes dos Bragmanes, que nos cuſtou infinito trabalho, e deſpeza da fazenda mandar trazer de ſuas meſmas eſcolas do Reino Badagà, e de hirmos em peſſoa ver o hoſpital dos paſſaros de Cambaya, e notar couſas, que os homens que là paſſaõ de differente profiſſaõ, naõ ſabem, ou naõ querem notar. Negando-nos a benevolencia que ſe deve no citar dos eſcritores, e mais quando nòs neſte Eſtado eſtamos eſcrevendo por authoridade da Mageſtade Real de ElRey D. Filippe. E quem quizer ver ſe me queixo com razaõ, lea os Capitulos atraz allegados, e o ſegundo, terceiro, e quarto Capitulo do ſexto livro da minha quinta Decada, que jà deve de eſtar impreſſa, ou muito perto de ſe imprimir, e verà ſe na mòr parte dos outros naõ vay pelas minhas proprias palavras, e particularidades, que eu ſó na India notey. E deixando eſta materia em que eu naõ hey de ficar em obrigaçaõ de reſtituiçaõ a ninguem, porque em todas as minhas Decadas dou o ſeu a ſeu dono, como pelo diſcurſo dellas ſe poderà muy bem ver.

Tornemos à noſſa ordem: jà que atraz nos penhoràmos com os padroens, ſerà bem darmos relaçaõ na realidade delles, porque ſervirà pera que vejamos a liberalidade daquelles Reys, naſcidos, e criados nas entranhas da gentilidade, que tiveraõ pera aquelle Templo do Santo Apoſtolo, e paſſa aſſim. O anno de 52. ſendo Vigario da Caſa do Apoſtolo S. Thomè o Padre Antonio Penteado, foy ter com elle hum Bragmane velho, e lhe diſſe. Que ſe lhe pagaſſe bem, elle lhe deſcobriria huns padroens que os Reys, ou do tempo, ou pouco depois do Apoſtolo S. Thomè, lhe paſſáraõ de terras, e rendas q̃ deraõ de eſmola pera a ſua Caſa, que lhe andavaõ ſonegadas, e eſtavaõ eſcondidas em parte que elle ſó ſabia. Vendo o Padre Antonio Penteado aquillo, concertou-ſe com elle em trezentos xerafins, que

que ajuntou pelos moradores, e os depositou em maõ de peſſoa abonada que lhos dèſſe, trazendo elle os padroens, que logo vieraõ. E eraõ tres taboas de metal de palmo de alto, e meyo de largo cada huma, feitas ao modo de como ſe pintaõ os eſcudos das Armas das linhagens, e todas tinhaõ de huma parte hum letreiro, e da outra huma Cruz, e hum Pavaõ. Diſto tomàraõ alguns motivo pera affirmar que a ave, que eſtà na ponta de cima da Cruz da pedra do milagre, era tambem Pavaõ, no que ſe enganáraõ. Porque neſtas taboas puzeraõ-ſe os Pavões como ſellos das Armas daquelles Reys: e o Santo naõ as havia de pòr na cabeça da Cruz. E na cabeça das taboas tinha cada hũa dellas huma argola por onde ſe penduravaõ. Vendo-as o Padre Vigario Antonio Penteado, moſtrou-as aos Gentios antigos como os da pedra da Cruz, ſobre o q̃ fizeraõ ſuas diligencias. E pela fama que havia de hum Bragmane douto nas terras do Canarà, o mandàraõ trazer, que vendo as taboas, conheceo as letras, e declarou-as ao Notario que eſcrevia, e o que continhaõ he o ſeguinte.

A primeira taboa dizia.

„ Em nome de Deos que fez o Ceo, „ e a terra, a que ſe não ſabe principio, „ nem fim, a quem me encomendo, e „ debaixo de cuja maõ eſtaõ o Sol, e as „ Eſtrellas, e tem poder pera cortar to„ do o mal. Eſte Senhor fez huma joya, „ que he ElRey noſſo Senhor, a quem „ deu poder neſte mundo pera fazer o „ que quizeſſe. Eſte Rey alumiaõ ſuas „ obras como Eſtrellas, em tempo que „ naſcèraõ as pedras precioſas, entaõ „ naſceo elle contra todos ſeus imigos, „ e pera favor, e amor dos bons, que tem „ muita caridade. O avò deſte Rey ſe „ chamava Atela Rajà, e ſeu pay Cam„ pella Rajà, e elle Boca Rajà, e tem „ dous filhos chamados hum Marapa, e „ outro Matapa. E eſte Rey he tamanho „ cavalleiro como huma alimaria, a que „ chamaõ Chigſaõ, que he Rey de to„ das, e he mayor que todo o outro „ Rey; e como hum dos cinco Reys „ que vencèraõ noventa e nove Reys, „ e que tem tanta força como hum dos „ oito Elefantes ſobre que o mundo „ eſtà. Eſte reina em ſeu Reino, e tem „ outros tres que tomou por armas, que „ ſaõ Otia, Tulcaõ, e o Canarà, e eſte „ he Rey, e Senhor dos Senhores, que „ ſeus imigos venceo, e fez em poſtas „ com ſua eſpada.

A ſegunda taboa continha o ſeguinte.

„ Paſſada a era de 1259. annos, no „ primeiro anno que ſe chama Icarrana „ Rachan, aos doze dias da lua nova do „ bom anno deu de eſmola Abidara „ Modeliar Santo pera a ſua Igreja as „ terras abaixo declaradas, que partem „ do Chandegari com Paliorcota, Co„ tur, e Meliapor, onde choveo terra, „ e foy deſpovoada, e eſte lugar de Me„ liapor parte com o Palepate; e com o „ de Cotur da banda do Nacente, e „ alèm do rio da banda do Sul, e da ou„ tra parte com o mar, e da do Norte „ com Frivanor. Entre eſtes lugares ha „ hum que ſe chama Urur, e outro Ca„ teparede, e outro Catetangul, e ou„ tro Perogum Rey, que he cabeça del„ les. E eſtes lhe dou Abedara Mode„ liar pera ajuda de alumiar a ſua caſa. E „ todos eſtes lhe dou com ſuas caſas, ſe„ menteiras, hortas, rios, aguas de pre„ zas, theſouros, rubîs, e todas as mais „ pedras precioſas, que ſe acharem por „ cima, e por baixo da terra, e todo o na„ vio, e couſas q̃ vierem de mar em fóra „ quebrar em ſeus termos, e toda a ma„ deira, e os direitos de alguma nào que „ alli carregar: tirando algum pedaço „ de terra, ſe antes diſto eſtiver dada a „ algum pagode. E eſtes lugares lhe dou „ jurando ſobre hum Pagode que ſe „ chama Ampiſiviri paſa de Verede: o „ que lhe dou em quanto o Sol, e lua „ durarem, pera que a ſua Igreja os te„ nha, e poſſua pera ſempre. E ao pè „ de tudo dizia. Em nome de Deos, e „ entaõ o ſinal de ElRey.

A terceira taboa dizia aſſim.

„ Eſte he o ſinal de eſmolas pera al„ cançar

„cançar o Paraiſo, e todos os Reys, „que o comprirem, alcançaràõ muitas „mais, e quem as desfizer, eſtarà ſeſ„ſenta mil annos no inferno com os bi„chos. Porque eſta eſmola, que faço „he pera ſempre, e pera todos os Reys „a comprirem, a quem o peço muito. Deſtes padroens infiro eu que as terras foraõ dadas ao meſmo Apoſtolo S. Thomè em ſua vida naquellas palavras da ſegunda taboa aonde diz. Dà de eſmola a Abedarrà Modeliar Santo pera a ſua Igreja. Porque ſe fora jà morto, e feita a eſmola a algum de ſeus diſcipulos, houvera de dizer que dava a eſmola pera a Igreja do Santo. E naquella dignidade de Modeliar porque o intitula, ſe pòde tambem conjecturar eſta verdade, e ainda mais em lhe chamar Santo, porque o titulo de Modeliar, era entaõ o mais honrado na Corte daquelles Reys. E o nome de Abedarrà porque o nomea, deve de ſer alguma excellencia ſua. E muitas duvidas que pòdem recrecer, como na era que nomeaõ da feitura das taboas, e dos nomes daquelles mezes pòdem deitar a culpa aos curioſos daquelle tempo, que naõ ſouberaõ perguntar por ellas. E poſto que nòs agora queiramos deſcobrir iſto, jà naõ devem de haver aquelles Bragmanes doutos, e antigos, como os que declaravaõ as letras da pedra do milagre, e dos padroens, porque as guerras, e o tempo tem conſumido, e gaſtado tudo.

Outras taboas como eſtas ſe acháraõ tambem no Reino de Cranganor de doaçoens que aquelles antigos Reys fizeraõ pera a Igreja, que os diſcipulos do Apoſtolo S. Thomè alli fundàraõ, de que jà dèmos relaçaõ no ſegundo Capitulo do primeiro livro deſta ſetima Decada. E porque nos naõ fique huma couſa muito pera notar, o faremos aqui de paſſagem, porque em outros lugares a relataremos mais de propoſito, e he. Que em quanto houve verdade, juſtiça, e pouca cubiça, e ſobre tudo Chriſtandade, moſtrava Deos noſſo Senhor neſta pedra as maravilhas que diſſemos pera gloria ſua, e honra de ſeu Santo; e o tinhaõ os caſados daquella povoaçaõ por taõ particular mercè de Deos, porque com aquelles ſinaes lhe entravaõ tantas enchentes de ſua miſericordia, que andavaõ com os olhos na pedra, e eſperavaõ aquelle deſejado dia como o de ſua ſalvaçaõ. E aſſim ſe lhe faltava algum anno, haviaõ-no pelo mòr caſtigo da vida: mas depois que na India entrou tanta cubiça, onzena, injuſtiça, e tanta outra couſa deſta qualidade, trocou Deos noſſo Senhor o ſinal de miſericordia em ſinal de caſtigo. Porque neſtes annos (e em outra parte diremos a certeza de quantos pera cà) o anno que a pedra moſtra aquelle maravilhoſo effeito, logo ſuccede na terra algum deſaſtre, ou perda notavel. E tem os homens jà iſto por taõ averiguado, que em ſe vendo o ſinal, logo eſperaõ por algum grande trabalho. E aſſim como de antes pediaõ a Deos lhes manifeſtaſſe na pedra o ſinal de ſua miſericordia, agora pedem lhe eſconda o de ſeu caſtigo.

CAPITULO VI.

Das mais couſas que acõtecèraõ na Ethiopia: e de como o Capitaõ Iſac ſe ajuntou com o Baxâ dos Turcos, e alevantàraõ outro Rey: e do que aquelle Emperador fez ſobre iſſo.

FIcàraõ as couſas da Ethiopia, deſte anno paſſado, naquella vitoria que o Emperador houve, contra o Capitaõ Iſac, e contra o Rey que elle tinha alevantado; e elle reconciliado com o Biſpo, e deſejoſo de o fazer com o Iſac, por eſcuſar mais perturbaçoens, e lhe mandou pera iſſo perdoens reaes, que elle naõ quiz aceitar; antes tratou de lhe fazer todo o dano que pudeſſe, pera o que ſe reformou, e tornou a ajuntar a ſi os Portuguezes, que com elle eſcapáraõ. Sabendo o Baxâ do Turco (que eſtava em Arquicò) eſtas couſas, parecendolhe que ſeria grande lanço ſanear-

ſe

se com o Isac, e fazerem ambos guerra àquelle Emperador, atè o destruirem de todo: porque depois lhe ficava melhor occasiaõ pera o que pretendia: e assim tratou isto por meyo de hum Mouro, Senhor da Ilha de Lacà, grande amigo deste Capitaõ Isac, que carteando-se com elle veyo aos conformar, e assentáraõ que se vissem ambos: e o Turco lhe mandou hum filho seu pera lhe ficar em refens, em quanto durasse a liga que faziaõ. E assim dia de S. Sebastiaõ passado se ajuntàraõ em huma ribeira seis leguas de Arquicò, levando o Isac só comsigo Francisco Jacome, e o Capitaõ Arabo; e nas vistas assentàraõ as amisades, e juràraõ de juntos, e confederados ambos fazerem guerra ao Emperador. E pera fazerem esta expediçaõ com alguma cor, assentàraõ que se alevantasse por Emperador hum menino de oito annos chamado Marcos, filho do Abiticon Acob, em que muitas vezes temos falado, que o Isac trazia comsigo, com sua mãy, e outro irmaõ bastardo chamado Fasalates, e huma irmãa, que o Isac casou com hum filho seu chamado Tagala Micael. E assim foy logo alevantado o moço, e lhe fizeraõ as ceremonias costumadas naquelle Imperio, e lhe puzeraõ nome Alefisegit, e o Baxà lhe deu logo alli algumas peças ricas, e cavallos fermosos, e logo ordenàraõ seu campo pera hirem buscar o Emperador Adamas Saget: e o Baxà negociou algumas peças de artelharia de campo pera a jornada. O Isac tomou comsigo o Emperador menino, e em sua companhia seu pay, e o Capitaõ Arabo com alguns Portuguezes, e toda a gente que puderaõ ajuntar, que naõ passou de cento de cavallo Abexins, e mil de pè, e o Baxà outra tanta gente. E com só este pouco poder começàraõ de caminhar pera onde estava o Emperador, que logo foy avisado da liga, e determinou de hir buscar os alevantados, pera o que ajuntou suas gentes, e se poz em campo pera hir buscar os imigos.

Vendo Affonso de França que tinha o Emperador necessidade de ajuda dos Portuguezes, pediolhe de mercè „ que mandasse soltar os que tinha pre- „ zos por favorecerem o Isac, promet- „ tendolhe que naquella jornada o ha- „ viaõ de servir com grande amor, e le- „ aldade. E que como os imigos sou- „ bessem que elle levava mais de cinco- „ enta Portuguezes, que se podiaõ ajun- „ tar, haviaõ de receallo muito. Mas o Emperador naõ lho quiz conceder, dizendolhe: „ Que naõ queria vitoria al- „ cançada com traidores, e que sem elles „ lha daria Deos. E logo se poz em campo com seiscentos de cavallo, e dez mil de pè, em que entravaõ duzentos de espingardas. E mandou buscar o Bispo, e Padres da Companhia pera os levar comsigo. E com este exercito começou de marchar atè se hir avisinhãdo com os imigos, com quem se encontrou em hum campo muito fermoso, onde assentou seu exercito, ficandolhe entre elles, e os imigos huma grande serra.

Tanto que o Baxà teve novas do Emperador, fortificou-se em hum tezo do monte, e prantou sua artelharia, e mandou espiar o campo do Emperador pelo pay do Isac, e Gonçalo Soares Cardim com mais quatro Turcos de cavallo em muito bons cavallos, que estiveraõ notando o modo de como o Emperador estava, e viraõ que se hia recolhendo pera hum campo, que ficava entre duas grandes serras, que naõ tinha mais q̃ huma só entrada muito estreita. E naquella retirada, que o Emperador fez, entendèraõ os que o foraõ espiar, que arreceava a batalha. Mas tambem o Gonçalo Soares Cardim naõ deixou de sentir medo nos Turcos: porque ouvio falar huns com os outros em sua lingua, que elle entendeo bem, e diziaõ: „ Que os Portuguezes naõ desbaratà- „ raõ ElRey Gradaamet em tempo de „ D. Christovaõ da Gama com muitos „ cavallos, se naõ com muito fogo: por- „ que differaõ os companheiros q̃ tra- „ zia o Emperador pouca gente de ca- „ vallo. E dando conta ao Baxà do que viraõ,

viraõ, que por ver tudo com o olho, cavalgou em hum fermoſo cavallo, e elle veſtido em hum roupaõ de borcado foy ver o campo do Emperador. E depois que notou o ſitio, diſſe ao Iſac que elle o deſalojaria muy depreſſa. O Gonçalo Soares Cardim, parecendolhe q̃ a parte dos Turcos eſtava muito de ventagem, perſuadio aos Portuguezes, que eſtavaõ co elle „ que ſe paſſaſſem pera o Empe- „ rador, a quem todos tinhaõ muita obri- „ gaçaõ, e em cuja companhia andava „ o ſeu Biſpo: mas nunca os pode dobrar, nem render a que o fizeſſem, e elle deixou de o fazer por ſer ſó. E todavia aviſou o Biſpo por huma carta de algumas couſas, que lhe levou hum Mouro que peitou pera iſſo: mas elle, nem os Padres a naõ quizeraõ tomar por ſe naõ fiarem do Mouro, nem ſaberem o ſobre que ſeria.

O Baxà pelo que notou do ſitio, em que ſe o Emperador recolheo, entendeo que o podia entrar, e logo ſe poz em ordem de o cometer. E ſubio à ſerra pelo meyo com muito trabalho por cauſa da artelharia, e depois de ſer em cima foy deſcendo atè ſe pôr embaixo, ficando ambos os exercitos naquellas eſtreituras. E no cabo da ſerra ſe fortificou, e prantou ſua artelharia. E ao outro dia, que foy a derradeira oitava da Paſcoa, começou a bater as eſtancias do Emperador com tamanho terror, e eſpanto, que os Abexins de medo ſe puzeraõ em desbarato, e o Emperador co elles, e no alcance foraõ os Turcos cativando muitos, e entre elles foraõ o Padre Manoel Fernandes Reitor da Companhia, e o Padre Gonçalo Cardoſo: o Biſpo, e o irmaõ Antonio Fernandes ſe ſalvàraõ milagroſamente, ficando tambem cativos os mais dos Portuguezes.

Acabado o alcance recolheo-ſe o Baxà com o Iſac aos alojamentos do Emperador, onde achàraõ muitas prezas, que tudo mandàraõ recolher, e levar às coſtas dos cativos. E hindo o Padre Reitor com hum folle de farinha às coſtas, e o Padre Gonçalo Cardoſo com huns pàos de huma tenda, deſpidos, e mal tratados com grande paciencia, e humildade, ſendo viſtos por Gonçalo Soares Cardim, foyſe logo ao Iſac, e Baxà, e pediolhos de mercè, que lhe elles concedèraõ, e com elles todos os mais Portuguezes cativos, e algumas mulheres.

Com eſta vitoria ficàraõ os Turcos taõ ſoberbos, que determinàraõ entrar pela terra dentro, ficando os noſſos algum tanto deſacreditados. Pelo q̃ nunca mais aquelles Emperadores ſe quizeraõ fiar delles, nem pedir mais ſoccorro de gente aos Viſoreys da India. E porque o que mais ſuccedeo neſte negocio he do tempo da oitava Decada, nella ſe verà, porque foy neceſſario pararmos aqui por ſeguirmos a ordem da hiſtoria.

CAPITULO VII.

Da Armada que eſte anno de ſeſſenta e dous partio do Reino, de que era Capitaõ mór D. Jorge Manoel. E das couſas em que o Conde Viſorey proveo. E de como D. Pedro de Souſa foy entrar na Capitanìa de Ormuz, e levou comſigo Babuxa, que foy ſucceder naquelle Reino. E das pazes que concedeo ao Camorim.

ANtes que o inverno ſe cerraſſe chegáraõ a Goa alguns Embaixadores do Camorim a viſitar de ſua parte o Conde, e a darlhe os parabens de ſua vinda: e a voltas diſſo a tratar de pazes, porque eſtava aborrecido das guerras pelas perdas, e danos, que dellas tinha recebido. E da meſma maneira vieraõ ao proprio negocio outros Embaixadores do Idalcan: porque era coſtume mandarem viſitar os Viſoreys novos. E como todos eſtes Mouros ſaõ ſagazes, queriaõ-nos apalpar, e ver o que nelles tinhaõ. E aſſim depois de Martim Affonſo de Souſa pera cà, que as terras de Salſete, e Bardes ſe deraõ à Coroa de Portugal, como diſſemos no Capitulo do livro da noſſa ſexta Decada, o princi-

principal requerimento ſeu depois da viſitaçaõ, era „ que lhe largaſſe as ter-„ ras, porque lhe naõ tinhaõ comprido „ o contrato com que as dera. O que „ tambem requerèraõ ao Conde eſtes „ Embaixadores. E à viſitaçaõ lhe reſ-pondeo em fórma ordinaria „ mas ao „ mais, que naquelle negocio naõ podia „ fazer nada ſem primeito dar conta „ delle a ElRey: e aſſim ficàraõ as couſas em comprimento de parte a parte.

Os Embaixadores do Camorim tratàraõ o negocio das pazes, ſobre o que o Viſorey ajuntou alguns Capitaens a conſelho, e antre elles ſe praticou algumas vezes, e pareceo aos mais „ que ſe „ lhe deviaõ conceder, e que foſſe o „ Conde Viſorey no veraõ ſeguinte a „ Còchim, e de paſſagem ſe viſſe com o „ Camorim, e com elle as aſſentaſſe, e „ juraſſe pera mòr ſegurança dellas, com o que o Viſorey deteve os Embaixadores em Goa onde foraõ bem apoſentados, e providos das couſas neceſſarias. Pera eſta jornada mandou o Conde Viſorey reformar toda a Armada, e ajuntar achegas pera ella, e eſcreveo às fortalezas do Norte ſua determinaçaõ: pera que os Fidalgos, e Cavalleiros que por ellas reſidiaõ o vieſſem acompanhar. No concerto, e apercebimento da Armada gaſtou o Conde todo o inverno, e nelle meteo de poſſe da Capitanìa de Goa a Lopo Vaz de Siqueyra, filho baſtardo de Diogo Lopes de Siqueyra Governador que foy da India, por acabar ſeu tempo D. Pedro de Menezes o Ruivo. E logo nos primeiros dias de Setembro ſurgiraõ na barra de Goa ſeis nàos, de que era Capitaõ mòr D. Jorge Manoel, filho de Dom Nuno Manoel, e irmaõ de D. Fadrique Manoel, que vinha embarcado na nào S. Martinho, que Antonio Moniz Barreto fez em Baçaim, ſendo Capitaõ daquella fortaleza. As outras nàos eraõ a Eſperança, de que era Capitaõ Fernaõ Martins Freire, que vinha deſpachado com a Capitanìa de Çofala pera entrar logo. S. Vicente de que era Capitaõ Antonio Mendes de Caſtro. A nào Tigre em que vinha Fernaõ Coutinho. A Rainha de que era Capitaõ Luiz Mendes de Vaſconcellos. E da nào Cedro D. Rodrigo de Caſtro. Vinhaõ neſta Armada perto de tres mil homens, gente toda muy eſcolhida: porque parece que naquelle tempo, em que Deos tinha poſtos os olhos na India, pariaõ os montes, e valles homens, e nàos.

O Conde feſtejou muito eſta Armada pera a jornada que pretendia fazer. E logo mandou ordenar meſas aos ſoldados pera entre tanto: porque tambem parecia que aos Viſoreys daquelle tempo lhes nacia dinheiro pera tudo no theſouro, de que elles nunca tiveraõ a chave (por quaõ puros, e deſintereſſados corriaõ) ſe naõ os meſmos Officiaes: e depois que ſe lhe veyo a arrancar das mãos, e que houve tanto poupar, parece que tudo ſe começou a ſumir, e tudo veyo a faltar. Porque como os penſamentos dos homens daquelle tempo eſtavaõ menos occupados da cubiça, favorecia-os Deos em tudo.

Em fim o Conde foy dando preſſa aos deſpachos das nàos pera hirem tomar a carga a Còchim, e a ſua Armada, que determinava de ſer toda a que a India pudeſſe dar de ſi. E concluhio com os Embaixadores do Camorim as pazes que pediaõ, aſſim como ſe fizeraõ com o Viſorey D. Garcia de Noronha. E o Camorim ſe obrigou por ſeus Procuradores „ a mandar logo cortar os eſ-„ poroens a todos os navios que em ſeus „ portos houveſſe, e que ſe alevanta-„ riaõ, e fariaõ de carga, pera que naõ „ pudeſſem ſervir mais pera roubar. E „ que de nenhum porto dos ſeus ſahiria „ mais coſſairo algum: antes o mar ſeria „ ſeguro, e franco pera poderem nave-„ gar por elle todos os navios grandes, e „ pequenos. E que o Conde Viſorey „ hiria a Calecùt a jurar as pazes diante „ do Camorim pera mòr goſto, e ale-„ gria dos vaſſallos de ambos.

E andando jà o Viſorey pera ſe em-

barcar, lhe chegàraõ novas que nas terras de Damaõ eraõ entrados alguns Capitaens de Cambaya com muita gente de cavallo, e acompanhados dos Abexins, e que andavaõ pelas aldeas fazendo grandes eſtragos, e deſtruiçoens. A iſto mandou logo acodir o Conde com alguns Capitaens, e ſoldados que àquelle negocio foraõ em navios ligeiros. E mandou fazer paga géral a toda a gente da India ſoldados, e caſados pera o acompanharem naquella jornada, pagando dous quarteis a cada peſſoa.

Tinha chegado nas nàos do Reino D. Pedro de Souſa deſpachado com a Capitanía de Ormuz, de que a Rainha Dona Catharina lhe fez aquelle anno mercè por huma Patente, que lhe mandou „ que a naõ amoſtraſſe ao Viſorey. „ Mas que lhe requereſſe a Capitanìa „ por huma carta miſſiva, que lhe deu „ pera elle, em que lhe mandava que „ meteſſe logo de poſſe a D. Pedro de „ Souſa da fortaleza de Ormuz. E o intento da Rainha em mandar a D. Pedro que naõ uſaſſe pera a entrada da fortaleza da Patente, ſe naõ da carta miſſiva foy, porque tinha promettido Ormuz a D. Franciſco Maſcarenhas Palha, e a Luiz de Mello da Silva, e que aquelle anno lhes mandaria as Patentes, que de neceſſidade ſe eſtes Fidalgos haviaõ de aggravar antepondolhes D. Pedro na Patente, quiz q̃ entraſſe por virtude da carta ſem moſtrar Patente; o que D. Pedro de Souſa fez tanto que chegou à India. Mas o Conde lhe reteve a carta com tençaõ de mandar a Ormuz D. Franciſco Maſcarenhas Palha.

Vendo D. Pedro de Souſa que o Conde ſe fazia preſtes pera hir pera fóra, e que lhe naõ deferia ao ſeu negocio, eſtando hum dia com o Viſorey, perguntoulhe „ porque lhe naõ deferia „ à carta miſſiva, que lhe dera da Rai„ nha? A que o Conde ſe fez de novas, „ dizendolhe que ſe naõ lembrava de „ tal carta. Entendendo D. Pedro de Souſa o negocio, como hia jà precatado, meteo a maõ na algibeira, e tirando della a Patente, apreſentou-a ao Conde, que tanto que a vio, ficou ſobreſaltado, e naõ pode fazer mais que porlhe nella o cumpra-ſe, como logo fez, mandandolhe que ſe fizeſſe preſtes pera hir entrar na ſua fortaleza. Começou logo iſto de correr por Goa, e a dizerem os homens muitas couſas conforme à ſoltura, e natureza da terra, e o peyor he, que houve alguns que diſſeraõ publicamente que D. Pedro peitàra muito. E tanto que o rumor deſtas couſas lhe chegou às orelhas, levado o D. Pedro de Souſa da colera, diſſe em alguns lugares publicos „ que porque a Rainha tivera „ novas de virem Turcos ſobre Ormuz, „ o mandàra a elle entrar naquella for„ taleza: porque ſabia que lhà havia D. „ Pedro de Souſa de defender muito „ bem. Em fim elle ſe embarcou em huma nào muito fermoſa, e levou comſigo Babuxa, filho de Torunxa, que foy Rey de Ormuz, a quem elle foy ſuccéder no Reino.

E porque nos naõ fique por dar conta deſte Principe, pois adiante havemos de tratar delle, dalohemos aqui a conhecer. Pelo que ſe ha de ſaber que o Governador Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz pera Goa a eſte Babuxa com hum irmaõ ſeu, que foy pay de ElRey Torunxa, e fez iſto por eſcuſar alteraçoens naquelle Reino. E quando Luiz Falcaõ foy entrar naquella fortaleza de Ormuz, que levou Torunxa pera ſucceder naquelle Reino por morte de ElRey Xargolxa, como fica dito no Capitulo do livro da quinta Decada, ficou eſte Babuxa em Goa, onde eſteve perto de quarenta annos. E vendo elle que ſe fazia Dom Pedro de Souſa preſtes pera Ormuz, ſentindo-ſe muito decrepito, por ſer de noventa annos, pedio licença ao Conde Viſorey pera ſe hir com elle, porque deſejava de hir morrer na ſua natureza, e enterrarſe na cova de ſeus avòs, que lhe elle concedeo por ver que daquella idade ſe naõ podia jà eſperar alguma alteraçaõ, e aſſim ſe embarcou. E no mar diſſe algumas

gumas vezes (como por graça) „ que a „ meſma noite que ſe embarcàra ſonhàra „ que havia de ſer Rey de Ormuz: e aſſim o foy, como adiante na oitava Decada ſe verà. E pela ventura que diſſeſſe iſto zombando por naõ ter jà idade pera nada, e que o attribuiſſe a ſonho, em que eſtes Mouros todos crem. E quando ſe embarcou, levou tambem comſigo hum filho chamado Ferragoxa, que houve em Goa em huma Moura de Dabul, que por ſua morte veyo a ſucceder naquelle Reino, como adiante ſe verà. Neſte meſmo tempo deſpachou o Conde Viſorey a Triſtaõ de Mendoça pera hir entrar na Capitanìa de Chàul, que fora de ſeu irmaõ mais velho, que deixou de a vir ſervir por cegar dos olhos. Neſta Capitanìa eſtava Alvaro Paes de Sotomayor, que acabava ſeu tempo. E em quanto o Conde dà preſſa à ſua embarcaçaõ, trataremos das couſas, que ſuccedèraõ em Damaõ.

CAPITULO VIII.

Que dà conta dos Capitaens, que entràraõ pelas terras de Damaõ. E de como Garcia Rodrigues de Tavora Capitaõ daquella fortaleza os foy buſcar, e os desbaratou.

MUitas vezes temos dito das grandes alteraçoens que ficàraõ no Reino de Cambaya entre os Capitaens depois da morte de Soltaõ Mahamude, e dos bandos em que todo o poder ſe repartio. Porque os grandes tomàraõ muito mal a poſſe que o Ithimitican ficou tendo com ElRey ficar em ſeu poder. E eralhes màò de ſofrer verem-ſe governados por elle, e aſſim os de mais poſſe ſe afaſtàraõ, e lançàraõ maõ do que puderaõ, como no Capitulo 16. do decimo livro da ſexta Decada fica dito. E todos os mais andavaõ como em cabildas, comendo, e ſenhoreando as terras que achavaõ ſem cabeças. E deſtes era hum Abexim chamado Cide Meriaõ, homem havido por grande cavalleiro, e que tinha quinhentos de cavallo de ſua cevadeira, que deſejando de haver a Cidade de Damaõ pera ſe nella apoſentarem, ou ao menos comerem todas ſuas parganas, que importavaõ muito, ſolicitou alguns Capitaens que lhe acodiraõ com ſuas gentes, e com a que elle tinha, ajuntou oitocentos de cavallo, e quaſi mil de pè, em que entravaõ quatrocentos arcabuzeiros, e outros tantos bombeiros, e todas as muniçoens, e petrechos de guerra, e mais couſas que lhe parecèraõ neceſſarias pera aquella jornada, pera ſuſtentar a Cidade de Damaõ, que cuidava levar nas màos na primeira cometida.

E tendo tudo preſtes, poz-ſe em campo com todos, e lhe fez huma breve fala, em que os perſuadio „ a ſe querem achar todos com elle com bom „ animo naquella jornada. Porque naõ „ era honra do Reino de Cambaya conſentirem ſeus Capitaens poſſuirem os „ Portuguezes aquella Cidade, e terras a deſpeito de todos: que nella, e „ nas ſuas Tanadarias ſe poderiaõ agaſalhar todos os que alli eſtavaõ, porque com todos havia de partir igualmente, e que aſſim deixariaõ de peregrinar. E que aos que lhe naõ pareceſſe bem aquella determinaçaõ, ſe deixaſſem ficar, porque elle queria antes „ cometer aquelle negocio com trezentos voluntarios, que com dez mil forçados, e que por iſſo os que o quizeſſem ſeguir, e acompanhar, havia de „ ſer com tamanha determinaçaõ, que „ ou morreſſem todos na demanda, ou „ ganhaſſem aquella Cidade, e ſuas terras, e lançaſſem dellas os Portuguezes. Todos lhe reſpondèraõ que eſtavaõ preſtes pera morrer com elle. E „ que pera final daquella vontade queriaõ fazer voto em huma meſquita de „ o naõ largarem: e aſſim logo o fizeraõ todos com grande ſolennidade. E pera mayor ſegurança rapàraõ as barbas, que era o derradeiro final de ſe offerecerem à morte, a que commummente

mente chamavaõ Amoucos.

Acabada eſta ceremonia abalàraõ logo contra as terras de Damaõ em principio do mez de Outubro, e entràraõ por ellas com grande eſtrondo, ſenhoreandoſe logo das parganas Bouticer, e Puari, e foraõ paſſando pera a noſſa Cidade de Damaõ, achando jà as mais das aldeas deſpovoadas: porque ſeus moradores tinhaõ recolhido ſeu gado, mulheres, filhos, e mais couſas à ſombra das tranqueiras de Damaõ. Tendo Garcia Rodrigues de Tavora, Capitaõ daquella fortaleza, novas de como aquelles Capitaens ſe abalavaõ contra elle, deſpedio recado a Goa, e a todas as fortalezas viſinhas pera que o ſoccorreſſem, como aquelles Capitaens fizeraõ, acodindo muitos Fidalgos, e Cavalleiros com navios, e ſoldados à ſua cuſta, com o que ſe vio Garcia Rodrigues de Tavora com poder pera hir buſcar os imigos, e darlhes batalha. Porque achou quinhentos homens de pè, de que os mais eraõ de eſpingardas, e cento e oitenta de cavallo, que poderiaõ levar comſigo, a fóra a gente que havia de ficar em guarda da fortaleza. E como todos os dias era aviſado do eſtrago, que os imigos andavaõ fazendo pelas terras, e tinha certeza de ſeu poder, ajuntou os Capitaens, e peſſoas principaes a conſelho, e lhes deu relaçaõ de tudo, declarãdolhes „ que ſua tençaõ era hir buſcar „ os imigos: porque ſe o deixaſſe de fa„ zer, ficariaõ elles taõ afoutos, e atre„ vidos, que lhe hiriaõ bater as adargas „ às portas da Cidade, e que pois ti„ nhaõ tanta gente, e taõ valeroſos Ca„ pitaens, e eſforçados ſoldados, que „ ſahiſſem a buſcallos: porque a deter„ minaçaõ era começo de vitoria. E logo alli mandou trazer as eſpias pera que diante de todos deſſem relaçaõ do poder dos imigos, o que elles fizeraõ muito particularmente. Ouvido por todos o que lhes dizia, aprovàraõlhe ſua tençaõ, affirmandolhe „ que eſtavaõ to„ dos muito alvoroçados pera ſe verem „ jà às mãos com os imigos.

Com eſta reſoluçaõ proveo Garcia Rodrigues de Tavora na guarda que havia de ficar na Cidade, e logo ſe paſſou da outra parte do rio, onde ſe poz na ordem em que haviaõ de caminhar, e do modo em que haviaõ de cometer os imigos. E ao outro dia de madrugada começàraõ a marchar, levando diante alguns corredores em cavallos ligeiros com as eſpias pera deſcobrirem o campo, e o aviſarem. E antes de chegarem a Parnel, mea legua lhes ſahio de huma aldea hum Abexim de cavallo com huma bandeirinha branca na ponta de hum arremeſſaõ, que foy levado ao Capitaõ, a quem deu huma carta de Cide Meriaõ, em que lhe dizia: „ Que „ elle fora aviſado que o hia buſcar, que „ lhe fazia a ſaber que nos campos de „ Parnel, que eraõ muy largos, e fermo„ ſos, o eſperava: porque deſejava de ſe „ encontrar co elle em lugar eſpaçoſo „ pera o poder ſervir como deſejava. Garcia Rodrigues de Tavora fez gaſalhados ao Abexim, e lhe diſſe: „ Que „ bem podia dizer a ſeu Capitaõ que „ elle hia pelo caminho, e que muito „ cedo lhe compriria aquelles deſejos: „ porque elle tambem hia muy alvoro„ çado pera o ſervir. E aſſim foy caminhando poſto em ordem de batalha muy fechado, e ordenado, e aquelle dia ſobre a tarde chegou à viſta dos imigos, que eſtavaõ no lugar em que a carta dizia o eſperava, e eſtavaõ jà poſtos em ordem de batalha, e tinhaõ tomado do campo o que lhes melhor pareceo, e eſtavaõ neſta fórma. Os bombeiros diante, e os frécheiros em hum eſquadraõ, e o Cide Meriaõ com toda a gente de cavallo em dous batalhoens de huma, e de outra parte.

Tanto que Garcia Rodrigues de Tavora entrou no campo parou, e eſteve notando a fórma em que os imigos eſtavaõ, pelo que tornou a ordenar ſua gente, e da de pè fez dous eſquadroens, e da gente de cavallo fez o meſmo, que repartio pelas ilhargas. E depois de tudo bem ordenado, e lembrar a todos a

obrigaçaõ

obrigaçaõ que tinhaõ, arvorou hum Padre de S. Domingos em huma haſtea de lança hum devoto Crucifixo, que foy viſto de todos, e adorado dos meſmos com grande devoçaõ. E poſto o Padre diante de todos, foy caminhando pera os imigos, chamando pelo Nome de Jeſu, e pelo Apoſtolo Santiago, e logo ſe tocàraõ os tambores, e pifaros a romper batalha, pera que ſe começàraõ a alvoroçar os ginetes, e a brandir as lanças os cavalleiros que nelles hiaõ, e os ſoldados de pé a negociar ſua arcabuzaria com grande animo, e alvoroço. Cide Meriaõ Capitaõ dos imigos vendo abalar os noſſos, o fez tambẽ: e ſendo jà perto, deſparàraõ os ſeus bombeiros huma ſoma de bombas, que ſe foraõ desfazer entre os noſſos, de que derribàraõ ſete, e entre elles foy o Padre de S. Domingos que levava o Crucifixo, que logo alevantou hum ſoldado muito animoſo, a que naõ ſoubemos o nome, e chamando pelo Nome de Jeſu, e do Apoſtolo Santiago, foy paſſando à vante atè ſe meter em meyo dos imigos de pè, com quem jà os noſſos começavaõ a pegar, e a eſpingardaria a laborar de huma, e de outra parte. E neſte conflicto deraõ huma eſpingardada no braço do Crucifixo, ao que o ſoldado, que o levava, levantou a voz dizendo: „ Aqui „ Cavalleiros de Chriſto vinguemos a „ affronta, que ſeus imigos fizeraõ à „ Imagem de noſſo Deos, e Senhor. E alevantando todos os olhos, vendo a Chriſto dependurado de hum braço, e com o outro quebrado, acendèraõ-ſe em tamanha ira, e furor, q̃ pareciaõ leoens, e como taes ſe metèraõ em meyo dos imigos, fazendo nelles grãdes eſtragos. Cide Meriaõ ao encontrar das batalhas de cavallo adiantou-ſe dos ſeus hum eſpaço, vindo armado em hũas armas muy luzentes, e em hũ fermoſo cavallo acubertado com muitas plumas na teſteira, e brandindo a lança chamou pelo Capitaõ Garcia Rodrigues, que em o ouvindo, que tambem hia na dianteira dos ſeus de cavallo, em vendo aquelle Mouro que o chamava, entendeo que era o Cide Meriaõ; enreſtou a lança, e batendo as pernas ao cavallo, endireitou com o Abexim, que ja vinha pera elle, e quiz ſua ventura que o tomaſſe por baixo da vizeira hum pouco com tanta força, que deu co elle no chaõ de pernas acima, e ao barafuſtar dos cavallos recebeo o ſeu tamanha pancada, que deſatinou, e foy cahindo, ficando Garcia Rodrigues de Tavora no chaõ com o Abexim quaſi a hum meſmo tempo. E alevantando-ſe achou jà o Mouro ſobre ſi com o alfange em alto pera lhe dar, e ficou taõ perto, que lhe lançou Garcia Rodrigues as mãos, e liou-ſe com elle, ficando ambos a braços. Os noſſos, como Garcia Rodrigues ſe abalou contra o Abexim, logo foraõ tambem encontrar os de cavallo, e acertàraõ taõ bem ſeus encontros, que daquella primeira pancada derribàraõ oitenta, naõ cahindo dos noſſos mais que oito, ficando todos baralhados em batalhas, e os Capitaens liados hum co outro a pè cercados jà de muitos de huma, e outra parte, que acodiraõ pera os ſoccorrer, ſobre o que fizeraõ algumas couſas muito notaveis. Mas hum ſoldado, a que naõ pudemos ſaber o nome, pondo-ſe por huma ilharga, tomou o Cide Meriaõ atraveſſado com huma lança, que lha varou à outra parte, cahindo logo morto, e os noſſos trabalhàraõ tanto, que puzeraõ o ſeu Capitaõ a cavallo, que ſe foy logo meter na batalha, que andava muito travada por todas as partes. E começou a pelejar, e animar os ſeus com muito valor, e confiança. E andando aſſim baralhado, começou a correr a voz da morte do Cide Meriaõ, com o que os ſeus começàraõ a afracar, e a ſe retirar. O que viſto pelos noſſos arrebentàraõ apoz elle com grande furia appellidando vitoria, vitoria; com o que os acabàraõ de pôr em desbarato, e levar de arrancada. E aſſim lhe foraõ ſeguindo o alcance mais de duas leguas, fazendo nelles tamanho eſtrago, que foy eſpanto: cativando muitos delles, e tomando muitos cavallos, armas,

eoutros deſpojos que elles foraõ largando por mais deſembaraçados ſe ſalvarem. E depois dos noſſos bem ſatisfeitos, tornàraõ-ſe a recolher pera Damaõ, onde foraõ muito bem recebidos.

E porque naõ he razaõ que paſſemos por hum caſo muito gracioſo, que logo aconteceo, o relataremos brevemente, e paſſa deſta maneira. Ao outro dia pela manhãa depois dos noſſos recolhidos, chegàraõ tres mancebos Magores de cavallo, que deviaõ de ſer da obrigaçaõ do Cide Meriaõ, que partiraõ de Surrate muito depois delle, e deſencontrando-ſe no caminho, e achando todas as aldeas deſpejadas, ſem quem lhes dèſſe razaõ do que paſſava, tiveraõ pera ſi que ſem duvida os ſeus eſtavaõ de poſſe de Damaõ, e com eſta confiança, e ſoberba chegàraõ ao rio, onde achàraõ o Taurim, que he barca de paſſagem, em que andavaõ huns marinheiros Mouros, e hum Chriſtaõ da terra, que naõ havia de ſer parvo. E chegando a elle lhe perguntàraõ pela ſua lingua ſe eſtava jà o Cide Meriaõ na fortaleza de Damaõ, com huma facilidade, como ſe naõ houvera ahi mais q̃ chegar, e entrar nella. O Chriſtaõ barqueiro, q̃ ſabia a lingua, lhe reſpondeo que jà là eſtava. Ao que logo ſem aguardarem mais ſe embarcàraõ no Taurim, e ſe paſſáraõ a Damaõ. E em chegando à praya, onde algumas peſſoas andavaõ, lhe diſſe o barqueiro o que paſſava. E logo os Magores foraõ prezos, e levados ao Capitaõ, que lhes fez perguntas, e confeſſáraõ o caſo aſſim como aconteceo, que naõ foy de pouco goſto. E pera que a vitoria foſſe mais regozijada, mandou-os entregar aos rapazes, que tiveraõ co elles outra batalha, em que ficàraõ eſpedaçados. Os naturaes das noſſas aldeas, que eſtavaõ fogidos dos Mouros, tornàraõ logo pera ſuas caſas, e grangearias ſem haver quem mais os inquietaſſe.

CAPITULO IX.

Da grande Armada, com que o Conde do Redondo Viſorey partio pera Cochim: e da fermoſa viſta que deu ao Camorim. E de como juràràraõ as pazes. E do que lhe ſuccedeo atè ſe hir pera Goa. E da viagem que as nàos fizeraõ atè o Reino: e ſe perdeo a nào S. Martinho, em que hia o Capitaõ mòr.

CHegadas a Goa as novas da vitoria de Damaõ, feſtejou-as o Conde muito, porque eſtava jà embarcado, e ficavalhe aquelle cuidado que o houvera de cançar. E logo entregou o governo ao Arcebiſpo, e ao Capitaõ da Cidade com outros adjuntos, e na entrada de Dezembro ſe fez à vela com mais de cento e quarenta navios, em que entravaõ oito, ou dez galez, em que levava mais de quatro mil homens, a mais limpa, e luſtroſa gente que nunca ſahio de Goa. E poſto que eſta jornada naõ foy de mais effeito, que das viſtas com o Camorim, que o Conde Viſorey quiz que foſſem co a mòr mageſtade, e apparato, que a India pode dar de ſi: todavia pareceo-nos juſto que os Capitaens, que neſta jornada o acompanhàraõ, naõ fiquem em eſquecimento, e aſſim faremos memoria de todos os que vieraõ à noſſa noticia, ſem guardarmos ordem, nem preminencia, nem de fazer diſtinçaõ de navios grandes, ou pequenos, como atè aqui temos feito pelo diſcurſo de noſſas Decadas, por naõ haver queixoſos, e aggravados.

Hia o Conde Viſorey em huma galè Real: D. Franciſco Maſcarenhas Capitaõ mòr do mar da India, que depois foy Conde de Santa Cruz, e Viſorey da India, e Governador de Portugal, Luiz de Mello da Silva, D. Joaõ Pereira, Alvaro Paes de Sotomayor, D. Joaõ de Caſtello-branco, D. Jorge de Menezes Baroche, Ayres Telles de Menezes, D. Diogo de Menezes, D. Pedro de Caſtro, D. Leoniz Pereira, Ayres

res de Saldanha, D. Franciſco Henriques, Andrè de Souſa, D. Pedro de Menezes, Eytor da Silveyra o Drago, Alvaro Pires de Tavora, Luiz Alvares de Tavora ſeu irmaõ, D. Franciſco de Moura, Simaõ de Souſa, Manoel de Mendanha, Manoel Freire, D. Tello de Menezes, D. Luiz Maſcarenhas, Luiz da Silva, filho de Franciſco Barreto Governador que foy da India, D. Franciſco Lobo, Pero de Mendoça, D. Miguel da Gama, Franciſco de Miranda Henriques, Eytor de Sampayo, Ayres de Souſa, Joaõ de Mendoça, filho de Triſtaõ de Mendoça, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos, Dom Martinho de Caſtello branco, Antonio Botelho, Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, Manoel Pereira da Silva, Pero Lopes Rabello, Gil de Goes, Franciſco de Siqueira, Jorge Cabral, Manoel Travaſſos, Franciſco de Brito, Jeronymo Dias de Menezes, Jeronymo de Carvalho, Jorge de Moura, Jeronymo Correa, Jorge Barreto, Gaſpar de Sà, Jeronymo de Sà de Ribafria, Fernaõ de Miranda de Azevedo, Chriſtovaõ de Brito, Jorge Toſcano, Diogo Soares de Albergaria, Henrique Moniz Barreto, Manoel Freire, Antonio Correa, Jeronymo de Hollanda, Antonio Ferraõ, que foy caſado com huma filha do Governador Nuno da Cunha, Vicente Carvalho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios ſecos, Ruy Godinho de Cananòr, Roque Fernandes, Pedralvares, Fernaõ Farto, Antonio Martins, Polinario de Val da Rama, Balthazar da Coſta, Braz Fragoſo, Bernardo Rodrigues, D. Theodoſio Embaixador de Ceilaõ, Manoel Leitaõ Secretario, Belchior Serraõ Veador da fazenda, Henrique Jaques Ouvidor géral, Domingos de Meſquita, Alvaro Monteiro, Diogo Borges de Avelar, Antonio Rodrigues, Antonio Martins, e outros muitos.

E com toda eſta Armada paſſou por Cananòr ſem o tomar, do que foy murmurado por paſſar cõ aquella potencia ſem dar hum grande caſtigo aos Mouros daquelle Reino, q̃ foraõ cauſa da guerra, que atraz contàmos no Capitulo 4. do 6. livro, e ainda naõ eſtavaõ nem caſtigados, nem arrependidos. E a tençaõ que o Conde niſſo teve naõ a ſabemos, que he de crer que havia de ſer licita (O que muitas vezes acontece aos Viſoreys, e Governadores em algumas materias, que por naõ chegarem as cauſas ao povo, murmuraõ do que naõ entendem) Em fim o Conde com toda aquella Armada, que enchia aquelle mar, a mais fermoſa couſa que os Mouros nunca viraõ por aquella coſta, foy ſurgir em Tiracolle, onde o Camorim eſtava, e onde tratou de ſe verem, e logo corrèraõ recados ſobre o modo que niſſo teriaõ. E aſſentàraõ que foſſe àborda da agua, e ſobre o dia em q̃ havia de ſer, houve detenças, e dilações por cauſa de ſeus agouros, e ſuperſtiçoens, atè que os ſeus Bragmanes achàraõ hum bom final, e aſſinàraõ o dia, pera que o Conde jà eſtava preparado. E em lhe dando recado, ſe embandeirou toda a Armada, e os navios, e galez ſe cobriraõ de toldos de differentes, e alegres cores, e os Capitaens, e ſoldados ſe veſtiraõ de ricos, e muy luſtroſos veſtidos, levando debaixo delles ſuas armas. E abalando a Armada pera a terra, poz nella a proa, e lançou fóra a gente, que ſe recolheo às Capitanìas, e bandeiras, que o Conde pera iſſo tinha ordenado: que ſe eſtendèraõ em fileiras des da praya pera o ſertaõ, pera onde eſperavaõ que o Camorim vieſſe, que abalou de ſua caſa com quarenta mil Naires, que tambem ſe eſtendèraõ em fileiras, por cujo meyo elle foy paſſando acompanhado de ſeus Regedores, Caimaes, e Punicaes, e apar delle vinhaõ os Bragmanes, que ſaõ os Miniſtros de ſuas ſeitas. Tanto que o Conde teve recado que ElRey ſe vinha chegando, abalou da ſua galè em huma manchua toldada atè a agua de boreado, com bandeiras, e guioens de ſuas cores, e elle ricamente veſtido à Heſpanhola com plumas, collar, eſpada, e adaga de ouro,

ouro, e com elle os Fidalgos, e Capitaens velhos. E ao abalar da galè lhe deu toda a Armada a mais fermoſa ſalva de artelharia, que ſe nunca vio dar naquellas partes, porque ſe ouvio dos da terra com hum grande terror, e eſpanto. E foy tal, que ficou toda a Armada eſcondida em huma eſpeſſa nuvem de fumo, e o ar eſcurecido todo atè o vento a tornar a eſpalhar. O Conde poz a proa em terra, onde deſembarcou rodeado de cem eſpingardeiros de ſua guarda, Porteiros, e Officiaes de ſua caſa ricamente veſtidos, e com grande continencia foy entrando pelas fileiras, que o foraõ ſalvando de huma, e outra parte com tamanho eſtrondo, que parou o Camorim, que vinha jà chegando aos noſſos, porque os noſſos quatro mil ſoldados, que eſtavaõ em ſuas ordenanças, luſtravaõ mais, e faziaõ mayores carrancas, que os ſeus quarenta mil.

Paſſada aquella coriſcada, tornou ElRey a andar atè entrar por noſſas fileiras, e o Conde ſe apreſſou atè ſe encontrar com elle, e parando ambos fizeraõ ſuas corteſias a ſeu modo, e depois ſe ajuntàraõ, e tiveraõ os comprimentos ordinarios brevemente. E apoz elles aſſim em pè lhe leu o Secretario os apontamentos das pazes, que lhe o lingua hia declarando, que o Camorim ouvio com muito tento, e reſpondeo „ que era muito contente de os guardar „ como ſeus Procuradores em ſeu nome „ promettèraõ, e logo alli os jurou a ſeu modo, e com ſuas ceremonias ordenadas pelos ſeus Bragmanes, e acabando elle as jurou o Conde ſobre hum Miſſal, e hum Crucifixo. E acabado eſte acto, tocàraõ-ſe todos os inſtrumentos militares, e logo a eſpingardaria tornou a relampadejar, e a Armada a vaporar fogo, e atroar os ares com trovoens artificioſos, e coriſcos tempeſtuoſos, que naõ ſó os que eſtavaõ preſentes, mas pela terra dentro, e pela coſta abaixo, e acima cauſou eſpanto, e meteo medo taõ grande, que naõ ſabiaõ por onde ſe foſſem eſconder. O Camorim ficou taõ aſſombrado, que ſe deſpedio do Conde muito apreſſado, e logo mandou apregoar na Cidade as pazes com ſeus regozijos acoſtumados perante os Officiaes, que o Conde mandou, de que ſe fizeraõ autos ſolennes, que lhe trouxeraõ. E o Conde tambem ſe embarcou, e as mandou pregoar por toda a Armada com todos os inſtrumentos alegres, e com novas ſalvas, e alegrias de todos. Ao outro dia mandou o Conde viſitar o Camorim com hum fermoſo, e rico preſente, e os ſeus Regedores naõ ficàraõ ſem ſeu quinhaõ, porque he natural deſtes eſtarem ſempre com o olho no que lhes daõ, porque nada fazem ſe naõ com o intento no intereſſe.

Feito iſto a goſto de todos, deu o Conde à vela pera Còchim, deixando naquella coſta D. Franciſco Henriques por Capitaõ mòr com huma galè, e alguns navios de remo. E chegando àquella Cidade, foy della muy bem recebido, e tomou caſas em terra, e mandou dar preſſa à carga das nàos, e começou a eſcrever pera o Reino. E como a gente da Armada era muita, e anuava ociоſa, começàraõ-ſe a atear em brigas huns cos outros, e a haver deſafios particulares de feiçaõ, que ſe matàraõ mais de cincoenta homens, em que entrou D. Tello de Menezes hum Fidalgo mancebo muito gentil-homem, e bom cavalleiro, que foy morto em hum deſafio. E aſſim mais D. Rodrigo de Caſtro Capitaõ da nào Cedro, que outro Fidalgo matou por humas palavras que tinhaõ havido havia muitos annos. Em fim tomada a carga deraõ as nàos à vela atè quinze de Janeiro, e no caminho deſappareceo a nào S. Martinho, em que hia D. Jorge Manoel Capitaõ mòr, e com elle Belchior Seraõ, q̃ fora Veador da fazenda ſem nunca ſe ſaber como, nem onde ſe perdèraõ: as mais nàos chegàraõ ao Reino a ſalvamento. Depois do Conde dar deſpacho a muitas couſas, embarcou ſe logo por arrecear os Noroeſtes, deixando por Capitaõ em Còchim D. Jorge de Caſtro, e chegando a Goa entrou logo

no

nó deſpacho dos provimentos das fortalezas. E pera a de Maluco foy Jorge de Moura, Collaço do Principe Dom Joaõ, que eſtava provido daquellas viagens. E por elle mandou duas proviſoens, huma pera Malaca em que mandava „ que das nàos que alli foſſem ter „ de Maluco, e Bandà, ſe naõ deſembarcaſſe nenhum cravo, noz, ou maça, „ ſob pena de ſe perder, e que tudo foſſe pera Goa. E a outra proviſaõ pera „ là ſe naõ venderem terços, nem choques de ElRey, e que toda a peſſoa „ que os compraſſe, os perdeſſe, por evitar muitos roubos, e deſaforos, que neſte negocio havia.

Neſtas nàos eſcreveo o Conde a D. Franciſco Deça Capitaõ de Malaca huma carta em muito ſegredo, em que lhe mandava „ que no Outubro ſeguinte o „ foſſe eſperar na coſta do Achèm com „ toda a Armada, e gente que pudeſſe „ ajuntar, e que lhe tiveſſe eſpiado o poder, e ſitio daquella Cidade, porque „ lhe mandava ElRey que o foſſe deſtruhir por tirar aquelle viſinho da fortaleza de Malaca. Com eſta carta ſe preparou D. Franciſco Deça em ſegredo, e no tempo em que lhe mandou, partio com onze navios muy bem negociados de gente, e muniçoens, e ſe foy pôr na coſta do Achèm na paragem que o Conde havia de hir demandar. E alli andou atè a entrada de Dezembro, que ſe recolheo por ſer paſſada a monçaõ em que o Conde podia hir. Deſpachados os provimentos pera as fortalezas do Sul, e do Norte, cerrou-ſe o inverno, em que o Conde ordenou em Goa quatro meſas pera darem de comer aos ſoldados como era coſtume.

CAPITULO X.

Da origem dos antigos Emperadores do Malavar, chamados Perimais: e do titulo de Camorim: e de todos os Reinos que ha no Malavar: e do principio, e origem delles.

PRimeiro que ſayamos deſte Camorim nos pareceo razaõ dar deſtes Reys huma nova relaçaõ, porque tudo o que delles eſcrevèraõ os Eſcritores vay muy deſviado do que hoje temos averiguado por ſuas proprias eſcrituras. Pelo que ſe ha de ſaber que em toda eſta coſta do Malavar, que começa dos fins do Reino de Cananór atè o Cabo Camorim, em que ſe incluem perto de cento e cincoenta leguas de comprido, e quinze pera o ſertaõ atè o pè das ſerras, houve ha mais de dous mil annos vinte e cinco Senhores iſentos, a fóra outros ſomenos, com titulo de Caimais, Naoborins, e Panicais tambem iſentos em jurdiçaõ: mas acoſtados a alguns deſtoutros vinte e cinco, que lhe ficavaõ mais viſinhos, que ſaõ os ſeguintes. Cananòr, Tanor, Moringur, Cranganor, Parum, Mangate, Repelim, Còchimi, Diamper, Rey da Pimenta, Turungul, Maturte, Porcà, Marta Pitimene, Cale Coulaõ, Changernate, Gundra, e Travancor. Eſtes (como diſſe) foraõ ſempre iſentos, e ſem conhecerem ſuperioridade a algum: mas vindo a cubiça a fazer por tempos ſeu officio, começou a haver antre elles algumas contendas ſobre jurdiçoens. Pelo que de commum conſentimento elegeraõ huma cabeça, q̃ foſſe como Juiz de ſuas differenças, e eſte naõ foy de caſta Nayre Bragmane, nem de nenhum dos intitulados, ſe naõ de caſta humilde ſem Eſtado, nem Senhorio, porque ſe naõ alteraſſe com a dignidade, e que ſempre entendeſſe que elles que o conſtituiraõ naquella dignidade, o poderiaõ depor, e tirar della: e que naquella dignidade (de que logo falarey) naõ ſuccedeſſe filho,

lho, ſobrinho, nem parente: ſe naõ que por ſua morte ſe elegeſſe outro, aſſim como ſuccede nas eleiçoens dos Emperadores de Alemanha. E a eſte eleito ſobre todos deraõ titulo de Xaraõ Perimal. E pera ſeu aſſento lhe deraõ a Cidade Calecut. E correndo muitos annos eſta eleiçaõ, e vindo os eſtrangeiros da Europa por via do Cairo, e da Perſia buſcar à India as drogas, hiaõ tomar eſta Cidade Calecut por ſer porto do mar onde concorriaõ tambem os mercadores de todas as partes da India. E aſſim ſe vieraõ eſtes Senhores a engrandecer tanto, e fazerem-ſe tamanhos, e taõ ricos, como as hiſtorias contaõ.

Durou eſta dignidade de Emperador em Emperador atè quaſi os annos do Senhor de 347. pela conta dos Bragmanes de Calecut, e de Còchim atè os de 588. em que imperava o derradeiro Xaraõ Perimal, que foy o mais famoſo de todos, e o melhor homem delles, e taõ affeiçoado aos Chriſtãos do Apoſtolo S. Thomè, que viviaõ em Cranganór, que naõ fazia nada ſem elles: porque entaõ havia homens muy ſantos, e de boa vida, como procedidos das primeiras plantas do Santo Apoſtolo. E aſſim ſe lhe affeiçoou, que por meyo delles ſe con verteo à noſſa Fé, em que viveo alguns annos. E jà depois de velho por induſimento dos Chriſtãos ſe foy offerecer à caſa do Santo Apoſtolo a Meliapòr com tençaõ de nella morrer, e nella ſe enterrar. E aſſim tratando de ſe embarcar pera là, deu conta diſſo a todos aquelles Reys, de que fez chamamento, e ſe deſpedio delles, e lhe levantou a menagem, que lhe tinhaõ dado atè elle tornar, affirmandolhe que ſeria cedo. E por conſentimento de todos deixou na Cidade Calecut hum page que elle criou chamado Manuchem Herari natural de huma aldea chamada Baluri, tres leguas de Calecut: que jà era taõ valeroſo, que mandando eſte Emperador cercar a Cidade Madalagaõ, tendo jà feito o muro por tres partes da outra por onde pouſava eſte Manuchem, mandou ficaſſem aſſim, dizendo eſtas palavras em Malavar: *Manuchem madelu curabeda*, que querem dizer: „ Onde „ vive Manuchem, naõ ha miſter mais „ muro que elle.

Em fim partido eſte Emperador pera Meliapòr morreo là, e niſto concordaõ as eſcrituras Caldeas dos Chriſtãos das ſerras do Malavar, e as Olas de Cranganòr. Pelo que naõ tenho duvida ſer o ſeu corpo hum daquelles tres, que ſe achàraõ na Capella do Bemaventurado Apoſtolo S. Thomè, quando Manoel de Faria por mandado de ElRey D. Joaõ a deſcobrio, como Joaõ de Barros, e eu tratamos nas noſſas Decadas. Porque como eſte Emperador Chriſtaõ foy em romaria à ſua caſa, e là morreo, veriſimil he que os Chriſtãos o enterraſſem alli, porque ſe lhe devia por Emperador de todo o Malavar. Eſta hida deſte Emperador ſuccedeo nos annos, que jà diſſe, de 347. ou no de 588. pelas Olas de Còchim. E vindo dahi a mais de 30. annos os Mouros Arabios a eſta coſta do Malavar em ſuas nàos a buſcar as mercadorias do Oriente, aſſentando na terra, e ſabendo depois do deſapparecimento do Perimal, e achando entre aquella gente bruta que ſe embarcàra em huma nào, e fora a huma romaria, fizeraõlhe crer que fora ter à caſa de Meca a offerecerſe ao ſeu Sancarraõ, e que là morrèra, e aſſim o eſcrevèraõ em ſeus livros, onde os Eſcritores eſtrangeiros o achàraõ, e por iſſo affirmàraõ que o Perimal ſe fizera Mouro. Naõ computando eſtes barbaros Malavares o tempo: porque quando o graõ Perimal deſappareceo, naõ era Mafamede ainda nacido no mundo. Porque eſte naſceo na Era de Chriſto de 593. ſegundo a mais commua opiniaõ: poſto que Ilheſcas, Garibai, e Frey Jeronymo Romaõ em ſuas Republicas o poem alguma couſa mais adiante. E fogio da Cidade Zidem pera a de Medina Danelbi no anno de 633. em que começou a prègar ſua ſeita, e deſte tempo por diante contaõ os Arabios ſuas eras, a que chamaõ Hegerat, que

que quer dizer fogida, e morreo nos annos de 656. de idade de 63. Claro ſe vè que eſte Perimal faleceo primeiro que Mafamede naſceſſe: por onde naõ podia ſer hirſe à caſa de Meca, como os Mouros ſemeàraõ entre os Malavares.

Partido o graõ Perimal pera Meliapòr, e vindo dahi a alguns annos as novas de ſua morte, naõ querendo eſtes Senhores Malavares ſer mais ſogeitos a ninguem, ficàraõ como antes da eleiçaõ dos Emperadores iſentos, e ainda fizeraõ mais, que tomáraõ o titulo de Reys, ficando o Manuchem Herari na Cidade Calecut, onde ſe veyo a fazer rico, e poderoſo com o trato, e commercio, e ainda uſurpar o titulo de Emperador por eſte nome de Camorim, que he o meſmo, e a ſogeitar alguns Senhores mais viſinhos, como os de Tanòr Chalè, ſuccedendolhe no Eſtado os ſobrinhos, como em todos os mais Reinos ſempre com eſte nome Camorim, como ainda hoje o conſervaõ. E ha-ſe de ſaber que des que ſe foy o graõ Perimal atè hoje reinàraõ em Calecut noventa e oito Camorins. E neſte titulo (como diſſe) naõ lhe ſuccedem filhos, ſe naõ ſobrinhos. E eſtes tanto que naſcem, naõ lhes pòdem pôr mais q̃ hum deſtes tres nomes, Manuchem, Mana, Bequerevem, e Vira Rainon, e ainda deſtes aquelle que lhes cabe em ſorte, e eleiçaõ que fazem os ſeus Bragmanes com grandes ceremonias. E tanto que chegaõ a herdar o Reino, logo lhe poem o titulo de Camorim. E eſta he a razaõ, porque ſe naõ faz catalogo deſtes Reys: porque todos tem eſte nome de Manabeden, ou de Camorins. Mas ſabe-ſe de certo por ſuas Olas, que depois de Perimal morto, ou depois de Manuchem Herari ſucceder no Reino Calecut, que ha 1263. annos, ſaõ paſſados noventa e oito Reys, e affirma-ſe, e aſſim dizem ſuas Olas, que nenhum deſtes Camorins reinou mais de 24. annos, e nenhum menos de tres.

Faltando a eſtes Reys de Calecut herdeiros legitimos, que haõ de ſer ſobrinhos, e naõ filhos, pela razaõ que logo direy, tem por obrigaçaõ prefilharem os Heraris de Baluri, parece que porque deſcendem de algum parente do primeiro Manechem, que o Camorim deixou em Calecut, e deſtes elegem pera prefilharem em herdeiros os mais idoneos, e naõ os mais velhos, nem os mais chegados, ainda que as mais das vezes elegem os de menos idade pera criarem em ſeu Paço. Jà muitas vezes faltàraõ neſte Reino herdeiros legitimos, e ſó depois que os Portuguezes entràraõ na India, lhes faltou por tres vezes; porque o Rey que recebeo Vaſco da Gama, e ſeu anteceſſor ambos foraõ prefilhados. A elles ſuccedeo hum legitimo filho de huma das Princeſas, que foy o que poz o grande cerco à noſſa fortaleza de Calecut, em tempo do Governador D. Henrique de Menezes o Roxo.

Na era de 1549. o Rey que reinava em Calecut, naõ tendo herdeiro mais que hum irmaõ, prefilhou tres irmãos Heraris de Baluri, porque pelo menos haõ de ter ſempre quatro herdeiros vivos. Eſte Rey faleceo aos doze annos do ſeu reinado, e ſuccedeolhe o irmaõ, e dos outros tres Principes, que eſtavaõ prefilhados (que naõ deixaõ de ficar, poſto que outro Rey ſucceda) faleceo hum delles, que era o do meyo, e os dous por ſerem màos, e perverſos, e fazerem muitos aggravos, e avexaçoens aos povos, os desherdou ElRey, e ainda os mandou matar por ſe recear de alguma traiçaõ, e em ſeu lugar prefilhou outros tres irmãos tambem Heraris de Baluri, porque naõ pòdem ſer outros. Succedeo iſto no anno de 1570. E falecendo eſte Rey depois de ter reinado deſazete annos, lhe ſuccedeo o irmaõ mayor deſtes tres prefilhados, que viveo dez annos no Reino, e por ſua morte, que foy nos annos do Senhor de 1587. ſuccedeo outro irmaõ, que he eſte que hoje reina, que neſta era de 1610. vay em vinte e dous annos que governa. Tem eſte Rey hum Principe irmaõ ſeu, immediato ſucceſſor chamado Vira Rairon. E a fóra elle ha outros oito

Prin-

Principes de linha legitima, filhos de Princeſas que naſcèraõ depois dos tres prefilhados, e o mayor paſſa de vinte annos, os outros ſaõ de 17. 16. 10. 6.

CAPITULO XI.

Do modo que ſe tem nas ſucceſſoens de todos eſtes Reinos do Malavar: e dos que ſaõ ſeus verdadeiros herdeiros. E do abuſo que ha nas Nairas ſerem cõmuas a todos. E de outras couſas muito novas, e curioſas.

MUito ſabido he aquelle torpe, e brutal coſtume que todos eſtes Reys do Malavar tem de lhes naõ herdarem os Reinos os filhos machos, ſenaõ os ſobrinhos filhos de ſuas irmãas, e naõ nos havendo, herdarem os filhos das parentas atè o ultimo grào: por dizerem que ſeus filhos ſejaõ de quem forem, ſempre ſaõ de ſangue Real por via feminina, por terem as mulheres por ſoſpeitoſas, e os filhos dos Reys ficaõ ſendo Naires, q̃ vivem privada, e pobremente: naõ vendo eſtes barbaros que aſſim como o filho deſſe Rey pode ſer filho de outro qualquer homem, tambem ſuas filhas, cujos filhos ſaõ ſeus herdeiros, podiaõ tambem ſer adulterinos, e naõ terem os herdeiros nenhum ſangue Real por nenhuma das partes, e aſſim lhe fica o meſmo impedimento pera a herança que tinhaõ os filhos. Mas deixando iſto, continuemos com o modo que niſto tem.

Succede hum no Reino, recolhe ſuas irmãas em ſuas caſas logo em naſcendo, e tanto que ſaõ de idade pera caſarem a mais velha, o fazem, e pelo meſmo modo as mais, que forçado haõ de ſer de quatorze annos, manda o Rey chamar hum dos Principes, que ſe criaõ pera herdeiros de qualquer outro Reino viſinho, e com elle eſpoſa a irmãa, e lhe faz grandes feſtas, que duraõ trinta e tres dias, e no cabo delles deita eſte Principe a linha de Bragmana à eſpoſa ao peſcoço, e logo ſem conſũmar Matrimonio ſe partem pera o ſeu Reino, e ao outro dia entregaõ eſta Princeſa a hum Naire de huma caſta a que chamaõ Naburis, de que logo darey relaçaõ, que conſũma com ella o Matrimonio. E paſſado aquelle acto, ſe vay aquelle martyr do diabo fóra daquelle Reino ſem mais poder apparecer nelle, porque o mataraõ. Dalli por diante tem eſta Princeſa liberdade pera tomar outro Naire dos da caſta Naburins, qual ella quizer, e quantos lhe vier à vontade, e co elle communica atè emprenhar. E tanto que ſe ſente pejada a levaõ a huma terra, que pera iſſo tem em cada Reino, e alli eſpera atè parir. E ha-ſe de ſaber que com eſta Princeſa naõ pòde communicar ſe naõ a peſſoa que ella mandar chamar. E ſe algum foſſe taõ ouſado, que a cometeſſe, logo ſeria morto. Poſtas eſtas Princeſas prenhes nas terras q̃ diſſe, manda ElRey lançar pregoens por todo o Reino, q̃ todas as mulheres de Fidalgos, e Naires de ſangue Real, que ſaõ os que procedem dos filhos dos antigos Reys, que ſe acharem prenhes daquelle meſmo tempo, ſejaõ levadas pera onde eſtà a Princeſa, e alli parem, e tem amas que lhes criaõ os filhos, e as filhas. E os machos que eſtas Princeſas parem, ſe criaõ pera herdeiros do Reino, e as filhas pera Princeſas; porque dellas haõ de proceder outros herdeiros. E os filhos, que ſaõ os que ſe criaõ pera emprenharem as Princeſas, e deſtes, como diſſe, eſcolhem as Princeſas os de quem haõ de emprenhar. Mas eſtes haõ de naſcer no proprio dia com ellas, e pelo menos no ſetimo, e os de mais tambem ſaõ chamados pera ſeus goſtos, e paſſatempos depois de prenhes. Muitas ſuperſtiçoens, e beſtiliadades ha mais neſte negocio, que por honeſtidade callo, porque naõ he licito dizerem-ſe todas as que ha.

Pera tirarmos a abuſaõ que ha pelo mundo das Nairas do Malavar ſerem commuas a todos, e que os que entraõ co ellas deixaõ às portas as rodelas em

final

final que eſtaõ dentro, pera que vindo os maridos naõ cometaõ a entrada da caſa, direy o que paſſa neſte negocio. Os Naires do Malavar ſaõ todos taõ pobres, que poucos dias comem arroz pelo naõ terem, e ſuſtentaõ-ſe os mais delles com hum coco, huma pouca de jagra (que he o açucar que dà a palmeira) avela, que he arroz torrado, e o betere. E iſto naſce de naõ ſerem mercadores, nem officiaes, nem terem criaçoens, porque ſó ſeguem as armas, e dos ſoldos, que ſaõ bem poucos, e de quatro palmeiras ſe ſuſtentaõ. E como antre elles naõ ha eſte contrato de caſamentos nem por ley, nem por obrigaçaõ, ajuntaõ-ſe tres e quatro, e tomaõ huma mulher de que uſaõ, q̃ todos ſuſtentaõ. Eſta mulher eſtà em caſa ſobre ſi, e quando algum delles a quer communicar, deixa a rodela à porta, pera que vindo qualquer dos outros, ſaiba que eſtà a caſa occupada. E iſto corre entre elles com tanta ſingeleza, que nunca ſe achou ſerem tocados da raivoſa peſte dos ciumes. E por iſſo louvando o noſſo Luiz de Camoens eſte coſtume nas ſuas Luſiadas, diz: *Ditoſa condiçaõ, ditoſa gente, que naõ he de ciumes offendida.* E toda via ſe houver Naire, que poſſa ſuſtentar huma mulher, converſa-a com tantas guardas, e cautelas, que ſe naõ pòde ella furtar aos direitos, por mais que faça, e trabalhe. Mas tem eſtes huma couſa, que como ſe enfadaõ dellas, lhes daõ hũa Ola como carta de repudio pera fazerem de ſi o que quizerem. Daqui tomàraõ os Eſcritores (que naõ ſouberaõ eſtas particularidades) occaſiaõ pera fazerem eſtas mulheres commuas a todos, e ſe algumas ha deſtas, ſaõ as Princeſas, como tenho dito: mas naõ pera quem as quer, ſe naõ pera quem ellas querem. E aſſim como entraõ muitos neſta ſementeira, naõ ſe pòde verificar qual dos grãos eſpigou.

E deixando eſtas couſas: depois do Conde ſe embarcar, ſe fez à vela pera Còchim, onde chegou em breves dias, e foy muito bem recebido daquella Cidade, que jà pera iſſo eſtava preparada com caes feito ſobre o mar. E ao deſembarcar foy tomado debaixo de hum rico palio, e lhe fizeraõ huma breve oraçaõ da parte da Cidade, „ em que lhe dava „ os parabens daquella entrada, e lhe „ fizeraõ as lembranças ordinarias de „ lhe guardar ſeus foros, privilegios, e „ liberdades. Depois do Conde apoſentado, ſe veyo ver com elle ElRey de Còchim, cujas viſtas ſe fizeraõ ou dentro na Sé, ou no terreiro. Era novamente alevantado por Rey Rama Brama Unicormem, por ter falecido aquelle anno ſeu tio Vira Galao Gago Rey bem conhecido, que foy morto pelos Mouros Amoucos do Rey da Pimenta, depois de ter reinado 24. annos, e foy o terceiro Rey dos que conhecèraõ os Portuguezes des que deſcobrimos a India. O primeiro ſe chamou Unicormacoul, que foy o que Pedralvares Cabral achou vivo, e viveo atè os annos de 1502. O ſegundo foy Uniramacoul, que foy o que agaſalhou os noſſos Portuguezes, e o que por iſſo teve perdido o Reino, que o Camorim pretendeo tomarlhe. Eſte viveo 31. annos, e faleceo nos de 1537. O terceiro foy o Vira Galao Gago, que acima diſſe. O quarto he eſte Rama Brama, que o Conde agaſalhou muito bem, e lhe confirmou o Reino em nome de ElRey de Portugal.

CAPITULO XII.

De algumas couſas deſtes Reys de Còchim, de que noſſas hiſtorias naõ trataõ, que ſaõ muy importantes ſaberem-ſe.

PEla partida do graõ Perimal ficàraõ eſtes Reys de Còchim iſentos, e ſem obrigaçaõ alguma ao Camorim: mas como o tempo de cento em centannos muda quaſi todos os Eſtados, vieraõ elles com força, e violencia a opprimir eſtes Reys de Còchim, e a fazellos ſeus ſogeitos em certo modo, mas todavia ſem pareas: porèm depois que nòs

entràmos na India, que pelas traiçoens de que os Camorins uſáraõ com as noſſas Armadas, e pelo reccebimento, e recolhimento, que os de Còchim deraõ aos noſſos, que hiaõ delles eſcandalizados, e pela muita, e grande lealdade que ſempre moſtràraõ ao ſerviço de ElRey de Portugal, os tomàraõ elles à ſua conta, e os puzeraõ no eſtado em que hoje eſtaõ de livres da ſogeiçaõ dos Camorins, e de mais ricos que elles. Porque antes diſſo todos os Camorins quãdo ſe coroavaõ havia de ſer ſobre aquella pedra que primeiro eſtava no Pagode de Rama Ceram junto da Cidade de Còchim. E tanto que alli chegavaõ, logo o Camorim deſapoſſava do Reino ao Rey de Còchim, pelo tempo que as feſtas duravaõ, e depois o tornava a inveſtir, e ainda dizem alguns que ſe quizeſſem o naõ faria, e poria outro. E eſte coſtume nem os proprios Reys de Còchim ſabem donde teve principio, o que durou atè o tempo de ElRey Uniramacoul, que naõ quiz entregar os Portuguezes ao Camorim, que elle o deſtruhio, e lhe tomou o Reino, e tirou a pedra do Pagode Rama Ceram, e a paſſou à Ilha Repelim, aonde ſe eſtes Emperadores hiaõ depois coroar, por naõ entrar nos limites do Reino de Còchim. Deſta Ilha (como já diſſe) a tirou Martim Affonſo de Souſa, ſendo Capitaõ mòr do mar da India, e a entregou a ElRey de Còchim, com o que deixàraõ os Camorins de ſe coroar ſobre ella, e ſe coroavaõ em hum Pagode de Calecut. Em fim com o favor dos noſſos Reys ſe iſentou eſte de Còchim de todas eſtas ſogeiçoens.

Deſta ſogeiçaõ que os Reys de Còchim tinhaõ aos Camorins dizem alguns que naſceo aquella promeſſa que o noſſo Viſorey Dom Franciſco de Almeida fez ao Rey de Còchim quando o coroou com a Coroa de ouro que ElRey D. Manoel de felice, e glorioſa memoria lhe mandou, como ſe vè na Chronica deſte meſmo Rey que fez Damiaõ de Goes no Capitulo 8. do 2. livro, dizendolhe em lhe pondo a Coroa na cabeça „ que o inveſtia da poſſe da„ quelle Reino pera o ter, e reger como „ vaſſallo de ElRey de Portugal, que „ ficava obrigado a ſuſtentar, e defen„ der nelle de quem o quizeſſe offender. Ao que o Rey de Còchim reſpondeo „ que faria tudo o que ElRey de Por„ tugal ſeu irmaõ lhe mandaſſe: porque „ ſe naõ fora ſeu favor, e ajuda, jà aquel„ le Reino fora junto ao de Calecut. Eſta vaſſallagem, que ElRey alli prometteo, naõ conſta della mais que por eſta Chronica de Damiaõ de Goes, que naõ havia de eſcrever ſem fundamento iſto, e que havia de ver o auto que diſſo ſe fizeſſe: que ſe naõ eſtà na Torre do Tombo de Lisboa, devia de ficar por mãos dos Secretarios aonde ſe perderia; porque na India naõ ha memoria diſto, nem da menagem, que o Rey que hoje reina, deu, cujo aſſento ficou na Camera de Còchim, e ſe naõ tem mandado a eſta Torre do Tombo de Goa, tendo-a eu mandado pedir por algumas vezes. E deſtes deſcuidos Portuguezes tem nacido a falta de todas as couſas muito importantes pera a hiſtoria da India, que vou continuando.

A outra razaõ porque o Viſorey D. Franciſco de Almeida fez aquellas promeſſas aos ſeus Reinos, de quem o quizeſſe offender. Foy eſte o primeiro Rey de Còchim chamado Unicorma Couli. Tinha hum Principe chamado Matata Bari Coulmar que lhe havia de ſuccéder no Reino, que vendo as grandes guerras que o Camorim fazia a ElRey de Còchim, por ter recolhidos na ſua Cidade os Portuguezes, que Pedralvares Cabral alli deixou, parecendo que ſe naõ poderia defender, e que ſem duvida perderia o Reino, pedio a ElRey muitas vezes „ que entregaſſe os Portu„ guezes pera ceſſarem aquellas guerras. E porque ElRey o deſenganou „ que „ tal naõ havia de fazer, e que antes „ perderia o Reino, e ainda a vida, „ que entregar homens que ficàraõ en„ tregues à ſua honra, e palavra, e fé

„ Real,

„ Real, ſe foy eſte Principe là como deſ-
eſperado pera o Reino de Moringur
vaſſallo do de Còchim, e levou comſi-
go outro Principe ſegundo que havia
de ſucceder tambem no Reino, deixan-
do ElRey na força daquellas guerras ſó,
e com o Principe terceiro chamado
Elatabori Martigilcoul, que foy o que
ſuccedeo no Reino, e defendeo os noſ-
ſos contra o poder do Camorim, e o
que D. Franciſco de Almeida coroou,
como acima diſſe, que depois de ElRey
ſe chamou Uniramacoul, que he o ſe-
gundo no Catalogo dos Reys que fi-
caõ atraz.

E porque os dous Principes, que aci-
ma diſſe, que ſe foraõ pera o Reino Mo-
ringur, pretendèraõ meterſe de poſſe do
Rèino de Còchim, os noſſos lho defen-
dèraõ ſempre, e ſuſtentàraõ nelle o Rey
Uniramacoul atè vir D. Franciſco de
Almeida por Viſorey, que o achou no
Reino, e lho confirmou, e coroou por
tal em nome de ElRey D. Manoel, e
entaõ lhe diſſe „ e prometteo de o de-
„ fender naquelle Reino de quem o
„ quizeſſe offender. Entendendo iſto
por aquelles dous Principes que pre-
tendiaõ deſapoſſallo, e aſſim o ſuſten-
tou, e elles ficàraõ excluidos daquella
herança pela deſconfiança que tiveraõ
do Rey velho ſe poder defender do Ca-
morim. E aſſim ficàraõ ſem o Reino de
Còchim, e ſem o de Moringur: porque
eſte que ainda hoje neſta era de 1610.
vive, ſendo jà muito velho, ſe unio com
o Rey de Còchim, e o foy viſitar, e
pedio por herdeiro de Moringur o Prin-
cipe terceiro, que criava pera aquella
herança, que lhe elle concedeo, e elle o
prefilhou. E como eſſe ſe viver ha de
herdar por tempos eſtes Reinos ambos,
e aſſim tornarſehaõ a ajũtar em hum, co-
mo jà outra vez eſtiveraõ. Mas acon-
tecendo que eſte Principe morra ſendo
Rey de Moringur antes de herdar o de
Còchim, logo o Rey de Còchim her-
dàra aquelle Reino.

Deſta liança, e amiſade de ElRey de
Còchim com os noſſos foraõ ſempre os
Camorins muito cioſos. Porq̃ alèm de
com o favor dos noſſos ſe izentarem de
ſua ſogeiçaõ, viraõ que hia crecendo em
rendas, e terras, e fazendo-ſe poderoſo,
porque ſó a Alfandega de Còchim, e
ſeus annexos, lhe rende cada anno ſeſ-
ſenta mil pardaos, que he o que o Camo-
rim inveja muito: porque elle naõ tem
mais que palmares, e alguns direitos
poucos das fazendas que vaõ ao porto
de Calecut. Porèm naõ tem gaſtos,
porque toda a gente de guerra ſuſtenta
com terras que lhe dà, e o Rey de Cò-
chim ſuſtenta ſeus Capitaens, e ſolda-
dos a puro dinheiro, e pagas. E daqui
vem que os vaſſallos do Camorim naõ
querem guerra, porque tem ſua ſuſten-
taçaõ certa, e os de ElRey de Còchim
folgaõ co ella por cauſa das pagas, que
ſempre tem de ordinario quer haja guer-
ra, quer naõ, porque ſe naõ paſſem pera
os imigos.

Huma novidade contarey, que naõ
acho nas hiſtorias, digna de ſe ſaber, de
cuja origem naõ ha poderſe achar raſto
algum, que he eſta. Todos os primeiros
dias de Janeiro principio do anno em
ſahindo novos Vereadores, e Officiaes
da Camera, logo vaõ viſitar ElRey de
Còchim, e lhe levaõ hum Portuguez
de ouro, o que atè hoje dura. E nem os
meſmos Vereadores ſabem a razaõ de
porque fazem aquillo. O que eu pre-
ſumo he, que ſe lhe dà aquillo a modo
de pitança que lhe offerecem quando
lhe vaõ dar os bons annos em gratifica-
çaõ daquella Cidade, que lhe deu. Ou
tambem ſe lhe offerecerà por peça que
naquelle tempo que deſcobrimos a In-
dia, ſe lhe coſtumava a dar de Janeiras.

Tambem tem ElRey de Còchim ca-
da anno ſeiſcentos e quarenta cruzados
pera huma copa de ouro que lhe os noſ-
ſos primeiros Reys mandavaõ dar: de-
ve de ſer em final de amiſade. Eſtes lhe
leva o Feitor daquella Cidade em dia
de Reys, como peça dada de Reys, e
como tudo ſe vay perdendo, ou muda-
do, às vezes lhos levaõ, e às vezes naõ.

CAPITULO XIII.

De huma breve relaçaõ das Ilhas de Amboino. E do alevantamento que houve os annos paſſados contra os Chriſtãos: e do perigo em que ſe viraõ atè chegar Henrique de Sà, que caſtigou os rebeldes, e livrou os Chriſtãos.

NA relaçaõ que dèmos no oitavo Capitulo do ſetimo livro da noſſa quarta Decada, dos arquipelagos do mar de Levante, falàmos no de Amboino, cuja cabeça he eſta Ilha de que o ſeu arquipelago toma o nome. E poſto que ella em ſi ſeja pequena, por naõ ter mais em circuito que dezaſeis leguas, tem muitas Cidades, e Villas, cujos moradores navegaõ pera diverſas partes em navios grandes, e pequenos, e foraõ os primeiros de que tivemos conhecimento em todo aquelle mar, e que deraõ obediencia a ElRey de Portugal hindo alli ter Franciſco Serraõ da companhia de Fernaõ de Magalhaens, que os moradores da Cidade de Aito recolhèraõ, e agaſalhàraõ, e alli o mandou buſcar ElRey Boleife de Ternate, como nas outras Decadas temos dito, ficando ſempre aquelles naturaes muito grandes ſervidores de ElRey de Portugal, recolhendo ſuas Armadas, e provendo-as, e a noſſa fortaleza de Maluco de todas as couſas neceſſarias em tempos fortuitos, e trabalhoſos. E o meſmo faziaõ às Armadas do Rey de Tidore com ſerem iſentos, e naõ obedecerem a ninguem, porque ſe governavaõ por Juizes eleitos dos mais anciãos: mas ſempre a Cidade de Aito teve alguma ſuperioridade ſobre todas, e tambem ſe regia como Republica por certo numero dos mais antigos. Neſta liberdade viveraõ muitas centenas de annos, atè que depois ſe fundou a noſſa fortaleza na Ilha Ternate, que pela continuaçaõ das Armadas daquelles Reys de Tidore, e Ternate, que de paſſagem tocavaõ aquella Ilha pera ſe proverem quando hiaõ a algum feito, q̃ ſe affeiçoàraõ alguns daquelles lugares ao Rey de Ternate, e outros ao de Tidore, com o que foraõ pouco, e pouco tomando poſſe delles, aſſim por ſeus naturaes ſe ſegurarem de alguns Coſſairos, como a deſpeito huns dos outros, porq̃ andavaõ tocados de ciumes dos favores dos Portuguezes, e da fortaleza que tinhaõ em Ternate, e daquelles Reys.

Durou iſto atè que Jordaõ de Freitas tomou poſſe da fortaleza de Ternate, e Reino de Maluco, que ElRey D. Manoel ſeu afilhado, que morreo em Malaca, lhe fez doaçaõ daquella Ilha de Amboino, como fica dito no Capitulo do livro da noſſa ſexta Decada, de que elle Jordaõ de Freitas mandou tomar poſſe por Vaſco de Freitas ſeu ſobrinho, que fez huma fortaleza entre o mar da enſeada em q̃ as nàos invernaõ, e a Villa de Ative que jà era povoada de Chriſtãos, como todas as mais povoaçoens daquella Ilha, onde o Padre Franciſco Xavier, e os Padres da Companhia tinhaõ feito grande fruto na converſaõ das almas.

E como eſtes moradores de Ative andavaõ jà dantes em grandes diviſoens com os de Aito que lhe ficavaõ mais viſinhos pela outra banda da Ilha, acendeo-ſe mais aquelle odio com o favor que os de Ative ficàraõ tendo com a fortaleza que Vaſco de Freitas alli fez. E ajuntou-ſe a iſto, começar o Vaſco de Freitas a uſar do Officio dos Capitaens da India, de alguns digo, que era fazer forças, e tomar o que naõ era muito ſabidamente ſeu, e ainda a fazer affrontas aos Regedores da Cidade de Aito, e o que elles ſobre tudo ſentiraõ mais, foy parirlhe huma cadella, e elle pôr aos cachorros nomes dos principaes Regedores da Cidade. Com o que eſcandalizados, mandàraõ Embaixadores à Rainha de Japarà na Jaoa, que era poderoſa, e ſeus juncos navegavaõ todos os annos pera aquella Ilha por quem lhe mandàraõ dar obediencia, e offerecer vaſſallagem, que ella aceitou, e mandou

là seus juncos a carregar de cravo. Do que Jordaõ de Freitas fez grandes exclamaçoens quando se soube em Maluco, e muitos protestos a ElRey Acirо pera que acodisse àquillo. Ao que elle respondeo „ que a Ilha de Amboino naõ „ era de ElRey de Portugal, se naõ del- „ le Jordaõ de Freitas, que elle lhe soc- „ correse, porque nenhuma obrigaçaõ „ tinha a fazer despezas naquelle nego- „ cio. E alguns Portuguezes velhos que entendiaõ bem a terra, disseraõ a Jordaõ de Freitas „ que os juncos da „ Jaoa naõ faziaõ dano ao nosso cõmer- „ cio, antes proveito, porque traziaõ „ muitos mantimentos, de que os nossos „ galeoens da carreira se proviaõ, e o „ mesmo a nossa fortaleza, e que o cra- „ vo, que levavaõ, naõ faltava nos ga- „ leoens, que sempre hiaõ cheyos, e „ que a mòr parte do que os Jaos alli „ carregavaõ, e resgatavaõ, hia ter à „ nossa fortaleza de Malaca, e que por „ huma parte, ou pela outra, sempre os „ Portuguezes o haviaõ.

E depois que D. Duarte Deça prendeo ElRey de Maluco, como atraz fica dito no primeiro Capitulo do quarto livro, mandàraõ os Regedores do Reino huma Armada, de que era Capitaõ Cachil Liliato, contra a Ilha de Amboino, que deu em muitos lugares de Christãos, e os destruhio, e assolou, martyrizando muitos, e fazendo tornar atraz outros, que seriaõ menos fortes. E sempre se extinguira aquella Christandade, se hum Christaõ por nome Manoel, Regedor da Villa de Ative (criado de moço na doutrina daquelle Varaõ Religioso Francisco Xavier, que o fez Christaõ) naõ esforçára, e sustentàra com muito valor a muitos delles, porque ajuntando os que pode, fez hum arrezoado esquadraõ, com que sahio muitas vezes aos imigos, e lhe deu alguns assaltos, em que lhe matou muitos. No que parece que ainda alli obrou a virtude, e santidade do Padre Francisco Xavier, que diante de Deos estava pedindo a Deos nosso Senhor o favor, e ajuda pera aquella Christandade, que lhe elle dava com taõ larga maõ. Porque na fortaleza de Amboino havia poucos Portuguezes que a sustentavaõ sem poderem sahir fóra della: e só o Manoel de Ative sustentava o campo, naõ só contra os imigos, mas ainda contra os amigos, e parentes. Porque na força deste trabalho se levantou hum seu cunhado chamado Antonio, que desejou muito de o matar. E pera isso buscou todos os modos q̃ pode, atè se valer de alguns màos, e baixos Portuguezes, que com ira diabolica achando-o só, encaráraõ dous delles as espingardas nelle, que vendo-se sem remedio, nem resistencia, deulhe Deos nosso Senhor espirito, e animo pera arremeter com huma Cruz com que se abraçou, e nella escapou a seus imigos, que com medo de os Deos nosso Senhor castigar, naõ quizeraõ despar nelle as espingardas por naõ darem na Cruz, a cuja sombra, e virtude deixou peccador nenhum de achar remedio, e amparo. E parece certo que as oraçoens do Padre Francisco Xavier o guardàraõ daquelle perigo pera defensor daquella Christandade.

Os imigos tinhaõ cercados todos os moradores da Villa Quilaõ, que tambem eraõ Christãos, q̃ se recolhèraõ em huma serra muito forte, aonde foraõ por algumas vezes combatidos rijamente: humas com armas, e outras com rogos, com que os cometèraõ se entregassem, prometendolhes de os deixarem hir livres: dizendolhe „ que naõ tivessem esperanças em „ soccorros de Portuguezes, porque „ todos os que estavaõ na fortaleza eraõ „ tomados às mãos, e mortos: fazendo- lhe sobre isso grandes promessas. Ao que elles sempre respondèraõ com grande constancia, e inteireza, affirmandolhes „ que em quanto Manoel de Ative fos- „ se vivo, e Christaõ, naõ tratassem de „ se entregarem, nem de deixarem a Fé „ de Christo. Que o fossem buscar, e „ que rendendo-o, e desbaratando-o, „ entaõ se entregariaõ, porque tinhaõ „ todos tamanha confiança em seu es-

„ forçó, ſaber, e Chriſtandade, que „ aquelles trabalhos que paſſavaõ, lhe „ eraõ faciliſſimos co as admoeſtaçoens „ que de quando em quando tinhaõ „ delle, que neſta parte nunca ſe deſcuidou de ſua obrigaçaõ. Andava elle no campo com os moradores de Ative, que lhe obedeciaõ, e por algumas vezes ſe encontrou com os imigos que andavaõ muy poderoſos, e inſolentes, por ſe lhe terem ajuntado todos os arrenegados, e ſem os temer, nem recear rompeo batalha, que ſe apartou por noite, em que o leal, e fideliſſimo Chriſtaõ Manoel fez couſas dignas, e merecedoras de mayor eſcritura.

Neſte eſtado eſtavaõ as couſas quando chegou àquelle porto Henrique de Sà, que em principio deſte veraõ deixàmos partido pera Maluco, que ſabendo os trabalhos daquella Ilha, e o muito que o Manoel tinha feito, o ajuntou a ſi, e lhe fez muitas honras, e tratou com elle de darem nos alevantados, pera o que ſe fizeraõ preſtes. E a primeira couſa que Henrique de Sà fez, foy prender o Antonio cunhado do Manoel, e caſtigar os dous Portuguezes que o quizeraõ matar. E ajuntando a mais gente que puderaõ, foraõ dar nos alevantados, que eſtavaõ favorecidos da gente de ElRey de Ternate, e os desbaratàraõ, e fizeraõ embarcar com muita gente perdida, e deſcercàraõ os Chriſtãos de Quilaõ. E depois andàraõ por todas aquellas Ilhas caſtigando os rebeldes, e os que tornàraõ atraz na Fé, e animando, e favorecendo os Chriſtãos em ſeus lugares. E de feiçaõ fez Henrique de Sà iſto, que quietou aquellas Ilhas. E os Padres da Companhia tornàraõ a pôr as mãos naquella obra da converſaõ das almas, e em breve tempo reconciliàraõ co a Igreja quaſi todos os que tinhaõ apoſtatado, e bautizáraõ muitos outros que vieraõ de novo, ſendo a principal parte em tudo iſto o bom Chriſtaõ, e Catholico Manoel, que como tal correo ſempre muito bem com os Padres. Neſte eſtado deixaremos eſtas couſas atè ſeu tempo.

CAPITULO XIV.

Da guerra que o Madune mandou proſeguir contra a noſſa fortaleza de Columbo, e de Cota, em que eſtava ElRey Peria Pandar. E dos caſos que acontecèraõ.

MUitas vezes temos dito do muito que o Madune Pandar deſejava de tomar o Reino da Cota, e prender ElRey ſeu irmaõ, pera aſſim com mais ſegurança ficar Senhor de toda a Ilha. Pelo que nunca levou maõ da guerra, e trouxe ſempre ſeus exercitos, de que era ſeu Capitaõ géral ſeu filho Rajù Pandar; ora contra Columbo, ora contra a fortaleza da Cota, onde eſtava ElRey Peria Pandar. Era Capitaõ de Columbo Balthazar Guedes de Souſa, e tinha comſigo ſeu irmaõ Gonçalo Guedes, ambos muito bons Capitaens com outros alguns que tinhaõ hido de Goa, como foraõ Nuno Pereyra de Lacerda, Simaõ de Mello Soares, Gaſpar Guterres de Vaſconcellos, Antonio Chainho de Caſtro, Andrè da Fonſeca, Antonio da Fonſeca, Diogo Fernandes Pirilhaõ, e outros que o Capitaõ Balthazar Guedes de Souſa tinha repartido por eſtancias. O Rajù depois de dar muitos aſſaltos ora na Cota, ora em Columbo, determinou-ſe em cercar Columbo, e trabalhar de a tomar, e aſſim lhe poz cerco com mais de trinta mil homens ao redor da fortaleza, e combateo-a por todas as partes com muita força, arriſcando muitas vezes todo o poder, por levar a povoaçaõ nas mãos: mas foy lhe ſempre dos noſſos muito bem defendida, com haver muitas mortes de parte a parte, e os noſſos ſe verem muitas vezes perdidos, e neſte cerco fizeraõ tantas couſas, e taõ grandes cavallarias, que as naõ ſey eſpecificar, e foraõ os aſſaltos tantos, e taõ amiudados, que naõ ha poderſe fazer, nem dar relaçaõ particular

cular delles. Sómente direy huma cousa, que de qualquer dia deste cerco se pudera muito bem fazer huma historia de per si: porque os casos de cada momento eraõ notavelissimos, e eu naõ deixàra de contar os principaes, se os soubera na realidade da verdade: mas só em soma soube que mayor foy o desgosto que me deraõ, que o gosto, e alvoroço que tenho de escrever esta jornada, que foy huma das memoraveis, e notavelissimas do mundo. Em fim o Rajù foy continuando este cerco sobre Columbo com muito grande importunaçaõ, e aperto, atè que de cansado, e enfadado de ver que lhe naõ succediaõ as cousas como queria, se recolheo a Ceitavaca, cuidando os nossos que seria pera os naõ tornar acometer. Mas como o Rajù, e seu pay entravaõ neste negocio com odio, e cubiça, naõ fez mais que refazerse de gente, munições, e mantimentos, e logo se poz ao caminho da Cota pera concluir aquelle negocio, que tinha por averiguado, e concluido, havendo que ficàraõ os nossos taõ escalavrados do cerco passado, e taõ quebrantados, que naõ estariaõ em estado de poderem hir soccorrer aquelle Rey, no que se enganàraõ: porque tanto que Balthazar Guedes de Sousa teve novas que elle se abalava contra a Cota, partio-se de Columbo com a mais gente que pode, e se foy meter na Cota, deixando seu irmaõ Gonçalo Guedes em Columbo co a gente que lhe pareceo necessaria pera se poder defender de algum encontro, se o houvesse.

He a Cidade de Cota de fórma redonda posta como em huma Ilha cercada toda em roda de hum arrezoado rio, que se naõ póde passar se naõ com embarcaçoens. Terà dous mil passos de roda, e naõ ha mais servintia pera fóra, que por hum passo como o pescoço de hum homem, que seria de 50. passos de largura. Esta garganta tinhaõ os nossos fortificada com hum muro de paredes grossas de huma, e de outra parte, e duas paredes mais que atravessavaõ esta garganta, huma pera fóra, e outra mais dentro, e a este passo chamavaõ a Prea Cota. Tem mais sobre o rio huma ponte, a que chamaõ o passo de Ambola, que vay pera a parte de Columbo, porque os nossos se servem, e serà da Cota a Columbo legua e mea. Tem outro passo que chamaõ do Mosquito. E outros dous em que os nossos tinhaõ feitas suas tranqueiras, e providas de tudo. O modo de como Gonçalo Guedes, e ElRey proveraõ isto, e os Capitaens, que puzeraõ nestes passos, eu o naõ soube, nem achey lembranças algumas: sómente sey que na Prea Cota, que he o passo mais perigoso, estava hum Capitaõ com quarenta homens, e em todos os mais passos estava cada hũ com o seu, e trinta homens. E na Prea Cota estavaõ o Padre Frey Simaõ de Nazarè, Frey Lucas, e outros tres Padres de S. Francisco, todos Religiosos de grande, e muy conhecida virtude. ElRey ficou defóra com o Capitaõ Balthazar Guedes de Sousa pera acodirem aonde fosse necessario.

Tanto que o Rajù appareceo sobre a Cota a cercou em roda com todo o poder, que tinha muito engrossado, e acometeo por muitas vezes com grande determinaçaõ, principalmente pela Prea Cota com os Elefantes, que por huma parte por onde chegava o rio ficava mais seco, foraõ cometendo denodadamente, mas os nossos os escalavráraõ, e abrazáraõ com lanças de fogo, com que os fizeraõ voltar, acodindo aqui o pezo dos imigos, cuidando que os Elefantes lhes fizeraõ entrada, sobre o que se travou huma muito aspera batalha de muito risco, e perigo, em que houve muitos mortos de ambas as partes, onde ElRey, e o Capitaõ Balthazar Guedes de Sousa, e outros cavalleiros que os acompanhavaõ, fizeraõ tantas maravilhas, que pareciaõ Elefantes bravos. E os Frades foraõ os que fizeraõ mais, porque pelejavaõ espiritualmente com oraçoens, e com persuadirem aos homens a que se defendessem, e pedissem

a Deos

a Deos perdaõ de ſeus peccados, ſendo elles ſempre os primeiros em todos os riſcos, e perigos. Neſta crueza ſe paſſou aquelle dia, e outros ſeguintes, ſem deixarem tomar aos noſſos hum pequeno de deſcanço: porque nem de dia, nem de noite largavaõ as armas das mãos, comendo muito pouco, e dormindo menos. E a couſa de mòr eſpanto, e em que deſejo de gaſtar muitas mãos de papel he, que eſta noſſa gente a mòr parte della, ou quaſi toda eraõ ſoldados dantre Doutro, e Minho, da Beira, e de Traz os Montes, homẽs naõ conhecidos, nem de appellidos uſurpados, ſe naõ criados pobre, e ruſticamente, mal veſtidos, e peyor atados. Mas por certo que por elles ſe podia dizer o que ſe já diſſe por Ceſar, que ſe guardaſſe daquelle mancebo mal cingido. Aſſim deſtes noſſos Portuguezes, a quem a falta de ſangue encobrio o grande valor do eſpirito, ſe podia dizer „ guardaivos daquelles esfarrapa- „ dos, e daquellas eſpadas ferrugentas, „ porque alli vaõ outros Ceſares. E aſſim vieis hum deſtes poſto de barba a barba contra muitos dos imigos, e cortallos com tanto valor, e eſforço, que vos metia medo, e cauſava grandiſſimo eſpanto; e endireitar com hum Elefante bravo, que poderia fazer recuar todo hum exercito, e fazello virar pera traz, como ſe fora outra alimaria mais brava, e mais feroz que ella. E eſtes de que falo ſaõ os que acabáraõ na India os mais dos feitos arriſcados, que nella ſe cometeraõ: e os que neſta Ilha de Ceilaõ ſuſtentáraõ eſte, e outros cercos, de que ſe puderaõ fazer muitas eſcrituras, ſe o tempo, e o deſcuido lhe naõ tivera ſepultados os nomes, e com elles os feitos.

CAPITULO XV.

Do grande aperto em que o Rajù poz os noſſos. E de como Diogo de Mello Capitaõ de Manar foy de ſoccorro: e de outros ſoccorros que ſe lhe ajuntàraõ.

O Rajù foy continuando no cerco aſſim com mòr poder, como com mòr crueza cada dia, buſcando todos os modos pera entrar na Cidade, aſſim por mar com embarcaçoens, e jangadas, como pela Prea Cota. E muitas vezes ſe viraõ os noſſos perdidos: mas Deos noſſo Senhor, que tinha os olhos nelles, e naquella Ilha, deu animo aos noſſos, com que ſempre rebateraõ os imigos com grande deſtruiçaõ ſua, e naõ pequeno dano da noſſa parte. El-Rey com alguma gente ſua ſempre ſe achou nos mores perigos, como quem lhe hia mais que a todos, pois lhe hia o Reino. Os imigos tomáraõ outro caminho do paſſo do Ambolaõ, por onde lhe vinhaõ da Cota alguns provimentos, e recados, e aſſim com trabalho, e muito riſco podiaõ os noſſos mandarſe recados huns a outros. As novas deſte cerco, e dos noſſos eſtarem em grande perigo, chegáraõ a Manar na entrada de Agoſto, que ſabidas por Diogo de Mello Coutinho Capitaõ daquella fortaleza, negociou logo alguns navios em que ſe partio de ſoccorro elle em hum, e nos outros Pero Juzarte Tiçaõ, e Gaſpar Pereira o Comprido, que depois foy deſpachado com a fortaleza de Chàul, ſem querer vir entrar nella.

Partidos eſtes navios cheyos de gente, muniçoens, e mantimentos, porque naõ tinhaõ tempo pera de longo da coſta hir buſcar Columbo, foraõ demandar a outra coſta de Tutocori pera della atraveſſarem com o vento, que entaõ era monçaõ. Entre tanto foy o Rajù apertando o cerco, porque via que ſe hia acabando o inverno, e que podiaõ logo vir muitos ſoccorros, e aſſim determinou-ſe a levar a Cota nas mãos, e

pera

pera iſſo cometeo-a por todos os paſſos com muita furia achando nos noſſos a reſiſtencia coſtumada. Seriaõ os noſſos, que podiaõ pelejar, quatrocentos, que naõ pareciaõ de carne ſe naõ de bronze, porque nem as bombardadas os aſſombravaõ, nem abalavaõ, nem os Elefantes os faziaõ mover de ſeu lugar. Neſta continuaçaõ foy o Rajù, atè que hum dia meteo toda a potencia no combate, e a mòr força della poz na Prea Cota, que foy cometida da gente da Atapata, que he a da guarda de ElRey, ſoldados eſcolhidos, e valeroſos (como os Janizaros) E diante da guarda foraõ os Elefantes de guerra, que com ſeus urros coſtumados puzeraõ as teſtas nas tranqueiras, aonde acodio ElRey, e o Capitaõ com os continuos que com elle andavaõ, e diante de todos o Veneravel Padre Frey Simaõ de Nazareth, com cinco, ou ſeis Frades, que na mòr furia da batalha ſe acháraõ ſempre diante, esforçando os homens, e moſtrandolhe no ar Chriſto crucificado, debaixo de cujo nome, e Fè pelejavaõ todos clamando muitas vezes pelo nome de Jeſu, que ſempre os ſoccorreo com ſeus auxilios, acreſcentandolhe animo, e esforço: porque ſe iſſo naõ fora, tudo ſe acabàra. Em fim os Elefantes tanta força lhe fizeraõ fazer, que arrombàraõ a primeira parede da Prea Cota, onde os noſſos andavaõ pelejando com muito valor, e aſſim com aquelle impeto foy a Prea Cota entrada, e mortos tres Frades de S. Franciſco, e mais de vinte Portuguezes. Vendo-ſe ElRey, e o Capitaõ entrados, e perdidos, acodiraõ com todo o reſto da gente que tinhaõ, levando diante algumas lanças de fogo, e a eſpingardaria, e appellidando Santiago, e o Padre Frey Simaõ de Nazareth diante, chamando por Chriſto que os ſoccorreſſe, e ajudaſſe, quiz eſte Senhor por ſua grande miſericordia (como elle coſtuma fazello em ſemelhantes neceſſidades) ſoccorrellos de feiçaõ, que lançàraõ fóra os Elefantes muy queimados, e iſſo meſmo fizeraõ aos imigos, ficandolhe daquella feita mais de quatrocentos mortos, e abrazados. Finalmente foy o eſtrago tal, que houve o Rajù por ſeu partido retirarſe quaſi desbaratado, cuidando elle que tinha concluido aquelle negocio daquella feita. O Capitaõ Balthazar Guedes de Souſa, que eſte dia fez o officio de valeroſo ſoldado, ficou ferido de duas feridas, mas naõ foraõ parte pera deixar o conflicto, antes nelle moſtrou mais os quilates de ſeu ſangue. E o meſmo fizeraõ os Fidalgos, e Cavalleiros conhecidos, a que naõ achey os nomes pera os engrandecer como mereciaõ.

ElRey, e o Capitaõ ſem tomarem repouſo algum reformàraõ, e fortificàraõ a Prea Cota da banda de dentro muito fortemente, e deſejàraõ de mandar recado à India, em que fizeſſem a ſaber ao Viſorey o eſtado em que aquella fortaleza eſtava, pera que a ſoccorreſſe, o que teve por duvidoſo, porque eſtavaõ os caminhos todos tomados, e naõ era poſſivel poderem paſſar por elles. Mas hum Frade de S. Franciſco que vio aquella neceſſidade, e o riſco, e perigo em que todos eſtavaõ, falando com hum Pacha que ſabia muito bem aquelles matos, deulhe conta de ſua determinaçaõ que era paſſar a Columbo pelos matos, e com todo o riſco de ſua peſſoa que lhe faria pagar muito bem, o Pacha ſe lhe offereceo ao pôr em Columbo muito ſeguro. E dando o Padre conta ao Capitaõ, e a ElRey do negocio, lhe agradecèraõ muito aquelle ſerviço que queria fazer a Deos, e bem àquelle povo, e entregando-o ao Pacha a quem pagàraõ bem, ſahiraõ-ſe no quarto da modorra pelo paſſo do Ambolaõ, e ſe embrenhàraõ por huns matos novos, e differentes por onde caminhàraõ com muito trabalho, e riſco. E quiz noſſo Senhor, que ſempre favorece obras ſemelhantes, que em duas horas chegàraõ a Columbo, onde o Padre entrou, e deu conta do trabalho paſſado, e perigo em que todos ficavaõ, dando as

cartas

cartas ao Alcaide mòr, em que lhe mandava que logo dèsse embarcaçaõ pera passar a Tutocori, q̃ lhe logo negociàraõ, que foy hum tone pequeno em que se embarcou, e foy atravessando a Tutocori, e chegando à terra vio a Armada de Diogo de Mello Coutinho, que tinha chegado do dia dantes, e estava jà com elle Antonio da Costa Travassos, q̃ tinha vindo de Còchim por Capitaõ mòr de seis navios de remo cõ muita, e boa gente, e alli ajuntàraõ mais alguns navios de mantimentos, que foraõ sete ou oito. E sabendo a grãde necessidade em que a Cota ficava, se fizeraõ logo à vela pera Columbo por ter o tempo bom, e ao outro dia entràraõ naquella Bahia com aquelle grande soccorro, de que logo correo a nova ao Rajù. Os nossos tanto que desembarcàraõ, tratàraõ de hir soccorrer a Cota, e ajuntàraõ-se mais de quatrocentos homens com que se puzeraõ em ordem pera se partirem. Mas tanto que o Rajù o soube, alevantou o exercito, e se recolheo pera Ceiravaca com levar menos do que trouxe mais de dous mil homens, que perdeo naquella jornada. E com isto ficàraõ os nossos desalivados, e se fortificàraõ de novo, e proveraõ a Cota de mantimentos, e gente, e Diogo de Mello tanto que vio naõ ser alli necessario, recolheo-se pera Manar na sua fusta só, ficando em Columbo todo o mais soccorro que foy com elle.

CAPITULO XVI.

Da Armada que este anno de 63. partio do Reino, de que era Capitaõ mór D. Jorge de Sousa. E de como foy ao Malavar D. Francisco Mascarenhas. E da grande batalha que Jeronymo Dias de Menezes teve com tres Parò, de que todos sahiraõ destroçados. E de outras cousas.

TOdo este inverno gastou o Conde Visorey em reformar a Armada com que determinava partir entrada de Setembro pera o Achèm, como tinha escrito a D. Francisco Deça Capitaõ de Malaca, como atraz fica dito, e pera esta jornada fez todas as preparações que lhe parecèraõ necessarias. E logo na entrada de Setembro surgiraõ na barra de Goa tres nàos do Reino, de que era Capitaõ mòr D. Jorge de Sousa, que vinha embarcado na mesma nào Castello em que o anno atraz passado de sessenta tinha vindo do Reino. As mais nàos eraõ a Garça de que era Capitaõ Diogo Lopes de Lima; que vinha provido com a Capitanìa de Maluco S. Filippe, de que era Capitaõ Vasco Lourenço de Barbuda, o Carracaõ. E a Algaravia em que vinha Vasco Fernandes Pimentel que arribou ao Reino. Surtas as nàos, e estando ainda com a mòr parte da carga dentro em si lhe deu hum tempo taõ grosso, que soçobrou a nào Saõ Filippe, que estava mais chegada a terra. O que o Conde sentio muito por naõ ficarem mais que as duas pera levarem a carga da pimenta. Pelo que determinou de as despedir muito cedo, e desistio da Armada do Achèm, e naõ soubemos a causa porque, ou se lhe veyo algum regimento de novo de que naõ tivemos noticia. E vendo que cessava aquella jornada, entendeo em prover de Armada a costa do Malavar, sem embargo de estar de paz, por haver novas que em alguns rios se armavaõ alguns cossairos pera sahirem as presas.

E porque o Reino de Cananòr estava ainda de guerra, desta Armada foy por Capitaõ mòr D. Francisco Mascarenhas, que levou tres galeotas Latinas, e doze navios de remo, cujos Capitaens eraõ os seguintes. D. Pedro de Menezes, Ayres de Saldanha, Manoel de Saldanha seu irmaõ, Fernaõ de Miranda de Azevedo, Pero de Mendoça, Alexandre de Sousa, Mem Dornelas, Jeronymo Dias de Menezes, Diogo Soares de Albergaria, Bernardo de Azevedo Coutinho, Jeronymo Teixeyra de Macedo, Mattheus de Figueiredo,

redo, Manoel Furtado, Manoel Simoens. De todos eſtes navios ficou em Goa o de Jeronymo Dias de Menezes, que ſe ficou negociando de algumas couſas, que partio dahi a poucos dias, levando em ſua companhia alguns navios, aſſim com cavallos pera os portos do Canarà, como com fazendas pera as nàos do Reino a Còchim. E hindo tanto àvante como o porto de Batecalà ao mar, houveraõ viſta de tres Paràos de Malavares, que cuidando que os noſſos navios eraõ de mercadores por ſer jà a Armada paſſada adiante, os foraõ demandar, cuidando que tinhaõ na maõ alguma boa preza. Jeronymo Dias conhecendo os navios, e entendendo ſua determinaçaõ, tomou conſelho ſobre o que faria: „ Aſſentàraõ que os eſperaſ„ſem, e pelejaſſem com elles; porque „ de outra maneira perderſehiaõ todos „ aquelles navios que hiaõ em ſua com„panhia, e elles poſto que pudeſſem eſ„capar aos Malavares, jà havia de ſer „ co a infamia da fogida, couſa que os „ ſoldados que alli hiaõ tinhaõ por muy „ grande vituperio, e affronta, e por „ iſſo naõ temiaõ o perigo ainda que o „ viſſem muito grande, e certo. Levava Jeronymo Dias de Menezes quarenta ſoldados dos mais biſarros, e roncadores da India, e antre elles hia hum Gaſpar Carvalho da obrigaçaõ de Alvaro Paes de Sotomayor, homem de eſtatura ordinaria, mas nas feiçoens taõ robuſto, e carregado que parecia hum ſalvage: porque as peſtanas, e ſobrancelhas lhe cahiaõ ſobre os olhos, de modo que quaſi lhos cobriaõ, e elle taõ cabeludo por todo o corpo, que era huma monſtruoſidade, e com iſſo era taõ valente homem, e taõ deſtro nas armas, que naõ havia entre os ſoldados do ſeu tempo quem lhe fizeſſe ventagem naquellas couſas. Eſte vendo vir os navios dos Malavares com grande preſſa a elles, diſſe a Jeronymo Dias de Menezes que ſe apreſſaſſe, e que puzeſſe a proa em hum que vinha adiantado, e que de paſſagem o axoraſſem: porque quando os outros dous chegaſſem, tiveſſem menos contrarios. Jeronymo Dias o fez aſſim, e apertando o remo chegàraõ ao coſſairo, e deraõlhe huma ſurriada de eſpingardaria, de que lhe derribàraõ muitos Mouros, e juntamente lhe puzeraõ a proa, onde hia o Gaſpar Carvalho, que à primeira pancada ſe arremeſſou dentro no parao com huma eſpada, e rodella, e como hum leaõ faminto ſe meteo entre os Mouros em que fez tal eſtrago, que deſpejou a proa, e foy paſſando àvante pela coxia com aquelle furor, deixando já mais de dez eſpedaçados, e aſſim os foy levando atè o maſto, e ainda adiante delle, que chegàraõ outros ſoldados que o ajudàraõ a averiguar a vitoria taõ apreſſadamente, que quando os outros dous paraos chegàraõ, já tudo era concluido, e os noſſos recolhidos ao navio com algumas feridas.

Vendo os coſſairos aquelle eſtrago nos ſeus, recolhendo de paſſagem alguns que andavaõ pelo mar, foraõ enveſtir o noſſo navio: mas primeiro levàraõ huma carga de artelharia, que era hum falcaõ, e dous berços, e apoz ella mais de trinta eſpingardas a volta de algumas panellas de polvora, que ſe empregàraõ taõ bem, que quando chegàraõ a ſe enveſtir, já nos navios vinhaõ perto de trinta Mouros derribados. E como elles vinhaõ com aquella furia, ao abalroarem o noſſo navio, ſe lançàraõ logo dentro mais de cincoẽta Mouros, com que os noſſos tiveraõ huma muito aſpera batalha, em que os noſſos moſtràraõ bem ſeu valor, e esforço, principalmente o Gaſpar Carvalho, que à eſpada, e rodella desfez muitos dos que abalroàraõ pela parte em que elle eſtava. Mas todavia como os Mouros eraõ muitos, e todos ſe lançàraõ em o noſſo navio por todas as partes, foraõ levando os noſſos atè a popa, e ainda alguns ſe recolheraõ debaixo do toldo donde as frechas dos imigos, que dentro os hiaõ buſcar, e as reprenſoens de Jeronymo Dias de Menezes, e de outros

tros ſoldados de valor, os fizeraõ arrebentar outra vez pera fóra, e meterem-ſe na batalha, que andava encarniçada, e cruel; e tantas couſas fizeraõ os noſſos, que a poder de golpes lançáraõ os Mouros fóra do navio, ficandolhe dentro mais de ſeſſenta eſpedaçados, e os outros taõ eſcaldados de ſuas mãos, que em chegando a ſeus navios, ſe afaſtàraõ, e deraõ à vela pera o mar, deixando elles tambem os noſſos em tal eſtado de encravados das fréchas, de abrazados do fogo, e de feridas dos ſeus terçados, que houve ſoldado de quatro, e cinco finaes crueis, e penetrantes.

Vendo Jeronymo Dias de Menezes os imigos recolhidos, e os ſeus taõ mal tratados, deſpejou o navio dos Mouros mortos, que lançou ao mar, e deu à vela pera Batecalà. E naõ acho que dos noſſos foſſe algum morto, mas todos, ou os mais a perigo diſſo. E chegando a Batecalà, achàraõ là os navios de ſua companhia, que ſe ſouberaõ recolher, e o Feitor Portuguez, a quem naõ ſoube o nome, foy deſembarcar todos os feridos, e os levou pera ſua caſa, onde os fez curar com muita diligencia, e reſguardo, provendo-os de todas as couſas, que lhes foraõ neceſſarias. Poucos dias depois diſto chegou àquelle porto Manoel de Saldanha por Capitaõ mòr de quatro navios da Armada, que vinhaõ dando guarda a alguns navios, que hiaõ pera Goa, e levava dous pagueis, que tomou no caminho, que requerèraõ de preza diante do Feitor, que lhe foraõ julgados, por dizerem que naõ levavaõ cartazes, ſem embargo dos Mouros delles ſe queixarem que os Capitaens dos noſſos navios lhos ſumiraõ, e engulliraõ. Em fim os pagueis foraõ alli vendidos com todo o recheyo por quatro ou cinco mil pagodes, que ſe repartiraõ entre todos. E deixando alli os navios, a que hiaõ dando guarda, por ſer jà paragem ſegura, tornàraõ-ſe pera o Malavar, levando comſigo os outros da companhia de Jeronymo Dias de Menezes, que ſe ficou curando com ſeus ſoldados.

CAPITULO XVII.

Das couſas em que o Conde proveo: e de como mandou Domingos de Meſquita eſperar os pagueis do Malavar, que vinhaõ de Cambaya, com cor de alevantado. E da grande deſtruiçaõ que nelles fez. E de como faleceo o Conde Viſorey. E das partes, e qualidades de ſua peſſoa.

DEſpedida a Armada de D. Franciſco Maſcarenhas pera o Malavar, deu o Conde deſpacho à carga das nàos, e à eſcritura do Reino, que como naõ eraõ mais que duas, partiraõ em poucos dias andados de Janeiro de 1564. E paſſando pelas variedades daquella jornada, chegàraõ a ſalvamento ao Reino. E aſſim aviou o Conde ao Arcebiſpo D. Gaſpar pera hir viſitar as fortalezas do Norte, e ver ſuas ovelhas com o olho, que era a primeira viſitaçaõ, que fez depois de vir do Reino. E pera iſſo lhe deu huma eſcuſa galè, e huma fuſta pera ſeu ſerviço, e todas as mais couſas neceſſarias pera a jornada. Tinhaõ jà chegado a Goa as novas dos paraos, que pelejàraõ com Jeronymo Dias de Menezes, e de outros que eraõ ſahidos a roubar contra o contrato das pazes, que com tanta ſolennidade jurou cõ o Camorim. Mandouſe-lhe queixar pelo Capitaõ de Chale, que ſe vio com elle, e lhe repreſentou aquellas couſas como convinhaõ ao Eſtado, lembrandolhe „ que dos contratos das paz es os „ mais importantes Capitulos ſe que- „ bràraõ, que eraõ. Naõ ſahirem mais „ ladroens de todos os ſeus portos, nem „ haver nelles navios de eſporaõ, e que „ todos ſe cortariaõ, e fariaõ pagueis. „ Lembrandolhe a obrigaçaõ que tinha „ de comprir o que juràra, e em que fi- „ cava de caſtigar aquelle crime muito „ bem. Ao que lhe reſpondeo o Camo- „ rim que elle naõ ſabia de tal, que de- „ viaõ de ſer alguns ladroens formi- „ gueiros, que ſe os achaſſem, os tomaſ-

„ ſem,

„ſem, e queimaſſem: e que ſe elle os „colheſſe às mãos, os mandaria caſtigar „muy gravemente.

Vendo o Conde aquella razaõ, e entendendo que eraõ aquillo couſas dos Mouros, que ſempre foraõ occaſiaõ da guerra; e que nunca jà mais deixàraõ de atecer com o Camorim pera contra nòs, pelos grandes proveitos que nas pilhagens alcançavaõ, determinou ſatisfazerſe daquella affronta nos meſmos Mouros. E ſabendo que eraõ paſſados pera Cambaya mais de oitenta pagueis de todos os rios do Malavar, e que levavaõ cartazes dos Capitaens de Chale, e Cananòr, determinou de os mandar eſperar, e abrazallos a todos, e metellos à eſpada a todos os Mouros que nelles foſſem, e mandar pera eſte effeito alguns navios com nomes de alevantados, como o Camorim dizia que eraõ os ſeus Paràos. E pera eſta jornada dizem que cometera hum certo Fidalgo, q̃ ſe lhe eſcuſára com dizer „que aquillo era que„brar pazes, e que naõ podia mandar „matar homens, que hiaõ com ſeguros „Reaes, e que naõ tinhaõ culpa do que „os ladroens faziaõ.

Iſto foy ſabido por hum Domingos de Meſquita, cavalleiro muito honrado, e pera cuja condiçaõ, e natureza eraõ aquellas couſas hum grande alvitre. Foy-ſe ao Conde Viſorey, e pediolhe de mercè aquella empreza, dizendo „que elle tomava ſobre ſi tudo „aquillo, e ſó elle queria dar a Deos „conta della: porque contra Mouros, „e imigos taõ falſos naõ ſe havia de „guardar primor, nem ley de guerra. O Conde, como o conhecia, e ſabia do ſeu eſforço, e valor, eſtimou muito offerecerſelhe, e deulhe huma caravela, e duas fuſtas com cento e vinte homens, ſem declarar a ninguem aquella jornada, nem ſe ſaber pera onde era. E com eſtas obrigaçoens ſe foy Domingos de Meſquita.

Chegado elle ao rio de Carapataõ, mandou ſurgir defronte delle duas leguas ao mar, porque nem por huma, nem por outra parte paſſaſſe embarcaçaõ alguma, que elle naõ viſſe, e alli ſe deixou eſtar des de quinze de Fevereiro atè todo Março, tempo em que os pagueis começàraõ a vir de Cambaya. E aſſim cómo appareciaõ de dous em dous, de tres em tres, e de quatro em quatro, chegavaõ as fuſtas a elles, e os faziaõ ſurgir, e levavaõ os mais graves, e honrados Mouros à caravela; e como os là tinha mandava os meter debaixo das cubertas, e aſſim poucos, e poucos lhe levavaõ todos atè os pagueis ficarem deſpejados, e os metiaõ debaixo, donde hum, e hum eraõ levados acima, e cortadas as cabeças, e lançados ao mar, e depois mandava dar furos aos pagueis, e os metiaõ no fundo. E a alguns Mouros mandava cozer dentro nas velas dos pagueis, e aſſim juntos os mandava lançar ao mar onde morrèraõ ſem ſe poderem menear. E deſta maneira tomou mais de vinte pagueis, que ſe metèraõ no fundo, e meteo à eſpada no tempo que alli eſteve mais de dous mil Mouros, em que entravaõ alguns de Cananòr, que foy a cauſa de ſe tornar a acender a ſegunda guerra, eſtando ella jà quieta, como na oitava Decada ſe verà. E foy tamanha a mortandade, que ſe fez nos pagueis, que em todos os portos do Malavar houve géraes prantos, e clamores, e nas fazendas ficàraõ todos os Mouros quebrados de todo. Porque nos pagueis traziaõ toda a ſua ſubſtancia, e nelles eſtava todo aquelle Malavar intereſſado: os pobres com pouco, e os ricos com grandes cabedaes.

E eſtando Domingos de Meſquita neſta obra, adoeceo o Conde do Redondo, e foy taõ abreviada ſua enfermidade, que quaſi ſe naõ ſentio, ſe naõ quando ſe diſſe que era falecido. O que cauſou em todos grande eſpanto, e triſteza: porque eſtava muito bem quiſto de todos. Faleceo aos dezanove dias de Fevereiro do anno de 1564. em que andamos às duas horas da tarde, tendo governado a India dous annos e meyo. E abrindo-ſe ſeu teſtamento, achàraõ que

ſe mandava enterrar em S. Franciſco de Goa, e q̃ ſeus oſſos foſſem depois levados à Villa do Redondo, e aſſim foy logo levado a enterrar veſtido no habito do glorioſo Padre S. Franciſco, e por cima delle levava o da Cavallaria de Chriſto: acompanhado do Cabido da Sè, e Irmandade da Santa Miſericordia, e todas as Ordens, e Cleresia da Cidade.

Era o Conde do Redondo homem de bom corpo, gentil-homem, bem poſto no chaõ, e ainda naquella idade de cincoenta e ſete annos, em que morreo, era galante. Foy homem facil, alegre, bem aſſombrado, muito aviſado, e grãde cortezaõ, e tinha ditos muito galantes: foy liberal, ao menos naõ foy tacanho, amigo de juſtiça, e trabalhou ſempre muito que ſe fizeſſe com inteireza. Foy filho de D. Joaõ Coutinho o primeiro Conde do Redondo, e de Dona Iſabel Henriques filha de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas ſenhor da Lavra: Alcaide mòr de Montemor o Novo, e de Alcacere do Sal, Comendador de Mertola, e de Almodovura, e Capitaõ dos Ginetes. Foy eſte Conde D. Franciſco Coutinho caſado com Dona Maria de Guſmaõ, filha de Franciſco de Guſmaõ, e de Dona Joanna de Blasfe, Camereira mòr da Infante Dona Maria, e elle ſeu Mordomo mòr. Teve o Conde D. Franciſco Coutinho da Condeſſa tres filhos, e oito filhas: dos filhos chamava-ſe o mais velho D. Joaõ Coutinho, que faleceo menino: o ſegundo ſe chamou D. Luiz Coutinho, que herdou a caſa, e foy caſado com Dona Mecia filha de D. Aleixo de Menezes, Ayo de ElRey D. Sebaſtiaõ, e de Dona Luiza de Noronha: morreo em Africa na batalha de Alcacere com o meſmo Rey D. Sebaſtiaõ: o terceiro ſe chama D. Joaõ Coutinho, que hoje he Conde do Redondo, porque herdou a caſa por ſeu irmaõ naõ ter filhos. As filhas chama-ſe a mais velha Dona Iſabel Henriques, que foy caſada com o Comendador mòr de Chriſto D. Diniz de Alencaſtre: a outra Dona Joanna de Guſmaõ, que foy caſada com Ruy Gonçalves da Camera, Conde de Villa Franca: e a outra Dona Guiomar de Blasfe, caſada com D. Simaõ de Menezes. E tres Religioſas, duas no Moſteiro da Eſperança de Lisboa, Dona Conſtança, e Dona Catharina, e D. Violante no Moſteiro de S. Joaõ da Villa de Eſtremoz da meſma Ordem de S. Joaõ: e Dona Anna, e Dona Luiza, que morreraõ meninas. Teve mais hum filho baſtardo por nome D. Manoel Coutinho, que foy Clerigo.

CAPITULO XVIII.

De como por morte do Conde do Redondo ſuccedeo na governança da India Joaõ de Mendoça: e das couſas em que logo proveo.

FAlecido o Conde D. Franciſco Coutinho deſta vida preſente, eſtando ſeu corpo depoſitado na Capella mòr de S. Franciſco de Goa, ſendo preſentes o Cabido da Sè, por ſer o Arcebiſpo D. Gaſpar a viſitar as fortalezas do Norte, como atraz diſſemos no Capitulo decimo do decimo livro: eſtando mais D. Belchior Carneiro Biſpo da Ethiopia, e todas as Ordens, e Irmãdade da Santa Miſericordia, Lopo Vaz de Siqueira Capitaõ de Goa, Lopo Vaz de Siqueira Veador da fazenda, Henrique Jaques Ouvidor geral, Gonçalo Lourenço de Carvalho Chanceller do Eſtado, Manoel Leitaõ Secretario, e toda a Fidalguia, e nobreza que havia em Goa, e os Vereadores, e Officiaes da Camera: mandou o Secretario Manoel Leitaõ trazer huma boeta em que eſtavaõ guardadas as vias das ſucceſſões da governança da India, que eraõ quatro, que o meſmo Conde comſigo trouxera de Portugal, que eraõ aſſinadas por fóra pela Rainha Dona Catharina, avò, e tutora de ElRey D. Sebaſtiaõ, e Regedora dos Reinos de Portugal por ſeu neto ſer menino de dez annos. Tinha cada huma deſta ſucceſſoens, e Alvaràs

tres

tres ſellos de cera vermelha cõ as Armas de Portugal. E tirando a primeira ſucceſſaõ, a amoſtrou em alto pera que viſſem que eſtava inteira, ſellada, e cerrada, ſem ſe nella tocar, nem bullir, e entregou-a ao Capitaõ da Cidade, que alli preſidia, pera que com o Ouvidor gèral a examinaſſe, pera verem ſe ſe tinha bullido nella, e ſe era o final de fòra da Rainha Dona Catharina, e depois de viſta a abrio o Secretario, e achouſe nella que havia por bem que D. Antaõ de Noronha ſuccedeſſe na governança da India por morte do Conde do Redondo. E porque D. Antaõ de Noronha ſe tinha hido pera o Reino o Janeiro paſſado de ſeſſenta e dous, que acabàra de ſervir a Capitanìa de Ormuz, a tornáraõ a recolher no cofre, de que tiràraõ a ſegunda, em que ſe fez a meſma diligencia que na primeira: e abrindo-a achou-ſe nella Joaõ de Mendoça, que tinha vindo de ſervir a Capitanìa de Malaca, que eſtava preſente: a quem o Secretario Manoel Leitaõ leu a ſucceſſaõ, e elle a aceitou. De que ſe fez hum termo em que ſe aſſinou: e logo alli na Capella mòr deu a menagem do Eſtado nas mãos do Capitaõ da Cidade Lopo Vaz de Siqueyra, e depois poſto de joelhos defronte de hũ Altar que pera iſſo ſe armou, com as mãos em cima de hum Miſſal, e hum Crucifixo, fez juramento de guardar, e manter juſtiça às partes conforme ao eſtylo, e ordem do Eſtado.

Feito iſto enterrou-ſe o corpo do Conde, e o Governador ſe recolheo pera as caſas em que pouſava, que eraõ a noſſa Senhora do Roſario, onde hoje he a Noviciaria, e caſa de provaçaõ dos Padres da Companhia, donde ſe naõ quiz mudar pera a fortaleza, porque no Setembro ſeguinte eſperava por Viſorey, e por ſeis mezes naõ quiz fazer mudança de ſi. E logo começou a entrar em deſpacho das couſas de Malaca, Maluco, e mais fortalezas. E andando neſta preſſa chegàraõ a Goa huns Embaixadores do Camorim a viſitar o Governador, e a volta diſſo lhe fizeraõ queixume de Domingos de Meſquita do grande dano, e eſtrago que tinha feito nos ſeus vaſſallos, e em ſuas fazendas, e pagueis que montavaõ muito, pediolhe „ que lhe fizeſſe emenda de tudo como „ amigo que era do Camorim, e elle ter„ vidor de ElRey de Portugal: pois „ aquelle Capitaõ ſobre contrato de pa„ zes, e navegando ſeus vaſſallos com „ ſeguros Reaes, os tomàra, e matàra, e „ roubàra. O Governador ſe moſtrou muito ſentido daquelle negocio, e lhe reſpõdeo „ que aquelle Capitaõ andava „ alevantado por eſſe mar como coſſai„ ro, que ſe o pudeſſe colher às mãos „ que ſatisfizeſſe ſeus vaſſallos, e que „ ſe o elle pudeſſe haver, que elle lhe „ promettia de o caſtigar como o caſo o „ merecia. E andando eſtes Naires neſte requerimento, chegou à barra de Goa o Domingos de Meſquita, e o Governador o mandou deſembarcar prezo, porque o viſſem os Embaixadores do Camorim, que por ſer tempo ſe foraõ, levando muitas ſatisfaçoens do caſo, e em ſe partindo, foy logo ſolto o Domingos de Meſquita, e o Governador lhe fez muitas honras, e mercès pelo caſo.

As novas da morte do Conde do Redondo chegàraõ a D. Franciſco Maſcarenhas, que andava no Malavar, que elle ſentio em extremo pelo grande parenteſco, e amiſade que com elle tinha, e porque era jà em Março, e ſe lhe acabava o provimento da Armada, tratou logo de ſe hir pera Goa, e de caminho viſitou a fortaleza de Cananòr, onde deixou gente, e provimentos. Porque havia de novo alteraçoens no Ade Rajàò, porque entre os pagueis, que Domingos de Meſquita meteo no fundo, foy hum ſeu, em q̃ lhe matàraõ muitos Mouros principaes de Cananòr, e entre elles hum muito honrado, e rico, cuja mulher, que era hũa Moura varonil, e de muita authoridade entre elles, andou como douda perſuadindo a todos os Mouros a tomarem vingança de tanto dano. E teve tanta força neſte negocio,

cio, que os fez ajuntar, e formar huma liga géral contra a noſſa fortaleza, que foraõ celebrar em ſuas meſquitas cõ ſuas ceremonias, fazendo ſuas proteſtaçoens de ſe naõ alevantarem de ſobrella ſem a deſtruirem de todo. Pera o que começàraõ a convocar todo o Malavar, e ajuntar petrechos, e muniçoens pera aquella conſpiraçaõ.

Depois de D. Franciſco Maſcarenhas deixar aquella fortaleza provida, foy-ſe pera Goa, e chegando ao rio Canharoto onde ElRey de Cananòr reſide, entrou nelle, e mandou esbombardear o ſeu pagode que fica ſobre a ribeira, porque eſtava ElRey jà declarado por parte do Ade Rajao, e dos Mouros. Porque eſta era a mòr affronta que ſe lhe podia fazer. E aſſim a ſentio ElRey tanto, que logo ao dia ſeguinte de madrugada deraõ os Mouros na ribeira dos navios, que eſtavaõ à ſombra da noſſa fortaleza, e lhe puzeraõ fogo, com que ſe conſumiraõ trinta entre grandes, e pequenos: em q̃ os moradores daquella fortaleza recebèraõ notavel perda. Com iſto ficou a guerra de todo declarada, e o Capitaõ della D. Payo de Noronha eſcreveo ao Governador Joaõ de Mendoça o eſtado em que ficava, affirmandolhe „ que aquelle inverno ſeria de grande „ trabalho: pedindolhe o proveſſe de„ preſſa. E D. Franciſco Maſcarenhas foy pera Goa ſem ſaber o que era paſſado em Cananòr, e da barra mandou recado ao Governador em que lhe fazia a ſaber de ſua chegada, que o mandou entrar por ſer jà cabo do veraõ, e ſerem vindo a mòr parte das nàos da China, e Malaca, Bengala, e outras partes.

Depois deſta Armada recolhida deraõ huma carta ao Governador de huns Chriſtãos que eſtavaõ fazendo ſeu negocio no rio de Carapataõ, em que o aviſavaõ „ como naquelle rio ſe reco„ lhèra huma nào do Achèm, que hia „ pera Meca a mais rica que daquelle „ porto partira havia muitos annos, „ que com tempo fortuito, fora alli to„ mar, e que ſe ficava negociando pera „ tornar a ſahir na lua ſeguinte, e que „ ſe a mandaſſe eſperar tinha nella hu„ ma muito rica preza. O Governador alvoroçou-ſe com eſta carta, e tendo deſpachado Antonio Furtado de Mendoça ſeu ſobrinho em huma galeota pera hir invernar a Damaõ, e ſahir em Agoſto com huma Armada a eſperar as nàos de Meca nos poços de Surrate, deu preſſa à ſua partida, e mandou armar outra galeota, de que fez Capitaõ Joaõ da Coſta Peleja, e dous navios mais, de que fez Capitaõ de hum Balthazar da Coſta, e do outro a Luiz de Aguiar, e deſpedio Antonio Furtado de Mendoça com regimento „ que ſe foſſe lan„ çar ao mar de Carapataõ em parte que „ o naõ viſſem da terra, e que dalli man„ daſſe todas as noites os catures à boca „ da barra, onde achariaõ recado dos „ Chriſtãos do que là hia. Porque tam„ bem os aviſou do que haviaõ de fazer, „ e lhe mandou huma almadia com hum „ Chriſtaõ de recado, pera com diſſi„ mulaçaõ andar peſcando naquelle rio, „ e de noite tomar fala dos que eſtavaõ „ em terra, e aviſar aos navios do que „ foſſe neceſſario, e que tanto que foſſe „ de madrugada ſe tornaſſem a recolher „ pera Antonio Furtado. E eſtando elle naquella paragem continuando os catures na ſua vigia, foraõ aviſados „ que „ os principaes, e mais ricos mercado„ res da nào com todo o ouro, e dinhei„ ro ſe paſſavaõ a hum Taurim pera ſe „ hirem pera Cambaya, e que eſtiveſ„ ſem ſobre aviſo, porque eſtava certo „ cahiremlhe nas mãos. E eſtando os noſſos com grande alvoroço, e vigia aguardando a preza, que cuidavaõ tinhaõ certa, quiz a deſaventura que o dia que o Taurim havia de ſahir pera fóra, diſſeraõ huns peſcadores aos mercadores da nào „ que havia tres, ou qua„ tro dias que viaõ huns navios ao „ mar ſempre em huma meſma para„ gem, e que naõ ſabiaõ o que eſpera„ vaõ. E como os Mouros ſaõ muito precatados, e acautelados, receando que foſſe aquillo cillada, de improviſo mudà-

mudàraõ o conſelho, e tornàraõ a deſembarcar ſuas fazendas. E tendo Antonio Furtado de Mendoça aviſo diſto pelos Chriſtãos da terra, havendo por eſcuſado eſtar alli mais tempo, deſpedio os navios pera Goa, e elle na ſua galeota paſſou a Damaõ, e o que lhe ſuccedeo na enſeada de Cambaya, he do tempo do Viſorey D. Antaõ de Noronha, que entra na oitava Decada pera onde ſe guarda.

CAPITULO XIX.

De alguns Capitaens que o Governador Joaõ de Mendoça deſpachou pera fóra. E de algumas couſas em que mais proveo atè chegar o Viſorey D. Antaõ de Noronha, que entra com a oitava Decada. E das partes, e qualidades da peſſoa deſte Governador.

POr ſe hir acabando o veraõ foy o Governador Joaõ de Mendoça dando preſſa ao deſpacho dos Capitaens que haviaõ de hir pera fóra, que foraõ Alvaro de Mendoça pera a Capitanìa de Maluco, que foy embarcado na nàõ Santa Barbora, de que era Capitaõ D. Joaõ Coutinho, que era provido daquellas viagens, e levou muitos provimentos pera aquella fortaleza. E aſſim Pero de Taide Inferno pera a Capitanìa de Ceilaõ, e deulhe alguns navios, gente, dinheiro, e muniçoens: porque o Madune hia continuando na guerra contra o Rey da Cota ſeu irmaõ.

Neſte meſmo tempo chegàraõ cartas de D. Payo de Noronha Capitaõ de Cananòr, „ em que lhe dava conta de „ como o Ade Rajao ficava declarado „ contra aquella fortaleza: e que Nico„ re Garipo lingua, e jangada della o „ aviſára da conjuraçaõ que eſtava feita „ entre todos os Mouros do Malavar „ contra ella, pedindolhe que com mui„ ta preſſa a ſoccorreſſe com gente, e „ provimentos: porque jà começava ha„ ver aſſaltos, e eſcaramuças de parte a „ parte. Pelo que com muita preſſa deſpedio o Governador a Andrè de Souſa com cinco, ou ſeis navios, cujos Capitaens eraõ. Manoel Travaſſos, Gaſpar de Brito do Rio, hum ſeu irmaõ, Thomè de Souſa Coutinho, dous irmãos Betancores, Antonio Ribeiro. E deu regimento a Andrè de Souſa „ pera ſer Ca„ pitaõ de toda a gente de guerra que „ aſſiſtiſſe naquella fortaleza, e reſidiſ„ ſe nas tranqueiras de fòra, e que nun„ ca D. Payo de Noronha ſahiſſe da for„ taleza, por ſer jà velho, e muito pe„ jado, nem mandaſſe della pera fòra „ couſa alguma.

Chegado André de Souſa a Cananór, achou a fortaleza fechada, e vigiada, e o Ade Rajao poſto em campo com muito poder. E tomando entrega das tranqueiras de fòra, as repartio pelos Capitaens que levou, e começou a ſe fortificar de novo, e dar aſſaltos, e fazer algumas ſahidas, em que cortou muitos palmares aos imigos, que he toda a ſua ſubſtancia. E aſſim ſe paſſou todo o inverno neſta guerra lenta ſem acõtecer couſa notavel que ſe poſſa eſcrever. O Governador, poſto que tinha por ſem duvida virlhe em Setembro ſucceſſor, naõ deixou de mandar concertar a Armada pera o veraõ ſeguinte: porque o que vieſſe a achaſſe preſtes. E ajuntou pera ellas as couſas neceſſarias ſem querer poupar pera ſuas pagas, e de ſeus criados, como depois alguns fizeraõ, que o anno que eſperavaõ ſucceſſor, ſe deſcuidavaõ deſta obrigaçaõ taõ neceſſaria ao Eſtado, e poupavaõ tudo o que podiaõ pera ſe deſpender no que queriaõ.

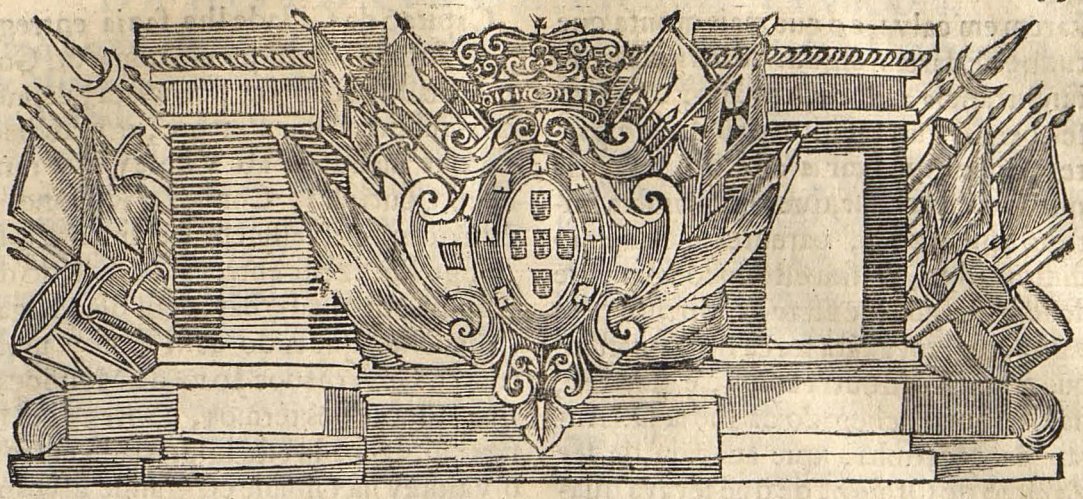
O Governador tanto que entrou Agoſto, poz huma nàõ no mar preſtes, e negociada pera partir como lhe o tempo dèſſe jazigo, em que havia de mandar fazer a viagem de Japaõ que tinha, com a fortaleza de Malaca que jà ſervira, em que havia de hir Simaõ de Mendoça, onde pretendia tambem embarcarſe D. Dioniz Pereyra, filho do Conde da Feira, pera hir entrar na Capita-

nia de Malaca, pera que eſtava deſpachado: porque ſe receava que vieſſe nas nàos do Reino D. Diogo de Menezes, que era provido della primeiro que elle, e queria ter antes diſſo dado à vela, porque quando elle chegaſſe, jà lhe ſeria forçado mandallo requerer a Malaca, no que ſe dilataria o tempo. Mas elle lhe atalhou eſte diſcurſo: porque primeiro que lhe dèſſe jazigo pera partir, ſurgiraõ a tres de Setembro na barra de Goa as nàos do Reino em que vinha D. Antaõ de Noronha por Viſorey da India, e nellas D. Diogo de Menezes, que o Viſorey D. Antaõ de Noronha deſpachou logo pera hir na meſma nào entrar na ſua Capitanìa, como adiante ſe verà na Decada que ſe ſegue a eſta ſetima.

Antes das nàos chegarem deſpedio o Governador Joaõ de Mendoça ſeu ſobrinho Rodrigo Furtado por Capitaõ mòr de ſete, ou oito navios, pera hir dando guarda à cafila de navios, que hiaõ aos rios do Canarà a carregar de mantimentos, porque eſtava Goa muito falta delles, e com iſto concluiremos com o tempo deſte Governador, e com as partes, e qualidades de ſua peſſoa. Foy homem meaõ, magro, hum pouco dobrado nas coſtas, homem verdadeiro, liberal, amigo de juſtiça, facil nos negocios, e de repoſtas muy bem attentadas; ouvio ſempre as partes muito bem, teve continuamente as portas abertas pera todas as vezes que lhe queriaõ falar, que he a melhor parte, e a mais neceſſaria que ha de ter o que governa. Foy filho de Antonio de Mendoça, e de Dona Iſabel de Caſtro, filha do Capitaõ D. Antaõ. Foy caſado com D. Joanna de Aragaõ filha de Nuno Rodrigues Barreto, Fronteiro mòr do Algarve, Veador da fazenda, e Capitaõ mòr da Cidade de Faro, e da Villa de Loulè, e de Dona Leonor de Milaõ. Teve della hum ſó filho, que ſe chama Nuno de Mendoça, mancebo de muito preço, e valor, que no ſer, verdade, bondade, entendimento, Chriſtandade, e mais partes que tem, moſtra bem claro vir dos troncos de que procede, pelo animo, e eſforço que nelle ſe enxergou nas batalhas em q̃ ſe achou em Flandes em companhia do Sereniſſimo Principe Archiduque de Auſtria, caſado com a Sereniſſima Princeſa Dona Iſabel, filha do muito Catholico, e Chriſtianiſſimo Rey das Heſpanhas D. Filippe noſſo Senhor, que lhe deu em dote os Eſtados de Flandes. Foy Capitaõ de Tangere. Partio eſte Governador pera o Reino no Janeiro ſeguinte: em cuja embarcaçaõ o Viſorey D. Antaõ de Noronha lhe fez muitos favores. E por achar tempos contrarios, arribou, e naõ quiz tomar Moçambique por reſpeitos que pera iſſo teria: mas paſſou a Ormuz, onde eſtava por Capitaõ D. Pedro de Souſa, que era grande ſeu amigo, e o feſtejou muito. E daquella fortaleza partio em Novembro, e tomou a Ilha de Santa Helena, onde deitou algumas perdizes pera caſta, de que toda a Ilha eſtà hoje chea. E aſſim deitou mais huma vaca, e hum novilho pera ſe criarem. Chegou a Portugal pobre, porque de Malaca tirou pouco, ou nada, e muito menos da governança que lhe durou pouco. E conforme à ſua condiçaõ, e natureza ſe lhe durára mais, cuido que tiràra menos. E com iſto temos concluido com eſta ſetima Decada à honra, e gloria de Deos noſſo Senhor, que vive, e reina in ſæcula ſæculorum. Amen.

FIM DA SETIMA DECADA.

DE-



DECADA OYTAVA DA ASIA

POR

DIOGO DO COUTO

GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO DO ESTADO DA INDIA.

LIVRO I.

CAPITULO I.

Dom Antaõ de Noronha eleito Viſorey da India.

HAVENDO tres annos que os tutores de ElRey D. Sebaſtiaõ, a Rainha ſua avò, e o Cardeal D. Henrique ſeu tio tinhaõ mandado por Viſorey da India o Conde do Redondo D. Franciſco Coutinho, tratáraõ de o mandar vir ſem ſaberem ainda de ſua morte, e tratando na eleiçaõ da peſſoa, que lhe havia de hir ſucceder, dizem que por eſcuſarem deſpezas, quizeraõ eleger hum dos Fidalgos, que eſtavaõ na India, que havia muitos pera eſte lugar, e que lhe tinhaõ apontado hum, a quem elles eſtavaõ affeiçoados, por ter muitas partes pera iſſo: mas porque era caſado em Goa, deixáraõ de o eleger, porq̃ naquelle tempo eſtranhava ElRey muito caſarem na India os Fidalgos; pela meſma razaõ q̃ os Romanos naõ elegiaõ Legados pera os exercitos parentes dos Conſules, porque naõ queriaõ que andaſſe aquelle governo de permeyo, o que he mais prejudicial na India, conforme aquelle adagio: *Muitas mãos, e poucos cabellos depreſſa ſaõ depennados;* como eu vi depennar muitos Fidalgos, e parentes de alguns Viſoreys, e Governadores eſte pobre Eſtado, atè o deixarem

xarem em calva, e o que mais monta que tudo, he darem alguns as Armadas de importancia a filhos, irmãos, e parentes, pera as quaes muitos naõ tinhaõ partes, e ouvi queixar a eſte Viſorey, de que começo tratar, que algumas ſem juſtiças que fizera, parentes lhe tiveraõ diſſo a culpa; emfim eſte inconveniente deſſe Fidalgo, que eſtava apontado pera o governo, teve tãta força no Conſelho, que tratàraõ de outra couſa, e por ter, havia pouco, chegado da India D. Antaõ de Noronha, que acabára de ſer Capitaõ de Ormuz, de que levava quarenta mil xerafins, como deixou declarado em ſeu teſtamento por ſua morte, que naquelle tempo naõ ſe tirava mais daquella fortaleza, e da de Çofala, e Malaca, porque aquelles Capitaens guardavaõ juſtiça, inteireza, e humildade com os moradores, e eſtrangeiros, o que tudo depois faltou em alguns, pelo que tiráraõ daquellas fortalezas duzentos, e trezentos mil cruzados. Tinha eſte D. Antaõ de Noronha chegado ao Reino nas nàos paſſadas, taõ acreditado com as couſas que na India fez, porque era Fidalgo de grande conſelho, governo, e prudencia: tratàraõ os tutores de ElRey de o mandar outra vez à India ſucceder ao Conde do Redondo, e lhe mandáraõ ordenar quatro nàos, com que partio do Reino neſte Março de 64. em que andamos, como ſe verá no meu epilogo, na primeira parte que trata das Armadas que foraõ à India, e tendo boa viagem veyo ſurgir na barra de Goa a tres de Setembro, e dahi a poucos dias deſembarcou, porque eſperou em quanto lhe ordenáraõ o recebimento, e deſembarcando no caes dos Paços dos Viſoreys, o eſperou o Arcebiſpo D. Gaſpar, Capitaõ da Cidade, Vereadores, e mais povo, que o recebèraõ com muitas feſtas, e alli ſem ſe mudar o Viſorey, vendo que o Governador Joaõ de Mendoça o naõ fora eſperar ao caes como era coſtume, por eſtar doente, mandou fazer pelo Secretario hum aſſento „ de como o „ Capitaõ da Cidade lhe fazia entrega „ do Eſtado da India em nome do Go- „ vernador Joaõ de Mendoça; depois de apreſentar ſua Patente, e Proviſaõ porque mandava ao Viſorey D. Franciſco Coutinho, Conde do Redondo, ou a quem eſtiveſſe em ſeu lugar, „ que „ logo lhe fizeſſe entrega do Eſtado da „ India, do qual o havia por deſobriga- „ do delle; que tudo dalli ſe foy moſtrar ao Governador Joaõ de Mendoça, que aſſinou nos termos, e antes que ſe fizeraõ, acabada eſta ſolẽnidade, entrou o Viſorey na Cidade cõ grande alvoroço, e applauſo de todos, por ſer muito amado delles pelo conhecimento que tinhaõ de ſuas partes, e qualidades, pelos quaes eſperavaõ grande procedimento, por eſtar averiguado entre os velhos, que o que houver de governar a India, ha de ter aprendido nella como os bons Pilotos, que começàraõ de pages da nào, e vaõ ſubindo por todos os gràos atè ſubirem ao de Piloto, como eſte Viſorey fez.

Das primeiras couſas em que eſte Viſorey entendeo, foy ſoccorrer Cananòr, pera onde logo deſpedio D. Antonio de Noronha, caſado em Còchim por Capitaõ da gente de guerra com alguns Capitaens, que partio no meſmo Setembro, e em vinte de Outubro deſpedio Gonçalo Pereyra Maramaque, que tinha vindo com elle por Capitaõ mòr do mar, com huma boa Armada pera o Malavar, porque apertavaõ os Mouros muito com a noſſa fortaleza, porque D. Franciſco Maſcarenhas, que jà là andava, ſe havia de vir pera entrar na Capitanîa de Çofala, e Moçambique, de que era provido, por ſer falecido Fernaõ Martins Freire, que là eſtava; os Capitaens que acompanhavaõ Gonçalo Pereyra, ſaõ os ſeguintes. Heytor da Silveyra o Drago, Jeronymo Correa Boharem, Joaõ Gomes de Caſtro, Jeronymo Teixeyra de Macedo, Dom Diogo de Souſa, que depois foy Balio de Acre, que faleceo ha dous annos, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos,

Joaõ

Joaõ Lopes Leitaõ, Ayres Gonçalves de Miranda, que eſtà hoje neſta Cidade, Joaõ de Mendoça, filho de Eſtevaõ de Mendoça, D. Jeronymo de Menezes, Joaõ Gomes de Abreu de Lima, Alexandre de Souſa, que foy Capitaõ de Chàul, depois D. Franciſco Henriques que morreo ſendo Capitaõ de Malaca, D. Diogo de Almeida, D. Luiz Maſcarenhas, Fernaõ de Miranda de Azevedo, Franciſco Vaz de Siqueyra, Gaſpar Velho, Manoel de Brito o Coxo, D. Pedro de Caſtro, irmaõ do Conde do Baſto, Ayres de Saldanha, que depois foy Viſorey da India, Manoel de Saldanha ſeu irmaõ, Antonio Botelho Lopes de Azevedo, Fernaõ Gomes da Gama, que depois foy guarda mòr das nàos em Portugal, Jeronymo Dias de Menezes, Simaõ Reinel, D. Alvaro Manoel, filho de D. Jorge Manoel, hum dos fermoſos mancebos que entràraõ na India, que faleceo andando neſta Armada, muitos dos outros, que já lá andavaõ com D. Franciſco Maſcarenhas, Gonçalo Pereira Marramaque foy ſeguindo ſua viagem, e ſendo taõ àvante como os Ilheos de Angedina, encontrou D. Franciſco Maſcarenhas, que lhe fez entrega de toda a Armada, e ſe foy pera Goa, donde partio pera Moçambique, em Janeiro ſeguinte de 565. e o Gonçalo Pereyra Marramaque ſe foy pera Cananòr, onde achou os noſſos cercados dos Mouros, fazendo em ſua defenſaõ maravilhas nas armas, e naõ ſe cõtentando com iſſo lhe ſahiaõ muitas vezes, e lhe davaõ aſſaltos repentinos, em que lhe matáraõ muitos Mouros, e cõ a chegada da Armada eraõ mais aliviados, e os Mouros ficavaõ mais enfreados; mas naõ deſiſtiraõ do cerco.

Havia em Goa falta de mantimentos, e querendo o Viſorey ſuprir a iſſo, elegeo a Pedro da Silva de Menezes com ſete navios pera levar às caſilas, o qual partio entrada de Janeiro, e foy viſitando a coſta do Canarà, deixando por aquelles portos os navios de caſila pera carregarem de arroz, levou ſete navios, de que afóra elle eraõ Capitaens, Gomes Eannes de Freitas hum Fidalgo das Ilhas Terceiras, Vicente Paes, Diogo Fernandes Parelha, Ruy de Mello, Simaõ Caldeira, e Vaſco da Silva, e tanto àvante como o rio Barcelar, lhe deu hum tempo rijo, com que naõ pode aturar ſobre a amarra, e foy correndo toda a noite com hum pequeno de traquete, e tanto que amanheceo ſe achou tanto àvante com o rio Canharoto, cõ tres navios menos, e voltou atè Mangalòr em buſca delles, e os achou com tres paros de Malavares tomados, porque em lhe paſſando a tormenta ao outro dia, hindo em buſca do ſeu Capitaõ mòr, encontràraõ eſtes paros que tinhaõ ſahido de hum rio, e cometendo-os, os abordàraõ cada hum ſeu, porque naquelle tempo, tinhaõ os homens outro brio, e perdido o medo aos Malavares, e depois da refrega durar bom eſpaço, ficàraõ os imigos rendidos com a mayor parte dos Mouros mortos à eſpada, dos mais alguns ſe cativàraõ, e outros ſe lançàraõ ao mar, e quando Pedro da Silva os encontrou, vinhaõ com os paros à toa, e elle os feſtejou muito, e voltando Pedro da Silva pela coſta abaixo, encontrou outro paro, o qual foraõ ſeguindo atè ſe lhe meter no rio da Marabia, junto de monte Deli, e por os ſeus Capitaens lhe hirem à maõ deixou de entrar dentro aonde eſtavaõ outros ſete paros de que elles naõ ſabiaõ, e andando correndo a coſta tanto àvante como o rio Canharoto entre os Ilheos, e a terra, encontrou dezaſete paros de Coſſairos, de que era Capitaõ mòr Murimuia, hum valente Mouro, o qual vendo os noſſos navios que jà hiaõ em armas, logo os cometeo com grande determinaçaõ, e paſſada a ſalva de artelharia, e arcabuzaria que fez algum dano, ſe abordáraõ, e os em que os noſſos ſete navios puzeraõ as proas, logo os axoráraõ cõ panellas de polvora, e à eſpada, e dous meteraõ no fundo, e os cinco que eraõ galeotas de cubertas muy fermoſas, lhe ficàraõ nas mãos, e os mais dos Mouros foraõ

foraõ mortos, e alguns que escapáraõ, se salváraõ a nado nos outros navios, ficando nas galeotas vinte peças de artelharia de bronze: entre as galeotas foy a de seu Capitaõ mòr, que foy morto na briga; os mais, vendo aquelle destroço, tomáraõ o remo, e foraõ-se acolhendo, e os nossos apoz elles, até os encerrarem no rio de Pudepataõ, donde lhe sahiraõ mais tres paraos, e mais de cincoenta almadias, carregados de Mouros, que lhe vinhaõ acodir: os nossos os esbombardeáraõ de feiçaõ, que huns, e outros se acolheraõ ao rio; morrèraõ nesta batalha cem Mouros, da nossa parte tres Portuguezes, e ficáraõ oytenta feridos, que se curáraõ o melhor que pode ser, e dando à vela pera Goa, entráraõ por aquella barra com as galeotas à toa.

O Visorey recebeo Pedro da Silva com muitas honras, e aos mais Capitaens, e lhes fez mercès; a todos os feridos mandou curar no Hospital com muito recado, e là lhe mandou pagar seus quarteis. Entrou em Goa a 3. de Fevereiro de 565. em que se lhe tinhaõ acabado os provimentos.

CAPITULO II.

Da grande batalha que D. Paulo de Lima teve com o Canatale.

SAbendo o Visorey o estado, em que a guerra de Cananòr estava, ordenou de mandar mais alguns navios a Gonçalo Pereira Marramaque, e mandou negociar quatro, de que fez Capitaõ D. Paulo de Lima, o q̃ tinha ficado em Goa da perdiçaõ, que disse que teve em Agosto na barra, o qual partio em fim de Fevereiro de 65. elle embarcado na galeota S. Joaõ Bautista, na qual embarcou tres vezes, e sempre pelejou com Malavares, e os desbaratou, porque parece tinha nella a sua gente: dos outros tres navios foraõ por Capitaens Bento Caldeira natural de Almada, Pedralves de Cananòr, e outro, e hindo tanto àvante como Batecala jà perto da noite, tiveraõ vista de seis navios, e parecendo a huns, e a outros serem paraos, preparáraõ-se pera se cometerem, e sendo jà perto se conheceraõ, e os seis navios eraõ da Armada de Gonçalo Pereira, dos quaes eraõ Capitaens Manoel de Brito, Ayres Gonçalves de Miranda, Manoel de Saldanha, Fernaõ Gomes da Gama, Nuno Velho Pereira, os quaes mandava Gonçalo Pereira buscar o mesmo D. Paulo, que jà sabia ficarse aviando em Goa, por ter recado ter sahido hum grande Cossairo de Malavar, chamado Canatale, com sete navios: chegados os navios huns aos outros, vendo os da Armada de Gonçalo Pereira que D. Paulo trazia bandeira de Christo pela quadra, e que a naõ enrolava, tomaraõ-se tanto disso, que lhe disseraõ „ que se queria hir pera onde es- „ tava Gonçalo Pereira, se naõ que se „ hiriaõ elles logo, porque naõ podiaõ „ aguardar; ao que lhe respondeo Dom „ Paulo, que os soldados levavaõ a rou- „ pa çuja, e que a queriaõ hir lavar a Ba- „ tecala, que ficava defronte mea le- „ gua, e que ao outro dia partiriaõ: mas elles como estavaõ pejados com a sua bandeira, sem terem mais comprimentos com elle, deraõ à vela, e se foraõ. Vede a quanto chegava huma desconfiança, e em quanto risco poem muitas vezes huma fortaleza, e huma Armada entre nòs; digo que entre os Capitaens estrangeiros naõ ha isto, e se o ha, pagaõ-no logo. Estes Capitaens, puzeraõ esta de D. Paulo, e mais naõ foraõ castigados, porque ao outro dia estando D. Paulo junto na Bahia, appareceo a Armada de Canatale, o qual vinha jà da costa do Norte carregado de prezas que nella fez, e foy o primeiro que a ella passou, o qual vendo os nossos navios, virou logo a elles; D. Paulo estava jà prestes, porque tanto que os vio, logo se preparou, e chegou os outros a si, e quiz sua boa fortuna que tinha ainda toda a gente dentro nos navios, por ser ma-

manhãa cedo, porque ſe tardavaõ huma hora, naõ faziaõ mais que chegar, e dar toa aos navios, porque jà os ſoldados haviaõ de ſer desbaratados; e certo que ſegundo a pouca diſciplina da ſoldadeſca da India, he mais trabalhoſo à ſeus Capitaens, domarlhe ſeus apetites, que desbaratar ſeus imigos, porque eſtes vencem-ſe com as armas, e aos ſoldados nem com ellas, nem com a razaõ ſe pódem domar. D. Paulo tanto que eſteve preparado, ſahio ao imigo, porque naõ quiz darlhe animo, e cuidarem que o receava; chegado perto huns dos outros, deraõ a primeira ſalva de artelharia, de que os imigos receberaõ o peyor, porque D. Paulo levava hum fermoſo Camalete com huma roca de xexos na boca, o qual diſparando-ſe, eſpalhou-ſe a roca pelos navios que vinhaõ juntos, nos quaes fez taõ grande deſtroço, e matança, que logo os noſſos o ſentiraõ, no como ficáraõ divididos, e embaraçados, e todavia o Canatale, como era esforçado, virou aos noſſos, e elle, e outros dous abordàraõ à galeota de D. Paulo, e os mais aos tres navios, dos quaes hum ſó aturou, que foy o de Bento Caldeira q̃ logo foy abrazado, e todos os noſſos mortos, e os outros dous puzeraõ o remedio no remo, e ſe foraõ acolhendo, e tambem naõ foraõ depois caſtigados, ſe naõ com quatro dias de prizaõ, o que tem feito na India grandes males, porque o naõ temerem o caſtigo, lhe faz temer tanto a morte. O Canatale que abordou D. Paulo, cuidou que nas primeiras pancadas o levaſſe, mas enganou-ſe, porque como elle, e todos os ſeus viraõ que os remedios de ſuas vidas eſtavaõ em ſeus braços, tantas maravilhas fizeraõ nas armas os noſſos ſincoenta ſoldados, ou Hectores, que com morte de mais de duzentos Mouros os fizeraõ apartar, tendo elles jà derrubado dos noſſos mais de trinta de eſpingardadas, e de outras feridas, e ao afaſtar deraõ huma bombardada a D. Paulo por huma coxa, que lhe foy forçado aſſentarſe na coxia, por ſe naõ poder ter em pè, tendo recebidas quatro frèchadas em ſeu corpo, e vendo os Mouros afaſtados, naõ fez termo algum em que os imigos ſentiſſem que os receava, antes ſempre lhe foy virando o roſto como quem eſperava por elles: o Canatale afaſtou-ſe com os ſeus navios bem deſtroçados, e falando com os Capitaens lhe diſſe „ que parecia covardia „ hirem-ſe ſem levarem aquella galeota, „ que jà naõ eſtava pera ſe defender, „ que elle voltaria a ella, que quem o „ quizeſſe, ſeguir o fizeſſe, e aſſim viràraõ todos com elle. Dom Paulo de Lima, bem tinha entendido, que os imigos haviaõ de tornar a elle, pelo que ſe preparou, e esforçou os ſeus, e prometeo muito dinhèiro aos marinheiros, pera que naõ largaſſem os remos das mãos, e mandou repartir as lanças por alguns eſcravos que havia na galeota, e poſſos em ordem pelas perchas, pera que viſſem os imigos que ainda havia gente pera ſe defender, e mandou aos marinheiros que foſſem remando contra os imigos, e que elles, e os Cafres, dèſſem grandes gritos, e o ſeu tambor que tinha apar de ſi mandou que tocaſſe à batalha, como fez, e aſſim com eſtas carrancas, e eſtrondos, foy cometendo os imigos, que vendo aquella determinaçaõ, voltando logo naõ ouſáraõ a eſperar aquella furia, e o mais certo he que o permittio Deos aſſim, por ter guardado eſtes Fidalgos pera outras couſas mayores, e aſſim ſe foraõ acolhendo, ficando os noſſos com a victoria, e curando-ſe D. Paulo, e os mais o melhor que puderaõ, deraõ à vela pera Goa onde entráraõ ao outro dia, e foy D. Paulo tirado nos braços de todos os Fidalgos que acodiraõ, e levando-o a caſa de Martim Affonſo de Mello, onde o Viſorey o foy viſitar, e lhe diſſe palavras de muita honra, e depois acodio com obras mandandolhe muito dinheiro, e foy viſitar os ſoldados que ſe recolheraõ ao Hoſpital a curar, e a cada hum per ſi diſſe muitos louvores, elle mandou dar dinheiro, porque na

guerra

guerra o Capitaõ ha de ter palavras, e obras, que he o que anima aos homens mais que tudo.

CAPITULO III.

Torna a continuar o grande cerco da Cota.

NAõ quietava o tyranno Raju com o intento em concluir com Cota, ou Columbo, que qualquer delles que tomava, logo o outro ſe lhe entregaria, e haveria ElRey D. Joaõ às mãos pera ficar Senhor de toda aquella Ilha, e aſſim fazendo ſeus diſcurſos, e dando ſuas traças, determinou fazer por ardiz o que naõ podia por força, e pera eſte effeito ajuntou hum grande exercito com muita artelharia, e muniçoens, e deitou fama que hia ſobre a Cota, porque ſe deſcuidaſſem os noſſos de Columbo pera o tomar deſapercebido, e havello às mãos, e aſſim com aquella maquina appareceo ſobre Cota aos cinco dias de Outubro, e ſe aſſentou com todo o exercito no meſmo lugar em que da outra vez eſteve, por lhe ficar Columbo mais perto: eſtava ao tempo que elle appareceo ſobre aquella fortaleza Pedro de Ataide que tinha hido a viſitar ElRey, deixando em ſeu lugar por Capitaõ de Columbo D. Diogo de Ataide; vendo Pedro de Ataide o imigo, e achando-ſe deſapercebido, e ſem mantimentos baſtantes pera o cerco que eſperava, ordenou-ſe na melhor fórma que pode pera o receber, e ſe fortificou por onde lhe pareceo neceſſario, e deſpedio recado pelo mato a Diogo de Ataide, que o proveſſe cada vez que pudeſſe de mantimentos, porque lhe haviaõ de ſer neceſſarios, e fazendo alardo da gente que tinha, achou trezentos ſoldados entre velhos, e enfermos, e nenhuma gente de ElRey por lhe ter toda fogido pera os imigos por ardil que pera iſſo teve o Raju, e repartio os lugares de mayor riſco pelos Fidalgos, e Capitaens que alli havia por eſta maneira: Gaſpar Pereyra de Lacerda à entrada da Cota com trinta homens, Antonio Cardoſo Sueiro em hum paſſo defronte de huma Ilheta que alli fazia o rio, que ſe chama dos Deſafios, porque pera ella ſe deſafiavaõ os ſoldados, Manoel Lourenço em hum paſſo que chamavaõ dos Moſquitos, Joaõ de Mello de Ataide no paſſo de Andrè Fernandes, Ayres Ferreira ſobrinho de Pedro Ferreira de Sampayo no paſſo das Pachas, Henrique Moniz Barreto no muro da primeira Cota, onde eſtava por Capitaõ Franciſco Gomes Leitaõ, Joaõ Correa de Brito no paſſo dos Moymatos; com o Capitaõ ficàraõ alguns Fidalgos, e Cavalleiros pera acodirem com elle, e com ElRey onde foſſe mais neceſſario: eſtes foraõ hum D. Franciſco de Noronha, que me naõ ſouberaõ dizer mais delle, Rodrigo Furtado, irmaõ do Governador Andrè Furtado, hum foaõ de Ataide Lerma, Franciſco de Macedo, que ainda hoje vive em Còchim Frade da Ordem Terceira de S. Franciſco, homem muito honrado, e que neſte cerco fez grandes cavallarias, e Gaſpar Gonçalves Meſtre Capitaõ dos Inhanes muito conhecido, e outros de que naõ tive noticia. O Raju foy continuando o cerco com toda a ſua potencia, e defendendo que naõ vieſſem mantimentos aos noſſos, que já eſtavaõ em extrema neceſſidade; o Capitaõ do campo do Raju, que por ſua linguagem lhe chamáraõ Bicarnalinga, de algumas vezes que D. Diogo de Ataide mandou mantimentos à Cota, ſempre ſe encontrou com ſua gente que o desbaratou, de que elle eſtava taõ deſconfiado, que mandou deſafiar D. Diogo pera ſe verem ambos no Ambolaõ, que he o meyo do caminho de Columbo pera a Cota, o que D. Diogo lhe aceitou, e aprazou o tempo pera dalli a tres dias, do que mandou avizar a Pedro de Ataide Inferno, o qual no dia limitado ſahio da Cota com cento e cincoenta homens, e mandou dous Pachos homens dos matos,

tos, pera que foſſem deſcobrir o imigo, e ſaberem a gente que tinha pera o tornarem a avizar, e que naõ achando o Bicarnaſinga paſſaſſe a Columbo, e diſſeſſe a D. Diogo de Ataide „ que ſe abaſſe com os mantimentos que pudeſſe, porque elle o eſperava nos Outeirinhos das pedras, mea legua da Cota. Eſtes Pachos paſſáraõ a Columbo, e diſſeraõ a D. Diogo que o Bicarnaſinga naõ apparecia, nem havia gente alguma no caminho. Com eſtas novas ſahio de Columbo hum cazado Capitaõ de vinte homens ſem ordem de Capitaõ, o qual ſe chamava Joaõ Rodrigues pè furado, e trouxe comſigo hum Arache chamado Franciſco de Almeida com vinte e cinco Laſcarins, e levou comſigo alguns mantimentos pera deixar na Cota, e fazendo ſeu caminho tanto àvante como huma arvore que chamaõ Carcapuleira, encontráraõ com todo o poder do Rajù que eſperava por D. Diogo, e deraõ nelle, e o cercáraõ, e matáraõ o pè furado com dez Portuguezes, e o Arache, e Laſcaris, e lhe tomáraõ a fardagem, pelo que ſempre ſoſpeitou Dom Diogo, e Pedro de Ataide que os Pachos foraõ peitados do Rajù.

Pedro de Ataide teve onde eſtava, aviſo do que paſſava, pelo que ſe foy recolhendo pera a Cota quaſi por força, porque o fizeraõ recolher os Capitaens que levava, porque deſejou hir dar no Rajù. Eſtando as couſas neſte eſtado, como o Raju eſtava com o olho em Columbo, dalli a oito dias que iſto paſſou, levantou huma noite o exercito, e foy marchando contra Columbo, porque haviaõ que o tomariaõ deſcuidado, de que logo Pedro de Ataide foy aviſado, e deſpedio com muita preſſa a Pedro Fernandes de Ataide, e a Pedro Juzarte com quarenta ſoldados, pera por caminhos deſviados ſe hirem meter em Columbo. O Rajù chegou ſem ſer ſentido àquella fortaleza, e logo a cercou, e a cometeo toda à roda com muitas eſcadas, que pera iſſo levou, e ſe puzeraõ em cima da cerca mais de dous mil, mas D. Diogo de Ataide, que naõ eſtava deſcuidado, acodio com D. Martinho de Caſtello-branco, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, e dando nos imigos, matáraõ muitos, e outros fizeraõ lançar dos muros abaixo; mas o Rajù acodio alli, e tornou-os a cometer com grande determinaçaõ, ſobre o que meteo toda ſua potencia, andando elle em peſſoa fazendo chegar os ſeus, que trabalháraõ tudo quanto puderaõ por tornar a ganhar os muros, que os noſſos lhe defenderaõ com muito valor, e taes cavallarias fizeraõ, que obrigáraõ ao Rajù a retirarſe, por vir amanhecendo, ficandolhe deredor dos muros mais de quinhentos mortos, afóra grande ſomma dos feridos que levou comſigo. Os que hiaõ da Cota de ſoccorro, chegáraõ àquella fortaleza a tempo que já o Rajù ſe hia recolhendo, e ſe meteraõ dentro.

Vendo-ſe o imigo taõ contraſtado, e com tanta perda, e affronta obrigado afaſtarſe daquelles muros, ficou como doudo, e poz em ſua vontade de levar aquella guerra por outro rigor, que era matar os noſſos à fome, e pera iſſo ſe tornou contra a Cota, e cercou todo o caminho de mar a mar deſde Mapano atè o Matual, com que os noſſos ficáraõ de todo deſconfiados de ſoccorro, nem Nuno Fernandes de Ataide com os mais puderaõ tornarſe de Columbo. O Rajù andava doudo, e traçando modos com que pudeſſe concluir aquelle negocio, aſſentou que o melhor ſeria, ainda que a puro trabalho, divertir o rio que cercava a Cidade por muitas partes, pera aſſim a pé enxuto poder entrar nella, e pera iſſo mandou ajuntar hum grande numero de gaſtadores, com que começou a pôr as mãos à obra, couſa que acabou de deſconfiar os noſſos ſoldados q̃ eſtavaõ daquella banda, que eraõ trinta, e ſentindo o rumor da obra, deraõ nos imigos, e matáraõ huma grande ſoma dos gaſtadores, e lhe tomáraõ huma embarcaçaõ chamada Catapanel, e acodindo Pedro de Ataide Inferno,

mandou meter nella cincoenta ſoldados de eſpingardas, com os quaes ſe embarcou o Padre Frey Simaõ da Nazareth de S. Franciſco, pera os animar, e conſolar, os quaes chegáraõ à parte por onde os imigos começavaõ abrir, e às eſpingardadas derrubáraõ hum grande numero, e tornáraõ a entupir aquella parte.

Aqui aconteceo hum grande milagre, que foy em quanto os noſſos andáraõ neſta obra, os cercou hum nevoeiro muy eſpeſſo, que totalmente os encubrio todos aos imigos, ficando elles muito deſcubertos aos noſſos, que nelles fizeraõ grande deſtruiçaõ, derrubandolhes trezentos que alli ficàraõ, afóra muitos que ſe recolheraõ feridos. Iſto durou até o meyo dia, que ſe acabou de entupir aquelle lugar; os noſſos ſe recolheraõ ſem receberem perda alguma, nem ainda de huma pequena ferida. Cuſtou iſto tanto ao Rajù, que nunca mais quiz cometer aquelle negocio, e ficou aſſim no meſmo ſitio, defendendo os mantimentos, que os noſſos, por totalmente carecerem delles, mandou o Capitaõ matar dous Elefantes de El-Rey, com que ſe foy entretendo alguns dias, e iſſo meſmo fez a hum cavallo, e com iſſo deraõ os noſſos nos caens, e gatos da Cidade, e naõ lhes eſcapou hum ſó, nem ainda outras cevandilhas da terra; de maneira que eſgotáraõ tudo. Os noſſos que eſtavaõ no baluarte do paſſo da terra, vendo-ſe em extrema neceſſidade, mandáraõ alguns ſervidores ao mato a fazer lenha, e buſcar hervas pera comerem; eſtes ſouberaõ que eſtavaõ muitos imigos com alguns Elefantes embrenhados junto de huma arvore que fede à çugidade de gente, e taõ medicinal pera o ar, que em breves eſpaços faz grandes effeitos, moida, e untada nas partes lezas, e em minha caſa ſe experimentou iſto muitas vezes, e poſto que tambem ha eſtas arvores nas terras vizinhas a Goa, todavia eſta de Ceilaõ tem mais virtude.

Deſta gente avizáraõ os ſervidores ao Capitaõ, o qual ſahio da Cota com oitenta ſoldados, e foiſe meter na cava velha, que naõ tinha mais que hum ſó paſſo muito eſtreito, e de ambos os lados era alagadiço, com o que o lugar ficava muito forte, e ſeguro a todo o poder que vieſſe. Dalli mandou Balthaſar Paçanha com trinta ſoldados pera hir pelo mato a deſcobrir os imigos, e ſendo atiro de eſpingarda deu com o poder do Raju que eſtava emboſcado, com intento de tomar o noſſo baluarte que eſtava pera aquella parte, por ſer o mais importante de toda a Cota. Os noſſos que ſe achàraõ no meyo daquella multidaõ de imigos, voltàraõ pera o Capitaõ, hindo já o imigo ſobre elles, perſeguindo-os com ſua arcabuzaria, e chegàraõ ao Capitaõ com hum ſoldado menos, chamado Antonio Martins, natural de Arronches, muito bom cavalleiro, e já quando ſe recolhèraõ na cava, hiaõ taõ apertados dos imigos, que quaſi eſtiveraõ entrados de volta com elles. O que viſto pelos noſſos ſem ordem do Capitaõ ſahiraõ a elles com hum furor eſpantoſo, e dando nos imigos fizeraõ nelles hum muito grande eſtrago, e com naõ ſerem mais que oito os que lhe ſahiraõ, os foraõ levando diante de ſi como carneiros, atè o corpo do exercito, donde ſe tornàraõ a recolher em muito boa ordem, mas naõ tanto a ſeu ſalvo, que naõ vieſſem todos feridos, ficandolhe morto hum companheiro chamado Diogo de Meſquita, os mais que ſe chamàvaõ Gaſpar Fernandes de Aguiar, Pedro de Souſa, Antonio Lourenço, Pedro Ribeiro, Antonio Dias, Pedro Pires o Rume pelo ſer de naçaõ, e Coſmo Gonçalves. Pedro de Ataide ficou alli atè o Raju ſe retirar pera o ſeu arrayal, já às quatro da tarde. Succedeo iſto dous, ou tres dias antes do Natal, e que já na Cota naõ havia nem hervas do mato, que atè eſſas naõ podiaõ hir buſcar, pelo que deſpedio o Capitaõ dous ſoldados, Antonio da Silva, e Joaõ Fernandes, o Desbarbado com recado a D. Diogo de Ataide da ſumma miſeria, em

que

que eſtava, os quaes foraõ pelos matos ter à Columbo, e ſabendo D. Diogo o eſtado em que ficavaõ, deſpedio hum Pacha com recado a Pedro de Ataide „ que „ pela coſta do mar, pela banda de fóra „ mandaria algumas embarcaçoens de „ arroz atè o palmar de ElRey, que ſe„ rà de Columbo tres leguas, que man„ daſſe là buſcar iſto.

E logo deſpedio os meſmos ſoldados com hum batel, e dous tones com dez Candiz de arroz, e veſpera de Natal pela manhãa teve o Capitaõ o recado de D. Diogo, e no meſmo dia quarto da Prima, deſpedio Franciſco Gomes Leitaõ com cem ſoldados, e com alguns Laſcarins, pera hirem recolher aquelle mantimento, o que elle fez com muito riſco, e trabalho, e logo volton com o arroz, e ao quarto da alva, chegou mea legua da Cota, aonde achou o Capitaõ com toda a gente da Cidade que o eſtava eſperando, e com grande alvoroço ſe recolheraõ à Cidade, e cuidando o Capitaõ que tinha arroz, achou-ſe com muito pouco, porque os ſoldados o deixáraõ eſcondido pelo mato, pera depois o hirem buſcar, do que ſe indignou tanto o Capitaõ, que arrancou da eſpada, e remeteo a Franciſco Gomes Leitaõ pera o matar, e o fizera, ſe o Padre Frey Simaõ de Nazareth ſe naõ metera no meyo, e por aquella diligencia entregáraõ os ſoldados o arroz que tinhaõ eſcondido. Com eſte pobre mantimento, e provimento, paſſáraõ algũs dias com muita regra, e acabado elle, pela gente ſer muita, tornáraõ às fómes mortaes, pelas quaes alguns ſoldados determináraõ de ſe paſſar ao Rajù, porque a fóme, e frio, diz o rifaõ, farà meter com teu imigo.

Iſto era fim de Janeiro de 1565. quando os noſſos ſe viraõ no extremo das neceſſidades, e paſſando por huma rua hũ Franciſco de Macedo, encontrou com outro ſoldado chamado Luiz Carvalho, da obrigaçaõ do Conde do Prado, que andava paſſeando muito penſativo, e chegando-ſe o Macedo a elle lhe perguntou „ que penſamẽtos eraõ aquelles „ com q̃ andava? O Carvalho olhan„ do pera elle muy infiado lhe reſpon„ deo, que ou Deos falava delle, ou o „ demonio; o Macedo lhe tornou a di„ zer, que ſe lhe deſcobriſſe, porque „ bem entendia os cuidados em que an„ dava. Tornoulhe a dizer o Carvalho „ que já lhe havia de deſcobrir tudo, e „ logo lhe contou, como hum ſoldado „ filho da India chamado Fernaõ Cal„ deira andava convocando alguns ho„ mens pera ſe paſſarem ao Rajù, e que „ jà tinha quarenta negociados pera hu„ ma noite ſe paſſarem pelo paſſo de „ Antonio Cardoſo Sueiro, e que ſe ha„ viaõ de paſſar à outra banda, e leva„ rem hum camalete de metal que eſta„ va no paſſo, e que elle eſtava apoſta„ do a ſe hir com elles, porque o Rajù „ mandára lançar naquelle paſſo, e nos „ outros olas, pera quem ſe quizeſſe „ paſſar pera elle, o recolheria, e teria „ comſigo muito mimoſo, e que os que „ ſe quizeſſem paſſar à fortaleza de Ma„ nar os deixaria hir livremente, e os „ proveria do neceſſario, e deſtes ardiz uſou ſempre eſte tyranno, e por elles fez paſſar toda a gente de ElRey pera o ſeu exercito.

O Franciſco de Macedo, que era muito bom homem, tomou Luiz Carvalho, e o levou comſigo, e pelo caminho o foy deſviando daquelle propoſito, e dandolhe muitas razoens pera hũ homem taõ honrado naõ haver de cometer hum caſo taõ abominavel, e diabolico, porque hindo com o penſamento por diante, logo aquella fortaleza era perdida, e daria de tamanho mal muito larga conta a Deos, e de pratica em pratica o levou atè onde eſtava o Padre Frey Simaõ da Nazareth, e perante elle lhe deu conta do caſo, que o Padre ouvio com grande dor, e tomando Luiz Carvalho pela maõ, o abraçou muitas vezes, e conſolou, e animou, e tantas couſas lhe diſſe, movendolhe Deos a lingua, que o rendeo, e confeſſou ſeu peccado, e deixando Franciſco de Ma-

cedo com Manoel Lourenço, Capitaõ do seu baluarte, se foy ao Capitaõ Pedro de Ataide, e lhe relatou o caso todo de que estava ordenado entre aquelles soldados. Pedro de Ataide poz os olhos nos Ceos, e deu grandes louvores a Deos nosso Senhor de se descobrir aquelle negocio, no qual estava a perdiçaõ daquella fortaleza se se naõ descobrira, e abraçou muitas vezes a Luiz Carvalho, dizendolhe palavras de muita honra, e fazendolhe muitos comprimentos, e logo alli mandou chamar a Fernaõ Caldeira, cabeça do negocio, e apartando-se com elle o avizou do caso que tinha ordenado, e sobre elle lhe fez huma fala, em que lhe lembrou „ a obrigaçaõ que tinha a morrer pela „ santa Fè Catholica, pois era Christaõ „ velho, criado, e sustentado com o lei„ te da Santa Igreja Catholica, que esta „ obrigaçaõ era sobre todas, e a de seu „ sangue: bem entendia que lhe havia „ de repugnar hir em aquella sua desespe„ raçaõ avante, que Deos era grande, „ e que nos mayores trabalhos soccorria „ os seus, e tantas cousas lhe disse destas, que se lançou a seus pès, com grandes mostras de arrependimento, e levantando-o o Capitaõ, o abraçou, e consolou, e lhe prometteo, que se escapasse dalli, que havia de trabalhar pelo fazer honrado, e assim ficáraõ taõ amigos que sempre o trazia o Capitaõ apar de si, e por naõ fazer reboliço naquelle caso, naõ quiz falar com os mais soldados da parcialidade, antes fez que o naõ sabia. E porque naõ havia dinheiro na fortaleza, chamou o Capitaõ dos Inhanes, que era amigo de todos os soldados, e lhe deu huma espada sua de prata, e adaga, e talabarte, pera que o desfizesse em larins, por haver alli officiaes disso, e que dèsse a Fernaõ Caldeira a mayor parte, e que o mais repartisse pelos soldados, e todavia mandou ter grande guarda nos passos em segredo, por naõ entenderem que se ficava receando delles, pelos naõ meter em desconfianças, nem nelles houve mais algũ movimẽto.

Jorge de Mello o Punho, que estava por Capitaõ em Manar, sabendo o aperto em que estavaõ os da Cota, persuadio ao Rey de Candia, que já era Christaõ, e se chamava tambem D. Joaõ como o da Cota, pera que mandasse gente que entrasse pelas terras do Rajù, que tambem era seu imigo, pera o obrigar a acodir às suas terras, e que assim desapressaria a Cota. Facil foy de acabar isso com elle, porque eraõ imigos mortalissimos, elle, e o Rajù, e logo com brevidade despedio o seu Capitaõ de campo, que se chamava D. Affonso com cinco mil homens, e com elle foy Belchior de Sousa, o qual o Visorey mandou com D. Affonso àquelle Rey como pareceo ao Guarda mòr.

Estes Capitaens entràraõ pelas terras do Rajù, e as foraõ pondo a ferro, e a fogo, atè chegarem à Cidade de Chilaõ, que era muito grande, e a destruiraõ de todo. Estas novas chegàraõ ao Rajù, que sentio muito, e determinou de apertar com os nossos, e concluir aquelle negocio com todo o risco seu que pudesse, e mandou preparar suas gentes, e Elefantes, e maquinas, pera dar o derradeiro assalto pela banda da primeira Cota, e o dia de antes mandou o Rajù huma carta ao Capitaõ, na qual lhe pedia, e aconselhava „ que lhe despejasse a Ci„ dade da Cota, e elle com ElRey, fato, „ e artelharia se passassem livremente a „ Columbo, e que naõ insistissem: ad„ moestando-os da fóme, porque bem „ sabia o estado em que estavaõ por falta „ de mantimentos, sobre o que lhe tinha „ já de antes escrito duas vezes, ou tres; „ mas desta foy com mais liberdade, e „ offerecimento; depois respondeo a „ esta ao Rajù, que em quanto elle ou„ visse soar os seus tambores, e elles ti„ vessem pelles, e os çapatos solas pera „ comerem, se havia de sustentar, mas „ depois que se acabassem, e as neces„ sidades apertassem com todos, que „ hiriaõ buscar mantimentos ao seu ar„ rayal, e que lhe vinha bem ter taes „ hospedes em sua casa.

Ficá-

Ficàraõ os noſſos no derradeiro eſtremo, ſem haver que comer, até os onze dias de Fevereiro, que foy hum Domingo, e ſendo tres horas da tarde chegou huma mulher Chingalá ao baluarte da primeira Cota, e bràdou q̃ lhe abriſſem, que relevava falar com o Capitaõ, a qual foy recolhida dentro, e levada a elle, lhe diſſe „ que ſe preparaſſe, „ porque aquella noite lhe havia dar o „ Rajù o derradeiro aſſalto por todas as „ partes da primeira Cota, no qual ha„ via de meter toda a ſua potencia. Houveraõ todos que a chegada deſta mulher, fora de algum Anjo da guarda daquella fortaleza, que os veyo avizar daquelle negocio. Iſto conta Franciſco de Macedo na relaçaõ que me mandou, mas o Capitaõ dos Inhanes me diſſe muitas vezes, que aquella mulher eſtava, ou eſtivera amancebada com hum ſoldado noſſo a quem queria bem, a qual vendo o riſco em que a fortaleza eſtava, o fora avizar, com determinaçaõ de ver ſe o podia ſalvar, acontecendo algum deſaſtre à fortaleza, e que eſte ſoldado a levára ao Capitaõ, em fim como quer que foſſe, ella pareceo encaminhada por Deos para vir dar aquelle avizo.

O Capitaõ logo deſpedio pera Columbo a Antonio da Silva que já lá fora algumas vezes, pelo qual mandou dizer a D. Diogo de Ataide „ que aquella „ noite, tanto que ouviſſe bombardas, „ ſe abalaſſe de Columbo com toda a „ gente, e foſſe dar pelas coſtas ao imi„ go, que havia de eſtar embebido no „ aſſalto, que pertendia dar pela pri„ meira Cota, o qual logo mandou prover de muitas muniçoens, armas dobradas, e elle em peſſoa com os que o acompanháraõ, e com ElRey, ſe meteraõ em hum dos baluartes da primeira Cota, por onde ſe podiaõ mais recear.

O Antonio da Silva chegou a Columbo ainda de dia, e achou alli já Jorge de Mello Capitaõ de Manà, que com cem ſoldados tinha chegado o dia de antes, pera ſoccorrerem os noſſos, e ouvindo o recado, logo todos ſe puzeraõ em campo pera ſe partirem de noite, e D. Diogo mandou diſparar hum camelete, que era o final que Pedro de Ataide lhe mandou que fizeſſe, pera ſaber ſe chegára lá Antonio da Silva, o qual ſe ouvio muito bem em Cota, e ficou Pedro de Ataide alguma couſa aliviado, porque ſabia muito bem, que havia de ſer ſoccorrido, ſem ſaber ainda da chegada de Jorge de Mello.

Entrando o outro dia o quarto da alva, cometeo o Rajù a Cidade toda em roda. Elle em peſſoa com o mayor poder remeteo com a primeira Cota, levando diante de ſi os Elefantes pera porem as teſtas nos baluartes que eraõ de madeira; mas achàraõ tanto fogo, e tantos inſtrumentos mortaes, e nos poucos homens que os defendiaõ tantas cavallarias, que paſmàraõ do que viraõ. O mais poder com que cometeo a Cidade em roda, foy paſſar a gente o rio por ſeis partes em cima de ceſtoens muy groſſos de bandeis, mas da outra parte achàraõ os noſſos taõ preſtes, vivos, e aparelhados, que a ſeu pezar os deteveraõ com morte de muitos, porque fizeraõ o emprego da arcabuzaria muito à ſua vontade, e todavia hum paſſo muy entrado com morte de parte dos noſſos, e correndo a nova, acodio o Capitaõ com ElRey, e alguns dos ſeus continuos, e achando os imigos dentro no paſſo, remetèraõ a elles, e travàraõ de roſto a roſto huma cruel, e eſpantoſa batalha, em que Pedro de Ataide andou ſempre diante de todos, fazendo tantas cavallarias por ſeu braço, que podemos dizer que elle ſó fez mais que todos, e andando na mayor força do furor da batalha, ſe lhe deſencabou a eſpada, e lhe ſaltou fóra da maõ, depois de ter muitos imigos mortos, e remetendo cõ hum ſoldado lhe tomou huma alabarda das mãos, com que ſe meteo entre os imigos, fazendo taes valentias, e eſtremos, atè os lançar outra vez fóra do paſſo, e poſto que elle fez muito, e pelejou como valente Capitaõ que era, os

que o acompanhàraõ naõ fizeraõ menos valentias, antes tantas couſas, q̃ de cada hum ſe puderaõ encher muitos Capitulos, e naõ os nomeyo, porque tudo o que poſſo dizer de hum, poſſo dizer de todos, porque naõ ſey couſa em que algum ſe avantajaſſe dos outros. Nos outros paſſos havia bem de neceſſidades, mas os noſſos rotos, e famintos, e os mais delles, ſem nome, fizeraõ em ſua defenſaõ tantas proezas, cavallarias, e eſtragos nos imigos, que foy eſpanto. Em hum paſſo em q̃ houve mais neceſſidade, ſe achou ElRey, que acodio alli pela grita, e brados que ouvio, e o fez como muito bom cavalleiro, e o que neſte paſſo mais finezas fez, foy Eſtevaõ Gonçalves, Meſtre, e Capitaõ dos Inhanes, pera o que, pera o chegar dos eſteiroens pera lançarem gente em terra, ſe lançou elle em o rio, atè ſe envazar à meya perna, e dalli fez couſas como hum leaõ, eſtando-o ElRey vendo paſmado do que aquelle homem fazia, em fim, elle, e a eſpingardaria fizeraõ recolher aos imigos com grande perda, porque ficou o rio naquella parte, e em todas, cheyo de corpos mortos, e elle tornado em ſangue. O Capitaõ dos Inhanes como vio os imigos hidos, ſobio-ſe acima feito hum alarve, e vendo-o ElRey, remeteo a elle, e o abraçou muitas vezes, e deſpio huma roupeta de grãa que trazia abotoada de ouro, e lha lãçou nas coſtas. Eſte paſſo chama-ſe o dos Pachos, em que eſtavaõ derredor vinte homens, pelo qual cometèraõ tres mil, e podemos dizer que ſó quatro ſoldados o defenderaõ a todos; o Capitaõ dos Inhanes que ſe aventajou, os mais foraõ Ignacio de Gamboa Falcaõ, Pedro Pires o Rumo, e outro de q̃ naõ me ſouberaõ dizer o nome, e cada hum delles fez couſas em defenſaõ do paſſo, que nem Manlio na defenſaõ do Capitolio, que era differente em fortaleza, as fez mayores.

Em todos os paſſos havia trabalho, e poſto que em todos ſe ouviaõ clamores, e gritas, e ſe ſentia bradar por ſoccorro, ninguem ſe movia de ſeu lugar, que guardava, porque lho tinha aſſim mandado o Capitaõ.

Eſtando a cauſa neſte conflicto, chegáraõ os dous Capitaens D. Diogo de Ataide, e Jorge de Mello com toda a gente de Columbo, e Cota pela parte donde eſtava o arrayal do Rajù, e achãdo-o deſpejado, deraõlhe fogo, e ſe deixáraõ ficar alli, porque naõ ſabia onde o imigo eſtaria, porque era muito eſcuro. Os noſſos na primeira Cota tiveraõ muito trabalho, porque o tempo que acodio o Capitaõ ao paſſo que eſtava entrado, carregou o Rajù com todo ſeu poder, trabalhando tudo o que pode pela entrar, mas foylhe muito bem defendida de cincoenta ſoldados, que havia naquella parte, que ſobre iſſo fizeraõ altiſſimas cavallarias, e taõ grande eſtrago nos imigos, que ſe naõ foraõ ajudados do braço Divino, naõ puderaõ eſcapar àquella furia, e poder, e os meſmos imigos diſſeraõ depois que viraõ huma mulher fermoſiſſima, que com hum manto azul chegára àquella hora, e o eſtendera ſobre os noſſos, e os reparava daquellas nuvens de frechas, e pelouros que cahiaõ ſobre elles, e que a meſma mulher tomava no ar as ſettas dos imigos, e as tornava a lançar ſobre elles, e que tambem viraõ hum homem velho veſtido de vermelho, que com hum baſtaõ que trazia, fizera grandes eſtragos nos Chingalás, e affirmáraõ q̃ aquella ſenhora com a ſua viſta, e daquelle veneravel velho, lhe cauſára a todos tamanho terror, que logo ſe deſbaratáraõ per ſi, e piedoſamente podemos crer que eſte velho era o bemaventurado S. Joſeph, que naquelle trance acompanharia ſua ſantiſſima eſpoſa a Virgem Santiſſima noſſa Senhora.

O Rajù vendo o disbarate dos ſeus, e que vinha jà eſclarecendo a manhãa, afaſtou-ſe donde eſtava, e fez ſinal ao ſeus que eſtavaõ em outros paſſos, os quaes logo ſe recolhèraõ deſordenados por differentes caminhos, e o Rajù ſem tomar o do ſeu arrayal ſe foy recolhendo

do

do pera Ceitavaca, e ſem duvida que ſe D. Diogo de Ataide, e Jorge de Mello lhe ſahiraõ nas coſtas, q̃ o acabáraõ de desbaratar de todo, mas elles como ſoubèraõ de ſua fugida, temendo-ſe que foſſe ſobre Columbo, que ficava ſó ſem ſaberem de Pedro de Ataide, ſe foraõ com muita preſſa acodir à ſua Cidade. O Capitaõ Pedro de Ataide como ſe vio deſaliviado, lançou eſpias a ſaber dos imigos que jà tinhaõ paſſado o rio Calane, e foy correr todas as eſtancias, e achou que nenhum ſoldado morrèra em todo aquelle combate, ſe naõ hum chamado Franciſco Fernandes Gameiro, pelo q̃ ſahio fóra ao campo, e achou aquelle eſtrago nos imigos, e ſe julgou paſſarem de dous mil, fóra mòr copia que ſe recolhèraõ feridos, de que morrèraõ muitos, e vendo que na fortaleza naõ havia que comer aquelle dia, mandou aos ſoldados que recolheſſem os mortos pera os ſalgarem em talhas, porque ſe o imigo voltaſſe, ſe valeſſem daquella matalotagem, e aſſim ſe recolheraõ em breve eſpaço quatrocentos, os mais gordos, ſe naõ quando hum mulato chamado Fernaõ Nunes, abrio logo alli hum, e lhe tirou os figados, e os aſſou, e comeo. O Padre Frey Simaõ da Naſareth, vendo recolher aquelles corpos, acodio com muita preſſa ao Capitaõ, e lhe requereo „ que naõ reco- „ lheſſem os mortos, porque era couſa „ prohibida aos Chriſtãos comer carne „ humana; Pedro de Ataide lhe diſſe „ que em extrema neceſſidade como a „ em q̃ elles eſtavaõ ſe permittria aquil- „ lo, e eſtando neſtes debates, chegou ao Capitaõ hum Cafre Chriſtaõ que vinha do Arrayal do Rajù, e lhe contou como fora desbaratado, e que já o deixava em Ceitavaca, com o que deſiſtio daquella carniça, e mandou pôr o fogo a todos aquelles corpos.

Dalli a duas horas lhe chegáraõ de Columbo alguns mantimentos, e apoz elle D. Diogo de Ataide, e Jorge de Mello, com todos os mais que puderaõ ajuntar, aos quaes todos ſahiraõ a receber com tanta alegria, e alvoroço como homem que àquella hora cuidavaõ que reſuſcitava, e entre tantas alegrias naõ faltáraõ invejas nos de Columbo de verem aquelles homens taõ debilitados, e fracos, terem obrado todas as cavallarias, e aſſim rotos, e desfigurados eſtavaõ taõ gentîs homens que os puderaõ invejar todos os do mundo. Pedro de Ataide foy-ſe logo pera Columbo a reformar, e deixou na Cota Franciſco de Miranda Henriques com alguns ſoldados dos que foraõ de Columbo, porque os da Cota foraõ tambem como Pedro de Ataide a refazerſe. Durou eſte cerco quatro mezes, e os quarenta dias foraõ das fómes crueis, em que naõ comeraõ mais que hervas, e ainda eſſas faltáraõ alguns dias, pela qual razaõ ſe pòde contar eſte cerco pelo mais famoſo de todos os do mundo.

CAPITULO IV.

Mogores entrados nas terras de Damaõ.

NA entrada deſte anno de 1565. ſendo Capitaõ de Damaõ Joaõ de Souſa, entráraõ pelas terras tres mil de cavallo, a mayor parte de Mogores, dos quaes era Capitaõ Mir Mahamed, primo com irmaõ do Trecbar, e outros doze com Abdulacan, que fora Rey do Mandare, que ambos andavaõ fugidos do graõ Mogor, porque lhe tomou o Reino do pay, e receava-ſe que tambem os mataſſe. A tençaõ de virem ſobre Damaõ, foy pera ſe fazerem ſenhores daquella Cidade pera nella ſe fortificarem contra o Mogor, porque o ſeu rendimento baſtava pera ſuſtentar tres, e quatro mil de cavallo. Joaõ de Souſa o Capitaõ daquella fortaleza, tanto que teve aviſo de ſua entrada, pela gente que vinha fugida delles, logo deſpedio recado a Goa, e às fortalezas do Norte a pedir ſoccorro, e elle ſe ficou fortificando o melhor que pode, porque entaõ naõ havia muros mais que huns entulhos

tulhos groſſos, pàos de tela que eſtavaõ encadeados com hervas leiteiras, que fazem muito bom tapigo, e ſe naõ pòdem bater com artelharia, nem chegarem a ſe cortar com machados, porque qualquer gota do ſeu leite que ſaltar nos olhos logo cega. Os recados ſe deraõ em Baçaim, e Chàul onde eſtava por Capitaõ Triſtaõ de Mendoça, que logo negociou ſeis, ou ſete navios com duzentos homens que lhe rogáraõ pera os levar, e hoje já naõ ha quem os faça embarcar pera eſtas neceſſidades, nem com penas, nem com dadivas. O Viſorey, tanto que teve o recado, foy-ſe pôr no caes, e naõ ſe ſahio delle, atè negociar quatro navios, de que foraõ por Capitaens D. Fernando de Alarcaõ, D. Diogo Pereira, filho baſtardo do Conde da Feira, Ayres de Saldanha que foy Viſorey, e D. Antonio Caſtello-branco baſtardo daquella caſa do Meirinho mòr, e deſpedidos com muita preſſa, em breves dias chegáraõ a Damaõ, achando jà lá Triſtaõ de Mendoça, e alguns navios de Baçaim, e o Capitaõ Joaõ de Souſa preſtes pera hir buſcar os imigos. Deſtes Capitaens fez logo ſeiſcentos ſoldados de eſpingardas, e cento e vinte de cavallos Arabios. Com toda eſta fabrica ſe paſſou à outra banda do rio, e chegando à povoaçaõ de Couleca, teve aviſo que os imigos eſtavaõ em Panel, que ſeria diante tres leguas, e ordenando-ſe, foy em ſua buſca, dando adianteira a Triſtaõ de Mẽdoça, Capitaõ de Chàul com trezentos homens, e algumas peças de campo, e chegando mea legua de Panel de noite, deſcançáraõ com grandes vigias, e no quarto da alva tornáraõ a marchar, e ao romper da alva, houveraõ viſta dos imigos. Triſtaõ de Mendoça mandou logo recado a Joaõ de Souſa a lhe pedir „ licença pera rom-„per logo com elles, porque ſe naõ ordenaſſem melhor, ao que lhe mandou dizer „ que ſe foſſe detendo porque a „ artelharia ficava atraz, e niſto fez Triſtaõ de Mendoça alto. Os imigos tanto que viraõ os noſſos como eſtavaõ ſeguros de cuidar que os podiaõ hir buſcar, foy tal o ſeu medo, que naõ fizeraõ mais que ſaltar nos cavallos, e acolherem-ſe, deixando o arrayal com todo o ſeu recheyo. Hum gentio da noſſa parte chamado Mapanoca, quando vio o deſconcerto com que os imigos ſe levantáraõ, adiantou-ſe, e ſobio-ſe em hum alto, e vendo-os hir derramados capeou aos noſſos, do que Triſtaõ de Mendoça ſe abalou, e chegou donde o arrayal eſtava, e ſe ſenhoreou delle, que era muito grande, e rico, porque pareceo a Joaõ de Souſa que podia aquillo ſer eſtratagema do imigo, porque naõ podia imaginar que hũ poder taõ groſſo ſe desbarataſſe por ſi ſem golpe de eſpada, e que faria aquillo pera voltarem ſobre Damaõ que ficava ſó ſem tomar deſcanço, voltou com toda a preſſa que pode, e chegou àquella Cidade ao outro dia. Os imigos foraõ-ſe por caminhos deſviados, e ſe recolheraõ a Cambaya, e alguns pera Balagate; e porque eſte caſo naõ he bem que fique eſquecido, o contarey brevemente.

Parece que eſtes Capitaens Mogores deixáraõ em Surrate quatro criados fazendo alguns negocios, aos quaes encomendáraõ, partiſſem logo, porque dentro em Damaõ os achariaõ, e partindo elles ao outro dia, naõ encontrando a ſua gente, que ſe recolheo por outros caminhos, chegáraõ atè o rio de Damaõ, e achando da outra banda a barca da paſſagem, na qual andava hum Chriſtaõ muito ladino, lhe perguntàraõ „ ſe „ jà là eſtavaõ os Mogores na Cidade: „ o barqueiro entendendo-os, diſſe que „ jà eſtavaõ na fortaleza. Com aquelle alvoroço ſem mais conſideraçaõ ſe meteraõ na barca, e deſembarcàraõ da outra banda com muita confiança, o barqueiro deu rebate aos da praya, que logo lançàraõ maõ delles, e os levàraõ ao Capitaõ, que ſabendo o caſo, os mandou entregar aos rapazes, que tiveraõ com elles hum arrezoado regozijo, e aſſim acabàraõ com ſua ſandice.

CA-

CAPITULO V.

Antonio Teixeyra cõ recado ao graõ Turco, e vay com a repoſta ao Reino.

SEndo Governador da India o Conde do Redondo, e Capitaõ de Ormuz D. Joaõ de Ataide, eſtava por Baixà em Baçorà hum Turco da obrigaçaõ de Ali Baxà, o da primeira porta do Turco Solimaõ. Eſte Baxà chegando a Baçorà novamente, como era ſagaz, e ardiloſo, deitou olho à terra, e ao cõmercio, e trato dos noſſos de Ormuz com aquella Cidade, que eſtava quaſi roto, e perdido, quiz tornar a renovallo, pelo proveito que delle eſperava, e com eſte intento eſcreveo a Ali Baxà, repreſentandolhe „ o muito que ſe per„ dia, com terem guerra com noſco, „ porque alèm da groſſidaõ, e proveito „ que ſe podia eſperar daquelle cõmer„ cio, podia vir a reſultar outro mayor „ ao Eſtado do graõ Senhor, porque „ como os Turcos começaſſem a tratar „ em Ormuz, pelo tempo em diante ſe „ lhe podia offerecer, e abrir huma boa „ occaſiaõ com que lançaſſem maõ da„ quella fortaleza, pelo deſcuido que „ havia entre nòs, e ainda ſe podia con„ ſiderar poderlhe vir todo o ſenhorio „ do Reino de Ormuz, donde melhor „ poderiaõ conſeguir a conquiſta do „ Reino da Perſia.

O Ali Baxà fez aquelle negocio taõ facil ao Turco, que lhe diſſe o trataſſe como lhe pareceſſe, e aſſim o eſcreveo ao Capitaõ de Baçorá, o qual começou logo de apalpar o Capitaõ de Ormuz, que lhe reſpondeo „ que ſem ordem do „ Viſorey da India naõ podia elle fazer „ couſa alguma naquelle negocio, que „ mandaſſe elle huma peſſoa à Cidade „ de Goa tratar neſta materia, e o que „ ſe reſolveſſe, compriria inteiramente, e com iſto deſpedio o Baxà hum Arabio, o qual chegando a Goa teve entrada com o Viſorey, e lhe propoz o negocio de feiçaõ, e tanto em noſſo proveito, e utilidade do cõmercio, que lhe naõ pareceo mal: com tudo lhe reſpondeo „ que naõ aſſentaria couſa alguma „ naquelle negocio ſem ſaber a vontade „ do graõ Turco, que elle lhe mandaria „ huma peſſoa grave de authoridade, „ com poderes pera aſſentar o que ſe de„ terminaſſe, e pera eſta jornada elegeo hum Antonio Teixeyra, homem Fidalgo que ſabia a lingua Perſia, e parte da Turqueſca, e eſcreveo huma carta ao graõ Turco ſobre aquellas couſas. Eſte Antonio Teixeyra partio de Ormuz eſte veraõ em q̃ andamos, ſendo jà Capitaõ D. Pedro de Souſa, e levou comſigo quatro Portuguezes de cavallo muito bem negociados, e elle muito apparatoſo, e polido de ſua peſſoa, e foy dar a Baçorá, e de ahi pelo Eufrates atè Babilonia, onde tomou cavalgaduras em que foy atè o mar mayor, onde ſe embarcou, e foy aportar na Cidade Galata, da outra parte de Conſtantinopla, donde mandou recado a Ali Baxà, que ficou ſobreſaltado, porque fora aquelle negocio tratado ſem ordem do graõ Turco, e foy neceſſario dizerlhe „ que era „ chegado hum Embaixador de ElRey „ de Portugal por via da India a lhe pe„ dir pazes. O que Ali Baxà fez ſem os outros Baxàs. O dia que o havia de levar ao Turco, o meteo em ſua Camera onde entrou levado por ambos os braços, e foy por ella eſpalhando algumas moedas de ouro como he coſtume dos Embaixadores. Eſtava o Turco ſentado em hum eſtrado cozendo hũas carapucinhas a modo de eſcofias de quarto, como os Mouros trazẽ debaixo das toucas, coſtume muito antigo dos Senhores da caſa Ottomana, ganharem por ſuas mãos o que haõ de comer, e os Baxàs, e Grandes da Corte as compraõ por muito dinheiro, de que ſe fazem as deſpezas da ſua meſa, e dando o Turco audiencia, lhe diſſe elle „ como o ſeu Baxà „ mandàra pedir pazes ao Viſorey da „ India pera ſe continuar o cõmercio de „ Baçorá pera Ormuz, ao que o Turco „ reſpondeo que elle naõ pedia pazes a „ nin-

„ ninguem, e ſe ElRey de Portugal as „ quizeſſe delle, mandaſſe hum homem „ grande da ſua Corte a tratallas, e aſ- „ ſim o eſcreveo em huma carta que lhe „ deu, e mandou deſpedir, e dalli ſe paſſou eſte homem ao Reino, e deu a carta ao Cardeal que governava, e fez relaçaõ do que paſſou com o Turco, e achou-ſe a carta taõ ſeca, que ſe calàraõ todos, e naõ quizeraõ mais bullir niſſo.

CAPITULO VI.

Em que ſe continua o cerco de Cananòr, e ſucceſſos que nelle houve.

CHegadas as novas da morte de Andrè de Souſa a Goa, que foy muito ſentida, deſpedio logo o Viſorey D. Antaõ a D. Antonio de Noronha, pera hir aſſiſtir alli em lugar de Andrè de Souſa, como atraz temos dito. Os Mouros foraõ continuando na guerra com grande importunaçaõ, e mòr cabedal, achando ſempre em todos os cometimentos em D. Antonio de Noronha grande reſiſtencia, o qual naõ ſe contentando de ſe defender dentro das cercas, fez muitas ſahidas aos imigos, nos quaes por vezes lhe matou mais de dous mil Mouros, e lhes cortou mais de quarenta mil palmeiras, que era toda a ſua ſubſtancia, e a mòr guerra que ſe lhe podia fazer, do que eſcandalizados os Mouros convocàraõ todo o Malavar pera aquella guerra, e aſſim ſe ajuntàraõ de redor de cem mil delles, com tençaõ de eſcalarem a fortaleza, e fizeraõ eſcadas, mantas, e outros petrechos, e aſſim tinhaõ por certo que a haviaõ de tomar, de que houve entre os Mouros grandes repartiçoens das couſas della, porque o Aderaja reſervou pera ſi a artelharia, outros a prata das Igrejas, outros as caſas principaes dos caſados mais ricos com ſeus moveis, de maneira que naõ ficou couſa que naõ tiveſſe dono. Nicoeguaripo, Jangada da fortaleza, Naire da melhor bondade que houve outro, e fideliſſimo aos Portuguezes, em toda eſta guerra aviſou ao Capitaõ de tudo o que ſe movia entre os Mouros, o qual vendo a guerra, e groſſo poder que trazia as maquinas, e petrechos pera eſcalarem as tranqueiras, teve modo com que mandou ao Viſorey a D. Payo de Noronha, e dandolhe conta por carta do que eſtava aſſentado entre elles, aconſelhandolhe que ſe recolheſſe na fortaleza, e naõ pertendeſſe defender as tranqueiras, porque ſe arriſcava a perder huma couſa, e outra.

Com eſta carta chamou aconſelho os Capitaens, e peſſoas principaes, e lhas leu, e lhe pedio dèſſem livremente ſeus pareceres. Entre todos houve muitos, e differentes, convèm a ſaber, o Capitaõ diſſe „ que o bom ſeria tomar o conſe- „ lho de Nicoeguaripo, porque jà ſa- „ biaõ delle ſua verdade, e lealdade, e „ que naõ havia de aconſelhar aquillo, „ ſe naõ pelo que via, e que elle era de „ parecer que todos ſe recolheſſem na „ fortaleza, que era o que ſe havia de „ ſegurar, que nas tranqueiras de taipa „ que cercavaõ a povoaçaõ de fóra hia „ pouco, porque elle ſó da fortaleza ti- „ nha dado homenagem, e que havia de „ trabalhar pela defender.

D. Antonio de Noronha lhe reſpondeo „ que a fortaleza, roupa, e morado- „ res da povoaçaõ podiaõ mandar reco- „ lher, mas que elle, e os ſoldados que o „ quizeſſem acompanhar, haviaõ de fi- „ car defóra defendendo as tranqueiras, „ porque naõ era elle homem que de me- „ do largaſſe o que lhe era encomenda- „ do, nem aquelles ſoldados, e cavallei- „ ros haviaõ de querer outra couſa.

Vendo D. Payo de Noronha aquella reſoluçaõ, diſſe „ que fizeſſe o que lhe „ pareceſſe naquella parte, e logo mandou recolher dentro alguns caſados, que moravaõ fóra com toda a roupa, e fazenda que havia na povoaçaõ. D. Antonio de Noronha fez preſtes muniçoens, petrechos, e couſas que lhe parecèraõ neceſſarias pera ſua defenſaõ, e tambem tratou da alma, como fizeraõ todos, que

ſe

ſe confeſſáraõ com os Padres de Saõ Franciſco que entre elles eſtavaõ exercitando aquelle officio com muita caridade. O Capitaõ ſe deixou ficar entre as portas da guarda com os mais moradores, pera recolher aos defóra ſe foſſe neceſſario, e pera dahi os prover de muniçoens que mandou ter preſtes, e toda aquella noite paſſáraõ todos em grande vigia, cõ as armas nas mãos atè começar a claridade da manhãa, que apparecèraõ ſobre aquellas tranqueiras aquellas nuvens de Mouros como de gafanhotos que cubriaõ toda a terra, e com grande determinaçaõ cometèraõ as tranqueiras, e as rodeàraõ de eſcadas, pelas quaes muitos ſubiaõ muy ouſadamente, ſegundo a grita, e labyrintho, a que elles chamaõ coqueadas, tal q̃ iſſo ſó pudera meter temor, e eſpanto em todo o mundo. Neſte primeiro impeto ſe puzeraõ em cima mais de dous mil, e deraõ comſigo em baixo nos quintaes das caſas que guardava Manoel Travaſſos, e tinha trinta ſoldados, e dentro teve com os imigos huma aſperiſſima batalha, em que matàraõ os noſſos a muitos delles. Dom Antonio de Noronha com a gente que trazia de ſua guarda foy correndo as eſtancias das tranqueiras, onde os noſſos andavaõ a braços com os imigos, e eſforçou, e animou a todos de feiçaõ, que poſto que elles faziaõ maravilhas, a viſta do ſeu Capitaõ os affervorou tanto, que pareciaõ leoens famintos, e houve alguns ſoldados, que liados com os imigos, com os dentes ferravaõ nelles, e os eſcalavravaõ muito.

D. Antonio chegou às eſtancias que defendiaõ Thomè de Souſa Coutinho, Gaſpar de Brito, e os dous irmãos Betancores, e achou a todos taõ encarniçados com os imigos, que naõ houve pera que lhes fazer lembranças, ſe naõ meterſe entre elles, e em cada eſtancia fazer maravilhas nas armas, e o eſtrago que ſe fez nos Mouros foy grandiſſimo, porque aſſim os eſcandalizàraõ, e feriraõ, que muitos ſe lançàraõ das trãqueiras abaixo, e como os Mouros cubriaõ os campos, fizeraõ nelles tal emprego com a eſpingardaria, que paſmavaõ elles, e naõ ouſavaõ a chegar a tiro.

O Ade Rajão da parte donde eſtava ſeguro vendo afracar os ſeus, mandou dous Cacizes velhos aos animar, o que elles fizeraõ, metendo-ſe entre elles, e lembrandolhes que pelejavaõ por honra de Mafamede, ſegurando a todos que ſe ahi morreſſem, hiriaõ deſcançar com elle na outra vida, onde teriaõ muitas recreaçoens, e paſſatempos, cõ as quaes palavras os fez tornar com aquella confuzaõ, e barbaridade que elles coſtumaõ, porque cuidaõ que eſpantaõ mais com os gritos, e vozerias, que com o effeito, e valor das armas.

Dentro na fortaleza ſe ouvia aquella vozeria, e confuzos gritos, e andavaõ as mulheres pelas ruas deſcabelladas de Igreja em Igreja, pedindo miſericordia a Deos noſſo Senhor. Os Frades de S. Franciſco tinhaõ o Senhor expoſto, e ſe naõ afaſtavaõ nunca diante o Santiſſimo Sacramento, pedindolhe com muitas lagrimas que ſe lembraſſe daquella fortaleza.

Couſa maravilhoſa, que eſtando o negocio no mayor riſco, e perigo, viraõ os Fradinhos encherſe a Igreja de hum reſplandor taõ fermoſo, e claro, que os alumiou como na força do meyo dia, naõ ſendo ainda manhãa clara, e entendendo que aquillo era favor do Ceo, levantáraõ-ſe dous, a quem Deos deu aquelle eſpirito, e tomando Crucifixos nas mãos, ſahiraõ da fortaleza, e ſubindo-ſe às cercas, em que os noſſos eſtavaõ com grande conflicto, e levantando Chriſto crucificado nos ares, e com grandes vozes que todos ouviſſem, lhes diſſeraõ: „ Eya cavalleiros de Chriſ- „ to, aqui o tendes comvoſco, que vem „ em voſſa ajuda, naõ temais eſforça- „ dos ſoldados que o Senhor eſtá em „ voſſa companhia, da ſua parte nos „ promettemos huma grande vitoria „ deſtes imigos de ſua ſanta Fè, pois ſó „ maneaes as mãos, eſforçayvos, e naõ „ queirais mòr galardaõ, que ſáber que

„ os

„ os que aqui morrerdes, hides gozar „ aquella gloria, que perpetuamente ha „ de durar, e ſe aqui ha alguns com as „ conſciencias pejadas, cheguem-ſe a „ nòs, e deſalivialloshemos, para que „ pelejem com mais animo, e ſegurança.

Com eſtas palavras que ouviraõ, e com a figura de Chriſto que viraõ, foy tamanho o furor, que deu em todos, que rompendo nos Mouros os deitáraõ dos terços embaixo, ficando os quintaes, as caſas, e as ruas cheas de corpos mortos, e eſpedaçados. Durou iſto atè mais de meyo dia, em que ſe recolheraõ os Mouros, taõ desbaratados, e quebrantados, que determináraõ naõ cometer mais as tranqueiras, mas continuar a guerra, atè canſar os noſſos.

D. Antonio de Noronha, que andava feito hum leaõ, e aſſim meſmo os Capitaens, e ſoldados vendo aquella mercè tamanha que lhe Deos fizera, aſſim como eſtavaõ em companhia dos Padres com os Crucifixos levantados, entráraõ na fortaleza, donde D. Payo recebeo a todos com grandes louvores, e foraõ à Igreja de S. Franciſco dar as graças a Deos noſſo Senhor pela grande miſericordia que com elles uſára, e mercès que lhes fizera, hindo apoz elles todas as mulheres, e meninos com grandes gritos de prazer, deitandolhes muitas bençoens, e dizendolhes mil louvores. A certeza dos Mouros que morrèraõ, nunca a pode averiguar, os de Cananòr naõ o averiguàraõ, huns dizem que cinco mil, outros menos, outros muitos mais, em fim a vitoria foy hũa das grandes que na India ſe alcançàraõ. O Capitaõ mandou queimar os mortos por naõ cauſarem corrupçaõ: dos noſſos morrèraõ poucos, mas muitos feridos que ſaráraõ logo. Poucos dias depois chegou Gonçalo Pereira Marramaque com toda a ſua Armada, com o que os da fortaleza ficàraõ muy deſaliviados, e ſabendo da guerra que os noſſos houveraõ, deu muitas graças a Deos, e a todos grandes louvores de ſeus animos. Gonçalo Pereira foy continuando na guerra contra o Rey de Cananòr, tomandolhe os rios porque naõ ſahiſſem os navios a roubar, e dandolhes em algumas povoaçoens que deſtruhio, e D. Antonio de Noronha tambem por ſua parte fez muitas ſahidas aos imigos, nas quaes lhes queimou muitas fazendas, e matou muitos, e em hum encontro que teve com elles entre a fortaleza, e a povoaçaõ de cima, que foy muito creſpa, ſahio D. Antonio ferido de huma eſpingardada, e mandando novas a Goa, deſpedio o Viſorey Alvaro Paes Sotomayor por Capitaõ da fortaleza, e que ſe foſſe D. Payo pera Goa, o qual partio em Março de 1565. em que andamos, e tomando poſſe da fortaleza, tratou da guerra que ſe havia de fazer ao Reino de Cananòr, e communicou com Gonçalo Pereira Marramaque darem na povoaçaõ do Raja pera o quebrantarem. Aſſentado iſto entre elles, fizeraõ-ſe preſtes pera huma madrugada, e que a hum ſinal havia de deſembarcar Gonçalo Pereira Marramaque na praya, e ſahir da fortaleza Alvaro Paes com toda a gente, como fizeraõ com muito boa ordem, entrando pelo Bazar, que aſſim chamaõ às Cidades, lhe foraõ pondo fogo por huma, e outra parte, que começou a arder com grande eſtrondo. O Ade Raja com todos os Mouros acodio a defender a Cidade que eſtava rechea-da de muita fazenda, e no meyo della tiveraõ huma grande batalha, hindo já juntos os Capitaens ambos, e a noſſa arcabuzaria fazendo nos Mouros grandes danos, e tambem dos noſſos houve feridos, e naõ ſe achou que houveſſe mottos aqui: no meyo do Bazar hindo D. Jorge de Menezes, que depois foy Alferes mòr que ſe achou alli acaſo, por hir pera Còchim embarcarſe pera o Reino, lhe deraõ huma eſpingardada por a borda do peito embaixo junto das verilhas, e lhe cahio o pelouro aos pès, e Gonçalo Pereira ouvindo dizer que o D. Jorge eſtava mal ferido, chegou a elle, e lhe perguntou o que era? O Dom Jorge lhe reſpondeo com ſuas bizarri-

ces

ces coſtumadas „ que era hum pelouri-
„ nho que tanto que tocàra em ſua car-
„ ne, que achou em ſeu contrario, logo
„ lhe cahira aos pès; em fim o negocio ficou feito como os noſſos queriaõ, e a povoaçaõ queimada, e cortado hum fermoſo palmar, ſem dano mais que de alguns feridos, e ſe recolhèraõ muito a ſeu ſalvo.

CAPITULO VII.

Do deſpejo da Cidade da Cota pera Columbo.

VEndo o Viſorey o grande trabalho que deu ao Eſtado o cerco da Cota, e que daria ſe tornaſſe o Rajù ſobre ella, aſſentou com os do conſelho „ que ſe deſpejaſſe, e ſe paſſaſſe ElRey „ a Columbo, pera a qual execuçaõ, mandou Diogo de Mello pera ficar por Capitaõ naquella fortaleza, o qual levou os navios ſeguintes; elle em huma galeota, Manoel Juzarte Tiçaõ, Fernaõ Vaz Pinto, Antonio Froes, Fernaõ Trinchaõ, Antonio da Coſta Travaſſos, que tinha vindo de Columbo. Chegada eſta Armada àquella fortaleza, logo Diogo de Mello poz o negocio em execuçaõ, e foy buſcar ElRey, e recolheo os Frades, e derrubou o Templo que là tinhaõ, e em fim deixou tudo deſerto, e paſſou aquellas couſas a Columbo, onde ſe fizeraõ apoſentos pera ElRey, a quem o noſſo de Portugal mandou que ſe trataſſe muito bem, e ordenou que do muito dinheiro que lhe deviaõ lhe dèſſem cada anno dous mil xerafins pera ſeu entretenimento, porque ficava desherdado ſem terras de que comeſſe, ſó algumas aldeas que poſſuhia alli nas terras de Columbo, e pelo tempo adiante, foraõ os Capitaens daquella fortaleza, e outros alguns, que a ella foraõ de ſoccorro, esbulhando eſte pobre Rey, atè daquillo que ſe lhe devia, porque hum lhe pedia dous mil cruzados de mercè, outro mil, outro quinhentos, e aſſim o foraõ conſumindo; o que tudo pagavaõ os Viſoreys, o que ſabido por ElRey D. Sebaſtiaõ, mandou que ſe tornaſſe arrecadar o dinheiro que ſe déra a eſtas partes, e que nunca mais ElRey pudeſſe fazer mercès do dinheiro que devia, no que cuido ſe naõ fez execuçaõ. Depois de Diogo de Mello partido, logo D. Antaõ de Noronha mandou algumas fuſtas de partes com eſtes provimentos: dez mil xerafins em dinheiro, trezentos candiz de trigo, oitocentos de arroz, duzentos quintaes de biſcouto, muitas muniçoens, cotoucos, e outras couſas deſtas. Neſte Abril de 1565. foy Joaõ Gago de Andrade fazer huma viagem de Maluco, e levou muitos provimentos pera aquellas fortalezas. Gonçalo Pereira Marramaque deixou-ſe andar no Malavar todo o reſto do veraõ, em que tomou muitos paraes aos Mouros, e em Fevereiro deſpedio Manoel de Brito, que era ſeu tio, com dez, ou doze navios, de cujos Capitaens naõ achey os nomes pera hir ao Cabo Comorim recolher as cafilas dos navios q̃ haviaõ de vir de Malaca, China, Maluco, Pegù, Bengala, e de Choromandel, onde eſteve atè Abril, em que ajuntou mais de oitenta, entre grandes, e pequenas, com as quaes ſe partio, vindolhe dando muito boa guarda, e muito de vagar por cauſa dos Noroeſtes q̃ naquelles mezes curſaõ muito rijos; e por hir toda a Armada, e cafila falta de agua, foy ſurgir a Monte Deli, onde a mandou fazer, lançando em terra guarda de ſoldados, pera favorecerem os marinheiros que a iſſo foraõ, e como aquella terra era de ElRey de Cananòr, com que eſtava em eſtado de guerra, ſahiraõ muitos Mouros a defender a agua, ſobre o que ſe travou com os noſſos huma grande batalha, a que Manoel de Brito mandou acodir com a mayor parte da Armada, e ainda foy neceſſario deſembarcar elle, por creſcer o numero, em que os noſſos fizeraõ grande matança, atè os arrancarem do campo, e os

hirem seguindo atè a sua povoaçaõ, a que puzeraõ fogo, e a hum navio que tinhaõ no estaleiro, e lhe cortáraõ grande quantidade de palmeiras, e com isto feito se recolhèraõ os nossos depois de fazerem a aguada à sua vontade, e foraõ seu caminho pera Goa, sendo já Gonçalo Pereira Marramaque recolhido por ser muito tarde, e a cafila chegou toda a salvamento.

Recolhido Gonçalo Pereira Marramaque, proveo o Visorey logo a gente que havia de hir invernar a Cananòr, pera onde despedio estes Capitaens, Antonio Botelho com huma Companhia de soldados, Manoel de Mello filho de Simaõ de Mello que foy Capitaõ de Malaca, com outros tantos, Vicente de Saldanha, e Estevaõ Bobadilha seu irmaõ com cincoenta cada hum, e Heitor da Silveyra, D. Lopo de Noronha de alcunha o Caroto, Ruy Vaz Pereira, irmaõ natural de Gonçalo Pereira, Andrè de Torquemada Fidalgo Castelhano com D. Luiz Mascarenhas, e Calisto de Siqueira filho natural de Francisco de Siqueira, Escrivaõ da cozinha de ElRey, mulato muy conhecido por valente, homem grande espingardeiro. Esta gente se repartio pelas tranqueiras defóra, donde fizeraõ muitas sahidas aos Mouros, de que adiante falarey. Neste Abril de 1565. foy Pedro de Mesquita fazer as viagens de Maluco, e levou provimentos pera aquellas fortalezas.

CAPITULO VIII.

Da hida de D. Fernando de Monroy ao Estreito de Meca, e do q̃ là lhe succedeo.

ENtrado o anno de 1565. em Fevereiro despedio o Visorey D. Antaõ de Noronha D. Fernando de Monroy Fidalgo Castelhano da casa de Oropeza, cõ huma Armada de dous galeoens, e quatro galeotas, pera hir às Ilhas de Maldiva esperar as nàos que haviaõ de hir pera Meca, que naquelle tempo partem do Achèm, e vaõ demandar os Canaes daquellas partes, e Ilhas por entre as quaes costumaõ a passar. Foy D. Fernando no galeaõ Santa Cruz primeiro, e Pedro Lopes no galeaõ S. Sebastiaõ: das galeotas eraõ Capitaens Vasco Delgado de Brito, Martim Pereyra de Sà, Diogo Ferreira de Padilha com o Principe D. Joaõ, e Sebastiaõ Criado de Abreu. Com esta Armada se foy D. Fernando de Monroy pelo Canal de Cardu, e mandou a Pedro Lopes Rabello com a galeota de Diogo Ferreira, pera que se fosse por outro Canal que saõ os dous ordinarios, por onde as nàos passaõ. Estando Pedro Lopes no seu Canal, veyo demandallo huma fermosa nào do Achèm, que trazia mais de quatrocentos homens brancos Turcos, e de outras naçoens, e muita, e boa artelharia. Pedro Lopes em havendo vista della, largou a amarra sobre a boya, e preparou as velas, e foy cometer a nào que vinha muito confiada, a qual disparou nelle a primeira salva de artelharia, de que teve a reposta arrezoada, e como este Capitaõ era homem de resoluçaõ, investio a nào imiga, e logo lhe lançou gente dentro que teve com os imigos huma grande, e cruel batalha, ajudando defóra a galeota, que lançou muito fogo na nào imiga, e o mesmo fizeraõ os da nào huma a outra, e foy tanto que se ateou em ambas de maneira, que sem remedio ardèraõ ambas, sem os nossos lho poderem defender. Vendo-se Pedro Lopes perdido, naõ teve outro remedio mais que deitarse ao batel com alguns, e outros à galeota de Diogo Ferreira, como tambem fizeraõ os Mouros, dos quaes elle recolheo alguns, e os repartio pelos soldados como gente de preza. As nàos se consumiraõ em cinza sem escapar cousa alguma da de Meca que hia muito rica. D. Fernando de Monroy no Canal onde estava, ouvio a briga da artelharia, e dando à vela foy là, e achou as nàos jà abrazadas, e recolheo comsigo a Pedro Lopes Rabello, e o pro-

e o proveo de fato por eſcapar com ſó o veſtido que tinha no corpo, e o meſmo fez aos ſeus ſoldados, e ſabendo que Diogo Ferreira tomàra os Mouros da nàо, lhos mandou pedir pelo Feitor da Armada; ao que os ſoldados ſe alteràraõ, e os naõ quizeraõ entregar, antes tomàraõ dous, e os enforcàraõ na verga, e com elles foraõ dar volta por derredor do galeaõ do Capitaõ mòr, o q̃ elle teve por grande deſobediencia, e mandou pelos outros navios de remo levar a fuſta de Diogo Ferreira a bordo, e meteo na bomba todos os ſoldados, e a Diogo Ferreira prendeo em hum camarote, e os Mouros que eraõ de reſgate entregou ao Feitor da Armada, e deixou-ſe andar atè ſe acabar a monçaõ, que ſe partio pera Goa. O Viſorey caſtigou os ſoldados com degredo, e naõ ſey ſe prendeo a Diogo Ferreira, mas achey huma Proviſaõ regiſtada nos livros deſta Torre do Tombo „ em que lhe havia „ por perdoada a culpa que teve naquel„ le caſo, ſendo julgado crimemente, pelo que me parece que ſe proceſſáraõ autos contra elle.

CAPITULO IX.

Proſegue a guerra de Cananòr.

ENtrado o inverno, ainda que as chuvas eraõ grandes, naõ deixavaõ os Mouros de continuar à guerra, dando cada dia aſſaltos de huma, e de outra parte, em que ſempre havia ſangue. Caliſto de Siqueyra, que era hum dos mayores eſpingardeiros, que o mundo tinha, veyo a inventar hum ardil pera matar os Mouros, o qual lhe cuſtou tambem a vida. Notou a parte mais ordinaria, por onde os Mouros appareciaõ, e de noite mandou fazer huma cova redonda, em que elle coubeſſe de joelhos, e cubrio ſe com folhas de palmeira, e todas as manhãas ſe metia nella, e dalli naõ apparecia Mouro nenhum a tiro de eſpingarda, que o naõ derrubaſſe, e vinhaõ outros a levar aquelle que tambem ficavaõ huns ſobre outros, do que todos andavaõ paſmados, porque deſcobriaõ o campo, e naõ viaõ donde lhe vinha aquelle mal.

Havia alli hum Mouro eſpingardeiro, o qual andou vigiando, e notando donde lhe ſuccedia aquelle dano, atè cahir no que era; pelo que tambem de noite mandou fazer huma cova, e meteo-ſe nella. O Caliſto pela manhãa foy-ſe meter na ſua, e della vio bullir naquella parte em que o Mouro eſtava, e entendendo o que era, o Mouro tambem della eſtava preſtes com ſua eſpingarda, de maneira que ſegurando-ſe hum, e outro em ſeu ponto, diſparàraõ, e ambos foraõ taõ certos que ſe tomàraõ pelos teſtos, e cahiraõ ambos logo mortos. Da fortaleza acodiraõ a levar o corpo de Caliſto, e o enterràraõ honradamente, e certo que foy ſua morte ſentida, porque era muito grande cavalleiro.

Andavaõ os noſſos muito inquietos com os continuos aſſaltos, que os Mouros lhes davaõ, e às vezes o tomavaõ por paſſatempo. Succedeo em hum delles ſahir huma Companhia de ſoldados, em que entravaõ alguns Fidalgos, e Cavalleiros, e baralhàraõ-ſe com os Mouros pelejando valeroſamente, e fizeraõ nelles arrezoada matança, mas naõ ſem cuſto de ſangue dos noſſos, porque ficàraõ alguns feridos, entre os quaes foy Dom Lopo de Moura, filho de D. Manoel de Moura de alcunha o Caroto, que pouzava a S. Joaõ da Praça, e ſogro de Ayres de Saldanha, mancebo com que me criey na eſcola, e nos eſtudos de Santo Antaõ, ao qual deraõ huma eſpingardada por huma perna de que naõ pode bullirſe, e hum Cafre ſeu, que ſempre foy à ſua ilharga, o tomou às coſtas, e o hia levando pera a fortaleza em companhia dos noſſos, que ſe hiaõ recolhendo já enfadados. Os Mouros vendo hir os noſſos, tornáraõ a voltar ſobre elles com grandes coqueadas, os quaes fizeraõ roſto aos Mouros, e ſe travou huma muito creſpa, e porfiada briga, atè acodir

dir o Capitaõ da fortaleza com o reſto da gente. O D. Lopo de Moura que hia às coſtas do Cafre, vendo a briga, gritou ao Cafre que o largaſſe, o que elle naõ quiz fazer, e todavia tanto fez, que o Cafre o largou, e aſſim manquejando ſe foy meter na briga, da qual os noſſos ſe recolheraõ com tanta preſſa, e deſordem, que houve matarem os Mouros alguns, entre os quaes foy D. Lopo de Moura, a quem cortàraõ a cabeça, e lha levàraõ, porque logo pareceo peſſoa de preço pelas boas armas que levava. Alvaro Paes tornou a voltar ſobre os Mouros, e os fez recolher com dano ſeu, e tiveraõ tempo de levarem os noſſos o corpo de D. Lopo, ao qual deraõ honrada ſepultura.

Aſſim ficou a guerra continuando por eſtes aſſaltos atè Setembro entrada do veraõ, em que chegáraõ eſtes navios pera Ruy Vaz andar com elles de Armada na coſta do Malavar, Antaõ Barreto, Manoel Nunes de Macedo, Vicente Paes, Carlos Paçanha, Franciſco Riſcado, Sebaſtiaõ Vieyra, Jacome Viegas, Antonio Fernandes Malavar, e em Cananòr ſe armáraõ eſtes Capitaens; Gonçalo Pereira de Caſtro, Simaõ de Mello, Sebaſtiaõ de Mariz, Luiz de Carvalho, Jorge da Silva Pereira.

Com a chegada deſta Armada, ElRey de Cananòr mandou cometer pazes ao Capitaõ, dando ſuas deſcargas da guerra, em que moſtrou que elle naõ tivera eulpa, as quaes lhe elle aceitou, e deu ouvidos a ellas por ter comiſſaõ do Viſorey pera iſſo, e vindo-ſe concluir cõ as condiçoens ordinarias que nunca eſtes Mouros, e gentios cumprem, e mentem, e nada daõ depois, e diſſimula-ſe com elles, naõ ſey porque reſpeitos, porque elles cada vez que querem tornaõ a levantar ſua palavra, e quebraõ as pazes, e contratos jurados com tantas ceremonias, mas como pode vir a ſer verdade o que ſe jura ſobre tanta falſidade como a de ſeus idolos? Eſtes contratos, e todos os que ſe fizeraõ na India com todos os Reys, tenho eu na Torre do Tombo em livro ſeparado.

CAPITULO X.

Dos provimentos que eſte anno ſe fizeraõ pera a fortaleza de Ceilaõ.

NEſte Setembro de 1565. mandou o Viſorey D. Antaõ de Noronha hum galeaõ a Ceilaõ por eſtar ainda de guerra, no qual foy por Capitaõ Fernaõ Rodrigues de Carvalho, que levou pera aquella fortaleza duzentos candiz de trigo, arroz, e muitas munições, que deſta maneira coſtumavaõ os Viloreys daquelle tempo prover as fortalezas, e no meſmo tempo deſpedio eſtes navios, pera com elles, e com outros que eſtavaõ em Cananòr andar Ruy Vaz Pereira por Capitaõ na coſta do Malavar, dos quaes navios eraõ Capitaens Antaõ Barreto, Manoel Nunes de Macedo, Vicente Paes, Carlos Paçanha, Diogo Colaço, e em Cananòr ſe armáraõ eſtes Capitaens, Gonçalo Pereira de Caſtro, Simaõ de Mello, Diogo Nunes Pedrozo, Sebaſtiaõ de Mariz, Luiz Carvalho, Jorge da Silva Pereira, Franciſco Riſcado, Sebaſtiaõ Vieyra, e Sebaſtiaõ Vaz, que todos invernáraõ em Cananòr. Foy mais de Goa Nuno Pereira de Lacerda por Capitaõ de huma caravela Latina pera andar de Armada no Malavar, porque naquelle tempo havia ſeis, ou ſete na India, pera andarem neſta coſta, pera hirem aos Eſtreitos, por ſerem navios mais maneaveis, e de mais proveito que galez, e de menos gaſtos.

CAPITULO XI.

De como D. Diogo Pereyra foy com huma Armada groſſa ao Eſtreito de Meca, e o que lhe ſuccedeo na viagem; e como ſe perdeo com a mayor parte della.

NA entrada deſte anno de 1566. mandou o Viſorey D. Antaõ de No-

Noronha huma Armada ao Eſtreito de Meca a eſperar as nàos, que vieſſem ſem cartazes, da qual elegeo por Capitaõ mòr a D. Diogo Pereyra, ſeu cunhado, filho baſtardo do Conde da Feira, o qual partio de Goa com cinco galeoens, de que afora elle que hia no galeaõ S. Lourenço, eraõ Capitaens D. Nuno Alvares Pereyra, tambem filho do Conde da Feira, no galeaõ S. Chriſtovaõ, Gonçalo Pereira de Caſtro, filho baſtardo de Ruy Vaz Freire Capitaõ que foy de Malaca, no galeaõ S. Joaõ, Joaõ da Silva Pereira, filho de Ruy Pereira da Silva, em huma galeota, Manoel Freire de Andrade em outro galeaõ, levou mais ſeis galeotas, cujos Capitaens foraõ Braz Tavares, Diogo Nunes Pedrozo, Manoel de Medeiros, meyo irmaõ de D. Diogo Pereira Capitaõ mòr, filho de ſua mãy, Alvaro Fernandes, e hum foaõ Ferreira, do outro naõ ſoube o nome.

Eſta Armada foy logo às Ilhas de Maldiva, por haverem novas eſtarem nellas cinco nàos carregadas pera Meca, e nove galez do Achèm em ſua guarda. Os noſſos tanto que chegàraõ às Ilhas, foraõ logo viſtos dos imigos, e tiveraõ recado das velas que eraõ, com a qual nova ſe mudàraõ do Canal do Cardum onde eſtavaõ pera outro. O Capitaõ mòr ſem ſaber do que paſſava, mandou a Gonçalo Pereyra que ſe foſſe com o ſeu galeaõ ſurgir no Canal do Cardum, aonde ſurgio bem tarde, e achou em terra ſinal de como alli eſtiveraõ os Turcos. Os imigos fizeraõ conſideraçaõ que ſe os noſſos ſoubeſſem delles, os haviaõ de hir eſperar nas portas do Eſtreito, e aſſim os quizeraõ divertir, e enganar como fizeraõ, e foy que de noite atiràraõ muitas bombardadas, como que ſe levantavaõ, e faziaõ à vela. O Capitaõ que as ouvio, cuidou que Gonçalo Pereira encontràra as nàos no Canal do Cardum, e que andava com ellas às bombardadas, e levantando-ſe, andou toda a noite à vela de Ilha em Ilha, e de Canal em Canal atè amanhecer.

Gonçalo Pereira tambem cuidou em ouvindo as bombardadas que o Capitaõ ſe encontràra com os imigos, pelo que eſtava ſem ſaber o que fizeſſe, e tanto que amanheceo, chegou o Capitaõ mòr ao Canal do Cardum, onde achou junto Gonçalo Pereira poſto em armas, e ſabendo que as bombardadas naõ eraõ de huns, nem dos outros, havendo conſelho ſobre o q̃ fariaõ, aſſentàraõ „ que „ ſem duvida as nàos imigas ſe fizeraõ „ à vela pera o Eſtreito de Meca, logo ſe levantàraõ todos, e os ſeguiraõ, e trabalhàraõ por chegarem primeiro que elles; mas os imigos que entenderaõ o que fora, deixàraõ-ſe ficar ſurtos onde eſtavaõ, porque todos eſtes artificios uſàraõ por naõ ſerem taõ arremeçados como nòs, e parece que tinha obrigaçaõ o Capitaõ mòr de mandar pelos navios ligeiros vigiar todos os Canaes, ainda que niſſo ſe gaſtaſſem dous, ou tres dias, pera ſe ſegurar na verdade na bolada em que hia tanto; em fim os noſſos foraõ ſurgir na ponta da Ilha Sacotorà, e os galeoens, e galeotas ſe dividiraõ por paragens a vigiar os imigos, e com tudo foy a vigia tal, que huma das nàos foy demandar a meſma Ilha Sacotorà em que os noſſos eſtavaõ, e foy dar à coſta da outra banda da contra coſta, onde ſe fez em pedaços.

Diſto tudo teve aviſo o Capitaõ mòr, e que pela terra dentro havia mais de quinhentos Turcos que vinhaõ na nào, pelo que mandou pedir ao Xeque da Ilha „ que lhe entregaſſe toda aquel- „ la gente, como era obrigado por ami- „ go do Eſtado da India, ſe naõ que os „ hiria buſcar, e o caſtigaria a elle rija- „ mente. O Xeque, que tambem era ſagaz, entendendo que metendo qualquer tempo em meyo, o livraria daquillo, porque os noſſos ſe viaõ enfadados, ou poderia ſucceder darlhe alli hum tempo, com que muitas vezes ſe perderaõ naquella paragem muitos navios, lhe mandou pedir „ oito dias de eſpera „ pera fazer aquella entrega, porque os „ Turcos andavaõ derramados por to- „ da

„ da a Ilha, e que elles eraõ muitos, e „ naõ tinha poder pera os tomar, e assim de recado em recado foy consumindo o tempo, e por fim se acolheo às serras, e naõ appareceo mais, com o que o Capitaõ mór desembarcou em terra, e saqueou, e queimou a Cidade que era grande, e com muitas fazendas, manteigas, couramas, e ambolins, sangue de Dragaõ, Zeure, e outras cousas, de que tambem carregàraõ os galeoens, e sendo o tempo gastado deraõ à vela pera Goa em Abril, e tanto àvante como de Dio sessenta leguas ao mar, em dezasete do dito mez q̃ foy a conjunçaõ de lua nova, quarta feira a derradeira oitava da Pascoa, lhe deu huma tormenta muito rija, q̃ lhe durou cinco dias, nos quaes corrèraõ os ventos da agulha como fazem os Tufoens da China, que quando daõ, parece hũa representaçaõ da ira de Deos. O primeiro dia vio toda a Armada soverter o galeaõ de Manoel Freire de Andrade, e ao outro dia às oito horas do dia, viraõ o galeaõ do Capitaõ mòr a arvore seca, e o viraõ sumir debaixo do mar; os galeoens de D. Nuno Alvares Pereira, e de Joaõ da Silva, e de Gonçalo Pereira de Castro escapàraõ por novos, que puderaõ melhor sofrer os mares; das galeotas a do Ferreira desappareceo: Diogo Nunes Pedroso, e o Tavares em vẽdo os sinaes da tormenta se acolhèraõ onde melhor puderaõ, o Tavares entrou pela barra de Baçaim sem saber por onde hia, Diogo Nunes Pedroso atinou com a barra de Dio que tomou meyo alagado, Leonardo de Medeiros era hido a Caxem por mandado do Capitaõ mòr, e naõ lhe deu a tormenta, e depois de fazer o negocio a que o mandàraõ, foy buscar o Capitaõ mòr a Sacatorà, cuidãdo achallo ainda là, e à vista da Ilha encontrou huma champara que sahia do porto, carregada dos Mouros da nào, e cometendo-a pelejou com ella tres dias, no fim dos quaes de aberta das bombardadas foy ao fundo, e os Mouros andando ao redor os matou todos à espada, e feito isto se passou pera Goa, onde chegou à salvamento. Perderaõ se nesta tormenta nos dous galeoens, e galeotas ao redor de quatrocentos homens: contaraõ-me alguns soldados que se aqui acháraõ, que os Mouros da champara, tanto que viraõ a nossa galeota, confiados em serem mais de duzentos, por ser a champara muito grande, por segurarem os nossos, fizeraõ que fugiaõ, e esconderaõ-se debaixo de cubertas, ou dos beijos, pera que os nossos naõ vissem tantos, que o termo que fizeraõ de fugir acendeo mais o dezejo aos nossos de chegarem, e assim se deraõ tanta pressa que os alcançàraõ, e lhe puzeraõ a proa, e primeiro que os nossos se lançassem dentro, sahiraõ os Mouros debaixo, que se se deixàraõ estar, sem duvida os tomàraõ todos às mãos, todavia como os nossos estavaõ atracados, lançaraõ-se dentro, e os dous primeiros foraõ logo mortos, mas os mais com grande animo, e valor lançàraõ dentro muito fogo com que os abrazàraõ, e fizeraõ lançar ao mar, aonde todos foraõ mortos.

CAPITULO XII.

De como mandou o Rey de Pegù pedir huma filha ao Rey de Ceilaõ pera casar com ella.

AInda que toda a vida se gaste em escrever as superstições destes Gẽtios Pegùs, e Bramàs, naõ puderaõ acabar de dizer ametade dellas, e por isso quando trato algumas, saõ assim de passagem, como farey aqui agora na nascença deste Rey Bramà. Fizeraõ os Astrologos grandes observançoens, e levantáraõ muitas figuras pera saberem sua boa, ou mà fortuna, e as cousas do que escreveraõ, e do que notáraõ, foy que havia de casar com huma filha de ElRey de Ceilaõ, e que havia de ter taes, e taes sinaes, e que as feiçoens de seu corpo haviaõ de ser de certas medidas que logo apontáraõ, e querendo o Bramà

Bramà Rey de Pegù cumprir iſto que elles tinhaõ como profecia, mandou Embaixadores a ElRey D. Joaõ de Columbo, que ſó elle no ſangue, e legitimidade era o verdadeiro Emperador de toda a Ilha, e lhe pedir huma filha pera mulher, e lhe mandou huma nào carregada de mantimentos, pelos naõ haver em Ceilaõ, e muitas peças, e joyas ricas, e chegàraõ eſtes Embaixadores a Columbo no meſmo tempo, que eſte Rey ſe paſſou da Cota pera aquella Cidade, os quaes ElRey recebeo com muita honra, e gaſalhados, e ſabendo ao que vinhaõ, diſſimulou com o negocio, naõ negando que naõ tinha filha, como defeito a naõ tinha, nem teve; no que jà ſeus Aſtrologos mentiraõ, mas como elle em ſua caſa criava huma filha do ſeu Camereiro mòr, que tambem era do ſangue Real, ao qual Franciſco Barreto ſendo Governador fez Chriſtaõ, e lhe poz o ſeu nome, o qual pelo ſangue, e partes lhe eſtava ElRey muy ſogeito, e podemos affirmar que mandava tudo.

A eſta moça a que elle chamava filha, por lhe querer grande bem, fazia elle grande honra como a filha, e depois q̃ os Embaixadores do Bramà lhe deraõ ſua embaixada, ſempre a poz comſigo à meſa, e lhe chamava filha, e com eſte nome a quiz conceder ao Bramà por ſua mulher, mas temeo-ſe que o Capitaõ de Columbo lho eſtorvaſſe, e o meſmo fizeſſem os Padres de S. Franciſco, poſto que ella era ainda gentia, porque como tinhaõ aquella ovelha das portas a dentro, e cada dia a podiaõ fazer Chriſtãa, como havia dous que o pertendiaõ, eſtava certo impedirem lhe a jornada. Eſtas couſas todas praticava com o ſeu Camereiro mor que era prudente, e de grande artificio, a que ElRey eſtava entregue de todo, o qual vendo ElRey deſapoſſado da Cota, e pobre, e que ſe abria caminho com eſte caſamento pera ter muito cõmercio com o Bramà, e a moça ſer ſua filha, diſſe a ElRey que elle daria ordem pera elle poder hir encubertamẽte ſem ſe ſentir em Columbo.

E ainda ſe fez mais, em muito ſegredo com ElRey, da ponta de hum veado fez hũ dente taõ proprio como o do Bogio, que D. Conſtantino levou, e o engaſtou em ouro, e fez huma charola muito rica, e com muita pedraria, em que o meteo, e o Camereiro mòr que era ainda gentio, praticando hum dia com os Embaixadores do Bramà, e os Talupoens que vieraõ em ſua companhia que eraõ ſeus Biſpos, e Religioſos, que ſe vinhaõ offerecer à pegada de Adaõ que todos adoraõ, e veneraõ, lhes deu em muito ſegredo conta daquelle negocio, e de como ElRey D. Joaõ tinha o verdadeiro dente do Bogio, ou do ſeu Quiar, que o que levàra D. Conſtantino era falſo, e fingido, e que elle Camereiro mòr o tinha guardado em ſua caſa em grande ſegredo por ElRey ſer Chriſtaõ. Os Embaixadores, e Talupoens ouvindo aquillo, alegraraõ-ſe muito, e lhe pediraõ lho moſtraſſe, o que elle fez com tantas cautelas que os obrigava mais a vello, e aſſim os levou huma noite a ſua caſa, e lhes moſtrou o dente na charola que eſtava poſta ſobre hum Altar muito aparamentado com muitas velas, e perfumes, e em elles o vendo ſe baqueàraõ no chaõ, e o adoràraõ muitas vezes com grandes ceremonias, e ſuperſtiçoens, no que gaſtàraõ a mayor parte da noite, e depois praticàraõ com o Camereiro mòr ſobre o dente, pedindolhe que o mandaſſe ao Bramà com ſua filha, e por o gaſto, e feſtas do caſamento ſerem mayores, elles ſe lhe obrigariaõ a lhe mandar o Bramà hum milhaõ de ouro, e todos os annos huma nào carregada de arroz, e mantimentos, como ſe lhe obrigáraõ, o que tudo ſe tratou em tanto ſegredo que ſó ElRey, e o ſeu Camereiro o ſouberaõ. Tanto que ſe fez tempo de eſta moça ſe embarcar, o fez o Camereiro mòr em tanto ſegredo que nem Diogo de Mello Capitaõ de Columbo, nem os Padres o inventàraõ, e foy naquella companhia por Embaixador de ElRey de Ceilaõ Andrè Bayaõ Mudeliar, e nave-

navegando com bom tempo foraõ tomar outro porto abaixo de Cosmi, onde desembarcàraõ, e avisáraõ o Bramà de tudo o passado, e da chegada da Rainha, o que foy pera o Rey, e todos os Grandes de grande alvoroço, e logo ElRey despedio todos os Ximes que saõ Duques, e Grandes pera que a fossem acompanhar, e lhe mandou joyas, e peças muito ricas, e toda esta gente que era infinita, hia pelos rios abaixo em muitas embarcaçoens que chamaõ lagoens, que saõ como galez, todos dourados, toldados, e embandeirados de sedas de cores ricas, e a em que havia de a Rainha se embarcar, era todo o toldo, e camera forrada de ouro, e ella esquipada de mulheres fermosas, e ricamence ataviadas, que remavaõ melhor, e mais a compasso que os forçados da Europa, e destas mulheres tinha ElRey muitas em bayrros separados, e he certo que se casavaõ humas com as outras, e viviaõ de portas a dentro de duas em duas como casados, e eu faley com alguns Portuguezes que foraõ cativos em Siaõ, principalmente com hum Antonio Toscano, que foy meu vizinho, e tem ainda filhos em Goa, os quaes differaõ que forão muitas vezes ver estes bairros das marinheiras, que era verdade serem casadas humas com as outras: nesta galè que vou dizendo, mandou ElRey embarcar a mulher do Banha da Cidade velha, pera sua Camereira, e aya, e outras Damas ricas, e fermosas.

Chegada esta fabrica, que era cousa muito grande, foy a Camereira mòr visitar a Rainha, e a fazerlhe acatamento, e a começou a servir como Rainha, era ella mulher muito velha, e de grande respeito, e authoridade, e assim como a Rainha a começou a tratar como mãy. Passados alguns dias em que a Camereira tinha jà posse della, e que corriaõ em grande amizade, lhe disse hum dia que o Rey Bramà era avisado dos seus Astrologos, que havia de cazar com huma Princesa de Ceilaõ, que teria certas medidas nas pernas, braços, e pescoço como se declarava naquelles livros, que a Camereira lhe mostrou alli, que por isso lhe havia de dar licença, porque assim importava muito, pera lhe tomar aquellas medidas, que pera isso mandàra ElRey, por confiar aquillo mais della que de outra. A Princeza a ouvio muito grave, e com muita authoridade lhe respondeo que no seu corpo naõ havia de tocar outra pessoa alguma, mais que ElRey seu marido, que hiria a Pegù, e elle lhe tomaria là as medidas q̃ quisesse. A Camereira naõ pode obrigalla a nada, mas logo avisou a ElRey do q̃ passava, porq̃ por correyos tinha todos os dias avisos de tudo, e dandolhe este recado da Camereira do que passára cõ a Rainha, o festejou muito, e fez disso muita arte, e galantaria, e mandou que logo caminhasse pera là, como fez, e por todo o caminho a foraõ acompanhando todos os principaes das Cidades, e povoaçoens por onde passavaõ, com muitas festas, e boibos, e tangeres, e ainda com muitas dadivas, e presentes ricos, atè chegar à Cidade de Pegù, onde desembarcou com a mayor pompa, magestade, e riqueza que se podia imaginar. O filho herdeiro de ElRey a foy receber à desembarcaçaõ, e por todas as ruas por onde passou, achou novas invençoens de arcos, theatros, riquezas, e representaçoens, que os naturaes dos Reinos sogeitos ao Bramà lhe faziaõ. ElRey sahio a recebella à porta dos Paços, em que se ella havia de aposentar, que estavaõ riquissimamente aparamentados com todo o serviço da camera, recamera, e guardarroupa, com tudo o mais necessario à mulher de hum tão rico, e poderoso Monarca, e depois applicou grossas rendas pera despeza de sua casa. Estes primeiros dias correo com ella, mandando a levar a sua casa, e a fez jurar por Rainha com grande magestade, mas como elle tinha muitas Princezas filhas de Reys seus vassallos por concubinas, e outras Damas muito fermosas das suas portas a dentro, fechadas mais que em hum Mosteiro, e

ella

ella veyo a ſaber, que corria com ellas, começoulhe a demandar ciumes, e carrancas, couſa que nenhuma lhe fez nunca, nem elle ſabia o que aquillo era, e goſtava muito diſſo, e fazia grandes rizos, e paſſatempos, deſtas couſas todas. Os Capados que ſerviaõ a Rainha aviſavaõ a Antonio Toſcano, com quem corriaõ em amiſade, que me contou tudo iſto, e outras couſas que deixo, por naõ ſer proluxo.

E como ahi naõ ha couſa que ſe naõ ſaiba, veyo ElRey Bramà a ſaber que aquella mulher naõ era filha de ElRey de Ceilaõ, ſe naõ de ſeu Camereiro, porque parece que o Andrè Bayaõ que là foy com ella por Embaixador, veyo a dar com a lingua nos dentes (como là dizem) praticando com algumas Chinas de Pegù, que o contàraõ a ElRey, que fez diſſo pouco caſo por lhe eſtar affeiçoado, e tambem porque os Talapoens, e Embaixadores que foraõ buſcar a Rainha lhe deraõ conta do dente de Bogio, e da veneraçaõ com que aquelle Rey o tinha, e como ficàra concertado com elle que o entregaria, o que o Bramà eſtimou muito porque aquelle dente o tinhaõ pelo do ſeu idolo Quijay, e eſtimava elle ſobre todas as couſas da vida, e provèra a Deos que aſſim eſtimaramos nòs hum dente de Santa Apollonia; mas naõ digo muito neſte dente deſta Santa, mas hum Cravo com que Chriſto foy encravado, ou hum Eſpinho que lhe atraveſſou ſua ſantiſſima cabeça, ou o ferro da Lança que lhe raſgou ſeu ſagrado Peito, que tudo eſteve muitos annos em poder dos Turcos, ſem os Reys Chriſtãos os mandarem reſgatar, como eſte Bramà fez ao dente do diabo, ou do veado, porque logo tornou a deſpedir os meſmos Embaixadores, e Talapoens a pedir aquelle dente, e mandou por elle àquelle Rey graviſſimas riquezas, e com promeſſas de outras mayores. Eſtes Embaixadores chegàraõ a Columbo, e tratàraõ o negocio em ſegredo com aquelle Rey, o qual lhe entregou o dente em ſua charola com muitas ceremoinas, e cautelas, com o qual logo ſe embarcàraõ com muita preſſa na meſma nào que pera iſſo levàraõ.

CAPITULO XIII.

Da grandeza, e riqueza com que eſte dente foy recebido em Pegù.

POucos dias puzeraõ atè Coſmi porto de Pegù, aonde logo ſe deraõ as novas, e acodiraõ todos os Talapoens, e gente que por alli pouzava, e foraõ adorar com grande veneraçaõ, e pera o deſembarcar infinitas jangadas, ſobre embarcaçoens com meacos feitos em cima muy bem lavrados, e apparamentados, e a em que ſe havia deſembarcar o maldito dente, era toda fundada de ouro, e prata, e outras curioſidades muito cuſtozas: deſpedio-ſe logo recado a Pegù ao Bramà que mandou com muita preſſa todos os Grandes ao receber, e lhe ficou preparado o lugar donde ſe havia de depoſitar, no qual o Bramà moſtrou ſua potencia, e riqueza. O dente foy pelo rio acima que era entulhado de embarcaçoens cuſtozas, e curioſas, cercada a caſa em que hia a charola de tantas luminarias, que eſcondiaõ a claridade do dia.

ElRey como teve tudo preſtes embarcou-ſe em ſuas embarcaçoens forradas de ouro, e aparamentadas de borcado, e foy recebello dous dias de caminho, e chegando à viſta das embarcaçoens em que ſe trazia o dente, ſe meteo na camera da ſua galè, e ſe lavou, e purificou com muitas aguas cheirozas, e ſe veſtio dos mais ricos veſtidos que tinha, e tanto que entrou na jangada em que o dente vinha, deſde a proa atè chegar a elle, foy ſempre em joelhos, com grandes exteriores de devoçaõ, e chegando ao Altar em que a charola eſtava, tomou o dente na Cuſtodia em que hia nas mãos; e o poz muitas vezes ſobre ſua cabeça, e fez ſolenniſſimas

acçoens,

acçoens, com exteriores eſpantoſos, e depois o tornou a ſeu lugar, e o foy acompanhando atè a Cidade, recendendo todo aquelle rio em cheiros ſuaviſſimos, que ſe levàraõ em todas aquellas embarcaçoens; e ao deſembarcar do dente ſe lançàraõ ao mar os mais honrados Talapoens, e Xenis de todos os Reinos, e os principaes tomàraõ a charola ſobre ſeus hombros, e foraõ caminhando pera os Paços, com tanto concurſo de gente, que naõ havia poder romper, e os Senhores principaes deſpiraõ ſeus veſtidos muito ricos, e cuſtoſos, e os foraõ eſtendendo pelo chaõ pera por cima delles paſſarem os que levavaõ aquella nefanda reliquia.

Os Portuguezes, que ſe achàraõ preſentes, hiaõ paſmados de ver aquella brutalidade, e mageſtade, e Antonio Toſcano, que atraz diſſe que foy hum delles, me contou couſas notaveis da mageſtade, e grandeza, com que foy recebido, que o naõ ſey eſcrever, e cõfeſſo que me faltaõ palavras, e eſtylo pera o dizer: em fim tudo quanto todos os Emperadores, e Reys do mundo juntos podiaõ fazer em huma feſta ſolenniſſima, em que todos quizeſſem moſtrar ſua potencia, eſte barbaro ſó fez. Deſembarcando o dente foy poſto no meyo do terreiro do Paço, onde ſe lhe tinha armado hum riquiſſimo tabernaculo, aonde aſſim ElRey, como todos os Grandes foraõ offerecer ſeus riquiſſimos doens, e preſentes, declarandolhe logo de quem eraõ, e eraõ eſcritos, e receitados por officiaes, que pera iſſo eſtavaõ deputados.

Alli eſteve dous mezes eſte dente, atè que ſe mudou a huma varela, que ſe acabou de fazer no lugar, em que venceo, e desbaratou o temido Sataõ, que ſe lhe levantou com o Reino, em gratificaçaõ da grande vitoria que Deos lhe deu, e por concluir com eſtas couſas, por hirem todas enfiadas, tratarey das que ſuccedèraõ ao Rey de Cambaya com eſte Bramà a reſpeito de ElRey Dom Joaõ de Ceilão, poſto que ſuccedèraõ eſte anno que vem, mas porque acabou aqui, naõ quiz deixar pera o diante.

Eſtas couſas, que o Rey de Ceilaõ tratou em tanto ſegredo com o Bramà, aſſim do caſamento daquella moça com o nome de ſua filha, como o do dente do Bogio, foraõ logo às orelhas de ElRey de Candia, o qual ſabendo o caſo como paſſou, e as grandes riquezas, que o Bramà lhe mandou por o dente que fingio, ſendo de Bogio, dandolhe enveja de tudo, com ſer muito parente de ElRey D. Joaõ, e caſado com huma ſua irmãa, ainda naõ faltou quem diſſeſſe que era filha, deſpedio logo Embaixadores ao Bramà, os quaes elle recebeo honradamente, e quando os ouvio, lhe diſſeraõ da parte do ſeu Rey „ que „ aquella moça, que lhe ElRey D. Joaõ „ mandàra por ſua filha, tinha entendi- „ do que o naõ era, mas que era filha do „ ſeu Camereiro mòr, e que o dente que „ lhe mandàra com tantas ceremonias, „ e veneraçaõ, era feito da ponta de hum „ veado, que elle deſejava muito de ſe „ aparentar com elle, e que pera iſſo lhe „ offerecia huma filha ſua por mulher „ naõ fingida, ſe naõ verdadeira, e que „ tambem lhe fazia a ſaber que elle ſó ti- „ nha, e era depoſitario do verdadeiro „ dente de Quijay, porque nem o que „ D. Cõſtantino levàra de Gefanapataõ, „ era verdadeiro, ſe não aquelle que elle „ tinha, como faria certo por eſcrituras, „ e olas antigas. O Bramà informado do caſo, deitou ſuas contas, e vendo que tinha jà jurado aquella moça por Rainha, e recebido o dente com aquella mageſtade, e collocado em varela particular, diſſimulou com o negocio, por naõ confeſſar que ſe enganou, porque taõ mão he enganarem-ſe os Reys, como enganarem-nos a elles, e aſſim reſpondeo aos Embaixadores „ que elle eſti- „ mava muito o parenteſco que ElRey „ de Candia queria ter com elle, e o „ meſmo o dente do Bogio, que lhe fi- „ zeſſe mercè mandarlhe tudo, e que „ pera a trazerem lhe daria huma nào „ muito fermoſa cõ couſas pera ElRey, e man-

e mandou preparar duas nàos que mandou carregar de arroz, e de peças ricas, aſſim pera o Rey D. Joaõ, como pera o de Candia, e na de ElRey Dom Joaõ mandou embarcar todos os Portuguezes que là tinha cativos, em que entrou Antonio Toſcano, que foy o que me diſſe, e contou eſtas couſas muitas vezes.

Chegadas eſtas nàos a Ceilaõ, a que foy ſurgir no porto de Candia, primeiro que deſcarregaſſe lhe cortàraõ as amarras, e deraõ com ella à coſta, onde ſe perdeo tudo, e ſe affogàraõ os Embaixadores, e preſumio-ſe que fora por ordem de ElRey Dom Joaõ de Ceilaõ, que eſtavaõ imigos capitaes, e ſe tal foy, devia de ſer ardil do Camereiro mòr, porque ElRey não tinha artificio pera nada, e com tudo iſto ficàraõ eſtas couſas neſte eſtado, ſem mais haver effeito, nem ſe falar nellas.

CAPITULO XIV.

De como ſe conjuràraõ os Reys do Decaõ, contra o Rey de Biſnagà, em que lhe deraõ batalha, na qual o desbaratàraõ, e matàraõ, e tomàraõ o Reino.

EM muitas partes das minhas Decadas tenho eſcrito, em como os Reys de Biſnagà foraõ Senhores de todos os Reinos que fazem de Bengala atè o Cinde, cuja potencia, e riqueza foy couſa incrivel, e depois que os Mouros cõquiſtàraõ o Reino do Decaõ, ſempre entre elles houve grandes odios, e guerras, e ainda os annos paſſados de ſeſſenta e tres, em tempo do Conde do Redondo, entrou Rama Rey de Biſnagà pelos Reinos de Izamaluco hum anno apoz outros, e o deſtruhio, aſſolou, e desbaratou de todo, dos quaes levou grandes riquezas. O Izamaluco magoado, convocado o Idalxà, e o Brahe, e o Tubixa, e o Verido, pera eſta liga ficar taõ ſegura, tratou de ſe aparẽtar com todos, como fez por eſta maneira: ao Idalxà deu huma filha em caſamento com grande dote, e a Cidade Selapor que lhe tinha tomado, e ao Contubixa deu outra, e elle caſou com huma filha, ou irmãa do Idalxà; os quaes caſamentos foraõ celebrados com grandes feſtas, e firmes juramentos, de ſe ajuntarem todos contra o Rey de Biſnagà, do que elle logo foy aviſado, e ajuntando ſeu poder, e convocados ſeus vaſſallos, ſe poz logo em campo com ſeus irmãos, Venta Ventaraje Capitaõ do campo, e Timaraje Veador da fazenda, e affirma-ſe que tinha cem mil cavallos, e mais de ſeiſcentos mil de pè. Os tres imigos trariaõ cincoenta mil cavallos, e trezentos mil de pè, e algumas peſſoas do campo; com eſte poder ſe foraõ buſcar huns aos outros com grande determinaçaõ.

CAPITULO XV.

Do encontro deſtes Reys, rompimento, e batalha, em que o Rey de Biſnagà ficou morto, e desbaratado.

OS tres Reys da conjuraçaõ chegàraõ aos extremos do Reino Biſnagà, e foraõ entrando por elle, e fazendo grandes danos, e cruezas; o de Biſnagà tambem foy em buſca delles. Eſtando hum dia jantando, lhe deraõ rebate que pareciaõ os Reys imigos, pelo que com muita preſſa ſe poz em hum fermoſo cavallo, e ordenou a ſua gente o melhor que entendeo. Os dous irmãos ſe foraõ a elle, e lhe pediraõ „ que ſe recolheſſe „ à Cidade de Biſnagà que era forte, e „ que elles ficariaõ dando batalha aos „ imigos, e que com ſaberem que o ti- „ nhaõ em Biſnagà, cuidariaõ que ſem- „ pre os ſocorreria, e os imigos haviaõ „ de fazer diſcurſo, como ſoubeſſem „ que elle eſtava là, que tinha comſigo „ mais groſſo poder, e ſempre o haviaõ „ de recear.

O Rey com ſer de noventa e ſeis annos, com brio de trinta, lhe reſpondeo „ que ſe recolheſſem elles embora, que „ elle

„ elle ficaria às mãos com os imigos, e „ que foſſem elles agaſalhar ſeus filhos, „ e brincar com elles, e que elle era Rey, „ e havia de fazer ſeu officio, que era „ andar diante de ſeus vaſſallos defen- „ do os, e animando-os. Tinha ElRey mandado diante de ſeus vaſſallos hum Capitaõ da coſta Real, com dez, ou doze mil ſoldados da caſta Raſes, que chamaõ Rachebidos, como os Janizaros dos Turcos, pera deſcobrirem o campo, e eſtando elle neſtas praticas, lhe veyo recado que jà os Rachebidos tinhaõ travado com os imigos, pelo que voltando o cavallo, tomou duas lanças, em cada maõ huma, e mandou diante ſeu irmaõ Vengata Rajo, como Géral do campo, pera que foſſe favorecer os Rachebidos. O Vengata Rajo chegou aonde os ſeus andavaõ travados, e meteo-ſe de envolta com elle, pelejando valeroſamente, mas aos primeiros encontros deſappareceo logo, e acodindo Intima Raje com ſeu filho Raganate Raje, foraõ dando com muita força nos imigos, cujo encontro lhe tinhaõ ſó mil e quinhentos Rachebidos, por ſerem os mais mortos, e feridos, e metidos na batalha, poſto que fizeraõ grandes cavallarias, foraõ feridos elle, e o filho muito mal, e ſe ſahiraõ da batalha. Eſtas novas deraõ ao Rey, e avançando com o reſto do poder, foy dando nos imigos appellidando por vezes Gorida, Gorida, que he o ſeu idolo das batalhas, como nòs o fazemos ao Apoſtolo Santiago. A vanguarda dos conjurados, trazia o Idalxà, e Cutubixa, e à retaguarda o Izamaluco, aos primeiros encontros do Rey de Biſnagà que foraõ muito furioſos, lhe largàraõ os da dianteira o campo, e dando o Rey com os Rachebidos no Izamaluco, q̃ tinha dez mil de cavallo, o arrancou do campo, e foy dando nelle por eſpaço de mea legua, em que lhe matou de ventagem de dous mil. Os Rachebidos como viraõ o ſeu Rey metido no perigo, deſceraõ-ſe dos cavallos, e a pè quedo fizeraõ nos imigos grande matança. O Izamaluco que hia em desbarato tornou a ſe reformar, e voltou com algumas peças de campo, e achou o Rey de Biſnagà miſturado com o Idalxà, e pondo fogo às bombardas, fez nos imigos tamanha deſtruiçaõ, que foy eſpanto, e com o medo dellas fogiraõ todos, ficãdo o pobre Rey velho cativo, e muito mal ferido, e aſſim foy levada ao Nizamexa, que em o vendo remeteo a elle, e lhe cortou a cabeça, dizendo: „ Agora que me vinguey de ti, faça „ Deos de mi o que quizer.

O Idalxá teve logo rebate da prizaõ de ElRey, e acodio muito depreſſa pera o livrar, porque era tamanho ſeu amigo que lhe chamava pay, mas jà o achou ſem cabeça, o que ſentio em extremo. Desbaratado o campo, deixàraõ-ſe eſtar os vencedores no lugar da batalha tres dias, nos quaes os filhos dos Rajos ſobrinhos de ElRey entràraõ em Biſnagà, e carregàraõ mil, e quinhentos, e cincoenta Elefantes de joyas, pedraria, dinheiro amoedado, e outras couſas deſta ſorte, que ſe eſtimou em mais de cem milhoens de ouro; e a cadeira real, em que ElRey ſe ſentava em dias de ſuas feſtas, que ſe affirma ſer ſem eſtima, e com tudo iſto ſe foraõ elles dentro, e recolhèraõ tudo no Paço de Treul, por ſer muito forte, o qual eſtava em cima de huma ſerra inexpugnavel, dez dias de caminho de Biſnagà, e leváraõ outras riquezas muy grandes, o que tudo perderaõ os conjurados, por naõ ſeguirem logo a vitoria. Acabados os tres dias ſe foraõ à Cidade de Biſnagà a rabiſcar o que ficou, que foy tanto, que ſe detiveraõ niſſo cinco mezes, no cabo dos quaes ſe recolhéraõ todos muy ricos, e ainda hoje o Idalxá tem hum diamante tamanho como hum ovo que o Rey de Biſnagà trazia no pè das plumagens da cabeça do ſeu cavallo, e outro por botaõ das nominas, fóra outras peças de infinito valor. Paſſados os cinco mezes, foraõ-ſe os conjurados pera ſeus Reinos, e os filhos, e ſobrinhos do Rey morto repartiraõ entre ſi os Reinos, que ainda hoje poſſuem ſeus herdeiros.

Deſte

Deſte desbarato do Rey de Biſnagà ficou a India, e o noſſo Eſtado muy quebrado, porque o mayor trato que todos tinhaõ, era o deſte Reino, onde levavaõ os cavallos, veludos, ſitins, e outras ſortes de mercadorias, em que faziaõ grandes proveitos à Alfandega de Goa, e ſentio bem em ſeu rendimento de maneira, que de entaõ pera cà começàraõ os moradores de Goa a vir a menos, porq̃ as beatilhas, e roupas finas, que era hum trato de grande importancia pera Ormuz, e pera Portugal, logo eſtancou, e os pagodes de ouro, de que todos os annos tinhaõ mais de quinhentos mil a empregar nas nàos do Reino, valiaõ entaõ a ſete tangas e mea, e hoje valem a onze e mea, e aſſim a eſta conta todas as mais moedas, ainda que niſto nòs temos a primeira culpa, e a mayor, porque bullimos nas moedas liquidas, e puras, e as fizemos falſas, e de ruim ſorte, que tudo ſe alterou.

Na entrada deſte anno de ſeſſenta e ſeis foy Luiz de Mello entrar na Capitanìa de Ormuz, por virem novas ſer falecido D. Pedro de Souſa, o qual foy enterrado entre as portas das fortalezas, e ſeus oſſos foraõ mudados à parede, onde tem hum nicho com grades de ferro, e ſeu letreito. Foy Fidalgo muito honrado, e bom Chriſtaõ, e temente a Deos. Dizem que tinha formaõ do graõ Turco, pera poder hir por terra pera o Reino, e levar certos homens pera o Reino de cavallo, pera o que ſe fazia preſtes; mas Deos noſſo Senhor ordenou que foſſe pera outro melhor Reino, onde ſe preſume hiria por ſua virtude, e bondade. Foraõ no meſmo tempo pera o Eſtreito de Meca dous navios de remo, Capitaens Antonio Cabral, e Pedro Lopes Rabello: por tomarem Ormuz, e por acharem tudo quieto, voltàraõ a invernar a Goa.

A cinco de Setembro deſte anno de 1566. faleceo o Turco Solimaõ, eſtando ſobre Sepete lugar nos confins de Ungria, ſendo de idade de ſeſſenta e ſeis annos. Succedeolhe ſeu filho Solimaõ II. do nome, que foy a quem o Senhor D. Joaõ de Auſtria desbaratou aquella potente Armada, ſendo General dos da Liga, outros dizem que naõ faleceo ſe naõ mais adiante em 1567. Foy eſte Solimaõ coroado por Emperador dos Turcos o meſmo dia, que o foy o Emperador Carlos V. invictiſſimo do Imperio de Alemanha.

Anno 1566.

CAPITULO XVI.

De como Gonçalo Pereira Marramaque foy a Amboino, e a cauſa de ſua hida.

TInhaõ vindo em Abril paſſado dous Embaixadores de Amboino chamados D. Antonio, e D. Manoel, Chriſtãos naturaes, da parte de todos; os quaes propuzeraõ em ſua embaixada „ que as couſas daquellas Ilhas eſtavaõ „ em eſtado de ſe perderem, e de retro„ ceder toda aquella Chriſtandade, pe„ las grandes guerras que os vizinhos „ lhe faziaõ. Com iſſo trouxeraõ comſigo hum Padre da Companhia, que quiz acompanhallos naquella jornada tanto do ſerviço de Deos, o qual com palavras de muita obrigaçaõ ſignificou em conſelho o perigoſo eſtado daquellas Ilhas, pondo o Viſorey aquelle negocio em conſelho por algumas vezes, no qual foraõ ouvidos os Embaixadores, e o Padre.

Aſſentou-ſe „ que era neceſſario aco„ dir àquellas couſas, que eraõ de muita „ importancia, porque ſe ſe perdeſſe „ Amboino, eſtava certo perderem-ſe „ todas as Ilhas de Maluco logo; e aſſentado em mandar eſte ſoccorro, poz o Viſorey os olhos em Gonçalo Pereira Marramaque, pelo que tinha ſuccedido aquelle veraõ paſſado, e vinhalhe bem acharſe naquella jornada, pera remediar, e vir entrar na fortaleza de Ormuz, de que era provido, e o ſeu caſo foy eſte. Sendo Capitaõ mòr de Malavar, andava na Armada hum Caſtelhano Fidalgo Cavalleiro, chamado An-

drè de Torquemada, com o qual parece que o Capitaõ mòr teve algumas razoens, de que elle ficou queixoso, e vindo o Gonçalo Pereira de casa do Visorey a pè com alguns soldados, entrando pela rua de Nuno da Cunha, onde elle pousava, andava o Castelhano passeando a cavallo, com Heytor da Silveyra Diago. Emparelhando o Gonçalo Pereira com elles, falou-lhe de barrete, e Heytor da Silveyra Diago lhe tirou o seu, mas o Castelhano naõ, do que enfadado o Gonçalo Pereira fez pè atraz, e disse ao Castelhano „ quando eu „ falar falaime, e se naõ: e calouse. O Castelhano que era soberbo, e arrogante, tanto que Gonçalo Pereira disse, e se naõ, respondeo: y si no se luego; e lançãdo-se do cavallo apunhou. Os soldados de Gonçalo Pereira arrancàraõ, e remetèraõ a elle, e se meteo em meyo brãdando, tà, tà, mas naõ pode estorvar que lhe naõ dèssem huma estocada em huma maõ, e outra na cabeça, das quaes o Castelhano veyo a morrer em poucos dias, de que Gonçalo Pereira tirou carta de seguro, assim pera si, como pera os soldados, ainda que elles estavaõ seguros em sua casa; e porque este negocio havia de hir ao Reino, e podia ser que se tomasse mal, quiz o Visorey tirar este Fidalgo de Goa, e mandou-o naquella jornada que era mais importante de todas, para sem isso ficar aquelle negocio no Reino apagado, porque o Torquemada era favorecido da Rainha, e lhe ordenou logo huma Armada de quatro galeoens, e oito galeotas, em que hiaõ mais de mil homens. Os Capitaens dos galeoens afóra Gonçalo Pereira, foraõ D. Duarte de Menezes de Vasconcellos, a que cà chamàraõ o Narigaõ, Manoel de Brito, tio de Gonçalo Pereira, e Gomes de Brito, que hia no galeaõ S. Thomè, a fazer viagem ao de Maluco, de que era provido. Das galeotas, hiaõ por Capitaens Sebastiaõ Machado, Antonio Lopes de Siqueira, Mendo Ornellas de Vasconcellos, Lourenço Furtado, meyo irmaõ de Tristaõ de Mendoça, que foy Capitaõ de Chàul, Francisco de Mello, e Simaõ de Mello, filhos de Gaspar de Mello. Partio esta Armada quasi em fim de Abril de 1566. e com Gomes Barreto foy embarcado Gabriel Rabello por Feitor daquella, e que o havia de ser da fortaleza de Ternate, que já tinha andado naquellas Ilhas, e entendia as cousas dellas, melhor que todos os que là passáraõ, das quaes fez hum Dialogo muito curioso, que eu tinha em meu poder, do qual me ajudey muito nas cousas que escrevi de Maluco. Foy este homem Filosofo grãde natural, e de vivo engenho, e taõ honrado, que quando ElRey ordenou neste Estado a Mesa da Consciencia, o elegeo estando cà, por Secretario della.

Gonçalo Pereira chegou a Malaca, onde estava D. Diogo de Menezes por Capitaõ, que eraõ cunhados, e parentes muitas vezes, pelo q̃ lhe fez grandes gasalhados, e recebimentos, e alli esteve atè se partir em Agosto seguinte de 1567.

Depois em Setembro seguinte partio pera Bandà Dom Manoel de Noronha provido daquellas viagens, que partio a vinte e dous daquelle mez no galeaõ Santa Maria com muitos provimentos pera Amboino, pera a Armada de Gonçalo Pereira, o qual D. Manoel teve humas palavras ruins com o Escrivaõ da nào que se chamava foaõ Boto, e dizem que lhe deu com huma cana, mas o outro como era muito honrado, que o conheci eu, e a tres irmãos que cà passáraõ, endireitando com o Capitaõ, matou-o às adagadas, e como elle era a segũda pessoa da nào, e levava regimento pera succeder na viagem, naõ puderaõ entender com elle, e assim foy a Bandà fazer sua carga, e tornou a Goa, onde se livrou do caso. Este D. Manoel de Noronha, cuido que era das Ilhas Terceiras, e casado là, ficaraõlhe dous filhos que cà passáraõ, e hum delles foy Dom Francisco de Noronha, que foy Capitaõ de Baçaim, e morreo inchado como hum odre.

Na

Na entrada de Janeiro deſte anno de 1567. depois o Viſorey deſpachou Alvaro Paes Sotomayor Capitaõ de Cananòr, que veyo a Goa a negocios, por eſtar jà aquella fortaleza de paz com a de Rojaõ, o qual Alvaro Paes foy por Capitaõ mòr de Malavar, e levou eſta Armada; elle, Joaõ de Mendoça, Dom Gonçalo de Menezes que veyo com o Viſorey do Reino, irmaõ do Alferes mòr D. Jorge de Menezes, Fernaõ Gomes da Grãa, ſobrinho do meſmo Alvaro Paes, Joaõ Rodrigues de Bèja filho de Rodrigo de Vaſconcellos, Veador que foy do Infante, D. Luiz da Silva, cuido que he filho de Franciſco Barreto, D. Miguel de Menezes, irmaõ de D. Joaõ Tello, Vicente Paes, Pedro Ribeiro, Jeronymo Fernandes, Antonio Fernandes de Chale, Antonio Fernandes de Cananòr, Pedro Fernandes, Antonio Froes, Belchior Barboza de Cananòr, e Baſtiaõ Vaz; neſta companhia mandou o Viſorey Franciſco Pereira Coutinho pera ficar invernando em Chale, e dar a meſa a todos os ſoldados: neſta Armada houve pouco que fazer, porque como havia pazes no Malavar, naõ houve nada.

E porque houve toardas que ainda dos rios de Malavar ſahiraõ pera os eſtarem de paz, ordenou cinco navios aventureiros, muy ligeiros, e eſcolhidos, pera darem volta pelo mar, a ver ſe achavaõ alguns coſſairos: deſtes navios foraõ por Capitaens D. Duarte de Sà, Fernaõ de Mendoça, Manoel de Mello filho de Simaõ de Mello, que foy Capitaõ de Malaca, D. Luiz de Caſtello branco, filho do Camereiro mòr de ElRey D. Joaõ, D. Franciſco de Caſtello-branco pay de D. Jorge de Caſtello-branco, que agora ha pouco que faleceo em Ormuz ſendo Capitaõ, e Gil de Goes; partiraõ em Março de 1567. e naõ lhe ſuccedeo mais que fazerem afugentar alguns ladroens.

No meſmo tempo partio Diogo Lopes de Meſquita para Capitaõ da fortaleza de Ternate, e Maluco, por acabar ſeu tempo Alvaro de Mendoça, que là eſtava, o qual no galeaõ S. Joaõ levàra muitos provimentos pera Amboino, e Ternate, e pera a Armada de Gonçalo Pereira: hiaõ mais neſta companhia duas galeotas, de que eraõ Capitaens Duarte de Villalobos, Coſme Faya. Diogo Lopes de Meſquita foy fazendo ſua viagem, e as duas galeotas arribàraõ a Goa aos tres dias da viagem.

CAPITULO XVII.

Da hida de D. Jorge de Menezes Baroche ao Eſtreito de Meca, e do que lhe ſuccedeo.

PArtio D. Jorge de Menezes Baroche pera o Eſtreito de Meca em Janeiro de 1567. elle no galeaõ Santa Maria da Eſperança, Franciſco de Miranda Henriques, que depois caſou em Còchim, no galeaõ S. Chriſtovaõ, Antonio Cabral no galeaõ S. Vicente, Pedro Lopes Rebello no galeaõ S. Joaõ Bautiſta, Antonio Cabral na galè S. Joaõ Evangeliſta, Balthazar Evangelho fuſta, Gaſpar Vaz de Meſquita fuſta, Leonardo de Medeiros fuſta, e Gaſpar Sueiro outra. Levava regimento pera hir eſperar as nàos do Achèm nas Ilhas de Maldiva, e de ahi hir a Monte de Feliz eſperar que foſſem pera o Eſtreito, e que ficaſſem invernando em Ormuz nas Ilhas de Maldiva. Naõ houve que fazer, porque naõ viraõ nàos alguma, e foraõ invernar em Ormuz, tirando Franciſco de Miranda, que invernou em Dio.

Em Setembro deſte anno de 1567. mandou o Viſorey Limarte de Aragaõ de Souſa, que era provido das viagens de Ceilaõ por Capitaõ de hum galeaõ com muitos provimentos de dinheiro que partio em 26. de Setembro, e tornou em 16. de Março de 1568.

Neſte Setembro de 1567. deſpachou o Viſorey a ſeu cunhado Dom Leoniz Pereira pera hir entrar na Capitanìa de

Malaca de que eſtava provido, por acabar ſeu tempo D. Diogo de Menezes, que depois foy Governador da India, que là eſtava, e levou boa viagem atè aquella fortaleza.

Depois delle em ſeis de Setembro partio Lopo de Noronha pera Maluco no galeaõ Reys Magos, pera hir fazer aquella viagem por contrato, que fez com o Viſorey, em que ſe obrigava a dar pera ElRey tantos barriz de cravo forros, porque com ElRey meter muito cabedal neſtas viagens, nunca colhia dellas couſa alguma, por tudo ſe conſumir em gaſtos, e mercès; eſte galeaõ arribou, porque achou tempos contrarios.

CAPITULO XVIII.

Da hida de D. Franciſco Palha ao Malavar.

DEpois do Viſorey deſpachar eſtas couſas, entendeo na Armada que havia de mandar ao Malavar, de que eſtava nomeado por Capitaõ mòr Pedro Barreto Rolim; mas chegáraõ novas pela Armada do Reino, de que veyo por Capitaõ mòr Joaõ Gomes da Silva, que depois foy Veador da Fazenda do Reino, que era morto Fernaõ Martins Freire, que eſtava por Capitaõ em Moçambique, e o Pedro Barreto era provido daquella Fortaleza apoz elle; foy neceſſario deſiſtir da Armada, e fazer preſtes pera hir entrar naquella Capitanìa, e o Viſorey nomeou pera o Malavar Dom Franciſco Maſcarenhas Palha, a quem ordenou levar derredor de trinta navios, porque determinou aquelle veraõ hir caſtigar a Rainha de Olala, e Mangalòr, por eſtar levantada, e naõ querer pagar as pareas, e fazer naquelle ſeu porto huma fortaleza, aſſim pera a ſogigar com ella, como pera as noſſas Armadas terem alli recolhimento, e pera que os Malavares naõ foſſem levar o arroz daquelle porto, donde a Cidade de Goa, e Ormuz ſe ſuſtentava; e porque D. Franciſco Maſcarenhas naõ podia partir cedo, era neceſſario mandar tomar aquelle porto de Mangalòr, pera que a Rainha naõ meteſſe dentro ſoccorro de Malavares, nem ſe levaſſe dalli o arroz. Deſpedio diante Joaõ Peixoto caſado em Goa, muito bom cavalleiro, velho, e de muita experiencia, o qual partio de Goa a ſete, ou oito de Setembro com doze navios, de que afóra elle eraõ Capitaens Joaõ da Silva Pereira, D. Miguel de Menezes, Chriſtovaõ de Bobadilha filho de Antonio de Saldanha, que foy Viſorey da India, Fernaõ Gonçalves Gaviaõ, D. Bernardo da Coſta, Nuno Ferraõ da Cunha, Joaõ Rodrigues de Bèja, Alvaro Monteiro, Diogo Soares de Albergaria, Franciſco Pedrozo; com a qual Armada Joaõ Peixoto foy à coſta do Canarà, atè Monte de Lipia, que os paraos de Malavares, ſe naõ foſſem encher de arroz, como coſtumavaõ fazer no Cede, e depois no fim de Outubro ſe fez D. Franciſco Maſcarenhas à vela com os mais Capitaens dos navios, que afóra elle eraõ, Manoel de Saldanha, D. Rodrigo de Souſa, eſtes em galeotas, D. Duarte de Lima galeaõ S. Joaõ Evangeliſta, Lopo de Barros, filho de Joaõ de Barros, que eſcreveo taõ doutamente as tres Decadas da Hiſtoria da India, que eu ſegui por mandado do prudente Rey D. Filippe, Manoel Simoens Feitor da Armada, Andrè da Fonſeca, Manoel Rodrigues, Joaõ de Mendoça filho de Triſtaõ de Mendoça, D. Franciſco de Almeida, D. Luiz de Caſtello-branco, Miguel Colaço de Cananòr, Joaõ de Siqueira, Luiz Ferreira, e Coſme Faya. Com eſta Armada foy o Capitaõ mòr correr a coſta do Malavar, atè ſer tempo do Viſorey chegar, e levou ordem pera mandar cartas à Cidade de Còchim, em q̃ lhe faria ſaber „ que elle ſe ficava fazen- „ do preſtes pera hir caſtigar a Rainha „ de Olalà, e lhe pedia o ajudaſſe com „ alguns navios, e os Fidalgos que là „ eſtavaõ caſados, que vieſſem acharſe

„ com

„ com elle naquella empreza em navios „ à ſua cuſta, e o eſcreveo à Cidade de Chàul, Baçaim, Damaõ, Dio, pera que cada huma acodiſſe com o que pudeſſe, e aſſim ſe ficou preparando pera eſta jornada, e dando deſpacho às nàos do Reino pera hirem tomar carga a Còchim, pera onde as deſpedio em Novembro; e por naõ deixar a coſta do Norte deſamparada, deſpedio por Capitaõ mòr della a Jorge de Moura com quatro, ou cinco galeotas muy bem negociadas, de cuja jornada, e ſucceſſo depois falaremos.

CAPITULO XIX.

De como o Viſorey D. Antaõ parte pera Mangalòr em oito de Dezembro de 1567. e levou eſta Armada.

GAlez. O Viſorey D. Luiz de Almeida, D. Antonio Pereira, D. Joſeph Baroche, D. Franciſco de Monroy, D. Pedro de Caſtro, Pedro Lopes Rebello.

Galeoens. Antonio Cabral Galeaõ Santo Eſtevaõ, Pedro Fernandes Meſtre da ferraria galeaõ, Manoel Simoens Vieira, e Alferes, Franciſco Paes de Mello, Gomes Freire de Andrade, D. Joaõ de Menezes de Baçaim, Alvaro de Lemos, Antonio de Mello de Baçaim, Antonio de Andrade de Vaſconcellos, Joſeph da Silva Correa, Dom Diogo Lobo o Velho, que là matáraõ, Ignacio das Povoas, Nuno Velho Pereira, Ruy Dias Cabral o grande privado de ElRey D. Sebaſtiaõ, q̃ aquelle anno veyo do Reino, Manoel Fernandes de Manar, Fernaõ de Mendoça, Fernaõ Rodrigues de Carvalho, Pedro Juzarte Tiçaõ, Joaõ Alvares Soares Subaçaim, Ignacio de Lima.

Fuſtas, e galeotas. D. Joaõ Pereira o Velho, cunhado do Viſorey, Antonio Botelho, Fernaõ Telles, que foy Governador, com quem eu fuy, D. Pedro Coutinho irmaõ de D. Jeronymo Coutinho, Nuno Alvares Carneiro Secretario, Belchior Botelho Veador da Fazenda, D. Sebaſtiaõ de Tovar, D. Nuno Alvares Pereira, Joaõ de Arvelos de Guſmaõ, Joaõ de Tovar, Paulo de Meſquita de Chàul, Andrè Pina, Rodrigo Monteiro Eſcrivaõ da Fazenda, Vaſco Barboſa, Henrique Moniz Barreto, Joaõ de Souſa que acabou de ſer Capitaõ de Damaõ, Sebaſtiaõ Bocarro, Chriſtovaõ de Souſa de Baçaim, D. Antonio de Noronha de Còchim, Nuno Vaz de Villalobos, Pedro Leitaõ, que veyo por Capitaõ de huma nào do Reino, Eſtevaõ Juzarte Tiçaõ, Ruy Gonçalves da Camera, que depois foy Capitaõ de Ormuz, Heytor de Sampayo, Ruy de Mello, filho de Simaõ de Mello, Antonio de Eſpinola de Còchim, Joaõ Correa de Brito, e outros muitos navios de Cananor, e outras partes, e de Còchim.

E poſto que no Norte andava Jorge de Moura com a Armada que diſſe, deixou o Viſorey negociada outra, de que nomeou por Capitaõ mòr D. Joaõ Coutinho, Senhor de Caparica; e com eſtes navios, elle na galeota paſſou; Lourenço de Brito, Diogo Pinto, Vicente Paes, Braz Correa, Luiz de Aguiar em fuſtas, e em ſua companhia foy Luiz Freire de Andrade, que era caſado com huma enteada do dito D. Joaõ, pera hir entrar na fortaleza de Chàul, de que era provido, a qual Armada ſahio de Goa em Janeiro, e tornou em fim de Fevereiro ſem lhe acontecer couſa alguma.

O Viſorey deu à vela, e foyſe pôr em Anjediva, pera alli recolher toda a Armada que ficava em Goa, onde eſteve poucos dias, atè ſe ajuntar, e dalli mandou recado diante a Alvaro Paes Soutomayor Capitaõ de Cananor, q̃ foſſe ter com elle a Mangalòr poucos dias depois do Viſorey.

De Anjediva deſpedio o Viſorey recado a Jorge de Moura, que foſſe pera elle, e o achàraõ vindo de Chàul com huma grande cafila de navios, e antes de

de chegar a Carepataõ, avizáraõ que dentro naquelle rio eſtavaõ tres navios de ladroens Malavares, e entrando o rio, deixou a caſila ſurta na barra, e hindo ao redor de huma legua pelo rio dentro, encontrou os Coſſairos, que eraõ huma galeota Latina, em que hia hum Rume grande roubador, que era Capitaõ mòr, e inveſtindo-a, o Capitaõ mòr a abordou logo, e o meſmo fizeraõ os outros navios aos Coſſairos, e como eſtavaõ muito perto da terra, ſe lançàraõ a mayor parte delles ao mar, ficando os navios aos noſſos, e voltando com eſtes à toa, chegàraõ a Goa a ſalvamento, onde Jorge de Moura achou recado do Viſorey que tornaſſe a voltar pera o Norte; o que elle fez, e a galeota Latina ſe armou, e ſe embarcou nella Manoel de Souſa Coutinho, que depois foy Governador da India, que em companhia de outros navios foraõ pera Mãgalòr, onde já acháraõ o Viſorey. Jorge de Moura levou a caſila ao Norte, e tornou a buſcar o Viſorey a Mangalòr.

E depois deſtes navios partidos, ficàraõ ainda em Goa Dom Luiz Maſcarenhas, que depois foy Capitaõ de Ormuz, mancebo muy gentil-homem, e galhardo, e hum D. Joaõ Deça, e cada hum armou ſeu navio à ſua cuſta pera ſe hirem achar naquella jornada, por andarem homiſiados por huma reſiſtencia que fizeraõ ao Ouvidor géral, em que o tratàraõ mal, e eſtes Fidalgos tardàraõ alguns dias em ſe aviarem, e buſcarem ſoldados, e ambos juntos ſahiraõ; deraõ à vela huma manhãa pera Mangalòr, e hindo juntos o outro dia encontràraõ huns paràos, que nunca pude ſaber quantos eraõ, nem o que paſſou, ſómente abordarem nos, e tomarem-nos com morte de todos, ſem eſcapar quem diſſeſſe o como foy o negocio, perecendo aqui aquelles dous esforçados Fidalgos, que deviaõ de fazer tudo quanto tinhaõ por obrigaçaõ de ſeu ſangue.

E porque a deſaventura naõ paſſaſſe por alli, ſuccedeo no meſmo tempo partir de Baçaim D. Luiz Lobo, que acabàra de ſer Capitaõ daquella fortaleza, e vinha em huma galeota com a mayor parte da fazenda que tinha, e aos dous dias da viagem encontrou com huns paràos de Malavares, que cuido que ſaõ os meſmos da deſaventura paſſada, e inveſtindo o foy axorado, e morto com todos: màgoa bem grande, e caſo pera ſe ſentir, Fidalgos taõ honrados perecerem aſſim às mãos de Malavares brutos, e crueis, e eſte foy o primeiro dano que os Coſſairos fizeraõ neſta coſta do Norte, aonde coſtumavaõ paſſar deſde o tempo do Conde do Redondo, que foy a deſtruiçaõ da India, porque naõ tem conto os roubos que tem feito; nem conto as cubiças, e peccados que de entaõ pera cà creſcèraõ em a India, pelos quaes Deos noſſo Senhor nos tem dado a todos graviſſimos caſtigos.

CAPITULO XX.

Da chegada do Viſorey a Mangalòr, e comete a terra, e o aſſalto que os Mouros deraõ nos noſſos, em que houve mortos, e feridos, em que houve grande confuzaõ.

CHegando o Viſorey a Mangalòr, e entrando dentro com toda a Armada de remos, e galez, começou a pôr em ordem o modo que teria no deſembarcar, e cometimento da Cidade, e do lugar em que havia de fazer a fortaleza, pera danificar aquella Rainha, e aſſentou „ que ſeu cunhado D. Antonio Pe„ reira com quinhentos homens, porque „ o Viſorey levava tres mil, deſembar„ caſſe ao quarto da lua pela banda do „ mar, e cometeſſem a Cidade, que por „ aquella parte naõ eſtava fortificada, „ e que os galeoens ſurgiſſem daquella „ banda o mais perto da terra que „ pudeſſem, e bateſſem a Cidade rija„ mente.

A Cidade de Mangalòr, ou de Olalà, eſtà pelo rio dentro hum tiro de falcaõ, o qual na entrada da barra da banda

da do Sul, faz huma lingua de terra toda de area, que muitas vezes entra o mar por ella hum bom eſpaço. Vay cobrindo eſta lingua, ou eſte rio pela terra dentro em que chega à Cidade, atè o mar de fóra ha neſſa diſtancia de tiro de moſquete de maneira, que de ambas as ilhargas he cingida de agua, e pela face que fica pera a barra, tinha a Rainha feito huma parede de dez, ou doze palmos, que eſtava do rio atè o mar, com alguns cubellos, em que tinha algumas peças pequenas, e de guarda deſta parede tinha quinhentos Mouros Malavares, e outros naturaes, gente eſcolhida, e de longo do mar, e do rio, na Cidade tinha ao redor de dez, ou doze mil homens de eſpingardas, arcos, eſpadas, rodellas, e outras muitas muniçoens, e artificios de guerra, com o que eſtava muito confiada, pela confiança que os Mouros, e Malavares lhe tinhaõ dado.

O Viſorey acertou de fazer a deſembarcaçaõ na lingua da terra que faz ſobre a barra, e ordenou a gente que eraõ tres mil homens, e ſeis bandeiras, e de q̃ fez Capitaõ D. Franciſco Maſcarenhas, Capitaõ mòr do Malavar, cuja dianteira era por razaõ do cargo, e D. Joaõ Pereira ſeu cunhado, D. Antonio Pereira ſeu irmaõ, que havia de deſembarcar pela borda do mar, D. Fernando de Monroy, D. Pedro de Caſtro, D. Jorge Baroche, com D. Franciſco Maſcarenhas, foraõ todos os Capitaens de ſua Armada, e muitos Fidalgos ſeus parentes, e amigos, como foraõ outros com os mais Capitaens; com o Viſorey havia de hir Alvaro Paes Soutomayor, Joaõ de Souſa, que foy Capitaõ de Damaõ, Ruy da Camera, Fernaõ Telles, Pedro Leitaõ que tinha vindo do Reino por Capitaõ da nào, provido de huma viagem de Japaõ pera logo; D. Luiz de Almeida, Antonio Botelho, Heytor de Mello o Velho de Baçaim, e outros Fidalgos velhos, de cujo conſelho, e eſforço ſe quiz o Viſorey ajudar.

Ordenada a deſembarcaçaõ, que havia de ſer aos quatro de Janeiro de 568. ſe poz D. Franciſco Maſcarenhas em terra a tarde de antes, e aſſentou ſua eſtancia na face da parede dos imigos, por onde o Viſorey determinava entrar na Cidade, e aſſim deſembarcàraõ outros Capitaens, e tomàraõ ſuas eſtancias na parte que lhe pareceo, e mandou o Viſorey recado a D. Antonio Pereira „ que „ como lhe fizeſſe no quarto da alva ſi„ nal com tantas bombardadas, come„ teſſe a Cidade da terra, como elle „ tambem havia de fazer; mas como nos falta aos Portuguezes ordem militar, porque nunca curſamos, ſe naõ por aſſaltos repentinos, e quem mais depreſſa chega, com menor ordem ſe recolhe; aſſim ſuccedeo aqui, porque D. Franciſco Maſcarenhas na parte em que eſtava, e tinha ſua tenda armada, tanto que anoiteceo, que foy huma das mais eſcuras noites que eu vi, depois de cearem, ſe puzeraõ a jogar com muitas velas acezas. Os Mouros que eſtavaõ nas eſtancias, que eraõ Cavalleiros, e determinados, vendo a noſſa confiança, e entendendo que ſe poderia fazer hum muito bom feito, porque os noſſos haviaõ de eſtar cegos com a claridade das luminarias, ſendo já perto das dez horas, ſahiraõ quinhentos eſcolhidos, e com muito grande determinaçaõ cometèraõ a eſtancia do Capitaõ mòr, que eſtaria pouco mais de cem paſſos das paredes, e tanto ſobreſalto deraõ nos noſſos, que naõ tiveraõ tempo de tomar as armas, porque eſtavaõ todos com o deſcuido, e deſordem dos Portuguezès, como ſe eſtiveraõ em ſua caſa, porque como anoiteceo, acenderaõ velas, e tochas, a cujo lume ſe puzeraõ a cear, e a jogar. Os Mouros vendo aquelle deſcuido, bem entendèraõ, que poderiaõ fazer algum feito honroſo pera elles, e affrontoſo pera nòs, e pera iſſo ſe ordenáraõ dous mil delles, mil e quinhentos pera ficarem nas tranqueiras, e os quinhentos pera ſahirem pela banda da praya aos noſſos, como fizeraõ: hiaõ preſtes, e com tanta determinaçaõ, que primeiro que tomaſſem armas os eſcaláraõ

raõ bem: os noſſos à revolta lançáraõ maõ às eſpadas, e às rodelas, que as mais armas naõ foy poſſivel, e ſe puzeraõ em defenſaõ: as peſſoas que eſtavaõ com D. Franciſco, foraõ D. Miguel de Caſtro, Joaõ Dornellas de Guſmaõ, Gomes Eannes de Freitas, dous irmãos os Moudragoes, e outros que todos pelejáraõ valeroſamente. Dom Franciſco Maſcarenhas quiz ſua ventura que eſtiveſſe com huma ſaya de malha, que o livrou da morte, e com tudo levou cinco cutilladas, os mais outras muitas, tendo já mortos mais de cincoenta dos noſſos, tendo já mortos eſtes, antes ſe chegarem a tenda; aqui ſuccedeo hum caſo muito gracioſo a hum Pegum de D. Miguel de Caſtro, que ſeria de treze annos, o qual alguns Mouros achâraõ fóra da tenda com as armas de ſeu amo, e que as naõ havia de dar, nomeando o amo; os Mouros lhe deraõ dezaſete cutilladas, de que o derrubáraõ, e lhas tomáraõ.

Eſtava o Viſorey com tenda inteira, e ao reboliço acodiraõ a elle quaſi todos os Capitaens, e já o acháraõ fóra da tenda armado, e elle deſpedio logo D. Luiz de Almeida, com quem hia Mathias de Albuquerque, D. Fernando de Monroy, D. Pedro de Caſtro, e outros, D. Luiz de Almeida apreſſou-ſe, e foy ao rumor da volta com ſeſſenta homens que o acompanháraõ por aquelle caminho. Vinha a gente daquella parte, em que D. Franciſco Maſcarenhas andava às voltas com os Mouros, recolhendo-ſe de muito mà feiçaõ, e de quinhentos homens que tinha D. Franciſco lhe ficáraõ muito poucos, e naõ foy o ferro, e a multidaõ dos imigos a que fez tanto dano, ſe naõ a pouca diſciplina dos noſſos, e a grande cerraçaõ, e eſcuridaõ da noite que naõ deixava ver os homens com quem haviaõ de pelejar, nem havia quem ſe entendeſſe, porque tudo eraõ gritos, confuzaõ, e eſpingardadas de todas as partes, porque aſſim como hiaõ deſembarcando os ſoldados, aſſim hiaõ diſparando as eſpingardas, ſem ſaberem pera onde atiravaõ, e pòde ſer que elles mataſſem os mais dos noſſos que morreraõ. Fernaõ Telles, com quem eu hia embarcado, ſaltou em terra com cincoenta ſoldados, que com elle hiamos, e chegando ao Viſorey „ lhe perguntou o que queria „ que fizeſſe, a que reſpondeo que ſe „ naõ apartaſſe dalli, que eſtava com „ pouca gente.

A eſte tempo chegou hum homem bem honrado, que naõ nomeyo por ſua honra, e diſſe ao Viſorey „ que ſe em„ barcaſſe, porque tudo era perdido, e „ que os Mouros vinhaõ de tropel vi„ torioſos. O Viſorey lhe reſpondeo; „ primeiros os Mouros paſſaraõ pela „ ponta deſta alabarda, abaixando hu„ ma que tinha na maõ.

Ao meſmo tempo chegou D. Jorge Baroche, ou que ouviſſe o que o outro diſſe, ou que lho diſſeraõ, gritou alto „ que dèſſe Santiago, e que quem qui„ zeſſe embarcarſe, lhe mandaſſe dar „ pandeiros pera foliarem. O Viſotey chamou a ſi a bandeira de Chriſto, e mandou tocar as trombetas, e começou a marchar.

D. Luiz chegou aonde era a revolta, e junto da tenda do Capitaõ mòr achou os imigos taõ encarniçados, que tinhaõ mortos alguns, e feridos todos, e dando D. Luiz Santiago, ferrou com os imigos, e começou huma brava batalha, os ſeus com aquella revolta foraõ-ſe eſcoando muitos, e chegou a ficar ſó com nove homens que foraõ eſtes, Mathias de Albuquerque, Ignacio de Lima, D. Lourenço de Almeida, Antaõ de Faria do Porto homem Fidalgo, Pedro Machado natural de Tanger, Luiz Dias Colaço, D. Mathias, Franciſco Piquel cunhado do Panaſco, e outros dous; D. Luiz de Almeida vendo-ſe ſó, e que os Mouros tanto que ouviraõ as trombetas do Viſorey, ſe hiaõ acolhendo pera hum medro de area alto que alli eſtava perto; pedio ao Pedro Machado que foſſe dar recado ao Viſorey „ pera „ que lhe mandaſſe ſoccorro pera dar

„ na-

„ naquelles Mouros, ao que lhe elle reſ-
„ pondeo que naõ era tempo de o elle
„ deſamparar, nem homem que deixa-
„ va o ſeu Capitaõ em tamanho riſco.

Iſto lhe diſſe D. Luiz „ que porque
„ ſabia delle que havia de hir, e tornar,
„ lhe pedio aquillo que como ſeu Capi-
„ taõ o mandava que o fizeſſe logo:
„ deſta maneira o farey, e tornarey, co-
mo fez com bom ſoccorro, com o qual deu nos Mouros furioſamente, mas elles como eſtavaõ encarniçados, deſcèraõ-ſe abaixo, e deraõ nos noſſos que ainda eraõ poucos pera contenderem contra quinhentos, mas eſſes poucos fizeraõ maravilhas, e o Dom Luiz pelejou taõ aceſo, que ſe lhe deſencabou a eſpada, e lhe ſaltou da maõ, mas hum pagem ſeu, moço, que hia junto delle lhe deu huma alabarda; ao lançar maõ della, lhe deu hum Mouro huma grande cutillada pela cabeça com a qual foy ajoelhado, mas tornou-ſe logo a levantar.

D. Lourenço de Almeida, que pelejava com huma lança, lhe deraõ huma cutillada pela maõ direita, cõ que ficou inhabilitado: Mathias de Albuquerque com huma eſpada, e rodella pelejou valeroſamente, e vindolhe dando hum Mouro, tropeçou em hũas hervas, e cahiolhe aos pès, aonde o Mathias o matou. Aquelle tempo chegou Antaõ de Faria, e lhe brãdou alto „ àvante Se-
„ nhor, que já eſſe fica arrecadado, e paſſando o Mathias diante, lhe deraõ hũa zagunchada pela ilharga direita, e huma cutillada na cabeça, e outra na perna direita, e outros deraõ no Faria, porque os imigos os cercàraõ de todo perdidos, porque deſcarregàraõ ſobre elles infinitos golpes, de que ſe elles reparàraõ o melhor que podiaõ. O Mathias trazia huma eſpada curta de cabos de cangrejo, e cortando a eſpada de hum Mouro, por elles lhe cortou o dedo demoſtrador da maõ direita, e ametade do polegar, como ſempre lhe viraõ em quãto viveo, e com a dor das feridas lhe cahio a eſpada da maõ, e vendo-ſe perdido, tomou por remedio liarſe com o Mouro que o ferio, e abraços andàraõ lutando bom eſpaço.

Neſte tempo vinhaõ já os noſſos Capitaens chegando, e os Mouros em ſentindo as trombetas do Viſorey já perto, foraõ-ſe recolhendo, e paſſando alguns por ordem. O Mathias andava a braços com o Mouro, e o tiràraõ delle, e lhe deraõ ainda duas feridas na maõ eſquerda, e de induſtria ſe deixou cahir como morto, e os Mouros lhe tomàraõ hum barrete vermelho, e hum delles lhe deu huma grande cutillada pela cabeça, e outro em hum hombro lhe deu outra; de maneira que todos os que paſſavaõ faziaõ nelle o gazua, e já o deixàraõ por morto, mas como o ſeu termo naõ eſtava alli findo, e Deos noſſo Senhor o tinha guardado pera outras couſas, eſcapou de tudo. Eſtando elle daquella maneira, depois dos Mouros recolhidos chegàraõ alli, Franciſco Pique, e Luiz Dias ſeu Colaço que andavaõ em buſca delle, e achando-o daquella maneira, o levàraõ nos braços, e o recolhèraõ na tenda de D. Pedro de Caſtro onde o curàraõ. Mortos naõ averiguo quantos foraõ, ſó os de nome direy; foy Eſtevaõ de Souſa morto, e ferido ſeu irmaõ, Joſeph de Moura que pelejou valeroſamente, foy ferido em huma perna, aquelle Lemos de Baçaim levou muitas cutilladas, e outros que me naõ lembraõ. D. Paulo de Lima que hia embarcado com o Viſorey acodio naquella confuzaõ, e foy muita parte pera o deſarranjo naõ ſer mayor.

O Viſorey chegou àquella eſtancia, e mandou recolher, e curar os feridos, e logo com muita preſſa mandou vir todas as chuſmas das galez, e marinheiros das fuſtas, e trazer muitas enxadas, e ceſtos, e mandou abrir huma cava diante das tranqueiras dos Mouros, pera que naõ pudeſſem dar outro aſſalto, o que ſe houvera de fazer primeiro, e D. Franciſco Maſcarenhas armou alli ſua tenda, e deu a dianteira, e officio de Meſtre de Campo a ſeu cunhado D. Joaõ Pereira,

por

por eſtar D. Franciſco mal ferido, e antes que foſſe huma hora depois da mea noite ſe acabou a cava, e vallo da meſma terra que della ſe tirou, e ordenando o Viſorey os quartos de vigia, ſe recolheo bem triſte do ſucceſſo.

Certo, que foy eſta noite huma da mayor confuzaõ, que vi no mundo, por cauſa da eſcuridaõ della, que pareciaõ as trevas do Egypto, e alèm diſſo era o terreno taõ frio, que nos naõ podiamos valer. Ao outro dia pela manhãa, que foy veſpera de Reys, em que o Viſorey determinava cometer a Cidade, ordenou toda a gente pera aquelle effeito, levando a dianteira D. Joaõ Pereira, D. Pedro de Caſtro, Dom Fernando de Monroy, e D. Jorge Baroche, e deu ordem às fuſtas, e galez „ pera que va- „ rejaſſem a Cidade por todas as partes, „ pera divertirem os imigos, e terem os „ noſſos tempo de cavalgarem as pare- „ des. Eſtando jà o Viſorey armado, cõ a bandeira de Chriſto a par delle, e Alvaro Paes de Soutomayor, Heytor de Mello, Jorge da Silva Pereira, e outros Fidalgos velhos, e todos os mais Capitaens ſe repartiraõ pelas bandeiras, e D. Antonio Pereira, que eſtava pela banda do mar com os dous galeoens, e fete, ou oito fuſtas, em que entrava D. Nuno Alvares Pereira ſeu ſobrinho, eſtando todos a ponto, tornou o Viſorey com o parecer dos que eſtavaõ com elle primeiro, e aſſentáraõ „ que melhor ſeria „ cometer a Cidade ao outro dia, que „ era o de Reys taõ aſſinalado, de que deſpedio logo recado a D. Joaõ Pereira, que eſtava na dianteira, pera que ſobre eſtiveſſem aquelle dia.

Eſte recado correo logo por todos os que eſtavaõ na dianteira de D. Joaõ Pereira, que era a melhor ſoldadeſca da Armada, que ſe eſtavaõ já desfazendo pera ſe vingarem da affronta da noite paſſada, e por naõ refecerem daquelle brio, falando-ſe todos, ſem terem dever com o Capitaõ, remetèraõ com as tranqueiras com grande determinaçaõ, e ajudados huns dos outros ſe puzeraõ em cima com morte de muitos imigos, que largando tudo ſe acolheraõ pera a Cidade. Os noſſos, q̃ eraõ mais de duzentos, os foraõ ſeguindo, engroſſando-ſe o poder, porque logo acodiraõ mais de quinhentos, e o Viſorey, a quem deraõ as novas, começou a abalar pera là com a bandeira de Chriſto, e pela banda da praya entrou na Cidade, levando a dianteira D. Joaõ Pereira, e logo todos os mais Capitaens das bandeiras, e mandou fazer final a D. Antonio Pereira, que eſtava da banda do mar, pera que deſembarcaſſe, o qual ſaltou em terra com mais de quinhentos homens, e foy cometẽdo a entrada, aonde achou mais de duzentos Mouros em ſua defenſaõ, levando a dianteira D. Nuno Alvares Pereira, que achou aquelle cardume de imigos com tanta determinaçaõ, que o tiveraõ desbaratado, e lhe matàraõ mais de vinte ſoldados, e chegando o poder de D. Antonio, carregando ſobre os imigos, os arrancáraõ do campo, e foraõ metendo pela Cidade com grande dano ſeu.

O Viſorey entrou a Cidade, hindo D. Joaõ Pereira com a ſua bandeira pela rua principal, pelejando os imigos valeroſamente. D. Pedro de Caſtro, D. Fernando de Monroy, e D. Jorge Baroche, entrando cada hum por ſua, levando os imigos diante em desbarato, atè ſe hirem todos ajuntar no terreiro do bazar, onde fizeraõ alto, por verem jà os imigos juntos em tropel deſordenado, que eraõ mais de ſeis mil demandando os noſſos, contra os quaes jugou a noſſa arcabuzaria em roda viva, derrubandolhe muitos: e pegando os da dianteira de D. Joaõ Pereira com elles, travàraõ huma batalha arrezoada à lança, e eſpada, mas durou pouco, porque os imigos logo ſe puzeraõ em desbarato, ſeguindo-os os noſſos atè as cazas da Rainha, às quaes puzeraõ fogo, como tambem em outras partes da Cidade. Os imigos como foraõ arrancados do campo, foraõ ſe metendo por entre as hervas leiteiras, por caſas, e becos eſtreitos,

eſtreitos, donde com a ſua arcabuzaria fizeraõ algum dano nos noſſos. O Viſorey chegou atè a praça, e ſe ſentou em hum tabernaculo, donde deſpedio recados pera todas as partes, e alli lhe acodiraõ todos os aviſos. D. Antonio Pereira foy entrando a Cidade, atè ſe hir ajuntar ao corpo da noſſa gente que andava pelo meyo della, fazendo grandes eſtragos de maneira, que ficàraõ os noſſos ſenhores della, e lhe começàraõ a pôr o fogo, e cortar fermoſos palmares, e arvoredos, e ſendo jà mais de meyo dia que os imigos deſapparecèraõ, mandou o Viſorey recolher toda a gente pera fóra, e neſte recolhimento ficou D. Joaõ Pereira na retaguarda, e fazendo a volta pera huma rua larga, onde vinhaõ ſahir outras eſtreitas, depois de paſſar por todos, appareceo hum magote de Mouros, que pelas coſtas dos noſſos deraõ algumas cargas de arcabuzaria, que naõ foraõ de muito dano. A voz que ſe alevantou de Mouros, voltou D. Joaõ Pereira atraz, e a ſua ſoldadeſca, em q̃ entravaõ muitos bizonhos, e ouvindo aquelle alvoroço, naõ faziaõ mais que virar, e diſparar a montaõ a eſpingardaria, e foy eſta deſaventura tal, que cahio de huma eſpingardada D. Diogo Lobo o grande, eſtando eu bem perto delle, da qual logo morreo, perda que foy bem pera ſentir, por ſer hum Fidalgo velho muito honrado, e muito bom cavalleiro. Os que eſtavamos mais perto, o levàmos nos braços atè a praya onde eſtava o Viſorey, que o ſentio em extremo, e cuido que o mandou em hum navio ligeiro a enterrar a Cananòr, mas naõ me certifico niſto.

Neſta entrada deſta Cidade vi as mais diſformes cutilladas, que nunca vi com meus olhos, porque houve golpe, que cortou hum Mouro pelo hombro atè a cinta, e outro que cortàraõ pernas ſerceas, e que abriraõ as entranhas a muitos; em fim a Cidade ganhou ſe, e aſſolou-ſe com pouca perda dos noſſos, porque a D. Antonio Pereira que deſembarcou na praya, matàraõ vinte homens naquella noite; a D. Franciſco Maſcarenhas quinze, ou dezaſeis, afóra alguns feridos: dos imigos morrèraõ mais de trezentos, afóra muitos feridos de eſpingardadas, de que depois deviaõ de morrer muitos.

Concluido o negocio embarcou-ſe o Viſorey com toda a gente pera deſcançarem ao outro dia. Vendo a lingua de terra, que faz alli ſobre a barra, onde elle pretendia fazer a fortaleza, vio que nem o ſitio era pera iſſo por ſer naquella ponta, que logo o mar havia de comer, como por naõ haver agua, pelo que determinou de a fazer da outra banda do Norte defronte da Cidade de Olalà, onde eſtava hum Pagode de ſua gentilidade, aſſim porque alli ficava mais ſenhora da barra, e do rio todo, e da Cidade da outra banda, como porque ficava aquella fortaleza viſinha ao Rey de Bargel que era amigo do Eſtado, e ſe tinha viſto com o Viſorey no mar, que lhe offereceo toda a fabrica, e ſerviço neceſſario pera a fortaleza, com pagarem aos trabalhadores, e ainda ſe fez Jangada daquella fortaleza, e irmaõ em armas com ella, pera que tendo neceſſidade, lhe acodir com ſua peſſoa, e poder, de que ſe fizeraõ papeis que eu tenho na Torre do Tombo, em que todos ſe aſſinàraõ, e juràraõ de comprir, as quaes condiçoens de contrato, e pazes naõ trago aqui, porque o Epilogo naõ ſofre tanto.

Aſſentado iſto paſſou-ſe o Viſorey à outra parte, onde lançou ſuas bandeiras em terra, com toda a Armada eſtendida ao longo da praya com ſua artelharia leſtes, e vindo o Rey de Bargel alli ter com elle, andàraõ eſcolhendo o ſitio em que ſe havia de fortificar, que foy em hum tezo alto, por ficarem os navios que alli foſſem àbrigados a ella, e logo começou a pôr as mãos à obra, da qual ſe naõ eſcuſáraõ velhos, nem moços, ſendo o Viſorey o primeiro que ferrou a enxada pera abrir os aliceces, e com elle todos os Fidalgos, e Capitaens,

o que

o que ſe fez com muito alvoroço, e ſalvas de artelharia, e de inſtrumentos bellicoſos, e de alegria, e em menos de quinze dias ſe abriraõ os alicerces à roda, e logo o dia do Bemaventurado Martyr, e Soldado S. Sebaſtiaõ, lançou o Viſorey a primeira pedra, que foy ſantificada pelo Biſpo, levando a elle com os Fidalgos principaes às coſtas em padiolas, com a mayor pompa, e apparato que o tempo permittia, e lhe poz nome S. Sebaſtiaõ, aſſim pelo dia em que ſe começou, como por o noſſo Rey D. Sebaſtiaõ, e aſſim foy continuando a obra acarretando às coſtas a pedra, cal, e outros materiaes, que em breves dias ſe poz toda em roda em altura de mais de braça craveira.

Vendo o Viſorey a fortaleza jà em eſtado defenſavel, eſcreveo a ElRey todo o ſucceſſo de ſua jornada, e do eſtado da India, e deſpedio pera Còchim D. Antonio Pereira ſeu cunhado com huma Armada de vinte navios pera hir dar calor à carga das nàos do Reino, de que Joaõ Gomes da Silva era Capitaõ mòr, levando todos os poderes do Viſorey, e porque chegàraõ novas do Norte daquelles tres Fidalgos Joaõ da Silva, Joaõ Deça, e D. Luiz Lobo, deſpedio o Viſorey D. Jorge Baroche com a ſua galè, e dez navios, de que eraõ Capitaens Fernaõ de Mendoça, Antonio Botelho, Joaõ Rodrigues de Bèja, Franciſco de Souſa Tavares, Pedro Juzarte Tiçaõ, Gomes Freire de Andrade, Franciſco Louzada, Gomes da Rocha, Vaſco Barboza. D. Jorge correo o mar ſem achar couſa alguma, porque os Coſſairos eraõ jà recolhidos com as prezas.

Ficou o Viſorey continuando na obra da fortaleza, naõ deixando de ter rebates dos imigos, a que mandou acodir D. Joaõ Pereira ſeu cunhado com quinhentos homens, que entrou pela terra dentro apoz os imigos, com quem teve alguns encontros, de que ſe ſahiraõ bem eſcalavrados, e tanto andou pela terra, que os affugentou de todo, e porq̃ o tempo ſe hia gaſtando, e era neceſſario ao Viſorey acodir a outras couſas, aſſim por ſer o dia em que ElRey D. Sebaſtiaõ naſceo, como porque nelle tinha o anno paſſado tomado poſſe do governo de ſeus Reinos, ao que ſe tinha junto todo o povo, pera verem celebrar aquellas feſtas, que ſe faziaõ o melhor que a terra podia dar de ſi, e vendo todos aquella ſoberba Armada, começando a haver grandes movimentos em todos, acodio o Capitaõ D. Leoniz Pereira muito rizonho, e alegre, e lhes diſſe „ que ſe aquietaſſem, e foſſem com „ as feſtas por diante, porq̃ agora as fa„ ziaõ com mòr goſto, pois o Achèm as „ vinha tambem feſtejar, e q̃ aquillo to„ mava a bom final da vitoria, q̃ lhe noſ„ ſo Senhor havia de dar delle, e aſſim com muita ſegurança foy continuando as canas, e depois ſe foy com toda a gente ao Campo de Ilher defronte donde a Armada ſurgio, e alli eſcaramuçou com muito ar, e galantaria, e corrèraõ as carreiras muito airozas, pera que viſſem os imigos o alvoroço com que os eſperavaõ. Acabada a feſta poz-ſe o Capitaõ com toda a gente ligeira, e repartio as eſtancias como melhor lhe deu lugar a brevidade do tempo, e proveo com muita diligencia, e cuidado as couſas que lhe pareceraõ, porque ſe os imigos quizeſſem cometer a deſembarcaçaõ, achaſſem a todos preſtes pera os receberem. A eſtas couſas acodio o Patriarca da Abbaſſia D. Belchior Carneiro da Companhia de Jeſus, que hia pera Biſpo da China, e aſſim o Padre Frey Jorge de Santa Luzia, Frade Dominico, Varaõ Apoſtolico, e ambos homens havidos por Santos, que naquelle cerco acodiraõ a todas as neceſſidades com grande fervor.

Surta a Armada defronte da Cidade muito perto, eſtiveraõ os noſſos notando, e viraõ que as vazilhas eraõ as ſeguintes: tres galeotas grandes de Malavares, quatro galez baſtardas, ſeſſenta fuſtas, e galeotas, mais de duzentos joncaros, oitenta baloens, duas champanas

panas grandes de muniçoens, na qual Armada hiaõ quinze mil homens de peleja escolhidos, e quatrocentos Turcos, e muita gente de serviço, e mais de duzentas peças de artelharia de bronze, entre grossas, e miudas.

O Capitaõ D. Leoniz Pereira andou toda aquella noite com os casados, e os moços, derrubando as cazas de madeira da banda de Ilher: e o taboado, e traves mandou recolher pera os andares da fortaleza. Ao outro dia, que foraõ vinte e hum do mez, se chegou a Armada a terra, onde surgio, e salvou a Cidade com toda a artelharia sem pelouros; ao que o Capitaõ lhe mandou responder pela mesma maneira, e tanto que anoiteceo, deraõ recado ao Capitaõ que vinha hum Balaõ com os Embaixadores do Achèm, os quaes mandou receber, e agazalhar fóra da fortaleza, e tanto que foy bem de noite, fez o Capitaõ huma bem ordenada, e lustrosa sahida, em que se acháraõ os Portuguezes, e Christãos da terra, e moços cativos, e forros, que faziaõ hum corpo de mais de mil e quinhentos homens, naõ sendo mais de duzentos os Portuguezes, e o Capitaõ a cavallo muito gentil-homem, com huma sobreveste de brocado por cima das armas, e foy ordenando a sahida pelas portas dos Embaixadores, disparando ao fechar, e abril do caracol huma fermosissima nuvem de arcabuzaria que fez grande temor, e medo aos de Achèm.

Acabado isto se recolheo o Capitaõ pera a fortaleza, e na porta della passou o resto da noute sentado em huma cadeira, ordenando hum lugar da banda de fòra pera ouvir os Embaixadores, porque a fortaleza estava taõ desbaratada, que naõ era bem que a vissem. Ao outro dia pela manhãa mandou vir os Embaixadores diante de si, e os recebeo sentado em huma cadeira de veludo com o lugar alcatifado; elle louçamente vestido, e o Patriarca, e Bispo em cadeiras de veludo pera mayor apparato, e os casados todos muito louçãos.

Anno 1567.

O Capitaõ sempre sentado, e quando foy a lhe elles darem o recado de ElRey, e huma carta, se levantou em pè, e tomou a carta com grande cortesia, a qual era escrita em lingua Arabia com hum grande sello de ouro pendente, e a leu hum mestiço renegado que elle trazia por lingua, e porque as cartas destes Reys saõ muito prolixas, sem estylo, nem ordem, porey sómente a substancia della.

CARTA DO ACHEM pera o Capitaõ.

„ MUy notorio he, serem meus „ anteceſſores muy amigos dos „ Reys de Portugal, e dos Capitaens „ desta fortaleza, como eu pudera pro- „ var pelos soccorros que deraõ aos na- „ vios de ElRey de Portugal, quando „ por aqui passáraõ, pelo que folgarey „ muito que os Portuguezes vaõ com „ as suas nàos ao porto da minha Cida- „ de, que eu os favorecerey em tudo, e „ por esta amisade fuy muitas vezes re- „ prehendido de Turcos, porque naõ „ fazia guerra aos Portuguezes, tendo- „ me tantas vezes escandalizado; por „ isso se quer que và por diante esta „ amisade, avizeme, e lhe peço que to- „ me bom conselho, porque eu trago „ nesta Armada muita gente, muita ar- „ telharia, e muitos Turcos, pera a jor- „ nada que faço contra o Rey de Jaoa, „ que matou meus Embaixadores, fol- „ gariamos que naõ viessemos a rompi- „ mento.

Acabada de ler a carta, appresentou o Embaixador ao Capitaõ huma cabaya de brocado, e hum criz. O Capitaõ vista a fórma da carta, e o presente, dissimulou a tençaõ delle, e de tudo fez pouco caso, perguntando ao Embaixador pela saude de ElRey, e de seus filhos, ao que o Embaixador lhe respondeo comprimentos, e lhe disse mais „ que ahi „ nas Ilhas das nàos, mandàra lançar „ hum cavalleiro como degradado, por- „ que fora fazer a aguada sem sua licen- „ ça,

„ça, que lhe pedia que o mandaſſe buſ-
„car, e o ſerviſſe de alimpar ſeus ca-
„vallos.

O Capitaõ mandou agaſalhar os Embaixadores aquella noite dizendolhes, „que ao outro dia lhe reſpõderia, e porque entendeo, que o homem que lhe mandàra dizer que lançàra na Ilha das nàos, era eſpia, o mandou buſcar, e poz a bom recado, e toda aquella noite eſteve com grande vigia, e ao outro dia ſe foy pera o lugar onde recebeo os Embaixadores, e os mandou hir diante delle, e lhes deu a repoſta da carta que jà trazia feita, e lhe mandou dar outro preſente em retorno do que lhe ElRey mandou, que foy huma alcatifa rica com hum coxim de veludo, e dous hores de banda, que ſaõ peças que ſe daõ às mulheres por lhe pagar mandarlhe cabaya, e criz como a vaſſallo, e o teor da carta em repoſta da ſua he eſte, que direy abreviando palavras, e cortando eſtylos ao modo do Achèm.

CARTA DO CAPITAM Dom Leoniz Pereira.

„MUito me alegrey com a carta
„de V. Alteza, e com ſaber de
„ſua ſaude, e que eſtava taõ perto deſta
„fortaleza, onde lhe farey todos os ſer-
„viços, que puder pera o ſervir como
„ſempre deſejey, porque os Portugue-
„zes, e Achèns, quaſi todos ſomos hum
„no amor, e ſe quer que eſta amiſade
„antiga và por diante mandeme huma
„peſſoa grande de ſua caſa, pera tratar
„comigo ſobre iſſo, e juraremos eſta
„amiſade, pera aſſim ficar mais ſegura.
„Folgo de V. Alteza vir tambem pro-
„vido contra ſeu imigo, porque he ra-
„zaõ que pague tamanha traiçaõ como
„fez, em lhe matar ſeus Embaixadores,
„tanto contra o commum coſtume das
„gentes; e ſe a V. Alteza lhe faltar al-
„guma couſa pera eſta jornada, eu o ſer-
„virey com artelharia, e bombardeiros,
„do muito que tenho de ſobejo. Naõ
„deſpachey hontem os Embaixadores
„de V. Alteza, porque andey buſcan-
„do algumas curioſidades, pera lhe
„mandar por elles.

Tornados os Embaixadores com eſta repoſta, bem entendeo ElRey della, que naõ era aquelle Capitaõ o homem que ſe havia de entregar, antes elle ſe teve por enganado no modo de como o tratou cõ o ſeu preſente, e porque o homem que lhe mandou offerecer pera curar ſeus cavallos, era peſſoa grande diante delle, e cuidou que com aquelle ardil tiveſſe em Malaca quem o aviſaſſe, quiz logo tornar havello ás mãos, e logo o tornou a mandar pedir ao Capitaõ, dizendolhe „que já ſe lhe fora a paixaõ, e que o ha-
„via por bem caſtigado.

O Capitaõ depois de deſpedir os Embaixadores, o mandou levar diante de ſi, e lhe mandou fazer perguntas, e ainda metello a tratos, nos quaes confeſſou que elle fora ao graõ Turco por Embaixador ſobre aquella jornada, e pela confiança que o Achèm delle tinha, o deitára como deshonrado naquella Ilha, e que lhe promettera de matar o Capitaõ, ou darlhe peçonha, e pôr fogo à caſa da polvora, com que o Capitaõ lhe mandou cortar os pès, e as mãos, e a cabeça, e tudo metido em hum parao o mandou ao Achèm em repoſta de lho mandar pedir, o que elle ſentio em extremo, mas como cuidava que tinha a vingança na maõ, diſſimulou, e deſpedio outra carta pera o Capitaõ, em que lhe dava os agradecimentos da vontade q̃ lhe moſtràra, e que pera moſtra della, lhe pedia deixaſſe aos ſeus comprar algum arroz na Cidade, pera o que mandou ſete, ou oito embarcaçoens, que o Capitaõ naõ deixou chegar à terra, dizendo „que por eſtorvar revoltas o fa-
„zia, e deſpedio os Embaixadores, mas o meſtiço renegado deixou ficar, dizendo que era Chriſtaõ.

Pela mea noite o Capitaõ poz fogo à povoaçaõ de Ilher, depois de recolhido tudo o que ſe podia aproveitar, e tanto que ElRey vio o grande fogo, entendeo a tençaõ do Capitaõ, e diſſe „que
„aquelle

„ aquelle homem naõ era Reinol, e que „ tinha nelle grande contrario, e cõ eſte deſengano borou logo gente em terra, e deſembarcou a artelharia que he a ſeguinte.

Hum leaõ de quarenta arratens de pelouro de ferro coado, huma aguia de trinta arratens de ferro, huma eſpera de quatorze de ferro, dous camelos de marca mayor, dous cameletes, e quantidade de falcoens, e berços, dous quartaos de cinco palmos. Eſta artelharia toda prantou em huma eſtancia que fez a ſetecentos paſſos do muro, e logo fizeraõ outra entre a arvore de Ilher, e a Cidade, as quaes fortificàraõ ao redor de larga cava cõ muitos eſtrepes. Na obra deſta trincheira andavaõ os imigos taõ deſmãdados, como ſe foſſem ſenhores da terra, e parecendo ao Capitaõ que ſó poderia fazer hum bom feito, mandou a Franciſco Paes ſobre rolda com vinte homens pera hir tomar o caminho que vay à porta de S. Sebaſtiaõ, pera darem coſtas aos trabalhadores que hiaõ cortar o palmar de Pedro de Lemos, pera meterem as palmeiras dentro pera a fortificaçaõ, e alli tiveraõ hum encontro com os Mouros de que ſe foraõ eſcalavrados, e o meſmo ſucedeo a Sebaſtiaõ de Brito de Ilher, eſtando derrubando algumas caſas no caminho de boca da China, a duzentos e quarenta paſſos do baluarte da Madre de Deos, de que era Capitaõ Fernaõ Peres de Andrade, da qual batiaõ aquelle baluarte, e todo o lanço do muro que vay atè o cubelo das onze mil Virgens, na qual eſtancia tinhaõ tres eſperas, que jogavaõ pelouro de ferro de doze arratens, os quaes houve o Achèm na nào S. Paulo que na era 1560. ſe perdeo na contra coſta de Sabaraõ. Tinha mais hum ſalvagem, e tres camelos, e muitos falcoens, e berços. Alevantàraõ mais outra trincheira pegada com o rio a trezentos paſſos do baluarte de S. Domingos donde batiaõ a elles, e a torre, e terreiro da Fortaleza com hum leaõ de quarẽta, e dous arratens de pelouro, tres eſperas de quatorze arratẽs, cada huma, tres camelos de marca mayor, dous camaletes, e muitos falcoens, e berços.

Alèm do rio da banda de Malaca aſſentàraõ outra eſtancia, donde jogavaõ com hum camalete, huma mea eſpera, e alguns falcoens, aſſim ficou a Cidade toda cercada à roda, ſómente a banda do mar, por naõ haver bataria, ficou aſſim.

Tem eſta fortaleza à roda mil braças craveiras em que naõ havia mais que tres baluartes, e hum cubelo, a qual eſtancia tinha o Capitaõ provido deſta maneira. Na ponte eſtava Balthazar de Barros, que foy Feitor, e Alcaide mòr, e Diogo Pires de Araujo com dez Portuguezes, e eſcravos; na ribeira eſtava Ruy Carvalho ſobrinho de Pedro Carvalho, Feitor, e Alcaide mòr que entaõ era, com cinco Portuguezes, e ſeus eſcravos: em outra eſtancia, eſtava Nuno Leite, filho de Balthazat Leite com alguns companheiros: em outra eſtancia eſtava Antonio Duraõ homem da terra com outros Chriſtãos. Em huma eſtancia que guardava a porta, e ſirvintia do rio eſtava Gaſpar de Souſa Chriſtaõ da terra. Os Clerigos pediraõ huma eſtãcia que o Capitaõ lhes deu ſobre o muro da banda do mar, e o proprio dia que entràraõ nella, foy a tempo que os imigos combatiaõ o baluarte Santiago, e vindolhe os pelouros aſſoviando pelas orelhas, ſe tornàraõ a acolher á Igreja; o que o Capitaõ diſſimulou, porque vio que mais haviaõ de eſtorvar, que aproveitar.

No outeiro de noſſa Senhora do Monte poz Diogo Fernandes da Calçada, e mandou là levar huma aguia, e hum camelo de marca mayor, afóra huma eſpera que já là eſtava, e hum camelete, com que varejavaõ as eſtancias dos Mouros, e porque lhe tinha mandado dizer o Achèm que elle hia com aquella Armada caſtigar o Emperador de Jaoa, por lhe matar ſeus Embaixadores, e pera tomar o Reino Intara que era ſeu, ſe

quiz o Capitaõ aproveitar neſta occaſiaõ, e deſpedio logo Diogo Lopes, hum cavalleiro mui eſperto, em hum balaõ, pera ſe hir com huma carta pera aquelle Rey, em que „ lhe dava conta do „ poder com que o Achèm ficava ſobre „ aquella fortaleza, e poſto em terra cõ „ toda a gente, e que a Armada ficava ſó, „ e que alli tinha huma occaſiaõ pera „ ſe vingar delle, e tomar ſatisfaçaõ da „ morte de ſeu irmaõ, q̃ ſe embarcaſſe em „ qualquer Armada que tiveſſe, e dèſſe „ de ſobreſalto na Armada, e que com „ muita facilidade haveria as náos, por„ que eſtavaõ ſem gente, e ſem vigia, „ dando por regimento ao Diogo Lopes „ que tanto que dèſſe a carta àquelle „ Rey ſe foſſe pôr no eſtreito de Sinca„ pura, ou no cabo da romaria pera dar „ aviſo às naos de Maluco, e China, „ porque naõ foſſem cahir nas mãos dos „ imigos, e pelo modo referido eſcreveo a ElRey da Quedà da Armada do Achèm, e deſcuido com que ficava, que com qualquer Armada a podia desbaratar; e eſcreveo aos Portuguezes que eſtavaõ naquelle porto, que tiveſſem vigia nas nàos de Bengala, e Pegù q̃ as naõ deixaſſem paſſar, e por aquella via eſcreveo cartas dobradas ao Viſorey, do eſtado em que ficava, e todas as mais prevençoens que lhe parecèraõ neceſſarias fez com muita diligencia, e cuidado.

E tentou muitas couſas contra o imigo que naõ vieraõ a effeito, como foraõ mandar certas peſſoas em baloens muy bem petrechados pera darem fogo à galè de ElRey, onde elle hia dormir todas as noites, e queimaſſem as chapas, que tinha carregadas de muniçoens, que naõ veyo a effeito pela muita vigia que tinhaõ, e em fim nada lhe ficou por tentar contra o imigo, e em dano ſeu. O Rey do Achèm vendo-ſe enganado com o Capitaõ que elle cuidou que tinha hazido, e affrontado do preſente que lhe mandou, e do Mouro que lhe matou com tanta crueldade, cortandolhe pés, e mãos, andava paſmado, e tratou mil eſtratagemas pera ver ſe podia tomar aquella fortaleza, porque cuido que ſe naõ fiava tanto no poder, e o primeiro ardil que tentou foy eſte. Eſtava no porto entre a Ilha das nàos, e a fortaleza, huma nào do Capitaõ carregada pera hir pera Bengala, a qual naõ ſe começou a deſcarregar; o que viſto pelo Achèm, mandou dizer ao Capitaõ „ que elle naõ vinha com „ aquelle poder tomar huma nào, que „ podia hir ſeguramente fazer ſua via„ gem, porque lha naõ impediria, e lhe „ dava diſſo ſua palavra. Iſto tentou eſte Rey porque ſe aceitaſſe o comprimento, e a náo ſe foſſe, forçado havia de levar mercadores, e que quantos mais foſſem, menos defenſores lhe ficavaõ.

O Capitaõ entendeo logo a malicia que hia debaixo daquelle offerecimento, e lho mandou agradecer; dizendo „ que jà naõ era tempo de fazer viagem, e logo a mandou acabar de deſcarregar, e tirar todos os aparelhos, e artelharia, e lhe mandou dar furos com que ſe aſſentou no fundo, o que fez aſſim por desfazer o eſtratagema do Rey, como pera que os homens naõ eſtiveſſem com o olho naquella náo, e ſe lhe fugiſſem alguns, e ao outro dia que o Rey vio a nào no fundo, paſmou, e entendeo quaõ entendidos eraõ ſeus ardiz.

Naõ deſcançava D. Leoniz Pereira hum momento, vigiava-ſe de todas as partes, porque o imigo era manhoſo, e intentava todas as maldades que podia, e aſſim corria todas as eſtancias muitas vezes, e à boca da noite ſe hia pera a porta da fortaleza, e alli dormia hum pouco encoſtado na cadeira, acompanhado ſempre de D. Manoel Pereira ſeu ſobrinho, D. Fernando de Menezes que foy caſado em Còchim, e foy Capitaõ de Damaõ, Eſtevaõ Leite Pereira, Joaõ Vieira, Pedro de Gouvea, Manoel de Moura, Franciſco de Abreu, Simaõ Ferreira, Diogo Mendes, e o Patriarca, e Biſpo, e Clerigos, tambem tinhaõ ſeus quartos dobrados, porque huns eraõ nas Igrejas em Oraçaõ, e outros em correr

as

as eſtancias, animar os homens, e conſolallos.

Os imigos hiaõ correndo com ſua bataria de todas as eſtancias com muita furia, e ao ſom della adiantando-ſe com os valos, e trincheiras, taõ perto do baluarte de Fernaõ Peres de Andrade, que ſe naõ metia em meyo, mais que humas caſas derrubadas, e hum pequeno ribeiro, e porque aquella viſinhança era muito ruim, mandou o Capitaõ a D. Franciſco de Menezes com quarenta Portuguezes, e cem homens da terra, pera que o foſſem deſmanchar, e no quarto da alva deraõ os noſſos no imigo com tanto impeto, que entràraõ nas trincheiras, e andaraõ dentro nellas ás cutilladas com os Mouros de que matàraõ mais de cento, e os mais ſe recolheraõ a outra trincheira que lhe ficava detraz. Aqui foy ferido de huma eſpingardada o filho mais velho de ElRey, da qual depois morreo, o qual ſe intitulava por Rey de Arm, e foy tomada huma peça de metal que Franciſco Paes, que depois foy Provedor mór dos Contos, e que aqui era ſobre rolda, mandou levar pera a Cidade pelos ſeus eſcravos, e a trincheira foy deſmanchada, e desfeita atè os aliceces, e com iſto feito ſe recolheraõ os noſſos carregados de cabeças de Turcos, e de outras naçoens, e de eſpadas, eſpingardas, e de outros deſpojos, ſem cuſtar da noſſa parte mais que hum Portuguez, e ſeis homens da terra, e a trincheira naõ ſe tornou mais a bullir nella, que taõ eſcaldados ficàraõ com eſte bom ſucceſſo.

Creſceo o deſejo a todos de ſe acharem em algum bom feito; que pera o Capitaõ dar licença, meteraõ por terceiro o Patriarca, e o Biſpo, porque determinava elle de ſe defender, ſem arriſcar os homens, que tinha poucos; mas em fim ſuccedeo a Franciſco de Moura que tambem era ſobre rolda, que fizeſſe huma ſahida no quarto da alva, com quarenta Portuguezes, e muitos eſcravos, e que ſe foſſem meter entre a Alfandega, e os Gadois, que ſaõ caſas de fazendas, porque eſtava certo cahirem-lhe os imigos nas mãos, porque naquella parte naõ tinhaõ ainda feito trincheira, e ſabia o Capitaõ que de noite vinhaõ atè a ponte, e ao longo do rio a dar gritos, e que cahiriaõ nas mãos dos noſſos, os quaes com levarem ordem de naõ paſſarem do pelourinho, tanto que ſe viraõ da outra parte da ponte, tendo recado por huma eſpia que os imigos eſtavaõ com vigia, foraõ-ſe ſahindo, e os noſſos apoz elles atè as trincheiras antigas da banda da praya, onde carregàraõ tantos Mouros ſobre os noſſos, que logo os puzeraõ em desbarato, ficando mortos Ruy Leitaõ de Brito, Joaõ Nunes do Rego, Gaſpar de Sà, que foy creado de D. Conſtantino, Joaõ Ferreira Eſcrivaõ da Feitoria, e tres eſcravos, e quaſi todos os que eſcapàraõ foraõ feridos, ſem morrerem dos imigos, mais que vinte, e tantos, em que entrou hum Rume de cabaya de veludo verde, e outros homens brancos.

A bataria foy-ſe continuando por todas as partes, os dous quartàos faziaõ ſeu officio, mas poſto que os pelouros, e muitos dos outros cahiraõ dentro na fortaleza, quiz Deos que naõ fizeſſem dano, nem ruina de importancia. Naõ ſe contentando ElRey com a bataria de fóra, tambem quiz batella da banda de dentro com novos ardiz, que puderaõ ſer mais perigoſos que os da artelharia, e foy com mandar dizer de noite do pè do muro por hum renegado aos noſſos, como que os avizava por ſer hum renegado que là andava, „ que ElRey naõ „ dera logo em chegando na povoaçaõ „ dos Quelis, porque eſtava concerta- „ do com elles, que ao dia que come- „ çaſſe a dar bataria, huns dèſſem fogo „ à povoaçaõ da Cidade, por ſerem as „ caſas cubertas de palhas ſecas de pal- „ meira, que ſaõ peyores que polvora, „ e outros dèſſem nos Portuguezes, e „ os mataſſem, e ſe ſenhoreaſſem dos „ baluartes, e o Tumugaõ lhe eſcreve- „ ra o meſmo por huma negra ſua que „ fizera fugidiça, como de effeito era

„ verdade que fugira a noite de antes „ pera o arrayal. Tanto que iſto ſe ouvio de cima dos baluartes, foy tamanho o alvoroço dos noſſos, que eſtiveraõ levados a darem nos Quelis, e matarem-nos, naõ tendo elles culpa alguma, antes ſendo taõ leaes como os Portuguezes. O Patriarca, Biſpo, e Prelados das Religioens, e Cabido da Sè, tanto que aquillo ouviraõ, havendo-ſe por perdidos, foraõ-ſe ao terreiro da fortaleza, e differaõ ao Capitaõ: „ que aquellas couſas oraõ de muita conſideraçaõ, e que „ ſeria bem ſegurarem os Quelis, e o „ Tamugaõ, atè ſe ſaber a verdade, ſe „ naõ quando houve alguns Religioſos „ que lhe requereraõ que logo juſtiçaſſe „ as peſſoas principaes, ſem mais proceſſo, nem ordem de juizo. O Capitaõ que era prudente, e entendia os ardiz dos imigos, quietou a todos com muita brandura, affirmandolhes com razoens muito claras „ que os Quelis ſe „ naõ haviaõ de fiar do Achèm, e que „ por cima de entender, e ſaber iſto, elle „ tinha tanta vigilancia em tudo, que „ entre os meſmos Quelis trazia outros „ fideliſſimos por eſpias, e que nenhum „ movimento tinha achado, e que antes „ elle Capitaõ pelos haver por homens „ de primor, e fieis, ſe fiava delles em „ muitas couſas, de que ſempre lhe davaõ boa conta, e razaõ, que elle naquelles perigos naõ ficava de fóra, „ antes todos carregavaõ ſobre elle, e „ que ſe quietaſſem em quanto o viaõ „ eſtar aſſim ſem ſobreſaltos, e que affirmava que huma ſó demonſtraçaõ que „ fizeſſe de querer prender hum, que „ tudo ſe perderia ſem lhe poder dar remedio. Com eſtas razoens, e outras os quietou, e fez recolher, pedindolhe foſſem pelejar com as armas eſpirituaes, e com oraçoens, que com as temporaes elle correria de feiçaõ, que naõ houveſſe falta.

Vendo o tyranno do Achèm o pouco que lhe ſuccediaõ ſuas traças, e que as batarias que dava à Cidade em roda lhe naõ faziaõ dano, pela ter o Capitaõ muito fortificada, e provida o melhor que podia ſer de muniçoens, ſendo ellas bem poucas, porque aos Viſoreys da India he já muito antigo eſte coſtume, de ſe deſcuidarem de ſeus provimentos, aſſim por naõ gaſtarem (como ſe o dinheiro lhe ſahiſſe da bolſa) como porque fazem conta que quando ſe perder qualquer fõrtaleza, que já ſerà em tempo de outro, a quem ElRey peça conta diſſo, naõ ſe havendo de pedir ſe naõ ao que acabou antes delle, ou a ambos, porque ambos tinhaõ cuidado de ſeus provimentos: deixemos iſto em que ha tanta miſeria, que he melhor calar, porque tambem o falar naõ remedea. E tornando à ordem que levava, foy o Achèm batendo as noſſas eſtancias com aquella furia de ſua artelharia, e de ſeus ardiz diabolicos, que puderaõ cauſar huma grande deſaventura, ſe naõ dera em hum Capitaõ taõ prudente, e precatado. Ao outro dia que o renegado fez aquella pratica ſobre os Quelis, ſoltou hum moço de hum Portuguez que là andava fugido, que hia bem enſayado do que havia de fazer, e lhe deu huma carta pera ſetenta Jàos, que eſtavaõ em hum junco junto da ponte, mercadores que alli tinhaõ vindo com ſua fazenda. Eſte moço foy tomado dos noſſos, e levado ao Capitaõ, e achandolhe a carta, a mandou ler; e nella dizia „ que como „ viſſem tempo, fizeſſem aquillo que „ lhe tinhaõ promettido, que elles como viſſem o final dariaõ o aſſalto, e „ entrariaõ a Cidade, e que lhes promettia de repartir com elles todo o „ deſpojo de fazendas, peças, e cativos „ igualmente com os Achens. Todas eſtas couſas urdia o Achèm, pera pôr aos da fortaleza em ſoſpeitas, e deſconfianças, mas como o Capitaõ ouvio o moço, e leu a carta ſó cõ o lingua, ficouſe tendo tanto ſegredo que nunca ſe ſoube.

Por outro moço feito fugidiço, eſcreveo o tyranno huma carta aos caſados, na qual „ os louvava de bons caval„ leiros, e pelo que lhe vira fazer na„ quelle

„ quelle cerco, dezejava de lhes fazer a „ todos mercés, e naõ tratallos mal, e „ com eſtarem alli arriſcados aos pelou„ ros, e fómes: que viſſem a potencia „ com que eſtava ſobre aquella fortale„ za, a fraqueza della, e os poucos de„ fenſores q̃ tinha, que lhes rogava ſe lhe „ entregaſſem, e lhe dèſſem ordem pera „ entrar na fortaleza, e que a todos daria „ as vidas, ſuas mulheres, filhos, e fazen„ das, e q̃ ſobre iſſo lhe faria groſſas mer„ cès, ſe naõ que ſoubeſſem que naõ fa„ zendo o que lhes offerecia, que os ha„ via de haver às mãos, e eſpedaçallos, „ porque ſe naõ havia de levantar de ſo„ bre aquella fortaleza, ſem a tomar, „ ainda que ſoubeſſem eſtar tres, e „ quatro annos, porque eſtava em ſuas „ terras, onde lhe naõ havia de faltar „ tudo, o de que tiveſſe neceſſidade, e „ que elles naõ tinhaõ provimento pera „ tres mezes como della o aviſavaõ os „ meſmos Quelis.

O Achèm andava taõ deſconfiado de ſuas traças lhe ſahirem vãas, e ſem effeito nenhum, que quaſi naõ ſabia os termos, porque levaria aquella guerra, e pondo em conſelho de ſeus Capitaens aquelle negocio, aſſentàraõ „ que ſe „ cometeſſe a Cidade à eſcala viſta, com „ todo o poder, e puzeſſem muitas eſca„ das à roda por onde ſe cometeſſe, por„ que como na fortaleza havia pouca „ gente, e ſe viſſem cometidos por to„ das as partes, forçado era alguma ha„ via de ficar deſamparada, pela qual „ poderia entrar a Cidade: eſte cometimento quilo tambem fazer com eſte ardil.

Sendo quatorze de Fevereiro, mandou paſſar da banda de Ilher pera a outra de Malaca muitas embarcaçoens carregadas de gente toda em pè pera moſtrar o ſeu poder, o que fez por cuidarem os noſſos que queriaõ dar o aſſalto pela banda de Malaca pela ponte, e ao longo do rio, porq̃ acodiſſem àquella parte, e elles cometerem pela banda de Ilher, aonde tinhaõ grande copia de eſcadas feitas, e todos os mais petrechos de guerra. O Capitaõ como lhe diſſeraõ, deſtas embarcaçoens, e que a gente toda hia em pè dando moſtra do poder, logo entendeo o deſenho do imigo, e pera ſe certificar melhor, foy-ſe pôr ſobre o outeiro de noſſa Senhora, onde deſcubria tudo, e vio que tornavaõ as embarcaçoens com a gente alaſtrada, e ainda enxergou deſembarcar toda no arrayal, pelo que ſe fortificou daquella parte o melhor que pode, que pela outra, e rio eſtava tudo ſeguro, e aſſim com lhe entender os ardiz, e lhos deſfazer, lhe deſfazia toda a guerra.

Ao outro dia que foraõ quinze de Fevereiro, mandou ElRey ſahir toda a gente de ſuas trincheiras, e mandou bater a fortaleza em roda com a mayor furia que nunca fez, a qual bataria durou todo aquelle dia, e noite ſeguinte, com hum eſtrondo, e temor que foy hum eſpanto; e neſte conflicto ſe achàraõ todos os Prelados, Patriarca, e Biſpo: e o Capitaõ naõ deſcançou em todo eſte tempo, trazendo homens por todas as eſtancias, e baluartes, que por momentos o aviſavaõ de tudo o que ſuccedia, e ſendo neceſſario mandar prover em alguma couſa, o fazia com muita preſteza.

Sendo entre a huma hora, e as duas depois da mea noite, ao tempo que a alva ſe levantava, e começava a deſcobrir o campo, viraõ os noſſos de improviſo eſtenderſe huma nevoa ſobre a Cidade, e de redor dos muros taõ eſpeça, e eſcura que ſe naõ enxergava couſa alguma, ſem os noſſos poderem differençar o que aquillo ſeria. Alguns tiveraõ pera ſi ſer fumo de algum fogo grande que ſe acendeo no outeiro da Bocachina, mas enganàraõ-ſe, porque o outeiro eſtà a longo da Cidade, e he alto, e o vento, e fumo, ſaõ elemẽtos q̃ ſobem, e naõ decem; pera ſerem vapores que ſe levantavaõ da terra, tambem pera iſſo havia contradiçaõ, porque eſtes vapores ſó eraõ, e eſtavaõ ao redor dos muros, e da hi a tiro de eſpingarda já os naõ havia, por onde todos preſumiraõ que ſe levantàra aquella

aquella nevoa por virtude de algumas palavras, e feitiçarias, ou de alguns pès que ſe eſpalhàraõ. Eſtendida a nevoa, foy-ſe levantando pouco a pouco, e pondo-ſe entre os noſſos, e os imigos, pera os naõ poderem ver quando puzeſſem as eſcadas aos muros, o que elles fizeraõ em grande ſilencio, e muitos ſe puzeraõ em cima ſem ſerem viſtos, nem os noſſos os verem, nem ſentirem.

Neſte cometimento vieraõ os imigos á parte de Malaca com grandes gritos, e deſordenados inſtrumentos, como que queriaõ cometer por alli o aſſalto, diſparando toda a artelharia com grande terror, e fizeraõ querena de aremeterem, pera com aquelle eſtrondo chamarem alli os noſſos, e ficar a banda de Ilher deſamparada, pera darem por là o aſſalto: mas como o Capitaõ tinha mandado expreſſamente que nenhuma peſſoa ſe bulliſſe de ſeu lugar ſem ſeu eſpecial mãdado, naõ houve quem ſe abalaſſe, antes ſe fizeraõ preſtes pera receberem os imigos por qualquer parte que cometeſſem: e com eſtas demonſtraçõeſ cometèraõ pela banda de Ilher, onde tinhaõ determinado de dar o aſſalto, e acoſtarem as eſcadas, pelas quaes ſubiraõ com grande determinaçaõ, e no baluarte de Santiago foy o poder mayor, onde tambem achàraõ mayor defenſaõ, porque os agaſalhavaõ os noſſos com infinito fogo de panellas, e lanças, e como era de madrugada, parecia que ſe abrazava a Cidade, e aſſim foraõ dizer ao Capitaõ que aquelle baluarte ardia todo em lavaredas, ao que ſe naõ inquietou, antes com muita ſegurança mandou logo a D. Fernando de Menezes, e a D. Manoel Pereira que foſſem acodir là por huma parte, e por outra a Eſtevaõ Leite, e a Joaõ Vieira, e de todos eſtes, ſó Eſtevaõ Leite chegou ao baluarte, que pela rua debaixo ſe foy meter nelle, e ſe apreſentou no mòr perigo, e pelejou valeroſamente; os mais hindo por cima do muro novo, achàraõ de hum canto, que faz defronte da Miſericordia, atè o baluarte, mais de mil Mouros, que ſubiraõ por eſcadas que arrimàraõ naquella parte, porque achàraõ marè vazia, e eſtavaõ ſobre a entrada do baluarte em grande batalha com Manoel Henriques, e ſeus ſoldados, que lho defendèraõ valeroſamente. O que viſto por D. Manoel Pereira, Dom Fernando de Menezes, Joaõ Vieira com mais gente que levavaõ, deraõ pelas coſtas dos imigos com tanto impeto, e furor, que os fizeraõ lançar do muro abaixo ſem verem os noſſos quaõ poucos eraõ, mas cuſtou muitas feridas a todos; porque D. Manoel Pereira levou huma fréchada que paſſou ao longo do olho, e lhe atraveſſou a orelha, de que ficou com hum geito no olho atè morrer ha cinco, ou ſeis annos. D. Fernando levou outras feridas, Manoel Henriques duas, Joaõ Vieira huma, Franciſco Dias cinco, de que morreo, e outros muitos.

Ao tempo que o Capitaõ mandou ſoccorro ao baluarte Santiago lhe vieraõ dizer que o de S. Domingos eſtava em grande aperto com o Capitaõ queimado, e com os Portuguezes mortos, pelo que o mandou ſoccorrer por Franciſco Paes, e Franciſco de Moura ſobre roldas com a gente de ſua obrigaçaõ, os quaes ſe metèraõ naquelle baluarte onde fizeraõ couſas taõ notaveis, que paſmavaõ os Mouros que ſe viraõ ſenhores daquelle baluarte.

Mas pera que he tratar particularidades, quando a Fortaleza eſtava cercada em roda de duzentas peças de artelharia, e mais de dez mil homens que trabalhavaõ por ſe fazerem ſenhores da fortaleza, e de parecer bem a ſeu Rey, o qual eſtava cõ ſeu filho vendo o combate de cima do monte de Bocachina a cavallo, donde mandava ſoccorros apreſſados aos ſeus, o que naõ tinhaõ os noſſos, porque ſó dos Ceos lhe podiaõ vir? Em fim quanto ſe via a roda, eraõ lavaredas de fogo, quanto ſe ouvia de todas as partes eraõ eſtrondos, terremotos, e trovoens de artelharia, de dentro, e defóra, gritos, e vozarias,

e ays

cays dos que pelejavaõ, e cahiaõ mortos; huns appellidando Santiago, o nome de Jesus, e outros por Mafamede, mas como a parte de nosso Senhor sempre vence, e ha de permanecer contra o inferno; poz nos peitos dos nossos tal furor, e nos braços tanta força que esses poucos q̃ eraõ, assim tratàraõ a multidaõ dos imigos, que deraõ com todos dos muros, e das escadas abaixo cõm tamanho estrago, e crueza, que deitou ElRey as toucas no chaõ, e começou a blasfemar contra Mafamede, e vendo-se de todo perdido, assim se recolheo às suas tendas taõ triste, e melancolizado, que nem o proprio seu filho ouzava falar com elle, e porque se receou que dèssem os nossos nelles, e lhe tomassem a artelharia, a mandou embarcar taõ caladamente que nunca se soube, nem sentio. Elle aos vinte e cinco de Fevereiro se embarcou sua pessoa, ficando mortos de redor daquelles muros em todos os combates mais de tres mil Mouros, e levou na Armada tantos feridos, que de Malaca atè a rua que he caminho de cinco dias, botàraõ ao mar mais de quinhentos homens, e porque lhe ficou parte da Armada vazia, mandou queimar muitas embarcaçoens pequenas, e outras deixou por esse mar.

Fez ElRey esta embarcaçaõ com tanta pressa que se naõ soube se naõ depois de elle embarcado, e vendo a mercè que nosso Senhor lhe fizera, foy o Capitaõ à Igreja darlhe muitas graças, e louvores, e o Patriarca, e o Bispo de Malaca fizeraõ procissoens solennes, e deitàraõ sobre o povo, q̃ acodio, muitas bençoens pontificaes, com muitas lagrimas de alegria de todos, naõ merecendo elles menos, antes mais que todos os que pelejavaõ valerosamente, porque alèm de andarem continuadamente pelos muros, e baluartes, entre pelouros, e fogo animando a todos, tambem tinhaõ suas horas de recolhimento em oraçaõ diante do Santissimo Sacramento, aonde como Moysés com as mãos levantadas aos Ceos moviaõ aquelle peito Divino a se apiadar dos nossos, e a lhes dar as vitorias que alcançàraõ, porque estes Varoens verdadeiramente eraõ Apostolicos, e obrou nosso Senhor por elles alguns milagres, que assaz de grandes foraõ naõ morrerem neste cruel, e espantoso assalto, mais que tres Portuguezes, Simaõ de Sampayo, que era Provedor da Misericordia, Belchior de Carvalhaes, Juiz ordinario, e Francisco Dias.

Sahido o Capitaõ com o Patriarca, Bispo, e Prelados da Igreja onde foraõ dar graças a Deos, foraõ logo correr os muros, e baluartes, e aos Capitaens, e soldados abraçava hum, e hum, dandolhe publicos louvores de seu esforço, e valentia, e de sua parte os agradecimentos do muito que trabalhàraõ, e atè os escravos que achou por todas as estancias, de que teve boa informaçaõ, forrou logo, e os pagou a seus donos, e aos Portuguezes, e Christãos pobres deu alli mesmo a trinta, e a quarenta, e a cincoenta cruzados a cada hum, porque pera isso mandou trazer suas bocetas, de que os contou, e naõ quiz que as promessas ficassem só em palavras, e a outras pessoas deu suas peças de ouro, medalhas, cadeas, espadas, e tudo o mais que tinha, que naõ queria que lhe ficasse mais que a honra, com a qual ficava muito rico, e se contentava de maneira, que me affirmàraõ muitos homens que se alli achàraõ, principalmente Francisco Paes que o sabia melhor que todos, que despendera alli mais de cinco mil cruzados, afóra mais de dez mil que lhe custou a sua nào que mandou meter no fundo, e tudo isto era pouco pera pagar aos homens o que fizeraõ naquelle cerco, que foy hum dos mais perigosos da India. Desapressado o Capitaõ daquelle trabalho, vendo que era obrigaçaõ avisar ao Visorey, porque havia de estar com sobressaltos, e na fortaleza naõ havia embarcaçaõ alguma em que o pudesse fazer, despedio tres Portuguezes com dinheiro, e hum Piloto, e marinheiros, pera que fossem a

Quedà,

Quedà comprar huma fuſta que alli eſtava, na qual ſe paſſaſſem a Choromandel, o que elles fizeraõ com muita diligencia, mas como era jà tarde, ſendo nas Ilhas de Nicubar lhes deu hum tempo groſſo, que os fez arribar, e depois tornàraõ a cometer o caminho por via de Tamaſais, e no cabo de Tuzalaõ andàraõ às voltas muitos dias, com tempos contrarios, e grandes correntes, ſem o poderem dobrar, e por fim tornàraõ pera Malaca logo.

CAPITULO XXI.

Das novas que chegàraõ ao Viſorey dos apercebimentos que o Achèm fazia contra Malaca, e dos ſoccorros que deſpedio.

POr navios de Mouros que foraõ de Malaca a Choromandel, ſoube o Viſorey como o Achèm ſe ficava fazendo preſtes com aquella potencia pera hir ſobre Malaca, porque lho eſcreveo o Capitaõ de S. Thomè, pelo que logo com muita preſſa ſe foy logo pòr na ribeira das Armadas, e negociou hum galeaõ, e quatro galeotas, e elegeo pera aquella jornada Joaõ da Silva Pereira, que partio em vinte e quatro de Abril, elle no galeaõ, e nas galeotas Alvaro Lopes da Coſta, Gaſpar Marrecos, Ambrozio Davilla Betancor, e Antonio Dias, levando Joaõ da Silva Pereira proviſaõ de Capitaõ mór do mar de Malaca, e ſem deſcançar negociou dous galeoens, e os encheo de provimentos, e muniçoens, e nomeou a D. Fernando de Monroy Fidalgo Caſtelhano, que eſtava pera hir por Capitaõ de Ceilaõ, pera hir a eſte ſocorro com regimento, e proviſoens „ pera ſe ajuntar a Joaõ da „ Silva que havia de ficar debaixo da „ ſua bandeira pera darem no imigo, e „ deſcercarem Malaca, e eſcreveo hu„ ma carta a Joaõ da Silva muito hon„ rada, em que lhe pedia obedeceſſe a „ D. Franciſco de Monroy, por ſer „ hum Fidalgo velho, e muito experi„ mentado, e D. Fernando partio de Goa a quatro do mez de Mayo de 1568. e tanta preſſa ſe deu, e aſſim o favoreceo noſſo Senhor, que alcançou Joaõ da Silva nas Ilhas de Nicubar, e aſſim huns, como outros cuidàraõ ſerem nàos de Meca, pera as quaes ſe fizeraõ preſtes. Joaõ da Silva deſpedio hum navio de remo a reconhecer que nàos eraõ aquellas, e chegando perto, vio ſerem nàos noſſas, pelo que o Capitaõ do navio foy ao galeaõ em que vio bandeira, e conheceo ſer D. Fernando de Monroy cõ o que ſe alegrou, e D. Franciſco mandou por elle a carta do Viſorey a Joaõ da Silva, o qual em a lendo mandou logo enrolar a bandeira de Chriſto que levava na cabeça, e cobrir o ſeu farol, o que viſto por D. Fernando de Monroy fez o meſmo. Joaõ da Silva ſe meteo em huma galeota, e ſe foy ao galeaõ de D. Fernando que o recebeo a bordo, e tiveraõ muitos comprimentos ſobre as bandeiras; em fim venceo a corteſia a razaõ, e dalli foraõ ambos ſem bandeiras, nem faroes, e todavia porque entrava por entre baixos, a rogo de Joaõ da Silva, acendeo D. Fernando o ſeu farol, e chegando a Malaca, onde cuidàraõ achar ainda a Armada imiga, pera o que hiaõ alvoroçados, ſabendo logo da vitoria que Deos dera aos noſſos, e de como os imigos foraõ desbaratados, foy tamanha a ſua inveja, que a naõ puderaõ encobrir por parte da honra, mas pela da Chriſtandade, e razaõ foy igual a alegria, e alvoroço, e aſſim ſalvàraõ a Cidade muitas vezes, e deſembarcando todos poſtos em armas, pera moſtrarem as louçainhas com que hiaõ buſcar os imigos; achàraõ o Capitaõ, e povo na praya, onde ſe recebèraõ com grande amor, e alegria, e D. Leoniz Pereira levou pera caſa D. Fernando, e quiz que Joaõ da Silva ſe tornaſſe pera o galeaõ, e dahi a poucos dias o deſpedio pera o Eſtreito Setabaõ, aſſim pera recolher os navios que hiaõ pera Malaca com muitos mantimentos, como pera eſperar huns Embaixadores

que

que ElRey do Achèm tinha mandado a Rainha de Japarà a pedirlhe ajuda, e foy Joaõ da Silva taõ ditoſo, que o junco em que elles vinhaõ, veyo dar com elle naquella paragem onde levava por regimento eſperallos, e o mandou cometer pelas galeotas, e poſto que ſe puzeraõ em defenſaõ foraõ entrados, e mortos à eſpada, quantos Achens vinhaõ nelle, e a fazenda roubada pelos ſoldados que ainda achàraõ bom quinhaõ, e com eſta vitoria, e com juncos de mantimentos ſe recolheo Joaõ da Silva, o que tudo o Capitaõ eſtimou muito, e D. Fernando de Monroy ſe tornou pera a India como foy tempo.

CAPITULO XXII.

De como ſe apercebeo ElRey de Viantana pera hir contra o Achem que jà acha recolhido, e viſita o Capitaõ D. Leoniz.

ASſim aſſombrou a todos aquelles Reys daquelle Archipelago a potencia com que o Achèm ficava ſobre Malaca, que ſe houveraõ por perdidos, porque entendèraõ que ſe eſte tomaſſe Malaca, a que naõ tinhaõ duvida, que logo havia de voltar ſua ira contra elles, e tomarlhe ſeus Reynos pera ficar ſendo Emperador de todo aquelle Oriente, pelo que os mais delles deſamparàraõ as povoaçoens que tinhaõ à borda do mar, e ſe metèraõ pelo ſertaõ, atè verem o em que parava aquelle negocio: ſómente o Rey de Viantana que era o verdadeiro Emperador de todo o Malayo, Rey legitimo por linha ſucceſſiva dos antigos Reys de Malaca, no qual, poſto que desfaleceo o Eſtado, naõ desfez o animo, antes ſe apercebeo pera contraſtar o imigo, pelo que lhe veyo a ſeu propoſito a carta que lhe eſcreveo o Capitaõ D. Leoniz Pereira por Diogo Lopes (como jà diſſe) em que o perſuadia „ hir com ſua Armada dar „ no Achèm que eſtava naquella barra „ de Malaca, que por ter toda a gente „ em terra, muito facilmente a poderia „ tomar, e darem ambos no Achèm em „ terra, e deſtruirem-no de todo, por „ naõ ter pera onde ſe acolher, pelo q̃ com muito alvoroço, fez preſtes ſua Armada, que ſeria de ſeſſenta velas, e partio-ſe muito apreſſadamente, mandando diante recado ao Capitaõ pera que eſtiveſſe preſtes. Quando chegou à Malaca, era o Achèm ſahido do dia de antes, pelo que com muita preſſa o foy ſeguindo, porque eſperava de o desbaratar, e foy mais de trinta leguas ſem o encontrar, e por todo o caminho foy achando corpos mortos, que hiaõ alojando ao mar, aſſim dos feridos, como de doenças, que lhe deraõ na Armada, e entendendo que era trabalho em vaõ paſſar àvante, ſe recolheo a Malaca.

E dando conta a ſeus Capitaens, como determinava deſembarcar em terra a ver o Capitaõ, foy lhe contrariado de todos, dizendo „ que naõ era licito deſ- „ embarcar naquella Cidade, que os „ Portuguezes tomàraõ a ſeus avos, da „ qual elle era Rey natural, que todas „ as demais demonſtraçoens de corte- „ ſias poderia uſar com o Capitaõ; ao „ que elle replicou, que naõ hia a Ma- „ laca, mais que a ver hum Capitaõ, „ que desbaratàra hum taõ poderoſo ty- „ ranno, e o vingàra de todas quantas „ affrontas lhe tinha feitas, e ſe lhe ſe- „ gurava o ſeu Eſtado, que ficàra muy „ arriſcado, ſe o Achèm tomàra aquel- „ la fortaleza, e antes de chegar a Malaca mandou viſitar o Capitaõ, e a darlhe os parabens da vitoria, e a pedirlhe licença pera o viſitar.

A eſtes Embaixadores recebeo o Capitaõ com muitas honras, e por elles mandou a ElRey „ muitos agradeci- „ mentos da honra que lhe queria fazer, „ e que aquella fortaleza era de ſua Al- „ teza, e que bem podia entrar nella „ como em ſua caſa. ElRey chegou logo à viſta da fortaleza com trinta navios, fermoſamente embandeirados, ſalvando-a com muita artelharia, e inſtrumentos bellicos, e alegres, e ſurgio entre

entre a Ilha das nàos, e a Cidade, aonde foy logo viſitado de parte do Capitaõ, e ſignificarlhe „ que mais honra recebia „ em Sua Alteza o ver, que na vitoria „ que tinha alcançado do Achém, e que „ todos aquelles moradores, q̃ eraõ ſeus „ vaſſallos, eſtavaõ muito alvoroçados „ pera o ſervirem. Aquella noite toda ſe fizeraõ por todas as partes da Cidade, e por cima dos muros, e baluartes, e outeiros de noſſa Senhora do Monte muitos fogos, e ſe lançàraõ muitas bombas, e foguetes, e fizeraõ demonſtraçoens de alegria, e toda a noite andàraõ officiaes fazendo a cem paſſos da fortaleza da banda de Ilher hum fermoſo caes de madeira pera a deſembarcaçaõ de ElRey, que ſe cubrio de alcatifas ricas, e panos de ouro, e ſeda, e mandou alimpar as ruas „ e que os caſados armaſſem „ ſuas portas, e janellas o mais louçaã„ mente que pudeſſem, e que por ellas „ tiveſſem ſuas mulheres, e filhos pera „ aquelle Rey ſer mais feſtejado.

Ao outro dia pela manhãa, mandou o Capitaõ os Vereadores com todos os caſados, e Chilis ricos, que foſſem em baloens buſcar ElRey, e acompanhallo, o que elle eſtimou muito, e na companhia de todos foy remando devagar, porque goſtava muito de ver a furia da artelharia que naõ ceſſava de o ſalvar, e antes de chegar ao caes deſpedio diante hum recado ao Capitaõ que lhe mandaſſe dizer „ com quanta gente deſ„ embarcaria, ao que lhe mandou reſ„ ponder, que com toda quanta Sua Al„ teza quizeſſe, pois entrava em ſua ca„ ſa, e chegado ao caes achou o Capitaõ na borda delle, que ao deſembarcar o levou nos braços com muito acatamento, e poſto fora ſe tornàraõ a abraçar, e depois ſe afaſtou ElRey hum pouco, e tirou a touca, e o Capitaõ a gorra, e tomando da maõ de hum ſeu pagem dous crizes muito ricos com os punhos de ouro, e pedraria, deu hum ao Capitaõ, ficandolhe outro, porque eſte he o mayor final de amor que ſe uſa entre elles, e aſſim foraõ andando, o Capitaõ hum pouco atraz da maõ eſquerda de ElRey, atè o cabo do caes, onde eſtavaõ dous cavallos ricamente ajaezados, em que cavalgàraõ. ElRey era magro, comprido do corpo, olhos grandes, roſto varonil, de idade de quarenta annos; nos meneos, e falas moſtrava gravidade de Rey; hia veſtido ao modo Malayo com ſeus panos de ouro, huma ſobreveſte de brocado rico, e huma gorra de veludo guarnecida de ouro, e perolas; na cinta eſpada, adaga, e talabarte de ouro. Deſta maneira foraõ no meyo de hum luzido eſquadraõ de ſoldados luſtrozos, que foraõ ſempre diſparando com ſua eſpingardaria com muita ordem.

Chegando á porta da fortaleza, parou ElRey, e tornou a preguntar ao Capitaõ „ quantos queria que entraſſem cõ „ elle dentro, ao que reſpondeo que „ com todos quantos trazia, e todos os „ mais que ficavaõ em ſeu Reino, por„ que aquelle dia naõ tinhaõ chaves as „ portas. Entrando dentro ſobiraõ até o terceiro ſobrado da torre que Affonſo de Albuquerque fez; em huma varanda alcatifada de panos de ouro, e ſedas ſe aſſentàraõ em duas cadeiras, em que eſtiveraõ praticando hum pedaço, eſtando em outras duas o Patriarca, e Biſpo, que ſe achàraõ no recebimento, com que ElRey tambem teve muitos comprimentos, e ſatisfaçoens. Depois de praticarem hum eſpaço, lhe foy o Capitaõ moſtrar o muro, e baluartes que eſtavaõ bem damnificados das batarias, e depois lhe foy moſtrar a eſtancia dos imigos, que ElRey andou vendo com grande admiraçaõ, por ſer huma maquina infinita.

Viſto tudo por ElRey, foy-ſe embarcar: o Capitaõ o acompanhou, atè ſe meter na ſua embarcaçaõ, deſpedindoſe com muitas corteſias, e moſtras de amor. Recolhido o Capitaõ mandou logo a ElRey alguns baloens carregados de conſervas, e frutas doces, e outras curioſidades, e mimos pera elle, e pera os ſeus Paidares, e o meſmo fize-

raõ

raõ todos os casados; de maneira q̃ ElRey foy muito satisfeito do amor com que todos o tratàraõ. Tanto que teve novas daquella grande vitoria, e se espalhàraõ por todas aquellas partes, foraõ taõ festejadas de todos os Reys como de nòs, pelo mortal odio que tinhaõ àquelle tyranno, logo despediraõ seus Embaixadores a visitar o Capitaõ, e darlhe os parabens, e fazerlhe grandes offerecimentos, pera que se quizesse hir sobre aquelle imigo, o acompanharem todos, o que lhe elle agradeceo com palavras satisfactorias, e assim ficàraõ quietos por alguns tempos.

CAPITULO XXIII.

Do que aconteceo a Gonçalo Pereira Marramaque, depois que partio de Malaca.

PArtido Gonçalo Pereira cõ sua Armada junta, foy seguindo sua derrota, pela via de Borneo, por onde entaõ se faziaõ as viagens q̃ depois se mudàraõ pela via de Amboino, pelos baixos que havia pela outra derrota, e chegando à barra de Bromeo, pera se prover de algumas cousas, foy logo avisado como na Ilha de Cebu estava huma Armada de Hespanha, de que era Capitaõ mòr Miguel Lopes de Lagos Biscainho, homem esperto, e diligente; cõ as quaes novas se alvoroçàraõ todos, e fizeraõ requerimentos a Gonçalo Pereira „ que „ fosse contra os Castelhanos, por en„ trarem do limite de ElRey de Portu„ gal pera dentro, e posto que elle naõ levava regimento pera isso, parecendolhe que importava assim pera o bem daquellas Ilhas, negociou-se pera a jornada, tomando Pilotos, e cousas necessarias, e foy seguindo a derrota de Cebu, e como era jà fóra de tempo, e os Pilotos pouco correntes, andou às apalpadellas, como là dizem, mais de quatro mezes por entre aquelles Canaes, e Ilhas, em que lhe morreo infinita gente de fóme, e sede, pelo que desistindo da jornada voltou pera Maluco.

Anno 1567.

Aquelle Rey estava jà avisado da hida de Gonçalo Pereira por hum navio, q̃ foy diante, de que era Capitaõ Pedro da Cunha, o qual naõ quiz seguir o Capitaõ mòr de Cebu, e foy direito a Maluco, e là descobrio a Henrique de Lima, de como Gonçalo Pereira trazia regimento „ pera prẽder ElRey Ahilo, „ e o mandar caminho de Goa, o q̃ Henrique de Lima naõ teve em segredo, antes o descobrio logo a ElRey, de quem era muito amigo, e o dia que Gonçalo Pereira surgio no porto de Talangame logo se embarcou ElRey em algumas Corocoras com seus filhos, e ainda mulheres, e foy demandar o galeaõ do Capitaõ mòr, que o esperou a bordo, e o recebeo com muita veneraçaõ. ElRey apresentou os filhos, dizendo „ que alli „ estava elle, e elles, pera tudo o q̃ fosse „ do serviço de ElRey de Portugal, e „ que se trazia alguma ordem sua se naõ „ cançasse, q̃ elle se metia alli em seu po„ der logo, e que fizesse delle o que en„ tendesse que fosse serviço de ElRey, „ mas que tambem se informasse da ver„ dade, porque sabia muito bem que o „ Visorey estava muito mal informado „ de suas cousas. Gonçalo Pereira o abraçou, e fez muitos gasalhados, e disse „ que o informàraõ mal, que elle naõ „ vinha alli se naõ pera o servir, como „ faria com muito gosto.

Com isto se recolheo ElRey mais leve, e o Capitaõ se foy aposentar na fortaleza, e porq̃ o lugar era estreito, quiz mandar fazer humas casas na praya, cuja obra ElRey tomou à sua conta, e andou em pessoa nella com sua mulher, e duas filhas, e suas creadas, que acarretavaõ os materiaes, e Gabriel Rabello, em que jà faley, que se achou presente, me disse „ que elle fora alli visitar a Rai„ nha, e reprehendella de andar alli cõ „ as filhas, e que lhe respondera que an„ dava assim, porq̃ se se prẽdesse ElRey „ seu marido, como diziaõ, hirse meter „ com elle na prizaõ, pera nella o servir „ com suas filhas, e como naõ faltaõ mexedores, parece que alguns que queriaõ ganhar terra com ElRey, o avizàraõ al-

gumas vezes que o haviaõ de prender, ao que sempre respondeo „ que hiria a „ Goa comer bom paõ, e beber muito „ bom vinho, porque elle que naõ sabia „ viver nos matos: receando os vassallos isto por duas vezes despejàraõ a povoaçaõ, e se acolhèraõ aos Gumos. ElRey com muita ira os mandou tornar, e os queria castigar por fazerem novidades, e pozlhe pennas de fazendas perdidas, se mais se afastassem da Cidade, nem fizessem aquellas demonstraçoens, de que elle se havia por descontente.

Depois de o Capitaõ mòr prover em algumas cousas, ordenou de tornar contra os Castelhanos, pera o que se fez prestes, e despedio diante hum Antonio Rombo de sua obrigaçaõ, em duas Corocoras, pera hir a Bebu a visitar o Miguel Lopes de Lagos, e à volta disso se inteirar do poder que tinha, e se lhe viera da nova Hespanha mais soccorro, e se tinha descuberto o caminho da volta pera lá. Porèm como este homem era mais rombo do engenho, nem soube apalpar as cousas, como convinha, nem perguntar com a dissimulaçaõ devida por algumas, antes em vez de aproveitar prejudicou, porque inconsideradamente mostrou aos Pilotos Castelhanos huma carta de marear, que elles estimàraõ muito, porque por elle alcançàraõ o caminho da China, e Japaõ, e de todo aquelle Archipelago, cousa que elles naõ sabiaõ; e compràraõ por muito, o que tudo lhe o Rombo deu por taõ pouco, como foy o de sua ignorancia; e por aqui se verà quanto desvia buscarem os Visoreys, e Capitaens homens seus validos, e sem as partes que convem pera tratar os negocios a q̃ os mandaõ, só a fim de os honrarem, e elles ficaõ os deshonrados, e o Rey desacreditado. Em fim este homem negociou taõ rombamente tudo, que se tornou pera Maluco, e naõ informou a Gonçalo Pereira, do que foy buscar, nem de nada, e assim se partio este Fidalgo sem informaçaõ nenhuma outra vez pera Cebu, e como jà era tarde tornou a arribar a Bachaõ.

Tinha Gonçalo Pereira Marramaque escrito a D. Leoniz Pereira do succesſo de Cebu, e como compria ao serviço de ElRey tornar là, pera o que pedio ajuda de soccorro pera aquella jornada; e como D. Leoniz ficou desta vitoria q̃ teve com a maõ folgada, negociou logo com muita pressa os provimẽtos, e munições que havia de mandar, e porque em Malaca estava Simaõ de Mendoça q̃ tinha vindo de fazer a viagem de Japaõ do Governador Joaõ de Mendoça, do que tinha com a fortaleza de Malaca, e viera rico, lhe pedio „ quizesse hir àquelle soc- „ corro, por ser muito serviço de ElRey, e se começou a fazer prestes, e o Capitaõ a ajuntar gente, e ainda achou duzentos, e cincoenta soldados que embarcou no galeaõ de Simaõ de Mendoça, e hũ junco de que foy por Capitaõ Gonçalo de Sousa, e do Fustarraõ Pãtaleaõ de Freitas, e o Simaõ de Mendoça deu de sua casa, a setenta ou oitenta soldados q̃ levàra no galeaõ a vinte, e a trinta pardaos a cada hũ, e embarcados os provimentos levou Simaõ de Mendoça comsigo hum Frãcisco Garcez, Feitor de D. Diogo de Menezes, e hum filho seu, e seguindo sua derrota foraõ ter a Ternate, onde souberaõ q̃ o Capitaõ mòr estava em Bachaõ pera onde logo foraõ, e o Capitaõ mòr estimou muito o soccorro, e como foy tempo de partirem pera Amboino deu à vela pera là, por ser avisado estarem là seiscẽtos Jàos muy determinados, e estavaõ com fortes na praya, pera defender a desembarcaçaõ ao Capitaõ mòr, os quaes Jàos tinhaõ trazido o Governador daquellas Ilhas, q̃ se chamava o Girino, que com os naturaes defendiaõ a praya, e q̃ os Jàos cometessem o Capitaõ mòr pela parte por onde desembarcasse, e assim os naturaes tinhaõ ordenado tres emboscadas, a q̃ elles chamaõ garros, da copia de dous mil homens, que todos esperavaõ por momentos pelo Capitaõ mòr. Gonçalo Pereira com toda a Armada junta, foy surgir ao Boino, e no mesmo dia se foy pera elle hum Amboino que era cabeça daquelles lugares, e avizou a Gonçalo Pereira de muitas cousas

ſas muito importantes, e do cõmodo de como os Jàos eſtavaõ fortificados, e das emboſcadas que lhe tinhaõ armado. Gonçalo Pereira honrou eſte homem, e o acolheo pera ſi, e com ſua ordem, e conſelho ordenou o deſembarcar, que foy por eſta maneira. A dianteira deu a Manoel de Brito com cem homens, a Simaõ de Mendoça com a gente de ſeu galeaõ, e nomeou o Capitaõ mòr com a bandeira de Chriſto, e D. Duarte de Menezes na retaguarda com outros cem homens. Manoel de Brito levava ordem pera cometer as tranqueiras, e Simaõ de Mendoça, e o Capitaõ mór, e D. Duarte pera em tres baloens cometer os emboſcados, que eſtavaõ deſcuidados do Capitaõ mór ſaber o modo de como os eſperava. Manoel de Brito com o ſeu eſquadraõ remeteo as tranqueiras dos Jàos com muito valor, e determinaçaõ, e trabalhou por os entrar, mas os Jàos que eſtavaõ amoucos ſe defenderaõ taõ valeroſamente, que da primeira pancada lhe matàraõ ſete, ou outo homens, e feriraõ muitos; todavia os noſſos apertàraõ tanto com elles que cavalgàraõ as tranqueiras, e deſcidos abaixo, deraõ em outra tranqueira pera a parte aonde havia dous portos, eſpaço hum do outro, com hum terreiro entre elles, no qual Manoel de Brito foy rebatido muitas vezes, e o tiveraõ encoſtado às tranqueiras, que o vi perdido.

Eſtando neſte conflicto rebentàraõ os das ſilladas, que cometeraõ Simaõ de Mendoça, e o Capitaõ mòr a quem cercàraõ, porque determinàraõ havello ás mãos, porque tinhaõ ordem de ElRey de Ternate, que aſſim o fizeſſem. Eſte acometimento foy com tanta determinaçaõ que eſtiveraõ os noſſos perdidos de todo, e o Capitaõ mòr ſe vio em tal eſtado, que pelejou mais por ſalvar a vida, q̃ por alcançar vitoria, como fez Ceſar em Heſpanha na batalha que teve com os filhos de Pompeo; e aſſim foy animando os ſeus, que a poder de muitas feridas romperaõ os imigos como ſempre; Simaõ de Mendoça na dianteira pelejando com os de huma cillada, porque a outra cometeo o Capitaõ mòr; e a terceira a D. Duarte de Menezes, que todos fizeraõ muito altas cavallarias; e a Simaõ de Mendoça feriraõ trinta homens, e matàraõ cinco, ou ſeis, em que entrou Antonio de Payva. Eſte aſſalto que os imigos deraõ nos noſſos, foy á deſembarcaçaõ, e os noſſos depois que os apertàraõ, os foraõ levando atè as tranqueiras, ficandolhe ao redor de oitenta mortos, e mais de cem feridos.

Simaõ de Mendoça q̃ hia na vanguarda, chegou ás trãqueiras ao meſmo tempo em q̃ Manoel de Brito eſtava encurralado, e quaſi perdido entre as portas, as quaes cometeo com muita determinaçaõ, e Belchior Correa, que ha pouco faleceo em Goa, que levava a bandeira de Simaõ de Mendoça, entrou primeiro com ella pela porta, appellidando Santiago, e ajuntando-ſe Simaõ de Mendoça, e Manoel de Brito deraõ jà com mais folego nos imigos, e os levàraõ atè os meterem pelos matos, por onde a noſſa eſpingardaria lhe foy matando algũs.

Gonçalo Pereira quando chegou às tranqueiras, achou tudo concluido, e foy entrando a povoaçaõ, onde alguns ſe acolheraõ; e porque vio entrarem os ſeus deſmandados a roubar as caſas onde os Jàos tinhaõ muito cravo, mandou pôr fogo a tudo, que ardeo com muita braveza, e as chãmas foraõ os que lançàraõ os noſſos pera fóra quaſi chamuſcados, porque a cubiça do ſaque lhes fazia naõ ſentirem as labaredas, e da meſma maneira mandou o Capitaõ mòr pôr fogo aos juncos dos Jàos, que eſtavaõ varados, que foy huma medonha couſa ver ſuas chãmas.

Feito iſto ſe embarcou o Capitaõ mòr, e eſteve no mar tres, ou quatro dias curando os feridos, nos quaes foy aviſado, que os Jàos que eſcapàraõ, eſtavaõ acolhidos às ſerras, aonde aſſentou hillos buſcar, pera o que ſe fez preſtes deixando boa guarda na Armada. Deſembarcou com toda a gente, e mandou levar muita agua, e muitos manti-

Anno 1567.

mentos, porque havia de gaſtar alguns dias, e pondo a gente em ordem, foraõ marchando pera as ſerras, e logo ſe puzeraõ em cima de huma dellas, em que naõ eſtavaõ os Jàos, porque eraõ duas ſerras, pegada huma a outra, e tomadas por huma banda parecia huma ſó, e eſtavaõ taõ juntas, que ſe ouvia a gente de huma a outra.

O Capitaõ mòr mandou D. Duarte, que com a ſua companhia foſſe buſcar a ſervintia da outra ſerra, e hindo em ſua demanda encontràraõ huns poucos de ſervidores, que deſcèraõ abaixo a buſcar mantimentos, e hindo os noſſos ſeguindo-os, elles meſmos lhes foraõ moſtrando o caminho, e poſtos em cima, começàraõ os Jàos a bràdar por pazes, e como ſe ouviaõ, e viaõ, mandou Gonçalo Pereira capear com huma bandeira branca, e dizerlhe de cà alto „ que ſe „ vieſſem a elle que lhes concederia as „ pazes, e lhes ſegurava as vidas, com o que elles foraõ trazidos por D. Duarte, e o Capitaõ mór lhes tomou as armas, e lhes concedeo que ſe foſſem livremente pera ſuas terras, como elles logo fizeraõ em hũa champana, que alli houveraõ.

Acabados de reduſir à obediencia alguns levantados, e quietar muitas couſas, fez-ſe preſtes o Capitaõ mòr pera voltar pera Maluco, e tornar a demandar os Caſtelhanos, pera o que deſpedio Balthazar Correa com recado, na galeota de Simaõ de Mello aos Reys de Bachaõ, e Tidore, a pedirlhes „ eſtiveſſem „ preſtes pera o acompanharem naquel- „ la jornada, pois eraõ amigos do Eſta- „ do; ao que elles defiriraõ logo, porq̃ preparàraõ ſuas Armadas, pera tanto que o Capitaõ mòr chegaſſe, o ſeguirem, o qual naõ tardou mais que vinte dias depois de deſpedir Balthazar Correa, deixando Sancho de Vaſconcellos por Capitaõ do mar. Chegando o Capitaõ mòr a Ternate cõ a ſua Armada, ſe começou a negociar pera a jornada dos Caſtelhanos, achando jà os Reys de Tidore, e Bachaõ preſtes, e pedio ao Rey de Ternate ſeu filho pera hir com elle, o qual lhe elle concedeo, e lhe armou quinze Corocoras, e tudo preſtes, deu o Capitaõ a vela com toda eſta Armada, que era fantaſtica, porque naõ levava mais de trezentos homens, e ſeguindo ſua derrota, logo aos primeiros dias ſe deſviou o Bafu, filho de ElRey de Ternate, e foy-ſe na volta de Malaca a roubar, porque todos eſtes Malucos ſaõ grandes ladroens, mas naõ lhe ſuccedeo bem na viagem, porque por là lhe matàraõ mais de trezentos homens com o que lhe foy forçado recolherſe outra vez a Ternate.

O Capitaõ mòr foy ſeguindo ſua jornada com monçaõ tendente, e em breves dias foy ſurgir com toda a Armada na Bahia de Befu, onde os Caſtelhanos tinhaõ hum arrezoado forte, em fórma triangular, muy bem ordenado com muito boa artelharia. Ao tempo q̃ Gonçalo Pereira chegou alli, tinha o Biſcainho cem ſoldados, porq̃ os mais andavaõ eſpalhados pela terra, e ſe o Capitaõ mòr cometera logo o forte, ſem duvida o ganhàra, e houvera às mãos o Capitaõ, o qual vendo-ſe perdido, e ſem remedio valeo-ſe de ſeu artificio, e mãdou viſitar o Capitaõ mòr, e fazerlhe muitos offerecimentos, e ſe lhe offerecer pera tudo o que quizeſſe „ porque „ todos eraõ huns, e vaſſallos de dous „ Reys tantas vezes primos, cunhados, „ ſogros, e genros, e com eſtes recados foy-o entretendo.

Gonçalo Pereira que era bom Fidalgo cuidou que o Biſcainho tinha o coraçaõ taõ limpo, e ſingelo como o ſeu, dandolhe a entender que faria quando quizeſſe alguns banquetes, e mandandolhe muitos mimos, e preſentes, e deſtas demonſtraçoens tantas, q̃ houve Gonçalo Pereira que tinha o negocio concluido, e que o Biſcainho ſe lhe entregaria com toda a Armada, e em quanto duràraõ viſitaçoens, ſe foy ajuntando a gente que andava eſpalhada, e tanto que o Biſcainho ſe vio com poder, fezſe noutro bordo, e começou a galantear, e a mudar o propoſito. O que viſto por Gonçalo Pereira achou-ſe enganado, e arrependido a tempo q̃ jà lhe naõ aproveitava,

veitava, e querendo tomar concluzaõ no negocio, lhe mandou hum requerimento por eſcrito, o qual lhe foy notificar o Ouvidor da Armada, cuja ſubſtancia era „ que aquellas Ilhas, e as de „ Maluco eraõ da conquiſta, e demar„ caçaõ de ElRey de Portugal, e que „ ſe fizeſſe preſtes com todos os ſeus „ pera ſe embarcarem na ſua Armada „ pera a India, e que là lhe dariaõ em„ barcaçoens pera paſſarem ao Reino, „ e que naõ o querendo fazer, faria elle „ Capitaõ mòr o que foſſe ſerviço do „ ſeu Rey.

O Biſcainho lhe mandou dizer „ que „ eſtava enganado com elle, que naõ ha„ via de largar aquellas Ilhas q̃ eraõ de „ ElRey de Caſtella, ſe naõ depois que „ largaſſe a vida, mas como vaſſallo que „ era de hum Rey taõ conjunto em pa„ renteſco cõ o ſeu, lhe daria duzentos „ Heſpanhoes pera o ajudarem nas cou„ ſas das Ilhas de Amboino, pera onde „ viera, com tanto que lhes havia de dar „ embarcaçoens pera hirem ſeparados „ dos Portuguezes, por eſcuzarem deſ„ avenças, pela antiga emulaçaõ, que „ eſtas naçoens tem huns com os outros.

O Capitaõ mòr, vendo o deſengano, e entendendo, que debaixo daquelle comprimento vinha a malicia encuberta, que era tratar de ſe levantar com as embarcaçoens que lhe dèſſe, e com ellas dar nos noſſos, e desbaratallos, e ainda fazerſe Senhor de todas as Ilhas de Maluco, cahio nos erros que tinha feito em ſe enganar dos primeiros afagos, e comprimentos do Biſcainho: couſa muy eſtranha nos Capitaens q̃ devem de imaginar ſempre malicia, e engano no peito do imigo, e vencer mais com cautelas que com armas, ſofreo ſua màgoa, e começou de tratar do que convinha.

Eſtando aſſim as couſas em diſſimulaçaõ de ambas as partes ſuccedeo fugirem alguns Heſpanhoes pera a noſſa Armada, pelo que receando-ſe o Biſcainho que ſe lhe foſſem poucos, e poucos, quilos atemorizar com mandar lançar pregoens, que tanto que ſe achaſſem dous Heſpanhoes apartados falando, logo lhe dèſſem garrote, e aſſim ſe executou iſto em alguns ſem piedade alguma.

O Meſtre de Campo que tambem era Biſcainho, e mal inclinado, determinou de armar aos noſſos por eſta maneira. Os Caſtelhanos que ſe queriaõ paſſar pera a Armada, hiaõ diſſimuladamente pela praya, atè ſe meterem em hum arvoredo, donde capeavaõ com huma toalha, pera que os foſſem tomar, como hiaõ os noſſos nos bateis dos galeões, e iſto ſoube o Meſtre de Campo, e quiz armar aos noſſos com a meſma negaça, e mandou meter cem eſcopeteiros entre aquelle arvoredo, donde os outros faziaõ o final, e mandou a hum que foſſe capear, pera o hirem tomar, e em o vendo da Armada, arrancou de hum galeaõ hum batel, e chegando à praya, foraõ ſalteados dos emboſcados, e com arcabuzaria matàraõ dous homens do mar Portuguezes, e alguns marinheiros Arabios. Os que eſtavaõ no batel afaſtaraõſe, e ſe recolheraõ pera a Armada, e naõ ſe contentando o Biſcainho com iſto quiz ſegundar, e pera lhe ficar tudo favoravel, ſuccedeo dahi a poucos dias hir o batel do galeaõ de D. Duarte de Menezes a fazer aguada, e a lavarem os marinheiros roupa em huma parte deſviada, e como os Heſpanhoes ſaõ mais vigilantes que nòs, deu o Meſtre de Campo ſobre elles, e matou a todos, e tomou o batel, e lhe mandou pôr o fogo à viſta da Armada: iſto ſentio Gonçalo Pereira em extremo, pela perda da gente, e marinheiros. Succedeo dahi a poucos dias hirem humas fragatas dos Caſtelhanos da Ilha de Parei pera outra, e dando as noſſas fuſtas nelles, os tomàraõ, e os Caſtelhanos foraõ levados vivos ao Capitaõ mòr.

A noſſa gente hia adoecendo da doença que chamaõ berebere, que he inchaçaõ da barriga, e pernas, de que em poucos dias morrem, como morreraõ muitos, e chegou dia de dez, e doze; o que viſto pelo Capitaõ aſſentou de ſe

hir, mas quiz bater o forte primeiro como fez, mas ſuccedeolhe mal, porque mais dano recebèraõ os noſſos galeoens da ſua artelharia, do que elles recebèraõ. E vendo o Capitaõ mòr o pouco que fizera naquella jornada, envergonhado, e arrependido ſe fez à vela pera Maluco com trezentos Portuguezes menos dos que levou, e ſegundo me contàraõ alguns homens bem praticos niſto, que ſe achàraõ com Gonçalo Pereira em todas eſtas jornadas, todas as tres vezes que foy contra os Caſtelhanos, errou o alvo, porque ſe entendeo que houvera de mandar fazer aquelles requerimentos por hum official, que foſſe em duas, ou tres Corocoras, e a peſſoa que a iſſo havia de hir, devia de ſer mais agudo que o Rombo, que ſoubeſſe notar o modo de como os Heſpanhoes eſtavaõ, e quantos eraõ, e ſe lhe tinha vindo ſoccorro, e tendo-o já, diſſimular com o negocio, e ſabendo que eſtava em eſtado de o poder cometer, hir là em peſſoa, e poderia ſer que com a viſta daquella Armada ſe moveſſem os ſeus a aconſelharem ao Biſcainho a entrar em algum bom partido, mas ſempre fora melhor paſſar là, mas naõ arriſcar a honra, a vida, e ainda a alma, porq pera aquella jornada tomou muita fazenda a partes, que ſempre pediraõ juſtiça a Deos, que pòde ſer que os ouviſſe, porque toda aquella Armada ſe acabou ſem fazer fruto, e o Capitaõ mòr faleceo miſeravelmente, ficando devendo às partes mais de ſeſſenta mil cruzados que nunca ſe lhes pagàraõ.

Bem folgou ElRey de Ternate de ver o Capitaõ mòr taõ inhabilitado como veyo daquella jornada, porque ſe receava delle, e todavia naõ deixou de o hir viſitar algumas vezes, e o Capitaõ mòr naõ eſtava com o penſamento fóra de o prender, o que nunca pode fazer com ſegurança, e com eſta diſſimulaçaõ ſe começou a fazer preſtes pera tornar pera Amboino, e pedio àquelle Rey ajuda de gente, e Corocoras, o qual naõ ſó lhe prometteo, mas offereceo-ſe-lhe a fazer huma fortaleza na Ilha de Ito, de pedra, e cal à ſua cuſta, com condiçaõ „ que lhe haviaõ de ficar as „ Ilhas Varenullos, Lacide, e Cobelo „ que ſempre foraõ ſuas, e tinha dellas „ Proviſaõ de ElRey de Portugal, e com iſto diſſimulou o Capitaõ mòr; e andando-ſe negociando pera eſta jornada determinou de prender ElRey, e foylhe forçado communicar aquelle negocio com alguns caſados antigos que lhe louvàraõ aquelle propoſito. E como o Capitaõ mòr determinava prender ElRey, e os filhos juntos, ordenou de lhe dar hum banquete antes de ſe partir, no qual ſe faria aquella execuçaõ, e encontrando-ſe com ElRey hum dia, lhe diſſe „ que dezejava de antes que ſe em- „ barcaſſe, feſtejar ſua hida com hum „ regozijo de laranjadas no mar em Co- „ rocoras, e que dalli hiriaõ merendar; o que lhe ElRey louvou, e agradeceo, e ao dia aprazado pera a feſta eſtando o Capitaõ mór eſperando por ElRey, ſe lhe mandou deſculpar, que ſe achàra aquella noite muy maltratado, que lhe perdoaſſe, ao que elle lhe mandou dizer „ que lhe pezava muito, e que pois „ naõ podia hir, e a feſta eſtava aparelha- „ da, mandaſſe ſeus filhos em ſeu nome, e entendendo ElRey a tençaõ do Capitaõ mór, porque de Coſſairo a Coſſairo naõ ſe perdem mais que os barriz (como là dizem) lhe mandou dizer „ que „ todos eraõ fóra deſde o dia atraz, com o que o Capitaõ mór ficou atalhado, e triſte, porque entendeo que ElRey o entendia, mas foylhe neceſſario diſſimular, e lhe mandou pedir o ſoccorro porque ſe queria partir. E já ElRey de Bachaõ era chegado com ſuas Corocoras pera o acompanhar, ao que lhe tornou a mandar dizer „ que lhe da- „ ria o ſoccorro que lhe promettera, „ com tanto que lhe havia de deixar „ aquellas tres Ilhas que lhe pedira. Enfadado o Capitaõ mór, lhe mandou dizer „ que aquellas haviaõ de ſer as pri- „ meitas que ſogigaſſe pera a Coroa de „ Portugal, e aſſim ficàraõ de todo deſ-

avindos,

avindos, e o Capitaõ mór se fez à vela pera Amboino, acompanhado de El-Rey de Tidore, e do de Bachaõ, que era Christaõ.

E porque naõ dey atègora razaõ desta Ilha de Amboino, e da perseguiçaõ desta Christandade, o farey agora aqui, porque de proposito o guardey pera este lugar; e posto que na minha quarta Decada, jà tenho dado relaçaõ de todos estes Archipelagos, o farey agora desta Ilha de Amboino, ou de Ito, que he o seu verdadeiro nome, e chama-se assim, porque o principal lugar della, se chama Ito, mas o nome mais ordinario he Amboino. Esta Ilha he a mayor das de todo aquelle Archipelago: dalli atè Maluco: terà trinta leguas em circuito, he toda chea de muito fresco arvoredo, e retalhada dos mais fermosos, e serenos ribeiros que ha no mundo; o mayor pègo delles, darà pelos peitos a hum homem, e correntes brandas, suaves, e graciosas, por debaixo daquelles arvoredos, que naõ ha mais que ver, nem que dezejar; todo o mato he de arvores de frutas excellentes, e muito gostozas, de doriaes, os melhores do mundo, e ambas fermosissimas, de grandes, e saborozas; infinidade de frutas de espinho, atè cravo, noz, maça, muito sagu, que he o mantimento ordinario como a nossa farinha de trigo, muy sádio, e que farta, e naõ enfastia; tem arroz, e toda a sorte de legumes, gallinhas, porcos do mato; muito peixe excellente de muitas sortes. De maneira que he abastadissima de todas as cousas destas, he povoada de duas castas de gentes, Mouros a que chamaõ Ulilimas que saõ os naturaes; e Gentios a que chamaõ Ulisivas, e sempre entre elles ha brigas, e differenças. Os Ulisivas possuem quatro lugares, Rosetelo, Atine, Tavire, e Bagocha, que todos ficaõ na contracosta da Ilha em huma grande enseada que alli faz, que se chama a Cova, por ser muito penetrante, os outros tres lugares possuem os Ulilimas. Os Itos foraõ os primeiros q̃ recolhèraõ os Portuguezes naquellas Ilhas, e que lhes deraõ vassallagem; pela amisade que os nossos achàraõ nelles, puzeraõ em sua povoaçaõ hum padraõ de pedra com as Armas Reaes, como os navios que vinhaõ de Maluco, lhe era necessario invernarem em Amboino, atè a monçaõ que era tres mezes, e em toda a praya de Ito naõ havia surgidouro, e acolheita segura pera os galeoens, por ser toda a costa brava, querendo os Itos mostrarlhe o amor que lhe tinhaõ, e juntamente com isso pelos proveitos que lhe vinhaõ daquella invernada, porque lhe compravaõ muito bem seus mantimentos, e fazendas, lhe mostràraõ hum porto da outra banda, chamado a Cova, muito seguro de todos os ventos, por ser huma enseada muito penetrante, como dizermos o circulo que fazem os dous dedos da nossa maõ, o grande, e o demonstrador, e dentro se encostaõ os galeoens tanto à terra, que estaõ com pranchas nella taõ seguros, como em huma casa, e caberaõ dentro dez galeoens juntos.

Nesta enseada tinhaõ os Itos Mouros, alguns lugares, dos quaes fizeraõ os Itos doaçaõ aos Portuguezes q̃ alli foraõ, pera o serviço, e meneyo dos galeoẽs, e assim se lhe afeiçoàraõ, q̃ vieraõ à tomar nossa santa Fé, e quando alli foy ter o Padre Mestre Francisco Xavier, proseguio naquella boa obra, e fez huma grande quantidade de Christãos, e naõ só naquellas Ilhas, mas ainda nas de Maluco, morou aquelle fervor de serem Christãos: levantàraõ a bolada aos Itos, e naõ os quizeraõ mais reconhecer por superiores como dantes. Pelo grande favor, e amisade que os nossos achàraõ naquelles moradores, se vieraõ muitos a casar com suas filhas, e multiplicarem em geraçaõ, vivendo com muita quietaçaõ, e amor.

Estando assim, succedeo virem à praya de Ito duas Corocoras de Ceiroens, que saõ moradores de huma Ilha chamada assim, os quaes deraõ alguns assaltos aos Itos, em que matàraõ alguns, e fize-

fizeraõ alguns roubos, e todavia tornando os Itos sobre si, deraõ nelles, e tomàraõ todos, e lhe tomàraõ as Corocoras; o q̃ sabido na sua Ilha fizeraõ huma grande Armada de Corocoras tamanhas como galez, pera se hirem satisfazer dos Itos, que logo foraõ avisados, e como sabiaõ que os Ceiroens comiaõ carne humana, querendo se tambem preparar pera os esperar, mandàraõ pedir soccorro ao Capitaõ de Maluco, que entaõ era Antonio de Brito, o segundo q̃ foy daquella fortaleza, quasi nos annos de vinte e seis, o qual lhe mandou em huma Corocora vinte Portuguezes, os quaes em Ito foraõ bem recebidos, e logo ordenàraõ huma Armada em que foraõ buscar os Ceiroens com os naturaes. Andando os Ceiroens já fóra, e entrando-se huns com outros, souberaõ os Ceiroens que alli vinhaõ Portuguezes, que entaõ eraõ taõ temidos como hoje vituperados; mandàraõ pedir pazes aos Itos que lhes elles concedèraõ, mas os nossos naõ quizeraõ vir nisso, sem lhe darem dous mil Caxos de ouro; em fim vieraõ os Ceiroens a lhe conceder mil Caxos, que tudo seriaõ quinhentos pardaos; com o que os Ceiroens se recolheraõ, depois de contribuirem com o dinheiro, e em quanto os nossos se naõ tornàraõ pera Maluco, aquelles lugares os sustentavaõ, e lhe levavaõ todo o necessario, e os banqueteavaõ a seu modo. E estando aquelles Portuguezes pera se partirem pera Maluco, lhes deraõ os Itos hum banquete, em que se achàraõ ao redor de trezentas pessoas dos principaes, em que entravaõ Ginulio, Caracore, e Babachar, e estando na força do banquete, foraõ velo todas as mulheres, e filhos dos que se achavaõ presentes, e entre todas era a mais fermosa, e galharda huma filha de Ginulio, e parece que hum daquelles Portuguezes que havia de ser gente baixa, e devia de ter bebido mais do necessario, vendo chegar a moça, levantou-se da mesa, e foy-se a ella, e começou de a abraçar; o pay muito quieto lhe disse q̃ se assentasse, que aquella moça tinha alli pay, e parentes, e o mesmo lhe disseraõ todos, e naõ dando o pobre homem por nada, tornou a pegar della de mà feiçaõ, a que o pay acodio, e lhe disse que se aquietasse, e se fosse assentar, ao que elle sem consideraçaõ levantou a maõ, e lhe deu huma grande bofetada.

O que visto pelos Itos levantàraõ-se pera o matarem, e a todos os Portuguezes, ao que Ginulio acodio, e os aquietou dizendo „ que a culpa de hum só „ naõ era justo a pagassem todos, e logo negociàraõ huma Corocora em q̃ mandàraõ embarcar todos os Portuguezes, e que se fossem pera Maluco, e escrevèraõ ao Capitaõ „ que alli lhe mandavaõ „ aquelles homens, porque lhos man„ dàra de soccorro, que dalli por dian„ te tivessem os Portuguezes aos Itos „ por imigos capitaes, e que negavaõ a „ vassallagem a ElRey de Portugal, em „ final do que mandàraõ logo à vista „ dos Portuguezes derrubar o padraõ „ das Armas Reaes, e fazello em peda„ ços, e que os avizava que nenhum „ Portuguez aportasse naquellas Ilhas, „ porq̃ todos haviaõ de matar, e mandàraõ logo offerecer vassalagem à Rainha de Japarà, pera que lhe dèsse sempre favor contra os nossos, e assim dalli em diante lhes começàraõ a fazer crueliss̃ima guerra, e naõ ficou aos nossos galeoens que ao depois alli foraõ ter, outro refugio, que o favor dos Atines, e Tavires, e ainda esse trabalhàraõ por lho tirar, porque lhes mandàraõ notificar muitas vezes „ que os naõ proves„ sem, nem os agasalhassem, se naõ que „ os destruiriaõ, ao que lhes mandàraõ responder „ que elles eraõ Christãos, e „ muito amigos dos Portuguezes, que „ os haviaõ de sustentar, e prover atè „ perderem as vidas.

Esta reposta sentiraõ os Itos tanto, que logo se preparàraõ pera hirem sobre elles, porque lhe tinha chegado hum grande soccorro de Jàos, e ajuntando hum grande exercito, foraõ caminhando por terra, e em muito silencio deraõ

raõ ſobre os dous lugares, e os abrazàraõ, matàraõ, e cativàraõ muita gente, e quiz Deos que dous Padres da Companhia, que alli eſtavaõ ſuſtentando aquella Chriſtandade, com alguns Portuguezes que alli ficàraõ de dous galeoens de Maluco, que alli invernàraõ, tiveraõ tempo de ſe ſalvarem do meyo daquellas lavaredas com alguns Atines, que os ſeguiraõ, e ſe embarcàraõ em duas Corocoras, em que ſe paſſáraõ pera as Ilhas do Alicer que eraõ dalli doze leguas, onde ha muitos lugares todos Chriſtãos que agaſalhàraõ os Padres, e a todos com muita caridade, e os proveraõ ſempre de todo o neceſſario, e naõ ſe contentando o Itos com a deſtruiçaõ que fizeraõ, ajuntàraõ ſua Armada, e foraõ correr os lugares que eſtavaõ à obediencia de Portugal, e os ſogeitàraõ à ſua, e aos que naõ quizeraõ fizeraõ cruel guerra, cativando, e matando a todos os que achàraõ. Entre os cativos foy hum Regulo de Cleate Chriſtaõ, o qual porque naõ quiz retroceder, nem renegar, foy amarrado a hum eſteyo, e alli lhe foraõ cortando a carne pouco, a pouco, e a hiaõ aſſando em brazeiros, comendo a diante delle, e ainda lha metiaõ na boca, e faziaõ maſtigar „ perguntandolhe ſe lhe ſabia bem, ao que „ reſpondeo que muito bem pois era ſua „ carne, e aſſim eſteve eſte Martyr de Chriſto com o coraçaõ ſempre nelle muito firme, e conſtante em meyo daquelles novos tormentos, e antes que eſpiraſſe, parece inſpirou Deos nelle, porque quiz que viſſem quaõ aceito lhe fora aquelle martyrio, e diſſe aos que o martyrizàraõ eſtas palavras: „ Jà que „ me martyrizais por naõ querer renegar „ a Fé de Chriſto, e comeis minha carne, tomay hum pedaço della, em q̃ naõ „ entre oſſo, e meteya em huma cova, „ e dahi a vinte e quatro horas tornay-a „ a ver, e ſe achares a carne desfeita em „ oleo, ſabey que a Ley de Chriſto em „ que morro, he boa, e que ha Deos de „ permittir que os Portuguezes vinguem ainda eſta crueza, que comigo „ uſaſtes, e com iſto eſpirou. Os algozes crueis depois delle acabar, fizeraõ o que elle diſſe, e hindo ao outro dia depois das vinte e quatro horas paſſadas, achàraõ a panella chea de oleo ſuaviſſimo, de que todos ficàraõ eſpantados. Iſto me affirmàraõ alguns Portuguezes que ſe achàraõ alli, e o certificàraõ Embaixadores Chriſtãos, que vieraõ ao Viſorey do Mantaõ, e o achey eſcrito de maõ em hum Tratado daquellas Ilhas feito por hum curioſo que a ellas foy com Gonçalo Pereira Marramaque; e eſtes milagres, e outros muitos obrou Deos noſſo Senhor por aquellas partes, que ficàraõ em eſquecimento por falta de eſcritores, o qual eu tambem ſenti muito neſte tempo, porque naõ achey memoriaes, e ſó me vali de informaçoens de homens que ſe achàraõ nas couſas que eſcrevo, que eu tenho por verdadeiras, porque conferiraõ com outras que eu tinha, e nunca achey encontrarem-ſe huns com os outros.

Chegado o Capitaõ mòr a Amboino, logo os Itos ſe fortificàraõ, e convocàraõ, ajudados da Rainha de Japarà que jà os tinha debaixo de ſua protecçaõ. O Capitaõ primeiro que lhes fizeſſe guerra os mandou convidar com a paz, e com promeſſas de muitas mercès, e amiſades muito avantejadas das que atè entaõ tiveraõ, mas elles como eſtavaõ ſoberbos, reſpondèraõ que nenhuma amiſade queriaõ com os Portuguezes, mas que lhe mandavaõ dizer „ que ſempre „ elles teriaõ os Itos por imigos mortaes, e que haviaõ todos de morrer „ por ſuſtentarem ſua liberdade.

Vendo o Capitaõ mòr aquelle deſengano, deixou os galeoens na Cova, e embarcou-ſe na ſuſta com toda a ſoldadeſca, hindo em ſua companhia os Reys de Tidore, e Bachaõ, e com toda eſta frota chegou à praya dos Itos hum dia pela manhãa, e os achou em ſuas tranqueiras muy fortificados, e ſoberbos. Aquella noite gaſtou o Capitaõ mòr em ordenar o que lhe era neceſſario pera cometer os imigos, dando, e repartindo,

do, o que os Capitaens haviaõ de ter por eſta maneira. D. Duarte de Menezes na dianteira com Ayres Gomes de Brito, e Sancho de Vaſconcellos com a melhor gente da Armada, e no corpo da batalha Joaõ Rodrigues de Bèja com huma Companhia de ſoldados, e Gonçalo Pereira Marramaque havia de levar a retaguarda com trezentos ſoldados, e em ſua companhia os Reys que jà diſſe, e ao outro dia ordenando ſuas couſas, cometèraõ os da dianteira as tranqueiras com grande determinaçaõ, a que os Itos ſe oppuzeraõ valeroſamente, ſuccedendo aqui couſas grandes ſobre a entrada, e defenſaõ que eu naõ particulariſo.

Os Itos vendo eſtar os noſſos embebidos nas tranqueiras, deſpediraõ hum Capitaõ Jào com trezentos eſcolhidos, pera que foſſem pelos matos dar ſobre o Capitaõ mòr que vinha na retaguarda, aſſim por naõ ajudar os mais que cometèraõ as tranqueiras, como por vèrem ſe o tomavaõ deſcuidado, porque podiaõ fazer algum bom feito, e hindo o Capitaõ mòr bem deſcuidado de tal ſobreſalto, deraõ os Itos por detraz nelle taõ ſubitamente que ſe vio embaraçado, e os Reys de Tidore, e Bachaõ o largàraõ logo, e ſe acolhèraõ à praya onde tinhaõ a Armada. Os Itos com aquelle impeto foraõ entrando pelos noſſos, derrubando alguns, e chegou a couſa a darem duas cutilladas na bandeira de Chriſto. O Capitaõ mór vio alguma deſordem nos ſeus, e appellidando Santiago ſe poz diante de todos com huma eſpada, e rodella, e fez tantas cavallarias que com os que o ſeguiraõ rompeo os Jàos, e lhes foy derrubando muitos, e entre elles foy o ſeu Capitaõ mòr chamado Patalima, que quer dizer ſenhor de cinco lugares, e os que eſcapàraõ ſe acolhèraõ às ſerras, ficando os noſſos ſenhores dellas, e da povoaçaõ, onde achàraõ grãde deſpojo. Ayres Gomes de Brito ficou com huma lançada por huma coxa de que eſteve mal; perdèraõ ſó cinco Portuguezes, e ficàraõ dez feridos.

Vendo Gonçalo Pereira concluidas as couſas dos Itos que eraõ principaes, determinou de acodir às couſas de Amboino, e concertar os lugares dos Chriſtãos, que todos com as guerras eſtavaõ quaſi deſertos, e a mòr parte dos moradores auſentes. E como os Itos ſempre foraõ Senhores de todas aquellas Ilhas, e eraõ Mouros que nunca foraõ amigos de Chriſtãos, ſe naõ por grande neceſſidade, ou intereſſe, parece que ſe arrependèraõ da vaſſallagem que deraõ, e conſultando ſeu penſamento com outros, deſapparecèraõ hum dia, e paſſáraõ a huma ſerra fortiſſima, e taõ alta, que naõ viaõ os paſſaros ſe naõ pelas coſtas, a qual tem huma ſó ſervintia pera a banda do mar, atè huma povoaçaõ forte chamada Atutili, que elles povoàraõ de ſua gente pera por elles ſe proverem do neceſſario, e por via delles ſe carteavaõ com todos os levantados.

Eſtas novas teve o Capitaõ mòr por via dos Atines, pelo que logo foy com a Armada ſobre a povoaçaõ de Atutili, e là ſe fortificou da fortaleza da ſerra, e deſembarcou na parte que lhe melhor pareceo por ordem dos praticos da terra, e fortificou ſeu arrayal o melhor que pode, e alli ſe deixou eſtar, deitando eſpias ſobre a ſervintia da ſerra. Os Itos tanto que ſouberaõ a parte em que o Capitaõ mòr eſtava, logo o começàraõ a cometer com ſeus garros, ou filladas, em que faõ taõ deſtros, que he eſpanto. O Capitaõ mòr vendo que por aquelle modo lhe hiaõ matando os ſoldados, e que os outros ſe quebrantavaõ, mandou trazer gente dos lugares amigos, de que ajuntou huma quantidade, e com huns, e outros quiz tambem fazer a guerra aos Itos cõ as meſmas filladas, e as encomendou a Lourenço Furtado, a Joaõ Rodrigues de Bèja, a Sancho de Vaſconcellos, a Luiz Carvalho, e a outros. Eſtas filladas faziaõ duas vezes ao dia, huns entravaõ, e outros ſahiaõ ao ſom dos tambores que pera iſſo traziaõ, e andavaõ jà os Itos taõ enſayados

ſayados neſta ordem dos noſſos, que deu o Capitaõ mòr por ordem „ que „ por nenhum caſo os q̃ ſahiſſem da ſil„ lada, tocaſſem a recolher, ſe naõ de„ pois da outra companhia ter jà chega„ do, e com eſte ardil lhe matàraõ os noſſos muitos, porque em ouvindo tocar a recolher ſahiaõ logo, e cuidando que os noſſos ſe hiaõ recolhendo, davaõ com a outra companhia que fazia nelles grande matança.

E o quarto que Sancho de Vaſconcellos havia de entrar no ſeu quarto, ſahia delle Joaõ Rodrigues de Bèja, ao qual diſſe o Sancho: „ Parente eu deter„ mino paſſar hoje o limite que nos eſtà „ poſto, pelo que vos peço que naõ to„ queis o tambor ſe naõ muy longe da„ qui, porque quero experimentar a „ valia deſtes Itos. Era jà ſobre a tarde, Sancho levava comſigo os Roſanimes, e ſe foy meter pelo mato, e como ſentio os Itos ao tocar do tambor de Joaõ Rodrigues de Bèja, deulhe nas coſtas, e lhe matou alguns, e tomando hum às mãos, lhe pedio elle que o naõ mataſſe, que lhe moſtraria o caminho que hia ter à ſerra, e levando-o ao Capitaõ mòr, ſe lhe offereceo ao pôr em cima da ſerra com muita facilidade, o que o Capitaõ mòr eſtimou muito, e lhe prometteo muito o ſatisfaria, e fazendo-ſe preſtes pera aquelle negocio, mandou levar oito a bom recado, e foy por onde elle o levou por eſpaço de tres dias, e tres noites, ſempre por entre os matos, e porque havia dous caminhos jà perto do cume, diſſe o Capitaõ mòr a Simaõ de Mendoça, q̃ com a ſua ſoldadeſca cometeſſe hum, e elle foy demandar o outro. Simaõ de Mẽdoça appareceo por aquelle caminho aos Itos, os quaes, cuidando que por aquelle caminho hia todo o poder, acodiraõ áquella parte. O Capitaõ mòr foy pelo outro caminho que era huma eſtrada muito larga, pela qual foy atè ſe pôr em cima da ſerra, e todavia foraõ os noſſos logo ſentidos, e dando ſuas gritas acodiraõ os mais àquellas partes, e entre elles, e os noſſos ſe travou huma aſpera batalha, que durou, mais de duas horas, em que todos fizeraõ maravilhas com as armas, e houve mortos, e feridos de parte a parte, e hum delles foy Joaõ Rodrigues de Bèja a quem deraõ huma lançada pelo buxo do braço que lhe vazou, e todavia apertàraõ os noſſos tanto com os Itos, que os foraõ levando de arrancada; neſte cõflicto houve grandes cavallarias. Hum Belchior Vieira derrubou muitos dos imigos à eſpingarda por ſer muito deſtro nella.

Os Itos vendo-ſe taõ desbaratados foraõ demandar o lugar que deſcia à praya, pelo qual ſe foraõ acolhendo, e os noſſos apoz elles derrubando muitos: os Itos principaes ſe meteraõ em huma meſquita onde os noſſos os cercáraõ, e vendo-ſe perdidos arvoràraõ huma bandeira branca, e vindo à fala ſe entregàraõ, e os ſoldados deraõ buſca às povoaçoens da ſerra onde achàraõ muito arrezoado ſaco.

Paſſado iſto ſe foy o Capitaõ mòr pera a Cova onde eſtavaõ os galeoens, e deixou na fortaleza D. Duarte de Menezes, e da Cova deſpedio Simaõ de Mendoça pera hir a Maluco tomar carga pera ſahir pera a India, porque ficàra alli muito cravo dos galeoens de Joaõ de Andrade, e Lopo de Noronha, que foy fazer a viagem a Jorge de Moura pelo meſmo contrato que elle fez com o Viſorey que era dar o galeaõ aparelhado, e Lopo de Noronha fazer todos os gaſtos à ſua cuſta, e dar em Goa mil, e cem quintaes de cravo de cabeça, que era mais de cincoenta mil pardaos.

CAPITULO XXIV.

Da morte que Diogo de Meſquita fez a ElRey de Maluco, e a cauſa de ſua morte.

HE neceſſario primeiro que trate da injuſta morte deſte Rey, dizer as culpas que lhe puzeraõ, pelas quaes o Vi-

o Viſorey o mandava prender por Gonçalo Pereira Marramaque, e os poucos que teve pera huma couſa, e pera outra, no que me hey de deter mais do que ſofre o Epilogo, porque ſaõ couſas que importaõ ſaberem-ſe.

Pelo diſcurſo das minhas Decadas tenho eſcrito as vezes que os Reys de Maluco foraõ prezos, e vexados dos Capitaens injuſtamente, e como eſte Rey, de q̃ hey de tratar, o foy por duas, ou tres vezes, e de huma mandado ao Reino, onde ſe livrou das culpas que lhe puzeraõ, e de todas as vezes que foy prezo, elle meſmo ſe offereceo à prizaõ, ſó a de D. Duarte Deça foy violenta, e ſempre teve maõ em ſeus filhos, e vaſſallos, pera que naõ moveſſem novidades por ſua prizaõ, e depois que o ſoltàraõ, ninguem acodia ao ſerviço de Portugal, e às neceſſidades da fortaleza primeiro que elle, nem favoreceo mais a Chriſtandade, como largamente o prova Gabriel Rabello no ſeu livro, q̃ compoz intitulado, Retrato dos bens, e males do Eſtado da India, que eu tenho em meu poder como jà diſſe aos dezaſeis Capitulos, aonde como homem que eſteve treze annos em Ternate, e vio eſtas couſas com ſeus olhos, prova largamente eſtas quatro couſas daquelle Rey. Primeiro, que lhe tem obrigaçaõ mais que a ElRey, ſegundo, que naõ teve vaſſallo mais leal; terceiro que ninguem ſervio melhor; quarto que elle foy cauſa de haver, e ſuſtentar a Chriſtandade em Ternate, e em ſuas Ilhas, aonde havia mais de duzentas mil almas, e em ſatisfaçaõ diſto, deixando as priſoens que diſſe, e as affrontas que padeceo toda ſua vida dos Capitaens daquella fortaleza, lhe tomàraõ todos ſua fazenda por força, porque todas as Ilhas de ſua jurdiçaõ, ſó a de Maquien tinha ſeparada pera ſeus gaſtos, e deſpezas, de que tinha largas Proviſoens de ElRey, a qual lhe dava cada anno perto de dous mil bares de cravo, que naõ tinha outra renda, e ainda eſtas naõ era cada anno, ſe naõ de dous em dous, ou de tres em tres, com o que ſe ſuſtentava piedoſamente, e como a tyrannia dos Capitaẽs das fortalezas da India he exceſſiva, e nũca atè hoje foy caſtigada, nem aquella pouquidade queriaõ que aquelle pobre Rey comeſſe, caſo digno de Deos noſſo Senhor caſtigar como fez com a perda daquella fortaleza, porque o Mouro que nos recolheo em ſua terra por ſua livre vontade, que nos agaſalhou de graça, que ſe fez vaſſallo de ElRey de Portugal, ſem ver o cutelo na garganta, que eſſe meſmo que nos agaſalhou, e matou a fóme, a eſſe deſagaſalhaſſemos nòs, a eſſe tiraſſemos o paõ da boca, caſo de grande crueldade, e muito pera ſer aborrecido de todos.

A eſte Rey começou o Capitaõ Diogo Lopes de Meſquita a tratar mal por eſta cauſa, e poſto que outros tomàraõ alguma maſcara pera ſe diſfarçarem, eſte ſem rebuço, nem antolhos começou a tomar o cravo deſta Ilha por eſta maneira. Obrigava aquelle Rey a lhe tomar tanta fazenda que vieſſe a montar a copia de cravo que aquella Ilha dava, e como o tinha azido, por aqui poz eſtanque na Ilha pera que nenhuma peſſoa lá paſſaſſe, e mandava ſeus creados a recolher o cravo, e lho tomava pelo preço de Ternate, e pelo preço de Maquien, que he hum quarto mais em cada bar, e ſobre iſſo eſpancavaõ ſeus creados que ElRey là tinha, e faziaõ outras forças exorbitantes, e ſe ſe queixava deſtas forças, mãdavalhe fazer outras peyores, e ſe algum Religioſo o reprehendia em algum caſo, ou lho eſtranhava, naõ reſpõdia mais, ſenaõ „ que naõ falaſſe niſſo, „ que o Rey era hum mào perro, e com o Viſorey reprehender iſto por Proviſoens, nada baſtou, porque là he taõ longe, que huma ſó vez em tres annos chega àquella terra a repoſta das cartas. Pera hum Regedor ſeu vaſſallo junto do Morro fazer pagar huma divida a huns Chriſtãos de hũa Ilha ſua viſinha, a qual foy logo bem paga, e os devedores houveraõ licença do Padre pera hirem a outro

tro lugar de Chriſtãos arrecadar outra ſua divida, e foraõ là a tempo que naõ eſtava là o Padre, e naõ achàraõ ſe naõ hum Irmaõ, ou Coadjutor, o qual lhe deu licença pera levarem prezos os devedores, ſem ſaber do caſo mais do q̃ as partes lhe diſſeraõ, na qual prizaõ houve tal deſarranjo, q̃ ſahiraõ alguns mortos.

Aconteceo depois que reſidindo certos Portuguezes em outro lugar de Chriſtãos, foraõ dar hum aſſalto em outro ſeu vizinho vaſſallo do Rey de Ternate com que tinhaõ antiga reixa; o qual Rey de Tidore houve huma carta do Capitaõ Diogo Lopes de Meſquita pera os Chriſtãos ſe aquietarem com os imigos, e ſegurandó-ſe com ella os imigos, deraõ os Chriſtãos, e alguns Portuguezes nelles, e fizeraõ o que quizeraõ, e ſem o Capitaõ fazer caſo de ſe fazer aquelle deſarranjo à conta da ſua carta. Vendo hum Regedor do Rey de Ternate que là reſidia aquelle deſarranjo, ou foſſe com licença de ElRey, ou de ſua propria võtade, foy com ſua Armada ſobre eſtes culpados, e caſtigou-os muito bem, e ajuntou a eſtas queixas outra peyor, que foy eſpancar hum Portuguez na fortaleza a hum ſobrinho de ElRey, e hum natural que ſe fez Chriſtaõ, e ſervia o Capitaõ, matar outro creado do Rey, e ſendo eſte delinquente prezo eſcapou com huns leves tratos, que por aquellas fortalezas, naõ ha mais ley q̃ as vontades dos Capitaens.

Em fim outros muitos aggravos que o Rey ſofreo, e diſſimulou calando-ſe, e por naõ ver tantas couſas, a que ſó cõ màgoa, e ſentimento podia acodir, ſe paſſou à Ilha de Maquiem, aonde o Capitaõ Diogo Lopes o mandava matar por Luiz de Carvalho, de que logo foy aviſado, o qual foy là em huma fuſta que em eſtando ſurta lhe quebrou a amarra, e a corrente a hia levando pera baixo, a quem o Rey mandou acodir por ſuas Corocoras, que lhe trouxeraõ a fuſta, e lhe mandou dar outra amarra, e embarcando-ſe o Rey em huma Corocora, foy paſſando pela fuſta, e perguntou ao Luiz de Carvalho „ que „ ſe queria alguma couſa pera Ternate „ ao que lhe reſpondeo que lhe releva- „ va falar com Sua Alteza, e metendo-ſe em hum parao, chegou à Corocora do Rey, e poz a maõ na adaga, o que ElRey vio, e lhe diſſe „ concertay-a „ bem, que tudo ſe ſabe, e mandou remar pera Ternate, onde deſembarcou, e ſe foy pera ſua caſa. Era a eſte tempo jà chegado Simaõ de Mendoça de Amboino, e eſtava elle, e Joaõ Gago de Andrade, carregando pera partirem pera a India, e ſabendo ſer chegado o Rey o foraõ viſitar, e elle lhe pedio „ que o fizeſſem amigo com o Capitaõ, „ que cõ elle ſer o aggravado ſe fazia o „ delinquente, porque entendia que „ era aſſim ſerviço de ElRey de Portu- „ gal; o que elles tratàraõ com Diogo Lopes, e levàraõ o Rey à fortaleza, e preſentes todos os caſados ſe abraçàraõ, e alli juràraõ as pazes à vontade de todos em publica fórma, e ao tempo de o Capitaõ jurar, lhe trouxeraõ hum livro profano pera iſſo, o qual ElRey conheceo, e diſſe „ que trouxeſſem o „ livro por onde o Padre dizia Miſſa, em fim foy-ſe buſcar o Miſſal, e jurou o Capitaõ nelle o que teria na tençaõ, que eſſa he ſó de Deos. Feito eſte acto em que ſe achàraõ os Officiaes, e aſſinados todos recolheo ſe ElRey muito contente, e ao outro dia deraõ os galeoens à vela pera Amboino.

Naõ ſe paſſáraõ mais que ſeis dias depois deſtas pazes feitas com taõ ſolennes juramentos, que ElRey naõ foſſe viſitar o Capitaõ à fortaleza, e como o odio lhe naõ ſahia do coraçaõ, tinha praticado com hum ſobrinho ſeu, mancebo chamado Martim Affonſo Pimentel, pera matar ElRey, affirmandolhe „ faria o „ mayor ſerviço ao noſſo de Portugal, q̃ „ ſe lhe tomàra dez galez de Turcos, e com iſſo lhe paſſou hũ aſſinado, e ainda me diſſeraõ peſſoas de credito, e muita authoridade, que tambem lhe paſſára hum certo Religioſo outro, em q̃ dizia „ que por aquelle ſerviço lhe daria El-

„ Rey a fortaleza de Ormuz. A peſſoa que mo diſſe he grave, e o caſo he duvidoſo, porque o Religioſo naõ podia perſuadir ninguem que mataſſe, porque ficaria irregular, em fim eu eſcrevo o que me affirmàraõ muitos.

Eſtando ElRey com o Capitaõ mòr devagar, Martim Affonſo Pimentel eſtava em baixo fazendo-ſe preſtes pera matar o innocente Rey, e parece que foy aviſado do caſo, e eſtaria preparado: tanto que ſe ElRey levantou pera ſe hir, foy com elle atè a porta do pateo, e ElRey ſahindo-ſe pera fóra, ſe fechou o poſtigo, e houve alguns que viraõ o Capitaõ com huma cellada na cabeça, e hum montante nas mãos. Martim Affonſo chegou-ſe bem a ElRey, e lhe diſſe „ poſto que os galeoens ſe foraõ pera a „ India, ainda cà ficàraõ Portuguezes, „ e levando da adaga lhe foy dando hu„ ma, e outra; o pobre Rey vendo-ſe daquella maneira, abraçou-ſe com huma peça de artelharia, que tinha as Armas Reaes, e diſſe alto que todos ouviraõ: „ Ah Fidalgos porque matais o mais „ leal vaſſallo que tem ElRey de Por„ tugal meu Senhor? E aſſim ſem lhe valerem as Armas Reaes, nem o lugar que era o adro da Igreja, foy morto cruelmente, e naõ baſtando iſto, o deſpiraõ, e eſteve hum grande eſpaço afocinhado dos porcos.

O Capitaõ tanto que o Rey eſpirou, ſahio da fortaleza com os caſados, e creados que o ſeguiaõ na maldade, e foy caminhado pera a Cidade a ver ſe podia tomar humas peças de artelharia que là eſtavaõ, e antes de chegar às primeiras caſas, lhe atiràraõ algumas eſpingardadas, com que ſe recolheo, e mandando tomar o corpo de ElRey morto, o mandou eſpoſtejar, e meter ſalgado em hũa caixa, e lançallo no pègo do mar, ſem o querer entregar a ſeus filhos, e mulher pera lhe darem ſepultura; os quaes depois de prantearem ſeu Rey juràraõ ſeu filho Soltaõ Babù por Rey, que logo cõ todos os Grandes fez ſolennes votos „ de fazerem guerra à fortaleza, atè a „ tomarem, e deitarem os Portuguezes „ fóra daquellas Ilhas.

Depois do Viſorey D. Antaõ de Noronha deſpedir os ſoccorros, que atraz diſſe pera Malaca, deſpachou D. Luiz de Almeida, irmaõ de D. Pedro de Almeida, que eſtava por Capitaõ em Damaõ, pera hir invernar naquella fortaleza com ſeus navios, pera em Agoſto hir a Surrate defender as nàos q̃ ſahem pera o Achèm ſem cartazes, e as que haviaõ de hir de Meca pera aquelle rio, que ſempre vem carregadas de prata, e fazendas ricas, o qual D. Luiz deu à vela em fim de Abril de 1568. e os Capitaens que neſta jornada o acompanhàraõ foraõ. Fernaõ Telles, que depois foy Governador da India, D. Lourenço de Almeida, Antonio de Mello Coutinho, Antaõ de Faria, e Luiz Ferreira. Neſta companhia foy tambem Mathias de Albuquerque invernar naquella fortaleza, que tinha vindo do Reino muito moço, mas com tal brio que logo o Viſorey D. Antaõ que tinha muito bom olho pera conhecer o preſtimo dos homens, diſſe por elle „ que naquelle „ mancebo, ſe creava hum muito hon„ rado, e valente Viſorey pera a India, „ como com effeito aſſim foy.

CAPITULO XXV.

Do que ſuccedeo a D. Luiz de Almeida no rio de Surrate com duas náos de Meca.

DOm Luiz de Almeida, tanto que chegou a Damaõ, logo preparou a Armada que havia de levar a Surrate, porque era neceſſario partir em Agoſto pera fazer algum bom feito, e tanta preſſa ſe deu, que na entrada de Agoſto ſahio pela barra fóra com vinte navios, de que naõ achey os nomes de ſeus Capitaens mais que a dous, que foraõ Antonio Mexia, e Antonio Machado, e paſſando por Naſaurim entre Damaõ, e Surrate, deixou naquelle rio eſtes dous Capitaens, que nomeey, pera ſahirem dalli a vigiar as nàos por ſer aquella

aquella paragem a que ellas ordinariamente vaõ demandar aquelle porto, e o Capitaõ mòr, com os mais navios, se foy meter em Surrate, e estando naquelle rio com grandes vigias, nas primeiras aguas vivas, em conjunçaõ de Lua viraõ hũa formosa nào vir de mar em fóra cõ tempo muito rijo, e foraõ demandar os Canaes de Surrate, e descobrindo bem o rio, viraõ a nossa Armada surta nelles, e naõ podendo voltar, assim por causa do vento, como da marè que enchia, foraõ assim indeterminados varar à vela no Canal dos Abexins, e logo nos bateis que jà levavaõ prestes com o dinheiro dentro se puzeraõ em terra, porque como os mares, e ventos eraõ grossos, naõ se atreveraõ as nossas fustas a chegar a ella, porque se faziaõ em pedaços, como se fez hum dos nossos navios, de que era Capitaõ hum Balthazar tal, o qual se despedaçou, e a mayor parte dos soldados se affogàraõ, e o Capitaõ escapou com grande trabalho. A marè tanto que vazou, ficàraõ as nàos todas em seco, e o mar taõ brando, que puderaõ chegar os nossos navios, e ainda achàraõ bem que roubar, e dous cavallos Arabios.

Os dous navios que estavaõ em Savir, sahiraõ a vigiar o mar pouco depois de isto, e viraõ hir duas nàos muito formosas à vela de rota pera Surrate, e as foraõ seguindo, atè entrarem nos Canaes, sem ellas saberem da nossa Armada, e em surgindo as foy D. Luiz de Almeida cometer, e pelejou valerosamente com ellas, e por fim ellas se entregàraõ, e as tiràraõ dos poços, e as levàraõ a Damaõ; vinhaõ muito ricas, porque eraõ da India, e a fazenda se receitou pera ElRey, e os soldados tambem houveraõ suas prezas.

CAPITULO XXVI.

Entra o tẽpo do Visorey D. Luiz de Ataide; que he da minha oitava Decada.

JA havia quatro annos que D. Antaõ governava a India, e como neste an- Anno 1568. no de 1568. tomou ElRey Dom Sebastiaõ posse do governo do Reino, quiz prover a India de Visorey, e fez pera isso eleiçaõ de D. Luiz de Ataide, Senhor da casa de Atouguia, Fidalgo em quem concorriaõ as partes necessarias pera aquelle cargo, o qual partio do Reino, com a Armada, que em seu titulo se verà, e chegou à barra de Goa em dez de Setembro, e foy muy bem recebido géralmente de todos, e D. Antaõ lhe entregou o governo, no qual começou a entender, e a primeira cousa que despedio pera fóra, foy Affonso Pereira de Lacerda pera Capitaõ mòr do Norte com huma galè, e seis navios, de que foraõ por Capitaens Pedro Juzarte Tiçaõ, Francisco Pereira Coutinho, Francisco de Louzada, Alvaro Monteiro de Barros, Domingos Ferreira Esforcio, e Gomes Freire, e cõ esta Armada deu à vela a dezoito de Outubro, e do seu successo adiante darey razaõ.

Partido Affonso Pereira pera o Norte, logo o Visorey despedio Martim Affonso de Miranda, pera Capitaõ mòr de Malavar com vinte navios, elle na galè S. Joaõ Bautista, Mathias de Albuquerque, em hũa galeota Latina, D. Duarte de Lima, em galè, Joaõ de Mendoça, em galeota Latina, D. Luiz de Castello-branco em outra. Fustas, Fernaõ Telles, Ruy Dias Cabral, Francisco de Sousa Tavares, D. Lourenço de Almeida, Francisco de Miranda casado em Còchim, Ignacio de Lima, Henrique de Betancor, Jorge Pimentel, Manoel Simoens, Pedro Ribeiro, Simaõ Reinel, Antonio Lobo de Brito, Alvaro Monteiro, Luiz de Aguiar, e Appolinario de Val de Rama.

E porque foy o Visorey avisado que em Bandà seis leguas de Goa estavaõ recolhidos alguns Paràos, despedio com muita pressa a Ayres Telles de Menezes com alguns navios que se puderaõ negociar, o qual chegou à barra de Bandà, e sabendo estarem dentro cinco Paràos, os mandou pedir ao Tanadar, como levava por regimento, por naõ se que-

quebrarem as pazes por noſſa parte, e de recado em recado, veyo o Tanadar a lhe cõceder os caſcos dos navios conforme ao contrato das pazes, mandandolhe di-„zer que os Malavares logo ſe eſpa-„lhàraõ pela terra dentro, e q̃ naõ ſabia „delles, com o que Ayres Telles ſe re-colheo a Goa ſem os navios Malavares, de que ſe o Viſorey naõ contentou.

Antes deſpedio logo Vicente Paes por terra com recado ao Tanadar, mandandolhe requerer „que entregaſſe a „gente dos Paràos, armas, e artelharia, „ſe naõ que hiria em peſſoa buſcar tudo, e porque Martim Affonſo de Miranda eſtava ainda na barra com a ſua Armada, lhe mandou que ſe foſſe lançar ſobre o rio de Bandà atè o Tanadar entregar as couſas que lhe mandava pedir. O Tanadar depois de muitos dares, e tomares entregou os aparelhos dos navios, e artelharia, e algumas eſpingardas, e arcos, mandando dizer ao Viſorey „que os Malavares eraõ fugidos „pela terra dentro, que o que lhes pu-„dera tomar, alli o mandava, com o q̃ o Viſorey ſe houve por ſatisfeito, e Martim Affonſo ſe partio pera o Malavar.

Deſpedidas eſtas Armadas entendeo o Viſorey logo no deſpacho das nàos que haviaõ de hir carregar a Còchim pera o Reino, dando ordem a muitas couſas, e correndo com o Viſorey Dom Antaõ com muita pontualidade na ſua embarcaçaõ, porque ainda naquelle tempo havia honra, e Chriſtandade, e começou a dar à execuçaõ as Proviſões, e regimentos de ElRey, e entre as ordens que trazia, foy „que dèſſe cadei-„ras razas aos Fidalgos, porque atè entaõ lhas davaõ de eſpaldas, e que lhe falaſſem os Fidalgos deſcubertos, e o primeiro Fidalgo a que mandou dar cadeira raza, foy a D. Joaõ Pereira, irmaõ gemeo do Conde D. Diogo Pereira, e filhos do ſegundo Conde da Feira D. Manoel Pereira, o qual D. Joaõ Pereira, era hũ Fidalgo velho, que acabàra de ſer Capitaõ de Malaca, e vindo cadeira raza pera elle, diſſe ao Viſorey „q̃ elle trazia negocio de pè, e de pouca detença. O Viſorey vendo-o pejado cõ a cadeira, lhe diſſe „que a tomaſſe q̃ El-„Rey lha mandava dar a elle, e aos Fi-„dalgos como elle, e ſem embargo diſſo faloulhe de pè, e naõ ſe quiz ſentar, e dando elle conta do caſo a D. Antaõ de Noronha ſeu cunhado, lhe diſſe elle „que andàra mal em naõ aceitar a ca-„deira, tanto que diſſera que ElRey „lha mandàra dar.

E porque no rio de Canarà havia muita pimenta pera a carga das nàos, por ſe ellas naõ deterem em a tomar hindo pera Còchim, deſpachou a nào Santa Maria, que veyo na companhia do meſmo Viſorey, de que era Capitaõ Damiaõ de Souſa Falcaõ, pera hir carregar de pimenta àquelles rios, e levalla a Còchim como fez, porque eſta nào havia de ficar na India por haver miſter muito concerto.

Agora continuaremos com as Armadas q̃ ſahiraõ fóra no principio do veraõ, e a primeira era a de Affonſo Pereira de Lacerda, que foy correndo a coſta do Norte em buſca dos Paràos que lá eraõ paſſados, e ſendo aviſado que algũs eraõ hidos pera a coſta de Dio, fez vela pera là, e hindo atraveſſando o golfo, houveraõ viſta de dous Paràos, aos quaes os noſſos navios foraõ dando caça, e o primeiro que chegou a hum delles foy Alvaro Monteiro, o qual ſem ordem lhe poz a proa muito ſofrego, e os Malavares que eſtavaõ preparados, lançàraõlhe logo tanto fogo que abrazáraõ o noſſo navio, e queimáraõ muitos dos noſſos, e logo chegou Vicente Paes, e poz a proa no Parào, e com a meſma preſteza os Malavares o abrazáraõ, e deraõ com Vicente Paes, e com os outros no mar, q̃ ſe tornáraõ a recolher no navio, porque o Parào como vio os noſſos abrazados, deu à vela, e foy-ſe acolhendo.

Gomes Freire foy ſeguindo o outro Parào que hia fugindo, e alcançando-o, pozlhe a proa, e logo ſe lançáraõ todos os noſſos de bordo dentro no Parào, matan-

matando, e derribando alguns. Os Mouros como viraõ o noſſo navio ſó, lançáraõ-ſe ao mar com muitos por melhor remedio, e metendo-ſe no noſſo navio, deraõ logo à vela, e foraõ-ſe acolhẽdo, ficando Gomes Freire no navio dos Mouros, o qual tambem mandou preparar pera ſeguir o ſeu, mas jà hia muito alongado: em tanto chegou a mais Armada, e achou feito aquelle deſarranjo, que foy tanto apreſſado que paſmáraõ, e ainda andáraõ à peſcaria dos Mouros que andavaõ a nado, e os matáraõ à eſpada, ficando Gomes Freire com a troca, que naõ foy de ventagem pelo modo della.

Affonſo Pereira fez todas as diligencias que pode por achar eſtes Paràos, mas foy em vaõ, porque elles ſe fizeraõ na volta do Malavar.

Vamos com Martim Affonſo de Miranda que foy correndo a coſta, e provendo as fortalezas do Canarà, de Cananor, e de Chalè, e paſſando tanto àvante como a ponte de Iracole, viraõ alguns navios noſſos, que hiaõ diante, tres, ou quatro Paràos, que hiaõ coſidos com a terra, pera recolherem no rio os noſſos navios, de que eraõ Capitaens Joaõ de Mendoça, e Mathias de Albuquerque, Fernaõ Telles com quem eu hia embarcado, e Luiz de Aguiar, foraõ ſeguindo os Paràos, que eraõ ligeiriſſimos, poſto que os noſſos lhes ficavaõ a balravento, naõ puderaõ chegar tanto depreſſa que primeiro o naõ fizeſſem elles à ponta de Iracole, e com huma preſteza naõ imaginada, puzeraõ as popas na terra com roqueiras, ficando-lhes as proas pera o mar, ſurtos com as armas; os noſſos navios, que já nomeey, foraõ remando com tençaõ de lhes porem as proas, e darlhes cabo, e os tirarem pera fóra, mas elles deitáraõ de ſi tanta ſoma de pelouros, de falcoens, e aſſim dos meſmos Paràos, como de huma eſtancia que tinhaõ em terra com muita artelharia, que embaraçáraõ os noſſos marinheiros, pera naõ paſſarem adiante, trabalhando os Capitaens dos navios com promeſſas, e ameaços, tudo o que puderaõ pelos fazer chegar; e ſegundo a preſteza com que a artelharia laborou, cuido eu que eſtava alli de propoſito pera iſſo, e q̃ deitáraõ aquelles navios fóra pera negociarem, e levarem a noſſa Armada alli, pera acontecer o deſaſtre que aconteceo.

Martim Affonſo de Miranda vendo eſtar os noſſos navios à bataria foy arribando ſobre elles, e chegou ao de Fernaõ Telles, que ſe recolheſſe, foy em hora taõ aziagua, que em pondo o pè, veyo hum pelouro de huma roqueira, e deulhe por huma coxa que toda lha quebrou, e dalli foy recolhido pera dentro, pera o curarem. Joaõ de Mendoça, e Mathias de Albuquerque, que tinhaõ galeotas Latinas grandes, ficàraõ atraveſſados à bataria, e aſſim lhes feriraõ alguns marinheiros, e ſoldados, e hum chamado Diogo Palmeiro o achàraõ morto ſem ferida, nem pizadura alguma, e naõ morreo de medo, porque era muy bom cavalleiro. Na noſſa fuſta aconteceo eſte caſo digno de ſe contar pera exemplo da miſericordia Divina.

Ao tempo que vimos os Paràos hiamos jugando quatro ſoldados à primeira, entre os quaes entrava hum Caſtelhano, e rico, o qual lançou o filho pera a India por maliſſimo, e elle veyo em peſſoa a Lisboa, e achou as nàos de verga dalto, e entrou na em q̃ vinha por Capitaõ D. Diogo Lobo, o que matàraõ em Mangalòr, e lho entregou com hum grilhaõ, e oitocenros cruzados pera lhe dar de comer. Eſte D. Diogo q̃ era moço de vinte annos, tinha eſpantoſas habilidades, e grande Latino, e melhor Eſcrivaõ de todas as letras que vi, e com ellas tinha grandes maldades, e entre ellas de jurador, e arrenegador, e hum dos quatro q̃ jugavamos perdeo huma maõ grande, pelo qual fez hum grande arrenego, porq̃ tambem niſto era muito prejudicial, e foy o negocio tal que lancey as cartas no mar, e me levantey. O Caſtelhano com ſer o mayor arrenegador da vida, eſtranhou o que outro diſſe,

tanto que se levantou dizendo: „ Val-
„ gante los diablos no sé como no viene
„ una bala, que te quiebre essa boca, y
„ lengua, cousa maravilhosa, que nesta conjunçaõ apparecèraõ os Paràos, e lhe fomos dando caça, e como Fernaõ Telles trazia o mais ligeiro navio de todos, chegámos mais perto dos navios, que nos serviraõ bem de bombardadas, e a primeira que deu tomou aquelle soldado, que renegou, pelas costas atravessado, e lhe foy cortando huma saya de malha, e os fios della lhe entràraõ pelas costas, ficandolhe ensanguentados como os de hum disciplinante, de que logo sarou, e foy este soldado poucos annos depois casado em Goa, e muito rico, e taõ emmendado, que lhe naõ vi nunca huma descomposiçaõ naquella materia, e taõ caridoso, que me affirmàraõ que dava mais de oitocentos cruzados de esmola cada anno. Em fim os Paràos fostigàraõ-nos arrefoadamente, e deraõ dentro no nosso navio, mais de dez bombardadas, e huma foy taõ venturosa, que estando Fernaõ Telles em cima do payol armado com huma cana de bengala, mandando remar os marinheiros, lhe deu hum pelouro por entre as pernas nas cadeas, e cadeados com q̃ o payol se fechava, e ao mesmo tempo se abaixou Fernaõ Telles pera dar com a cana nos marinheiros, e eu que estava em cima do baileo com outros, vendo-o abaixar cuidey que cahia da bombardada, e saltey de cima sobre elle, dizendolhe „ que
„ foy Senhor? Estais ferido? E como eu estava armado, houvera-me de tratar peyor do que fez o pelouro, que passou sem receber dano.

Affastado o Capitaõ mòr, ferido sem o nós sabermos, o fizemos nòs tambem, e fomos á galeota buscar o Cirurgiaõ pera curar o soldado ferido, e entaõ nos disseraõ de como o Capitaõ mòr o estava. Todos o sentiraõ muito por ser hum Fidalgo dos principaes da India, e toda a Armada junta fomos a Còchim, aonde Martim Affonso de Miranda se recolheo a curar a S. Domingos, mas ao seteno faleceo com grandes sentimentos de toda a Cidade, e Armada, e acodindo alli o Visorey D. Antaõ de Noronha que estava pera se embarcar pera o Reino, e D. Diogo de Menezes, filho do Craveiro, que viera àquelle mesmo tempo de servir a Capitanìa de Malaca, e todos os Capitaens, e Fidalgos da Armada, a Cidade, e Religioens, com grande màgoa de todos foy enterrado no mesmo Mosteiro. Era este Fidalgo casado com Dona Maria, filha de hum mercador rico de Goa, da qual lhe ficàraõ dous filhos machos, chamados Diogo de Miranda, que foy Capitaõ mòr do Malavar, que he morto, e Francisco de Miranda que tambem foy Capitaõ mòr daquella costa, e hoje he hido de soccorro a Maluco, cõ quatro galeoens potentes, e casado com Dona Marianna Coutinho.

Vendo D. Antaõ de Noronha que por morte de Martim Affonso de Miranda ficava aquella Armada sem Capitaõ mòr, e a risco de se desarmar, foy em pessoa à fortaleza onde pouzava D. Diogo de Menezes, hospede de Vasco Lourenço de Barbuda, Capitaõ, e Vèdor da fazenda, e pedio a Dom Diogo, que por serviço de ElRey „ quizesse
„ aceitar aquella Armada, que lhe faria
„ nisso hum dos mayores serviços que
„ podia ser, ajudando-o a isso Vasco Lourenço de Barbuda, e a Cidade, que tambem acodio, e como este Fidalgo nunca se negou pera o serviço de ElRey, aceitou a Armada com a qual logo começou a correr, e a proveo de novo de sua fazenda, dando a càda Capitaõ cem pardaos pera seu aviamento; em fim fez o que sempre fez, que foy gastar o seu em serviço do seu Rey, e logo se embarcou, e foy correr a costa do Malavar, onde fez huma cruel guerra ao Çamorim, dandolhe, e queimandolhe seus portos, e povoaçoens, e tomando muitos Paràos que sahiraõ a roubar, no que gastou todo o veraõ.

D. Antaõ de Noronha ficou-se negociando pera o Reino, esperando pe-

las

las vias de ElRey, e provimentos pera as nàos, o q̃ lhe chegou dia de noſſa Senhora das Candeas a dous de Fevereiro. Embarcàraõ-ſe com elle na ſua nào eſtes Fidalgos, e Cavalleiros, D. Joaõ Pereira ſeu cunhado, que acabàra de ſer Capitaõ de Malaca, D. Pedro da Guerra, Ayres de Souſa de Santarem, Manoel de Mello filho de Ruy de Mello o da Mina, Heytor da Silveyra o Diogo, Gaſpar de Brito do Rio, Fernaõ Gomes da Grãa, que depois foy Guarda mòr das nàos do Reino, Lourenço Vaz Pegado, e outros Cavalleiros honrados, em que eu entrey, que todos comiamos com o Viſorey à meſa, que a deu muito abaſtada em quanto viveo, e por partirmos tarde arribàmos todas as nàos a Moçambique; ſó a Santa Catharina, Capitaõ Antonio Rodrigues de Gamboa, paſſou ao Reino, e dobrou o Cabo no meſmo tempo que nòs arribàmos, porque ſe achou taõ pegado com a terra que lhe naõ alcançou, e foy ter a Lisboa na força da peſte grãde, e nòs fomos à noſſa revolta correndo tormenta pera Moçambique, e antes de chegarmos às Ilhas de Angoxa, faleceo o Viſorey, e achou-ſe em ſeu teſtamento „ que lhe cortaſſem o braço „ direito pelo cotovelo, e o levaſſem a „ Ceita, e o puzeſſem na ſepultura de „ ſeu tio D. Nuno Alvares, e que ſeu „ corpo foſſe lançado ao mar, o que ſe fez com grande màgoa de todos.

Foy eſte Fidalgo filho natural de D. Joaõ de Noronha, o que os Mouros matáraõ, ſendo Capitaõ de Ceita, filho de D. Fernando de Menezes, ſegundo Marquez de Villa Real, o qual D. Antaõ foy caſado com Dona Ignes de Caſtro, Dama da Rainha, filha de D. Manoel Pereira, ſegundo Conde da Feira, de que naõ teve filhos. Foy na India muito bom Capitaõ, teve a fortaleza de Ormuz, e Viſorey renovou todos os regimentos da fazenda como trazia por regimento, ſó nos que tinha feito Vicente Pegado, ſendo Veador da fazenda de Moçambique, naõ bullio por ſerem muy bons, pelos quaes ainda hoje ſe governa a fazenda da India nas materias de Moçambique.

Começou a cercar a Ilha de Goa, e fez o muro q̃ corre de S. Braz pera Santiago, e depois hum Padraõ com hum letreiro, que moſtra ſer elle o autor daquella obra que foy tal, que quando ſuccedeo a guerra grande de Goa, de que logo falaremos, andando o Viſorey D. Luiz correndo o muro, vendo a potencia do Idalxá da outra banda, diſſe „ que aquelle muro naõ o fizera D. An„ taõ, ſe naõ Santo Antaõ, porque ſe naõ eſtivera feito, tivera o Viſorey muito trabalho em defender a entrada da Ilha: em fim foy eſte Viſorey D. Antaõ bom Fidalgo, grande avizado, e de maduro conſelho, e pòde-ſe contar entre os bons Viſoreys da India.

Eſtando nòs de arribada em Moçambique, chegou Vaſco Fernandes Homem, em huma nào com muito boa gente, a qual tinha partido do Reino em companhia de Franciſco Barreto, que já fora Governador da India, que ElRey D. Sebaſtiaõ mandava por conquiſtador das minas de Manamotapa, e Capitaõ géral deſde Cabo das corrẽtes, atè o de Guardafú, diziaõ que eſte Fidalgo ſolicitàra eſta jornada por ſe ver muito pobre, porque era muito vaõ, e gaſtador grande, porque ſendo Governador aceitou aquella empreza muy inferior. Eſtava por Capitaõ em Moçambique Pedro Barreto, ſeu parente, o qual ſabendo daquelle caſo, houve-ſe por taõ affrontado, que logo largou a fortaleza, tendo hum anno por ſervir, e ſe embarcou pera o Reino, e Vaſco Fernandes Homem que era hum Fidalgo velho, e de muitos merecimentos, foy eleito pera aquella jornada por Meſtre de Campo, e pera ſucceder a Franciſco Barreto naquella empreza, ſe faleceſſe, e chegou, como dito he, ſem ſaber novas de Franciſco Barreto, que logo ſe preſumio que arribàra ao Brazil, e deixou-ſe eſtar em Moçambique ſem tratar de couſa alguma, atè

chegar

chegar Franciſco Barreto, como ao diante diremos.

As nàos como foy tempo, que era em Novembro, fizeraõ-ſe todas juntas à vela pera o Reino, e ſuccedeo por Capitaõ Lourenço Vaz Pegado, que levava Proviſaõ diſſo, e nella ſe embarcou Pedro Barreto, q̃ largou a fortaleza pelo aggravo que lhe fizeraõ; e ſahindo as nàos de Moçambique todas juntas encoſtou ſe a Chagas, q̃ era a Capitania, à Ilha de S. Jorge, e ficou quaſi em ſeco, a que acodiraõ as outras com ſeus bateis: ſó a nào Santa Clara, de que era Capitaõ Gaſpar Pereira em que eu hia embarcado, que foy a primeira que ſahio, hia taõ adiantada, que com as correntes naõ pode tornar, e fomos noſſo caminho.

A nào Chagas alijou muito ao mar, e encheo a marè, com o que ſe ſahio trabalhoſamente, e na detença de ſó eſte dia chegàmos à Ilha de Santa Clara, tanto que primeiro eſtivemos vinte dias, ſem nenhum dos outros chegar, pelo que demos à vela, e chegàmos a Caſcaes em Abril, e ahi ſurgimos por eſtar a Cidade de peſte, e tinha ElRey alli regimento „ que chegando as nàos, ſur- „ giſſem fóra, e lhe mandaſſem hum „ creado ſeu com cartas, pera ſaber no- „ vas da India, a que acodio Fernaõ Peres de Andrade, e D. Franciſco de Menezes o Surdo, irmaõ de D. Joaõ Tello, que ahi eſtava por Capitaõ de huma Armada que era de alto bordo, pera hir eſperar as nàos às Ilhas, e pelo regimento que tinha de ElRey, me deſembarcàraõ com as cartas pera lhe hir dar novas em Almeirim, e eſperey, onde veyo ter dahi a dous dias, e de mi ſoube tudo o que quiz, e por os Fyſicos aſſentarem, eſtaria a Cidade fóra do mal grãde que teve, mandou ElRey q̃ entraſſem as nàos dẽtro. Vinhaõ os matalotes, e camaradas Heytor da Silveyra o Diogo, Fernaõ Gomes da Grãa, e eu, e o dia que vimos a roca de Cintra, faleceo Heytor da Silveyra, por vir jà muito mal, e as nàos chegàraõ em fim de Mayo, ou jà em Junho, por onde ſe verà, que em huma jornada de ſeis mil leguas como eſta, hum dia mais, ou menos, leva tanta ventagem como ſe vio neſtas nàos, foy mais de mez, e meyo. Em Moçambique achàmos aquelle Principe dos Poetas de ſeu tempo, meu matalote, e amigo Luiz de Camoens, taõ pobre que comia de amigos, e pera ſe embarcar pera o Reino lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve miſter, e naõ faltou quem lhe dèſſe de comer, e aquelle inverno que eſteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as ſuas Luziadas pera as imprimir, e foy eſcrevendo muito em hum livro que hia fazendo, que intitulava Parnaſo de Luiz de Camoens, livro de muita erudiçaõ, doutrina, e Filoſofia, o qual lhe furtàraõ, e nunca pude ſaber no Reino delle, por muito que o inquiri, e foy furto notavel, e em Portugal morreo eſte excellente Poeta em pura pobreza.

Neſte tempo chegàraõ Embaixadores da Rainha Abuca de Vichantar Rainha dos Reinos de Potri, Olalà, e do porto de Mangalòr, a pedirem pazes ao Viſorey, por ſe temerem de outro caſtigo como o de D. Antaõ de Noronha, as quaes o Viſorey lhe concedeo com condiçaõ „ que ſeriaõ ſempre ella, e ſeus „ ſucceſſores amigos do Eſtado, e que „ dariaõ toda a ajuda, e favor aos Capi- „ taens daquella fortaleza, e que paga- „ ria de pareas a ElRey de Portugal „ dous mil fardos de arroz cada anno, „ entrando nelles os quinhentos que de „ antes pagava de pareas, os quaes da- „ ria por todo o mez de Dezembro, e „ que lhe quitariaõ todas as pareas, que „ atè entaõ devia, e que daria oito mil „ pagodes, que entaõ ſeriaõ doze mil „ pardaos pera ajuda dos gaſtos que o „ Viſorey fez na Armada em que foy a „ Mangalòr, e que daria cada anno „ quatrocentos lares de pimenta pera „ a carga das nàos do Reino, e que o „ dinheiro delles lhe dariaõ de antemaõ „ pera os poder comprar a tempo, a qual „ pimenta daria por todo o mez de No- „ vembro,

„ vembro, pera ſe poder levar a Cô-
„ chim às nàos, com outros Capitulos
a bem do Eſtado, e favor da Rainha, que
deixo, os quaes ſe veraõ no livro dos
Contratos que eſtà em meu poder na
Torre do Tombo, fol. 81.

CAPITULO XXVII.

Das duvidas que ſe moveraõ em Goa ſobre ſe venderem cavallos a Mouros.

HAvia mais de ſeſſenta annos que
os Portuguezes corriaõ com eſte
contrato dos cavallos pera o Reino de
Nizamoxá, Idalxá, Biſnagá, Maſula-
patáõ, e outros, ſendo couſa taõ defeza
pela Bulla da Cea, em cuja defeza, pa-
rece que cahiaõ todos os moradores de
Goa, e Chàul, ſem ſe dar remedio a iſſo,
nem ſe tratar deſte eſcrupulo. Eſte ve-
raõ em que andamos ſendo Vereadores
de Goa D. Joaõ Lobo, Pedro da Silva
de Menezes, e outro que me eſquece,
querendo atalhar tamanho eſcrupulo,
fizeraõ huns apontamentos, e moſtrá-
raõ as razoens muito licitas que havia
„ pera ſe poderem vender cavallos aos
„ Mouros, pera que ſe propuzeſſem em
„ conſelho de Theologos, e Letrados,
„ pera que ſobre ſuas razoens determi-
„ naſſem, ſe era licita eſta venda de ca-
„ vallos. O Viſorey ajuntou pera iſſo a
cõſelho o Arcebiſpo de Goa D. Gaſpar,
Meſtre em Theologia, Aleixo Dias
Falcaõ, Inquiſidor Apoſtolico, grande
Canoniſta, o Padre Andrè Fernandes
Deaõ de Goa, Antonio de Quadros Pro-
vincial de S. Paulo homẽ muito douto,
Franciſco Rodrigues o Manquinho da
Companhia, q̃ tambem era muito dou-
to, e tinha ſido Provincial, o Padre Fr.
Antonio Pegado, Vigario géral dos
Dominicos, tambem muito douto em
Theologia, e grande eſcriturario, Frey
Paulino Cuſtodio de S. Franciſco, Fr.
Aleixo de Setuval Prior de S. Domin-
gos, e outros Doutores em ambos os di-
reitos, e diſputada a materia entre elles,
de cõmum acordo aſſentáraõ o q̃ ſe verà
pelos itens de ſuas repoſtas, pelas quaes
ſe entenderaõ as duvidas que os Verea-
dores apontáraõ, que por eſcuzar pro-
luxidade deixo de referir, e de huma
couſa, e outra tenho em meu poder os
proprios aſſinados por todos eſtes Le-
trados que eu communiquey, e conhe-
ço muito bem ſeus ſinaes, com as pro-
poſtas, e a repoſta he eſta: em as meſmas
razões dizem os Vereadores q̃ ElRey
D. Sebaſtiaõ tinha mandado pedir breve
ao Papa pera ſeus vaſſallos tratarem em
cavallos, o qual eu naõ vi, e veriſimel
he que o concederia; pois o trato dos
cavallos foy por diante, e naõ ceſſou.

Viſtas as razoens offerecidas, e mais
informaçoens que do caſo ſe tem, pare-
ce que eſtando as couſas deſte Eſtado
no que hora eſtaõ, ſe pòdem deixar paſ-
ſar, e vender cavallos pera os Reinos
do Idalcaõ, Nizamaluco, Cotamaluco,
Madre Maluco, Verido, Nizamoxà, e
Biſnagá como atégora ſe fez, dado que
ſeja revogada por S. Santidade, em a re-
vogaçaõ géral a Bulla Apoſtolica, porq̃
era concedido aos Officiaes de Sua Al-
teza, e ſeus vaſſallos, poderem os ven-
der, e deixar paſſar, e outras couſas de-
fezas por direito, e Bulla da Cea aos
infieis com licença de Sua Alteza.

Porque naõ ha guerra contra os ditos
Reys infieis, nem provavel eſperança
de a haver, e ainda que a haja, naõ ſe
faz a cavallo, por naõ haver diſpoſiçaõ
pera iſſo, e algũa que ſe pòdem fazer he
taõ pouca, de maneira que pouco dano,
ou nenhum pòdem fazer cõ elles, e naõ
lhos deixando paſſar, ſeguirſe-haõ mui-
tos danos ao Eſtado na falta dos rendi-
mentos dos direitos, que pera ſua ſuſ-
tentaçaõ ſaõ neceſſarios por ſua muita
pobreza, e neceſſidade, e tirandolhos
ficarà mais fraco, e pera menos ſe poder
defender dos imigos, e offendellos, e
porque naõ ſe vendendo, e deixando
paſſar, como ſempre ſe fez, antes de
eſte Eſtado ſer de Chriſtãos, e depois
de o ſer, eſcandalizarſe-haõ diſſo pela
poſſe antiga em que eſtaõ, e pela neceſſi-
dade que delles tem pera ſuas guerras,
que huns contra os outros trazem, e

daraõ

daraõ verisimelmente tantos trabalhos a este Estado por guerra, ou negandolhe o cõmercio, e cousas necessarias de seus Reinos, de que se este Estado sustenta, que serà sem comparaçaõ mayor o dano que se seguirà disto ao Estado, do que pudera ser, ainda que com elles lhe façaõ muita guerra, quanto mais naõ a podendo fazer; pelo que convem à natural, e necessaria defensaõ do Estado, naõ se impedir a passagem, e venda de cavallos aos ditos infieis.

Porque des que este Estado he de Christãos atègora, sempre se venderaõ aos infieis, como dantes se vendiaõ, e nunca disso recebeo o Estado perda, e sempre proveito.

E porque muitos mercadores Christãos, e infieis, amigos do Estado, os tem comprados por virtude da dita Bulla, e segurança della, naõ sabendo da revogaçaõ, os quaes recebèraõ grandissima perda, naõ lhos podendo vender, porque naõ ha outrem a quem se vendaõ, e o prejuizo de se venderem a estes infieis he pouco, ou nenhum, e o cabedal que se nisto mete he muito grande.

E porque Sua Alteza tem mandado pedir a Sua Santidade a confirmaçaõ da dita Bulla, q̃ já agora lhe deve ser concedida, pelas causas pera isso apontadas serem urgentes, e necessarias, e suspendendo-se este trato, pòde-se perder de todo, o que serà gravissimo, e irreparavel dano do Estado, e naõ tẽdo os cavallos, perde a possibilidade de conquistar os Reinos, e terras firmes, vizinhas deste Estado, o que sem elles naõ pòde fazer.

E porque os cavallos duraõ muito pouco entre os infieis pelo màu tratamento, e continua guerra que tem, e quando o Estado estiver de maneira pera conquistar os ditos Reinos, em poucos annos que lhos negue, os naõ teraõ.

E se lhos hora negarem, poderaõ os ditos infieis buscar outros meyos de lhes poderem vir, o que atègora naõ intentáraõ, mas negandolhos, a necessidade lhes farà buscar outro caminho, e abrindolho sua industria, proverse-haõ delles, e o Estado perderà, viremlhe por sua maõ, e os rendimentos, e proveito do cõmercio, e o trato delles, os quaes assim parece estando as cousas deste Estado no que hora estaõ, e atè vir recado de Sua Santidade do que nisto manda.

E em as mais cousas prohibidas em a Bulla da Cea, e assim em se naõ passarem cavallos pera outras partes, a que por direito se naõ pòdem levar, se deve comprir direitamente a dita Bulla, porque nestas cousas naõ ha as razoens acima apontadas. Em Goa aos 20. de Novembro de 1568.

Em 15. de Janeiro de 1569. partio D. Jorge de Menezes Baroche por Capitaõ mòr pera a costa do Norte, por serem passados pera là alguns Paràos, e levou huma galè nova, taõ ligeira que nesta jornada tomou hum Parào a remo; levou mais sete fustas, de que foraõ por Capitaens D. Miguel de Castro filho do Visorey Dom Joaõ de Castro, Francisco de Sousa Tavares, Fernaõ de Mendoça, Manoel de Mello, filho de Simaõ de Mello que foy Capitaõ de Malaca, Joaõ Dornellas de Vasconcellos, e Lopo Pereira. Naõ succedeo a esta Armada, mais que tomar aquelle Parào, e recolheo-se em 11. de Fevereiro.

Logo despedio o Visorey a Ayres Telles por Capitaõ mòr da mesma costa com outros seis navios, cujos Capitaens foraõ D. Francisco de Almeida, filho do Contador mòr, Manoel de Saldanha, D. Henrique de Menezes, D. Antonio de Castello-branco, que em moço chamava-mos o Frade, Francisco de Toar, e Estevaõ Gomes, e esta Armada tambem naõ fez mais que guardar a costa, e recolheo-se em dezoito de Abril.

Entregue D. Diogo de Menezes da Armada por morte de Martim Affõso de Miranda, foy-se logo a correr a costa do Malavar, na qual fez toda a guerra possivel, queimando muitas povoaçoens, e tomando muitos navios, tudo por ordem de Antonio Fernandes Malavar, grande cavalleiro, e da mayor pratica

da-

daquella coſta que todos os de ſeu tempo, do qual Dom Diogo de Menezes, fiava grandes couſas, que por elle mandou cometer, fazendo-o Capitaõ mòr dos mais honrados Fidalgos, e Capitaens de ſua Armada, que todos folgavaõ de o ſeguir, e ainda lhe metiaõ pedreiras pera iſſo, porque ainda neſte tempo havia curioſos do ſerviço de ElRey, e de ganharem honra, o que naõ ſey ſe depois veyo a faltar. Em fim D. Diogo de Menezes deu tantos aſſaltos nos portos do Camorim, e matoulhe tanta gente, que o poz em deſeſperaçaõ, e ſendo tempo de recolher as nàos da China, Malaca, e outras partes, foy-ſe a Còchim aonde ajuntou huma fermoſiſſima cafila de nàos, e navios, com que ſe partio pera Goa, onde foy muito bem recebido do Viſorey Dom Luiz de Ataide.

Eſtavaõ as couſas do Camorim de taõ mà feiçaõ, que receando o Viſorey haver alguns movimẽtos contra Cranganòr, ordenou de mandar invernar em Còchim ao meſmo D. Diogo com huma boa Armada pera ſegurar as couſas de q̃ ſe temia, e pera là ſahir em principio de veraõ pera o Malavar pera cõtinuar naquella guerra, e por trabalhar impedir a ſahida dos Paràos pera a coſta do Norte, onde faziaõ grandes roubos; e tanta preſſa deu à Armada que havia de levar, que deſpedio D. Diogo em o primeiro de Mayo com cinco galez, e tres galeotas Latinas, e vinte navios; Capitaens das galez foraõ afóra o Capitaõ mòr D. Gõçalo de Menezes, Fernaõ Telles, Manoel de Siqueira, D. Duarte de Lima. Galeotas Latinas Diogo de Azambuja, Chriſtovaõ Juzarte Tiçaõ, e Vicente de Saldanha. Das fuſtas Mathias de Albuquerque, Manoel de Miranda, Ignacio de Lima, Gaſpar de Mello da Cunha, Martim Affonſo de Mello Pombeiro, Jorge Pimentel de Meſquita, D. Pedro Coutinho, D. Luiz de Caſtellobranco, D. Manoel Pereira, filho de D. Antonio Pereira, D. Antonio de Caſtello bràco, Antonio Lobo de Brito, Eſtevaõ de Valadares, Ambrozio Peres, Appolinario de Val de Rama, Eſtevaõ de Araujo Evangelho, Braz Fragoſo, Luiz de Aguiar, e Diogo Martins Pedroſo. Com eſta Armada chegou D. Diogo a Còchim a 10. do meſmo mez, e logo mandou tirar a eſtaleiro as fuſtas, e as galez, e as galeotas ficàraõ no rio muy bem amarradas, por ſerem alli as correntes muy grãdes, e toda a gente da Armada, que ſeriaõ quinhentos homens, repartio por quatro bandeiras, que todos as noites vigiavaõ a Armada todo o inverno aos quartos com muito cuidado, e o Capitaõ mòr naõ ficou de fóra, porque todas as noites rondava a Cidade, pera ſe nella naõ cometerem diſſoluçoens, couſa muy ordinaria entre ſoldados, e naõ houve entre elles brigas ao menos de importancia, pelo grande cuidado que o Capitaõ mòr teve ſempre de os apaziguar, e caſtigar quando era neceſſario. No meſmo tempo que Dom Diogo partio pera o Malavar, o fez Joaõ Gago de Andrade pera Maluco com muitos provimentos, e foy em ſua companhia Manoel Lopes Carraſco em huma nàõ ſua pera hir ainda por contrato que fez com o Viſorey, de cuja viagem adiante darey razaõ.

Tanto que entrou o mez de Agoſto, logo o Capitaõ mòr D. Diogo poz a ſua Armada no mar muy bem reformada, e como foraõ vinte daquelle mez, ſe embarcou, e foy correndo a coſta do Malavar com tempo ainda invernoſo, e muitas, e deſcompaſſadas chuvas, q̃ por toda aquella coſta ha; atè todo o mez de Outubro, ſe deixou andar, e a principal couſa em que entendeo, foy em lhe tomar as barras, pera naõ poderem ſahir as nàos pera Meca, que eſſa foy a principal cauſa de ſahir taõ cedo de Còchim, e em lhe impedir os mantimẽtos q̃ lhe vaõ da coſta do Canarà, de que ſe elles provem, por em toda a terra do Malavar os naõ haver, porq̃ nẽ elles ſaõ lavradores, nem a terra he capaz de mais q̃ de algũs legumes poucos, cõ o q̃ poz todos aquelles povos em grande opreſſaõ, e porque

que foy aviſado que em Nillachiraõ eſtavaõ alguns Paràos pera ſahirem a roubar, foy ſobre aquelle rio, e os mandou pedir ao Governador da terra.

E como os daquelle rio ſaõ bellicoſos, e ſoberbos, reſponderaõlhe deſpropoſitos, de que o Capitaõ mòr deſconfiado mandou entrar huma madrugada duzentos ſoldados em oito fuſtas, que com grande valor entràraõ a Cidade, ainda que achàraõ grande reſiſtencia, e como toda he cuberta de olas que ardem como eſtopas, foy logo entregue ao fogo, e no meyo delle fizeraõ os noſſos grande eſtrago na gente da terra, e nos palmares, e fazendas que lhe cortàraõ, e puzeraõ por terra; o que fizeraõ por cinco dias continuos, em que deſembarcàraõ todas as madrugadas, deixando tudo arrazado, e deſtruido, e trouxeraõ comſigo os Paràos. E porque o Senhor do rio de Pedà mais acima do Nillachiraõ tinha tomado o dinheiro com que ſe foy fazer a pimenta pera a carga das nàos ſobre ſeguro, foy ſobre elle, e lhe mandou dar em terra, ao que elle acodio com mandar entregar todo o dinheiro:e por outra vez mandou deſembarcar na povoaçaõ de Perjagale,huma legua de Calecut, grande affronta pera o Camorim, e dentro no rio lhe queimáraõ huma nào de Meca, e parte da povoaçaõ, e lhe matáraõ muita gente, q̃ ſe defendeo valeroſamente por haver alli muita eſpingardaria, e lhe queimáraõ muitas embarcaçoens, e trouxeraõ algumas à toa. Paſſado iſto, mandou o Capitaõ dar em outro lugar mais perto de Calecut, aonde os noſſos queimáraõ outra nào de Meca, ſobre o que houve grande reſiſtencia, e muitas bombardadas, por ſerem aquelles Mouros homens bellicoſos, e eſtarem taõ vizinhos ao ſeu Rey; e aſſim lhe queimáraõ os noſſos outra povoaçaõ entre Capocate, e Coulete, aonde os ſoldados houveraõ algumas prezas, e ſendo aviſado que em Coulete havia duas nàos de Meca, mandou o Capitaõ mòr entrar o rio pelos navios de remo, que a pezar de muitas bombardadas, e eſpingardadas q̃ acháraõ, deſamarráraõ as nàos, e dous Paràos que eſtavaõ com as rigeiras em terra, e os tiráraõ à toa pera fóra com morte de muitos Mouros, e algum dano noſſo, porque matáraõ dous ſoldados, e feriraõ dez,ou doze. Em quanto D. Diogo de Menezes andava fazendo eſtas couſas, e outras que adiante contarey, ſerà bem darmos razaõ de algumas couſas que no meſmo tempo ſuccedèraõ.

CAPITULO XXVIII.

Da grande, e famoſa vitoria que Mem Lopes Carraſco alcançou de huma poderoſa Armada do Achèm.

DEixámos partido de Goa Joaõ Gago de Andrade pera Maluco, e Mem Lopes Carraſco pera a India; e hindo fazendo ſua viagem, ſuccedeo apartarem-ſe; e o Mem Lopes adiantarſe atè haver viſta da barra do Achèm, na qual encontrou huma Armada de mais de duzentas velas,em que entravaõ vinte galez, e outros tantos juncos, a qual tinha ſahido do dia de antes, e nella hia a peſſoa do Rey com toda a ſua potencia pera tornar ſobre a fortaleza de Malaca, por ver ſe ſe podia deſaffrontar do ruim ſucceſſo paſſado com tomar aquella fortaleza, com que elle ſonhava todas as horas.

Tanto que Mem Lopes vio a Armada de que ſe naõ podia deſviar, preparou-ſe pera ſe defender della, porque bem ſabia que lhe era aſſim neceſſario pera remedio, e vida de todos, porque aquelles imigos naõ havia poderſe pleitear com elles, porque naõ daõ a vida a Portuguez algum, pelo mortaliſſimo odio que lhe tem, e aſſim mandou tirar as monetas, e encher tinas de agua, e preparar ſua artelharia; de que levava ſete, ou oito peças, camelos, eſperas, e falcoens, e a gente que levava que eraõ quarenta homens, repartio pelos lugares mais arriſcados, pondo na proa

Martim

Martim Lopes Carrasco, seu filho com dez homens, e Francisco da Costa, aquelle em quem faley na minha setima Decada no livro nono Capitulo segundo, de espia com hum seu irmaõ, a quem naõ soube o nome, poz na popa com outros dez soldados, e a hum Martim Daco, primo de Mem Lopes encarregou a artelharia, e elle ficou no convez com os mais, e com elles o Padre Francisco Cabral da Companhia de Jesus, que ao depois foy Provincial daquellas partes, e hum Frade de S. Francisco, que ambos com hum Crucifixó nas mãos andavaõ animando a todos a se defenderem daquella Armada que jà tinha cercada a nào, e acomeçou a bater com grande terror, e braboſidade, e logo a começàraõ a destroçar, e desenxarsear, e abrirlhe muitas arrombadas cõ os pelouros q̃ varavaõ a nào, mas tambem os nossos fizeraõ valerosamente seu officio, destroçandolhes com sua artelharia muitas das suas embarcaçoens, e matandolhes muita gente, porque como o mar estava cuberto de embarcaçoens, naõ tinhaõ as balas da nossa artelharia por perdidas que fossem, donde dar, se naõ nellas. Durou esta referta todo o dia, porq̃ era jà vespera, quando a batalha se começou, que a Armada do Achèm se apartou, e surgio, e os nossos de que jà havia alguns feridos, se curàraõ, e mandàraõ remediar, e tapar as aberturas q̃ as bombardadas lhes fizeraõ, e preparãdose pera outras que esperavaõ, porque a Armada do imigo tambem surgio afastada pera lançar os mortos ao mar, e curar os feridos que eraõ muitos.

Ao outro dia tanto que amanheceo, tornou a Armada a rodear a nào, e a batella, e destroçalla com nova furia, mas tambem os nossos lhe responderaõ como se estiveraõ muito descançados, e inteiros, obrando todos altas cavallarias: os imigos apertàraõ tanto que chegàraõ tres galez muito poderosas a abordar a nào, andando neste conflicto os Padres ambos no meyo de todos cõ Crucifixos levantados, animando os nossos a pelejarem pela Fé daquelle Christo, que se lhe apresentava diante por Capitaõ, e de tal modo acendeo esta exhortaçaõ a furia, e valor aos nossos, q̃ deraõ com os imigos ao mar, e cõ aquelle impeto, e furor se lançou apoz elles em huma das galez o Martim Daco com huma espada, e rodella, fazendo grande estrago nos Mouros, sendo de cima ajudado com a espingardaria, e chamãdo Mem Lopes Carrasco por elle „ que se „ recolhesse, lhe respondeo, que o naõ „ havia de fazer atè render aquella galè, „ porq̃ a havia de tomar em lugar do ba„ tel da nào que os Mouros lhe tinhaõ „ jà tomado, e sendo a galè soccorrida de outras, foy forçado ao Martim Daco recolherse com algumas feridas bem grandes.

O Mem Lopes Capitaõ, e Senhorio da nào, andou todo aquelle tempo como hum alarve encarniçado na briga, e tinto da polvora, e de seu sangue, de feiçaõ que o naõ conheciaõ pelo rosto, se naõ pelas armas, e andando soccorrendo pelas partes todas em que os nossos pelejavaõ valerosamente, lhe deraõ huma bombardada por huma perna, e logo correo fama pela nào que elle era morto; chegou ao Castello de proa, onde seu filho Martim Lopes Carrasco tinha feito maravilhas em sua defensaõ, e dizendolhe hum soldado „ que seu pay „ era morto; se assim he, morreo hum só „ homem, e aqui ficamos muitos que de„ fenderemos a nào. O Mem Lopes como a ferida naõ foy mortal, e naõ lhe impedio o andar, fez seu officio cõ grande valor, andando sempre a par delle o Padre Francisco Cabral da Companhia muito inteiro, e com grande animo, e prudencia animando, e consolando a todos, como aquelle que sendo soldado se tinha achado em outro conflicto naõ menor, que foy com Gonçalo Pereira Marramaque no Estreito de Ormuz, quando quinze galez lhe batèraõ o seu galeaõ, e o deixáraõ razo cõ o mar, sem lhe deixarem cousa em que se pudessem pôr olhos, como eu tenho contado na

minha ſexta Decada livro decimo Capitulo treze. O Padre de S. Franciſco ſempre andou tambem cõ o Crucifixo, alentando os ſoldados, e chamando pelo Bemaventurado Santiago, animando os homens com palavras muito honradas, e por naõ cançar aos leitores, e mais aos deſte tempo, a quem eſtas couſas juntamente envergonhaõ, e enfaſtiaõ, baſta dizermos que tres dias continuos foraõ os noſſos batidos de toda aquella Armada, atè os deixarem arrazados de todos os Caſtellos, e maſtos, e a mòr parte da gente morta, e os mais feridos, e no fim dos ditos tres dias os imigos ſe affaſtàraõ, por apparecer o galeaõ de Joaõ Gago de Andrade, e foy o dano tanto q̃ os noſſos fizeraõ nelles, que ſe tornàraõ pera o Achèm com mais de quarenta embarcaçoens menos, e as mais taõ deſtroçadas, que ſe naõ atreveraõ a proſeguir na começada viagem, ficando o Rey taõ affrontado, e colerico, que hia brádando contra Mafamede, e contra os ſeus, dos quaes mandou deſpedaçar muitos por tomar nelles a vingança que nos Portuguezes naõ pode.

Joaõ Gago de Andrade chegou à nào, e paſmou de ver aquelle deſtroço, porque naõ havia em que pôr olhos, e porque naõ eſtava pera navegar lhe deu alguns pedaços de entenas com algumas cordas, do que armáraõ huma cruzeta com hum pedaço de vela, com que foy ſeguindo ſua viagem, e Joaõ Gago de Andrade tanto que a vio hir aviada, velejou, e chegou a Malaca onde deu novas do que paſſára, o que ſabido pelo Capitaõ D. Leoniz Pereira o tornou a mandar buſcar a nào, o que elle logo fez, e a encontrou no cabo Raxado, e a acompanhou atè Malaca, e Mem Lopes cõ os Padres, e mais companheiros, da meſma maneira que eſcapàraõ da batalha, deſembarcàraõ em terra, onde o Capitaõ, Cidade, e Cabido, e Padres das Religioens os eſperavaõ, e os recebèraõ com triunfo, e os levàraõ em prociſſaõ à Igreja Matriz, donde deraõ graças ao altiſſimo Deos da mercè q̃ lhes fizera, e por eſte ſucceſſo naõ ficou a nào capaz de hir fazer a viagem do cõtrato, e na monçaõ da India ſe foy em companhia das outras, porque a negociàraõ de maſtros, velas, vergas, e mais obras que ſe lhe puderaõ fazer das que lhe faltavaõ. Eſtas novas chegàraõ ao Reino que as eſcrevèraõ ao Viſorey o Capitaõ da Cidade, e os Biſpos de Malaca, e como ainda naquelle tempo eraõ os merecimentos a mayor valia, vẽdo ElRey que aquelle caſo era digno da remuneraçaõ pelo credito que deu ao Eſtado, mandou a Mem Lopes Alvarà de Fidalgo com boa moradia, e o Habito de Chriſto com boa tença, e ficou ſempre honrado, e eſtimado de todos os Viſoreys, porq̃ ſeu valor era digno de toda a eſtimaçaõ que delle ſe fizeſſe.

Neſte inverno proveo o Viſorey em muitas couſas neceſſarias ao bom governo, e porque foy aviſado que os Chatins de Barcellor naõ queriaõ pagar as pareas, e que no rio Sangiſel ſe armavaõ alguns Coſſairos pera ſahirem a roubar, ordenou huma Armada pera caſtigar eſtes inſultos, que conſtava de dez navios, de que foy Capitaõ mòr Pedro da Silva de Menezes, que naquella coſta do Canarà tinha alcançado a grande vitoria, de que jà atraz fizemos menção, o qual ſahio de Goa em Agoſto, com os Capitaens ſeguintes. Diogo Pinto, Antonio da Silva, Heytor da Silveira, Joaõ de Siqueyra, Antonio Vaz Correa, Vicente Paes, Jorge Cabral de Carvalho, e Antonio Delgado; e fazendo ſua viagem, foy atè o rio de Sangiſel, o qual entrou com Pilotos q̃ o guiàraõ, e foy por elle acima cinco leguas atè a povoaçaõ do Naique, q̃ era vaſſallo do Idalxá, e eſtava levantado, e achou na ſua praya cinco navios varados, eſquipados jà pera ſe lançarem ao mar, e deſembarcádo em terra pelo meyo de muitas bombardadas, e eſpingardadas q̃ lhe tiràraõ, mandou pôr fogo aos navios, q̃ todos arderaõ breviſſimamente, e mandou fazer o meſmo à povoaçaõ q̃ era grande, e deixádo tudo em carvaõ, e cinza ſe embarcou

cou com grande trabalho por carregarem muitos dos imigos sobre os nossos, e posto que houve alguns feridos, se recolheraõ sem mais dano.

Acabado aquelle negocio foy Pedro da Silva pela costa do Canarà adiante pera ver se achava alguns navios dos Malavares, que alli hiaõ naquelle tempo buscar arroz; e chegando ao rio de Barcellor, soube por espias que estava com pouca gente; pelo que determinou dar nella, de que avizou aos Capitaens pera q̃ se preparassem pera entrarem de noite, e darem na Cidade no quarto da alva, como fizeraõ, e cometendo a fortaleza com muita determinaçaõ, a entràraõ pela acharem cõ pouca gente, e descuidada de tal sobresalto, e todavia teria dentro duzentos homens, q̃ se defenderaõ muito bem, dos quaes foraõ mortos cincoenta, e cativáraõ setenta, e mandou o Capitaõ mòr embarcar quatorze peças de artelharia, que achou na fortaleza, e muitas espingardas, e armas, e huma bandeira, e os soldados saqueàraõ as casas em que achàraõ boa preza, e dentro na fortaleza estiveraõ dous dias, nos quaes acodiraõ Chatins com ajuda dos vizinhos, trazendo cinco mil homens com os quaes cometeraõ entrar a fortaleza, que os nossos lhe defenderaõ todo aquelle dia cõ muito valor, e tanto estrago dos imigos, que lhe matáraõ duzentos e cincoenta, afóra muitos feridos com que se recolheraõ já sobre a tarde, ficando dos nossos mortos cinco, e feridos quinze; e tanto que a noite se cerrou, se sahiraõ os nossos da fortaleza com as armas nas mãos, em muito boa ordem, e se embarcáraõ nos navios, sem terem oppressaõ, nem resistencia, e postos na barra ajuntáraõ as embarcaçoens de mercadores, que estavaõ carregadas de arroz, e se partiraõ pera Goa, onde chegáraõ a cinco de Outubro.

Poucos dias depois de Pedro da Silva partir pera o Canarà, despedio o Visorey as nàos dos mercadores, que estavaõ jà carregadas pera Malaca, nas quaes mandou embarcar Andrè da Fonseca pera Veador da fazenda daquella fortaleza, e pelas cartas que achou de D. Leoniz Pereira, do grande cerco que o Achèm lhe poz, e a vitoria q̃ lhe Deos dera delle, mandou embarcar nas nàos dos mercadores officiaes de obras, e pedreiros, pera reformarem aquella fortaleza, que ficou destruida do cerco passado, e deu ordem a Andrè da Fonseca, que do rendimento da Alfandega comprasse em Malaca mil candiz de arroz, por estar là muito barato, e o mandasse a Ceilaõ, repartidos pelas nàos que haviaõ de partir em Janeiro, ou que comprasse pera isso hum junco, e q̃ do mesmo modo comprasse, e mandasse pera os Almazens de Goa dous mil cãdiz de arroz. Estas prevenções fez porq̃ aquelle anno naõ passou nenhũa nàos a Bengala, e parece q̃ lhe adivinhava o coraçaõ que o havia de haver mister pera algũa necessidade, como logo se lhe offereceo dos grandes, e memoraveis cercos de Goa, e Chàul, e assim escreveo a Andrè da Fõseca, que lhe mandasse muito breu em tinas, e vergas pera galez, e galeoens, porque os ha là excellentes de puna grandes, leves, e fortes. Partiraõ estas nàos atè vinte de Setembro. Nesta monçaõ partio pera a China Tristaõ Vaz da Veiga pera fazer huma de duas viagens, de que tinha provimento pera Japaõ. Foy tambem Alvaro Pires de Tavora entrar na fortaleza de Damaõ por acabar seu tempo D. Pedro de Almeida q̃ nella estava.

Despedidas estas Armadas, o fez o Visorey tambem a quatro navios pera se hirem ajuntar com a Armada de D. Diogo de Menezes q̃ andava no Malavar, dos quaes foraõ por Capitaens, Ruy Dias Cabral, D. Manoel Pereira, Joaõ da Silva Barreto, filho bastardo do Governador Francisco Barreto, e D. Henrique de Menezes, dos quaes navios nomeou D. Luiz de Ataide por Cabo a Ruy Dias Cabral, assim por ser mais velho que os outros, e casado, como pela affeiçaõ que ElRey D. Sebastiaõ sempre lhe mostrou, pela qual porque naõ fosse mais por diante, o quizeraõ os Governadores tirar da presença de ElRey,

Anno 1568.

e ordenáraõ com que o mandaſſe pera a India, e lhe deu huma viagem da China pera Japaõ, q̃ era couſa de muita importancia, e dizem que lhe prometteo ElRey a fortaleza de Ormuz, por hũa carta que aquelle anno tivera, toda da letra de ElRey muito mimoſa, a qual elle trazia de continuo no ſeyo.

Partidos eſtes navios, pela coſta do Malavar encontràraõ cinco, ou ſeis Paràos, que logo cometèraõ com grande determinaçaõ, e entre todos ſe travou huma muito arrezoada batalha, na qual naõ ſey que Capitaõ no mòr conflicto della, deixou a Ruy Dias Cabral, e aos outros, que depois de fazerem maravilhas, foy o malogrado mancebo Ruy Dias Cabral morto cõ os ſeus ſoldados, e D. Henrique de Menezes ficou cativo com muitas feridas, e depois foy reſgatado por via de Cananòr. Eſta deſgraça ſentio muito o Viſorey, e D. Diogo de Menezes, que andava na coſta, fazendo guerra ao Camorim, em lhe dando eſtas novas, deitou logo inculcas ſobre eſtes Paràos pera ſaber o rio em que ſe recolhèraõ, porèm nunca pode deſcobrir nada diſto, porque logo ſe acolhèraõ cõ a preza, e teve dalli em diante grande vigia ſobre os Paràos, q̃ tomou aos Malavares pelo diſcurſo do veraõ, em que lhe matou muita gente, e tomou mil Mouros vivos, que repartio a banco nas galez, e galeotas.

Tinha o Viſorey D. Luiz de Ataide deſpedido pera o Norte D. Paulo de Lima com huma galè, e ſeis navios, pera ſe hir ajuntar com Martim Affonſo de Mello, Capitaõ de Baçaim, e com elle Jorge de Moura, que havia de ficar invernando naquella fortaleza que todos haviaõ de hir dar hum grande caſtigo ao Rey de Cole, que com o de Carſeta andàraõ infeſtando as terras de Baçaim, e quaſi como ſenhores dellas comiaõ ſuas aldeas, e arrecadavaõ ſeus rendimentos, o qual D. Paulo partio na entrada deſte anno de 1569. com huma galè em q̃ elle hia, e os mais navios, de que foraõ por Capitaens Antonio de Azevedo, Manoel Ferreira de Figueiredo, Gaſpar de Mello, Martim Affonſo de Mello Pombeiro, Gomes da Rocha, e Nuno Ferraõ da Cunha, e em ſua companhia foy Jorge de Moura, Colaço do Principe D. Joaõ em huma galeota com cincoenta homens, o qual havia de ficar invernando em Baçaim por Capitaõ da ſoldadeſca, e levou D. Paulo huma cafila q̃ deixou pelas fortalezas. E chegando a Baçaim, puzeraõ em ordem a jornada contra o Cole, e o Capitaõ da fortaleza Martim Affonſo de Mello ajuntou a gente de cavallo q̃ havia, que ſeriaõ oitenta homens pouco mais, ou menos em cavallos Arabios, e mandou chamar os Paſagis q̃ ſaõ dous, ou tres irmãos gẽtios vaſſallos do Eſtado, q̃ comem muito groſſas aldeas nas terras de Baçaim que ſe chamaõ Sabajù, que lhe Franciſco Barreto deixou com obrigaçaõ de acodirem logo todas as vezes que os chamaſſem, com duzentos piaens, e cincoenta cavallos, e das tranqueiras mandou o Capitaõ chamar outros duzentos piaens, e cõ todo o poder junto ſe puzeraõ em campo, onde ſe fez reſenha da gente, e acharaõ-ſe oitocentos Portuguezes, cõ mais de quatrocentas eſpingardas, afóra a gente de cavallo; e alli ordenáraõ o modo q̃ haviaõ de ter em cometerem os imigos que foy eſte. D. Paulo de Lima com a gente de ſua Armada q̃ ſeriaõ quatrocentos homens na vanguarda com os Paſagis, e ſua gente; Jorge de Moura na retaguarda com duzentos homens, e o Capitaõ da Cidade no corpo da batalha com outros, e toda a pionagem das terras de Baçaim, e a gente de cavallo pelas ilhargas.

Com eſte cabedal ſe paſſáraõ a Manorá, e dalli ſe foraõ marchando em buſca dos imigos que eſtavaõ na aldea Palateriaõ, o Cole, e Sarceta com mais de dous mil de pè, e quatrocẽtos de cavallo, em que entravaõ alguns Magores, e Dalariz gente alva, e limpa, os quaes eſtavaõ já ſobre aviſo, e eſperavaõ os noſſos em campo. D. Paulo de Lima que hia

na

na dianteira com Paſagis, rompeo logo nos imigos com muita determinaçaõ, appellidando Santiago, e entre elles ſe travou huma aſpera batalha, de que nas primeiras pancadas derrubáraõ os noſſos mais de cento dos imigos, e chegando todo o reſto do exercito, rompendo nelles os desbaratáraõ, e puzeraõ em fugida, deixando em poder dos noſſos o ſeu arrayal, em que os ſoldados achàraõ ainda algumas prezas. E pera q̃ eſta vitoria naõ foſſe de todo perfeita, a quiz a fortuna aguar cõ hum deſgoſto, como faz a todas as couſas da vida. Succedeo que ficando atraz hum dos Capitaẽs da companhia de D. Paulo de Lima, q̃ foy Manoel Ferreira de Figueiredo com ſeus ſoldados, e vindo ſeguindo o caminho dos noſſos, encontràraõ com elles os imigos que hiaõ fugindo desbaratados, e remetendo a elles, poſto que ſe defendèraõ muito bem ſobre hũ tezo q̃ tomàraõ, foraõ todos mortos, mas naõ ſem dano ſeu, porq̃ primeiro q̃ perdeſſem as vidas, as tiràraõ a muitos dos imigos.

Desbaratados os Mouros foraõ os noſſos entrando por ſuas terras, e deſtruindolhes ſuas as aldeas, atè chegarem a huma arrezoada Cidade do Cole chamada Darila, de caſas grandes de pedra, e telha, a qual entràraõ, e cativàraõ, e matàraõ muitos dos moradores, e mercadores da Cidade, a qual foy entregue ao fogo, em que toda ſe conſumio. Daqui paſſáraõ à outra Cidade tambem grande, chamada Vazem, a que fizeraõ o meſmo, e lhe deſtruiraõ ſeus campos, cortáraõ ſeus arvoredos de fruto, e fizeraõ todos os mais danos q̃ puderaõ. Cõ iſto feito ſe foraõ os noſſos recolhendo pera Baçaim, paſſando por entre caminhos muito eſtreitos, e por entre ſerras, e matos de bambuaes muy eſpeſſos, por meyo dos quaes he neceſſario hirem a pè, e levarem os cavallos pelas redeas, como eu fiz algumas vezes, ſendo Capitaõ de Tarapor, que entrey por eſtas terras, e por entre matos donde ſahimos todos eſcalavrados pelas mãos, roſtos, e pernas dos bambuaes, que cortaõ como navalhas. Por eſtes caminhos paſſáraõ eſtes Capitaens grandes trabalhos, porque como eſtes Colès ſaõ como bogios, que ſaltaõ de ramo em ramo, aſſim por eſtes matos, ſem os ninguem ver, foraõ perſeguindo os noſſos, frechando-os à ſua vontade, porque ficavaõ de cima, e os noſſos hiaõ pelo caminho debaixo hum, e hum, por naõ ſer elle capaz de mais. Em fim com infinito trabalho, riſco, e dano, chegàraõ todos a ſalvamento à noſſa tranqueira de Saibana, onde deſcançáraõ, e ſe foraõ pera Baçaim, ficando os imigos taõ quebrantados que muitos tempos naõ bulliraõ comſigo.

Anno 1568.

Feito eſte negocio, partio-ſe D. Paulo pera Goa com huma cafila, e Jorge de Moura ficou invernando em Baçaim, e hindo Dom Paulo ſeu caminho, tanto àvante como Carapataõ, encontrou huma eſquadra de dez Paráos, que o foraõ cometer, e entre elles ſe travou huma aſpera batalha, em que houve muito dano de ambas as partes, faltando a D. Paulo hum, ou dous navios dos ſeus, que ſe lhe foraõ eſcoando, e por fim da refrega, cuido que tomou Dom Paulo dous Paràos, e os outros ſe foraõ desbaratados, e com eſta vitoria ſe foy pera Goa, porque foy taõ venturoſo eſte Fidalgo, que nunca ſahio pela barra fóra por Capitaõ de Armada, que foraõ muitas vezes, que naõ encontraſſe Paràos, e q̃ naõ pelejaſſe cõ elles, e os naõ venceſſe. Chegando a Goa foy muito bẽ recebido do Viſorey, e quãdo o vio entrar taõ gentil-homem cõ duas vitorias taõ honradas, lhe diſſe abraçando-o „ que he iſto ſenhor Dom „ Paulo, quereis q̃ vos dem peçonha? Querendo remoquear aos outros q̃ eſtavaõ preſentes, por lhe naõ terem acontecido aquellas boas venturas, e falando o Viſorey a todos os Capitaẽs da Armada de D. Paulo, e louvando-os de cavalleiros, chegou hum dos que ſe deſviàraõ da briga, q̃ era filho de Goa, e abaixando-ſe pera lhe beyjar a maõ, o Viſorey lhe diſſe muito ſevero „ anday dahi, „ hide beyjar a maõ a voſſa mãy.

CAPITULO XXIX.

Das couſas q̃ ſuccedè raõ eſte anno em Maluco a Gonçalo Pereira Marramaque.

DEixàmos as couſas de Gonçalo Pereira Marramaque em Amboino naquella grande vitoria que houve contra os Itos na grande ſerra do Atotilè, com a qual ſe recolheo pera Amboino, levando os Itos comſigo jà amigos pelas pazes que fizeraõ, e eſtando naquella Bahia chamada a Cova, depois de deſpedir os galeoens pera Maluco, foy aviſado que vinha huma Armada de Soltaõ Rabù Rey de Ternate, a qual elle lançou no mar depois de ſer jurado por Rey pera hir em buſca de Gonçalo Pereira a Amboino, e ſatisfazerſe em tudo o q̃ pudeſſe nos Portuguezes, e em todas as ſuas couſas da morte de ſeu pay; na qual Armada foy por Capitaõ hum irmaõ do Rey morto, homem jà velho, chamado Calatinco grande cavalleiro, o qual levava cinco Corocoras tamanhas como galez, das quaes a mais pequena remava noventa remos, e os Capitaens das outras eraõ ſeus parentes, que todos vinhaõ ajuramentados de deſtruirem todos os lugares de Chriſtãos: e a primeira Ilha que tomàraõ foy a de Burro povoada de Mouros, vaſſallos do Rey de Ternate, e alli armou mais ſete Corocoras, e mandou recado aos moradores de Varenula, e Caleceoles, e Cabelos pera „ que eſtiveſſem preſtes pera fa„ zerem guerra aos Portuguezes, por„ que elle determinava de lhe tomar a „ fortaleza, e deitallos fóra daquellas „ Ilhas, agora que a fortaleza eſtava ſó, „ e o Capitaõ mòr na Cova, o que todos eſtimáraõ muito, pelo odio que nos tinhaõ, e ſe negociáraõ pera aquella jornada.

D. Duarte de Menezes que ficou por Capitaõ da fortaleza, como já diſſemos, foy aviſado daquella conjuraçaõ, e eſcreveo ao Capitaõ mòr „ que logo o „ ſoccorreſſe, porque eſtava ſó, e o „ poder era grande, ao q̃ elle lhe mãdou „ dizer que logo ſeria com elle; ao que „ lhe D. Duarte mandou replicar, que „ ſe dentro em vinte, e quatro horas o „ naõ ſoccorria, que lhe havia a forta„ leza por encampada, e que logo ſe „ havia de hir pera onde elle eſtava, e porque lhe naõ defirio a eſte proteſto, entregou a fortaleza a Balthazar de Souſa com alguns poucos Portuguezes, e foy-ſe por terra a ver com Gonçalo Pereira Marramaque, porque dizia elle que eſta preſſa lhe naõ fazia temer a Armada, que a naõ temia, ſe naõ os Itos que tinha das portas a dentro, que logo ſe haviaõ de alevantar, e tambem lhe naõ pareceo que a Armada chegaſſe taõ depreſſa, a qual appareceo ao outro dia, e logo deitáraõ gente defronte da fortaleza, que acometeraõ com tanta determinação, que chegáraõ a abalar os pàos da cerca com as mãos. Os ſoldados que eraõ bem poucos, e eſſes quaſi todos doentes, acodiraõ com as armas nas mãos a defender as tranqueiras, e fizeraõ afaſtar os imigos dellas. O Balthazar de Souſa q̃ ficou por Capitaõ, vendo que os Mouros punhaõ fogo a huma galeota que eſtava em eſtaleiro, abrio a porta da tranqueira, e ſahio fóra ſó com huma alabarda nas mãos, e remeteo a hum Ternate, que acertou ſer hum Caciz, e lhe atirou hum bote que lhe elle tomou em huma rodela, e querendo-a tirar, naõ pode, antes o Caciz chegou a elle, e lhe deu hum golpe com hum traçado pelo peſcoço que lho cortou, e cahio. Eſtava àquelle tempo Balthazar Vieira, que depois ſe chamou o Ternate, em huma guarita muito doente, e vendo o caſo, encarou a eſpingarda no Caciz, e tomando-o pelos peitos, o derrubou morto. Era eſte Caciz irmaõ de Reboange, e tio do Capitaõ mòr daquella Frota. Os Ternates em o vendo cahir morto, e que a artelharia lhe derribava muitos, ſe recolhèraõ, e embarcàraõ, e foraõ cometer duas fuſtas noſſas q̃ eſtavaõ no mar cõ dezaſeis ſoldados Portuguezes, e as entràraõ, e os matáraõ, depois de elles fazerẽ grandes

grandes cavallarias em ſua defenſaõ, e dando toas às fuſtas, as leváraõ comſigo, e ſe foraõ pera a Ilha de Varenula.

Eſtas novas chegáraõ logo ao Capitaõ mòr, e quem as levou por terra, encontrou no caminho a D. Duarte de Menezes, que ſe tornava pera a fortaleza, depois de ter falado com Gonçalo Pereira, o que ambos ſentiraõ em extremo, e o Capitaõ mór negociou logo ſeis Corocoras, e as mandou pera eſſe effeito, e elle ſe partio por terra cõ toda a gente, hindo muito reſentido de naõ mandar meter à eſpada os Itos, que tomou em Atotilè, de que todos o culpavaõ, e com muita razaõ, porque nunca elles podiaõ ſer noſſos amigos.

Chegando o Capitaõ mòr à fortaleza, mandou lançar ao mar a galeota, a que os Ternates queriaõ pôr fogo, e que cuſtou a vida a Balthazar de Souſa. Ao outro dia appareceo a Armada imiga, que tornava ſobre a fortaleza com tençaõ de a levarem nas mãos, o que elles puderaõ fazer da outra vez ſe quizeraõ. O Capitaõ mòr naõ os quiz eſperar em terra, e logo ſe embarcou nas Corocoras, e mandou diante a Dom Duarte de Menezes na galeota; nas Corocoras hiaõ Lourenço Furtado, Joaõ Rodrigues de Bèja, Joaõ Rabello, e Filippe Lobo. A bandeira de Chriſto mandou o Capitaõ mòr pôr na Corocora de Lourenço Furtado, e lhe encomendou que trabalhaſſe por abalroar a Corocora do Capitaõ mòr dos Ternates, e elles parecendolhes que o Capitaõ mòr eſtava ainda na Cova, e antes de chegarem à fortaleza, vendo ſahir a noſſa Armada logo ſe fizeraõ na volta do mar, e os noſſos os foraõ ſeguindo, e entrando, e vendo os Ternates que naõ podiaõ fugir, e quaõ pouca Armada era a noſſa, voltàraõ com muita determinaçaõ, e vendo a bandeira de Chriſto na galeota de Lourenço Furtado, cuidando que era o Capitaõ mòr, indireitou a ſua Capitania cõ ella, e a inveſtio, ficando a Corocora imiga cõ a proa cavalgada ſobre a de Lourenço Furtado, que taõ grande era, que da primeira ſorriada ficàraõ todos os noſſos feridos. Lourenço Furtado ſe lançou na Corocora imiga, e com elle hum Aleixo Borges, filho de Còchim, cada hum com ſua mea chuça nas mãos, e com muito valor foraõ derrubando nos imigos atè chegar o Capitaõ mòr, com quem indireitou o Lourenço Furtado, e lhe enſopou a chuça na barriga, e derrubou a ſeus pès.

Gonçalo Pereira vendo-o andar na galeota imiga o ſoccorreo, como tambem o foraõ fazer as Corocoras imigas ao ſeu Capitaõ mòr, e o primeiro que chegou a elle foy hum tio ſeu, o qual ſe baldeou logo na Corocora, e chegou a tempo que a Corocora do tio do Capitaõ mòr de Ternate chegava a elle, e põdolhe a proa ſe baldeou dentro, e à força de braço, matou a todos os que achou, e a rendeo. Joaõ Rabello fez o meſmo à outra Corocora. Gonçalo Pereira podemos dizer que pelejou com todas, porque andava de fóra mandando, e guardando, e como paſſava por qualquer Corocora dos imigos lhe dava ſua ſalva, de que derrubava muitos.

Vendo os imigos ſeu Capitaõ mòr morto, e aquellas tres Corocoras, que eraõ as principaes, rendidas, fugiraõ, e ſe foraõ pera outras Ilhas, naõ ſe tendo por ſeguros em Varenula. Gonçalo Pereira com eſta vitoria ſe recolheo à fortaleza muito triſte, porq̃ ficou da bulha muito mal ferido Lourenço Furtado, q̃ aos dez dias veyo a falecer com grande màgoa, e dor de todos, principalmente do Capitaõ mòr, porque era muito ſeu amigo pelas partes que tinha. Foy eſte Fidalgo irmaõ baſtardo de Triſtaõ de Mendoça, Capitaõ q̃ foy de Chàul, pay de Pedro de Mendoça, que eſteve no Tribunal de Portugal, era homem nas forças agigantado, e de forças grandiſſimas, manhoſo, e ardiloſo na guerra, e de grandes penſamentos, hum dos grandes amigos que tive, por cuja cauſa ao eſcrever deſte ſucceſſo tambem me coube

coube parte da triſteza de ſua morte; morrèraõ mais neſta briga dez, ou doze ſoldados afóra muitos que ficàraõ feridos.

Gonçalo Pereira Marramaque tanto que os feridos ſaràraõ, foy logo à Ilha Varenula em buſca dos imigos, e chegando ao lugar o achou deſpovoado, e as fuſtas que levàraõ, queimadas, pelo que mandou dar fogo ao lugar, e tornou ſe à Cova a deſpedir os galeoens pera Malaca, e depois ſe foy pera a fortaleza de Ito, e naõ deixou de entender os trabalhos, que a morte de ElRey de Ternate havia de dar à noſſa fortaleza, que eſtava em grande aperto de fóme; q̃ foy de feiçaõ que chegàraõ a comer caens, gatos, e outras immundicias, e hervas q̃ conſumiaõ os noſſos, e chegou hũa coſta de ſagu biſcoutado, que parecia hum ladrilho de tijolo, a valer huma caixa de ouro, que era mais de hum cruzado, porq̃ o Rabù Rey de Ternate tratou de fazer guerra à fortaleza por fómes, porq̃ bem ſabia que as naõ podiaõ os noſſos aturar, e q̃ logo ſe lhe entregariaõ; todavia vendo quanto os noſſos aturavaõ o aperto, concertou-ſe cõ ElRey de Tidore, pera ambos aſſaltarem a noſſa fortaleza, e pera ſe ſegurar delle, o caſou o Ternate com huma ſua irmãa, que era o que o Tidore deſejava havia muitos dias, e pera eſta guerra nomeou por Capitaõ mòr ſeu irmaõ Cachil Tidore ſougue, e lhe deu mil homens pera ſe hir ajuntar com ElRey de Ternate, e juntos ambos cometèraõ a povoaçaõ.

Succedeo ſer eſte aſſalto hum Domingo depois de acabada a Miſſa, e ouvindo os noſſos a revolta, ſahiraõ como deſatinados à defenſaõ das tranqueiras de fóra, que foraõ cometidas com tanto valor, que logo as entráraõ, e matáraõ vinte dos noſſos, que ſe defenderaõ valeroſamente, e tambem fizeraõ grande eſtrago nos imigos, e todos os mais dos noſſos ficáraõ feridos, e atè o Padre Vigario que ſahio com hum montante, com que fez maravilhas, ſahio com tres feridas na cabeça.

Foraõ neſte tempo os imigos aviſados que o Capitaõ mòr Gonçalo Pereira ſe fazia preſtes pera hir ſoccorrer a fortaleza, com o que determináraõ de a levar nas mãos primeiro que elle chegaſſe, e aſſim huma noite eſcura cometèraõ a cerca, e com muitos picoens a derribáraõ, e entráraõ, e matáraõ os Portuguezes que nella havia, e cometendo outro baluarte, de que era Capitaõ hum Luiz da Mò, valente cavalleiro que o defendeo valeroſamente. Eſtava a eſte tempo com elle Belchior Vieira, aquelle que em Amboino matou o Caciz, o qual era hum dos melhores eſpingardeiros da India, e cõ ſua eſpingarda derrubou tantos dos imigos, que ficou o muro cheyo de corpos mortos. O Capitaõ que cometeo eſte baluarte foy o Benavià, Géral da gente de Tidore, o qual andava capitaneando os ſeus, e fazendo-os chegar, e foy tal a ventura de Belchior Vieira, que encarando nelle a eſpingarda, o tomou pelos peitos, e o derribou morto, o que viſto pelos ſeus foraõ-ſe recolhendo, naõ ſendo os que defenderaõ eſte baluarte mais que o Capitao Luiz da Mò, que eſtava cahido morto, e Belchior Vieira, q̃ daqui ganhou o ſobrenome de Ternate, pelas maravilhas q̃ obrou em defenſaõ daquella fortaleza, que ſe elle naõ fora, ſem duvida ſe perdera, pelo qual feito ElRey D. Joaõ o tomou cuido que por Fidalgo, e lhe deu o habito de Chriſto com boa tença, e lhe paſſou hum brazaõ de armas muito honrado, cujo treſlado eu tenho em meu poder, ficando ſempre com o nome de Belchior Vieira o Ternate, como o de Manlio Capitolino. Os imigos contentàraõ-ſe com ſaquearem a povoaçaõ, com cujo deſpojo ſe recolhèraõ. Succedeo iſto o veraõ de 1569 atè entrada do de 1570.

CA-

CAPITULO XXX.

Da hida do Viſorey D. Luiz de Ataide a Barcellor.

VIndas as nàos de Portugal, de que era por Capitaõ mòr Filippe Carneiro, logo o Viſorey D. Luiz de Ataide ſe preparou pera hir ſobre Barcellor, porque ſe entendeo que era neceſſario pera fazer a guerra ao Malavar fecharlhe aquelles portos todos do Canarà, donde ſe elles proviaõ; e vendo que D. Antaõ de Noronha fizera a eſſe reſpeito a fortaleza de Mangalòr, quiz fazer nos dous portos de Barcellor, e Onor outras duas, pera aſſim ficar aquella coſta fechada, tendo elle eſtranhado ao Viſorey D. Antaõ de Noronha abalarſe com o poder da India por huma empreza de taõ pouco porte, como era aquella de hir ſó ſobre Barcellor, porque eſtandolhe eu pedindo licença pera me hir pera o Reino o veraõ que elle chegou, lhe pedio hum ſoldado algũa mercè, allegando que ſe achàra na tomada de Mangalòr, ao que o Viſorey reſpondeo: „ Neſſa Pamplona „ vos achaſtes ſoldado? Hora hide-vos „ embora. Couſa muy ordinaria nos Viſoreys eſtranharem o q̃ fizeraõ os a quem elles ſuccedèraõ, e elles fazeremno depois muito peyor.

Em fim aſſentado pelo Viſorey de fazer eſta jornada, eſcreveo às fortalezas do Norte, e Còchim ſua tençaõ „ pera que o ajudaſſem com o que pu- „ deſſem, e aos Fidalgos pera que o foſ- „ ſem acompanhar, e tanta preſſa deu à Armada, que em Novembro a poz no mar, e logo lhe chegáraõ os ſoccorros de fóra de Damaõ, Baçaim, e Chàul, que foraõ vinte e cinco navios muy luzidos, e de boa ſoldadeſca, cujos Capitaens foraõ Gomes Ferreira de Sampayo, Jorge da Silva de Mendoça, Franciſco Paim de Mello, Capitaõ de S. Gens, Pedro Homem da Silva, filho de Vaſco Fernandes Homem, que foy por Governador das Minas de Cuama, Joaõ de Ataide, Joaõ Correa de Brito, Ruy Pires de Tavora, que tinha invernado em Damaõ com ſeu irmaõ Alvaro Pires, D. Antonio Lobo, Juliaõ Tiborio, Gaſpar Velho Enteado de D. Pedro de Menezes o Ruivo, Franciſco de Avelar, Jorge de Moura, que tinha invernado em Baçaim por Capitaõ da gente de guerra, Franciſco de Barros, Paſcoal Machado, Diogo Pires Machado ſeu irmaõ, Joaõ de Mello filho de Heitor de Mello, Leonel de Souſa, Simaõ de Azevedo, Franciſco Preto filho de Pedro Preto o rico de Chàul, Antonio Fernandes o Soldado, Gaſpar Lopes Chamorro, Ruy Mendes, e Gaſpar Fernandes, todos os navios ſeus, e à ſua cuſta. Com eſte ſoccorro ſe poz o Viſorey no mar, e com mais onze galez, ſete galeotas, e com de redor de ſetenta navios, na qual Armada foraõ de ventagem de tres mil ſoldados. Os Capitaens das galez afóra o Viſorey, que hia na baſtarda, foraõ os ſeguintes. D. Franciſco Maſcarenhas que depois foy Viſorey, D. Jorge de Menezes Baroche, D. Fernando de Vaſconcellos neto do Arcebiſpo, Dom Fernando de Menezes filho de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, ſeu filho Fernaõ Telles, D. Manoel Rolim, Ruy Gonçalves da Camera, D. Pedro de Menezes, D. Nuno Alvares Pereira. Os das galeotas foraõ Luiz de Mello da Silva que tinha vindo de ſervir a Capitanìa de Ormuz, Chriſtovaõ de Bobadilha, D. Franciſco de Almeida o torto, Dom Paulo de Lima Pereira, D. Franciſco da Coſta, Manoel de Mello de Sampayo, Antonio de Azevedo Feitor da Armada. Os das fuſtas eraõ D. Fernando de Monroy, D. Diogo de Ataide, D. Martinho de Caſtello-branco, Jorge da Silva Pereira, Pedro da Silva de Menezes, Henrique de Betancor, D. Alvaro de Ataide, Pedro Lopes Rabello, Aleixo Dias Falcaõ Inquiſidor Apoſtolico, Antonio de Andrade de Vaſconcellos, Joaõ da Fonſeca, Ayres Gomes

Gomes de Miranda, Nuno Alvares Carneiro Secretario, Affonſo Pereira de Lacerda, Joaõ de Mendoça, Franciſco de Souſa Tavares, Ambroſio Valente, Fernaõ Ortiz de Tavora, Antonio Fernandes, Diogo Fernandes, Gonçalo Guedes de Reboredo, Alvaro Monteiro, D. Luiz Tello de Menezes, irmaõ de D. Diogo de Menezes, Nuno Pinto, Duarte do Soveral, Vicente Dias de Villalobos, no galeaõ S. Pedro, e S. Paulo, Antonio do Soveral homem da terra em fuſta ſua, outro Antonio Fernandes, Antonio Rabello outra, Antonio Mendes outra, Antonio Fernandes outra, Manoel Dias Picoto, Capitaõ de huma bandeira da gente da terra outra, Pedro Fernandes o do habito de Santiago outra, Diogo Dias do Preſtes outra, fuſta da enfermaria, fuſta da deſpenſa, fuſta com o Meirinho da Corte, fuſta com a guarda do Viſorey, Antonio Dias Melinde em hum navio de alto bordo ſeu; hum Tauri com cavouqueiros, Manoel Rodrigues outro navio de alto bordo, Joaõ Cordeiro Capitaõ de huma barcaça, Baſtiaõ Gonçalves de outra.

Depois de dada ordem à carga das nàos do Reino, e outras couſas, deixando alguns navios de guarda na barra de Goa, e em Murmugaõ, deu à vela na entrada de Dezembro; e como levava bom vento, chegou em poucos dias ao rio de Onor, onde determinava fazer tambem fortaleza como eſtava aſſentado, e quiz fazella logo de paſſagem, pera o que ſe foy paſſando a gente às fuſtas, e foy entrando o rio. Era eſte porto de Onor muy frequentado, e de muito trato; foy eſte, e os mais daquella coſta de ElRey de Biſnagà, e foraõ-ſe alli apoſentar os Mouros Arabios, q̃ logo ſe fizeraõ ſenhores daquelle porto, e dalli tratavaõ com ſuas nàos pera Meca, em q̃ faziaõ muitos proveitos. Succedeo por ſuas grandes tyrannias levantarem ſe os naturaes, que eraõ Gentios Canaris contra elles, e perſeguiraõ-nos de feiçaõ, que ſe embarcàraõ em ſuas nàos, e ſe paſſáraõ a Goa. Foy iſto mais de cem annos antes que nòs entraſſemos na India, no qual tempo era Senhor da Ilha de Goa hum Gentio chamado Sabayo vaſſallo tambem de ElRey de Biſnagà, e vendo-ſe os Mouros que foraõ de Onor, com elle, lhe pediraõ o porto de Goa pera fazerem ſua povoaçaõ, offerecendolhe grandes proveitos dos direitos de ſuas fazendas, e concertando ſe niſſo, fizeraõ ſua povoaçaõ naquella parte, onde hoje eſtà a Cidade de Goa, e ribeira das Armadas, que tudo era deſpovoado, porque a Cidade dos Canaris era entaõ em Goa velha, por ſer o ſitio mais ſádio. Dalli do porto de Onor tratàraõ eſtes Mouros com ſuas nàos pera os Eſtreitos de Meca, e Ormuz, com que engroſſáraõ, o que durou atè o grande Affonſo de Albuquerque tomar a Cidade de Goa, que os deitou fóra della. Aſſim que entrando o Viſorey pela barra de Onor, foy ſurgir abaixo hum pouco da fortaleza que eſtava da banda do Norte ſobre hum tezo rodeado de muros, e alguns baluartes, e logo mandou o Viſorey deſembarcar a gente pera que a foſſem cometer, como fizeraõ, e poſto que houve algumas roqueiradas, em os noſſos chegando a ella, lha deſpejàraõ, e ſe foraõ, e entràraõ nella ſem outra alguma reſiſtencia. Alguns cuidàraõ, e preſumiraõ que o Viſorey eſtava jà cõcertado com o Capitaõ della, que ſe chamava Lavarnà, que alli eſtava da maõ da Rainha de Chantar, o qual ſe foy pela terra dentro, e ſe era certo que eſtava concertado com o Viſorey, devia de ter toda a ſua fazenda fóra da fortaleza. O Viſorey entrou logo nella, e a mandou benzer, e lhe poz nome Santa Catharina, e logo ordenou por Capitaõ Jorge de Moura, e lhe deixou duzentos ſoldados com muitos provimentos de munições, mantimentos, e dinheiro, e lhe mandou fazer algumas obras, que lhe pareceraõ neceſſarias.

Feito iſto partio-ſe o Viſorey pera Barcellor, e chegando à ſua barra, cometeo

meteo logo a entrada com todos os navios de remo, hindo elle diante de todos na ſua manchua ſentado em huma cadeira de brocado, armado com ſuas plumas, e perto delle hia ſentado o Veiga tangendo em huma arpa, e cantando aquelle Romance velho que diz, *Entran los Moros en Troya; tres, y tres; y quatro a quatro.* E chegando perto da fortaleza, começàraõ a vir zunindo por cima das embarcaçoens algumas bombardadas, com que o Veiga, que hia cantando ſe embaraçou, ao que o Viſorey muito ſeguro lhe diſſe „ò hide „por diante, naõ vos eſtorve nada, Luiz de Mello da Silva hia junto do Viſorey, e alguns outros Fidalgos, e Capitaens perto de Luiz da Silva, os quaes vendo as bombardadas diſſeraõ a Luiz de Mello da Silva „que o Viſo- „rey naõ hia bem, que aquillo era mui- „to arriſcar, ao que lhe reſpondeo, „deixay-o ſenhores hir, e ſe o matarem, „aqui vou eu que governarey a India, „e ſe me matarem a mi, ahi vaõ voſſas „mercès. O Viſorey ouvindo falar niſ- to por naõ perceber o que era, perguntou a Luiz de Mello o que era, elle diſſe tudo o que reſpondera, o que elle feſtejou, e celebrou muito.

Eſtava eſta fortaleza hum quarto de legua pelo rio acima da banda do Sul, aſſentada ſobre hum tezo tambem cercada de muros, e de baluartes, com algumas peças de artelharia, a qual fortaleza ſuſtentàraõ os Chatins de Barcellor que tem a ſua Cidade mais pelo rio acima, os quaes ſe governavaõ como Republica, e pagavaõ algũs tributos ao Rajû, e havia entre elles antiguamente homens taõ ricos, que muitos falavaõ por bares de pagodes, que ſaõ quatro quintaes o bar. Em fim chegando o Viſorey perto da fortaleza, mandou deſembarcar a Luiz de Mello, a quem deu a dianteira com toda a gente, pondo-ſe o Viſorey tambem em terra com a bandeira de Chriſto. Luiz de Mello foy marchando pera a fortaleza por entre as bombardadas que lhe atiravaõ, e chegando a ella ſe lhe deſpejou, e a gente ſe vazou pela outra parte, e metendo-ſe elle dentro, mandou recado ao Viſorey, que logo chegou, e foy nella recebido de Luiz de Mello com grandes ſalvas de artelharia, e nomeou por Capitaõ a ſeu primo Antonio Botelho com trezentos homens, que ſe meteo logo nella, e a mandou fortificar muito bem, porque levava pera iſſo o Viſorey Meſtres, e materiaes, e feito iſto em que o Viſorey gaſtou mais de hum mez, ſe partio pera Goa.

Como Deos noſſo Senhor teve ſempre os olhos neſte Eſtado, ſem lhe lembrarem os peccados delle, que ſempre foraõ grandes, inſpirou muitas vezes no peito dos Viſoreys couſas que pareciaõ profecias, como ſuccedeo eſte inverno no do Viſorey D. Luiz de Ataide, que ſem haver occaſiaõ nova ſe moveo a mandar huma Armada a Malaca, que pelo ſucceſſo della ſe entendeo que Deos noſſo Senhor lhe inſpirara a neceſſidade, que della havia naquellas partes, e haviaõ de ter, e aſſim tanto que entrou o mez de Agoſto, mandou pôr ſeis galeões de verga dalto, e oito navios, em q̃ entravaõ huma galè, e as mais galeotas, e fuſtas, e elegeo por Capitaõ mòr pera eſta empreza a Luiz de Mello da Silva; que ſe fez à vela em 24. de Agoſto deſte anno de 1570. elle no galeaõ S. Mathias, fermoſiſſima peça, e muito bem deſcanſado em ſuas viagens, D. Pedro de Menezes, filho de D. Manoel de Menezes, que depois foy Capitaõ de Dio, no galeaõ S. Paulo, D. Nuno da Cunha, filho de Antonio da Cunha que depois ſe chamou D. Antonio, que veyo com o Viſorey D. Luiz de Ataide do Reino provido com a Capitanìa de Dio que naõ logrou em outro galeaõ, Diogo da Azambuja, no galeaõ Trindade, Manoel Lopes Carraſco, no galeaõ Reys Magos, Sebaſtiaõ de Rezende, filho baſtardo de Garcia de Rezende o noſſo Chroniſta, na galè D. Fernando de Menezes caſado em Còchim. Galeota Simaõ Reinel, das fuſtas foraõ por Capi-

taens,

taens, Pedro Ribeiro, Ruy Mendes de Figueiredo, Alvaro Lopes da Coſta, Antonio Antunes, e Antonio Carreiro Feitor da Armada.

Neſta companhia foy D. Franciſco da Coſta entrar na Capitanìa de Malaca, de que era provido. No meſmo tempo foy Diogo de Mello Coutinho entrar na Capitanìa de Columbo, e Ceilaõ. Tambem neſte Setembro foy Ayres Telles de Menezes entrar em Dio, de cuja Capitanìa era provido por cinco annos. Deſpachados eſtes Capitaens pera fóra, logo em treze de Setembro chegàraõ as nàos do Reino, de q̃ veyo por Capitaõ mòr Jorge de Mendoça, e logo o Viſorey ordenou a Armada do Malavar, de que foy por Capitaõ mòr D. Diogo de Menezes, que partio em vinte e oito de Setembro com tres galez, e dezaſete fuſtas, de que foraõ Capitaens das galez afóra elle Fernaõ de Mendoça, Manoel de Sampayo de Mello, Diogo de Mello de Sampayo, filho de Simaõ de Mello. Das fuſtas D. Pedro Coutinho, Mathias de Albuquerque, Thomè de Mello de Caſtro, D. Joaõ de Lima, irmaõ de D. Duarte de Lima, e filhos de D. Antonio de Lima, o Alfayate de alcunha, Ignacio de Lima, Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda Camereiro mòr do Cardeal Dom Henrique, Antonio Lobo de Brito, Martim de Vaſconcellos, Lopo Pereira, Affonſo Vaz Viegas, Lourenço de Brito, que depois foy Capitaõ de Çofala em Moçambique, Vaſco Fernandes de Lacerda, Dom Luiz de Menezes que foy Capitaõ de Damaõ, filho de Dom Fernando de Menezes, Domingos Ferreira Eſcorcio, Franciſco Mendes, Martim Affonſo de Mello Pombeiro, e Antonio Maſcarenhas, o Manco, filho de Fernaõ Maſcarenhas, e irmaõ de Simaõ Maſcarenhas, o Clerigo, Conego da Sè de Evora, e do que lhe ſuccedeo, adiante daremos razaõ.

CAPITULO XXXI.

Da conjuraçaõ dos Reys todos da India contra o Eſtado.

HOuveraõ ſempre os Mouros todos deſde Conſtantinopla, Perſia, atè Malaca, por taõ pezado o jugo, que cuidavaõ lhes tinhaõ poſto os Portuguezes depois que entràraõ na conquiſta da India, que em todo o tempo, que a poſſibilidade os ajudou, ſempre conſpiràraõ contra nòs pera verem ſe por algum modo nos podiaõ lançar fóra do Eſtado da India; hora com grandes Armadas de Turcos, que fizeraõ paſſar à India por muitas vezes, como largamente tenho eſcrito nas minhas Decadas; hora com outras poderoſas do Achèm, e principaes de Jaoa, que ſe moveraõ contra Malaca; hora com exercitos de Cambaya, que ſe ajuntàraõ contra as noſſas fortalezas de Dio, e Damaõ; hora com ſe moverem os Reys de Decane tantas vezes contra as fortalezas de Chàul, Baçaim, e Goa, de modo, que naõ aquietàraõ nunca, porque lhes era intoleravel de ſofrer, verem q̃ os deſapoſſámos do rico cõmercio da pimenta, drogas, e mais fazendas, com que entravaõ com groſſas nàos pelos Eſtreitos da Perſia, e da Arabia, donde paſſavaõ à Europa por mãos de Venezeanos, Genovezes, e outras naçoens, e ſobre tudo a honra de ſua falſa Religiaõ, que lhes era de tudo o peyor de ſofrer, porque tinhamos totalmente impedido a todos elles a navegaçaõ da caſa do ſeu Profeta Mafamede, ſobre que os ſeus Cacizes, e doutores na ſua nefanda ley lhes faziaõ todas as horas grandes, e exhortatorias admoeſtações, como os noſſos Santos Pontifices as fazem aos Principes Chriſtãos contra o nome Mahometico; de maneira que quaſi todos os dias eraõ admoeſtados, e requeridos dos Cacizes, que olhaſſem pela honra do ſeu Mafamede, que viaõ cada hora hir em diminuiçaõ ameçando-os

do-os com grandiſſimos caſtigos, e ainda quando aquelles Reys do Decane, Nizamoxà, e Idalxà ſe conjuráraõ contra o Rajù de Biſnagà, que o desbaratàraõ, matàraõ, e ganhàraõ ſeus riquiſſimos deſpojos, como o tenho contado em ſeu lugar, levandolhe ſeus theſouros, hindo todos a hum pagode dar graças a Mafamede de tamanha mercè como aquella, ſe levantou o ſeu Caciz mayor, como o Califa de Arabia, e de hum lugar alto lhes fez eſta breve fala.

„ Muito poderoſos, e vitorioſos „ Reys, honra, e gloria da naçaõ Ma„ hometica de todo eſte Oriente, bem „ ſabeis a grande affronta, que a todos „ vos tem feito os Portuguezes em vos „ tomarem voſſas Cidades, ſenhorea„ rem voſſas terras, uſurparem-vos voſ„ ſo cõmercio, defenderem-vos, e im„ pedirem-vos a voſſa navegaçaõ à caſa „ do noſſo grande Profeta, o qual eu ve„ jo eſtar como corrido, e envergonha„ do do voſſo ſofrimento, havendo que „ ou fazeis pouca conta da ſua ley, pois „ naõ acodis por ſua honra, ou que de „ covardes, e puſilanimes vos naõ atre„ veis com potencia tamanha, como „ tendes junta neſſe campo, com que „ podeis conquiſtar o mundo, a lançar „ fóra de voſſas caſas quatro homens, „ que aſſim ſaõ em comparaçaõ de voſ„ ſos innumeraveis exercitos, e de li„ bertardes a caſa de voſſo Profeta, ten„ do voſſos irmãos, que aſſim poſſo „ chamar os Turcos, cativo em ſeu po„ der o Santo Templo de Jeruſalem cõ „ todos os Santuarios, Reliquias, e mais „ lugares de ſuas peregrinaçoens, ſem „ ſerem poderoſos todos os Reys Chriſ„ tãos pera reſgatarem os theſouros de „ ſua fé. Eu tive por muitas vezes car„ tas, e admoeſtaçoens dos Prelados do „ Imperio de Conſtantinopla, dos da „ Perſia, e Arabia, em que me eſtranhaõ „ muito o pouco, que comvoſco, ò po„ deroſos Reys, tenho acabado, ſaben„ do vòs que toda a ajuda que vos for „ neceſſaria ſua vos mandáraõ, como „ já fizeraõ outras vezes; e tambem ſey „ que ſe vos moverdes a iſto, que vos „ admoeſto, que em vos vendo reſolu„ tos, e abalados, logo os Reys da Ilha „ Çamatra, de Jaoa, e de Maluco ſe haõ „ de mover contra os Portuguezes, que „ là vivem por aquellas fortalezas taõ „ rotas, e mal providas, a quem ſerà im„ poſſivel chegar ſoccorro, ſe por todas „ as partes do Eſtado ſe virem opprimi„ dos de voſſos exercitos, e naõ eſtà em „ mais o acabar de os extinguir, que em „ vos reſolverdes a vos abalar pera iſſo. „ Pelo que vos requeiro, e admoeſto da „ parte do noſſo grande Profeta, que „ pois eſtais em campo, abaleis voſſos „ exercitos pera eſta empreza, q̃ he de „ mais honra, e proveito, que a de Biſ„ nagà, que taõ facilmente acabaſtes „ contra o mais poderoſo Rey deſte „ Oriente, e eu fico que tenhais grande „ ajuda, e favor do noſſo Profeta, quan„ do vir que vos reſolveis a pordeſ-vos „ em campo por ſua honra.

Muito attento eſtavaõ aquelles Reys, e Capitaens, ao que o ſeu Prelado lhes diſſe, e movidos de ſuas admoeſtações, como eſtavaõ com as mãos folgadas daquella grande vitoria, é viraõ que os gaſtos daquella empreza podiaõ ſahir dos theſouros de Biſnagà, logo alli na meſma Meſquita „ juràraõ todos ſobre „ os livros de ſeu Alcoraõ de ſe ajunta„ rem todos contra nòs, e o que ſe eſ„ cuzaſſe deſta conjuraçaõ, foſſem os „ outros ſobre elle, e lhe tomaſſem o „ Reino, e o repartiſſem entre os con„ jurados. Eſta liga, e juramento fizeraõ com grandes ceremonias, com as eſpadas nuas nas mãos, e lançando as toucas diante do Altar de Mafamede. Feito iſto logo que ſe recolheraõ, como já diſſe, ſe começàraõ a preparar, e mandàraõ embaixadas ao Achèm pera o perſuadirem a hir contra Malaca, e o meſmo fizeraõ ao Çamori, pera ſe abalar contra Chalè, e aos Regulos da coſta Canarà contra aquellas fortalezas, pera o que logo ſe preparàraõ com muita preſſa, e ſegredo, que naõ pode ſer tamanho, que os Portuguezes, que an-

CAMARA DOS DEPUTADOS BIBLIOTHECA

davaõ em Madaneguer, e Vica, Cortes daquelles Reys, naõ vieſſem a ſaber do caſo de que aviſáraõ logo a peſſoas ſuas amigas como logo direy.

Naõ deixàraõ de ſoar eſtas novas em Goa, e Chàul, ainda que confuzamente, porque andavaõ nas Cortes daquelles Reys mercadores Portuguezes com cavallos, em que faziaõ grandes proveitos, os quaes avizavaõ de là alguns amigos que o diziaõ ao Viſorey, o que elle communicava com os Cidadoens velhos que todos lhe affirmàraõ „ que „ ſe naõ poderia reſolver o Idalxà a nos „ fazer guerra, pelos proveitos que ti„ nha de noſſo cõmercio, e porque eſ„ tes Reys naõ ſe fiavaõ huns dos ou„ tros; e as meſmas razoens davaõ os „ mercadores de Chàul a Luiz Freire „ de Andrade ſeu Capitaõ, a quem hum „ Lopo Soares alli morador certificou „ que o que ſe dizia era verdade, porque „ havia pouco viera da Corte de Niza„ moxà, e jà là ſe falava neſte movi„ mento, e lhe diſſe mais ainda; que ſe „ o que dizia naõ foſſe verdade, que „ lhe mandaſſe cortar a cabeça. Em fim aſſim o Viſorey, como o Capitaõ de Chàul eſtavaõ confuzos, e tinhaõ mandado eſpias verdadeiras, e de grandes intelligencias pera os avizar da verdade, e certeza do que ſe paſſava.

Luiz Freire de Andrade Capitaõ de Chàul, que era Fidalgo precatado, e tinha dado homenagem daquella fortaleza, com ſegurança de Lopo Soares, e cartàs que teve dos homens que andavaõ em Madaneguer, poz-ſe em ordem, e mandou logo derrubar todas as cazas, e hortas, que havia deſde a Cidade atè o campo de S. Sebaſtiaõ, e toda a madeira, taboado, pedras, e mais couſas mandou meter dentro na fortaleza, e Cidade, e começou a abrir alicerces pera ſe fortificar, recolhendo a cerca que começava a fazer muito pera dentro da povoaçaõ, porque naõ tinha muros, nem baluartes, do que foy muito murmurado dos moradores que ſe queixàraõ, e ainda proteſtàraõ do Capitaõ lhes tomar ſuas madeiras, e lhes derrubar ſuas caſas, e hortas, e de tudo aviſou ao Viſorey por recados apreſſados, certificandolhe a decida dos Reys contra aquella Cidade, e contra a de Goa, de que tambem o Viſorey já tinha certeza, e com muita preſſa deſpedio pera Chàul D. Franciſco Maſcarenhas, que depois foy Viſorey da India, por Capitaõ géral daquella guerra, e de todas as fortalezas com ſeus poderes na fazenda, e na guerra, o qual partio de Goa no fim de Outubro deſte anno de 1570. com tres galez, e dez navios, de que eraõ Capitaens afóra elle que hia na galè S. Franciſco, Fernaõ Telles, D. Henrique de Menezes, D. Duarte de Lima, e das fuſtas Henrique de Betancor, Jorge da Silva Pereira neto do Regedor, Diogo Soares da Albergaria, Chriſtovaõ de Bobadilha, Manoel Pereira, Joaõ de Mendoça, Franciſco de Tovar, D. Nuno Alvares Pereira, Nuno Velho Pereira, e Gaſpar Velho, nos quaes navios hiriaõ ſeiſcentos ſoldados que ſe offerecèraõ pera iſſo, e naõ forçados, nem vendidos a poder de dinheiro, como hoje fazem: na qual companhia foraõ muitos, e muy honrados ſoldados Fidalgos, eſcondidos de ſeu Viſorey, e depois chegou o tempo a tanta miſeria, q̃ alguns ſe eſcondiaõ pera naõ hirem a outras occaſiões. Os Fidalgos q̃ aqui foraõ de q̃ pude ſaber os nomes, ſaõ os ſeguintes, e os mais delles com embarcaçoens que fretàraõ à ſua cuſta, e outros com amigos embarcados; Ruy Gonçalves da Camera, D. Gonçalo de Menezes, D. Fernaõ Telles com navios ſeus, e com elle D. Rodrigo de Souſa, Pedro da Silva de Menezes, e outros muitos cavalleiros, e ſoldados de nome que adiante apontaremos.

E aſſim como chegavaõ novas de qualquer ſucceſſo, aſſim ſe embarcavaõ outros, ſem o Viſorey os poder ter, porque tambem ſe receava de outras neceſſidades. Chegado D. Franciſco Maſcarenhas a Chàul, achou a certeza da guerra, e o Capitaõ Luiz Freire de Andrade,

drade, occupado com ſe fortificar conforme a brevidade do tempo; porque os imigos hiaõ já deſcendo, e naõ pode mais fazer que tapar as bocas das ruas que ſahiaõ ao campo, ao que o Capitaõ mòr ajudou logo com todas as chuſmas das galez, e marinheiros, ſendo os Fidalgos, e Capitaens ſempre os primeiros que pegavaõ nos pàos das portas, e mais materiaes pera as tapajens, e que carregavaõ, ou arrolavaõ as balas de algodaõ pera porem por cima dos andaimes das tranqueiras, que ſe naõ levantavaõ mais de huma braça, e em muitas partes ſe fizeraõ paredes de pedra, e barro guarnecidas de pàos groſſos de teca; e das traves das caſas de fóra que ſe derrubáraõ, taboas, arcas, e tudo o mais que podia fazer alto à viſta dos imigos, porque naõ tinha outros muros, nem baluartes com que ſe defenderem da groſſiſſima artelharia que o imigo vinha arrojando pelo Gate abaixo contra aquelles pobres entulhos, que tinhaõ a mayor reſiſtencia nos fortiſſimos peitos dos valeroſos Portuguezes, que eraõ os verdadeiros muros daquella Cidade.

E porque pareceo ao Capitaõ mòr que era obrigaçaõ do ſeu cargo hir prover as tranqueiras de Baçaim, e ſegurar a Ilha de Salſete, cõtra as quaes o imigo poderia virar as armas, por ſerem as de mòr importancia, e rendimento do Eſtado; embarcou-ſe na ſua Armada, e as foy viſitar, prover, e dar ordem à guarda dos paſſos da terra, e dos rios, no que ſe naõ deteve muito, porque foy logo chamado do Capitaõ Luiz Freire de Andrade, por virem já apparecendo os imigos, e o poder eſtar em Pale huma jornada de Chàul, e no fim de Novembro começáraõ apparecer oito mil de cavallo, e vinte mil de pè de Sevadaria de Fratecaõ, Abexi, que vinha por Géral daquella guerra, o qual ſe tinha já achado nos dous ſoberbos cercos de Dio, ſendo Capitaens Antonio da Silveyra, e D. Joaõ Maſcarenhas, nos quaes vio fazer taes couſas aos Portuguezes, que mais vinha a eſta guerra por acompanhar o ſeu Rey, que por lhe parecer que na empreza poderia ganhar honra alguma.

O primeiro dia que os Mouros deraõ viſta deſta gente, foy dia de Santo Andrè, que appareceo pelo campo de Saõ Sebaſtiaõ, aonde acodio D. Franciſco Maſcarenhas com toda a ſoldadeſca, a qual ſendo viſta dos imigos, ſe foraõ logo recolhendo, e o Capitaõ mòr fez o meſmo pera a Cidade, e porque ficava ainda alguma gente da terra pera recolher dos arrebaldes, e palmares, tornáraõ os Mouros a rebẽtarem no campo pelos apanharem às mãos, ao que o Capitaõ mòr voltou, e fez recolher os Mouros, atraveſſando-ſe de todo o corpo do exercito.

Deſte dia por diante ſe começáraõ a travar as eſcaramuças entre os noſſos, e elles, dos quaes Deos noſſo Senhor logo ao principio nos começou a moſtrar, haviamos de ter felice vitoria, porque ſempre ſahiraõ eſcalavrados. O Capitaõ Luiz Freire como tinha dado homenagem da fortaleza, e carregavaõ ſobre elle muitas couſas, acompanhado de todos os caſados, e moradores, ſempre ſe apreſentava no campo aos trabalhos, pelejando com huma maõ, e fortificando-ſe com a outra o melhor que podia; e porque nos palmares adiante de Saõ Sebaſtiaõ appareciaõ companhias de cavallo, e faziaõ os Mouros algumas emboſcadas, mandou Luiz Freire de Andrade alguns poucos de cavallo tomar viſta delles, com ordem pera que ſe foſſem recolhendo atè os meterem em huma emboſcada de ſoldados de eſpingardas, que mandou lançar pera eſte effeito em certa paragem, e eſtando os noſſos, que ſahiraõ ſete, ou oito de cavallo pelos palmares, deraõ com hum tropel de gente de cavallo, que remeteo com os noſſos, e do primeiro encontro derrubáraõ dous, hum caſado rico, e bom cavalleiro, que ſe chamava Fernaõ de Ayres, que logo morreo; e hum Caſtelhano, que de muitas feridas foy

derrubado, e os Mouros ſe deſceraõ ao esbulharem das armas, e de hum anel que levava no dedo, e havendo-o por morto o deixáraõ com huma cadea de ouro muito groſſa ao peſcoço, em que naõ atentáraõ com a preſſa; os outros noſſos de cavallo ſe recolheraõ muito bem, e os Mouros tambem o fizeraõ: o Caſtelhano, que eſtava ainda vivo feito rapoſo, tanto que vio os Mouros recolhidos ſe levantou, e ſe foy recolhendo pera a Cidade, onde foy muito feſtejado, e curado, e pouco depois viraõ vir hum cavallo ſolto pelo campo ſellado, e enfreado, o qual ſe veyo meter nas tranqueiras, e conhecèraõ que era do Caſtelhano.

Paſſado iſto, e correndo entre os noſſos, e os Mouros algumas eſcaramuças, em que ſempre havia feridos, quiz o Capitaõ Luiz Freire de Andrade tentar outra vez a ventura, e armou outra ſillada de cincoenta ſoldados emboſcados, e mandou ſeu irmaõ Alexandre de Souſa com quinze de cavallo pera que foſſe atè os meſmos palmares, e provocaſſem os Mouros a ſe ſahirem delles, pera a parte onde a emboſcada eſtava. Alexandre de Souſa meteo-ſe tanto pelos palmares, que chegou atè o alojamento dos imigos, os quaes em vendo os noſſos lhes ſahiraõ mais de cento de ginetes muy fermoſos, mas Alexandre de Souſa que era gentil cavalleiro, veyo eſcaramuçando com elles, e trazendo os apoz ſi pera os meter na emboſcada, e vieraõſe a baralhar de feiçaõ, que foy neceſſario aos noſſos virarem a elles, e encontrarem-ſe das lanças, e cavallos tezamente, em que os noſſos derrubáraõ alguns, e todavia Alexandre de Souſa veyo ao chaõ por falta do ſeu cavallo, levandolhe ſempre as redeas na maõ, ao que acodio Franciſco de Souſa Tavares que era ſeu ſobrinho, e o ajudou a cavalgar com muito riſco ſeu, e aſſim cahio outro noſſo, que tambem cavalgou logo ajudado de Nuno Pinto, que poz a lança em hum Mouro, e o derrubou morto, e com iſto ſe recolheraõ os noſſos ſem poderem provocar os Mouros a que ſahiſſem ao campo, aonde a emboſcada eſtava. Eſtas novas chegáraõ ao Capitaõ géral, que acodio com toda a ſoldadeſca, a recolher os noſſos que vieraõ muito gentilhomens, ſem lhes acontecer mais deſaſtre algum.

Aos quinze de Dezembro ſeguinte chegou a Chàul o Fratecaõ com oito mil de cavallo, e mais vinte Elefantes, e muita gente de pè, e foy dando pelo campo de S. Sebaſtiaõ viſta de ſeu poder, atraveſſando-o de parte a parte, e foy tomar ſeu apoſento nas caſas da Madre de Deos, e poz em S. Sebaſtiaõ outro Capitaõ, e logo mandou outro a meterſe no muro de ſobre a barra, no qual mandou prantar algumas peças de artelharia pera defender os ſoccorros que haviaõ de vir pela barra, donde tambem podiaõ bater a Cidade, e varejalla, porque ſe deſcobria toda, e aſſim na Armada que eſtava no mar, e no paſſo das Almadias, que vem de Chàul de cima pera a noſſa povoaçaõ, mandou pôr outras peças groſſas, aſſim pera defenderem aquelle paſſo, como pera baterem o baluarte da fortaleza velha, que fica ſobre a vaza, e daquelle dia por diante ſahiaõ os mais dos dias ao campo com todo o poder, com grandes eſtrondos de inſtrumentos bellicos, rinchos de cavallos, e uyvos de Elefantes, pera com iſſo atemoriſarem os noſſos, que ſe matavaõ porque lhe naõ podiaõ ſahir, e deſenganarem-nos que os naõ temiaõ, ſe os Capitaens os naõ enfreàraõ.

Aos vinte e hum de Dezembro ſe poz o Fratecaõ no campo com todo o poder, e muitas bandeiras deſenroladas, e apparecèraõ pela praya da banda do mar nas coſtas da Madre de Deos, e pera onde eſtà a forca, muitas tendas, e pelos palmares jà em deſcuberto, o que atè entaõ naõ tinha feito, e pelo mar que vay pela cordoaria por detraz de S. Franciſco, e mais chegado ao Moſteiro, ſe armou hũa tenda de vermelho, bandada de azul, e branco pera o meſmo Fratecaõ.

caõ. Os noſſos ſoldados, vendo aquella ſoberba de ſe lhe virem aviſinhar à Cidade, lhe ſahiraõ algumas Companhias com ſeus Capitaens, que travàraõ huma fermoſa eſcaramuça com os Mouros, em que os noſſos ſe adiantàraõ bem, e os eſcalavràraõ melhor, atè que o Capitaõ mòr mandou ter maõ nelles, e recolhellos.

O Capitaõ mòr com o da fortaleza ſe puzeraõ em ordem de repartir as eſtancias, como fizeraõ por eſta maneira. D. Rodrigo de Souſa no baluarte Santa Catharina, que ficava fronteiro à Vaza, e dalli, por aquelle lanço que hia pera o campo, corrèraõ as eſtancias de Henrique de Betancor, e Fernaõ Pereira de Miranda. Era eſte Fidalgo mancebo de muito boas partes, muito amado, e querido de todos, foy filho de Franciſco Pereira de Miranda, que tinha ſido havia annos Capitaõ de Chàul, e irmaõ de Chriſtovaõ Pereira, caſado com huma filha de Pedro Preto de Chàul o rico, e muito conhecido, da qual teve duas filhas, huma que caſou com Ayres Telles de Menezes; e outra com eſte D. Rodrigo de Souſa: mais adiante Fernaõ Telles, e Ruy Pires de Tavora, e hum lanço de caſas que corria pera o mar de S. Franciſco, muitos quintaes, e roturas de paredes mandou o Capitaõ mòr tapar por ſe meterem nellas os Mouros, e a guarda dos que andavaõ neſta obra, encomendou a Nuno Velho Pereira, e a D. Gonçalo de Menezes, e na dita paragem nos tres dias de Janeiro de 1571. ouvio Nuno Velho falar Mouros, que andavaõ folgando pelas hortas, e ſahindolhe ambos eſtes Fidalgos com ſeus ſoldados, os tomàraõ taõ de ſupito, que os naõ viraõ, ſe naõ quando ſe ſentiraõ cortar do ſeu ferro: mas tornando ſobreſi, levàraõ as armas, e travàraõ huma muito arrezoada briga, à qual acodiraõ com ſoccorro de ambas as partes, o que foy cauſa de ſe acender a batalha muito, e durar atè a noite, em que o Capitaõ mòr acodio ao recolher. Morreraõ neſte primeiro deſenfado cento e oitenta Mouros, ficando feridos mais de quinhentos; dos noſſos morreraõ dous, a que naõ achey os nomes, que pòde ſer o fizeſſem melhor que os que os tinhaõ mais illuſtres; ficáraõ feridos trinta.

Paſſado eſte caſo logo a ſeis do mez chegou a peſſoa de ElRey Nizamoxà à Cidade onde foy recebido com grandes feſtas, e regozijos, e toda aquella noite houve grandes luminarias, bailes, danças, e outras recreaçoens, e ao outro dia ſe lhe armou huma tenda ſobre a ſerra do Argao à viſta da noſſa Cidade. Trouxe ElRey comſigo dous mil de cavallo, que juntos aos que là eſtavaõ, faziaõ trinta e quatro mil, dos quaes mandou quatro mil ſobre as terras de Baçaim. Acompanhavaõ-no muitos Capitaens, e ſoldados eſtrangeiros, Magores, Rumes, Parſeos, Coraçones, Lais, Abexis, e outras naçoens. A gente de pè paſſava de cento e vinte mil, em que entravaõ doze mil bombardeiros, frécheiros, eſpingardeiros, e quatro mil officiaes de campo, e Condeſtavel mòr da artelharia era hum Turco chamado Rumecaõ, grande official, ao qual ajudava hum gentio Bragmane, chamado Rama, tamanho homem no officio de artelheiro, que por muitas vezes derrubou os noſſos guiões nas eſtancias, e cegou todas noſſas peças, moſtrando-ſe niſto abalizado, e por ordem de ambos ſe ordenavaõ as eſtancias, e plantavaõ a artelharia nos lugares que podiaõ fazer mayor dano. Trazia ElRey trezentos e ſeſſenta Elefantes, trouxe muita artelharia, a principal foraõ nove peças groſſas, em que entrava huma que os noſſos chamavaõ o Caſapo grande, e elles Samacaſapo, que na ſua lingua quer dizer cruel carniceiro, porque os carniceiros que cortaõ as vacas, lhes chamaõ Caſapos, tinha de comprido dezaſeis palmos, e lançava pelouro de pedra de ſete palmos, e meyo de roda, e de trezentos e vinte arratens de pezo, e deſpedia em cada tiro cento e cincoenta arratens de

pezo de polvora: trazia outra peça, a que os noſſos chamavaõ o Caſapo pequeno; era mais furioſa, e deitava pelouro de ſeis palmos, e meyo de roda, a qual muitas vezes rompeo cinco, e ſeis paredes de caſas, e hia varar à outra banda, e de huma vez arrancou do entulho da tranqueira, onde tinhaõ as eſtancias Fernaõ Telles, Fernaõ Pereira, e Henrique de Betancor, hum vigamento grande, e por cima das eſtancias, e andaimes das caſas o lançou na rua de Pedro Ferreira; a eſta peça chamavaõ os Mouros Nonzagari, que quer dizer engole tudo: trazia outra peça de ferro, porque eſtoutras eraõ de bronze, de vinte e cinco palmos de comprido, a que ſe naõ ouvia, atè quando ſe diſparava, ſe naõ depois de o pelouro dar na pontaria; a eſta chamavaõ os Mouros Ouratami, que quer dizer deſtruiçaõ de tudo, e os noſſos lhe puzeraõ nome reſpadilho, lançava pelouro de quatro palmos, e meyo em roda: trazia outra peça tambem de ferro, a que os Mouros chamavaõ Aneli, que quer dizer Deos a deu, por dizerem que a fez hum Pagode, e os noſſos lhe puzeraõ nome Orlando furioſo: outro camelo de marca mayor, que lançava pelouro de tres palmos em roda; vinha outra que lançava o meſmo pelouro, e tinha cinco covados de comprimento, a que os Mouros chamavaõ Chaguei, que quer dizer fello ElRey, porque elle dera a fórma della: as mais peças eraõ eſperas, camelos, e outras que depois vieraõ, que o Meſtre de Campo mandou plantar da banda dalèm ſobre o outeiro que deſcobria toda a Cidade, com as quaes faziaõ grandes danos nella.

Ao outro dia ſeguinte depois de ElRey chegar, tomáraõ ſeus Capitaens eſtancias por eſta maneira: Faratechaõ Capitaõ General ſe agaſalhou nas caſas do Vigario junto à Ermida da Madre de Deos, que agora ſaõ dormitorios dos Padres Capuchos, que tomàraõ a Ermida pera fazerem ſeu Moſteiroſinho que he muito devoto: tinha alli ſete mil cavallos, e duzentos Elefantes, donde logo começou a lançar huma trincheira pelo campo de S. Sebaſtiaõ, que o atraveſſou todo atè as caſas de Diogo de Guiaõ, da outra banda, que vay pera o paſſo de Chàul de cima, no qual ſe alojou o Caluſchaõ, outro Capitaõ Abexim de grande authoridade, que tinha ſeis mil de cavallo, cuja gente ſe eſtendia atè o alojamento de Faratechaõ; com dous mil cavallos ficou em Chàul de cima, ſeguindo com ſua gente atè a Vaza, e o eſteiro, que divide a noſſa Cidade da ſua, e toda a mais gente ſe eſtendia de longo do rio, e do mar, em torno ao redor de quatro leguas, e com iſto ficou a noſſa Cidade cercada de mar a mar, e de maneira, que havia ſobre a noſſa Cidade trinta e quatro mil de cavallo, trezentos e ſeſſenta Elefantes, cem mil homens de pè, dezoito mil gaſtadores, infinidade de bois, bufaros, e gente de trabalho pera o meneyo da artelharia, porque todas eraõ trinta e oito peças groſſas. Era o Nizamoxà de vinte e dous annos de idade, de meaã eſtatura, dobrado, e de membros robuſtos, e cor baça, e de grande viveza nos olhos, muito fragueiro, e bellicoſo, e havia cinco annos que reinava.

Contra eſta potencia eſtava a noſſa Cidade ſem muros, ſem cavas, ſem fortificaçaõ alguma, mais que huns entulhos, como jà diſſe, com pàos de teca, traves, portas das janellas das caſas, palmeiras, balas de algodaõ, e outras couſas taõ fracas como eſtas. Cortàraõ os Capitaens a Cidade, e a foraõ recolhendo no melhor modo que puderaõ, e a foraõ cercando deſde a Vaza, que vay da fortaleza velha, atè o mar, e coſta brava que hia ſahir a S. Domingos, ficando de fóra algumas caſas fortes, que por conſelho dos Capitaens ſe aſſentou „ que ſe defendeſſem, por que„ brarem nellas os imigos ſua furia, „ por naõ começarem logo a bater nos „ entulhos, porque entendèraõ que ainda que eſtas caſas ſe perdeſſem depois, ſeria jà com muita perda dos imigos, que

que ficaria ſendo muito menos quando começaſſem a bater a Cidade, as quaes caſas eraõ de Antonio Fernandes o ſoldado, que ficavaõ ſobre a praya, nas coſtas dos Moſteiros de S. Domingos, as quaes os Mouros chamavaõ das ſete cameras, por terem outras tantas pelos telhados, q̃ de fóra viaõ, que eraõ de quatro aguas, e de telhados acoruchados muito fermoſos, nas quaes ſe meteo Nuno Alvares Pereira, pelas pedir de mercè, por entender que alli eſtava mais arriſcado, porque deſejava moſtrar ao mundo que procedia daquelle grande, e valeroſo Capitaõ D. Nuno Alvares, e que naõ degenerava daquelle illuſtre appellido nada, e comſigo meteo quarenta ſoldados, que tambem quizeraõ acompanhallo nos perigos a que ſe offereciaõ; e em outras defronte da tranqueira que corria da Miſericordia pera S. Domingos, que ficavaõ bem fóra, ſe meteo Dom Gonçalo de Menezes com trinta homens, os quaes lhe deraõ por grande mimo, e pela confiança que tinhaõ delle as defender contra toda aquella potencia; e outras caſas que corriaõ da Miſericordia pera S. Domingos, duas lanças affaſtadas das tranqueiras, e entulho, ſe encarregàraõ a Nuno Velho Pereira, que ſempre pretendeo lugares perigoſos, em que ſe pudeſſe aſſinalar, e em outras caſas puzeraõ Manoel Pereira de Sampayo, pera as quaes ſe mudou depois Heytor de Sampayo da Silva, grande cavalleiro, e que tinha dado diſſo muito bons ſinaes: em outras caſas pegadas aos entulhos ſe poz Franciſco de Mello de Sampayo filho de Triſtaõ de Mello, a que na India chamavaõ o roncador, mas ſempre moſtrou por obras, que o naõ era, nem dizia couſa que naõ fizeſſe: e naquella parte dos entulhos eſtava Lourenço de Brito, que depois foy Capitaõ de Moçambique: e outras duas caſas de fóra affaſtadas humas das outras ſe entregàraõ a Rodrigo Homem da Silva, filho de Vaſco Fernandes Homem, Governador que foy de Cuama, e daquellas Minas todas, mancebo valeroſo, e que ſempre trabalhou de imitar aos valeroſos, e antigos Capitaens, porque nos trajes era bom ſoldado, e nos muitos que em ſua caſa tinha, muito liberal, e bom Capitaõ, andando ſempre entre elles a pè, e com eſpada curta à ilharga; em outras caſas ſe meteo Luiz Xira Lobo: e porque o Moſteiro de S. Franciſco ficava affaſtado das cercas mais de duzentos e cincoenta paſſos, poz-ſe muitas vezes em conſelho ſe ſe defenderia, e em todos ſe aſſentou „ que era neceſſa- „ rio meterſe nella huma boa guarniçaõ „ de ſoldados com muitas muniçoens, „ aſſim por ſe os imigos naõ meterem „ dentro, que ſeria iſſo parte pera ſe per- „ der a Cidade, por lhe ficar alli hum „ fermoſo baluarte contra nòs, como „ por quebrarem alli a furia. Como ſe teve reſpeito à defenſaõ das outras caſas, e porque ſempre pareceo aos Capitaens que ſeria aquelle lugar o mais arriſcado de todos, andavaõ os amigos em grandes contendas ſobre qual delles ſeria, o que lhe coubeſſe aquella ſorte, quando achavaõ occaſioens de mayor perigo pera arriſcarem, e perderem as vidas. Pelo que muitos requerèraõ o lugar, e metèraõ niſſo ſuas valias, mas como os merecimentos de Alexandre de Souſa eraõ taes, que pera todas as couſas daquella ſorte, e outras ainda mais perigoſas, ſe as havia, pudera ſer buſcado, e rogado, ſem mais valia que ſuas obras, quanto mais ſendo ellas taes como todo o mundo ſabia; e ſendo irmaõ de Luiz Freire Capitaõ da fortaleza, foy eleito pera aquelle lugar, ſem ſeu irmaõ ſe meter niſſo, e ſó foy a eleiçaõ de D. Franciſco Maſcarenhas, que bem ſabia de quem confiava aquelle negocio, em que eſtava toda a defenſaõ, e honra daquella fortaleza. Entregue a caſa de S. Franciſco a Alexandre de Souſa, naõ foy neceſſario rogarem-ſe homens pera eſtarem com elle, antes à porfia ſe hiaõ pera là, e dos primeiros foy Ruy Gonçalves da Camera, Dom Luiz de Caſtello-branco, filho de Dom Fran-

Franciſco de Caſtello-branco, Camereiro mòr de ElRey D. Joaõ III. Manoel Pereira de Lacerda, Diogo Soares de Albergaria, Franciſco de Souſa Tavares, Chriſtovaõ Curvo de Siqueira, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que por todos faziaõ numero de cento e cincoenta.

Pelas tranqueiras que cercavaõ a Cidade que ſe fechou toda, ſe puzeraõ eſtes Capitaens, D. Joaõ de Souſa, ſobrinho de D. Pedro de Souſa, que faleceo ha pouco ſendo Capitaõ de Ormuz, que tinha chegado daquella fortaleza em huma nào que mandou pera Goa, que tomou à ſua conta fazer hum lanço da tranqueira, que corria da Vaza atè o rio junto de S. Domingos, por ſe naõ meterem por alli os imigos, de que tomou hum quinhaõ Joaõ de Mendoça, D. Henrique de Menezes, Dom Franciſco de Souſa, D. Diogo de Almeida, filho do Contador mòr, Jorge da Silva Pereira, filho de Ruy Pereira da Silva, Gomes Freire, Joaõ Cayado de Gamboa, Manoel Dornellas de Vaſconcellos, Diogo Soares de Albergaria, Alvaro de Abreu Gomes, Franciſco de Sampayo, Pedro Ferreira, ſeu irmaõ Luiz Trancozo, caſado naquella Cidade, Pedro Fernandes da Praya Cidadaõ rico, Joaõ de Souſa, Pedro da Silva de Menezes, Dom Sebaſtiaõ de Teve, filho de Antonio de Teve, Veador da fazenda que foy, Joaõ Ribeiro filho de Chàul, Pedro Preto, Joaõ da Silva Barreto, filho baſtardo do Governador Franciſco Barreto, e outros que depois ſe nomeàraõ. Todos eſtes tinhaõ eſtancias naquella face dos entulhos que vay pera o campo. Antes que o Nizamoxà chegaſſe, quiz o Capitaõ mòr deſpejar a Cidade de muitas mulheres, e meninos, e outra gente inutil que naõ fazia mais que comer, a qual mandou embarcar em navios, e porque havia Coſſairos na coſta, lhes mandou dar guarda por Fernaõ Telles, e D. Duarte de Lima em ſuas galez, que chegàraõ a Goa, e deraõ relaçaõ ao Viſorey do eſtado em que a guerra ficava, e o modo de como os Capitaens ſe entrincheiravaõ, e que por horas ſe eſperava pelos imigos; e depois de eſtes Fidalgos eſtarem em Goa, chegou àquella Cidade o Padre Frey Jeronymo Travaſſos da Ordem de S. Fràciſco peſſoa de authoridade, e que poderia repreſentar ao Viſorey as neceſſidades em que ficavaõ, pera que os ſoccorreſſe: o que o Padre fez por taes termos, que com o Viſorey eſtar tambem nas neceſſidades que logo veremos; tornou a mandar os meſmos Fernaõ Telles, e D. Duarte de Lima com mais dous navios cheyos de ſoldados, que tirou dos paſſos das Ilhas, em que os tinha, os quaes em breves dias chegàraõ àquella fortaleza, e foraõ apoſentados por grande mimo nos entulhos ſobre a Vaza junto a Ruy Pires de Tavora, e Fernaõ Pereira de Miranda, e poſto que tinha alojados eſtes Capitaens nos lugares q̃ nomeey, naõ ſe pode averiguar o tempo que nelles eſtiveraõ, porque fizeraõ mudanças alguns de huns pera outros; mas baſta ſabermos que naquelle circuito das tranqueiras, fronteiras aos imigos eſtiveraõ eſtes, e outros, porque o aperto era taõ géral, que em toda a parte eſtavaõ huns taõ arriſcados como os outros, e naõ merecèraõ menos em huns lugares, que em outros.

CAPITULO XXXII.

Do modo que ſe fortificou o Viſorey em Goa, e de como proveo os paſſos contra o poder do Idalxà, e do poder, e modo com que elle deſceo o Gatte.

DEixemos hum pouco as couſas de Chàul, e vamos às de Goa, pois todas ſuccedèraõ em hum meſmo tempo, e aſſim hiremos continuando em noſſa obrigaçaõ, hora com humas, hora com outras, porque aſſim ficarà a hiſtoria menos enfadonha, e melhor ordenada, que ſeparar eſtes cercos, como fez

Anto-

Antonio Pinto. Digo pois que certificado o Viſorey da deſcida do Idalxà contra a Cidade de Goa, e que já começavaõ a apparecer ſeus Capitaens, e deſcer a artelharia, poz em ordem de ſe defender, e correo a Ilha toda em roda pera notar os lugares, que era neceſſario prover de guarda, e achou ſerem dezanove, pera os quaes naõ havia em Goa gente Portugueza que baſtaſſe, e das primeiras couſas em que proveo foy em encher os Armazens de todas as ſortes de mantimentos, nos quaes recolheo todos os que havia em Goa; porque como a eſta Cidade lhe vem todo o ſeu principal mantimento das terras do Idalxà, donde todos os dias correm à formiga muitas embarcaçoens carregadas de arroz, de trigo, de grãos, de tori, de nachari, e de outros legumes, que agora ſe haviaõ de eſtancar com a guerra, e o veraõ ſe hia acabando, e naõ podia vir de fóra, ſe naõ ſe foſſe da coſta do Canará q̃ havia de ſer pouco, recolheo todo o q̃ havia, naõ deixando os moradores de ſe proverem do que puderaõ, e de o mãdar trazer de fóra, porque bem entendiaõ todos os trabalhos que ſe lhes aparelhavaõ, e aſſim proveo os Armazens de polvora, pelouros, e chumbo, e mandou fazer grande quantidade de repairos pera a artelharia q̃ ſe havia de levar pera os paſſos, e preparar todas as Armadas pera rodear a Ilha q̃ ainda eſtava a mayor parte por cercar, as quaes lõgo ſe puzeraõ no mar, e ordenou quatro bandeiras de mil Chriſtãos da terra, e outras de trezentos eſcravos cativos dos moradores, pera ſe porem em parte alta, donde foſſem viſtos dos imigos, pera lhe fazerem vulto com ſuas lanças arvoradas, e arcabuzes, que ſeus amos lhes deraõ, e ajuntou das terras de Salſete, e Bardes, e da Cidade de Goa mil e quinhentos Chriſtãos piaens pera o meſmo effeito, que ordenou debaixo das bãdeiras de Capitaens Portuguezes de confiança, pera guarda, e defenſaõ dos paſſos, e fortalezas fóra da Ilha, dos quaes repartio mil pera Bardes, Rachol, e Naroà; e os quinhentos em duas Companhias pera guarda das caſas que os Padres da Companhia tem em Choraõ, com vinte ſoldados Portuguezes, e algumas peças de artelharia, e com elles o Padre Joaõ Luiz da Companhia, que reſidia na Igreja de Choraõ: e pera prover os paſſos, ſe foy o Viſorey pôr no de S. Braz, que he o mais ſeco de todos, e dalli provia em tudo, e deitava ſuas eſpias no campo dos imigos, eſperando pelas Armadas de D. Diogo de Menezes do Malavar, e de Luiz de Mello de Malaca, com as quaes he neceſſario continuar pera levarmos toda eſta hiſtoria enfiada, e porque eſperavaõ todos grande trabalho naquelle cerco, e em cada dia vinhaõ atroando os ouvidos as novas do poder do Idalxà, fizeraõ requerimento ao Viſorey os Vercadores, „ que pois viaõ „ o trabalho em que a India eſtava, e a „ pouca gente que tinha pera ſupportar „ taõ temeroſos dous cercos dos mais „ potentes Reys da India, que devia re„ ter as nàos do Reino, pera ſe ajudar „ de mais de quatrocentos homens que „ nellas hiaõ, e tanta, e taõ groſſa arte„ lharia; tantas muniçoens, bombardei„ros, provimentos, e mais couſas taõ „ neceſſarias pera os cercos, e que ſe „ lembraſſe que ſó pelo cerco de Dio, „ naõ quiz o Viſorey Dom Garcia de „ Noronha mandar pera o Reino as po„ deroſas nàos de ſua Armada, ſe naõ „ duas navetas velhas, e pobres, e ain„ da eſſas a reſpeito do Governador „ Nuno da Cunha ſe haver de hir pera „ o Reino.

O Viſorey lhes agradeceo aquellas lembranças, mas diſſelhes, „ que com a „ gente que tinha, e com a que havia de „ vir de fóra, eſperava em Deos de ſuſ„ tentar aquelles cercos, e de desbara„ tar os imigos, a que naõ queria dar „ animo, com cuidarem que com temor „ delles deixava de mandar hir as nàos „ pera o Reino, que era o remedio delle, „ q̃ ſó o galeaõ, de q̃ viera por Capitaõ „ Lourenço de Carvalho, havia de ficar,

„ por

„ por quanto o havia miſter pera outras „ couſas, e pera que o naõ importunaſſem mais com aquelles requerimentos, deſpachou as nàos Capitania, e Annunciada, de que era Capitaõ D. Joaõ de Caſtello-branco, e a nào S. Gabriel, de que veyo por Capitaõ Nuno de Mendoça, na qual tornou pera o Reino Antonio Gonçalves de Meza, Feitor que foy de Baçaim, inſiſtindo muito Jorge de Mendoça, e os mais Capitaens „ pera ficarem na India, e ajudarem o „ Viſorey naquelles cercos, o que lhes „ elle agradeceo muito, mas diſſelhes „ que tanto ſerviço faziaõ a ElRey em „ levarem aquellas nàos ao Reino, co„ mo em ficarem ſendo ſeus companheiros naquelles trabalhos, de que Deos „ o livraria.

Partidas as nàos em Novembro, logo no fim de Dezembro chegou Norichaõ Capitaõ da vanguarda do Idalxà com trinta mil homens, e logo reconheceo os paſſos que hiaõ pera a Ilha, e tomou pera ſi o ſitio defronte de Beneſtarim, que chamavamos o paſſo de Santiago, e a ſua gente ſe repartio pelas eſtancias que lhe parecèraõ de mayor importancia, as quaes mandou fortificar muito bem, e lhe prantou muita, e muito groſſa artelharia. Vindo o Idalxà jà deſcendo com todo o mais poder, o Viſorey vendo que o Norichaõ ſe apoſentava defronte do paſſo de Santiago, deixou o em que eſtava, e paſſou-ſe pera là, e deixou nelle Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco com cento e vinte ſoldados, porque bem vio que alli havia de carregar o poder, e o trabalho, e foy-ſe pelo de Santiago, e repartio as eſtancias, como melhor pode ſer.

Deſpedidas as nàos, o fez o Viſorey a Lourenço de Carvalho no ſeu galeaõ S. Luiz em que viera do Reino carregado das drogas de ElRey, que montavaõ muito pera hir a Ormuz vendellas, e trazer de là trigo pera os Armazens, e lenha pera polvora que a ha là excellente. Eſte galeaõ partio em quinze de Janeiro deſte anno de 1571. e tornou entrada de Abril com tudo o que levava por regimento.

E porque eſtavaõ na barra de Goa dez, ou doze nàos pera Ormuz de partes, carregadas de fazendas, deulhes licença pera ſe hirem, aſſim por naõ dar tanta perda aos mercadores, como pera moſtrar aos Mouros o pouco que os receava, pois deitava fora tamanho cabedal de nàos, e pera que em Ormuz aonde haviaõ de chegar as novas de tamanhos cercos, viſſem o pouco que o Viſorey os temia, porque à conta de cuidarem que ficava o Eſtado em trabalhos, naõ houveſſem entre os Mouros algumas alteraçoens, o que tambem fez o Viſorey por tirar de Goa couſa de ſeiſcentos Mouros Arabios, que andavaõ naquellas nàos por marinheiros, aſſim por poupar os mantimentos que elles haviaõ de comer, como por ter das portas adentro menos imigos, porque em fim eſtes ſe viſſem tempo opportuno haviaõ de ſer os primeiros que intentaſſem noſſa ruina.

Poucos dias depois chegou D. Manoel Baroche de Còchim com ſeis navios de ſoccorro, cujos Capitaens afóra elle, foraõ Manoel Fernandes de Bèja, Affonſo Pereira o Gallego, Fernaõ de Souſa de Guſmaõ, Manoel Rodrigues, e Andrè Lopes de Carvalho, o que o Viſorey eſtimou muito naquelle tempo, e logo o encarregou de Capitaõ mòr de vinte e cinco navios, pera com elles rodear a Ilha, e os paſſos.

Procedia o Viſorey com tanta providencia em todas as couſas, que tendo ſobre ſi o pezo de dous cercos taõ grandes, e que lhe podiaõ occupar todos os cuidados, pera os naõ ter em outra parte, naõ deixou de acodir a todos com o ordinario provimento, como ſe eſtivera no tempo da mòr paz, ſocego, e fortuna que a India teve, e aſſim neſte Janeiro de 1571. deſpachou dous galeoens pera Moçambique, hum de que foy por Capitaõ Gaſpar de Souſa, com muitas roupas, e outras couſas, e outro de que foy por Capitaõ Lourenço Borges,

ges, carregado de cavallos pera a conquista das Minas da Chicova, e Monomotapa, que Francisco Barreto seu cunhado havia de começar a fazer neste veraõ; nem quiz que Gonçalo Pereira Marramaque, que estava em Maluco, sentisse falta em seu tempo pela necessidade em que estava, e pelo perigo em que ficava a fortaleza de Ternate em Maluco, pera onde despedio no Abril seguinte Joaõ da Fonseca, no galeaõ S. Rafael, carregado de roupas, e mantimentos de todas as sortes, o que fazia pasmar aos Mouros, que em tudo traziaõ os olhos, admirando-se de verem que em tempo, que o Visorey havia mister naõ só o seu, mas ainda tudo o de fóra, despedia tantas naos, e provimentos pera outras fortalezas.

Paremos aqui hum pouco, e vamos a Luiz de Mello da Silva que tinha partido em Agosto passado pera o Achèm, porque he bem vamos continuando as cousas a seus tempos. Partido este Capitaõ de Goa, levou sempre boa viagem atè haver vista da Ilha Çamatra: hindo correndo a costa cinco leguas da barra do Achèm, tomàraõ seus navios de remo huma manchua do Achèm, e dos que nella hiaõ, soube que andava fóra huma Armada com cem velas, mentindo nas quarenta, porque na verdade naõ eraõ mais de sessenta, e que era hida pera Malaca; com a qual nova Luiz de Mello se apressou, por recear que estivesse Malaca de cerco, e em trabalho; e chegado àquella Cidade, soube serem passados os imigos pera Jor, e mandou logo espalmar, e alimpar as galez, e navios de remo, porque se achasse o imigo em algum rio, dellas se havia de servir, e naõ dos galeoens, armando alli mais huma fusta, duas lanchas, e huma manchua pera sua pessoa, e ordenou arrombadas nos bateis dos galeoens, nos quaes poz algumas peças que pudessem jugar, e os encarregou a pessoas de confiança. Alli chegàraõ novas que a Armada imiga andava pelo rio Fermoso doze leguas de Malaca, queimando, e destruindo os lugares do Rey de Viantana amigo do Estado. D. Leoniz Pereira Capitaõ da fortaleza lhe deu todo o aviamento necessario, correndo com elle em muita amisade, com cujo parecer Luiz de Mello fazia tudo, e depois de ter prestes a Armada q̃ foy em breves dias, partio de Malaca com os galeoens ao mar com os bateis por popa, e elle com os navios de remo ao longo da costa trabalhando por chegar ao rio Fermoso de madrugada, pera o que se passou do seu galeaõ à galeota de Alvaro Lopes da Costa. Os galeoens foraõ amanhecer defronte do rio Fermoso, os quaes foraõ vistos dos imigos, que cuidando terem grande preza nelles por lhe parecerem nàos de mercadores, lhe sahiraõ muito determinadamente, e foy a tempo que tambem chegava o Capitaõ mòr ao rio com sua galeota, e dando os Mouros com elle o foraõ cometer duas galez, e elle tambem indireitou a ellas posto em armas. Huma destas duas galez era a Capitania daquella Armada, na qual hia por General o filho herdeiro do Rey do Achèm, que logo se conheceo pela diviza, e farol, com a qual Luiz de Mello indireitou, e chegando a tiro lhe deu com hum camelete, que levava huma roca de seixos, do qual tiro lhe derrubou logo o mastro, e matou o Principe, e outra muita gente com as pedras que se espalhàraõ, porque como o tiro tomou a galè pela proa, foy o pelouro, e os seixos da roca correndo a coxia, e fazendo tal estrago, que ficou a galè sem quem a governasse; e vendo-a daquelle modo, Luiz de Mello indireitou com a outra galè, e abordando-a se lançàraõ os nossos dentro, e à espada a rendèraõ tambem com morte da mòr parte dos Mouros. Já a este tempo a nossa Armada tinha chegado posta em armas, e os Capitaens dos galeoens se tinhaõ passado aos bateis pera se ajuntarem à nossa Armada, porque jà a dos imigos chegava repartida em tres esquadras de vinte cada huma, nas quaes havia nove galez, e galeotas, e as mais, fustas, e lancharas.

Em

Em eſta ordem foraõ cometer a noſſa Armada, que com os bateis, e fuſtas faziaõ numero de quatorze, e antes de ſe inveſtirem, tiveraõ hum muito grande jogo de bombardas, de que houve algum dano de parte a parte, e chegando-ſe ao Porto travàraõ outra feſta de bõbardas, e artificios de fogo, de maneira, q̃ por mais de hũa hora ficou toda a Armada eſcondida no meyo do eſpeſſo fumo deſtas couſas, ſem ſe verem huns aos outros, mas tanto que as nevoas ſe eſpalhàraõ, viraõ os noſſos o dano que tinhaõ feito na Armada imiga com as bombardadas, abordando os noſſos, como puderaõ cada hum com ſua galè, a rendèraõ, e tomàraõ ainda outras embarcaçoens, e os que ſe puderaõ ſalvar ſe foraõ fugindo pera terras de outros Reys, por naõ ouzarem hir ao Achèm, aonde chegou ſó huma fuſta com a gente que ſe ſalvou toda ferida. Ficáraõ em poder dos noſſos tres galez, e ſeis fuſtas, e arrombaraõ-ſe, e meteraõ ſe no fundo muitas; tomáraõ os noſſos muita artelharia, armas, e outras prezas; morreraõ dos Mouros, mil e duzentos com o ſeu Principe, cativaraõ-ſe trezentos; dos noſſos naõ houve mais que feridos, que naõ paſſáraõ de cincoenta, e nenhum morto, e com eſta vitoria grande, e com os navios imigos à toa chegáraõ os noſſos a Malaca, onde foraõ recebidos com prociſſoens, folias, feſtas, e grandes alegrias, e depois de ſararem os feridos, como entrou Janeiro deſte anno de 1571. partio Luiz de Mello pera a India.

Poucos dias depois de Norichaõ eſtar aſſentado com ſeu campo, chegou o Idalxá a Podà cinco leguas de Goa, e logo ao outro dia ſe armàraõ as ſuas tendas nas ſerras defronte de Beneſtarim, que ſe viaõ dos noſſos; e em lugar ſeparado ſe armou huma muito rica pera lhe ſervir de Meſquita, e acima deſtas no mais alto foy armada outra mais rica que todas ſobre duas colunas de pào ſem cordoalha, nem paredes, aberta por todas as partes, que naõ tem mais o telhado de cima de duas aguas muito rica por extremo, a qual tenda ſe chamava Mundapà, que quer dizer tenda de determinaçaõ; porque quando ſe arma he ſinal de concluzaõ; porque naõ ſe arma ſe naõ pera chegar ao cabo cõ a guerra, a qual he ſó pera ſer muito temida da parte contraria, e aſſim houve homens que ſabiaõ jà da tençaõ daquella tẽda que ſe enfadàraõ tanto de a verem que diziaõ diſparates, que o Viſorey veyo a ſaber, e hum dia que eſtando diante delle algũs deſtes deſconfiados, diſſe „ que eſperava „ em Deos de dar hũ grande banquete a „ todos debaixo daquella tenda.

A gente, e o cabedal que o Idalxá trouxe pera eſta empreza, foraõ cem mil homens, em que havia trinta e cinco mil de cavallo, com muitos aventureiros que a fama das riquezas, e Damas fermoſas de Goa os fazia vir com grandes eſperanças, e muito loução; mas quiz Deos que foſſem deſeſperados, e cheyos de dor, e triſteza. Trazia mais de dous mil, e cem Elefantes de guerra, e trinta e cinco peças de artelharia; a mayor parte groſſas, e de bronze, que todas ſe aceſtàraõ defronte dos noſſos paſſos da Ilha, deſde o paſſo Seco atè Agaçaim. Gaſtadores, e gente de ſerviço havia no exercito innumeravel quantidade; e aſſim occupava pelo largo duas leguas de terra, e pelo comprido do paſſo Seco atè Agaçaim, que ſaõ outras duas.

A primeira couſa em que o Idalxá entendeo, foy em mandar tomar as terras de Salſete, induzido pelos Bragmanes de Goa que com elle andavaõ, porque deſejavaõ de verem tomar vingança de muitos pagodes de ſeus idolos, que os noſſos lhes derrubàraõ naquellas terras os annos atraz de 64. 65. e 66. ſendo Viſorey da India D. Antaõ de Noronha. E aſſim as gentes que entràraõ por eſtas terras guiados deſtes Bragmanes, Meſtres de ſua Religiaõ, e de outras muitas maldades, pelas quaes o Governador Franciſco Barreto os degradou de Goa com pena de galez, e de fazendas perdidas, a primeira couſa que fizeraõ,

zeraõ, foy queimarem as noſſas Cruzes, que eſtavaõ pelos caminhos em cima dos montes, eſtragarem, e profanarem os Templos Divinos, que naõ foy poſſivel defenderem-ſe, e as gentes daquellas aldeas, parte ſe recolhèraõ a Salſete, onde eſtava por Capitaõ Damiaõ de Souſa Falcaõ, irmaõ de Chriſtovaõ Falcaõ, aquelle que fez aquellas antigas, e nomeadas trovas de Crisfal, e parte ſe recolheraõ a Goa.

O Viſorey naõ eſtava deſcuidado, nem trazia taõ poucas intelligencias no arrayal dos Mouros, que naõ ſoubeſſe tudo o que ſe lá paſſava, e ſabendo da potencia do Idalcaõ, e como eſtava alojado contra os noſſos paſſos das Ilhas, e a pouca gente que havia, que eraõ ſeiſcentos e cincoenta ſoldados que já diſſe, repartio por eſta maneira a defenſaõ dos meſmos paſſos.

D. Pedro de Caſtro com cem homẽs, a que dava meſa no paſſo Seco, que era o mais perigoſo, por ſe poder paſſar de marè vazia o vào; D. Manoel Rolim com cincoenta homens no paſſo de Caraboli, ou de S. Joaõ Bautiſta, Antonio Ferraõ Cidadaõ de Goa, rico, e hõrado, no baluarte que eſtá entre o paſſo Seco, e o Sapal, Gaſpar de Brito do Rio com huma Companhia de ſoldados no Sapal entre o paſſo Seco, e Beneſtarim, e logo affaſtado hum pouco Vicente Dias de Villalobos com outra Companhia de ſoldados, e em outra parte tambem do Sapal, por ſer paragem de muito perigo, Franciſco Marques Botelho Ouvidor géral com cento e vinte homens, a que dava meſa no paſſo de Beneſtarim, onde o Viſorey eſtava, pera onde ſe mudou tambem Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco, pelo ter o Viſorey apar de ſi pera conſelho, por ſer Fidalgo velho, e de muita experiencia, Vaſco Pires de Faria com huma Companhia de ſoldados, pera aſſiſtir em Reura o grande, que he no paſſo de S. Joaõ Evangeliſta, D. Paulo de Lima Pereira com cem ſoldados, e muitos piaens da terra por Capitaõ de todas as terras de Salſete pera aſſiſtir na fronteira de Rachol, e na fortaleza della com Damiaõ de Souſa Falcaõ, Diogo Barradas com huma Companhia de ſoldados a que dava meſa: em hum outeiro que vay pera Beneſtarim, Franciſco Pereira Tanadar mòr com huma boa Companhia de gente da terra; e poſto que todas eſtas eſtancias eſtavaõ com pouca gente, depois que vieraõ as Armadas de Dom Diogo de Menezes, e Luiz de Mello, que trazia mais de mil e trezentos ſoldados, ſe engroſſáraõ mais, e repartiraõ pelas nàos, e navios, que eſtavaõ em partes neceſſarias, e que andavaõ eſpalhados pelo rio: Franciſco Rodrigues Capitaõ do campo de Salſete andava là com quarenta homens, Antonio Lopes de Siqueira com huma Companhia de ſoldados na Ilha de Joaõ Lopes, Diogo de Meſquita ao paſſo Seco, em hum batel grande que trazia hum leaõ de metal, ao qual ſe mudou a mea guerra Chriſtovaõ do Amaral, e ainda no cabo ſe mudou a elle Gaſpar Dias de Reboredo, Franciſco de Miranda Henriques, o caſado em Còchim na galè S. Sebaſtiaõ em huma paſſagem do rio, Roque de Miranda ſeu irmaõ em huma fuſta, Alvaro Pinto em huma nào no cabo do rio Sacali, Andrè da Fonſeca em hum batel, Antonio Rodrigues de Gamboa, que veyo de ſer Veador da fazenda do Norte, e foy dos primeiros que teve eſtancia em Chàul, a qual deixou a ſeu filho Joaõ Cayado de Gamboa, tomou huma fuſta com ſoldados ſeus, em que andou nos rios, Franciſco Barradas irmaõ de Diogo Barradas em hum batel com huma peça groſſa, Gil de Goes em huma galè, Nuno Pereira de Lacerda em outra, Vicente de Saldanha em outra, Joaõ de Quadros em huma galè no rio da Aguia em differentes paragens; todas as fuſtas, e almadias que andavaõ no rio era hum grande numero. E porque os que ſerviraõ naõ percaõ ſeus merecimentos, nomearey os que achey.

Antonio Maſcarenhas fuſta, Joaõ

Gomes da Silva que veyo de socorro de Negapataõ em companhia de Dom Jorge, fusta; Gonçalo de Siqueyra, Dom Antonio de Castello-branco, Christovaõ Juzarte Tiçaõ, Antonio de Faria, Diogo de Castro em huma fusta, na qual andou depois Vasco Fernandes Pimentel, Manoel Dias Picoto, Lançarote Picardo seu irmaõ, Gaspar Dias de Aguiar, Antonio Travassos, Christovaõ Fernandes, Fabiaõ da Rocha, Capitaõ do passo de Benestarim, Diogo da Silveyra, Joaõ de Ataide, Antonio de Azevedo, Diogo da Silva, Joaõ Correa de Brito, Feliciano Cardoso de Almeida, Jeronymo Curado, Pedro Homem da Silva, Diogo Pinto, Vicente Paes, Vicente Carneiro, Gonçalo Guedes de Reboredo, Andrè Gorjaõ, Tanadar de Agaçaim com dous Parãos. O Licenciado Luiz Borges, Jeronymo Curado, D. Antonio de Sousa, Christovaõ de Araujo Evangelho, Ruy Pereira, e outros muitos.

Com todos estes trabalhos, sendo o Visorey avisado que em Dabul porto do Idalxà, estavaõ duas nàos à carga pera Meca, determinou de as mandar queimar, pera que visse o Idalxà, que naõ só se havia de defender em Goa de seu poder, mas que ainda lhe havia fazer guerra, e entrar em seus portos, pera o que despedio Dom Fernando de Vasconcellos, filho de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que matàraõ os Francezes, e Inglezes hindo pera o Brazil, com quatro galez, e duas fustas, o qual entrou aquelle rio, e debaixo dos baluartes, e artelharia daquella Cidade, queimou as duas nàos, e outros muitos navios pequenos que achou na sua ribeira, e no rio, e naquella costa, e lhe abrazou algumas povoaçoens com muito bom succesSo, com o que se recolheo a Goa.

CAPITULO XXXIII.

Da resoluçaõ que o Idalxà tomou sobre o acometimento da Cidade de Goa, e da pratica que Norichaõ fez a ElRey sobre a guerra de Goa.

MUito sentio o Idalxá a perda das duas nàos de Meca, e dos mais navios que lhe queimou D. Fernando de Vasconcellos, e o teve logo a ruim principio daquella guerra, que alguns Capitaens seus mancebos lhe fizeraõ muito facil, ainda que outros velhos de melhor parecer, e grande experiencia nas cousas de guerra lhe fizeraõ muito duvidosa, e destes o que menos lhe aprovou a guerra que queria fazer aos Portuguezes, foy Norichaõ que achandose em hum conselho, pera o qual o Idalxá o chamou, falou desta maneira.

„ Duas partes ha; muito alto, e mui-
„ to poderoso Rey, e Senhor nosso, na
„ obrigaçaõ dos vassallos, as quaes saõ
„ servir, e obedecer, e com ambas cui-
„ do eu que tenho comprido em todo o
„ curso da vida, e espero comprir em
„ quanto ella durar, mas porque muitas
„ vezes se obedece aos Senhores em cou-
„ sas em que se naõ servem, e os subdi-
„ tos naõ pòdem ser juizes das obras, e
„ determinaçoens delles, em mais, que
„ em lhes dizer sómente seu parecer, e
„ com estes cumprem com elles, e com-
„ sigo, e se lho engeitaõ, ficaõ todavia
„ obrigados a seguillos pela ordem de
„ seus mandados, sem poderem sahir
„ delles, se naõ com grandissima culpa,
„ salvo em cousas da ley, que saõ de ma-
„ yor, e mais alta obrigaçaõ, em que os
„ subditos sómente pòdem, e devem
„ naõ seguir os erros de seus Principes,
„ quando elles fossem taes que se sahis-
„ sem dellas, porque as obras de que
„ pẽde a immortalidade da alma, naõ saõ
„ do arbitrio, nem jurisdiçaõ dos Reys
„ da terra, cada hum he Senhor absolu-
„ to da sua, com propria, e livre vonta-
„ de, que naõ pòde ser constrangida;

„ em

„em todo o mais ſomos obrigados a „ſervir, e obedecer, e ſeguir as peſſoas, „e Miniſtros daquelles a que foy dado „poder ſoberano na governança, e ad„miniſtraçaõ das couſas exteriores, co„mo faremos todos neſta jornada, ſe a „vontade de Voſſa Alteza todavia for „a que tem moſtrado, e pois ſe lhe naõ „nega o ſerviço, nem no que ſe lhe pò„de dizer, ſe lhe tolhe a execuçaõ, de„ve ouvir ſem deſprezar o que ſe lhe „niſſo lembrar, porque ouvir conſe„lho, e pedillo (ainda que ſeja pera o „naõ tomar) ſempre foy, e ſerà pro„veitoſo, e muito mais aos que parece „que o podem melhor eſcuzar, porque „ſem duvida os mais prudentes, e ſa„bedores ſaõ ſempre os q̃ de ſer acon„ſelhados tiraõ mayores proveitos, pe„lo q̃ mais alcançaõ das razoens alheas, „em que ſe lhes deſcobrem mais couſas „que pòdem alumiar, pera fazer mais „acertado juizo nas materias de que ſe „trata, porque nas couſas futuras, ou „taes, que ſe naõ pòde nellas tomar re„ſoluçaõ por fundamentos certos, haõ„ſe de contrapezar as razoens, e ſeguir „a parte mais veriſimil, e que tiver as „conjecturas mais poderoſas; porque „na opiniaõ dos homens pòde haver „differença, mas naõ na razaõ das cou„ſas, que o curſo do tempo encaminha „ſempre por huma via pera bem, e pera „mal, e o tempo de as conjecturar bem „todas, he antes de as ter começadas, „porque os principios em tudo ſaõ par„te principal das couſas, e as mal prin„cipiadas he impoſſivel terem bom fim, „ſe naõ contrario, e perdidoſo. Naõ „he guerra pera emprender levemente „a que ſe ha de fazer com Portuguezes, „naçaõ taõ bellicoſiſſima, que com cla„riſſimas vitorias tem illuſtrado o ſeu „nome pera ſempre; naõ tem ſuccedi„do couſa nova, em que o rompimen„to ſe poſſa fundar, nem nòs temos ra„zaõ porque hajamos de ſer principaes „na differença com elles; e movidos a „iſſo por admoeſtaçoens de Principes „eſtranhos, naõ parece conſelho pera „ſeguir, porque nunca deixou de ſer „imprudencia entrar em trabalhos por „parecer de peſſoas que ficaõ fóra del„les. Naõ ha couſa neſte mundo taõ „boa, que uſando-ſe mal della, naõ mu„de a natureza, e ſe torne mà. O con„ſelho, que taõ pouco ha louvey tanto, „muitas vezes foy muy danozo, porque „com conſelhos ſe vingàraõ muitas „peſſoas de outras, a que por outra via „naõ podiaõ empecer, e por iſſo naõ „he de obrigaçaõ tomallo, ſe naõ ou„villo, e aborrecer conſelho de paz he „degenerar da natureza humana, porq̃ „os autos, e exercicios da guerra mais „conformaõ com a fereza, e imanidade „dos brutos animaes, q̃ com a razaõ, e „humanidade dos homens, entre os „quaes naõ ſaõ aprovadas outras guer„ras ſe naõ as juſtas, e neceſſarias pera „ſuſtentaçaõ dos povos, e ſegurança „dos Reinos, e os de Voſſa Alteza eſtaõ „hora em tal quietaçaõ, e proſperidade, „que naõ ſey couſa mais pera deſejar, „que podermos aſſim viver no eſtado „em que nos achamos, nem mais que „pera ſentir q̃ ſer por alguma via com„batidos, e tirados delle. E pois ou„trem naõ nolo quer, nem pòde pertur„bar, deviamos naõ ſer nòs os autores „de entregar noſſa felicidade ao poder „da fortuna, ſobmetendo noſſas cou„ſas aos ſeus contraſtes com deſneceſ„ſarias conquiſtas, quando com iſſo „nos fazemos a nòs meſmos primeiros „inquietadores do noſſo ſocego, e ſe„gurança. Naõ ſe pòde negar aos Por„tuguezes ſerem muito valeroſos nas „armas, e terem nellas muita ventura. „O Viſorey que agora tem, he mais „pera temer, que pera deſprezar, pru„dente, cavalleiro, experimentado nas „couſas da guerra, deſobrigado de mu„lher, e filhos, ambicioſiſſimo de hon„ra, e gloria, duas couſas de que os ho„mens ſaõ tanto mais cubiçoſos, quan„to mais tem ganhado dellas. E poſto „que agora tenha menos gente comſi„go, tanto que ſe ſouber que tem guer„ra em Goa, logo lhe acodirà quanta „houver

„ houver em todas as fortalezas de arre-
„ dor; he cabeça de ſeu Eſtado, eſtà
„ nella o ſeu Viſorey, haõlhe de acodir
„ huns por cima dos outros com gran-
„ diſſimo fervor. Eſtaõ em huma Ilha
„ com hum nò diante, cuja paſſagem ha
„ de ſer defendida, e a entrada nella
„ nunca ſe poderà tolher aos que de
„ fóra viraõ, pois ha de vir por mar, no
„ qual ninguem ſe lhe pôde oppor; e a
„ quem deſta maneira eſtà, baſtalhe me-
„ nor poder, e apercebimento pera ſe
„ defender do que ſe ha miſter pera o
„ hir buſcar, e offender: quanto mais
„ que naõ ſe ha de conſiderar o numero,
„ ſe naõ o valor dos homens, do qual ha
„ muitos neſtes que ſe imagina privar
„ do Eſtado, em que diraõ ter o meſmo
„ direito que tem os outros nos que poſ-
„ ſuem, pois os ganháraõ por armas, co-
„ mo ſe ganhaõ todos. Poucos titulos
„ mais juſtos ha na terra, poucas partes
„ dellas ſaõ hoje poſſuidas dos primei-
„ ros fundadores, ou ſeus deſcendentes,
„ naõ tem os Eſtados eſſa firmeza, cada
„ dia os mudaõ as contendas, e cubiça
„ dos homens, que da mayor força tem
„ feito melhor direito, mas por muito
„ que ſe de iſto veja, naõ ſe haõ de co-
„ meter as guerras temerariamente por
„ impeto, nem leves fundamentos, ſe
„ naõ com grande, e maduro conſelho,
„ ſobre longa conſideraçaõ, ainda que
„ ſe naõ corra com outro riſco, ſe naõ
„ ſahir com qualquer quebra das couſas
„ em que por proprio moto ſe quiz en-
„ trar, e por iſſo ſe haõ de conſiderar
„ bem os principios dellas, porque em
„ muitas naõ he depois em maõ dos ho-
„ mens ſahirſe das ſuas conſideraçoens,
„ ſe naõ com muito diſcredito, e gran-
„ de quebra da honra, e reputaçaõ, e
„ ſaõ muitas vezes forçados a ſahirſe
„ dellas por difficuldades que ſe lhes
„ deſcobrem tamanhas, e taõ repugnan-
„ tes as ſuas deliberaçoens que ſe perde-
„ ria muito mais, e ſeria mayor erro que-
„ rellas levar àvante: e iſto naõ he im-
„ poſſivel acontecer na guerra dos Por-
„ tuguezes, que ſendo grandiſſimos
„ conquiſtadores, ſaõ muito mais conſ-
„ tantes, e esforçados defenſores do
„ que poſſuem, porque muitas vezes ſe
„ tem viſto ſuſtentar couſas de que naõ
„ tiravaõ proveito, nem honra, ſe naõ
„ por pura opiniaõ de ſe naõ preſumir
„ delles que as largavaõ por temor, ou
„ deſconfiança de as poder defender. E
„ quanto a mim muito bem ſey que ſe
„ deſta guerra reſultarem grandes hon-
„ ras, e intereſſes, que naõ ſerà meu o
„ peyor quinhaõ, porque Voſſa Alteza
„ por me fazer mercè, como coſtuma,
„ me terà ordenado no governo das
„ couſas lugar aſſaz honrado. Porèm
„ eu de nada me poſſo ſatisfazer, ſe
„ naõ de cuidar que cumprirey no que
„ devo ao ſerviço de Voſſa Alteza. E
„ poſto que neſta parte lhe tenha feito
„ as lembranças que me parecèraõ de
„ minha obrigaçaõ, daqui por dian-
„ te, pera o que ordenar ſua vontade,
„ lhe offereço taõ diligente ſerviço, co-
„ mo he razaõ que de mim eſpere, naõ
„ com as forças que promete hum cor-
„ po de tantos annos, ſe naõ cõ as meſ-
„ mas que ſe achàraõ em mim no me-
„ lhor da idade, quando Voſſa Alteza
„ em mais forte diſpoſiçaõ foy de mim
„ melhor ſervido.

Naõ moſtrou ElRey deſcontenta-
mento deſta fala de Norichaõ, nem ſe
moveo alguma couſa por ella, antes co-
mo acontece nas determinaçoens, em
que ſe juntaõ poder, e vontade, come-
çou logo a entender nas preparações
do abalo que tardou pouco, porq̃ alèm
de todas as couſas neceſſarias eſtarem
juntas muito a ponto, punha-ſe no avia-
mento dellas taõ ardente diligencia co-
mo ſe coſtuma empregar na execuçaõ
das couſas de mayor alvoroço dos Reys,
e no eſpaço de tres mezes que haveria
do tempo, em que a determinaçaõ da
guerra ſe naõ pode mais encobrir aos
ſeus, atè aſſentar cerco ſobre Goa, man-
dou o Idalcaõ ao Viſorey em fórma de
Embaixador hum Capitaõ ſeu Perſio,
chamado Coraçaõ Caõ, homem de ſer,
e entendimento, que ſendo mais ver-
dadei-

dadeiramente vindo a eſpiar, fingio pedir cartazes; dando a entender em praticas,, que o Idalcaõ havia cedo de mã-
„ dar ſobre o Capitaõ que dizia terſelhe
„ levantado, e ſobre as terras de San-
„ guiſe, pera ſe poder attribuir a iſto
„ qualquer couſa q̃ ſoaſſe de ſeus aper-
„ cebimentos, e juntamente de gente.
Todavia o Viſorey o enlevou, e tomou em palavras de maneira, que lhe veyo elle a dizer „ que do ſeu entendimento
„ ninguẽ ſe podia valer, e alcançando-o em razoens chegou a confeſſarlhe tudo em ſegredo.

Os Mouros começáraõ a dar ſuas batarias por todas as partes, e onde moſtráraõ mayor força foy no Caſtello de Beneſtarim, que tem duas torres, huma diante da outra, de feiçaõ que faziaõ huma ſó frontaria pera as eſtancias dos imigos, e com muita força bateraõ a torre dianteira, que eſtava quaſi ſobre o rio, e lhe começàraõ a abrir algumas brechas que de noite refaziaõ os noſſos, e elles derrubavaõ de dia. Da noſſa parte tambem ſe lhe fazia bem de dano, porque naõ ſó a artelharia das eſtancias que era groſiſſima lhe derrubava ſeus vallos, e trincheiras, mas a das noſſas barcaças, e galez, que andavaõ no rio, lhe davaõ continuas batarias hora neſta, hora naquella parte, com que os Mouros deſatinavaõ; e ainda deſembarcavaõ em terra de noite da outra parte, e lhe davaõ nos trabalhadores, que andavaõ nas fortificaçoens das eſtancias em grande copia, e a trabalhar nos entulhos q̃ queriaõ fazer, aſſim no paſſo Seco como no de Santiago, pera paſſarem à noſſa banda a pè enxuto, que eraõ os que padeciaõ todo o dano, e a tençaõ do Idalxà era mandar bater todos os noſſos paſſos com grande furia, por ver ſe o Viſorey ſe deſcuidava de algum por acodir a outros, pera ver ſe lhe ficava lugar pera poderem os ſeus por elle entrar na Ilha, e como o mayor cabedal eſtava metido nas eſtancias do paſſo de Beneſtarim, alli pretendiaõ os imigos fazer paſſagem, e plantàraõ ſobre hum tezo duas peças groſſas, com que batiaõ a povoaçaõ toda de travez, pera ver ſe a podiaõ fazer deſpejar. Alli inſiſtiraõ tanto, que derrubàraõ a torre dianteira, ficando a outra tambem danificada, e deſcuberta mais á bataria, e o meſmo a Igreja de Santiago, pelo que a mandou o Viſorey entulhar, e todavia a parte que deſcobriaõ da Igreja, puzeraõ os Mouros por terra, e o Viſorey ſe recolheo na Sacriſtia, e mandou reparar, e fortificar a Capella que tambem eſtava danificada.

Vendo o Viſorey a importunaçaõ dos imigos, como era ſagaz Capitaõ, mandava de noite fazer grandes fogos, e luminarias de tochas em lugares eſcuros, pera que cuidaſſem os imigos que eſtava elle alli ceando, pera q̃ lhe atiraſſem, e deſpendeſſem baldadamente muita polvora, como muitas vezes deſpenderaõ ſem dano noſſo. Succedeo huma noite ver Fernaõ de Souſa de Caſtellobranco hum grande fogo na eſtancia de hum Capitaõ q̃ ficava fronteiro a elle, a cuja claridade ſe hia fortificando, e fazendo ſeus entulhos com huma ſoma de trabalhadores, e pera que elles trabalhaſſem mais contentes, o faziaõ ao ſom de muitos inſtrumentos, bailes, e danças de muitas bailadeiras, de que no exercito havia grande quantidade, que fazem tudo com grande deſtreza. Era o lume tamanho q̃ da eſtancia de Fernaõ de Souſa ſe enxergava a gente, que andava trabalhando, pelo que mandou a hum bombardeiro q̃ apontaſſe naquelle cardume hum leaõ, o que elle fez taõ deſtramente, e taõ certo, que matou o Capitaõ que andava fazendo chegar a gente ao trabalho, e levou quatro, ou cinco das bailadeiras, cujos corpos foraõ feitos em pedaços pelo ares, fazendo bem differentes mudanças, das q̃ pouco dantes faziaõ.

No meyo deſtas mudanças, e trabalhos tinha o Viſorey cada dous, e tres dias novas do grande aperto em que Chául eſtava, donde lhe eſcreveraõ que houve fazerem-ſe requerimẽtos aos Capitaens
„ pera que ſe recolheſſe a artelharia das

„ eſtancias à fortaleza, por quanto ella „ naõ laborava, por eſtar em parte cega „ com os entulhos que as tapavaõ, e que „ permittindo Deos pelos peccados de „ todos, q̃ as tranqueiras ſe perdeſſem, „ que ſe naõ perderia a artelharia, e que „ na fortaleza velha ſe podiaõ fortifi- „ car, e defender muito bem, e q̃ ſe def- „ pejaſſe a Cidade de mulheres, porque „ neſtes cercos ſaõ de mayor perda que „ proveito. Mas os Capitaens naõ qui- zeraõ acabar de ouvir a propoſta deſta pratica, porq̃ eſtavaõ apoſtados a mor- rerem todos ſobre hũ ſó palmo daquel- las tranqueiras, mas o das mulheres pare- ceo bom arbitrio, e logo ſe fez preſtes huma nào de Lopo de Aguiar na qual Luiz Freire embarcou ſua mulher, ſo- gra, e familia, e muitos caſados embar- càraõ as ſuas, e aſſim a deſpediraõ ſem mais guarda alguma, e ſe quatro Paràos davaõ com ella, levavaõ hũa muito arre- zoada preza, mas quiz Deos que che- gaſſe a ſalvamento. Tambem Pedro Pre- to, ſogro de Ayres Telles de Menezes, que eſtava em Dio, homem de quem ſe certificava tinha hum milhaõ de ouro, pedio licença ao Capitaõ mòr „ pera hir „ pôr ſua fazenda, e familia em Dio, e „ que lhe dèſſem pera iſſo huma galè, „ na qual mandaria muitas muniçoens, o que o Capitaõ mòr lhe concedeo, e aſſim ficou a Cidade deſpejada de mu- lheres, e eſcravos, em que ſe poupou muito mantimento.

No meſmo tempo chegou recado ao Viſorey „ que havia em Chàul grandes „ differenças entre Luiz Freire de An- „ drade Capitaõ daquella fortaleza, e „ D. Franciſco Maſcarenhas, Capitaõ „ mòr daquella empreza, e de todo o „ Norte, ſobre quem havia de tirar nas „ occaſioens ao campo a bandeira de „ Chriſto, e porque o tempo naõ eſtava pera ſe moverem eſcandalos ſobre a cõ- tenda, que ſeria couſa de huma deſaven- tura, por meyo de Capitaens, e Religio- ſos ſe vieraõ a comprometter no que o Viſorey ſobre o caſo ordenaſſe, e ca- da hum delles lhe mandou ſeus aponta- mentos com as razoens de ſua pertenç̃aõ. O Viſorey ajuntou a conſelho, Ca- pitaens, Letrados, Juriſtas, e Religio- ſos doutos, e entre todos ſe aſſentou „ que o Capitaõ da Cidade quãdo foſſe „ neceſſario ſahir ao campo, tiraſſe a bã- „ deira de Chriſto, e D. Franciſco Maſ- „ carenhas trouxeſſe ſempre hùm guiaõ, „ e o Viſorey eſcreveo a ambos os agra- „ decimentos do que tinhaõ feito na- „ quella guerra, e do bom modo que ti- „ veraõ naquella differença, pera naõ „ hirem eſcandalos por diante.

Tinha o Viſorey hũ cavallo murzel- lo muito fermoſo, q̃ por muitas vezes lhe mandou o Idalxà pedir por varias peſſoas lho vendeſſe, offerecendolhe mil e quinhentos pagodes por elle, que va- lem hoje dous mil e duzentos reis. Pelo que deſejou o Viſorey quãdo logo che- gou o Idalxà de lhe mandar eſte caval- lo, e aſſim o fez, mandandolho por An- tonio Mendes de Caſtro, com ſeus teli- zes de veludo franjados de ouro, e lhe mandou dizer por elle „ que ſoubera „ que Sua Alteza deſejava muito aquel- „ le cavallo pera paſſar nelle à Ilha de „ Goa, que alli lho mandava, e lhe pe- „ dia de mercè que ſe quizeſſe ſervir „ delle, que o haveria por grande, e „ boa ventura, e que deſejava muito de „ o ver em Goa, pera o ſervir, e defen- deo a Antonio Mendes de Caſtro que naõ tomaſſe couſa alguma em retorno de cavallo. O Idalxà quando lho elle apreſentou o eſtimou muito, e naõ reſ- pondeo mais que com agradecimentos, ſem deferir ao mais recado, e mandava dar a Antonio Mendes hum traçado pera o Viſorey, com a guarniçaõ de pe- draria que valia muito dinheiro, o qual Antonio Mendes naõ quiz tomar „ di- „ zendo que por nenhum outro preço „ lhe mãdàra o Viſorey aquelle cavallo, „ ſe naõ pela honra que eſperava de Sua „ Alteza paſſar nelle à Ilha de Goa, on- „ de deſejava de o ver. Aſſim ſe tornou o Antonio Mendes, e o Idalxá ficou muy contente com o cavallo, mas naõ lhe durou muito o goſto, porque dahi

a pou-

a poucos dias lho matáraõ com huma bombarda, que ſentio tanto q̃ ſe igualou a dor ao goſto que teve de lho darem.

CAPITULO XXXIV.

Do ſucceſſo que houve neſte tempo em Chàul, e de alguns grandes feitos que os noſſos fizeraõ.

ALexandre de Souſa tanto que ſe meteo na Igreja de S. Franciſco, e vio que os imigos tinhaõ alli o olho, porque as mais das viſtas que davaõ eraõ pera aquella parte, tratou de ſe fortificar o melhor que pode ſer, e fez logo entulhos, e repairos em partes que lhe pareceraõ mais neceſſarias, e prãtou tres peças groſſas em hum cavalleiro de madeira que mandou levantar em meyo do corpo da Igreja, donde ficavaõ jogando por hum Rebelim, que apontavaõ pera hum palmar fronteiro em que os Mouros ſe alojavaõ, e no coro ſe alojavaõ dous falcoens, que ficavaõ jogando pera o campo de S. Sebaſtiaõ, pera defenderem que ſe naõ chegaſſem tantas vezes a elles os imigos. Neſtes repairos, e fortificaçoens trabalhavaõ todos aquelles Fidalgos acarretando às coſtas tudo o neceſſario pera a obra, trazendo a artelharia, e as traves pera os repairos, trabalhando todos tanto, que naõ ſey o q̃ mais mereceo; e ſe houve algum q̃ ſe avantejaſſe, foy Ruy Gonçalves da Camera, que naõ trabalhou em todo eſte cerco como Fidalgo da ſua qualidade, ſe naõ como hum mariola muito valente, e forçoſo. Muito invejados foraõ todos os que eſtavaõ alli dos mais que havia pelas tranqueiras, como ſe todos em qualquer parte que eſtiveſſem naõ correraõ tanto riſco hũs como os outros, e todavia parecendo a alguns que là poderiaõ ganhar mais hõra, deixáraõ os lugares que tinhaõ, e ſe paſſáraõ pera S. Franciſco, como foraõ D. Henrique de Menezes, D. Fernando de Menezes ſeu primo, Franciſco de Sà de Sampayo, Antonio Pereira, Braz da Silva, Sebaſtiaõ Gonçalves de Alvellos, e outros muitos, aos quaes concedeo o Capitaõ mòr aquella licença, por particular mimo, e mercè.

Eſtas novas do cerco de Chàul, e do riſco, e perigo em que eſtava, moveraõ a alguns Fidalgos, e Cavalleiros a ſe hirem achar naquelles trabalhos, porque ainda naquelle tempo os peitos Portuguezes fuzilavaõ faiſcas, e chamas de honra, e primor, que naõ ſey ſe já de todo ſe apagáraõ, e aſſim ſe negociáraõ alguns pera chegarem a participar da honra que ganhavaõ os que naquella guerra aſſiſtiaõ cada dia, e aſſim ſe embarcou Thomè de Souſa Coutinho, irmaõ do Governador Manoel de Souſa, em hum parao com doze ſoldados a furto do Viſorey, e ſe apreſentou ao Capitaõ mòr, pera que o puzeſſe onde ſe cumpriſſem aquelles honrados deſejos que alli o leváraõ. Joaõ Alvares Soares, ſobrinho de Andrè Soares, que foy grande vaſſallo de ElRey D. Joaõ o III. que eſtava ſervindo o cargo de Eſcrivaõ da Alfandega de Dio, que já outro irmaõ ſervira, em lhe chegando as novas, largou tudo, e buſcando huma galeota, eſcolheo pera o acompanharem trinta ſoldados, com que ſe foy meter em Chàul, e ſe offereceo ao Capitaõ mòr que lhe fez muitos gaſalhados, e o apoſentou em huma parte da tranqueira defronte de S. Franciſco, e aſſim chegou tambem Franciſco Velho, Capitaõ que eſtava na Tanadaria de Maî, que foy poſto junto a Joaõ Alvares Soares.

Ignacio das Povoas irmaõ do Provedor da Alfandega, que ſe achou em Baçaim, tambem ſe fez preſtes pera hir de ſoccorro, como fez ſem lho impedir o Capitaõ Martim Affonſo de Mello, que tambem receava trabalhos, e mandou lançar grandes, e publicos pregoens „ſob pena de quinhentos cruzados, e „dous annos de degredo, a quẽ ſe ſahiſ„ſe daquella fortaleza, e Cidade, que „tambem era de ElRey como as outras, „e havia

„ e havia miſter quem a guardaſſe, por-
„ que andavaõ algũs Capitaens do Ni-
„ zamoxà por aquellas terras, e ſe pre-
„ ſumia, que hiriaõ aſſentar ſeu campo
„ ſobre aquella Cidade, os quaes pare-
ce que acenderaõ mais os animos dos que deſejavaõ acharſe em Chàul, como foy D. Joaõ Bellez, primo com irmaõ de ElRey de Bellez que eu vi entrar em Goa, quando veyo a pedir ſoccorro a ElRey D. Joaõ o III. o qual D. Joaõ eſtava caſado, e muito rico naquella Cidade, onde ſe embarcou em huma galeota com alguns companheiros, ao qual D. Franciſco Maſcarenhas recebeo com grandes gaſalhados, aſſim pela qualidade de ſua peſſoa, como por ſer grande cavalleiro. Da meſma maneira ſe embarcou Gaſpar Velho Enteado de D. Pedro de Menezes o Ruivo, irmaõ do Conde de Cantanhede, o qual diſſe publicamente ao Capitaõ de Baçaim „ que elle hia ſoccorrer a fortaleza „ de ElRey, q̃ quanto à pena de dinhei-
„ ro em que cahia, a podia logo mandar
„ cobrar por ſua fazenda, porque a ti-
„ nha muito boa de raiz, e que no de-
„ gredo pera Maluco, elle ſe havia por
„ condenado, porque elle eſperava de
„ que no cerco mereceria tanto, que El-
„ Rey naõ ſó lhe perdoaſſe o degredo,
„ mas ainda lhe fizeſſe muita mercè: e aſſim ſe foy meter em Chàul, onde o Capitaõ mòr o poz em parte, em que pudeſſe deſempenharſe da ſatisfaçaõ de ſuas promeſſas; tambem acodio logo a Chàul Antonio Rodrigues de Gamboa, Veador da fazenda daquellas fortalezas, peſſoa de muita importancia pera o ſerviço de ElRey, em que por todas as vias o fez aſſim nas armas, como nas letras, por ſer grande Juriſta; de maneira que com eſtes ſoccorros ficou a Cidade de Chàul com mil e cento, atè mil e duzentos ſoldados, e entre elles todas as fidalguias dos appellidos do Reino, e com a ſoldadeſca mais eſcolhida da India.

Foraõ taõ grandes, e taõ continuas as batarias, que os Mouros deraõ em todas as noſſas eſtancias, que muitas menos eraõ baſtantes pera arrazar os fortiſſimos baluartes das fortalezas de Europa mais inexpugnaveis, quanto mais huns entulhos taõ fracos com que os noſſos ſe reparavaõ, e defendiaõ, tendo contra ſi aquelles Caſapos arruinadores de tudo, que naõ davaõ tiro que naõ levaſſem tudo apoz ſi, e todavia arrazáraõ o baluarte Santa Catharina que defendia a Vaza, porque os muitos, e certos tiros que delle ſe fizeraõ contra os Mouros, provocàraõ a ira daquelle Rey pera mandar virar a elle a mayor força da ſua potencia, porque dalli lhe matàraõ peſſoas muito aceitas à ſua preſença, entre os quaes foy hũ Badalucaõ Mogor de naçaõ Capitaõ de cavallos eſtando junto delle, e ainda dizem que ficou ElRey borrifado do ſeu ſangue, couſa q̃ tomou a ruim agouro, e logo ſe mudou daquelle lugar, e encomendou a Fartecaõ, e aos mais Capitaens „ que
„ lhe moſtraſſem vingança daquelle ba-
„ luarte de que tanto dano recebera, e aſſim puzeraõ contra elle toda a força do poder da artelharia q̃ naõ ſó lhe cegou todas as peças, mas ainda o arrazàraõ atè o meyo com ſer o baluarte de hũ groſſo entulho, e com paredes de pedra, e cal de quinze palmos de groſſura, o que quebrantou o animo a muitos em verem taõ brevemente arrazada, e deſfeita huma força de tanta confiança.

Neſta bataria ſe eſmeráraõ os artilheiros tanto, que algumas vezes ſuccedeo encontrarem-ſe os pelouros no ar, e quebrarem das bombardadas os aparelhos, e repairos. Mas as peças que mayor dano fizeraõ, foraõ as que os Mouros prantàraõ da outra banda do rio, porque deſcobriaõ toda a Cidade, e dentro nella fizeraõ grandes eſtragos, e de huma vez matàraõ o noſſo Condeſtavel da fortaleza que foy grande perda, e doutra o Meirinho da Cidade, e de outras alguns ſoldados nos navios, e nas eſtancias; ſe naõ quando ſuccedeo huma vez paſſar hum pelouro muito por alto das noſſas tranqueiras, e atraveſſando toda

a Ci-

a Cidade hir pescar duas vigias da outra banda na estancia de Pedro Preto, antes que se fosse pera Dio, e assim destes desastres, e de outros, nunca deixou de haver nos nossos ao redor de duzentos soldados feridos, se naõ quanto alguns o foraõ muitas vezes, assim de bombardadas, como de feridas, porque como passáraõ as primeiras batarias, e viraõ q̃ ficavaõ as tranqueiras em pè, ficáraõ os nossos soldados taõ afoutos, que sem licença dos Capitaens sahiaõ das tranqueiras, e hiaõ cada dia duas, e tres vezes cometer os Mouros, e algumas vezes atè suas estancias, que esta foy a guerra que elles mais sentiaõ que todas, porque os cometimentos eraõ acelerados, e com tanta pressa, que chegavaõ a fazer seus assaltos correndo, e da mesma maneira se recolhiaõ, e assim me lembra perguntar por hum soldado muito honrado pera saber o que fizera neste cerco, e disseme hum seu amigo „ que nunca sahira das estancias, „ porque era muito zambo das pernas, „ e lançava os pès atravessados, e que „ como todos faziaõ seu negocio cor- „ rendo, e elle o naõ podia fazer bem, „ pelo impedimento que tinha, se naõ „ achàra nunca naquelles assaltos: muitos soldados de valor eraõ muito continuos nelles, como eraõ Joaõ Barriga Simoens, Luiz Machado Boto, Sebastiaõ Gonçalves de Alvellos, Gonçalo Rodrigues Caldeira, Frãcisco de Sà de Menezes Solismũdi, e assim era taõ grãde cavalleiro que se podia bem chamar entre muitos, Jeronymo Curvo, Francisco de Sà de Sãpayo, Thomè de Sousa Coutinho, Braz da Silva, Alvaro Peixoto, Domingos do Alamo, Francisco de Sousa Tavares, Dom Henrique de Menezes, primeiro que se meteſſe em S. Francisco, Nuno Velho Pereira, D. Gonçalo de Menezes, Heytor de Sampayo: em fim todos os que se achàraõ naquelle cerco fizeraõ tanto, que nenhum podemos affirmar, que com razaõ fez mais.

Passados muitos dias de Janeiro deste anno de 1571. chegáraõ os Mouros a estar taõ perto com os de S. Francisco, que quasi estavaõ com elles à fala, e como já os nossos traziaõ a maõ folgada das vitorias que em alguns assaltos alcançáraõ dos imigos, affrontados de se lhes avizinharem taõ perto, determináraõ de lhes sahir, pera o que se preparáraõ, e vespera do Martyr S. Sebastiaõ lhes sahiraõ, e deraõ de supito na estancia que estava junto a huma casa mea derrubada, lançandolhes muitas panellas de polvora, com que abrazáraõ muitos que estavaõ na casa mea derrubada que disse, sem receyo de serem salteados da gente que elles tinhaõ em tanto aperto, ficando daquella feita muitos mortos, e feridos, e com receyo de em nenhuma parte estarem seguros dos nossos, e assim se recolhèraõ com esta honra, sem se perder nenhum, posto que os mais sahiraõ feridos, pouco, ou muito, naõ das mãos dos Mouros, mas de huma roqueira de pedras que deu no Rebelim entre todos, que derrubou feridos a mayor parte delles. Achàraõ-se neste feito com Alexandre de Sousa, Ruy Gonçalves da Camera, Dom Henrique de Menezes, D. Luiz de Castello-branco, Diogo Soares de Albergaria, Manoel Pereira de Lacerda, Francisco de Sousa Tavares, Jorge da Cunha Coutinho, Francisco de Sà de Menezes Solismundi, e outro Francisco de Sà de Sampayo, Braz da Silva, Alvaro Peixoto, Christovaõ Curvo, e outros cavalleiros honrados, e assim este dia do Bemaventurado S. Sebastiaõ, amanheceo celebrado com esta vitoria que foy mayor do que eu a soube escrever.

Deste succesſo ficàraõ os Mouros muito affrontados, pelo que determinàraõ assaltar com hum grande poder o forte de S. Francisco, da qual empreza se encarregàraõ dous Capitaens, e em huma noite muito escura, antes do quarto da madorra rendido cercàraõ a casa de S. Francisco com cinco mil homens, e logo começáraõ a sobida por tres partes. Vigiava aquelle quarto

Ruy

Ruy Gonçalves da Camera com os ſoldados de ſua obrigaçaõ, encoſtado a hum entulho ſobre que jugava huma eſpera, que jà eſtava cega no Rebelim; e Ruy Gonçalves de cançado do ſucceſſo paſſado eſtava repouzando, e ao rumor dos Mouros deſpertou logo brádando por armas, ao que acodiraõ todos com ellas, e pondo-ſe em defenſaõ ſe travou entre todos huma muito aſpera batalha, em que os Mouros como màgoados fizeraõ denodados acometimentos, mas em todos foraõ rebatidos com grande esforço daquelles valeroſos Fidalgos, e cavalleiros, que todos neſte trance fizeraõ altiſſimas cavallarias, lançando ſobre os cardumes de Mouros que ſobiaõ pelas eſcadas, muy baſtas bombas de fogo, e outros artificios, e os imigos inſiſtiraõ tanto na entrada, que vieraõ à eſpada com os noſſos pelas freſtas de cima das eſcadas: os quaes eraõ debaixo favorecidos com muitos tiros, que jà tinhaõ as freſtas cegas de todo, e porque ſe preſumio que os Mouros picavaõ a parede em baixo, convidou o Capitaõ alguns ſoldados pera por huma freſta verem ſe os enxergavaõ trabalhar, mas Chriſtovaõ Curvo de Siqueira, ſem ſer chamado, embraçou huma rodella, e com huma tocha na maõ lançou o corpo pela freſta fóra pera ver o que hia em baixo, brádando alto pera que os Mouros ouviſſem, e ſe afaſtaſſem, e eſtando naquelle lugar recebeo onze frechadas na rodella, que ſe foraõ no corpo, ſe pudera parecer com S. Sebaſtiaõ.

O Capitaõ mór teve aviſo daquella oppreſſaõ, em que os noſſos na caſa de S. Franciſco eſtavaõ, e dezejou de mandar ſaber o que lá hia, ao que ſahio Jeronimo Curvo, irmaõ do meſmo Chriſtovaõ Curvo, com Sebaſtiaõ Gonçalves de Alvellos, Diogo Ribeiro, e Antonio Mexia; e foraõ de longo das paredes atè chegarem a S. Franciſco, e viraõ eſtar Chriſtovaõ Curvo na freſta brádando, e o irmaõ o conheceo logo, aſſim na fala, como no roſto, que com a claridade da tocha ſe via muito bem, e brádando pelo irmaõ lhe perguntou como eſtavaõ? Ao que elle lhe reſpondeo que bem. Eſtas novas levàraõ ao Capitaõ mòr, que logo deſpedio Nuno Velho Pereira com quarenta ſoldados, e muitas muniçoens pera os hir ſoccorrer. Os do baluarte eſtiveraõ muito apertados, porque lhes durou aquelle conflito perto de cinco horas, em que ſe gaſtàraõ todas as panellas de polvora, e depois naõ ficou gorgoleta, pucaro, talha, nem pote, que ſe naõ lançaſſe ſobre os imigos, atè tirarem dos entulhos traves, e outras couſas que lançavaõ ſobre elles; em fim com tantos inſtrumentos de morte ficàraõ os Mouros taes, que de puro cançados, e naõ poderem ſofrer tanto dano ſe recolhèraõ às ſuas eſtancias, deixando trezentos dos ſeus abrazados ao redor da caſa de S. Franciſco, e levando mais de quinhentos feridos, ſem da noſſa parte perigar nenhum, e ſó alguns ficàraõ feridos, e deſcalavrados.

Nuno Velho Pereira foy com o ſoccorro por dentro de huma fiada de caſas que hiaõ ter a S. Franciſco, que eſtavaõ furadas de humas pera as outras pera darem paſſagem aos noſſos, querendo dar ſoccorro aos de S. Franciſco, e hindo com grande cautela, e vigilancia por dentro de todas, por lhe parecer que em qualquer dellas poderiaõ eſtar Mouros, chegou à porta, e chamou pelos de cima que lhe acodiraõ, e perguntandolhe o que havia paſſado, lhe reſpõderaõ „ que „ todos eſtavaõ bem, e ſem dano, mais „ que alguns feridos, e que ao pè da „ caſa poderiaõ ver o que tinhaõ feito, e dandolhe Nuno Velho grandes vivas, e louvores, lhes deixou as muniçoens, e ſe tornou. Deſte ſucceſſo ficou Nizamoxà muy affrontado, e deſenganado de poder ganhar o forte de Saõ Franciſco, e com eſta melancolia mandou aſſeſtar a elle duas peças groſſas, com que o bateraõ por tres dias continuos, com grande perigo dos que eſtavaõ dentro, porque nenhum deixou de ſer ferido, e por vezes enterrado nas

ruinas

ruinas de pedra, e madeira que a bataria desbaratava, sem terem amparo, nem abrigo mais que cozerem-se com as paredes cubertos com murrioens, e sellados pera repararem as cabeças das ruinas que sobre elles cahiaõ das pedras, vigas, madeiramentos, lanços de paredes inteiros, com que os nossos se viraõ taõ atormentados, que chegàraõ a desesperar de poderem defender aquelle forte, e jà alguns soldados se hiaõ sem os verem, dizendo „ que melhor era hirem „ morrer nas estancias dos Mouros, on„ de melhor poderiaõ mostrar seu va„ lor, o que naõ podiaõ fazer alli en„ curralados, porque sem pelejarem, os „ mataváõ, e feriaõ as mesmas ruinas „ do forte que defendiaõ.

Est es trabalhos, e desesperaçoens sabiaõ muito bem os Capitaens, pelo que se ajuntàraõ a conselho sobre o que se faria, e apontados os inconvenientes, e riscos em que estavaõ taõ valerosos Fidalgos, e soldados, que poderiaõ mostrar seu valor em outras partes mais necessarias, e em que os imigos melhor os conhecessem, e debatidas as cousas assentàraõ por ultima determinaçaõ „ que „ se largasse aquelle forte, e se recolhes„ se a artelharia com a mayor dissimula„ çaõ que ser pudesse, o que se fez em seis dias depois do combate, tirando primeiro a artelharia, e ao depois se sahiraõ todos, e o Capitaõ mòr foy aquella noite dormir là, e atraz delle todos os mais Capitaens cada hum sua noite, e fizeraõ brevemente huma tranqueira ao pè do muro do Mosteiro, pera dalli se defenderem, deixando no Mosteiro vigias, e desta maneira se defenderaõ cinco dias.

Vendo, ou sabendo os Mouros que jà o forte estava despejado, foraõ muitos delles pera se meterem dentro, e chegando ao Rebelim em chegando a elle começàraõ a subir, e achàraõ ainda muitos dos nossos que o guardavaõ taõ animosamente, que dando nos que hiaõ sobindo muy confiados, os deitàraõ do Rebelim abaixo, huns despedaçados, e outros muito mal feridos, e com este ultimo succesSo, largàraõ os nossos o Rebelim, ao qual acodiraõ logo os Mouros, e arvoràraõ nelle muitas bandeiras, mas acodio logo D. Nuno Alvares Pereira, e os lançou fóra outra vez, hindo-os levando atè os incurralar nas suas estancias, e tranqueiras, ficandolhe as bandeiras, e ainda muitos delles estirados no campo.

Aquella mesma tarde houve outra batalha entre os nossos, e os Mouros em campo aberto, que durou por espaço de duas horas, mas os nossos fizeraõ nelles tal estrago, que com morte de muitos os arrancàraõ do campo, e os que foraõ fugindo naõ se houveraõ por seguros, se naõ dentro em suas tranqueiras. Morreo da nossa parte hum mancebo Fidalgo de huma arcabuzada, que parece tinha alli limitado seu termo, no qual se perdeo muito, por ter por muitas vezes pelejado valerosamente, e mortos muitos Mouros, porque parece lhe adivinhava o coraçaõ havia de morrer às suas mãos, e queria tomar vingança cruel tanto dante maõ em vida de sua morte. Chamava-se este Fidalgo D. Fernando de Menezes, e era neto de D. Henrique o Roxo, que foy Governador da India. Ficàraõ dos nossos muitos feridos, dos quaes morrèraõ logo seis, a quem naõ achey os nomes: dos imigos perecerаõ quatrocentos, ficando feridos, e queimados grande numero delles.

Os Mouros naõ ousavaõ ainda de entrar em S. Francisco com estar despejado por causa do fogo, que os nossos deixàraõ no madeiramento do Mosteiro, mas como cessou a furia, meteraõse dentro, e foraõ entrando naquella parte, que ficava entre os nossos fortes, e a Igreja de S. Francisco, e occupáraõ muitas casas, e queimàraõ outras muitas, e estando os Capitaens em conselho tratando sobre a sahida que determinavaõ fazer aos Mouros com todo o poder, acertou de ver Nuno Velho Pereira os imigos muito perto das suas casas que elle defendia, e entrou por huns

quin-

quintaes com alguns companheiros, e deu nelles com muita furia, travandose entre elles huma arrezoada batalha, que como os noſſos o ſouberaõ, foraõ acodindo, e apertàraõ tanto com os Mouros, que largàraõ tudo, e foraõ fogindo por cima dos telhados das caſas, e os noſſos debaixo com as lanças os cravavaõ, e outros muitos ſe lançàraõ pelas janellas, e ſe lançàraõ em cima de hum cardume de alabardas dos noſſos que eſtavaõ em baixo, e tudo iſto por eſcaparem ao fogo, que os noſſos lhes lançavaõ dentro nas caſas, e na ponta de hũs quintaes, onde foy ter D. Nuno Alvares Pereira, ſe matáraõ, e cahiraõ todos com tanta confuzaõ, que ficavaõ os mortos ſobre os vivos, e tanto trabalhou Dom Nuno Alvares eſte dia, que nas mãos ſe lhe quebràraõ duas alabardas nos peitos dos imigos, e ſuppoſto que os Mouros eraõ muitos, e fizeraõ por vezes voltas aos noſſos com grande determinaçaõ, foraõ em todas taõ eſcalavrados, que largando as redeas á vergonha foraõ fogindo, deixando dentro nas caſas, e nas ruas grande quantidade delles mortos, ſem os de cavallo que lhes acodiraõ os poderem defender, porque ſe naõ podiaõ meter entre as caſas, e paredes derrubadas. Foy Nuno Velho Pereira occaſiaõ deſta vitoria, que foy das grandes que os noſſos alcançáraõ, porque cuſtou aos Mouros mais de quatrocentos dos melhores, e da mais luzida gente que traziaõ.

Quando logo o Nizamoxà ſe fez preſtes pera deſcer contra Chàul, mandou hum Embaixador ao Camori a pedirlhe huma boa Armada contra os noſſos, offerecendolhe grandes pagas, e mercès, e cuido que pera iſſo lhe mandou huma boa copia de dinheiro, o qual mandou chamar os armadores dos navios, e lhes mandou foſſem ajudar o Nizamoxà contta os noſſos, e que trabalhaſſem por tomar a Armada que tinhamos no rio. Eſtes Mouros ſe fizeraõ preſtes, negociàraõ vinte e hum navios, em que entravaõ cinco galeotas grandes, e os mais navios de bom porte, nos quaes ſe embarcàraõ ao redor de dous mil ſoldados à fama dos grandes preços, que o Nizamoxà lhes tinha promettido do ſaco de Chàul. Partida eſta Armada dividiraõ-ſe alguns navios, e os treze chegàraõ a Chàul no fim do mez de Fevereiro, e com grande determinaçaõ cometeraõ a entrada do rio de noite, rendido o quarto da prima muito a ſeu ſalvo por culpa da mà vigia dos da Armada que eſtava no rio, que era de cinco galez, e onze ſuſtas, afóra nàos de mercadores, dando elles occaſioens de deſpertarem com muitos inſtrumentos, e ſinos que foraõ tangendo, e todavia naõ deixàraõ de ſer ſentidos, ainda que tarde, pelo que arrancàraõ as galez de Leonel de Souza, e a de Rodrigo Homem da Sylva, e os foraõ ſeguindo atè defrõte da ſua Cidade às bombardadas. Paſſado eſte dia do deſcuido, dahi a tres dias entràraõ pelo rio outros tres paràos que eraõ dos que ſe apartàraõ, que naõ foraõ ſentidos dos noſſos, e vindo dahi a cinco dias outros cinco, que era o reſto dos navios, q̃ ſe armàraõ pera eſte ſoccorro, querendo tambem entrar de noite, foraõ ſentidos, e lhes ſahio Leonel de Souſa na ſua galè, e os coçou de modo, q̃ fez varar hum por cima de hũas pedras da outra banda do morro, e os mais paſſáraõ a ſeu ſalvo; mas o q̃ varou foy tirado a monte, e eſpalmado, e limpo, e no cabo de tres dias entrou pelo rio dentro ao meyo dia, fazendo ſuas algazaras, e dando ſuas coqueadas. Franciſco de Toar, e Rodrigo Homem da Sylva, e Gonçalo Bernardes, cada hum em ſeu navio, arrancàraõ apoz elles com tanta preſſa, que os alcancàraõ, e hindo a ſuſta de Franciſco de Toar pera os inveſtir, o marinheiro que levava o leme ſe deſviou de feiçaõ, que lhe eſcapou, ficando alguns dos ſoldados de Franciſco de Toar feridos de fréchadas, por deſpedirem os Malavares huma grande nuvem dellas ao tempo que o noſſo navio ſe deſviou. Os Malavares ſicàraõ taõ

ufanos

uſanos de eſcaparem dentre as mãos aos noſſos, que chegàraõ apovoaçaõ eſgrimindo das eſpadas, e rodellas, e deitando grandes barbatas pera ſe acreditarem com ElRey. O Nizamaluco recebeo eſtes Malavares com grandes honras, e os repartio pelas eſtancias, das quaes em huma puzeraõ huma bandeira de Chriſto como as noſſas, gabando-ſe ao Nizamaluco „ que a tomàraõ aos Por-„ tuguezes, e fazendo grande cabedal de cavallaria de paſſarem pelo rio de Chàul eſtando nelle a noſſa Armada, de que os Mouros faziaõ grandes zombarias, perguntando das eſtancias aos noſſos „ porque naõ defenderaõ a „ entrada aos Malavares, chamandolhes „ dorminhocos, que naõ ſabiaõ vigiar, „ e cegos que naõ viaõ quem lhes paſſa-„ va por diante.

Os Capitaens dos navios Malavares offereceraõ-ſe a ElRey pera pelejarem à ſua viſta com a noſſa Armada, lançando grandes alardos de roncas contra os noſſos, chamandolhes de fracos, e cobardes, e fazendo-ſe taõ facil a vitoria que delles haviaõ de alcançar, que diziaõ „ naõ queriaõ eſperas por dez na-„ vios que lhes faltavaõ, porque o Camorim mandàra trinta àquella empreza, e aſſim ſe fizeraõ preſtes com tantas rebolarias, e deſpejos, que obrigàraõ a ElRey a cuidar poderia ſer o que elles prometteraõ, e pera os obrigar a deſempenharem a palavra ſe offereceo pera ver a batalha, e aſſim ſe foy pôr em hum lugar alto, e muitos dos ſeus vaſſallos pera ſe hirem achar com os Malavares naquelle feito em huns canaletes, e entre eſtes foy hum mais ordenado de bandeiras, e galhardetes, em que levavaõ hum ſombreiro branco inſignia Real, e nelle hia hum ſeu grande privado de ElRey com ſeſſenta ſoldados, gente muy eſcolhida, e luzida, hindo embarcados nos paràos com os Malavares outros muitos Capitaens, e ſoldados de preço, que deſejavaõ de ſe acharem naquella batalha naval, pera participarem daquella vitoria, que os Malavares lhes certificavaõ infalivel. Eſtava encarregada a guarda do rio a Leonel de Souſa com tres galez, em que foraõ por Capitaens afóra elle Franciſco de Sà de Menezes, Gaſpar Mimozo, e Rodrigo Homem da Silva em huma fuſta. Os Malavares ſahiraõ de Chàul de cima todos em ala com grandes carrancas, e eſtrondos barbaros como elles, eſtando a praya chea de gente, e as arvores de huma, e outra parte pera verem aquella feſta, e regozijo: os noſſos vendo aquella demonſtraçaõ, e barbara determinaçaõ, lhes ſahiraõ do porto a eſperallos ao meyo do rio, e vindo com todas aquellas carrancas viràraõ os noſſos a elles: mas como as promeſſas foraõ no ar, e cuidàraõ que por iſſo lhes dèſſem muito dinheiro, vindo a concluzaõ com os noſſos, lhes viràraõ as popas, e ſe foraõ acolhendo com mais velocidade da com que vieraõ, e com muitos tangeres, e feſtas, mas com grandes gritas que davaõ aos marinheiros, pera que remaſſem rijo: os noſſos os foraõ ſeguindo com hum fermoſo jogo de bombardadas, que lhes foraõ zunindo pelas orelhas, e lhes arrombàraõ alguns navios, e matàraõ gente em outros; o canatale em que hia metido o ſombreiro de ElRey, foy metido no fundo com a gente toda, de que eſcapàraõ poucos, os quaes os noſſos foraõ tomar vivos, ficando os Malavares dalli por diante mais encolhidos, e regiſtados nas promeſſas, e o Rey menos confiado nas que lhe fizeraõ, e cometendolhes por vezes que tornaſſem a pelejar com a noſſa Armada, elles ſe eſcuſáraõ com as noſſas galez, dizendolhe „ que ellas, e os navios „ grandes amaſſavaõ debaixo dos pès os „ pequenos, e depois de terem eſtado em Chàul vinte dias ſe tornàraõ a ſahir do rio corridos, e envergonhados; e iſto ſó ſe pòde achar em gente baixa como eſtes barbaros.

Quaſi no meſmo tempo ſuccedeo aquelle honrado feito a Eſtevaõ Pereſtrello Capitaõ de Caranja, pouco mais de tres leguas de Chàul, o qual foy deſ-

ta maneira. Andavaõ alguns Capitaens do Nizamoxà correndo as terras de Chàul atè Damaõ, com couſa de quatro mil cavallos, fazendo guerra às noſſas terras, queimando as noſſas aldeas, e com tençaõ de paſſarem à Ilha de Salſete, e de Baçaim, que ſempre lhes foy defendida por noſſos navios, que andavaõ em guarda dos paſſos daquella Ilha, e dos rios; e vendo que naõ podiaõ paſſar della, determinàraõ de paſſar ao forte de Caranja como fizeraõ Sabecaõ, e Fartecaõ, dous Capitaens com dous mil cavallos, e ſeis peças de campo, por muita gente de trabalho. Tinha Eſtevaõ Pereſtrello, que era homem Fidalgo, e muito bom cavalleiro, impedido o paſſo que faz pera a Ilha com eſtrepes: fizeraõ os Mouros depreſſa outro paſſo entulhado de madeira, e pedra por ſer eſtreito, por onde paſſavaõ toda a fabrica, e foraõ pôr cerco ao forte, que o he ſó no nome, e ſómente he roqueiro hum pequeno baluarte, q̃ ſe fez pera apoſentos do Capitaõ em tempo que ſe naõ temiaõ ſe naõ de algũs ladrões formigueiros, q̃ às vezes paſſavaõ da terra firme à Ilha, e a cercàraõ à roda com ſeis tranqueiras, a tiro de eſpingarda dellas; mas Eſtevaõ Pereſtrello ſe defendeo delles com muito animo, e lhes matou muita gente com muitas peças de artelharia miuda, e com a arcabuzaria, mas foy logo ſoccorrido de Manoel de Mello Pereira, que hoje eſtà por Capitaõ de Damaõ, que entaõ andava por Capitaõ mòr daquelles rios em guarda da Ilha de Salſete, com algumas manchuas que ſe armàraõ em Baçaim, e vinha por mandado de Martim Affonſo de Mello Capitaõ de Baçaim recolher a artelharia do forte, e requerer a Eſtevaõ Pereſtrello o largaſſe. Levava Manoel de Mello naquellas embarcaçoens trinta ſoldados, tendo Eſtevaõ Pereſtrello quarenta dentro no forte; e deſembarcando huma noite Manoel de Mello ſe meteo na fortaleza, que Eſtevaõ Pereſtrello naõ tinha tençaõ largar, antes fez com Manoel de Mello „ que foſſem dar nos „ Mouros com aquelles ſetenta ſolda„ dos que alli havia, porque eſperava „ em Deos de fazer hum muito honrado „ feito, e aſſim ſahiraõ de madrugada, e cometèraõ as tranqueiras dos Mouros, que logo entràraõ, e matàraõ muitos, e cuidando elles que o cabedal era mayor, e que lhes viera grande ſoccorro de Baçaim, foy tamanho o ſeu medo, e confuzaõ, que logo ſe puzeraõ em deſbarato, deixando as tranqueiras com a artelharia, e muitas armas, e com boa quantidade de polvora, chumbo, mantimentos, e muitos corpos mortos, que foraõ queimados cõ as tranqueiras, e nos ficou a fortaleza provida de tudo o que lhe faltava que ficou dos imigos, que ficàraõ taõ enganados ſem ſua pretençaõ, que vindo a tomar aquelle forte, o deixàraõ provido à ſua cuſta de tudo o que nelle havia neceſſidade. O principal Capitaõ que foy a eſte feito ficou taõ envergonhado daquelle deſbarate, e dos poucos Portuguezes, que nelle o vencèraõ, que naõ ſe atrevendo a tornar pera o Nizamoxà, fugio pera Cambaya com mil de cavallo, temendo a ira de ElRey, que alèm de tomar muito abatimento do pouco valor de ſuas gentes, ſentio muito a perda de ſua artelharia.

Em Chaul foraõ os Mouros continuando, depois que ſe lhes largou S. Franciſco, as batarias mais apreſſadas por todas as partes, empregando nos noſſos pobres entulhos toda a furia de ſua artelharia, principalmente dos dous Caſapos que eſtavaõ prantados às caſas de Diogo Lopes com ramadas por cima de taboado, e com mantas como galez, que cada vez que atiravaõ ſe levantavaõ pera iſſo, e porque ſempre faziaõ grande dano, tinhaõ os noſſos taes vigias, que em ſe deſcobrindo, tangiaõ hum ſino pera ſe ſaber que atiravaõ elles, pera que a gente que andava pelas ruas ſe amparaſſe á ſombra das paredes, e as eſtancias ſe reſguardaſſem daquella parte onde eſtavaõ aſſeſtados, com o que naõ faziaõ tanto dano como primeiro,

primeiro, de que os Mouros ſe amoſinaraõ tanto, que aſſeſtáraõ algumas peças no lugar aonde eſtava o ſino, que era na Camera, e lhe deraõ tantas bombardadas atè que a derrubàraõ; e porque era neceſſario haver aquelle deſpertador, o paſſáraõ à ſombra dos entulhos, aonde a artelharia lhe naõ podia fazer dano: mas aonde os Mouros faziaõ o mayor emprego da furia de ſua artelharia, era nas caſas que defendiaõ Manoel Pereira, e Luiz Xira Lobo, q̃ ſempre ſe tiveraõ por mais arriſcadas que todas, por eſtarem na frontaria da noſſa Cidade, pera onde ſe diſparavaõ todos os tiros contrarios, e aſſim eſtavaõ todas arruinadas, e paſſadas de parte a parte, e foy a bataria dellas taõ continuada, que naõ dava lugar aos noſſos que nellas eſtavaõ ſe repairairem, e comerem hum bocado; e entendendo Manoel Pereira, que as ſuas caſas ſe haviaõ de perder, fez muitas lembranças ao Capitaõ mòr „ pera „ que ou o proveſſe do neceſſario pera „ ſe repairar, ou o deſobrigaſſe dellas, „ porque naõ queria que ſe diſſeſſe que „ ſe perderaõ em ſeu poder; e naõ deferindo o Capitaõ mòr a eſte requerimento por ſerem os trabalhos em todas as partes geraes, Manoel Pereira ſe ſahio das cazas, e ſe foy pera huma das eſtancias de mòr perigo. Heytor de Sampayo tanto que vio largar aquellas caſas, ſe foy meter nellas, porque o ſeu animo lhe naõ deixava ver o riſco a que ſe punha. Vendo os Capitaens como os Mouros inſiſtiaõ em ganhar as caſas de Luiz Xira Lobo, pelo impedimento que lhes faziaõ de ſe chegarem aos entulhos, determináraõ de as largar, minando-as primeiro, pera tomarem nellas huma grande copia de Mouros; e pera eſta mina ſe offereceo hum Condeſtavel Flamengo, que alli viera de Dio, grande artelheiro, e fora trazido, porque promettia rebentar os Caſapos, pera o que naõ achou invençaõ que aproveitaſſe pera iſſo, por muito que eſtudou, e trabalhou, o qual começou a pór as mãos na obra da mina, na qual tambem andava Manoel Rapozo, Sargento mór que tinha alguma pratica deſte miniſterio, e aſſim como o vagar na guerra prejudica muito, aſſim tambem dana anticipando-ſe demaſiadamente antes do tempo neceſſario, como aqui aconteceo a eſte Manoel Rapozo, que por ſe moſtrar diligente, levou antes que ſe acabaſſe a mina os barriz da polvora, que ſe haviaõ de meter na mina, os quaes meteo em huma camera que ſervia de almazem das muniçoens, onde havia muitas panellas de polvora, lanças, e outros artificios de fogo: ſuccedeo aos 18. de Fevereiro pelas nove horas do dia, preſumirem os Mouros que aquellas caſas eſtavaõ deſpejadas, porq̃ naõ apparecia nellas gente, porque toda andava em baixo na obra da mina, a qual Heytor de Sampayo eſtava vendo pela rotura do ſobrado de huma camera, deixando em cima duas vigias que deviaõ de adormecer, ou os peecados de todos lhes taparem os olhos; pelo que os Mouros cometendo-as com ſoſpeita de q̃ eſtavaõ deſpejadas, quando jà chegáraõ perto, ſentiraõ gente nos baixos, e vendo que os naõ ſentiaõ, arrimáraõ as eſcadas ás janellas, e ſobidos à ſala, muitos delles arvoráraõ ſuas bandeiras, e guioens, q̃ ſendo viſtos das noſſas tranqueiras, ſe abalàraõ algũs Capitaens a ſocorrellos, e dos primeiros foraõ Fernaõ Telles, e D. Duarte de Lima, com muitos ſoldados de nome, os quaes ſe metèraõ nos baixos das caſas, ficando os Mouros em cima, e logo os noſſos foraõ cometendo a eſcada pera ſubirem acima, ſobre o que trabalháraõ bem, e o primeiro, ou dos primeiros foy Joaõ Barriga Simoens, que neſte cerco fez grandes cavallarias; o qual hindo já em cima, o lançàraõ os Mouros pela eſcada abaixo mal ferido em huma maõ, de que ficou com os dedos todos encolhidos, e lhes defenderaõ valeroſamente a ſubida aos noſſos, que vendo trabalhavaõ em vaõ, ſe ſahiraõ fóra, e foraõ dar em huma tranqueira donde os Mouros ſahiraõ, e lha ganháraõ: o que viſto pelos Mouros, foraõ-ſe

ſahindo por lhe acodir, mas como os noſſos naõ podiaõ ſuſtentar as tranqueiras, ſahiraõ-ſe, e os Mouros ſe tornáraõ a meter nas caſas, e eſtando Heytor de Sampayo com todos os mais eſperando em baixo, que ſe acabaſſe o repuxo da mina pera lhe darem fogo; permittiraõ noſſos peccados que lançaſſem os Mouros de cima huma panella de polvora a qual cahio em outras poucas noſſas, que là eſtavaõ que tomàraõ fogo, e dellas ſaltou logo nos barriz, e caixoens que eſtavaõ pera a mina, que tudo fez hum taõ temeroſo eſtrondo, que foy eſpanto, e quarenta e dous Portuguezes que dentro eſtavaõ, ficàraõ todos abrazados, e torrados ſem empecer nada aos Mouros que eſtavaõ em cima, ſahindo taõ grandes lavaredas pelas portas, e freſtas, que tomando alguns que eſtavaõ da banda de fóra, os derrubou queimados huns por cima dos outros conſumindolhes logo as roupas, e ficandolhes o fogo entre as armas, e a carne, e aſſim ardendo chamavaõ pelos parentes, e amigos, de modo, que Domingos de Alamo ſoldado de Fernaõ Telles, vendo ſahir das caſas a Jorge de Souſa Coutinho, remeteo a elle pera o matar, cuidando que era Mouro, vindo elle jà tal, que naõ durou mais q atè receber os Divinos Sacramentos, e chegando Pedro Ferreira de Sampayo o Velho, em buſca de ſeu ſobrinho Ayres Ferreira, andando perguntando por elle, tendo-o bem perto taõ desfigurado, q̃ o naõ pode conhecer, nem o pobre Fidalgo lhe pode falar mais que por acenos, pondo a maõ no peito, como quem dizia que elle era, eſcapãdo naquelloutro memoravel cerco da Cota, pera vir a acabar neſte. Antonio Pinto que eſcreveo eſte cerco, diz, que Pedro Ferreira era irmaõ de Ayres Ferreira, ſendo Pedro Ferreira ſeu tio, irmaõ de ſeu pay, enganou-ſe, porque tinha elle outro irmaõ chamado Pedro Ferreira, que depois recebeo huma bombardada em hum braço, de que ſempre ſe queixou atè morrer dahi alguns annos: foraõ eſtes Fidalgos Ayres Ferreira, e Pedro Ferreira filhos de Franciſco Ferreira, que tinha hum morgado em Barredo, e tinha na India outros dous irmãos chamados tambem Pedro Ferreira, e Gomes Ferreira, caſados em Chául, e eſtes tres irmãos eraõ filhos de Ruy Ferreira de Barcellos, que era irmaõ da mãy de Simaõ Guedes de Souſa.

Os Fidalgos que aqui foraõ abrazados, e mortos, foraõ os ſeguintes: Heytor de Sampayo, D. Duarte de Lima, que poſto que ainda o tiràraõ vivo, perguntandolhe hum ſoldado quem era, reſpondeo já muito fraco, que fora D. Duarte de Lima, a que acodio Luiz Freire de Andrade, Capitaõ da fortaleza, e o levou a curar a ſua caſa, onde falleceo ao outro dia, e naõ em caſa do Capitaõ mòr, como diz Antonio Pinto, porque Dona Luiza Coutinha mulher do Capitaõ me contou em como lho levàraõ a caſa, e como morreo, que foy com grandes moſtras de Chriſtaõ; foraõ mais queimados Jorge da Cunha, e Ayres Ferreira, como já diſſe, Joaõ Dornellas, Antonio de Sampayo, Luiz Xira Lobo, que largou as ſuas caſas pera vir morrer abrazado neſtoutras, o qual nas ſuas fez muitas cavallarias, e em huma ſahida que ficou mal ferido, lhe ſuccedeo ſeu primo com irmaõ Luiz Machado Boto, que ſempre neſte cerco ſe apreſentou dos diãteiros, e pelejou muito esforçadamẽte: foy alli tambem abrazado, e morto o Sargento mòr Manoel Rapozo, autor daquelle cruel dano: os que foraõ queimados, e eſcapàraõ, ſaõ Manoel Botelho, Gaſpar Velho, Fernaõ Telles de Menezes, que depois foy Governador da India, o qual ſahio abrazado por muitas partes, principalmente nas mãos, de que ſempre trouxe os ſinaes, e naõ ſó recebeo eſte dano, mas tambem ſobre elle tres crueis fréchadas. Alexandre de Souſa tambem ficou queimado, mas naõ de maneira que deixaſſe de ficar na ſua tranqueira, Franciſco de Mello de Sampayo, Franciſco de Sà de Menezes Soliſmundi, Agoſtinho Nunes,

Nunes, e outros Fidalgos.

Paſſado o terremoto, e lavareda, entràraõ na caſa, em que o eſtrago, e deſaventura ſuccedeo, Gomes Eanes de Figueiredo, Franciſco de Sà de Menezes, Franciſco Pimentel, e outros que recolhèraõ muitas armas por naõ ficarem aos Mouros, e mandàraõ tirar os corpos de alguns jà torrados que naõ puderaõ conhecer, e Franciſco de Sà ouvio huma voz jà cançada chamar por elle, e acodindo onde lhe ſoou, achou hum ſoldado enterrado entre as armaçoens da caſa, e a caliça, ao qual deſenterrou, e tirou pera fóra; finalmeute as caſas ficàraõ em poder dos Mouros, nas quaes logo arvoràraõ muitas bandeiras, e guioens, e toda aquella noite feſtejàraõ a vitoria.

Cauſou eſte laſtimoſo eſpectaculo grandes invejas aos mais Capitaens Mouros, que eſtavaõ pelas mais eſtancias, e tocado della determinou Xiniricaõ de combater o baluarte da Cruz, que eſtava jà muito damnificado, e desbaratado de huma bataria que lhe haviaõ dado, que ſe lhe naõ viaõ mais que humas pequenas paredes. Vigiavaõ eſte baluarte aos quartos Fernaõ Telles, Fernaõ Pereira, Henrique de Betancor por ſerem os vizinhos de mais perto; ſuccedeo no quarto de Fernaõ Pereira, eſtando com a gente abatida, verem alguns dos noſſos tomarem os Mouros bandeiras nas mãos, e acclamando por armas; quando os noſſos acodiraõ, jà os Mouros eſtavaõ em cima dos entulhos, e tres delles da banda de dentro que taõ de ſupito os cometeraõ, e remetendo os noſſos com elles matàraõ logo os tres que eſtavaõ dentro, e com os dos valos travàraõ huma aſpera batalha. Domingos do Alamo que eſtava na ſua cama abrazado da mina, ouvindo a revolta, mandou-ſe levar aos entulhos, e ſentado em huma cadeira com huma alabarda pelejou valeroſamente; o Capitaõ mòr acodio logo alli, e mandou os ſeus de ſoccorro, logo os imigos foraõ lançados fóra, e bem eſcalavrados, e Domingos Cabral tomou huma bandeira da mão a hum Mouro: deſta feita ficàraõ mortos mais de cento e cincoenta dos Mouros, e alguns alvos de cabelo louro com arrecadas nas orelhas que deviaõ de ſer da noſſa Europa.

CAPITULO XXXV.

Em que ſe torna a continuar com a guerra de Goa, e o que os noſſos nella fizeraõ.

DEixemos agora por hum pouco a guerra de Chàul, e vamo-nos a Goa, onde tambem paſſáraõ caſos notaveis por hirmos alternando humas couſas com outras. Naõ procediaõ as couſas da guerra da parte dos Mouros com a felicidade que elles cuidavaõ, porque cada dia ſe viaõ aſſaltados dos noſſos donde menos ſe temiaõ, ficando ſempre eſcalavrados, naõ ſó dentro em ſuas eſtancias, mas ainda por fóra do rio da ſua coſta; como foy D. Fernando de Vaſconcellos em Dabùl, como fica dito; e agora Jorge Cabral a quem o Viſorey mandou com quatro fuſtas dar no rio Chapará duas leguas de Goa, onde deſembarcou com cincoenta ſoldados, e queimàraõ quatro aldeas, e mais de trinta navios de carga, e muitas embarcaçoens miudas, que o Idalcaõ alli tinha mandado ajuntar pera nellas paſſar a gente à Ilha de Goa, trazendo Jorge Cabral deſta feita muito gado.

D. Paulo de Lima que eſtava em Rachol no meſmo tempo fez outras cavalgadas, entrando pelas aldeas dos imigos, em que matou, e cativou muitos delles, naõ a ſeu ſalvo, porque durando a guerra recebeo por vezes cinco feridas, e de modo ſe fez temido delles que todos fugiaõ de o encontrarem.

O Viſorey naõ repouzava hum momento, nem ſe ſatisfazia de nada, ſe naõ viſſe tudo com os ſeus olhos, e naõ approvaſſe com ſuas mãos, porque em nada ſe fiava da induſtria, e diligencia de outrem, nem das imformaçoens que ſe lhe davaõ, dando por mayor razaõ que

naõ era juſto que lhe pediſſe ElRey conta do Eſtado da India, e de qualquer perda que por ſua omiſſaõ ſuccedeſſe, e que ſe encarregaſſe eſte cuidado a quem naõ tinha obrigaçaõ de dar conta delle, e aſſim nas viſitaçoens que fazia pelos paſſos lhe acontecèraõ ſucceſſos, e caſos milagroſos, dos quaes darey conta de alguns mais dignos de ſe fazer delles mençaõ. Eſtando o Viſorey no paſſo de Beneſtarim, vendo paſſar huma peça groſſa pera huma eſtancia da borda da agua, vendo que a gente chegava mal ao ſerviço por cauſa da artelharia da eſtancia dos Mouros, que laborava a miudo, e vendo o receyo dos trabalhadores tomou hum pào, e ſe meteo entre elles, eſpertando-os, e lançando maõ das cordas pera exemplo dos que o viſſem, e andando deſte modo muito afadigado lhe deraõ hũa arcabuzada pelo braço eſquerdo, que paſſandolhe huma roupeta de Cotonia que trazia, o gibaõ, e a camiſa, lhe ficou o pelouro na manga della, ſem lhe fazer dano algum.

Outra vez andando de noite viſitando as eſtancias, lhe deu hum pelouro de moſquete do tamanho de huma noz pelos peitos, e lhe cahio aos pès, deixandolhe huma nodoa na carne, e mandandolhe ao outro dia o Arcebiſpo D. Gaſpar, que eſtava na Madre de Deos, hum açafate de figos de Portugal, por ſerem temporãos, o Viſorey lhe mandou o pelouro no meſmo açafate entre as rozas delle, mandandolhe dizer em repoſta „ que naquelle jardim em que elle fica„ va ſe naõ dava outra fruta que lhe pu„ deſſe mandar em retorno dos figos, ſe „ naõ aquella que lhe pedia a offereceſ„ ſe de ſua parte à Madre de Deos, que „ taõ grande mercè lhe fizera.

E porque dos rios do Canarà, e de outros corriaõ alguns mantimentos à formiga, ordenou o Viſorey a Belchior Ribeiro que foy Veador da fazenda „ pera que andaſſe pelos rios de Goa „ Velha, e pelos da barra, tomando a „ rol todos os que por elles entraſſem „ pera ſe recolherem nos Armazens, porq̃ naõ queria que lhe faltaſſem, que dalli havia de prover o povo, e pera mais abaſtança, deſpedio Fernaõ Rodrigues de Carvalho pera Barcelor com huma cafila de navios de mercadores pera carregarem de arroz, que tornou em Mayo com boa copia de mantimentos.

Taõ eſcandalizada ficou a Rainha de Olalá da fortaleza que o Viſorey Dom Antaõ fez em ſeu porto, e da deſtruiçaõ que lhe fez em ſua Cidade, que tratou de ſe ſatisfazer o melhor que pudeſſe, ainda que foſſe com maõ alhea, e ſabendo andava fóra Catiprocà Marcà com huma boa Armada, lhe deſpedio embarçaçoens ligeiras com cartas em que lhe dizia „ que a fortaleza de Mangalor eſ„ tava ſó ſem gente, e imperfeita, e por „ acabar, desbaratada, e menos provida, „ que ſe quizeſſe intentar aſſaltalla hu„ ma noite, que ella lhe ſegurava tomal„ la muito facilmente, e que alèm da „ honra que ganharia de tomar huma „ fortaleza aos Portuguezes, que ella „ lhe ſatisfaria os gaſtos, e deſpezas, „ que fizeſſe na jornada. Eſte recado tomou a eſte Coſſairo defronte de Baticalà que vinha de noite de ſe achar naquelle negocio de Chàul que jà contey, lhe ſuccedeo com a noſſa Armada onde foy em favor do Nizamoxà, e do ſucceſſo ficou deſacreditado com elle, pelo muito que prometteo, e pelo pouco que fez, e trazia boa copia de prezas que fez por aquella coſta, o qual vendo as contas daquella Rainha, e ſuas promeſſas, e parecendolhe que tomando aquella fortaleza ſe tornava a acreditar, e ficava emendando a deſgraça de Chàul, lhe reſpondeo „ que hia em caminho, „ e que pera tal noite lhe tiveſſe algu„ mas eſcadas, e cordas, o que ella logo mandou negociar, e dahi a dous dias entrou eſte Coſſairo pela barra com nove navios muito cheyos de gente, e ſendo principio do quarto da alva puzeraõ as proas em terra, e achando jà tudo o que mandàraõ pedir aparelhado, e preſtes encoſtàraõ as eſcadas na janella do

Capitaõ

Capitaõ, por onde começàraõ a ſubir com grande determinaçaõ. Iſto naõ pode ſer com tanto ſilencio que os naõ ſentiſſem alguns criados do Capitaõ, que dormiaõ na ſalla; e naõ tendo tempo pera acodir às armas, teve hum delles acordo pera remeter a huma caixa encourada, que ſervia da prata de ſerviço do Capitaõ, e lançalla pela janella a baixo ſobre os que ſubiaõ pela eſcada, e a elles, e a ella deitou em baixo bem eſcalavrados. O Capitaõ ouvindo a bulha, e revolta acodio a ella, e naõ teve mais tempo que pera tomar huma eſpada, e huma rodella, e ſahindo fóra com oito, ou dez creados que tinha, e remetendo com alguns que tinhaõ ſobido por outra parte, os foraõ levando às cutilladas, atè os lançarem do muro abaixo, ficando alguns mortos, e logo acodiraõ os noſſos a apagar o fogo que elles tinhaõ poſto na cobertura dos telhados, que eraõ de folhas de palma, e o apagàraõ com grande trabalho.

Os Mouros vendo que eraõ ſentidos, foraõ-ſe affaſtando, e paſſando por huma povoaçaõ que havia ao longo da fortaleza, em que viviaõ alguns caſados, deraõ nella, e fizeraõ todo o dano que puderaõ, e ainda fora mais, ſe naõ ſentiraõ gente do Rey de Bangel que os ouviraõ em ſua povoaçaõ, e largando tudo ſe foraõ recolhendo aos navios, levando a caixa da prata do Capitaõ, e hum navio de remo que eſtava junto da fortaleza, e dando à vela paſſáraõ ao outro dia por Cananòr muito embandeirados, e ſalvando a fortaleza com toda a artelharia, dando a entender que hiaõ com alguma vitoria grande, mas eſta gloria lhe durou bem pouco, porque logo à tarde houveraõ os noſſos navios da Armada que Dom Diogo de Menezes deſpedio diante, viſta delles, e dando a vela o foraõ ſeguindo, e o primeiro que chegou a elle foy Dom Luiz de Menezes, que inveſtio hum, com quem teve huma boa referta, mas em pouco eſpaço o axorou. Ignacio de Lima fez o meſmo a outro, de que dizem vinha por Capitaõ hum Rume; Mathias de Albuquerque velejou muy bem, atè chegar à galeota de Catiprocà, e ferrando nella, lhe deu huma boa ſalva de arcabuzaria, e de panellas de polvora, mas o Mouro que trazia duzentos homens comſigo, lhe deu outra de que o axorou, e abrazou de feiçaõ, q̃ o fez afaſtar pera fóra a apagar o fogo, e naquelle meſmo tempo chegou D. Joaõ de Lima, e pondo a proa no Catiprocà, lhe deu ſua furriada, mas elle o tratou taõ mal como o tinha feito a Mathias de Albuquerque, o qual tanto que apagou o fogo, tornou a inviſtir o imigo, e teve com elle huma arrezoada batalha atè o tornar a ſoccorrer D. Joaõ de Lima, e ambos o axoràraõ, cahindo o Catiprocà de huma eſpingardada que lhe deraõ: os mais navios Malavares vendo o negocio naquelle eſtado deraõ à vela, e foraõ-ſe acolhendo. D. Diogo de Menezes chegou aos noſſos, e vendo que os Malavares hiaõ deſapparecendo, por começar a anoitecer, deſpedio os navios que ſe tomàraõ aos imigos pera Cananòr, em companhia de dous dos noſſos, em que embarcou os feridos, e queimados, que eraõ mais de trinta pera ſe curarem, e elle com a mais Armada voltou pera Tiracole, porque bem entendeo que os paràos que ſe acolhèraõ, haviaõ de hir demandar aquelle rio, ou de Coulete, e chegando a elles que eraõ perto hum do outro, ſe deixou eſtar ao longo da terra, e tanto que amanheceo viraõ vir do mar os paràos, que com a claridade do Sol que jà ſahia, e com a ſombra da terra naõ viraõ os noſſos, atè que foraõ marrar com elles. Antonio Fernandes de Chale, que ficou mais perto, foy demandar Cutiale Marcà ſobrinho do Catiprocà, e inveſtio com elle, o qual tanto que vio os noſſos navios, com muita ligeireza cortou a driça da vela pera dar com ella, e com o maſto, e verga ao mar, pera ver ſe à força do remo podia eſcapar, fiando-ſe em ſua ligeireza, mas ſahiolhe a ſorte muito contraria ao que imaginou, porque lhe cahio a vela dentro

tro no navio, e ficàraõ os Mouros todos embaraçados com ella, de feiçaõ que chegáraõ os navios de Martim Affonſo de Mello, que foy o primeiro que lhe poz a proa, e logo Antonio Fernandes Malavar de Chale, houve pouco que fazer em meter todos à eſpada, ficandolhe o Cutiale cativo, que Dom Diogo de Menezes eſtimou muito.

Os mais navios ferràraõ de outros dous paràos que logo axoràraõ, e os tres ſe metèraõ pelo rio, e alguns dos noſſos navios apoz elles; e como os Mouros hiaõ com aquella preſſa lançàraõ-ſe a terra, e os noſſos tiràraõ os paràos pera fóra, naõ eſcapando nenhum deſta Armada taõ ſoberba: na galeota de Catiprocà naõ ſe achou ninguem mais que a caixa de prata de D. Antonio Pereira, e huma mulher miſtiça, e dous meninos, e aſſim achàraõ nella mais hum çapateiro Gallego caſado em Dio que foy cativo no Norte, o qual era muito gracioſo, e me contou, que vindo neſta jornada amarrado ao pè do maſtro da galeota do Catiprocà, quando vira a Armada de D. Diogo, bradàra alto dizendo „ ah Senhor Catiprocà, faça-ſe „ Voſſa Senhoria preſtes, que aquelles „ navios parecem dos perros dos Portu„ guezes, ao que elle lhe reſpondera, „ levantando huma cana de Bengala, „ que tinha na maõ. Eſtas ſaõ as armas „ que eu hey de miſter pera elles, e que „ o çapateiro pela boca pequena lhe „ dizia, pelouro de onça, e aſſim ſuccedeo que foy morto de hũ pelouro. Acabado eſte feito, ſe foy D. Diogo de Menezes recolhendo com os navios à toa, e paſſando por Cananòr tomou os outros que là eſtavaõ.

Com todos os trabalhos que ſe paſſavaõ na guerra de Goa, naõ deixàraõ alguns ſoldados de ſe eſcoar das eſtancias, e hirem à Cidade a ſuas traveſſuras, como he ſempre natural na ſoldadeſca, no que o Viſorey ſempre trouxe ſuas intelligencias, ſem o poder remediar, pelo que lhe foy neceſſario uſar de ſuas eſtratagemas, porque eſtas às vezes aproveitaõ mais que as armas, e o modo que niſto teve foy eſte: „ Man„ dou lançar bandos com pena de mor„ te, que nenhum ſoldado foſſe à Cida„ de ſem ſua licença, e que a quem elle a „ dèſſe, ſe apontaſſe na volta que fizeſſe „ com Belchior Boto, pera ver ſe tor„ nava dentro do tempo q̃ ſe lhe conce„ dia, e pera os mais atemorizar, mandou por peſſoas ajuramentadas enforcar nos paſſos de Beneſtarim, e S. Braz alguns Mouros muito alvos dos que eſtavaõ cativos, e mandou fazer as alvas hum pouco curtas, pera que ſe lhe enxergaſſem os pès, e parte das pernas, pera parecerem na alvura dellas Portuguezes, e os pregoens quando os enforcàraõ diziaõ „ que era porque foraõ á Cidade „ ſem ſua licença, e com eſta induſtria ceſſou a devaſſidaõ dos ſoldados porque o temor da morte os enfreava.

Eſtava o Viſorey apoſentado como jà diſſe na Sacriſtia de Santiago, e como todos os dias ſe continuáraõ as batarias, e o baluarte dos dous o dianteiro do paſſo eſtava já arrazado, ficáraõ os Mouros deſcobrindo por huma ilharga do que ficou em pè parte da Igreja, a qual bateraõ muito a miudo. Succedeo hum dia dar hum pelouro pelo telhado da Igreja, que deu com parte delle em baixo, eſtando o Viſorey eſcrevendo no corpo da Igreja, e parte da armaçaõ, e telhas cahiraõ ſobre elle, ſem lhe fazerẽ mais dano, que eſcalavrallo das mãos. Manoel de Souſa Coutinho que eſtava alli perto, vendo a armaçaõ, lançou-ſe ſobre o Viſorey, pera tomar o golpe ſobre ſi, do que o Viſorey ſe moſtrou eſcandalizado, e tambem abrangeo a Manoel de Souſa Coutinho parte do dano.

No meſmo tempo foy o Viſorey aviſado de como o Idalcaõ andava muito triſte, e melancolizado de ver q̃ aquella guerra procedia em muitos differentes termos dos que ao principio ſe promettera, e que folgaria de haver occaſiaõ de ſe tratar de pazes, com tanto que foſſe com honra ſua; e como de ambas

bas as partes havia iguaes desejos por estarem os soldados enfadados da guerra, e cansados della, succedeo que estando os nossos á fala com os Mouros, como sempre faziaõ de humas estancias às outras, tambem se apalpáraõ, e vieraõ a falar sobre este negocio, e dando-se conta ao Visorey, destas praticas teve conselho sobre o q̃ faria sobre este negocio, e assentou „ que se mandasse huma pessoa „ de respeito a vizitar Mojatecaõ, com „ quem o Visorey se carteava, a ver o „ que achava nelle. Este eleito foy D. Jorge Baroche, e com elle Diogo Barradas, que chegàraõ à outra banda, e sabendo-o Mojatecaõ, desceo à borda do rio a falar com elles, e nas praticas que tiveraõ tratàraõ da materia sobre q̃ hiaõ, de que Mojatecaõ foy logo dar conta ao Idalxá, que mandou que corresse com aquelle negocio Norichaõ, e era isto no fim de Fevereiro; e tratando-se no caso, corrèraõ recados de huma, e outra parte, assim pera ElRey, como pera o Visorey, e no fim veyo o Norichaõ a apontar partidos taõ desacommodados, que se naõ podiaõ ouvir, e cõ tudo o Visorey dissimulou, e foy entretendo o negocio com esperanças pera dous effeitos, pera ver se em tãto chegava D. Diogo de Menezes com a sua Armada do Malavar, e Luiz de Mello de Malaca, e outro pera em quanto là andavaõ os nossos, terem tempo de notarem as estancias dos Mouros, e elle em Goa se fortificar à sua vontade, e naõ sey se ouvi dizer que o mesmo Visorey passára desconhecido à outra banda em companhia dos que hiaõ com recados, porque desejava de ver tudo com os olhos. Nestas demoras chegou Dom Diogo de Menezes a Goa com a Armada de Catiprocà à toa, o qual foy muito festejado do Visorey, e logo o encarregou de Capitaõ mòr dos rios, e desobrigou a D. Jorge, porque tambem havia de hir entrar na Capitanîa de Chàul, e o Mouro Cutiale, Dom Diogo de Menezes o mandou meter na galè onde por seus peccados disse „ que se atrevia com qua- „ tro navios a tomar huma galè, o que sabendo o Visorey lhe mandou dar peçonha de que morreo.

Dom Diogo tomou a sua estancia defronte da Ilha de Joaõ Lopes, donde costumava hir correr os passos, e desejando reconhecer huma estancia de Rumecaõ, onde o Visorey desejava dar, hindo huma manhãa assentado em huma cadeira defronte daquella estancia, se parou a vella devagar, estando chovendo sobre elle nuvens de ballas de espingardaria que estava na estancia, que o naõ inquietavaõ, e levantando-se pera notar bem o que queria ficou em pè, e por entre as pernas, lhe deu huma balla de artelharia, e tomandolhe o pelouro bem por dentro de huma coxa, chegando ao cesso foy passando, e rompendolhe a carne, e ainda lhe ficou huma boa chaga, e vindo se recolhendo, acodio o Visorey ao desembarcar, e dandolhe a maõ ao sahir da manchua, lhe perguntou q̃ tinha, ao que D. Diogo muito risonho, pondo a maõ por baixo dos testiculos respondeo „ ainda os tenho sãos, e levando-o o Visorey à sua tenda, assistio à sua cura, e encomendou a Armada a Manoel Dias Picoto em quanto D. Diogo naõ sarasse; e foy grande mercè de Deos o que lhe succedeo, de se levantar naquelle tempo em que se disparou a bombarda, porque se estivera assentado como hia, tomava-o o pelouro pelos peitos, e fazia-o em pedaços. As novas desta bombardada que deraõ a D. Diogo, corrèraõ pelo exercito dos Mouros, porèm naõ com voz de que se dera a D. Diogo, se naõ ao Visorey, e que estava muito mal, pelo que houve entre todos grandes regozijos, porque tinhaõ certo que se morresse o Visorey, haveria pouco trabalho em tomarem Goa.

Neste mesmo tempo tiveraõ os Capitaens do Idalxà occasiaõ com que passáraõ tres mil homens à Ilha de Joaõ Lopes, e Almadias, sestoens, e outras cousas, e estando no mesmo tempo alli perto sete navios nossos, de que eraõ Capitaens Mathias de Albuquerque, Dom

Luiz

Luiz de Menezes, Ignacio de Lima, Martim Affonſo de Mello, Appollinario de Val de Rama, Pedro Rodrigues Malavar, e Antonio Fernandes Chalè, logo acodiraõ ao paſſo, e cometèraõ a Ilha pera lançarem os imigos fóra, e o primeiro que deſembarcou foy Antonio Fernandes Chalè, e porque no cometer dos Mouros houve alguns receyos nos noſſos, adiantou-ſe de todos Duarte Pereira de Sampayo, Capitaõ do paſſo Seco, e chamando o Apoſtolo Santiago remeteo com os Mouros, o que vendo os mais o ſeguiraõ todos, e com ſer o numero taõ deſigual, como cento e cincoenta pera mil e quinhentos Mouros, que eraõ os que tinhaõ paſſado à Ilha, apertàraõ os noſſos tanto com elles que os desbaratàraõ, e fizeraõ fugir lançando-ſe todos ao mar, onde muitos ſe affogàraõ, e outros perecèraõ na Ilha à eſpada.

Mas todas eſtas boas fortunas, e vitorias que os noſſos alcançàraõ, ſe tornàraõ em pezar, e triſteza pelo caſo deſeſtrado que aconteceo a D. Fernando de Vaſconcellos, que foy deſta maneira. Eſtava eſte Fidalgo na ſua galè defronte de huma eſtancia dos Mouros, em que pareceo podia dar, e fazer algum bom feito, tendo em ſua companhia outra galè, e mais duas fuſtas, a cujos Capitaens pareceo bem ſeu penſamento; e aſſim em huma madrugada deſembarcàraõ naquella parte, e cometèraõ a eſtancia dos Mouros com tanta determinaçaõ, que logo foy entrada, e ganhada com morte de muitos, mas quiz a deſaventura que com o goſto deſta vitoria ſe deſmandaſſem alguns ſoldados em ſeguimento de alguns Mouros que lhes foraõ fogindo, que tornando a voltar com outros q̃ lhes vieraõ de ſoccorro, e dando nos noſſos os cercàraõ, e matàraõ, e os deſpiraõ, e lhes cortàraõ as cabeças que levàraõ ao Idalxà com algumas bandeiras que tomàraõ, e vindo com aquella furia à ſua eſtancia deraõ com Dom Fernando que hia recolher os ſeus, e o cometeraõ novamente, e com os poucos que levava ſe defendeo valeroſamente atè que com o pezo dos imigos que cada vez carregavaõ mais, foraõ todos mortos, e lhes fizeraõ o meſmo que aos outros nos veſtidos, e cabeças, e acodindo à praya com aquella furia, tomàraõ a fuſta em que D. Fernando deſembarcou, e a bateira da galè por ficarem em ſeco. Eſtas novas chegàraõ ao Viſorey que as ſentio muito, e logo mandou Dom Jorge Baroche pera que foſſe à artelharia, e recolher o corpo de Dom Fernando, dandolhe algumas Companhias de ſoldados o que elle fez, e por achar a fuſta varada em terra a queimou por ſe naõ a proveitarem os imigos della, e lhe mandou tirar, e recolher a artelharia, e mandou recolher os corpos mortos ſem cabeças, ſem poder conhecer entre elles o de Dom Fernando, por eſtarem nùs, e com aquella triſte preza deſembarcou em Beneſtarim, onde foraõ recebidos com muita màgoa de todos, e o Viſorey os mandou amortalhar, e enterrar todos juntos em huma cova ſem ſe poder nunca conhecer o corpo de D. Fernando. Foy eſte Fidalgo filho de Dom Luiz Fernandes de Vaſconcellos, e neto de D. Fernando Arcebiſpo de Lisboa, irmaõ do Conde de Penella, e foy filho de Dona Branca de Vilhena, irmãa de Diogo Lopes de Siqueyra Almotecel mòr do Reino, nem delle, nem de ſeu pay ficou no mundo poſteridade, e ambos pay, e filho morrèraõ pela honra de Deos, e pela defenſaõ, e ſerviço do Rey, ſeu pay no anno de ſeſſenta e hum, hindo por Governador do Brazil às mãos de Inglezes Hereges, e ſeu filho pelejando aqui como vimos. Foy eſte Fidalgo muy bem diſpoſto, e gentil-homem, muito deſtro nas armas, muito reſoado fundidor, e artilheiro, e tinha outras honradas, e boas partes, as quaes todas eſmaltou com a honrada morte que aqui lhe deraõ pelejando pela honra de Deos, e pelo ſerviço de ſeu Rey, e podemos piadoſamente cuidar que eſtarà goſando na gloria o premio della.

Foraõ

Foraõ sempre grandes as intelligencias, que o Visorey trouxe no exercito do Idalxà, naõ só com Capitaens, e alguns arrenegados Portuguezes, mas ainda com hum tio da principal mulher do Idalxà, à qual mandava alguns presentes por sua via; pela qual soube segredos de muita importancia, e hum dos arrenegados escrevia ao Visorey tudo o que se là passava com huma penna de chumbo, e as cartas lhe mandava dentro em pelouros de cera, e dellas soube como o Idalxà tinha tratos com algumas pessoas de Goa, assim pera deitarem peçonha na agua de Bengari, como pera darem fogo à casa da polvora, o que entre os Mouros andava taõ roto, que nas praticas que tinhaõ com os dos nossos navios, entre as palavras que lhes diziaõ, era „ que se deixassem estar „ que a polvora se acabaria de todo, e „ que então entrariaõ a Ilha, e como o Visorey com as mesmas traças, e industrias que os imigos buscavaõ pera o destruhir lhes queria fazer guerra, lhes mãdou por via de hum arrenegado lançar peçonha no tanque, de que bebiaõ com q̃ lhes fez bem grande dano, e cõ peitas, e dadivas induzio alguns a que lhes lançassem fogo à polvora, oque naõ puderaõ fazer pelo grande resguardo, e vigilancia que nella havia, e porque tudo o que fazia logo se sabia entre os Mouros, mandou encher com muito segredo muitas pipas de area por pessoas de quem se fiou, e depois as mandou levar, e repartir pelos Mosteiros, os quaes levàraõ muitos Cafres a quem chamaõ Pingos, que saõ como os mariollas, aos quaes quando lhas entregavaõ lhes diziaõ que vissem como as levavaõ, e tivessem resguardo nellas, porque era polvora pera matar Mouro, taõ entoados, e compassados, que era muito pera se ouvir; e supposto que diga que tudo o que estes Cafres levaõ he cantando, só quando acarretaõ as pipas de vinho que vem do Reino as levaõ com grandes musicas, e festas, e os Religiosos a quem se entregavaõ as pipas as punhaõ a muito bom recado, e mandando tirar grandes inquirições sobre os que se carteavaõ com o Idalxà pera darem fogo à casa da polvora, em que achàraõ alguns culpados, e os de mayor culpa mandou enforcar, e outros meteo nas galez, e divulgando-se suas culpas nos pregoens, deu tamanho medo na gente em géral, que andavaõ todos como pasmados, e algumas pessoas se passáraõ da Cidade pera algumas fazendas, e casas do campo, e todavia, ou fosse certo o caso da polvora, ou naõ, encarregou o Visorey a guarda da casa della aos Religiosos, que faziaõ suas sentinellas aos quartos com grande cuidado.

Tanto que os Capitaens de Chàul despejàraõ a Igreja de S. Francisco, e se perdèraõ as casas de Luiz Xira Lobo, em que succedeo aquella desaventura, e como Nizamoxà ficava com a casa de S. Francisco mais senhor da Cidade, houve muitas desaventuras, e desconfianças de se lhe poderem defender, porque bem sabiaõ que as baterias dalli por diante haviaõ de ser muito mais perigozas, e continuadas, porque as nossas tranqueiras tinhaõ atè aquelle tempo as casas q̃ se perderaõ diante, que recebiaõ a mayor furia da bataria, que dalli em diante se havia toda de empregar naquelles fracos entulhos, que naõ sabiaõ se poderiaõ resistir, e aturar tanta continuaçaõ de balas, pelo que puzeraõ em conselho „ recolherem a artelharia à for- „ taleza velha, e fortificarem-se de modo „ que se reduzissem as estãcias a mais pe- „ quena fórma pera ficarem mais defen- „ saveis, e que se mandasse a Goa Ruy „ Gonçalves da Camera pera informar „ ao Visorey daquellas cousas, por lhes „ parecer que com a authoridade de „ hum Fidalgo taõ honrado, e vendo-o „ abrazado de mãos, e rosto que pare- „ cia hum alarve, porque naõ pelejou „ em todas as partes que se achou, se „ naõ como Elefante bravo, estavaõ „ certos foccorrellos o Visorey com „ mayor cabedal, do que atè entaõ o ti- „ nha feito, e pedindo os Capitaens à

„ Ruy

„ Ruy Gonçalves que por remedio da-
„ quella Cidade quizeſſe aceitar aquel-
„ la jornada, pois eſtava inhabilitado das
„ mãos pera poder pelejar; elle ainda
que bem contra ſua vontade aceitou a
jornada, pois os naõ podia ajudar a de-
fender, dizendolhes „ que eſperava em
„ Deos de tornar muito cedo a acompa-
„ nhallos naquelles trabalhos em que os
„ deixava, e logo ſe embarcou em hum
navio pequeno, no qual em breves dias
chegou a Goa, e ſe foy ver com o Viſo-
rey, que o recebeo com muitas honras,
e ò agaſalhou na ſua propria camera que
era a Sacriſtia de Santiago como diſſe,
e delle ſoube muito particularmente o
eſtado de Chàul, e depois de praticar
ſó com elle todas as couſas de que
quiz ſer informado, juntou os Capitaens
a conſelho, e nelle o tornou a ouvir, e
pedio a todos „ que ſobre ſua propoſi-
„ çaõ votaſſem ſe ſeria licito largarſe
„ Chàul, ou defenderſe, e que todos
„ lhe dèſſem ſeus pareceres por eſcrito,
„ pera o que lhes dava de eſpaço atè o
„ outro dia pera melhor o poderem diſ-
„ curſar, e diſpor.

Niſto quiz o Viſorey uſar de ſeu coſ-
tumado artificio, porque como tinha
em ſeu penſamento defender Chàul con-
tra todos os pareceres que houveſſe,
quiz ver o em que todos eſtavaõ, pera
aſſim ganhar mais honra com ElRey, e
mais fama com os homens.

Ao outro dia ſe tornàraõ ajuntar os
Capitaens em conſelho, trazendo todos
ſeus pareceres por eſcrito, e tendo os
o Viſorey todos jũtos, lhes tornou a re-
petir as meſmas propoſiçoens, dizen-
dolhes „ que bem viaõ o eſtado em que
„ eſtavaõ as couſas da guerra de Goa,
„ e Chàul pela relaçaõ de hum Fidal-
„ go taõ authorizado, como Ruy Gon-
„ çalves da Camera, que bem tinha à ſua
„ cuſta experimentado as daquella guer-
„ ra, e que conſideraſſem pelo que viaõ
„ os trabalhos da em que eſtavaõ, e aſ-
„ ſim lhes propoz mais o q̃ ſe praticou
„ em Chàul ſobre ſe recolher a artelha-
„ ria, e reduſirſe a cerca dos vallos a mui-
„ to menos fórma, pelo que pedia a to-
„ dos que alèm dos pareceres que por
„ eſcrito traziaõ, tornaſſem a cuidar na-
„ quellas couſas, pera que ſe pudeſſem
„ retratar do que tinhaõ deliberado, em
„ caſo q̃ lhes aſſim pareceſſe mais con-
„ veniente, e acertado, ajuſtando-ſe em
„ tudo com o ſerviço de Deos, e de El-
„ Rey, e com o que mais convinha à
„ reputaçaõ do Eſtado, porque aquellas
„ couſas eraõ de grande conſideraçaõ,
„ e pera o poderem fazer com o acerto
„ que deſejavaõ lhes dava outro dia de
„ eſpaço. E com iſto ſe tornàraõ todos
a recolher.

Eſtava em Goa o Padre Braz Dias,
Deaõ da Sè de Goa, peſſoa grave, e de
authoridade, que muitos annos eſtive-
ra por Vigario em Chàul. Era eſte Pa-
dre irmaõ do Doutor Pedro Fernandes
Confeſſor da Rainha Dona Catharina,
peſſoa muito conhecida por ſangue, e
por letras. Eſte Padre vendo as praticas
que ſe movéraõ ſobre ſe largar Chàul,
eſcreveo ao Viſorey huma carta do
teor ſeguinte.

„ Pareceome obrigaçaõ fazer a Voſſa
„ Senhoria algumas lembranças ſobre a
„ materia de q̃ ſe trata de ſe haver de lar-
„ gar Chàul, cujos fundamentos eu ain-
„ da naõ ſey, mas por q̃ tenho noticia de
„ quanto dano poderà ſobrevir ao Eſta-
„ do da India, ſe tal ſe fizer, o que naõ
„ cuido, quiz advertir, e repreſentar a
„ Voſſa Senhoria os inconvenientes
„ que niſſo ha. Eu Senhor fuy muitos
„ annos Vigario de Chàul, e ſey da-
„ quella terra melhor que muitos, e
„ tambem como todos, tenho muitos
„ annos da India, e muito largas expe-
„ riencias das couſas della, pelo que
„ affirmo que ſe ſe largar Chàul, que
„ logo a India ſe perde, e Voſſa Senho-
„ ria muito melhor o entende, que lar-
„ gando-ſe Chàul, o que naõ cuido, nem
„ Deos permitta que logo Nizamoxà
„ que o tem de cerco vay ſobre Baçaim
„ com toda ſua potencia, e paſſa à Ilha
„ de Salſete, de que naõ ha duvida fa-
„ zerſe ſenhor, no que naõ ſó tira ao

„ Eſtado

„ Eſtado mais de cinco mil cruzados de „ renda, e os vaſſallos mais de quinhen- „ tos mil, mas ficarà accreſcentando iſto „ a ſuas rendas, com que poderà fórmar „ dobrados exercitos, e ainda ſe pòde „ recear que vendo-ſe Senhor de Ba- „ çaim, e ſuas terras, o que Deos naõ „ queira, que ajunte por ellas mais de „ trezentas embarcaçoens grandes, e „ pequenas, nas quaes ſe embarque na- „ quelle fermoſo rio de Bombaim, e em „ quatro dias entrar pela barra de Mur- „ mugaõ dentro, e que lance trinta mil „ homens na praya de Goa Velha, e eſ- „ tando o Idalxà nos paſſos, que haveis „ Senhor de fazer? Eu naõ vejo outro re- „ medio à India ſe naõ perderſe tudo, e „ ſe o ha, he ſó, Senhor, deféderdes Chà- „ ul, mandarlhe gente, e muniçoens, e „ ordem pera ſe fortificarem em menor „ fórma, porque entaõ naõ farà aquel- „ le imigo mais que conſumir ſeus the- „ ſouros, muniçoens, e gente que cada „ dia os noſſos lhe mataõ, e a peſte, e „ enfermidades que ſe ſeguem da guer- „ ra tem já em parte desbaſtado, o que „ tudo ha de quebrantar o Nizamoxà, „ de modo que naõ ha de poder aturar o „ cerco mais que todo o inverno, que „ com as grandes chuvas haõ de ficar to- „ dos inhabilitados pera poderem pe- „ lejar; e naõ imagine Voſſa Senhoria „ que digo iſto por ter fazenda em Chà- „ ul, porque as caſas da Madre de Deos „ naõ ſaõ minhas, que ſaõ dos Mouros, „ e as da Sè eſtaõ no chaõ das continuas „ batarias que os Mouros lhes tem dado: „ mas digo-o pela honra de Deos noſſo „ Senhor, e de ſeus ſantos Templos, e „ pela de noſſo Rey, e por credito de „ noſſa naçaõ taõ levantada, e temida „ no mundo, que ficarà a mais acanhada, „ e vituperada delle fazendo-ſe o con- „ trario.

O Viſorey eſtimou muito eſta carta por ſer conforme a ſeu intento, e a guardou muito bem, e vindo os do conſelho praticar ſobre o caſo das propoſiçoens, deraõ os Capitaens ſeus pareceres por eſcrito, e os mais delles deraõ ſeu parecer „ em que parecia acertado „ largarem Chàul, porque menos mal „ era largarem, e perderem hum mem- „ bro, que a cabeça do Imperio Orien- „ tal, que era Goa, que eſtava no meſmo „ riſco, e trabalho, q̃ ſe iſſo naõ fora, eſ- „ tavaõ todos obrigados a hir defender „ Chàul, pòrem que bem viaõ o eſtado „ em que eſtavaõ, e o groſſo poder que „ os mayores dous Reys do Oriente ti- „ nhaõ ſobre aquella Ilha em circuito, „ com paſſos taõ abertos, que alguns ſe „ podiaõ paſſar a vào, e que ſuccéden- „ do algum deſaſtre, o que Deos naõ „ permittiſſe, ſe perdia toda a India, o „ que naõ ſeria largando-ſe Chàul, e „ que ſeria conveniente recolherſe a „ gente, e artelharia a Goa, daquella „ Cidade, e que depois daquelles tra- „ balhos paſſados haveria remedio pera „ ſe tornar a cobrar a Cidade de Chàul. E ſobre iſto deraõ outras muitas ra- zoens que deixo de referir, porque naõ ſofre tanto a brevidade com que vamos reſumindo as couſas neſte Epilogo.

Alguns que votàraõ haverſe de de- fender Chàul, deraõ outras razoens em contrario, e muito urgentes pera ſe ha- ver de ſuſtentar Chàul, ſe naõ quan- to Fernaõ de Souſa Caſtello-branco ſe levantou, e votou muito largo ſobre aquella materia, accreſcentando „ que o „ que dizia naõ era por eſtar em Goa „ fóra dos perigos daquella Cidade, „ porque eſtava elle muito preſtes pera „ ſe hir meter nella em caſo que os Capi- „ taens a largaſſem, o que naõ preſumia „ delles, e que elle ſe obrigaria a defen- „ der aquella Cidade com mil homens „ à ſua cuſta, e que pera iſſo daria em „ refens ſua peſſoa, e mulher, e hum ſó „ filho, q̃ tinha com oitẽta mil cruzados „ de fazenda, que com tudo ſe hiria logo „ meter em Chàul em penhor de ſua pa- „ lavra, e que ſe mais prendas tivera, „ mais dera, e ſobre o modo como ſe ha- „ viaõ de defender os da Cidade, votou „ muito largo.

D. Jorge de Menezes Baroche, que eſtava deſpachado com aquella fortale-

za, de que se dava por aggravado por seus serviços serem dignos de mayor mercè, de que se tinha queixado a ElRey, e dito por muitas vezes ao Visrey, e aos Prelados, „ que naõ havia de „ servir naquella fortaleza, vẽdo-a ago„ ra andar como em almoeda, huns lar„ ga, outros naõ larga, se levantou em „ meyo de todos os do conselho, e vo„ tou largo sobre se haver de sustentar „ Chàul, assim por serviço de ElRey, „ como por credito do Estado, e tam„ bem por ser assim necessario à defen„ saõ daquella Ilha, sobre a qual tinhaõ „ hum taõ grosso poder, porque em „ quanto os Mouros vissem estar aquel„ la Cidade em pè, haviaõ de viver em „ continuos receyos, porque se succedes„ se mal ao Nizamoxà, naõ lhes podia „ succeder bem a elles, e concluhio com „ dizer que bem sabiaõ todos como elle „ se dera por aggravado de o despacha„ rem por Capitaõ daquella fortaleza, „ que lhe vinha muito atraz de seus me„ recimentos, mas que agora que ella „ estava naquelles trabalhos, a tinha pelo „ melhor, e mais avantejado despacho „ de seus merecimẽtos, e de todo o Ori„ ente, que elle queria hir entrar a servir „ na mercè que ElRey lhe fizera, e com „ grande gosto, e tirando do peito a Pa„ tente a apresentou ao Visorey, pedin„ dolhe o despachasse, porque se que„ ria logo embarcar, o que lhe elle agra„ deceo muito da parte de ElRey, e lhe „ disse que se fizesse prestes; com o que cessáraõ aquellas praticas, e o Visorey guardou os escritos todos dos que votàraõ se largasse Chául pera os mandar a ElRey, pera que a elle só agradecesse à defensaõ daquella Cidade.

Eisaqui quanto pòde hum artificio acompanhado de prudencia, e valor, que tendo este Visorey tençaõ, e firme proposito de defender aquella Cidade, poz aquelle negocio em conselho; porque sabia muito bem que haviaõ todos de votar que se largasse, por estar jà avisado do caso pelas praticas que entre todos corriaõ, pera lhe ficar só a elle a gloria de sua defensaõ, ficando todos os que lhe deraõ por escrito o contrario voto envergonhados, buscando muitos modos pera os tornarem a haver às mãos, o que naõ puderaõ nunca conseguir, e trabalhàraõ de remediar aquella falta com se avantejarem dalli por diante na guerra, e se offerecèraõ sempre nos casos de mayor perigo, nos quaes obràraõ melhor do que votáraõ; no que teriaõ tambem muito bons intentos, e segundo as cousas estavaõ dispostas, naõ cuido que peccáraõ em suas tençoens.

Quasi neste mesmo tempo chegou a Goa Vasco Lourenço de Barbuda de alcunha o Carracaõ, que acabàra de servir os cargos de Capitaõ, e Veador da fazenda de Còchim, em q̃ ficava Joaõ da Fonseca, que foy Mantieiro da Rainha, pay do Arcebispo de Goa D. Frey Vicente da Fonseca. Trazia Vasco Lourẽço hum grande soccorro de navios, e gente, que o Visorey estimou muito por ser hum homem de muita importancia, assim pera a guerra, como pera o conselho, e o appresentou em hum passo, onde teve muita gente, a quem dava de comer, e andandolhe mostrando o muro de Santiago, choviaõ da outra banda espingardadas, e o Vasco Lourenço lhe disse por muitas vezes que se guardasse dalli, que naõ hia bem, pois dependia a conservaçaõ daquelle Estado de sua pessoa, sem que o Visorey lhe respondesse palavra, nem mudar o passo, e segurança do passeyo que levava, e ao sobir de huma escada do muro sendo as espingardadas muitas, hia Vasco Lourenço à sua ilharga hum pouco atraz, tomou o Visorey por hũ braço, e adiantando-se, se poz sobre o muro diante delle, dizendolhe: „ Ora tendo-vos Senhor que eu „ sou mais roncador que voz; o Visorey festejou aquillo, e todavia lhe foy mostrando o muro, e era tal o seu artificio, que sabia encubrir qualquer receyo, e por isso disse Luiz de Mello da Silva algumas vezes „ que o Visorey Dom „ Luiz de Ataide de industria desmen„ tia o medo, porque o naõ tinha, por

„ tanto

„ tanto ſem medo como moſtrava. Outra vez ſahio o Viſorey por hum dia de feſta de caſa ao terreiro do Paço pera paſſar as carreiras, e como Vaſco Lourenço era hum dos grandes homens do Reino, o chamou o Viſorey pera correr com elle as carreiras, e como era muito alto, e hia em hum grande cavallo, ſobejava muito por cima do Viſorey, e paſſando a carreira foy Vaſco Lourenço brandindo a lança, que dizem he deſcorteſia hindo com outro mais honrado, o que vendo o Viſorey lhe diſſe hindo correndo „ naõ me façais deſcor-„ tezias, a que elle reſpondeo muy „ apreſſado: como vou com a lança na „ maõ, naõ conheço ninguem: gabouſelhe por galantaria, e ronca, e por eſtas couſas o eſtimava o Viſorey muito.

Poucos dias depois chegou Luiz de Mello da Silva a Goa cõ toda ſua Armada, com q̃ alcançou aquella grande vitoria do Achèm, q̃ jà contey, com cuja chegada o Viſorey acabou de ſegurar as couſas de ambos os cercos pela muita gente que trazia, e pela peſſoa de Luiz de Mello, que elle eſtimou ſobre tudo. Elle o agaſalhou no paſſo de Santiago pelo ter muito perto pera ſe valer delle, e de ſeu conſelho. Chegou Luiz de Mello a Goa huma quarta feira ſeis de Março, e parece que pera o Idalxà o feſtejar, logo a quatorze do mez mandou paſſar ſuas gentes à Ilha de Mercantor, caſo que poz em grandes receyos a muitos por eſta maneira.

Eſtando neſte dia o Viſorey na ſua eſtancia, depois do meyo dia ouvio tocar o tambor do Idalxà muito conhecido de todos, o qual naõ ſe coſtumava tocar ſe naõ quando a peſſoa de ElRey ſe abalava pera grande feito, e aſſim era que ſabendo elle que no paſſo da Ilha Mercantor, que eſtava da terra firme menos de tiro de berço, havia menos receyo de ſe cometer pelo que eſtava com menos guarda, aſſentou com ſeus Capitaens de meter por alli gente na Ilha de Goa, e o dia aprazado que foy eſte, mandou lançar pregoens por todas as eſtancias que toda a gente paſſaſſe da outra parte, e encomendou aquelle negocio a Soleimaõ Agà Turco de naçaõ, Capitaõ de ſua guarda, e a hum ſeu cunhado do meſmo Rey a quem naõ ſoube o nome, e ao paſſar da gente ſe foy ElRey pôr no paſſo onde ſe embarcava, pera com iſſo os animar, e porque naõ havia tantas embarcaçoens pera paſſar a gente, poſto q̃ em todas as eſtancias da borda da agua tinha muitas Almadias que todas acodiraõ àquella parte, em que começàraõ a paſſar levando as armas, e muniçoens, e muitos ſeſtoens, e os cavallos a nado. Os noſſos navios que andavaõ por aquella paragem acodiraõ a defender a paſſagem, e às bombardadas metèraõ muitos no fundo. O Viſorey teve logo aviſo, e acodio a toda a preſſa, e vendo que da Ilha de Joaõ Rangel ſe deſcobria a de Mercantor, mandou paſſar a elle tres falcoens com que começàraõ a varejar os Mouros que eſtavaõ na Ilha jà paſſados, e foy de feiçaõ, que os obrigou a ſe amparem com hum pequeno cabeço que alli faz a Ilha, e aſſim com eſtes falcoens como com a artelharia dos noſſos navios huns de roſto, e outros pelas ilhargas os atormentàraõ muito, e os que andavaõ na paſſagem ſe tornàraõ peras ſuas eſtancias.

Succedeo eſte dia às quatro horas da tarde com a enchente da marè ſobrevir huma tormenta muito grande com chuveyros, e cerraçoens, com que houve tempo, e lugar de chegarem os noſſos navios à Ilha, e lançarem nella trezentos arcabuzeiros, e em vazando a marè que o vào começou a deſcobrir, paſſáraõ tambem muitos dos noſſos, couſa que atemorizou muito aos Mouros que eſtavaõ na Ilha, e como gente deſanimada naõ ſe atrevèraõ a defender a deſembarcaçaõ aos noſſos, nem ſe moveraõ do poſto em que eſtavaõ, ſendo menos de cem paſſos dõde deſembarcavaõ. O Viſorey mandou Luiz de Mello „ que foſ-„ ſe por General daquella empreza, por-„ que D. Diogo de Menezes, cuja ella

„era, eſtava ainda ferido, e a Dom „Fernando de Monroy que acodiſſe „àquelle negocio, que foraõ em navios de remo, e acertou de chegar D. Fernando primeiro à Ilha, onde deſembarcou, e chamou a ſi todos os noſſos que tinhaõ deſembarcado, e em muito boa ordem foraõ dar nos imigos que eſtavaõ apinhoados ao longo do cabeço que diſſe, donde vendo-ſe cometidos deſpediraõ grandes nuvens de bombas de fogo, e chuveiros de pedradas, e ſobrevindo Luiz de Mello com a mais gente, foy logo cometer os Mouros com quem travàraõ huma aſpera batalha em que elles fizeraõ grande reſiſtencia, mas tanto apertàraõ os noſſos com elles, que naõ podendo ſofrer ſeu impeto, foraõ conſtrangidos a voltar as coſtas, ſendo os que mais fizeraõ que todos huns vinte ſoldados a quem naõ achey os nomes, que foraõ na dianteira de todos abrindo caminho aos mais com muitas panellas de polvora, cujo fogo pegou nos acolchoados de algodaõ, de que os Mouros hiaõ armados, que de huns em outros ſe foy ateando como por canaveaes ſecos, ou reſtolho quando lhe dà o vento, e como o fogo ſe lhe metia pelos acolchoados hia lavrando lentamente, e naõ tinhaõ mais remedio que hirem buſcar o mar em que ſe lançavaõ como doudos, e huns ſe affogavaõ, e outros eraõ alanceados dos que eſtavaõ nos noſſos navios, e os mais delles ſe envazàraõ na vaſa onde acabàraõ às eſpingardadas, e frechadas dos noſſos piaens Canariz, que acodiraõ àquella montaria, e depois de tudo concluido eſtes meſmos os deſpejàraõ do fato, e armas. Perdeo o Idalxà neſte feito muitos homens com o ſeu Capitaõ da guarda o Turco Soleimaõ Agà, e ſeu cunhado, e outros ſeis Capitaens, e quatro Elefantes, da qual vitoria q̃ foy grande, ficou o nome da Ilha dos mortos q̃ ſempre terá à imitaçaõ da outra que eſtá junto a Dio, onde Nuno da Cunha ſendo Governador matou toda a gente que nella eſtava pera paſſar a eſta Ilha, que eraõ nove mil que ſe nella entràraõ, puderaõ dar aos noſſos grandiſſimo trabalho. Eſtas novas ſe deraõ ao Idalxá, eſtando elle tambem de hum alto vendo a revolta, e levantando-ſe em pè lançou a touca no chaõ, q̃ he a mayor demonſtraçaõ de ſentimento que pòdem fazer os Mouros, e pondo-ſe em hum cavallo com ſer de noite ſe partio pera Pondá, hindo blasfemando de Mafamede.

Eſta grande vitoria tinha havia pouco tempo profetizado o Biſpo de Malaca Frey Jorge de Santa Luzia, o qual eſtando jantando no Domingo paſſado com o Viſorey no paſſo de Santiago, entre algumas couſas que praticàraõ a cerca daquella guerra, lhe diſſe o Biſpo „que tiveſſe muita confiança em „Deos noſſo Senhor, porque havia de „ter muito bom ſucceſſo, e pera final „diſſo elle lhe daria naquella ſemana „huma grande vitoria, e depois quando foy a quarta feira em que vio Luiz de Mello, lhe eſcreveo huma carta na qual dizia „que ſe fizeſſe preſtes pera „ao outro dia receber a mercè que Deos „lhe queria fazer, e aſſim ſuccedeo, porque logo à quinta feira lhe deu eſta vitoria na qual ſe ficàraõ ſegurando as couſas da guerra.

Nos dous exercitos de Chriſtãos, e Mouros houve eſtes dias por eſte ſucceſſo differentes effeitos, porque no noſſo as feſtas, folias, e tangeres faziaõ dobrar o ſentimento no dos Mouros, entre os quaes tudo eraõ prantos, laſtimas, màgoas, e ſentimentos, que nos noſſos paſſos com o ſilencio da noite ſoavaõ claramente, e aſſim podemos com razaõ dizer que ſe igualava noſſa alegria com ſua triſteza.

Na Cidade quando chegou a nova da entrada dos Mouros na noſſa Ilha, houveraõ-ſe todos por perdidos; e deraõ tudo por rematado, e concluido, e entre mulheres que ſaõ de animo mais fraco houve muitos accidentes, e extremos, e andavaõ algumas de mais obrigaçoens pelas ruas, de Igreja em Igreja, pedindo miſericordia a Deos noſſo Senhor,

nhor, e os Religiosos se puzeraõ diante do Santissimo Sacramento com muitas lagrimas, rogando pelo remedio daquella Cidade, e nesta confuzaõ, e tristeza estiveraõ mais de duas horas até que entrou pela Cidade hum mulato, que foy dos primeiros que deraõ nos imigos, o qual depois da batalha acabada achando hũ cavallo dos Mouros subio-se nelle, e atravessou dalli a Cidade, pela qual entrou correndo por todas as ruas brádando vitoria, vitoria, com o que acodio a elle toda a gente, e entaõ se certificàraõ da vitoria dos nossos, e no mesmo instante se tornou a converter toda a Cidade da mayor tristeza, que se podia imaginar, na mayor alegria da vida, que estas saõ as cousas, e extremos della.

Havida esta vitoria, e assentado em conselho defenderse Chául, vendo-se o Visorey com todas as Armadas recolhidas, e que tinha em Goa mais de tres mil homens, ordenou mandar hum bom soccorro a Chául, com o qual despedio logo a Ruy Gonçalves da Camera hindo D. Diogo de Ataide por Capitaõ mòr daquella Armada na galè Real, e outros navios em que hiaõ quinhentos homens, foy D. Jorge Baroche entrar na Capitanìa daquella fortaleza, e foraõ muitos Fidalgos, e Cavalleiros neste soccorro, e hum delles foy D. Joaõ de Lima irmaõ de D. Duarte de Lima que ao embarcar disse „ que hia fazer companhia „ a seu irmaõ, sendo nisto Profeta de si mesmo: homens principaes que com elle foraõ, Gonçalo Rodrigues Caldeira; seu irmaõ Joaõ Caldeira, Simaõ Pedrozo de Castanheda, Christovaõ Ferreira, Diogo Lobo de Sousa, que depois foy Capitaõ de Bardes, e outros que se nomearaõ pelo discurso da historia, que fizeraõ feitos abalizados. Dom Jorge de Menezes tomou logo posse da Capitanìa, Luiz Freire se partio pera Goa, e D. Diogo de Ataide, e D. Joaõ de Lima foraõ repartidos pelas estãcias.

CAPITULO XXXVI.

Do que succedeo no cerco de Chàul no tempo de D. Jorge de Menezes.

DEpois da perda das casas de Heytor de Sampayo, fizeraõ os Mouros hũa tranqueira defronte da Misericordia, e foraõ ganhadas algumas casas chegadas a S. Domingos, com o q̃ obrigàraõ aos Padres a entupir a porta do Mosteiro, e as servintias de todas as estancias q̃ havia dalli atè a tranqueira de Gomes Ferreira, e abriraõ caminho por baixo da terra como cavas, atè as casas de D. Nuno Alvares Pereira, e Nuno Velho, sendo jà destruhido tudo quanto havia dalli pera fóra. Feito isto determinàraõ os Capitaens de hirem dar nas estancias dos Mouros, q̃ ficavaõ defronte da tranqueira de Luiz Trancozo, o qual negocio encomendàraõ a D. Gonçalo de Menezes, e a Alexandre de Sousa, q̃ logo desistiraõ da empreza, reservãdo-a pera melhor occasiaõ, dando por causa ter fugido aquella noite hum escravo pera os Mouros, que os poderia avisar do que determinavaõ, e como jà todos estavaõ alvoraçados, e prestes pera aquelle assalto, e o furor dos soldados he màò de refrear, naõ tendo elles de ver com a resoluçaõ dos Capitaens, juntando-se mais de duzentos, deraõ de supito nas estancias dos Mouros que estavaõ fronteiras, com taõ grande impeto, que com morte de muitos as largàraõ, metendo-se pelas casas por onde os nossos entravaõ apoz elles ferindo, e matando à sua vontade, como em homens que hiaõ desbaratados. A esta revolta acodio o Capitaõ mòr, e os dous Capitaens Dom Gonçalo, e Alexandre de Sousa, e outros que fizeraõ nos Mouros taõ grande matança, que se pòde esta vitoria contar entre as mais assinaladas daquelle cerco, e todavia ficàraõ mortos alguns dos nossos, e outros feridos, a quem naõ achey os nomes: dos Mouros morrèraõ mais de cento e cincoenta,

em que entrou hum Capitaõ de ſombreiro branco, muito privado de ElRey.

Eſtes ruins ſucceſſos ſentio o Nizamoxà muito, pelo que mandou aos ſeus Capitaens que dèſſem hum aſſalto géral a todas as noſſas eſtancias em roda, de que logo o Capitaõ géral teve aviſo, e foy em peſſoa aviſar os Capitaens das eſtancias, e animar os ſoldados pera o trabalho que eſperava dizẽdolhes „ que „ alli tinhaõ o que tanto deſejavaõ, que „ moſtraſſem aos Mouros quanto ſe en„ ganavaõ em cuidarem q̃ poderiaõ me„ ter os pès daquelles entulhos pera den„ tro; e mandou prover a todos de muniçoens, e de outros provimentos neceſſarios, dando a tudo muito boa ordem com gentil diſpoſiçaõ: Entre os noſſos naõ houve melancolia, ſe naõ muitos tangeres, feſtas, e alegria todo aquelle dia, e noite, pera que viſſem os Mouros a alegria com que os eſperavaõ. Eſtando todos preſtes, ſendo no quarto dalva começàraõ das eſtancias dos Mouros a diſparar aquella furia infernal de toda ſua artelharia arruinadora de tudo: acabada aquella coriſcada ſahiraõ todos os Capitaens de ſuas eſtancias com ſuas bandeiras deſenroladas, e com grandes eſtrondos de trombetas, e inſtrumentos bellicos, remetèraõ com as tranqueiras, cobrindo o ar de nuvens de frèchas, e atroando com urros dos Elefantes que traziaõ diante, os quaes chegàraõ a pôr as trombas nos noſſos vallos, e os Mouros por entre elles a quererem ſubir, mas achàraõ os noſſos taõ promptos, que paſmàraõ, e foraõ ſobre elles tantos os tiros, panellas de polvora, lanças de fogo, e outros inſtrumentos de morte, q̃ choviaõ labaredas, e fuzilavaõ trovoens, e cintillavaõ faiſcas de fogo ſobre elles, q̃ como eſtavaõ muy apinhoados, fez nelles grandes incendios; do mar as galez, e fuſtas pelas partes, por onde os deſcobriaõ, naõ faziaõ ſe naõ varejar, e matar de modo, que do mar, e da terra eraõ tantas as couſas que atroavaõ os ouvidos, q̃ ſe naõ podia ninguẽ entender. Os imigos como eraõ tantos naõ faziaõ caſo dos q̃ cahiaõ paſſados dos pelouros das eſpingardas, e deſpedaçados da artelharia, e abrazados do fogo, antes por cima delles paſſavaõ atè chegarem às tranqueiras em q̃ trabalhàraõ tanto, que ſe puzeraõ em cima, e logo arvoràraõ nellas muitas bandeiras, o que lhe cuſtou tantas mortes, q̃ foy eſpanto. O Capitaõ mòr acodia ora a huma parte ora a outra, mandando reforçar as tranqueiras com gente que trazia em ſua companhia, e dar ordem pera que ſempre houveſſe muniçoens de ſobejo, e chegado à eſtancia de Gomes Ferreira achou nella Antonio de Teve, que vinha de ſoccorrer outras eſtancias com muitos ſoldados de ſua obrigaçaõ, e com aquella ancianidade eſtava pelejando como ſe fora hum ſoldado mancebo de grande valor; muitos Fidalgos, e gente ſolta acodiraõ às partes em que havia mayor perigo, e ſobre todas eſteve em mayor aperto a eſtancia de Diogo Soares de Albergaria por ter huns portaes taõ devaſſos, que naõ tinhaõ mais tapume que huns feixes de rama, ſe naõ quanto na paragem mais perigoſa tinha hum limoeiro que ſe cortou em hum quintal à ſombra do qual eſtavaõ os noſſos amparados como bugios à ſombra de qualquer arvore, ou folha verde; o que viſto pelo Capitaõ mòr mandou alli trazer alguns pàos de teca, e taboas com que ſe tapou aquella paragem o melhor que pode ſer, e dalli ſe tornou o Capitaõ mòr pera a tranqueira de Gomes Ferreira onde achou os noſſos em cima dos vallos pelejando com os imigos roſto a roſto à lança, e eſpada muito animoſamente, e certo que foy couſa milagroſa o pouco dano que os noſſos recebèraõ neſte conflicto, porque naõ morrèraõ mais que tres ſoldados, hum dos quaes foy D. Joaõ de Lima irmaõ de Dom Duarte de huma bombardada que lhe deraõ pela cabeça, em que tinha hum murriaõ que tudo lhe levou em claro, e algumas laſcas de murriaõ deraõ por huma orelha a Gonçalo Rodrigues

gues Caldeira, de que ficou bem eſcalavrado, tendo já recebido algumas feridas, porque nas partes em que ſe achou, ſempre pelejou taõ valeroſamente, que nunca ſe reſguardou dos perigos: matàraõ aqui tambem Simaõ Pedrozo de Caſtanheda, tendolhe já havia poucos dias em outro combate dado huma eſpingardada pela boca, que lhe quebrou quatro, ou ſeis dentes: ficou tambem muito ferido outro ſoldado chamado o Guardali, que ſempre foy dos primeiros que ſe achou em todos os trances, e perigos: ficàraõ muitos queimados, e inhabilitados pera a guerra em que ſe perdeo muito, mas ſobre todos ſe ſentio a morte de Dom Joaõ de Lima, por ſer mancebo de grandes eſperanças, a qual morte, como já diſſe, elle profetiſou ſempre antes, e foy em fim fazer companhia a ſeu irmaõ na cova em que eſtava, couſa que elle tanto deſejou. Os Mouros vendo-ſe taõ mal tratados dos noſſos, ſe retiràraõ com grande ſoma de feridos, e quinhentos mortos.

Neſte quarto dalva antes que os Mouros cometeſſem os vallos, ſó os Caſapos deſpendèraõ trinta e quatro tiros, tendo os dous dias antes deſpendido mais de cento: ao outro dia que iſto paſſou, Ruy Telles de Menezes mandou de ſoccorro eſtando em Dio por Capitaõ embarcaçoens cheyas de mantimentos gente, e muniçoens, e pouco depois, chegàraõ as obrigações de Damaõ em q̃ Alvaro Pires de Tavora mandou duas pipas de polvora, e muitas panellas cheyas, e grande ſoma de outras vazias, muitos murroens, e mantimentos, tendo naquelle tempo neceſſidade de poupar aquellas couſas, por ter cada dia novas de virem os Mogores ſobre aquella Cidade induzidos pelos meſmos Reys da liga, e o meſmo ſe temia do Rey de Sarſeta, com quem o Capitaõ Alvaro Pires de Tavora ſe houve neſte negocio com tanta ſagaſidade, e prudencia, que por meyo de hum Bragmane muito intelligente, como todos ſaõ, taes couſas diſſe ao Rey de Sarſeta, que o traſtornou de ſeu penſamento.

Com eſta largueza ſe ſuſtentava naquelle tempo a guerra, porque tinhaõ os Capitaens liberdade pera gaſtarem, e deſpenderem a fazenda de ElRey neſtas neceſſidades, e outras ſe melhantes, o que depois ſe veyo a eſtreitar tanto, que ainda q̃ as fortalezas ſe arriſquem, naõ ſe pòdem fazer mais deſpezas das ordinarias, e ſuppoſto q̃ naõ nego que muitos Capitaens fizeraõ gaſtos muito deſneceſſarios, e nos q̃ eraõ forçados nas deſpezas ordinarias punhaõ cento por dez, por onde nẽ reprovo, nem approvo os regimentos que ha ſobre eſta materia, nem ſey regimento q̃ ſe poſſa fazer que ſe ajuſte tanto com os caſos que pòdem ſucceder, que ſe ache nelle o remedio a taõ grandes incõvenientes, ſe naõ for o aperto, e neceſſidade urgente o meſmo regimento.

Com todos eſtes trabalhos, mortes, riſcos, e perigos, naõ deixava entre os noſſos de haver zombarias, e galantarias, de que contarey ſó duas. Na eſtancia de Fartecaõ ſe armou hũ trabuco pera meterem pelouros na Cidade, que todas as couſas q̃ nos podiaõ empecer, naõ deixavaõ de as intentar, e parece que lhe erràraõ a eſquadria, porque os primeiros pelouros que diſparou, os lançou pera traz ſobre o ſeu meſmo exercito: naõ cahio iſto no chaõ aos noſſos ſoldados, porque alguns traveſſos das eſtancias armàraõ outro dia nos ſeus vallos outro trabuco ou engenho, a q̃ na India chamaõ Lates, com q̃ coſtumavaõ tirar agua dos tanques, que ſaõ humas vergas delgadas com a ponta pera cima, e o pè groſſo por baixo, no qual lhe poem hum peſo armado ſobre huma forquilha, e na ponta de cima delgada amarràraõ hum porco, e largando o pezo levantava a ponta pera cima com grande furia, e como nella eſtava atado o porco, o levantava no ar fazendo tal gaſnada que ſe ouvia, e via na eſtancia de Fartecaõ, de que os noſſos faziaõ grandes galhofas, e riſadas, ficando o Mouro muito affrontado.

Outro

Outro juguete de mais zombaria ſe fez nas caſas que defendia Franciſco de Mello o Roncador, que foy mais proveitozo que todos, e foy eſte. Deſejavaõ os Mouros muito de tomar eſtas caſas, e as cometèraõ por muitas vezes, mas de todas ſahiraõ bem eſcalavrados, e vendo que naõ tinhaõ remedio pera as entrar, tratàraõ de as minar pera o q̃ lhe encoſtàraõ humas fermoſas, e fortes mantas de vigas, e taboado taõ junto, que todas as panellas de polvora, que nellas ſe lançàraõ de cima, naõ faziaõ mais que quebrar, e as labaredas eſpalharem-ſe pelo ar ſem fazerem nojo aos debaixo. Vendo Franciſco de Mello o caſo, encheo muitas panellas de çugidade de gente delida com ourina de maneira, que ficava aquelle immundo licor muito delgado, e quebrando-as de cima nas mantas, corria pelas coſturas, e aberturas abaixo ſobre os que trabalhavaõ, e em lhe chegando o licor, foy tal o màu cheiro, que largando as mantas, e ferramenta ſe foraõ acolhendo pera ſuas eſtancias, e contando o caſo ao Nizamoxà o feſtejou muito, dizendo „ que nunca vira tal modo de armas, e „ que os Portuguezes de tudo ſe ajudaõ, e todavia com eſta induſtria ficàraõ os noſſos deſapreſſados.

Depois que ſe perdèraõ as caſas de Luiz Xira Lobo, viràraõ os Mouros toda a força de ſua artelharia contra o Templo de S. Domingos, e depois que ſahiraõ desbaratados naquelle aſſalto géral, levàraõ aquelle negocio com mais vigor pera ſe ſatisfazerem daquelle bayrro. Eſtava nelle Ruy Gonçalves da Camera, que depois que chegou de Goa ſe meteo nelle, e fez o que pode como jà de antes tinha feito ao de Saõ Franciſco, que parece deſejava defender com particular cuidado as caſas daquelles dous Patriarcas, que ſempre o favorecèraõ em ſeus intentos. Tinhaõ os Mouros dado com o corpo da Igreja no chaõ, e ſó lhe ficava a Capella, que era de abobada, a qual Ruy Gonçalves da Camera mandou desfazer pelo meſmo meſtre que havia pouco tempo a tinha feita, e mandou terraplenar o corpo da Capella todo, e ſobre o terrapleno levantou hum baluarte, que com muito trabalho foy acabado em poucos dias com huma trincheira da parte de dentro ao longo da parede do corpo da Igreja, mas tudo iſto naõ podia fazer baſtante defenſaõ, porque os Mouros naõ ſó ſe cõtentàraõ de o bater com os dous Caſapos, mas tambem o fizeraõ com outras muitas peças groſſas que lhe aſſeſtàraõ, com que em poucos dias puzeraõ pôr terra todas as cellas do Moſteiro com ſuas officinas, e em fim o baluarte, que ſe levantou com tanto trabalho foy todo arraſado. Feita eſta deſtruiçaõ começàraõ de novo a entender cõ as caſas de D. Gonçalo de Menezes, e de D. Nuno Alvares Pereira, nas quaes fizeraõ grande dano, porèm naõ ſem muito da ſua parte.

Eſtas caſas de Dom Nuno Alvares Pereira eraõ as mais apartadas das tranqueiras que todas, e por iſſo mais perſeguidas, e mais arriſcadas, e aſſim deſta vez as bateraõ quarenta e dous dias continuos, e as arraſáraõ de todos os altos, fazendo dellas hũa miſcelanea de pedras, caliça, telhas, madeiramento, e atè grades de ferro. Vendo-as o Nizamoxà naquelle eſtado, mandou ao Fartecaõ „ que as cometeſſe, e que ſe „ naõ apartaſſe dellas ſem as ganhar, por„ que lhe faziaõ dellas muitas affrontas, „ e ſobrançarias. O Fartecaõ ſe fez preſtes para aquelle negocio, e pera os ſeus verem por onde haviaõ de entrar, e cometer, mandou fazer grandes fogos diante das caſas pera os alumear, naõ vendo q̃ com elles moſtravaõ aos noſſos, onde haviaõ de pôr o ſeu ponto, porque em ſendo viſtos das noſſas galez, que eſtavaõ daquella parte, diſparàraõ naquellas labaredas muitas bombardadas, de q̃ matàraõ muitos imigos. Fartecaõ que eſtava preſtes tanto que foy no quarto dalva, mandou cometer aquellas caſas por quatro mil dos ſeus eſcolhidos, naõ ſendo os noſſos mais de quarenta, que

ſe

ſe puzeraõ à defenſaõ dos lugares por onde os Mouros cometèraõ a entrada, que foy pelas pontas das noſſas lanças, alabardas, e panellas de polvora, e outros inſtrumentos mortaes que todos ſe empregavaõ bem nos Mouros, por ſerem tantos, que naõ havia donde cahirem ſe naõ ſobre elles. O Capitaõ mòr ſentindo o negocio mandou pelo caminho das Minas a Alexandre de Souſa, e Pedro da Silva de Menezes com vinte ſoldados que ſe foraõ meter dentro, e logo apoz elles Franciſco de Souſa Tavares com outra Companhia, e o Capitaõ mòr ſe poz na porta da tranqueira de Dom Joaõ de Souſa, aſſim pera mandar mais ſoccorros, e provimentos, e muniçoens, como pera ter maõ nos ſoldados, que todos trabalhavaõ por ſe hirem achar naquelle feito, onde foy ter Antonio de Teve por fóra das tranqueiras por huma rua que hia das caſas de Dom Gonçalo de Menezes pera as de Dom Nuno Alvares Pereira, porque lhe diſſeraõ que o Capitaõ mòr era la paſſado, em que o enganàraõ, e quando chegou achou Dom Nuno Alvares ſobre as paredes quebradas com todos os companheiros, pelejando com grande valor, e era o lugar taõ pequeno, que os que chegavaõ de ſoccorro naõ cabiaõ já nelle. Antonio de Teve tomou o poſto por fóra em parte que com a ſua gente ficava defendendo a porta, e ajuntando-ſe alli outros companheiros que hiaõ chegando, determinou fazer huma ſahida aos Mouros, e abalroando a porta de hum quintal das meſmas caſas, donde tambem os noſſos eraõ perſeguidos, deu de ſupito nelles, ſendo elle o primeiro que entre elles ſe remeçou com huma gineta na maõ, que logo enſopou na barriga de hum Mouro com que ſe lhe quebrou, e levando da eſpada derrubou outro, e os mais companheiros todos faziaõ emprego bem à ſua vontade, e com algumas panellas de polvora abrazàraõ muitos com que os fizeraõ afaſtar do combate. Dom Nuno Alvares Pereira apertou tanto com os que trabalhavaõ por lhe ſubir as paredes q̃ com grande dano os lançou fóra, e com tamanha perda que ſe recolhèraõ deſeſperados de poderem fazer couſa de ſubſtancia. Dos noſſos morreo hum ſó, mas ficàraõ muitos feridos, entre os quaes foy Franciſco de Sà de Menezes, que recebeo duas fréchadas ſobre querer recolher o corpo do ſoldado morto; hum caſado de Chàul veyo a braços com hum Mouro, e arcando com elle o levou nos braços correndo ao Capitaõ mòr, do qual ſoube muitos aviſos, e lhe affirmou „ que lhe tinhaõ os noſſos „ mortos cinco mil homens pelo diſcur- „ ſo da guerra, e alguns Capitaens de „ nome.

Com eſte ruim ſucceſſo ficou o Nizamoxà muy quebrantado, e mandou que ſe naõ deſiſtiſſe da empreza daquellas caſas atè ſe ganharem, e dando a deſconfiança no Fartecaõ mandou aos ſeus que ſe foſſem chegando com os ſeus vallos atè ſe abarbarem com aquellas caſas, e em quanto iſto ſe foy fazendo, mandou virar a artelharia pera a noſſa Armada pera ſe vingar do dano que della recebeo, e a começou a bater, mas ella ſe mudou pera outro poſto, e aſſim andou de hũ em outro furtandolhe o ponto. Os Mouros ſe hiaõ chegãdo cada vez mais com paredes muito groſſas a modo de baluartes, mas Agoſtinho Nunes armou defronte delles hum cavalleiro, no qual prantou hum ſalvagem, e no ſeu Rebelim poz outra peſſa groſſa, e o meſmo fez Gomes Ferreira pera derrubarem as caſas que foraõ de Luiz Xira Lobo dõde os Mouros lhes faziaõ muito grande dano. Os Caſapos em quanto a obra dos vallos durou deixàraõ de laborar com que os noſſos ficàraõ aquelles dias deſaffogados, e ſempre lhes pareceo que eraõ retirados, e aſſim queriaõ os Mouros que ſe cuidaſſe pera verem ſe por eſſe reſpeito podia haver nos noſſos algum deſcuido, mas logo tornàraõ aquellas peſtilenciaes furias a laborar, huma contra o Moſteiro de S. Domingos, e outra nas caſas de Dom Nuno

Nuno Alvares Pereira ſem os noſſos por cauſa de ſeus vallos os poderem ver, detraz dos quaes, os Caſapos começàraõ a bater braviſſimamente abrindo nas ſuas paredes bombardeiras por onde os Caſapos ſe abocavaõ, e cada vez que diſparavaõ parecia que tremia a terra, e o primeiro tiro que o Caſapo diſparou, levou logo a Capella de S. Gonçalo, e o pelouro foy paſſando por diante, e fazendo terremotos eſpantoſos que durou perto de duas horas de dia quando diſparou, e de outros tiros derrubàraõ tambem outras tres Capellas de que naõ ficou pedra ſobre pedra. Ao tempo que eſta bataria ſe começou, eſtavaõ algumas peſſoas na Igreja falando na trincheira q̃ Luiz Gonçalves da Camera fazia, com a qual foy correndo cõ grande trabalho, e induſtria atè a acabar, com o que o corpo da Igreja parecia que ficava hum forte baluarte baſtante pera reſiſtir àquella diabolica furia.

Em quanto iſto aſſim ſe ordenava naõ faltavaõ todas as horas cometimentos em outras partes, dos quaes ſempre ſe recolhiaõ com vitoria, porque ficavaõ outras eſtancias livres das batarias que ſe davaõ a S. Domingos, e as caſas de Dom Nuno Alvares, o que ſe fazia continuamente com taõ grande terror, que ſe affirma q̃ o ar andava deſpovoado das aves, e o mar dos peixes, e os matos dos bichos, e alimarias ſylveſtres q̃ andavaõ como eſpantados, mas os peitos dos valeroſos Portuguezes, cõtra quem aquella infernal furia ſe armava, naõ ſe apartavaõ hum ſó ponto de ſeus lugares, antes parecia que aquelle eſtrondo diabolico os deſpertava, e fazia mais ouzados, e ufanos, aſſim como o famoſo, e caſtiço ginete em ouvindo a trombeta ſe alvoroça, e desfaz pera ſahir à campanha cavando a terra com as mãos, alargando as ventas, fitando as orelhas, e fazendo outras demonſtraçoens de ſeu brio.

Neſte tempo partio Jorge Pereira Coutinho de Baçaim de ſoccorro com quatorze navios em que ſe embarcàraõ cento e quarenta ſoldados, e vindo pelos rios dentro por naõ paſſar ocioſo pela Galiana Cidade do Nizamoxà, em que havia boa fortaleza, na qual eſtava por Capitaõ Famecaõ com mil e quinhentos homens, na qual determinàraõ os noſſos dar hum toque, e amanhecendo ſobre aquella Cidade, deſembarcou ſem achar reſiſtencia, e mandou logo pôr fogo aos arrabaldes, em que ſe queimou muita fazenda, porèm acodindo Famecaõ travou com os noſſos huma reſoada batalha da qual ſe recolheo ferido com outros muitos, e os noſſos ſe embarcàraõ a ſeu ſalvo, e entràraõ em Chául com eſta vitoria onde foraõ muito feſtejados, e repartidos pelas eſtancias em que havia mais neceſſidade.

As caſas de Dom Nuno Alvares Pereira eraõ neſte tempo mais combatidas, e o meſmo as de Nuno Velho Pereira, porque a tençaõ do Nizamoxà era fazerſe Senhor de todas as caſas de fóra pera afaſtar dalli aquelle impedimento, pera ſe ſenhorear logo dos vallos, e tranqueiras, e poſto que as caſas de Dom Nuno Alvares ficàraõ da outra bataria arrazadas, como ſe diſſe, com tudo ficou hum pedaço de huma camera com o ſotaõ debaixo em q̃ os noſſos ſe fortificàraõ, e jà a furia deſta bataria naõ tinha em q̃ ſe empregar ſe naõ naquelles materiaes das ruinas que eſtavaõ apinhoados, de que ſe levantavaõ grandes nuvens de caliça q̃ tratava muito mal aos noſſos: mas com todos eſtes trabalhos naõ deixavaõ eſtes dous Capitaens de fazer muitas ſahidas aos Mouros, e de huma dellas ſahio Dom Nuno Alvares Pereira com huma arcabuzada que lhe paſſou huma perna, e parte da outra, e huma fréchada pelos peitos, deixando elle feito grande dano nos imigos, como tambem fez Nuno Velho Pereira nas ſahidas que fez, de que ſahio bem aſſinalado, deixando-os a elles bem eſcalavrados. Faratemaluco, que tinha cuidado da bataria deſtas duas caſas, mandou-ſe algumas vezes queixar a Nuno Velho „ porque ſempre ao jantar o „ convidava com iguarias de fogo, o que „ lhe

„ lhe naõ ſabiaõ nada bem, que lhe lem-
„ brava que naõ era primor tratar mal
„ os viſinhos, que correſſe melhor com
„ elle dalli em diante, aos quaes recados
„ lhe reſpondeo Nuno Velho, que mui-
„ tas vezes deſejava de hir ſer ſeu hoſ-
„ pede, mas que ainda o faria, e que
„ primeiro o aviſaria pera que o agaſa-
„ lhaſſe bem.

Das continuas batarias, e ſahidas, que Nuno Velho fez aos Mouros, perdeo tantos ſoldados, que veyo a ficar cõ ſete, e naõ ter em que ſe recolher ſe naõ em huma logea, porque todos os altos lhe tinhaõ as continuas batarias poſto no chaõ, e eſtava em tal eſtado, que por ſe naõ perder hum Fidalgo taõ honrado, tratàraõ os Capitaens de largarem aquellas caſas, e primeiro as mandàraõ minar, pera que os Mouros naõ tomaſſem poſſe dellas taõ folgadamente, o que ſe fez com grande preſteza. Feito tudo, e negociado largou Nuno Velho as caſas: ao outro dia que os Mouros as ſentiraõ deſpejadas ſe meteraõ logo nellas, e apparecèraõ muitas bandeiras arvoradas, e entre ellas huma, que tinha a figura de Mafamede taõ fea como foraõ ſuas obras. Entrando os Mouros dentro como diſſe, eſtando feſtejando aquella vitoria, deraõ os noſſos fogo por caminho que eſtava feito de fóra atè a mina, a qual em lhe chegando rebentou levando pelos ares todas as paredes, caſas, Mouros, bandeiras, ficando tudo com a bandeira de Mafamede abrazada como elle eſtà no inferno. O Capitaõ mòr que eſtava eſperando aquella hora, tanto q̃ o eſtrondo paſſou, deu nos Mouros que eſtavaõ à viſta das caſas, que acodiraõ ao deſaſtre ſendo elle o dianteiro, e fez nelles huma cruel matança. Nuno Velho como dono que foy das caſas entrou logo nellas com os ſeus ſoldados, e dentro matou cincoenta Mouros que tinhaõ entrado nellas; neſta volta andou Gomes Eanes muito gẽtil-homem, porque endireitou com hum Mouro armado, e deulhe por cima das armas tal golpe, que lhe quebrou a eſpada, ficandolhe hum terço della na maõ, com a qual acabou de o matar, e tomandolhe da cinta o traçado, o quebrou tambem em outro, e remetendo com outro, que jà hia morto, lhe tomou outro traçado, com q̃ pelejou valeroſamente, e depois dos imigos desbaratados naõ ſe quiz recolher ſem o pedaço da ſua eſpada, a qual buſcou, e achou, e com mais duas que tomou aos Mouros ſe recolheo. Hum pagem de Dom Joaõ de Souſa chamado Franciſco, moço de quinze annos, eſtando ſem eſpada, remeteo com hum Mouro, e lhe travou de huma lança que trazia com tanta colera, e força, que deu com o Mouro em terra, e pondo-ſe ſobre elle lhe meteo huma frécha pela garganta tantas vezes atè que o matou. Se a mina fora melhor cavada, e tivera mais força, fizera mayor eſtrago, porque ao tempo q̃ lhe deraõ fogo eſtavaõ nos quintaes, e caſas mais de dous mil Mouros. Da noſſa parte neſte taõ honrado feito morrèraõ dez dos noſſos, e ficàraõ cincoenta feridos.

Pouco depois eſtando os noſſos das caſas de Dom Nuno Alvares vigiando o campo, viraõ vir tres Mouros de cavallo muito ayroſos, e bem armados com os traçados deſembainhados correndo igualmente pera as noſſas tranqueiras, atè chegarem bem perto, e fazendo algumas algaſaras pera os noſſos, ſe tornàraõ a recolher com muita ſegurança.

Ao outro dia viraõ vir outro de cavallo pela praya, e chegando perto das caſas de Dom Nuno Alvares, acenou aos noſſos que lhe ſahiſſem, deſpedindo algumas fréchas pera o ar. Ignacio da Fonſeca, que alli eſtava vendo eſta ſoberba do Mouro, foy-ſe diſſimuladamente por detraz das caſas com huma lança nas mãos, e foy demandar o Mouro, que nunca quiz aguardar, antes virando as ancas ſe foy recolhendo, e o meſmo fez o noſſo ſem fazer caſo das muitas eſpingardadas, que os Mouros lhe atiravaõ.

Perdidas as caſas de Nuno Velho, jà naõ

naõ ficavaõ mais que as de Dom Nuno Alvares, que jà naõ eraõ caſas ſe naõ huns entulhos, e montes de materiaes das couſas dellas, e as de Dom Gonçalo de Menezes que tambem eſtavaõ bem derrubadas, e aſſim como as de D. Nuno Alvares eſtavaõ, naõ ouzavaõ os Mouros de chegar a ellas, como ſe fora algum muito forte, e temido baluarte, e todavia o Fartecaõ, que tinha aquelle negocio à ſua conta, e eſtava jà muito deſconfiado, determinou de dar o ultimo aſſalto, no qual havia que concluiria com aquelle negocio, e o dia que determinàraõ fazer eſta execuçaõ lhe deraõ huma temeroſa bataria com os Caſapos, que coſtumavaõ levantar aquellas nuvens de caliça, por meyo dos quaes determinavaõ cometer a entrada daquelles montes de confuzaõ, que jà foraõ caſas bem fermoſas, e que cuſtàraõ muito a ſeu dono. Joaõ de Mendoça no ſeu cavalleiro onde eſtava entendeo a tençaõ dos Mouros, e vendo-os occupados na obra que queriaõ fazer, foy-ſe ſó pela mina com huma panella de polvora na maõ pera hir ſaber de Dom Nuno Alvares Pereira ſe havia miſter alguma couſa, como fez; e naõ querendo fazer aquelle caminho em vaõ, ſahio fóra da mina por hum canto das caſas, e vendo eſtar muitos Mouros juntos pera darem o aſſalto acabada a bataria, remeſſando entre todos a panella de polvora, ſe tornou a recolher à mina, e quebrando-ſe a panella entre elles, levàtou as coſtumadas labaredas com que abrazou alguns, e atemorizou grandemente a todos, e todavia como viraõ tempo remetèraõ com os entulhos com grande determinaçaõ, mas achàraõ ſeus valeroſos defenſores taes, e taõ fortes, como ſe eſtiveraõ em cima do mais forte baluarte do mundo, e a poder de golpes, e fogo os fizeraõ afaſtar bem eſcalavrados. Ao outro dia como homens que ficàraõ eſcandalizados, e affrontados tornàraõ a cometer os noſſos, e puzeraõ fogo a huma tranqueira que D. Nuno Alvares tinha feita, donde vigiavaõ a eſtancia, e paſſando o fogo tornàraõ abater os Caſapos aquelles entulhos, nos quaes fizeraõ taõ grandes terremotos, que ſepultàraõ entre a caliça, e a pedra alguns dos noſſos, e eſtando aſſim neſte conflicto, havendo Fartecaõ que deſta feita concluiria com aquelle negocio, mandou hum recado a Dom Nuno Alvares „ em que lhe pedia lhe „ largaſſe aquellas caſas pera ſe elle apo- „ ſentar nellas, porq̃ eſtava deſagaſalha- „ do, ao que lhe mandou reſponder que „ bem podiaõ caber todos, que foſſe là „ ſer ſeu hoſpede, que elle lhe promettia „ de o agazalhar muito bem, e que pera „ iſſo o mandaria receber com muitas „ tochas das coſtumadas. Ficou iſto aſſim por eſte dia, e por fim ſe tornàraõ os Mouros a recolher bem eſcalavrados.

Ao outro dia, que foy o ultimo de Março, tornou outra vez a cometer as meſmas ruinas com tanta furia, que ſe puzeraõ em cima, e arvoràraõ logo ſobre aquelles montes de pedras algumas bandeiras, mas alli naquelles pobres fragmentos ſe travou entre os Mouros, e os noſſos huma cruel batalha, a que acodio o Capitaõ mòr, mas quando chegou jà os noſſos tinhaõ lançado os Mouros fóra com grande affronta, e dano, ſem dos noſſos ſe perder mais que hum ſoldado. Affaſtados os Mouros, e vendo que a madeira das caſas que ficou entre a ruina lhes fazia grãde impedimento pera ſe fazerem ſenhores daquellas caſas, tornáraõ a mandar continuar a bataria, e no meyo della mandáraõ dar fogo àquillo que os impedia, porque ao tempo da bataria eſtavaõ os noſſos recolhidos, e com furia dos Caſapos levavaõ madeira, pedras, telhas, e outras couſas pelos ares que hiaõ cahir no clauſtro de S. Domingos onde fizeraõ algum dano ferindo alguns dos noſſos.

E porque ſe hia acabando o verao tratáraõ alguns moradores de mandar pera Goa ſuas fazendas, mulheres, e filhos, que tudo embarcáraõ em huma náo de hum Gaſpar Ribeiro, a qual ſahindo

hindo pela barra fóra por culpa do Piloto ſe encoſtou ao baixo onde ſe perdeo o melhor de quatrocentos mil cruzados, porq̃ como a nào ſe deſpedaçou, e a corrente alli he muy furioſa, levou logo tudo pela barra fóra.

Vendo os Mouros que os aſſaltos lhes cuſtavaõ tanto, tratàraõ de minar por algumas partes por onde pudeſſem entrar na Cidade, de que os noſſos foraõ logo aviſados por alguns arrenegados q̃ andavaõ no exercito, que por muitas vezes ſe punhaõ à falla com os das noſſas tranqueiras, e por figuras, e metaforas lhes diziaõ o que paſſava, como foy deſta vez q̃ lhes diſſeraõ „ que ſe guardaſſem „ dos ratos, e que trabalhaſſem por regar „ os Canaveaes, e que ſe vigiaſſem das „ lapas que cedo haviaõ de cahir, e outras metaforas deſte modo, que elles depois eſcreveraõ mais claro, deitando as cartas dentro na Cidade com frechas, as quaes por duas vezes ſe achàraõ; ſobre que o Capitaõ mòr mandou fazer diligencias, e Franciſco de Mello o Roncador deu em huma mina, a qual contraminou, e tomou nella toda a ferramenta dos officiaes.

A bataria nunca ceſſou, contra a qual Ruy Gonçalves da Camera acabou o forte que fazia em S. Domingos, e mandou trazer hum Leaõ que tinha na fortaleza velha com hum ſalvagem mais, que prantou contra os Caſapos, porque o Condeſtavel que veyo de Dio lhe prometteo de os quebrar, e o dia que ſe havia de começar a experiencia, ſahio Ruy Gonçalves da Camera muito louçaõ com coura de golpes, e muitos botoens de ouro, e gorra de veludo com plumas, feſtejando as eſperanças que tanto trabalho lhe tinhaõ cuſtado, e os primeiros tiros mandou que ſe diſparaſſem nas eſtancias de Fartecaõ, pelo que o Bragmane Condeſtavel mòr mandou mudar os Caſapos, deſapreſſando com iſſo as caſas de Dom Nuno Alvares, e mudando-os contra as de Ruy Gonçalves da Camera, e querendo começar a jugar a artelharia de huma, e outra parte ſe viaõ os Condeſtaveis cavalgados ſobre as peças, com os botafogos nas mãos ameaçando-ſe, e fazendo ſe biocos hum ao outro, encreſpando-ſe como o coſtumaõ fazer dous carneiros. O Cõdeſtavel dos Mouros depois que fez ſuas roncas, e ufanias, mãdou derrubar a portinhola q̃ eſtava diante do Caſapo, e furtou o ponto ao noſſo, e no meſmo momento o tornou logo a virar pera as noſſas peças onde o diſparou, hindo o pelouro fazendo tamanhas barafundas, que foy eſpanto, quebrando logo as telhas, e os repairos às noſſas peças, enterrando-as nos entulhos, e enchendo-as de terra pelas bocas, ainda que logo as alimpàraõ, e tornàraõ a jugar; e poſto que cõ alguns tiros faziaõ grande dano nos Mouros, todavia logo elles as tornavaõ a ſegar. Durou eſta diabolica porfia tres dias continuos, no fim dos quaes hum tiro dos Caſapos tomou o Leaõ pela boca, e lhe quebrou hum beiço, e os repairos de ambas as peças, e em fim tanto fizeraõ atè que arrazàraõ o baluarte, e cegàraõ de todo as peças, levando pelo ar os ſeſtoens entulhados, e aſſim deſarmou em vaõ em breve tempo hum trabalho de tantos dias.

Vendo os Mouros arruinado aquelle baluarte, tornàraõ a virar os Caſapos contra as caſas de Dom Nuno Alvares, que já naõ tinhaõ em que pôr os olhos, e certo que era já temeridade inſiſtirem em ter gente nellas, e ainda que Dom Nuno Alvares era o que naõ queria largallas, havendo mais de tres mezes que as ſuſtentava contra toda aquella furia, e depois de os Mouros deſcarregarem alli algumas batarias, vieraõ os Caſapos contra a eſtancia de Joaõ de Mendoça, Agoſtinho Nunes, e Luiz Trancozo, nas quaes fizeraõ grandes danos, mas tambem os receberaõ mayores dos noſſos, que como eraõ tantos, tinhaõ os noſſos tiros bem em que ſe empregar.

Quarta feira de Trevas, que cahio em onze de Abril, ſobre a tarde ſe foraõ os Mouros chegando às noſſas eſtancias pelos quintaes, e caſas q̃ ficàraõ de fóra

atè ſe meterem defronte da Portaria de S. Domingos, menos de vinte paſſos das caſas de D. Gonçalo de Menezes, o qual naõ ſofrendo taõ ruim viſinhança, foy dar nelles com tanto esforço, e impeto, que com morte de muitos os tornou a lançar fóra, de que ſe houveraõ por muito affrontados, e ajuntando mais gente tornàraõ a cometer as caſas com grande determinaçaõ, e hindo-ſelhe juntando mais ſoldados que alli acodiraõ, apertàraõ tanto com os Mouros que os entràraõ, e lançàraõ fóra das caſas, e ainda os foraõ ſeguindo atè as ſuas tranqueiras que tambem lhes ganhàraõ, e os foraõ metendo por outras caſas dentro, a cujas portas achàraõ grande reſiſtencia, e achando alli hum valente ſoldado noſſo, a quem naõ achey o nome, vendo o trabalho em que os noſſos eſtavaõ, tomou hum calaõ de polvora que hum moço trazia, e como era forçoſo, e braceiro chegou à porta, e o lançou entre os Mouros aonde ſe desfez em labaredas q̃ abrazàraõ muitos, e paſſadas ellas entrou o ſoldado pela porta com huma chuſſa nas mãos com que foy derrubando muitos, e logo apoz elle entràraõ muitos que fizeraõ tal eſtrago que ſe affirma matarem quinhentos Mouros, e tomando cinco bandeiras que tinhaõ arvoradas nas caſas ſe foraõ recolhendo pera os noſſos vallos.

Tres dias depois deſte ſucceſſo que foy Sabbado da Paſcoa da Reſurreiçaõ que eſte anno cahio a quinze de Abril tornàraõ os noſſos a ſahir aos Mouros, aos quaes cometèraõ taõ de ſupito, e com tanta determinaçaõ que lhes entràraõ as meſmas caſas em que ſe tinhaõ outra vez metido, e fizeraõ outro tal eſtrago ſemelhante ao paſſado, em que alguns dos noſſos ſe aſſinalàraõ bem, fazendo feitos dignos de mayor memoria da que lhe dou, porque naõ achey os nomes delles, e creſcendo o poder dos Mouros foraõ-ſe os noſſos recolhendo já mais apertados delles, ao que acodio hum Frade leigo de S. Franciſco chamado Frey Antonio com huma chuſſa nas mãos com que ſe meteo entre os Mouros, e fez nelles tal deſtruiçaõ que parecia hum leaõ encarniçado, mas como tinha alli cheyo o numero de ſeus dias foy morto, e naõ achey ſe de arcabuzada, ſe de cutilladas, mas achey na boca de homens muito verdadeiros que ſe achàraõ neſte cerco, que era Varaõ de muita virtude: perderaõ-ſe alguns dos noſſos tambem neſte feito, e entre elles Dom Luiz de Caſtello-branco, Camereiro que foy de ElRey Dom Joaõ o III. e pay de Dom Jorge de Caſtello-branco que faleceo ha tres annos ſendo Capitaõ de Ormuz. O qual Dom Luiz nunca foy caſado, e houve na India eſte filho, e huma filha de huma mulher viuva, matàraõ-no com huma bomba de fogo que lhe deu, morreo tambem Ruy Pereira de Sà Fidalgo honrado, Franciſco Barradas, e o Padre Pedro Colaço da Companhia Varaõ de grande virtude, e exemplo.

Foraõ os Mouros continuando a bataria em todas as partes das noſſas tranqueiras, principalmente contra as caſas de Dom Nuno Alvares Pereira, que elle ſempre ſuſtentou com o valor, e esforço tantas vezes repetido; e com receber muitas feridas, e adoecer de differentes enfermidades nunca ſe tirou dellas, e nellas ſe curou, e ſofreo todas as incomodidades da guerra que os cercos trazem, aturando entre aquellas miſeraveis ruinas toda aquella infernal furia, e bataria de Caſapos, bazeliſcos, ſalvagens, e outros inſtrumentos arruinadores do mundo, moſtrando ſempre eſte Fidalgo que naõ degenerava daquelle grande Dom Nuno Alvares Pereira defenſor de Portugal de quem deſcendia; hindo como diſſe, os Mouros continuando com ſuas batarias ſendo hũa terça feira vinte e dous de Mayo, huma hora depois de meyo dia em conjunçaõ de Lua que acertou de fazer grande cerraçaõ, muito ventoſo, e com grandes cerraçoens, e trovoens, com as quaes carrancas entra ſempre o inverno na India, como fez deſta vez, pelo que vendo os

Mouros

Mouros o tempo aparelhado pera o que tanto deſejavaõ, abalàraõ de ſuas eſtancias com grandes vozerias, e algazaras pera hirem cometer aquellas ruinas, o que viſto pelos noſſos ſoldados, que jà naõ temiaõ a morte pelas muitas vezes que com ella ſe viraõ a braços, ſahiraõ fóra aos receber, e foy iſto de feiçaõ, que os fizeraõ recolher com tanta preſſa como vieraõ pela ruim hoſpedagem que lhes fizeraõ. Fartecaõ vendo aquella vergonhoza retirada, os affrontou de maneira, que tornando a voltar depois das tres horas chegàraõ com hum impeto diabolico aos que ſe recolhèraõ nas caſas, e em breve eſpaço ſe apoderàraõ daquellas ruinas, e de alguns pedaços de ſobrados, que ſuppoſto eſtavaõ em pè naõ ſerviaõ mais que de ſuſtentar o credito dos Portuguezes, ficando os noſſos nos baixos das logeas às lançadas, e arcabuzadas com elles, trabalhando alguns por ſubirem acima pera ſe verem roſto a roſto com os imigos, ſobre o que de ambas as partes houve muitos mortos, e feridos. O Capitaõ mòr acodio alli, e vendo o eſtrago que os Mouros faziaõ nos noſſos que eſtavaõ debaixo, mandou a Dom Nuno Alvares que com todos os ſeus ſoldados ſe ſahiſſe das caſas, e ſe ajuntaſſe com elle, o que fez com muito deſgoſto ſeu: perderaõ-ſe deſta vez vinte ſoldados noſſos, e cincoenta feridos.

Entregues os Mouros daquelles entulhos viràraõ toda a artelharia contra o Moſteiro de S. Domingos, o qual acabàraõ de arrazar de todo, e pôr por terra, e por fim ſe ſenhoreàraõ delle, ficando taõ viſinhos de Ruy Gonçalves da Camera, que tendolhe arraſado toda ſua eſtancia, veyo a ficar deſamparado da ilharga da Capella que ainda eſtava por ſua, e os imigos de todo o corpo da Igreja, e da mayor parte do clauſtro, e dalli viràraõ a artelharia pera a eſtancia de Dom Joaõ de Souſa, e de Joaõ de Mendoça com hum baſtiaõ na ponta, donde ſe deſcobria o baluarte de madeira, que os cercados tinhaõ na ponta da tranqueira da praya, cõtra o qual aſſeſtáraõ tres peças groſſas, que logo a começàraõ a desfazer, e batendo juntamente as outras eſtancias junto de S. Domingos, com que os noſſos recebèraõ grande perda, e oppreſſaõ, e na eſtancia de Dom Sebaſtiaõ de Teve, que foy huma das que batiaõ, deu huma bala em Jeronymo de Teve ſeu primo, que lhe levou a cabeça em pedaços, e os miolos foraõ borrifar as veneraveis barbas de Antonio de Teve ſeu tio; a outra eſtancia que ſe batia era a de Dom Henrique de Menezes, que ſe defendeo valeroſamente, eſtando muito ferido dos dias paſſados, porque foy Fidalgo que em todo eſte cerco ſe achou ſempre nos caſos mais perigoſos, em que ſempre moſtrou bem o valor de ſeu brio, e a obrigaçaõ de ſeu ſangue.

Naõ quiz o Nizamoxà conſentir que ſe cometeſſem mais os noſſos por aſſaltos pelo muito que lhe cuſtavaõ, mas mandou que ſe levaſſe aquelle negocio pelo rigor da artelharia, que com pouco perigo baſtava pera concluhir com tudo, porque determinava depois que viſſe tudo arruinado entrar a Cidade por hum aſſalto géral, em que queria meter todo o reſto de ſeu poder, pelo que foy continuando a bataria todo aquelle mez, couſa que pera os noſſos foy de mayor trabalho que os aſſaltos, porque neſtes vigiavaõ-ſe das offenſas que recebiaõ dos imigos, o que nas batarias naõ podiaõ fazer, antes tinhaõ dobrado trabalho em reformarem as partes que ſe arruinavaõ, porque ſentiaõ mais andarem cõ os materiaes nas mãos, que pelejarem com todo o poder daquelle imigo, porq̃ mais honroſo exercicio era pera elles exercitarem ſe no officio de defenſores, que de trabalhadores, couſa tanto contra o natural dos Portuguezes. Durou eſte trabalho atè dia de Saõ Joaõ, que cahio em Domingo, e aquelles tres dias depois em todos elles tiràraõ os Mouros o poder todo ao campo como que queriaõ cometer os vallos, e remetendo a elles jà de perto ſe tornà-

raõ a recolher, e logo tornàraõ a fazer ó meſmo cometimento, e recolhimento, porque a ſua tençaõ era quebrantar os noſſos, e fazellos eſtar todo o dia, e noite com as armas nas mãos, no que ſe enganavaõ, porque eraõ os valeroſos Portuguezes como o gigante Antheo filho da terra, que lutando com Hercules, todas as vezes que cahia, e tocava a terra ſe tornava a levantar com novas forças, aſſim os noſſos com aquelles acometimentos taõ continuos, e acelerados cobravaõ de cada vez mais novo brio, e mayor animo.

Logo à quinta feira veſpera dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo ſe preparàraõ os Mouros pera darem o ultimo aſſalto, no qual eſperavaõ concluhirem aquelle negocio de todo, o qual naõ houve effeito, porque lhe matàraõ os noſſos hum Capitaõ dos principaes com huma eſpingardada, andando vendo a parte, por onde havia cometer com o ſeu Terço, mas ao outro dia dos meſmos Apoſtolos, que parece que quizeraõ elles que nelle alcançaſſem os noſſos por ſua interceſſaõ huma taõ milagroza, e memoravel vitoria, eſtando os Mouros a ponto, ſe poz ElRey no Moſteiro de S. Franciſco em hum lugar alto pera dalli ver tudo à ſua vontade, e à hora que quiz que os ſeus acometeſſem, mandou fazer ſinal com huma touca de ſeda amarrada a huma lança, que começou a florear no ar, e ſendo viſta de todos, remetèraõ com aquella multidaõ confuza, e deſordenada ſem ordem alguma, nem ſom de pifaros, e tambores, que enſina os ſoldados a remeter, e a retirar, nem diſtinçaõ de Capitaens, ou compaſſo de bandeiras, e ſinal de Sargentos, e Capitaens, ſe naõ com as barbaras vozerias, gritos, e viſagens, guiados de ſua brutalidade como todas as ſuas couſas, e como eraõ mais de ſetenta mil homens, e todos os Elefantes diante, cingiraõ todos os noſſos vallos aſſim apinhoados, ficando mais de ſete, ou oito mil apinhoados, e oppoſtos a cada eſtancia noſſa, em que haveria pouco mais de cincoenta ſoldados, e com aquella primeira arrancada, e furia ſe puzeraõ alguns logo em cima dos vallos, e tranqueiras, onde arvoràraõ ſuas bandeiras, levando primeiro a furriada de duas cargas da noſſa eſpingardaria, que lhe derrubou mais de quinhentos, e como os noſſos eſtavaõ jà com as armas nas mãos, as começàraõ a jugar com tanta braveza, que em muito pouco eſpaço os tornàraõ a lançar fóra dos vallos, deixando affrontoſamente as bandeiras que tinhaõ levantadas, e muitos dos ſeus eſtirados, e deſpedaçados em cima das tranqueiras, e ao pè dellas. Os imigos vendo-ſe aſſim reſiſtidos, tornàraõ com grande impeto, e dobrada determinaçaõ a cometer a entrada que lhes foy tambem defendida como da primeira vez, e ſem fazerem caſo do grande eſtrago que os noſſos nelles faziaõ, por cima dos meſmos companheiros mortos, huns palpitando com os ultimos arrancos, outros tornàraõ huma, e muitas vezes a cometer a entrada das tranqueiras, ſobre a qual defenſaõ os noſſos fizeraõ altiſſimas cavallarias, que naõ particularizo, porque os Capitaens, e Fidalgos que tenho nomeados fizeraõ, e obràraõ couſas dignas de ſeu ſangue, as quaes eu me naõ atrevo a particularizar, nem ſey eſcrever, porque nellas ſe confunde a memoria pera o entendimento, emmudece a lingua, e encolhe-ſe a maõ. Os ſoldados que tenho nomeado, e outros que naõ tinhaõ nome, que por deſcuido ſe naõ fez delles caſo, naõ fizeraõ menos, antes muitos dos menos fizeraõ couſas, que puderaõ eſpantar ao mundo, e eſcurecerem os valeroſos feitos dos famoſos Gregos, e Romanos, ſe elles tiveraõ hum Lucio, ou hum Plutarco, que eſcrevèraõ ſeus feitos. O Capitaõ mòr, e Dom Jorge de Menezes Capitaõ da Cidade, naõ ouzo a falar delles, porque compriraõ como deviaõ as obrigaçoens de ſeu ſangue, naõ ſó com a obrigaçaõ de valeroſos Capitaens, mas ainda com a de eſforçados, e valeroſos ſoldados, porque correndo

cada

cada hum delles por ſua parte as eſtancias naõ ſó animavaõ, e proviaõ a todos das couſas que traziaõ pera eſſe effeito de ſobrecellente, mas ainda pelejavaõ por ſeu braço como qualquer particular ſoldado ambicioſo de ganhar honra, com o valor que ſempre coſtumàraõ. Os eſtrondos, os gritos, os urros dos Elefantes, e os gemidos, e ays dos que cahiaõ, as chammas das labaredas das lanças de fogo, panellas de polvora, que os noſſos lançàraõ ſobre os imigos, os prantos, gritos, e exclamaçoens ao Ceo das mulheres, e meninos que andavaõ pela Cidade pedindo a Deos miſericordia, iſto junto repreſentava o final juizo, e era huma confuzaõ de Babilonia, e hum terremoto, e fim do mundo univerſal. Durou eſte conflicto atè as ſeis horas da tarde em que os Mouros ſe retiràraõ por naõ poderem mais ſofrer, ficando os noſſos ſobre os vallos com as armas nas mãos floreando com ſuas bandeiras, e chamando os imigos pera que tornaſſem, porque ainda naõ eſtavaõ ſatisfeitos do pouco dano, que lhes tinhaõ feito com lhe terem mortos mais de tres mil homens, a mayor parte delles Mouros brancos, Parſeos, Coraçones, Galines, Xiraſſes, Turcos, Rumes, e outras differentes naçoens da Aſia, e Abaſſia: dos feridos foy grande o numero, e foraõ mortos de duas eſpingardadas hum filho de Acalaſcaõ, e Sujatecaõ, ficando os mais delles aſſinalados do noſſo ferro: muito poucos dos noſſos morrèraõ que quiz Deos que naõ foſſem mais que cinco, que valiaõ por muitos, que dous delles foraõ Franciſco de Sà Soliſmundi valeroſo ſoldado, e outro Franciſco de Tovar, aos tres naõ achey os nomes, ficàraõ feridos couſa de cento, poucos dos quaes perigàraõ.

Vendo o Nizamoxà o desbarato dos ſeus naõ lhe queria aguardar o fim antes no meyo do conflicto ſe poz em hum cavallo, e ſe foy recolhendo taõ triſte, e malencolizado que naõ ouſou nenhum dos ſeus Capitaẽs a lhe ver o roſto, e aſſim ſe foy meter em huma Meſquita, devia ſer pera vituperar o ſeu Mafamede que naõ preſtou pera com taõ grande poder lhe dar vitoria de pouco mais de mil Portuguezes encurralados em huns fracos vallos. Depois de fazer termo ſua paixaõ, naõ pelos muitos vaſſallos que lhe matàraõ, que niſſo repàraõ os Mouros pouco, e fazem menos caſo, ſe naõ pela opiniaõ que perdem; bem differente dos Reys Chriſtãos que he eſte o ſeu mayor ſentimento, e dizia o Emperador Carlos V. Maximo que antes naõ queria tomar huma Cidade ſobre que eſtava, que perder ſobre ella hum ſoldado ſeu; mas depois que fez termo ſua paixaõ, como hia dizendo, dizem que deu recado aos ſeus Capitaens pera apalparem os noſſos com pazes, o que elles fizeraõ ao outro dia, porque alguns vieraõ por todas as tranqueiras, e começàraõ a brádar: Mariaõ, Mariaõ, que aſſim chamaõ elles à Virgem Santiſſima Senhora noſſa como coſtumavaõ em todo eſte cerco todas as vezes que queriaõ falar aos noſſos, os quaes logo acodiraõ a perguntar o que queriaõ, como fizeraõ agora, e chegados à fala pediraõ com muita humildade „ lhes deixaſſem recolher aquelles „ corpos mortos pera os ſepultarem, a „ que o Capitaõ mòr lhes mandou reſ„ ponder que os Portuguezes naõ fa„ ziaõ guerra ſe naõ a vivos, que os po„ diaõ levar livremente, e que naõ ſó lhes concedia facilmente eſta licença, mas ainda lhes mãdaria pagar, como fez, o trabalho que tiveſſem em lhe tirar dalli aquella corrupçaõ, porque poderia cauſar peſte; no qual ſerviço andàraõ os Mouros taõ humildes, e obedientes que ſem repararem em couſa alguma levavaõ aos ſoldados às tranqueiras tudo o que lhe pediaõ, armas, eſpingardas, cabayas, toucas, e outras peças dos mortos, e entre algumas praticas que tiveraõ com os noſſos lhe perguntàraõ os Mouros „ que mulher era huma muito „ fermoſa veſtida de branco, que em to„ da a batalha andou pelejando da ban„ da dos noſſos, e que deſviava os pe„ louros,

„ louros, e ſettas com a borda do manto „ pera que naõ offendeſſem os noſſos? E depois das pazes feitas q̃ hiaõ cõmunicar à noſſa fortaleza levou o Padre alguns que viraõ aquella Senhora à Igreja da Sè, e lhes moſtrou huma Imagem de noſſa Senhora, preguntoulhe ſe era aquella? Reſponderaõ „ que naõ, porque a outra era mais fermoſa, e com tudo ſe poſtràraõ diante daquella Senhora que lhes moſtràraõ, e lhe fizeraõ grande veneraçaõ. Havida eſta vitoria logo os Mouros recolhèraõ a ſua artelharia, e campo, ficando as couſas aſſim em treguas atè ſe fazerem as pazes como ao diante direy, pelo que os Capitaens ordenàraõ huma ſolenne prociſſaõ com q̃ foraõ dar graças ao Author de todos aquelles bens, o verdadeiro Deos dos exercitos, e à Virgem Santiſſima Senhora noſſa, e aos Santos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, por cuja interceſſaõ em ſeu dia alcançàraõ huma taõ inſigne vitoria, e todavia os Capitaens naõ ſe deſcuidàraõ, antes renovàraõ as eſtancias do danificamento que lhes ficou, aſſiſtindo ſeus Capitaens nellas tanto a ponto, e com tanta vigia como que os imigos eſtiveraõ abordados com ellas.

Ficàraõ aſſim as couſas naquella tregoa, atè que ſe alimpou o campo dos mortos, e como o Nizamoxà ſe queria hir pera à ſua Corte, e todos ſeus Capitaens eſtavaõ aborrecidos da guerra, fizeraõ com elle que trataſſe das pazes por naõ ficarem as couſas debaixo em aberto, o que elle cometeo a Fartecaõ, e Cafacaõ Veador de ſua fazenda, que por terceiras peſſoas mandou falar naquelle negocio com Dom Franciſco Maſcarenhas, e Dom Jorge de Menezes Capitaõ da Cidade, e como elles tinhaõ poderes do Viſorey pera aceitarem as pazes tanto que lhe foſſem por aquelle Rey pedidas, tratàraõ com os Capitaens Mouros de ſe verem pera as concluhirem, e que as viſtas haviaõ de ſer entre as caſas que teve Dom Nuno Alvares Pereira, e o Moſteiro de S. Domingos, no que elles naõ tiveraõ duvida, e aſſim aos vinte e quatro de Julho veſpera do Apoſtolo Santiago ſe juntàraõ no dito lugar deputado, onde vieraõ os dous Capitaens do Nizamoxà com pouca companhia, e o Capitaõ Dom Franciſco Maſcarenhas, e o da Cidade, com Antonio de Teve, e Pedro da Silva de Menezes por adjuntos, e depois de nas primeiras viſtas terem os comprimentos ordinarios, em que eſtes Mouros ſaõ muy pontuaes, appreſentàraõ os poderes que tinhaõ do ſeu Rey pera tratarem daquelle negocio, e os noſſos Capitaens fizeraõ o meſmo aos que tinhaõ do Viſorey da India; e viſtos, e examinados aſſentàraõ as pazes com as condiçoens ſeguintes.

„ Que ſeriaõ amigos de amigos, e „ imigos de imigos, e ſe ajudariaõ con„ tra todos os Senhores imigos de am„ bos, naõ ſendo contra aquelles com „ quem tiveſſem celebrado, e feito pa„ zes.

„ Que o Rey Nizamoxà naõ agaſa„ lharia em ſeus portos Armadas imigas „ dos Portuguezes, e que entrando al„ gumas nellas as mandariaõ entregar, „ e que o meſmo fariaõ os Viſoreys.

„ Que o Nizamoxà mandaria em to„ dos os ſeus portos dar todos os mari„ nheiros, mantimentos, madeira, e „ todas as mais couſas neceſſarias pera „ as Armadas por dinheiro, e que o Vi„ ſorey lhe guardaria à ſua coſta de la„ droens pera ſuas nàos navegarem ſem „ receyo.

„ Que o Viſorey daria àquelle Rey „ licença pera todos os annos mandar „ huma nào a Malaca, e que os Portu„ guezes lhe fariaõ bom tratamento, e „ que naõ levariaõ couſas defezas, nem „ gente branca, e que o Capitaõ da„ quella Cidade, e ſeus moradores naõ „ pagariaõ nenhuns direitos, do que „ compraſſem.

„ Que os Mouros, e Gentios paga„ riaõ de todas as fazendas que vieſſem „ por mar os direitos àquelle Rey, ti„ rado os Portuguezes, e Chriſtãos „ que ſeriaõ libertos.

„ Que

„ Que poderiaõ todos os annos os „ Portuguezes, e Mouros levar à Ci- „ dade de Chàul quinhentos cavallos, „ e que pagariaõ os direitos a ElRey „ de Portugal, e que vindo de Ormuz „ náos de Mouros cõ cavallos dariaõ là „ fiança a hirem a Chàul, e naõ o po- „ dendo tomar hiriaõ a Goa, e que hin- „ do a outras partes encorreriaõ nas pe- „ nas do regimento.

„ Que o Tanadar de Chàul de cima „ elegeria dous homens de confiança, e „ Dom Jorge de Menezes Capitaõ da „ Cidade outros dous, pera eſtimarem „ as perdas, e danos que fe fizeraõ nas „ Igrejas, palmares, e hortas daquella „ Cidade, e da avaliaçaõ que fizeſſem „ aviſariaõ ao Nizamoxà, pera que em „ quatro mezes fizeſſe ſabedor ao Viſo- „ rey da India pera niſſo dar o talho que „ pareceſſe juſto, e arrezoado; e outras mais couſas que deixo, porque ſaõ con- formes às pazes que jà com os Reys ſeus antepaſſados fizeraõ o Governador Dom Eſtevaõ da Gama, e o Governa- dor Franciſco Barreto, a qual alvidra- çaõ, e compoſiçaõ eu naõ achey por eſ- crito, nem quem me ſoubeſſe dar della relaçaõ verdadeira pelo que fique iſto aſſim em paz, e vamos continuar com a guerra de Goa por concluhirmos com ambos eſtes cercos.

CAPITULO XXXVII.

Do que ſuccedeo na guerra de Goa, e do levantamento da Rainha de Onòr contra a noſſa fortaleza, e do ſoccorro que o Viſorey lhe mandou.

A Guerra de Goa no eſtado em que a deixàmos ſe foy continuando por batarias de parte a parte, e da parte dos Mouros jà com menor confiança da com que a começàraõ, e da noſſa com menos receyo, porque como a inverna- da ſe meteo de permeyo, e as tempeſta- des, e chuvas eraõ groſſas, fizeraõ ceſ- ſar a artelharia, e arcabuzaria, mas nem com iſſo ceſſáraõ os noſſos de darem continuos aſſaltos nas eſtancias dos Mouros, de que ſempre lhes faziaõ gran- de dano. Succedèraõ aqui tambem ca- ſos notaveis, e que ſe podiaõ ter por mi- lagroſos: a hum ſoldado deu hum pe- louro de huma peça pequena nos cabos da eſpada, e paſſou ſem fazer mais que amaſſallos, aſſim como ſe conta na mate- ria dos rayos, que aconteceo dar hum em huma eſpada, derretella dentro ſem a bainha receber lezaõ alguma. Andan- do Fernaõ de Souſa de Caſtello-branco a cavallo vendo as eſtancias, deulhe hu- ma balla nos peitos que o derrubou no chaõ, e levantando-ſe naõ achou feri- da, nem pizadura alguma. Andando o Sargento mòr Joaõ de Abreu paſſeando defronte da porta de Santiago deu hu- ma grande balla no portal, e hum peda- ço delle lhe foy dar na cabeça, que lha fez em pedaços, havendo duas horas que ſe tinha confeſſado, porque parece inſpirou Deos nelle aquella vontade pera uſar com ſua alma de miſericordia.

Meado o mez de Julho que he a for- ça do inverno, teve o Viſorey recado por terra de Jorge de Moura Capitaõ da fortaleza de Onòr, „ de como a Rai- „ nha de Garſo induzida, e favorecida „ do Idalxà tinha poſto cerco àquella „ fortaleza com cinco mil homens de „ pè, e quatrocentos de cavallo, a ma- yor parte gente do Idalxà, porque to- dos os Reys da liga intentàraõ por to- das as vias induzir os viſinhos das noſ- ſas fortalezas contra ellas, no meſmo tempo que elles, tinhaõ de cerco a cabeça do Eſtado, pera impoſſibili- tarem os ſoccorros, e proverem ſe po- dia õ lançar maõ de hum ſó Caſtello daquelles, pera que de todo lhe naõ fi- caſſem em vaõ os gaſtos de ſua jorna- da quando nella naõ pudeſſem conſe- guir o principal intento que preten- diaõ, por Capitaõ de toda eſta gente foy Chaticaõ homem afouto, e de quem o Idalxà tinha boa opiniaõ. O Viſorey tanto que teve aquellas novas quiz moſtrar ao imigo que ainda que ti-

raſſe

raſſe de ſi qualquer ſoccorro, e poder com o que lhe ficava, ſe havia de defender, e offendello, e mandou com muita preſſa negociar huma galè com oito fuſtas, de cujos Capitaens naõ achey mais memoria que de Diogo de Azambuja em huma galè: dos navios, Dom Luiz de Menezes, Appollinario de Val de Rama, e Antonio Fernandes o Malavar, que hia por Capitaõ môr de todos, e cometendo a barra que andava muy ſoberba, quiz Deos que paſſaſſem ſem riſco, e dando à vela com tempos groſſos, e ponteiros, em cinco dias chegàraõ à barra de Onor na qual entràraõ com muito riſco, achando a fortaleza em muito trabalho, e vêdo-ſe Antonio Fernandes com Jorge de Moura, aſſentàraõ „ que a certas horas deſembarcaſſe elle „ com toda a gente que trazia, que eraõ „ pouco mais de duzentos homens, e „ que Jorge de Moura ſahiſſe da forta„ leza com cento, e que ambos cometeſ„ ſem os imigos por ſua parte cada hum, „ pera aſſim os atormentarem, como fizeraõ em muito boa ordem, e dando de ſupito nas eſtancias dos imigos, fizeraõ nelles tal eſtrago, que houveraõ por ſeu partido deixarem tudo, e acolherem-ſe, ficando todas as tendas com a artelharia, armas, e mantimentos, que tudo ſe recolheo na fortaleza com que ficou provida pera muitos dias.

CAPITULO XXXVIII.

Do ſoccorro que o Camori poz à noſſa fortaleza de Chalè, e do que nella ſuccedeo.

NAõ ficou couſa que pudeſſe reſultar em ruina do Eſtado que os Reys conjurados naõ intentaſſem, nem humores ruins que ſe naõ moveſſem contra o corpo de noſſa Monarchia, pera verem por todas as vias ſe a podiaõ acabar de extinguir, mas Deos noſſo Senhor, como verdadeiro Medico os remediou a todos, porque queria que foſſe nelle por diante ſua ſanta Ley, e Evangelho, e pòde ſer que por iſſo ordenaſſe que ſuccedeſſe neſte tempo Dom Luiz de Ataide pera com ſua prudencia, conſtancia, e artificio, hir curando todas as chagas, o que naõ ſey ſe outro fizera. Ficava ſó na coſta da India o Camori por ſe mover contra nòs, ſendo o principal convocado pera iſſo por ſer o mais poderoſo Rey de toda eſta fralda do mar, o qual como ſagaz, e prudente foy diſſimulando ſua inclinaçaõ atè o meyo do inverno que era no fim de Junho, tempo em que as noſſas Armadas naõ podiaõ ſahir pela barra de Goa fóra, no qual appareceo ſupitamente ſobre a noſſa fortaleza de Chalè, e a rodeou toda com perto de cem mil homens, em que ſe affirma haver cem mil eſpingardas, cercando-a logo de mar a mar, de vallos, e trincheiras, por eſtar ſituada em huma ponta da banda do Sul, pela qual aceſtou quarenta peças de bronze, das quaes mandou prantar mais de vinte ao longo do rio atè a barra pera defençaõ della, porque lhe naõ pudeſſe entrar dentro couſa alguma por ſer alli o rio muito eſtreito ainda que muito fundo, e naõ baſtando iſto, no mais eſtreito do Canal por onde os noſſos navios podiaõ entrar, mandou atraveſſar hum grande maſtro nelle com muitas ancoras que ficava em hũa braça debaixo da agua, pera ſe os noſſos navios cometeſſem a entrada encalharem nelles, pera alli os deſfazerem com ſua artelharia. Era Capitaõ da fortaleza Dom Jorge de Caſtro o mais velho Fidalgo, prudente, e de mayor conſelho que havia na India, o qual pelas muitas vezes que eſteve naquella fortaleza por Capitaõ lhe chamavaõ „ o Camori, e os mais „ Reys da Coſta Pay, e como a eſſe lhe tinhaõ acatamento, e guardavaõ grande reſpeito, e por ſua cauſa deixàraõ por muitas vezes de fazerem guerra àquella fortaleza, e de algumas que lha fizeraõ ſempre ſe comunicavaõ, e Dom Jorge hia ſeguramente ao ſeu exercito, e outras couſas deſtas que ſe contaõ que paſſáraõ ambos, e como Dom Jorge eſta-

va

va descuidado de tal sobresalto pelo grande segredo com que o Camori se negociava, e naõ tinha provimentos, porque todos os que se haviaõ mister se hiaõ comprar ao Bazar dos Mouros, que sempre eraõ muito providos, nem tinha comsigo mais que sessenta homens velhos, e moços, gente pobre como saõ todos os que se recolhem a estas fortalezas, pera viverem de seus quarteis, e mantimentos, que muitas vezes deixaõ de se lhe pagar por descuido dos Governadores, e Visoreys. Tinha D. Jorge comsigo sua mulher Dona Filippa de Castro, filha de Jorge Dias, Escrivaõ da fazenda da Infanta Dona Maria, filha de ElRey Dom Manoel, que já fora casada com Jorge de Sousa Pereira Camelo, que na India chamavaõ o Guitarra, por ser muito bom Musico, e muito gentil-homem, a qual Dona Filippa tinha comsigo huma sobrinha filha de hũa sua irmãa, q̃ fora casada com Diogo Pereira hum Fidalgo da Ilha da Madeira, que casou segunda vez com Dona Francisca Sardinha, huma orfa que casou em Lisboa em casa de minha mãy mulher pobre, e de mediano estado, que por ser muito fermosa casou com ella, e he a que elle trouxe à India na náo S. Paulo no anno de sessenta, que se foy perder na contra costa de Samatra, onde a gente da terra a cativou, e por là acabou, e os enteados filhos de Diogo Pereira, que aqui estavaõ com sua tia Dona Filippa, era casada, ou casou depois com Thomè de Mello de Castro; sey estas particularidades, porque me criey com esta gente.

Assentado o Camori com aquella potencia sobre a nossa fortaleza, começoulhe a dar suas batarias braviſſimamente, e com grande terror, e espanto, mas os nossos sessenta homens, que Dom Jorge repartio pelos lugares mais necessarios, se oppuzeraõ contra aquella multidaõ diabolica, e com a arcabuzaria, e artelharia os fustigavaõ arrezoadamente. O Capitaõ tanto que se vio cercado, teve modo com que despedio recado ao Visorey, e à Cidade de Còchim, pera que os soccorresse, porque elle ficava no extremo dos perigos, e como a pressa deste cerco os tomou desapercebidos, e faltos de tudo, começou a fóme a ameaçallos, e a entrallos rijamente, o que todos sentiaõ mais que as bombardadas, e os crueis assaltos, com que continuamente eraõ cometidos, e assim foraõ passando, e sustentando-se o melhor que puderaõ com as esperanças de serem soccorridos. O Camori bem entendeo que naõ havia de ganhar aquella fortaleza se naõ por fóme pelos poucos provimentos que sabia que tinhaõ, e por isso naõ tratou de a entrar logo por assaltos, e assim os foy dilatando, e continuando com as batarias, com que começou a fazer naquelles pobres muros algumas ruinas, a que os nossos acodiraõ o melhor que puderaõ, e como Còchim ficava taõ perto daquella fortaleza de Chalè, logo em breves dias lhe chegou o recado de Dom Jorge, o qual meteo a todos em grande confuzaõ, e vendo-se o Capitaõ Vasco Lourenço de Barbuda em Camera com a Cidade trataraõ de soccorrer aquella fortaleza com muita brevidade, e logo dalli mandaraõ chamar Dom Antonio de Noronha, que alli estava casado, e lhe pediraõ quizesse hir àquelle negocio, ordenandolhe huma náo, q̃ se lhe aprestou em breves dias carregada de arroz, muniçoens, e outros provimentos, e assim mais duas fustas pera ver se com ellas em caso que a náo naõ pudesse entrar, podiaõ meter na fortaleza alguns provimentos; ao que se deu tanta pressa, que na entrada de Agosto se fez à vela, e como os ventos eraõ debaixo, em poucos dias foy surgir naquella barra de Chalè fóra da lagem com tempos muito verdes, e carregados, cuja vista pera os cercados foy de grande consolaçaõ. Dom Antonio de Noronha trabalhou todo o possivel por meter alguns mantimentos na fortaleza, assim nas fustas, como

como em huma palega, que pera isso levava, que por muitas vezes cometèraõ a entrada, mas naõ puderaõ passar adiante, assim pela muita, e basta artelharia, que estava assestada à borda do rio, como por huma Armada de quarenta paròs, que andava em guarda delle, e assim se deixou estar pera ver se havia alguma boa occasiaõ pera aquelle negocio.

Chegáraõ tambem as novas do aperto em que ficava esta á de Cananòr onde acertou de invernar Francisco de Sousa Pereira Camelo, irmaõ de Jorge de Sousa, q já disse fora casado com D. Filippa mulher de Dom Jorge de Castro, o qual assim pela obrigaçaõ de seu sangue, de vassallo de ElRey, e do parentesco que teve com Dona Filippa, logo com toda a brevidade fretou huma Almadia ligeira muy bem esquipada de marinheiros, e se meteo nella com quatro soldados, e hum escravo seu muito esforçado, levando o arroz, e peixe que pode caber na Almadia tudo por seu dinheiro, e muitos murroens, e chumbo que lhe deu Alvaro Paes de Soutomayor Capitaõ daquella fortaleza: aos seis dias do mez de Agosto se fez á vela com hum tempo muy invernoso, com que naõ pode chegar mais que atè as Ilhas de Tiracoli leguas de Calecut, donde quasi alagado tornou arribar a Cananòr onde esperou a primeira monçaõ, com que se tornou a fazer à vela, e forçando o tempo chegou à barra de Chalè a dezasete do mesmo mez de Agosto, onde achou surto Dom Antonio de Noronha, sem poder meter nenhum soccorro naquella fortaleza, com o qual se vio, e disse que com todo o risco havia de ver se podia chegar a ella, o que lhe louvou, e assim cometeo a entrada do rio com grande determinaçaõ, prometèdo aos marinheiros de lhes fazer muito bem, e animando-os, porque com o que aqui tinhaõ ouvido hiaõ quasi desconfiados, e por cima dos mares que rebentavaõ em flor cometeo a barra em que esteve alagado. Entrando no rio começou a artelharia da terra a descarregar sobre elle huma nuvem de pelouros, com q logo derrubàraõ hum marinheiro do leme, e feriraõ os outros pelo que no mayor trabalho lhe largàraõ o remo, e se baqueàraõ, hindo elle já àquelle tempo perseguido de duas embarcaçoens dos Mouros, e vendo-se Francisco de Sousa naquelle trance, como era animoso lançou a maõ esquerda ao leme, e com a espada nua na direita mandou aos seus soldados que fizessem aos marinheiros tomar os remos, e fazerlhes novas promessas, e dizendolhes „ que se elles haviaõ de morrer „ alli debaixo escondidos, naõ seria me„ lhor trabalharem hum pouco pera ve„ rẽ se podiaõ livrar daquelle trabalho? o que elles assim fizeraõ, e foraõ remando pela vea da agua, e por encher a marè o hia seguindo por popa hum navio dessemmastreado com muita gente, e hia jà taõ perto, que quasi lhe hiaõ pondo a proa, o que visto por Francisco de Sousa Pereira disse aos soldados „ que se ha„ viaõ de morrer fugindo, que mais „ honrado lhes seria vender bem caras as „ vidas, e virando ao navio dos Mouros pera tambem o investir, vendo elles sua determinaçaõ, se foraõ affastando, com o que teve tempo de se hir escoando, chovendo sobre elles nuvens de espingardadas, e fréchadas das fustas, aquella terrivel tormenta de furiosa artelharia da terra que milagrosamente os naõ despedaçàraõ a todos. Aquelles trãces, e trabalhos se estavaõ vendo da nào de Dom Antonio, e da fortaleza, donde os encomendavaõ à Virgem nossa Senhora, que os livrasse daquelle perigo, que foy servida de assim o fazer, que a todos livrou, e tanto foy obra da Santissima Mãy de Deos, que ao tempo que chegou a pobre embarcaçaõ perto da couraça, lhe deu huma, ou duas bombardadas que a arrombàraõ, e assim despedaçada foy varar á porta da fortaleza, o que se lhe succedera hum tiro de espingarda antes naõ pudera escapar. D. Jorge de Castro acodio ao recolher, e vendo

vendo que era Franciſco de Souſa Pereira com quem tinha tanta razaõ, feſtejou mais aquelle ſoccorro, e ainda do arroz, e peixe ſe ſuſtentàraõ alguns poucos dias. O Capitaõ pelo feſtejar o encarregou do lanço do muro, e por toda a couraça por onde os imigos pretendiaõ entrar a fortaleza, que já tinhaõ muy desfeita com a artelharia, e de feiçaõ que naõ havia amparo, nem poderem alli chegar, que naõ foſſem derrubados com a eſpingardaria, mas Franciſco de Souſa Pereira com ſeus ſoldados, e marinheiros tornou logo a levantar tudo de pedra, e barro, de modo que ficou mais defenſavel.

Eſte foy hum dos mayores feitos, ou o mayor que ſuccedeo na India deſta ſorte, e em ſatisfaçaõ delle lhe naõ fizeraõ mercè alguma, merecendo huma boa fortaleza, e muitas vezes falava El-Rey Dom Sebaſtiaõ neſta entrada, e valeroſo feito louvando-o, e ſe naõ ſatisfez a eſte Fidalgo foy por naõ ter quem falaſſe niſſo, e aſſim ficou ſempre pobre como Duarte Pacheco tambem Pereira, e ainda agora vive aſſim pobre em Ceilaõ, onde lhe deraõ humas aldeas de pouca importancia pera o que merecia, as quaes nunca os Géraes daquella Ilha lhe deixàraõ comer, nem lhe quizeraõ nunca dar a poſſe dellas, e eu o vi vir aqui com eſta queixa ao Viſorey, e tornar com ſuprimento que tambem entendo lhe naõ compriraõ, e là eſtá eſte valeroſo cavalleiro padecendo notaveis miſerias, e deſtas ha cada hora muitas nos que governaõ, pela qual razaõ naõ ſey com que coraçaõ os homens haõ de aventurar as vidas em feitos arriſcados, ſe lhe haõ de remunerar ſeu valor com ingratidoens, mas ſe naõ alcançou o galardaõ merecido por ſeus heroycos feitos, o terà ſeu esforço neſta minha hiſtoria, onde lhe durarà mais que os deſpachos temporaes que lhe naõ chegáraõ, porque ha de permittir Deos noſſo Senhor que quem aſſim ſe arriſca por ſeu ſerviço, e pelo de ſeu Rey, e Patria, que por huma, ou por outra o venha a ter como agora tem neſta hiſtoria eſte Fidalgo Franciſco de Souſa Pereira.

Vendo Dom Antonio de Noronha que lhe naõ era poſſivel meter dentro naquella fortaleza o ſoccorro que levava, e que o tempo era ainda muito groſſo, e poderia aquella nào deſcahir ſobre a lagem, que ſeria hum mal ſobre outro, havendo já nove dias que alli eſtava ſe fez à vela pera Còchim, deixando os da fortaleza deſconſolados, e triſtes, com as eſperanças ſó em Deos, de cuja miſericordia naõ deſconfiavaõ, e ſó eſperavaõ ſeu remedio, e ſe foraõ ſuſtentando o melhor q̃ puderaõ, mas muito miſeravelmente, porque nem mea medida de arroz tinha cada peſſoa de raçaõ, e muitos comiaõ os miollos dos cocos ſecos, a que na India chamaõ Copra, que os corrompia muito por ſer já tudo azeite.

As cartas de Dom Jorge de Caſtro, com o perigo em que eſtava, chegáraõ ao Viſorey pouco mais, ou menos em dez de Agoſto, o que elle ſentio muito, e logo com toda a preſſa mandou chamar D. Diogo de Menezes, „ pera que „ foſſe ſoccorrer aquella fortaleza com „ duas galez, e que de caminho paſ„ ſaſſe por Onòr, e tomaſſe a Arma„ da que lá eſtava, e tanta preſſa deu em ſeu aviamento, que aos dezaſeis do dito mez de Agoſto ſahio pela barra fóra, elle na ſua galè, e Mathias de Albuquerque na outra, e huma manchua de ſerviço, e dando à vela foraõ navegando com tempos muitos rijos, e tempeſtuoſos, e em breves dias chegou ſobre a barra de Onòr onde ſurgio: ao outro foy ſahindo a Armada, e por a barra eſtar ſoberbiſſima, e a galè de Diogo de Azambuja naõ poder paſſar tornou pera dentro, e os navios de remo naõ deixàraõ de cometer a ſahida que foy taõ perigoſa, que no banco ſe perdèraõ tres fuſtas, que os mares, que eraõ groſſos, ſoçobràraõ, e Dom Luiz de Menezes, Appollinario de Val de Rama, e Antonio Fernãdes Malavar ſahiraõ fóra por grande

grande mercè de Deos com os navios alagados, e dando à vela chegàraõ a Cananòr, onde ſe proveraõ de algũas couſas, e ao ourro dia foy alli ter com elle Diogo de Azambuja na ſua galè, que ſahio daquella barra com o meſmo riſco, e trabalho que os navios. Com eſta Armada junta foy Dom Diogo ſurgir ſobre a barra de Chalè, e havendo tres, ou quatro dias que Dom Antonio ſe tinha levantado della, Dom Jorge de Caſtro tanto que vio a Armada, deſpedio huma peſſoa a nado com huma carta metida em hum pelouro de cera pera o Capitaõ mòr della, que naõ ſabia quem era, na qual „ lhe dava conta do perigo, em que „ eſtava, e que naõ havia jà que comer, „ pedindolhe da parte de Deos, e de El„ Rey o ſoccorreſſe com mantimentos, „ muniçoens, Cirurgiaõ, e Botica, que „ de tudo eſtava muito falto, mas que „ em nenhum caſo arriſcaſſe as galez, „ porque lhas haviaõ meter no fundo. Dom Diogo eſtimou muito eſte aviſo, e reſpondeo a Dom Jorge „ que ſe foſſe „ entretendo por alguns dias o melhor „ que pudeſſe, que elle chegava a Cò„ chim a buſcar mais Armada, e que lo„ go voltaria ao ſoccorrer em peſſoa por „ cima de todos os riſcos, que lhe repre„ ſentava, e logo ſe fez à vela pera Cò-chim, e defronte de Tanor encontrou Dom Antonio de Noronha na meſma nào com huma fuſta mais, em que hia por Capitaõ Dom Triſtaõ de Menezes, e vendo-ſe ambos, lhe diſſe Dom Diogo „ que ſe foſſe pôr ſobre Chalè, que lo„ go voltaria a ſe ver com elle pera ſoc„ correrem aquella fortaleza, e chegando a Còchim, ſe juntou com o Capitaõ em Camera, e lhe repreſentou „ a ne„ ceſſidade, em que ficava aquella forta„ leza, perſuadindo aos Vereadores que „ quizeſſem armar alguns navios pera „ tornarem a ſoccorrella; e como aquella Cidade, e as mais da India naõ he neceſſario mais que repreſentaremlhe a neceſſidade pera ſe empenharem, e acodirem a ella, aſſim eſta logo armou com muita brevidade oito navios muito bem petrechados, cheyos de muito boa ſoldadeſca, com que Dom Diogo ſe fez à vela levando treze navios, e tres galez, e ſurgindo na barra daquella fortaleza deſpedio de noite a ſua manchua de que andava por Capitaõ Luiz Fernandes, muito valente ſoldado com cartas a D. Jorge, o qual cometeo a entrada pela barra pequena, e como levava marinheiros Malavares que ſabiaõ aquellas entradas muito bem, o favoreceo Deos de feiçaõ, que chegou atè o pè da fortaleza, e de cima della donde o eſtavaõ vendo, lhe brádaraõ que bem podiaõ chegar mais perto, e eſtando à pratica acodiraõ por huma, e outra banda tanta quantidade de Mouros, e Naires, que tiveraõ tomada a manchua pelos remos, e lhe tomàraõ tres, ou quatro peſſoas, mas pelo eſforço de Luiz Fernandes naõ houve effeito, o que os Mouros pretendiaõ, porque ſe afaſtou pera fóra. No meſmo tempo mandou o Camori dar hũ aſſalto géral na fortaleza, encoſtando huns nella as eſcadas por muitas partes, e outros a picarem as muralhas pelo pè, ao que os noſſos acodiraõ com muito valor defendendo huma, e outra couſa, e o bom velho D. Jorge de oitenta annos armado com hũa eſpada na maõ correndo o muro, animando, e favorecendo os ſeus pera que pelejaſſe. Tudo ſe deſfazia às bombardadas, e ardia em chammas de fogo, e gritos, e alaridos, e tudo era huma confuzaõ, que metia medo; da noſſa Armada eſtavaõ vendo tudo com grande màgoa, e paixaõ de os naõ poderem ſoccorrer. O Luiz Fernandes foy-ſe ſahindo pera fóra muy perſeguido das fuſtas do Camori, e poſto que os marinheiros ſabiaõ muito bem aquellas barras, todavia com a oppreſſaõ em que ſe viraõ erràraõ o Canal, e encalháraõ ſobre huma pedra, no qual tempo o Luiz Fernandes chamou muito do coraçaõ pela Virgem noſſa Senhora do Roſario, e affirmaõ que no meſmo tempo lhe dera hum mar pela popa, que o lançou da outra banda da reſtinga, ficando livre dos perigos ambos o do

baixo,

baixo, e dos paròs que o perſeguiaõ.

Vendo-ſe Dom Jorge de Caſtro deſapreſado do combate, que os Mouros largàraõ já de noite, e que naõ pudera mandar aviſo a Dom Diogo pela manchua, o que o tinha muito penſativo, couſa que todos o enxergàraõ, o que viſto por dous ſoldados de ſua obrigaçaõ, ſe lhe offerecèraõ „pera hirem à „ Armada com o recado que quizeſſe, o que lhe Dom Jorge agradeceo muito, e logo lhe deu a cada hum ſeu eſcrito metido em pelouros de cera, em que Dom Jorge naõ dizia mais ſe naõ „ que „ lhe dèſſe credito: eſtes ſoldados, a quem deſejey ſaber os nomes, ſe deſcèraõ por huma corda à boca da noite, e ſe metèraõ entre humas pedras atè ſe recolherem as manchuas do Camori, que andavaõ pelo rio vigiando, e como viraõ tempo, lançàraõ-ſe a nado pela agua fóra, pera que os ouviſſem na Armada, ao que Dom Diogo mandou a manchua, e barquinhos a ſaber o que era, que logo lhe pareceo o que poderia ſer, e entrando eſtas embarcaçoens o rio, os topàraõ ambos, e os recolheraõ dentro, levando-os a Dom Diogo, e taõ mal tratados hiaõ, que por mais de huma hora de tempo naõ tornàraõ em ſi, e os mandou meter em baixo em huma camera, onde os meteraõ aquentando os, e veſtindo os atè tornarem em ſi, e delles ſoube o miſeravel eſtado em que eſtavaõ, aſſim de danificados das batarias, como debilitados das fómes, e viſtos os eſcritos, como naõ eraõ mais que pera credito, mandou chamar à ſua galè Dom Antonio de Noronha, e todos os Capitaens da Armada, e preſentes todos os ouvio, e lhe deraõ larga relaçaõ do cerco, e de como o Camori eſtava fortificado „ e que ſe os naõ ſoccorreſſem „ com gente, e mantimentos, naõ podiaõ al fazer ſe naõ entregarem-ſe „ todos aos imigos, porque contra a fóme naõ havia armas defenſivas, e que „ em huma marè podia entrar, e ſahirſe „ em outra, mas que naõ arriſcaſſe as „ galez, porque a artelharia era taõ „ baſta, que naõ poderiaõ eſcapar de ſe„ rem metidas no fundo; ſobre eſta relaçaõ pedio a todos que votaſſem „ no „ modo como haviaõ de ſoccorrer a „ fortaleza de ElRey, que no ſoccorrel„ la naõ havia que tratar, porque o ha„ viaõ de fazer, ainda que tudo ſe per„ deſſe. Praticado o caſo, foraõ os mais de parecer „ que ſe foſſe ſoccorrer a „ fortaleza nos navios ligeiros, e que „ as galez lhe foſſem dando guarda, e „ varejando a praya pera divertirem os „ imigos, e ſegurarem os navios ligeiros „ dos paròs do Camori, q̃ andavaõ pelo „ rio de dia, e de noite ſe recolhiaõ no „ rio de Caramandi, q̃ ſe mete no meſmo „ de Chalè, onde eſtavaõ com determi„ naçaõ de pelejarem cõ a noſſa Arma„ da, por aſſim lho ter mandado o Ca„ mori.

Aſſentado eſte negocio, mandou D. Diogo a Dom Antonio de Noronha que lhe chegaſſe o batel da ſua nào cheyo de mantimentos, e muniçoens, e que nelle foſſe o Cirurgiaõ, e caixa de Botica, e ordenou a Fernaõ de Mendoça ſeu ſobrinho pera ficar na fortaleza por Capitaõ da gente de guerra, e que ficaſſem com elle Thomè de Mello de Caſtro, e Dom Alvaro de Caſtro, com cada hum ſua Companhia de ſoldados, e outros ſoldados aventureiros, que queriaõ ficar naquelle cerco, os quaes ao diante nomearemos: pelos navios ligeiros mandou Dom Diogo repartir mais mantimentos, e muniçoens, e as bombardeiras que haviaõ de ficar na fortaleza; e eſtando tudo preſtes pera o outro dia de madrugada, que era entaõ conjunçaõ de meya marè cheya, cometer a entrada, dando a dianteira dos navios ligeiros a Antonio Fernandes Chalè, que nomeou por Capitaõ mòr de todos, ſuccedeo aquella noite hir Dom Alvaro de Caſtro à galè de Mathias de Albuquerque, com quem elle hia embarcado, e dizerlhe „ que os Capi„ taens hiaõ receoſos das galez naõ en„ trarem em ſua guarda, e lhes parecia „ que fora artificio aſſentarſe que foſ„ ſem

„ ſem ellas, e que ſe tal ſoſpeitava lho „ diſſeſſe como amigo, porque ſe paſſa„ ria a huma das fuſtas, porque cum„ priria a ſua honra meterſe naquella „ fortaleza, pois nella tinha ſua mulher. Mathias de Albuquerque ficou eſpantado daquelle negocio ſabendo elle o contrario, porque aquella ſoſpeita com que hiaõ baſtava pera ſe perderem todos, e metendo ſe na ſua bateira foy buſcar a Dom Diogo, e lhe deu conta do que paſſava, de que elle ficou ſobreſaltado. Era iſto em vinte e ſete de Setembro, e mandando logo chamar Dom Antonio de Noronha, e os Capitaens de toda a Armada, lhes fez a todos hũa breve pratica, na qual lhe propoz „ a neceſ„ ſidade, em que aquella fortaleza eſta„ va, e q̃ por nenhum caſo havia de dei„ xar de a ſoccorrer com todo o riſco q̃ „ foſſe, que elle eſtava informado que „ alguns dos Capitaens dos navios eſta„ vaõ receoſos de meterem aquelle ſoc„ corro por ſoſpeitarem lhe naõ haviaõ „ de dar as galez guarda, pelo que pe„ dia a todos que ſobre aquelle ponto „ votaſſem livremente, porque o que „ alli ſe aſſentaſſe, ſe havia de executar, e debatido o negocio votaraõ quaſi todos „ que ſe naõ arriſcaſſem as galez, „ e que os noſſos navios baſtavaõ pera „ lançarem aquelle ſoccorro na fortale„ za, ſe naõ quanto Mathias de Albuquerque, e Diogo de Azambuja acreſcentàraõ mais „ que ſe alguns Capi„ taens dos navios hiaõ pejados, ficaſ„ ſem por Capitaens das ſuas galez, e „ que elles ſe embarcariaõ nos ſeus na„ vios. Aſſentado em fim que as galez ſe naõ arriſcaſſem, mandou Dom Diogo deſemmaſtear os navios, e deixar os maſtos, e vergas abordo da nào pera hirem mais livres, e ligeiros, e ordenou que Fernaõ de Mendoça deſembarcaſſe logo em terra com cincoenta homens pera defender a deſembarcaçaõ dos mantimentos, e que Antonio Fernandes Chalè levaſſe a barcaça, e ſe encarregaſſe da deſembarcaçaõ della, e ordenou outras couſas q̃ lhe parecèraõ neceſſarias.

Eſtando preſtes pera entrarem na marè de pela manhãa que foy dia de S. Miguel, que foy em vinte e nove de Setembro, e ao tempo de quererem partir, foy tanta a agua que cahio do Ceo que parecia o ſegundo diluvio das aguas; o que viſto por Dom Diogo mandou ſobreſtar na entrada „ porque ficàraõ „ os navios, artelharia, e eſpingardaria „ tudo inhabilitado pera poder laborar, „ o que naõ era na dos imigos que eſtava „ tudodebaixo de ramadas enxutas, e q̃ „ faria ſeu emprego muito à ſua vontade „ q̃ paſſaria aquella furia, e ao outro dia „ fariaõ ſua jornada, e que parece que „ Deos noſſo Senhor queria q̃ elle com „ todas as galez, e fuſtas foſſem ſoccor„ rer aquella fortaleza, como havia de „ fazer, que pera iſſo ſe fizeſſem todos „ preſtes, porque na marè do outro dia „ havia de entrar, ordenando logo alli o modo como havia de ſer, que foy por eſta maneira. „ Diogo de Azambuja na „ ſua galè deſemmaſteada por ſer mais „ pequena, foſſe logo a poz dos navios „ de remo que haviaõ de hir diante com „ o batel dos provimentos, e que Ma„ thias de Albuquerque tambem deſem„ maſteado foſſe na retaguarda das ga„ lez, e que elle Capitaõ mòr foſſe no „ meyo, e com iſto ſe foraõ preparar, e deſemmaſtear, o que Dom Diogo naõ quiz que ſe fizeſſe à ſua galè, por reputaçaõ, e authoridade da bandeira de Chriſto que levava, e cada hum preparou a ſua galè, e encomendou os lugares mais perigoſos, poſto que todos o eraõ, a peſſoa de mayor confiança, animando os ſeus forçados, e prometendolhe perdoens de ſeus degredos, e alforrias aos cativos Chriſtãos.

Por Capitaõ mòr dos navios de remo todos, foy nomeado Antonio Fernandes Malavar, os mais Capitaens eraõ os ſeguintes; Dom Luiz de Menezes, Appollinario de Val de Rama, Jorge de Paiva, Joaõ Pereira, Joaõ Pinto, Antonio de Menezes, Gomes Carvalho, Sebaſtiaõ Fernandes, Pedro Rodrigues Malavar, Franciſco Fernandes, e

Luiz

Luiz Fernandes na manchua do Capitaõ mòr, dos mais naõ achey os nomes. Preſtes tudo ao outro dia que foy do grande Doutor S. Jeronymo cometèraõ a entrada na ordem que diſſe, hindo os paròs ladrando detraz delles, por verem ſe os podiaõ deſordenar, ou fazer dar com alguma galè ſobre o baixo, e tanto que os Mouros viraõ entrar a noſſa Armada, começàraõ a deſcarregar ſobre ella com aquella infernal furia de ſua artelharia, a q̃ naõ eſcapava couſa alguma, e por meyo daquellas trevoadas, e carrancas mortaes, chegàraõ atè a porta da fortaleza com todas as galez varadas de parte a parte como logo direy, e em deſcobrindo as janellas dos apoſentos do Capitaõ, vieraõ a ellas Dona Filippa ſobre as ſuas, e outras deſcabelladas com Crucifixos nas mãos pedindo miſericordia a Deos noſſo Senhor, pera que livraſſe a Armada daquella furia infernal. Dom Jorge de Caſtro tanto que vio a Armada jà perto, abrio a porta, e foy-ſe fóra com alguma gente, e mandou a Franciſco de Souſa Pereira que com hum guiaõ de vinte e cinco homens Portuguezes, e quinze Chriſtãos „ dèſſe nos vallos dos imigos da „ banda do Norte onde havia de ſer a „ principal deſembarcaçaõ dos noſſos „ pera os favorecer, o que Franciſco de Souſa Pereira fez com tanto eſforço, e impeto que lhes ganhou os vallos depois de ter com elles huma aſpera batalha, ajudando-ſe nella de muitas panellas de polvora com que matou, e abrazou mais de quatrocentos, ainda que a certidaõ que diſto tem Franciſco de Souſa Pereira, a qual eſtà em meu poder, diz que foraõ ſeiſcentos, em que entràraõ cento e ſeſſenta Paniaens, e cento dos outros que ſaõ Capitaens, e peſſoas principaes da caſa do Camori, de maneira que quando Antonio Fernandes Malavar, e os mais navios chegàraõ, achàraõ aquella parte deſempedida, com o que tiveraõ tempo de deſembarcarem os mantimentos, e muniçoens que levavaõ, e chegou a galè de Diogo de Azambuja taõ perto de terra que muitos Mouros lhe ferràraõ dos remos metendo-ſe por a agua, o batel ficou encalhado à porta do baluarte por naõ poder paſſar mais adiante com as bombardadas, e alli ſahiraõ os ſervidores da fortaleza a recolher o que levava, onde acodiraõ tantos Mouros, e taõ ſofregos que ſe metiaõ dentro no batel com os noſſos, e os ſacos de arroz que ſe tiravaõ, remetiaõ elles aos tomar, ſobre o que houve grandes brigas, e muitas cutilladas entre os noſſos, e elles, e ao deſembarcar do caixaõ da botica cuidando os Mouros que era dinheiro, carregàraõ ſobre elle tantos que o levàraõ nos ares ſem os noſſos o poderem defender, e como hiaõ com aquella cubiça de cuidarem que levavaõ muito ouro, foraõ-ſe tantos apoz elle, que tiveraõ os noſſos tempo de recolherem os noſſos mantimentos, de que ſe refundiraõ muitos ao entrar da fortaleza, e de entrarem nella os que haviaõ de ficar, que foraõ Fernaõ de Mendoça, Dom Alvaro de Caſtro, Roque de Mello, que depois foy Capitaõ de Malaca, Thomè de Mello de Caſtro, Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, e Mathias Pereira de Sampayo ſeu irmaõ, os mayores, e mais fermoſos dous Fidalgos que havia na India, e grandes cavalleiros, e Jeronymo de Lima, hum foaõ Carraſco, e outros a que tambem naõ achey os nomes: e Antonio Fernandes de Chalè tambem teve tempo de tirar ſua mulher que eſtava na fortaleza, e embarcalla no ſeu navio, o q̃ tudo ſe pode fazer em quanto os Mouros eſtiveraõ com a caixa da botica às voltas, que tambem aqui aproveitàraõ as ſuas meſinhas aos noſſos, e lhe deraõ vida aquelles dias atè que deſenganando-ſe os Mouros abrindo o caixaõ em lugar do ouro que eſperavaõ ſe achàraõ com panellas de unguentos, e outras couſas deſta ſorte. Vendo o Capitaõ mòr que os provimentos eſtavaõ recolhidos, os quaes tinha orçados pera trinta e cinco dias fez final a voltarem pera fóra, por repontar já a marè, e

porque lhe cuſtavaõ muitas mortes os momentos que alli eſtavaõ, e aſſim ſe voltàraõ com o meſmo riſco, e perigo, porq̃ a artelharia nunca deixou de fazer ſeu emprego, e de paſſarem os pelouros as galez por muitas partes de banda a banda, o que acodiaõ a remediar com couros. Na galè do Capitaõ mòr ſe matàraõ vinte peſſoas, na de Diogo de Azambuja onze, na de Mathias de Albuquerque nove, por hir muito empaveſada.

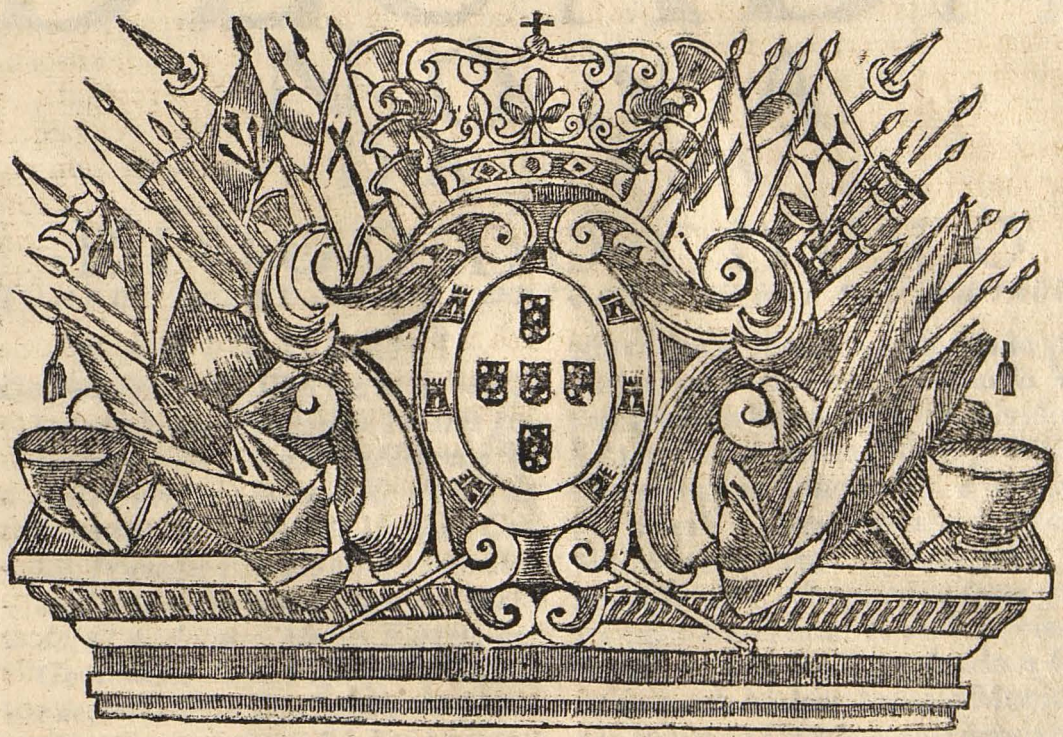
Acontecèraõ neſta entrada, e ſahida milagres muito evidentes: a Antonio Fernandes de Chalè deraõ algumas bombardadas por diverſas partes do corpo ſem lhe fazerem mal algum, mas deulhe huma pelo payol onde levava ſua mulher que lha matou, porque naõ ha fugir ao que Deos tem ordenado: a Joaõ Pereira lhe deu hum pelouro de camelete atraveſſado por baixo do ventre que lhe levou a ponta do embigo ſem lhe fazer outro dano:a Diogo de Azambuja deu hum pelouro de eſpera na coxa direita por cima do joelho ſem lhe fazer mais dano que huma nodoa preta: a Bartholomeu de Lemos que hia na galè do Capitaõ mòr lhe deu outro pelouro de camelete nos peitos que lhe naõ fez mais que huma nodoa vermelha, e lhe cahio aos pès fazendolhe a eſpingarda em pedaços: a hum ſoldado a quem deſejey ſaber o nome lhe levou huma bala huma perna, e quando o eſtavaõ curando, e cerrandolhe a perna perguntava ſe eſtava a fortaleza ſoccorrida, porque lhe deraõ a entrada, e dizendolhe que ſim, reſpondeo com grande esforço „ já „ que a fortaleza de ElRey eſtà ſegura, „ morra eu muito embora que pouco „ vay na minha vida, e naõ quero mais „ honrada morte; quanto he mais digno de louvor eſte ſoldado, que aquelle grande Marco Romano ao qual mandandolhe os Medicos cortar hum braço, porq̃ tinha herpes nelle, reſpondeo que em nenhum modo tal havia de cõſentir, porque naõ tinha a vida em tanta eſtimaçaõ, nem achava que era tanto pera cubiçar, que por ella ſe padeceſſem tamanhas dores, e aſſim morreo; e com quanta mais razaõ ſe pudera conſolar a mãy deſte noſſo ſoldado, do que o fez a daquelle Traſidas, Capitaõ dos Lacedemonios, o qual morreo na batalha em q̃ levou aos Gregos de Trazia, e dando eſta nova a ſua mãy ſem ſe turbar, perguntou ſe morrera ſeu filho esforçadamente pelejando,e dizendolhe que ſim; reſpondeo com animo mais que varonil, eſſa conſolaçaõ me ficarà de ſua morte, a eſta mulher chama Plutarco Argelona, e outros Archelionada.

Tornando a continuar com as couſas que deixey,hum pelouro de hum camello de marca mayor deu a hum ſoldado chamado Andrè de Barros, e o tomou por huma coixa em que lhe naõ ficou mais que huma nodoa vermelha, e o pelouro lhe cahio aos pès. Na galè de Mathias de Albuquerque deu hum pelouro de huma eſpera, que paſſou o coſtado de huma banda, e foy ſe meter em hum caixaõ de polvora no payol, ſem tomar fogo, levava tambem eſte Capitaõ a ſua galè toda embandeirada de bandeiras que ſe coſtumaõ dar nos Armazens o que jà hoje naõ ha, as quaes eraõ quadradas de tres palmos de quadro de pano de algodaõ branco com a Cruz de Chriſto de pano vermelho, as quaes aſſim ao entrar, como ao ſahir deraõ em cada bandeira a quatro, e a cinco eſpingardadas, ſem nenhuma tocar na Cruz, e em huma deu huma bala de artelharia que levou o branco por todas as partes, ficando a Cruz vermelha toda inteyra ſem lezaõ alguma, couſa milagroſa, porque naõ ſey ſe com a maõ ſe pudera cortar tanto ao juſto ſem tocar hum fio no pano vermelho da Cruz: na galè do Capitaõ mòr deu huma bala que levou oito forçados todos pelas pernas, na galè de Mathias de Albuquerque deu outra bala por huma bancada, que levou quatro forçados Mouros pela cinta, e hum ſó Chriſtaõ que eſtava no meyo delles por ſe abaixar neſte meſmo tempo a fazer ſeus feitos não lhe fez

mais

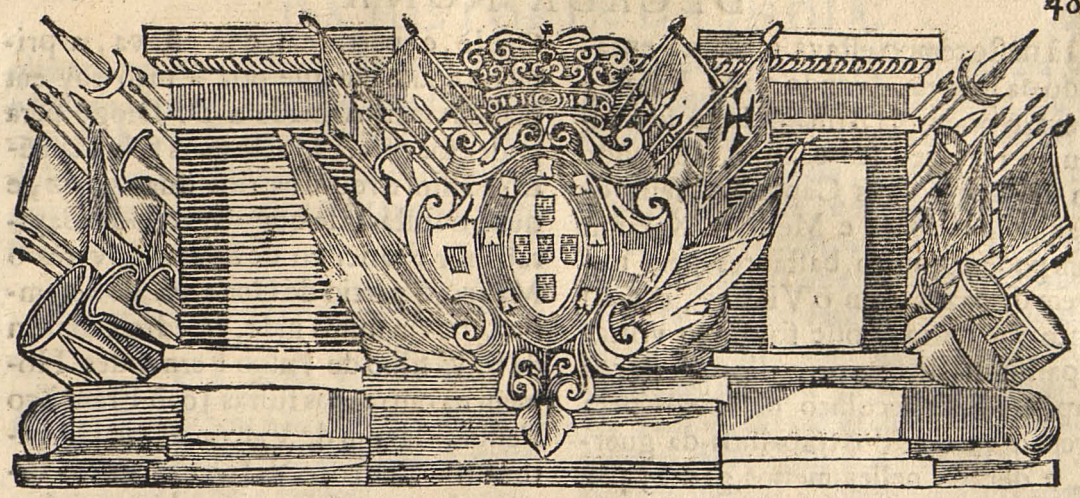
mais que roçarlhe os cabellos da cabeça: em conclúzaõ na galè deſte Capitaõ deraõ aſſim à entrada, como à ſahida vinte e ſete bombardadas, que a paſſáraõ de parte a parte, e primeiro que Dom Diogo ſe foſſe da barra pera hir a Goa buſcar mais ſoccorro, teve huma carta de Dom Jorge de Caſtro por hum homem da terra, que lha levou a nado, na qual lhe dizia „ que fizera orçamento do arroz que recolhera, e que naõ „ achàra mantimento pera mais de quin„ze dias a mea medida cada peſſoa, en„carecendolhe niſto tornallo a prover „ dentro neſte tempo, com o que ſe fez à vela pera Goa, e D. Antonio de Noronha pera Còchim, onde o deixaremos hum pouco, por continuarmos com o Viſorey novo, que neſte tempo chegòu à barra de Goa.

FIM DA OYTAVA DECADA.



FIM DA OYTAVA DECADA.





DECADA NONA DA ASIA

POR

DIOGO DO COUTO

GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO DO ESTADO DA INDIA.

CAPITULO I.

Da ſeparaçaõ que ElRey fez de todo o Eſtado da India, dividindo o em tres governos; Dom Antonio de Noronha foy eleito Viſorey da India deſde o Cabo de Guardafú do Eſtreito de Meca atè Ceilaõ: Franciſco Barreto por Governador do Cabo das Correntes atè o de Guardafú; e Antonio Moniz Barreto por Governador des de Pegù, atè a China; e de como chegou D. Antonio de Noronha a Goa, e eſtado em q̃ achou a guerra.

COMO ElRey tinha ordenado que a Governança da India foſſe triennal, e Dom Luiz de Ataide que nella eſtava, compria o ſeu triennio, ordenou ElRey Ð. Sebaſtiaõ de prover a India de novo Viſorey: e porque o Imperio Oriental eſtava muy dilatado, e eſpalhado por climas muy remotos, a que hum ſó Viſorey naõ podia acodir, quiz dividir o Eſtado em tres partes, como jà ElRey ſeu avó fez no anno de 51. e declarou ſua tençaõ a Dom Antonio de Noronha, que elegeo por Viſorey neſte Janeiro de 1571. e lhe mandou fazer preſtes cinco nàos, como ſe verà na primeira parte do meu Epilogo, hindo o Governador de Malaca Antonio Moniz na nào Belem na ſua companhia debaixo de ſua bandeira atè chegar à India, a qual Armada teve taõ boa viagem, que todas as nàos juntas em ſeis de Setembro deſte anno em que andamos, chegàraõ à barra de Goa, eſtando o Viſorey Dom Luiz de Ataide no paſſo de Santiago continuando com a guerra, o qual tanto que ſoube de ſua chegada ſe partio pera Goa, deixando todos os Capitaens nos paſſos, e Armadas nos rios, e fez logo entrega do Eſtado ao Viſorey, e ſe foy pera Pangi, ou pera os Reys Magos.

Jà

Jà neſte tempo eſtava o Idalxà enfadado da guerra, e vendo novo Viſorey com taõ poderoſa Armada logo ſe afaſtou, e recolheo ſeu campo, deixando em ſeu lugar dous Capitaens ſeus de grande confiança, e Melique Xaramir com poderes muito baſtantes pera tratarem de pazes com o Viſorey, o qual tanto que tomou poſſe foy logo viſitar os paſſos da Ilha, e provellos de novos Capitaens, e recolheo os outros pera hirem deſcançar dos trabalhos da guerra, e deixou nelles menos gente, por ſaber ſer o Idalxà jà recolhido, e pela meſma maneira viſitou os Armazens das muniçoens, e mantimentos, e porque em Goa jà naõ havia arroz, nem trigo, ſe naõ o que havia nos Armazens, dos quaes o Viſorey Dom Luiz de Ataide em todo eſte tempo de inverno ſuſtentou todo o povo, vendendolhos em preços moderados, pelo que ſe gaſtou tanta quantidade, que valia o candil de trigo a oitenta xerafins, que ſaõ mais de vinte mil reis, e o candil de arroz a vinte e cinco, e a trinta, e o que era, e eſtava nos Armazens, era jà muito pouco, e de fóra naõ podiaõ vir mantimentos ſe naõ no fim do veraõ, e querendo pôr muito cobro naquelles que havia, me mandou chamar, porque tinha vindo com elle na ſua nào bem deſpachado, e me encarregou daquelle Armazem com muitas mercès, e ventagens, dizendo-me publicamente „ que ſó delle, e de „ mim fiava aquelle negocio pela neceſ„ ſidade que de tudo havia; e por fóra em toda a Cidade naõ havia hum graõ de trigo, nem quem comeſſe paõ, ſe naõ algumas peſſoas ricas, que o puderaõ guardar, e chegou o negocio a tanto extremo, que me mandou o Viſorey chamar, e na ſua camera muito em ſegredo me pedio empreſtadas dez mãos de trigo pera ſeu comer, e que de noite ſem ſe ver o entregaſſe a huma peſſoa ſua de recado. Deixemos agora iſto neſte eſtado por continuarmos com D. Diogo de Menezes, que deixàmos partido de Chalè.

Informado o Viſorey das couſas de Chalè, e aperto em que eſtava, a primeira couſa em que poz a maõ foy em mandar mais Armada a D. Diogo pera poder ſoccorrer Chalè mais folgadamẽte; e aſſim tirou dos rios duas galez, e quatro fuſtas, de que elegeo por Capitaõ mòr Franciſco de Souſa Tavares o Manco, q̃ partio de Goa a 27. de Setembro, elle em huma galè, e Pedro Homem da Silva filho de Vaſco Fernandes Homem na outra; nas fuſtas Joaõ Franciſco Peſſoa, Martim de Vaſconcellos, D. Antonio de Caſtro, e Vaſco Fernandes Pimentel, e em ſua companhia mandou huũ galeaõ, de que hia por Capitaõ Pedralves de Faria com muitos mantimentos, que lhe eu dey dos que havia, muitas muniçoẽs, e outras couſas neceſſarias. Partida eſta Armada entrou o Viſorey no apercebimento de outra pera tornar a mandar a Dom Diogo, pera que por falta de diligencia, e ſoccorro naõ pereceſſe aquella fortaleza, a qual conſtava de outras duas galez, e mais tres fuſtas, em que mandou embarcar duzentos e quarenta homens, nas galez Dom Fernando Capitaõ mòr hia em huma, e Martim Affonſo de Mello o Pombeiro em outra, nas fuſtas Franciſco da Silva de Menezes que viera aquelle anno do Reino, Pedro Furtado de Mendoça, e Gaſpar de Sà, cuido que era filho de Gaſpar Fernandes de Ribafria Porteiro da Camera de ElRey Dom Joaõ; em quanto eſta Armada ſe faz preſtes continuaremos com D. Diogo de Menezes.

Partido Dom Diogo de Menezes de Chalè foy ſeguindo ſeu caminho pera Goa à mòr preſſa que pode, e no caminho encontrou Franciſco de Souſa Tavares que com ſua Armada hia em buſca delle; e vendo que naõ era entaõ neceſſario, porque havia de voltar, o deixou na coſta do Canarà pera recolher as cafilas de mantimentos, e levallas a Goa, onde Dom Diogo chegou dahi a dous dias, eſtando jà D. Fernando de Monroy preſtes pera ſe partir em buſca delle, pelo que o Viſorey o deſpedio com a Armada que tinha pera o Norte, porque

que era neceſſario acodir àquella coſta, e levar a Goa as cafilas de mantimentos que là houveſſe pela neceſſidade que delles havia, e Dom Diogo ſe ficou negociando pera tornar a voltar com novo ſoccorro a Chalè.

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo em Chalè depois de Dom Diogo a ſoccorrer, e de como ſe entregou a fortaleza a partido.

SAhido Dom Diogo de Menezes de Chalè, bem entendeo o Camori que havia de voltar com mayor poder pera ſoccorrer aquella fortaleza, pelo que determinou de a apertar de feiçaõ, que ou a tomaſſe por força, ou ſe lhe entregaſſe por vontade, que jà tomàra iſto por opiniaõ, e aſſim foy continuando com a bataria com mayor furia, e importunaçaõ por quebrantar os noſſos que ſe defendiaõ o melhor que ſer podia, mas como os mantimentos que lhe metèraõ, ou q̃ elles recolhèraõ, foraõ os q̃ jà diſſe atraz que eraõ pera quinze dias a mea medida de arroz por dia a cada peſſoa, porq̃ no recolher houve tanta deſordem que ſe refundio quaſi ametade, começàraõ aos oito, ou dez dias a faltar mantimentos, e foy neceſſario a Dom Jorge a deſpejar a fortaleza de muita gente inutil que nella havia, e aſſim lançou fóra mais de quarenta peſſoas que ſe foraõ fazer alguns delles Mouros, e os outros matàraõ os imigos, e alguns morrèraõ de enfermidades, e nem com eſte deſpejo deixou de haver grandes neceſſidades, e chegàraõ os homens a tanto extremo que antes ſe queriaõ entregar aos imigos, que morrerem aſſim naquella deſconſolaçaõ, e a mim me diſſe Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, que era hum dos Fidalgos que jà diſſe que entràraõ dentro, que eſtando hũ dia em huma bombardeira jà quaſi deſeſperado vira em baixo hum caõ, e deitandolhe de cima huma pedra grande ſobre elle o matàra, e ſe deitára por huma corda abaixo ajudado de ſeu irmaõ, e fora recolher o caõ a riſco de os Mouros o matarem, do qual ambos comeraõ dous dias, e chegáraõ em fim a tal extremo q̃ compadecendo-ſe delles o Rey de Tanor que era muito noſſo amigo, e tambem chamava a D. Jorge pay, mandou tratar com elle „ de ſe entre- „ garem a elle que os tomaria ſobre ſi, „ e que largaſſe a fortaleza ao Camori, e devia de ſer iſto por induſtria, e ordem do meſmo Camori: alguns dizem que Dom Jorge ſe fora de noite ver com grande ſegredo com o Camori, porque na verdade eraõ muito amigos. Eſtas praticas, e recados do Rey de Tanor poz o Capitaõ em conſelho dos Fidalgos, e gente principal naõ lhe propondo mais „ que o eſtado em que ſe „ elles viaõ, e que conforme a elle vo- „ taſſem livremente o que lhe pareceſſe, de que mandou fazer hum termo pera ſe tomarem os votos por eſcrito em que ſe elles haviaõ de aſſinar, em fim debatido o negocio os mais votáraõ „ que ſe „ deviaõ entregar ao Rey de Tanor „ que era muito amigo dos Portugue- „ zes, o qual ſegurava as peſſoas de to- „ dos, porque do mal ſempre ſe havia „ de eſcolher o menor, e que no mundo „ naõ era couſa nova entregarem-ſe di- „ ferentes fortalezas a partidos com me- „ nos razoens das que elles tinhaõ. Verdade ſeja que as mulheres como taõ fracas, e mimozas, e ſofriaõ mal a fóme, e os riſcos da vida, apertáraõ eſte negocio rijamente; e Dom Jorge que era muito ſogeito a Dona Filippa ſua mulher trabalhou por lhe fazer a vontade, que eſta ſó culpa teve o pobre velho. Feito o termo, os que foraõ de parecer que ſe entregaſſem ao Rey de Tanor, aſſináraõ nelle, outros que foraõ de contraria opiniaõ naõ quizeraõ aſſinar por nenhum caſo, e eu vi huma certidaõ que paſſou Vaſco Fernandes Pimentel a Franciſco de Souſa Pereira que fez aquella entrada que diſſe em Chalè em q̃ dizia „ que naõ aſſinàra na entrega da

„ forta-

„ fortaleza, antes elle, e os do contrario „ bando a reclamàraõ muitas vezes. Concluhida a entrega deu-ſe recado ao Rey de Tanor que fez com o Camori que afaſtaſſe ſeu campo, e ſahindo-ſe todos, e o pobre velho Dom Jorge com a mulher pela maõ derramando grande copia de lagrymas por ſuas venerandas cans, e o meſmo as mulheres, em todos os mais naõ faltou ſentimento mas conſolavaõ ſe com verem que pera ſalvarem as vidas lhes fora aſſim neceſſario fazerſe eſta entrega, que foy a primeira que ſe fez na India aos quatro dias do mez de Novembro deſte anno de 1571. em que andamos. O Rey de Tanor levou toda eſta gente pera a ſua Cidade aonde a teve atè chegar D. Diogo de Menezes como logo diremos, e o Camori tomou logo entrega da fortaleza cõ toda a ſua artelharia, e mandou arrazar por terra a fortaleza ſem diſſo ſe tomar nunca ſatisfaçaõ, antes lhe fizeraõ pazes livremente ſem obrigaçaõ de tornar a entregar a fortaleza, ou lugar pera ella no meſmo ſitio, mas houve muitos Capitaens de parecer „ que por credito do „ Eſtado naõ convinha tornarſe a le- „ vantar fortaleza ſobre as ruinas da „ noſſa que jà alli eſteve, e por eſta razaõ, quando em tempo do Viſorey D. Duarte de Menezes (como ao diante com o favor de Deos diremos) concedia fazerſe huma fortaleza em qualquer de ſeus portos que quizeſſem, pareceo bem fazerſe no rio de Penanè, como fez, que tambem ſe largou pelos reſpeitos que ao diante diremos.

CAPITULO III.

Da Armada com que Dom Diogo de Menezes partio de Goa, e do que fez depois de achar novas que a fortaleza eſtava entregue.

CHegou D. Diogo a Goa em doze de Outubro, e deu relaçaõ ao Viſorey Dom Antonio de Noronha „ do „ eſtado em que eſtava a fortaleza de „ Chalè, e que era neceſſario ſoccor- „ rella, porque lhe naõ puderaõ meter „ mantimento pera mais que trinta e „ cinco dias, e que Dom Jorge de Caſ- „ tro lhe eſcreveo tambem o riſco em „ que ficava ao Viſorey, dandolhe con- „ ta que do mantimento que Dom Dio- „ go deixàra à porta da fortaleza ſe naõ „ recolhera nem ametade, porque par- „ te levàraõ os Mouros, e parte ſe re- „ fundio ao meter na fortaleza, pedindo „ com o mayor encarecimento que po- „ de o mandaſſe ſoccorrer, ſe naõ que „ correria aquella fortaleza o riſco que „ correſſe, com o que logo o Viſorey ſe foy pôr na ribeira das Armadas, e mandou dar muita preſſa a todos os navios, e galez que havia pera poderem hir naquella jornada, e aſſim pagou à ſoldadeſca que havia de hir naquelle ſoccorro, e foy em peſſoa correr os Armazens dos mantimentos, e muniçoens, andando muito enfermo de tericia que parecia hum homem morto, e com tudo da ſua parte fez tudo o q̃ hum muito ſaõ, e bem diſpoſto Viſorey pudera fazer, e deu a Dom Diogo de Menezes toda a preſſa que pode pera que logo ſe partiſſe, e lembrame, que eſtando o Viſorey no Armazem da polvora me mandou chamar por eu ter o dos mantimentos a meu cargo, e me diſſe „ que do trigo „ que tiveſſe mandaſſe fazer muito biſ- „ couto pera aquella jornada, e eſtan- „ do-me encomendando iſto, entrou D. „ Diogo de Menezes, e o Viſorey ſem „ ſe levantar ſe deſcompoz, dizendolhe „ que ſe embarcaſſe logo, e que foſſe „ ſoccorrer a fortaleza de ElRey, ao „ que Dom Diogo reſpondeo que elle „ eſtava preſtes pera tanto que lhe dèſ- „ ſem mantimentos; por mantimentos „ eſperais? Logo ſe vos daraõ, lhe tor- „ nou o Viſorey, logo ſe vos daràõ, mas „ quando os naõ houver hide Senhor „ comendo os remos da voſſa galè, e „ hide-vos, que deſta maneira ſe ſoc- „ correm as fortalezas que eſtaõ no riſ- „ co em que aquella fica; Dom Diogo

que

que o vio apaixonado, lhe reſpondeo que logo ſe hia embarcar; e aſſim ſe foy à ribeira das Armadas a mandar lançar os navios ao mar, e concertar as galez dos danificamentos que tiveraõ na entrada de Chalè, e por muita preſſa que ſe deu, naõ pode ſahir de Goa ſe naõ aos quatro de Novembro, parecendo-lhe que atè chegar a Chalè poderia haver mantimentos pera ſe ſuſtentarem, como pudera haver, ſe tiveſſe nelles ordem, e regimento, que tudo faltou, porque como D. Jorge era de oitenta annos, ſua mulher governava tudo, e ſuas criadas, e negras gaſtavaõ largo, porque lhe dava de tudo aſſim como lhe importava, e a mim me contàraõ algumas peſſoas que ſe acháraõ no cerco, que hum dia antes que ſe entregaſſem, mandàra huma eſcrava de Dona Filippa huma gallinha em bringe a hum ſoldado com quem andava, e onde havia eſta gallinha, e eſte arroz havia de haver mais, porque ninguem dà o de que precizamente neceſſita pera viver, e naõ podia eſgotar por alli tudo: em fim em todas as partes houve deſcuidos pera eſta fortaleza ſe vir a perder, e o de todos pagou ſó o pobre velho Dom Jorge como ao diante veremos.

Sahio Dom Diogo de Menezes de Goa como hia dizendo em quatro de Novembro com quatro galez, de que afóra elle eraõ Capitaens, Mathias de Albuquerque, Dom Antonio de Menezes o Cantanhede, e Diogo de Azambuja: levou mais trinta fuſtas, cujos Capitaens foraõ os ſeguintes. Dom Lourenço de Almeida, Dom Joaõ de Souſa, Dom Antonio de Souſa, Dom Luiz de Menezes, Dom Manoel Pereira, filho de Dom Antonio Pereira, Dom Antonio de Caſtro, D. Diogo de Caſtro, D. Pedro Coutinho, Gaſpar de Brito, Fráciſco de Miranda o Velho, Manoel de Miranda, Vaſco Fernandes Pimentel, Pedro de Anhaya, Fernaõ de Albuquerque, Pedro Gomes da Silva, Ruy Pereira, Franciſco Peſſoa, Manoel Fernandes de Manàs, Henrique Barboza da Silva, Lopo Pereira, Antonio Fernandes Malavar, Martim de Vaſconcellos, Mattheus Delgado Feitor da Armada, e Chriſtovaõ do Amaral Capitaõ de huma barcaça. Com toda eſta Armada em q̃ hiriaõ couſa de mil e quinhentos ſoldados ſe fez à vela com muita preſſa, ſem ſe deter em parte alguma, e chegando a Cananòr ſoube como a fortaleza de Chalè ſe entregàra a partido no meſmo dia que elle ſahio de Goa, o que ſentio em extremo, e apreſſando-ſe chegou a Tanor, onde ſurgio, e mandou grandes agradecimentos àquelle Rey „ do favor, e ami-„ zade que uſára com os noſſos Portu-„ guezes, e no recolhimento que lhe fi-„ zera, e mandou recado a D. Jorge, e a „ todos que ſe embarcaſſem na Armada „ pera os levar a Còchim, o que elles logo fizeraõ, mandando a Mathias de Albuquerque „ que recolheſſe na ſua galè „ a Dom Jorge, e a ſua mulher Dona „ Filippa, e a gente de ſua caſa, e os „ Religioſos de S. Domingos que là „ reſidiaõ, que recolhèraõ conſigo os ornamentos, e couſas ſagradas, e recolheo perto de duzentas peſſoas, e os Fidalgos, e mais gente ſe repartiraõ pela Armada, e ao ſegundo dia em q̃ partiraõ chegàraõ a Cóchim, donde deſpedio Duarte de Albuqnerque por Capitaõ mòr do Cabo Camori com a ſua galè, e nove navios pera recolher as cafilas dos mantimentos daquellas partes, e as levar a Goa, e o Capitaõ mòr ficou correndo a coſta do Malavar, e ao diante daremos razaõ do que a hum, e outro ſuccedeo.

Partido Dom Diogo de Menezes pera o Malavar logo o Viſorey deſpedio Dom Fernando de Monroy com a ſua Armada, que jà eſtava provido de tudo pera que foſſe pela coſta do Norte recolher a cafila dos mantimentos, e mandou que o Feitor de Baçaim lhe compraſſe todo o arroz que achaſſe pera os Armazens de Goa, e o dito Dom Fernando partio de Goa em dezaſeis de Outubro deſte anno de ſetenta e hum,

com

com o qual tambem depois continuaremos.

Partido Dom Fernando de Monroy de Goa, logo o Viſorey fez partir a Nuno Alvares Carneiro, que acabou de ſer Secretario, a Ormuz em huma nào por Veador da fazenda pera mandar de là todo o trigo que pudeſſe, porque o Reino de Cambaya, donde coſtumava vir, andava revolto em guerras, das quaes logo darey razaõ, e juntamente deſpedio Franciſco de Souſa Tavares pera a meſma coſta do Canarà donde tinha vindo, e levou duas galez, huma em que elle hia, e na outra Chriſtovaõ Zuzarte, e duas fuſtas em que foraõ Joaõ Barriga Simoens, e Pedro Zuzarte, na qual coſta andou atè Abril, em que recolheo duas cafilas de mantimentos, com que a Cidade de Goa começou a levantar cabeça: neſta companhia foy Ruy Gonçalves da Camera entrar na Capitania de Barcelor, de que eſtava provido.

Partidas eſtas Armadas, tratou o Viſorey o negocio das pazes, ſobre que os Vereadores lhe fizeraõ lembrança pela grande falta que havia de tudo; e porque tambem apertavaõ por ellas os Procuradores do Idalxà, que eſtavaõ da outra banda, e fazendo o Viſorey ſobre eſte particular algumas juntas de Fidalgos, e Capitaens, aſſentàraõ todos „ que era juſto concederem-ſelhe as pa„ zes com condiçoens honroſas ao Eſta„ do, com a qual reſoluçaõ ſe mandou recado a Mojatecaõ Governador géral dos Reinos do Idalxà „ pera que man„ daſſe Procuradores com Procuraçoens „ baſtantes, que lhe deixou ElRey, e os „ poderes que lhe ficàraõ pera poder „ aſſentar as pazes com o Eſtado, o qual logo mandou tudo por Melique Xamir, e Xamerado, que foraõ em Goa bem recebidos, e agaſalhados, e fazendo o Viſorey conſelho géral, foraõ nelle eſtes homens ouvidos, e moſtráraõ as Procuraçoens, que traziaõ do Noradecaõ, e os poderes que o Idalxá lhe deixou, os quaes houveraõ por authenticos, pelo que aſſentàraõ „ que os Procuradores „ do Idalxá fizeſſem apontamentos do „ que pediaõ, e que o Capitaõ da Cida„ de, Vèdores da fazenda, e outros ad„ juntos fizeſſem outros por parte do „ Eſtado, e apreſentados huns, e outros „ em conſelho, e praticados os pontos „ delles muito devagar, ſe concluhiriaõ „ as pazes com eſtas condiçoens, o que tudo ſuccedeo em treze de Dezembro de 1571.

CAPITULO IV.

Do que promettèraõ os Procuradores do Idalxà.

„ PRimeiramente que as terras de „ Salſete, e Bardes, que eraõ de El„ Rey de Portugal, de que o Eſtado da „ India eſtava de poſſe, ficariaõ ao Eſ„ tado; aſſim, e da maneira que as poſ„ ſuhia atè vir recado de Portugal do „ que niſſo ſe faria; e quando naõ vieſ„ ſe repoſta, ſeria obrigado o Idalxà a „ mandar ao Reino ſeu Embaixador, a „ quem o Viſorey daria pera iſſo livre „ paſſagem.

„ Que aſſim aos mercadores da ribeira, „ como aos mais Contratadores da Cida„ de de Goa, q̃ foſſem às terras do Idalxà „ comprar madeira, taboado, carnes, mã„ timentos, e outras quaeſquer couſas, lhe „ naõ levariaõ mais direitos dos q̃ eſta„ vaõ em coſtume antigo, e lhe naõ fa„ riaõ nenhuns deſaguiſados, e q̃ ſe paſ„ fariaõ pera iſſo Chapas do Idalxà pera „ os Tanadares, e Capitaens de ſuas „ terras.

„ Que todos os Portuguezes, que de „ Goa foſſem fogidos, ou de outra qual„ quer maneira pera as terras do Idalxà, „ que nem elles, nem ſeus Capitaens os „ recolheriaõ, nem lhes dariaõ lugar, „ nem muxàra, antes os lançariaõ fóra, „ pera que ſe tornaſſem pera noſſas for„ talezas.

„ Que vindo quaeſquer Armadas de „ imigos ſobre nòs aſſim por mar, como „ por terra, que o dito Idalxá, e ſeus „ Ca-

„ Capitaens as naõ recolheriaõ, nem „ lhe dariaõ lugar, nem muxàra, e „ os lançariaõ de ſuas terras, como a „ ſeus proprios imigos, e neſſa conta os „ teriaõ, e os perſeguiriaõ atè ſe ſahirem „ de ſeus portos.

„ Que os marinheiros que foſſem ne„ ceſſarios pera as Armadas de ElRey „ noſſo Senhor, e pera os navios, e nàos „ dos Portuguezes, naõ lhe ſeriaõ to„ lhidos, e os naõ impediriaõ a paſſar „ pera as noſſas terras das do Idalxà, „ como ſempre fizeraõ.

„ Que havendo algumas brigas, ou „ contendas entre alguns Laſcarins „ Mouros, e os Portuguezes, ou eſtes „ com os ſeus Laſcarins, que nem por „ iſſo ſeria quebrada eſta amiſade, e „ contrato, e que os aggreſſores ſeriaõ „ caſtigados de huma, e outra parte.

„ Que todos os eſcravos, e eſcravas „ dos moradores de Goa que fogiſſem, „ e foſſem ter às mãos do Capitaõ de „ Pondà, e ſeus Tanadares, ſeriaõ „ obrigados a tornallos a ſeus donos, „ ſalvo fazendo-ſe Mouros, porque em „ tal caſo ſeriaõ vendidos, e o dinhei„ ro delles ſe daria a ſeus donos, e po„ rèm por quanto os Cafres, e nobres „ eraõ eſcravos de preço, e em Pondà „ naõ haveria quem os compraſſe como „ elles valem, que ao menos ſe daria por „ cada hum vinte pardaos de ouro, tor„ nando-ſe Mouros, e iſto ſe faria de „ ambas as partes, e da noſſa os que ſe „ tornaſſem Chriſtãos ſe faria o meſmo, „ que aos noſſos, e outras couſas que naõ ſaõ de tanta ſubſtancia, e deixo por naõ enfadar.

CAPITULO V.

Do que o Viſorey prometteo.

„ QUe teriaõ Feitor em Dabùl, que „ naõ aggravaſſe os mercadores, „ o qual daria cartazes pera os mercado„ res navegarem livremente atè Ormuz „ por toda a coſta, e que arrecadaria os „ direitos das nàos que entraſſem na„ quelle porto conforme os cartazes.

„ Que os Viſoreys lhe dariaõ cada „ anno ſeis cartazes forros pera onde o „ Idalxá quizeſſe, os quaes ſe lhe dariaõ „ mandando-os elle Idalxá pedir por „ ſuas cartas, e hindo as embarcaçoens „ cõ os taes cartazes a outros portos por „ caſo fortuito, ou por outra qualquer „ via, naõ pagariaõ direitos alguns, e q̃ „ naõ eſtando o Viſorey em Goa, o Ca„ pitaõ que foſſe da Cidade poderia dar „ os taes cartazes.

„ Que o Idalxá poderia mandar tirar „ deſta Cidade cada anno fazendas, que „ valeſſem ſeis mil pardaos de ouro, for„ ros de direitos.

„ Que o Idalxá poderia mandar levar „ cada anno da Cidade de Goa vinte e „ cinco cavallos forros de direitos.

„ Que huma das ſeis nàos de cartazes „ poderia hir cada anno a Dabùl de Or„ muz com cavallos, e pagaria os direi„ tos delles, deſcontando os vinte e cin„ co que tem livres.

„ Que poderia mandar aquelle anno „ ſómente ſeſſenta candiz de gengivre „ pera a contra coſta, e que pelo tempo „ adiante lhe dariaõ os Viſoreys a quan„ tidade que quizeſſem.

„ Que as nàos que navegarem ſem „ cartazes, e ſe acolherem aos portos do „ Idalxá, e ahi forem tomadas, ainda „ que ſeja pelos vaſſallos do Idalxá, e „ ainda que as nàos ſejaõ de ſeus vaſſal„ los, viſto ſerem de preza, ſe faria par„ tilha dellas, ametade pera o Idalxá, „ e ametade pera o Eſtado, o que ſe „ compriria, aſſim de huma parte, como „ de outra.

„ Que os Rendeiros que deveſſem „ dinheiro ao Idalxá, ou Eſtado, aco„ lhendo-ſe pera qualquer deſtas duas „ partes, ſeriaõ logo entregues; com ou„ tros Capitulos de menos ſubſtancia.

As quaes pazes foraõ logo juradas, aſſim pelo Viſorey, como pelo Idalxá, e apregoadas aſſim em Goa, como no Balagate com as ſolennidades coſtumadas, e aſſim começàraõ a correr as fa-

zendas, e mantimentos pera Goa como de antes.

CAPITULO VI.

Do que eſte veraõ aconteceo a Dom Diogo de Menezes em Malaca.

DEpois que Dom Diogo de Menezes deixou a gente da fortaleza de Chalè em Còchim, ſendo aviſado que para o Cabo Camori eraõ paſſados muitos paròs, deſpedio pera aquella parte Mathias de Albuquerque com a ſua galè, e nove navios pera hir ajuntar os navios que vem de todas aquellas partes demandar aquelle Cabo, pera lhes hir dando guarda atè Goa, e o Capitaõ mòr juntou algumas nàos, e navios de mercadores que haviaõ de hir pera Goa, com os quaes partio elle tambem pelos ſegurar dos ladroens de que aquella coſta andava chea, e com elles chegou a Goa em Dezembro deſte anno de ſetenta e hum, e logo na entrada do ſeguinte de ſetenta e dous tornou a partir pera o Malavar, e andou por aquella coſta em buſca dos Coſſairos, e nella tomou algumas embarcaçoens carregadas delles, e outros lhe eſcapàraõ por ligeiros, e aſſim poz muita diligencia em tapar os portos donde lhe haviaõ de hir os mantimentos, e lhes tomou algumas embarcaçoens carregadas delles, com que os poz em grandes neceſſidades, e ſendo tempo de Mathias de Albuquerque ſe recolher, porque trazia huma grande cafila de nàos, e navios, ſe foy em buſca delle, e em Pananè o encontrou com huma grande frota de navios, em cuja companhia tambem foy pela ſegurar de ladroens, e de caminho tomou a barra de Tanor aonde ſe vio na praya de Coulete com aquelle Rey, e com elle tratou algumas couſas de ſegredo, que eu naõ ſey, nem achey em lembrança alguma. Feita eſta diligencia tornou D. Diogo à ſua jornada em companhia da cafila com quem foy atè Mangalòr, e alli deſpedio a Mathias de Albuquerque com ordem pera que da barra de Goa voltaſſe em ſua buſca, porque importava aſſim, o qual foy ſeguindo ſua jornada, e chegou a Goa a trinta de Março, e deixando a cafila na barra tornou em buſca do Capitaõ mòr, o qual achou antes de chegar a Barcelor, e ajuntando-ſe a elle foraõ ſurgir na barra de Sanguiſer onde D. Diogo levava por regimento „ entraſſe, e desfizeſſe huma for- „ taleza, q̃ hum Rey vaſſallo do Idalxà „ que andava levantado fizera, e a deſ- „ truiſſe de todo, e logo ſe fez preſtes pera iſſo dando a dianteira a Antonio Fernandes Chalè, e os Capitaens das galez ſe paſſáraõ a navios ligeiros, como tambem fez o Capitaõ mòr, e entrando o rio deſembarcou Antonio Fernandes com toda a gente, e foy cometer a fortaleza com muita determinaçaõ, a qual os noſſos entràraõ, e eſcaláraõ, matando muitos dos que eſtavaõ nella, porque os mais ſe foraõ vaſando por huma porta que tinhaõ pera o Sertaõ, e neſta entrada deraõ a Antonio Fernandes de Chalè huma fréchada pelas guelas, de que cahio morto ao pè da fortaleza, morte que ſe ſentio géralmente de todos por ſer hum dos valentes, e prudentes Capitaens eſte Malavar de ſeu tempo, debaixo de cuja bandeira todos aquelles Capitaens militàraõ os annos que ſerviraõ no Malavar, e ſobre todos o ſentio Dom Diogo, porque por ſeu conſelho fez por muitas vezes guerra naquella coſta: tinha-o ElRey Dom Sebaſtiaõ por ſeu eſforço, e conſelho feito cuido que Fidalgo, e lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença, e era taõ reſpeitado dos Viſoreys, e de todos, como hum dos mais honrados Fidalgos da India. Dom Diogo mandou recolher ſeu corpo, e metello em hum caixaõ breado, muy calafetado por cauſa do màu cheiro, e o mandou embarcar no navio em que elle andava, que foy entregue aos ſeus Laſcarins que o pranteàraõ bem. Dom Diogo mandou a Mathias de Albuquerque „ foſſe pelo rio dentro atè

„ onde

„ onde as fuſtas pudeſſem chegar, e „ deſtruhiſſe tudo o que achaſſe em vin- „ gança da ſua morte; o que elle fez mais de cinco leguas por elle dentro, e fez nas terras, e aldeas do Naique grandes deſtruiçoens, deixando tudo o que havia entregue ao ferro, e ao fogo, e com eſte grande caſtigo ſe tornou pera o Capitaõ mòr, e logo ſe partio pera Goa, onde chegou em ſeis de Abril dia de Paſcoa, e ao outro dia foy deſembarcado o corpo de Antonio Fernandes, e eſtando o Viſorey com todos os Fidalgos, e povo preſentes, e os Capitaens, e com todas as Religioens, Cabido, e Clero pera o acompanharem, foy levado em huma rica tumba aos hombros dos mais honrados Fidalgos do habito de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, de cuja Ordem elle era, e com eſta pompa funeral, que he a mayor, que ſe fez a homem particular, foy levado a S. Franciſco, onde lhe fizeraõ ſolennes Officios, que tudo ſe lhe devia por ſer hum dos grandes ſervidores daquelle toque, que ElRey teve na India, cuja morte o Camori feſtejou muito, porque o temia ſobre todos os Capitaens, que foraõ âquella Coſta, e com iſto ſe cerrou o inverno.

CAPITULO VII.

Do preſente que o Viſorey Dom Antonio de Noronha mandou ao Idalxà.

DEpois que os Procuradores do Idalxá ſe foraõ pera a Corte daquelle Rey com as pazes feitas, deſpedio elle logo hum Embaixador a viſitar o Viſorey, e darlhe os parabens de ſua chegada, e ſucceſſaõ, o qual foy recebido com muita honra, e apparato; e porque jà era fim do veraõ, o deſpedio logo muito bem deſpachado, e apoz elle outro Embaixador ſeu a lhe pagar a viſita, pera o que elegeo hum Veador ſeu por nome Antonio do Rego, homem velho, authorizado, e intelligente, e ordenou por elle mandar hum preſente de cavallos, e outras curioſidades, que mandou negociar com muita preſſa, e lhe mandou tudo o ſeguinte.

Huma peça de veludo carmeſi, outra de veludo roxo, outra de ſetim carmeſi, outra de ſetim encarnado, todas de oitenta covados cada huma, duas peças de eſcarlatas finas, tres barças de louça da India ſorteadas, hum bacio de agua às mãos de baſtiaens pelo meyo da bordadura, e pela borda de fóra de lavor retalhado com a hiſtoria de Judith no meyo tudo dourado, hum gomil de boca larga do meſmo toque, hum ſaleiro da meſma obra com hum S. Jorge em cima.

Com todo eſte preſente chegou o Embaixador à Corte do Idalxà, onde foy muito bem recebido. ElRey lhe deu audiencia, e recebeo a carta, e preſente diante de ſeus Capitaens, e mandou correr com o noſſo Embaixador muito bem, e confirmou, e jurou de novo as pazes, e com muita ſatisfaçaõ o deſpedio o veraõ ſeguinte.

Neſte meſmo tempo jà no fim de Abril deſpedio o Viſorey huma Armada de ſoccorro a Maluco pelas cartas, que achou de Gonçalo Pereira Marramaque, „ em que lhe dava conta das cou- „ ſas daquellas Ilhas, e da Armada Caſ- „ telhana, q̃ ficava em Cebù, e dos traba- „ lhos, em que ficava com os tyrannos da „ Ilha de Amboino, e da muita gente „ que tinha perdido, pedindolhe o ſoc- „ correſſe; pelo que o Viſorey negociou Armada pera lhe mandar, e deſpachou Fernaõ Ortiz de Tavora, que era provido daquellas viagens, com hum galeaõ carregado de muitos provimentos, muniçoens, dinheiro em baſarucos, que lá ſe deſpendem bem, e fardos de juboens, calçoens, colchas, chapeos, e barretes pera os ſoldados, que tanta conta ſe tinha naquelle tempo com elles, porque ſoldados famintos, e deſpidos naõ ſervem pera a guerra, nem pera a paz: em ſua companhia mandou hum galeaõ, de que foy por Capitaõ Pedro Lopes Re-

bello, e duas galeotas grandes, Capitaens Diogo Colaço, e Luiz Machado, os quaes por acharem os tempos contrarios tornàraõ a arribar eſpalhados pera diverſas partes, ficando eſte anno aquellas Ilhas ſem ſoccorro algum, o que cauſou em todos grande deſeſperaçaõ, e com iſto ſe cerrou o inverno, no qual nos cabe darmos relaçaõ das couſas que acontecèraõ a Gonçalo Pereira Marramaque depois que o deixámos (com as couſas mais neceſſarias) atègora.

Ficáraõ as couſas daquellas Ilhas naquelle grande aſſalto que o Rey de Ternate deu à noſſa fortaleza, em que fez aquelle eſtrago, e ganhou a povoaçaõ, e entráraõ o baluarte aquelles dous eſforçados cavalleiros Luiz Damò, e Belchior Vieira fizeraõ aquellas façanhas que contey, ficando aſſim as couſas naquelle miſeravel eſtado, e a fortaleza de Ternate arriſcada a ſe perder; ſuccedeo huma obra maravilhoſa, e naõ eſperada em tal tempo que foy chegar ElRey de Tidore pela banda do mar à noſſa fortaleza em duas corocoras, e ſem o moverem as bombardas que os noſſos lhe tiráraõ foy com muita ſegurança pôr a proa em huma praya no lugar em que eſtava huma Ermida de noſſa Senhora, que ſempre acode às grandes neceſſidades, e mandou deſembarcar hum tio ſeu ſó, o qual foy levado muito honradamente ao Capitaõ, porque foy conhecido, e delle muito bem recebido, e depois de eſtarem ſentados lhe diſſe „ que ElRey ſeu ſobrinho lhe mandava „ dizer que era muito ſeu amigo, e que „ poſto que fora em companhia de El„ Rey de Ternate na entrada de ſua po„ voaçaõ, que lhe jurava por ſua Ley „ que nada levàra das couſas que ſe to„ màraõ daquelle aſſalto, mais que „ aquelle retabolo de noſſa Senhora que „ lhe mandava de preſente, e que lhe „ fazia a ſaber que elle perdera naquel„ la guerra mais que todos, porque lhe „ matàraõ ſeu tio Regedor de Benavè, e deſenrolando huns panos tirou o retabolo de noſſa Senhora, e Dom Alvaro de Ataide ſe levantou, e poſto de joelhos o tomou, e adorou, como fizeraõ todos os Portuguezes que alli eſtavaõ; e logo deſpedio huma peſſoa de recado a ElRey „ com os agradecimen„ tos daquella mercè que lhe fizera, e q̃ „ pera ſer perfeita havia de haver por „ bem que ſeu tio ficaſſe naquella forta„ leza, porque tinha muitas couſas que „ tratar com elle devagar, e que lhe fi„ zeſſe mercè de o mandar prover de „ mantimentos por ſeu dinheiro, e por „ moſtrar niſſo a amiſade, que com elle „ tinha; e com eſte recado lhe mandou de preſente algũas peças curioſas; porq̃ eſtes Reys todos eſtaõ com os ouvidos no recado, e com os olhos nas mãos a ver ſe lhe levaõ alguma couſa. Dado o recado ElRey moſtrou folgar muito com os agradecimentos, e vendo que o tio ficava na fortaleza entendendo que ainda a que o naõ conſentiſſe lho naõ dariaõ, mandou reſponder ao Capitaõ „ que era muito contente do que lhe „ mandava pedir, e que elle a mandaria „ prover muito bem, e com iſto ſe tornou, e dalli por diante começàraõ de hir os Tidores à fortaleza com os mantimentos, o que faziaõ de noite, porque os Ternates os naõ viſſem. O Capitaõ agaſalhou muito bem o tio de ElRey, e de ſua caſa o mandou prover abaſtadamente, porque bem ſabiaõ os poucos mantimentos que na fortaleza havia, e aſſim eſteve quarenta e cinco dias na fortaleza, e no cabo delles pedio licença pera ſe hir, a qual o Capitaõ lhe deu, e o acompanhou atè a praya tendo com elle grandes comprimentos.

Tanto que Gonçalo Pereira teve recado do trabalho em que os da fortaleza eſtavaõ, logo ſe embarcou pera os ſoccorrer, naõ levando mais que a ſua eſcuſa galè com dezoito peças de artelharia, cameletes, falcoens, e berços, e quarenta ſoldados com mais huma fuſta, de q̃ hia por Capitaõ Joaõ Rodrigues de Bèja com vinte ſoldados, e duas corocoras, com doze ſoldados cada hũa, e deza-

ſeis

seis champanas cheas de mantimentos, e deixou na fortaleza de Amboino D. Duarte de Menezes, e com elle Sancho de Vascócellos por Capitaõ do mar. Destas preparaçoens do Capitaõ mòr foy logo ElRey de Ternate avisado, pelo que determinou de ver se podia impedir aquella jornada, porq̃ determinava de apertar tanto com aquella fortaleza atè que a tomasse; o que naõ poderia fazer, se Gõçalo Pereira là passasse, e pera que este seu pensamento viesse a effeito, despedio a Reboangè com huma boa Armada pera hir cõtra Amboino a fim de entreter por lá o Capitaõ mòr, e quando elle fosse jà partido dar na fortaleza, e tomalla, e posto que o Reboangè se apressou, já quando chegou havia poucos dias que o Capitaõ mòr era partido, e foy pôr cerco ao lugar de Ulate nas Ilhas de Iliaser, cujos moradores eraõ grandes amigos dos nossos, do q̃ D. Duarte foy avisado, e desejou bem de lhes acodir, mas naõ pode por lhe faltarem navios, e com tudo negociou huma fusta jà velha, e de huma champana que foy dos Jàos, ordenou outra, e armou duas corocoras, em que despedio Sancho de Vasconcellos em soccorro dos cercados, e quando lá chegou quarenta dias havia que estavaõ de cerco, e vendo os Ulates o soccorro, cobràraõ taõ grande animo, que se sahiraõ do lugar sitiado, e cometèraõ as estancias dos imigos, e com morte de muitos lhas ganhàraõ, e os fizeraõ fugir, e Reboangè se embarcou na sua Armada, e passou por muito perto de Sancho de Vasconcellos, porèm naõ se atreveo ao cometer. O Sancho de Vasconcellos tanto que chegou ao lugar de Ulate desembarcou com sua gente, e foy recebido de todos os moradores com grandes festas, e muitos cestos cheyos de cabeças dos imigos, que degollàraõ naquelle assalto que lhes deraõ, e depois que alli descançou se tornàraõ pera a fortaleza, ficando os Ulates em grande obrigaçaõ aos nossos pelo soccorro que lhes deraõ, e hindo com sua Armada tanto àvante como o lugar de Ruanivè lhe deraõ novas como Dom Duarte de Menezes era falecido de humas febres agudas que lhe deraõ, ainda que alguns presumiraõ que fora peçonha. O Sancho chegando à fortaleza tomou posse della pelo deixar Dom Duarte nomeado por Capitaõ.

Os Itos tanto que viraõ hido o Capitaõ mòr, e Dom Duarte morto, viraõ que lhes ficava boa cõjunçaõ pera se levantarem, e vingarem das vitorias, que os nossos tinhaõ havido contra elles, pera o que se carteàraõ com os principaes lugares da Ilha de Ito, persuadindo-os a se virem ajuntar com elles contra os nossos, affirmandolhes „ que Re- „ boangè Capitaõ mòr da Armada de „ Ternate se fora refazer às Ilhas de „ Burro, e Xulò pera tornar contra a „ nossa fortaleza; ao que os moradores „ lhes respondèraõ que se o Reboangè „ tornasse com o poder que diziaõ, que „ elles estavaõ prestes pera se juntare m „ a elles, ao que os Itos lhes tornàraõ a „ mandar dizer que estivessem prestes „ pera a facçaõ, que se juntariaõ a elles, „ porque Reboangè trazia mayor po- „ der do que lhes mandavaõ dizer, e tudo isto eraõ ardiz de Reboangè, que estava refazendo-se na Ilha de Burro. Sancho de Vasconcellos estava innocente desta conjuraçaõ, e por isso descuidado do que lhe sobreveyo, tinha lançado fóra huma Armada de cinco corocoras, em que elle quiz hir correr as Ilhas, e deixou em seu lugar Ayres Pinto da Fonseca: levava Sancho comsigo hum soldado chamado Simaõ de Abreu, de alcunha o Papa Ferro, a qual alcunha lhe puzeraõ, porque em sete desafios que teve tomou sete espadas a seus contrarios, e elle hia por Capitaõ de huma corocora, e na outra hum Alexandre de Matos da obrigaçaõ de Dom Duarte, e nas outras duas corocoras hiaõ dous filhos de Amboino mestiços. Com esta Armada passou Sancho de Vasconcellos à costa de Banaor a buscar mantimentos, e neste caminho fez muitas prezas. Os Itos tanto que souberaõ que o San-

cho era fóra da fortaleza, logo aviſáraõ,a Reboangè,e deraõ recado aos conjurados „ pera que eſtiveſſem preſtes „ que logo ſeriaõ com elles, como fez em trinta corocoras. Juntos todos foraõ buſcar o Sancho à Ilha de Varenùla, de que elle teve aviſo, pelo que logo ſe embarcou em huma corocora pequena, e muito ligeira, em que com grande preſſa ſe foy pera a fortaleza, por lhe naõ ſucceder algum deſaſtre,deixando a Armada entregue ao Papa Ferro, e chegando a ella, foy aviſado „ que o Re„ boangè era paſſado àquella coſta de „ Termelor, onde tinha deixado o Papa „ Ferro com a Armada; pelo que o man„ dou aviſar por huma embarcaçaõ mui„ to ligeira, e dizerlhe que logo ſe foſſe „ pera a fortaleza, e que foſſe pela coſ„ ta da Ilha de Roſalaor, cujos morado„ res eraõ noſſos amigos, e achando no„ vas que o Reboangè o hia buſcar, ſe „ fizeſſe forte nos juncos dos Jàos, que „ tinhaõ tomado de preza, e querendo o Papa Ferro fazer o que Sancho de Vaſconcellos lhe mandava, embarcando-ſe na Armada, ſe foy afaſtando, e hum Padre da Companhia Italiano chamado Lomedo lhe diſſe com bom zelo „ que naõ era bem deixar na praya de „ Calelobate quatro Portuguezes, que „ alli eſtavaõ por ſer taõ perto, ao que o Papa Ferro voltou pera lá as proas, e chegando àquelle lugar, o achou queimado da gente do Reboangè, que nelle deſembarcou, e os noſſos Portuguezes ſe acolhèraõ ao mato, o q̃ logo pareceo podia ſer: deſembarcando alguns foraõ gritando, ao que elles acodiraõ, e ſe embarcàraõ na Armada, e deraõ por novas, que o Reboangè eſtava na enſeada, que era na meſma coſta, pelo que todos foraõ de parecer „ que ſe deixaſſem fi„ car aquelle dia, e que à noite atraveſ„ ſaſſem a Roſalaor, ou à Chiamaõ. Alguns dizem que o Papa Ferro perguntára aos quatro Portuguezes „ o que „ faria, ao que elles reſponderaõ que „ elle era Capitaõ mòr, que faria o que „ lhe bem pareceſſe, que elles o ſegui„ riaõ, e dandolhe a deſconfiança diſto, „ diſſe que elle naõ era Dom Jorge de „ Menezes o Baroche, nem Dom Du„ arte de Menezes pera ter tamanha „ confiança, que ſe puzeſſe em fugida, „ ſem ver de que, que depois que viſſe „ o imigo, faria o que o tempo lhe enſi„ naſſe, e mandou remar pela coſta adiante quaſi às oito horas do dia; e como o Reboangè eſtava dalli perto,deſcobrio logo os noſſos navios, e lhe ſahio muito apreſſado com toda ſua Armada. Simaõ de Abreu largou os juncos dos Jàos q̃ levava, e juntou a ſi as ſuas corocoras, que eraõ ligeiras com tençaõ de romper por meyo dos imigos, que vinhaõ em huma mea lua, e paſſar à outra banda. A corocora em que hiaõ os quatro meſtiços, naõ podia acompanhar as mais por levar ruim eſquipaçaõ, e vendo-a os imigos ficar atraz, atiràraõlhe algumas bombardadas, e pondo-ſe todos a huma banda, ſe virou a corocora, e elles ſe lançàraõ a nado, as outras lhe acodiraõ, e os ſalvàraõ, e todos os mais. Naquella detença chegàraõ os imigos à noſſa Armada com a qual travàraõ;entre elles ſe começou huma aſpera batalha, e no furor della, em que o Padre Lomedo andava animando os noſſos,lhe deraõ com hum tiro de arremeço, de que cahio morto. O Papa Ferro, e os mais foraõ pelejando, e rompendo pela Armada imiga, e de paſſagem axorou o Papa Ferro huma embarcaçaõ dos imigos, e virando a ella pera a tomar, parecendolhe que os mais o ſeguiſſem, os vio hir a Columbo boga arrancada. Vendo-o o Reboangè ficar ſó virou a elle com outras corocoras, e logo o abordàraõ, e depois de huma grande batalha, em que o Papa Ferro fez maravilhas, foy entrado, e morto com os vinte e cinco companheiros, que levava. Antonio Lopes de Reſende Capitaõ da outra corocora, que tinha honra, e valor, vendo o Papa Ferro abordado, virou a elle, e o foy ſoccorrer no mayor impeto do conflicto, mas jà achou tudo concluhido, e na proa da ſua corocora o

Pate

Pate de Atua, que estava com sua espada, e Solabaco pelejando valerosamente, ao qual elle brádou „ que se lançasse a na- „ do, que elle o tomaria, ao que elle lhe „ respondeo, que pois o seu Capitaõ era „ morto que naõ queria elle escapar. Nesta detença foy o Antonio Lopes cercado dos imigos, com os quaes pelejou denodadamente atè tomar hum berço ao hombro, e vendo hir o Reboangè pera elle, disse a hum soldado que quando lhe fizesse final lhe puzesse fogo, como fez, e disparando o berço, foy tal sua vêtura, que tomou o Reboangè por hum joelho, e deu com elle dentro na corocora, e cuidando os seus que era morto, acodio a elle toda a sua Armada, com o que Antonio Lopes teve tempo de se recolher, levando quatro companheiros feridos que morrèraõ, e se as outras corocoras naõ fugiraõ, certo estava alcançarem os nossos a vitoria.

O Pate de Atua naõ se quiz salvar, como digo, e deixou-se estar na embarcaçaõ do Papa Ferro com quem hia, e chegando-se a ella huma pera ver se havia que roubar, achou o Pate, de que logo lançou maõ sem o conhecerem, nem elle se quiz nomear, mas disselhe „ que „ o levassem à Ilha de Boano, que daria „ por si bom resgate, pelo que os Boanos o escondèraõ, e agasalhàraõ bem. O Reboangè recolheo-se assim ferido a Varenula, e logo soube ser vivo o Pate de Atua, e como era grande seu imigo, mandou lançar bando com grandes penas que quem o tivesse lho levasse; e que quem lho descobrisse, lhe daria muito dinheiro; o que sabido dos Boanos o levàraõ, porque logo foy conhecido, e posto diante do Reboangé muito inteyro, elle lhe disse „ que de duas „ cousas havia de fazer huma, ou arre- „ negar da Ley dos Christãos pelo elle „ ser, ou que havia de varar por cima „ delle a sua corocora, ao que o cons- „ tante Cavalleiro de Christo respon- „ deo que elle era Christaõ, e que na Fé „ que professára havia de morrer, e que „ naõ dizia elle varar a sua corocora „ por cima delle, mas que todas quantas „ trazia a sua Armada. Vendo o tyranno aquelle desengano, e constancia, mandou o atravessar no varadouro dos navios, e por cima delle se varou a sua corocora, q̃ era tamanha como huma galè, tendo elle sempre os olhos no Ceo, e chamando pelo nome de Jesu, e assim foy despedaçado, novo modo de martyrio, e grande occasiaõ de darmos todos grandes graças a Deos nosso Senhor por vermos hum barbaro criado entre os rusticos, e espessos matos de Amboino taõ constante, e inteyro na Fé de nosso Senhor Jesu Christo, o qual por certo temos lhe daria o galardaõ, e coroa do martyrio, que taõ valerosamente soube merecer.

CAPITULO VIII.

Da grande vitoria, que Gonçalo Pereira alcançou de ElRey de Maluco.

PArtido o Capitaõ mòr de Amboino, como dissemos, sendo tanto àvante como as Ilhas de Bacao por Negoriche, que saõ desoito leguas de Ternate, lhe sahio este Rey, e o de Tidore com os Sangages daquellas Ilhas com cincoenta corocoras tamanhas como galez Reaes, porque o Rey de Ternate tanto que soube que o Rey era partido de Amboino, logo ajuntou aquelles Senhores, e aquella Armada pera o hir esperar ao caminho. Gonçalo Pereira tanto que vio taõ grossa Frota, ajuntou os seus navios, a sua galeota, e tomou no meyo as embarcaçoens dos mantimentos, e se preparou pera aquelle conflicto, em que lhe era necessario mostrar todo o valor, porque bem vio que o negocio era muito arriscado, mas naõ perdendo ponto em seu animo, posto em cima do toldo animou os seus soldados com a brevidade, a que o tempo deu lugar, e esperou os imigos muy confiado em Deos nosso Senhor, a quem se encomendou muito do coraçaõ. ElRey de Ti-

dore

dore endireitou com a galeota do Capitaõ mòr, pera que o de Ternate com mais goſto lhe dèſſe a irmãa em caſamento, como lhe tinha promettido, e lhe poz a proa pela rabada, e vindo jà pera o inveſtir, quiz Deos que hum ſoldado chamado Joaõ Machado, que trazia à ſua conta hum falcaõ, lhe dèſſe fogo em hora taõ ditoſa, que tomou a galeota de popa à proa, e como levava carga de hũa boa roca de ſeixos a axorou logo, deſpeçando a mayor parte da gente, e o Rey de Tidore cahio taõ mal ferido, que cuidàraõ todos que era morto, e juntando ſe as ſuas corocoras deraõ toa à de ElRey, e ſe afaſtàraõ, e o Rey de Ternate vendo aquelle deſtroço, foy-ſe à galeota do Tidore a ſaber ſe era morto. Joaõ Rodrigues de Bèja vendo os imigos afaſtados, foy-ſe à galeota do Capitaõ mòr a ver ſe havia là algum perigo, e vendo-o ſaõ, e muito gentil-homem, e alegre, ſe poz ſobre o banco de alvorar armado de armas brancas com a eſpada na maõ, capeando aos imigos que chegaſſem. Succedeo naquelle tempo andarem algumas corocoras ligeiras pequenas atirando muitas bombardadas aos noſſos que eſtavaõ ſem remar, e quiz a fortuna que endireitaſſe hum pelouro pera elle, e o tomaſſe pelo hombro eſquerdo, que lho deſpedaçou, de que logo cahio mortal, e naõ durou mais que tres, ou quatro dias. Foy eſte Fidalgo filho de Rodrigo de Vaſconcellos, Veador que foy do Infante Dom Luiz; o Capitaõ mòr ſentio aquelle deſaſtre na alma pelo muito que nelle perdia, e vendo-ſe aliviado dos imigos, deu à vela pera Ternate, onde chegou ao outro dia que foy taõ feſtejado de todos, como aquelle que lhe levava o remedio.

CAPITULO IX.

Do ſoccorro que Dom Leoniz Pereyra Capitaõ de Malaca mandou a Maluco.

VEndo Dom Leoniz Pereira Capitaõ de Malaca que naõ vinha ſoccorro nenhum da India pera Maluco, e que aquella fortaleza eſtava taõ arriſcada a ſe perder, negociou hum fermoſo galeaõ, e o mandou carregar dos mantimentos, muniçoens, e roupas que pode, e pagou ſeſſenta ſoldados, e elegeo pera aquelle ſoccorro a Joaõ da Silva Pereira ſeu ſobrinho, filho de Ruy Pereira da Silva, o qual partio por via de Borneo, e deulhe noſſo Senhor taõ boa viagem, que em pouco tempo chegou a Ternate, com o qual ſoccorro os noſſos parece q̃ reſuſcitàraõ, e começàraõ a levantar cabeça. Andava neſte tempo q̃ Joaõ da Silva chegou huma Armada de ElRey de Ternate fazendo guerra a hũa fortaleza, que tinhamos no Moyno, na qual eſtava por Capitaõ Henrique de Lima com cincoenta ſoldados, os quaes Gonçalo Pereira foy logo ſoccorrer, e chegando àquella fortaleza, pareceolhe bem desfazella, e recolher a gente, porque o Capitaõ de Ternate aſſaz tinha que fazer em ſe ſuſtentar a ſi, quanto mais a outra fortaleza, e aſſim o fez, e recolheo na ſua Armada todos os Portuguezes; o que viſto pelos naturaes, naõ quizeraõ ficar na boca do lobo, como dizem, porque o Rey de Ternate era ſeu inimiciſſimo, e tomando todos mulheres, filhos, e fazendas ſe embarcàraõ tambem pera Ternate. Recolhido tudo iſto naquella fortaleza, logo o Capitaõ mór ſe partio pera Bachaõ, levando comſigo Joaõ da Silva pera naquella Ilha ſe hir prover de mantimentos confiado naquelle Rey q̃ era Chriſtaõ, e amigo, mas achou-o jà com o coraçaõ danado, e andou entretendo o Capitaõ mór tantos dias que de nojo, e trabalho veyo a adoecer, pelo que ſe tornou pera Amboino, e chegando àquel-

la

la fortaleza que ſoube da morte de Dom Duarte, e de como os lugares daquella Ilha eſtavaõ todos levantados contra os noſſos, e do desbarate da Armada do Papa Ferro, tomou tamanho pezar que foy peyorando, e em poucos dias faleceo. Gabriel Rebello diz que morreo hindo de Bachaõ pera Amboino, e que o ſeu corpo fora lançado ao mar como fizeraõ ao Rey Aeyro de Maluco em cuja morte elle foy conſentidor, ſeja como for, elle acabou miſeravelmente cheyo de dividas do que tomou de fazendas às partes. Abrio-ſe ſeu teſtamento, e achou-ſe nomeado em ſeu lugar Joaõ da Silva que logo tomou poſſe da Armada, e começou a correr com ſuas obrigaçoens.

CAPITULO X.

Da mudança da fortaleza de Amboino pera o lugar da Cova.

JOaõ da Silva tanto que tomou poſſe do cargo de Capitaõ géral daquelle mar, começou a tratar das couſas que convinhaõ àquellas Ilhas que eſtavaõ em grande riſco pelo ſitio em que a forleza eſtava, que era na Ilha de Ito cercada por todas as partes de imigos, e naõ podia ſer ſoccorrida ſe naõ com grande riſco; pelo que houve pareceres q̃ aquellas Ilhas ſe haviaõ de largar, e hirem-ſe todos pera Malaca, porque tanto trabalho, e fóme naõ o podia aturar corpos humanos, ſó Sancho de Vaſconcellos diſſe „ que nunca Deos quizeſſe que aſ„ ſim ſe largaſſe aquella Chriſtandade, „ que tantos cativeiros, mortes, e traba„ lhos tinha paſſados, aſſim pela Fé de „ Chriſto, como por ſuſtentarem a ami„ fade dos Portuguezes; e tornando a haver grandes alteraçoens ſobre o que eſtava votado pelos mais em ſe hirem todos pera Malaca, tornou Sancho de Vaſconcellos a dizer „ que ſe deſenga„ naſſem todos, que elle naõ havia deſ„ amparar aquella Chriſtandade, nem „ era razaõ deixarem aquellas ovelhas „ na boca dos lobos, q̃ elle eſtava deter„ minado em ſe deixar eſtar em Amboi„ no do modo que o Capitaõ géral or„ denaſſe, ou por ſoldado, ou por Capi„ taõ, porque ou de huma, ou de outra „ maneira elle ſe atrevia a ter em pè, e „ ſuſtentar aquella Chriſtandade toda, „ e que quando o Capitaõ mòr naõ qui„ zeſſe, que elle tinha trinta ſoldados de „ ſua ſevadeira, com os quaes havia de „ fazer no lugar de Ulate hum recolhi„ mento o mais fortificado que pudeſſe „ pera fiear com elles, e que affirmava „ mais que quando aquelles trinta ſol„ dados naõ quizeſſem ficar com elle, „ que elle ſó havia de ficar alli, e que ſó „ com os Chriſtãos amigos havia de „ ſuſtentar aquellas Ilhas, que por „ muito ditoſo ſe haveria, quando ſua „ ventura foſſe taõ grande que acabaſ„ ſe a vida naquelle ſerviço de Deos, „ e de ſeu Rey, e em fim foraõ taes as couſas que ſobre iſto diſſe que ſe envergonhàraõ todos, e ſe retratàraõ a lhe parecer bem o que Sancho de Vaſconcellos dizia, e ſe conormàraõ todos „ em „ que mudaſſem a fortaleza pera a ponta „ de Roſanive na qual eſtava hum lugar „ de Ulilhenos grandes amigos dos „ Portuguezes, que aſſim elles, como „ outros amigos os proveriaõ, o que naõ „ poderiaõ fazer ficando alli, onde en„ taõ eſtava a fortaleza por ſer muito „ afaſtado delles.

Deſta ponta de Roſanive pera a Ilha de Ito faz huma enceada muito penetrante, a qual ſerà de mais de quatro leguas de comprido pera dentro da terra, tres de largura na boca, e aſſim como vay pera dentro ſe eſtreita, e faltalhe por romper aquella Ilha pera ficar em duas, tem o outro mar hum tiro de berço, mas iſto he no fim de hum eſtreito que deſta enceada vay pela terra dentro que ſerà de duas leguas de comprido pelo qual pòde hir huma corocora de marè cheya por grande que ſeja, ſómente lá no fundo do ſaco he neceſſario varalla, e levalla aquelle eſpaço que diſſe. Eſte fundo

fundo deſta enceada ſe chama a Cova, ou deſde ſua boca atè dentro, porque tão que por ella entraõ quaeſquer nàos, ficaõ como em hum muito brando, e fechado tanque. Neſta parte que digo ſe aſſentou fazerſe a fortaleza, fica na terra da Ilha de Ito com os lugares de Ative, Tarire, Curàlo, Chuno, e da outra banda no fundo da enſeada eſtà o lugar de Roſanive, o qual goza de duas prayas, e he lugar farto, e de muitos mantimentos, maſ de pouco Sàgum, que he como entre nòs o trigo; mais pera dentro tem os lugares de Soya, Putà, Alò, e Bagoela, em que ha muito: da banda da contra Coſta do Sul eſtaõ eſtes lugares, Tiaire, Seirò, Quilaõ, Nacohema, e Tinore, que ſaõ muito abaſtados, e grandes noſſos amigos, e por todas eſtas razoèns ſe aſſentou que ſe mudaſſe a fortaleza pera aquella enſeada, o que logo ſe poz por obra, e ſe embarcàraõ na nào, em que foy Joaõ da Silva, e no galeaõ S. Franciſco, que tinha hido de Malaca pera a Ilha de Jaoa, na qual ſe embarcou Sancho, e todas as mais embarcaçoens que havia. Joaõ da Silva com a ſua nào, e a mayor parte das embarcaçoens foy pela parte de Vacaſſeo muito bem, e Sancho foy pela de Leſte, parecendolhe que lhe naõ faltariaõ viraçoens da parte do Sul pera poderem entrar mais folgadamente na enſeada da Cova, o que lhe aconteceo ao contrario, porque ventàraõ Leſtes, que alli ſaõ deſgarroens, com o que naõ pode ferrar a terra. O Piloto foy-ſe na outra volta pera perder o fundo na ponta de Roſanive, por eſtar aconſelhado com os mais do galeaõ cõ tençaõ de ſe çafarem pera Malaca, porque como naquella parte perdem o fundo, naõ ſe pòde mais cobrar. Diſto foy Sancho de Vaſconcellos aviſado à mea noite, e diſſimulando o caſo, falou com os ſoldados de ſua obrigaçaõ ſobre o que haviaõ de fazer, que foy tomarem as armas, e elle tambem o fez, e com elles ſe foy ao chapitel „ e mandou governar ao Piloto pera „ terra, ao que o Meſtre reſpondeo que „ ſe naõ podia chegar a ella, porque tu„ do eraõ baixos, em que ſe haviaõ de „ perder, ao que elle lhe reſpondeo q fi„ zeſſem o que lhe mandava, e que ſe „ perdeſſem embora, porque antes que„ ria morrer, que dizerem delle que fu„ gia aos trabalhos; e como eſtes homens do mar ſaõ teimoſos, foraõ governando pera terra, e àcinte puzeraõ o galeaõ em ſeco. Vendo-ſe Sancho de Vaſconcellos daquella maneira, meteo-ſe no batel com os mais dos ſoldados, e ſe foy pera terra, onde os Roſanives os agaſalhàraõ, e por terra os levàraõ atè outra banda da enſeada, onde Joaõ da Silva jà eſtava, o qual ſentio muito a perda do galeaõ, mas acodio ao mais neceſſario, q foy prover o melhor q pode em algumas faltas, que havia de provimentos pera aquella gente, que perecia à mingua, e como jà era chegada a monçaõ de Malaca, entregou tudo ao Sancho, e ſe partio pera paſſar a Goa a dar conta ao Viſorey das miſerias, e trabalhos, em que os noſſos, e os Chriſtãos naturaes eſtavaõ, e primeiro ordenou huma maneira de forte pera recolhimento dos noſſos em quanto Sancho de Vaſconcellos naõ fazia a fortaleza, que eſtava ordenada, e neſte eſtado deixaremos as couſas deſtas Ilhas por hirmos ſucceſſivamente continuando com as couſas em ſeus tempos.

CAPITULO XI.

Das couſas que paſſáraõ entre o Viſorey Dom Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto Governador de Malaca.

OS cercos paſſados naõ deraõ lugar pera continuarmos com as couſas que paſſáraõ entre o Viſorey Dom Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto Governador de Malaca, e porque ſaõ materias ſubſtanciaes, darey razaõ dellas o mais abreviadamente que puder, pera o que ſe ha de ſaber que quando Dom Antonio de Noronha foy eleito

eleito em Almeyrim por Viſorey aonde eu tambem eſtava requerendo os ſerviços da India, tendo ElRey Dom Sebaſtiaõ informaçaõ das grandes inquietaçoens que o Achèm dava à noſſa fortaleza de Malaca, praticando o remedio diſto com os de ſeu conſelho, aſſentàraõ „ que era neceſſario haver em Malaca „ Governador ſeparado do Viſorey da „ India por naõ eſtar dependente do „ ſeu ſoccorro, e provimento, ao qual o „ Viſorey que aquelle anno foſſe, dèſſe „ Armada baſtante pera dous mil ho„ mens, que tambem lhe havia de dar, „ e que as deſpezas daquella governan„ ça ſe fariaõ dos direitos das nàos da „ China, Maluco, e das mais partes que „ poderiaõ importar trezentos mil par„ daos, que ficavaõ faltando ao rendi„ mento da India, e aſſentado iſto quando Dom Antonio de Noronha foy eleito por Viſorey, logo ElRey lhe declarou, o que neſte particular ſe tinha aſſentado de lhe dar dous mil homens, e Armada aparelhada pera elles, em que Antonio Moniz Barreto hiria, e como eſte Viſo rey eſtava pobre, e com filhos aceitou a jornada com as condiçoẽs acima ditas, e naõ ſey ſe com obrigaçoens que deixou em conſelho daquillo que ſe obrigava ſabendo elle muito bem como Capitaõ que tinha andado na India tantos annos, que nem a India tinha tamanho cabedal pera tirar de ſi, nem elle podia dar comprimento ao que ſe obrigou; porque lhe pareceo que em chegando à India, ainda que naõ dèſſe tudo aquillo a Antonio Moniz, que com qualquer couſa que lhe dèſſe moderadamente ſe contentaria; e o meſmo Antonio Moniz Barreto conhecia muito bem, que o Viſorey D. Antonio de Noronha naõ podia comprir o que lhe promettera, de maneira que ambos ſe enganàraõ, ou os enganou a neceſſidade em que ſe viaõ: em fim a eſta conta mandou ElRey negociar nàos, e pagar quatro mil homens, de que naõ chegàraõ à India dous mil ſãos, porque todos morrèraõ neſta viagem, que foy trabalhoſiſſima de febres, e inchaçoens de pernas, porque cuido que traziaõ ainda algumas fezes daquella contagioſa peſte, que deu no Reino de Portugal o anno atraz, e ſó na nào Chagas em que eu vim embarcado com o Viſorey Dom Antonio que trazia novecentos homens, morrèraõ mais de quatrocentos e cincoenta, e na nào Belem em que Antonio Moniz vinha, mais de trezentos, e aſſim pelas outras embarcaçoens da Armada.

Chegada eſta Armada a Goa, achando como diſſe, toda a India de guerra, naõ teve Antonio Moniz que fazer, mas depois de feitas as pazes, e concertadas as couſas vindo-ſe chegando a monçaõ de partirem as nàos, vio-ſe Antonio Moniz Barreto com o Viſorey Dom Antonio, preſentes o Secretario, Veador da fazenda, e Fidalgos velhos do conſelho, e lhe moſtrou ſuas proviſoens, e requereo que o negociaſſe, e lhe dèſſe a Armada que ElRey mandava, porque ſe queria partir cedo pera Malaca porque havia naquellas partes neceſſidade da ſua preſença. O Viſorey lhe diſſe, que elle eſtava prompto pera fazer o que ElRey lhe mandava, mas que bem via o eſtado em que achou a India cercada de todos os Reys do Oriente, e a fazenda Real neceſſitada, e empenhada pelas muitas deſpezas que fez nas guerras de Goa, e pelos ſoccorros que fez às fortalezas a que foy neceſſario acodiſſe por ſe naõ perderem, e que tambem via que dos quatro mil homens com que do Reino partiraõ, naõ havia dous mil que eſtiveſſem ſufficientes pera tomar armas, mas que com tudo ſuppoſtas as impoſſibilidades referidas queria pôr em conſelho a Armada, gente, e provimentos que lhe haviaõ de dar, e do que ſe aſſentaſſe o mandaria aviſar pelo Secretario, e cõ iſto ſe recolheo o Governador Antonio Moniz Barreto entendendo que naõ eſtava o Eſtado pera lhe darem tudo o que ElRey mandava.

O Viſorey poz aquelle negocio em conſelho dos Fidalgos, e Capitaens, e lhes propoz ſobre elle o que lhe pare-

ceo

ceo mais ſerviço de ElRey, e bem do Eſtado, e entre todos ſe praticou o caſo, e aſſentàraõ que o Eſtado da India naõ eſtava pera tirar de ſi tamanho cabedal: que quando ElRey ordenára aquella divizaõ do Eſtado, e que ſe dèſſe aquella gente, e Armada que Dom Antonio de Noronha promettèra em Portugal a ElRey, naõ ſabia dos grandes cercos, trabalhos, e neceſſidades em que a India entaõ eſtava; de mais que ElRey mandàra quatro mil homens pera delles ficarem dous mil na India, e hirem os outros dous mil com o Governador Antonio Moniz Barreto pera Malaca, dos quaes naõ havia dous mil que ſe lhe pudeſſem dar, que Antonio Moniz ſe foſſe pera a ſua governança de Malaca, e que lhe dèſſem dous, ou tres galeoens, e algumas galez, e fuſtas com quatrocentos, ou quinhentos homens, e que pera o anno lhe mandariaõ tudo o que pudeſſe ſer, porque eſtava jà o Eſtado mais deſafogado. Aſſentado iſto deu ſe conta ao Governador Antonio Moniz, e ſe lhe reſpondeo por eſcrito, com o que elle ſe naõ ſatisfez, e diſſe que naõ havia de hir a Malaca ſe naõ pela ordem, e com o poder que ElRey lhe promettèra, porque ſe naõ queria deshonrar; e porque as nàos eraõ jà partidas pera tomarem a carga da pimenta a Còchim, eſcreveo a ElRey o caſo, fazendolho mais feyo do que fora, e tanto, que lhe affirmou que nunca o Viſorey o aviaria, e que a India ficava taõ proſpera de tudo, que bem lhe pudera o Viſorey dar tudo o que no Reino lhe promettèra, porque ſe elle eſtivera no governo da India, pudera dar a gente, e Armada a quem quer que foſſe pera Malaca, aſſim como ElRey mandava ſe lhe dèſſe, e repreſentandolhe as novidades que havia em Malaca, certeza que tinha do Achèm hir ſobre aquella fortaleza, e que eſtava arriſcada a ſe perder, e de como Gonçalo Pereira em Malaca eſtava em grande aperto com a fortaleza cercada, e Armada dos Caſtelhanos em Cebù, e outras couſas deſta ſorte, a que era neceſſario acodirſe, o que elle naõ podia fazer pelo naõ aviarem. O Viſorey Dom Luiz de Ataide foy-ſe embarcar a Còchim na nào Chagas, em que tinha vindo do Reino o Viſorey Dom Antonio, e chegou a Lisboa muito cedo, e pelas grandes vitorias, que alcançou de todos os Reys da India, foy recebido de ElRey com pallio, e grandes honras, porque as merecia.

Deſpachadas as nàos do Reino ſendo quinze de Janeiro de 1572. teve o Viſorey recado que no rio de Bandà cinco leguas de Goa ſe recolhèraõ alguns paròs de Malavares contra o contrato das pazes taõ pouco tempo havia celebradas com o Idalxà, pelo que com toda a preſſa deſpedio Dom Henrique de Menezes em huma galè e cinco navios mais, de que foraõ por Capitaens Antonio Maſcarenhas, Pedro de Souſa, Luiz Machado, Duarte Pereira de Sampayo, e Antonio de Oliveira em huma galeota de ſerviço da galè.

Recolhido Dom Henrique a Goa logo em dezaſete de Fevereiro deſpedio o Viſorey a Jorge de Moura por Capitaõ mòr da coſta do Norte com duas galez, elle em huma, e Pedro Homem da Silva em outra, e ſeis fuſtas mais, Capitaens Duarte Pereira de Sampayo, Ruy de Pina, Nicolao de Brito, Joaõ Barriga Simoens, e Diogo Duarte, e naõ fez mais que dar guarda à coſta; e recolherſe em nove de Mayo.

Neſta Companhia foy Dom Luiz de Almeida entrar na Capitanìa de Damaõ, e porque em Fevereiro deſte anno de ſetenta e dous acabava os tres annos da Capitanìa de Ormuz Dom Franciſco Maſcarenhas que là eſtava, e ao prezente naõ havia provido nenhum, deſpedio o Viſorey a Fernaõ Telles, que depois foy Governador, pera lhe hir ſucceder, o qual partio de Goa em 21. de Fevereiro de ſetenta e dous que foy no galeaõ S. Joaõ, e tomou poſſe da fortaleza, e Dom Franciſco Maſcarenhas ſe veyo pera Goa no meſmo galeaõ.

Depois de Fernaõ Telles partido logo

go em onze de Março deſpedio o Viſorey a Franciſco de Souſa Tavares pera a coſta do Canarà pera dar guarda às cafilas dos mantimentos que haviaõ de vir a Goa; levou duas galez, elle em huma, e Nuno Alvares Pinto em outra, tres fuſtas mais, Capitaens Damiaõ Furtado, Duarte de Villalabos, e Alvaro de Barros. Eſta Armada gaſtou o veraõ em trazer as cafilas de mantimentos, e jangadas de madeiras, maſtos, vergas, e outras couſas deſtas pera as Armadas.

Porque os Eſtreitos de Ormuz eſtavaõ deſamparados de Armadas que andaſſem na guarda das cafilas que coſtumaõ a vir de Baçorà pera aquella fortaleza, ordenou o Viſorey mandar huma galè, e tres navios mais pera de là tornarem, dando guarda às nàos q̃ haviaõ de partir em Novembro, por haver novas andarem fóra algumas galez de Turcos, o q̃ tudo quiz o Viſorey prover por lhe naõ ſucceder algum deſaſtre. Neſta companhia deſpedio o Governador Antonio Moniz cõ cartas pera ElRey pera ſe lhe mandarem por terra em que lhe dava conta „ do que tinha paſſado com Dom „ Antonio de Noronha Viſorey da In- „ dia, e de como na entrada de Abril ſe „ tornàra a offerecer pera hir a Malaca „ como ElRey mandava dandolhe a Ar- „ mada, e gente que elle lhe tinha or- „ denado, tornando a affirmar que „ ſe elle fora Viſorey houvera deſpa- „ char Governador que foſſe a Malaca „ com tudo o que lhe elle mandava dar, „ porque a India eſtava proſpera, e „ naõ faltava mais que vontade ao Vi- „ ſorey.

Partida eſta Armada deſpedio logo o Viſorey outra pera Ceilaõ, de que elegeo por Capitaõ daquella fortaleza D. Antonio de Noronha, que partio no primeiro de Mayo com huma galè em que elle foy, e quatro fuſtas, Capitaõ Fernaõ Dias de Oliveira, Jeronymo Monteiro, e Antonio Machado que todos chegàraõ a ſalvamento, e Dom Antonio tomou poſſe daquella Capitanìa. Deſtas Armadas atraz naõ eſcrevo os ſucceſſos, porque naõ houve couſa notavel de que façamos mençaõ.

CAPITULO XII.

Das couſas que ſuccedèraõ em Maluco.

NEſta enſeada que jà diſſe quando dey relaçaõ do lugar que ſe elegeo pera mudarem a fortaleza, ſahe ao mar huma ribeira muito freſca, e graciosa cuberta de arvoredo de frutas excellentes, ao longo da qual Sancho de Vaſconcellos cortou toda a madeira pera a fortaleza que fez de duas faces, fechada com ſuas chaves muito fortes, entulhada muito bem de maneira, que pera aquella parte ficava baſtantemente defenſavel, e tinha ſeus baluartes, e guaritas guarnecido tudo de artelharia: neſta obra ajudàraõ, ou pera melhor dizer fizeraõ tudo, alguns Atives, e Tarives fideliſſimos aſſim a Deos, como aos Portuguezes, e alli ficàraõ os noſſos eſperando o ſoccorro, paſſando fómes, e trabalhos immenſos, porque naõ comiaõ mais que frutas dos matos.

Joaõ da Silva chegou a Malaca, e deu informaçaõ do riſco em que os noſſos ficavaõ, pelo que o Capitaõ daquella fortaleza que era D. Franciſco da Coſta, que ſuccedeo a D. Leoniz Pereira negociou com muita preſſa hum galeaõ de que fez Capitaõ hum foaõ Paes, e huma fuſta em q̃ foy Alvaro Barreto, nos quaes navios mandou embarcar muitos mantimentos, muniçoens, e roupas, e fez embarcar por força alguns ſoldados, porque naquelle tempo pera elles era hum deſterro perpetuo. Partido eſte ſoccorro com homens forçados os que hiaõ na fuſta fizeraõ com que arribaſſem a Fundà, e o galeaõ ſe foy meter na enſeada de Japarà onde deu à coſta, e todos os que nella hiaõ foraõ cativos, dizem que hum meſtiço, que hia degradado cortàra de noite a amarra ao galeaõ, e o fizera rolar a terra. Hiaõ neſte galeaõ dous Padres da Companhia, hum dos

quaes era Pedro Mascarenhas. Religioso de muita verdade, e caridade, homem Fidalgo, e Letrado natural de Arzila, e o outro era Italiano, e alli onde foraõ cativos os resgatàraõ os Portuguezes que por là andavaõ, e os embarcàraõ em huma fusta pera Malaca. O mestiço que fez todo este mal, dizem que logo se fez Mouro, e era taõ mào, e preverso que o mandou aquelle Rey matar por velhaco, ou o permittio Deos nosso Senhor assim por suas torpezas: os Padres da Companhia foraõ depois ter a Malaca, onde fizeraõ muitos serviços a Deos nosso Senhor, e passáraõ os trabalhos que ao diante diremos.

Estando as cousas de Maluco, e Amboino neste miseravel estado que dissemos, chegàraõ a Ternate os dous galeoens que o Visorey Dom Antonio de Noronha despedio no Abril passado com muitos provimentos, dos quaes foraõ por Capitaens Fernaõ Ortiz de Tavora provido daquella viagem, e Pedro Lopes Rebello que foraõ recebidos dos nossos como soccorro vindo do Ceo, e porque era monçaõ do cravo carregàraõ logo, e se partiraõ pera Amboino com os provimentos que hiaõ forçados pera aquella fortaleza com q os que nella estavaõ se animàraõ, e os naturaes ficàraõ mais seguros na amisade q sustentavaõ. De Amboino se partiraõ estes galeoens em Mayo deste anno de setenta e dous em que andamos, e hindo atravessando o golfo, abrio o galeaõ de Pedro Lopes Rebello tantas aguas que se hia ao fundo, e acodindolhe Fernaõ Ortiz de Tavora lhe salvou toda a gente, e como era muita foylhe faltando a agua, pelo que lhe foy necessario arribar ao Macassar, e tomou da outra banda do mar da Jaoa jà sem agua alguma, e como desesperados se foraõ à Ilha do Salazar pera se proverem, e estando surto nella lhe deu huma tormenta de Sudueste, que varou com o galeaõ à costa, e a gente se salvou no batel, e em outras embarcaçoens da terra, e se passáraõ ao Macassar, e aquelle Rey os recolheo humanamente, e os mandou levar a Malaca em juncos, dandolhe tudo o necessario, que tambem entre os barbaros naõ falta caridade, e parece certo que tinha Deos nosso Senhor o açoute de sua Divina justiça sobre aquella gente de Maluco pelas crueldades que usáraõ com aquelle Rey, e injusta morte que lhe deraõ, porque depois que o matàraõ atè hoje naõ passáraõ là se naõ muito poucos galeoens, e o lugar de Ative està em huma Ilha entre a de Ito, e a de Liaser oito leguas da fortaleza, e he muito povoada, e tem junto de si dous lugares de sua facçaõ, cujos moradores saõ muito cavalleiros, as mulheres muito fermosas, e deshonestas. Neste lugar fizeraõ os Padres da Companhia huma Igreja, à qual acodiraõ todos aquelles Christáos à roda. Estes Atives que eraõ grandes amigos dos nossos desejàraõ offerecerse alguma occasiaõ pera se vingarem de alguns aggravos q lhe pareciaõ serlhe feitos, e compriolhe o demonio seus desejos por esta maneira. Tanto que viraõ ausente o Capitaõ mòr, e desbaratado, e morto a Simaõ de Abreu o Papa Ferro, como dissemos, ordenàraõ de dar nos nossos, e convocàraõ os dous lugares acima nomeados, e huma noite foraõ demandar o lugar em que a Igreja estava, e matàraõ cinco Portuguezes. Os Padres da Companhia que tinhaõ a Igreja em hum alto, e là ouviraõ o reboliço, e entendendo o que era, o Padre Pedro Mascarenhas disse ao companheiro, que se fossem pera os matos, e estando neste conselho deraõ os imigos na Igreja, e matàraõ o companheiro do Padre Pedro Mascarenhas, e elle quiz Deos que tivesse tempo, e lugar pera escapar daquella furia, e hirse embrenhar nos matos. Feito isto recolheraõ-se os imigos, e o Padre andou pelos matos oito dias sem comer mais que humas frutas pequenas, e beber agua que havia alli muita, e muito boa. Os moradores do lugar de Oma que eraõ nossos amigos, e viviaõ na costa da outra banda do Sul, tiveraõ logo aviso do negocio, e de como o Padre se acolhera

aos

aos matos, e foraõ logo em buſca delle, e o achàraõ aſſentado ao longo de huma ribeira taõ fraco, que ſe naõ podia bullir, e vendo aquella gente, cuidando que o hiaõ matar, ſe deixou eſtar muito ſeguro, offerecendo-ſe a Deos no ſeu coraçaõ em ſacrificio. Os que o buſcavaõ chegando a elle, o conſolàraõ, e o metèraõ em hum andor, dizendolhe que ſe naõ receaſſe de couſa alguma, e no ſeu lugar o agaſalhàraõ, e proveraõ de tudo o neceſſario. O Padre ficou conſoladiſſimo cõ aquelle naõ eſperado ſoccorro, entendendo lhe viera da maõ de Deos noſſo Senhor, que ſempre coſtuma acodir aonde menos eſperança ha de humano remedio.

Sancho de Vaſconcellos ſabendo tamanha traiçaõ, convocou os viſinhos amigos no meſmo dia, e embarcando-ſe na Armada à mea noite, chegou ao lugar de Achua, onde deſembarcou ſem ſer ſentido, e cometendo o lugar o entrou, e deſtruhio, metendo à eſpada toda a couſa viva ſem perdoarem a velhos, nem a meninos de peito, e pondo fogo ao lugar, aſſim elle, como todos os mortos ſe convertèraõ em cinza, e com eſta vingança, e ſatisfaçaõ ſe tornàraõ pera a fortaleza, onde ſe a percebeo de algumas couſas, e logo ſe tornou a embarcar, e foy demandar a Ilha Roſaler doze leguas da noſſa fortaleza, cujos moradores eraõ grandes imigos dos Portuguezes, e deſembarcou nella, e foy por huma ſerra acima onde elles tinhaõ ſuas tranqueiras, e eſtavaõ deſcuidados de tal ſobreſalto, e cometendo-as os noſſos foraõ entradas à força de braço, e dentro matàraõ mais de duzentos, e lhe eſcalàraõ as caſas, em que lhe achàraõ raſoadas prezas, com que ſe recolhèraõ bem ſatisfeitos.

CAPITULO XIII.

Torna a continuar as couſas da India, e as Armadas que o Viſorey lançou fóra, e de como o Mogor ſe ſenhoreou do rio de Cambaya.

NA ſexta Decada livro decimo Capitulo dezaſeis dèmos larga conta de como por morte de Soltaõ Mamùde Rey de Cambaya levantàraõ os Grandes do Reino por Soltaõ a Mahamùd, que diziaõ ſer filho do morto, o qual como era de ſete pera oito annos ficou em poder dos tres tutores Alucan, Itimitican, e Madre Maluco, em cujo poder andou o triſte, e pobre moço atègora, que bem pobre ſe pòde chamar, pois naõ mandava couſa alguma, por ſer como huma eſtatua muda ſem poder falar, porque o naõ deixavaõ ſer ſenhor de ſuas acçoens, e prouvera a Deos que ſuccedera eſta deſgraça ſó aos barbaros, e naõ chegàra a abranger a alguns Reys Chriſtãos, e de xaque em xaque como Rey de Xadrès andava o pobre moço hora nas mãos de hum, hora nas de outro dos tutores ſem elle ter vontade, nem querer, ſobre o que via entre aquelles tres tyrannos que mandavaõ, e comiaõ tudo com grandes invejas, e ciumes, e ſuccedeo naquelle tempo que o Viſorey Dom Conſtantino tomou a Cidade de Damaõ, que foy no anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove, em que eſte pobre moço teve modo, com que fugio de Madre Maluco pera o Itimitican, o qual como era mão homem, ſempre ſe receou dos grandes do Reino, e pera ſe ſegurar quiz uſar de hũa das mayores traiçoens, que nenhum vaſſallo uſou com ſeu Rey, e foy eſta.

Eſtava o Hibar Rey poderoſo dos Mogores na Cidade de Agarà onde entaõ tinha ſua Corte, que poderiaõ ſer jornadas do Reino de Cambaya, o qual era o mayor Senhor de todo o Oriente, e andava com penſamentos de conquiſtar todos os Reinos do Decan pera ficar

mayor Senhor que o Graõ Tamorlaõ de quem deſcendia, e alèm da mà inclinaçaõ que o Itimitican tinha, parece que ſuſpeitou que o Mogor tinha tambem os olhos naquelle Reino, e querendo-ſe ſegurar em ſeu eſtado, quiz quebrar hum olho a ſi (como dizem) por quebrar ambos aos levantados, e em grande ſegredo deſpedio Embaixadores ao Mogor pelos quaes lhe mandou dar conta do eſtado „ em que as couſas da„ quelle Reino de Cambaya eſtavaõ, e „ que ſe quizeſſe ſenhorearſe delle, que „ elle lho entregaria ſem golpe de eſpa„ da, e lhe poria o Rey moço em ſeu „ poder, com tanto que o havia de dei„ xar a elle Itimitican por Viſorey de „ todo aquelle Reino, e com outros partidos largos, que o Mogor lhe concedeo liberalmente, e naõ dilatando o negocio ſe partio com cincoenta, ou ſeſſenta mil cavallos com que em poucos dias entrou pelo Reino de Cambaya, e o Itimitican o foy eſperar à Cidade de Amadabà, onde lhe entregou aquelle Rey, e ſe poz em ſuas mãos. O Mogor que nunca tal imaginou avaliando por grande aquella felicidade, recolheo o Rey com muita honra, e o entregou a hum Capitaõ que tinha dez, ou doze mil cavallos pera que livremente o trouxeſſe em ſua guarda, e elle foy entrando pelo Reino, e ſenhoreando ſe delle ſem golpe de eſpada atè chegar à Cidade de Cambaya donde mandou prover as couſas do Reino, e mandou levar a ſi todos os Capitaens principaes, e os entregou a quem os trouxeſſe em boa guarda.

Eſtavaõ naquelle tempo na Cidade de Cambaya alguns cincoenta, ou ſeſſenta Portuguezes mercadores, que ſe naõ puderaõ recolher por terem ſuas fazendas em terra. Eſtes vendo aſſim o Reino entregue, ajuntàraõ-ſe todos veſtidos o mais cuſtoſamente que puderaõ, e ſe foraõ offerecer ao Mogor que lhe fez grande gaſalhado, e como no jogo da fortuna eſtava com tanta ganancia ſem cuſto algum lhes fez mercès de barato, ſegurando-os que ſe naõ temeſſem, e mandou que ſe lhes naõ bulliſſe em couſa alguma de ſuas fazendas, e lhes diſſe „ que lhe pediſſem mercès, porque „ lhas faria: o que viſto por elles lhe „ pediraõ de mercè que quitaſſe os di„ reitos aos Portuguezes mercadores „ que foſſem àquelle porto com ſuas fa„ zendas, o que o Mogor lhes concedeo facilmente, ſuppoſto que naõ pode o Rey comprir eſta ſua vontade, porque hum Capitaõ, ou Veador da fazenda lhe foy à maõ dizendolhe „ que lhe im„ portava aquillo todos os annos tre„ zentos mil cruzados, pelo que a mercè naõ teve effeito, e parecendolhe bem aquelle trajo dos noſſos mandou fazer outros de capas de raxa, chamalotes, roupetas, calçoens, e botas, e pedio aos Portuguezes algumas gorras, que ſe entaõ coſtumavaõ de Milaõ, e alguns chapeos, e veſtio-ſe à Portugueza com eſpada, e adaga pelo que os noſſos lhe beyjàraõ a maõ.

O Mogor ficou concertando as couſas do Reino, e mandou tomar poſſe das fortalezas de Baroche, e Surrate, em que poz Capitaens Mogores como fez nas mais Cidades, e ſó algũs Regulos que viviaõ em ſerras fortes ſe ſuſtentàraõ nellas, e alguns levantados mais que ſe ficàraõ com as partes que governavaõ quando morreo Soltaõ Mahamede là pera as ſerras de Jurager.

Diſto teve logo o Viſorey aviſo, e vendo quaõ màõ viſinho era o Mogor, e que era neceſſario acodir a ſegurar as fortalezas do Norte, deſpedio pera eſſe effeito a Jorge de Moura com huma galè em que elle hia, e ſeis fuſtas, de que foraõ por Capitaens Chriſtovaõ do Amaral, Joaõ Correa de Brito, Vicente Paes, Joaõ Barriga Simoens, Nicolao de Brito, e Henrique Barboza da Silva, que todos partiraõ em dezaſete de Agoſto deſte anno de ſetenta e dous, levando por regimento „ que naõ que„ braſſe com o Mogor, nem fizeſſe mais „ que andar à viſta da fortaleza de Da„ maõ, e que em ſegredo defendeſſem

„ que

„que naõ foſſem mantimentos pera „Cambaya, o que elle fez com muito cuidado, e dilligencia; e porque ſegundàraõ as novas Dom Luiz de Almeida Capitaõ de Damaõ eſcreveo ao Viſorey „que eſtava aquella Cidade aberta, que „era neceſſario acodirlhe, porque ſe o „Mogor tentaſſe alguma maldade a naõ „tomaſſe, pelo que com muita preſſa deſpachou outra Armada de duas galez, e ſete fuſtas, de que foy por Capitaõ mòr Dom Jorge de Menezes que depois foy Alferes mòr do Reino, o qual partio de Goa em quinze de Outubro ſeguinte elle em huma galè, Diogo de Azambuja em outra, das fuſtas foraõ por Capitaens Dom Sancho de Vilhena, Dom Luiz de Menezes, Pedro Boto Meirelles, Eſtevaõ de Pina, Manoel Alvares, Pedro Soares, Appollinario de Val de Rama, que ſe foy direito a Damaõ, e andou por aquella coſta com grandes intelligencias no Mogor, e veyo com huma grãde cafila de navios a Goa donde o Viſorey o tornou a deſpedir pera Cananòr a buſcar outra com que chegou a Goa, eſtando jà o Viſorey pera dar à vela pera Damaõ.

Como nas Cortes dos Reys do mundo nunca faltaõ liſongeiros deſejoſos de ganhar terra com elles, aſſim ſuccedeo aqui com eſte barbaro, que eſtando pondo em ordem as couſas daquelle Reino, de que ſe fez Senhor em taõ breve tempo ſem golpe de eſpada, ſendo ſua potencia taõ grande nos tempos paſſados que aſſombrava todo o Oriente lhe diſſeraõ „que as terras de Damaõ, e „ainda as de Baçaim com ſuas Cidades „eraõ do Reino Guzarate, as quaes os „Portuguezes comiaõ, e poſſuhiaõ ſen„do de direito ſuas, que era diſcredito „da ſua potencia diſſimular com iſſo „tendo-as taõ perto, e taõ certas que „naõ eſtava em mais ſenhoreallas que „em mandar ſeus Capitaens ſobre ellas, e tanto lhe diſſeraõ que mandou fazer preſtes Cutibidican com dez mil cavallos, de que logo Dom Luiz de Almeida foy aviſado, e deſpedio recado com muita preſſa ao Viſorey „affirmando„lhe a certeza daquella jornada que ri„cava a riſco de ſe perder aquella Cida„de pela pouca defenſaõ que tinha, e juntamente ſe começou a fortificar o melhor, e mais apreſſadamente que pode ſer. O Capitaõ do Mogor deſpedio hum enviado ao Capitaõ da Cidade pelo qual lhe mandou dizer „que o Mogor ſeu „Senhor lhe mandava rogar que lhe deſ„pejaſſe a Cidade, e largaſſe as terras „que eraõ do Reino de Cambaya, cujo „Senhor elle era, e que folgaria de naõ „romper com elle ſobre o que era ſeu. „Dom Luiz lhe reſpondeo que eſtava „alli da maõ do Viſorey da India ſem „cuja licença elle naõ podia fazer cou„ſa alguma, que lhe mandaria recado, „e mandando elle que lhe entregaſſe tu„do, o faria com muito goſto, e ſobre eſte negocio tornou o Mogor a replicar por vezes, e de todas ellas o foy entretendo D. Luiz com a eſcuſa de eſperar pelo recado do Viſorey, atè elle chegar como ao diante diremos.

Eſte recado chegou ao Viſorey na entrada de Dezembro, e logo com muita preſſa ſe começou a fazer preſtes pera acodir em peſſoa àquelle negocio com todo o poder que na India houveſſe, porque era muy arriſcado o caſo, ſe nelle houveſſe deſcuido algum, e aſſim quando foy a ultima Oytava do Natal ſahio pela barra fóra com a Armada ſeguinte. Nove galez, huma em que hia o Viſorey, e das outras foraõ Capitaens, Dom Jorge Alferes mòr que foy, que tinha vindo do Norte com huma grande cafila, Dom Garcia de Noronha, neto do outro que foy Viſorey, Dom Henrique de Menezes, Dom Miguel de Caſtro filho do Viſorey Dom Joaõ de Caſtro, Dom Joaõ da Gama filho de Dom Vaſco da Gama ſegundo Conde da Vidigueira, Franciſco da Silva de Menezes de Campo Mayor, Diogo de Azambuja, e Rodrigo Homem da Silva. Levou oito galeotas Latinas, cujos Capitaens foraõ; Dom Diogo de Menezes, Manoel Furtado de Mendoça irmaõ de

Andrè Furtado que foy Governador, Fernaõ de Albuquerque, que ainda hoje vive, Gaſpar de Brito do Rio, Joaõ de Mello de Sampayo filho do Doutor Gaſpar de Mello, Nuno de Mendoça, e Diogo Dias do Preſte. Fuſtas levou ſetenta e ſeis, de que foraõ Capitaens Manoel de Souſa Coutinho, que depois foy Governador, Dom Rodrigo de Souſa, Dom Rodrigo de Caſtro, Dom Franciſco de Souſa, Dom Martinho da Silveyra, Ayres Falcaõ, Jorge da Silva Pereira filho de Ruy Pereira da Silva, Dom Antonio de Caſtro, Alexandre de Souſa, Antonio Maſcarenhas, Joaõ Gomes de Abreu de Lima, Diogo da Silva, Jeronymo Carvalho, Franciſco Paes de Mello, Nuno Cordeiro, Gonçalo Guedes de Reboredo, Antonio de Eſpinola, Luiz de Souſa, Gaſpar de Sà, Manoel Fernandes de Bèja, Fernaõ Alvres do Oriente, Pedro Furtado de Mendoça, Joaõ Fernandes da Coſta, Chriſtovaõ de Araujo Evangelho, Antonio de Souſa Coutinho, Luiz Ferreira o Chatim, Gregorio Boto, Pedro Fernandes Brochado, Vaſco da Silva, Manoel de Miranda, Franciſco Pereira, Antonio Vaz Correa, Eſtevaõ Gonçalves Meſtre Capitaõ dos Inhames, Manoel Dias, Fernaõ Gomes, Lopo Pereira, Pedro Zuzarte Tiçaõ, Alvaro de Abreu Pereira, Dom Leoniz Pereira Capitaõ que foy de Malaca, Manoel de Mello, Damiaõ Furtado, Diogo Collaço, Chriſtovaõ de Tavora, Martim Affonſo de Mello, Joaõ Ferreira Fialho, Diogo Lopes de Meſquita que foy Capitaõ de Maluco, Dom Paulo de Lima Pereira, Antonio Telles de Menezes, Alvaro Ferreira, Manoel Rodrigues, Coſme Duarte, Luiz Fernandes, Rodrigo Monteiro. O Licenciado Antonio Correa Ouvidor géral, Diogo Fernandes o Forte, Joaõ Pereira, Diogo do Quintal, Diogo de Mello Coutinho, e Zofocaõ Principe do Balagate, Dom Joaõ Principe de o Inquiſidor Bartholomeu da Fonſeca, Agoſtinho Nunes, Franciſco de Mello, Antonio Luiz, Gaſpar Tavares Cananòr, Dom Luiz de Menezes, Henrique Dias, Appollinario de Val de Rama, Dom Sancho de Vilhena, Eſtevaõ de Pina, Pedro Boto Meirelles, Manoel Alvares, Manoel de Saldanha, Dom Garcia Malavar, Bartholomeu de Magalhaens, Pedro Fernandes, e outros.

Levou mais cinco galeoens, cujos Capitaens foraõ Dom Pedro de Caſtro, Dom Franciſco Henriques, Ayres de Souſa, Manoel de Brito, e Mem Lopes Carraſco. Neſta Armada hia o melhor de tres mil homens de armas afóra a gente da terra, cujos provimentos de toda ella me encarregou o Viſorey, e em menos de hum mez deu à vela, e como ventavaõ terrenhos, e viraçoens, em poucos dias foy tomar Baçaim, onde teve recado de D. Luiz de Almeida, que os Mogores eſtavaõ já menos de duas leguas daquella Cidade, pelo que teve conſelho com ſeus Capitaens, e Fidalgos velhos ſobre o que faria, e os mais delles votàraõ „ que o Viſorey ficaſſe naquella Ci„ dade de Baçaim, e mãdaſſe toda aquel„ la potencia a Damaõ, porque vendo „ os Mogores, e ſabendo que o Viſorey „ ficava em Baçaim haviaõ de ter pera „ ſi que com elle ficava outro poder ma„ yor, e que vendo-o em Damaõ tam„ bem haviaõ de cuidar que levava com„ ſigo todo o poder que na India havia, „ e que era muito differente huma couſa „ da outra pera os Mogores naõ paſſa„ rem ſobre Damaõ: em fim debatido o „ negocio, aſſentou o Viſorey de paſſar „ adiante, porque houve votos que con„ formàraõ com elle, dando por razaõ, „ que quando os Mogores o là viſſem „ naõ haviaõ de medir a gente pela que „ levava a Armada, ſe naõ pela potencia „ da ſua maquina, em que ao menos ha„ viaõ de cuidar que hiaõ mais de ſeis „ mil homens, e que ſó o nome de eſtar „ o Viſorey da India em Damaõ havia „ de enfrear muito os Mogores no que „ ſe naõ enganou; e tomando alli mais doze, ou quinze navios que ſe lhe ajuntàraõ de Chàul, e Baçaim, os quaes os Fidalgos

Fidalgos alli casados tinhaõ armados pera o acompanharem o Visorey, deu à vela pera Damaõ, onde chegou em poucos dias, e deixando os galeoens fóra entrou o rio com as galez, e com a Armada de remo que se estendeo de huma, e outra parte, ficando o rio entulhado de embarcaçoens que ao entrar salvàraõ a Cidade com tanto estrondo, que foy espanto, e o mesmo fizeraõ os galeoens, cujos terremotos foraõ dar nos ouvidos dos Mogores que os assombrou de maneira que naõ sabiaõ parte de si. O Visorey desembarcou em terra, e foy visitar as fortificaçoens, e as mandou renovar com muita pressa, porque naõ tinha a Cidade mais muros que huns entulhos altos de area, e metidos por elles humas arvores, e hervas leiteiras muy grandes, e espessas, às quaes se naõ pòde chegar pera as cortar, porque o leite que dellas salta, se dà nos olhos, logo os cega, e trata mal, e com a artelharia naõ se pòdem bater, porque nos pès dellas nos entulhos de area ficaõ os pelouros enterrados, e mais acima passaõ pelas arvores sem fazerem dano, e nos baluartes, que tinha da mesma feiçaõ, mandou pôr algumas peças de artelharia pera varejarem o campo que se descobre todo, e poz nelles Capitaens com seus soldados de maneira, que ficou a fortificaçaõ segura, e assim entendeo o Visorey em outras cousas de que havia necessidade com muita ordem, e brevidade.

Tanto que soube o Capitaõ dos Mogores ser o Visorey chegado, logo avisou o seu Rey que estava em Baroche pelo que se passou a Surrate por ficar mais perto de Damaõ, donde proveo em muitas cousas do Reino, e houve às mãos os Capitaens alevantados que mandou ter a bom recado, e mandou prover aquellas fortalezas de outros seus vassallos com que os segurou, e tendo recado em como o Visorey estava em Damaõ com aquelle poder, naõ quiz romper com elle, antes procurar amisades pelo proveito que disso tinha na navegaçaõ de suas nàos pera Meca, em que elle determinava de meter grande cabedal, e sua mãy, e algumas mulheres desejavaõ de hir visitar o sepulcro de Mafamede, pelo que ordenou hum Embaixador com grande apparato, e magestade pera o hir visitar, e tratar com elle amisades, o qual em breves dias foy ter a Boliar, e dahi mandou fazer a saber ao Visorey da sua vinda, o qual lhe mandou preparar hum grande recebimento, e lhe mãdou os parabens della por Christovaõ do Couto Lingua do Estado, que pera isso foy muito acompanhado, e ambos assentàraõ o dia em que queriaõ fazer sua entrada que foy por esta maneira.

Mandou o Visorey chegar os galeoens o mais perto da barra que pode ser, e as galez que se puzessem pelo meyo do rio em fileira, e hum espaço diante huma da outra, e as fustas que se estendessem de longo da ribeira de huma, e outra parte, e os baluartes da Cidade se enchessem de bandeiras, como fizeraõ os galeoens, e as fustas todas, e as galez com suas flamulas, galhardetes, e bandeiras todas fermosissimas, e a galè bastarda em que o Visorey estava se poz no meyo das outras com seu toldo de borcado franjado de ouro que arrojava quasi até a agua, e na quadra a bandeira Real das Armas de nosso Senhor Jesu Christo, e na popa tres grandes faroes dourados, e a chusma vestida o melhor que pode ser, e a coxia do mastro atè a estanteirola cuberta de fermosas alcatifas, e o toldo com outras mais ricas, e por cima guarnecidas de panos de ouro, de maneira que estava a Armada tanto pera temer, como pera se folgar de ver, e o dia da entrada do Embaixador mandou o Visorey chamar pera a sua galè todos os Fidalgos velhos, e Capitaens, que eraõ mais de duzentos, q̃ foraõ custosissimamente trajados, e armados por baixo, os quaes se estendèraõ pela galè de popa à proa por cima dos balesteiros, e o Visorey dentro no toldo assentado em hũa cadeira de borcado, vestido de huma roupa preta, e huma saya de malha mu-

rica

rica por baixo, e hum pagem com hum montante nù junto delle, no cabo da coxia encoſtado à eſtanteirola eſtava D. Jorge de Menezes que depois foy Alferes mòr do Reino armado de armas inteyras brancas muy reluzentes, e huma cellada de aſſo na cabeça a modo de viſeira, e nas mãos hum grande montante dourado nù, e como era hum dos fermoſos homens de ſeu tempo, aſſim na eſtatura do corpo, como no valor de ſua peſſoa, e animo, ſó pera o ver ſe pudera tomar qualquer trabalho.

O Embaixador do Mogor chegou à outra banda da praya onde o eſperava Dom Luiz de Almeida Capitaõ da Cidade com ſeus parentes, e amigos muito louçãõs, e nas viſtas tiveraõ grandes comprimentos, e tomando elle o Embaixador pela maõ o embarcou em huma fuſta ricamente preparada, e o levou ao toldo, onde ſe aſſentàraõ cada hum em ſua cadeira de veludo, e ao afaſtar, e deſamarrar da praya ſe fez hum ſinal, com o qual começàraõ os galeoens a diſparar aquella ſoberba furia de artelharia huma, e muitas vezes, e o meſmo fizeraõ as galez hindo jà o Embaixador pelo meyo dellas, o qual fez parar a embarcaçaõ, porque com as nuvens do fumo naõ viaõ por onde hiaõ, porque eſcurecia a claridade do Sol, e depois das galez fizeraõ o meſmo as fuſtas, e navios de remo, o que tudo foy de muito mayor eſpanto pera os Mogores que nunca imaginàraõ de ver, e cuido certo que de boa vontade trocàra o Embaidor as honras de ſe ver naquelle lugar por ſe naõ ver nelle: durou eſta ſalva largas duas horas, e tanto que o eſtrondo ceſſou que ſe começàraõ a eſpalhar as nuvens de fumo, foy o navio em que o Embaixador hia remando pera a galè, e antes de chegar a ella lhe deu tambem huma fermoſa ſalva: foy a fuſta demandar a proa como eſtava ordenado, pela qual, e por cima daquelles fermoſos canhoens, e baziliſcos foy o Embaixador deſembarcado, e pela coxia o foy o Capitaõ Dom Luiz ſempre levando da maõ hindo elle muito grave pondo os olhos naquella fermoſa fidalguia que de huma, e outra parte eſtava, e chegando à eſtanteirola deu com D. Jorge de Menezes em pè na fórma q̃ diſſe, e parando hum pouco a olhar pera elle lhe falou. O Viſorey ao entrar do toldo ſe levantou, e deu alguns paſſos a tomar o Embaixador que ſe lhe vinha humilhando, e o levou nos braços, e pela maõ o levou ao toldo onde ſe aſſentàraõ, e o Viſorey lhe perguntou pela ſaude do Hecobar, e de ſeus filhos ao que lhe reſpondeo em fórma, e paſſados eſtes primeiros comprimentos lhe diſſe o Viſorey „ que elle „ vinha muito alvoraçado pera ver o „ Hecobar parecendolhe que o achaſſe „ mais perto, mas pois naõ podia ſatiſ„ fazer eſte deſejo o mandaria fazer por „ ſeu Embaixador q̃ deſpediria em ſua „ companhia, e que eſtimava muito que „ foſſe Senhor do Reino de Cambaya „ por ficar mais perto das noſſas forta„ lezas, donde os Capitaens dellas, e „ elle Viſorey o ſerviriaõ, e ſuſtenta„ riaõ com elle huma firme amiſade pera „ melhor cõſervaçaõ de ſeus Eſtados. O Embaixador depois de ter ſobre aquelles pontos os agradecimentos devidos, e comprimentos neceſſarios lhe deu ſua embaixada que toda redondava „ em „ deſejar com o Eſtado da India a meſ„ ma paz, e amiſade de que a todos re„ ſultaria grandes bens, e acreſcenta„ mentos, e por fim vieraõ a aſſentar, „ que o Viſorey mandaſſe ſeu Embaixa„ dor a concluhir as pazes com o meſmo „ Hecobar que eſtava em Surrate, e que „ elle Embaixador eſperaſſe dous, ou „ tres dias da outra banda onde tinha as „ ſuas tendas atè ſe aviar a peſſoa que „ com elle havia de hir, e que recolheſſe „ a gente de guerra das terras de Damaõ, „ porque os moradores das aldeas que „ era gente coitada, eſtavaõ aſſombra„ dos, e naõ ouzavaõ cultivar ſuas ter„ ras, o que o Embaixador prometteo, e comprio inteyramente, e com iſto o deſpedio com algumas peças ricas que lhe deu, e ao deſembarcar teve outra

ſalva

salva se melhante à passada, e o Capitaõ Dom Luiz o poz da outra banda, e se tornou pera a Cidade.

O Visorey tratou logo da eleiçaõ da pessoa que havia de hir por Embaixador, e por parecer dos mais foy eleito Antonio Cabral, que era homem Fidalgo, e de bom entendimento, e de muitos annos da India, e que poderia fazer muito bem aquelle negocio, o qual logo se fez prestes de trajos, e apparatos pera o lugar que hia representar diante de hum tamanho Monarca, e o Visorey lhe deu apontamentos das cousas que havia de tratar sobre as pazes, e provisaõ pera conceder ao Hecobar huma nào sua pera hir de Surrate ao porto de Meca forra dos direitos. Negociado Antonio Cabral passou se da outra banda levando comsigo Christovaõ do Couto Lingua do Estado, e oito, ou dez homens de ginetes muito bem ataviados, e outra gente de serviço, e em companhia do Embaixador Mogor foy a Surrate, tendo o Hecobar jà recado do seu Embaixador das cousas que tinha passado com o Visorey, e de como lhe mandava seu Embaixador, ao qual elle mandou receber muy honradamente tendo com elle as praticas ordinarias de lhe perguntar pela saude de ElRey de Portugal, e do Visorey, e por outras cousas, a que lhe respondeo Antonio Cabral muito em fórma, e cometteo alli logo às pessoas que lhe pareceo a concluſaõ do negocio das pazes, com as quaes Antonio Cabral ficou correndo, sendo em tudo Christovaõ do Couto a Lingua, porque era homem muito resoluto naquelles negocios, e por fim se vieraõ a concluhir as pazes, e a se jurarem, Antonio Cabral por parte do Visorey, e da parte do Hecobar naõ pude saber se as jurou elle, se outrem em seu nome, e os pontos principaes com que se concluhiraõ se poderaõ ver melhor deste formaõ que dellas passou o Hecobar, das quaes eu tenho tres treslados na Torre do Tombo, cujo teor he o seguinte.

PODEROSO DEOS HUM SO.

Mandado de Gelaldim Mamede Hecobar Patagasi.

„ AOs meus nobres, e honrados
„ Regedores, Governadores, Ca-
„ pitaens, e Fidalgos, e a todos os desta
„ dignidade, e a todos os mais meus
„ creados, e Officiaes a que o conheci-
„ mento deste pertencer mòrmente aos
„ que regem, e governaõ esta Provincia
„ de Guzarate, e principalmente aquel-
„ les que tem mandado supremo em Ba-
„ roche, e Surrate, e na Prasara, de Nau-
„ saury, e de Velodàra, saibaõ todos q o
„ muito honrado dos muy illustres, e af-
„ famados deste tempo obediente ao al-
„ to mandado D. Antonio de Noronha
„ Visorey dos Portuguezes me mandou
„ offerecer, e mostrar quanto desejo ti-
„ nha de minha amisade, e quanta von-
„ tade tinha de fazer serviços a esta mi-
„ nha alta, e Real casa offerecendo-se-
„ me pelo honrado Antonio Cabral que
„ por elle chegou a supplicar, e beyjar o
„ pè de meu alto assento, a qual offerta, e
„ offerecimento me contentou, e hou-
„ ve por bem mandar passar este meu
„ alto, e illustre formaõ pelo qual vos
„ mando em géral a todos, e a cada hum
„ por si, que Damaõ, e suas terras, de
„ que elle està de posse, e as tem em seu
„ poder, que lhas naõ tomeis, nem man-
„ deis tomar, nem nellas entrar por ne-
„ nhum caso, nem chegar a seus extre-
„ mos, e os Malavares que vierem com
„ mercancia, e navegarem em seus pa-
„ ròs, e fustas sendo ladroens, e malfei-
„ tores, e merecerem ser castigados, naõ
„ os favoreçaes por serem prejudiciaes a
„ toda a naçaõ, mas antes vos mando q̃
„ favorecendo os ditos Portuguezes
„ seja notorio a todos este favor que lhes
„ eu mando dar, fazey-o de maneira com
„ que elles fiquem de mal livres, e do
„ dano que lhe poderaõ fazer, pera
„ que com isso vivaõ contentes, e ás
„ ditas terras naõ hirà ninguem, nem a
„ seus

„ ſeus extremos, e naõ conſentireis a „ outrem que lhe faça dano algum, e o „ que vires que he rebelde a eſte meu „ alto mandado, caſtigareis de maneira „ com que por nenhum caſo poſſa fazer „ dano algum, e todo o eſcravo de Por- „ tuguezes, que vier a lugares, e terras „ noſſas fugindo das ſuas, examina- „ reis a tençaõ que pera iſſo teve, e con- „ forme a ley ſerá julgado, e entregue a „ ſeu dono, pelo que vos mando q̃ em ſe „ comprirem eſtas couſas naõ haja duvi- „ da alguma. Feito a dezoito de Março „ de mil e quinhentos e ſetenta e tres. Eſte formaõ tiveraõ alguns pera ſi que ficára em deſcredito do Eſtado pela grande ſoberba, que eſte barbaro nelle uſára, e houve duvidas ſe ſe havia de aceitar, ou ſe ſe havia diſſimular, por ſe naõ arriſcar aquella fortaleza pela grande potencia com que eſte Rey eſtava taõ perto della.

O proprio com o ſello pendente do Hecobar feito em huma folha de papel de marca mayor achey eu na maõ de hum homem, que me naõ lembra ſeu nome, nem como me diſſe viera a ſeu poder, o qual eu levey ao Viſorey, que me parece era D. Franciſco Maſcarenhas, pera que ſe veja como ſe guardaõ as couſas que tanto importaõ, e ſe poem em cobro neſte Eſtado, donde ſenaõ trata mais que de ajuntar, e andar, e ainda eſte proprio que eu deſcobri, e dey ao Viſorey, naõ ſey que he feito delle, ſendo obrigaçaõ eſtar na Torre do Tombo como padraõ de huma doaçaõ de tanta importancia, como he o de huma Cidade com mais de doze leguas de juriſdiçaõ, e por eu lembrar eſtes deſcuidos, ElRey Dom Filippe que eſtà em gloria, quando me cometeo eſta hiſtoria da India, mandou logo ordenar eſta Torre do Tombo, onde mandou ſe recolheſſem todos os papeis, livros, e couſas que houveſſe em caſa do Secretario, e na Chancellaria, e todas as inſtruçoens, e regimentos que vem do Reino todos os annos, o que nunca pude acabar com os Viſoreys que o fizeſſem aſſim executar, e quaſi que eſtà eſta caſa por fórma ſó com o titulo de Torre do Tombo ſem ter mais que huns poucos de livros velhos, que aqui lançàraõ os Officiaes por lhe naõ aproveitarem, nem ſervirem de couſa alguma.

E porque a mãy, e mulheres do Hecobar deſejavaõ como diſſe hirem-ſe offerecer à caſa de Mafamede pera ſegurança da nào em que foſſem, pediraõ os Miniſtros do Mogor a Antonio Cabral „ ſalvo conduto pera poder partir de „ Surrate huma nào cada anno pera Me- „ ca forra dos direitos, que elle conce- „ deo livremente, encomendando aos „ Capitaens no ſalvo conduto que lhe „ dèſſem, e fizeſſem todo o favor, e ſer- „ viço à mãy, e mulheres do Hecobar, „ que lhe foſſe neceſſario. Feitas eſtas amiſades, e celebradas em Surrate, e em toda Cambaya ſe deſpedio Antonio Cabral do Mogor, e ſe foy pera Damaõ, onde o Viſorey ainda eſtava dando deſpacho a muitas couſas.

E porque naõ fique iſto pera outro lugar por caber neſte, direy o que cuſta eſte cartaz todos os annos ao Eſtado. Andava a Alfãdega de Dio neſte tempo arrendada, e ſabendo os rendeiros da liberdade deſta nào reclamàraõ ao Viſorey pedindo abatimento do que importavaõ ſeus direitos, o que correo diante dos ſeus Officiaes da fazenda, onde ſe alvidrou que ſe deſcontaſſem dezoito mil pardaos cada anno da renda, viſto pagarem outras que ſe deſpachavaõ em Dio a meſma quantia, de que os rendeiros appreſentàraõ certidoens dos livros das Alfandegas. E aſſim ficàraõ faltando nas rendas do Eſtado cada anno aquelles dezoito mil pardaos, e naõ foy ſó eſta a perda que por aqui recebeo, mas pelos tempos adiante recebeo mais de cinco mil cruzados por eſta maneira. Tanto que os moradores de Cambaya (que coſtumavaõ hir a Meca em ſuas nàos, que eraõ doze, e quinze, e tinhaõ obrigaçaõ de hirem carregar a Dio, e pagar alli os direitos) viraõ ſer eſta nào liberta dos direitos, là em Meca embarcavaõ

cavaõ nella, o seu ouro, prata, e brocados, coral, e outras fazendas ricas, que era o principal rendimento daquella Alfandega, e as nàos da obrigaçaõ daquella fortaleza chegavaõ a ella com o rebotalho das fazendas, que na outra se naõ puderaõ carregar, e a de menos substancia, de que a Alfandega recebe grandes perdas em que naõ ha remedio algum por quanto se havia de guardar aquelle cartaz que se concedeo, porq̃ importa assim ao Estado pelo credito, e pela quietaçaõ da Cidade, e terras de Damaõ, em cuja defensaõ se gastaria duas, e tres vezes mais do que isto monta pera se defenderem. Estando o Visorey aqui em Damaõ provendo em muitas cousas, lhe chegàraõ cartas de Maluco, assim da morte de Gonçalo Pereira Marramaque, como do estedo perigoso em que a fortaleza de Ternate ficava, pelo que abreviando os negocios fez logo volta pera Goa.

O Mogor tanto que concluhio com as cousas de Cambaya, e deixou dada ordem a seus governos, foylhe necessario acodir aos outros Reinos, porque se receava que assim os Liquios q̃ confinaõ com elle pela parte do Norte, como os Patanes que lhe ficaõ ao Nascẽte, que todos saõ seus mortalissimos imigos, vendo-o muito tempo auzente lhe entrassem por seus Reinos, como jà fizeraõ por algumas vezes, como se verá na minha quinta, e sexta Decadas: pelo que se poz logo a caminho levando comsigo o Rey entregue (como disse) a hum Capitaõ que o tratava muito bem, e o mesmo fez ao Itimitican que lhe entregára o Reino, e aos mais Capitaens por assim segurar melhor a sua causa, e como he muito natural nos Reys estimarem a traiçaõ, e aborrecerem aos traidores, em pago de o Itimiticam lhe entregar aquelle Reino, lhe mandou em Laor cortar a cabeça, porque este foy o galardaõ que lhe deu, dando por razaõ que quem for a traidor ao seu Rey natural, e que chegou a entregallo em pessoa com o Reino, naõ guardaria lealdade a quem naõ tinha obrigaçoens, e o mesmo fez aos mais dos outros Capitaens por lhe naõ ficar cousa de que se pudesse temer, e recear, e por ficar seguro naquelle Estado q̃ tanto assombrou todo o Oriente. Chegou o Visorey a Goa na entrada de Abril, e logo tratou do soccorro de Maluco por achar novas certas do miseravel estado em que aquellas partes estavaõ, e mandou negociar hum galeaõ, huma nào, e tres galeotas em que se metèraõ muitas muniçoens, mantimentos, e roupas. Partio na entrada de Mayo, e elegeo por Capitaõ mòr deste soccorro a Antonio Valadares de Lacerda, que era provido da viagem de Bandá, que havia de hir fazer depois de deixar este soccorro em Maluco, da nào foy Antonio Machado Capitaõ, das galeotas foraõ, Francisco de Mello Soares que depois foy Capitaõ de Barcellor, Christovaõ Machado, e Dom Francisco de Lima. Partidos de Goa naõ puderaõ as galeotas dobrar a ponta de Gàle, e arribáraõ a Ceilaõ onde invernàraõ, o galeaõ, e a nào a passáraõ, e foraõ seguindo sua jornada, de que ao depois daremos razaõ.

E por quanto o Camori fazia movimentos contra a fortaleza de Cranganór, despedio o Visorey no mesmo tempo a Vicente Dias de Villalobos com duas galez, e cinco fustas pera hir invernar naquella fortaleza, nas galez hia elle, e Vasco Fernandes Pimentel, nos navios hiaõ, Joaõ Fernandes da Costa, Ruy Gonçalves Ribeiro, Manoel Carvalho de Oliveira, Bartholomeu Fernandes, e Dom Garcia o Malavar.

E assim proveo as fortalezas do Canarà de alguns Capitaens, e soldados, e a de Columbo em Ceilaõ com dous navios, em que foraõ Francisco Gomes Leitaõ Capitaõ do Campo, e Jeronymo Monteiro, e com isto se cerrou o inverno.

Muita perda foy pera os Chatins de Barcellor aquella fortaleza em seu porto, porque naõ só lhe tirava os provimentos, mas ainda a sua liberdade, porque

que ficavaõ como cativos, ſendo de antes taõ livres, que naõ havia quem lhes foſſe à maõ, pelo que vendo entrado o inverno, e que a fortaleza ficava com pouca gente determinàraõ de a tomar, e ajuntando cinco, ou ſeis mil homens foraõ ſobre ella, e lhe puzeraõ hum rijo cerco. Ruy Gonçalves da Camera, que nella eſtava por Capitaõ, foy aviſado das preparaçoens que faziaõ, e com muita preſſa deſpedio recado ao Viſorey que là chegou no fim de Agoſto, e vendo que era forçado acodir àquelle negocio, logo com muita preſſa mandou lançar ao mar tres galeotas, e elegeo pera hirem nellas a Gonçalo Nunes filho de Leonardo Nunes, Fiſico mòr de ElRey, por Capitaõ mòr, e a Rodrigo Homem da Silva filho de Vaſco Homem Fernandes, e Ruy Gonçalves Ferreira que com ſer inverno tormentoſo ſahiraõ pela barra fóra em nove de Junho, e em ſua companhia foraõ Antonio de Menezes de Vaſconcellos, e Diogo Lopes da obrigaçaõ de Ruy Gonçalves da Camera, cada hum em ſua almadia forçando os mares, e os ventos por ſer o tempo groſſo, quaſi alagados chegàraõ àquella fortaleza que eſtava muito trabalhoſa, e tinha todos os dias grandes rebates, e aſſaltos dos imigos, mas com o ſoccorro ficàraõ mais aliviados, e todavia os imigos foraõ metendo cada vez mais cabedal, e apertàraõ muito com os noſſos, do que Ruy Gonçalves aviſou ao Viſorey, e lhe pedio mais ſoccorro, que elle logo negociou, e elegeo por Capitaõ mòr delle Dom Jorge de Menezes que depois foy Alferes mòr, a quem mandou armar doze galeotas, e fuſtas que em breves dias ſe apercebèraõ, e partiraõ de Goa em dezanove de Julho, e os Capitaens afóra Dom Jorge foraõ os ſeguintes. Roque de Brito que hia por Feitor da Armada, Fuſtaõ Gomes Pereira filho do Tanadar mòr de Goa, Franciſco Pereira, Sebaſtiaõ Gonçalves de Alvellos, Leonel de Lima que em Portugal foy Provedor da caſa da India, Pedro Boto Meirelles, D. Eſtevaõ de Menezes filho de Dom Jorge de Menezes o Baroche, Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, Dom Diogo da Silveyra filho de Dom Simaõ da Silveyra o Velho, Thomè de Souſa Coutinho irmaõ de Manoel de Souſa Coutinho, que depois foy Governador da India, Domingos Ferreira Eſcorcio, e Diogo Rodrigues homem da terra.

Dom Jorge de Menezes naõ pode ſahir pela barra fóra por ſer o tempo muito tormentoſo, e eſtarem os bancos areados, e ſoberbos, pelo que determinou de hir pela de Goa velha, e aſſim foy por dentro dos rios rodeando a Ilha atè a boca da barra, que ſe chama Murmugaõ, que he mais larga que a de Goa, e mais oppoſta ao vento traveſſaõ, onde os mares fazem grandes eſcarceos, e por cima daquellas carrancas cometeo a ſahida, na qual eſteve toda a Armada perdida, e com grande trabalho, e riſco tornàraõ pera dentro todos alagados, e com os mantimentos perdidos, e ſem querer Dom Jorge tornar a Goa, mandou recado ao Viſorey, o qual me mandou chamar, porque corria (como diſſe) com os Armazens dos mantimentos pera que proveſſe aquella Armada de novo, como fiz em vinte e quatro horas, e o Capitaõ mòr gaſtou tres, ou quatro dias em reformar os navios, porq̃ ſahiraõ todos deſtroçados, e tomando os novos provimentos tornou D. Jorge acometer a barra, jà em quatro ou cinco de Agoſto, e porfiando contra os ventos, e mares ſahio fóra ao largo, e deu à vela com toda a ſua Armada jũta hindo correndo a coſta, porque ainda que o vento era furioſo ſervia pera a jornada, e ao outro dia foy tomar o rio Janquiſer onde levava por regimento „ hir queimar hu„ ma galè que diziaõ ſe fazia alli, e caſ„ tigar aquelle Naique por eſtar levan„ tado, como o anno paſſado o caſtigàra „ Dom Diogo de Menezes. Dom Jorge cometeo a entrada do rio que he muito ruim, e de muitas pedras, e com muito trabalho, e riſco entrou dentro, e foy pôr a proa na povoaçaõ em que mandou

dou deſembarcar trezentos homens com ſeus Capitaens com ordem do que haviaõ de fazer, e entrando a povoaçaõ achàraõ huma nào q̃ ſe eſtava fazendo em eſtaleiro, e lhe puzeraõ o fogo; ao q̃ o Naique acodio com ſuas gentes que eraõ mais de mil e quinhentos homens, com os quaes os noſſos travàraõ huma muito razoada batalha. Na Armada ſe ouvio a revolta, e os noſſos q̃ della vieraõ fugindo, deraõ recado ao Capitaõ mòr, o qual ſaltou logo em terra armado com hum montante nas mãos, e os ſoldados do ſeu navio foraõ corrẽdo àquella parte, deixando no navio Andrè de Souſa irmaõ de Franciſco de Souſa o Manco hũ Fidalgo mancebo de muitas partes pera que lho tiveſſe naquelle lugar, e a Pedro Boto Meirelles com a gente do ſeu navio, pera que ſe naõ afaſtaſſe da Armada, e pera que recolheſſe alguns deſmandados. Dom Jorge foy atè a povoaçaõ onde os noſſos andavaõ de volta com os imigos, que logo ſe desbaratàraõ com ſua chegada, e Dom Jorge foy recolhendo os ſeus, e encaminhando pera a praya. Os dous Fidalgos que elle deixou em guarda dos navios, deulhes a deſconfiança de verem hir o Capitaõ mòr daquella maneira pera a povoaçaõ, e de ouvirem a revolta da briga, pelo que largando tudo foraõ caminhando pela povoaçaõ dentro por huma rua differente da por onde o Capitaõ mòr ſe vinha recolhendo, e deraõ com hum corpo de imigos q̃ vinhaõ ladrando aos noſſos, e vendo aquelles Capitaens com poucos ſoldados denodadamente remetèraõ a elles, q̃ tiveraõ por affronta fugiremlhe, antes lhe fizeraõ roſto, e com grande valor travàraõ com elles huma aſpera batalha, em que fizeraõ altiſſimas cavallarias, mas como os imigos eraõ tantos, e os tinhaõ rodeados por muitas partes, os matàraõ de innumeraveis feridas, e ainda lhe cortàraõ as cabeças. Dom Jorge chegando à Armada, e achando menos aquelles dous Fidalgos bramia como hum leaõ de lhe ſahirem contra ſeu mandado, e mandando os buſcar os acháraõ ſem cabeças, e os trouxèraõ à praya, o que Dom Jorge ſentio em extremo, porque ſó aquelles dous Fidalgos ſe perderaõ por deſconfiança, e mandando os embarcar, os foy enterrar em huma Ilha que ſe faz no meyo do rio onde pera ſempre ficáraõ.

Feito iſto partio Dom Jorge pera Barcellor onde entrou, e na barra achou huma náo de Meca que tomou, e mandou pôr a bom recado, e chegando à fortaleza a achou jà deſapreſſada, e ſem trabalho, e deixandolhe gente, e muniçoens voltou logo pera Goa, levando a náo comſigo, a qual o Viſorey mandou entregar ao Veador da fazenda, mas era couſa de pouco porte.

CAPITULO XIV.

Vay Dom Henrique de Menezes ao Norte, toma duas nàos de Meca, e perdem-ſe com tormenta.

PArtido Dom Jorge de Menezes pera Barcellor logo o Viſorey mandou preparar outra Armada de huma galè, e ſete galeotas, de que fez Capitaõ mòr Dom Henrique de Menezes, porq̃ foy aviſado „ que em Dabùl ſe eſpera- „ vaõ algumas nàos do Idalxá, que ha- „ viaõ de vir de Meca ſem cartazes, dan- „ do por regimento a Dom Henrique „ que as tomaſſe ſe naõ trouxeſſem ſal- „ vo conduto, conforme ao contrato „ das pazes, e que trazendo-o lhe fizeſ- „ ſe comprimentos, e correſſe com elles „ como náos de Rey amigo. Dom Henrique ſe fez à vela no fim de Agoſto, elle na galè, e nas galeotas Antonio Maſcarenhas, Fernaõ de Souſa Coutinho, Gonçalo Guedes de Reboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima, Alvaro Peixoto, e Martim de Aguiar, e com o tempo que ainda era verde foy navegando pera o Norte, e andando acima dos Ilheos de Anguirála ſete, ou oito leguas de Chàul houveraõ viſta de huma fermoſa nào, que vinha com o meſmo

tempo com todas as velas enfunadas a demandar a terra, e hindo-se a ella a rodeou com os seus navios, e lhe mandou pedir o cartaz, ao que lhe responderaõ com muitas bombardadas; pelo que o Capitaõ mór a foy varejando com a artelharia tezamente sem poderem os navios chegar a abordarem-na pela grossidaõ dos mares. Ella que hia poderosa, e levava muita gente, deixou-se hir seu caminho, defendendo-se com algumas peças de artelharia muito bem: aquelle dia, e noite a foraõ os nossos seguindo atè desaparelharem de todo que se rendeo, e o Capitaõ mòr mandou meter na galè o Capitaõ, e Officiaes, e mandou pelos navios dar toas à náo, e sabendo do Capitaõ, e da gente della que atraz vinha outra nào, a esperou, e dalli a tres, ou quatro dias appareceo, e hindo-a demandar a rodeou, e lhe perguntou pelo cartaz, a que tambem lhe respondèraõ com muitas bombardadas. Os nossos lhe começáraõ a fazer seus officios taõ bem feitos, que em pouco tempo se rendeo, porque tomàraõ por melhor conselho fazerem-no assim, que arriscarem as vidas. Dom Henrique vendo-se com duas nàos taõ poderosas ricas, deu logo à vela pera Goa, mas como os gostos do mundo naõ costumaõ nunca ser de muita dura, sendo tanto àvante como a enceada dos Bragmanes abaixo de Dabùl lhe deu huma tormenta do Sul taõ grossa, que obrigou aos nossos a lhe virarem a anca, e como hiaõ perto de terra, e os ventos, e mares andavaõ muy grossos, deu logo com huma das nàos à costa onde se fez empedaços, e o que se salvou foy roubado dos dá terra. Dom Henrique de Menezes foy correndo tormenta com a galè que era velha, e jà aberta por algumas partes, e defronte daquellas Ilhas se lhe abrio de todo, pelo que foy forçado virarem a terra donde se salvàraõ milagrosamente do mar, mas naõ da gente, porque logo foraõ prezos, e levados dalli ao Tanadar, q̃ os mandou ao Idalxà, cujas as nàos eraõ, padecendo trabalhos no caminho, e na Corte os mandou aquelle Rey ter a bom recado, e de cincoenta soldados, e Fidalgos que levava, só me lembra de Dom Joaõ de Ataide, que depois foy Capitaõ de Baçaim, irmaõ de Dom Alvaro de Ataide, que neste mesmo tempo estava por Capitaõ em Maluco de cerco, e em trabalho como logo diremos, e naõ só fez isto o Idalxá, mas mandou logo reprezar todos os Portuguezes, que estavaõ na sua Corte com cavallos, e outras fazendas.

As náos da Armada de D. Henrique que foraõ com a outra nào, pairàraõ o melhor que puderaõ, e como passou o tempo foraõ seguindo sua derrota pera Goa, e sendo tanto àvante como o rio Tarvorà dezoito, ou vinte leguas de Goa encontràraõ com nove parós, e os foraõ demandar com grande determinaçaõ. Os Capitaens dos nossos navios chegàraõ à galeota de Antonio Mascarenhas, que hia por cabeça delles, e lhe disseraõ „ que lhe parecia bem recolhe- „ rem-se dentro da nào com os navios à „ roda onde se defenderiaõ melhor, por- „ que levavaõ todos os navios abertos „ da tormenta que passáraõ, e que naõ „ estavaõ pera passarem trabalho, nem „ pera jugarem artelharia. Antonio Mascarenhas que era muito cavalleiro, e desconfiado disse „ que tal naõ havia „ de fazer, e que havia de pelejar com „ os parós barba a barba, e naõ havia de „ dar occasiaõ a que dissessem que elle „ lhe fugira, que o seguissem, que Deos „ lhe daria a vitoria, e assim voltou aos parós q̃ já vinhaõ perto delles, e huns, e outros se cometèraõ denodadamente disparando sua artelharia, e espingardaria. Os parós abordàraõ os nossos, e dous delles a Antonio Mascarenhas, que valerosamente foy morto com a mayor parte dos seus, e o mesmo foy Fernaõ de Sousa Coutinho, e algumas pessoas das que escapàraõ desta refrega me disseraõ que primeiro que os matassem fizeraõ grandes cavallarias, e pela mesma maneira foraõ os mais dos nossos. Alguns navios que viraõ a cousa mal parada foraõ-se recolhendo

lhendo à nào, da qual ſe defendèraõ valeroſamente. Os Malavares lhe puzeraõ bandeira branca, e lhes mandàraõ dizer „ que ſe entregaſſem, q̃ lhes dariaõ hum „ navio dos ſeus, em que ſe foſſem livre„ mente pera Goa, e havido conſelho en„ tre ſi, aſſentáraõ q̃ ſeria bem aceitarem „ o partido, porque jà eſtavaõ ſem muni„ çoens, e os Mouros vitorioſos que os „ naõ haviaõ de largar atè os naõ rende„ rem. Aſſentado iſto o differaõ aos Malavares, os quaes por lhes ficar a náo de preza, lhes concedèraõ o partido, e lhes mandáraõ pôr a bordo hum navio, em que todos ſe embarcàraõ, e deraõ à vela pera Goa, e por eſte ſucceſſo infelice ſe pòde conhecer quanto mal faz huma deſconfiança, e quaõ perigoſa couſa he na guerra, porque as mais das vezes dà em perdiçoens, e em trabalhos grandiſſimos, como neſta occaſiaõ vemos que ſuccedeo, porque ſe Antonio Maſcarenhas ſe recolhèra na náo com toda a gente, nem elle fora morto, nem a Armada desbaratada, nem os Malavares ſe lográraõ da nào, que tanto trabalho lhes cuſtou, e depois que tomàraõ poſſe della, dandolhe buſca recolhèraõ aos navios todo o bom que achàraõ, e a nào com o que lhe naõ ſervio, deixàraõ no mar, ainda que me parece (ſe mal me naõ lembra) que tambem a levàraõ com ſigo à toa.

Chegando a Goa a fuſta da companhia de D. Henrique de Menezes com os que eſcapàraõ dos Malavares, ſentio muito o Viſorey o caſo, aſſim por naõ ſaber ainda novas de D. Henrique, como pela perda das náos, que eraõ de grãde importancia, e podiaõ remediar o Eſtado, que eſtava muy endividado, e impoſſibilitado por cauſa das grandes guerras que houve; e chamando Fernaõ Telles, lhe mandou que atè o outro dia ſahiſſe pela barra fóra na ſua galè baſtarda, e com alguns navios mais, com que os Fidalgos ſe offerecèraõ a acompanharem, e ſem ſe afaſtarem dalli mandàraõ embarcar muitos provimentos em navios de mercadores, que alli ſe trouxeraõ, porque corrèraõ as novas do caſo pela Cidade, e tinha acodido ao caes toda a ſoldadeſca que havia em Goa com ſuas armas, o mandou o Viſorey embarcar, e tanta preſſa ſe deraõ, que de noite ſe acabàraõ de embarcar, e proveraõ do neceſſario, e deraõ à vela, Fernaõ Telles na galè, como diſſe, e nos navios que ſe puderaõ negociar foraõ os Capitaens ſeguintes. Gaſpar de Brito, Franciſco da Silva de Menezes, Diogo de Azambuja, Dom Eſtevaõ de Menezes filho do Baroche, Belchior Calaſſa, Dom Joaõ de Souſa, e Pedro Rodrigues Malavar, que todos ſe fizeraõ à vela a vinte e oito de Setembro, e foraõ correndo a coſta, levando diante navios ligeiros pera deſcobrirem os portos, e hindo atè Dabùl ſem acharem novas da náo, nem da Armada Malavar, ſe tornáraõ a recolher a Goa já com os mantimentos gaſtados. Neſte tempo em fim de Setembro foy Dom Franciſco Henriques entrar na fortaleza de Malaca, e foy embarcado na náo com Triſtaõ Vaz da Veiga, que tinha vindo de fazer duas viagens da China pera Japaõ, e hia pera Jundà fazer dez mil quintaes de pimenta pera de lá ſe hir pera o Reino, por contrato que fez com o Viſorey D. Antonio, por ter ElRey mandado que por aquella via foſſe huma náo todos os annos, e naõ achey a fórma do contrato.

Recolhido Fernaõ Telles, veyo logo recado ao Viſorey „ que na fortaleza de „ Religaõ eſtava Dom Henrique com „ os Porguezes reteudos, e ainda todos „ os que andavaõ na Corte do Idalxà „ com muitos cavallos, e outras fazen„ das, que ſe lhe depoſitáraõ, pelo que lhe pareceo que pera conſervaçaõ da amiſade daquelle Rey era neceſſario mandarſe-lhe deſculpar do caſo; e porq̃ lhe differaõ que andavaõ huns agentes daquelle Rey em Goa comprando hum cavallo que havia de fama, e algumas eſpadas largas, mandou elle comprar o cavallo, e mandou guarnecer algumas eſpadas muito fermoſas, que ſe buſcà-

raõ, e elegeo pera mandar a este negocio a Christovaõ do Couto Lingua do Estado, homem muito pratico nas artes daquelles Reys, e de quem todos tinhaõ muito conhecimento, pelo qual mandou visitar ao Idalxá, e lhe escreveo huma carta de muitos comprimentos, desculpando-se do caso das nàos, e pondo a culpa aos donos dellas „ de „ navegarem sem cartazes, e ao tempo „ tormentoso que as desbaratou, por- „ que a sua tẽçaõ era, se foraõ ter a Goa, „ naõ se bullir nellas, e mandarlhas de „ presente, porque nisso servia a ElRey „ de Portugal seu Senhor, como lhe ti- „ nha encomendado.

Christovaõ do Couto foy em breves dias à Corte, aonde tratou de lhe ElRey dar audiencia, e apresentarlhe a carta, e prezente do Visorey, o que naõ pode acabar com elle, nem ElRey o quiz ouvir, antes o mandou deter, de que elle logo avisou ao Visorey, o qual vendo aquillo, e sendo informado que havia ainda outras duas náos do Idalxá pera virem de Meca, determinou de as mandar tomar pera com ellas fazer as pazes, e amisades com aquelle Rey, pera o que despedio Fernaõ Telles com duas galez, e treze fustas, de que foraõ por Capitaens, elle em huma galé, e da outra Dom Joaõ da Gama, e das fustas Dom Sancho de Vilhena, Dom Estevaõ de Menezes, Dom Bernardo de Noronha, Dom Luiz de Menezes, Manoel de Miranda Henriques, Diogo Taveira, Fernaõ de Albuquerque, Estevaõ de Pina, Gaspar de Brito, Nuno Fernandes de Ataide, Gaspar de Sousa, e Domingos Ferreira Escorcio. E com esta Armada se fez à vela no fim de Outubro, e com ella toda junta se foy pôr na paragem, que as nàos de Meca haviaõ de vir demandar, e assim o deixaremos, nesta companhia foy Fernaõ de Sousa Chichorro entrar na Capitanìa de Dio.

Antes de partir Fernaõ Telles de Goa chegaraõ de Portugal as náos S. Gregorio, de que veyo por Capitaõ Antonio Rebello irmaõ de Pero Lopes Rebello, de quem neste Epilogo faley muitas vezes, e a náo Belem Capitaõ Theotonio de Vasconcellos, e a náo Santa Clara, de que veyo por Capitaõ Luiz Dalter, todos tres da Companhia de Dom Francisco de Sousa, que tinha partido por Capitaõ mòr de quatro náos, o qual foy tomar Còchim no fim de Outubro, e logo se embarcou pera Goa por trazer a seu cargo cousas de muita importãcia, como logo veremos, e chegou a esta Cidade na entrada de Dezembro, o qual logo se foy ver com o Arcebispo Dom Gaspar, e lhe deu hũa instrucçaõ de ElRey com huma carta em cima pera elle, na qual lhe dizia „ que se o Visorey D. „ Antonio de Noronha naõ tivesse mandado a Antonio Moniz Barreto pera „ Malaca, ou naõ estivesse já pera o „ despachar pera lá, em tal caso abrisse „ huma successaõ da governança da „ India, que com aquella hia, e mandasse chamar a Antonio Moniz à Sè, e „ Dom Francisco de Sousa Capitaõ „ mòr da Armada do Reino, e o Secre- „ tario, e o Veador da fazenda, Dom „ Pedro de Sousa Capitaõ da Cidade, e „ os Vereadores, e Officiaes da Came- „ ra, Dezembargadores, e Fidalgos, e „ todas as mais pessoas publicas, e que „ a pessoa que nella estivesse, fizesse logo „ entregar da governança da India, e „ que Dom Antonio de Noronha se em- „ barcasse pera o Reino na náo Capita- „ nia com D. Francisco de Sousa quasi „ como prezo. Tanto que o Arcebispo vio o estylo da instrucçaõ, que ElRey lhe cometeo sem fazer mais diligencia alguma naquelle negocio, mandou chamar à Sè todas as pessoas acima nomeadas em nove de Dezembro de mil e quinhentos e setenta e tres, e sendo todos presentes, mãdou ler a instrucçaõ de ElRey pelo Secretario Rodrigo Annes Lucas, por virtude da qual tirou logo do peito a via da successaõ, que ElRey lhe mandou, que tambem mandou ler diante de todo aquelle concurso em alta voz, a qual de verbo ad verbum he a seguinte,

guinte, que quiz aqui pôr, por quanto foy couſa nova naquella Cidade.

CAPITULO XV.

Manda ElRey deſapoſſar do governo a D. Antonio de Noronha.

„ EU ElRey faço ſaber aos que eſte „ virem que por alguns reſpeitos „ de meu ſerviço tenho aſſentado que „ Dom Antonio de Noronha do meu „ Conſelho, meu Viſorey da India, ou „ qualquer outro Governador que lhe „ tiver ſuccedido, ſe venha pera eſte „ Reino nas nàos deſta Armada, de que „ vay por Capitaõ mòr Dom Franciſco „ de Souſa, como ſe contem em huma „ carta que ao Arcebiſpo eſcrevo, e ao „ dito Viſorey, e pela muita confiança „ que tenho de Antonio Moniz Barre- „ to do meu Conſelho, que encarreguey „ de Governador de Malaca, e partes „ do Sul, hey por bem de meu ſerviço „ que o dito Antonio Moniz ſucceda „ na governança da India, e entre logo „ nella, como ſe neſtas nàos fora por mim „ provido de Governador da India. No- „ tifico-o aſſim ao dito Viſorey D. An- „ tonio de Noronha, ou qualquer ou- „ tro Viſorey que lhe tiver ſuccedido, „ e lhe mando que logo tanto que eſta „ Proviſaõ lhe for appreſentada, entre- „ gue a dita governança da India ao di- „ to Antonio Moniz Barreto ſem duvi- „ da alguma, e todos os regimentos, car- „ tas minhas, e Proviſoens, que deſte „ Reino levou, e lhe mandey o anno „ paſſado, e hora envio nas nàos deſta „ Armada, tendo-ſe na dita entrega o „ modo que ſe uſa, e guarda em ſeme- „ lhantes entregas de huns Governado- „ res a outros, de que ſe farão autos, e ſe „ paſſáraõ Certidoens na fórma que ſe „ coſtumaõ fazer; e feita logo a dita en- „ trega pela dita maneira deſde agora „ em diante hey ao dito D. Antonio de „ Noronha, ou a qualquer outro Go- „ vernador por deſobrigado da home- „ nagem que me fez da dita governan- „ ça, e ao dito Antonio Moniz Barreto „ por obrigado a ella, e porèm elle dito „ Antonio Moniz a faça em fórma, e „ aſſim o juramento, que me fazem os „ Governadores da India juntamente, „ e conforme o que ſe coſtuma na India „ quando ſe abrem as ſucceſſoens da di- „ ta governança; e mando a todos os „ Officiaes de Juſtiça, e de minha fa- „ zenda das ditas partes, Capitaens das „ fortalezas, e de minhas Armadas, e „ navios, Fidalgos, Cavalleiros, e gen- „ te de armas, que nas ditas partes me „ andaõ ſervindo, e a quaeſquer outras „ peſſoas, a todos em gèral, e a cada hum „ em particular, que recebaõ ao dito An- „ tonio Moniz Barreto por meu Capi- „ taõ mòr, e Governador das ditas par- „ tes, e lhe obedeçaõ, e cumpraõ em „ tudo ſeus mandados inteyramente, e „ o deixem uſar da juriſdiçaõ, e alçada „ que tinha concedido ao dito D. An- „ tonio de Noronha ſem duvida, nem „ embargo algum que a iſſo ſeja poſto, q „ aſſim o hey por bem de meu ſerviço, „ e ficando o dito Antonio Moniz por „ Governador da India por bem deſta „ Proviſaõ, hey por bem de meu ſerviço „ que ſucceda na governança de Mala- „ ca a peſſoa nomeada na primeira ſuc- „ ceſſaõ da dita governança, e em de- „ feito da tal peſſoa haveràõ effeito as „ mais ſucceſſoens por ſuas preceden- „ cias, e hey por bem que eſte valha, e „ tenha força, e vigor, como ſe foſſe carta „ feita em meu nome por mim aſſinada, „ e paſſada por minha Chancellaria, e „ ſellada com o ſello de minhas Armas, „ ſem embargo da Ordenaçaõ do livro „ ſegundo titulo vinte, que defende que „ naõ valha Alvarà, cujo effeito haja de „ durar mais de hum anno, e valerà ou- „ tro ſim, poſto que naõ ſeja paſſado pela „ Chancellaria, ſem embargo da dita „ Ordenaçaõ, que o contrario diſpoem. „ Miguel de Moura a fez em Xabregas „ a doze de Março de mil e quinhentos „ e ſetenta e tres.

R E Y.

Lida a ſucceſſaõ logo Antonio Moniz Barreto deu a homenagem do Eſtado da India na fórma da ſucceſſaõ nas mãos do Arcebiſpo, e juntamente fez o juramento ordinario que fazem os Viſoreys, e Governadores, cujo treſlado, porque he notavel, e naõ ſey ſe todos o guardaõ, o porey aqui poſto que jà em huma das minhas Decadas o fiz, e o que juraõ he o ſeguinte, poſtas as mãos em hum Crucifixo em cima de hum Miſſal.

„Juro aos Santos Evangelhos em „que ponho as mãos, que naõ dey, nem „darey, nem prometti de dar, nem man„dar couſa alguma a nenhuma peſſoa „por cauſa de me ſer dada eſta Capita„nìa, e governança, nem pera ao dian„te a vir a ter, e aſſim juro que quanto „a mim, e a minhas forças, e juizo for „poſſivel, eu ſervirey o dito cargo, e „governança, bem, e fielmente como „ao ſerviço de Deos, e deſcargo da con„ſciencia de S. A. e minha comprir, e „trabalharey quanto em mim for, que „inteyra, e igualmente ſe guarde direi„to, e juſtiça ás partes ſem alguma dif„ferença, nem reſpeito que haja de „grandes a pequenos, nem de ricos a „pobres, nem de eſtrangeiros a natu„raes, porque quanto em mim for pro„curarey que a todos ſe faça, e guarde „por inteyro, e eſpecialmente terey „cuidado dos prezos, orfãos, e viuvas „pobres, e peſſoas miſeraveis, e traba„lharey quanto em mim for, q̃ todos os „negocios, e deſpacho q̃ a meu cargo „pertencerem ſe deſpachem bem, juſta, „e brevemente ſem alguma paixaõ de „odio, amor, nem affeiçaõ, ou paren„teſco, nem de outros ſemelhantes reſ„peitos, e aſſim meſmo juro, que nem „por mim, nem por interpoſta peſſoa „naõ receberey dadivas, preſentes, nem „ſerviço algum de nenhuma peſſoa que „ſeja, e quando alguns Reys, ou Se„nhores das ditas partes me mandarem „alguns preſentes, ou dadivas que pa„reça que por ſerviço do dito Senhor, „e por evitar eſcandalo lhos devo to„mar, em tal caſo os mandarey logo en„tregar inteyramente ao Feitor de S. „A. da Feitoria onde eſtiver, e os man„darey carregar ſobre elle com receita „pelos Eſcrivaens de ſeu cargo, e aſſim „cõ diligencia trabalharey que os Ca„pitaens do dito Senhor, Feitores, Eſ„crivaens, e quaeſquer outros Offi„ciaes, aſſim de Juſtiça, como da fazen„da que neſtas partes eſtiverem, ſirvaõ „ſeus Officios bem, e verdadeiramen„te, e ſegundo ſeus regimentos, os „quaes inteyramente farey guardar „ſem mingoa alguma, e aſſim todas as „Proviſoens de Sua Alteza, e aſſim meſ„mo juro, e prometto de guardar todas „as ordens, e proviſoens do dito Se„nhor, e por firmeza de tudo acima „promettido, e jurado aſſiney aqui „neſte aſſento.

CAPITULO XVI.

De como ſuccedeo na governança de Malaca Dom Leoniz Pereira.

ACabado eſte acto o Arcebiſpo D. Gaſpar tirou do ſeyo huma ſucceſſaõ que lhe ElRey tinha tambem mandado com a outra, que mandava „que na meſma hora ſe abriſſe, e que a „peſſoa que nella ſe achaſſe, ſuccedeſſe „na governança de Malaca, e partes „do Sul, aſſim como o Governador An„tonio Moniz viera declarado de Por„tugal, a qual ſe abrio logo, e ſe achou que havia ElRey por bem que ſuccedeſſe nella Gonçalo Pereira Marramaque, e por ſer fallecido, ſe abrio a ſegunda ſucceſſaõ em que ſe achou D. Leoniz Pereira, que por naõ eſtar preſente o mandou o Governador logo chamar a S. Franciſco pera onde logo ſe foy com todos os que eſtavaõ alli preſentes, e hindo là ter o dito D. Leoniz Pereira ſe lhe leu a ſucceſſaõ que elle aceitou, e alli logo deu a homenagem daquellas partes do Sul nas mãos do Governador Antonio

nio Moniz Barreto, e acabada ella fez o meſmo juramento atraz que o meſmo Governador tinha feito. Feitos eſtes actos foy-ſe o Governador, Arcebiſpo, Capitaõ mór das nàos com todos os mais que eſtavaõ preſentes, aſſim Capitaens, e Fidalgos, como Officiaes de Juſtiça, e fazenda, aſſim como alli eſtavaõ, às caſas da fortaleza onde eſtava o Viſorey Dom Antonio de Noronha que jà ſabia de tudo, e ſofreo eſte golpe com grande conſtancia de animo ſem turbaçaõ alguma, e perante elle ſe leu pelo Secretario a carta de ElRey pera o Arcebiſpo por virtude da qual ſe abrio a ſucceſſaõ da governança da India, da qual ElRey eſcuſava ao dito Dom Antonio de Noronha, e lhe mandava ſe foſſe pera o Reino com todas as mais couſas atraz, que tudo ouvio o dito D. Antonio ſem alteraçaõ, nem ſobreſalto algum exterior, e depois de tudo lhe ſer notificado diſſe „ que elle havia por „ muito bem ordenado, tudo o que Sua „ Alteza tinha mandado, e que elle lhe „ obedecia, e punha ſuas Proviſoens to- „ das ſobre ſua cabeça, e que naquillo „ lhe faria a mayor mercè do mundo em „ o mandar hir pera ſua mulher, e filhos, „ que elle deſpejava logo a fortaleza „ pera ſe embarcar pera o Reino onde „ confiava de Sua Alteza lhe fizeſſe juſ- „ tiça, e dèſſe ſatisfaçaõ daquelle caſo „ em que elle ſe havia de moſtrar ſem „ culpa. Com iſto ſe deſpedio o Governador, Arcebiſpo, e os mais, a quem o Viſorey acompanhou atè as eſcadas, e porque muitos Fidalgos ſeus parentes, e amigos ſe deixàraõ ficar com elle lhes pedio „ que tal naõ fizeſſem, e que foſ- „ ſem acompanhar o ſeu Governador.

Eſte foy o mais novo, e eſcandaloſo caſo que na India aconteceo, do qual muitos tiveraõ a culpa, porque deraõ occaſiaõ a ſe deſapoſſar do governo hum Fidalgo taõ honrado, e taõ benemerito. Caſo era eſte digno de ſe caſtigar, mas deixando os que em Portugal tratàraõ diſto com ElRey, a peſſoa a quem ſe deu mayor culpa deſta deſcompoſtura foy ao Arcebiſpo Dom Gaſpar, porque dizendolhe ElRey na carta que lhe eſcreveo que ſe Dom Antonio de Noronha naõ tiveſſe mandado Antonio Moniz Barreto a Malaca, ou ſe naõ eſtiveſſe pera o mandar (iſto ſegundo ſe dizia publicamẽte q̃ eu naõ achey, nem as cartas, nem as inſtruçoens que deviaõ mandarſe pera o Reino) que ſe abriſſe aquella via particular que lhe enviava, ſe aſſim foy, parece que eſtava obrigado a ſaber do Viſorey ſe havia de mandar Antonio Moniz a Malaca na monçaõ ſeguinte de Abril, aſſim como ElRey o mandava, e que poſto que lhe diſſeſſe que o havia demandar eſperaſſe atè ver ſe o mandava, e quando naõ poderia entaõ livre de toda a calumnia abrir a ſucceſſaõ, e naõ taõ aceleradamente ſem fazer diligencia alguma, porque aquella particula da carta que dizia, ou ſe naõ eſtiver pera o mandar (ſe tal he como jà diſſe) parece que ſe havia de eſperar atè a monçaõ de Abril em que de ordinario ſe parte pera Malaca, e naõ tomarem aſſim hum Fidalgo taõ velho, e honrado tanto de ſobreſalto, e havendo tempo pera elle poder dizer que inviaria Antonio Moniz como ElRey mandava. Iſto he o que géralmente ſe praticava em Goa, e quanto ao Arcebiſpo eu o tinha por grande virtuoſo, taõ honrado, e taõ grande Theologo, que naõ havia de fazer couſa taõ grave ſem muita conſideraçaõ, porque ficaria em reſtituiçaõ a D. Antonio de Noronha de ſua honra, fazenda, e ainda da vida, porque de puro nojo faleceo em Portugal, e do meſmo modo me dizem falecera Dom Fernaõ Alvares de Noronha ſeu cunhado, e ſua irmãa Dona Franciſca mulher do meſmo Dom Antonio de Noronha, e ainda me certificàraõ mais que a peſſoa que fez com ElRey Dom Sebaſtiaõ que ordenaſſe eſta mudança que tambem morrera do meſmo. Juſtos juizos ſaõ de Deos, cujos caminhos ficaõ incognitos ao noſſo limitado juizo, em parte eſtaõ todos donde ſe ſabe a verdade deſte caſo, e là teràõ o galardaõ, ou caſti-

go

go que por elle merecèraõ. O que eu como teſtemunha de viſta ſey, e poſſo com verdade affirmar, he que o Viſorey Dom Antonio naõ teve culpa alguma em naõ mandar a Malaca Antonio Moniz Barreto, o qual melhor que ninguem conhecia eſta impoſſibilidade, pois achou o Eſtado quando chegou à India nas guerras jà referidas, e Goa cercada com o poder mayor que no Oriente ſe vio dos mais poderoſos Reys delle, e Chàul de cerco taõ rigoroſo como temos viſto, e o theſoureiro ſem hum ſó pardao em dinheiro, os Armazens ſem artelharia, nem muniçoens, e a fortaleza de Chalè cercada do Camori, e em tal aperto, que ſe entregou a partido, como diſſemos, Maluco em tantos trabalhos como tenho moſtrado, e que huma Armada taõ poderoſa como Gonçalo Pereira Marramaque levou taõ chea de gente, e provida de baſtimentos, e muniçoens tudo por là ſe conſumio, e que pera ſe fazerem as Armadas da Coſta do Malavar, e do Norte naõ havia navios, nem cabedal, porque por cauſa da guerra géral as Alfandegas naõ rendèraõ couſa alguma, e que pera ſe aviar Antonio Moniz do modo que ElRey mandava naõ havia gente, vaſilhas, nem artelharia, e quanto ao cabedal mal ſe podia fazer o que havia de levar com quatrocentos mil pardaos, que naõ havia donde ſe tiraſſem, como tudo logo ſe moſtrou bem claro, porque mandando ElRey a Antonio Moniz que deſpachaſſe pera Malaca a Dom Leoniz, do meſmo modo que ElRey mandàra ao Viſorey D. Antonio que o deſpachaſſe a elle, naõ houve com que, nem foy, como melhor ao diante ſe verà, pelas quaes razoens ElRey foy muito enganado, como ſempre ſerà de quem lhe aconſelhar que divida o governo da India, porque eſtà claramente manifeſto, que nem hum, nem outro ſe poderaõ ſuſtentar, porque o de que depende a governança de Malaca, e de que ſe pòde ſuſtentar he ſó dos direitos da China, e do cravo de Maluco, que naõ ſey ſe renderaõ duzentos mil xarafins, que tantos he força venhaõ a faltar nos rendimentos da Alfandega de Goa, que piadoſamente ſe pòde ſuſtentar com todos os rendimentos, como por muitas vezes ſe tem moſtrado ao Rey nas receitas do que rende, e nas deſpezas do que ſe gaſta, que de mais a mais paſſaõ as deſpezas cada anno de duzentos mil pardaos; como ſe poderà logo ſuſtentar a governança de Malaca ſeparada da India? E jà por varias vezes tenho moſtrado pelo diſcurſo das minhas Decadas que algumas vezes que os Reys de Portugal pertendèraõ eſtas diviſoens, ellas por ſi ſe acabàraõ, e desfizeraõ, porque as couſas grandes com o meſmo tempo cahem.

Primeiro que paſſe daqui quero contar o que me aconteceo com o Viſorey Dom Antonio de Noronha no principio de Agoſto paſſado, que fazia a Armada pera Dom Henrique de Menezes que foy eſta. Tinha eu a meu cargo os Armazens dos mantimentos, e hum dia me mandou chamar eſtando ſó pera me encomendar os provimentos daquella Armada, e de pratica em pratica me perguntou pelas novas que corriaõ em Goa, ao que lhe reſpondi que nenhumas, e que pera Agoſto, que nunca vira taõ poucas. E iſto lhe diſſe, porque na India he muito antigo tanto que entra o mez de Agoſto deſenfronharem-ſe as mentiras, que todo o inverno eſtiveraõ rebuçadas, porque como eſperaõ por nàos do Reino, os imigos dos Viſoreys affirmaõ que lhe vem ſucceſſor, e ainda ſobre iſſo ha largas apoſtas, os amigos publicaõ o contrario, outros publicaõ outras couſas, e ſaõ tantos, e taõ varios os pareceres como os deſejos, e conveniencias de quem os dà. O Viſorey quando lhe eu diſſe que nunca vira taõ poucas novas em Agoſto, ſorrio-ſe, e reſpondeo-me „ que naõ eſtava eu no mundo, que ha„ via Fidalgos em Goa, que pelo ſeu „ ponto faziaõ naquellas nàos Viſorey „ na India, do que eu me ri, porque aos dous annos de ſeu governo naõ podia imagi-

imaginar tal couſa vieraõ as nàos (como diſſe) naõ veyo Viſorey em peſſoa, mas veyo em papel na via que ſe abrio, de que eu fiquey maravilhado quando me achey ao abrir da ſucceſſaõ, deitando muitos juizos donde aquillo podia ſahir, porque do demonio (donde os feiticeiros, que ha muitos na India, que ſempre, ou as mais das vezes mentem) naõ podia ſer, porque a noticia do futuro conforme a doutrina recebida dos Theologos he obra propria de Deos noſſo Senhor, e que os demonios nunca puderaõ imitar; e poſto que elles denunciàraõ algumas couſas, que ſahiraõ verdadeiras, e algumas que a razaõ natural por aſtronomia pòde alcançar, ſuppoſto que o que ſe contem em ſuas couſas neceſſarias mais he do preſente, q̃ do futuro, donde vem que naõ adivinhaõ os Aſtrologos quando predizem os eclipſes antes que ſuccedaõ, por q̃ nas ſciencias da Aſtrologia, e Filoſofia natural fazem os demonios grande ventagem aos homens, naõ negando que ſouberaõ muitas couſas, que os Anjos, que ſaõ Miniſtros de Deos, denunciàraõ. O certo he que a ſubtileza do demonio, e a ſciencia excede a dos homens em conjecturar, e daqui vem terem noticia das couſas que haõ de ſucceder, ou por ſua natural Filoſofia, e noticia, ou por arte, e ſciencia, ou por conjecturas, em fim que eſte negocio de que trato naõ pòdem os demonios alcançar, porque como foraõ couſas forjadas no conceito do Rey, e dos Miniſtros, os quaes conceitos ſó ſaõ preſentes a Deos, e elle ſó os penetrou, e ſoube, por onde me affirmo que o alcançarſe que neſtas nàos vinha Viſorey foy conjectura, e prezunçaõ do meſmo Antonio Moniz pelas couſas que tinha eſcritas a ElRey contra o Viſorey Dom Antonio de Noronha, as quaes prezunçoens elle cõmunicaria com ſeus amigos, que no fim lhe ſahiraõ verdadeiras.

O Viſorey Dom Antonio de Noronha logo ſe embarcou pera Còchim no galeaõ Saõ Leaõ, Capitaõ Antonio de Morim, e de Còchim ſe embarcou pera o Reino na nàoCapitania ſem lhe darem gaſalhados, nem liberdades, nem pera ſeus criados, como he coſtume, ſofrendo eſte Fidalgo tudo com grande prudencia, e conſtancia, e outras muitas vexaçoens, que ainda mais lhe fizeraõ, que ao diante direy, porque quero aqui concluhir com eſte Viſorey por entrarmos com o governo de Antonio Moniz Barreto. Foy filho de Dom Martinho de Noronha, e de ſua mulher, foy caſado com Dona Franciſca de Noronha irmãa de Dom Fernaõ Alvares de Noronha Capitaõ géral que foy das galez do Reino, e Sumilher de ElRey Dom Sebaſtiaõ, da qual teve hum filho, que lhe morreo moço, eſtando elle por Viſorey da India, e duas filhas.

Foy Fidalgo muy continente, amigo da juſtiça, e taõ verdadeiro, que podia ter eſcola de verdade, antes que ſe embarcaſſe ſe tinha retratado, e poſto na caſa onde eſtaõ todos os Viſoreys, e Antonio Moniz depois que acabou ſe mandou tambem retratar, e poz o ſeu retrato junto delle, porque todos eſtaõ ſucceſſivamente, e taõ naturaes ambos, que he paſmar. Eraõ homens corpulentos, eſpadaudos, de grandes roſtos, e carregados, e ficàraõ os retratos poſtos de feiçaõ, q̃ ficavaõ olhãdo hum pera o outro com grandes carrancas como ſe ſe deſafiàraõ. Invernou em Moçambique hindo pera o Reino, onde depois chegou em Mayoſeguinte, e quãdo deſembarcou em Lisboa, onde logo foy ao Moſteiro, em q̃ ſua mulher eſtava enterrada, e foy muito bem recebido dos Padres, que o levàraõ à ſua cova, onde fez oraçaõ, e lhe lançou agua benta, e porque naõ ſabia ainda da morte do filho, lhe diſſe o Prelado que eſtava junto delle que Deos fora ſervido levar tambem pera ſi a D. Antonio, e ſobreſaltado o Viſorey com aquella nova interrompeo com hum gemido, dizendo alto „ ſem mulher, ſem „ filho, e ſem honra, naõ ha quem poſſa „ viver; e recolhendo ſe em ſeu apoſento veyo a adoecer, e em pouco tempo

po a morrer, e fazer companhia a ſua mulher, e filho, e diſſeraõ que ElRey Dom Sebaſtiaõ ficàra arrependido da rigoroſa demonſtraçaõ, que com elle mandou uſar, e eſtando a huma janella quando lhe deraõ as novas de ſua morte, dando de maõ à porta, a cerrou de pancada, moſtrando grande ſentimento diſſo, e tem-ſe entendido que ſe vivera, lhe houvera ElRey de reſtituhir ſua honra, pela qual hia muito determinado a puxar; mas em fim cõ ſua morte ſe acabou tudo, como tambem acabàraõ os que foraõ occaſiaõ della.

CAPITULO XVII.

Das couſas que ſuccederaõ em Malaca neſte tempo, e do cerco que os viſinhos puzeraõ àquella fortaleza.

NAõ ficou fora da conjuraçaõ géral, que os Reys da India fizeraõ contra as noſſas fortalezas, o Achèm tyranno inſolente, e poderoſo, e o mayor imigo de todos, o qual tambem foy ſolicitado pelo Cota Maluco, hum dos da liga, q̃ o mandou prover com muitas muniçoens pera fazer guerra à noſſa fortaleza de Malaca, o qual naõ ſe contentou de meter todo o cabedal pera eſta jornada, mas ainda convocou a Rainha de Japarà ſenhora poderoſa, e rica, a qual folgou muito de ſe lhe offerecer aquella occaſiaõ pera ajudar a deſtruhir aquella fortaleza, que taõ pezada era a todos os Reys daquellas partes; e como o Achèm era a principal cabeça neſta expediçaõ, e eſtava mais proſpero, poz logo no mar ſua Armada, que eraõ mais de noventa velas, em que entravaõ vinte e cinco galez, e todas as mais fuſtas, e lanchas muy bem artelhadas, e cheas de muniçoens, e ſete mil homens de peleja Achèns, que ſaõ valentes homens, e crueis, e tendo tudo preſtes ſem querer eſperar pela Rainha de Japarà, pelo ordenar aſſim Deos por ſua miſericordia, porque ainda que caſtigava aquella Cidade com cercos, o fazia como Pay, porque ſe ambos ſe ajuntàraõ, naõ pudera eſcapar aquella Cidade de totalmente ficar deſtruhida. Poſto em fim o Achèm no mar deu à vela em a entrada de Outubro deſte anno de ſetenta e tres, e aos treze jà ſobre a tarde chegou à viſta daquella fortaleza, e logo de noite deſembarcou todo o poder naquella parte chamada de Malaca, a differença da outra chamada de Ilher, que he do Poente, a que logo mandou pôr o fogo, a que acodio Dom Joaõ Bandarra, natural, e Capitaõ de todos os Gentios, que era muito bom cavalleiro, e em todos os cercos o moſtrou, e como ſahio com poucos a dar nos imigos, ainda q̃ foy fazendo ſua obrigaçaõ pelejàdo valeroſamente, todavia foy morto; e poſto que Malaca teve eſte caſtigo de perder hum taõ grande defenſor, com tudo logo Deos acodio com ſuas coſtumadas mercès, que foy na mayor força do incendio cahir do Ceo hum taõ grande diluvio de aguas com tamanha tempeſtade, que deu com muitos navios à coſta, e o fogo ſe apagou, porque ſe naõ fora aquella miſericordioſa mercè de Deos, todos os moradores daquella parte acabàraõ abrazados, e naõ deixàraõ ainda de perecer alguns, que fugindo ao fogo morrèraõ aſſogados no rio, onde ſe lançàraõ.

O Alcaide mòr, que ſuccedeo por morte da Dom Miguel de Caſtro, acodio com toda a gente às portas, e aos muros, e o Biſpo, e Religioſos em toda a noite eſtiveraõ com as armas nas mãos, e mandou meter gente em duas, ou tres nàos, que eſtavaõ no Porto, e provellas de muniçoens. O Achèm, que naõ tinha ainda deſembarcado, tambem eſteve a riſco de dar à coſta com a tormenta, e ao outro dia mandou recolher toda a ſua gente à Armada, e determinou levar aquelle negocio por outro rigor mais perigoſo que o das armas, que era o da fóme, pera o que aſſentou de tomar os eſtreitos, e naõ deixar paſſar pera aquella fortaleza nenhuma couſa, que lhe pudeſſe levar provimentos, pera aſſim a pôr

no

no extremo das neceſſidades, e pera iſſo ſe quiz hir lançar na coſta de Muar cinco leguas de Malaca com toda a ſua Armada eſtendida por onde as embarcaçoens do ſoccorro haviaõ de paſſar, e primeiro que ſe partiſſe, que foy ao terceiro dia de ſua chegada, mandou cometer as nàos que eſtavaõ no porto, que foraõ batidas muito rijamente, porèm dellas, e da fortaleza foraõ as embarcaçoens da Armada muito bem varejadas com a artelharia; e vendo o Achém que naõ podia fazer couſa alguma, foy-ſe pera o rio de Muar, onde ſe deixou eſtar com grande vigilancia ſobre os navios que naõ paſſaſſem pera a fortaleza. Poucos dias depois que foraõ aos dous de Novembro ſurgio ſobre aquella fortaleza a nào de Triſtaõ Vaz da Veiga, em que vinha Dom Franciſco Henriques que logo deſembarcou, e tambem tomou poſſe daquella fortaleza, e foy grande mercè de Deos noſſo Senhor pôr na vontade ao imigo que fizeſſe aquella mudança que diſſe, porque ſe eſtivera ſobre aquella fortaleza com taõ groſſa Armada corrèra aquella nào grande riſco. Ao outro dia convocou o noſſo Capitaõ a conſelho o Biſpo, Vereadores, e peſſoas principaes, e com todos praticou o remedio que ſe poderia dar „ pera „ lançar aquelle imigo do lugar de Mu„ ar, porque com medo delle naõ ouſa„ vaõ os mercadores a lhe trazerem mã„ timentos, nem ainda os peſcadores a „ ſahirem ao mar a peſcar, com o que to„ talmente padecia aquella Cidade tan„ ta falta de tudo, que naõ havia quem „ ſe pudeſſe valer, e debatido o caſo „ foraõ todos de parecer que naõ havia „ outro melhor remedio, que pedir a „ Triſtaõ Vaz da Veiga tomaſſe aquella „ empreza à ſua conta, e q̃ ſe lhe dèſſem „ todos os navios que ſe pudeſſem re„ mediar, e como elle eſtava preſente, lhe „ pediraõ todos q̃ por ſerviço de Deos, e „ de ElRey quizeſſe ſer reſtaurador da„ quella Cidade, e libertador de taõ du„ ro cativeyro como o da fóme que co„ meçavaõ todos a padecer, que naõ po„ dia ſer mayor que verem-ſe todos aca„ bar ſem golpe de eſpada; que ſe eſtivèraõ cercados dos imigos, e às mãos „ com elles, lhes fora de grande conſo„ laçaõ morrerem tomando nelles ſatiſ„ façaõ daquelles males. Triſtaõ Vaz da Veiga aceitou a jornada com grande goſto, promettendo „ que ſe Deos noſ„ ſo Senhor, por cujo ſerviço ſe offere„ cia àquelle perigo, lhe dèſſe a vitoria, „ que em ſua infinita bondade eſperava, „ que elle promettia de naõ pedir a El„ Rey ſatisfaçaõ alguma, e que logo ſe „ hia fazer preſtes na ſua nào, e que os „ navios que lhe haviaõ de dar ſe nego„ ciaſſem com muita brevidade, por„ que na preſſa, e reſoluçaõ conſiſtia o „ remedio daquella Cidade. Acabado o conſelho foy-ſe Triſtaõ Vaz da Veiga negociar, e o Capitaõ com os Vereadores ordenàraõ os navios que havia de levar, aos quaes ſe deraõ a mayor preſſa que puderaõ, e os que ſe achàraõ capazes foraõ hum galeaõſinho de hum mercador deCòchim chamado Joaõ de Torres, e tres galeotas velhas, e cem poſtiças como fuſtas, mas tambem do meſmo toque, e todas poſſo dizer que ſem velas, porque as que levavaõ ſe podiaõ mais chamar redes, e todas mal eſquipadas de marinheiros, cujo lugar ſupriraõ os eſcravos dos mercadores: muniçoens taõ poucas, que em cada fuſta naõ havia mais que duas arrobas de polvora de bombarda, e mea de eſpingarda. Triſtaõ Vaz tinha as ſuas muniçoens que trouxe de Goa, e o meſmo Joaõ de Torres dono do galeaõ ſe offereceo pera eſta jornada, e alguns Fidalgos, e Cavalleiros, e o primeiro, e principal foy Fernaõ Peres de Andrade, Fidalgo velho, grande cavalleiro, que em todos os cercos que alli houve, e batalhas que os noſſos no mar tivèraõ com o Achèm, e Jàos, moſtrou o valor de ſua peſſoa, Franciſco de Lima o de Maluco, que eſtava em Malaca pera hir de ſoccorro, tambem grande ſoldado, e homem muito nobre, e cuido que Fidalgo nos livros de ElRey, Fernaõ de Lemos que tinha

tinha chegado da China rico, Manoel Henriques caſado na terra, homem muito nobre, Joaõ Troche, Pero Dias de Leaõ, Nuno Rodrigues do Baſto caſados na terra, Ayres Pinto tambem caſado nella comprou huma galeota, e juntou parentes, e ſoldados com que ſe quiz achar neſta jornada, e com ſe meter todo o cabedal da ſoldadeſca que havia naõ ſe puderaõ achar mais que trezentos ſoldados, mal armados, e peyor pagos, porque lhe naõ deraõ hum quartel. O Capitaõ mòr ſe poz no mar com eſta pobre Armada em comparaçaõ do poder do imigo, e logo foy navegando pera o rio Fermoſo, q̃ era, como jà diſſe, doze leguas de Malaca, e ao outro dia chegou à viſta delle, e vio ſahir de dentro mais de vinte navios ligeiros, e logo todo o mais corpo da Armada que hia demandar a noſſa. Vendo Triſtaõ Vaz da Veiga que era jà neceſſario baralharſe com elles por lhe ſer forçado, entregou a ſua nào a hum Manoel Ferreira, e elle embarcou na galeota de Ayres Pinto, porque viſſem os noſſos que elle ſe naõ queria valer da fortaleza da ſua náo, eſtando elles arriſcados em navios taõ pequenos, e mal petrechados, e chegou toda a Armada a ſi, e animou a todos affirmandolhes „ que os imigos os „ queriaõ cometer com deſconfiança „ que era final de ſua perdiçaõ, pois ſe „ queria valer do balravento, que tra„ balhava por lhe tomar, porque quan„ do elle ſe queria tambem ajudar da„ quella ventagem, final era que a confi„ança que trazia naõ era grande, que „ elle entendia naquellas moſtras que „ lhe havia Deos noſſo Senhor de dar „ vitoria contra aquelle imigo, e logo mandou que ſe chegaſſem pera a náo, e galeaõ, aſſim pera os ſegurar, como pera ſe valer de ſua artelharia. O imigo ſe poz a balravento, e veyo deſcahindo ſobre a noſſa Armada, e travàraõ hum fermoſo jogo de bombardadas, do qual elles recebèraõ bem grande dano das noſſas nàos, e apoz iſto ſe enveſtiraõ com grande determinaçaõ. Triſtaõ Vaz da Veiga teve ſempre o olho na Capitania do Achèm, que era huma muito fermoſa galè com mais de duzentos homens, e virando a ella lhe deu huma muito fermoſa furriada de arcabuzaria, e apoz ella a abordou, e travou com ella huma aſpera batalha, em que elle, e Ayres Pinto, e os mais fizeraõ taõ altas cavallarias, que pelo rigor da eſpada entràraõ dentro. Succederaõ grandes caſos, hora declinando a huma parte, hora a outra, e por fim permittio Deos que o General dos Mouros foſſe derrubado de huma eſpingardada, com que a vitoria ſe acabou de declarar pelos noſſos, naõ lhe valendo ſete fuſtas que trazia por popa, que por varias vezes o cevàraõ de gente, as quaes foraõ tambem abrazadas dos noſſos.

Os mais Capitaens da noſſa Armada ao meſmo tempo com o Capitaõ mòr enveſtiraõ cada hum com ſua galè, e à que abordou Fernaõ de Lemos carregàraõ todos os imigos a huma banda de tal feiçaõ, que ſe virou a galè, e no mar matou muitos, e cativou outros, os mais que eſtavaõ atracados cada hum com ſua galè, fizeraõ taes façanhas em armas atè que as rendèraõ com morte da mayor parte dos imigos. A mais Armada tanto que vio a galè do ſeu General desbaratada, e perdida a bandeira, e farol, largando tudo ſe foraõ acolhendo pera a ſua terra, naõ eſcapando ain da eſtes da furia da artelharia das noſſas nàos, que fez nelles grande eſtrago. Vendo Triſtaõ Vaz da Veiga a mercè, que Deos noſſo Senhor lhe tinha feito, deulhe muitas graças, e deixou-ſe ficar no lugar da vitoria tres dias curando os feridos que eraõ muitos, os mortos naõ paſſáraõ de dez; depois ſe recolheo a Malaca, onde chegou com as galez por popa, e as bandeiras dos imigos arraſtando pela agua, e ſalvando a Cidade deſembarcou nella, e foy recebido com ſolenne triunfo, e foy levado à Igreja em prociſſaõ, onde deraõ todos muitas graças ao alto Deos por tamanhas mercès, e com iſto ficou a Cidade deſ-

apreſſada

apreſſada do trabalho, e começàraõ a vir embarcaçoens de fóra com mantimentos, e provimentos.

Triſtaõ Vaz da Veiga que hia fazer pimenta a Jundà pera carregar pera o Reino, partio ſe logo, mas como Deos noſſo Senhor o tinha guardado pera remedio daquella fortaleza, ordenou que naõ achaſſe pimenta, pelo que ſe tornou logo pera aquella fortaleza de Malaca, onde achou Dom Franciſco Henriques muito mal, de que veyo a falecer em Novembro de ſetenta e quatro, deixando em ſeu teſtamento nomeado por Capitaõ Triſtaõ Vaz da Veiga, conforme a huma proviſaõ que pera iſſo levava, o qual tomou poſſe da fortaleza, e começou a correr com ſuas obrigaçoens.

CAPITULO XVIII.

Entra o tempo do governo de Antonio Moniz Barreto que he o da minha nona Decada.

A Primeira couſa, que eſte Governador fez, foy ordenar huma Armada pera levar os navios dos mercadores que vaõ aos rios do Canarà carregar de arroz por eſtar a Cidade falta delle, pera a qual elegeo Dom Antonio de Menezes Cantanhede com duas galez, huma em que elle hia, e outra Antonio Lobo, e ſeis fuſtas, cujos Capitaens eraõ os ſeguintes. Dom Diogo da Silveyra, filho de D. Simaõ da Silveyra o Velho, Paulo Antonio Telles, Antonio Cabral, Franciſco Fernandes, Pedro Rodrigues Malavar, e Pero Gomes. Eſta Armada partio de Goa em vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, atè Abril em que ſe recolheo, e trouxe a Goa duas cafilas de mantimentos com que a Cidade ficou abaſtada, e porque naõ lhe ſuccedeo mais, acabaremos aqui com ella.

E porque o Governador ſabia que Fernaõ Telles que andava no Norte levava por regimento que reprezaſſe as nàos do Idalxà que vieſſem de Meca; aſſentou em conſelho géral „ que ſe naõ „ bulliſſe nellas, antes ſe as encontraſſe, „ lhes fizeſſem comprimentos, e as favo- „ receſſe em tudo, e que ajuntaſſe as ca- „ filas de Cambaya, e de todas as forta- „ lezas, e ſe recolheſſe com ellas, por- „ que era neceſſario virem depreſſa pe- „ las muitas fazendas que haviaõ de tra- „ zer pera a carga das nàos do Reino, „ e muitos mantimentos que haviaõ de „ vir naquellas cafilas pera a Cidade de „ Goa, o que Fernaõ Telles fez, e trouxe pera a Cidade de Goa tudo o que levava por regimento, mas naõ encontrou as nàos do Idalxà, e no fim de Dezembro chegou com toda aquella cafila a Goa.

Aos quatorze do meſmo mez de Dezembro ſe ajuntou o Governador Antonio Moniz Barreto com todos os Capitaens, Prelados, e Officiaes da fazenda em conſelho, no qual aſſiſtio Dom Leoniz Pereira Governador de Malaca, e Dom Franciſco de Souſa Capitaõ mòr das nàos do Reino, e o Arcebiſpo Dom Gaſpar, e lhes propoz „ em como o Idal- „ xà tinha reteudos Dom Henrique de „ Menezes, e todos os Portuguezes que „ andavaõ em ſua Corte com ſuas fa- „ zendas, e que naõ baſtando iſto o fi- „ zera tambem a Chriſtovaõ do Couto „ que o Viſorey Dom Antonio tinha „ mandado, que pedia a todos votaſſem „ livremente o que entendeſſem naquel- „ le caſo, porque era de muita conſide- „ raçaõ, e debatido o negocio foraõ to- „ dos de parecer que ſe naõ devia de dar „ por achado daquellas couſas, antes ha- „ via de diſſimular com ellas, porque „ tomando-ſe diſſo ficava obrigado a „ ſatisfazerſe daquella affronta, e que o „ bom ſeria que o Secretario Rodrigo „ Annes Lucas eſcreveſſe como de ſi hu- „ ma carta a Chriſtovaõ do Couto em „ que lhe dèſſe conta de como Antonio „ Moniz Barreto governava a India, e „ que ElRey mandàra hir pera o Reino „ ao Viſorey Dom Antonio de Noro- „ nha, e que aſſim como houvera aquel- „ la

„ la mudança no governo, aſſim a pro-
„ curaſſe elle em ſeu negocio com os Ca-
„ pitaens, com quem ſolicitaſſe ſua cau-
„ ſa, e que era neceſſario ſaber do Go-
„ vernador o que lhe mandava, e que
„ trabalhaſſe o mais que pudeſſe por vir
„ pera Goa, porque naõ ſabia ſe o que ſe
„ trataſſe dalli em diante ſatisfaria ao
„ Governador. Aſſentado iſto eſcreveo logo o Secretario a Chriſtovaõ do Couto a carta do teor ſeguinte.

CAPITULO XIX.

Da carta do Secretario do Eſtado a Chriſtovaõ do Couto, que eſtava reteudo na Corte do Idalxá.

„ POlas mudanças que Sua Alteza
„ houve por bem de fazer, e prover
„ nas nàos que hora chegàraõ ao gover-
„ no deſte Eſtado, me pareceo neceſſa-
„ rio como Official que ſou, e voſſo
„ amigo aviſarvos do que paſſa, pera que
„ aſſim como niſto houve mudança no-
„ va, tomeis tambem em voſſos nego-
„ cios nova traça ſe vos parecer. O Vi-
„ ſorey que foy Dom Antonio de No-
„ ronha houve ElRey noſſo Senhor por
„ bem que naõ governaſſe mais, o que
„ ſeria pelas informaçoens que lhe hiriaõ
„ na Armada do anno paſſado, e man-
„ dou que governaſſe Antonio Moniz
„ Barreto, ao qual pareceo naõ faltavaõ
„ as qualidades que ſaõ neceſſarias a
„ quem tiver eſta cargo, porque tem
„ experiencia de muitos annos deſte go-
„ verno, tem peſſoa, tem diſpoſiçaõ, e
„ valor pera cõ ſua preſença aſſiſtir nos
„ negocios da guerra, e pera as couſas q̃
„ cumprem a ella reſoluçaõ, valentia,
„ conſelho, e experiencia, tem verda-
„ de, e bondade pera conſervar a paz
„ com os Reys com quem elle a aſſentar,
„ e lha merecerem, e determinaçaõ pera
„ lhes fazer guerra, quando lhe for ne-
„ ceſſario, naõ tem cubiça do alheyo
„ pera que por eſſa cauſa faça deſordens,
„ e tem cuidado do proprio de ElRey
„ noſſo Senhor, tanto, quanto comprir.
„ Atègora eſte Fidalgo, nem tomou,
„ nem mandou tomar, nem foy partici-
„ pante por cõmunicaçaõ que lhe dèſſe
„ Dom Antonio de Noronha da toma-
„ da das náos dos Capitaens do Idalxà,
„ nem fica lugar pera ſe lhe poder pedir
„ conta diſſo, ſe naõ com muita razaõ, e
„ modos de amiſade por outras muitas
„ vias, e repreſentadas eſtas razoens, e
„ outras q̃ pera voſſo negocio vos pare-
„ cerem neceſſarias ao Idalxà, e ſeus Ca-
„ pitaens com quem correis, parece-me
„ que devem procurar logo voſſa vinda
„ pera Goa, pera poderdes dar razaõ ao
„ Governador do q̃ là paſſou, pera lhe a
„ elle ficar tempo de poder dar conta
„ neſtas náos que vaõ a ElRey noſſo Se-
„ nhor, do eſtado em que ficaõ as couſas
„ delle, e como eſtá com os viſinhos q̃
„ lhe elle tanto encomenda conſerve em
„ ſua amiſade, porque vos affirmo q̃ lhe
„ convem dar a Sua Alteza conta de tu-
„ do, pois elle moſtra pela execuçaõ que
„ fez que terà differente ordem no go-
„ verno, do que tiveraõ os Viſoreys paſ-
„ ſados.

„ O naõ vos receber o Idalxà com o
„ preſente que levaſtes iſſo naõ affronta
„ o Governador, pois naõ foy o autor
„ delle, nem lho enviou, e ainda digo
„ por parte do Viſorey D. Antonio que
„ taõ pouco naõ havia razaõ pera dei-
„ xar de lho aceitar, pois iſſo naõ foy
„ enviado como preſente, nem foy mais
„ que ſatisfaçaõ ao Idalxà com duas eſ-
„ padas, e hum cavallo que a eſta Cida-
„ de mandava comprar, e por eſcrever
„ ſobre iſſo cartas ao proprio Viſorey
„ pera que lhe foſſe com brevidade, e
„ favoreceſſe a peſſoa q̃ a iſſo enviava
„ em repoſta do que pera mais ſatisfaçaõ
„ lhe enviou o cavallo, e eſpadas q̃ vòs
„ levaſtes, e elle deſejava, a que devia
„ moſtrarſe agradecido naõ pelo preço,
„ ſe naõ pela vontade com que o ſervia
„ naquellas couſas.

„ Naõ tenho niſto mais que vos lem-
„ brar, ſe naõ que procureis de vos par-
„ tir pera eſta Cidade tanto que là ſe
„ ſouber

„ ſouber por eſta, ou pelas novas que
„ correm que jà naõ governa o Viſorey
„ D. Antonio de Noronha, e q̃ quem eſtà
„ no governo naõ tem culpa no deſgoſ-
„ to que ſuccedeo na tomada das nàos,
„ ou depoſito que ſe queria fazer nellas,
„ atè ſe ver o que o Viſorey ordenava
„ ſe fizeſſe dellas, e o que ſe fez naõ foy
„ couſa nova, pois ſempre foy coſtume
„ darem as nàos que navegaõ razaõ
„ de ſeus cartazes, e ſe trazem couſas
„ defezas, e naõ porem-ſe logo em de-
„ fençaõ, e reſiſtencia de armas, como
„ fizeraõ os Capitaens dellas com a noſ-
„ ſa Armada, e o que ſuccedeo aſſim às
„ nàos, como ao noſſo Capitaõ mòr fel-
„ lo a juriſdiçaõ da tormenta, e aconte-
„ cimentos varios do mar, que coſtuma
„ fazer ſeu curſo, e naõ o que os homens
„ pretendem. De Goa, quatorze de De-
„ zembro de mil e quinhentos e ſeten-
„ ta e tres.

Recolhido Fernaõ Telles da Coſta do Norte onde andava no fim de Dezembro de ſetenta e tres com huma grãde cafila, e huma galeota de Malavares que tomou, e hum Embaixador que o Graõ Mogor mandava ao Viſorey D. Antonio de Noronha, que veyo grandemente acompanhado, homem de muita peſſoa, e gravidade, que por ſer o primeiro que paſſou à India o recebeo o Governador com grande mageſtade, e apparato, e foy em Goa muy banqueteado de alguns Fidalgos velhos, e ricos, principalmente de Dom Leoniz Pereira, e de Ayres Telles de Menezes, nos quaes banquetes foy o Embaixador ſervido com todas as baixellas que havia em Goa, e com todos os regalos que a India podia dar de ſi, e me affirmàraõ que em cada jantar ſe gaſtàraõ mil cruzados, logo o Governador Antonio Moniz Barreto o tornou a deſpedir, e a Fernaõ Telles por Capitaõ mòr da coſta Malavar com quatro galez, e oito, ou dez fuſtas, que partio de Goa meado Janeiro de ſetenta e quatro. Os Capitaens das galez afóra elle eraõ D. Joaõ da Gama, Fernaõ Pereira de Miranda, e Antonio Cabral, e das fuſtas D. Luiz de Menezes, Fernaõ de Albuquerque, Gonçalo Rodrigues Caldeira, Diogo Taveira, Gonçalo de Souſa, Pedro de Anhaya, Eſtevaõ de Pina, Roque de Brito ſeu irmaõ, e outros a q̃ naõ achey os nomes.

No fim deſte mez foy Dom Diogo de Menezes entrar na Capitanìa de Ormuz que lhe ElRey tinha mandado, e lhe deu o Governador Antonio Moniz a galeota S. Vicente pera hir nella.

Logo na entrada de Fevereiro deſpedio o Governador por Capitaõ mòr da coſta do Norte a D. Antonio de Menezes com duas galez elle em hũa, e em outra Antonio Lobo Falcaõ, e oito fuſtas, de que foraõ por Capitaens Paulo Antonio Telles, D. Duarte Deça, D. Diogo da Silveyra, Franciſco Pereira Eſcorcio, Sebaſtiaõ Gonçalves de Alvellos, e outros. Neſta companhia foy Ayres Falcaõ entrar na Capitanìa de Baçaim, e Antonio Ferraõ por Veador da fazenda das fortalezas do Norte.

Deixemos agora os ſucceſſos deſtas Armadas, e continuemos com as couſas do Idalxà, e cativos que eſtavaõ em ſua Corte. Com a carta q̃ o Secretario Rodrigo Annes Lucas eſcreveo a Chriſtovaõ do Couto, houve algum aballo nos Capitaens do Idalxà, a quem elle deu copia da carta que parece communicàraõ tudo com o Idalxà, o qual ſabendo da mudança do governo, e que nelle eſtava Antonio Moniz Barreto deſpedio logo hum Embaixador a darlhe os parabens de ſua ſucceſſaõ, o qual em breves dias chegou a Goa na entrada de Fevereiro, e lhe fez o Governador hum grande recebimento, e o mandou agaſalhar, e prover muito bem, e o Embaixador lhe deu huma carta do Idalxà, e outra de Fratel Maluco ſeu Regedor, e Governador de ſeus Reinos, que ambas eraõ de muita ſubſtancia, e nella lhe davaõ os parabens de ſeu governo, e lhe pediaõ
„ que mandaſſe ſatisfazer a perda das
„ duas nàos q̃ lhe D. Henrique de Me-
„ nezes tomàra por mandado do Viſo-
„ rey

„rey Dom Antonio de Noronha, as quaes o Governador mandou ler em conſelho géral que pera iſſo ſe ajuntou, e nelle ſe aſſentou „que pera ſe dar ſa„tisfaçaõ àquelle Rey ſe fizeſſem algu„mas dilligencias ſobre aquelle nego„cio à viſta do Embaixador, as quaes „eraõ deſpedir hum catùr ligeiro a Cò„chim com proviſoens riguroſas, pera „que ſe ainda eſtiveſſe o Viſorey Dom „Antonio por embarcar, lhe tomaſſe o „Capitaõ da Cidade a homenagem de „ſe naõ hir atè eſtar a direito com o „Idalxà, e que ſendo partido lhe ſe„queſtraſſem toda a fazenda que ſe lhe „achaſſe, e a meſma diligencia mandou fazer publicamente em Goa, deitando grandes pregoens com grandes penas „a quem ſoubeſſe de alguma fazenda „ſua ſe a naõ deſcobriſſe dentro em tres „dias, o que tudo foy à viſta do Em„baixador, o qual pedio ao Governa„dor alguns cartazes pera ſuas nàos na„vegarem pera Ormuz, e outras partes, „e que os paſſos da Ilha de Goa foſſem „francos pera todos os que quizeſſem „paſſar, e tornar por elles pagando os „direitos de ſuas fazendas, e outras „couſas, com que o Embaixador ſe moſtrou ſatisfeito, e porque era neceſ„ſario pera a liberdade de D. Henrique de Menezes de todos os mais que là eſtavaõ reteudos deſpedio o Embaixador com brevidade fazendolhe muitas honras, e dandolhe preſentes pera o Idalxà, e Fratel Maluco, e lhe eſcreveo cartas em repoſta das ſuas, e a de ElRey era deſte teor, deixando os titulos, e corteſias do introito.

„A couſa que mais me encomenda, e „manda ElRey meu Senhor em ſuas „cartas he o ſerviço de Voſſa Alteza, e „que pera elle lhe offerecia eſte Eſtado „todas as vezes que lhe comprir, e que „mo naõ mandàra, ſatisfizera eu com a „meſma obrigaçaõ, pois tenho de longe „conhecimento da ſua vontade que he „naõ dar nunca occaſiaõ aos Reys que „tem por amigos, e quando elles a pre„tendaõ, e buſquem, ou vaõ contra as „pazes por elle juradas ficarà ElRey „meu Senhor deſculpado com Deos, e „com os homens. Com as couſas do ſer„viço de Voſſa Alteza tenho corrido „em tudo como pude, e nada me ficou „por fazer depois que ſou Governador, „e he tanto iſto aſſim, que em chegan„do o Embaixador de Voſſa Alteza, „logo mandey fazer preſtes hum catùr „ligeiro, pera que com toda a brevida„de foſſe a Còchim deter o Viſorey D. „Antonio, ou que deixaſſe fiança a tu„do o que contra elle ſe julgaſſe. Eſcre„vi a ElRey meu Senhor ſobre eſte par„ticular, e lhe enviey a carta de Fratel „Maluco, e ſe voſſa Alteza quiz, e me „mandou que ſobre eſte negocio eſcre„veſſe a Portugal, e dèſſe particular „conta de tudo, eu o fiz por Voſſa Al„teza aſſim mo mandar, e que razaõ „poderey eu dar a ElRey meu Senhor „que neſte cargo me poz de me deter„minar neſte caſo ſem repoſta, e ordem „ſua, tendolhe eſcrito na fórma que „Voſſa Alteza me mandou? Se niſto ha „culpa (o que na verdade me naõ pa„rece) Voſſa Alteza a tem, pois quiz a „determinaçaõ mais comprida do que „eu a pudera dar, mas tudo hirà a me„lhor. Mandey apregoar que toda a „peſſoa que ſoubeſſe da fazenda, ou „dinheiro do Viſorey Dom Antonio „o vieſſe manifeſtar dentro em tres dias, „e por ſerviço de Voſſa Alteza faço da „minha parte todas as juſtificaçoens „poſſiveis pera acertar em ſeu ſerviço, „e naõ conſinto ficarme nenhuma por „fazer. Ao Embaixador concedi os „cartazes que me pedio, e os paſſos da „Ilha francos pera o que quizeſſem, e „ſendo todos os Fidalgos de meu con„ſelho de Eſtado de parecer, que jà que „Voſſa Alteza retinha em prizaõ, e „naõ mandava vir os Portuguezes que „là eſtavaõ, mandaſſe eu eſperar as „ſuas nàos de Ormuz, e Bengala, e as „reteveſſe tambem, e eu ſó fuy o que „contra tantos pareceres prevaleci. O „Embaixador traz por eſcrito grandes „poderes, e naõ uſa delles, deve de ſer

„em

„em ſecreto aſſim mandado de Voſſa „Alteza; pelo que lhe peço de mercè „mande ſoltar os prezos com que lhe „ficarey em obrigaçaõ de ſempre o ſer„vir; porque Senhor quem pede juſtiça „naõ deve uſar de força, que he que„brar as leys que Voſſa Alteza tem „obrigaçaõ de fazer à todos guardar; „e fazendo-me Voſſa Alteza eſta mer„cè, e juntamente mandar a ſeus Tana„dares deſtes portos, que naõ recolhaõ „nelles imigos deſte Eſtado, pois he „contra o contrato das pazes celebra„das ficarey cativo, e criado de Voſſa „Alteza, e obrigado a naõ ſahir nunca „de ſeu ſerviço, e mandar caſtigar rija„mente a quem os recolher, como que„brantador do bem publico, e da paz „celebrada. Noſſo Senhor guarde o „Real Eſtado de Voſſa Alteza, e a vida „acreſcente por largos annos. Goa de„zaſeis de Fevereiro de mil e quinhen„tos e ſetenta e quatro.

E pera que naõ foſſem tudo rogos tambem tratou o Governador de entrar com alguns ameaços, eſtes foraõ mandar paſſar proviſoens, pera que os Portuguezes „naõ levaſſem cavallos, nem „outras fazendas ao Balagate, porque „com iſſo obrigaria aos mercadores da„quelle Reino a virem comprar eſtas „couſas a Goa pela neceſſidade que del„las tinhaõ, e com iſſo naõ ſó ſegura„vaõ os vaſſallos de ElRey nas conſci„encias pelos eſcrupulos que ficavaõ „de levarem cavallos, e fazendas aos „Mouros, mas ainda ficavaõ engroſ„ſando os rendimentos das Alfande„gas, porque pera a compra deſtas cou„ſas haviaõ de trazer muitas fazendas a „Goa, de que naõ ſó pagariaõ direitos „da entrada, mas tambem das que levaſ„ſem à ſahida, e que alèm deſtes pro„veitos ſeguravaõ aos vaſſallos de El„Rey de Portugal as fazendas que leva„vaõ ao Balagate, e muitos cavallos que „cada vez que os Mouros quizeſſem „podiaõ lãçar maõ de tudo, como jà al„gumas vezes fizeraõ. Eſtas proviſoens mandou o Governador apregoar pela Cidade pera que os Mouros do Balaga- que nella andavaõ aviſaſſem de tudo ao Idalxà, com o que poderia ſer o moveſſem a ſoltar os prezos pela neceſſidade que tinhaõ, de que lhe levaſſem aquellas couſas que lhe defendiaõ.

Na entrada de Fevereiro deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, chegàraõ as nàos de Malaca, nas quaes eſcrevèraõ Dom Franciſco Henriques Capitaõ daquella fortaleza, e Triſtaõ Vaz da Veiga que nella eſtava por naõ poder paſſar a Jundà a carregar de pimenta conforme o ſeu contrato, nas quaes lhe repreſentàraõ „o miſeravel „eſtado em que aquella fortaleza eſta„va, e de como o Achèm com a Rainha „de Japarà eſtavaõ conjurados em ſeu „dano, e que em ambos aquelles Rei„nos ſe faziaõ grandes preparaçoens, „e ſe lançavaõ ao mar groſſas Armadas „que aquella fortaleza ficava com pou„ca gente, e muito falta de muniçoens, „e mantimentos que lhe pediaõ a ſoc„correſſem, e ſe naõ q̃ ſe perderia tudo, e o meſmo eſcrevèraõ a D. Leoniz Pereira Capitaõ de Malaca, o qual ſe foy ver com o Governador, e lhe moſtrou as cartas, e lhe diſſe „que elle eſtava „preſtes pera ſe partir pera Malaca dan„dolhe elle Governador o que ElRey „lhe mandava, e ſobre iſto fez ſuas lembranças em boa fórma diante do Secretario do Eſtado, Veador da fazenda, e outros Officiaes. O Governador Antonio Moniz Barreto lhe reſpondeo „que bem via o Eſtado como eſtava „falto de tudo pelas guerras paſſadas, „ſem Armadas, nem gente pera lhe po„der dar o que ElRey mandava, mas „que ſe fizeſſe preſtes que elle lhe daria „tudo o que pudeſſe ſer, e que ajuntaria „conſelho géral, e o que nelle ſe aſſen„taſſe iſſo ſe faria, naõ vendo eſte Governador que cahia na trampa que armou ao pobre Viſorey Dom Antonio de Noronha, por onde o fez remover do Eſtado com tanta affronta, tendo elle naquelle tempo menos tudo, porque as grandes guerras paſſadas, e as

muitas deſpezas que com ellas ſe fizeraõ, naõ em huma, mas em todas as fortalezas da India contra as quaes ſe conjuràraõ todos os Reys della era baſtante razaõ que tinha por ſi pera naõ aviar ao Governador Antonio Moniz Barreto, como ElRey mandava, porque nem ametade, nem a quarta parte ſe lhe podia dar naquelle tempo, e aſſim como Deos he juſto Juiz, aſſim permittio que ſe viſſe logo a innocencia do Viſorey Dom Antonio, e a paixaõ, e odio dos que o affrontàraõ, de o fazerem tirar do governo, e pòde bem ſer que ſe naõ ſe metèra de permeyo a deſaventurada perda de ElRey Dom Sebaſtiaõ, que pagàra eſte Governador ao Viſorey D. Antonio de Noronha o mal que lhe fez, pois agora tinha mais obrigaçaõ de enviar a Dom Leoniz Pereira, pelo recado que ſobreveyo do aperto que ſe eſperava em Malaca, mas deixemos eſtas couſas, e vamos com a noſſa hiſtoria.

Logo aos quatro de Março deſte anno, tornou o Governador a ajuntar o conſelho géral, no qual propoz „ as neceſſidades, e trabalhos em que eſtava „ a fortaleza de Malaca, e o pouco com„ modo que havia pera ſe poder ſoccor„ rer, mas que todavia faria o que ſe aſ„ ſentaſſe que era neceſſàrio fazerſe ſo„ bre aquelle negocio, e debatida entre todos a propoſta foraõ os mais de parecer „ que ſe devia aviar o Governador „ de Malaca, a cuja conta todas aquellas „ fortalezas eſtavaõ, e aquellas partes, „ e deſobrigarſe della o Governador „ Antonio Moniz Barreto, e que ſe naõ „ pudeſſe hir do modo que ElRey man„ dava, foſſe como o Eſtado pudeſſe pe„ las impoſſibilidades preſentes, e que „ eſta reſoluçaõ ſe fizeſſe logo a ſaber „ ao Governador Dom Leoniz Pereira „ pera ſe determinar, ao que logo o Secretario o foy buſcar por ſe elle naõ querer achar naquelles conſelhos; e lhe deu conta do que ſe paſſára, e que viſſe cõmo queria hir, porque o Governador eſtava preſtes pera o aviar, ao que Dom Leoniz lhe reſpondeo „ que mais preſ„ tes eſtava elle pera hir ſervir a ElRey „ da maneira que elle mandava; mas „ porque o Governador, e os do conſe„ lho naõ cuidaſſem que elle ſe forrava „ dos trabalhos, que dandolhe Antonio „ Moniz Barreto huma Armada como „ mandava a qualquer Rey do Malavar „ de duas galez, e ſeis fuſtas que elle ſe „ contentaria pera hir ſervir ElRey na„ quella empreza.

Com eſta repoſta foy o Secretario ao Governador Antonio Moniz que achou ainda com todos os do conſelho juntos, e dando publicamente relaçaõ do que paſſava, tornáraõ a debater ſobre o caſo, e aſſentáraõ „ que por entaõ naõ po„ deria o Eſtado dar mais de ſi que dous „ navios de alto bordo, e que ſe das Ar„ madas que andavaõ fóra pudeſſem hir „ algumas fuſtas, que ſe aviaſſem pera „ iſſo, e que pera Setembro poderia o „ Governador dar a Dom Leoniz Pe„ reira Armada com que ſe pudeſſe hir. Aſſentado iſto, tratou logo o Governador das couſas que havia de mandar a Malaca, e Maluco, e em quanto ſe fazia iſto preſtes deſpedio a Henrique Moniz Barreto pera a coſta do Canarà com huma Armada pera hir dar guarda às cafilas que haviaõ de trazer os mantimentos pera as Armadas, o qual partio de Goa em oito de Março com duas galez elle em huma, e Gomes Eannes de Freitas em outra, e ſete fuſtas mais de que foraõ por Capitaens Manoel Furtado de Mendoça, Joaõ Rodrigues Deça, Mathias Pereira de Sampayo, Antonio de Monroy, Joaõ de Mello de Sampayo, Pedro Rodrigues, e Pedro Soares Malavares. A eſta Armada naõ ſuccedeo couſa alguma mais que tornar a Goa em vinte e dous de Abril com muitos mantimentos.

Partida eſta Armada deſpedio logo o Governador Miguel de Abreu de Lima, que tinha vindo do Reino pera hir por Embaixador à Percia, o qual partio em vinte de Março nas nàos que foraõ pera Ormuz, e porque a cauſa deſ-

ta

ta embaixada, e as couſas que ſuccedèraõ a eſte Embaixador, ſe haõ de contar em outro lugar, naõ tratarey aqui dellas.

Em vinte e ſete de Abril deſte anno partio Belchior Botelho a fazer as viagens de Maluco no galeaõ Santa Catharina muito cheyo de mantimentos, e muniçoens, foy mais Dom Antonio da Coſta em huma galè pera hir de ſoccorro a Malaca, e o Licenciado Martim Ferreira por Veador da fazenda pera Malaca no galeaõ S. Dioniz, e com Belchior Botelho foy embarcado Nuno Pereira de Lacerda pera hir entrar na Capitanìa de Ternate, de que eſtava provido por ſua Mageſtade.

Falta-nos continuarmos com Fernaõ Telles que anda no Malavar, o qual andou todo o reſto do veraõ correndo aquella coſta com grandes intelligencias ſobre os parós, e ſendo aviſado que no rio da Pedra ſe recolheraõ cinco que vieraõ do Norte carregados de prezas, foy ſobre aquelle rio, e o mandou entrar pelos navios de remo, os quaes foraõ ainda tanto a tempo q̃ os tomàraõ ainda dentro no rio com todo o ſeu recheyo, e endireitando com elles os enveſtiraõ muito determinadamente, e poſto q̃ entre todos houve huma muito aſpera briga, ſendo os contrarios favorecidos da gente da terra, e tanto apertàraõ os noſſos com elles que houveraõ por bom partido lançarem-ſe a nado a terra, e deixarem os navios nas mãos dos noſſos com todo o recheyo que foraõ tirados àtoa pera fóra, e a cada hum tomou o que pode. Naõ eſpecifico aqui os que primeiro abalroàraõ, nem os que foraõ neſte negocio, porque todos os Capitaens das fuſtas foraõ nelle, e inveſtiraõ os imigos juntamente. Fernaõ Telles deu muitas voltas àquella coſta, e jà a tempo de ſe recolher foy dar com huma nào do Camori que vinha de Meca, e mandando-a cometer pelos navios pequenos pela naõ querer meter no fundo com a artelharia das galez, foy depois de grande referta entrada, e a mayor parte dos Mouros metidos à eſpada, e alguns cativos, e com eſtas prezas ſe recolheo a Goa no fim de Abril.

CAPITULO XX.

Franciſco Barreto eleito Governador pera a Conquiſta das Minas do Reino de Manomotapa.

TInhaõ tantas vezes perſuadido a ElRey Dom Sebaſtiaõ a que mandaſſe conquiſtar as riquiſſimas Minas do Reino de Manomotapa, que ſe moveo a fazello, e pera eſta jornada, e Conquiſta eſcolheo ElRey Franciſco Barreto que tinha ſido Governador da India, e que entaõ era General das galez do Reino, e tinha vindo daquella fermoſa jornada do Pinhaõ, donde foy com huma groſſa Armada por mandado de ElRey Dom Sebaſtiaõ pera ſe achar naquelle feito com Dom Garcia de Toledo, na qual os Portuguezes ganhàraõ o nome que ſempre tiveraõ, tratou-ſe do titulo, e juriſdiçaõ que ſe lhe daria, a qual foy „ de Capitaõ géral, e Con- „ quiſtador dos Reinos que jazem des „ do Cabo das Correntes atè o de Guar- „ dafum, e que lhe dariaõ tres nàos „ com mil homens, e cem mil cruzados „ em dinheiro em quanto as Minas naõ „ pudeſſem ſupprir eſtas deſpezas, e mu- „ niçoens, e mantimentos pera a Arma- „ da, e que todos os annos em quanto „ duraſſe a Conquiſta ſe lhe dariaõ os „ cem mil cruzados acima com qui- „ nhentos homens; e que ſe por algum „ caſo foſſe ter à India, ou ſe encon- „ traſſe no mar com o Viſorey, ou Go- „ vernador levariaõ ambos ſuas bandei- „ ras, e faroes, e q̃ governariaõ nos ſuc- „ ceſſos da guerra em que ſe achaſſem „ ambos de dous em conformidade, e „ que por ſeus mandados fariaõ os Offi- „ ciaes da fazenda da India as deſpezas „ de ſua Armada nos provimentos della, com outras mercès, e favores que dei-

xo,

xo, porque naõ fazem ao caſo de noſſa hiſtoria.

Pera eſta jornada mandou ElRey que ſe preparaſſem as tres nàos, e ſe pagaſſem mil homens de armas, e pela novidade della, e ſer a deſcobrir Minas de ouro, abalou toda Lisboa, e acodiraõ muitos Fidalgos por ſe acharem nella, e tanta gente houve que ſobejava pera outra Armada. Pera hir Franciſco Barreto ſe negociou a nào Rainha que andava na carreira da India pera a qual ſe pagàraõ ſeiſcentos ſodados em q̃ entravaõ mais de trezentos Fidalgos, e mais de duzentos creados de ElRey, e toda a mais gente muy limpa, e nobre as outras duas nàos eraõ de duzentas e cincoenta toneladas, e em cada huma ſe embarcàraõ duzentos homens de armas afóra gente do mar, das quaes eraõ Capitaens, Vaſco Fernandes Homem, e Lourenço Carvalho. Levava mais Frãciſco Barreto neſta Armada cem homens Africanos, porque determinava mandar buſcar cavallos à India, e levallos no ſeu exercito pera mayor fortaleza. Em fim preparada eſta Armada ſe fez Franciſco Barreto à vela com as ſuas nàos juntas no fim de Abril do anno de 1569. e ſeguindo ſua viagem logo ſe apartàraõ, e Lourenço Carvalho por naõ poder dobrar os abrolhos arribou ao Reino, Franciſco Barreto foy invernar ao Braſil, ſó Vaſco Fernandes Homem ſe negociàraõ os ſeus Officiaes melhor, e trabalhàraõ tanto que chegàraõ a Moçambique em Agoſto eſtando todas as nàos da Armada do Viſorey Dom Antaõ de Noronha de arribada, e elle morto, como diſſemos, no titulo de ſua Armada, e eſtava na fortaleza por Capitaõ Pedro Barreto que tanto que ſoube que Franciſco Barreto vinha com aquelles poderes pera proſeguir na Comquiſta; houve-ſe por aggravado de ElRey, e affrontado de Franciſco Barreto, tanto que largando hum anno que lhe faltava por acabar naquella fortaleza logo ſe embarcou pera o Reino como foy tempo na nào Chagas, e faleceo no caminho antes de chegar ao Reino, na qual companhia eu tambem fuy requerer os ſerviços que tinha feito na India.

Franciſco Barreto que eſtava invernando no Braſil na Bahia de todos os Santos tanto que foy tempo partio-ſe pera Moçambique onde chegou a ſalvamento com toda a gente ſãa, e muito bem diſpoſta, e tomando informaçaõ da terra que achou falta de mantimentos, vendo que pela falta da gente da outra nào de quem ſabia naõ podia hir proſeguir na Conquiſta, e que havia de eſtar alli alguns mezes atè virem as nàos do Reino em que eſperava mais ſoccorro, pareceolhe bem dar huma volta atè a coſta de Melinde, aſſim pera caſtigar o Rey de Pate que eſtava levantado como pera arrecadar as pareas que deviaõ de alguns annos todos os mais Reys, e pera trazer de là muitos mantimentos pera a jornada que eſperava fazer, e ajuntou todos os pangayos, e embarcaçoens que pode em que ſe embarcou com toda a gente deixando por Capitaõ na fortaleza a Lourenço Godinho Alcaide mòr, e foy ſurgir ſobre o porto de Pate onde aquelle Rey veyo logo à obediencia, e lhe pagou as pareas que devia como pagàraõ os mais Reys, e todos os Senhores daquella coſta com que largamente fez as deſpezas de ſua Armada, e trouxe muitas embarcaçoens carregadas de mantimentos que lhe foraõ muito bons por haver em Moçambique poucos, e eſſes muito caros, e dos Mouros daquella coſta que ſaõ muito ſotiz, e penetraõ todo o Sertaõ da Cafraria ſe informou de muitas couſas pera ſua entrada por aquellas terras dentro, e de huns do Reino de Atoudo ſoube que de Quiloa, ou do Atoude por quinze, ou vinte leguas de caminho pelo Sertaõ dentro poderiaõ chegar atè o outro mar de Angola, e que foraõ algumas vezes à ſua feira onde vinhaõ os mercadores daqueloutro mar contratar com elles em ſuas fazendas, e diſto achey na feitoria de Moçambique regiſtada huma

carta

carta que Francisco Barreto escreveo à ElRey sobre este negocio, assim duvidosa sem dizer se estes Mouros hiaõ por mar, ou por terra, nem lhe pedir o roteiro daquella viagem que foy grande descuido, e com esta carta achey tambem regiſtada a reposta de ElRey na qual „ lhe estranhava muito deixar a „ principal jornada a que fora enviado „ que era a das Minas, e hirse à costa de „ Melinde, mas que tambem lhe agra- „ decia algumas cousas que là fizera, as quaes cartas eu tresladey por curiosidade sendo bem moço naquelle tempo. Francisco Barreto depois que fez na costa de Melinde o que dissemos, tornou-se pera Moçambique onde achou as duas nàos que o Visorey Dom Luiz de Ataide lhe tinha mandado com roupas, e muniçoens, mantimentos, e cavallos, e por aquellas nàos teve novas da conjuraçaõ de todos os Reys do Oriente (como contamos) e de como o Nizamoxà ficava com hum grosso poder sobre Chàul, que por nenhum caso poderia deixar de tomar aquella Cidade por estar toda aberta, e sem defençaõ: o q̃ sabido por Francisco Barreto propoz em hum conselho géral „ que mais „ serviço de ElRey seria acodir a Chàul „ que hir ao negocio das Minas que a „ todo o tempo se poderia fazer, dando muitas razoens que todos approváraõ, e assim se começou a preparar pera aquella jornada, pera a qual tinha as suas duas nàos, e huma que tinha chegado de descobrir o Cabo de boa Esperança por mandado de ElRey, da qual era Capitaõ Manoel de Mesquita, e outras embarcaçoens mais pequenas em q̃ poderia levar oito centos homens; e tendo tudo prestes chegou D. Antonio de Noronha que tinha partido do Reino por Visorey da India com cinco náos todas em huma marè, e o Visorey Dom Antonio vinha muito doente de tericia, e tal que cuidavaõ que naõ poderia viver. Estavaõ elle, e Francisco Barreto muy desavindos jà do tempo da India, e sem embargo disso foy em huma manchua meter as náos dentro no rio, e amarrallas, e depois de as ter seguras, entrou na nào do Visorey que estava em hum catre pequeno deitado na varanda, e chegando a elle o abraçou, e lhe disse: „ Quebre-se Senhor este encantamento, „ pezame de Vossa Senhoria vir nesse es- „ tado, porque o tomára ver muito bem „ disposto pera supprir as necessidades „ em que Senhor haveis de tomar a In- „ dia pera onde eu espero de vos acom- „ panhar, e pois Vossa Senhoria vem „ dèsse modo faça-me mercé de se hir „ pera minha casa aonde se tratarà de „ vossa laude o melhor que puder ser. O Visorey lhe agradeceo muito aquelle termo, e lhe pedio „ o houvesse por es- „ cuso, porque era velho, e rabugento, „ e que lhe mandasse dar casas em que se „ pudesse agasalhar; o que Francisco Barreto fez mandandolhas prefumar muito bem, com muitos cheiros, e verduras, e cõ o Governador Antonio Moniz Barreto tambem teve outros comprimentos como parentes que eraõ, e o levou pera sua casa.

Passados alguns dias em que o Visorey tomou algum alento, fez Francisco Barreto hum ajuntamento de todos os Capitaens, e Fidalgos velhos, o Governador Antonio Moniz Barreto, Vasco Fernandes Homem, Religiosos que havia alli muitos, e muito bons Letrados, e o Padre Francisco de Monclaros da Companhia, e presentes todos lhe propoz as cousas seguites pera se resolver com seu parecer: „ Que elle estava „ prestes com aquellas tres nàos, e oito „ centos homens pera hir soccorrer a „ fortaleza de Chàul que estava em grã- „ de aperto, e que parecendo bem a to- „ dos o faria, e assim mais propoz que „ elle trazia no primeiro Capitulo de seu „ regimento que na Conquista das Mi- „ nas naõ fizesse nada sem o parecer do „ Padre Francisco de Monclaros que „ estava presente, que pera as Minas de „ Butuà, e Manicà havia dous caminhos, „ hũ pela serra, e terra de Manomotapa, „ e outro por Çofala que pedia a todos

„ se

„ ſe ouviſſem os homens velhos, e pra-
„ ticos naquella terra, e que com as ra-
„ zoens que dèſſem ſe aſſentaſſe qual
„ deſtes caminhos ſe havia de ſeguir, e
ouvindo os homens todos o que Fran-
ciſco Barreto diſſe tratando-ſe daquel-
la materia, vieraõ todos a conformar,
e aſſentar „ em que o caminho ſe havia
„ de fazer por Çofala por ſer mais facil,
„ e menos arriſcado, porque pelo outro
„ da ſerra haviaõ de paſſar forçoſamente
„ pelas terras de hũ Rey chamado Omi-
„ gos, o mais poderoſo de toda a Cafra-
„ ria, e que ſuccedendo aos noſſos al-
„ guma quebra com elle, ficaria o Gover-
„ nador Franciſco Barreto inhabilita-
„ do pera proſeguir a Conquiſta que
„ lhe ElRey mandava. Eſte parecer to-
mou o Governador aſſim com tanta ſo-
lennidade, porque o Padre Franciſco
de Monclaros apertou muitas vezes
com elle que foſſe pela ſerra, e terras
de Manomotapa tendo elle ſabido dos
homens praticos que hiriaõ bem enca-
minhados, e porque Franciſco Barreto
naõ quiz ſeguir o parecer do Padre an-
davaõ elles quebrados, e differentes, e
ainda neſta junta o eſtavaõ, e o Padre tei-
mava em q̃ ſe havia de fazer o caminho
da Conquiſta por onde elle queria, e naõ
por onde géralmente a todos parecia o q̃
era zelo piedoſo, mas danoſo, porque a
razaõ, porque niſſo inſiſtia era pera que
o Governador Franciſco Barreto to-
maſſe do Manomotapa alguma ſatisfa-
çaõ da morte do Padre Dom Gonçalo
da Silveyra que elle mandou martiriſar
como em ſeu lugar contey, e pera ver
ſe poderiaõ achar as reliquias de ſeus oſ-
ſos, o q̃ naõ podia ſer, porq̃ todos os ho-
mens que naquelle tempo tratavaõ pera
as terras de Manomotapa affirmavaõ q̃
tanto que lançàraõ o corpo deſte Santo
Padre no rio, logo os lagartos, e Co-
codrillos o comèraõ, e engoliraõ, don-
de naõ poderà tornar a apparecer ſe naõ
no ultimo juizo univerſal, e debatido
o negocio naquelle grande concurſo de
Capitaens, Theologos, e mercadores
praticos daquellas Minas aſſentàraõ to-
dos „ que ao Governador Franciſco
„ Barreto lhe era neceſſario fazer ſeu
„ caminho por Çofala aſſim por ſer mais
„ perto como menos arriſcado. Aſſen-
tado eſte negocio aſſinàraõ todos no
termo que diſſo ſe fez emque tambem o
Padre Franciſco de Monclaros aſſi-
nou por lhe parecer muito bem.

E ſobre o primeiro ponto que o Go-
vernador Franciſco Barreto propoz de
que eſtava preſtes pera ſoccorrer Chàul,
diſſe o Viſorey Dom Antonio „ que na-
„ quillo tinha bem comprido com o ſer-
„ viço de ElRey, e obrigaçaõ de ſua
„ peſſoa, que a tençaõ era muito boa, e
„ fora muito bem acertada a jornada ſe
„ faltàraõ náos, mas que pois elle Viſo-
„ rey hia pera à India com tamanha Ar-
„ mada que eſcuſava elle Franciſco Bar-
„ reto aquelle trabalho pois tinha o ou-
„ tro da Conquiſta das Minas que El-
„ Rey tanto lhe encomendava, mas que
„ pois alli eſtavaõ juntos aquelles Ca-
„ pitaens Fidalgos, e Religioſos, e Ca-
„ valleiros lhe pedia que praticaſſem
„ ſobre ſe hiria elle Dom Antonio com
„ toda a Armada demandar Chául que
„ era o que eſtava mais arriſcado, ou ſe
„ hiria direito a Goa, porque ſe Chàul
„ foſſe perdido, elle jà o naõ podia reme-
„ diar, e ſe eſtiveſſe ainda cercado que
„ com a nova q̃ chegaſſe aos imigos de
„ ſua vinda com tamanho poder, eſtava
„ certo levantarem ſe logo daquella Ci-
„ dade ſobre que eſtava, e que chegan-
„ do elle a Goa lhe poderia logo mandar
„ todos os ſoccorros que quizeſſe, e
concluhido iſto com tanta fatisfaçaõ
de todos ſe partio o Viſorey pera à In-
dia.

Franciſco Barreto começou a man-
dar muita parte da fabrica da Conquiſ-
ta pera Çofala, e muitas embarcaçoens,
e elle ſe começou a preparar pera a jor-
nada, mas como ao Padre Franciſco de
Monclaros lhe parecia que fazia offen-
ſa à ſua authoridade, e Letras ao q̃ El-
Rey delle fiava que aconſelharia ao Go-
vernador o que foſſe juſto, e honeſto cõ-
forme a ſeu ſerviço, e naõ ſuas perten-

çoens

çoens foy-se hum dia ao Governador, e lhe pedio licença „ pera se hir pera a In- „ dia pela Costa de Melinde, porque „ entendia que elle Governador hia „ contra sua consciencia, e contra o ser- „ viço de ElRey em querer fazer seu ca- „ minho por Çofala como estava assen- „ tado, parecendolhe ao mesmo Padre muito acertado o que se assentou em hum conselho taõ authorizado como se convocou pera esta materia de hum Visorey, dous Governadores, e mais de vinte Padres de S. Domingos Theologos, querendo que seu parecer só vencesse a todos estes, paixaõ muito natural em muitos Religiosos pela qual deitaõ a perder na India grãdes occasioens, e se arriscàraõ, e ainda perdèraõ algũas fortalezas, como pelo discurso de minhas Decadas se verà, porq muito sabido he nas Escrituras divinas, e humanas q cada dia erra o homem que se governa por seu parecer, e que as mais das vezes acertou quem se governou pelo alheyo, em fim a paixaõ deste Padre chegou a tanto, ou o medo, e temor q o Governador Francisco Barreto tinha aos Prelados da Companhia, e ao Mestre de ElRey D. Sebastiaõ q foy o que encaminhou pera esta jornada que fez remover o parecer q estava tomado de tantas pessoas taõ eminentes, e fazer nova junta, em q tornou a propôr o negocio no qual parece que o Padre tinha feito o que pretendia com os que haviaõ de ser chamados, e tornado a debater o negocio votàraõ „ que „ fosse o Governador pela serra, e nisto se poderà bem ver o que pòdem respeitos, que o que hoje pareceo bem a huns, à manhãa parece mal aos mesmos; hora deixemos isto que naõ servio de mais que de escandalizar a quem o soube. O Governador Francisco Barreto tornou a remover o que estava assentado, e mandou embarcaçoens a Çofala „ que toda a fabrica que là estava o fos- „ se esperar no forte da serra, como fez; e elle como se hia chegando o tempo em que havia de partir se foy fazendo prestes, e se proveo bastantemente de muitas cousas pera aquella jornada, pera a qual levou mais de duzentas peças de pannos de cores pera se vestirem os soldados no tempo do inverno que he là muito frio. Aqui quero contar este caso que me aconteceo com elle vindo eu do Reino, como jà disse, com o Visorey Dom Antonio de Noronha: como Francisco Barreto comprava todos estes pannos parece soube que eu trazia humas trinta peças q me mandou rogar lhe vende-se, as quaes eu lhe mandey logo, e depois fuy ter com elle que estava fazendo contas com hum Feitor seu que comprava estes pannos, o qual me preguntou como os havia de dar, ao que Francisco Barreto que estava praticando comigo nos assentos da janella lhe respondeo estas palavras „ ho- „ ra estais muito gracioso, preguntay „ a este Senhor soldado por armas, e „ darvos ha razaõ dellas, pagaylhe as „ suas peças por aquillo que as mais ca- „ ras vos custàraõ, o que elle logo fez: trouxe isto pera que se veja a natureza, e grandeza deste Fidalgo.

CAPITULO XXI.

Parte Francisco Barreto pera a Conquista das Minas, e da descripçaõ de toda a Costa do Cabo Delgado atè o Cabo das Correntes, e do Reino de Manomotapa, e das Minas de Butuà, e Manicà

PRestes Francisco Barreto de tudo ajuntou todos os navios que havia no rio de Moçambique, e mandou embarcar a fabrica toda assim os cavallos, e huma quantidade de jumentos, e alguns camellos que lhe trouxèraõ das costas dos Bodoins pera o seu exercito, e serviço delle, levou o Governador mil soldados, e alguns Mouros que sabiaõ a terra, e muitos escravos, muitas roupas, mantimentos, e odres pera agua, e em fim tudo o que lhe disseraõ ser necessario pera aquella jornada, e no mez de Novembro se embarcou, e foy com tudo

tudo a ſalvamento atè o rio de Quilanxè noventa leguas de Moçambique que he o rio dos Bons Sinaes, onde Vaſco da Gama quando foy ao deſcobrimento da India eſpalmou as ſuas nàos, e porque me pareceo que ſeria aceito dos curioſos fazer aqui huma deſcripçaõ deſta coſta toda do Cabo Delgado atè o Cabo das Correntes, o farey começando do Cabo Delgado pera o das Correntes.

Eſta coſta do Cabo Delgado atè Moçambique quaſi que imita a feiçaõ de hum arco, começa em nove gràos do Sul, e acaba em quatorze e meyo, em cuja diſtancia ha eſtes rios, e Ilhas. Cabo Delgado, Ilha dos Paſſaros, Ilha de Meſa, rio Pandagi, tem huma Ilha na boca do ſeu nome, Ilha Macoloè, Ilha de Matemo, Ilha de Quiribà, Ilha da Cobra junto della rio Melvané, Ilha de Quizer na ſua boca, Ilhas das Cabras, a eſtas lhe puzeraõ o nome os ſoldados da Armada de Vaſco da Gama, quando por alli paſſou a primeira vez, Ilhas do Açoutado porque nellas mandou Vaſco da Gama açoutar o Piloto que o levou de Moçambique, porque o meteo entre ellas a fim de lhe fazer perder as náos. Vay logo o rio Meſente, o rio Noculubò, o rio Jitù, o rio Abé, o rio Xagâs, o rio Xaracapá, enſeada de Fungo, o rio de Pendà que tem huns baixos que lançaõ duas leguas ao mar de ſeu nome, o rio Quiſimilùeo, o porto de Velhacos, Tintagoné onde fazem as aguadas, tem dous Ilheos fóra da boca Moçambique: daqui atè a ponta da enſeada da Sanca que eſtá em vinte e hum gràos e meyo, vay encurvando a terra pera dentro de longo da qual jaz aquelle perigoſo parcel de Çofala na qual diſtancia ha eſtes rios a baixo de Moçambique, o rio Nocugò, o rio Raſonis, o rio Noſigé, o rio Noguncualá que tem na boca huns baixos que lançaõ duas leguas ao mar, aonde eu já eſtive perdido em huma naveta hindo pera Çofala por cima dos quaes cavalgou a embarcaçaõ, e milagroſamente ſe ſahio com o leme quebrado, o rio Janguaſé, o rio Anbuzio, as Ilhas de Angoxa que ſaõ tres, o rio Monga, o rio Nacolongo que tem tres Ilheos na boca, o rio Tendanagè, o rio Corrobecá, o rio Quiſingò, o rio Loranjá, o rio Quinami, o rio Locangò, o rio Mongulò, o rio Nafutù, barra de Quilinamè, que eſtà noventa leguas de Moçambique, em cuja coſta jazem os rios acima capazes de navegarem por elles Pangayos de cem candiz de carga; corre logo a Ilha Chinogá adiante trinta leguas atè a barra de Lucabò vaõ logo eſtes rios, Tendeculò, rio Quiloé, rio Tambambugoé, rio Miaſé, rio de Çofala, que faz na entrada huma Ilha chamada Inhaſantò, rio de Loané, rio de Mamboni, rio Mulinem, rio Quilamacoſi a ponta de Boſicá, que eſtà em vinte e dous gráos do Sul onde começa huma concha da feiçaõ de hum briguigaõ que vay acabar junto do Cabo das Correnres em vinte e tres gráos, por cima do qual eſtá o tropico de Capricornio; chama-ſe eſta concha, ou enſeada da Sovea, dentro he aparſellada toda, entre a derradeira ponta da banda do Sul, e do Cabo das Correntes faz o rio Inhabané, onde os Capitaens de Moçambique mandaõ fazer reſgate de marfim donde lhe vem grande quantidade delle, e ainda pera o Cabo das Correntes ha outro rio que ſe chama Inhangé.

CAPITULO XXII.

Das terras que poſſuhe o Manomotapa, e dos lugares a que os Portuguezes vaõ fazer ſuas feiras, e reſgatar o ouro.

TOda a terra que o Manomotapa ſenhorea beyja a boca do rio Cuama ao Naſcente, ao redor de duzentas e cincoenta leguas que della puderaõ alcançar os Portuguezes, e Mouros, que vaõ pela terra dentro, e prezume-ſe que vay a paſſar muito mais àvante atè confinar com os Reinos do Sertaõ do Preſ-

te

te Joaõ da Abaſſia: eſta terra he cortada pelo meyo com hum fermoſiſſimo rio chamado Zamboſé, no qual ſe mete o rio Quiri, que corta a terra chamada Barono, e orio Naſovo, o rio Arroenha, e o Cabreza, e o Arrugé, e o Arruboy todos rios proſperiſſimos de agua, afóra outros muitos de menos quãtidade, ao longo dos quaes vivem muitos Reys, huns izentos, e outros vaſſallos do Manomotapa, e o mais poderoſo dos izentos he o Rey chamado Mongè que confina com os noſſos fortes de Sena, e Tete, e participa em algumas partes do rio Zamboſè. As mais ricas Minas de todas ſaõ as de Macapàr, e donde moſtro na minha Abaſſia que a Rainha Sabà levou a mayor parte do ouro que foy offerecer ao Templo de Salamaõ, a qual eu tenho pelo Ophir de que trata a ſagrada Eſcritura, e a ſemelhança do nome o moſtra claramente, porque ſeus Cafres lhe chamaõ, Fur, ou Fura, e os Mouros Anfur, que hum, e outra tirando-ſe poucas letras, e com pouca corrupçaõ na pronunciaçaõ (que eſtes barbaros adulteraõ) he muy ſemelhante a Ophir; he eſta Mina taõ rica que ha bem poucos annos que della ſe tirou huma pedra de que ſe tiràraõ mais de quatro mil cruzados de ouro, e arrebentaõ debaixo as veas do ouro com tanta força, que ſe achou ſubirem pelas raizes dos pès das arvores acima, e de huma vea que veyo arrebentando acima tiràraõ hum pedaço de ouro que ſem pedra pezava doze mil cruzados a modo de hum grande Inhame com alguma terra por partes que fazia veas, a qual foy ter às mãos dos noſſos Portuguezes, e naõ ſe cavou mais neſtas veas, porque havia grandes penas de mortes, e tormentos aos q̃ nellas bulliſſem, e em outras partes ſe achàraõ à flor da terra pedaços, ou eſgalhos de ouro como gengivre de pezo de quatro mil cruzados; ha outra tambem muito proſpera que ſe chama de Manicà em que tambem naõ pòdem cavar os naturaes, e ainda que pudeſſem o naõ fariaõ, porque naõ ſabem profundar as Minas, nem ordenar as maquinas pera iſſo: a outra Mina he de Butuà, tambem he proſpera, mas de nenhuma dellas ſabem os Cafres tirar ouro, e ſómente pelos invernos andaõ pelos enchurros que decem das terras pera baixo em que achaõ alguns grãos, e laſcas, e de outras partes tiraõ a terra em gamellas que levaõ a eſtas enchurradas de que tiraõ ouro mais miudo a que chamamos em pò, e como os Cafres ſaõ muitos ſempre achaõ muita quantidade ainda que naturalmente ſaõ taõ perguiçoſos que como achaõ pera comprarem dous pannos pera ſe veſtirem, naõ trabalhaõ mais. Outras muitas Minas ha neſtes Reinos menores, e as haverà mayores tambem ſe profundaſſem, mas nem os Cafres tem aparelhos, nem cobiça, e calor pera iſſo, porque como jà diſſe ſe contentaõ com pouco.

Tres ſaõ as feiras a que os noſſos Portuguezes vaõ reſgatar o ouro, e vender ſuas fazendas, ou comutalas por ouro, pera as quaes haõ de ſahir do noſſo forte de Tete que eſtá cento e vinte leguas pelo rio Zamboſé acima. Os q̃ querem hir, e os outros mandaõ ſeus Cafres, porque ha mercadores deſtes que tem cento, e duzentos Cafres ſeus cativos que mandaõ a eſte reſgate, os quaes ſaõ taõ fideliſſimos que atè hoje ſe naõ ſabe que hum fizeſſe huma velhacaria, nem ſe deixaſſe ficar por là cõ a fazenda de ſeu Senhor: cada Cafre deſtes leva à cabeça hum fardoſinho feito ao comprido muito bem liado, a q̃ chamaõ motiro, em que vaõ duas corjas de pannos azuis, q̃ ſaõ quarenta, roupa baixa de ſete atè oito covados de comprido, e pouco mais de hũ de largo, e alguns delles taõ ralos, que parecem redes, e outras layas de panos liſtrados do meſmo tamanho, e huns, e outros os Cafres eſtimaõ muito, e os partem em alguns pedaços, com que ſe encachaõ, e eſtas ſaõ pera elles as mayores galantarias do mundo. Levaõ tambem a eſte reſgate humas contínhas de barro miudas, humas verdes, e outras azuis, e amarellas, que ſaõ as gar-

gantilhas, que as Cafras poem ao peſcoço, como os noſſos colares ricos; eſtas contas vaõ enfiadas em huns fios de Nacoſi, que he huma couſa como folhas de palma, e dellas fazem hum ramal de dez, doze fios de palmo cada hum, a que chamaõ netins, que he hum certo pezo, que elles uſaõ, e a dez netins deſtes chamaõ lipace, e a vinte lipote, que val hum cruzado, e chega là poſto quarenta reis; e todas eſtas couſas, que levaõ, ſe vendem logo, e dobraõ nellas o dinheiro, ou mais. Eſtas cafilas de Cafres com eſtas fazendas ſahem do noſſo forte de Tete chamado Santiago, e vaõ a tres feiras, aonde os Cafres do Sertaõ os vaõ eſperar a certos tempos; a primeira ſe chama Luanhè, que ſerà trinta e cinco leguas de Tete pelo Sertaõ da banda do Sul, que eſtà entre dous pequenos rios, que depois ſe ajuntaõ em hum, e ſe chamaõ Nauſovo, e fica o dito lugar affaſtado de cada hum deſtes riachos dez leguas de Tete, atè eſta feira gaſtaõ os noſſos quatro dias de caminho. A ſegunda feira ſe chama Bucotò, e ſe faz entre outros dous braços pequenos, que ſe vem tambem ajuntar com o grande affaſtada da fralda de cada hum duas leguas, e de Tete a eſte lugar ha quarenta leguas, e da feira de Luanhè por linha direita treze. Nacapà he a terceira feira, que fica na jornada do rio Naſouvo, cincoenta leguas de Tete; eſta feira he grande, e riquiſſima. Em todos eſtes lugares tem os Padres de S. Domingos Igrejas, onde ſe ſacramentaõ os Chriſtãos, que alli vaõ ter. Aqui neſta feira de Nacapà reſide hum Capitaõ Portuguez appreſentado pelo Capitaõ de Moçambique, e confirmado pelo Manomotapa, o qual ſem ſua licença ſe naõ pòde ſahir dalli ſobpena de o matarem, o qual he Juiz das differenças que ha entre os Portuguezes, e ainda ſobre os Cafres por lhe ter dado o Manomotapa juriſdiçaõ ſobre elles, chama-ſe eſte Capitaõ das Portas, porque por alli haõ de paſſar forçadamente os que vaõ pera a Corte.

CAPITULO XXIII.

Do que ſuccedeo a Franciſco Barreto neſta Conquiſta, e a ordem que teve em caminhar pela terra dentro.

DEixamos o Governador Franciſco Barreto em Cuama com toda a fabrica de ſeu exercito, e pelo rio acima foy atè o forte de S. Marçal, ou de Sena, e ſe aſſentou em huma povoaçaõ que ſe chamava Inhaparapalla, onde ſe agaſalhavaõ todos os Portuguezes que por alli andavaõ, onde jà lhe tinhaõ feitos appoſentos pera o Governador, e Igreja, e muitas caſas pera a gente tudo de palha: havia deſta povoaçaõ à outra de Mouros hum tiro de falcaõ, os quaes eraõ noſſos amigos, e tinhaõ ſeu Xeque que os governava, e pera a comunicaçaõ de todos os Portuguezes com quem ſe criavaõ, falavaõ, e aprendiaõ a noſſa lingua, e eſcreviaõ com as noſſas letras. Era a povoaçaõ em que Franciſco Barreto ſe agaſalhou ao longo do rio, de cuja agua todos bebiaõ que era muito barrenta, e turva, e ſe a naõ aſſentavaõ de hum dia pera o outro naõ ſe podia beber, pera o que era neceſſario muitas vaſilhas grandes que naõ havia, e ſó de huns cabaços ſe ſerviaõ que levavaõ duas, e tres canadas de agua, pela qual razaõ começou adoecer alguma gente, no que o Governador quiz prover com mandar abrir hum poço defronte das ſuas caſas, e elle em peſſoa com todos os Fidalgos, e peſſoas principaes trabalhavaõ na obra, e acarretavaõ a pedra pera ſe empedrar, e eſtando jà taõ alteado q̃ deraõ na agua, chegou hum daquelles Mouros homem principal que ſe chamava Manhoetà, o qual apartou o Governador, e em ſegredo lhe diſſe „ que ſe naõ fiaſſe daquella agua, e que „ mandaſſe logo a entupir o poço, por„ que lhe haviaõ de lançar peçonha nel„ le pera o matarem, a elle, e a todos „ os mais. O Governador diſſimulou com o negocio hum dia, ou dous, e depois

pois o mandou entupir dizendo „ que „ ainda aquella agua era peyor que a do „ rio que era corrente, e como nunca os Mouros ſeraõ amigos dos Chriſtãos tanto que ſouberaõ da hida do Governador a deſcobrir as Minas com que elles ficavaõ perdendo aquelle comercio, tinhaõ aſſentado de matarem os noſſos poucos a poucos com peçonha, e pera iſſo tanto que o Governador chegou, ſe moſtràraõ muy affaveis, e domeſticos, e convidàraõ por muitas vezes aos noſſos, e nos convites lhes lançavaõ peçonha, que depois ao longe lavrou; e vindo veſpera de Natal, convidàraõ muitos Fidalgos, e peſſoas principaes pera lhes darem de conſoar, pera o que fizeraõ muitos doces, e entre elles muito boa gergelada, na qual tinhaõ carregado bem a maõ de peçonha, porque ſabiaõ ſerem os noſſos affeiçoados àquella fruta. Jà neſte tempo eraõ mortos alguns cavallos de peçonha ſem os noſſos cahirem no que era, e todavia vendo que morriaõ muitos, mandàraõ abrir alguns, e lhes achàraõ os figados, e coraçoens comidos, e podres. O Governador vendo aquelle negocio, mandou prender todos os farazes, e começandolhes a dar tratos, confeſſáraõ que hum Caciz dos Mouros lhes trazia a peçonha, que elles davaõ aos cavallos pera o que os tinha peitado; e feito iſto, mandou o Governador em muito ſegredo chamar certos Capitaens com ſuas Companhias, e lhes mandou „ que com ſegredo, e cautella „ cercaſſem diſſimuladamente a povoa- „ çaõ dos Mouros toda em roda, e que „ eſtiveſſem preſtes todas as embarca- „ çoens ligeiras com as proas em terra, „ e que ouvindo tocar a caixa, dèſſem „ na povoaçaõ dos Mouros, e os paſſaſ- „ ſem todos à eſpada; e que as embarca- „ çoens ligeiras andaſſem pelo mar, e „ tomaſſem todos os que foſſem fugin- „ do; o que tudo ſe fez muito bem feito, e matàraõ todos os que achàraõ, e prenderaõ os principaes, e algumas embarcaçoens paſſáraõ à outra parte do rio pera darem na povoaçaõ de hum Mouro muito rico q̃ tinha quarenta Mouros ſeus criados, e mais de quinhentos Cafres, e hum ſoldado por nome Balthaſar Marrecos que hia em huma das embarcaçoens, o qual vive hoje em Goa honrado, e abaſtado, levava comſigo outro na embarcaçaõ, o qual ſabia muito bem a caſa do Mouro por ter hido là muitas vezes, e tomou por hum eſteiro que hia ter à ſua porta, e deſembarcando encontrou o Mouro que hia buſcar com mais ſeis, o qual como naõ tinha ainda noticia do caſo, e o conhecia lhe preguntou „ a que hia lá, ao que lhe „ reſpondeo que o Governador o man- „ dava chamar por humas novas que lhe „ vierrõ do Mongas que ſe fazia preſtes „ pera o hir buſcar. O Mouro lhe diſſe „ que hia negociar tres mil meticaes de „ ouro que o Governador lhe pedira „ preſtados pera pagamento dos ſolda- „ dos, e com tudo o ſoldado apertou com elle pera o levar, e tanto fez que o levou comſigo pera a embarcaçaõ, e vindo pelo rio viraõ vir hum lucio grãde em que hia hum Capitaõ com muitos Fidalgos em buſca delle. O Mouro em o vendo lançou maõ a hum traçado, e o Balthaſar Marrecos com os companheiros leváraõ das armas, e lhe diſſeraõ que naõb ulliſſe comſigo, em fim o amarràraõ, e meteraõ na embarcaçaõ, e encontrando-ſe com o lucio o Capitaõ que hia nelle lhe pedio o Mouro, que elle lhe naõ quiz dar, e lhe diſſe „ que „ foſſe à povoaçaõ que havia nella mui- „ to que fazer, o que elle fez, e foy dar nella, e nas caſas do Mouro, que Belchior Marrecos levava, que ſe chamava Mujugané, e a ſaqueou, porque o Mouro era rico, e houve ſoldado de dous, e tres mil cruzados. Balthaſar Marrecos entregou o Mouro ao Governador que o mandou meter em huma prizaõ em que jà tinha outros, e procedendo contra elles os ſenteceou à morte que logo ſe executou convidando-os primeiro a que ſe fizeſſem Chriſtãos, o que elles naõ aceitàraõ, e ſó hum chamado Mafamede Joanne irmaõ de Mafamede

Xeque Rajáo hum Mouro muito conhecido em Moçambique, o qual aquelle dia pela manhãa mandou chamar os Padres da Companhia, e lhes diſſe „ que „ aquella noite lhe apparecera a Virgem „ noſſa Senhora Mãy de Deos, e lhe „ diſſera que ſe fizeſſe Chriſtaõ, e ſe „ chamaſſe Lourenço, pelo que em ſeu „ coraçaõ determinava receber a agua „ do Santo bautiſmo, e que naõ cuidaſſem que aquillo era pera lhe darem „ a vida, porque bem ſabia que havia „ de morrer, que lhe pedia o bautiſmo, o que os Padres fizeraõ conſolando-o muito, e logo foy tirado a juſtiçar com todos os mais que cada dia tiravaõ de dous em dous, e os metiaõ nas bocas das bombardas que os deſpedaçavaõ pera temor dos mais, ſó o Lourenço que ſe fez Chriſtaõ foy enforcado, e acompanhado com o Santo Crucifixo, e muitos delles foraõ mortos com outros tormentos exquiſitos, e aſſim padecèraõ todos, ſó o Manhoetá que aconſelhou ao Governador que entupiſſe o poço, porque lhe haviaõ de deitar peçonha nelle eſcapou, e o Governador lhe diſſe „ que bem ſe podia hir pera „ onde quizeſſe, mas elle quiz ficar ſempre em ſua companhia, e o Governador o mandou pr over, e tratar muito bem.

Poucos dias depois de o Governador chegar ao forte de S. Marçal deſpedio hum Portuguez dos antigos mercadores que andavaõ naquelles rios muito conhecido do Manomotapa pera o hir viſitar, e tratar com elle alguns negocios, ao qual deu por inſtrucçaõ „ que „ antes de chegar à Corte mandaſſe recado ao Rey que ſe o havia de receber como Embaixador de ElRey de „ Portugal, e do ſeu Governador, e „ ouvillo da maneira que todos os Reys „ Chriſtãos o recebiaõ, que hiria à ſua „ Corte, ſe naõ que ſe tornaria. A cauſa, porque o Embaixador fez eſta diligencia, e advertio ao Governador deſte modo foy, porque tem eſtes Reys por eſtylo quando entraõ a lhe falar alguns eſtrangeiros, ou naturaes com elle, hirem deſarmados, deſcalços, e de joelhos, batendo as palmas das mãos, e junto delle ſe lançaõ de barriga no chaõ. O Manomotapa lhe mandou dizer, que foſſe a elle, aſſim como entrava a falar aos Reys Chriſtãos que era diſſo muito contente, poſto que os Mouros que eſtavaõ na Corte o perſuadiraõ „ que o „ naõ ouviſſe, ſe naõ como era coſtume, „ porque os Portuguezes eraõ grandes „ feiticeiros, e que naquellas ceremo„ nias com que queriaõ dar a embaixada „ havia couſas, e palavras com que o „ haviaõ de matar; e com iſto detiveraõ alguns dias o Manomotapa, que eſteve reſoluto em o naõ receber, e no fim lhe mandou que entraſſe na Corte como fez, e no dia em que lhe havia de falar, mandou o Embaixador por alguns Portuguezes huma cadeira, e huma alcatifa debaixo, que ſe poz defronte do lugar do Manomotapa perto delle, e logo entrou o Embaixador com todos os Portuguezes veſtidos, e calçados, e com ſuas armas. O Manomotapa em elle entrando ſe levantou donde eſtava aſſentado, e o recebeo com gaſalhado, e ſe tornou a aſſentar, e o meſmo fez o Embaixador, e pelo interprete o mandou viſitar da parte do Governador, e fazerlhe grandes comprimentos, e depois deſtas praticas lhe pedio da parte do Governador „ que lhe dèſſe licença pera hir „ ſobre o Rey Mongas que eſtava levan„ tado contra elle Manomotapa, porq̃ à „ ſua conta o queria caſtigar, e que tam„ bem lhe relevava paſſar às Minas de „ Butuà, e Manicàs, e o naõ queria fa„ zer ſem ſua licença: metiaõ-ſe as terras deſte Rey, entre a noſſa fortaleza de Sena, e as terras do Manomotapa, e era o mais poderoſo de todos tirando elle. O Manomotapa lhe mandou reſponder „ que eſtimava muito aquelle „ offerecimento, e que folgaria de elle „ lhe caſtigar aquelle alevantado, e que „ pera iſſo lhe daria cem mil homens, e „ tudo o mais que foſſe neceſſario, e que „ foſſe embora às Minas que dizia, ao

„ que

„ que o Embaixador lhe tornou a man-
„ dar dizer que nada havia miſter o Go-
„ vernador pera aquella jornada mais
„ que licença ſua, e certeza de que le-
„ vava goſto que a fizeſſe, e com iſto
ſe deſpedio do Manomotapa, e foy dar repoſta ao Governador que eſtimou muito; e como iſto era na entrada do veraõ logo ſe fez preſtes pera aquella jornada, e começou a dar ordem a ella.

Feito tudo o que lhe pareceo neceſſario foy o Governador marchando com todo o ſeu exercito ao longo do rio atè chegar às terras do Mongas q̃ era o imigo q̃ elle hia buſcar, e porque tinha por novas que elle tambem o eſperava com groſſo poder, pareceolhe bem pera ficar mais deſembaraçado deixar em huma Ilha que alli fazia o rio todos os doentes, e parte da bagagem que lhe naõ ſervia, e tambem ſe deixàraõ fiear alguns ſãos que de cavalleiros ſe fizeraõ doentes, e por Capitaõ de tudo iſto deixou hum Fidalgo chamado Ruy de Mello que eſtava ferido, e com a gente com que ficou que eraõ cinco Companhias ſe poz em campo, e a todos lhes diſſe brevemente „ que bem viaõ como
„ eſtava daquella maneira com taõ pou-
„ co cabedal pera hir cometer o Mon-
„ gas Rey poderoſo, na qual jornada ſe
„ lhe offereciaõ muitos perigos, fomes,
„ e ſedes, e incommodidades, mas que
„ tudo lhe facilitava verem todos o goſ-
„ to, e animo com que todos o queriaõ
„ acompanhar, e ſeguir, que elle ſe deſ-
„ embaraçára dos doentes, e os deixàra
„ naquella Ilha por naõ impedirem os
„ ſãos, e porque elle naõ podia ter noti-
„ cia das doenças, e indiſpoſiçoens ſe-
„ cretas que alguns podiaõ ter, lhe pedia
„ que aquelle que ſe naõ achaſſe muito
„ ſufficiente em forças, e ſaude pera o
„ acompanhar, lho notificaſſe pera o
„ deixar tambem na Ilha, onde lhe naõ
„ haviaõ de faltar rebates dos imigos, e
„ que por aquelle dia ſe declaraſſem
„ porque ao outro havia de começar a
„ marchar, mas como jà os doentes eſta-
vaõ agaſalhados lhe reſpondèraõ todos os que alli eſtavaõ „ que elles ſe acha-
„ vaõ todos muito ſãos pera o ſeguirem
„ em todos os trabalhos. Feita eſta diligencia, ao outro dia à tarde levantou o Governador o campo, e foy marchando atè o Sol poſto q̃ ſe tornou a alojar, e ao outro dia fez pela manhãa reſenha da gente q̃ o ſeguia, e achou quinhentos e ſeſſenta ſoldados todos de eſpingarda em que entravaõ cem moſqueteiros que levavaõ ſoldo dobrado, e vinte e tres de cavallo, e deſta gente ordenou cinco Companhias, e cavalgando em hum fermoſo cavallo, armado de armas ligeiras ſe poz no meyo de todos, e lhes diſſe: „ Ea companheiros meus, e eſ-
„ forçados cavalleiros, caminhemos, e
„ vamos buſcar os imigos que mais con-
„ tente, e ſeguro vou com eſtes poucos
„ taõ contentes que com muitos mais
„ forçados, e contra ſua vontade; e lo-
go foy marchando pela terra dentro com guias que os levavaõ por onde houveſſe agua, pelos quaes caminhos foraõ nove, ou dez jornadas achando os mais dos poços entulhados, pelo que paſſáraõ naquelles dias grandiſſimas ſedes, e fómes, e foy de feiçaõ eſte trabalho, que chegàraõ a naõ comer, de dous a dous dias mais que alguns pedaços de carne de vaca, que algumas matavaõ, a qual aſſavaõ em eſpeitos de pào, e ainda deſſa muitos guardavaõ alguma pequena parte pera o outro dia.

No fim de dez jornadas hindo caminhando por hum tezo acima, ſahiraõ as gentes do Mongas dar viſta aos noſſos com tamanho numero que ſe naõ pode eſmar, porque cobriaõ os montes, e os valles. O Governador ordenou a ſua gente, e deu a vanguarda a Vaſco Fernandes Homem, que fazia o officio de Meſtre de Campo, e o Governador na retaguarda, e a bagagem no corpo da batalha, e algumas peças de campanha. Em os Cafres dãdo aquella moſtra que pareciaõ gafanhotos em nuvens, ordenou-ſe o Meſtre de Campo pera os receber, e mandou paſſar palavra ao Governador que acodio a cavallo, e che-

gou a vanguarda, e vendo a multidaõ dos Cafres foy-se encoſtando pera huma parte onde vio hũa fermoſa ſerra onde ſe abrigou com todo o exercito, fortalecendo as coſtas nella, porq̃ naõ podia ſer cometido pela retaguarda. Os Cafres vẽdo a ordem, e diſpoſiçaõ dos noſſos foraõ-ſe retirando, e o Governador lançoulhe logo alguns de cavallo pera q̃ foſſem reconhecer a parte por onde ſe recolhiaõ. Aquella tarde chamou o Governador ao Sargento mòr que ſe chamava Pedro de Caſtro, e lhe diſſe „ que „ de todas as eſquadras das Companhias „ eſcolheſſe de cada huma tres ſolda„ dos, e que fazendo numero de oiten„ ta eſtiveſſe preſtes pera tanto que a„ noiteceſſe vir chegando pera o corpo „ da guarda, o que elle fez com muita ordem. Os Cafres tanto que anoiteceo foraõ-ſe alojar menos de mea legua, e toda a noite eſtiveraõ a tocar os atambores com grande eſtrondo que todos ſe ouviraõ no noſſo arrayal. O Governador no quarto dalva, mandou ao Sargento mayor que com os oitenta homens que tinha eſcolhidos foſſe dar hum aſſalto no arrayal dos Cafres, e tanto que elle ſahio, ceſſáraõ os atabales, e matinadas dos Cafres. O Governador tanto que os naõ ouvio mandou com grande preſſa recado ao Sargento mòr que ſe recolheſſe, porque entendeo que em quanto os Cafres tangiaõ repouſavaõ, e que tanto que ceſſou o eſtrondo começavaõ a partir, e marchar pera virem dar nos noſſos pelo que lançou eſpias ſobre elles que lhe vieraõ dizer que jà ſe vinhaõ chegando, com que o Governador mandou tocar arma, e ſe ordenou pera os eſperar, e aſſim eſtiveraõ aponto aguardando atè amanhecer que mandou por alguns de cavallo deſcobrir o campo em que naõ viraõ couſa alguma, e com eſte recado mandou marchar levando ſempre os de cavallo diante, e foraõ caminhando por huma campina raſa pela qual os de cavallo deſcobriraõ os imigos de que deraõ rebate ao Governador que ſe poz em ordem de pelejar com elles fazendo hum eſquadraõ de duas Companhias na vanguarda, e outras duas huma por cada lado, e na retaguarda outra, ficando a bagagem no meyo, e na retaguarda mandou levar hum falcaõ pedreiro, e pelas ilhargas, berços, e meyos berços, e na vanguarda tres quartas de eſpera que lançava pelouro de ferro coado. Os Cafres vinhaõ todos em mea lua chegando-ſe aos noſſos, e traziaõ diante huma Cafra velha que tinhaõ por grande feiticeira, a qual perto dos noſſos tirou de hum cabaço em que trazia huns poucos de pòs, os quaes eſpalhou pelo ar, com os quaes tinha feito crer ao Mongas que havia de cegar aos noſſos, e tomarem-nos todos às mãos, e taõ crentes vinhaõ niſto que traziaõ muitas cordas pera os amarrarem. O Governador vendo aquella Cafra velha fazer gatimanhos diante de todos, logo lhe pareceo ſer feiticeira, e mandou ao Condeſtavel que lhe fizeſſe tiro com o falcaõ o que elle fez em taõ boa hora que levou a balla a maldita Cafra em pedaços pelo ar, de que os Cafres ficàraõ como paſmados, porque a tinhaõ por immortal, pelo qual tiro o Governador lançou ao peſcoço do Condeſtavel huma fermoſa cadea de ouro que no ſeu trazia, mas nem por iſſo os Cafres deixàraõ de remeter com os noſſos com huma deſordem brutal cõ grandes gritas, e algaſaras eſgrimindo ſuas eſpadas, e dardos a q̃ chamaõ pomberas. Franciſco Barreto fez ſinal ao romper appellidando ao Apoſtolo Santiago cõ o que a noſſa arcabuzaria, e moſquetaria começou a diſparar, e a derrubar nelles como em gralhas amontoadas, e poſto que fizeraõ alguma reſiſtencia, e feriraõ alguns dos noſſos com ſuas fréchas, e aſagayas, vendo a mortandade que os noſſos nelles faziaõ, voltàraõ as coſtas hindo os noſſos na ſua retaguarda matando, e derrubando nelles à ſua vontade atè ouvirem a trombeta que os mandava recolher, o que fizeraõ com muita ordem. O Governador deſpedio os de cavallo à deſcobrir o campo, e naõ vendo

do couſa alguma voltàraõ com recado ao Governador que logo mandou marchar o exercito pera a Cidade do Mongas que eſtava perto, e antes de chegarem a ella deraõ em hum mato muito ſerrado, o qual mandou o Governador derrubar pelos gaſtadores que eraõ muitos, o que ſe fez com grande brevidade.

Eſtando o Governador a cavallo encoſtado em huma lança vendo trabalhar os roſadores, o que ſeria pelas dez horas do dia levantando os olhos pera todas as partes vio hum nevoeiro que lhe pareceo ſer pò de muita gente que vinha marchando, pelo que mandou com muita preſſa vir pera alli toda a artelharia, e ordenou ſua gente, e das arvores cortadas ordenou huma tranqueira com grande brevidade, e naõ tardou muito que naõ viſſem aſſomar huma grande quantidade de Cafres eſtendidos em lua que vinhaõ cingindo com duas pontas todo o campo, e remetendo aos noſſos com grandes gritas eſtiveraõ quaſi todos baralhados. O Governador deceo-ſe do cavallo como fazia em todas as brigas pera ſer companheiro nos trabalhos aos ſeus, e mandou que naõ diſparaſſe a artelharia, e eſpingardaria ſe naõ quando jà os Cafres eſtiveſſem perto, como fizeraõ eſtando jà quaſi todos baralhados (como jà diſſe) e daquella ſurriada foraõ tantos os mortos que ficou o campo cuberto delles, e em paſſando a fumaça ſahio a gente de cavallo, e as Companhias, e dando naquella multidaõ deſordenada dos Cafres os foraõ desbaratãdo atè voltarem de todo ficando naquelle lugar da batalha mais de ſeis mil Cafres mortos afóra outros muitos q̃ foraõ morrendo pelo caminho. O Governador foy marchando pera a Cidade q̃ jà tinha ſabido que eſtava deſpejada, à qual mandou pôr fogo em que ſe conſumio por ſer tudo madeira, e palha, e depois mandou apagar o fogo, e ſe agaſalhou alli, porque eſtava toda cercada de mato eſpeſſo, e tinha ſó huma aberta por onde ſe ſervia a qual mandou entupir com arvores groſſas, e naquella parte aſſeſtou a artelharia pera ſua defenſaõ, e alli curàraõ os feridos que foraõ mais de ſeſſenta, dos quaes ſó dous morrèraõ. Aqui achàraõ muita agua de que hiaõ faltos pelo que ſe detiveraõ cinco dias, e ao ſexto em rompendo a manhãa tornáraõ os Cafres com mais groſſo poder a cometer os noſſos com muito grande determinaçaõ, e entre todos ſe travou huma perigoſa batalha que durou até a huma hora depois do meyo dia em que os noſſos fizeraõ nelles hum grande eſtrago ferindo elles alguns dos noſſos, ea Vaſco Fernandes Homem que era o Meſtre de Campo que andou ſempre pelejando na dianteira com muito valor lhe dèraõ huma fréchada pelo hombro direito que lhe paſſou hum tiracolo do traçado que trazia atraveſſado que era de tres dobras de anta irmãa de huma coura que levava veſtida, e lhe paſſou a ſeta a outra parte meyo palmo de que muito tempo naõ pode bullir o braço, e aſſim com a frécha empenado mandou a ſua ſoldadeſca atè os Cafres ſe recolherem pelas duas horas desbaratados, e querendo-ſe os noſſos alojar, e deſcançar, appareceo hum Cafre com huma bandeira branca, e foy muito ſeguro buſcar o noſſo exercito. O Governador mandou hum pifaro a ſaber delle o que queria o qual mandou dizer „ que o ſeu Rey pedia pazes, e logo o mandou trazer diante de ſi, e o eſperou em huma cadeira de veludo ſentado, e todas as Companhias em ordenança com ſuas eſpingardas, e murroens nas ſerpes, e a artelharia aſſeſtada diante delle, e os Condeſtaveis com ſeus botafogos nas mãos, eſtava o Governador com huma geſerina muy forte com ſuas mangas, huma eſpada de prata a tiracolo, e hũ pagem junto delle com hum eſcudo de aço muito luzente, e poſto o Cafre diante delle ficou embaſſado ſem poder falar palavra, nem ſaber reſponder ao que lhe preguntavaõ tremendo todo de pés, e mãos. O Governador lhe mandou dar hum bocado de doce, e hum copo de vinho

CAMARA DOS DEPUTADOS BIBLIOTHECA

vinho com o que tornou alguma couſa em ſi, e diſſe „ que o ſeu Rey Mongas „ mandava pedir pazes, e deſejava mui„ to de ſer ſeu amigo, ao que o Gover„ dor lhe mandou reſponder que elle „ hia caminhando, e que dalli a dous, „ ou tres dias poderia mandar tratar do „ que queria, e com iſto o deſpedio. Os noſſos de cavallo foraõ nas ſuas coſtas deſcobrir o campo, e vendo que nada apparecia, deſcançáraõ aquella noite, e ao outro dia tanto que amanheceo levou o exercito, e foraõ marchando até quaſi noite, e ſe alojou em hum muito bom ſitio em que tinhaõ muita agua, e logo chegáraõ dous Cafres, e diſſeraõ ao Governador „ que o Mongas lhe mandava „ pedir licença pera tratar de pazes, e „ que ſe tinha neceſſidade de manti„ mentos que lhos mandaria. O Gover„ nador lhe mandou dizer que as pazes „ ſe fariaõ a ſeu tempo, e que elle leva„ va mantimentos em abaſtança. Eſtando neſtas praticas ſe ſoltou hum camello, e veyo fugindo pera a tenda do Governador, e apoz elle vinha o que tinha cuidado delle pera lhe lançar hum cabreſto, e o camello parou, e começou a roncar, e levantar o peſcoço que era muito comprido, e abrir as ventas: os Cafres do Mongas que viraõ aquella taõ grande alimaria que naquella Cafraria naõ havia, foy tamanho o ſeu medo que ſe foraõ meter na tenda do Governador, e por baixo das eſtancias debruçados no chaõ o eſtavaõ vendo com admiraçaõ. O Governador ſe levantou, e foy andando pera o camello atê chegar a elle que o eſperou muito domeſtico, e lhe fez lançar o cabreſto, e tornando ſe aſſentar mandou chamar os Cafres que vieraõ como paſmados, e preguntáraõ à lingua „ que alimaria era aquel„ la. O Governador lhe mandou dizer „ que daquelles trazia muitos, e que „ naõ comiaõ outra couſa ſe naõ carne „ de gente, e que aquelle lhe vinha di„ zer da parte dos outros que de nenhũ „ modo fizeſſe pazes com o Mongas, „ porque lhe faltaria o comer, e que „ todos os Cafres que nas batalhas paſ„ ſadas lhe matàraõ os noſſos, elles os „ coméraõ, e que eſperavaõ comer to„ dos os mais. Os Cafres batèraõ duas, e tres vezes as mãos, que he o ſeu final de grande admiraçaõ, e pediraõ ao Governador „ que pediſſe âquellas alima„ rias que naõ comeſſem mais gente do „ Mongas, que elles lhe trariaõ muitas „ vacas pera ſe ſuſtentarem, o que veyo do Ceo aos noſſos, porque jà naõ tinhaõ com que ſe ſuſtentar, e mandou dizer aos Cafres „ que elle rogaria àquellas „ alimarias que ſe ſuſtentaſſem, e con„ tentaſſem ſó com vacas, e naõ comeſ„ ſem mais a gente do Mongas, e com iſto os deſpedio dizendolhes „ que elle „ hia pera a Cidade do ſeu Rey, e que „ là ſe viriaõ. Os Cafres foraõ ſaltando paſmados, e foraõ contar tudo ao Mongas que naõ ficou menos paſmado que elles. O Governador foy marchando com grandes neceſſidades de provimentos, e ſó havia algumas vacas de que piedoſamente ſe ſuſtentavaõ, e vendo-ſe o Governador em tamanho aperto por conſelho de todos tornou a voltar pera o rio, e em tres dias chegàraõ (com g ãdes neceſſidades) às terras de hum Senhor chamado o Rombo, que ſenhorea de Lapatà pera o forte de Tetè, e alli ſe alojàraõ ao longo do rio onde eſtiveraõ nove ou dez dias paſſando eſpantoſas fómes, e chegou o aperto a tanto que ſe metèraõ os noſſos pelos matos a buſcar algumas hervas que coſiaõ, e eſparragadas com ſal as comiaõ. O Governador deſejou de mandar recado a Ruy de Mello que ficou na Ilha com a gente, e bagagem porèm naõ havia embarcaçaõ em que ſe pudeſſe hir, e huns Cafres lhe trouxéraõ huma taõ pequena que naõ cabia nella mais que o negro que remava, e nella eſcreveo a Ruy de Mello que logo lhe mandaſſe todas as embarcaçoens que houveſſe carregadas de mantimentos, o que elle fez logo, e lhe mandou ſeis embarcaçoens grandes carregadas de mantimentos, milho, e outros legumes, o que tudo foy recebido dos

dos noſſos com grandes feſtas. O Governador naquelle meſmo dia mandou paſſar da outra parte do rio huma Companhia de ſoldados, cavallos, camellos, e toda a bagagem, e muniçoens, e artelharia, e por derradeiro ſe paſſou toda a gente, e elle no cabo, e da outra parte mandou o Governador marchar o exercito de longo do rio, e ao outro dia ſe meteo pelo ſertaõ atè chegarem a huma povoaçaõ chamada Hamboà, e por eſte caminho lhe levàraõ os Cafres muitas couſas de comer, e em quatro dias chegàraõ a huma povoaçaõ, onde ſe agaſalhàraõ ſem ſobreſaltos, e ao dia ſeguinte mandou ao Meſtre de Campo que foſſe deſtruhir duas Cidades levantadas, as quaes elle aſſollou, e deſtruhio. Tanto que Vaſco Fernandes chegou, tratou o Governador de hir em peſſoa a Moçambique, porque teve cartas que Antonio Pereira Brandaõ eſtava como levantado, e que tratava de o naõ prover com o que de Goa lhe mandaſſem, e fez apreſſar ao Governador a eſta jornada huma carta, que certo Fidalgo lhe moſtrou, o qual lhe tinha eſcrito o meſmo Antonio Pereira Brandaõ, e como o remedio daquella Conquiſta eſtava em atè virem provimentos de Moçambique, e a perdiçaõ em lhe faltarem, como eſtava certo, ſe elle naõ foſſe, deixando Vaſco Fernandes Homem com todos os ſeus poderes, elle ſe embarcou em tres vogues, e algumas Almadias, com algumas peſſoas que pera iſſo elegeo, e o Padre Franciſco de Monclaros, e ſe foy a Luábo embarcar em alguns pangayos que là eſtavaõ, e em poucos dias chegou a Moçambique, e deſembarcou em noſſa Senhora do Baluarte, onde ſe ordenou, e ſe deteve atè lhe deſpejar Antonio Pereira Brandaõ a fortaleza, o qual foy viſitar o Governador a noſſa Senhora do Baluarte, e ao outro dia ſe foy pera a fortaleza, onde começou a tratar do que lhe convinha.

Dalli a menos de hum mez chegou o navio do contrato da India com os provimentos pera aquella fortaleza, e nelle vinha embarcado Joaõ da Silva filho baſtardo do Governador Franciſco Barreto, o qual houve em Baçaim ſendo Capitaõ, pelo qual Dom Jorge de Menezes que depois foy Alferes mòr lhe mandou huns Capitulos infamatorios que Antonio Pereira Brandaõ mandou a ElRey, os quaes mandou à India por vias pera ſe repartirem pelas náos, do que Dom Jorge teve noticia, e pela razaõ que tinha com o Governador Franciſco Barreto, porque foy caſado com huma irmãa de ſeu pay, tanto fez naquelle negocio que houve todos à maõ, e huns lhe mandou, e outros guardou. O Governador abrio os Capitulos, e vio que nelles dizia a ElRey mil infamias, e falſidades contra elle, devendolhe Antonio Pereira Brandaõ mais que todos os homens, e porque ſe veja a ingratidaõ deſte homem o darey a conhecer. Eſte Fidalgo foy aquelle que em Maluco fez aquellas diabruras ſendo Dom Duarte Deça Capitaõ, como na minha ſetima Decada no terceiro Capitulo do livro ſe contèm pelas quaes couſas ElRey o mandou hir prezo pera o Reino, e lhe confiſcou a fazenda, e ſe proceſſou contra elle, e ſahio degradado pera Africa por toda a vida que naõ devia ſer muita pois tinha naquelle tempo oitenta annos de idade, e ſabendo elle que Franciſco Barreto hia pera a Conquiſta das Minas ſe foy ter com elle, e lhe pedio „ quizeſſe haver de ElRey „ comutaçaõ daquelle degredo pera a „ Conquiſta, porque deſejava de o acõ„ panhar. Franciſco Barreto o alcançou de ElRey, e o levou comſigo, e em Moçambique o deixou por Capitaõ daquella fortaleza, dizendolhe „ que lha „ dava pera tirar nella vinte mil cruza„ dos com que caſar huma filha que ti„ nha, e em pago deſtes beneficios lhe urdia huma tamanha traiçaõ. O Governador ao outro dia foy ouvir Miſſa à Hermida do Eſpirito Santo, que he defronte da fortaleza velha, que fica em hum penedo ſobre o mar pera à qual ſe

ſervem

ſervem por huma ponte, e ao entrar della diſſe a todos os que o acompanhavaõ que ſe ficaſſem, e levou ſó comſigo a Antonio Pereira Brandaõ, e entrando na Hermida fez Oraçaõ, e ouvio Miſſa, e depois ſe tornou pera fóra, e ſe encoſtou a hum eſteo, e puxou pelo Antonio Pereira. Algumas peſſoas me diſſeraõ que viraõ a Franciſco Barreto concertar hum punhal de orelhas que levava na cinta, e diſſe o quequer que foy a Antonio Pereira Brandaõ, o qual ſe lhe lançou no chaõ, e o abraçou duas, ou tres vezes pelas pernas. O Governador ſe abaixou todo, e o levantou, e metendo a maõ na aljibeira, tirou os ſeus Capitulos que mandava a ElRey, e em elle os vendo paſmou, e rebentou em lagrimas, lançando-ſelhe aos pes pedindolhe miſericordia com taõ grandes ſoluços que os ouviraõ os que eſtavaõ affaſtados. O Governador que tinha hum coraçaõ muito mavioſo, e as entranhas cheas de brandura voltou as coſtas, e foy andando pera a fortaleza com os olhos arraſados em lagrimas como ſe elle fora o culpado, e taõ affrontado que parecia vinha de algum grande trabalho, e ao pè da eſcada ſe deſpedio de todos, e chamando o Ouvidor ſe encoſtou a hum eſteo da janella, e alli lhe deu conta de tudo o que paſſava, e lhe moſtrou os papeis que Antonio Pereira mandava a ElRey, e lhe diſſe „ que „ naquella tarde mandaſſe chamar as „ peſſoas que teſtemunháraõ na inqui„ riçaõ daquelles Capitulos, o que o Ouvidor fez, e diante do Governador ſe retratáraõ, e pediraõ perdaõ dizendo „ que Antonio Pereira Brandaõ „ ſendo Capitaõ os mandára chamar „ hum, e hum, e lhes dava juramento „ tendo comſigo hum Eſcrivaõ, e man„ dava eſcrever, o que queria, e por „ força os fazia aſſinar, e de tudo iſto mandou fazer hum auto em que todos ſe aſſináraõ, e o guardou pera ſua ſatiſfaçaõ, e de Antonio Pereira naõ tratou mais porque lhe lembrou que era de oitenta annos, e que tinha filhos.

Sendo tempo do Governador ſe partir pera Sena deſpedio duas navetas carregadas dos provimentos que trouxe da coſta de Melinde, e elle depois ſe partio com todas as embarcaçoens que havia, deixando por Capitaõ Lourenço Godinho Feitor, e Alcaide mòr daquella fortaleza, e em breves dias chegou à barra de Quilinamè, e pelo rio acima ſe foy até a fortaleza de Sena, onde foy muito bem recebido de todos, e eſtando dádo ordem a muitas couſas depois de ſete, ou oito dias de chegada ſe foy ter com elle o Padre Franciſco de Monclaros, e lhe requereo em publico da parte de Deos, e de ElRey „ que dei„ xaſſe aquella Conquiſta em que tinha „ enganado a ElRey, e que da gente „ que nella era morta, e morreſſe, elle ha„ via de dar a Deos larga conta. O Go„ vernador muito apaixonado lhe diſſe „ que o deixaſſe, e ſe foſſe muito em„ bora, e deitando-ſe logo em huma camilha voltou o roſto pera a parede, e interrompeo em eſpantoſos ſuſpiros, e ays, e toda a noite paſſou naquellas ancias ſem dormir, nem quietar, e ao outro dia pela manhãa, mandou chamar ao Padre Eſtevaõ Lopes Companheiro do Padre Franciſco que era ſeu Confeſſor, e ſe confeſſou com elle muito devagar, e veſtio-ſe muito cançado, e encoſtado a huma cana foy à Hermida aonde ouvio Miſſa, e commungou com grande devoçaõ, e dalli ſe recolheo pera caſa, e ſe recolheo ſem febre, nem frio, nem outro achaque algum, mais que ancias, ſuſpiros, voltas, e inquietaçoens ſem em todo o dia comer mais que hum caldo de galinha, e tanto que anoiteceo, tornou a chamar o Confeſſor, e com elle foy o Padre Franciſco que eſtiveraõ com elle atè as dez horas, e jà neſte tempo tinha as pernas muito frias do juelho pera baixo, e com lhe applicarem muitas toalhas quentes, e esfregaçoens, nada lhe aproveitou porque era frialdade da morte. Os Padres entendendo que morria, eſtiveraõ toda a noite em huma caſa de fóra, e ſendo

pela

pela mea noite deſpedio os creados que eſtavaõ de juelhos ao redor da cama, porque queria repouzar, e virou-ſe pera a parede, e dalli a quaſi huma hora deu hum grande ronco, ao qual todos acodiraõ, e o Confeſſor lhe meteo a candea na maõ, mas jà eſtava de todo concluhido: os ſeus o pranteàraõ bem, porque nelle perdiaõ ſeu remedio. Sobre eſta morte naõ ha que falar, mais que contar o caſo como paſſou, que pudera dizer muito, mas nem iſſo lhe ha de dar a vida, nem ha de acabar com os Religioſos que deixem de ſe meter no governo temporal que elles ignoraõ, porque o naõ aprendèraõ, e he couſa muito differente, rezar, dizer Miſſa, e confeſſar, de governar armas, e diſpôr as couſas da Republica, nem ſeus Prelados haõ de remediar nunca iſto de que por muitas vezes foraõ advertidos.

Falecido Franciſco Barreto foy levado ſem pompa a enterrar na Hermide de S. Marçal, aonde antes de ſer lançado na cova ſe abrio huma ſucceſſaõ que trazia em huma ſueceſſaõ ſua, e achou-ſe nella Vaſco Fernandes Homem que era Meſtre de Campo, na qual ElRey mandava que ſuccedeſſe a Franciſco Barreto no meſmo lugar com os meſmos poderes, e titulo, de que logo tomou poſſe, e deu a homenagem, e depois ſe enterrou ſeu corpo. A fazenda de que ſe lhe fez inventario foraõ cento e vintemil cruzados que devia às partes a quem a tomou pera os gaſtos da Conquiſta, naõ lhe ficáraõ filhos, e deixou por ſua herdeira, e de ſeus ſerviços a D. Franciſca de Aragaõ ſua ſobrinha que ainda hoje vive, e foy caſado com Dom Joaõ de Borja, do qual teve Dom Carlos de Borja Conde de Ficalho, Fidalgo de muitas partes. Foy eſte Fidalgo Franciſco Barreto filho de Ruy Barreto, foy caſado duas vezes, a primeira com huma irmãa de Dom Joaõ de Menezes Alferes mòr do Reino, a quem chamavaõ o Tubara, da qual teve dous filhos, Ruy Nunes Barreto que foy com ſeu pay à Conquiſta, e faleceo na Sena a primeira vez que lá foy, e Luiz da Silva que matàraõ em Goa em hum doſafio em tempo do Viſorey Dom Antaõ de Noronha: da ſegunda vez caſou, como já diſſe, com huma irmãa de Dom Luiz de Ataide Conde de Atoguia de quem naõ teve filhos. Foy eſte Fidalgo ſempre grande peſſoa, e ſempre os Reys ſe ſerviraõ delle em couſas grandes, veyo à India por Capitaõ de Baçaim, e depois por Governador da India, e hindo pera o Reino o fez ElRey General das galez do Reino que ainda era quando faleceo, e depois de vir à Conquiſta deſtas Minas, a Diogo Lopes de Siqueyra a quem as encarregou em ſua auzencia: foy General da Armada que ElRey Dom Sebaſtiaõ fez contra o Pinhaõ quando Dom Garcia de Toledo o tomou, na qual jornada Fráciſco Barreto foy com grande apparato gaſtos, e ſerviços, e no cometimento do Pinhaõ foy dos que mais fizeraõ, e a quem ſe deve igual gloria, e a Dom Garcia de Toledo como ElRey Dom Filippe o Prudente moſtrou bem em huma carta que lhe eſcreveo, de que logo darey relaçaõ. Os criados deſte Fidalgo lhe levàraõ pouco depois a ſua oſſada, e de ſeu filho Ruy Nunes Barreto pera Moçambique metidas em hum caixaõ com tanto ſegredo que nunca ſe ſoube, e porque acháraõ as náos de D. Franciſco de Souſa de arribada, em que hia o Viſorey Dom Antonio de Noronha, lha embarcáraõ logo pera o Reino, e chegando a Lisboa que ſe deu o recado a ElRey, ſentio muito ſua morte, e mandou que ſe naõ bulliſſe em ſua oſſada ſem ordem ſua, e logo a deu pera ſua deſembarcaçaõ, mandando a Diogo Lopes de Siqueyra ſobrinho de Franciſco Barreto, a quem tinha encomendado, e a toda a corte q̃ o acompanhaſſem, e ſeus parentes lhe ordenàraõ as pompas funeraes, e os acompanhamentos de todas as ordens Mendicantes, Cabido da Sé, e Cleresia, e no dia ordenado foy Diogo Lopes de Siqueyra com as gales toldadas de negro, e trouxe a oſſada

ſada até o caes da ribeira onde a eſperava toda aquella fabrica, e a Irmandade da Miſericordia, e na tumba foy levado aos hombros de alguns Senhores Cavalleiros da Ordem de Chriſto, da qual elle era, e com a mayor pompa funebre que pode ſer, o levaráõ a S. Lourenço, onde tinha ſeu tumulo junto com ſua mulher Dona Brites de Ataide; e por eſta carta que lhe eſcreveo ElRey Filippe Prudente ſe poderà ver a eſtimaçaõ em que tinha eſte Fidalgo, porque depois de Franciſco Barreto vir da jornada do Pinhaõ de acompanhar Dom Garcia de Toledo, querendo ElRey D. Filippe gratificarlhe aquelle ſerviço, mandou-ſe retratar em huma lamina de ouro com huma argola, e cadea groſſa com que mandou viſitar a Franciſco Barreto, e lhe mandou a carta ſeguinte.

COPIA DA CARTA DE ELREY FILIPPE.

EL buen ſucceſſo de la empreſa del Peñon, yo lepongo màs a vueſtra fortuna, que a mi potencia, ſiempre le eſperè tal como eſtuve certificado que hiva Dom Garcia de Toledo ayudado de vueſtro fabor. El trabajo que en ello tuviſtes, os agradezco mucho, y os quedo por el en mucha obligacion, y no ſupe al preſente con que os lo pueda pagar, y agradecer, ſino embiando-os un retrato de mi perſona, en una cadena, para que con ella me tengais prezo todos los dias de vueſtra vida para lo que de mi os compliere. Madrid.

Tinha eſte retrato, e cadea quatro mil cruzados de valor, e nunca ſoube que fora deſta peça, que era mais digna de andar por timbre na caza dos Barretos, que outros muitos que outras caſas tem.

CAPITULO XXIV.

Do que ſuccedeo ao Governador Vaſco Fernandes Homem depois que tomou poſſe, e como ſe partio pera as Minas de Manichàs.

ENtregue o Governador VaſcoFernandes Homem das couſas daquella Conquiſta tratou de aproſeguir, mas o Padre Franciſco de Monclaros que lhe naõ pareceo bem, ou porque ſe queria meter em tudo como ſuperior daquella jornada, perſuadio a Vaſco Fernandes Homem que deſiſtiſſe della, e ſe foſſe pera Moçambique, o que elle fez contra ſua honra, e contra o ſerviço de ElRey no que lhe ponho mayor culpa que ao Padre; e aſſim lho diſſe a elle meſmo, porque me encontrey com elle em Moçambique, e levou comſigo a fabrica, e ſoldadeſca dos rios, e chegando áquella fortaleza veyo ter a ella em huma galeota da India Franciſco Pinto Pimentel primo com irmaõ do Governador Vaſco Fernandes Homem, o qual ſabendo o q̃ era paſſado, e como depois de ſucceder naquella Conquiſta a deixára, e ſe viera pera aquella fortaleza, lho eſtranhou, e reprehendeo „ de fazer „ aquella mudança ſem ordem de El„ Rey, porque eſtava obrigado a lhe „ dar conta da morte de Franciſco Bar„ reto, e da ſua ſucceſſaõ pera elle pro„ ver como mais foſſe ſeu ſerviço, e que „ entre tanto correſſe com a Conquiſ„ ta, e foſſe enſacar as Minas pera dar „ razaõ a ElRey de tudo lembrandolhe „ que havia taõ pouco tempo que El„ Rey mandára cortar a cabeça a Dom „ Jorge de Caſtro por largar a fortale„ za de Chalè, e que o meſmo faria a „ elle por largar aquella Conquiſta, em „ que tanto cabedal eſtava metido, e „ que fizeſſe o que pudeſſe atè acabar a „ vida em ſerviço do ſeu Rey, a quem „ eſtava taõ obrigado pela confiança „ que delle fizera em ſucceder a hum „ taõ valeroſo, e prudente Governador, „ cujo lugar havia de ſuſtituhir, e tra-

„ tar

„ tar de o imitar, principalmente na re-
„ ſoluçaõ, e que naõ dèſſe mais ouvidos
„ a Religioſos nas materias de guerra,
„ pois ſe naõ criàraõ nella, nem a verſa-
„ vaõ, e que lhes diſſeſſe quando o acon-
„ ſelhaſſem neſte particular, ſe ſeria
„ acertado ſendo elles Letrados pregun-
„ tarem a elle Governador materias da
„ ſagrada Theologia, pera que lhas dici-
„ diſſe naõ eſtudando elle, nem profeſ-
„ ſando ſciencias, que o acertado era
„ cada hum uſar do ſeu officio, e das fa-
„ culdades que profeſſavaõ, porque
„ tudo o mais ſervia de confuſaõ. O Governador Vaſco Fernandes Homem entendeo que lhe faltava como parente, e amigo, e logo ſe preparou pera ſe tornar. Neſte tempo chegàraõ as nàos do Reino de que veyo por Capitaõ môr Ambrozio de Aguiar Coutinho, nas quaes o Padre Franciſco de Monclaros, e ſeu Companheiro ſe embarcàraõ pera o Reino, e o Governador ſe percebeo dellas de muitas couſas neceſſarias pera ſua jornada, e nellas ſe foraõ muitos ſoldados eſcondidos dos mais velhos da Conquiſta, que iſto fez a vinda do Governador Vaſco Fernandes Homem a Moçambique.

Chegado o veraõ embarcou-ſe o Governador Vaſco Fernandes Homem em todos os pangayos com toda a fabrica pera a Conquiſta e quinhentos homens com algumas peças de campo, e todas as mais couſas que lhe eraõ neceſſarias, e em poucos dias foy a Çofala, por onde era o verdadeiro caminho pera as Minas que ElRey mandava deſcobrir, e naõ por Cuama, como fizeraõ hir ao Governador Franciſco Barreto, que foy a cauſa de ſua perdiçaõ, e morte. Poſto o Governador em Çofala tratou da jornada que havia de fazer pera as Minas de Manicà que eſtavaõ no Reino de Chicagá que confina com o do Quiteve pelo Sertaõ, e eraõ grandes imigos, e porque havia de paſſar pelas terras de Quiteve q̃ he grande Senhor, e mayor que todos os Cafres daquellas partes tirando o Manomotapa, o mandou diante viſitar com algũs preſentes, e fazerlhe a ſaber „ que havia de paſſar
„ por ſuas terras pera as de Chicagá ſeu
„ imigo q̃ houveſſe por bem darlhe fran-
„ ca paſſagem, e que aſſim ficariaõ cor-
„ rendo os comercios mais largamente
„ do que antes. O Quiteve naõ lhe pareceo bem aquella jornada q̃ queria o Governador fazer, e viſita q̃ de ſua parte ſe lhe fazia, porq̃ como tinha grandes ciumes do comercio dos Portuguezes que por via de Çofala lhe levavaõ as roupas, e contas que pera eſtes Cafres he o mais rico theſouro que pera nòs o que o Governador hia deſcobrir, receando que tanto que o Governador deſcobriſſe as Minas, ſe levaſſe toda aquella fazenda pera o Reino de Chicagá, e que ficaſſe elle perdendo os proveitos que tinha della, naõ reſpondeo bem à viſita. O Governador como fez aquillo ſó por comprimento, deulhe pouco do Quiteve moſtrar pouco goſto de elle paſſar por ſuas terras, e logo ſe fez preſtes pera caminhar na ordem que Franciſco Barreto o fez pelas terras do Mongas, e como o Governador Vaſco Fernandes Homem tinha ſido Meſtre de Campo, por ſua ordem ſe fazia, e obrava tudo, e aſſim foy caminhando com o ſeu exercito bem ordenado ao longo do rio que entra por toda aquella Cafraria, e corta as terras do Quiteve levando por elle muitas embarcaçoens com a bagagem, e entrando pelas terras do Quiteve foy impedido de muita gente com que lhe mandou dar alguns aſſaltos, nos quaes os noſſos ſe houveraõ taõ cavalleirola-mente que em todos os desbaratáraõ com morte de muitos, de que elles faziaõ pouco caſo, porq̃ como eſtavaõ em ſuas terras logo ſe refaziaõ em dobro, mas quantos mais ſe ajuntavaõ, mais dano recebiaõ da artelharia, e arcabuzaria. Vendo o Quiteve que lhe naõ era poſſivel defender a paſſagem por armas, quillo fazer por outras mais poderoſas que eraõ as das fómes, e aſſim mandou eſconder todos os mantimentos, e deſpovoar todas as povoaçoens por onde

os noſſos haviaõ de paſſar, por onde ſe vè q̃ue ainda q̃ ſaõ Cafres, naõ ſaõ taõ barbaros q̃ naõ uſaſſem deſtes ardiz, como o fazem os Reys da Perſia q̃ ſaõ hoje taõ politicos, quando os Turcos lhes entraõ por ſeus Reinos, que com lhes impedirem os mantimentos, e queimarem os campos os desbarataõ ſem golpe de e pada, como ſe verà pelo diſcurſo das minhas Decadas, mas o Governador Vaſco Fernandes Homem naõ desfaleceo, nem deſiſtio da jornada, mas por todas eſtas fómes, e ſedes foy paſſando atè *Simbaoè* que era a ſua Corte, a qual achou deſpejada por elle ſe ter recolhido com ſuas mulheres, e filhos a humas terras muito fragozas. O Governador como ſe vio naquella Cidade lhe mandou pôr o fogo em que ſe perdeo pouco, porque ſuppoſto que era grande, tudo era palha, e madeira: dalli foy caminhando mais folgado, e em dous dias chegou às terras de Chicagà onde eſtavaõ as minas, o qual jà ſabia de ſua vinda, e de tudo o que paſſou pelas terras do Quiteve, e querendo grangear o Governador, o mandou viſitar ao caminho com muitas vacas, mantimentos, e frutas certificandolhe „ eſtar muito alvoraçado pera o „ ver em ſeu Reino pera o ſervir como „ veria. O Governador Vaſco Fernãdes Homem lhe reſpondeo bem, e com bom preſente, e ao entrar na ſua Cidade o ſahio a receber com muitas feſtas, e todos os dias que alli eſteve, o tratou com muitas moſtras de amiſade, e proveo todo o exercito baſtantemente de tudo o neceſſario, e fizeraõ pazes, e hũa das cõdiçoens, e a principal foy „ que pudeſſem „ hir todos os Portuguezes q̃ quizeſſem „ a ſeu Reino livremẽte com ſuas fazen- „ das, e paſſar às Minas a reſgatar ouro.

Os noſſos tanto que ſe viraõ naquella terra de que havia fama que tudo era ouro, cuidàraõ que logo o achaſſem pela ruas, e matos, e que carregaſſem delle. O Governador partio logo pera as Minas onde eſteve alguns dias, e vendo a difficuldade com que os Cafres o tiravaõ das entranhas da terra, com tamanho riſco que quaſi ficavaõ enterrados cada dia muitos nas Minas que arruinavaõ por lhe naõ ſaberem fazer repairos, e ainda daquella terra que tiravaõ enchiaõ della as gamellas, e a hiaõ lavar aos rios, e cada hum tirava quatro, ou cinco grãos de ouro tudo pouquidade, e pobreza. Outros pelo tempo do inverno vaõ pelos pès da ſerra por onde deſcem abaixo as enchurradas da agua, como os rapazes no noſſo Portugal buſcaõ alfinetes, e depois que ſeca, achaõ algumas laſcas, e grãos. Vendo o Governador aquella pobreza, e que pera ſenhorear aquellas Minas era neceſſario grande fabrica, e infinitos negros pera andarem naquelle negocio, porque como ſe tira pouco ouro pelo modo que o elles buſcaõ, ſendo muitos a iſſo, tirarſehá muito, poſto que ſe as Minas vieraõ a noſſas mãos que ſe abriraõ, e profundàraõ atè dar na vea, ſempre ſe tiràra grande quantidade; porque ſegundo os que eſcrevem das Minas, às vezes eſtaõ dous, e mais eſtadios debaixo do chaõ, e as veas do ouro ſe extendem quaſi quatro, e cinco, e ſeis, e vendo o Governador que pera enſacar aquelle negocio era neceſſario muito tempo, e muito vagar, o que elle naõ tinha, e fazerem-ſe pera abrir a terra grandes fabricas, e maquinas, tratou de ſe tornar, e confirmou novamente as pazes com aquelle Rey, e ſe deſpedio delle q̃ lhe mandou tudo o neceſſario pera a volta a troco de roupas, e tornou a deſandar o caminho, e entrando pelas terras do Quiteve lhe mandou elle pedir pazes „ e dar- „ lhe por ſuas terras o que lhe foſſe ne- „ ceſſario, as quaes pazes Vaſco Fernandes Homem lhe concedeo, e ſe vio com elle que lhe fez muitas honras, e com elle aſſentou „ que deixaria paſſar „ pera as Minas de Manicás aos Portu- „ guezes com ſuas fazendas, porque em „ ſuas terras naõ havia ouro, e que o Ca- „ pitaõ de Çofala ſeria obrigado a dar- „ lhe por iſſo áquelles Reys duzentos „ pannos que em noſſa moeda valèraõ „ duzentos toſtoens poſtos lá por modo

„ de

„ de prezẽte a que elles chamaõ *Curues*, „ e os Perſas *Mocararios*, e os Reys „ Mouros de todo o Oriente *Xaguates*. Concertado iſto tornou-ſe o Governador pera Sena por mar, e em ſeu lugar ſe dirá o que lhe ſuccedeo.

CAPITULO XXV.

Da grandeza do Reino do Manomotapa, e de como ſe dividio.

COmo entre eſtes Cafres naõ ha eſcrituras em que ſe poſſaõ encomendar a poſteridade ſuas couſas, naõ ha poderſe ſaber certeza do principio deſte Reino do Manomotapa, nem eſtes barbaros ſabem mais que dizerem que tiveraõ tantos Reys, ſem ſaberem os annos que reinàraõ, nem a origem de ſeu principio, mas por conjecturas ſe alcança que quando a Rainha Sabà quiz hir viſitar a ElRey Salamaõ a Jeruſalem fora buſcar o ouro, que levàra, a eſtas Minas, aonde jà havia Reys, e preſume ſe que lhe eraõ ſogeitos, e ainda naquellas partes da feira de Macapár, e Naberturà ha hoje aquelles grandes edificios que ella mandou fazer pera ſi todos de cantaria, a que os Cafres chamaõ *Simbaoè*, que ſaõ como baluartes fortes pelo que elles contaõ ſempre que o Manomotapa ſenhoreou toda aquella Cafraria deſde o Cabo das Correntes atè o grande rio de que divide a terra de Mocanga (que aſſim chamaõ toda a do Manomotapa da Moſimba) e ſuccedendo naquella parte da Cafraria os Reys huns aos outros por linha direita atè vir a hum que teve quatro filhos, ſem ſaberem dizer quantos annos ha, o qual ſendo velho repartio ſeus Eſtados com os filhos pera os governarem, e a hum deu o Reino de Quiteve de que atè agora falamos, a outro o Reino Sedanda, que corre deſte Quiteve pera o Cabo das Correntes, a outro o Reino Chicagà que he o mais rico de todos, porque nelle eſtaõ as Minas de Manicàs, e Butuá, e outras que ſaõ aquellas onde chegou o Governador Vaſco Fernandes Homem, e o filho mais velho ficou com elle na Corte. Por morte deſte Manomotapa ſe levantáraõ os filhos com os Reinos que governavaõ, e tomáraõ appellido de Reys delles dos meſmos Reinos que poſſuhiaõ, como entre nòs dizemos Rey de Portugal, Rey de Caſtella, Rey de França, aſſim ſe intitulàraõ Rey de Chicagà, Quiteve, Sedanda, que os ſeus proprios nomes ninguem lhos ſoube, e cuido que os naõ tem, porq̃ os naõ nomeaõ ſe naõ pelos ſinaes que a natureza lhes poz, como ſe he torto, manco, dente menos, ou qualquer outro defeito que tiver, e infiro iſto de elles naõ nomearem aos Portuguezes que là vaõ por ſeus nomes, ſe naõ pelos ſinaes que tem no corpo, ou veſtidos. Apoſſados os filhos do morto dos Reynos que governavaõ, o que ſuccedeo no Imperio ficou com mayor quinhaõ que todos tres, porque poſſue duzentas leguas de comprimento, e outras tantas de largura, e o comprimento he deſde aquella famoſa Lagoa que jaz no meyo do Sertaõ até ſe meter no mar nos rios de Luabo, até o de Tenculò que ſaõ doze leguas de hum ao outro. Os negros de Butuá que he do Chicangà onde o Governador chegou, por ſem duvida ſe tem que comerceaõ com os de Angola, e que todo o ouro que vay daqui pera o Reino, eſtes Butuás lho levaõ, porq̃ lhe vaõ comprar roupas a troco delle, e pera mim tenho que naõ ſaõ cem leguas de caminho, porque como aquella terra ſe vay eſtreitando até fenecer no Cabo de boa Eſperança, aſſim deve ſer, e deixa iſto de ſe ſaber, porque ſomos Portuguezes que naõ ſabemos enſacar as couſas, nem ainda das que temos de portas a dentro, como o rio de Surrate, e outros, onde ha cento e tantos annos que comerceamos, ſe bem hoje melhor que nòs os Olandezes, e Inglezes, os quaes a primeira vez que lá foraõ, deſcobriraõ logo ſurgidouros entre baixos, e reſtingas, onde eſtaõ

taõ ſeguros como em ſuas caſas das noſſas Armadas, que lhes naõ podem fazer dano, os quaes os noſſos que cada dia entravaõ, e ſahiaõ, naõ ſouberaõ ſe naõ agora que os Inglezes no los moſtraraõ, e naõ me envergonho de dizer iſto, porque todas as naçoens ſabem jà q̃ nós ſomos os barbaros, e elles os politicos, e atè eſtes Cafres buçais nos tem neſſa conta.

CAPITULO XXVI.

Das couzas que neſte tempo ſucceder aõ ſobre o cativeiro de Dom Henrique de Menezes.

DOm Henrique de Menezes que eſtava reteudo na Corte do Idalxà com todos os cativos eſcreveo ao Governador Antonio Moniz „ que devia „ tratar de ſeu reſgate, e ſoltura, com „ mandar hum Embaixador ao Idalxà „ que iſſo ſó eſperava, e logo apoz iſto, que foy em Junho, chegou huma carta do meſmo Idalxà ao Governador ſellada com o ſeu ſello, e chapa, couſa que elle poucas vezes fazia, em que lhe pedia „ que pera comporem as couſas de en- „ tre ambos lhe mandaſſe hum Embai- „ xador pera com elle as tratar, e que „ faria tudo o que lhe tinha pedido, e vendo elle a neceſſidade em que a Cidade eſtava de mantimentos, e marinheiros pera as Armadas que ſe haviaõ de fazer, ordenou logo de o mandar, e elegeo pera iſſo a Manoel de Moraes por ſer peſſoa muy conhecida do Idalxà, e rico, o qual partio de Goa depois de chegarem as nàos do Reino, e foy bem acõpanhado, e por elle mandou o Governador ao Idalxà algũas peças curioſas. Eſte homem foy muy bem recebido do Idalxà, e tratando os negocios que levava a carga os concluhio com muita ſatisfaçaõ, aſſim daquelle Rey, como do Eſtado da India, e os appontamentos, e pontos principaes do que aſſentàraõ ao diante ſe veraõ, e pera ſatisfaçaõ do Governador ſoltou logo a Chriſtovaõ do Couto que là eſtava, e o meſmo fez a Dom Henrique de Menezes, e aos mais Portuguezes que com elle eſtavaõ que todos ſe vieraõ pera Goa.

Paſſados alguns dias de Setembro chegáraõ a Goa as nàos do Reino, de que veyo por Capitaõ mòr Ambroſio de Aguiar Coutinho, como no ſeu titulo ſe verá, e entre as couſas que ElRey D. Sebaſtiaõ mandou prover „ foy que ſe „ prendeſſe a Dom Jorge de Caſtro pela „ entrega da fortaleza de Chalè, e q̃ na „ meza da alçada da India com os Deſ- „ embargadores da Relaçaõ foſſe ſen- „ tenceado, e executado publicamente, pelo que o foraõ prender ao Paço de Pangi, ou da Madre de Deos onde eſtava appoſentado com ſua mulher, naõ faltando peſſoas que o aviſaſſem, pera que ſe puzeſſe em ſalvo, como pudera pôr metendo-ſe na caſa da Madre de Deos, o naõ quiz fazer, e ſe deixou eſtar muito ſeguro, até o levarem a elle, e a ſua mulher ao tronco de Goa, e logo ſe proceſſou contra elle dando o Promotor da Juſtiça ſeu libello, e provou-ſelhe muito baſtantamente que entregára a fortaleza ao Çamori, com o qual tivera primeiro muitas intelligencias, e outras culpas que outros tinhaõ mais que elle, pelas quaes foy ſentenceado „ que morreſſe morte natural, e foſſe „ degolado no pelourinho de Goa, a qual ſentença ſe poz logo em execuçaõ, e o dia que ſe havia de tirar a juſtiçar, ſe lançáraõ muitos pregoens pelo terreiro do Viſorey, pela rua direita, e pelas mais publicas da Cidade „ que nenhum ho- „ mem Fidalgo ſahiſſe aquella manhãa „ fóra de ſuas caſas, e que toda a mais „ gente naõ ſahiſſe fóra de caſa com ar- „ mas, por evitarem alguns alvoroços, e logo foy tirado o pobre velho de oitenta annos, e ao apartarſe de ſua mulher Dona Filippa que com elle eſtava preza, foy hum eſpectaculo eſpantoſo pera todos, e de muitas lagrimas, e laſtimas, e pelas ruas publicas foy levado

ao pelourinho, e por ventura que foſſe iſto de alguns Fidalgos que na entrega daquella fortaleza tiveſſem mais culpa que elle, juizo ſecreto de Deos, chegar hum Fidalgo daquella idade do melhor conſelho que houve na India ſempre, e que ſervio toda a vida aos Reys com muita fidelidade, e amor, e que foy Capitaõ de Maluco, e de Cóchim muitas vezes, e de Chalè quaſi toda a vida, no cabo de todos eſtes merecimentos vir a morrer degollado por culpas que elle naõ tinha, e de que ſe podia livrar por inhabilitado já de juizo, caſo foy pera encolher muito o juizo dos homens, e naõ fiar merecimentos, ſaber, idade, nem em ſemelhantes couſas a eſtas, porque em fim ſaõ caducas, e pouco verdadeiras, e toda a minha vida ouvi dizer, e o alcançei por experiencia, que o homem que na India viver muito, naõ eſcaparà deſtas duas couſas, ou de pobre, ou deshonrado, o que tudo eſte pobre velho vio, e a Deos, e aos Reys naõ ſe pregunta razaõ das couſas, e quem havia de perguntar a hum taõ bom Rey como foy D. Sebaſtiaõ, porque cauſa mandou eſte anno degolar eſte Fidalgo, e o anno ſeguinte mandarlhe mercès, e eſcreverlhe cartas honradas, e mandarlhe dar gaſalhados pera ſe vir pera o Reino com ſuamulher? Aqui naõ ha que diſcurſar, nem que lançar juizos, porque todos ſeráõ temerarios, mas naõ deixarey de dizer iſto, requerendo certo Fidalgo que ſe achou naquelle cerco de Chalè que foy o que mais culpa teve, e o que primeiro aſſinou na fortaleza, foy reſpondido no Reino que lhe faziaõ mercè da fortaleza de Chalè, e por derradeiro vi em poucos annos a elle, e todos deſpachados com fortalezas grandes, e ricas: hora deixemos diſpôr a Deos que ſabe o que mais nos convem, e vamos dando conta das couſas mais neceſſarias.

Ambrozio de Aguiar Capitaõ mòr das nàos do Reino trazia muita fazenda, e naõ podia desbaratalla, e receava lhe ficaſſe a mayor parte della na India, e como era Fidalgo de grande induſtria pedio ao Governador paſſaſſe huma proviſaõ „ pera ſe ordenarem em Goa hu- „ mas ſortes como muitas vezes ſe fa- „ zem na Europa, porque pela novida- „ de do caſo haviaõ muitos de lançar „ nellas, e aſſim ſe ficaria remedian- „ do. Concedeolha o Governador ordenaraõ-ſe Juizes caſados em Goa, deu elle das fazendas que tinha, as quaes ſe avaliàraõ pelos preços ordinarios, e cuido que vieraõ a fazer ſoma de vinte mil pardaos, e logo ſe publicáraõ as ſortes por eſta maneira. As couſas de ſeda, grãas, raxas, quartos de vinho, ballas de papel, e quartos de azeite, e outras couſas deſta qualidade, cada ſorte duas tangas que ſaõ ſeis vintens, e haſe entender que as peças de grãa, e veludos, ſetins, e outras deſta importancia ſe partiraõ pelo meyo em duas: as peças de prata q̃ eraõ hum ſerviço, taças douradas, ſaleiros, garrafas, e outras muitas deſte lote, cada huma tres tangas, e como iſto deu na gente da India principalmente entre mulheres que ſaõ apetitoſas, e cobiçoſas, acodio tanto dinheiro que baſtou pera as couſas que ſe haviaõ de ſortear, e ſobejou pera todos os gaſtos, e propinas de Juizes, Eſcrivaens, Theſoureiros, e Porteiros, e mais Officiaes, e houve peſſoas que lançàraõ duzentas ſortes, e mais, como cada hum podia, e até os negros cativos ſe podiaõ ajuntar pera huma, duas, ou mais, tambem ſe arriſcavaõ, e até eu lancei mea duzia em nome de huma orfa que criava, e no rol das ſortes dey por nome Miraguarda, e foy ella taõ ditoſa que lhe ſahio hum quarto de vinho muito bom, em fim as ſortes ſahiraõ, e as fazendas ſe desbaratáraõ todas, e os que foraõ ditoſos ganhàraõ bem, e os que perdéraõ foy pouco, e o alvoroço, e alegria foy tudo.

E porque dos Reys do Malavar tinhaõ ſahido muitos paròs, e outros que ficavaõ apreſtando pera iſſo, querendo atalhar os danos que ſe podiaõ ſeguir, deſpedio em dezoito de Setembro deſte

anno de ſetenta e quatro a ſeu cunhado com Joaõ da Coſta por Capitaõ mòr do Malavar com duas galez, elle em huma, e Franciſco de Mello de Sampayo em outra, e vinte e quatro fuſtas cujos Capitaens foraõ. Ruy Pereira de Sampayo, Balthaſar Rodrigues de Alvellos, Sebaſtiaõ Gonçalves ſeu irmaõ, Appollinario de Val de Rama, Joaõ Cayado de Gamboa, Miguel de Ayalla, Dom Diogo da Silveyra, Fernaõ de Albuquerque, Cuſtodio Martins de Vaſconcellos, Manoel Furtado de Mendoça, Duarte Pereira de Sampayo, Domingos Ferreira Eſçorcio, Manoel Rodrigues, Gomes Eannes de Figueiredo, Diogo Brandaõ de Cananòr, Gaſpar Tavares de Cananòr, Antonio Gomes Malavar, Pedro Soares Malavar, Fernaõ Moreira, Belchior Diniz, Miguel Telles de Moura, Dom Bernardo Coutinho, Franciſco da Silva de Menezes, e Manoel de Lacerda.

Partida eſta Armada logo o Governador deſpedio Fernaõ Telles por Capitaõ mòr de outra pera a Coſta do Norte, a qual conſtava de outras duas galez, elle em huma, e Pedro Lopes Rebello em outra, e dezaſete fuſtas de que foraõ por Capitaens Mathias Pereira de Sampayo, Antonio Baracho, Lourenço Pires de Souſa, Ruy Gonçalves de Siqueyra, Jorge de Barros de Azevedo, Antonio de Mendoça, Affonſo de Monroy, Leonel de Brito, Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, Braz da Silva, Fernaõ Alveres do Oriente, Pedro da Silveyra que depois foy Capitaõ de Damaõ, e ainda he vivo, Andrè Borges de Meſquita, Domingos do Alamo, Alexandre Zuzarte, Joaõ Fernandes, e Gaſpar Gonçalves, e todos partiraõ em vinte de Dezembro.

Ex aqui duas Armadas que com qualquer dellas ſe contentava Dom Leoniz Pereira Governador de Malaca pera hir ſoccorrer aquellas partes, que eſtavaõ nos grandes trabalhos, que diſſemos, e nem huma, nem outra mais pequena lhe quiz o Governador Antonio Moniz Barreto dar. Vendo elle q̃ pelo meſmo caſo mandàra ElRey havia taõ pouco tempo ſuſpender de Governador Dom Antonio de Noronha, e entregarlho a elle, no que ſe ve quanto pode a cobiça do mandar que naõ via eſte Governador a quanto ſe arriſcava em naõ cumprir o que ElRey lhe mandava, e ſe me diſſer que o Eſtado naõ podia tanto, como naõ vio quanto menos podia no tempo do Viſorey Dom Antonio de Noronha que tomou a India toda de guerra com todos os Reys Mouros, e Gentios conjurados contra nòs? E vendo elle tudo iſto eſcreveo a ElRey que o Eſtado da India eſtava muito proſpero pera ſe lhe darem dous mil homens com Armada, e artelharia, muniçoens, e mantimentos pera elle, e agora que naõ eſtava a India de guerra ſe naõ muito pacifica, como naõ pode dar huma taõ pequena Armada, como Dom Leoniz Pereira lhe pedia? Eu naõ digo que nem entaõ, nem agora eſtava o Eſtado pera tirar de ſi tamanho cabedal, mas digo que enganàraõ a ElRey, e no Reino lhe fizeraõ crer quem fez a eleiçaõ que a India eſtava com poſſibilidade pera tudo, e o meſmo lhe eſcrevèraõ depois de cà, o que foy cauſa de deshonrarem, e matarem hum Fidalgo taõ honrado, e benemerito como foy Dom Antonio de Noronha hum dos mais puros, e verdadeiros Viſoreys que nella houve. Là eſtaõ todos onde Deos terà julgado ſuas tençoens, e pelo que tenho viſto, e ouvido neſtes negocios, me mago-o como Chriſtaõ muito de todos elles.

O Governador Antonio Moniz Barreto nunca tratou de aviar a Dom Leoniz Pereira Governador de Malaca, e vendo elle as dilaçoens que lhe faziaõ, e que o Governador mandava Armadas pera fóra de Goa, e ſó de ſua naõ tratava, tendo-o promettido a ElRey, tratou de ſe embarcar pera o Reino como fez neſtas nàos de Ambrozio de Aguiar, e folgàra eu de ver a copia das cartas que o Governador Antonio Moniz Barreto eſcreveo a ElRey, e as razoens que nel-

nellas lhe dava pera naõ negociar a D. Leoniz Pereira como elle queria que Dom Antonio de Noronha o negociaſſe a elle. Eu ſey que Dom Leoniz Pereira levou certidoens, e papeis muy ſatisfactorios pera com elles moſtrar a ElRey como ſempre eſtivera preſtes pera o ſervir nas partes do Sul, e que pelo naõ aviarem, nem bem, nem mal ſe embarcàra pera o Reino.

CAPITULO XXVII.

Dos Embaixadores que foraõ a Goa do Idalxá, e da Armada que a Rainha de Japarà mandou ſobre Malaca.

FIcou (como atraz jà diſſemos) Manoel de Moraes que eſtava por Embaixador na Corte do Idalxá concluhindo o negocio das pazes com elle, e por fim ſe aſſentàraõ, e concluhiraõ, e pera mayor firmeza dellas deſpedio aquelle Rey dous Embaixadores pera hirem a Goa confirmar as pazes com o Governador, hum delles chamado Coracaõ com ſeu Secretario, e o outro por nome Jaerbeque, o qual havia de paſſar ao Reino a negociar com ElRey D. Sebaſtiaõ, os quaes foraõ muito bem recebidos em Goa, e ambos pelos poderes que traziaõ, confirmàraõ as pazes que eſtavaõ feitas com o Viſorey Dom Antonio de Noronha, e acreſcentàraõ mais „ que poderiaõ os Governadores, e „ Viſoreys da India mandar tirar de ſuas „ terras todo o ſalitre que quizeſſem, e „ huma proviſaõ a q̃ elles chamaõ For„ maõ chapada em branco com a chapa „ do Idalxá pera tudo o mais q̃ quizeſ„ ſem aſſentar cõ o Governador, pera rateficaçaõ deſtas pazes que novamente ſe juràraõ em Goa aos vinte, e dous de Janeiro de mil e quinhentos e ſetenta e cinco, fazendo no cabo huma declaraçaõ „ que havẽdo o Idalxá de quebrar, „ ou fazer guerra a algũ amigo do Eſ„ tado, o faria primeiro a ſaber ao Viſo„ rey, ou Governador da India, e q̃ ten„ do cauſa juſta pera lhe fazer guerra, q̃ „ elles o ajudariaõ em tudo, e aos vinte e tres do meſmo mez ſe embarcou o Jaerbeque Embaixador pera o Reino na náo Santa Barbora de que era Capitaõ mòr Manoel Pinto, e de ſuas couſas adiante ſe tratarà. Em companhia deſta nào foy Manoel Pinto de Meſquita na caravela Santa Luzia a deſcobrir o Cabo de boa Eſperança pera fazerem em effeito crer a ElRey que era Ilha, e levou comſigo hum catùr ligeiro de que foy Capitaõ Manoel Correa Gato, e aſſim foy Franciſco Rodrigues Mondragaõ em huma naveta à Ilha de S. Lourenço a deſcobrir os portos pela banda de fóra pera ver ſe achava novas das náos Reys Magos Capitaõ mòr Duarte de Mello, e a de S. Franciſco Capitaõ Franciſco Leitaõ de Gamboa do anno de mil e quinhentos e ſetenta, e dous que ſe perderaõ hindo pera o Reino em Janeiro de ſetenta e tres como em ſeu lugar, e titulo ſe verà.

Já atraz dey relaçaõ do ſucceſſo do Achém quando veyo ſobre Malaca, e como eſtava confederado com a Rainha de Japarà pera de conformidade, e maõ comua darem naquella fortaleza, e a levarem nas unhas, pera o que cada hum em ſeus Reinos fez ſuas preparaçoens, e juntou ſuas Armadas, e gentes, e parecendolhe ao Achém que elle ſó baſtava pera aquella empreza pelo groſſo poder que tinha junto, naõ quiz dar quinhaõ nella áquella Rainha, e aſſim foy ſó àquelle negocio, e nelle lhe ſuccedeo o que jà contey, agora vendo a Rainha de Japará o máo ſucceſſo que o Achẽm teve de ſofrego, entendendo que lhe poderia ficar a fortaleza de Malaca, e que lhe ſeria muito facil ganhalla pera ſi, e defendella depois ao Achém ſe tornaſſe com mais poder, lançou ſua Armamada no mar eſte Outubro paſſado de ſetenta e quatro a qual conſtava de trezentas velas em que entrava couſa de oitenta juncos grandes do tamanho de noſſas nàos de até quatrocentas toneladas, e as mais embarcaçoens calaluſes

na

na, qual Armada mandou embarcar quinze mil Jáos eſcolhidos, muitos mãtimentos, muniçoens, e artelharia, e petrechos de guerra, e elegeo por General deſta empreza a Quilidamaõ Regedor principal de ſeu Reino, o qual com todo aquelle poder foy ſurgir ſobre a barra de Malaca com tamanhas carrancas de ſalvas de artelharia, que parecia ſe queria acabar o mundo. Eſtava por Capitaõ da fortaleza Triſtaõ Vaz da Veiga por ſer falecido pouco tempo havia Dom Franciſco de Menezes, o qual com o Biſpo, Vereadores, e peſſoas principaes acodio a prover na defenſaõ daquella fortaleza, e com muita brevidade deſpedio embarcaçaõ ligeira com recado ao Governador, do eſtado em que ficava pera que o ſoccorreſſe. A gente toda que pouzava fóra da banda de Malaca logo ſe recolheo à fortaleza o que naõ pode fazer taõ de preſſa a da banda de Ilher. Os Jáos tanto que chegàraõ, logo deſembarcáraõ neſta povoaçaõ, e a entràraõ, e nella fizeraõ grande dano, ao que acodio Dom Antonio de Caſtro com dez ſoldados taõ apreſſado que naõ teve lugar de tomar armas, e remetendo com os Jàos que vinhaõ apoz da gente que ſe recolhia pera a fortaleza, travou com elles huma boa batalha, na qual foy morto com alguns dos companheiros o que foy muito ſentido de todos.

O General dos Jáos ao outro dia deſembarcou todo o poder, e poſto em ordem ſe foy chegando pera a fortaleza, e na parte que lhe pareceo mais acomodada aſſentou ſeu campo, e formou ſuas tranqueiras, e ſe fortificou ao redor da Cidade muito à ſua vontade. O Capitaõ Triſtaõ Vaz da Veiga formou logo ſuas eſtancias provendo nellas, e nos baluartes o melhor que pode conforme ao tempo, e a brevidade delle pondo pelos baluartes, e muros os meſmos que nelles eſtiveraõ na occaſiaõ paſſada do Achém no cerco que taõ pouco havia tiveraõ, e por iſſo os naõ torno a nomear ordenando as couſas que lhe parecèraõ mais neceſſarias taõ contente, e alegre que meteo em todos os da fortaleza grande animo, e porque ſe começaſſe a fazer alguma couſa que dêſſe confiança a todos, e deſanimaſſe aos imigos, ordenou ao Licenciado Martim Ferreira Veador da fazenda, que com cento e cincoenta ſoldados foſſe dar em huma tranqueira que os imigos tinhaõ fabricado a trinta paſſos do baluarte S. Domingos, dando a dianteira a Diogo Lopes da Cunha o ſoldado, que o era muito bom, e em huma madrugada ſahiraõ todos da fortaleza ficando o Capitaõ à porta della; e com hum animo muy determinado cometéraõ as tranqueiras, as quaes logo cavalgou o Diogo Lopes com os da ſua companhia, e dentro tiveraõ huma razoada batalha cõ os imigos, e lhes matàraõ ſetenta, e deitáraõ todos os mais fora, ficando a tranqueira por noſſa, a qual ſe deſmanchou, e desfez logo, e ſe recolheraõ ſete berços que nella eſtavaõ com que ſe recolheraõ moſtrando-ſe neſte negocio o Martim Ferreira que ſabia uſar tambem das armas como das letras. Eſta vitoria quebrantou muito aos Jáos, e afervorou tanto aos noſſos q̃ deſejavaõ hir dar nas outras tranqueiras que eſtavaõ mais affaſtadas, o que Triſtaõ Vaz da Veiga de nenhum modo quiz conſentir, porque havia miſter muitos homens.

Os Jàos vendo eſte deſaſtre quizeraõ pôr cobro na ſua Armada em que tinhaõ todo o ſeu remedio, e todo o ſeu Almazem de mantimentos, e muniçoens, e pera a ſegurarem a mandàraõ recolher no rio dos Malayos, mea legua da noſſa fortaleza com taõ pouco reſguardo q̃ pelas vigias, e intelligencia que Triſtaõ Vaz da Veiga trazia ſobre tudo foy aviſado do caſo, e determinou de mandar dar nella, e fazer hum muito honrado feito, e aſſim ordenou logo huma galè de Dom Antonio de Caſtro que havia pouco matàraõ, e com ella quatro fuſtas, e alguns bantins, e manchuas, e cometeo eſte negocio a Joaõ Pereira de Sampayo

payo o qual ſahio huma madrugada pera fóra, e em breve eſpaço foy ter âquelle rio, o qual entrou, e cometeo a Armada que eſtava com o deſcuido que jà diſſe, e dandolhe fogo queimou mais de trinta juncos, e outros navios menores: das mais embarcaçoens ſe proveraõ os noſſos de mantimentos, e muniçoens, de que carregàraõ à vontade, e foraõ deſembarcar à fortaleza onde foraõ recebidos com as mayores demonſtraçoens de alegrias que podia ſer, porque naõ ſó feſtejàraõ o bom ſucceſſo, mas o remedio de todos q̃ conſiſtia nos mantimentos que traziaõ, porque eſtavaõ jà quaſi na extrema neceſſidade, e com aquillo ſe remediàraõ alguma couſa. Os imigos com eſta perda deſconfiáraõ da jornada, e logo trataraõ de pedirem pazes, ou de ſe hirem pera as ſuas terras, mas primeiro quizeraõ fazer algumas demonſtraçoens de guerra, e porque lhe naõ acabaſſem de mandar queimar a Armada mandàraõ ſerrar a barra do noſſo rio por onde os noſſos haviaõ de ſahir com grandes grades de madeira: atraveſſáraõ humas eſtacadas de maſtos, e ao longo dellas levantàraõ alguns caſtellos de madeira ſobre alguns navios taõ altos que pudeſſem chegar a igualar ao baluarte Santiago pera por elle poderem entrar na fortaleza. Vendo Triſtaõ Vaz da Veiga aquella fabrica, e que vedarlhe a ſerventia daquelle rio era polos em extrema neceſſidade, porque por elle abayxo lhe vinhaõ muitas couſas pera ſuſtentaçaõ da gente, ordenou de lhe mandar desfazer os caſtellos, e eſtacadas, o que encarregou a Joaõ Pereira que com alguns bateis paveſados, manchuas, e baloens com que deu huma madrugada naquellas maquinas, e cõ muito valor, e trabalho de todos queimàraõ tudo, e o disfizeraõ em pó, e cinza com muitos Jàos que acodiraõ à defenſaõ delles.

Meteraõ eſtas boas venturas de Joaõ Pereira tanta enveja a todos, que pedio Fernaõ Peres de Andrade licença ao Capitaõ pera hir dar em outra tranqueira que os Jàos tinhaõ defronte do baluarte Madre de Deos, a qual lhe elle concedeo, e quiz acharſe com elle neſte feito Bernardim da Silva, e ajuntando parentes, e amigos, e ſoldados deraõ no quarto dalva na tranqueira, e poſto que achàraõ grande defenſaõ, e ſobre ella tiveraõ trabalho no fim da referta foy entrada a fio de eſpada, e mortos os que nella eſtavaõ, e ella toda abraſada, e deſtas hoſpedagens tinhaõ os Jàos de quando em quando algumas que lhes naõ ſabiaõ bem.

Vendo os Jàos deſempedido o rio, porque era a mayor guerra que podiaõ fazer aos noſſos o impedirlhe os mantimentos que por elle abayxo entravaõ na fortaleza, tornàraõ a inſiſtir niſſo, e o cruzàraõ de novo com groſſas traves, e com tranqueiras guarnecidas de artelharia, e ſoldados pera ſua defenſaõ, porque a ſua tençaõ era que os noſſos chegaſſem a tanta neceſſidade, e aperto de fómes que ſe lhe entregaſſem por ſe naõ arriſcarem nos aſſaltos, e cometimentos, porque ſabiaõ que haviaõ de ficar eſcalavrados, o que viſto pelo Capitaõ tornou a encomendar aquelle negocio a Joaõ Pereira, que nos bateis, e mais embarcaçoens pequenas cometeo a tranqueira cavalleiroſamente, mas achou a taõ forte, e os Jàos taõ determinados que lhe foy neceſſario retirarſe cõ dous mortos, e alguns feridos, e hum delles foy Manoel Ferreira Capitaõ de hum dos bateis, o qual recebeo tres perigoſas fréchadas. O Capitaõ ſentio muito o ſucceſſo, porque ſe os Jàos ſuſtentavaõ aquella tranqueira, ficavaõ elles ſogeitos a grandes neceſſidades, pelo que lhe foy forçado tornar a cometer aquelle negocio que encarregou a Fernaõ Peres de Andrade, mas naõ naquella fórma em que o fez Joaõ Pereira, mas lhe ordenou „ que ſe meteſſe dentro no rio „ com hũa naveta muito artelhada com „ arrombadas feitas, e os bateis com ſuas „ mantas, e outras embarcaçoens, o que Fernaõ Peres fez, e ao entrar do rio houve de parte a parte hum fermoſo jogo

go de bombardadas que durou muito eſpaço, e no fim delle foy entrada a tranqueira pelos noſſos, e desfeita ella, e as eſtacadas com morte de muitos Jàos, e poſto que o negocio foy taõ arriſcado, naõ ſe perderaõ dos noſſos, mais que quatro ſoldados, o que foy milagre grande pelo muito baralhado que andàraõ todos com os Jàos, e pouco reſguardados aos pelouros. Joaõ Pereira ſe deixou ficar com toda a Armada no rio com q̃ lhes fechou a elles a porta pera lhe naõ entrarem provimentos de q̃ já eſtavaõ taõ faltos, que mais ſe podiaõ chamar cercados que cercadores, porque a Armada os tinha prezos, e encerrados nos matos por eſtarem eſcandalizados das noſſas ſahidas, e ſe Triſtaõ Vaz da Veiga tivera trezentos homens ſãos, ſem duvida os desbaratàra de todo, e a tal eſtado chegàraõ os ſãos, que o ſeu General conſultou com o ſeu Dato, que he entre elles, como entre nòs hum Prelado, „ que mandaſſe apalpar o Capitaõ „ com pazes, e que contentando-ſe cõ „ partidos honeſtos ſe fariaõ; o que o Dato fez por interpretes muito diligentes, e propoz o negocio, naõ como quem eſtava muito em neceſſidade, ſe naõ como quem queria amiſade com os noſſos. Depois de ouvido lhe mandou reſponder Triſtaõ Vaz „ que aceitaria „ a paz com eſtas condiçoens que lhe „ dèſſem todos os cativos, que eſtiveſſem em ſeu poder, e as armas, e hum „ galeaõ que tomàraõ aos noſſos em „ hum de ſeus portos com toda a ſua „ artelharia, que naõ navegariaõ nunca „ de Malaca pera o Achèm ſem cartaz „ do Capitaõ, e que dentro em tres dias „ ſe embarcariaõ, e ſe hiriaõ direitos „ pera a Jaoa pelo Eſtreito de Sabaõ, „ naõ tomando até là terra alguma, e „ que pera cumprimento deſtas condiçoens havia de deixar refens à vontade do Capitaõ; iſto ſe lhe meteo por condiçaõ, porque o Capitaõ prezumio que elles ſe queriaõ hir reformar a alguma parte pera tornarem ſobre aquella fortaleza com o Achèm, de quem havia novas que ſe fazia preſtes pera tornar a ella. Parecèraõ eſtas condiçoens muy pezadas aos Jàos pelo que naõ quizeraõ mais tratar de pazes deliberando-ſe a eſperar pelo Achém, mas bem entendèraõ os noſſos que nunca eſtes dous tyrannos ſe fiariaõ hum do outro, e por iſſo andàraõ pairando, o General dos Jàos entẽdia iſto muito bem do Achèm, o qual eſperava tambem que elles foſſem desbaratados pera poder dar nelles, e acaballos de todo, e quando naõ que a fortaleza naõ poderia ficar em eſtado que lhe pudeſſe eſcapar hindo elle ſobre ella com aquella potencia, que tinha junto de refreſco, porque bem ſabia a pouca gente, que tinha, e a mayor parte deſſa doente, e que naõ havia provimentos, nem donde lhe virem, pelo que eſtava taõ confiado de a tomar ſem golpe de eſpada, que ſe fazia já Senhor della, o que tambem ſentia muito o Rey de Viantanà, porque ſe tinha por Rey de todo aquelle Reino, e ſe aquella Cidade vieſſe a poder do Achèm logo todo o Reino ſeria ſeu, e eſtranhamente lhe pezava do eſtado, em q̃ via as couſas, mas como ladraõ de caſa ſe mãdou offerecer ao Achèm pera o ajudar naquella guerra, ſobre que houve cartas de parte a parte, nas quaes jugàraõ ſuas lanças falſas, hum contra o outro, porque o de Viantanà à conta de o ajudar tinha a ſua Armada preſtes, e muito bem provida de gente, pera que ſe viſſe que ao Achèm lhe ſuccedia mal no cerco, dar ſobre elle, e desbaratallo, o Achém com o meſmo penſamento dava voltas na cama diſcurſando que ſe acaſo ſe fazia Senhor daquella fortaleza, logo ſenhorearia todo o Reino Malayo, e algumas peſſoas, que eſcrevèraõ eſte cerco, ſe enganàraõ em cuidarem que aquellas couſas ſe tratavaõ ſem engano, ſendo certo aos que o entendiaõ bem que tudo eraõ invençoens, e eſtratagemas, porque cada hum delles deſejava de conſumir ao outro, e o de Viantanà ainda mais pelo que receava.

Todavia eſtavaõ os Jàos em eſtado, que

que tornou o seu Dato a escrever ao Capitaõ cartas mais brandas em que lhe dizia „ que elle tinha trabalhado muito „ pera abrandar aos Jàos, e que faria „ delles o que quizesse primeiro que „ o Achèm chegasse, porque ficava „ com huma poderosa Armada pera „ vir em favor da Rainha de Japará, „ como se via por huma carta que es- „ creveo ao Rey de Viantanà, a qual carta mandou tambem ao Capitaõ, e todos conhecèraõ o sello do Achèm, o qual dava nella desculpas ao Rey de Viantanà „ de naõ esperar pela Rainha da „ outra vez que fora sobre Malaca, co- „ mo entre elles estava concertado, por- „ que cuidàra (por hum certo respeito) „ que elle só bastava pera tomar aquel- „ la fortaleza com que ficaria escuzan- „ do as despezas, e trabalhos que a Rai- „ nha havia de ter, e passar naquella jor- „ nada, que elle estava prestes com huma „ grossa Armada pera tornar a voltar „ sobre aquella fortaleza, e que em „ apparecendo a lua nova logo se par- „ tia. O Capitaõ Tristaõ Vaz da Veiga folgou muito com o Dato segundar no negocio das pazes, ou que fosse fingido aquelle negocio, ou verdadeiro, porque em quanto durasse o trato dellas se poderia prover de mantimẽtos em huns seis juncos delles que a Rainha mandava aos seus, os quaes vindo os dias passados demandar o rio de Malaca vendo dentro a nossa Armada, em que andava Joaõ Pereira, tornàraõ a voltar pera o rio de Jòr, do que logo o Capitaõ foy avisado, e sem dar conta a pessoa alguma mandou chamar a Joaõ Pereira, e com elle praticou em segredo, e lhe deu hum regimento do que havia de fazer no qual lhe mandava „ que de noite „ (porque os nossos o naõ achassem me- „ nos, porque logo descorçoariaõ) se „ fosse ao rio de Micar, e q̃ logo come- „ tesse aquelles juncos, e q̃ trabalhasse „ pelos render a fio de espada sem entrar „ alli fogo por se naõ queimarem os mã- „ timentos, e munições, porque del- „ les se havia de remediar aquella forta- „ leza dandolhe Deos o bom successo „ que elle esperava.

Tanto que anoiteceo, sahio-se Joaõ Pereira fóra do rio com a galé, e quatro fustas, e entrou Micar, e logo envestio os seis juncos que estavaõ descuidados, e os rendeo, e de madrugada os levou á fortaleza, e os mantimentos, e munições se desembarcàraõ presente o Capitaõ sem que elle consentisse que pessoa alguma tomasse huma medida de arroz, e aos soldados que se achàraõ naquelle feito largou as drogas em que se sevàraõ por seu trabalho. Recolheo-se tudo em Armazens de que o Capitaõ trazia a chave, e os foy repartindo conforme a necessidade do tempo, o que alentou muito a todos os animos que jà traziaõ muito derrubados, e porque nem com isto deixavaõ de correr recados de pazes, e elles se queixavaõ do dano que recebiaõ da nossa Armada, e naõ estavaõ em menos necessidades que os nossos, mandou o Capitaõ a Joaõ Pereira que se recolhesse, porque lhe pareceo que vendo-o os Jàos junto da fortaleza quizessem hirse pera suas terras, o que elle desejava que fosse antes que o Achèm chegasse com o seu poder.

Tanto que os Jàos viraõ a nossa Armada recolhida, e que cada dia podiaõ chegar os Achèns, e que vendo-os taõ desbaratados os poderiaõ acabar de destruhir sem tomarem concluzaõ nas pazes que tratavaõ, huma noite em segredo levantàraõ o campo, e se embarcáraõ, porque tinhaõ mandado vir a sua Armada. O Capitaõ que sentio o caso mandou a Joaõ Pereira que sahisse apoz elles logo, porque hiaõ desordenados, e visse se podia fazer algum bom feito, o que Joaõ Pereira fez, e ainda lhe tomou alguns juncos, e outros navios, em que matou muita gente de modo que alèm dos navios que perderaõ lhe ficáraõ enterrados por esses campos ao redor de sete mil pessoas que morrèraõ a ferro, e a fogo, e de doença, afóra os que hiaõ cada dia lançando ao mar, porque se embarcàraõ os mais delles com-

balidos,

ballidos, e inficionados da corrupçaõ dos ares por ser o lugar em que estavaõ apaùlado, e pestifero, e as inmundiciaes de tanta gente o fizeraõ mais pestilencial, de maneira que chegáraõ á sua terra com duas partes da gente menos. Durou o cerco tres mezes naõ ficando os nossos com menos dano, ainda que alcançàraõ delles tantas vitorias, porque dos naturaes morrèraõ muitos de fóme, e doenças, e a gente que ficou estava taõ debilitada que era grande lastima vela deixandolhe os Jáos tudo o que havia por fóra taõ destruhido, assollado, e abrazado, que em muitos annos se naõ puderaõ os moradores aproveitar da cultura de seus campos, e de suas hortas que tinhaõ com arvoredos de frutos.

E posto que os nossos ficáraõ deste succesſo com huma taõ grande vitoria, foy em tal estado que se naõ podiaõ menear de fracos, nem tinhaõ donde se proverem de mantimentos, e muniçoens de que estavaõ muito faltos tendo por certeza que o Achém naõ tardaria muitos dias que lhe naõ viesse dar outro repelaõ àquella miseravel fortaleza, pera o que o Capitaõ Tristaõ Vaz da Veiga se fez prestes, e reformou os muros, baluartes, e estancias, e poz no mar toda a Armada que havia, a qual encarregou a Joaõ Pereira que andava na galè, e Bernardim da Silveyra em huma caravella, e Fernaõ de Palhaes em huma nào, nas quaes embarcaçoens andavaõ cento e vinte soldados, e pera segurança della forneceo os baluartes de sobre o mar de boa artelharia, e na Sacristia de nossa Senhora do Monte mandou prantar outras peças pera assim segurar o mar por onde lhe haviaõ de entrar os provimentos, e onde se havia de hir pescar pera sua sustentaçaõ, porque carnes naõ as havia, legumes, e hortaliça tudo os Jàos deixàraõ seco, e esteriles os campos, e todos estavaõ com as esperanças postas em algumas náos de mantimentos que o Capitaõ tinha mandado a Bengala, e Pegù, sobre as quaes tinhaõ grandissimas vigias.

Nestes trances estavaõ os nossos quãdo no primeiro dia de Fevereiro deste anno de setenta e cinco appareceo pelo mar a Armada do Achém que o cobria todo, o qual tendo por novas que os Jàos eraõ recolhidos, e desbaratados, e q̃ a nossa fortaleza o ficava pouco menos, e falta de tudo o necessario, vendo que lhe naõ podia escapar, logo deu à vela, e appareceo sobre ella com tamanhas carrancas, faynas, e salvas de artelharia que puderaõ espãtar qualquer Cidade mais forte, e melhor provida de tudo, o que naõ fez aos nossos naquella pobre, mal cercada, e peyor provida, porque logo tomàraõ seus lugares pelos muros, e baluartes com tanta confiança, e ufania como se estiveraõ muito folgados, e inteiros. O Achém logo ao segundo de Fevereiro mandou cometer a nossa Armada q̃ estava entre a Ilha, e a terra que era o surgidouro das nàos descarregando sobre ella grandes corisçadas de artelharia, cujas fumaças tolheraõ os ares de feiçaõ q̃ parecia se armava huma grande tempestade, e tormenta. Joaõ Pereira com os mais Capitaens se puzeraõ em defensaõ com grande animo, e valor, e tambem serviraõ a Armada imiga muito bem com sua artelharia: a galé foy passada de parte a parte com hum furioso pelouro de ferro, a que acodiraõ os officiaes, e o remediáraõ o melhor que puderaõ, mas nem às cutilladas o pode Joaõ Pereira fazer aos seus soldados que de medo daquella tormenta se quizeraõ acolher, e naõ tiveraõ menos trabalho os outros Capitaens com os seus, porque viraõ todos o grande dano que a artelharia lhe fazia, porque na Armada lhe tinha jà mortos setenta e cinco companheiros, e todavia os Achéns apertàraõ tanto com a nossa Armada que a destroçáraõ de todo, matando os seus Capitaens cada hum na praça do seu navio pelejando valerosamente, naõ escapàraõ de todos mais que cinco, que se acolhèraõ a nado, e cativos ficàraõ quarenta: os Achéns metèraõ os navios

no

no fundo que alli he vaza pera lhe tirarem de dentro a artelharia, o que lhe defendeo muito bem a fortaleza, e a do Monte fez na Armada imiga grande dano.

Eſta perda da Armada, que era todo o remedio daquella fortaleza, foy ſentida, e chorada com lagrimas de ſangue de todos em géral, e o que mais de tudo ſentiaõ, era a ufania, e coragem que ficou daquelle deſeſtrado feito aos imigos, mas Triſtaõ Vaz da Veiga que era Fidalgo de grande animo acodio a remediar as deſconfianças de todos affirmãdolhes com roſto muito alegre „ que „ Deos noſſo Senhor lhe havia de dar „ grandes vitorias daquelles imigos, que „ com a gente que lhe ficàra, ſe havia de „ defender delles, e de outros ſe vieſſem, „ que naõ entraſſem nelles deſconfian„ças, porque ſó por eſſa razaõ os caſ„tigaria Deos noſſo Senhor, que os naõ „ havia deſemparar, que nelle princi„palmente, e no valor de ſeus braços „ eſperaſſem a defenſaõ daquella forta„leza, porque ſe elles naõ faltaſſem „ Deos o naõ havia de fazer da ſua par„te por honra de ſeu ſantiſſimo Nome, „ e de ſua Ley ſagrada. E aſſim logo dos cento e cincoenta homens que lhe ficàraõ na fortaleza, e dos Quelùs naturaes da terra proveo os baluartes, e eſtancias o melhor que pode, e quiz noſſo Senhor que havia pouco tempo ſe tinhaõ hido algumas nàos da China, e de outras partes pera a India cheas de fazendas nas quaes ſe foraõ eſcondidos muitos ſoldados ſem o Capitaõ o poder remediar, q̃ ſe acertàraõ de eſtar ainda naquelle porto ſem duvida o Achém ſe fizera Senhor della, e de todas ſuas riquezas com que ficára muito proſpero, e alèm deſta mercé que Deos lhe fez em ſe terem hido por cauſa das muitas fazendas que livraraõ das ſuas mãos, foy tambem grande o levarem mais de mil Mouros marinheiros dellas que vendo faltarlhe tudo eſtava certo paſſarem ſe aos imigos, e pelejarem tambem contra nós, e neſtas nàos eſcrevèraõ tambem o Capitaõ, Biſpo, e Vereadores os trabalhos em que ficavaõ, reportando-ſe aos homens que nellas hiaõ que como teſtemunhas de viſta puderiaõ dar melhor relaçaõ de ſuas miſerias.

Os Achèns depois da perdiçaõ da noſſa Armada deſembarcàraõ toda a ſua gente, e artelharia em terra, e ordenáraõ ſeus vallos, fortes, e tranqueiras à ſua vontade, donde começàraõ a bater a fortaleza. Triſtaõ Vaz da Veiga que eſtava muito falto de muniçoens, naõ quiz diſpendellas em bater os vallos dos imigos, porque guardava eſſa pouca polvora que havia pera huma extrema neceſſidade, o que meteo aos imigos em grande confuſaõ, porque quando viraõ que os noſſos eſtavaõ callados, ſoſpeitàraõ que era aquillo algum ardil de guerra pera depois arrebentarem com todo o furor, como os Portuguezes coſtumavaõ fazer, mas a verdade he que Deos noſſo Senhor foy o autor daquella ſoſpeita que os Achèns tomáraõ, e que lhes moveo os peitos pera deſapreſſarem aquella fortaleza, que eſtava muy arriſcada pela falta de tudo, porque havendo dezaſete dias que tinhaõ deſembarcado, ſupitamente ſem mais occaſiaõ que a que diſſemos, ſe embarcàraõ, e ſe foraõ pera o Achém contentando-ſe da vitoria que houveraõ da noſſa Armada com que os noſſos deraõ muitas graças a Deos noſſo Senhor, porque eſtavaõ em extrema deſconfiança, e temiaõ ſua perdiçaõ, mas o Ceo acodio com ſeus coſtumadados ſoccorros, e mercès o que ſempre faz, quando menos os homens o eſperaõ. Eſta ſupita fugida deſte poderoſo barbaro ſem ver contra ſi pelouros de baſiliſcos, nem de canhoens, podemos atribuhir a Deos noſſo Senhor que por milagre evidentiſſimo livrou aquella fortaleza, e deſtes obra ſua Omnipotencia muitos cada dia ſem que os nós entendamos. Os da fortaleza vendo-ſe de ſupito deſapreſſados tornàraõ acobrar alento, e naõ tardàraõ muito as nàos de Bengala, e Pegù por quem Triſtaõ Vaz da Veiga eſperava, as

quaes trouxèraõ tantos mantimentos que ficou a terra farta, e a fortaleza provida pera muitos dias.

CAPITULO XXVIII.

Das couſas que ſuccedèraõ neſte tempo na India.

PAreceo bem ao Graõ Mogor jà que era Senhor dos Reinos de Cambaya taõ viſinhos do Eſtado da India, mandar hum Embaixador ao Governador, aſſim ao viſitar, e a tratar alguns pontos das pazes, como em confirmar as que eſtavõ feitas, e mandar trazer algumas curioſidades, e ſedas do Reino, e aſſim o deſpedio logo muito bem acompanhado, e o Governador o recebeo em ſalla grande com todos os Fidalgos, e Cidadãos principaes muito luſtroſos, e em hum eſtrado alto o recebeo em pè encoſtado a hum braço da cadeira, onde tiveraõ as praticas ordinarias de lhe preguntar pela ſaude de ElRey, e da Rainha, e de ſeus filhos, e delle Embaixador, e por ſua jornada, e o Embaixador lhe appreſentou da parte do Mogor duas cabayas muito ricas de brocado, e huma gorra de veludo guarnecida de ouro ao noſſo modo, porque ſe afeiçoou muito ao trajo dos Portuguezes, pelo que vio trazer aos noſſos que eſtavaõ em Cambaya quando elle ſenhoreou aquelle Reino, como em ſeu lugar fica dito, e aſſim logo mandou cortar muitos veſtidos, e botas, e ſe veſtio, e calçou ao noſſo modo, e ſe moſtrava muito contente, e louçaõ a todos, e tanto ſe alegrava com os noſſos trajos, que nas lembranças que eſte Embaixador trazia, lhe encomendava muitos veſtidos deſtes, eſpadas, talabartes, e tudo o mais neceſſario pera os veſtidos. Eſte Embaixador era homem muito grave, e muito lido em ſuas hiſtorias, porq̃ o viſitey algumas vezes; e o achey muito lido, e viſto nellas, e de algumas me deu muito boas informaçoens. Paſſado eſte recebimento, tornou depois o Embaixador a tratar os negocios, que trazia a cargo, e o Governador lhe diſſe, „ que fizeſſe ſeus „ apontamentos, e os dèſſe ao Secretario „ pera os ver em cõſelho, e lhe reſponder „ a elles, o que elle fez, e o Secretario os appreſentou em hum conſelho publico que pera iſſo apontou, os quaes ſe leraõ preſentes todos que eraõ quatro, e nelles ſe continha o ſeguinte.

„ Dous cartazes pera o anno ſeguin„ te de mil e quinhentos, e ſetenta e ſeis „ partirem duas nàos ſuas de Gòga pera „ Meca, e tornarem ao dito porto de „ Góga, ſem ſerem conſtrãgidas a hirem „ à fortaleza de Dio, nem a outra algu„ ma fortaleza de ElRey de Portugal.

„ Huma Proviſaõ, porque mande ao „ Capitaõ de Damaõ que lhe naõ impi„ da levar madeira daquellas terras, e „ de Balſar pera ſe fazerem as ditas duas „ nàos, e que poſſa tirar embate, que he „ arroz com caſca, daquella fortaleza, e „ da de Baçaim, e Chàul pera as ter„ ras de Cambaya o que ſeus Capitaens „ virem que he neceſſario.

„ Que ſe confirmem as pazes que eſ„ tavaõ aſſentadas pelo Viſorey Dom „ Antonio, e que pera demonſtraçaõ de „ mais amiſade, e amor lhe mandaſſe o „ Governador hum Embaixador pera „ que ſeja publico, e notorio a todos „ eſtarem jà as pazes entre elles feitas, e „ celebradas.

„ Que o Graõ Mogor offerecia por „ elle Embaixador tudo o que foſſe ne„ ceſſario de ſeus Reinos pera bem do „ Eſtado, e de ſeus moradores, e que „ haja tambem o Governador por bem, „ que o meſmo ſe lhe faça das terras, e „ fortalezas da India, e debatido tudo „ no conſelhos aſſentàraõ q̃ pera quie„ taçaõ das terras de Damaõ importava „ terem pazes com o Mogor, pois ha„ via taõ pouco viraõ o riſco em que „ eſteve aquella fortaleza quando lá „ acodio o Viſorey Dom Antonio de „ Noronha a quem ſe devia Damaõ, „ porque ſe elle là naõ fora, naõ era poſ„ ſivel

„ſivel livrarſe da potencia daquelle „barbaro, e que a eſſa conta ſe lhe havia „de conceder o que pedia, porque ſe „os cartazes foſſem em muito prejuizo „da Alfandega de Dio, o que niſſo po„dia faltar, ſe cobrava com a amiſade „do Mogor, porque muito mais ſe ha„via de gaſtar nos ſoccorros daquella „fortaleza. E que quanto ao Embai„xador pedia ſe lhe mandaſſe depois „que eſtiveſſe nas ſuas terras de aſſen„to, e que por elle lhe reſpondeſſem às „pazes de que tratava; e que o Gover„nador lhe mandaſſe por elle o preſen„te que lhe pareceſſe bem.

Aſſentado iſto deſpedio o Governador o Embaixador do Mogor muy ſatisfeito, e porque vieraõ novas que elle era jà partido pera o ſeu Reino, e que deixava hum Governador no de Cambaya, mandou a Chriſtovaõ do Couto Lingoa do Eſtado em companhia do Embaixador do Mogor a viſitallo como viſinho que ficava taõ perto de Goa em Abril deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e cinco.

CAPITULO XXIX.

Chegaõ novas ao Governador dos trabalhos em que ficava Malaca, das prevençoens que fez, e ſoccorro que lhe mandou.

EM Fevereiro deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e cinco chegàraõ ao Governador cartas de Triſtaõ Vaz da Veiga Capitaõ de Malaca, do Biſpo, e Vereadores em que lhe davaõ conta „do miſeravel eſtado em que fi„cavaõ, e de como o Achèm viera ſo„bre aquella Cidade com huma poten„te Armada, e o que lhe ſuccedera, e „de como cada dia eſperavaõ por outra „mais poderoſa que a Rainha de Japa„rà eſtava preparando pera mandar ſo„bre aquella fortaleza, e que ſem du„vida tornaria o Achém a vir ajudalla, „e que ſegundo a falta que de tudo ha„via na fortaleza correria muito riſco, „e que fizeſſem conta que perdendo-ſe „(o que Deos naõ permetiria) ſe per„dia todo o Sul, e ainda toda a India, „que daquellas partes ſe ſuſtentava. Eſtas novas ſentio o Governador muito, porque ſe lhe ſuccedeſſe algum deſaſtre naquella fortaleza ſe lhe acreſcentava a culpa de naõ aviar o Governador de Malaca como ElRey lhe mandava, e como elle queria que o Viſorey Dom Antonio de Noronha o aviaſſe a elle, e ſobre o que faria teve muitos conſelhos, nos quaes ſe aſſentou „que ſe ſoccorreſſe Malaca, como ElRey mandava „com muita preſſa, e com huma boa „Armada, e logo deſpedio o Governa„dor cartas dobradas pera as povoa„çoens de Negapataõ, e S. Thomè, „em que pedia àquelles moradores que „ſoccorreſſem aquella fortaleza com „todos os mantimentos que pudeſſem, „e que ſe lhe pagariaõ muito bem, pera o que lhe paſſou largas Proviſoens pera o Veador da fazenda, e Feitor daquella Cidade lhe fazer de todos bom pagamento „e que naõ havendo donde, ſe „lhe pagariaõ em Goa nos direitos da „Alfandega lembrando a todos, que „do contrato, e comercio daquellas „partes ſe ſuſtentavaõ, com outras obrigaçoens que lhes poz diante.

Deſpedidas eſtas cartas foy-ſe logo o Governador à Camera de Goa, e repreſentou aos principaes do povo que alli ſe ajuntàraõ „as neceſſidades em „que Malaca eſtava, que era a chave de „toda a India, e que bem viaõ o eſtado „em que eſtava por falta de dinheiro „pera aquelle ſoccorro, que lhes pedia „que pera elle lhe quizeſſem empreſtar „vinte mil pardaos naõ ſobre o cabel„lo da barba de Dom Joaõ de Caſtro „como todos fizeraõ na neceſſidade do „cerco de Dio vendendo pera iſſo ſuas „joyas, mas que lhos impreſtaſſem ſobre „ſeu filho Duarte Muniz que logo lhe „entregava, e lhe paſſaria todas as Pro„viſoens que lhe pediſſem pera lhes ſe„rem pagos na Alfandega nos direitos

„ de ſuas fazendas, ou de quaeſquer ou-
„ tras que appreſentaſſem, e que pera
„ mais ſegurança lhe hypothecava to-
„ do o dinheiro do rendimento das ter-
„ ras de Salſete que rendiaõ ſetenta mil
„ pardaos, e que deſte ſerviço que fi-
„ zeſſem a ElRey noſſo Senhor, e de
„ todos os mais que tinhaõ feitos, de
„ que elle era boa teſtemunha, faria taõ
„ particular lembrança a Sua Alteza
„ que o obrigaſſe a fazer muitas hon-
„ ras, e mercès àquella Cidade. Os
Vereadores pediraõ licença „ pera ſós
„ praticarem aquelle negocio, o que fa-
„ riaõ depois delle recolhido, e logo lhe
„ mandariaõ repoſta do q̃ ſe aſſentaſſe;
o que o Governador logo fez, e lhes ro-
gou „ que naquelle negocio do empreſ-
„ timo, o que ſe lançaſſe a cada hum ſe
„ arrecadaſſe com ſuavidade ſem ſe dar
„ oppreſſaõ ás partes. Recolhido o Go-
vernador, praticou-ſe o negocio na
Meſa, e aſſentou-ſe „ que ſe empreſtaſ-
„ ſem os vinte mil pardaos, que o Go-
„ vernador pedia, e que aſſim como o
„ foſſem ajuntando, o foſſem levando
„ ao Governador pera o apreſto da Ar-
„ mada. Deſte aſſento ſe mandou logo
recado ao Governador, o qual tratou
logo da Armada que havia de mandar
a Malaca, a que ſe deu a mayor preſſa
que pode.

Com eſte aviamento ſe foy o Gover-
nador pera a ribeyra das Armadas pera
eſtar alli mais à maõ pera ſeu aviamento,
e mandou apreſtar huma fermoſa Gal-
leaſſa, duas galez, e nove galeotas mui-
to fermoſas, e elegeo pera eſta jornada
a D. Franciſco de Menezes, que mor-
reo em Dio, ſendo Capitaõ daquella
fortaleza, o qual começou a correr com
o apreſto da Armada, e de eleger os Ca-
pitaens della com o Governador, e tanta
preſſa ſe deu, que quando foraõ vinte
dias de Abril foy o Governador deitar
eſta Armada pela barra fóra, e os Capi-
taens que nella foraõ ſaõ os ſeguintes.
Pedro Lopes Rebello em huma galè,
Diogo de Azambuja em outra, e das
Galeotas Joaõ de Mello de Sampayo,
Franciſco de Sande, Triſtaõ Gomes
Pereira, Ruy de Brito, Franciſco Zu-
zarte, Martim Affonſo de Figueiredo,
Antonio de Ataide, Mattheus Paes, e
D. Joaõ de Maluco que andava em Goa.

Com eſta Armada foy tambem Dom
Miguel de Caſtro, filho do bom Viſo-
rey D. Joaõ de Caſtro pera hir entrar
na Capitanìa de Malaca, de que veyo
provido do Reyno, e foy embarcado
na nào Santa Cruz com muy eſcolhi-
dos ſoldados que pera iſſo buſcou. Ago-
ra continuemos com as Armadas que
ſaõ fóra pera acabarmos com as couſas
deſte veraõ, e ſeja logo Fernaõ Telles.

O ſucceſſo deſtas Armadas naõ eſcreveo Diogo de Couto.

Partido D. Joaõ de Caſtro como já
diſſemos pera a coſta do Malavar, che-
gando a Barcelor, ſoube eſtar rebelde a
povoaçaõ de Gaypor, que era do Rey de
Tolar, e querendo-a caſtigar mandou
deſembarcar nella a gente de ſua Arma-
da, na qual deraõ com tanto impeto que
logo a entràraõ, e matàraõ mais de cento
e cincoenta peſſoas das q̃ ſe oppuzeraõ
à defenſaõ, e à povoaçaõ foy logo poſto
fogo em que toda ardeo, e ſe conſumio, e
dẽtro nas cazas mais de vinte mil fardos
de arroz, e outras muitas fazendas, e hum
pagode de ſua adoraçaõ que elles ſenti-
raõ muito, e lhe cortàraõ os palmares, e
deſtruiraõ as fazendas que tinhaõ por
fóra, com que aquelle Rey ficou muy
bem caſtigado, e paſſando adiante de-
fronte de Mangalor tomàraõ os navios
de ſua Armada hum parò de Malavares
com todo o ſeu recheyo, e os Mouros
foraõ metidos a banco nas galez, e che-
gando defronte do rio Combia ſoube
eſtarem dentro tres parós pera ſahirem
a roubar, e ſurgindo ſobre aquella bar-
ra, mandou pedir àquelle Rey que lhos
entregaſſe, e poſto que moſtrou niſſo
difficuldade, vendo que os noſſos ſe fa-
ziaõ preſtes pera lhe deſtruirem a po-
voaçaõ, os houve de entregar ſem os
Mouros que ſe meteraõ pela terra den-
tro, e paſſando ao rio de Chalè entrou
dentro com toda a Armada, e mandou

deſem-

desembarcar na Ilha de Camori, a qual destruiraõ de todo, e lhe cortàraõ mais de duas mil palmeiras, e algumas embarcaçoens que se acháraõ, o que foy de grande affronta pera o Camori, e passou a Còchim donde mãdou a Francisco de Mello de Sampayo cõ a sua galè, e seis fustas ao Cabo Camori a recolher as cafilas, o que elle fez com muita presteza, e tornando-se o Capitaõ mór a continuar na guerra do Malavar contra o Camori, desembarcàraõ na povoaçaõ de Paragullem, e supposto que nella achou grande resistencia foy abrazada, e assollada, e nella huma nào que estava à carga pera Meca, e dez navios mais, a cuja defensaõ acodio o Principe filho herdeiro daquelle Rey que pelejou com os nossos valerosamente, mas no fim da referta foy morto com duzentos Mouros, naõ deixando de se recolher o Capitaõ mór com alguns feridos, e chegando ao rio Capocaté vendo estar no cabo delle varado hum parò com rigeiras em terra, o mandou tirar, e acodindo muitos Mouros à defensaõ, travàraõ com os nossos huma resoada batalha taõ aceza, que naõ puderaõ elles mais aturar o dano que os nossos lhes fizeraõ, porque lhe tinhaõ já mortos trinta, se retiràraõ, e o paró foy tirado pera fóra, mas custou todavia a vida a hum, ou dous dos nossos soldados, e o sangue a muitos, e por lhe darem recado que Alvaro Paes de Sotomayor Capitaõ de Cananòr era morto, acodio là a prover aquella fortaleza de Capitaõ, e no caminho tomou huma galeota de Malavares que foraõ metidos à espada, e chegando a Monte Dely tomàraõ os da sua Armada duas galeotas, e hum paró de Cossairos, e mandou queimar a povoaçaõ de Nilaqueiraõ, e com estes feitos se recolheo a Goa no cabo do veraõ com hũa grande cafila da China, Malaca, e de outras partes.

Deixàmos as cousas de Maluco no grande castigo que Sancho de Vasconcellos deu aos do lugar de Atua, e no soccorro que o Visorey D. Antonio de Noronha lhe tinha mandado com as novas que teve da morte de Gonçalo Rereira Marramaque, que foraõ duas galeotas, huma escuza galè, hum galeaõ, e huma nào de que hia por Capitaõ Antonio de Valadares de Lacerda, e de como as galeotas foraõ arribar a Ceilaõ, e a escuza galè se foy perder em huma restinga de Quedà, e o galeaõ, e a nào chegàraõ a Malaca, e dahi na monçaõ se partiraõ por via de Borneo pera Maluco, e antes de partirem de Malaca chegáraõ Fernaõ Ortiz de Tavora, e Pedro Lopes Rebello, que se tinhaõ perdido na Nacassa. Chegou Antonio de Valadares á fortaleza de Ternate em quinze de Novembro passado de mil e quinhentos e noventa e quatro, que foy muito festejado de todos os daquella fortaleza pelas grandes necessidades em que estavaõ. D. Alvaro de Ataide Capitaõ della despedio logo o galeaõ a buscar mantimentos á fortaleza de Amboino, e a nào em que hia o Valadares lha vendeo a elle pera hir fazer a viagem de Bandà, pouco depois chegou de Malaca Francisco de Lima em huma galeota, na qual levava vinte Portuguezes que foraõ em Ternate bem recebidos pela falta que havia de gente: o Antonio de Valadares chegando a Malaca deixou alli muitas roupas, e outras fazendas pera lhe mandarem em hum junco pera com ellas hir fazer a viagem de Bandá, e quando chegou a galeota de Francisco de Lima sem o seu junco de que naõ sabia parte, tomou disso tanta pena, e paixaõ que adoeceo, e morreo em poucos dias: estava neste tempo no porto de Bandà hum Gonçalo Mendes Pinto fazẽdo aquellas viagens que eraõ de Martim Affonso de Mello Pereira por contrato que com elle tinha feito, e os Bandarezes que he gente mà, e atreiçoada tratàraõ de lhe tomarem a nào, e matallo a elle, e a todos os mais Portuguezes que com elle hiaõ, e tomaremlha com as fazendas: disto foy elle avisado, e logo se meteo na nào com todos os Portuguezes, e despedio recado a

Amboino a Sancho de Vaſconcellos que o ſoccorreſſe. Eſta traiçaõ quizeraõ os Bandarezes fazer, porque viraõ hir as couſas daquellas Ilhas de feiçaõ, que por muy certo tinhaõ que depreſſa ſe acabariaõ os Portuguezes, e queriaõ daquella vez ficar tambem aquinhoados com aquella nào, e fazendas. Chegãdo aquelle recado a Amboino ſabido o riſco em que os noſſos eſtavaõ, e que ſe aquella nào foſſe ter a mãos de inimigos acabariaõ de arruinar de todo as couſas daquellas Ilhas, logo com muita preſſa ſe embarcou em cinco corocoras, levando comſigo a galeota em que tinha hido Franciſco de Lima, que lá fora buſcar provimentos, e a Frota que havia naquella fortaleza em que hia por Capitaõ Joaõ Rebello, e quiz de caminho deſtruir o lugar de Tobò, que era do Rey, o qual eſtava na coſta de Benaor, e da ponta daquella terra forçado havia de atraveſſar a Bandà. Succedeo ter partido de Ternate Cachil Tidore Ogà irmaõ de ElRey em huma corocora muito petrechada pera hir à tomada da nào, que eſtava em Bandà por lhe terem os Bandarezes mandado recado, e aſſim foy correndo a coſta de Luzabata atè o lugar de Seiraõ, donde voltou pera dentro da coſta de Benaor, e foy-ſe meter em huma calheta na meſma praya do lugar de Tobò, que Sancho de Vaſconcellos hia caſtigar, e como chegou alli de noite deixou-ſe eſtar muito ſeguro. Succedeo hir naquella meſma noite Joaõ Rebello Capitaõ da fuſta com outras tres embarcaçoens coſteando a terra, pera de madrugada dar no lugar de Tobò, levando diante duas embarcaçoens pequenas, chamadas talhas pera deſcobridoras, que houveraõ viſta do Cachil Tidore Ogà, e ſem ſaberem o que era, voltáraõ a Joaõ Rebello, e lhe deraõ noticia della, pelo que elle mandou aos tres navios ſe fizeſſem ao mar pera que ſe lhe naõ acolheſſe, e elle foy coſteando a terra, e de madrugada houve viſta da corocora jà poſtos todos em armas: O Cachil Tidore logo q̃ ſentio aquelle navio, nomeou-ſe, e perguntou quem era, parecendolhe que eraõ amigos: Joaõ Rebello ouvindo-o nomear levantou a voz em lingua Amboina, e reſpondeolhe „ ſe vós ſois Cachil Ti-„dore, eu ſou Joaõ Rebello. Já neſte tempo as outras tres embarcaçoens hiaõ chegando, e vendo-ſe o Cachil cercado, quiz fugir, mas Joaõ Rebello o abordou, e chamando o pelo ſeu nome lhe diſſe „ que ſe meteſſe na ſua embarca-„ çaõ, e que nenhum mal lhe faria, o que elle fez porque ſe vio ſem remedio, e por ſer amigo de Joaõ Rebello que o recebeo bem, e o agaſalhou no toldo convidando-o com conſervas, e lhe pedio „ que ſe naõ agaſtaſſe que Sancho „ de Vaſconcellos era ſeu ſervidor, e „ amigo, e lhe havia de fazer muitas „ honras. A eſte tempo chegou Sancho, e Joaõ Rebello lhe entregou o Cachil que elle recebeo muito bem, e o entregou a cinco ſoldados pera que o vigiaſſem na propria corocora do Cachil ſó ſem mais gente ſua, e mandou a Joaõ Rebello que foſſe dar no lugar do Tobó com ſetenta Portuguezes, e alguns Tidores, e poſto que na entrada delle houve grande reſiſtencia, todavia foy todo deſtruido, e aſſolado. Neſta revolta tratou o Cachil Tidore de ver ſe podia fugir por eſta maneira; hia, e vinha á embarcaçaõ em que elle eſtava, hum ſeu eſcravo por nome Joaõ, com o qual ſe aconſelhou em ſegredo „ que ſe „ vieſſe de noite na embarcaçaõ peque-„ nina em que hia, e vinha remando ao „ longo da ſua corocora, e que elle ſe „ deitaria ao mar com elle. Iſto parece que ſoſpeitou hum dos Portuguezes da ſua guarda, e diſſe aos mais „ que tomaſ-„ ſem as armas aos Tidores porque lhe „ parecia que ſe queriaõ levantar; e em ſe remeçando a elles fez o meſmo o Cachil com alguns criados que alli eſtavaõ, e começou-ſe entre elles hũa grande revolta à qual acodiraõ as noſſas embarcaçoens, o que viſto pelo Cachil foy-ſe lançando ao mar, e paſſando a nado por huma embarcaçaõ em que eſtava

hum

hum pagem de Sancho de Vaſconcellos com huma partazana nas mãos, o qual lhe brádou „ que ſe meteſſe com „ elle na embarcaçaõ, e ſe naõ que o „ havia de matar, e naõ fazendo elle caſo do que o moço lhe diſſe, foy nadando por diante, e o rapaz lhe deu por detraz pelas coſtas com a partazana, e o matou, e aſſim matáraõ os ſeus todos, e de alguns que cativáraõ, ſoube Sancho de Vaſconcellos que hiaõ de ſoccorro a Bandá pera tomarem a nào, e naõ ſe querendo deter, ſe partio logo pera Bandá, e em breves dias chegou aonde a nào eſtava, com que os noſſos ſe viraõ livres do perigo, e receyo em que eſtavaõ, e entre algumas embarcaçoens que alli foraõ carregár eſtava hum junco muito grande de ElRey de Viantana, que tinha hido com hum Embaixador pera ElRey de Ternate, o qual lhe levava muita artelharia, e muniçoens contra a noſſa fortaleza, o qual Sancho de Vaſconcellos cometeo pera o tomar, mas eſtavaõ nelle tantos Mouros que lhe matáraõ cinco Portuguezes. Vendo Sancho que naõ podia render o junco, foy-ſe contra a povoaçaõ de Puloaſá junto de Bandá, e a cometeo, e tendo entrado hum forte que tinha os artilheiros da noſſa Armada, vendo andar pela praya alguns Bandarezes lhe atiràraõ algumas bombardadas, que era o ſinal que Sancho de Vaſconcellos tinha dado aos que foraõ cometer o forte, os quaes em ouvindo a noſſa artelharia largáraõ tudo, e ſe foraõ recolhendo pera a Armada, o que Sancho de Vaſconcellos ſentio em extremo, e porque a gente lhe começava a adoecer daquellas febres de Bandà que ſaõ peſtilenciaes, tornou-ſe a embarcar, e a nào de Gonçalo Mendes Pinto, e a de Antonio de Valadares mandou com muita carga de cravo, noz, e maſſa pera Malaca, e eſcreveo àquelle Capitaõ os trabalhos em que os de Ternate ficavaõ, e o galeaõ S. Chriſtovaõ mandou carregado de mantimentos pera Ternate, que lhe foy grande ſoccorro, e remedio.

Deſpedidos eſtes ſoccorros foy-ſe Sancho de Vaſconcellos pera as Ilhas de Amboino com tençaõ ſe lhe foſſe algum ſoccorro de Malaca hir cercar o lugar de Hiamaõ, porque ſe hia fazendo muito forte, e poderoſo, e aſſim foy correndo as coſtas daquellas Ilhas tomando muitas embarcaçoens aos imigos, e foy por aqui devagar por eſperar pelos juncos que haviaõ de vir de Jaoà, e andando aſſim fazendo toda a guerra que podia, foy aviſado que hum Capitaõ de ElRey de Ternate hia com huma bòa Armada em favor, e ſoccorro dos Amboinos imigos da noſſa fortaleza, o qual Capitaõ ſe chamava Maladaõ mancebo eſforçado, e atrevido, pelo que foy neceſſario ao Sancho acodir à ſua fortaleza por naõ ſer a Armada que tinha de pelejar com a que elle trazia. O Capitaõ Maladaõ vinha taõ confiado em ſeu eſforço q̃ naõ quiz trazer mais de quatro corocoras, e dizia que aquellas lhe baſtavaõ, e pelos imigos amedrentarem aos noſſos, lançàraõ fama q̃ elle trazia mayor Armada. O Sancho chegou huma manhãa à noſſa fortaleza, e o Ternate ás duas horas depois do meyo dia foy ter à praya do lugar de Roſanive duas leguas da noſſa fortaleza, e logo foy dar viſta della. O Sancho tanto que o vio embarcou-ſe à preſſa nas duas galeotas, e foy demandar o Ternate, o qual em o vendo voltou a proa, e foy-ſe acolhendo, e entendendo Sancho de Vaſconcellos que ſería eſtratagema, tornou a voltar pera a fortaleza, abicou as galeotas, e ſe fortificou muito bem, porque entendeo que o Ternate havia de vir com poder ſobre elle, e cercou a povoaçaõ que havia à roda da fortaleza com tranqueiras de madeira. O Maladaõ tanto que vio recolher a Sancho de Vaſconcellos ajuntou dez corocoras, e foy cometer o lugar de Titiray, porque era noſſo amigo, e cometeo o forte em que eſtava hum ſoldado Portuguez com alguns Amboinos Chriſtãos, o qual tinha dous berços com que pelejou taõ valeroſamente que quaſi o desbaratou,

matan-

matandolhe muita gente, pelo que foy neceſſario ao Ternate acolherſe fugindo, o que viſto pelos Amboinos lhe ſahiraõ alguns mancebos muito esforçados, e os foraõ eſperar em huns paſſos eſtreitos, e difficultoſos, onde Maladaõ, e hum primo ſeu foraõ mortos, e os Amboinos lhes tomàraõ as armas, cortàraõ as cabeças, e os corpos de todos os mortos comeraõ depois, por ſer ſeu coſtume comerem todos os que mataõ na guerra. Eſtas novas ſe levàraõ a Sancho de Vaſconcellos que elle feſtejou com grande alegria por ſe ver aliviado daquelle imigo.

CAPITULO XXX.

Vay Sancho de Vaſconcellos cercar o lugar de Hiamaõ, e o que lhe ſuccedeo.

VEndo Sancho de Vaſconcellos a merçê que Deos lhe fizera na morte daquelle Ternate, naõ deſiſtio da empreza de Hiamaõ, porque os viſinhos amigos, e confederados lhe pediraõ „ que os deſtruhiſſe, porque eſtava jà „ muy poderoſo, e ſe diſſimulaſſe „ com elle ſe poderia vir a fazer Senhor „ daquelles lugares, e pera aquella jornada lhe offerecèraõ parte da deſpeza, porque ſe em algum tempo ſe podia fazer aquelle negocio era neſte, em que elles eſtavaõ quebrantados com a morte de Maladaõ, em que elles tinhaõ ſua guedelha, e que de Ternate lhe naõ podia vir taõ depreſſa ſoccorro, porque naõ ſabiaõ ainda da perda do ſeu Capitaõ. Foy eſte lugar de Hiamaõ muito amigo dos Portuguezes, e jà nelle houve Igrejas em que reſidiaõ Padres da Companhia, e a cauſa de agora eſtarem taõ rebelados naſceo do Reboangè pera que lhe tornaſſe os que tinha cativos da embarcaçaõ de Simaõ de Abreu, o que elles fizeraõ, e ficàraõ daquella obra confederados com os Ternates, mas naõ de maneira que fizeſſem mal aos Portuguezes que alli viviaõ, ſómente deſmanchàraõ a Igreja, e deſta amiſade fizeraõ ſabedor a Sancho de Vaſconcellos, e que nũca deixàraõ de ſerem amigos dos Portuguezes, mas com condiçaõ que os defendeſſem dos Ternates ao que lhe elle naõ reſpondeo. Os Ulates como eraõ viſinhos deſte lugar, e muito amigos dos noſſos receàraõ que por cauſa dos Hiamãos, de que naõ eraõ amigos, os Ternates os deſtruhiſſem, pelo que pediraõ a Sancho de Vaſconcellos „ hum „ Capitaõ Portuguez com alguns ſol- „ dados pera eſtarem com elles, e os de- „ fenderem quando lhes foſſe neceſſario, o que elle lhes concedeo, e lhes deu hum Alexandre de Matos, aſſim por ſer homem muito esforçado, como por ter cabedal pera poder ſuſtentar quinze ſoldados que lhe deu, o qual como ſe vio naquelle lugar, quiz logo capitanear, e mandou recado aos Hiamãos „ que „ negaſſem a obediencia aos Ternates, „ ſe naõ que os havia de caſtigar, ao que „ elles lhe reſpondèraõ que aſſim o fa- „ riaõ ſe elle ſe obrigaſſe aos defender „ dos Ternates. Diſſimulou o Alexandre de Matos, e cõvocou a ſi outros Portuguezes que eſtavaõ eſpalhados pelas Ilhas viſinhas, que ſeriaõ dez com que fez vinte e cinco, e com ſeiſcentos Amboinos hum dia ſem ſe temerem os Hiamãos de tal, foy dar nelles, e lhes entràraõ a povoaçaõ, e mataràraõ muita gente, e levàraõ muita fazenda. Diſto fizeraõ aquelles moradores a Sancho de Vaſconcellos varias queixas ſem elle fazer alguma demonſtraçaõ de amiſade, mas antes eſcrevendo huma carta ao Alexandre de Matos lhe fez grandes gabos, e lhe deu nella os agradecimentos do que fizera. Diſto que os Hiamãos ſouberaõ, ficáraõ taõ eſcandalizados que logo ſe confederáraõ cõ os Sororocoros, e Buros, e os metèraõ no ſeu lugar, porque entendèraõ que Alexandre de Matos com a cobiça das prezas que levou, havia de tornar a buſcar mais, no que ſe naõ enganàraõ, porque dalli a poucos dias tornàraõ os noſſos ſobre elles, e huma madrugada cometèraõ as tranqueiras,

mas

mas os Hiamãos com os que tinhaõ convocados lhes ſahiraõ,e dando nos noſſos lhes matàraõ logo dous, e os mais deſemparàraõ tudo, e ſe foraõ acolhendo apreſſados, ficando detraz de todos Alexandre de Matos com quatro Portuguezes, com os quaes os Hiamãos apertáraõ de modo que os matàraõ, e o meſmo fizeraõ ao irmaõ do Pate de Atuà com dez, ou doze parentes que foraõ com os noſſos. Deſte negocio ficàraõ os Hiamãos inimiciſſimos dos noſſos, e o que foy peyor que os lugares viſinhos amigos, e confederados da noſſa fortaleza ficáraõ cobrando taõ grande medo aos Hiamãos, que naõ havia couſa que os quietaſſe, e os Ulates eſtiveraõ de todo pera largarem o ſeu lugar, e hirem-ſe pera a fortaleza, ſe naõ fora hum Portuguez caſado que alli ſe achou,que teve maõ nelles,e os confortou, e animou, e aviſou a Sancho de Vaſconcellos, pedindolhe os viſitaſſe, e ſoccorreſſe, e deu ordem pera ſe vigiar aquelle lugar, e com oito Portuguezes que ficàraõ ſe puzeraõ em vigias pera ſe defenderem em caſo que lhe foſſe neceſſario. Os Hiamãos ficàraõ taõ ſoberbos que todos os dias hiaõ ao pè das tranqueiras a fazerem aos noſſos grandes algazaras, e grandes affrontas ſem elles ouſarem a lhe ſahir.

Sancho de Vaſconcellos ſabendo o caſo mandou hum tio de ElRey de Tidore, chamado D. Henrique, grande cavalleiro pera que os foſſe ſoccorrer, que he aquelle que foy morto em Malaca em ſerviço de ElRey de Portugal, como ſe dirà em ſeu lugar. Eſte foy àquelle negocio com huma copia de gente, e eſtando na tranqueira com os noſſos, foraõ os Hiamãos com grandes carrancas cometer os lugares, aos quaes ſahio o D. Henrique com todos os que tinha em ſua companhia, e com tamanho impeto, e força deraõ nelles que os desbaratàraõ, ſendo elles mais de dous mil, e os da noſſa parte duzentos e cincoenta, e affirmàraõ os noſſos que alli ſe achàraõ, que hum Atuá da noſſa parte, chamado Monè matàra por ſua maõ mais de vinte e cinco, e outro chamado Papuà Caſtanhorè matára mais de trinta, e que eſtes dous homens eraõ quaſi agigantados, taõ grandes cavalleiros, e de tantas forças, que todos os daquella Ilha os temiaõ. O Sancho depois de deſpedir a D. Henrique ſe fez preſtes, e partio com toda a ſua Armada em ſoccorro dos Ulates, e tomando a gente q̃ là eſtava, foy contra o lugar de Amaõ, e chegando à ſua praya, a todas as ſuas embarcaçoens que achou mandou pôr fogo, e deſembarcando em terra ordenou em o lugar que lhe melhor pareceo hum forte com ſuas tranqueiras pera dalli bater os inimigos, e ſabendo que os Hiamãos tinhaõ feito duas corocoras muito fermoſas, dalli hum quarto de legua pela terra dentro, e marchando por hum tezo acima foy atè a parte onde as corocoras eſtavaõ ainda por acabar, e querendolhe pôr o fogo naõ pode, porque foy aviſado que os imigos eſtavaõ jà em filada eſperando por elles, como em effeito foy, porque em Sancho de Vaſconcellos voltando pera a praya lhe ſahiraõ elles em hum paſſo eſtreito, e Joaõ Rebello que hia na dianteira em os vendo gritou a Sancho de Vaſconcellos que hia na retaguarda q̃ voltaſſe pera o tezo, o que elle fez hindo-o encaminhando Joaõ Rebello, o que foy caſo de todos eſcaparem da morte. Sancho de Vaſconcellos quando ſe vio em cima remeteo a hum eſquadraõ de imigos que o ſeguiaõ, hum dos quaes endireitou com elle encarando a eſpingarda no roſto, e lhe diſſe: „ Ah „ Capitaõ hoje vos heide matar, e no meſmo tempo diſparou a eſpingarda, e quiz Deos que foy o tiro por alto, e com a furia rebentou a coronha de pào da eſpingarda, e foy dar por huma coixa a Sancho de Vaſconcellos, que ſe houve por morto, parecendolhe que a aſtilha da coronha era pelouro, e todavia remetendo com o que lhe tirou (que lhe voltou as coſtas) o foy ſeguindo, e o alcançou com huma geneta que o varou,

rou, e lhe cortou a cabeça. Joaõ Rebello pelejou na dianteira com tanto furor, que quando Sancho lhe acodio, jà naõ tinha folgo, e com ſua chegada ſe recolheraõ os imigos, e ſe elle naõ viera, perecera alli Joaõ Rebello, e com iſto tiveraõ os noſſos tempo de ſe hirem recolhendo pera a praya, levando Joaõ Rebello a retaguarda, e chegando ás tranqueiras deſcançàraõ, e todavia Sancho de Vaſconcellos determinou de naõ largar aquella empreza, e cometeo a entrada do lugar por vezes, ſem nunca o poder entrar, e inſiſtindo niſſo tornou a cometer as tranqueiras, e as entràraõ, e o primeiro que ſe poz em cima foy hum filho do Regedor das Relaçoens, o qual matáraõ de huma eſpingardada que lhe deraõ pela cabeça, e quando cahio eſtava junto delle hum parente ſeu por nome Franciſco, homem de grãdes forças, o qual vendo-o cahir lhe pegou por huma perna pera o lançar às coſtas, e o levar como fez, e hindo com elle lhe tiràraõ com hum chichorro, com que o varáraõ, e aſſim cahio morto debaixo do outro que levava às coſtas, e ao cahir lhe ouviraõ os noſſos chamar tres vezes pelo nome de Jeſu, e aſſim ſe cumprio huma profecia do Bemaventurado Padre S. Franciſco Xavier que o bautizou, e acabando o acto do bautiſmo lhe diſſe: *Que viveſſe confiado nas miſericordias de Deos, que quando acabaſſe, havia de ſer com o nome de Jeſu na boca.*

Eſtando Sancho de Vaſconcellos neſte trabalho lhe chegàraõ cartas de Ternate do aperto em que aquella fortaleza eſtava, em que lhe pediaõ os ſoccorreſſe com mantimentos, porque pereciaõ de fóme, com o que largou tudo, e ſe foy pera Amboino, onde achou o galeaõ de que foy por Capitaõ Franciſco de Lima a buſcar mantimentos que lhe Sancho de Vaſconcellos deu em abaſtança, e o deſpedio em breves dias, e elle ordenou a fortaleza de pedra, e cal com conſentimento dos vizinhos, e a mudou hum pouco afaſtada da velha, porque eſtava entre dous padraſtos, e pera que a obra creſceſſe todo o dia, aſſiſtia nella em peſſoa, e nella jantava, e dormia a ſeſta, e como os Amboinos ſaõ maliſſimos, e atraiçoados, tratàraõ de o matarem pelo temerem muito, e por verem que muitas vezes ficava ſó, e tambem porque ſabiaõ que ſe aquella fortaleza ſe acabaſſe de todo, haviaõ de ſer todos ſopeados, pelo que encomendàraõ eſte negocio a hum Chriſtaõ, chamado Coſta Arſem por ſer muito atrevido, o qual vendo hum dia a Sancho de Vaſconcellos ſó, remeteo a elle com huma Tomàra, que he huma arma cruel, e todavia naõ foy taõ preſtes, que Sancho de Vaſconcellos naõ tiveſſe tempo de ſe levantar com huma adaga na maõ, com a qual ſe abalançou a elle, e lha meteo pelo peſcoço de que lhe cahio aos pès, ſem que Sancho de Vaſconcellos pudeſſe ſoſpeitar donde aquella maldade nacera, antes cuidou que lhe dera a dor, e ſe fizera amouco, como cada hora neſta gente ſuccede, e vendo os conjurados que lhe eſcapàra daquella, ordenàraõ de o matarem deſcubertamente, e a todos os Portuguezes, e fizeraõ cabeça deſta conjuraçaõ a Pate de Soya, o qual tambem convocou o Pate Daló ſeu cunhado, o qual naõ ſó ſe naõ quiz achar naquelle caſo, mas teve modo cõ que aviſou aos Padres da Companhia, e o Padre Jeronymo Rodrigues ſe embarcou logo a toda apreſſa em huma almadia, e foy a fortaleza nova onde Sancho de Vaſconcellos andava, e o levou comſigo pera a velha onde lhe deſcobrio a conjuraçaõ, e melhor o Pate Daló que foy ter alli com elle, e diſſimulando Sancho de Vaſconcellos o caſo mandou chamar os moradores dos lugares dos Atires, e Tavires que eraõ os viſinhos da fortaleza, e lhes diſſe que tomaſſem as armas, porque era aviſado que eraõ entrados naquella Ilha duzentos Ternates, e juntos com elle foraõ todos pera a fortaleza nova onde os da conjuraçaõ eſtavaõ lançados em ſilada, os quaes tiveraõ logo rebate da hida do Sancho, e todavia ainda os noſſos lhe matàraõ

huns

huns poucos, e os conjurados ſe auzentàraõ, e Sancho de Vaſcoucellos dalli em diante ficou tendo mais reſguardo em ſi.

O lugar de Roſanive he o mayor de toda aquella Ilha, cuja cabeça era hum Chriſtaõ, chamado Ruy de Souſa, homem prudente, e o mais rico de todos, o qual imaginou Sancho de Vaſconcellos que naõ podia deixar de ſer ſabedor daquella traiçaõ, e que dera toda a traça pera ella, e com eſta ſoſpeita o mandou chamar o meſmo dia que iſto ſuccedeo por Antonio Lopes de Rezende Feitor de Amboino que era grande ſeu amigo, e compadre, como tambem o era Sancho de Vaſconcellos, e os Padres da Companhia, com quem parece que o Capitaõ communicou o que queria fazer, eſcrevèraõ logo ao Padre Fernaõ Alvares de Caſtello-branco que reſidia em Roſanive, que logo ſe foſſe pera a fortaleza, porque importava muito, o que elle fez. O Ruy de Souſa em lhe dando o Feitor o recado do Capitaõ logo ſe foy com elle, e levou hum ſeu filho com elle: Sancho de Vaſconcellos o recebeo bem, e lhe fez gaſalhados, porque como eſte homem tinha tantas poſſes determinou de o grangear, e fazello da ſua parte, que eſta foy a tençaõ cõ q̃ o mandou chamar. O Ruy de Souſa na pratica q̃ teve com o Capitaõ lhe diſſe „ que os Regedores do lugar de Pu„ ta lhe urdiraõ aquella traiçaõ, e que „ ſe elle ſe quizeſſe ſatisfazer delles, lhe „ dèſſe vinte Portuguezes que com el„ les, e a gente de ſeu lugar ſe obriga„ va aos deſtruhir a todos, e que lhe af„ firmava que os outros lugares, que elle „ ſoſpeitava, naõ tiveraõ diſſo noticia. Os Padres da Companhia que alli eſtavaõ, e alguns Portuguezes requereraõ ao Capitaõ q̃ prendeſſe a Ruy de Souſa, o que o Capitaõ de nenhum modo queria fazer, mas inſiſtiraõ tanto todos naquelle negocio que ſe naõ pode valer, e bem contra ſeu goſto lhe mandou lançar huma grande adoba, o que elle ſentio tanto, que logo diſſe „ que todas as „ honras que os Portuguezes ſempre „ lhe fizeraõ, naõ chegàraõ todas àquel„ la affronta; e as peſſoas de melhor conhecimento aconſelháraõ ao Capitaõ „ que o bom ſeria naõ no ſoltarem nun„ ca, porque tinhaõ por ſem duvida q̃ „ o prenderaõ innocentemente, e que „ naõ fora comprehendido na traiçaõ, e „ que era força que elle trataſſe de algũ „ modo de ſe vingar daquella affronta; e aſſim como foy mal prezo, aſſim permittio Deos que he juſto Juiz, que elle fugiſſe da prizaõ em que eſtava, tendo o Capitaõ conhecido que fizera naquillo injuſtiça, e por ſem duvida tenho q̃ nunca os Viſoreis, nem Capitaens a fariaõ, ſe naõ foraõ os induzidores dos males, que ſaõ mais certos que os dos bens; e ſuppoſto que neſte negocio entraſſem Padres da Companhia, de quem ſe naõ pòde preſumir o fizeſſem por mal, bem poderia ſer que foſſem mal informados, e ſó ſe lhes poderia dar culpa de crerem os mal intencionados, que ſempre por reſpeitos particulares aconſelhaõ, e perſuadem o mal. Sancho de Vaſconcellos tanto que prendeo a Ruy de Souſa, logo mandou recado aos Roſanives „ que ſe queriaõ que lho ſoltaſ„ ſem, lhe mandaſſem ſua mulher, e fi„ lhos em refens, do que elles zombà„ raõ, e reſponderaõ que entre elles naõ „ faltavaõ homens que os pudeſſem go„ vernar, e logo lhe deraõ em caſa ao Ruy de Souſa, e o roubàraõ de quanto nella tinha. Feito iſto convocàraõ os lugares vizinhos, e fizeraõ huma liga contra a noſſa fortaleza, da qual ſe temeo o Pate Dalò, e receando que lhe foſſem deſtruir o lugar, pedio a Sancho de Vaſconcellos alguma ajuda contra elles, o qual lhe deu dez Portuguezes, e com elles, e com a ſua gente ſe fortificàraõ muito bem.

Os conjurados depois que juntàraõ ſeu poder ſe foraõ ao lugar de Varenulla, onde eſtavaõ ſeis juncos de Jàos ſeus amigos, aos quaes pediraõ lhes dèſſem cem homens pera os ajudarem, com os quaes, e com mais dous mil que elles leva-

levavaõ, partiraõ dalli por terra pera o lugar de Bagoella, no qual eſtavaõ vinte Portuguezes, e por Capitaõ delles Antonio Vilhegas, e porque ſouberaõ que eſtavaõ muito fortes, paſſáraõ ao lugar de Aló, que ſeria mea legua da noſſa fortaleza ſem ſerem ſentidos, nem viſtos mais que de hum peſcador, e com muito ſilencio cometeraõ a entrada do lugar, e o entràraõ. Eſtava naquelle tempo o Pate Dalò jugando o Xadrez com hum Portuguez chamado Joaõ de Mello homem Fidalgo, e ſentindo a revolta, levantou-ſe depreſſa, e chamou pelos ſeus que logo lhe acodiraõ com armas: os que entràraõ no lugar ſeriaõ menos de vinte, os quaes logo ſe tornàraõ a ſahir vendo que eraõ ſentidos: os noſſos com os naturaes acodiraõ às eſtancias pera ſe defenderem, e foy a tempo que os imigos ſe hiaõ recolhendo, nos quaes foraõ dando, e matàraõ dous dos principaes, e os mais foraõ fogindo pera onde os da liga eſtavaõ emboſcados em hum valle, e como os imigos entendiaõ que os Alòs haviaõ de acodir, deixàraõ algumas peſſoas eſcondidas em huma horta muito freſca com humas caſas novas que eſtavaõ aõ pè da noſſa tranqueira, e as caſas dos arrabaldes eſtavaõ dalli muito perto, e tanto que os noſſos ſahiraõ fóra que entràraõ pelos arrabaldes que eraõ de caſas de palha, deraõ-lhe os imigos fogo da parte donde ventava o vento, o qual como era rijo começou a arder toda a povoaçaõ, e cõ aquella furia ſaltou nas guaritas do forte, e ardeu tudo ſem o Pate Dalò q̃ com os noſſos eſtava querer fogir ao fogo, do qual os noſſos Portuguezes ſe foraõ recolhendo pera hum terreiro que eſtava fóra da povoaçaõ, onde eſtava huma Cruz, no qual o fumo q̃ cobria os ares os affogou, e alli os achàraõ os imigos mortos ſem final de queimadura, nem nos corpos, nem nos fatos, e foraõ buſcar os mais, pelos quaes fizeraõ tantas diligencias atè que os achàraõ metidos em huma cova em que ſe eſcondèraõ, onde os matàraõ como ovelhas, e lhes cortàraõ as cabeças. O peſcador, que vio entrar o lugar, foy dar rebate a Sancho de Vaſconcellos, o qual juntou vinte Portuguezes, e alguns naturaes da terra, e foy caminhando por terra pera o lugar de Aló, e pelo caminho foy encontrando muita gente da noſſa que hia fogindo pera a fortaleza, os quaes tornou a levar comſigo, e delles ſoube a morte dos noſſos que ſentio em extremo, e chegando ao lugar de Aló achou os da conjuraçaõ, e remetendo a elles travàraõ huma boa batalha em que matàraõ alguns dos imigos, e os mais ſe puzeraõ em fogida, e deixando-os hir, entrou no lugar, e achou ainda os mortos ao pè da Cruz, e os mandou levar pera a fortaleza onde lhe dèraõ ſepultura, e achou ainda a artelharia que naõ tiveraõ tempo de a levarem, e porque o filho do Pate Dalò acodio alli, Sancho de Vaſconcellos o conſolou da morte do pay, e lhe entregou a fortaleza pera a governar.

CAPITULO XXXI.

De como ſe perdeo o galeaõ de Belchior Botelho que hia pera Maluco, e onde.

PArtio o galeaõ em que hia Belchior Botelho com o ſoccorro de Maluco, no qual tambem hia Nuno Pereira de Lacerda que era provido naquella Capitanìa de Ternate, e depois que em Malaca ſe reformou, e partio por via de Borneo, ao diante daquella Ilha ſe foy perder nos baixos chamados Solocos onde encalhou, e logo ſe meteo a gente no batel, e o deixàraõ, que ſe fizeraõ diligencia, pudera muy bem ſer, e certo he que facilmente o puderaõ tirar, e tanto foy iſto certo, que os Borneos acodiraõ logo a elle, e o achàraõ inteiro, e lhe tiràraõ toda a fazenda, e achàraõ ainda nelle hũa Jaoà velha q̃ hia de Malaca que foy levada a Borneo, e depois tornou a paſſar a Malaca, e depois deu relaçaõ de toda eſta jornada, e

da

da a gente do galeaõ,que ſalvou no batel, foraõ 70. Portuguezes, e por todo o caminho foraõ accometidos de muitas embarcaçoens,com quem peleijaraõ, e ſempre lhe mataraõ alguns companheiros; aſſim chegaraõ perdidos com infinitos riſcos, e trabalhos às Ilhas de Celebes, onde os naturaes os agazalharaõ, e lhe deraõ de comer: tudo iſto fizeraõ, porque os ajudaraõ contra huns viſinhos, com quem eſtavaõ em guerra, o que elles fizeraõ, mandando Belchior Botelho 30. companheiros àquelle negocio,ficando com elles dez, por ſerem outros mortos,e ainda deſtes neſta jornada mataraõ aquelles inimigos vinte, e os dez tornaraõ bem maltratados: eſtando aſſim,lhes deraõ a noticia, que em outro porto ahi perto eſtava hum galeaõ noſſo, que hia para Maluco, pelo que ſe foraõ em buſca delle; e vendo, que era o galeaõ, Saõ Chriſtovaõ, de que era Capitaõ Franciſco de Lima,que,como diſſemos atraz, Sancho havia mandado com provimentos a Ternàte: os do galeaõ em os vendo os agazalharaõ com muyta humanidade, e delles ſouberaõ ſua perdiçaõ, e trabalhos: ahi ſe proveraõ de algumas couſas, e ſe partiraõ para Ternàte, onde chegaraõ, e acharaõ os noſſos em tal extremo de fóme, que jà comiaõ cevadilhas da terra, e outras couſas prejudiciaes à ſaude: foraõ todos agazalhados na fortaleza com o que traziaõ. Dom Alvaro entregou logo a ſortaleza a Nuno Pereyra, e ſe recolheo para o galeaõ, S. Chriſtovaõ para hir nelle buſcar alguns provimentos, por ſer aquelle Rey muito ſeu amigo; o que ſabido pelos Ternàtes, determinaraõ queimar o galeaõ para acabarem de pôr os noſſos na ultima deſeſperaçaõ, aſſim para os obrigar a entregar a fortaleza, como por naõ ſe confederarem com o Rey de Tidore em ſeu dano.

Aſſentado iſto entre todos,encarregaraõ deſte negocio ao Reboange, e lhe ordenaraõ tudo o preciſo de gente, e muniçoens; mas por ſe naõ atreverem a accometer o galeaõ,trataraõ de o queimar; porque eſtava junto ao Recife, e ſurto aonde lhe podiaõ lançar balſas de fogo, as quaes logo ſe ordenaraõ. Dom Alvaro de Atayde, eſtava no galeaõ com alguns cõpanheiros para o defenderem. Reboange, tanto que teve ordenadas as jangadas, e balſas de ſogo mandoulhes dar toa, e foy accometter o galeaõ. Dom Alvaro eſtava jà advertido daquellas maquinas, e tinha ordenado deitar as entenas pela borda fóra por naõ poderem as jangadas abordallos; e pela poppa vinha o batel com homens de recado, e muytas aſteas com eſtropalhos molhados para deſviarem as jangadas, e ſe meterem para o Reboange: foy-ſe chegando com a enchente da marè, e ſendo jà perto, déraõ fogo ás jangadas, que hiaõ liadas de duas em duas, as quaes começaraõ a arder com grande braboſidade, e toda a Armada ſe pôs a bater o galeaõ com grande eſtrondo, e elle deſcarregou nella a ſua furia:as jangadas quiz Deos, que com a marè ſe foraõ deſviando do galeaõ até, que remeſſaraõ no Recife; ſómente duas foraõ em direitura pela proa do galeaõ. Hum homem atrevido ſe lançou ao mar com hum traçado na maõ, e chegando aſſim a nado às jangadas, lhe cortou as cordas, com que hiaõ amarradas; entaõ ſe apartaraõ, e cada huma foy paſſando de longo, e foraõ-ſe tambem desfazer no Recife: a bateria, foy-ſe continuando; e como a Armada imiga era muyta, deſtroçoulhe a artelharia do galeaõ muytas dellas, e ainda a em que o Reboange hia, pelo q̃ lhe foy forçado recolherſe ſem fazer dano algum, e ſó mataraõ hum Heſpanhol, e feriraõ dous Portuguezes.

Poucos dias depoisdiſto, eſtando eſte galeaõ jà preſte para ſe partir para Tidore, e Dom Alvaro de Atayde nelle, levantou-ſe huma tormenta do Sudueſte taõ forte, e rija, e os mares ſe alte-

teraraõ de feiçaõ, que com o trapear do galeaõ ſe lhe trincaraõ todas as amarras, e elle foy à cacea atè encalhar no Recife, que era de pedra, onde ſe desfez, e os noſſos, que nelle eſtavaõ ſe ſalvaraõ, alguns a nado, e outros nas embarcaçoens, que eſtavaõ abordo, e D. Alvaro de Atayde eſcapou milagroſamente, e eſſe pouco, que tinha tirado da fortaleza, ahi ſe acabou; e certo, que ſaõ muito para conſiderar as couſas deſte fidalgo, que era muito bom homem, porque nenhuma vez ſe embarcou, que ſenaõ perdeſſe. Vindo de Portugal foy encalhar nos baxos de Pezo dos banhos, aqui nas Ilhas de Maluco, onde ſe perdeo duas vezes; e indo para o Reyno, ſe tornou a perder nos meſmos baxos de Pezo dos banhos, e ſe ſalvou em huma embarcação, que de ambas as vezes fizerão aqui. Todos os tres annos, que eſteve neſta fortaleza, teve guerras continuas, fomes crueis, trabalhos encapellados, perdiçoens a cada paſſo, de maneira, que podia dizer, que veyo entrar na fortaleza, naõ para enriquecer nella, ſenaõ para padecer todas as miſerias da vida, e experimentar os caſtigos, que Deos Noſſo Senhor foy dando àquella fortaleza; porque, depois que nella mataraõ aquelle Rey, ſem nunca fazerem juſtiça a ſeus filhos, que ſempre a requererão, até que ſe entregou, o que lhe ſoccedeo no Reyno, que foraõ cinco annos, tudo o que nella ſe vio foraõ deſaventuras, e caſtigos dos ſeus; porque ſeis, ou ſete galeoens, que lhe foraõ com provimentos, todos ſe perderaõ: por lá acabou Gonçalo Pereira Marraõ, com huma taõ poderoſa armada, ſem della eſcapar huma taboa: por lá morreraõ mais de dous mil homens, tanta artelharia, e fazenda, e ſe paſſaraõ tantas miſerias, que naõ he poſſivel poderem-ſe cõtar. Em fim, veyo Deos N. Senhor a fazer juſtiça, que os noſſos Reys naõ fizeraõ do matador do innocente, como era uſo da India, e acabar as criſadas a Jaós de crueliſſimos: e pode ſer, que parte dos caſtigos de Portugal, e perdiçoens de Africa procedeſſem daqui, e que os que hoje padecemos na India com a vida deſtes rebeldes, (couſa que nunca ſe imaginou) tambem daqui vieſſem; porque Deos Noſſo Senhor nunca deixou de caſtigar culpas, e algumas vezes ſe diſſimula, he para mòr damno, como aqui ſoccedeo, porque os Caſtigos, que nos deu neſte negocio, foraõ os mayores, que a India até agora padeceo, e praza a elle, que naõ vaõ mais por diante. Os noſſos da fortaleza com a perda deſte Galeaõ ficaraõ os mais miſeraveis homens da vida, em tal eſtado, que até os ſeus proprios inimigos ſe compadeciaõ delles, porque na terra naõ tinhaõ donde ſe valer, do mar, que era ſoccorro da India, ou de Malaca, hiaõ-lhes faltando, porque eſtavaõ em fim de Novembro, e a monçaõ, em que lhe havia de chegar alguma couſa, era até os quinze, o mais tardar; e já na fortaleza naõ havia couſa, de que ſe pudeſſem ſuſtentar nem dous dias: de todas as partes miſerias, e deſconfianças; as armas continuadamente nas mãos, os olhos nos Ceos, donde naõ viaõ ſenaõ caſtigos; e em fim, vieraõ a deſconfiar de ſeu remedio de todo haverſe perdido. O Rey de Ternate era por momentos aviſado de todos aquelles malles, e parece, que lhe diſſe o diabo, que vinha huma nao com provimentos dahi algumas legoas com calmaria, que tambem era caſtigo do Ceo, pelo que determinou antes de concluir com os noſſos; os quaes naõ queriaõ mais, que ſalvar as vidas, e trataraõ algum concerto com aquelle Rey, que folgou muito de lho mandarem cometer, e lhes mandou dizer, que ſe lhe entregaſſem dentro de vinte, e quatro horas aquella fortaleza, lhes daria as vidas a todos, e conſentiria, que ficaſſem os que quizeſſem. Os Padres da Companhia lhes fizeraõ requerimentos da parte de Deos, que ſe entregaſſem, ſenaõ, que dariaõ

conta

conta a Deos dos damnos, que diſſo ſoccedeſſe, e dos que apontaſſem, tomando o imigo aquella fortaleza por força aoRey,com condiçaõ de os pôr fóra; dentro nas vinte e quatro horas ſe reſolveraõ a entregar a fortaleza ao Rey, com condiçaõ, que lhe daria embarcaçoens para ſe paſſarem a Amboino, e que todas as vezes, que ElRey lhe fizeſſe juſtiça de quem lhe matara ſeu pay, a tornaria a entregar. Neſtes concertos andou Henrique de Lima, até que veyo aos concluir, de que ſe fizeraõ autos, papeis aſſignados por ElRey, e ſeus irmãos; e logo ſe foy ElRey para a porta da fortaleza, e os de dentro ſe ſahiraõ della, e ElRey os conſolou, e animou; e entrando logo dentro, mandou por hum Tabaliaõ fazer entrega da fortaleza, e hum auto, no qual ſe obrigou aquelle Rey a tornalla a entregar aos Capitaens delRey dePortugal,todas as vezes,q̃ lhe fizeſſe juſtiça do matador de ſeu pay, no qual auto ſe fez inventario da artelharia, que com a fortaleza recebia, e mandou ElRey accreſcentar mais, que elle recebia a artelharia della, como olheiro delRey de Portugal até elle o ſatisfazer, e que mandaria à India a tratar com o Governador de ſua juſtiça, no qual auto ſe aſſignou ElRey com ſeus irmãos, e Regedores, e aſſim ficou aquelle Rey de poſſe daquella fortaleza, e vimos em taõ poucos annos entregarſe eſta, e a de Challi aos inimigos, por falta de mantimentos, e naõ vimos caſtigar ElRey aos Governadores pelo pouco cuidado, que tem de todas, e ſeus provimentos, porque algumas deſtas eſtaõ em eſtado,que as naõ tomaõ os inimigos, porque naõ querem. Como ſaõ as de Cananor, Bauchor, Mangalor, Honor, que todas eſtaõ rotas, e mal providas, e a Deos deixemos iſto, vamos continuando com a hiſtoria.

Entregue aquelle Rey da miſeravel fortaleza, recolheraõ-ſe os noſſos nas caſas dos Padres da Companhia, onde ElRey os mandou prover muito bem, e havendo tres dias, que iſto era paſſado,quando appareceo huma nao muito fermoſa, que hia de Malaca com muitos provimentos, a qual viſta foy para todos de mòr deſconſolaçaõ, que a viſta da fortaleza; porque bem entenderaõ, que aquella tardada fora para ſeu caſtigo, e naõ veyo ſurgir no porto donde logo teve recado, do que era paſſado. Vinha por Capitaõ della Leonel de Brito, filho de Mem de Brito, aquelle que Dom Antonio de Vaſconcellos, ſenhor deMafra,filho do Conde de Penella matou por huns amores, que teve com huma parenta ſua,no qual caſo ſenaõ falou, por dizerem, que ElRey D. Joaõ mandara a Dom Antonio para Lisboa temendo-ſe dos parentes de Mem de Brito, e trazer comſigo muita gente; e algumas vezes a encontrar no caminho por onde hia eſte Leonel de Brito, e outro ſeu irmão menino, ambos em huma mulla para aeſcolla. Eſte Leonel de Brito ſerviceveo a India, onde foy deſpachado, e vinha com eſte ſoccorro, e ſabendo elle da entrega da fortaleza, ſentio muito, e teve logo recado delRey, e dos noſſos, que podia deſembarcar ſeguramente, como elle fez; e ElRey o recebeo muito bem, e lhe diſſe, que mandaſſe deſembarcar as fazendas, e as recolheſſe, e fizeſſe ſua carga taõ livremente, como ſe aquella fortaleza foſſe delRey de Portugal, cuja era, o que ſe fez, e poz toda em terra em caſas, ſem lhe bolirem em couſa alguma; ſó das moniçoens lhe mandou ElRey tomar algumas, que eraõ para defeza da fortaleza, que era do ſeu Rey. Aſſim ficou o Galeaõ até o tempo de carregar, e comprou-ſe o cravo com as fazendas pelo preço ordinario, ſem haver alteraçaõ; e como foy tempo de partir, ſe embarcou nelle Belchior Botelho, Dom Alvaro de Atayde, a quem ElRey fez merce de huma copia de cravo, e Nuno Pereira de Lacerda, e os mais que quizeraõ; e deſpedidos delRey

que teve com elles muitas satisfaçoens, dêraõ à véla para Amboino, mandando ElRey com elles hum Embaxador seu, pelo qual escrevia a ElRey, o que era passado, e lhe pedia justiça de quem lhe matara seu pay, dizendo-lhe: que entre tanto elle teria aquella fortaleza em guarda, sobre o que lhe escreveo huma carta muito avisada, que eu tinha guardada para este lugar, e naõ a achey. Deu esta nao à véla em Junho deste anno de setenta e cinco, em que estamos, e em breves dias foy a Amboino, onde tomou alguns provimentos, e dahi se fez à véla em 15. de Julho contra o parecer de todos, por ser já tarde; e fazendo sua derrota; como Deos Nosso Senhor ainda estava irado contra aquellas Ilhas, permittio, que se fosse perder em huns baxos, que se chamaõ de Tucubeicu, onde encalharaõ; e os nossos se puzeraõ em huma Ilha, que ahi estava perto. O Embaxador delRey de Ternate, que ahi hia, como sabia tudo aquillo muito bem, disse aos nossos, que senaõ bolissem dalli, que elle os viria buscar em embarcaçoens, e assim em hum Balaõ se passou às Ilhas de Butre, junto a huma casa, onde negociou embarcaçoens, com que tornou a buscar os perdidos, que se embarcaraõ com elle, e foraõ ter a huma casa onde já tinhaõ hido outra vez perdidos, e aquelle Rey os negociou, e lhes deu hum junco, com que se foraõ para Malaca, e assim deixaremos as cousas de Maluco até seu tempo.

CAPITULO XXXII.

Do que neste tempo succedeo na India.

TOrnemos a continuar com as cousas da India, e seja com o Embaxador, que o Governador mandou ao Graõ Mogor em companhia do seu, o qual foy em breves dias ter a Carabayate, e visitou o Governador, que ahi deixou o Mogor, como levava no Regimento. Succedeo no mesmo tempo RuyPires de Tavora, Capitaõ de Dio, comprar a hũ Mouro para si, hum cavallo muito fermoso, q̃ diziaõ levara o Governador de Cambaya, o qual sabendo do caso, meteo a Christovaõ do Couto em ferros, e a todos os Portuguezes, que ahi estavaõ com suas fazendas, e a ellas confiscouas, e alèm disso, mandou fazer a Christovaõ do Couto muitas affrontas, e fazendo-o elle a saber ao Capitaõ de Dio, pedindo lhe largasse o Cavallo para o resgatar a elle, e a todos; o que logo elle fez; e nem com tudo isto o Governador os quiz largar, antes lhes fez mais affrontas, e posto que lhes tirou os ferros, os naõ quiz deixar hir para Goa, o que tudo Christovaõ de Couto escreveo ao Governador Antonio Moniz Barreto em cartas, que eu vi affirmando, que daquillo tudo foraõ causa os correspondentes da naçaõ, que lá estavaõ fazendo suas fazendas para o Reyno, e que assim como elles sofriaõ infinitas affrontas, que lhe faziaõ em Cambaya, cuydava o Governador della, que tambem elle Christovaõ do Couto sofria outras tantas.

FIM.

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS DESTE TERCEIRO TOMO das Decadas de Diogo do Couto, que comprehende 7. 8. e 9.

O primeiro numero moſtra a pagina, o ſegundo a columna.

A

Bexins, aſſaltaõ a fortaleza de S. Gens. pag. 205. c. 1. Mataõ em hũa batalha a Alvaro Gonçalves Pinto. p. 201. c. 2. Tornaõ ſobre Balſar. p. 202. c. 2. Correm as Tanadarias de Damaõ, Saõ Gens, e Tarapor. p. 205. c. 2.

Abiticon Malabamal, mata o Rey dos Maleſais. p. 213. c. 1. Parte a tomar vingança da morte do Emperador Claudio. p. 213. c. 2. Levanta-ſe contra elle Anel Maluco, para meter de poſſe do Reyno a Mealecan. p. 30. c. 1.

Abrahemo, inventa dous ardiz contra Mealecan. p. 54. c. 2.

Abuca de Vichantar, Rainha de Patri, e Olalá, manda pedir pazes por ſeus Embaxadores ao Viſo-Rey. p. 404. c. 2. Condiçoens, com que ſe lhe concedem. *ibi.*

Abuſo dos Gentios com S. Thomé. p. 232. c. 2.

Accedecan, acompanha a Mealecan. p. 54. c. 2.

Achem vem com huma Armada a Mangalor, aonde eſtá o Viſo Rey. p. 372. c. 1. De que vaſilhas conſta a Armada. *ibi.* Carta, que eſcreve ao Capitaõ Dom Leoniz Pereira. p. 373. c. 2. Repoſta, que recebe. p. 374. c. 1. Manda pedir de palavra ao Capitaõ huma eſpia ſua, que elle tinha lançado em terra. p. 374. c. 2. Como a recebe feita em poſtas. *ibi.* Artelharia, que deſembarca. p. 375. c. 1. Como ſe fortifica em terra. *ibi.* Ardil que inventa. p. 377. c. 2. Carta, que eſcreve aos caſados da terra. p. 378. c. 2. Manda bater a fortaleza. p. 379. c. 2. Demonſtraçoens, que faz de ſentimento, vendo perdida a batalha. p. 381. c. 1. Embarca, e dá à véla desbaratado. *ibi.* Medo, e reſpeito, que fez a ſua Armada aos que a viraõ. p. 383. c. 1. Armada, que prepara contra a fortaleza de Malaca. p. 526. c. 1. Cerco, que poem por mar a Malaca. p. 527. c. 1. Outra Armada ſobre a meſma Malaca. p. 564. c. 2. Accomete a noſſa Armada, que alli encontra, e alcança victoria. *ibi.* Deſembarca todo o ſeu poder. p. 565. Levanta o ſitio, e parte. *ibi.*

Adamas Sagad, Emperador da Ethiopia

pia tem duvidas com o noſſo Biſpo, ſobre pontos de Fé. p. 187. c. 1. Dito, que diſſe o Biſpo, e repoſta, que deu o Emperador. p. 188. c. 1. Falla, que fez ao Biſpo, e a que elle teve. p. 213. c. 2. He acomettido de noite para o matar. p. 114. c. 2. Manda matar a hum valído, que he quem lhe queria dar a morte. p. 215. c. 1. Dá batalha aos conjurados contra elle. *ibi.* c. 2. Manda prender ao noſſo Biſpo. p. 214. c. 2. Manda, que o ſoltem. p. 215. col. 2.

Ade Rajao, acomette Cananor. p. 347. c. 1. O que obra vendo, que os ſeus afroxaõ no combate. *ibi.* c. 2. Retira-ſe desbaratado. p. 348. c. 1. Aſſalta as tranqueiras de Cananor. p. 161. c. 1. Retira-ſe com perda de quinze mil homens. p. 163. c. 2.

Affonſo Dias, Capitaõ da Fortaleza de Balſar, ſahe a peleijar com os Abexins. p. 203. c. 2. Morre valeroſamente no conflito. p. 204. c. 2.

Affonſo de França he perito na lingoa dos Abexins, razaõ porque o B. ſpo Portuguez o procura para reſponder a hum papel do Emperador da Ethiopia. p. 187. c. 2. Pede ao Emperador ſolte os Portuguezes, que lhe foraõ rebeldes, que elles o ſerviráõ. p. 299. c. 2. Repoſta, que teve. *ibi.*

D. Affonſo Henriques, Capitaõ de huma nao na Armada de Chaul. p. 130. c. 1. Parte para o Reyno. p. 284. c. 1.

D. Affonſo de Noronha Viſo-Rey da India, entrega a governança a D. Pedro Maſcarenhas, e parte para Pangim a tratar de ſua retirada para o Reyno. p. 13. c. 1. Alvoroço, com que ouvio a nova da victoria, que alcançou ſeu filho. *ibi.* Leva poder de Viſo-Rey para em Cochim concluir as pazes com El-Rey de Chembe. p. 17. c. 1. Bateo moeda no ſeu governo. *ibi.* Vindo para o Reyno, perde-ſe a nao, em que vinha. p. 78. c. 2.

Affonſo Pereira de Lacerda, he provido na Capitanía de Columbo em Ceilaõ. p. 22. c. 2. Toma poſſe da ſua Capitanía. p. 44. c. 2. Concertos, que faz com Madune contra Tribuli Pandar. *ibi* Pedem-lhe hum ſoccorro, com bom partido. p. 71. c. 1. Concede o ſoccorro. *ibi* Deſpede huma Armada de doze navios contra o Madune. p. 72. c. 1. Impede com todo o valor, e diligencia, o naõ ſe pòr ſitio ao Rey de Cota. p. 249. c. 2. He Capitaõ mòr de huma Armada, que vay para o Norte. p. 399. c. 2. Capitaens, e navios, que o acompanhaõ. *ibi.* O que lhe ſuccede com huns navios de Malavares, que encontra p. 400. c. 2.

Agoſtinho Nunes vay por Capitaõ de huma nao na Armada para Chaul. p. 130. c. 1.

Abiticon, entra na Cidade do Rey de Malavar, e prendendo-o lhe dá morte. p. 170. c. 1.

Abilo, Rey de Maluco, o que uſou com Gonçallo Pereira Marramaque. p. 385. c. 2.

Ayres Falcaõ, Capitaõ de huma nao para o Norte p. 76. c. 2.

Ayres Ferreira ſahe abrazado da mina em Chaul p. 448. c. 1. Quem era eſte cavalheiro? *ibi.*

Ayres Gomes da Sylva, Capitaõ de huma nao na Armada contra o Baçorá. p. 69. c. 2. Parte com o meſmo emprego para o Norte. p. 76. c. 2. Vay para Chaul da meſma ſorte. p. 129. c. 1. He Capitaõ da Ilha de Joaõ Lopes. p. 100. c. 2. Valor, com que rechacha os inimigos. p. 118. c. 2.

Ayres de Miranda, Capitaõ de Méza em Dio. p. 100. c. 2.

Ayres de Saldanha parte para a India. p. 136. c. 1.

Ayres da Sylva, Capitaõ de Méza em Dio. p. 100. c. 2.

Ayres de Souſa, Capitaõ de huma nao na Armada para Ormuz. p. 263. c. 2.

Ayres Telles de Menezes, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2. Capitaõ de Méza em Dio. p. 100. c. 2. Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 129. c. 1. Com o meſmo poſto para o Norte. p. 76. c. 2. Com o meſmo emprego para o Achem. p. 134. c. 1. Capitaõ mò

mòr de huma Armada para o Norte. p. 406. c. 2. Capitaens, e Navios, que o acompanhaõ. *ibi.* He Capitaõ da fortaleza de Dio. p. 420. c. 1.

Aleixo Cabral parte para Baharem. p. 280. c. 1. Vay ao Exercito dos inimigos, e a que? p. 181. c. 1. Torna ao meſmo Exercito, e inſtruçaõ, que leva. p. 183. c. 1.

Aleixo Dias Falcaõ, primeiro Inquiſidor que vay à India. p. 248. c. 1. Chega a Cochim, e parte para Goa. *ibi.*

D. Fr. Aleixo de Menezes, poder, que lhe deu o Papa Clemente VIII. para exercitar o caracter de Arcebiſpo Primaz na India. p. 6. c. 2. Naõ lhe quizeraõ obedecer os Sacerdotes Chriſtãos, por eſtarem inficionados da hereſia. p. 7. c. 1. Vay em peſſoa tomar poſſe do Arcebiſpado da India, que vagou por morte de Mar Abrahaõ, Arcebiſpo herege. p. 7. c. 2. Difficuldades, que encontrou, e perigos, em que ſe vio. ibi. Faz hum Synodo Dieceſano na Igreja de Diampor. p. 8. c. 1. Poſſoas, q̃ foraõ chamadas para elle. *ibi.* Decretos, de que conſtou o Synodo. *ibi.* c. 2. Pede o Synodo a ElRey, que mande prover os Vigarios, e lhes ordene 1U500. cruzados cada anno, como ſe fez. p. 9. c. 1. Obriga-ſe o Arcebiſpo aos prover de ſuas rendas, em quanto ElRey o naõ fazia. *ibi.* Traslada-ſe o Synodo na lingoa Aſſyria, e Caldea, e reparte-ſe por todos. *ibi.* c. 2. Manda-ſe o Synodo ao Papa, que o eſtima. p. 10. c. 1. Prodigio, que ſoccedeo na Prociſſaõ de acçaõ de graças do meſmo Synodo. *ibi.* Outro prodigio mayor, que ſoccedeo, quando ſe celebrava o Synodo. *ibi.* c. 2. Viſita o Arcebiſpo todas as Igrejas daquella Chriſtandade. p. 11. c. 1. Como reduzio os Neſtorianos, à obediencia da Igreja Romana? p. 196. c. 2

Aleixo de Souſa Chichorro, vay com o ViſoRey D. Conſtantino para a India por Vèdor da fazenda. p. 136. c. 1. He Capitaõ da nao Rainha. *ibi.* c. 2. Morre no mar. p. 217. c. 1.

Aleixos Malho, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Alexandre, Emperador da Abaſſia nos primeiros annos do ſeu governo naõ admitte Patriarca dado por Alexandria. p. 2. c. 1.

Alexandre de Matos, he Capitaõ de huma partida de ſoldados. E como ſe ha com a occupaçaõ? p. 472. c. 2.

Alexandre de Souſa, vay a Concan por Aventureiro. p. 40. c. 2.

Alvaro Affonſo, he Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

D. Alvaro de Atayde, he Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 130. c. 1. Recebe hum painel de N. Senhora, que lhe manda ElRey de Tidore, o qual tinha levado do ſaque de Ternate. p. 496. c. 1.

Alvaro de Caſtro, he Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Alvaro Gonçalves Pinto, he Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 130. c. 1. He provido na Capitanîa da fortaleza de Balſar. p. 150. c. 2. Sahe a eſperar o inimigo. p. 201. c. 1. Dá batalha contra o ſeu parecer. p. *ibi.* c. 2. Morre na batalha. *ibi.*

Alvaro de Mendonça, he Capitaõ de Maluco. p. 329. c. 1.

Alvaro Paes de Sotomaior, acompanha o Governador por terra firme, e he Capitaõ de Mèza em Goa. p. 100. c. 2. He Capitaõ mòr de huma Armada, que vay em favor de Chaul. p. 128. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. p. 129. Sua fizonomía, e valor. p. 323. c. 1. Poem fogo a huma Cidade. *ibi.* He Capitaõ mòr de Malavar com huma Armada. p. 363. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. p. c. He Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Alvaro Pereira vay a Concan por Aventureiro. p. 40. c. 2.

Alvaro Pires de Tavora, he Capitaõ de huma náo para o Norte. p. 76. c. 2. He Capitaõ de Mèza em Dio. p. 100. c. 2. Capitaõ de huma náo para Chaul. p. 130. c. 1. He Capitaõ da fortaleza de Damaõ. p. 411. c. 2.

Alvaro Reynel, he Capitaõ de huma náo para Cinde. p. 78. c. 2.

D. Alvaro da Silveira acompanha o Gover-

Governador para Terra Firme. p.99. c. 1. He Capitaõ de Mèſa em Goa. p.100. c. 2. Capitaõ de huma náo para Chaul. p. 129. Capitaõ môr de huma Armada para o Malavar. p. 54. c.1 Capitaens, e navios, que o acompanhaõ. *ibi.* Deſtruiçaõ, que faz nas terras do Malavar. p.61. c. 1. Feitio, em que deſembarcava nas terras inimigas. p.61.c.2. Aperto, em que os inimigos o puzeraõ, e como ſe livrou delles. *ibi.* Recebe huma Embaixada do Camorim a pedirlhe pazes, p.62.c. 1. Como lhe reſponde? *ibi.* Vay para Mangalor contra a Rainha Olalà. *ibi.* Queima a Cidade. *ibi.* Volta para o Malavar. p.62.c. 2. Ajuſta pazes com o Camorim. *ibi.* He Capitaõ môr da Armada para Baçorá. p. 64. c. 2. Capitaens, e navios, que o acompanhaõ. *ibi.* Chega a Ormuz, e o que ahi obra. p. 69. c. 2. He Capitaõ de huma galeóta. p.76. c. 2. He Capitaõ môr da Armada para Meca. p.151. c. 1. Capitaens, e navios, que leva. *ibi.* O que lhe ſoccede no Eſtreito. p. 168. c. 2. Parte para Angaõ, para ir ſoccorrer Baharem. p. 173. c. 2. Rende as galés. p. 175. c. 2. Determina dar batalha obrigado dos ſeus. p. 176. c.2. Sahe ferido. p. 177. c. 2. Morre de outra ferida. *ibi.*

Alucan, Regedor de Cambaya, apodera-ſe da Cidade de Vendora. p. 257. c. 2.

Amboino, ſua deſcripçaõ. p.391. c.1.

Ambroſio de Aguiar Coutinho, Capitaõ môr para a viagem da India. p. 556. c. 2. Sortes, que inventa para dar conſumo às fazendas, que leva. p.557.c.2.

D. Ambroſio Monte Cœli, Biſpo Penitenciario do Papa, Religioſo Dominico, parte em companhia do Patriarca do Muſal, para dahi paſſar a reduzir à obediencia da Igreja Romana aos Georgianos. p. 4. c. 2. Lê Theologia em Goa. p. 5. c. 1. Morre. *ibi.* Sua virtude. *ibi.*

Amoucos, o que ſaõ? p. 304. c. 1.

Andre de Barros deo-lhe hum pelouro de Camello em huma perna, e naõ lhe fez mais, que huma nodoa vermelha. p. 484. c. 2.

Andrè Coelho, vay na Armada para o Norte por Anadel dos eſpingardeiros. p.77. c. 1.

Andrè Gonſalves de Dio, he Capitaõ de huma nào para Chaul. p. 130. c. 1.

D. André de Oviedo, he Biſpo Hierapolitano no Imperio da Abaſſia, Coadjutor, e futuro ſucceſſor do Patriarca. p. 401. Parte para a Abaſſia. p. 75. c. 2. e p. 102. c. 2. Deſembarca em Aquiei. p. 103. c. 2. Peſſoas, que o acompanhaõ. *ibi.* Peſſoas, que vem a cortejallo. p. 107. c. 2. Chega a fallar ao Emperador. p.109.c.2 O que paſſa com o Emperador. p. 213. c. 2. Manda o Emperador, que vá prezo para Age. p. 214.c. 2. Manda o ſoltar. p. 215. c. 2.

Andrè Pereira, Capitaõ de hum navio, parte para Surràte. p.14. c.2. Vay com o meſmo poſto para o Norte. p.86. c. 2.

Andrè de Souſa, Capitaõ de huma náo para Cinde. p. 78. c. 2. Vay com a meſma incumbencia para o Achem. p. 134. c. 1. He Capitaõ môr de huma Armada em ſoccorro de Cananor. p. 329. c. 2. Capitaens, e navios, que o acompanhaõ. *ibi.* Regimento, que leva. *ibi.* Chega a Cananor, e o que ahi obra. *ibi.*

Andrè de Villalobos, Capitaõ de huma nào para o Norte. p.77. c. 1. Façanha, que fez com hum Mouro, que lhe pegou nas barbas. p. 59. c. 1.

Anel, que tinha ElRey de Ternàte, o qual mudava a cor, ſe na caſa, em que eſtava entrava peçonha. p. 111. c. 1.

Anel Maluco, rebela-ſe contra ElRey Abrahemo. p. 30. c. 1. Manda dar conta ao ViſoRey, do que tinha feyto. *ibi.* Pede ao ViſoRey lhe entregue Mealecan, que he ſa quem toca o Reino de Abrahemo, offerecendolhe terras, que rendem mais de hum milhaõ. p. 30. c. 2. Manda buſcar Mealecan Rey de Malagate. p. 54. c. 2. Intenta entregallo a ſeu

a ſeu inimigo. *ibi.* Muda de parecer. p. 55. c. 1. Daõ-lhe morte. p. 56. c. 1.

D. Antaõ de Noronha vay com dez navios favorecer Antonio Diniz Barreto na empreza de Manorá. p. 90. c. 2. Acompanha o Governador para a terra firme. p. 99. c. 1. He Capitaõ de huma nào para Chaul. p. 129. Fica na fortaleza de Pondà com ſeiscentos Soldados, e ſeus Capitaens. p. 34. c. 2. Parte para Concan com quinhentos Soldados. p. 40. c. 2. Capitaens, e peſſoas de diſtinçaõ, que o acompanhaõ. *ibi.* Entra na Villa de Curale, e o que ahi obra. p. 57. c. 1. Vay a ſoccorrer D. Joaõ Mouriſco, que acha jà victorioſo, e dà premio a todo o Soldado, que lhe appreſenta cabeça de Mouro. p. 58. c. 1. Comete a paſſage do rio, que o inimigo defende. Paſſa a outra banda, aonde logo corpo a corpo acomette a Jacoli. *ibi.* c. 2. Alcança vitoria. p. 59. c. 2. Bizarria, com que ſahe da fortaleza. p. 60. c. 2. He provido na Capitanìa de Ormuz. p. 132. c. 1. Parte para Baharem. p. 180. c. 2. Chega a Baharem, e o que ordena. p. 181. c. 1. Manda-o viſitar o Baxá dos Turcos. p. 183. c. 1. Deſembarca em terra. p. 182. c. 1. O que diſpoem de Mamede Bec. p. 185. c. 1. Concertos, que ajuſta com o Baxá dos Turcos. p. 185. c. 2. Parte para o Reyno. p. 284. c. 1. He eleito ViſoRey. p. 331. Chega a Goa. p. 332. c. 1. Manda fazer aſſento de o Governador Joaõ de Mendonça lhe naõ vir entregar o governo. *ibi.* c. 2. Manda ſoccorrer Cananor. p. 332. c. 2. O que obra com a noticia de Damaõ p. 344. c. 1. O que reſolve ſobre a Cidade de Cota. p. 349. c. 1. Armada, que manda a Cota. *ibi.* Capitaens, que manda para Cananor. p. 350. c. 1. Manda outra Armada ao Eſtreito de Mèca. p. 353. c. 1. Recebe Embaxadores de Amboino, e ſobre que negocio. p. 361. c. 2. Manda huma Armada ao Malavar. p. 363. c. 1. Outra para o Eſtreito de Méca. p. *ibi.* c. 2. Outra ao Malavar. p. 364. Eſcreve a Cochim, e para que? p. 364. c. 2. Armada para o Norte. p. 365. c. 1. Parte para Mangalor, e a que? *ibi.* Vaſilhas, que levou, e Capitaens, que o acompanharaõ. *ibi.* Chega a Mangalor. p. 366. c. 2. Ordem, que paſſa para o deſembarque. *ibi.* Entra a Cidade. p. 370. c. 2. Pègaõ fogo ao Palacio da Rainha. *ibi.* Queima a Cidade. p. 371. Alcança vitoria. *ibi.* Embarca toda a gente para deſcançarem. p. 371. c. 2. Faz aliança com o Rey de Bergel. *ibi.* He o ViſoRey o primeiro, que ferra a enchada para ſe abrir o alicerce da fortaleza. *ibi.* Lança a primeira pedra. p. 372. c. 1. Eſcreve ao Reyno todas eſtas noticias. *ibi.* O mais, que aqui diſpoem. *ibi.* Deſpede ſoccorro para Malaca. p. 382. c. 1. Embarca-ſe para o Reyno, e com quem? p. 483. c. 1.

Antonio de Abreu, Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 2.

Antonio de Almeida, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 77. c. 1.

Antonio de Araujo, Capitaõ de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1.

Antonio de Arzila, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 77. c. 1.

Antonio Borges, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 77. c. 1.

Antonio Cabral, vay por Embaxador ao Mogor. p. 512. c. 1.

Antonio Coelho, Secretario para Cinde. p. 78. c. 2.

Antonio de Eſpindola, Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 130. c. 1. O meſmo emprego contra o Madune. p. 72. c. 1.

Antonio Fernandes, Capitaõ de huma nao para a India. p. 72. c. 2. Parte com o meſmo emprego contra o Madune. *ibi.*

Antonio Fernandes Chale, morre de huma frechada. p. 494. c. 2. Seu elogio. *ibi.* Seu funeral. p. 495. c. 1.

Antonio Fernandes Malavar, Capitaõ mòr do Soccorro, que vay a Onor. p. 476. c. 1. Aſſalta o inimigo, e alcança vitoria. *ibi.*

Antonio Ferraõ, he Tenador da Fortaleza de Bandá. p. 41. c. 2. He Capitaõ

de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Antonio Furtado de Mendonça, Capitaõ mòr de huma Armada, a eſperar huma nao de Achem. p. 318. c. 2. Capitaens, e regimento, que leva. *ibi.* Paſſa a Damaõ. p. 329. c. 1.

Antonio Godinho, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Antonio Gomes da Sylva, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Antonio Jorge, Capitaõ de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1.

Antonio Lopes, péga em hum berço de artelharia, e pondo-o ao hombro lhe manda dar fogo a tempo, que Reboange vinha para elle, e lhe poz a pontaria de ſorte, que o ferio. p. 499. c. 1.

Antonio Luiz o Mulato da Rainha, valor com que morre pelejando. p. 188 c. 1.

Antonio Martins, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 77. c 1. vay com o meſmo emprego para Chaul. p. 130. c. 1.

Antonio Maſcarenhas, Capitaõ mòr de huma Armada. Reſoluçaõ, que toma à viſta do inimigo. p. 518. c. 2. Morre no conflito. *ibi.*

Antonio Mendes de Caſtro, Capitaõ de huma nao para a India. p. 119. c. 1. Chega á India. p. 301. c. 2.

D. Antonio de Menezes Cantanhede, Capitaõ mòr de huma Armada. p. 529. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Parte com outra Armada para o Norte. p. 531. c. 2. Capitaens, que leva *ibi.*

Antonio Moniz Barreto, vay tomar poſſe da Serra Aſſari. p. 90. c. 1. O que a hi obra. *ibi.* c. 2. vay conquiſtar a fortaleza de Menorá. *ibi.* O que obra depois de eſtar de poſſe da dita fortaleza. p. 90. c. 2. Acompanha o ViſoRey a Damaõ. p. 142. c. 2. Bizarria, com que ſe offerece para deſtruir os Capitaens Abexins. p. 146. c. 2. Capitaens, e Fidalgos, que o acompanhaõ neſta facçaõ. *ibi.* Aſſalta os inimigos, e alcança vitoria. p. 147. c. 1. Sendo Capitaõ de Malaca, o que paſſa com o ViſoRey. p. 503. c. 2. Dá conta a ElRey, do que com elle paſſou. p. 504. c. 1. Repete a meſma conta em outra monçaõ. p. 505. c. 1.

Antonio Nicolaz, diz hum dito ao ViſoRey com muita graça. p. 250. c. 2. Mata hum Mouro depois de ter cahido no chaõ. p. 269. c. 1.

Antonio de Noronha, Capitaõ da fortaleza de Malaca, morre. p. 65. c. 1.

D. Antonio de Noronha o Catarraz de alcunha, parte para a India. p. 12. c. 2. Arriba ao Reyno, e recolhe-ſe em Saõ Franciſco. Recado, que ElRey lhe manda, e repoſta, que elle manda a ElRey. p. 73. c. 1. Embarca ſegunda vez para a India p. 72. c. 2. Vay provido na Capitanìa de Dio. p. 73. c. 1. Arriba ao Brazil, e o que ahi obra. *ibi.* c. 2. Acompanha o Governador a Terra firme, como Aventureiro com ſeis homens de cavallo. p. 99. c. 1. Salta a cava, que tem feito o inimigo; esbarrando-lhe o Cavallo, cahe; levantando-ſe o cavallo, torna a ſaltar, e vinga a cava. p. 100. c. 1. Toma poſſe da Capitanìa de Dio. *ibi.* c. 2. He Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 129. Vay ſoccorrer a fortaleza de Jafanapataõ. p. 245. c. 2. Dá ordem ao deſpejo da fortaleza. p. 246. c. 2. Vay com huma Armada ſoccorrer Cedemecan a Surràte. p. 264. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Vay a ſurgir ſobre Damaõ. p. 265 Navios, com que alli ſe acha. *ibi.* Vay a Surgir no Poço do Pagodinho. p. 266. c. 2. Faz concelho ſobre o deſembarque, e o que nelle ſe ajuſta. p. 267. c. 1. Salta em terra, ganha as eſtancias inimigas, aonde arvora bandeiras Portuguezas. p. 268. c. 1. Manda embarcar a artelharia, que ganhou ao inimigo. *ibi.* c. 2. Fica vencedor no campo. p. 269. c. 2. Manda demolir as eſtancias dos inimigos. p. 270. c. 1. Bizarria, e arrogancia, que uſa com Cedemecan. p. 271. c. 1. Vay a ver-ſe com Cedemecan, e como vay veſtido, e acompanhado. *ibi* c. 2. Faz concelho ſobre hum incidente, que ſoccede ſobre o entregarlhe a fortaleza. p. 272. c. 1. O que nelle ſe reſolve. *ibi.* Parte para Damaõ. p. *ibi.* c. 2. Parte

te para Goa, aonde he preſo. p. 273. c. 1. He ſolto. *ibi.* Embarca para o Reino; generoſidade, com que dá meſa a todos, os que ſe lhe chegaõ. p. 284. c. 1. He eleito ViſoRey da India. p. 487. c. 2. Toma poſſe do Governo. *ibi.* O que ordena logo. p. 488. c. 2. Manda hũa Armada a ſoccorrer Chalè. p. 490. c. 2. Celebra pazes com o Idalxà. Cõdiçõẽs com que as celebra. 493. c. 1. Prezente, que manda ao Idalxà. p. 495. c. 1. Embaxador, que recebe do Idalxà. *ibi.* Embaxador, que lhe manda. *ibi.* Armada de ſoccorro a Maluco. p. 495. c. 2. O que paſſa com Antonio Moniz Barreto. p. 503. c. 2. Couſas, em que provè. p. 504. c. 2. Armada contra o Mogor. p. 508. c. 2. Segunda Armada ao meſmo effeito. p. 509. c. 1. Parte para Damaõ com huma Armada. *ibi.* c. 2. Fidalgos, e navios, que o acompanhaõ. *ibi.* Concelho, que faz. p. 510. c. 2. Como ha reſpondido, e o que reſolve? *ibi.* Chega a Damaõ. p. 511. c. 1. O que ahi diſpoem. *ibi.* Como recebe hum Embaxador do Mogor na ſua galè? p. 512. Embaxador para o Mogor, quem he? 513. c. 1. Ajuſta pazes com o Mogor. *ibi.* Formaõ, que paſſou o Mogor para ajuſte das pazes. *ibi.* c. 2. Armada, que manda contra o Camori. p. 515. c. 2. Chega a Goa. *ibi.* Armada para ſoccorrer Maluco. *ibi.* Armada a ſoccorrer Barcelor. p. 516. c. 1. Outra Armada para a meſma parte. *ibi.* Outra Armada para o Norte. p. 517. c. 2. Armada, que vay em buſca de D. Henrique de Menezes. p. 519. c. 1. Prezente, que manda ao Idalxà. p. 519. c. 2. O que intenta, vendo, que o Idalxà lhe naõ aceitava o prezente. p. 510. c. 1. Manda ElRey deſapoſſar do Governo ao ViſoRey. p. 521. c. 1.

Antonio de Noronha, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

D. Antonio de Noronha, caſado em Cochim, embarca em ſoccorro de Cananor por Capitaõ da gente de guerra. p. 332. c. 2. Vay por Capitaõ de Cananor. p. 346. c. 1. O que ahi obra. *ibi.* Faz concelho ſobre hum aviſo, que lhe fizeraõ. p. 346. c. 1. O que lhe reſpondem, e o que elle reſolve. *ibi.* He acometido dos inimigos, e como peleija? p. 347. c. 1. Sahe victorioſo. p. 348. c. 1. Vay à fortaleza a render as graças a Deos N. Senhor. *ibi.* Dá hum aſſalto ao inimigo, e ſahe ferido. *ibi.* c. 2.

D. Antonio Pereira, vay com huma Armada para Cochim. p. 372. c. 1.

Antonio Pereira Brandaõ, corre a coſta em Dabul com ſete navios. p. 91. c. 1. Entra em Dabul. Valor, com que peleja. p. 97. c. 2. He provido na Capitanîa de Maluco. p. 100. c. 2. Condiçoens, com que aceita ſer Olheiro da fortaleza de Ternàte. p. 124. c. 1. Prendem-no em Maluco. p. 275. c. 2. Vay prezo para Goa. *ibi.* He o mais ingrato homem do mundo. p. 549. c. 2.

Fr. Antonio do Porto da Ordem dos Menores converteo muytos Jogues. p. 81. c. 2. Conſagrou o Pagode de Canari em Templo. *ibi.* Vay em peſſoa examinar o labirintho. *ibi.* Fórma, e apreſtos, com que vay. *ibi.* c. 2. Vay ao Pagode de Manapazer, e fogem todos os Sogues delle. E porque? p. 83. c. 1. Conſagra o Pagode em Templo. *ibi.*

O Padrè Antonio de Quadros, vay para a India para Reytor do Collegio de Goa. p. 53. c. 1.

Antonio Rebello, Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 130. c. 1.

Antonio Rodrigues de Gamboa. Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 2.

Antonio de Sampayo, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 1. O meſmo emprego para Ormuz. p. 69. c. 2.

Antonio de Sequeira, Capitaõ da Guarda do Governador. p. 77. c. 1.

Antonio Soares, ſaltando a cava do inimigo naõ a vingou, e ficou debaixo do cavallo, e morreo. p. 100. c. 1.

Antonio de Souſa Coutinho o Langarà, Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 130. c. 1.

Antonio Tavares, o que obra em Mangalor. p. 156. c. 1. Soccorre a dous navios, em que faziaõ preza os Malavares. p. 216. c. 1.

Antonio Teixeira, vay com hum recado ao Graõ Turco. p. 345. c. 1. Parte com a repoſta a Portugal. p. 246. c. 1.

Antonio Vaz, Padre da Companhia faz Chriſtaõ a ElRey da Ilha de Bachaõ. p. 111. c. 2.

D. Antonio de Vilhena, vay para a India com o ViſoRey D. Conſtantino. p. 136. c. 1. Valor, com que peleja no aſſalto de Cananor. p. 162. c. 1.

Arcebiſpo de Goa, quando ſe inſtituhio. p. 196. c. 1. Seu deſtrito. *ibi.* c. 2.

Arvore, ou parra, de balſamo, que Nicáule levou a Salamaõ ficou plantada em Judéa. p. 24. c. 1.

Arvore, que fede a çugidade de gente. Virtude, que tem. p. 338. c. 1.

Allari Serra, ſua deſcripçaõ. p. 88. c. 2. Entrega-ſe aos Portuguezes. p. 89. c. 2.

Athena Sagad. Veja Emperador Claudio.

Atrevimentos contra, os que foraõ Governadores. Como ſe caſtigaõ? p. 283.

B

Babuxà. Quem he eſte Principe? p. 302. c. 2. Sonha, que hade ſer Rey, e cumpre-ſe-lhe o ſonho. p. 303. c. 1.

Baçaim, *Cidade*, tem oyto legoas de Termo. p. 80. c. 1. Sua deſcripçaõ. *ibi.*

Baçorà, Rey de Baçorà, pede ao ViſoRey huma Armada a ſeu favor, e com que partidos? p. 262. c. 1.

Bahárem. Deſcripçaõ deſta Ilha. p. 186. c. 1.

Bajaceto, eſcreve huma carta a Solimaõ ſeu pay, pedindo-lhe, que o naõ queira desherdar do direito que tem ao Reyno. p. 234. c. 1. Dà batalha à ſeu irmaõ, e fica desbaratado. *ibi.* c. 2. Daõ-lhe morte. p. 235.

Balla de pedra de trezentos e vinte arrates de pezo, com que atiravaõ os Mouros. p. 425. c. 2.

Balé, Provincia, em que prègou o Evangeliſta S. Mattheus. p. 164. c. 1.

Balthazar da Coſta, Capitaõ môr da Armada de Ormuz para Goa. p. 199. c. 1.

Balthazar Guedes de Souſa, Capitaõ da fortaleza de Calumbo. p. 249. c. 2. Cerco, que lhe poem Rajú Pandar. p. 318. c. 2. Parte para Cota. p. 319. c. 1. Tem batalha com o Rajù. *ibi.* c. 2. Sahe victorioſo, mas com duas feridas. p. 221. c. 2.

Balthazar Lobo de Souſa, Capitaõ de huma Caravella da Ilha de S. Lourenço. p. 76. c. 1. e p. 102. c. 2.

Balthazar Marrecos, como fez prizioneiro a Majuganè. p. 543. c. 2.

Balthazar Monteiro, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 77. c. 1.

Balthaſar Pimentel Capitaõ de huma náo para o Malavar. p. 54. c. 1.

Banaſur, Rey, que mandou fazer o Pagode do Elefante. p. 84. c. 2.

Banquete, que deraõ os Itos aos Portuguezes, e o que nelle ſoccedeo. p. 392. c. 2.

Bargel o Rey deſte Reyno, como ſe faz amigo dos Portuguezes? p. 371. c. 2.

Barnabé de Sá, Capitaõ de huma nào para Surrate. p. 14. c. 2.

Bartholomeu de Lemos, dá-lhe hum pelouro de camelete nos peitos, e naõ lhe faz mais offenſa, que huma nodoa vermelha. p. 484. c. 1.

Baſtiaõ Figueira, Capitaõ de huma nào para o Malavar. p. 54. c. 1.

Baſtiaõ Machado, Capitaõ de huma nào para Surrate. p. 14. c. 2. He Capitaõ de Maluco. p. 276. c. 1. Manda demolir a fortaleza de Geilolo, que hia levantando o Sangaga. *ibi.*

Baſtiaõ de Sá, Capitaõ de huma nào para o Norte. p. 76. c. 2. Promovido na Capitanîa de Sofalla. p. 77. c. 2. Capitaõ môr da Armada a favor delRey de Baçorà. p. 262. c. 2. Parte para Ormùs. Capitaens,

pitaens, que o acompanhaõ. p. 263. c. 2. Embarca para o Reyno. p. 284. c. 1.

Batalha, em que morréraõ mais de quinze mil Mouros, e dos Chriſtãos vinte e cinco ſómente. p. 163. c. 1. Outra, em que morrèraõ mil e duzentos Mouros, e dos Chriſtãos nenhum. p. 432. c. 1. Outra, em que morreraõ mais de tres mil dos Mouros, e dos Chriſtãos nenhum. p. 442. c. 2. Outra em q̃ os noſſos mataraõ mais de tresmil, e os Mouros mataraõ ſó cinco dos noſſos. p. 473. c. 1. Outra, em que morreraõ mais de ſeis mil Cafres, e dos noſſos ficaraõ feridos ſeſſenta, dos quaes morreraõ ſó dous. p. 547. c. 1.

Batalha Naval. p. 122. c. 2.

Bathalha Naval de Luiz de Mello com o Cutimuça. p. 157. c. 1.

Batalha Campal em Cananor. p. 161. c. 2. Pelejaõ 500. Portuguezes com mil Mouros. *ibi*. 2. Neſta batalha ſe vio huma Pomba muy luzente, e reſplandecente. p. 162. c. 2.

Batalha de D. Alvaro da Silveira com os Turcos em Baharem. p. 177. c. 1.

Belchior Callaſſa, valor, com que pelejou, e como foy premiado? p. 126. c. 2.

Belchior Carneiro, he Biſpo Niceno no Imperio da Abaſſia, he coadjutor, e futuro Succeſſor do Patriarcha. p. 4. c. 1.

Belchior Correa, he Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 77. c. 1.

Belchior Godinho, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1. Com o meſmo emprego para Cinde. p. 78. c. 2. O meſmo para C,ofalla. p. 77. c. 1.

Fr. Belchior de Lisboa, entra em Damaõ com o ViſoRey, e como? p. 145. c. 2.

Belchior Lopes, valor, com que defende a nao, em que eſtà. p. 123. c. 1.

Belhior de Souſa, vay por Capitaõ de huma nao para à India. p. 12. c. 2. Volta para o Reyno. p. 18. c. 2.

Bellorado, Privado do Emperador da Abaſſia, ſe offerece para lhe dar a morte. p. 214. c. 2. Indo a executalla erra o golpe. *ibi*. O Emperador lhe manda cortar a cabeça. p. 215. c. 1.

Bemelamenta, Rey Gentio, viveo trezentos annos, reynou cem, e fez lavrar o grande Laberintho de Salſete. p. 81. c. 2. Suas virtudes. p. 82. c. 2.

Bernaldin de Souſa, Capitaõ de Ormuz, o que paſſa com Dom Alvaro da Silveira? p. 69. c. 1. Sentimento, que teve de D. Alvaro da Silveira lhe naõ guardar o ſeguro, que deu a huma embarcaçaõ. p. 70. c. 1. Adoece de payxaõ, e morre. *ibi*.

Bicarnalinga, Capitaõ de Rajù deſafia Dom Diogo de Atayde. p. 336. c. 2.

Biſminaique, Senhor da Coſta da Peſcaria. Vay com hum exercito ſobre Punicale, e fica ſenhor da Povoaçaõ, que deſtroe. p. 219. c. 1.

Biſnagà, ſeu Rey, brio, que tem campanha, ſendo de noventa annos de idade. p. 359. c. 2. Seu exercito conſta de cem mil cavallos, e ſeiscentos mil de pê. *ibi*. Mataõ-no. p. 360. c. 2.

Biſpado de Goa, he Arcebiſpado. p. 196. c. 1.

Biſpo D. Ambroſio Monte Cœli, vide D. Ambroſio Monte Cœli.

Biſpo D. Andrè de Oviedo, vide D. André de Oviedo.

Biſpo de Cochim, quando ſe inſtituhio? p. 196. c. 1.

Biſpo Fr. Franciſco Rodrigues. Vide Fr, Franciſco Rodrigues.

Biſpo de Malaca, quando ſe inſtituhio? p. 196. c. 1. Seu deſtricto. p. 197. c. 1.

Biſpo Mar Elias. Vide Mar Elias.

Biſpo Mar Joſeph. Vide Mar Joſeph.

Biſpo, que vay para a Abaſſia, naõ quer ver o Patriarcha Neſtoriano. p. 107. c. 2. Como vay ſendo hoſpedado pelo caminho? *ibi*. O Emperador o manda viſitar. p. 108. c. 2.

Biſpo da Abaſſia, aſſiſte à Miſſa do Emperador, e como? 165. c. 2. Publica huma carta de excommunhaõ contra

tra os Portuguezes; que ſervem o Emperador. *ibi.* Como ſe reſolve a ficar em Decomo, e naõ voltar para a India. p. 168. c. 1.

Boraõ Soltaõ, que era leproſo, ſe banhou em ſangue de meninos para ſarar, o que naõ ſurtio effeito. p. 115. c. 1.

Bramà, Rey do Pegù, pede huma filha em caſamento ao Rey de Ceylaõ. p. 155. c. 1. Acha a Ximindo, que lhe quer uſurpar o Reyno. p. 471. c. 1. Manda chamar Diogo Soares de Mello. *ibi.* Dito, que lhe diſſe, e quando o vio. *ibi.* 2. Dá o ſaque da Cidade a Diogo Soares, e aos ſeus Portuguezes. p. 48. c. 1. Mata-o às punhaladas Ximi de Sataõ. *ibi.* 2.

Bramanes de Goa, fazem á ſua conta huma primoroſa galè. p. 39. c. 2. Queyxa, que fazem dos Portuguezes a Rama Royo, e ó que della reſulta? p. 54. c. 1.

Braz Fragoſo de Coulaõ, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Fr. Braz de Santa Maria, Eremita de Santo Agoſtinho aſſiſte ao Synodo em Diampor. p. 8. c. 1.

Braz da Sylva, Capitaõ de huma nao para a India. 119. c. 1.

Brio Portuguez contra a diſciplina militar. p. 370. c. 1.

C

CAcem Bèque, aconſelha a ElRey mande matar Anel Maluco. p. 56. c. 1. Manda matar Mealecan. p. 56. c. 1.

Cachil Labuzaza, fez-ſe Chriſtaõ; e ElRey lhe dá o habito de Chriſto. p. 112. c. 1. Valor, com que peleja. p. 122. c. 2. Dá lhe hum pelouro. p. 123. c. 1.

Cachil Tidore, he prizioneiro. p. 570. c. 2. Intenta fugir. *ibi.* He morto na fuga. p. 571. c. 1.

Cadeira raza daõ os ViſoReys aos Fidalgos. p. 400. c. 1.

Cadella, que pario, e puzeraõ aos Cachorros os nomes dos Regedores da Cidade. p. 316. c. 2.

Cafar, Coſſario Janizaro faz preza em quatro naos noſſas, e manda-as para Mèca com os Portuguezes prezos em ferros. p. 16. c. 2. Rende outras naos Portuguezas. p. 17. c. 1. Sahe a eſperar as noſſas naos de Ormuz. p. 245. c. 1.

Cafres o de que fazem eſtimaçaõ. p. p. 541. c. 2. Eſpanto, que tiveraõ vendo hum camello. p. 548. c. 1. Em que conta nos tem? p. 556. c. 1.

Calabetecan, falla, que fez a Anel Maluco ſobre a traiçaõ, que intenta fazer a Mealecan. p. 54. c. 2. Mataõ a Calabetecan. p. 56. c. 1.

Calete, que era hum ſogue muy reſpeitado entre os ſeus, faz-ſe Chriſtaõ, e Prégador Evangelico com grande fruto. p. 81. c. 1.

Califa de Arabia, falla, que fez a muitos Reys ſobre a ſua Religiaõ contra os Portuguezes. p. 421. c. 1.

Caliſto de Siqueira, o mulato, derribou com a ſua eſpingarda mais de vinte inimigos na defenſa do forte de Balſar. p. 204. c. 2. Ardil, que inventa para matar os Mouros. p. 351. c. 1. Morre na empreza. *ibi.* c. 2.

Camorim, deſpede hum Embaxador a Dom Alvaro da Silveira a pedir pazes. p. 62. c. 1. Como ha reſpondido. *ibi.* Manda huma Armada a favor de Nizamoxà ſobre Chaul. p. 444. c. 2. Poem cerco à fortaleza de Chalè. p. 476. c. 2. Toma poſſe da fortaleza de Chalè. p. 490. c. 1.

Canatale Coſſario, Capitaõ de huma Armada dos Malavares, peleja com D. Paulo de Lima. p. 334. c. 2. Falla, que faz aos ſeus. p. 335. c. 2. Retira-ſe desbaratado. *ibi.*

Candaſſes, naõ pòde ſer a Rainha Sabà, e porque? p. 24. c. 1.

Candia. O Rey de Candia diverte a Rajù Pandar do cerco, que tem poſto a Cota, e como? p. 340. c. 2. Manda huma Embaxada com ardil ao Rey de Pegù. p. 358. c. 2. Como foy reſpondido? *ibi.*

Capricho dos Fidalgos Porruguezes, qual era? p. 159. c. 1.

Caracém, Capitaõ de Surràte, manda viſitar o Capitaõ môr da Armada, que vay contra elle. p. 14. c. 2. Repoſta, que ſe lhe manda. p. 15. c. 1.

Caridade, que obrou o Padre Fr. Fernando de Caſtro. p. 195. c. 1.

Carlos V. toma a Sotana de Donato de S. Jeronymo. p. 74. c. 1. Morre. p. 121. c. 2. Dito, que diſſe. p. 473. c. 2.

Carnabec, carta, que eſcreve a Dom Diogo de Noronha. p. 207. c. 1.

Carta do Achém, para D. Leonis. p. 338. c. 2. Repoſta. *ibi.*

Carta dos Itos, ao Capitaõ do Malavar. p. 392. c. 1.

Carta do Padre Braz Dias, para o ViſoRey. p. 456. c. 2.

Carta do Secretario de Eſtado da India para Chriſtovaõ do Couto. p. 530. c. 1.

Carta do ViſoRey para o Idalxà. p. 532. c. 1.

Catiproca Marca, dá hum aſſalto à fortaleza de Mangalor. p. 450. c. 2. Morre numa batalha naval. p. 451. c. 2.

Cavallo, que os Perſas tem ſempre cellado para Mahome Mahedi, que ha de vir a julgar a verdade das Leys. p. 113. c. 1.

Caſamento de mulheres com mulheres. p. 356. c. 1.

Caſamento, dos Principes de Malavar. p. 312. c. 1.

Caſo prodigioſo com o cadaver do Irmaõ de Dom Braz de Almeyda. p. 158. c. 2.

Caſo, que ſoccedeo a hum tafuſ, que jurava muyto. p. 401. c. 2.

Caſos muyto gracioſos. p. 306. c. 1. e 344. c. 2.

Caſos notaveis, e prodigioſos, que ſoccedèraõ no Synodo de Diampor. p. 10. c. 2.

Cedemecan, pede a D. Diogo de Noronha huma Armada. p. 237. c. 1. Vay viſitar ſeu cunhado, e com que cautella. p. 255. c. 1. Pratica, que ambos tem. *ibi.* Trayçaõ, com que hoſpedou ao cunhado *ibi.* c. 2. Vay ao exercito do cunhado, que tinha morto, e toma as riquezas, que acha. p. 256. c. 1. Naõ entrega a fortaleza aos Portuguezes, por temer, que os ſeus o matem. p. 270. c. 2. Vem a viſitar-ſe com Dom Antonio de Noronha. Como vem veſtido, e acompanhado. p. 271. c. 2. Foge da fortaleza, porq̃ o querem matar. p. 273. c. 2. Vay para Cambaya. p. 274. c. 2. Mataõ-no à trayçaõ. *ibi.*

Cepo, que eſtá à porta do Palacio delRey, em que elle todos os dias manda degollar muytos dos ſeus vaſſallos. p. 242. c. 2.

Cerco de Cota, pòde ſer contado pelo mayor, que houve, e porque? p. 343. c. 2.

Chaul, que principio teve a ſua povoaçaõ de Portuguezes. p. 104. c. 2. Como he combatida. p. 440. c. 2.

Chembe. O Rey de Chembe, trayçaõ, com que tratou a Dom Affonſo de Noronha. p. 18. c. 1. Manda viſitar Vaſco da Cunha, que vay ajuſtar pazes com elle. p. 212. Falta à palavra. de ſe ver com Vaſco da Cunha, e o que eſte obrou neſte caſo. p. 22. c. 1.

Chimguiſcan, vay contra Cedemecan. p. 256. c. 2. Vay a contender com Alucan, com quem tem eſcaramuças. p. 265. c. 2. Alcança victoria. *ibi.* Continúa a guerra com Cedemecan. p. 266. c. 1. Como defende o deſembarque a D. Antonio de Noronha. p. 261. c. 1. Torna a ſitiar a fortaleza de Cedemecan. p. 274. c. 1. Deſiſte da empreza. *ibi.*

Choutos, o que vem a ſer? p. 148. c. 1.

Chriſto Crucificado, que hia arvorado em huma aſtea, e cahio num rio dos Mouros, teve ſe em profecia, de que naquellas agoas ſe haviaõ bautizar muytos, e aſſim ſe cumprio. 149. c. 2.

Chriſtovaõ Cervero, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Chriſtovaõ do Couto, vay por Embaxador ao Rey de Cambaya. p. 66. c. 1. Repoſta, que teve. *ibi.* Leva hum prezente ao Idalxà da parte do ViſoRey, o qual ſe lhe naõ aceita, nem admitte à ſua preſença o menſageiro. p. 520.

Chriſtovaõ Curvo de Sequeira, gentileza, que obrou no forte de S. Franciſco em Chaul. p. 442. c. 2.

Chriſtovaõ Fernandes, Capitaõ de duas fuſtas para o Norte. p. 77 c. 1.

Chriſtovaõ de Mello, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1.

Chriſtovaõ de Mendonça, Capitaõ de huma nao para Surràte. p. 14. c. 2.

Chriſtovaõ das Neves, Capitaõ de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1.

Chriſtovaõ Pereira Homem, parte para a India. p. 22. c. 2. He Capitaõ môr de huma Armada. p. 210. c. 2. Recado, que lhe mandou o Baxà de Maçuà. *ibi.* Reſpoſta, que lhe manda. p. 211. c. 1. Encontro, que teve com as galés de Cafar. *ibi.* c. 2. Deſconfia com os ſeus, e determinaçaõ, que toma. p. 212. c. 2. Morre na peleja. p. 213. c. 1.

Chriſtovaõ de Souſa, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Vay com o meſmo emprego para Cinde. p. 78. c. 2.

Chroniſtas proprios, tem mais authoridade no fundamento dos ſeus Reinos. p. 23. c. 2.

Cide Bofata, corta as cabeças de cinco traydores, que intentavaõ entregar a fortaleza de Damaõ. p. 145. c. 1. Deſampara a fortaleza. *ibi.*

Cide Meriaõ, ajunta gente para ir ſobre Damaõ. p. 303. c. 1. Falla, que faz aos ſeus. *ibi.* c. 2. Eſtando no conflicto de huma batalha chama por Gracia Rodrigues, com quem ſe combate. p. 305. c. 1. Morre na empreza. *ibi.* c. 2.

Cide de Souza, Capitaõ de huma nao para. a India. p. 119. c. 1.

Cifal Pinheiro, Capitaõ de huma fuſta para Baçorà. p. 64. c. 2. Com o meſmo emprego para Cinde. p. 78. c. 2. O meſmo para o Norte. p. 76. c. 2. O que diz a Pero Barreto Rolim. p. 93. c. 2.

Cinde, porque lhe chamaraõ os Geografos Dulcinda? p. 95. c. 2.

Ciſterna, a que naõ ſe acha fundo. p. 86. c. 1.

Claudio Emperador da Abaſſia, eſcreve ao Papa, pedindo-lhe ſagraſſe em Patriarca a D. Joaõ Bernardes. p. 2. c. 2. Depois o nega. p. 28. c. 1. Vay em peſſoa contra os Gallos Cafres. p. 164. c. 1. Falla com o noſſo Biſpo ſobre as couſas da Religiaõ Chriſtãa. p. 165. c. 1. Convida ao Biſpo, para que ouça a Miſſa da ſua Religiaõ. *ibi.* c. 2. Como o Biſpo aſſiſtio à Miſſa, e os Padres Portuguezes. p. 165. col. 2. Parte para Como. *ibi.* Portuguezes de diſtinçaõ, que acompanharaõ ao Emperador na ſua guerra. p. 170. c. 2. Morre na batalha. p. 171. c. 1.

Clemente VIII. manda ao Arcebiſpo de Goa Dom Fr. Aleixo de Menezes, que como Primaz da India Oriental, mande tomar poſſe do Arcebiſpado da India, que vagou por morte de Mar Abrahaõ, e naõ conſinta entrar nelle Biſpo, nem Prelado Armenio. p. 6. c. 2.

Coge Abrahaõ Judeo, vay na Armada de Luis Alvares de Tavora, e com que incumbencia. p. 257. c. 1. vay a Cedemecan mandado por D. Antonio de Noronha, e a que? p. 266. c. 2.

Coge Mahamede, he medianeiro, para que ſe entregue a fortaleza de Aſſari ao Governador Franciſco Barreto. p. 89. c. 2.

Colher de prata, que ſe furtou entre quinhentos mil homens, e deitando-ſe bando, para que appareceſſe, appareceo. 155. c. 2.

Companhia. Padres da Companhia entraõ na povoaçaõ de Saõ Thomè. p. 154. c. 1.

Conde ViſoRey. Vide D. Franciſco Coutinho.

Conjuraçaõ contra os Portuguezes dos Reynoes de Jafanapataõ. p. 245. c. 2.

Conjuraçaõ, contra Sancho de Vaſconcellos, que ſe deſcobre. p. 574. c. 2.

Conjuraçaõ de todos os Reys da India contra o Eſtado. p. 420. c. 2.

D. Conſtantino, quem era eſte Cavalheiro? p. 280. c. 2. Chega a Goa. p. 134. c. 1. Como foy eleito em ViſoRey. p. 135.

p. 135. c. 1. Armada, e Capitaens, que o acompanhaõ para a India. p. 136. c. 2. Chega a Goa. p. 137. c. 1. Couſas, em que prové. *ibi.* c. 2. Eſcreve ao Itimican, para que lhe largue a Cidade, de Damaõ, e conſegue o que pertende. p. 139. c. 2. Faz conſelho ſobre as couſas de Cananor, e como he reſpondido. p. 140. c. 2. Culpas, que lhe deraõ na ſua reſidencia. *ibi.* Entrega o governo, e parte para Baçaim. p. 142. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Ordem, que guardou no deſembarque. p. 143. c. 2. Como deſembarcou. p. 145. c. 1. Faz conſelho ſobre a conſervaçaõ da Cidade, e o que nelle ſe reſolve. p. 146. c. 1. Ajuſte, que faz com o Rey de Sarſete. p. 148. c. 2. Conſelho, que faz ſobre tomar Balſar. E como ſe ajuſta. p. 150. c. 1. Parte para Balſar. *ibi.* c. 2. Parte para Damaõ. *ibi.* Couſas, que ahi diſpoem. p. 151. c. 2. Parte para Goa. *ibi.* O que uſa com Luiz de Mello da Sylva. p. 159. c. 2. Armada, que manda para o Malavar. p. 198. c. 1. Regimento, que manda a Luiz de Mello da Sylva. *ibi.* c. 2. Soccorro, que pertende mandar a Dom Antaõ de Noronha. p. 198. c. 2. Capitaens, que vaõ a eſta empreza. p. 199. c. 1. Capitaens, que vaõ na Armada do Malavar. p. 199. c. 2. Manda largar a fortaleza de Balſar. p. 205. c. 1. Aſſenta em conſelho, que naõ vá o Patriarca para a Abaſſia. p. 210. c. 2. Deſpacha as naos do Reyno. *ibi.* Deſpacha a Pantaliaõ de Sá para as Capitanías de Cofalla. *ibi.* Deſpacha a Antonio Pereira Homem com huma Armada. p. 210. c. 2. Capitaens, que lhe dá. *ibi.* Deſpacha Capitaens, e gente, para a guerra de Cananor. p. 218. c. 1. Outras couſas de grande importancia, em que prové. *ibi.* c. 2. Parte com huma groſſa Armada para Jafanapataõ. 246. c. 1. Capitaens, e ſoldados que manda para Damaõ. p. 236. c. 2. Manda prender a Dom Pedro de Almeida. p. 236. c. 2. Capitaens, que leva na ſua Armada. 237. c. 1. Chega a Cochim. p. 237. c. 2. Carta, que eſcreve aos da Ilha de Saõ Thomé. p. 237. c. 2. Parte de Cochim com o Biſpo para Jafanapataõ. p. 238. c. 1. Chega a Jafanapataõ, e faz conſelho ſobre o modo do deſembarque. p. 238. c. 2. O que ſe reſolve no conſelho. *ibi.* Deſembarcaõ. p. 239. c. 1. Reſoluçaõ, que toma depois de entrar a Cidade. p. 240. c. 2. Fica ſenhor da Cidade. p. 241. c. 2. Entregaõ-lhe o dente de bogio. *ibi.* Ordens, que mandou paſſar. p. 242. c. 1. Manda conduzir para Jafanapataõ todos os moradores da Ilha de Saõ Thomé. p. 242. c. 2. Marcha em buſca do Rey de Jafanapataõ. *ibi.* Entra na fortaleza de donde tinha fogido ElRey. p. 243. c. 1. Manda por tres Capitaens ſeguir ao Rey *ibi.* Aſſeitalhe os partidos, que lhe faz. p. 244. c. 1. Eſcapa milagroſamente de lhe darem morte. p. 245. c. 2. Chega à Ilha de Maner, aonde determina fazer huma fortaleza. p. 249. c. 1. Executa a determinaçaõ. *ibi.* Remete ao Rey de Cota ſua Avò, e parentas, para que lhe entregue o Rey de Jafanapataõ. *ibi.* Manda o Principe de Jafanapataõ para Goa. *ibi.* Parte para Cochim. *ibi.* Deſpacha as naos para o Reyno. p. 219. c. 2. Vay com toda a pompa a viſitar o Rey da Pimenta. *ibi.* Aviſtaõ-ſe ambos. p. 260. c. 1. Ajuſtaõ pazes. *ibi.* Carta, que recebe do Capitaõ de Cranganor. *ibi.* c. 2. O que ordena antes de partir para Goa. p. 261. c. 2. Chega a Goa, e no que prové. p. 262. c. 1. Recebe huma carta do Rey de Baçorá, e o que contém. *ibi.* O que reſolve. *ibi.* Recebe huma carta de Cedemecan, e ſobre que negocio. p. 264. c. 1. e 2. Armada, que manda a favor de Cedemecan. *ibi.* Recebe dous Embaxadores delRey de Pegú ſobre o reſgate do dente de bogio. p. 278. c. 2. Faz conſelho ſobre a entrega, e como he reſpondido. p. 279. c. 1. Reſoluçaõ, que toma. *ibi.* Emblema, que ſe lhe faz àcerca do dente de bogio. p. 279. c. 2. Manda fazer huma nao para hir para o Reyno. p. 280. c. 1.

Coſta Arſem, reſolve-ſe a matar San-

cho de Vaſconcellos, eſtando ambos ſòs; e Sancho de Vaſconcellos o mata a elle. p. 574. c. 2.

Cota, o ſeu Rey como premea o valor dos Portuguezes. p. 341. c. 1. Na batalha, que os noſſos deraõ ſobre a fortaleza de Cota, viraõ os Mouros em noſſa defenſa a Noſſa Senhora, e a Saõ Joſeph. p. 342. c. 2. Neſte conflito morreraõ mais de dous mil Mouros, e hum ſó Portuguez. p. 343. c. 1. Os noſſos ſalgaõ os Mouros mortos mais gordos para comerem. *ibi.* Deſcripçaõ da Cidade de Cota. p. 319. c. 1.

Cruz de madeira, que naõ puderaõ derribar os Mouros a golpes de machado. p. 127. c. 2.

Culpas, de Dom Joaõ de Atayde. p. 132. c. 2.

Cutilada, que cortou hum Mouro deſde o hombro até a cintura. p. 371. c. 1.

D

DAbul, Cidade, he deſtruida, e queimada por Pero Barreto Rolim. p. 97. c. 1.

Damaõ, Cidade, que deſeja o ViſoRey, dando por troco della ametade dos rendimentos da Alfandega de Dio. Como impugna eſte deſejo D. Diogo de Noronha. p. 77. c. 2. Entrega-ſe a tal Cidade aos Eſtados. p. 139. c. 2. Gente, que a occupa, e ſua fortificaçaõ. 143. c. 2.

Damiaõ Furtado, Capitaõ de huma nao. p. 143. c. 1.

Damnos, que ſe originaõ de poupar. p. 40. c. 1.

Decais, entre os Mouros, he o meſmo, que entre nòs Almotaceis. p. 101. c. 1.

Dente de Bogio, reliquia da veneraçaõ dos Mouros, que ſe acha no ſaque do Pagode de Jafanapataõ. p. 241. c. 2. Origem do culto, que lhe davaõ. *ibi.* Preço exorbitante, que ſe offerece ao ViſoRey, para que a reſtitua. p. 278. Como ſe lhe negou, e hum Emblema, que ſe lhe fez. p. 279. c. 2.

Dente de Bogio falſo. Quanto importou eſta ficçaõ. p. 242. c. 1. Grandeza, com que foy recebido em Pegù. p. 357. c. 2.

Deſconfiança entre Franciſco Barreto, e Martim Affonſo de Miranda. p. 33. c. 1.

Deſcripçaõ das Ilhas de Baharem. p. 186. c. 1. De Butuà, Manizà, Cabo delgado, e do Reyno de Monomotapa. p. 540. De Salſete, e Baçaim. p. 80. c. 1. De Comorá. p. 106. c. 2. da Ilha de Saõ Lourenço. p. 104. c. 2. da Ilha de Sada. p. 105. c. 1.

Deſcripçaõ do Pagode, chamado do Canari. p. 80. c. 2. Do Pagode, chamado do Elefante. p. 84. c. 2.

Deſcripçaõ, do Laberinto, que tem a Ilha de Salſete. p. 81. c. 1.

Deſcripçaõ, da Serra de Aſſari. p. 88. c. 2.

Deſpojo, de huma batalha, que importou em mais de cem milhoens de ouro. 360. c. 2.

Determinaçaõ, dos moradores de Ternate em prenderem o ſeu Capitaõ Dom Duarte Deça. p. 123. c. 2. Soltaõ ElRey de Ternate. *ibi.*

Devoçaõ, dos homens do mar com Saõ Pero Gonçalves. p. 119. c. 2. Abuſo, que tem com eſte Santo. *ibi.*

Diamante, tamanho, como hum ovo, quem o tem? p. 360. c. 1.

Differença, que ha nas ſeitas dos Perſas, e Arabes, p. 112.

Differença da Rainha Cambaſſes, e a Rainha Sabá. p. 24. c. 1.

Differença dos Soldados antigos aos modernos. p. 128. c. 2.

D. Diniz, filho do Marichal, vay para a India. p. 136. c. 2.

D. Diniz Gonçalo Falcaõ, he Capitaõ de huma fuſta, que acompanha o ViſoRey. p. 76. c. 2.

D. Diniz de Menezes, vay ſoccorrer a D. Duarte Deça a Ternate. p. 121. c. 2. Foy Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Diogo de Alvellos de Azinhaga vay beijar a maõ ao noſſo Biſpo da Ethiopia, com outros Portuguezes. p. 109. c. 1. Vay com Belamal, primo do Emperador da Ethiopia, fazer guerra contra os Cafres Gallos. p. 187. c. 2.

D. *Diogo de Atayde*, he Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 131. c. 1. Vay com o meſmo poſto contra o Achem. p. 134. c. 1. Com o meſmo poſto para Damaõ. p. 142. c. 2. He Capitaõ de Méza em Damaõ. p. 151. c. 2.

Diogo Banha, Capitaõ de huma fuſta acompanha o Viſo-Rey. p. 76. c. 2. Omeſmo emprego para Damaõ. p. 142. c. 2.

Diogo Barbacho, Capitaõ de hum navio contra hum Corſario. p. 138. c. 2.

Diogo Dias do Preſtes, vay a viſitar o Emperador da Ethiopia, e apalpar como elle eſtá na mudança de coſtumes, e recebimento do Patriarca Catholico. p. 21. c. 1. Deſembarca no Porto de Arquicò. p. 23. c. 1.

D. *Diogo Fernandes de Vaſconcellos*, Capitaõ de huma nao contra Cafár. p. 285. c. 1.

Diogo Ferreira, Collaço do Principe Dom Joaõ, Capitaõ de hum navio em Ormuz. p. 172. c. 2. O meſmo poſto contra Cafár. p. 286. c. 1.

Diogo da Fonſeca Leyte, acompanha o Emperador da Ethiopia. p. 164. c. 2.

Diogo Gonçalves, acompanha o Biſpo para a Ethiopia. p. 103. c. 2.

Diogo Suzarte, Capitaõ de hum navio contra o Madune. p. 71. c. 1.

Diogo Suzarte Tiçaõ, Capitaõ de huma nao a favor delRey de Cinde. p. 78. c. 2. O meſmo emprego para Damaõ. p. 142. c. 2. O meſmo contra o Achem. p. 134. c. 1.

D. *Diogo Lobo*, Capitaõ de huma nao em companhia do Viſo-Rey para Damaõ. p. 140. c. 2. O meſmo poſto para Surráte. p. 14. c. 2.

Diogo Lopes Souſa o Diabo, hoſpéda, e favorece a Gonçallo Falcaõ, fugitivo das Ordens do Viſo-Rey. p. 283. c. 2.

Diogo Lopes de Meſquita, trata mal a ElRey de Maluco. p. 396. c. 2. Manda a Luiz de Carvalho, que o mate. p. 397. c. 1. Jura pazes com elle em publica fórma. *ibi.* c. 2. Dentro na fortaleza, entrando nella o Rey em boa fé, Luiz de Carvalho lhe dá a morte. p. 398. c. 1.

Diogo Lopes de Sequeira Viſo-Rey da India. p. 2. c. 2. Alcançou licença delRey Boran Soltaõ, para fazer a fortaleza de Chaul. p. 114. c. 2.

Diogo Lopes de Lima Pereira, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1.

Diogo Lourenço, Capitaõ de huma nao para Cananor. p. 138 c. 2.

Diogo Madeira, acompanha com o ſeu navio o Viſo-Rey. p. 134. c. 1.

D. *Diogo de Mello Coutinho* Capitaõ de Menar junta huma Armada, em que vay contra o Raju. p. 320. c. 2. Chega à viſta do Raju. p. 322. c. 1.

Diogo de Mendonça, Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2.

D. Diogo de Menezes, chega a Goa, e dá conta ao Viſo Rey, do que tem obrado. p. 490. c. 2. Parte a ſoccorrer Chalè. p. 491. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* O que obra achando a fortaleza já entregue. *ibi.* 2. O que obra em Malaca. p. 494. c. 1.

Diogo de Miranda, e Azevedo, Capitaõ de hum navio, que acompanha o Viſo-Rey. p. 76. c. 2. O meſmo poſto a favor delRey de Cinde. p. 78. c. 2. Vay com o meſmo poſto contra o Achem. p. 134. c. 1. O meſmo para Damaõ. 143. c. 1. O meſmo para Mèca. p. 151. c. 1.

Diogo Moniz, acompanha o Biſpo para a Ethiopia. p. 103. c. 2.

D. *Diogo de Noronha*, he Capitaõ da fortaleza de Dio. p. 21. c. 1. Impede ao Abiſcan a entrada em Dio. p. 28. c. 2. Modo, com que pertendeo lançallo daquellas terras. *ibi.* Falla, que faz a Melique Xeque. p. 29. c. 1. Manda

viſitar a Fartacan, depois de ter desbaratado a Abiſcan, e correſponde-ſe com elle em grande confiança. *ibi.* c. 2. Demaſiado deſcuido, que teve neſta amizade. *ibi.* Por eſte deſcuido perdeo o ſer Viſo-Rey da India. p. 30. c. 1. Toma poſſe de todos os rendimentos da Alfandega de Dio. *ibi.* Naõ conſente a Melique Xeque cobrar meyo rendimento. p. 42. c. 1. He accometido com grandes promeſſas, e juntamente ameaçado de lhe impedirem os rendimentos da Alfandega. *ibi.* Propoem em concelho eſte negocio. *ibi.* c. 2. Como he reſpondido, e como elle vota. *ibi.* Repoſta, que manda a Melique Xeque. *ibi.* Embaxador, que manda a ElRey de Cambaya. p. 43. c. 1. Satisfaçaõ, que quer tomar do Itimican tratar mal aos ſeus Embaxadores. *ibi.* c. 2. Aviſo, que faz a Diogo Pereira. p. 44. c. 1. O que executa na nao, que vinha de Mèca. p. 44. c. 1. O que obra com o Capitaõ de hum navio, que lhe deu a nova de ſer Franciſco Barreto Viſo-Rey. *ibi.* c. 2. O quanto ſentio eſta noticia. *ibi.* Demonſtraçaõ, que fez de alegria. p. 45. c. 1. Dinheiro, que manda ao Viſo-Rey. *ibi.* Sentimento, qne teve de o Viſo-Rey tratar negocios de Dio ſem lhos participar. p. 66. c. 1. Carta, que ſobre iſto eſcreve ao Viſo-Rey. *ibi.* 2. Impugna a troca da Cidade de Damaõ. p. 77. c. 2.

D. *Diogo de Noronha o Corcós*, Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 130. c. 2. O meſmo emprego para Damaõ. p. 142. c. 2. Vota, em q̃ ſe naõ tome Balſar. p. 150. c. 1. He Capitaõ de Damaõ. p. 151. c. 2. Tem noticia da morte, e deſbarato de Alvaro Gonçalves Pinto, e o que obra neſte caſo. p. 202. c. 1. Como ſoccorre, os que ficaraõ na fortaleza. *ibi.* c. 2. Volta para Damaõ. p. 203. c. 1. Tem outro aviſo, do que paſſa em Balſar, e o que obra. p. 204. c. 1. Larga a fortaleza de Balſar por lho mandar aſſim o Viſo-Rey. p. 205. c. 1. Vay buſcar os Abexins, a quem desbarata. p. 206. c. 2. Eſtratagema, com que fez, que os ſeus inimigos ſe mataſſem huns aos outros. p. 254. c. 1. Tem noticia, de que Madre Maluco vay ſobre Damaõ, e o que obra. p. 253. c. 2. Pede-lhe o Cedemecan ſoccorro. 257. c. 1. Armada, que lhe manda. *ibi.* Morre. p. 258. c. 1. Sua genealogia. *ibi.*

Diogo Nunes Pedroſo, Capitaõ de Mèſa. p. 353. c. 1.

Diogo Pereira Embaxador a Cambaya. p. 43. c. 2. Naõ he bem hoſpedado, fóge deſconhecido. p. 44. c. 1.

D. *Diogo Pereira* o moço, tio de Dom Antaõ de Noronha, he o primeyro, que atraveſſa o rio, que defendiaõ os Mouros. p. 58. c. 2. Morre neſte conflicto. *ibi.*

Diogo Pereira, Capitaõ de hum navio para o Achem. p. 134. c. 1. O meſmo emprego para Damaõ. p. 142. c. 1.

D. *Diogo Pereira* filho do Conde da Feyra, Capitaõ de huma nao contra os Abexins. p. 146. c. 2. He Capitaõ de Maluco. p. 286. c. 1. He Capitaõ môr de huma Armada para o Eſtreito de Mèca. p. 353. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* O que ahi obra. *ibi.* c. 2. Queima huma Cidade. p. 354. c. 1. Perde-ſe com toda a Armada. *ibi.*

Diogo Pimenta, aſſinala-ſe na eſcaramuça com os inimigos indo na companhia do Emperador da Ethiopia. p. 170. c. 2.

Diogo Rodrigues tem a meſma fortuna. *ibi.*

D. Diogo Rolim, he Capitaõ de Mèza. p. 100. c. 2.

Diogo de Sá, Capitaõ de huma nao para Chaul. p. 178. c. 1.

Diogo da Silva, Alcayde môr de Damaõ. p. 151. c. 2.

Diogo da Silveira, Capitaõ de huma nao para Maluco. p. 160. c. 1.

Diogo Soares, he chamado do Rey de Pegù, para lhe valer. O que niſto obra. p. 47. c. 1. Honras, que o Rey lhe fez, quando o vio. *ibi.* c. 2. Vay na teſta do exercito buſcar o inimigo. *ibi.* Manda o Rey paſſar a Cidade toda a cutello,

cutello, e ſó reſerva, os que eſcolherem por couto as caſas de Diogo Soares. *ibi.* A' viſta das ditas caſas, todos os que hiaõ a cavallo, ou em palanquin, ſe punhaõ a pè, por reſpeito, e veneraçaõ ao dono dellas. p. 48. c. 1. Dá-lhe o Rey, e aos ſeus Portuguezes todo o ſaque da Cidade. *ibi.* Mercè, que pede a ElRey, e lhe concede. *ibi.* c. 2. Vay reconhecer por Rey de Pegù a Ximi de Sataõ. p. 49. c. 1. Ximi de Sataõ o manda matar. *ibi.* c. 2. Prendem-no. Valor, com que intenta livrarſe. *ibi.* Cortaõ-lhe a cabeça. p. 50. c. 1.

D. *Diogo de Souſa*, gentileza, que diz num Concelho ao Governador. p. 125. c. 1. Vay contra os Abexins. p. 146. c. 2. Vay contra Cafar. p. 285. c. 1.

Diogo de Vaſconcellos, acompanha o Governador a Damaõ. p. 140. c. 2.

Dito galante de Manderagri a favor dos Portuguezes. p. 52. c. 2.

Dito de D. Joaõ de Caſtro vendo cortar huma palmeira. p. 61. c. 2.

Dito de D. Pedro de Almeida, vendo cahir hum Crucifixo num rio. p. 149. c. 2.

Dito de Dom Affonſo de Noronha contra o Rey de Chembe. p. 18. c. 1.

Dito de D. Pedro Maſcarenhas ao Conde da Vidigueira. p. 35. c. 2. Outro dito a hum pertendente. p. 36. c. 2. Outro a hum prezo. *ibi.*

Dito do Bramà a Diogo Soares. p. 47. c. 2.

Dito do Viſo-Rey a D. Paulo de Lima. p. 413. c. 2.

Dito de Vaſco Lourenço de Barbuda ao Viſo-Rey. p. 458. c. 2. Outro dito melhor ao meſmo Viſo-Rey correndo com elle humas carreiras. p. 459. c. 1.

Dito de D. Diogo Pereira, filho do Conde da Feyra ao Viſo-Rey perguntando-lhe: donde vindes? p. 401.

Domicio Afro, ſentença, que diſſe. p. 133. c. 1.

Domingos Borges acompanha o Governador para o Achem. p. 134. c. 1.

Domingos de Coimbra Capitaõ de huma nao para Cananor. p. 138. c. 2.

Domingos Dias Capitam de hum navio contra o Madune. p. 72. c. 1.

Domingos de Meſquita, pede ao Viſo-Rey huma incumbencia, que outros Capitaens lhe recuſavaõ. p. 325. c. 1. Como a executou. *ibi.* 2.

Domingos Rapoſo, Capitaõ de hum navio conrra o Madune. p. 72. c. 1.

Domingos Rodrigues, valor com que peleja. p. 125. c. 1.

D. *Duarte da Coſta*, Governador da Bahia, hoſpéda os arribabados da nao Saõ Paulo. p. 73. c. 2. Dá-lhes todo o aviamento para fazer viagem. p. 96. c. 1. Vay buſcar todos os Fidalgos, que chegaraõ ao ſeu porto, da Armada, q̃ hia do Reyno para a India. p. 120. c. 2.

D. *Duarte Deça*, ſendo Capitaõ de Maluco, prende ElRey de Ternate. p. 110. c. 1. Rigoroſa prizaõ, em que o mete, e teſtemunhos, que lhe levanta. *ibi.* c. 2. Proteſtos, que lhe fazem os Padres, e Provedor da Miſericordia, para que ſolte ElRey. *ibi.* A Miſericordia dá huma ſemana de comer a ElRey na prizaõ, e outra ſemana lhe daõ os moradores da Cidade. 111. c. 1. Manda o Governador lançar peçonha na agoa, que havia de beber ElRey. *ibi.* Conhece ElRey a peçonha, por virtude de hum anel, que tem no dedo. *ibi.* Proteſtos dos Governadores do Reyno. *ibi.* Riſcos, em que ſe vè com os aſſaltos, que lhe dá ElRey de Tidore, que vem em peſſoa livrar o prezo. *ibi.* Pede favor ao mayor inimigo, que teve a fortaleza, e o que lhe promete. *ibi.* c. 2. Alcança o que pede. *ibi.* Manda hum Jeſuita pedir ſoccorro ao Rey de Bachaõ. *ibi.*

Duarte Paim de Mello, Capitaõ môr de huma Armada. p. 43. c. 2. O que executa neſte emprego. p. 44. col. 1. Vay para o Achem. p. 134. c. 1.

Duarte Pereira, Capitam de huma nao para Chaul. p. 178. c. 1.

Duarte de Soveral Capitam de Méza p. 91. c. 1.

Emba-

E

EMbaxador do Idalxà a Goa a confirmar pazes. p. 559. c. 1.

Embaxador do Idalxà para ElRey D. Sebaſtiaõ. p. 559. c. 2.

Embaxador para o Idalxà. p. 556. c. 1.

Embaxador do Mogor. p. 566. c. 1.

Embaxador delRey de Portugal ao Emperador da Abaſſia. p. 72. c. 2.

Embaxada, que deu o Padre Gonçalo ao Emperador da Abaſſia, Claudio. p. 27. c. 2. Repoſta, que teve do Emperador. p. 28. c. 1.

Emblema àcerca do dente de bogio. p. 279. c. 2.

Emperador da Abaſſia deſeja dar obediencia à Santa Sé Apoſtolica. p. 1. c. 2.

Emperador da Abaſſia, que pede Patriarca herege a Alexandria. p. 3. c. 1. Torna a querer dar obediencia a Santa Sé Apoſtolica. p. 3. c. 2.

Emperadores da Abaſſia, fechaõ todos os filhos, que naõ ſaõ o herdeiro, em huma ſerra donde naõ ſahem em toda a ſua vida. p. 88. c. 2.

Emperador Claudio, vay em peſſoa contra os Gallos Cafres. p. 168. c. 1. Falla com o noſſo Biſpo ſobre as couſas da Religiaõ Chriſtãa. p. 165. c. 1. Convida ao Biſpo para ver a ſua Miſſa. *ibi.* Parte para Como. *ibi.* c. 2. Portuguezes, que o acompanhaõ na guerra. p. 170. c. 2. Morre no conflicto. p. 171. c. 1.

Emperador Adamas Sagad, tem diſputas com o noſſo Biſpo ſobre pontos da Fè. p. 187. c. 1. Dito, que diſſe ao Biſpo, e repoſta, que o Biſpo lhe deu. p. 188. c. 1. Falla, que fez ao Biſpo, e repoſta, que teve. p. 213. c. 2. He accometido de noite para o matarem. p. 214. c. 1. Manda matar, ao que lhe queria dar a morte. 215. c. 1. Dá batalha aos conjurados. p. 215. col. 2. Manda prender ao Biſpo. p. 214. c. 2. Manda, que o ſoltem. p. 215. col. 2. Falla, que fez aos Portuguezes. pag. 291. c. 1. Parte contra o Emperador alevantado em companhia do noſſo Biſpo, e Padres da Companhia. p. 299. c. 2.

Emperador Carlos V. recolhe-ſe no Convento de Saõ Jeronymo em Jioſte. p. 74. c. 1.

Emperadores do Malavar, ſua origem. p. 300. c. 2. e 309. c. 2.

Erva Leiteira, qualquer pinga do ſumo, que cahe nos olhos, no meſmo inſtante cega. p. 344. c. 1

Eſcaramuça do Capitaõ de Pondà contra os noſſos. p. 33. c. 1.

Eſcrito, que ſe deixa em hum batel, que fica ſem gente no meyo do mar. p. 225. c. 1.

Eſtado da India divide-ſe em tres governos. p. 487.

D. *Eſtevaõ da Gama* Viſo-Rey da India. p. 2. c. 2.

Eſtevaõ Gonçalves, Meſtre, e Capitaõ dos Inhanes, como ſe aſſinalou entre os outros no aſſalto da Cota? p. 342. c. 1.

Eſtevaõ Leyte, valor com que peleja. p. 380. c. 1.

Eſtevaõ Pereſtelo, acçaõ, e feito famoſo, que obra. p. 445. c. 2.

Eſtilo, com que o Monomotapa admitte a lhe fallarem os Eſtrangeiros. p. 544. c. 1.

Eſtrado Imperial, que tinha o Rey de Janafapataõ. p. 246. c. 2. Eſtrangeiros ſaõ mais politicos, e curioſos, que os Portuguezes. p. 82. c. 2. Eudoxo vay a deſcobrir a India. p. 106. c. 1.

Eunuco da Rainha Candaſſes, que a converteo. p. 24. c. 1.

Exercito de 100 U. cavallos, e 600 U. de pè. 359.

Extrema-Unçaõ, naõ havia noticia deſte Sacramento na India no tempo de D. Fr. Aleyxo de Menezes p. c. 1.

F

FErnaõ de Alvares Cabral, vay para a India por Capitaõ môr de huma Armada. 1. Depois de arribar ao Reyno; vay outra vez para a India por Capitaõ de huma nao. p. 12. c. 2.

Fernaõ de Caſtro, Capitaõ de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1. Vay para à India. p. 136. c. 2.

Fr. Fernando de Caſtro, valor com que deſprezou a vida por exercitar as obras de caridade. p. 194. c. 2.

Fernaõ Coutinho, Capitaõ de huma nao, chega a Goa. p. 301. c. 2.

Fernaõ Farto, he Capitaõ de huma, galeota, que vay para Abaſſia. p. 21. 2. Volta para Goa. Noticias, que dá ao Viſo-Rey. p. 23. c. 1.

Fernaõ Gomes de Souſa, Capitaõ de huma nao para à India provido na Capitanîa de Côchim. p. 12. c. 2. Chega a Goa, e parte para Côchim. *ibi.*

D. *Fernando de Lima*, Capitaõ da fortaleza de Bandá. p. 286. c. 1.

Fernaõ Martins Freyre, Capitaõ môr do mar da India. p. 14. c. 1. Parte para a India. p. 12. c. 2. Capitaens, e navios, que leva. p. 14. c. 2. Regimento, que lhe daõ. *ibi.* He mandado viſitar porCarracem,Capitaõ de Surràte. Reſpoſta, que lhe manda, he pedir-lhe humas galès, e huns Turcos, que là tem. Como he reſpondido. *ibi.* Deſpede hum navio ao Viſo-Rey com a repoſta do Carracem. p. 15. c. 2. Correſponde-ſe com prezentes, e mimos galantes com Carracem: Faz-ſe à vèla para Baçaim, e dahi para Goa. p. 20. c. 2. He bem recebido do Viſo-Rey. *ibi.* He Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 76. c. 2. Chega à India deſpachado para C,ofalla. p. 301. c. 1.

D. *Fernando de Menezes*, que eſtava em Maſcate, faz-ſe à vèla para Goa com a Armada, que lhe ficou. p. 15. c. 2. Vay viſitar ao Viſo-Rey, e he recebido com muyto honradas cortezanias. p. 16. c. 1. Parte para o Reyno. p. 18. c. 2. Morre em hum aſſalto no cerco de Chaul. p. 443. c. 2.

D. *Fernando de Monroy*, Capitaõ de huma Armada para o Norte. p. 488. c. 2. Capitaens, e navios, que o acompanhaõ. *ibi.* Fica na fortaleza de Gaçaim. p. 41. c. 1. Com que bizarria ſahio da fortaleza. p. 60. c. 1. Acompanha o Governador a terra firme. p. 99. c. 1. Vay ao Eſtreito de Mèca. p. 350. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ, *ibi.* c. 2.

Fernaõ de Noronha, Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 134. col. 1.

Fernaõ Nunes, porque tinha fóme abrio hum Mouro, tirou-lhe os figados, aſſou-os, e comeu-os. p. 343. c. 1.

Fernaõ Ortiz de Tavora, vay por Capitaõ de huma Armada em ſoccorro do Maluco. p. 495. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. p. 496. c. 1.

Fernaõ Paes, Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 77. c. 1.

Fernaõ Peres de Andrade, e outros Companheiros pedem licença para aſſaltar, e inveſtir huma tranqueira, que ſe concede. p. 561. c. 1. Vay a deſtruir a defenſa, que os Jaos fazem no Rio. *ibi.* c. 2. He Capitaõ de huma nao para Surràte. p. 14. c. 2. Capitaõ môr da Armada contra o Madune. p. 72. Capitaens, que leva. *ibi.* Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 76. c. 2.

Fernaõ Rodrigues de Carvalho, Capitaõ de hum Galeaõ, leva mantimentos a Ceilaõ. p. 352. c. 2.

Fernaõ de Sá, Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 76. c. 2.

Fernaõ de Souſa de Caſtello Branco, deſtroço, que fez ao inimigo. p. 437. c. 2. Bizarria, e valor, com que vota, que ſe naõ entregue Chaul. p. 457. c. 2. Dalhe huma balla nos peitos, derriba-o do Cavallo, e naõ lhe faz outro damno. p. 475. c. 2. Vay por Embaxador ao Emperador da Abbaſſia deſpachado com a Capitanía de Chaul. p. 22. c. 2. He Capitaõ de huma nao para o

Achem

Achem. 134. c. 1. He Capitaõ da fortaleza de Jafanapataõ. p. 245. c. 1. Com ſeſſenta homens encamiſados fez huma grande deſtruiçaõ nos inimigos. p. 246. c. 1.

Fernaõ de Souſa Coutinho, morre em huma batalha naval. p. 518. c. 2.

Fernaõ Telles, he Capitaõ de Ormuz. p. 504. c. 2. Vay a tomar duas naos do Idalxá. p. 520. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* He Capitaõ da Coſta do Malavar. 531. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Recolhe-ſe com muitas prezas, e traz hum Embaxador do Mogor. *ibi.* Torna para a coſta do Malavar. p. 531. c. 2. Parós, em que faz preza. p. 535. c. 1. Toma huma nao do Camori, e recolhe-ſe a Goa. *ibi.* Veja p. 558. c. 1.

D. Fernando de Vaſconcellos, vay a Dabul queimar duas naos, que vaõ para Méca. p. 434. c. 1. O que conſegue, e mais eſtragos, que fez naquella coſta. *ibi.* Morre em hum conflito. p. 454. c. 1. Sua Genealogia. *ibi.*

Fidalgos, que embarcaraõ para a India o anno de 1554. p. 12. c. 1.

Fidalgos, que fogiaõ para Chaul por lhe conſtar, que lá era o lugar mais arriſcado da guerra. p. 439. c. 2.

Fidalgos, que ſem licença de ſeus Capitaens faziaõ ſuas ſahidas ao inimigo em Chaul. p. 441. c. 1. Outros, que deraõ hum aſſalto, e tiveraõ vitoria. *ibi.* c. 2.

Filippe, Rey de Caſtella, caſa com a Rainha Maria de Inglaterra. p. 13. c. 2.

Filippe Carneiro, Capitaõ mòr das naos de Portugal para Goa. p. 417. c. 1.

D. Filippe de Caſtro, Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 76. c. 2.

D. *Filippe de Menezes*, dalhe hum pelouro no nò da garganta, e naõ lhe faz mal. p. 240. c. 1.

Foaõ Boto, Eſcrivaõ de huma nao, mata ao ſeu Capitaõ por lhe dar com huma cana. p. 362. c. 2.

Foaõ de Lima, Capitaõ mòr de huma Armada. p. 56. c. 2. Regimento, que leva. p. 57. c. 1. Faz preza em duas cotias de muita importancia. *ibi.* c. 2.

Fogo, que vem os navegantes nas tormentas, o que he? p. 120. c. 1.

Fórma, do juramento da homenagem, que daõ os ViſoReys. p. 522. c. 1.

Fortaleza de Amboino, para onde ſe muda. p. 501. c. 2.

Frades Abexins, que fogem para o noſſo Biſpo buſcando a verdadeira fé. p. 188. c. 2.

Frade Abexim, que falſifica na ſua lingoa, tudo o que lhe ditou o noſſo Biſpo para o Emperador da Abaſſia. p. 187. c. 2.

Frades Franciſcanos, fruto que tem feito em Negapataõ até Saõ Thomé. p. 153. c. 1. O que fizeraõ em Cananor, quando Ade Rajao o accometeo, e o que viraõ na Igreja. p. 347. c. 2.

Franciſco de Albuquerque, he Eſtribeiro do ViſoRey. p. 77. c. 1.

D. *Franciſco de Almeida*, filho de D. Lopo de Almeida, vay para a India. p. 136. c. 2. He Capitaõ de huma Armada a favor delRey de Cochim. p. 260. c. 2. Alcança vitoria na batalha em terra. p. 261. c. 1.

Franciſco Anes, querendo renderſe, os que com elle hiaõ em hum navio a hum corſario, elle votou, em que morreſſem pelejando. p. 17. c. 1. Acçaõ famoſa, que fez, vendo que ſeus companheiros ſe queriaõ entregar a huma galé, que os accometia. p. 17. c. 1.

Franciſco Barreto, he nomeado ViſoRey, e dá menagem nas mãos de Gaſpar de Mello, Capitaõ da Cidade. p. 38. c. 1. Aceita todos os criados do ſeu anteceſſor com os meſmos empregos, que tinhaõ. *ibi.* c. 2. Diligencias, que fez vendo arder os galeoens na ribeira. p. 39. c. 1. Diligencias, que manda fazer para reſarcir a perda dos galeoens. *ibi.* c. 2. Pompa, e fauſto, com que pertende ir ver a Mealecan. 40. c. 2. Aviſta-ſe com Mealecan, e confirmaõ os contratos, que eſtavaõ aſſentados com D. Pedro Maſcarenhas, e toma poſſe das fortalezas. p. 41. c. 1. Tem noticia do desbarato de Mealecan, e o que

que ſobre iſſo obra. p. 59. c. 2. Recebe Embaxadores do Camorim a pedirlhe pazes. p. 62. c. 2. Como ſaõ reſpondidos. *ibi.* Manda hum Embaxador a Cambaya a fazer partidos, que lhe dem a Cidade de Damaõ. p. 63. c. 1. Deſpede a Joaõ Peixoto com dous navios em buſca do Padre Meſtre Gonçalo. p. 64. c. 1. Recebe cartas do Rey, que foy de Baçorá, pedindo-lhe hum ſoccorro com boas promeſſas. *ibi.* c. 2. Manda huma boa Armada. *ibi.* Deſpede D. Joaõ Pereira provîdo na Capitanía de Malaca. *ibi.* Deſpede a Miguel Rodrigues Coutinho Fios ſecos a cruzar os mares de Goa até Dabil. p. 65. c. 1. Recebe hum Embaxador delRey de Cambaya. Repoſta, que lhe dá. *ibi.* c. 2. Ordena cinco Capitaens para darem meſas a todos os Soldados. p. 68. c. 2. Aparelha-ſe para ir para o Norte. p. 74. c. 1. Naõ quer mandar o Patriarca para a Abaſſia. p. 74. c. 2. Chama a conſelho para eſte negocio. p. 75. c. 1. Como he reſpondido. *ibi.* c. 2. No que ſe reſolve. *ibi.* Manda à Ilha de S. Lourenço buſcar noticias de humas naos, que ſe perderaõ. p. 76. c. 1. Capitaens, que eſcolhe, e Regimento, q̃ lhes dá. *ibi.* Manda huma Armada para o Reyno. *ibi.* Outra para o Malavar. Outra para as Ilhas de Maldiva eſperar as naos de Méza. *ibi.* Parte com cento e cincoenta navios. p. 76. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Chega a Baçaim. p. 77. c. 1. Recebe hum Embaxador delRey de Cinde. p. 78. c. 1. Poem em conſelho a ſua Embaxada. Como he reſpondido. *ibi.* Diligencias, que faz porque ſe lhe entregue a fortaleza de Aſſari. p. 88. c. 2. Manda vender a ſua prata para comprar a fortaleza de Aſſari. p. 90. c. 1. Parte para Goa. *ibi.* c. 2. Paſſa a Gaſſaim em buſca dos Capitaens do Idalxà. p. 99. c. 1. Aviſta ao inimigo eſtando já picada a batalha. Salta huma cava, que os defendia com valor intrepido, e alguns fidalgos com elle. p. 100. c. 1. Desbarata ao inimigo. *ibi.* Deſpacha Capitaens para fóra. *ibi.* c. 2. Tem aviſo, que em Suez ſe apreſtaõ galés para paſſarem à India, e o que faz neſte caſo. p. 124. c. 2. Manda hum Embaxador a ElRey de Chaul, e a que. *ibi.* Bizarria, com que premiou a quem lhe appreſentava cabeças de Mouros. p. 126. c. 2. Faz pazes com Idalcaõ. p. 127. c. 2. Manda huma Armada para Chaul. p. 128. c. 1. Parte com outra Armada para Chaul. p. 129. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Entrega o governo ao Biſpo. p. 130. c. 1. Deſembarca em Chaul. *ibi.* Recebe huma Embaxada, em que lhe pedem pazes. p. 131. c. 1. Manda lançar por huma janella o preſente, que lhe traz o Embaxador. *ibi.* Recebe outro Embaxador, e outro preſente. *ibi.* Ajuſte das pazes. *ibi.* c. 2. Manda deſapoſſar Dom Joaõ de Atayde da Capitanîa de Ormuz, e provê nella Dom Antaõ de Noronha. p. 132. c. 1. Parte para Baçaim. 133. c. 1. Chega a Goa. *ibi.* Manda hum Emperador ao Idalcaõ. *ibi.* c. 2. Armada para o Achem. *ibi.* Capitaens, que nomea. *ibi.* Foy o mais liberal daquelle tempo. p. 228. c. 1. Sua Genealogia. 134. c. 2. Poſtos que depois occupou. *ibi.* Parte para o Reyno. Fidalgos, que o acompanhaõ. p. 140. c. 1. Vay por Governador para a Conquiſta das Minas do Reyno do Monomotapa. p. 535. c. 2. Titulo, que lhe daõ para eſta empreza. *ibi.* Vay a Melinde caſtigar o Rey de Pate. p. 536. c. 2. Conſelho, que faz p. 537. c. 2. O que nelle ſe aſſenta. p. 538. c. 1. Reſolve-ſe a ſeguir o parecer de hum ſó contra o de todos. p. 539. c. 1. Dito generoſo, que diſſe. *ibi.* c. 2. Parte a conquiſtar as Minas. *ibi.* Quando foy para a India, foy recomendado delRey a Dom Pedro Maſcarenhas, porque lhe havia ſuſtituir a governança, ſe elle faltaſſe. p. 12. c. 1. Teve razoens deſconfiadas com Martim Affonſo de Miranda. p. 33. c. 2. Tormenta, que padece na nao Patifa. p. 191. c. 1. Zelo, que moſtrou com a fazenda de Noſſa Senhora da Graça. p. 192. c. 1. Falla,

que fez a todos os companheiros. p. 193. c. 1. Toma Moçambique. *ibi.* c. 2. Manda concertar a ſua nao, e a de Joaõ Rodrigues de Carvalho. p. 221. c. 1. Liberalidade, que uſava com todos. p. 221. c. 2. Diſpendeo mais de dezoito mil cruzados de ſua fazenda. *ibi.* Parte para o Reyno. p. 222. c. 1. Trabalho, em que ſe vio. *ibi.* Proteſto, que fez a todos, os que hiaõ na nao Garça. p. 223. c. 1. Acode à nao Garça no perigo, em que eſtava. p. 224. c. 1. Salva todos os navegantes. Até hum bogio, que veyo pedir, que o ſalvaſſem, quiz ſalvar, mas naõ o deixaraõ pelo perigo que todos corriaõ. p. 224. c. 2. Eſcrito, que fez, e meteo em hum canudo dentro em hum batel, que ſe entregou às ondas. p. 225. c. 1. Manda fazer hum auto do proteſto, que ſe lhe fez. p. 226. c. 1. Volta para Moçambique. *ibi.* Perigo, em que eſteve. *ibi.* Chega a Moçambique. *ibi.* colun. 2. Quer comprar dous Monſtruos, filhos de hum bogio, e de huma negra. p. 227. c. 2. Chega a Mombaça, aonde o Rey lhe manda hum grande refreſco. p. 228. c. 1. Intereſſa na fortaleza de Baçaim oytenta mil pardáos, e todos gaſtou com os ſoldados. *ibi.* Em Melinde o viſita o Rey daquella terra, e o regalla. *ibi.* Trabalho, que teve indo de Melinde para Goa. *ibi.* Deſembarca em Goa. p. 229. c. 1. Embarca para o Reyno. 230. c. 1. Fidalgos, que o acompanhaõ. Chega a Lisboa. *ibi.*

Franciſco de Barros, he Capitaõ da fortaleza de Maluco. p. 67. c. 2.

D. *Franciſco da Coſta*, he Capitaõ de Malaca. p. 420. c. 1.

Franciſco da Coſta, valor, e deſtreza, com que apanha huma eſpia. p. 241. c. 1.

D. *Franciſco Coutinho*, Conde de Redondo he eleito ViſoRey da India. p. 282. c. 2. Parte para a India. Naos, e Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* c. 2. Chega a Moçambique, e ahi deſembarca. *ibi.* Parte para Goa, aonde chega. *ibi.* O ViſoRey D. Conſtantino lhe entrega o governo. p. 283. c. 1. Deſpacha Capitaens para as fortalezas. *ibi* Execuçaõ, que fez em Gonçallo Falçaõ. *ibi.* c. 2. Tem aviſo de ter ſahido a corſo Cafar. Manda huma Armada de remo a eſperallo. p. 285. c. 1. Capitaens, que hiaõ nella. *ibi.* Manda outra Armada para a Coſta do Canará. *ibi.* c. 2. Outra Armada contra Cafar. p. 286. c. 1. Capitaens, que vaõ nella. *ibi.* Prové as fortalezas de Capitaens, e muniçoens. p. 286. c. 1. Tem Embaxadores do Camorim, a tratarem de pazes. p. 300. c. 2. O meſmo do Idalcaõ. Reſpoſta, que lhe deu. p. 301. c. 1. Prepara-ſe para ir a Camorim. *ibi.* Noticia, que teve das terras de Damaõ. p. 302. c. 1. Grande Armada, com que parte para Cochim. p. 306. c. 2. Capitaens, que o acompanharaõ. *ibi.* Chega a Tiracolle. p. 307. c. 2. Deſembarca para ſe aviſtar com o Camorim. *ibi.* Pompa de hum, e de outro. *ibi.* juraõ as pazes. p. 308. c. 1. Parte para Cochim. *ibi.* c. 2. Chega a Goa, prové nos deſpachos das fortalezas. p. 309. c. 1. Avia ao Arcebiſpo Dom Gaſpar para ir viſitar as fortalezas do Norte, e ver ſuas ovelhas. 324. c. 2. Idéa, que intenta contra o Camorim. p. 325. c. 1. Domingos de Meſquita lhe pede para ſi a execuçaõ daquella empreza. *ibi.* Morre. p. 325. c. 2. Suas prendas. p. 326. c. 2.

D. *Franciſco Deça*, Capitaõ de Malaca, vay para a India. p. 248. c. 1. Torna para Malaca. p. 262. c. 2. Parte com huma Armada para a Coſta do Achem. p. 309. c. 1.

Franciſco Dias, Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 76. c. 2.

Franciſco de Faria, valor com que morreo pelejando. p. 178. c. 1.

Franciſco Figueira de Azevedo, vay por Capitaõ de huma nao para a India. p. 53. col. 1. Seus progreſſos. p. 248. c. 1.

Franciſco Gonçalves, Feitor da Armada para Baçorá. p. 64. c. 2.

Franciſco de Gouvea, Capitaõ de huma

ma nao para a India. p. 12. c. 2.

D. *Franciſco Henriques*, Capitaõ mòr da Armada, que fica na Coſta do Camorim. p. 308. c. 2. Entra na Capitanîa de Maluco. p. 519. c. 2.

Franciſco Jacome, Capitaõ dos Portuguezes na Abaſſia. p. 213. c. 2.

D. *Franciſco Lobo*, vay para a India. p. 136. c. 2.

Padre Franciſco Lopes, Jeſuita, manda-o prender o Emperador da Abaſſia. p. 214. c. 2.

Franciſco Marques Botelho, primeiro Inquiſidor, que vay para a India. p. 248. c. 1. Chega a Còchim. *ibi.* c. 2. Parte para Goa. *ibi.*

D. *Franciſco Maſcarenhas*, Capitaõ mòr da Armada para o Malavar. p. 309. c. 1. Capitaens, que leva. *ibi.* Viſita a fortaleza de Cananor, e deixa-lhe provimentos. p. 327. c. 2. Entra no Rio Canharoto, e manda bombardear o ſeu Pagode. p. 328. c. 1. O de que foy cauſa eſta affronta, que fez ao Rey de Cananor. *ibi.* Chega a Goa. *ibi.* He provido nas Capitanías de C,ofalla, e Moçambique. p. 333. c. 1. He Capitaõ General da guerra de Chaul. 420. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Fidalgos, que tambem foraõ. *ibi.* O que obra em Chaul. p. 423. c. 1. Parte para Baçaim. *ibi.* Eſcaramuças, que faz com os Mouros. *ibi.* c. 2. Poder que tinha contra ſi. p. 425. c. 2. Defenſa, que tinha contra aquelle poder. p. 426. c. 2.

D. *Franciſco Maſcarenhas*, vay por Capitaõ de hũ navio para o Norte. p. 76. c. 2. He Capitaõ môr da Armada, q̃ vay eſperar o corſario Catar. p. 285. c. 1. Veyo deſpachado do Reyno com a fortaleza de C,ofalla, e Moçambique, e com o titulo de Capitaõ mòr do mar da India. *ibi.* O que obra em Baçaim. *ibi.* Perde as galés, que hia buſcar na detença de fazer aguada. p. 285. c. 2. Vay para o Malavar. p. 286. c. 1. Volta do Malavar. *ibi.*

D. *Franciſco Maſcarenhas Palha*, he Capitaõ mòr da Armada para o Malavar. p. 364. c. 1. Eſtando ceando, e jogando com muitas luzes na ſua barraca he aſſaltado dos Malavares. p. 367. c. 2.

Franciſco Maſcarenhas, ſobrinho do ViſoRey, parte para a India. p. 12. c. 2.

Franciſco de Mello Pereira, Capitaõ de huma nao, vay para Surráte. p. 14. c. 2.

Franciſco de Mello, filho do Monteiro mòr, vay para a India. p. 136. c. 2.

D. *Franciſco de Menezes*, Capitaõ da Armada, que vay em ſoccorro de Malaca. 568. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Tem hum xoque com os Mouros, de que ſahe vitorioſo. p. 680. c. 2.

Padre Franciſco de Monclaros, Jeſuíta, paixaõ particular, com que aconcelha, o que naõ deve. p. 538. c. 1. Demonſtraçaõ, que faz de ſe naõ ſeguir o ſeu parecer. *ibi.* c. 2. Requerimento, que faz a Franciſco Barretto he a cauſa da ſua morte. p. 550. c. 2. Faz o meſmo requerimento a Vaſco Fernandes Homem. p. 552. c. 2.

D. *Franciſco de Moura*, he Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 76. c. 2. Vay ſoccorrer o baluarte de Saõ Domingos. p. 380. c. 2.

Franciſco Nobre, Capitaõ da nao Algaravia nova, uſa huma grande crueldade com quaſi todos da ſua companhia. p. 43. c. 2. He Capitaõ de huma nao para a India. p 53. c. 1. Perde-ſe a ſua nao. *ibi.* c. 2. Capitaõ de huma nao para o Reyno. p. 74. c. 1.

Franciſco de Noronha, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Franciſco Paes, tem hum encontro com os Mouros, em que os eſcalavra. p. 375. c. 1. Vay ſoccorrer o Baluarte de Saõ Domingos. p. 380. c. 2.

Franciſco Pimentel, como eſtranha a Vaſco Fernandes Homem diſiſtir da conquiſta das Minas. p. 552. c. 2.

Franciſco Riſcado, como ſe aſſignalou na batalha de Cananor. p. 162. c. 2.

Franciſco Rodrigues, Capitaõ de hum navio para o Norte. p. 77. c. 1.

Padre Francisco Rodrigues, Jesuita fica administrando todo o Arcebispado da Serra, depois do Synodo de Dom Fr. Aleixo de Menezes. p. 9. c. 2. He provido em Bispo da mesma Christandade. p. 10. c. 1.

Francisco de Sá, dos oculos, vay com dez navios para Surráte. p. 13. c. 2.

Francisco Sanches, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1.

Francisco Sodrè, Capitaõ de huma nao para Surràte. p. 14. c. 2.

Francisco de Sousa Pereira, valor, com que pertende meter soccorro em Chalè. p. 478. c. 2. Leva ordem Real para depôr o Viso-Rey. p. 520. c. 2.

Francisco de Sousa Tavares o Manco, Capitaõ môr de huma Armada a Chalè. p. 488. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* O mesmo para a Costa de Canarà. 405. c. 1.

Francisco Trigo, he Capitaõ de 30. Soldados, que guardaõ a Raynha na fortaleza. p. 52. c. 1.

Francisco, rapaz de 15. annos, o que obra no cerco de Chaul. p. 467. c. 2.

Fulgencio Freyre, Irmaõ Leygo da Companhia. Vay à Abassia por companheiro do Padre M. Gonçalo. p. 21. c. 1. Parte para a Abassia a levar cousas para o Bispo, que là està. p. 210. c. 2. Pertende com bom zelo, que o lancem em certo porto para ir à sua incumbencia. p. 211. c. 1. He cativo. p. 213. c. 1. He resgatado. *ibi.*

G

Galantarias, com que no cerco de Chaul zombavaõ os Portuguezes dos Mouros. p. 463. c. 2. e 464. c. 1.

Gallas, que saõ Cafres, entaõ assolando as terras do Emperador da Ethiopia. p. 164. c. 1.

Galeaõ delRey, que se perde por falta de huma amarra, que ninguem quiz comprar, porque lha haviaõ fazer pagar. p. 121. c. 1. Galè Bramana, quem a fez. p. 39. c. 2.

Galez, que se cerraraõ em seis pedaços por ajuste. p. 32. c. 2.

D. *Garcia de Noronha* Viso-Rey da India, leva em sua companhia para Goa o Patriarca de Ethiopia D. Joaõ Bermúdes. p. 22. Morre. *ibi.*

Garcia Queimado, he Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2.

Garcia Rodrigues de Tavora, he Capitaõ da fortaleza de Damaõ. p. 283. c. 1. O que obra com a noticia de Cide Meriaõ vir sobre a sua fortaleza. p. 303. c. 1. Carta, que recebe de Cide Meriaõ. p. 304. c. 2. Reposta, que manda. *ibi.* Dá batalha. p. 305. col. 1. Combate com Cide Meriaõ. *ibi.* Alcança victoria com a morte de Cide Meriaõ. *ibi.* c. 2.

Garcia de Sá, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Gaspar. Padre Mestre Gaspar, he Arcebispo de Goa. p. 197. c. 2. Parte para à India. p. 247. c. 2. Chega a Côchim. p. 248. c. 2. Parte para Goa. *ibi.* Prèga publicamente contra o resgate do dente de Bogio. p. 279. c. 1. Piza em hum almofariz pela sua maõ o dente de Bogio, e queima as cinzas em hum brazeiro. *ibi.* c. 2. Vay visitar as fortalezas do Norte. p. 324. c. 2. Instrucçaõ, que tem delRey, e como lhe dá execuçaõ. p. 520. c. 2. He o culpado na deposiçaõ do Viso-Rey. p. 523. c. 2.

Gaspar Carvalho, destroço, que fez nos inimigos. p. 323. c. 2. Sua rebustez nas feiçoens, e valor. p. 323. c. 1.

Gaspar Lopes, Capitaõ de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1.

Gaspar Luiz, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Gaspar de Mello, Capitaõ de huma nao para Surràte. p. 14. c. 2.

Gaspar de Montarroyo, elle só com a sua espada, mata huma serpente, que tinha comido hum boy. p. 92. c. 1.

Gaspar Nunes, vay a modo de Embaxador para a Abassia. p. 75. c. 2.

Gaspar Pacheco, Capitaõ na Ilha de

de Chorão. p. 101. c. 1.

Gaspar de Souſa, não quer acompanhar o Emperador da Ethiopia contra os Cafres Gallos. p. 186. c. 2.

Gaſpar Vaz de Meſquita, Capitão de huma fuſta para Baçorà. p. 65. c. 2.

Gaſpar Velho, vay para Chaul contra a ordem do ſeu Governador. Bizarria, com que deſculpa ir contra a ſua ordem. p. 440. c. 1.

Gomes Barretto, Capitão de hum Galeão de provimentos para Surràte. p. 14. c. 2.

Geografos, porque chamão à Provincia de Cinde Dulcinda? p. 95. c. 2.

Gil Fernandes de Carvalho, parte para o Reyno. p. 18. c. 2. Deſaparece a nao, em que vay. *ibi.*

Gil de Goes, vay para a India deſpachado com a Capitanîa de Goa. p. 136. c. 2.

Gil de Goes de Lacerda, Capitão de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Goa. Cerco, que experimenta do Idalxà. p. 429. c. 1.

Goya Monagais, he acclamado Emperador da Abaſſia. p. 215. c. 1. Fica numa batalha priſioneiro do legitimo Emperador. *ibi.* c. 2.

Golpe, que cortou hum Mouro deſde o hombro, até a cintura. p. 371. c. 1. Outro golpe, que cortou ambas as pernas cerceas, e outro, que abrio hum Mouro até as entranhas. *ibi.*

Gomes Eanes, dando huma cutilada em hum Mouro, lhe quebrou a eſpada, e com o terço della, que lhe ficou na maõ, o matou; e tomando-lhe o alfange, o quebrou com outra cutilada em outro Mouro; e tomando-lhe tambem o alfange foy com elle matando Mouros, e fazendo maravilhas; e não ſe quiz recolher ſem buſcar o pedaço da ſua eſpada, que achou. p. 467. c. 1.

Gomes Eanes de Freitas, rende hum navio dos inimigos, e gentilezas, que obra em huma batalha naval. p. 158. c. 1.

Gomes da Sylva, Fidalgo Galego, vay com cinco navios para a Coſta do Malavar. p. 20. c. 1. He Capitão môr de Malavar. Apriſiona cinco paraòs de Malavares, que trouxe com todo ſeu recheyo. p. 22. c. 1.

Gonçalo Barretto, he mandado vir para o Reyno prezo em ferros, porque deſafiou Franciſco Barretto, quando acabou de Viſo-Rey. p. 283. c. 1.

Gonçalo de Chaves, Capitão de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1.

Gonçalo Falcão, Capitão de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Procede contra elle o Viſo Rey. Porque cauſa, e com que penas o caſtiga? p. 283. c. 1. Fóge para Côchim. *ibi.* Embarca para o Reyno. *ibi.* Perdoa-lhe ElRey. p. 284. c. 1. Morre. Seu elogio. *ibi.*

Gonçalo Guedes de Souſa, Cpitão de huma nao para o Norte. 76. c. 2.

Gonçalo Mendes de Cordova, apontava tres prendas, que deve ter quem governar. p. 34. c. 1.

Gonçalo de Moraes, valor, com que peleja, e morre. p. 170. c. 2.

Gonçalo Nunes, Capitão môr de huma Armada a Barcelor. p. 516. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.*

Gonçalo Sanches, Capitão de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1. O meſmo emprego para o Norte. p. 76. c. 2. O que obra em Mangalor. p. 156. c. 1. Morre no conflicto. *ibi.* c. 2.

Gonçalo da Sylveira, Padre da Companhia, vay para a India com o emprego de Provincial. p. 53. c. 1. Morre martyr na Cafraria. *ibi.*

Gonçalo Padre M. da Companhia, he mandado ao Emperador da Abaſſia. p. 11. c. 1. Chega ao Emperador, que o recebe bem: reſumo de ſua Embaxada. p. 27. c. 2. Como he reſpondido. p. 28. c. 1. Deſpede ſe do Emperador. p. 68. c. 1. Reſpoſta, que lhe deu o Emperador, quando ſe deſpedio. *ibi.* c. 2. Chega a Goa. *ibi.*

Governo, do Imperio da China; não elegem officiaes de juſtiça, e fazenda para todas as Provincias, ſenaõ peſſoas,

ſoas, que naõ tenhaõ lá amigos, nem parentes. p. 11. c. 1.

Graõ Turco, ganha pelas ſuas mãos o que hade comer. p. 345.

Grilhoens, com que ſe ſegura hum Principe, como ſaõ. p. 247. c. 1.

H

Heitor de Mello Pereira, Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2.

Heytor Nunes, Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2.

Heytor de Sampayo, em Chaul vay para humas caſas, que eſcolhe, por ſerem as mais arriſcadas. p. 447. c. 1. Morre com o fogo da mina. p. 448. c. 1.

Henrique Jaques, Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 1.

Henrique de Lima, he cabeça dos moradores de Ternate, contra D. Duarte Deça. p. 123. c. 2. Prende D. Duarte, e ſolta ElRey. *ibi.*

Henrique de Macedo, Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 2.

D. Henrique de Menezes, he cativo em huma batalha naval. p. 412. c. 1. He Capitaõ de huma Armada para o Norte. p. 517. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Peleja com duas naos de Meca, que rende. p. 518. c. 1. Perdeſe, e he cativo do Tanadar. 518. c. 1. Eſcreve ao ViſoRey, que deve tratar de ſeu reſgate. p. 556. c. 1. Vay livre para Goa. *ibi.* c. 2.

Henrique Moniz Barretto, vay na Armada da Coſta do Canará. p. 534. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.*

Henrique de Sá, Capitaõ de Maluco. p. 283. c. 1. O que obrou em Ative. p. 318. c. 1.

D. Henrique, tio delRey de Tidore, desbarata a Hiamãos. p. 573. c. 1.

Herva leiteira, huma gota de ſumo, que caya nos olhos cega. p. 344. c. 1.

Homem ſem nome, carta, que eſcreveo a Rama Rayo. p. 154. c. 1. Fruto, que tirou della. p. 155. c. 1.

Homem, que em hum encontro com os inimigos, elle ſó matou vinte, e cinco; e outro mais de trinta. p. 573. c. 2.

Humbrana de Caes, vaſſallo do Idalxá paſſou para nòs. p. 101.

I

Jacome de Mello, Capitaõ de hũma nao para a India. p. 53. c. 1. He Capitaõ de outra nao para a India. p. 136. c. 2.

Jafanapataõ, o ſeu Principe pertende impedir o deſembarque ao ViſoRey Dom Conſtantino, e retira-ſe. p. 239. c. 1. O ſeu Rey recolhe-ſe para os ſeus Paços. *ibi.* c. 2. O meſmo Rey poem fogo aos ſeus Paços, e foge para huma fortaleza. p. 241. c. 2. Degola logo a quem lhe parece por qualquer mexerico. p. 242. c. 2. Foge da fortaleza. *ibi.* Pede pazes. p. 244. c. 1. Principe herdeiro, entrega-ſe ao ViſoRey em refens dos ajuſtes. p. 244. c. 1. Lançaõ-lhe grilhoens para o ſegurarem. p. 248. c. 1.

Japará, ſua Rainha, lança huma Armada de trezentas vèlas ſobre Malaca. p. 559. c. 2.

Idalcaõ, comete pazes ao Governador. p. 127. c. 1.

Idalxá, falla que faz aos ſeus Capitaens. p. 98. c. Tem hum diamante tamanho como hum ovo. p. 360. c. 2. Vay contra Goa. 429. c. 1. Tenda, que arma em Goa, e gente, que traz comſigo. p. 432. c. 2. Eſtrago, que faz nos noſſos Templos. p. 433. c. 1. Intenta paſſar à Ilha Mercantor. p. 459. c. 1. Enfadado da guerra levanta o campo. p. 488. c. 1. Faz pazes com o ViſoRey. p. 492. c. 2. Embaxador, que manda ao ViſoRey. p. 531. c. 2.

Jeronymo Barreto Rolim, Capitaõ de hum navio, vay para Surràte. p. 14. c. 2. Acompanha o Governador à terra firme. p. 99. c. 1.

D. Jeronymo de Caſtellobranco, parte para o Reyno. p. 18. c. 2. Deſapa-

rece a nao, em que vinha. *ibi.*

Jeronymo Dias de Menezes, vay para a India. p. 136. c. 1.

Jeronymo de Mejquita, Capitaõ de hum navio para Surràte. p. 14. col. 2. He Capitaõ de huma Caravella para Baçorà. p. 64. c. 1. Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Jeronymo de Souſa, he Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2. He Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. col. 2. He Capitaõ de Mèza em Dio. p. 100. c. 2.

Jeronymo de Teve, morre no cerco de Chaul. p. 471. c. 2.

Jeſuitas, trouxeraõ de Roma para Portugal D. Pedro Maſcarenhas. p. 36. c. 1.

Ignacio de Lima, rende hum navio da armada de Catripocà. p. 451. c. 2.

O Padre Ignacio de Loyola, offerece ao Pontifice alguns Padres da Companhia para Patriarca, e Biſpos da Abaſſia. p. 3. c. 2.

Ilha de Amboino, ſua deſcripçaõ. p. 316. c. 1.

Ilha de Comorò, ſua deſcriçaõ. p. 106. c. 2.

Ilha do Elefante, em que choveo ouro tres horas. p. 88. c. 1.

Ilha de Joaõ Lopes, he entrada pelos inimigos. p. 118. c. 2.

Ilha de S. Lourenço, ſua deſcriçaõ. p. 104. c. 2.

Ilha dos Mortos, de donde tomou o nome? p. 460. 1.

Joaõ Alves Pereyra, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Dom Joaõ de Atayde, he Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. He provido na Capitanîa de Ormuz. p. 90. 2. He depoſto da Capitanîa por culpas. p. 132. c. 2.

D. Joaõ Bandarra, Capitaõ de todos os Gentios, impede em Malaca o deſembarque ao Achem, e morre no conflicto. p. 526. c. 2.

Joaõ Barriga Simoens, faz grandes gentilezas no cerco de Chaul. pag. 447. c. 2.

D. Joaõ Bellez, primo delRey de Bellez, parte para à India. p. 12. c. 2.

D. *Joaõ Bermudes*, Embaxador do Emperador da Abaſſia ao Papa. Foy cativo de Turcos, fugio do cativeiro; foy a Roma aonde o Sagrado Patriarca da Abaſſia. p. 2. c. 2. Auſenta-ſe da Abaſſia, e amaldiçoa a terra. p. 3. c. 1. vem para o Reyno. *ibi.* c. 2.

D. Joaõ de Caſtro, deſembarca em Barcelor. p. 568. c. 2. Queima, e deſtroe Gaypor. *ibi.*

Joaõ da Coſta, Capitaõ de huma Armada para o Malavar. p. 558. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.*

D. *Joaõ Coutinho*, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76.

D. Joaõ Deça, arma hum navio à ſua cuſta para ir a Mangalor, e a que? p. 364. c. 2.

Joaõ Dornellas, he abrazado no fogo da mina de Chaul. p. 448. c. 2.

Joaõ Falcaõ, Capitaõ de huma fuſta para Baçorà. p. 64. c. 2.

Joaõ Ferreira, Capitaõ de hum navio para o Malavar. p. 54. c. 1.

Joaõ Fernandes Columbrina, vay de ſoccorro com 60. Portuguezes aos povos de Corlas contra Tribuli Pandar. p. 71. c. 1.

Joaõ Freyre, Capitaõ de huma nao para Cinde. P. 78. c. 2.

Joaõ Gallego, Capitaõ de huma fuſta para Baçorá. p. 64. c. 1. O meſmo poſto para a Ilha de Saõ Lourenço. p. 76. c. 1.

Joaõ Gomès de Caſtro, vay para a India. p. 136. c. 2.

Joaõ Gomes da Sylva, Capitaõ môr da Armada, que vem do Reyno. pag. 364. c. 1. Defende com 10. homens a ſua fortaleza. p. 202. c. 1.

D. *Joaõ Gonçalves de Atayde*, valor, com que morre na peleja. p. 178. c. 1.

D. Joaõ de Lima, morre na batalha naval de Luiz de Mello da Silva. pag. 157. c. 2.

D. Joaõ de Lima, morre no cerco de Chaul. p. 462. c. 2.

Joaõ Lopes Leytaõ, vay por Capitaõ

não a Concan. p. 41. Capitaõ de Méza para Dio. p. 100. c. 2. Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 2. Capitaõ de huma nao para a India. p. 136. c. 2. Vay para à India ſem ſer por Capitaõ. p. 21. c. 2.

D. Joaõ Maſcarenhas, parte de Cõchim para o Reyno. p. 96. c. 2.

Joaõ de Mello, filho de Triſtaõ de Mello, morre pelejando. p. 252. c. 2.

Joaõ de Mello de Brito, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Joaõ de Mello da Cunha, Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2.

Joaõ de Mendonça Caçaõ, partê com dez navios para Surràte, aonde chega. p. 13. c. 2.

Joaõ de Mendonça, ſuccede na Governança da India. p. 327. c. 1. He viſitado de Embaxadores do Camorim, que lhe pedem ſatisfaçaõ, do q̃ obrou Domingos de Meſquita. *ibi.* c. 2. Repoſta, que lhe dá. *ibi.* Aviſo, que tem de huma nao do Achem, em que podia ſazer huma boa preza. p. 328. c. 1. O que obra com eſte aviſo. *ibi.* col. 2. Couſas, em que provè. p. 329. c. 2. Seu elogio, e ſua genealogia. p. 330. c. 1. Naõ vay eſperar o Viſo-Rey como he coſtume. p. 332.

D. Joaõ de Menezes de Sequeira, Capitaõ môr de huma Armada para a India. p. 72. c. 2. Capitaens, e naos, que o acompanhaõ. *ibi.*

O Padre Joaõ de Meſquita, Jeſuita, offerece-ſe para ficar em refens do preço de certos cativos. p. 220. c. 2. Quer ficar no cativeiro, a troco de ſe naõ vexarem os Chriſtãos para o reſgate. *ibi.* Fóge do cativeiro. p. 221. c. 1.

D. *Joaõ Mouriſco*, aſſalto, que lhe deraõ, e como desbarata os inimigos. p. 58. c. 1. He Capitaõ do campo em Concan. p. 41. c. 2.

D. *Joaõ de Noronha*, Capitaõ môr da Armada, que vay ſoccorrer Baharem. p. 172. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* O que obra vendo o inimigo. p. 173. c. 2. Chama a concelho, e aconcelhaõ-no mal. *ibi.* Faz ſegundo concelho, e como he reſpondido. *ibi.* Quando vinha para eſta empreza, lhe lembrou ſeu tio D. Antaõ de Noronha, que elle era filho de hum Clerigo, e que naõ tinha mais honra, que a que ganhaſſe pelo ſeu braço. p. 173. c. 1.

O Padre Joaõ Nunes Barretto, Patriarca da Abaſſia, he morto pelos Turcos. p. 4. c. 1.

Joaõ Peixoto, parte para Macuá em buſca do Padre Meſtre Gonçallo. p. 64. c. 1. O que obra no Eſtreito de Méca. p. 67. c. 2. Mata o Rey de C,uaquem, e ſaquea o Palacio, e o mais, que ahi fez. p. 68. c. 1. He Capitaõ para Cinde. p. 77. c. 1. O que obra em Bardez. p. 101. c. 2. Accomete ao Portuguez renegado na ſua tranqueira: poem-ſe em fugida, e depois dá batalha, e fica o renegado vencido. p. 104. c. 2. Vay com huma Armada a Mangalor, e a que? p. 364. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.*

Joaõ Pereira, deu-lhe hum pelouro de camellete por baixo do ventre, e levou-lhe a ponta do embigo ſem lhe fazer outro dano. p. 484. c. 2.

D. *Joaõ Pereira*, foy o primeyro Fidalgo, a quem o Viſo-Rey D. Luiz de Atayde mandou dar cadeira raza. pag. 400. c. 1. Naõ a quiz aceitar. O que ſobre iſſo paſſa. *ibi.*

Joaõ Pereira de Sampayo, queima trinta navios da Armada de Quilidimaõ. p. 561. c. 1. Vay a queimar os baluartes, que levantava o inimigo. *ibi.* Vay na conquiſta de 6. juncos de mantimento. p. 563. c. 2. Rende-os, e leva-os à fortaleza. *ibi.* Segue a Armada inimiga. p. 563. c. 2. Faz grande deſtruiçaõ nella. *ibi.*

Joaõ Peſſoa, levanta a bandeira de hum Alferes morto, e a vay pôr ſobre a artelharia do inimigo. p. 239. c. 2.

D. Joaõ, Principe, filho delRey D. Joaõ III. morreo no anno de 1554. p. 11. c. 2.

Joaõ Rebello, apriſiona Cachil Tidore. p. 570. c. 2. Faz outras facções generoſas. *ibi.*

Joaõ Rodrigues de Befa, valor com que peleja, e morre. p. 500. c. 1. Quem era eſte Fidalgo. *ibi.*

Joaõ Rodrigues, o Calendar de alcunha, lançou hum foguete acaſo, que queimou huma Armada. p. 39. c. 1.

Joaõ Rodrigues de Carvalho, morre de paixaõ de ſer diſgraçado. p. 227. c. 1.

Joaõ Rodrigues Calema de Carvalho, Capitaõ de huma nao para a India. p. 119. c. 1.

Joaõ Rodrigues, Capitaõ de huma nao contra o Madune. p. 72. c. 1. Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 77. c. 1.

Joaõ Rodrigues de Souſa, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Joaõ da Sylva Pereira, leva o ſoccorro a Maluco. p. 499. c. 2. Subſtitue a falta de Gonçallo Pereira Marramaque. p. 500. c. 1.

Joaõ da Sylva de Sequeira, Capitaõ mór do mar de Malaca. p. 382. c. 1. Capitaens, que levaõ comſigo. *ibi.* Toma hum junco do Achem, e paſſa a todos à eſpada. *ibi.* c. 2.

Joaõ de Souſa, Capitaõ de hum navio para Surráte. p. 14. c. 2.

Joaõ de Souſa, Capitaõ de Damaõ, o que obra com a noticia, de que Mir Mahamed tinha entrado nas ſuas terras. p. 343. c. 1.

D. Joaõ Téllo, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

ElRey D. Joaõ III. manda huma Armada para a India. p. 1. c. 1. Eſcreve ao Papa, pedindo-lhe hum Patriarca, e dous Biſpos para o Imperio da Abaſſia. p. 2. c. 2. Morre. p. 121.

Jorge Barretto, Capitaõ de huma fuſta para Baçorá. p. 64. c. 2.

Jorge de Brito, Capitaõ de huma nao para a India. p. 72. c. 2.

Jorge Cabral, no Rio Chapará com cincoenta Soldados, queima quatro Aldeas. p. 449. c. 2. Queima tambem mais de trinta navios, fóra muitas embarcaçoens meudas. *ibi.*

Dom Jorge de Caſtro, he Capitaõ em Còchim. p. 308. c. 2. Sendo Capitaõ. de Chalé he cercado pelo Camori. p. 476. c. 2. He aſſaltado com hum aſſalto geral. p. 480. c. 2. Trata de entregar a fortaleza ao Rey de Tanor, e como. p. 489. c. 2. He prezo por ordem delRey. p. 556. c. 2. Sahe a degolar por entregar a fortaleza. *ibi.* No anno ſeguinte o mandava ElRey hir para a Corte, e a ſua mulher. *ibi.*

Jorge Correa de Antas, vay por Embaxador a ElRey de Chaul. p. 145. c. 1.

Jorge da Cunha, morre abrazado no fogo da mina do cerco de Chaul. p. 448. c. 2.

Dom Jorge Deça, vay de ſoccorro a D. Duarte Deça a Ternate. p. 121. c. 2.

Jorge Ferreira, vay demolir a fortaleza de Geilolo, q̃ levantava o Sangage, e conſegue a ſua empreza. p. 276. c. 1.

Jorge Gomes, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1. A meſma incumbencia para Cinde. p. 77. c. 1.

D. *Jorge de Santa Luzia*, he o primeiro Biſpo de Côchim p. 197. Sendo Biſpo de Malaca profetiza huma victoria ao ViſoRey, aſſinando-lhe a ſemana, e o dia, em que a havia de alcançar. p. 460. c. 2.

Jorge de Macedo, Capitaõ de huma nao para a India. p. 248. c. 1.

D. *Jorge Manoel*, Capitaõ de huma nao para a India. p. 301. c. 1. Vindo para o Reyno deſaparece a ſua nao. p. 308. c. 2.

Jorge Manhos, he recebedor das rendas das fortalezas, que largou Mealecan. p. 41. c. 1.

Jorge de Mello o Punho, dá em Calumbo hum aſſalto aos inimigos, em que os disbarata. p. 250. c. 2. Leva ſoccorro a Cota. p. 341. c. 2.

Jorge de Mendonça, he Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 1. He Capitaõ de huma Armada, que vem do Reyno. p. 420. c. 1.

D. *Jorge de Menezes o Baroche*, fica em Rachol. p. 91. c. 1. He Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 2. He Capitaõ de Ceylaõ. p. 152. c. 2. Chega a Columbo por Capitaõ. p. 250.

c. 1. Dá hum aſſalto aos inimigos, em que os desbarata. p. 251. c. 1. Dá-lhes outro aſſalto. *ibi.* c. 2. Ve-ſe em grande aperto. p. 252. c. 2. Vay para o Reyno. p. 284. c. 1. Na batalha de Cananor dá-lhe hum pelouro nos peitos, e cahe-lhe aos pès, p. 348. c. 2. Parte para o Eſtreito de Mèca. p. 363. c. 2. Dito, que diſſe no aſſalto de Mangalor. p. 368. c. 2. Vay para o Norte com dez navios. p. 372. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Vay por Capitaõ môr para o Norte. p. 406. c. 2. Capitaens, que vaõ com elle. *ibi.* Como vóta ſobre ſe largar Chaul. p. 458. c. 1. Moſtra Patente delRey para ir para aquella fortaleza. *ibi.* Entra na Capitania de Chaul. p. 461. c. 1. He Capitaõ de huma Armada contra o Mogor. p. 509. c. 1.

Jorge de Moura, vay por Capitaõ a Concan. p. 41. He Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 133. c. 2.

Jorge de Moura, Collaço do Principe D. Joaõ, he Capitaõ môr da Armada contra Cafár. p. 286. c. 1. O que lhe ſoccede com humas naos, que aviſtou. p. 288. c. 1. He Capitaõ de Maluco. p. 309. c. 1. He Capitaõ môr da Armada para o Norte. p. 365. c. 1. Traz ao recolher-ſe, huma grande cafila de navios. p. 365. c. 2. Junto de Carapetaõ rende mais tres navios de Coſſarios. p. 366. c. 1. Torna a voltar para o Norte. *ibi.* He Capitaõ da fortaleza de Onor. p. 418. c. 2. Eſtá de cerco. p. 475. c. 1. He Capitaõ môr da Coſta do Norte. p. 504. c. 2. He Capitaõ môr da Armada de Malaca. p. 508. c. 1.

Jorge Pereira Coutinho, vindo de ſoccorro para Chaul, aſſalta a Cidade de Galliana, em que desbarata a Famecaõ. p. 466. c. 2.

Jorge da Silva, Capitaõ de Mèza. p. 68. c. 2.

D. *Jorge de Souſa*, Capitaõ môr da Armada do Reyno para a India. p. 247. c. 2. Volta para o Reyno. p. 284. c. 2. Brio, que teve com o ViſoRey. *ibi.* Prendem-no em Lisboa pelo tal brio. *ibi.* Chega ao Reyno. p. 322. c. 2.

Jorge de Souſa Coutinho, ſahe abrazado do fogo da mina de Chaul. pag. 448. c. 1.

Dom Jorge Themudo, primeiro Biſpo de Malaca. p. 197. c. 1. Sendo Biſpo de Côchim acompanha ao ViſoRey a Jafanapataõ. p. 238. Eſcapa da morte em Jafanapataõ. p. 452. c. 1.

Jorge Toſcano, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Joſaphat Santo, tradiçaõ, que os Mouros contaõ delle. p. 83. c. 2.

Iſac Capitaõ, he cabeça de huma conjuraçaõ contra o Emperador. pag. 215. c. 1. Acclama novo Emperador. *ibi.* He desbaratado. *ibi.* c. 2.

Itimican, maldade, que executa contra Malaca. p. 508. c. 1. Degolla-o o Mogor, a quem elle entregou Malaca. p. 515. c. 1.

Ito. Deſcripçaõ deſta Ilha. p. 191. c. 1.

Itos. Carta, que eſcrevem ao Governador de Maluco. 382. c. 2. Daõ vaſſallagem à Rainha de Japará. *ibi.* Sogeitaõ á ſua obediencia muytos Lugares, que eſtavaõ ſogeitos a Portugal. p. 393. c. 1.

Juramento, que fazem os ViſoReys da India. p. 522. c. 1.

L

Laberintho notavel. p. 81. c. 1. He examinado por hum curioſo. Fórma, em que faz o exame. *ibi.* col. 2. Quem mandou fazer eſta obra. *ibi.*

Lançarote Picardo, valor, com que peleja. p. 126. c. 1. Como he premiado. *ibi.* c. 2.

Leonardo de Mendonça, peleja com hum navio de Turcos, que mete a pique, e paſſa todos os Turcos á eſpada. p. 354. c. 1.

Dom Leonardo de Souſa, he Capitaõ môr de huma Armada para o Reyno. 53. c. 1.

D. *Leonis Pereira*, Capitaõ de huma galè contra o Achem. p. 134. c. 1.

He

He Capitaõ de Maluco. p. 363. c. 2. Dito, que diſſe em Mangalor. p. 372. c. 2. Recebe huma carta do Achem. p. 373. c. 2. Repoſta. que lhe manda. p. 374. c. 1. Manda matar huma eſpia do Achem, e feita em quartos lha remete. *ibi.* Deſpede os Embaxadores do Achem. *ibi.* Queima a povoaçaõ de Ilher. *ibi.* Reparte a gente, com que ſe acha em varias eſtancias. p. 375. c. 2. Eſcreve ao Emperador de Jará, em que lhe faz aviſo, de que o Achem vay contra elle caſtigar a morte dos ſeus Embaxadores. p. 376. c. 1. Eſcreve o meſmo a ElRey de Quedà. *ibi.* O que mandou fazer a huma nao ſua. *ibi.* c. 2. Alcança victoria. 381. c. 1. Como agradeceo a todos o trabalho. *ibi.* c. 2. Recebe Embexadores delRey de Viantana. p. 383. c. 2. Repoſta, que manda. *ibi.* Como feſtejou a viſita do Rey. p. 384. c. 2. Bizarria, que uſa com o Rey, ao entrar na fortaleza. *ibi.* col. 2. Recebe Embaxadores de parabens de todos os Reys viſinhos. p. 385. col. 1. Manda hum ſoccorro a Gonçallo Pereira Marramaque. p. 386. c. 2. Manda ſoccorro a Maluco. p. 500. c. 2. Succede no governo de Malaca. p. 522. c. 2. Parte para o Reyno. p. 558. c. 2.

Lopo de Brito, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1. Capitaõ de huma nao para Cinde. pag. 78. c. 2.

D. Lopo de Moura, he ferido em hum choque. p. 352. c. 2. Mataõ-no, reforçando-ſe o choque. p. 352. c. 1.

Lopo Vaz de Sequeira, he Capitaõ de Goa. p. 301. c. 2.

Lourenço de Carvalho, he Capitaõ de huma nao para a India. p. 248. c. 1.

Lourenço Furtado, mata o Capitaõ môr da Armada de Soltaõ Babey. pag. 415. c. 2. Sahe mal ferido, e morre. *ibi.*

Lourenço Pereira, vay por Embaxador a ElRey de Cambaya. p. 43. c. 1. He tratado mal. p. 41. c. 2.

Lourenço de Souſa, parte para a India. p. 12. c. 2.

Infante D. Luiz, ſua benevolencia, e morte. p. 73. c. 2. Como ſe ſente a noticia da ſua morte. *ibi.*

D. Luiz de Almeida, Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2. Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2. Vay para a India. p. 136. c. 2. Capitaõ môr da gente, que vay a tomar Balſar. p. 150. c. 2. Como ſe houve no choque de Mangalor. p. 368. c. 2. Capitaõ de huma Armadà a Maluco. p. 398. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Vay para Surràte. p. 399. c. 1. Apriziona tres naos. *ibi.* Entra na Capitanîa de Damaõ. p. 504. c. 2. Aviſos, que faz ao ViſoRey ſobre o Mogor. p. 509. c. 1. Recado, que teve de Cutibidican, que deſpejaſſe a fortaleza da parte do Mogor. *ibi.* c. 2.

Luiz Alvares de Tavora, Capitaõ môr da Armada, que vay a ſoccorrer Balſar. p. 204. Deſembarca. *ibi.* O meſmo emprego a favor de Cedemecan. p. 257. c. 1. Manda pôr tendas em terra. *ibi.* c. 2. Vay a ver Cedemecan disfarçado. *ibi.* Vay a vello deſcoberto, e em publico. *ibi.* Parte para Damaõ. p. 258. c. 1.

Dom *Luiz de Atayde*, he ViſoRey da India. p. 399. c. 2. Chega á India, e o que logo ordena. *ibi.* Ceremonial para o tratamento dos Fidalgos, que leva. p. 400. Dito, que diſſe. p. 403. c. 2. Recebe Embaxadores da Raynha Abuca de Vichantar pedindo pazes, que lhe concede. p. 404. c. 2. Faz concelho ſobre ſe haõ de vender cavallos aos Mouros. p. 405. c. 1. Votos, que dizem, que ſim. *ibi.* c. 2. Dá o foro de Fidalgo, e o Habito de Chriſto a Mem Lopes Carraſco. p. 410. c. 2. Manda huma Armada contra os Chatins de Barcelor. *ibi.* Outras Armadas, que manda. p. 411. 2. Dito, que diſſe a D. Paulo de Lima. p. 413. c. 2. Dito, que diſſe a hum Capitaõ fraco. *ibi.* Aparelha-ſe para ir ſobre Barcelor. p. 417. c. 1. Capitaens, que ſe lhe ajuntaraõ. *ibi.* c. 2. Parte para Onor. p. 418. c. 1. Toma a ſua fortaleza. *ibi.* c. 2. Parte para Barcelor. p. 418. c. 2. Deſem-

barca, e toma a fortaleza. p. 449. c. 1. Parte para Goa. *ibi.* c. 2. Manda huma Armada a Malaca. *ibi.* Apreſtos, que faz contra o Idalxà, que vem contra Goa. p. 429. c. 1. Requerimento, que lhe fazem os moradores de Goa. *ibi.* c. 2. Como ſaõ reſpondidos. *ibi.* Provimentos, que faz para varias partes. *ibi.* e p. 431. Dito, que diſſe a huns medroſos. p. 432. c. 2. Manda a Dabul queimar duas naos, que ſe aparelhavaõ para Méca. p. 434. c. 1. Recebe hum Embaxador do Idalcaõ, e como ſe aproveita delle. p. 436. col. 2. Eſtragos, que faz, e que recebe. p. 437. c. 1. Traveſſura, que uſava. *ibi.* c. 2. Manda ao Idalxà hum cavallo, que elle deſejava muyto, e com que Embaxada. p. 438. c. 2. Dá-lhe hum pelouro num braço, e fica-lhe entre a camiſa, e a carne. p. 450. c. 1. Dá-lhe hum pelouro de Moſquéte do tamanho de huma noz nos peitos, e cahe-lhe aos pès. *ibi.* Manda buſcar mantimentos. *ibi.* c. 2. Embuſte de caſtigo, com que atemorizou muito aos ſeus Soldados. p. 452. c. 2. Manda lançar peçonha no tanque donde bebiaõ os Mouros. p. 453. c. 1. Faz concelho ſobre ſe ſe hade largar Chaul. p. 456. c. 1. Como he reſpondido. p. 457. col. 2. Manda ſoccorro a Chaul. p. 456. c. 1. Manda ſoccorro a Onor. p. 476. c. 1. Capitaens, que manda a eſta empreza. *ibi.* Entrega o governo. p. 487. col. 2. Quando veyo para o Reyno, foy recebido delRey com palio, e grandes honras. p. 504. c. 2.

Luiz Cabral, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Luiz de Camoens, como eſtava em Moçambique. p. 404. c. 2. Livro, que tinha compoſto, e lhe furtaraõ. *ibi.*

Luiz Caſtanho, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1.

Dom Luiz de Caſtellobranco, morre no cerco de Chaul. p. 470. col. 2.

Luiz Cuſtodio, como hoſpéda o Biſpo, que vay para a Abaſſia. p. 107. c. 2.

Dom Luiz Fernandes de Vaſconcellos, Capitaõ môr de huma Armada para a India. p. 119. c. 1. Valor, com que chega à fortaleza de Chalé. p. 480. c. 2. Milagre, que ahi experimenta. *ibi.* Tormenta, que padece a ſua nao. p. 194. c. 1. Perde-ſe a nao, e ſalva-ſe elle no batel. p. 195. c. 1. Derrota, que ſegue. *ibi.* c. 2.

Luiz Freyre de Andrade, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. col. 2. Vay para o Reyno. p. 284. c. 1. Prevençaõ, que faz para a guerra, que eſpera. p. 422.

Dom Luiz Lobo, Capitaõ de Baçaim, morre em huma batalha naval. p. 366. c. 2.

Dom Luiz Maſcarenhas, arma hum navio á ſua cuſta para ir a Mangalor, e a que? p. 366. c. 2.

Luiz de Mello da Silva, Capitaõ de huma Armada para Cananor. pag. 138. c. 1. Capitaens, que o accompanhaõ. *ibi.* Sahe a terra a ſoccorrer a fortaleza, e alcança victoria. p. 141. c. 2. O que obra em Mangalor. p. 156. c. 1. Peleja com a Armada do Rume Odo Rabo. 157. c. 1. Alcança victoria. p. 158. c. 1. Chega a Goa, e prende-o o ViſoRey. p. 159. c. 1. He ſolto, e vay com a ſua Armada para Cananor. *ibi.* c. 2. Chega a Cananor, e o que ahi obra. p. 160. c. 2. Acordo, com que ſe houve na batalha. p. 162. Vence a batalha. p. 163. c. 1. Prociçaõ, que ordena em acçaõ de graças. *ibi.* Guerra, que faz aos Malavares. p. 199. c. 2. Tem aviſo de huma Armada, que vay a pelejar com a ſua. pag. 217. c. 1. Faz concelho vendo vir a Armada. *ibi.* c. 2. O que lhe reſpondem, e o que elle reſolve. *ibi.* Deſtruiçaõ, que faz na Coſta dos Malavares. p. 218. c. 1. Vay com 500. homens ſoccorrer ElRey de Côchim. p. 260. c. 2. Fica ferido na batalha. p. 261. c. 1. Vay tomar poſſe da fortaleza de Damaõ. p. 265. c. 1. He Capitaõ de Ormús. p. 360. c. 1. Vay a ſoccorrer Malaca. p. 431. col. 1. Peleja com a Armada do Achem.

Achem. *ibi.* c. 2. Mata o Principe filho do Achem. *ibi.* Alcança victoria. p. 432. c. 1. Chega a Malaca, aonde he recebido com procissoens, e festas. *ibi.* Dito, que disse do VisoRey. p. 458. c. 2. Chega a Goa com a Armada, de que triunfou do Achem. p. 459. col. 1. Vay por General de huma empreza, que logo se offereceo. *ibi.* c. 2. Alcança victoria. p. 460. c. 1. Dito, que disse, àcerca do VisoRey. p. 419. c. 1.

Luiz Mendes de Vasconcellos, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1. Capitaõ de huma nao para a India. p. 301. c. 2.

Dom *Luiz de Menezes*, rende hum navio da Armada de Catiproca. p. 45[illegible]. c. 1.

Luiz Pinto Pimentel, Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2.

Luiz Xira Lobo, morre abrazado na mina de Chaul. p. 448. c. 2.

Luz, que vem os navegantes nas tormentas, o que he. p. 120. c. 1.

M

Madre Maluco, o que intenta contra Damaõ. p. 253. c. 2. Parte a executar o seu projecto. Avista-se com Cedemecan. p. 255. c. 1. Mataõ a Madre Maluco à traiçaõ. *ibi.* c. 1.

Madune, continùa a guerra de Cota. p. 71. c. 2. O mal, que nos faz. p. 45. c. 2. Manda Embaxadores a Affonso Pereira de Lacerda. p. 45. col. 2. Ajustes, que fizeraõ. *ibi.*

Mafamede, hera, em que nasceo. p. 310. c. 2. hera em que morreo. p. 311. c. 1.

Mafamede Joanna, como se faz Christaõ. p. 543. c. 2.

Mogores, entraõ nas terras de Damaõ. p. 343. c. 2.

Mahamed [illegible] *Mahedi*, dizem os Persas, que naõ morreo, mas que ainda hade vir a declarar a verdade das opinioens, entre os Persas, e os Arábes. 113. c. 1.

Malavares, Naõ herdaõ o Reyno os filhos, senaõ os sobrinhos, e a razaõ, que para isso tem. p. 312. c. 1. Antes de tomarem Cananor repartem entre si, o que haviaõ de achar na fortaleza. p. 346. c. 1.

Maluco, em Maluco vem pedir o bautismo dous Regedores de Amboino. p. 276. c. 1. Rey de Maluco como sempre foy amigo dos Portuguezes, e as vezes, que por elles foy prezo. p. 396. c. 1. A mà satisfaçaõ, que os Portuguezes lhe deraõ. *ibi.* Daõ-lhe a morte. p. 398. c. 1.

Mamede, Baxá dos Turcos, prendem-no os Janizaros, mas naõ o desapossaõ do cargo. p. 183. c. 2.

Mamede Bec, grande inimigo dos Portuguezes. p. 184. c. 2. Como veyo mandado a Dom Antaõ de Noronha, e o que lhe soccedeo. p. 185. c. 1.

Mandaragri, namora a irmãa del Rey de Pegú, e conseguidos seus amores, foge só. p. 49. c. 1. ElRey o casa com sua irmãa, e o faz grande. *ibi.* Desbarata õ Exercito de Ximindo. p. 50. c. 2. Pregaõ, que manda lançar para haver às mãos Ximindo. *ibi.* Colhe-o em seu poder, e o degolla. *ibi.* Erige huma nova Cidade. p. 51. c. 1. Ardil, em que deu, para que os seus Soldados o acompanhassem ligeiros. p. 52. c. 1. Dito galante, que disse a hum capado. *ibi.* c. 2.

Mangalor, Cidade, sua descripçaõ. p. 366. c. 2.

Manoel Affonso, Capitaõ para Cinde. 77. c. 1.

Manoel de Ative, Discipulo de Saõ Francisco Xavier, sua Christandade, e valor. p. 317. c. 1. Dá batalha aos inimigos, alcança vitoria. p. 318. c. 1.

D. Manoel Baroche, vem de soccorro ao VisoRey com seis navios. p. 430. c. 2. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.*

Manoel Boto, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Manoel de Brito, vay com huma Armada ao Cabo de Camorim. p. 349. c. 2.

Faz

2. Faz aguada em Monte Deli. O que ahi lhe acontece. *ibi.*

Manoel de Caſtanhoſo, Capitaõ de huma nao para a India. p. 12. c. 2.

Manoel de Faria, o Capitaõ, deſcobre o corpo de Saõ Thomé. p. 292. c. 2.

Manoel Ferreira de Figueiredo, mataõ no com todos os ſeus ſoldados. p. 413. c. 1.

Manoel Freire de Andrade, ſoſobraſe o ſeu galeaõ. p. 354. c. 1.

Manoel de Magalhaens, Capitaõ de huma fuſta para Baçorá. p. 64. c. 2.

D. Manoel de Maſcarenhas, parte para o Reyno. p. 18. c. 2.

Manoel de Mello, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. O meſmo emprego para Cinde. p. 78. c. 2.

Manoel de Mello da Cunha, Capitaõ de huma nao contra o Achem. p. 134. c. 1.

Manoel de Moraes, Embaxador ao Idalxá. p. 556. c. 1.

Manoel Mouro, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 77. c. 1.

Manoel Pinto, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 77. c. 1.

Manoel Rapoſo, morre abrazado no fogo da mina de Chaul. 448. c. 2.

Manoel Rodrigues Coutinho, Capitaõ de Punicalle. Acode a D. Duarte de Menezes. p. 219. c. 2. Fica ferido. *ibi.* Faz conſelho, no que ſe deve fazer, e poem em execuçaõ, o que ſe reſolve. p. 220. c. 1. He cativo de Biſminaique. *ibi.* c. 2. Paſſa com toda a ſua gente para Manar de habitaçaõ. p. 249. c. 1.

D. *Manoel Tello*, Capitaõ de huma nao para a India, provido na Capitanía de Dio. p. 12. c. 2. Arriba ao Reyno deſtroçado. p. 13. c. 1.

Manoel Travaſſos, Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2. Parte para a Abaſſia, e com quem? p. 78. c. 1. Capitaõ de huma nao contra o Achem. p. 133. c. 2. Capitaõ de dous navios para a Coſta de Canará. p. 285. c. 2.

Manoel de Vaſconcellos, Capitaõ mòr da Armada para o Eſtreito. p. 21. c. 1. Capitaõ de huma nao contra o Achem. 133. c. 1. Provido na Capitanía de Maluco. p. 160. c. 1. Chega a Maluco. p. 275. c. 2. ElRey o viſita. *ibi.* Morre de doença. *ibi.*

Manuchem, ſua arrogancia, e valor. p. 310. c. 2.

Mar Abraham, Arcebiſpo Neſtoriano. p. 4. c. 2. Foy Arcebiſpo do Indo. p. 6. c. 2.

Mar Elias, Biſpo de Ninive da peſſoalmente obediencia ao Pontifice. p. 4. c. 2. He Sagrado em Biſpo de hum lugar ſufraganeo de Muzol. *ibi.*

Mar Joſeph, Arcebiſpo de Ninive para as terras de Malavar. p. 4. c. 2. Toma poſſe do Arcebiſpado da Serra. p. 5. c. 1.

Marcos, filho de Abitican he acclamado Emperador. p. 299. c. 1.

Marcos, Patriarca da Abaſſia por Alexandria, viveo mais de cento e cincoenta annos. p. 2. c. 1.

Maria Santiſſima, vio-ſe andar pelejando da noſſa parte contra os Mouros. p. 473. c. 2.

Martim Affonſo, Capitaõ de huma nao para a India. p. 72. c. 2. Mata ElRey de Maluco. p. 398. c. 1.

Martim Affonſo de Mello Hombrinhos, Capitaõ de huma nao para Cinde. p. 78. c. 2.

Martim Affonſo de Miranda, tem razoens deſconfiadas com Franciſco Barretto. p. 33. c. 2. Capitaõ de Méza. p. 68. c. 2. Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Acompanha o Governador a terra firme. p. 99. c. 1. Capitaõ de huma nao contra o Achem. p. 133. c. 2. Vay a favor delRey de Còchim. p. 261. c. 2. He Capitaõ môr de Malavar. p. 399. c. 1. Vay para o Rio de Bandà. p. 400. c. 1. Da-lhe huma balla em huma perna. p. 401. c. 2. He Capitaõ de Dio. p. 283. c. 1. Morre da ferida da perna. p. 402. c. 1. Quem foy eſte Fidalgo. p. 402. c. 2.

Martim Affonſo de Souſa, peleja com quatro galés de Turcos no Algarve. p. 74. c. 2. Tirou á pedra do Pagode Rama,

Rama, ſobre que ſe coroavaõ os Reys Camorins. p. 314. c. 1.

D. Martinho da Cunha, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. O meſmo poſto contra o Achem. p. 133. c. 2.

Martim Daco, valor com que elle ſó intenta render huma galé. p. 409. c. 2.

Martim Lopes Carraſco, aviſta-ſe com a Armada do Achem. p. 408. c. 2. Peleja todo o dia. p. 409. c. 1. Tem ſegundo combate. *ibi.* O que diſſe, dando-lhe a nova, de que ſeu pay era morto. p. 409. c. 2. Peleja tres dias continuos com duzentos navios. Mete quarenta a pique, e fica com vitoria. p. 410. c. 1. Entra em Malaca com triunfo. *ibi.* He premiado com o foro de Fidalgo, e habito de Chriſto. *ibi.* c. 2.

Martim Lopes de Faria, Capitaõ para Cinde. p. 78. c. 2. He Capitaõ de Tanapor. p. 205. c. 2. Morre no aſſalto, que lhe deraõ os Abexins. p. 206. c. 1.

Martim Lopes da Fonſeca, Capitaõ para Cinde. p. 78. c. 2.

Martyrio, que ſe dá a hum Chriſtaõ, e experiencia, que elle manda fazer em ſua carne para ſe ſaber ſe a Ley de Chriſto he boa, e verdadeira. p. 393. c. 1. Milagre, que ſe experimentou. *ibi.* c. 2.

Martyrio novo, em hum valeroſo Chriſtaõ. p. 499. c. 2.

Mathias de Albuquerque, como peleja em Mangalor. 369. c. 1.

Maxima, de Gonçallo Fernandes de Cordova, para quem governar. p. 34. c. 1.

Mealecan, he alevantado Rey de Viſapor. p. 32. c. 2. Pompa, com que ſe celebrou eſte acto. p. 32. c. 1. Contratos, que ajuſta com o ViſoRey. *ibi.* Ordem, com que partio de Goa. Trava huma eſcaramuça com Mealle, Capitaõ do Idalcaõ a quem desbarata. p. 33. c. 1. Entra em Pondà, aonde he recebido, como Senhor. p. 34. c. 2. Como os moradores das terras viſinhas lhe vem render vaſſallagem. p. 40. c. 2. Avizaõ-no de huma conjuraçaõ contra elle, retira-ſe para a Serra de Baulá com grande guarda. p. 56. c. 2. He poſto em liberdade. p. 116. c. 1.

Mem Lopes Carraſco, em hum ſó navio triunfa de huma Armada, e mete mais de quarenta embarcaçoens a pique. p. 408. Entra em Malaca com triunfo. p. 410. c. 1. Suſtenta mais de cem Soldados à ſua cuſta em huma oppreſſaõ. p. 128. c. 1.

Miabirú, aſſalta a Ilha de Choraõ, como, e o que lhe ſoccede? p. 125. c. 2.

Miguel de Abreu de Lima, he Embaxador da Perſia. p. 534. c. 2.

Miguel Lopes de Lagos, Capitaõ de huma Armada Caſtelhana. p. 385. c. 1.

Miguel Rodrigues Coutinho Fios Secos, Capitaõ de dez navios para cruzar os mares de Goa atè Dabul. p. 65. c. 1. O que obra na viſinhança de Dabul. p. 67. c. 1. O que obra com huma nao, que vinha de Méza. *ibi.* c. 2.

Mir Mahamed, entra pelas terras de Damaõ. p. 343. c. 2. Vendo, que Joaõ de Souſa o buſcava, foge. p. 244. c. 2.

Mir Soltaõ Ali, que era Vaſſallo da Perſia ſe muda para os Turcos, e para que? p. 172. c. 1. Deſeja ſanearſe com os Portuguezes, e o modo, que para iſſo buſca. p. 182. c. 1. Carta, que eſcreve ao Baxá do Turco. p. 183. c. 1.

Milagre viſivel, e patente na pedra de Saõ Tomé. p. 295. c. 2. e p. 298. c. 2. Outro, que ſoccedeo no conflicto de huma batalha. p. 338. c. 1. Reſplandor, que alumiou, como no meyo dia, antes de amanhecer. p. 347. c. 2. Prodigios, que ſoccederaõ no cerco de Goa. p. 475. c. 2. E na fortaleza de Chalé. p. 484. c. 1. E no cerco, que Rajú poz a Cota. 338. c. 1.

Milique Xeque Guſarate, quer a metade do rendimento da Alfandega de Dio. p. 42. c. 1. O que ſobre iſſo paſſa com o Governador da fortaleza. p. 42. c. 2. Rompe guerra com elle. p. 43. c. 1.

Miſeria, que experimentaõ os cercados

cados em Cota. p. 338. c. 1.

Mogor, manda degolar a Itimiticaõ depois de lhe entregar o seu Rey natural. p. 515. c. 1. Faz-se Senhor de Cambaya. p. 508. c. 1. Veste-se à Portugueza. *ibi.* c. 2.

Monstros, filhos de hum Bogio, e de huma negra. p. 227. c. 2.

Mulher muito fermosa, que viraõ os Mouros pelejar da parte dos nossos na batalha do cerco de Chaul, em que morreraõ cinco nossos, e mais de tres mil dos inimigos. p. 473. c. 2.

Mulher fermosissima com manto azul, foy vista dos inimigos pelejar em favor dos nossos, no assalto de Cota. p. 341. c. 2.

Mulher Chingala, aviso, que vem dar à fortaleza de Cota. p. 341. c. 1.

Mulheres, que remavaõ na galé da Rainha de Pegú mais a compasso, e melhor, que os forçados da Europa. p. 356. c. 1.

Mulheres, casadas humas com as outras. p. 356. c. 1.

Mulher Abexim, o que responde ao Emperador da Ethiopia à cerca da Fé. p. 167. c. 2.

N

Nacer Maluco, General do Idalxà, chega a Pondá contra os Portuguezes. p. 98. c. 2. He desbaratado, e retira-se. p. 100. c. 1. Torna para Pondá. p. 101. c. 1.

Nayres, saõ os filhos dos Reys no Malavar. p. 312. c. 1.

Nao Algaravia, o que passaõ os seus navegantes na Ilha, onde naufragaraõ. p. 53. c. 2. Como sahiraõ da tal Ilha, e como entraraõ em Côchim. p. 66. c. 2. Nao, Nossa Senhora da Barra, sua perdiçaõ. p. 190. c. 1.

Nao Garça, sua perdiçaõ. p. 224. c. 2.

Nao, Saõ Paulo, o que passaõ os seus naufragantes na Ilha Camatre em que se perderaõ. p. 277. c. 1.

Necessidade, que obrigou em falta de agua a dar a beber ourina aos meninos. p. 110. c. 1.

Nicore Guaripo, como favorece os Portuguezes. p. 160. 2.

Nizamoxá, relaçaõ de quem foy, e de sua morte. p. 114. c. 1. Degolou por sua maõ o Rey de Bisnagá. p. 360. c. 2.

Dom Nuno Alves Pereira, lança fóra os Mouros de Rebelim de Saõ Francisco, no cerco de Chaul. p. 443. c. 2. Quebra em hum choque duas alabardas nos peitos dos Mouros. p. 444. c. 1.

Nuno Velho, mata cincoenta Mouros à sua espada. p. 467. c. 1. Faz huma sahida aos Mouros no cerco de Chaul. p. 443. c. 2. Foy occasiaõ de se alcançar com a sahida, que fez, huma grande victoria. p. 444. c. 1.

O

Obra, que hum VisoRey principia, o seu sucessor naõ acaba, e porque? p. 40. c. 1.

Odo Rabo, offerece-se para pelejar com Luiz de Mello da Sylva. p. 156. c. 2.

Ofir, sua descripçaõ. p. 24. c. 2. He donde vinha a Salamaõ o ouro. *ibi.*

Olala, Rainha deMangalor naõ quer pagar pareas a Portugal. 62. c. 1.

Ourina, dava-se a beber aos meninos em falta de agua. p. 220. c. 1.

Ouro, chove ouro na Ilha do Elefante por espaço de tres dias. p. 88. c. 1.

P

Padres da Companhia, o que obravaõ em Bisnagá. p. 154. c. 1. Trouche-os para o Reyno Dom Pedro Mascarenhas. p. 36. c. 1.

Padres de Saõ Francisco, o que obravaõ em Bisnagá. p. 153. c. 2.

Pagode Canarim, sua descripçaõ. p. 80. c. 2. He consagrado Templo de Saõ Miguel. p. 81. c. 1.

Pagode do Elefante, sua descripçaõ. p. 84. c. 2.

Pagode

Pagode de Manapazer, he consagrado Templo à Senhora da Piedade. p. 83. c. 1.

Pagode Parui, de inconsideravel rendimento. p. 230. c. 2. O Rey de Còchim, mentira, que levanta para possuir aquella renda. p. 231. c. 1.

Dom Payo de Noronha, vay para a India com mulher, e filhos. p. 136. c. 2. Vay por Capitaõ de Cananor. *ibi.* Naõ aceita os presentes delRey de Cananor, nem do Guazil, de que elles se daõ por queixosos. p. 177. c. 2. Pede soccorro ao VisoRey. p. 328. c. 1. Pede outro soccorro. p. 329. c. 1. Despreza hum hum aviso, que o Rey lhe dá. *ibi.*

Paliata, Mouro Cossario, toma huma fusta Portugueza. p. 138. c. 1.

Pantaleaõ de Sá, he Capitaõ de Méza. p. 68 c. 2. He Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Acompanha o Governador à terra firme. p. 99. c. 1. Capitaõ de Méza em Goa. p. 100. c. 2. Vay com quinhentos homens dar hum assalto ao Calabetecan. p. 118. c. 1. Successo, que teve. *ibi.* Vay para Capitaõ de C,ofalla. p. 210. c. 2.

Pao, que arde como tocha, e naõ se apaga, nem com agua, nem com vento. p. 89. c. 1.

Papa Paulo III. mandou a D. Joaõ Bermudes por Patriarca da Abassia. p. 2. c. 1.

Parnazo de Luiz de Camoens, livro, que elle compoz, e lhe furtaraõ. p. 404. c. 2.

Pate de Atua, morre martyr com hum novo tormento. p. 499. c. 1.

Patraõ mòr, vay assistir e ver ferrar as galés, que estavaõ em Surráte. p. 15. c. 2.

Patriarcas da India, mandados por Alexandria eraõ hereges. p. 1.

Patriarca, que vay para Abassia. p. 72. c. 2. Chega a Goa. p. 74. c. 2.

Patriarca de Babilonia, cabeça dos hereges Nestorianos, dá Arcebispo, e Bispo para a India. p. 6. c. 1.

Patriarca, D. Joaõ Bermudes, *veja D. Joaõ Bermudes.*

D. Paulo de Lima, Capitaõ de quatro navios pára hirem a Cananor. p. 334. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Desconfiança, que com elle tiveraõ. *ibi.* c. 2. Peleja com Carratale, corsario Malavar. p. 334. c. 2. Fica ferido, e alcança vitoria. *ibi.* Nunca sahio fóra por Capitaõ de Armada, (que foy muitas vezes) que senaõ recolhesse com prezas. p. 413. c. 2. He Capitaõ môr da Armada para o Norte. p. 412. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Vay a castigar os Reys de Cole, e Sarcete. Rompe pelos inimigos. p. 413. c. 1. Alcança vitoria. *ibi.* Queima a Cidade de Derila. *ibi.* Queima a Cidade de Vaizem. *ibi.* Chega a Baçaim. p. 413. c. 2. Parte para Goa. Peleja com dez paraos, apriziona dous, e desbarata os mais. *ibi.*

Paulo Raposo, Jogue do Pagode de Canari, tendo cento, e cincoenta annos de idade se faz Christaõ. p. 81. c. 1.

Pedra, que estava sobre o Pagode do Elefante, e se mandou a ElRey D. Joaõ III. Letreiro, que tinha. p. 82. c. 1.

Pedra milagrosa de Saõ Thomé. p. 291. c. 2.

Pedra, achada em hum alicerce. p. 292. c. 2. Prodigio, que nella se vio. p. 294. c. 2. Letreiro, que tinha. p. 295. c. 1.

Pedralves de Cananor, Capitaõ de huma nao para Malavar. p. 54. c. 1.

Pegù, he a quem chamavaõ Tharsis, e donde hia o ouro para o Templo de Salamaõ. p. 25. c. 1.

D. Pedro de Almeida, vay para a Capitanîa de Baçaim. p. 142. 1. O que disse, vendo cair hum Crucifixo em hum rio. p. 149. c. 2. Como agazalha ao irmaõ delRey de Colles. *ibi.* Vay sobre Balsar. p. 150. c. 1. Toma Balsar. *ibi.* Volta para Baçaim. p. 151. c. 2.

Pedro Alves de Cananor, Capitaõ de huma nao para o Norte. 77. c. 1.

Pero de Atayde Inferno, Capitaõ mòr da Armada, que vay esperar as naos de Meca. p. 76. c. 1. Falla, que faz aos moradores de S. Thomé. p. 154.

2. Parte para Goa. *ibi.* He Capitaõ de Ceilaõ. p. 329. c. 1. Deſcobreſe-lhe huma conjuraçaõ. p. 340. c. 1. Sua prudencia com o cabeça dos conjurados. *ibi.* Avizo, que lhe manda Rajú Pandar, que lhe largue a fortaleza. p. 340. c. 2. Huma mulher Chingala o aviſa, de que na noite ſeguinte lhe aſſaltaõ a fortaleza. p. 341. c. 1. O que obra com eſte aviſo. *ibi.* No aſſalto, elle ſó faz mais, que todos. 341. c. 2. Fica victorioſo. p. 343. c. 2. Manda recolher os Mouros mortos para os ſalgar, e os comer.

Pero Barretto Rolim, Capitaõ de hum navio para Surráte. p. 14. c. 2. Fica em Surráte com dez navios eſperando as naos do Achem. p. 20. c. 2. He Capitaõ de Méza. p. 68. c. 2. Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Capitaõ mòr da Armada, que vay a ſoccorrer ElRey de Cinde. p. 78. c. 2. Navios, de que conſta, e Capitaens, que leva. *ibi.* Chega a Dio. p. 91. c. 1. Chega a Tatá, e he mandado viſitar pelo Rey de Cinde. p. 92. c. 2. Manda acometter a Cidade de Tatá. p. 93. c. 1. Acçaõ de valor, que intenta cometter, e lha impede hum ſoldado. *ibi.* Saquéa, e queima a Cidade. p. 94. c. 1. Mataõ oyto mil homens, e dos Portuguezes naõ morre nenhum. *ibi.* Vem pelo Rio deſtruindo todos os lugares viſinhos. *ibi.* c. 2. Acomette a fortaleza de Bandel, e leva-a à eſcalla. p. 95. c. 1. Navega para Goa. *ibi.* Chega a Chaul: Cartas, que ahi tem do Governador, o que lhe mandaõ, que faça. p. 97. c. 1. Chega a Dabul, o que ahi obra. *ibi.* Embarca victorioſo. *ibi.* c. 2. Chega a Goa. p. 98. c. 1. Acompanha o ViſoRey a Damaõ. p. 142. c. 2. He o primeiro, que deſembarca. p. 144. c. 2. Arvóra hum guiaõ na fortaleza. p. 145. c. 1. He Capitaõ mòr da Armada ao Malavar. p. 364. c. 1. Vay para Capitaõ da fortaleza de Moçambique. *ibi.*

Pero da Cruz, Capitaõ de huma fuſta para Baçorá p. 64.

Pero Fernandes de Carvalho, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. O meſmo poſto para Cinde. p. 78. c. 2.

Pero de Figueiredo, Capitaõ de hum navio para o Malavar. p. 54. c. 1.

Pero de Goes, Capitaõ de huma nao para a India. p. 72. c. 2.

S. Pero Gonçalves, Devoçaõ dos homens do mar com eſte Santo. p. 119. c. 2.

Dom Pero da Guerra, vay para a India. p. 248. c. 1.

Pero de Leaõ, agazalha o Biſpo de Ethiopia, e faz à ſua cuſta huma Igreja. p. 168. c. 1.

Pedro Lopes, Capitaõ de huma nao, peleja com outra do Achem. p. 350. c. 2. Queimaõ-ſe ambas. *ibi.*

Pero Lopes Rabello, o que lhe ſoccede com huma nao do Achem, que aviſtou. p. 286. c. 1. Queima-ſe o ſeu Galeaõ. p. 288.

D. Pedro Maſcarenhas, Mordomo mòr do Principe Dom Joaõ: Exceſſos, que ElRey, e o Infante D. Luiz fazem, porque elle aceite o ſer ViſoRey. p. 11. c. 2. Aceita o poſto. p. 12. col. 1. Condiçoens, com que o aceita. *ibi.* O que ElRey naõ foy ſervido conceder-lhe pedindo-o elle. *ibi.* O Infante D. Luiz acompanha ao ViſoRey até dentro à nao. *ibi.* Armada, e Capitaens, que leva. p. 12. c. 2. Leva 2U. homens de armas. Chega a Moçambique. p. 13. c. 1. Surge na barra de Goa. *ibi.* Naõ eſperou por fauſtos de recebimento. Toma poſſe do Governo. p. 13. c. 1. He o primeiro ViſoRey, que ſe apoſenta nas caſas da fortaleza. *ibi.* Manda huma Armada a Surráte. p. 14. col. 2. Regimento, que dà ao ſeu Capitaõ mòr. *ibi.* Eſcreve a Caracem huma carta de comprimentos. p. 15. c. 2. Recebe os Capitaens da Armada de D. Fernando de Menezes com muyto gazalhado, e a todos fez mercès. p. 16. c. 1. Offerece a Fernaõ Martins Freyre a Armada, que queria mandar para o Eſtreito, e naõ ſe ajuſtando com elle, a offerece a D. Pedro Maſcarenhas,

carenhas, que tambem lha naõ aceita. p. 20. c. 2. Partido, que lhe commette Anel Maluco, para que lhe entregue Mealecan. p. 30. c. 2. Faz concelho ſobre iſſo, e como lhe reſpondem. *ibi.* Levanta por Rey de Viſapor a Mealecan. 31. c. 2. Pompa, com que celebrou eſte acto. p. 32. c. 1. Contratos, que ajuſta com o Mealecan. *ibi.* Ordem, com que partio de Goa. *ibi.* Faz pazes entre Franciſco Barretto, e Martim Affonſo de Miranda. p. 34. c. 1. Adoece, e deſconfiaõ de ſua vida os Medicos. Faz teſtamento, e prepara-ſe, como bom Chriſtaõ. p. 35. c. 1. Pratica, que tem com Franciſco Barretto. p. *ibi.* c. 2. Morre. *ibi.* Genealogia, e prendas deſte Cavalheiro. *ibi.* Ditos, que diſſe ao Conde da Vidigueira, quando lhe vendeo o cargo de Eſtribeiro môr delRey. p. 35. c. 2. Trouxe de Roma para Portugal os Padres da Companhia. p. 36. c. 1. Ditos ſeus a varias peſſoas. *ibi.* c. 2.

Dom Pedro Maſcarenhas, irmaõ de D. Joaõ Maſcarenhas, parte para a India. p. 12. c. 2. Pede ao ViſoRey huma Armada, que mandava ao Eſtreito de Mèca. Naõ lha dà. p. 20. c. 1. Offerece-lha o ViſoRey depois, e naõ lha aceita. p. 21. c. 1. Parte para Dio, e dahi para o Reyno. *ibi.*

Pero Maſcarenhas, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Pero de Mendonça, e *Larim*, vay para a India. p. 136. c. 2.

Pedro de Menezes, Capitaõ de huma Caravella para Baçorà. p. 64. c. 2.

D. Pedro de Menezes o Ruyvo, fica em Rachol. p. 91. c. 1. Fica governando na auſencia do ViſoRey a Damaõ. p. 142. c. 2. Torna a governar a India na auſencia do ViſoRey. p. 236. c. 1. Em Rachol tem ſeus choques com o inimigo. p. 98. c. 2.

Pero de Meſquita, Capitaõ de huma nao contra o Achem. p. 133. c. 2.

D. *Pedro de Noronha*, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. O meſmo poſto para Cinde. p. 78. c. 2.

Pedro Peixoto da Silva, Capitaõ de huma nao para a India. p. 136. col. 2. Abre hum Regimento do ViſoRey, em que elle vinha nomeado por Capitaõ môr da Armada. p. 179. c. 1. Cometem-no com pazes. *ibi.* c. 2. O que elle determinava. p. 180. c. 1.

Pedro Penteado, deſcobre o corpo de S. Thomè. p. 292. c. 2.

Pero Rodrigues Barriga, Capitaõ de hum Galeaõ de mantimentos. p. 14. c. 2. Vay à Ilha de S. Lourenço por Capitaõ de huma fuſta. p. 76. c. 1.

Pero da Silva de Menezes, Capitaõ de huma nao para a India. p. 136. c. 2. Capitaõ de ſete navios para os Caſilas. p. 333. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* c. 2. Peleja com hum corſario, de quem triunfa. p. 334. col. 1. Capitaõ môr da Armada contra os Chatins. p. 410. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* O que obra neſte emprego. *ibi.* entra pelo rio de Barcelor. p. 411. c. 1.

D. Pedro de Souſa, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. He Capitaõ de Ormuz por huma carta miſſiva da Raynha, e a razaõ porque he aſſim. p. 302. c. 1. Moſtra Patente, e porque? *ibi.* c. 2. Poem-ſe o cumpra-ſe. *ibi.* Dito, que diſſe de muyta arrogancia. *ibi.* Parte para Ormuz, e leva comſigo a Babuxa, que hia ſer Rey de Ormuz. *ibi.* Morre. Seu elogio. p. 362. c. 1.

Pero Vaz de Sequeira, Capitaõ môr da Armada, que vay para a India. p. 197. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* c. 2.

Pelouro, que dá no nô da garganta de hum Soldado, e naõ lhe faz mal. p. 240. c. 2. Outro, que dá nas guarniçoens da eſpada de hum Soldado, e naõ faz mais dano, que amaſſallas. p. 475. c. 2. Outro dá nos peitos de hum homem, deita-o do cavallo, e naõ faz outro mal. *ibi.*

Pelouro de pedra, que péza trezentos arrateis. p. 425. c. 2.

Perolas, aonde ſe peſcaõ as verdadeiras. p. 186. c. 1.

Peſſa de artelharia, que deſpede a cada tiro 150. arrates de polvora. p. 425. c. 2.

Pimenta. O Rey da Pimenta manda pedir ao Governador peſſoa, com quem ajuſte pazes. p. 20. c. 1. Deſculpa-ſe. p. 259. c. 2. Seus agouros. p. 260. c. 1.

Politica dos Reys da Perſia. p. 554. c. 1.

Pomba, que appareceo aos Religioſos Franciſcanos, e o que por ella entenderaõ. p. 162. c. 2.

Portuguezes, que vaõ prezos em quatro naos, que tomou o Corſario Caſár. Soltaõ-ſe todos ao meſmo tempo, e paſſaõ á eſpada a todos os Turcos, que hiaõ nas quatro naos. p. 16. c. 2.

Portuguez arrenegado, o trabalho, que dá a Joaõ Peixoto. p. 10. 1 col. 2. He desbaratado. p. 102. c. 1.

Portuguezes mortos numa batalha. Dalli a tres mezes ſe achaõ ſeus corpos incorruptos. p. 171. c. 1.

Portuguezes, a quẽ ſe entrega a guarda de huma porta da fortaleza de Pegù, da qual porta havia tradiçaõ, que ſó por ella poderiaõ os inimigos entrar aquella fortaleza. p. 52. c. 1. Saõ muyto combatidos os Portuguezes, mas inexpugnaveis. *ibi*. Saõ muyto honrados, e muy premiados delRey. p. 52. col. 2. Honras, que lhes faz a Raynha. *ibi*.

Prelados, e peſſoas, que aſſiſtiraõ ao Synodo Dieceſano de Diampor. p. 8. c. 1.

Prelados da Chriſtandade do Malavar, ſaõ Juizes no temporal dos Chriſtãos, ſeus ſubditos. p. 6. c. 2.

Primor, e verdade dos Fidalgos, qual era naquelle tempo. p. 159. c. 1.

Primores, que os Cavalheiros da India uſavaõ huns com os outros. p. 159. c. 1.

Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ III. hera, em que morreo. p. 11. c. 2.

Principe de Jafanapataõ, pertende defender o deſembarque ao ViſoRey Dom Conſtantino, e deſiſte da empreza. p. 139. c. 1. Apparece na rua larga, onde peleja. p. 240. c. 1. Retira-ſe mas naõ ſe fortifica nos Paços, como ſeu pay. *ibi*. c. 2. Entregaõ-no em refens do ajuſte das pazes. Lançaõ-lhe hum grilhaõ. *ibi*.

Princezas Malavares, como ſe deſpozaõ, e vivem. p. 312. c. 2.

Prociſſaõ em acçaõ de graças pela victoria de Cananor. p. 163. c. 1.

Prodigio, que ſoccedeo na prociſſaõ de acçaõ de graças do Synodo, que celebrou D. Fr. Aleyxo de Menezes. p. 810. c. 2.

Prodigio, que experimentaraõ alguns, que queriaõ perturbar o Synodo com ſuas duvidas hereticas, e o naõ poderaõ fazer. p. 10. c. 2.

Prodigio, que ſoccedia defronte do Templo de S. Thomé em Cranganor. p. 232. 2.

Prodigio, que ſoccedeo a favor da Ley de Chriſto. p. 393. c. 2.

Profecia de S. Franciſco Xavier, que ſe cumprio. p. 574. c. 1.

Profecia, que tinhaõ os Abexins, ſobre quantos haviaõ ſer os Papas da India, dados por Alexandria. p. 2. c. 1.

Provincias, em que Salamaõ Reynou. p. 24. c. 2.

Q

Quilidimaõ, General da Armada da Raynha de Japarà. p. 560. c. 1. Surge ſobre a fortaleza de Malaca. *ibi*. Deſembarca todo o ſeu poder. *ibi*. Manda a Armada para o Rio dos Malayos. p. 560. c. 2. Defezas, que faz no Rio para naõ ſer ſoccorrida a fortaleza. p. 561. c. 1. Saõ deſtruidas. *ibi*. Faz novos impedimentos. *ibi*. c. 2. Saõ desbaratados. *ibi*. Manda tentar a Triſtaõ Vaz com pazes. p. 562. c. 1. Levanta o campo, e parte. p. 563. c. 1.

Quiteve, naõ permitte, que Vaſco Fernandes paſſe pelo ſeu Reyno. p. 553. c. 2. Queimaõ-lhe a ſua Cidade. p. 554. c. 1. Pede pazes a Vaſco Fernandes. *ibi*. c. 2.

Rafael

R

Rafael Gomes Viegas, he o primeiro num combate naval, que ſe lança numa galé dos inimigos. p. 175. c. 2.

Rajù, filho do Madune, vay com hum exercito contra Tribuli Pandar. p. 46. c. 1.

Rajù Pandar, cerca Calumbo. p. 318. c. 2. Vay contra Cotú. p. 319. Poem-lhe cerco. *ibi.* c. 2. Dá-lhe aſſalto. *ibi.* Retira-ſe quaſi desbaratado. p. 321. c. 2. Recolhe-ſe a Ceitacava. p. 322. c. 2. Aſſalta Calumbo, e perde muyta gente no aſſalto. p. 337. col. 2. Poem Cota de cerco. *ibi.* Aviſo, que manda ao Capitaõ, e ao Rey de Cota. p. 340. c. 2. Aſſalta toda a Cidade em roda. p. 341. c. 2. Recolhe-ſe para Ceitacava desbaratado. p. 342. c. 1.

Raynha de Olalá, vay a caſtigalla da ſua deſobediencia D. Alvaro da Silveira. p. 62. c. 1.

Raynha Sabá, quem ſoy. 23. c. 1. Indo ver a Salamaõ, naõ quiz paſſar por huma ponte, que tinha dous madeiros, em que com eſpirito profetico adorou a Cruz de Chriſto. p. 26. c. 1.

Raynha de Onor, poem cerco a Jorge de Moura. p. 475. c. 2.

Raynha, que hia para Pegù, ſua aſtucia em hum lance bem apertado. p. 356. c. 2. Chega a Pegù, como he recebida. *ibi.*

Rama Rayo, Rey de Biſnaga vay em peſſoa contra os moradores da povoaçaõ de S. Thomè. p. 153. c. 1. Como o queriaõ receber. 154. c. 1. O que ahi obra. p. 155. c. 1. Recolhe-ſe. *ibi.* Sua clemencia, e piedade. *ibi.*

Rax Morado, Guazil de Baharem he ſitiado pelos Turcos, e o que ahi obra. p. 172. c. 1. Vay a bordo de D. Alvaro da Silveira, e como o recebe. 176. c. 1. Como vota em hum concelho. *ibi.* Sahe da fortaleza para dar batalha aos Turcos, e dá huns cavallos a D. Alvaro da Silveira. p. 177. col. 1. Peleja valeroſamente. *ibi.*

Recado, que mandou Faratamaluco a Nuno Velho em Chaul. p. 466. c. 2. Repoſta. p. 467. c. 1.

Rey de Baçorá. Vide Baçorá.

Rey de Jafanapataõ. Vide Jafanapata ô

Rey de Malazanes, quem he? pag. 170. c. 1.

Rey de Maluco, viſita ao Capitaõ da fortaleza. p. 275. c. 2. Faz deixaçaõ do ſeu Reyno a ElRey de Portugal. *ibi.* Fica por Governador. *ibi.*

Rey de Pegù, manda Embaxadores a tratar o reſgate do dente de bogio. p. 278. c. 2.

Rey da Pimenta. Vide Pimenta.

Rey de Sarzeta, quem he? p. 148. c. 1.

Rey de Tidore, com a capa de favorecer ſeu ſogro, que tambem era Rey, e eſtava prezo, ſe hia ſenhoreando das terras do ſogro. p. 121. c. 1.

Reys, que reynaraõ na Ethiopia deſde a Rainha Sabá. p. 23. c. 2.

Reys, que deſcendem de Salamaõ, e da Raynha Sabá na Ethiopia. p. 26. c. 2.

Relaçaõ breve da Chriſtandade das terras do Malavar, e de ſeus Biſpos. 5. c. 1.

Relaçaõ breve do Patriarca D. Joaõ Bermudes. p. 1.

Reſplandor maravilhoſo, que alluminou huma Igreja, como o Sol no meyo dia, naõ ſendo ainda manhãa clara. p. 347. c. 2.

Dom Rodrigo de Caſtro, Capitaõ de huma nao, chega a India. p. 301. col. 2. Morre em hum deſafio. pag. 308. c. 2.

D. Rodrigo Coutinho, parte para a India. p. 12. c. 2.

Ruy Barretto, parte para a India. p. 12. c. 2. Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2. Capitaõ de Méza. p. 68. c. 2. Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Valor incomparavel, com que pelejou. p. 178. c. 1.

Ruy Dias Cabral, Cabo de huma Armada para o Malavar. p. 411. col. 2. Traz no ſeyo huma carta da letra del-Rey

Rey, em que o faz Capitaõ de Ormuz. p. 412. c. 1. Morre numa batalha. *ibi.*

Ruy Dias Pereira, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Ruy Fernandes, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1.

Ruy Furtado, Capitaõ de huma Armada para o Canará. p. 330. c. 1.

Ruy Godinho de Cananor, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 77. c. 1.

Ruy Gonçalves da Camara, valor, com que matou hum Principe Magor. p. 268. c. 2. Vay para o Reyno. p. 284. c. 1. Sendo Fidalgo, trabalha como hum mariolla no cerco de Chaul. p. 439. c. 1. He aſſaltado no ſeu forte. p. 442. c. 1. Vay a Goa, e a que? p. 456. c. 1. Leva para Chaul, o que veyo buſcar. p. 461. c. 1. He acometido pelos Chatins de Barcelor. p. 516. c. 1.

Ruy de Mello da Camera, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2. Capitaõ de huma nao para a India. p. 248. c. 1. Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2.

Ruy de Mello Pereira, Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2.

Ruy de Mello Capitaõ, Capitaõ de huma Armada a Cananor. p. 138. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.*

Ruy Vaz, Capitaõ de huma Armada para Cananor. p. 352. c. 1. Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* O meſmo poſto para a coſta do Malavar. p. 352. c. 2. Capitaens, que leva. *ibi.*

S

Sabá, Rainha, quem foy? p. 23. c. 2. Seu Imperio, quanto ſe dilatava. 24. c. 1. Mais noticias da Rainha Sabá. c. 2. Indo ver Salamaõ naõ quiz paſſar por huma ponte, e porque razaõ? p. 26. c. 1. Houve hum filho de Salamaõ. *ibi.* c. 2. Foy buſcar o ouro, que levou a Salamaõ às Ilhas de Monomotapa. p. 555. c. 1.

Sal em pedra, he dinheiro, que corre na Ethiopia. p. 165. c. 1.

Salamaõ, filho da Rainha Sabá, era taõ feroz, tendo dezaſeis annos de idade, que o naõ pode ſeu pay ſofrer, e o mandou para ſua mãy. p. 26. c. 2.

Sancho Pires, foy homem fatal, porque ſendo bombardeiro chegou a ſer General de todo hum Reyno. 115. c. 1. Morre. 116. c. 2.

Sancho de Vaſconcellos, ardil, que uſa com os Itos, e os desbarata. p. 395. c. 1. Vay de ſoccorro a Ulate, e o quanto importou eſta diligencia. p. 497. c. 1. Toma poſſe da fortaleza de Amboino. *ibi.* c. 2. He Capitaõ môr de huma Armada a correr as Ilhas. *ibi.* Capitaens, que o acompanhaõ. *ibi.* Voto, que dá ſobre quererem largar a fortaleza de Amboino. p. 501. c. 1. Levanta nova fortaleza em Ative. p. 505. c. 2. Vinga a affronta, que lhe fez, paſſando todos a cutello, e queimando o lugar. p. 507. c. 1. Vay deſtruir o lugar de Tubó. p. 570. c. 1. Faz ſeu prizioneiro o Cachil Tidore Ogà. *ibi.* c. 2. Parte para Bombà. p. 571. c. 1. Parte para as Ilhas de Amboino. *ibi.* c. 2. Vay cercar o lugar de Hiamaõ. p. 572. c. 1. Vay em ſoccorro dos Ululates. p. 573. c. 2. Deſembarca, e o que ahi diſpoem. *ibi.* Corta a cabeça a hum Soldado, que lhe atirou para o matar. p. 574. c. 1. Vay ſoccorrer a fortaleza de Ternàte, e o que ahi obra. p. 574. c. 1. Entrega a fortaleza, que governava Pate Doló, a ſeu filho, para que elle a governe em lugar do pay. p. 576. c. 2.

Saque, que ſe deu a huma Cidade, gaſtou cinco mezes em ſe ſaquear. p. 360. c. 1.

Sebaſtiaõ, ElRey D. Sebaſtiaõ he acclamado Rey de Maluco. p. 275. c. 2. Toma poſſe do governo. p. 399. c. 2.

Separaçaõ do Eſtado da India em tres governos differentes. p. 487. c. 1.

Sepulturas, de Affonſo de Albuquerque, e D. Antonio de Noronha, aonde eſtaõ? p. 258. c. 2.

Simaõ Botelho, Veador da fazenda na India, por hum deſcuido ſeu ſe perdeo huma nao, o que ſentio tanto, que ſe

ſe meteo Frade. p. 13. c. 1.

Simaõ da Cunha, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 77. c. 1.

Simaõ Sulaca, Biſpo Neſtoriano dá obediencia ao Papa Paulo IV. p. 4. c. 2. He ſagrado em Patriarca do Muſal. *ibi.*

Fr. Simaõ, impedio, que ſe comeſſem os Mouros, que já eſtavaõ para ſe ſalgar. p. 343. c. 1. Como animava aos Portuguezes no cerco de Cota. p. 321. c. 1. Vay em huma embarcaçaõ contra os inimigos para animar os Soldados. p. 338. c. 1.

Sinal de ſugeiçaõ, que uſaõ os Mouros com o ſeu Rey, he meterem-lhe a cabeça entre as pernas. p. 34. c. 2.

Synodo, que celebrou Dom Fr. Aleixo de Menezes em Diampor. p. 8. c. 1. caſos notaveis, que nelle ſoccederaõ *ibi.* &c.

Soldados Portuguezes, quatro ſómente defendem hum paſſo a tres mil inimigos. p. 342. c. 1.

Soldados, que mordiaõ os Mouros. p. 347. c. 1. Os Soldados da India ſabem acometter, mas naõ ſe ſabem retirar. p. 61. c. 2. Soldo, e tratamento, que tem na India. p. 160. c. 1. Oyto Soldados ſómente, o que obraraõ ſem ordem do ſeu Capitaõ. p. 338. c. 2.

Soltaõ Babú, Rey de Ternate, lança huma Armada ao mar para ir caſtigar Gonçallo Pereira Marramaque. p. 414. c. 1. Chega a Maluco, e aſſalta a fortaleza. *ibi.* c. 2. Recolhe-ſe. *ibi.*

Soltaõ Mahamude, he aclamado Rey. p. 79. c. 2.

Sortes em Goa. p. 557. c. 2.

Sortes de dados, para o que a lançaſſe melhor governar aquelle dia. p. 143. c. 1.

Superſtiçaõ dos Bramus. p. 354. c. 2.

T

TArapor, he aſſaltada dos Abexins. p. 205. c. 2.

Tarſis, Provincia, ſua deſcripçaõ. p. 25. c. 1.

Tartacan, entra aſſolando as terras de Abiſcan, e porque. p. 29. c. 2. Pede ſoccorro a Dom Diogo de Noronha. *ibi.* Desbarata o exercito de Abiſcan. *ibi.*

Tartarugas, onde as ha fermoſas. p. 105. c. 2.

Saõ Thomé, em que terras da India prégou primeiro. p. 5. 2. Morre em Meliapor. *ibi.* Como he venerado, e feſtejado dos Malavares. p. 232. c. 1. Templo, que o meſmo Santo erigio. *ibi.* c. 2. Prodigio, que experimentaõ os Mouros paſſando à viſta deſte Templo. *ibi.* Relaçaõ das couſas deſte Santo, de ſua morte, e milagres. p. 291. c. 2.

Teca, madeira tanto que ſe corta huma arvore naõ torna a arrebentar. p. 148. c. 2.

Teſtemunho, que levantaõ a D. Joaõ Bermudes. p. 3. c. 1.

Tio del Rey de Tidore fica na fortaleza de Ternate. p. 496. c. 2.

Tyranno, que ſe levanta em Pegú. p. 52. c. 52. c. 1. He colhido às mãos, e deſpedaçado. *ibi.* c. 2.

Tormenta, que padece a nao Patifa. p. 191. c. 1.

Tormenta, que padece a nao Noſſa Senhora da Barca. p. 191. c. 2.

Trenate, o ſeu Rey offerece fazer huma fortaleza em Amboino de pedra, e cal. p. 390. c. 2. Guerra, que nos faz. p. 45. c. 2. He vencido pelos noſſos, e foge, deixando mulher, e caſa. p. 46. c. 2.

Tribuli Pandar, mata o Rey de Urungure, e a podera-ſe da ſua Cidade. p. 70. c. 2. He acomettido, e desbaratado. Faz liga com o Rey de Jafanapataõ contra os Portuguezes p. 71. c. 1. He morto por hum galante acaſo. *ibi.* c. 2.

Triſtaõ de Mendonça, Capitaõ de Chaul. p. 303. c. 1. Vay a ſoccorrer Damaõ. p. 344. c. 1. Senhorea-ſe do arrayal do inimigo. *ibi.* c. 2.

Triſtaõ de Payva, Embaxador a Cambaya. p. 63. c. 2. Preſente, que leva. p. 64.

p. 64. c. 1. Chega a Cambaya. p. 65. c. 1. Como he reſpondido. *ibi.* c. 2. Parte para Goa com Xeque Eſtabolim. p. 65. c. 2. He Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Triſtaõ Vaz, Capitaõ de huma caravella para Baçorá. p. 64. c. 2. Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 134. c. 1. Capitaõ da fortaleza de Balſar. p. 202. c. 1.

Triſtaõ Vaz da Veiga, peleja com a Armada do Achem. p. 528. c. 1. Falla, que faz aos ſeus. *ibi.* Mata o General dos Mouros. *ibi.* c. 2. Alcança victoria, e he recebido em triunfo. *ibi.* Fica por Capitaõ de Malaca. p. 529. Aviſa ao Governador de vir ſobre a ſua fortaleza a Quilimaõ com trezentas vélas. p. 560. c. 1. O que diſpoem na fortaleza. *ibi.* Aſſalto, que dá ao inimigo, de que triunfa. *ibi.* c. 2. Manda queimar a Armada inimiga. *ibi.* Pedem-lhe pazes. p. 562. c. 1. Condiçoens, com que as quer. *ibi.* Tornaõ a pedirlhe pazes. p. 563. c. 1. Manda por Joaõ Pereira cativar nove juncos, que logo ſe cativaraõ. *ibi.* c. 2. Manda ſeguir a Armada inimiga. p. 563. c. 2. Falla, que faz aos ſeus, depois de o Achem lhe deſtruir toda a ſua Armada. p. 565. c. 1. Com hũa prevençaõ de bom Soldado fez fugir o Achem. *ibi.* c. 2.

U

Valor dos ſoldados de entre Douro, e Minho, e Beira, p. 320. c. 1.

Valor dos Soldados na batalha de Cananor. p. 162. c. 2.

Vaſco Correa, Aventureiro para Concan. p. 41. c. 2. Capitaõ de huma fuſta para Baçorá. p. 64. c. 2.

Vaſco da Cunha, he nomeado para ir tratar pazes com o Rey da Pimenta. p. 20. c. 2. Recado, que lhe manda por lhe faltar a huma palavra. p. 22. c. 1. Dá à vélla ſem lhe fallar. *ibi.*

Vaſco Fernandes Homem, como peleja, e como o ferem. p. 547. c. 2. He Governador da Conquiſta das minas por huma ſucceſſaõ. p. 550. c. 1. Leveza, com que deziſte da empreza. p. 552. 1. Torna a emprender a Conquiſta. p. 553. c. 1. Manda pedir licença a Quiteve para paſſar por ſuas terras. *ibi.* Paſſa avante. *ibi.* c. 2. Chega à Corte de Quiteve, e poem-lhe o fogo. p. 554. c. 1. Chega ás Minas, e o Chicagá o manda viſitar com hum preſente. *ibi.* Celebra com elle pazes. *ibi.* Vè as Minas, e deſiſte da empreza. *ibi.* c. 2. Faz pazes com o Quiſteve. *ibi.*

Vaſco Fernandes Pimentel, Capitaõ de huma nao para a India. Chega a Goa. p. 322. c. 2.

Vaſco Lourenço de Barbuda Carracaõ, he Capitaõ de huma nao para a India. p. 53. c. 1. O meſmo emprego. p. 248. c. 1. O meſmo emprego. p. 322. c. 2. Chega a Goa com hum bom ſoccorro. p. 458. c. 2. Dito, que diſſe ao ViſoRey. *ibi.* Outro dito melhor, correndo com elle humas carreiras. p. 459. c. 1.

Vaſco Martins, Capitaõ de tres navios. p. 77. c. 1.

Vaſco da Silva, Capitaõ de huma nao para o Norte. p. 76. c. 2.

Dom Vaſco de Atayde, Capitaõ de huma nao para o Achem. p. 134. c. 1. He ferido numa batalha. p. 178. c. 1. Torna a Baharem a vingarſe. p. 280. c. 2.

Velho, que viraõ os inimigos em ſoccorro dos noſſos, no aſſalto de Cota, quem podia ſer? p. 341. c. 2.

Viantana, como ſe apercebeo contra o Achem. p. 383. c. 1. Quer viſitar o Capitaõ de Malaca, os ſeus Capitães o naõ conſentem. E porque? *ibi.* Manda perguntar ao Capitaõ, com quanta gente podia deſembarcar. p. 384. c. 1. Reſpoſta, que teve. *ibi.* Sua fizonomia. *ibi.* c. 2. Bizarria, com que entrou na noſſa fortaleza. *ibi.* Regalo, que manda ao Capitaõ. *ibi.*

Vicente Bello, Capitaõ de huma nao para Surráte. p. 14. c. 2. O meſmo emprego contra o Madune. p. 72. c. 1.

Vicente Carneiro, Capitaõ de huma nao para o Malavar. p. 54. c. 1.

Vicente Dias Villalobos, he o primeiro, que parte a ſoccorrer ſeu ſobrinho D. Antaõ de Noronha. p. 199. c. 1.

Vingata Rayo, vay contra Mealecan com 150U. homens. p. 55. c. 2. Recolhe-ſe triunfante ſem dar batalha. p. 56. c. 2.

Viſaõ, que teve hum Religioſo de Saõ Franciſco em Cananor, quando Ade Rajao aſſaltou aquella fortaleza. p. 162. c. 2.

X

Xabec, Capitaõ valeroſo deſeja ſer Rey. Diligencias, que para iſſo faz. p. 78. c. 2. Ganha huma victoria. p. 79. c. 1. He levantado Rey de Cinde. *ibi.*

Xacoli Agá, vay buſcar D. Antaõ de Noronha com ſete mil homens. p. 52. c. 1. Fazem-lhe preza em ſua mulher, e filhos, e ſua recamera. p. 57. c. 2. Manda dar de noyte ſobre a gente de D. Antaõ de Noronha, e retiraõſe desbaratados. p. 57. c. 2. Defendendo a paſſagem do rio depois de D. Antaõ o ter paſſado, arremete a elle com a lança enreſta, e rompeo nelle hum façanhoſo encontro. p. 58. c. 2.

Xathamás, Rey da Perſia manda por homens doutos perſuadir a todos os Reys do Decan, que recebaõ a ſua ſeyta. p. 113. c. 2.

Xeque Eſtabolim, vay por Embaxador de Cambaya a Franciſco Barretto. p. 65. c. 2.

Ximi de Sataõ, mata o Bramá Rey de Pegù. p. 48. c. 2. He acclamado por Rey. *ibi.* Manda matar Diogo Soares. p. 49. c. 2. He desbaratado em huma batalha por Ximindo. p. 50. c. 1. O que diſſe, indo prezo ao paſſar pelas caſas de Diogo Soares. *ibi.* Cortaõ-lhe a cabeça. *ibi.*

Ximindo, levanta-ſe com o Reyno em Pegú. p. 47. c. 2. He Rey de Pegù. p. 50. c. 2. Vem ſobre elle Mandaragri. *ibi.* He desbaratado, e foge deſconhecido. *ibi.* Caſa andando fugido com huma vilãa. Declara a ſua mulher quem he, e a mulher o entrega a Mandaragri, que o degolla. p. 50. c. 2. Sua vida, e morte foy aſſumpto de muytas poeſias. p. 51. c. 1.

Xumo Cafalou, conſulta ao Biſpo Portuguez ſobre o ſucceſſo, que teria o Emperador na guerra. p. 390. c. 2. Repoſta, que lhe deu. *ibi.*

Z

Zeriaco Emperador da Abaſſia já naõ queria aceitar Patriarcas dados por Alexandria. p. 1. c. 2.

Zimboe no Reyno de Butua, edificio aonde eſteve a Raynha Sabá. pag. 24. c. 2.

FIM.

CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA

X

Xarama, Capitaõ valeroso deleja ter
Rey. Diligencias, que para iſſo
faz. p. 78. c. 2. Ganha huma victoria.
p. 79. c. 1. He levantado Rey de Cin-
de. ibi.

Xarafi, vay buſcar D. Antaõ
de Noronha com ſete mil homens. p.
52. c. 1. Faz-ſe prezar em ſua mu-
lher, e filhos, e ſua recamera. p. 57.
c. 2. Manda dar de noyte ſobre a gen-
te de D. Antaõ de Noronha, e retiraõ-
ſe deſbaratados. p. 57. c. 2. Defenden-
do a paſſagem do rio depois de D. An-
taõ o ter paſſado, arremete a elle com
a lança enriſtada, e rompeo nelle hum
ſquadrão encontro. p. 58. c. 2.

Xarbunah Rey da Perſia manda por
homens doutos perſuadir a todos os
Reys do Decaõ, que recebaõ a ſua ley.
ta. p. 113. c. 2.

Xarife, que teve hum Religioſo de
São Francisco em Cananor, quando
Ade Rajno aſſaltou aquella fortaleza.
p. 182. c. 2.

Y

Yaco, Capitaõ valeroſo deleja ter
Rey. Diligencias, que para iſſo
faz. p. 78. c. 2. Ganha huma victoria.
p. 79. c. 1. He levantado Rey de Cin-
de. ibi.

Yaqui Agá, vay buſcar D. Antaõ
de Noronha com ſete mil homens. p.
52. c. 1. Faz-ſe prezar em ſua mu-
lher, e filhos, e ſua recamera. p. 57.
c. 2. Manda dar de noyte ſobre a gen-
te de D. Antaõ de Noronha, e retiraõ-
ſe deſbaratados. p. 57. c. 2. Defenden-
do a paſſagem do rio depois de D. An-
taõ o ter paſſado, arremete a elle com
a lança enriſtada, e rompeo nelle hum
ſquadrão encontro. p. 58. c. 2.

Yarbunah Rey da Perſia manda por
homens doutos perſuadir a todos os
Reys do Decaõ, que recebaõ a ſua ley.
ta. p. 113. c. 2.

Yaque Faſabuy, mata o Bramá Re-
xador de Cambaya a Francisco Lauren-
to. p. 65. c. 2.

Yami de Satará, trata o Bramá Re-
de Pegú. p. 48. c. 2. He acclamado p
Rey. ibi. Manda matar Diogo Soares,
p. 49. c. 2. He deſbaratado em huma
batalha por Xirinado. p. 50. c. 2. O que
diffe indo preſo ao paſſar pelas caſas de
Diogo Soares. ibi. Contaõ-lhe a cabe-
ça. ibi.

Yirinado, levanta-ſe com o Reyno
em Pegú. p. 47. c. 2. He Rey de Pegú.
p. 50. c. 2. Vem sobre elle Mandara-
gri. ibi. He deſbaratado, e foge deſ-
conhecido. ibi. Cahe andando fugido
com huma viúva. Declara a ſua mulher
quem he, e a mulher o entrega a
Mandaragri, que o degolla. p. 50. c.
2. Sua vida, e morte foy aſſumpto de
muytas poeſias. p. 51. c. 1.

Yama Cafalon, conſulta ao Bilpo
Portugal ſobre o fuccello, que ſe-
rá o Emperador na guerra. p. 250. c.
2. Reſpoſta, que lhe deu. ibi.

Z

Zaide Emperador da Abeſſia já
mado guerra ao Patriarcas da-
dos por Alexandria. p. 1. c. 2.

Zambar no Reyno de Butua, cá-
ficio aonde eſteve a Rayna Saba. pag.
24. c. 2.

CHAMBRE DES DEPUTÉS
BIBLIOTHÈQUE

CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA

170/92

CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA